O CONHECIMENTO PRIVADO DE TODOS OS DEUSES

Por: Patricio.AG

Pela primeira vez, um livro que realmente faz jus ao seu título. Hall autopublicou este enorme tomo em 1928, consistindo de cerca de 200 páginas de tamanho legal em tipo 8 pontos; é literalmente sua magnum opus . Cada um dos quase 50 capítulos é tão denso com informações que é o equivalente a um livro curto inteiro. Se você ler este livro na íntegra, estará em uma boa posição para mergulhar em assuntos como a Cabala, Alquimia, Tarô, Magia Cerimonial, Filosofia Neoplatônica, Religiões de Mistério e a teoria do Rosacrucianismo e da Maçonaria. Embora haja

algumas partes questionáveis e controversas do livro, como o material desatualizado sobre o Islã, a parte sobre a hipótese Bacon-Shakespeare e a teoria da conspiração de Hall sobre a história como conduzida por uma cabala de elite de imortais errantes, elas são muito superadas pelas informações abrangentes aqui sobre outros assuntos.

Por muitos anos, este livro só estava disponível em uma edição de grande formato, que era difícil de obter e muito cara. No entanto, uma versão de bolso acessível finalmente foi lançada (veja a barra lateral).

NOTAS DE PRODUÇÃO: Trabalhei neste projeto enorme episodicamente de 2001 a junho de 2004. Isso por causa da baixa qualidade do OCR, que era devido ao tipo minúsculo e grandes blocos de itálico; isso exigiu redigitar muitas partes do texto manualmente. Para dar uma ideia de quão grande era esse projeto, o arquivo de prova para isso tem 2 megabytes, cerca de 8 vezes o tamanho de um livro normal de 200 páginas. Os arquivos gráficos brutos têm 63 megabytes, que processei para cerca de 11 megabytes. As miniaturas sozinhas têm 1 megabyte, que é mais ou menos meu orçamento de gráficos para um livro normal.

Embora o livro em si não seja coberto por direitos autorais nos EUA devido à falta de renovação formal, muitas das grandes ilustrações coloridas que aparecem na frente de cada capítulo na edição impressa tiveram registros e renovações inseridos para elas. Portanto, elas foram omitidas deste etext. No entanto, todas as ilustrações em preto e branco estão incluídas aqui. Observe que muitos dos gráficos tiveram que ser bem grandes devido à quantidade de detalhes, então eu minimizei todas as imagens do livro. No livro, todas as legendas das ilustrações estão em itálico; eu inverti isso no etext para legibilidade.

--John Bruno Hare, 11 de junho de 2004.

- Página de título
- Prefácio
- Índice
- Introdução
- Os antigos mistérios e sociedades secretas que influenciaram o simbolismo maçônico moderno
- Os antigos mistérios e sociedades secretas, parte dois
- Os antigos mistérios e sociedades secretas, parte três
- Atlântida e os deuses da antiguidade

- A vida e os ensinamentos de Thoth Hermes Trismegisto
- A iniciação da pirâmide
- Ísis, a Virgem do Mundo
- O Sol, uma divindade universal
- O zodíaco e seus signos
- A Tábua Bembine de Ísis
- Maravilhas da Antiguidade
- A vida e a filosofia de Pitágoras
- Matemática pitagórica
- O corpo humano no simbolismo
- A lenda de Hiram
- A teoria pitagórica da música e das cores
- Peixes, insetos, animais, répteis e pássaros (parte um)
- Peixes, insetos, animais, répteis e pássaros (parte dois)
- Flores, plantas, frutas e árvores
- Pedras, metais e pedras preciosas
- Magia cerimonial e feitiçaria
- Os elementos e seus habitantes
- Farmacologia hermética, Química e Terapêutica
- A Cabala, a Doutrina Secreta de Israel
- Fundamentos da Cosmogonia Cabalística
- A Árvore das Sephiroth
- Chaves Cabalísticas para a Criação do Homem
- Uma Análise das Cartas de Tarô
- O Tabernáculo no Deserto
- A Fraternidade da Rosa Cruz
- Doutrinas e Princípios Rosacruzes
- Quinze Diagramas Rosacruzes e Cabalísticos

- Alquimia e Seus Expoentes
- A Teoria e Prática da Alquimia: Parte Um
- A Teoria e Prática da Alquimia: Parte Dois
- As Figuras Herméticas e Alquímicas de Claudius De Dominico Celentano Vallis Novi
- O Casamento Químico
- Bacon, Shakespeare e os Rosacruzes
- O Criptograma como um fator na Filosofia Simbólica
- Simbolismo Maçônico
- Cristianismo Místico
- A Cruz e a Crucificação
- O Mistério do Apocalipse
- A Fé do Islã
- Simbolismo Indígena Americano
- Os Mistérios e Seus Emissários
- Conclusão

Introdução

FILOSOFIA é a ciência de estimar valores. A superioridade de qualquer estado ou substância sobre outra é determinada pela filosofia. Ao atribuir uma posição de importância primária ao que resta quando tudo o que é secundário foi removido, a filosofia se torna o verdadeiro índice de prioridade ou ênfase no reino do pensamento especulativo. A missão da filosofia a priori é estabelecer a relação das coisas manifestadas com sua causa ou natureza última invisível.

"Filosofia", escreve Sir William Hamilton, "foi definida [como]: A ciência das coisas divinas e humanas, e das causas nas quais elas estão contidas [Cícero]; A ciência dos efeitos por suas causas [Hobbes]; A ciência das razões suficientes [Leibnitz]; A ciência das coisas possíveis, na medida em que são possíveis [Wolf]; A ciência das coisas evidentemente deduzidas dos primeiros princípios [Descartes]; A ciência das verdades, sensíveis e abstratas [de Condillac]; A aplicação da razão aos seus objetos legítimos [Tennemann]; A ciência das relações de todo conhecimento com

os fins necessários da razão humana [Kant]; A ciência da forma original do ego ou eu mental [Krug]; A ciência das ciências [Fichte]; A ciência do absoluto [von Schelling]; A ciência da indiferença absoluta do ideal e do real [von Schelling] — ou, A identidade da identidade e da não identidade [Hegel]." (Veja Aulas sobre Metafísica e Lógica .)

Os seis títulos sob os quais as disciplinas da filosofia são comumente classificadas são: metafísica , que lida com assuntos abstratos como cosmologia, teologia e a natureza do ser; lógica , que lida com as leis que governam o pensamento racional ou, como tem sido chamada, "a doutrina das falácias"; ética , que é a ciência da moralidade, responsabilidade individual e caráter — preocupada principalmente com um esforço para determinar a natureza do bem; psicologia , que se dedica à investigação e classificação daquelas formas de fenômenos referenciáveis a uma origem mental; epistemologia , que é a ciência preocupada principalmente com a natureza do conhecimento em si e a questão de se ele pode existir em uma forma absoluta; e estética , que é a ciência da natureza e das reações despertadas pelo belo, pelo harmonioso, pelo elegante e pelo nobre.

Platão considerava a filosofia como o maior bem já concedido pela Divindade ao homem. No século XX, no entanto, ela se tornou uma estrutura pesada e complicada de noções arbitrárias e irreconciliáveis — ainda que cada uma delas substanciada por uma lógica quase incontestável. Os teoremas elevados da antiga Academia que Jâmblico comparou ao néctar e à ambrosia dos deuses foram tão adulterados pela opinião — que Heráclito declarou ser uma doença de queda da mente — que o hidromel celestial seria agora completamente irreconhecível para este grande neoplatônico. Evidência convincente da crescente superficialidade do pensamento científico e filosófico moderno é sua persistente deriva em direção ao materialismo. Quando o grande astrônomo Laplace foi questionado por Napoleão por que ele não havia mencionado Deus em seu Traité de la Mécanique Céleste , o matemático ingenuamente respondeu: "Senhor, eu não precisava dessa hipótese!"

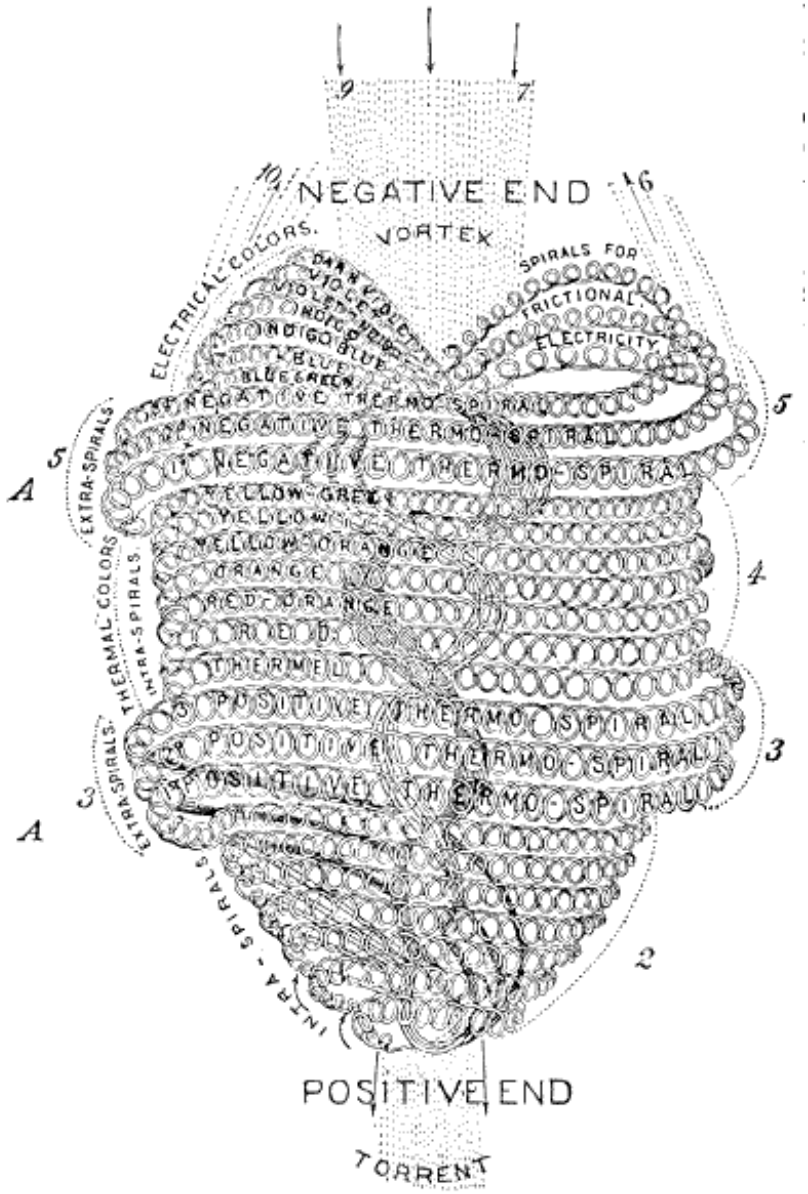
Em seu tratado sobre o ateísmo, Sir Francis Bacon resume sucintamente a situação assim: "Um pouco de filosofia inclina a mente do homem ao ateísmo; mas a profundidade na filosofia leva a mente dos homens à religião." A Metafísica de Aristóteles abre com estas palavras: "Todos os homens naturalmente desejam saber." Para satisfazer esse desejo comum, o intelecto humano em desenvolvimento explorou as extremidades do espaço imaginável externo e as extremidades do eu imaginável interno, buscando estimar a relação entre o um e o todo; o efeito e a causa; a Natureza e a base da Natureza; a mente e a fonte da mente; o espírito e a substância do espírito; a ilusão e a realidade.

Um antigo filósofo disse uma vez: "Aquele que não tem nem mesmo um conhecimento das coisas comuns é um bruto entre os homens. Aquele que tem um conhecimento preciso das preocupações humanas sozinho é um homem entre os brutos. Mas aquele que sabe tudo o que pode ser conhecido pela energia intelectual, é um Deus entre os homens." O status do homem no mundo natural é determinado, portanto, pela qualidade de seu pensamento. Aquele cuja mente é escravizada por seus instintos bestiais não é filosoficamente superior ao bruto, aquele cujas faculdades racionais ponderam sobre os assuntos humanos é um homem; e aquele cujo intelecto é elevado à consideração das realidades divinas já é um semideus, pois seu ser participa da luminosidade com a qual sua razão o trouxe para a proximidade. Em seu elogio da "ciência das ciências", Cícero é levado a exclamar: "Ó filosofia, guia da vida! Ó pesquisadora — da virtude e expurgadora de vícios! O que poderíamos ter sido nós e todas as eras dos homens sem ti? Tu produziste cidades; chamaste os homens espalhados para o gozo social da vida."

Nesta era, a palavra filosofia tem pouco significado, a menos que seja acompanhada por algum outro termo qualificador. O corpo da filosofia foi dividido em numerosos ismos mais ou menos antagônicos, que se tornaram tão preocupados com o esforço de refutar as falácias uns dos outros que as questões mais sublimes da ordem divina e do destino humano sofreram negligência deplorável. A função ideal da filosofia é servir como influência estabilizadora no pensamento humano. Em virtude de sua natureza intrínseca, ela deve impedir o homem de estabelecer códigos de vida irracionais. Os próprios filósofos, no entanto, frustraram os fins da filosofia ao exceder em sua divagação aquelas mentes destreinadas que eles deveriam liderar no caminho reto e estreito do pensamento racional. Listar e classificar qualquer uma, exceto as mais importantes das escolas de filosofia agora reconhecidas, está além das limitações de espaço deste volume. A vasta área de especulação coberta pela filosofia será melhor apreciada após uma breve consideração de alguns dos sistemas notáveis de disciplina filosófica que influenciaram o mundo do pensamento durante os últimos vinte e seis séculos. A escola grega de filosofia teve seu início com os sete pensadores imortalizados aos quais foi primeiramente conferido o título de Sófo , "o sábio". De acordo com Diógenes Laércio, estes eram Tales, Sólon, Quílon, Pítaco, Bias, Cleóbulo e Periandro. A água foi concebida por Tales como o princípio ou elemento primordial, sobre o qual a terra flutuava como um navio, e os terremotos eram o resultado de perturbações neste mar universal. Como Tales era um jônico, a escola que perpetuou seus princípios tornou-se conhecida como a jônica. Ele morreu em 546 a.C. e foi sucedido por Anaximandro, que por sua vez foi seguido por Anaxímenes, Anaxágoras e Arquelau, com quem a escola jônica terminou. Anaximandro, diferindo de seu mestre Tales, declarou que o infinito incomensurável e indefinível era o princípio do qual todas as coisas foram geradas. Anaxímenes afirmou que o ar

era o primeiro elemento do universo; que as almas e até mesmo a própria Divindade eram compostas dele.

Anaxágoras (cuja doutrina tem sabor de atomismo) sustentava que Deus era uma mente infinita e auto-movente; que esta Mente divina infinita, não



ÁTOMO DE BABBITT.

Dos Princípios de Luz e Cor de Babbitt .

Desde a postulação da teoria atômica por Demócrito, muitos esforços foram feitos para determinar a estrutura dos átomos e o método pelo qual eles se unem para formar vários elementos. Até mesmo a ciência não se absteve de entrar neste

campo de especulação e apresenta para consideração as representações mais detalhadas e elaboradas desses corpos minúsculos. De longe, a concepção mais notável do átomo evoluída durante o último século é aquela produzida pelo gênio do Dr. Edwin D. Babbitt e que é reproduzida aqui. O diagrama é autoexplicativo. Deve-se ter em mente que esta estrutura aparentemente massiva é na verdade tão minúscula que desafia a análise. O Dr. Babbitt não apenas criou esta forma do átomo, mas também inventou um método pelo qual essas partículas poderiam ser agrupadas de forma ordenada e, assim, resultar na formação de corpos moleculares.

encerrada em qualquer corpo, é a causa eficiente de todas as coisas; da matéria infinita que consiste em partes semelhantes, tudo sendo feito de acordo com suas espécies pela mente divina, que quando todas as coisas estavam a princípio confusamente misturadas, veio e as reduziu à ordem." Arquelau declarou que o princípio de todas as coisas era duplo: mente (que era incorpórea) e ar (que era corpóreo), a rarefação e condensação deste último resultando em fogo e água, respectivamente. As estrelas foram concebidas por Arquelau como lugares de ferro em chamas. Heráclito (que viveu de 536-470 a.C. e às vezes é incluído na escola jônica) em sua doutrina de mudança e fluxo eterno afirmou que o fogo era o primeiro elemento e também o estado no qual o mundo seria finalmente reabsorvido. A alma do mundo ele considerava como uma exalação de suas partes úmidas, e ele declarou que o fluxo e refluxo do mar eram causados pelo sol.

Depois de Pitágoras de Samos, seu fundador, a escola Itálica ou Pitagórica conta entre seus representantes mais ilustres Empédocles, Epicarmo, Arquitas, Alcmæon, Hipaso, Filolau e Eudoxo. Pitágoras (580-500? a.C.) concebeu a matemática como a mais sagrada e exata de todas as ciências, e exigiu de todos que vinham a ele para estudo uma familiaridade com aritmética, música, astronomia e geometria. Ele deu ênfase especial à vida filosófica como um pré-requisito para a sabedoria. Pitágoras foi um dos primeiros professores a estabelecer uma comunidade em que todos os membros eram de assistência mútua uns aos outros na obtenção comum das ciências superiores. Ele também introduziu a disciplina da retrospecção como essencial para o desenvolvimento da mente espiritual. O pitagorismo pode ser resumido como um sistema de especulação metafísica sobre as relações entre números e as agências causais da existência. Esta escola também expôs pela primeira vez a teoria das harmônicas celestes ou "a música das esferas". John Reuchlin disse sobre Pitágoras que ele não ensinou nada a seus discípulos antes da disciplina do silêncio, sendo o silêncio o primeiro rudimento da contemplação. Em seu Sofista , Aristóteles credita a Empédocles a descoberta da retórica. Tanto Pitágoras quanto Empédocles aceitaram a teoria da transmigração, este último dizendo: "Um menino eu era, então uma donzela se tornou; uma planta, pássaro, peixe e no vasto mar nadou." Arquitas é creditado com a invenção do parafuso e do

guindaste. O prazer ele declarou ser uma pestilência porque se opunha à temperança da mente; ele considerava um homem sem engano tão raro quanto um peixe sem espinhas.

A seita eleática foi fundada por Xenófanes (570-480 a.C.), que era notável por seus ataques às fábulas cosmológicas e teogônicas de Homero e Hesíodo. Xenófanes declarou que Deus era "um e incorpóreo, em substância e figura redondo, de forma alguma se assemelhando ao homem; que Ele é toda visão e toda audição, mas não respira; que Ele é todas as coisas, a mente e a sabedoria, não geradas, mas eternas, impassíveis, imutáveis e racionais". Xenófanes acreditava que todas as coisas existentes eram eternas, que o mundo não tinha começo nem fim e que tudo o que era gerado estava sujeito à corrupção. Ele viveu até uma idade avançada e dizem que enterrou seus filhos com suas próprias mãos. Parmênides estudou com Xenófanes, mas nunca subscreveu inteiramente suas doutrinas. Parmênides declarou que os sentidos eram incertos e a razão o único critério da verdade. Ele primeiro afirmou que a Terra era redonda e também dividiu sua superfície em zonas de calor e frio.

Melissus, que está incluído na escola eleática, tinha muitas opiniões em comum com Parmênides. Ele declarou que o universo era imóvel porque, ocupando todo o espaço, não havia lugar para onde ele pudesse ser movido. Ele rejeitou ainda mais a teoria do vácuo no espaço. Zenão de Eleia também sustentou que o vácuo não poderia existir. Rejeitando a teoria do movimento, ele afirmou que havia apenas um Deus, que era um Ser eterno e não gerado. Como Xenófanes, ele concebeu a Divindade como tendo forma esférica. Leucipo sustentou que o Universo consistia em duas partes: uma cheia e a outra um vácuo. Do Infinito, uma série de minúsculos corpos fragmentários desciam para o vácuo, onde, por meio de agitação contínua, eles se organizavam em esferas de substância.

O grande Demócrito ampliou até certo ponto a teoria atômica de Leucipo. Demócrito declarou que os princípios de todas as coisas são duplos: átomos e vácuo. Ambos, ele afirmou, são infinitos — átomos em número, vácuo em magnitude. Assim, todos os corpos devem ser compostos de átomos ou vácuo. Os átomos possuíam duas propriedades, forma e tamanho, ambas caracterizadas por infinita variedade. A alma Demócrito também concebeu ser atômica em estrutura e sujeita à dissolução com o corpo. A mente ele acreditava ser composta de átomos espirituais. Aristóteles sugere que Demócrito obteve sua teoria atômica da doutrina pitagórica da Mônada . Entre os eleatas também estão incluídos Protágoras e Anaxarco.

Sócrates (469-399 a.C.), o fundador da seita socrática , sendo fundamentalmente um cético, não impôs suas opiniões aos outros, mas por meio de questionamentos fez com que cada homem desse expressão à sua própria filosofia. De acordo com

Plutarco, Sócrates concebeu cada lugar como apropriado para alcançar, pois o mundo inteiro era uma escola de virtude. Ele sustentava que a alma existia antes do corpo e, antes da imersão nele, era dotada de todo o conhecimento; que quando a alma entrava na forma material ela ficava estupefata, mas que por discursos sobre objetos sensíveis ela era levada a despertar e a recuperar seu conhecimento original. Nessas premissas foi baseada sua tentativa de estimular o poder da alma por meio da ironia e do raciocínio indutivo. Foi dito de Sócrates que o único sujeito de sua filosofia era o homem. Ele próprio declarou que a filosofia era o caminho da verdadeira felicidade e seu propósito duplo: (1) contemplar Deus e (2) abstrair a alma do sentido corpóreo.

Os princípios de todas as coisas que ele concebeu serem três em número: Deus , matéria e ideias . De Deus, ele disse: "O que Ele é, eu não sei; o que Ele não é, eu sei." Matéria, ele definiu como o sujeito da geração e corrupção; ideia, como uma substância incorruptível - o intelecto de Deus. Sabedoria, ele considerou a soma das virtudes. Entre os membros proeminentes da seita socrática estavam Xenofonte, Ésquines, Críton, Simão, Glauco, Símias e Cebes. O professor Zeller, a grande autoridade em filosofias antigas, declarou recentemente que os escritos de Xenofonte relacionados a Sócrates eram falsificações. Quando As Nuvens de Aristófanes , uma comédia escrita para ridicularizar as teorias de Sócrates, foi apresentada pela primeira vez, o próprio grande Cético assistiu à peça. Durante a performance, que o caricaturava sentado em uma cesta no alto, estudando o sol, Sócrates levantou-se calmamente de seu assento, para melhor permitir que os espectadores atenienses comparassem suas próprias feições pouco atraentes com a máscara grotesca usada pelo ator que o representava.

A seita eleana foi fundada por Fedo de Élis, um jovem de família nobre, que foi comprado da escravidão por instigação de Sócrates e que se tornou seu discípulo devoto. Platão admirava tanto a mentalidade de Fedo que nomeou um dos seus discursos mais famosos como Fedo. Fedo foi sucedido em sua escola por Plístenes, que por sua vez foi seguido por Menedemo. Das doutrinas da seita eleana pouco se sabe. Presume-se que Menedemo tenha se inclinado para os ensinamentos de Estilpo e da seita megárica. Quando as opiniões de Menedemo foram exigidas, ele respondeu que era livre, sugerindo assim que a maioria dos homens era escravizada por suas opiniões. Menedemo era aparentemente de um temperamento um tanto beligerante e frequentemente retornava de suas palestras em uma condição muito machucada. A mais famosa de suas proposições é declarada assim: Aquilo que não é o mesmo é diferente daquilo com o qual não é o mesmo. Este ponto sendo admitido, Menedemus continuou: Beneficiar não é o mesmo que bem, portanto, bem não beneficia. Após o tempo de Menedemus, a seita Eleana tornou-se conhecida como Eretriana. Seus expoentes denunciaram todas as proposições

negativas e todas as teorias complexas e abstrusas, declarando que apenas doutrinas afirmativas e simples poderiam ser verdadeiras.

A seita megárica foi fundada por Euclides de Mégara (não o célebre matemático), um grande admirador de Sócrates. Os atenienses aprovaram uma lei decretando a morte de qualquer cidadão de Mégara encontrado na cidade de Atenas. Nada intimidado, Euclides vestiu roupas de mulher e foi à noite estudar com Sócrates. Após a morte cruel de seu professor, os discípulos de Sócrates, temendo um destino semelhante, fugiram para Mégara, onde foram entretidos com grande honra por Euclides. A escola megárica aceitou a doutrina socrática de que virtude é sabedoria, acrescentando a ela o conceito eleático de que a bondade é unidade absoluta e toda mudança uma ilusão dos sentidos. Euclides sustentou que o bem não tem oposto e, portanto, o mal não existe. Sendo questionado sobre a natureza dos deuses, ele se declarou ignorante de sua disposição, exceto que eles odiavam pessoas curiosas.

Os megarenses são ocasionalmente incluídos entre os filósofos dialéticos. Euclides (que morreu em 374? a.C.) foi sucedido em sua escola por Eubulides, entre cujos discípulos estavam Alexinus e Apollonius Cronus. Euphantus, que viveu até uma idade avançada e escreveu muitas tragédias, estava entre os principais seguidores de Eubulides. Diodoro é geralmente incluído na escola megarense, tendo ouvido a palestra de Eubulides. De acordo com a lenda, Diodoro morreu de tristeza porque não conseguiu responder instantaneamente a certas perguntas feitas a ele por Stilpo, outrora mestre da escola megarense. Diodoro sustentava que nada

PLATÃO.

Do Recuil des Figures, Groupes, Thermes, Fontaines, Vases et autres Ornaments de Thomasin .

O nome verdadeiro de Platão era Aristocles. Quando seu pai o levou para estudar com Sócrates, o grande Cético declarou que na noite anterior ele havia sonhado com um cisne branco, o que era um presságio de que seu novo discípulo se tornaria um dos iluminados do mundo. Há uma tradição de que o imortal Platão foi vendido como escravo pelo Rei da Sicília.

pode ser movido, pois para ser movido deve ser tirado do lugar em que está e colocado no lugar onde não está, o que é impossível porque todas as coisas devem estar sempre nos lugares onde estão.

Os cínicos eram uma seita fundada por Antístenes de Atenas (444-365? a.C.), um discípulo de Sócrates. Sua doutrina pode ser descrita como um individualismo extremo que considera o homem como existindo somente para si mesmo e defende cercá-lo de desarmonia, sofrimento e necessidade extrema, para que ele possa, assim, ser levado a se retirar mais completamente para sua própria natureza. Os cínicos renunciaram a todas as posses mundanas, vivendo nos abrigos mais rudes e subsistindo da comida mais grosseira e simples. Partindo do pressuposto de que os deuses não queriam nada, os cínicos afirmavam que aqueles cujas necessidades

eram menores consequentemente se aproximavam mais das divindades. Questionado sobre o que ele ganhava com uma vida de filosofia, Antístenes respondeu que havia aprendido a conversar consigo mesmo.

Diógenes de Sinopis é lembrado principalmente pela banheira no Metroum que por muitos anos lhe serviu como um lar. O povo de Atenas amava o filósofo-mendigo, e quando um jovem de brincadeira furou buracos na banheira, a cidade presenteou Diógenes com uma nova e puniu o jovem. Diógenes acreditava que nada na vida pode ser corretamente realizado sem exercício. Ele sustentava que tudo no mundo pertence aos sábios, uma declaração que ele provou pela seguinte lógica: "Todas as coisas pertencem aos deuses; os deuses são amigos das pessoas sábias; todas as coisas são comuns entre amigos; portanto, todas as coisas pertencem aos sábios." Entre os cínicos estão Monimus, Onesicritus, Crates, Metrocles, Hipparchia (que se casou com Crates), Menipo e Menedemus.

A seita cirenaica , fundada por Aristipo de Cirene (435-356? a.C.), promulgou a doutrina do hedonismo. Ao saber da fama de Sócrates, Aristipo viajou para Atenas e se aplicou aos ensinamentos do grande cético. Sócrates, aflito pelas tendências voluptuosas e mercenárias de Aristipo, trabalhou em vão para reformar o jovem. Aristipo tem a distinção de ser consistente em princípio e prática, pois viveu em perfeita harmonia com sua filosofia de que a busca do prazer era o principal propósito da vida. As doutrinas dos cirenaicos podem ser resumidas assim: Tudo o que é realmente conhecido sobre qualquer objeto ou condição é o sentimento que ele desperta na própria natureza do homem. Na esfera da ética, o que desperta o sentimento mais agradável deve, consequentemente, ser estimado como o maior bem. As reações emocionais são classificadas como agradáveis ou gentis, ásperas e mesquinhas. O fim da emoção agradável é o prazer; o fim da emoção áspera, a tristeza; o fim da emoção mesquinha, nada.

Por perversidade mental, alguns homens não desejam prazer. Na realidade, no entanto, o prazer (especialmente de natureza física) é o verdadeiro fim da existência e excede em todos os sentidos os prazeres mentais e espirituais. O prazer, além disso, é limitado totalmente ao momento; agora é o único momento. O passado não pode ser considerado sem arrependimento e o futuro não pode ser enfrentado sem apreensão; portanto, nenhum dos dois é propício ao prazer. Nenhum homem deve sofrer, pois a tristeza é a mais séria de todas as doenças. A natureza permite que o homem faça tudo o que deseja; ele é limitado apenas por suas próprias leis e costumes. Um filósofo é alguém livre de inveja, amor e superstição, e cujos dias são uma longa rodada de prazer. A indulgência foi assim elevada por Aristipo à posição principal entre as virtudes. Ele declarou ainda que os filósofos diferem marcadamente de outros homens, pois eles sozinhos não mudariam a ordem de suas vidas se todas as leis dos homens fossem abolidas.

Entre os filósofos proeminentes influenciados pelas doutrinas cirenaicas estavam Hegesias, Anniceris, Theodorus e Bion.

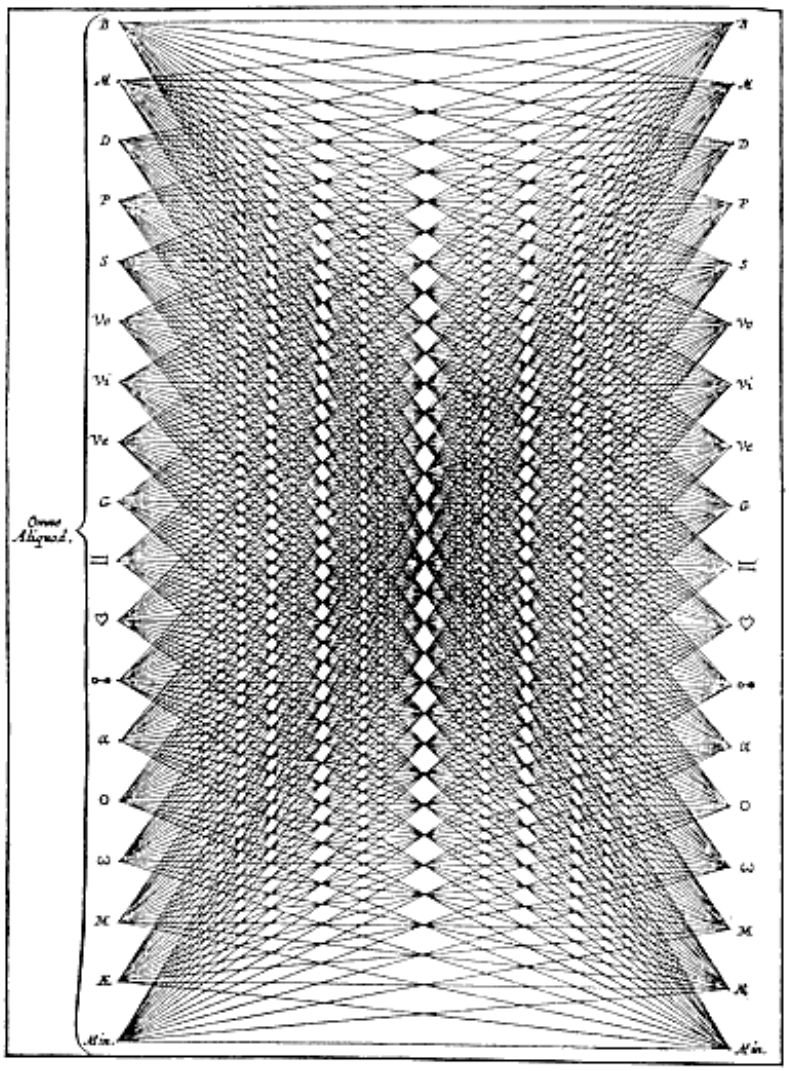
A seita dos filósofos acadêmicos instituída por Platão (427-347 a.C.) foi dividida em três partes principais: a antiga, a média e a nova Academia. Entre os antigos acadêmicos estavam Speusippus, Zenocrates, Poleman, Crates e Crantor. Arcesilau instituiu a Academia média e Carneades fundou a nova. O principal entre os mestres de Platão foi Sócrates. Platão viajou muito e foi iniciado pelos egípcios nas profundezas da filosofia hermética. Ele também derivou muito das doutrinas dos pitagóricos. Cícero descreve a constituição tríplice da filosofia platônica como compreendendo ética, física e dialética. Platão definiu o bem como triplo em caráter: bem na alma, expresso através das virtudes; bem no corpo, expresso através da simetria e resistência das partes; e bem no mundo externo, expresso através da posição social e companheirismo. No Livro de Speusippus sobre Definições Platônicas , aquele grande platônico assim define Deus: "Um ser que vive imortalmente por meio de Si mesmo sozinho, bastando para Sua própria bem-aventurança, a Essência eterna, causa de Sua própria bondade. De acordo com Platão, o Um é o termo mais adequado para definir o Absoluto, uma vez que o todo precede as partes e a diversidade depende da unidade, mas a unidade não da diversidade. O Um, além disso, é antes do ser, pois ser é um atributo ou condição do Um.

A filosofia platônica é baseada na postulação de três ordens de ser: aquilo que se move imóvel, aquilo que é automovido e aquilo que é movido. Aquilo que é imóvel, mas se move, é anterior ao que é automovido, que da mesma forma é anterior ao que se move. Aquilo em que o movimento é inerente não pode ser separado de seu poder motriz; é, portanto, incapaz de dissolução. De tal natureza são os imortais. Aquilo que tem movimento transmitido a ele por outro pode ser separado da fonte de seu princípio animador; está, portanto, sujeito à dissolução. De tal natureza são os seres mortais. Superior aos mortais e aos imortais é aquela condição que se move continuamente, mas ela mesma é imóvel. A esta constituição o poder de permanência é inerente; é, portanto, a Permanência Divina sobre a qual todas as coisas são estabelecidas. Sendo mais nobre até do que o automovimento, o Motor imóvel é a primeira de todas as dignidades. A disciplina platônica foi fundada sobre a teoria de que aprender é realmente reminiscência, ou trazer à objetividade o conhecimento anteriormente adquirido pela alma em um estado anterior de existência. Na entrada da escola platônica na Academia estavam escritas as palavras: "Que ninguém ignorante em geometria entre aqui."

Após a morte de Platão, seus discípulos se separaram em dois grupos. Um, os Acadêmicos , continuou a se reunir na Academia onde ele havia presidido; o outro, os Peripatéticos , removidos para o Liceu sob a liderança de Aristóteles (384-322 a.C.). Platão reconheceu Aristóteles como seu maior discípulo e, de acordo com

Filopono, referiu-se a ele como "a mente da escola". Se Aristóteles estivesse ausente das palestras, Platão diria: "O intelecto não está aqui". Sobre o gênio prodigioso de Aristóteles, Thomas Taylor escreve em sua introdução a The Metaphysics :

"Quando consideramos que ele não apenas conhecia bem todas as ciências, como suas obras abundantemente evidenciam, mas que ele escreveu sobre quase todos os assuntos compreendidos no círculo do conhecimento humano, e isso com precisão e habilidade inigualáveis, não sabemos o que admirar mais, a penetração ou a extensão de sua mente."



O PROBLEMA DA DIVERSIDADE.

Do Ars Magna Sciendi de Kircher .

No diagrama acima, Kircher organiza dezoito objetos em duas colunas verticais e então determina o número de arranjos nos quais eles podem ser combinados. Pelo mesmo método, Kircher estima ainda que cinquenta objetos podem ser organizados em 1.273.726.838.815.420.339.851.343.083.767.005.515.293.749.454.795.408.000.000.000.000 combinações. Disto ficará evidente que a diversidade infinita é possível, pois as inúmeras partes do universo podem estar relacionadas entre si de um número incalculável de maneiras; e através das várias combinações dessas subdivisões ilimitadas do ser, a individualidade infinita e a variedade infinita devem inevitavelmente resultar. Assim, fica ainda mais evidente que a vida nunca pode se tornar monótona ou esgotar as possibilidades de variedade.

[o parágrafo continua] Sobre a filosofia de Aristóteles, o mesmo autor diz: "O fim da filosofia moral de Aristóteles é a perfeição por meio das virtudes, e o fim de sua filosofia contemplativa é a união com o princípio único de todas as coisas."

Aristóteles concebeu a filosofia como sendo dupla: prática e teórica. A filosofia prática abrangia ética e política; filosofia teórica, física e lógica. A metafísica ele considerava ser a ciência concernente àquela substância que tem o princípio de movimento e repouso inerente a si mesma. Para Aristóteles, a alma é aquilo pelo qual o homem primeiro vive, sente e entende. Portanto, à alma ele atribuiu três faculdades: nutritiva, sensível e intelectiva. Ele ainda considerou a alma como sendo dupla — racional e irracional — e em alguns aspectos elevou as percepções sensoriais acima da mente. Aristóteles definiu a sabedoria como a ciência das primeiras Causas. As quatro principais divisões de sua filosofia são dialética, física, ética e metafísica. Deus é definido como o Primeiro Motor, o Melhor dos seres, uma Substância imóvel, separada das coisas sensíveis, vazia de quantidade corpórea, sem partes e indivisível. O platonismo é baseado no raciocínio a priori ; o aristotelismo no raciocínio a posteriori . Aristóteles ensinou seu pupilo, Alexandre, o Grande, a sentir que se ele não tivesse feito uma boa ação, ele não teria reinado naquele dia. Entre seus seguidores estavam Teofrasto, Estrato, Lico, Aristo, Crítolau e Diodoro.

Do Ceticismo proposto por Pirro de Élis (365-275 a.C.) e por Timão, Sexto Empírico disse que aqueles que buscam devem encontrar ou negar que encontraram ou podem encontrar, ou perseverar na investigação. Aqueles que supõem que encontraram a verdade são chamados de Dogmáticos ; aqueles que a acham incompreensível são os Acadêmicos ; aqueles que ainda buscam são os Céticos . A atitude do Ceticismo em relação ao cognoscível é resumida por Sexto Empírico nas seguintes palavras: "Mas o principal fundamento do Ceticismo é que para cada razão há uma razão oposta equivalente, o que nos faz abster-nos de dogmatizar." Os Céticos eram fortemente opostos aos Dogmáticos e eram agnósticos, pois consideravam as teorias aceitas sobre a Divindade como autocontraditórias e

indemonstráveis. "Como", perguntou o Cético, "podemos ter conhecimento indubitável de Deus, sem conhecer Sua substância, forma ou lugar; pois, embora os filósofos discordem irreconciliavelmente sobre esses pontos, suas conclusões não podem ser consideradas indubitavelmente verdadeiras?" Como o conhecimento absoluto era considerado inatingível, os Céticos declararam que o fim de sua disciplina era: "Nos opinativos, a indisposição; nos impulsivos, a moderação; e nos inquietos, a suspensão."

A seita dos estoicos foi fundada por Zenão (340-265 a.C.), o citadino, que estudou com Crates, o cínico, de cuja seita os estoicos tiveram sua origem. Zenão foi sucedido por Cleantes, Crisipo, Zenão de Tarsis, Diógenes, Antípatro, Panécio e Posidônio. Os mais famosos dos estoicos romanos são Epicteto e Marco Aurélio. Os estoicos eram essencialmente panteístas, pois sustentavam que, como não há nada melhor que o mundo, o mundo é Deus. Zenão declarou que a razão do mundo está difundida por ele como semente. O estoicismo é uma filosofia materialista, que impõe a resignação voluntária à lei natural. Crisipo sustentava que o bem e o mal sendo contrários, ambos são necessários, pois cada um sustenta o outro. A alma era considerada um corpo distribuído por toda a forma física e sujeito à dissolução com ela. Embora alguns dos estoicos sustentassem que a sabedoria prolongava a existência da alma, a imortalidade real não está incluída em seus princípios. Dizia-se que a alma era composta de oito partes: os cinco sentidos, o poder gerador, o poder vocal e uma oitava parte, ou hegemônica. A natureza era definida como Deus misturado em toda a substância do mundo. Todas as coisas eram vistas como corpos corpóreos ou incorpóreos.

A mansidão marcou a atitude do filósofo estoico. Enquanto Diógenes fazia um discurso contra a raiva, um de seus ouvintes cuspiu desdenhosamente em seu rosto. Recebendo o insulto com humildade, o grande estoico foi movido a retrucar: "Não estou com raiva, mas estou em dúvida se devo estar assim ou não!"

Epicuro de Samos (341-270 a.C.) foi o fundador da seita epicurista , que em muitos aspectos se assemelha à cirenaica, mas é mais elevada em seus padrões éticos. Os epicuristas também postularam o prazer como o estado mais desejável, mas o conceberam como um estado grave e digno alcançado por meio da renúncia daquelas inconstâncias mentais e emocionais que produzem dor e tristeza. Epicuro sustentou que, assim como as dores da mente e da alma são mais graves do que as do corpo, as alegrias da mente e da alma excedem as do corpo. Os cirenaicos afirmavam que o prazer dependia da ação ou do movimento; os epicuristas alegavam que o descanso ou a falta de ação eram igualmente produtivos de prazer. Epicuro aceitou a filosofia de Demócrito sobre a natureza dos átomos e baseou sua física nessa teoria. A filosofia epicurista pode ser resumida em quatro cânones:

"(1) O sentido nunca é enganado; e, portanto, toda sensação e toda percepção de uma aparência é verdadeira. (2) A opinião segue o sentido e é superadicionada à sensação, e capaz de verdade ou falsidade, (3) Toda opinião atestada, ou não contradita pela evidência do sentido, é verdadeira. (4) Uma opinião contradita, ou não atestada pela evidência do sentido, é falsa." Entre os epicuristas notáveis estavam Metrodoro de Lampsacus, Zenão de Sidon e Fedro.

O ecletismo pode ser definido como a prática de escolher doutrinas aparentemente irreconciliáveis de escolas antagônicas e construir a partir delas um sistema filosófico composto em harmonia com as convicções do próprio eclético. O ecletismo dificilmente pode ser considerado filosoficamente ou logicamente sólido, pois assim como escolas individuais chegam às suas conclusões por diferentes métodos de raciocínio, o produto filosófico de fragmentos dessas escolas deve necessariamente ser construído sobre a fundação de premissas conflitantes. O ecletismo, consequentemente, foi designado como o culto do leigo. No Império Romano, pouco pensamento era dedicado à teoria filosófica; consequentemente, a maioria de seus pensadores era do tipo eclético. Cícero é o exemplo notável do ecletismo inicial, pois seus escritos são um verdadeiro potpourri de fragmentos inestimáveis de escolas de pensamento anteriores. O ecletismo parece ter tido seu início no momento em que os homens duvidaram pela primeira vez da possibilidade de descobrir a verdade última. Observando que todo o chamado conhecimento é, na melhor das hipóteses, mera opinião, os menos estudiosos concluíram ainda que o caminho mais sensato a seguir era aceitar o que parecia ser o mais razoável dos ensinamentos de qualquer escola ou indivíduo. Dessa prática, no entanto, surgiu uma pseudo-mentalidade aberta desprovida do elemento de precisão encontrado na verdadeira lógica e filosofia.

A escola neopitagórica floresceu em Alexandria durante o primeiro século da Era Cristã. Apenas dois nomes se destacam em conexão com ela: Apolônio de Tiana e Moderato de Gades. O neopitagorismo é um elo entre as filosofias pagãs mais antigas e o neoplatonismo. Como o primeiro, continha muitos elementos exatos de pensamento derivados de Pitágoras e Platão; como o último, enfatizava a especulação metafísica e os hábitos ascéticos. Uma semelhança impressionante foi observada por vários autores entre o neopitagorismo e as doutrinas dos essênios. Ênfase especial foi colocada no mistério dos números, e é possível que os neopitagóricos tivessem um conhecimento muito mais amplo dos verdadeiros ensinamentos de Pitágoras do que o disponível hoje. Mesmo no primeiro século, Pitágoras era considerado mais um deus do que um homem, e o renascimento de sua filosofia foi recorrido aparentemente na esperança de que seu nome estimulasse o interesse nos sistemas mais profundos de aprendizado. Mas a filosofia grega havia passado do zênite de seu esplendor; a massa da humanidade estava despertando para a importância da vida física e dos fenômenos físicos. A

ênfase nos assuntos terrenos que começou a se afirmar mais tarde atingiu a maturidade de expressão no materialismo e no comercialismo do século XX,

ÆNEAS NO PORTÃO DO INFERNO.

Da Eneida de Virgílio . (Tradução de Dryden.)

Virgílio descreve parte do ritual de um Mistério grego--possivelmente o de Elêusis--em seu relato da descida de Enéias, ao portão do inferno sob a orientação da Sibila. Daquela parte do ritual retratada acima, o poeta imortal escreve:

"Bem no meio desta Estrada infernal,

Um Olmo exibe seus Braços escuros;

O Deus do Sono esconde ali sua Cabeça pesada

E Sonhos vazios em cada Folha estão espalhados.

De várias Formas, Espectros inumeráveis mais;

Centauros e Formas duplas, sitiam a Porta:

Diante da Passagem a horrível Hidra se levanta,

E Briareus com todas as suas cem Mãos:

Górgonas, Geryon com sua Tripla Estrutura;

E a vã Quimera vomita Chama vazia.

O Chefe desembainhou seu Aço brilhante, preparado,

Embora tomado por Medo repentino, para forçar a Guarda.

Oferecendo sua Arma brandida em seu Rosto,

Não Se a Sibila Não tivesse parado seu Passo ansioso,

E dito a ele o que eram aqueles Fantasmas vazios;

Formas sem Corpos e Ar impassível."

embora o neoplatonismo tenha intervindo e muitos séculos tenham se passado antes que essa ênfase tomasse forma definitiva.

Embora Ammonius Saccus tenha sido considerado por muito tempo o fundador do neoplatonismo , a escola teve seu verdadeiro começo em Plotino (204-269 d.C.?). Proeminentes entre os neoplatônicos de Alexandria, Síria, Roma e Atenas estavam Porfírio, Jâmblico, Salústio, o imperador Juliano, Plutarco e Proclo. O neoplatonismo foi o esforço supremo do paganismo decadente para publicar e, assim, preservar para a posteridade sua doutrina secreta (ou não escrita). Em seus ensinamentos, o idealismo antigo encontrou sua expressão mais perfeita. O neoplatonismo estava preocupado quase exclusivamente com os problemas da metafísica superior. Ele reconheceu a existência de uma doutrina secreta e importantíssima que, desde o tempo das primeiras civilizações, estava oculta nos rituais, símbolos e alegorias de religiões e filosofias. Para a mente não familiarizada com seus princípios fundamentais, o neoplatonismo pode parecer uma massa de especulações intercaladas com voos extravagantes de fantasia. Tal ponto de vista, no entanto, ignora as instituições dos Mistérios — aquelas escolas secretas em cujas profundezas de idealismo quase todos os primeiros filósofos da antiguidade foram iniciados.

Quando o corpo físico do pensamento pagão entrou em colapso, uma tentativa foi feita para ressuscitar a forma instilando nova vida nela pela revelação de suas verdades místicas. Esse esforço aparentemente foi estéril de resultados. Apesar do antagonismo, no entanto, entre o cristianismo primitivo e o neoplatonismo, muitos princípios básicos deste último foram aceitos pelo primeiro e tecidos no tecido da filosofia patrística. Descrito brevemente, o neoplatonismo é um código filosófico que

concebe todo corpo físico ou concreto de doutrina como sendo meramente a casca de uma verdade espiritual que pode ser descoberta por meio da meditação e de certos exercícios de natureza mística. Em comparação com as verdades espirituais esotéricas que eles contêm, os corpos corpóreos da religião e da filosofia foram considerados relativamente de pouco valor. Da mesma forma, nenhuma ênfase foi colocada nas ciências materiais.

O termo Patrística é empregado para designar a filosofia dos Padres da Igreja Cristã primitiva. A filosofia patrística é dividida em duas épocas gerais: ante-Nicena e pós-Nicena. O período ante-Niceno, em geral, foi dedicado a ataques ao paganismo e a desculpas e defesas do cristianismo. Toda a estrutura da filosofia pagã foi atacada e os ditames da fé elevados acima dos da razão. Em alguns casos, esforços foram feitos para reconciliar as verdades evidentes do paganismo com a revelação cristã. Eminentes entre os Padres ante-Nicenos foram Santo Irineu, Clemente de Alexandria e Justino Mártir. No período pós-Niceno, mais ênfase foi colocada no desdobramento da filosofia cristã ao longo das linhas platônicas e neoplatônicas, resultando no aparecimento de muitos documentos estranhos de natureza longa, desconexa e ambígua, quase todos filosoficamente infundados. Os filósofos pós-Nicenos incluíam Atanásio, Gregório de Nissa e Cirilo de Alexandria. A escola patrística é notável por sua ênfase na supremacia do homem em todo o universo. O homem foi concebido para ser uma criação separada e divina — a realização máxima da Divindade e uma exceção à soberania da lei natural. Para os patrísticos, era inconcebível que existisse outra criatura tão nobre, tão afortunada ou tão capaz quanto o homem, para cujo único benefício e edificação todos os reinos da Natureza foram criados principalmente.

A filosofia patrística culminou no agostinianismo , que pode ser melhor definido como platonismo cristão. Opondo-se à doutrina pelasgiana de que o homem é o autor de sua própria salvação, o agostinianismo elevou a igreja e seus dogmas a uma posição de infalibilidade absoluta — uma posição que manteve com sucesso até a Reforma. O gnosticismo , um sistema de emanacionismo, interpretando o cristianismo em termos de metafísica grega, egípcia e persa, apareceu na última parte do primeiro século da era cristã. Praticamente todas as informações existentes sobre os gnósticos e suas doutrinas, estigmatizadas como heresia pelos Padres da Igreja ante-Nicenas, são derivadas das acusações feitas contra eles, particularmente dos escritos de Santo Irineu. No terceiro século apareceu o maniqueísmo , um sistema dualista de origem persa, que ensinava que o Bem e o Mal estavam sempre disputando a supremacia universal. No maniqueísmo, Cristo é concebido como o Princípio da redenção do Bem, em contraste com o homem Jesus, que era visto como uma personalidade maligna.

A morte de Boécio no século VI marcou o fim da antiga escola grega de filosofia. O século IX viu o surgimento da nova escola da Escolástica , que buscava reconciliar a

filosofia com a teologia. Representantes das principais divisões da escola Escolástica foram o Ecletismo de João de Salisbury, o Misticismo de Bernardo de Clairvaux e São Boaventura, o Racionalismo de Pedro Abelardo e o Misticismo panteísta de Meister Eckhart . Entre os aristotélicos árabes estavam Avicena e Averróis. O zênite da Escolástica foi alcançado com o advento de Alberto Magno e seu ilustre discípulo, São Tomás de Aquino. O Tomismo (a filosofia de São Tomás de Aquino, às vezes chamado de Aristóteles Cristão) buscou reconciliar as várias facções da escola Escolástica. O Tomismo era basicamente aristotélico com o conceito adicional de que a fé é uma projeção da razão.

O escotismo , ou a doutrina do voluntarismo promulgada por Joannes Duns Scotus, um escolástico franciscano, enfatizou o poder e a eficácia da vontade individual, em oposição ao tomismo. A característica marcante do escolasticismo foi seu esforço frenético para moldar todo o pensamento europeu em um molde aristotélico. Eventualmente, os escolásticos desceram ao nível de meros negociadores de palavras que escolheram as palavras de Aristóteles tão limpas que nada além dos ossos permaneceram. Foi essa escola decadente de verborragia sem sentido contra a qual Sir Francis Bacon dirigiu suas flechas amargas de ironia e que ele relegou ao campo do oleiro de noções descartadas.

O sistema baconiano, ou indutivo, de raciocínio (pelo qual os fatos são obtidos por um processo de observação e verificados por experimentação) abriu caminho para as escolas de ciência moderna. Bacon foi seguido por Thomas Hobbes (por algum tempo seu secretário), que sustentava que a matemática era a única ciência exata e pensava ser essencialmente um processo matemático. Hobbes declarou que a matéria era a única realidade, e a investigação científica se limitava ao estudo dos corpos, os fenômenos relativos às suas causas prováveis, e as consequências que fluem deles sob toda variedade de circunstâncias. Hobbes deu ênfase especial ao significado das palavras, declarando que o entendimento é a faculdade de perceber a relação entre as palavras e os objetos que elas representam.

Tendo rompido com as escolas escolástica e teológica, a filosofia pós-Reforma , ou moderna, experimentou um crescimento mais prolífico ao longo de muitas linhas diversas. De acordo com o Humanismo, o homem é a medida de todas as coisas; o Racionalismo faz das faculdades de raciocínio a base de todo o conhecimento; a Filosofia Política sustenta que o homem deve compreender seus privilégios naturais, sociais e nacionais; o Empirismo declara que somente é verdadeiro o que é demonstrável por experimento ou experiência; o Moralismo enfatiza a necessidade da conduta correta como um princípio filosófico fundamental; o Idealismo afirma que as realidades do universo são superfísicas - mentais ou psíquicas; o Realismo , o inverso; e o Fenomenalismo restringe o conhecimento a fatos ou eventos que podem ser cientificamente descritos ou explicados. Os desenvolvimentos mais recentes no campo do pensamento filosófico são o Behaviorismo e o Neo-Realismo .

O primeiro estima as características intrínsecas por meio de uma análise do comportamento; o último pode ser resumido como a extinção total do idealismo.

Baruch de Spinoza, o eminente filósofo holandês, concebeu Deus como uma substância absolutamente autoexistente e que não necessita de nenhuma outra concepção além de si mesma para torná-la completa e inteligível. A natureza deste Ser foi mantida por Spinoza como compreensível apenas por seus atributos, que são extensão e pensamento: estes combinam

O ESQUEMA PTOLEMAICO DO UNIVERSO.

De uma impressão antiga, cortesia de Carl Oscar Borg.

Ao ridicularizar o sistema geocêntrico de astronomia exposto por Cláudio Ptolomeu, os astrônomos modernos ignoraram a chave filosófica do sistema ptolomaico. O universo de Ptolomeu é uma representação diagramática das relações existentes entre as várias partes divinas e elementais de cada criatura, e não se preocupa com

a astronomia como essa ciência é agora compreendida. Na figura acima, atenção especial é chamada para os três círculos de zodíacos que cercam as órbitas dos planetas. Esses zodíacos representam a constituição espiritual tripla do universo. As órbitas dos planetas são os Governadores do Mundo e as quatro esferas elementais no centro representam a constituição física do homem e do universo, o esquema do universo de Ptolomeu é simplesmente uma seção transversal da aura universal, os planetas e elementos aos quais ele se refere não tendo relação com aqueles reconhecidos pelos astrônomos modernos.

para formar uma variedade infinita de aspectos ou modos . A mente do homem é um dos modos de pensamento infinito; o corpo do homem, um dos modos de extensão infinita. Por meio da razão, o homem é capaz de se elevar acima do mundo ilusório dos sentidos e encontrar repouso eterno em união perfeita com a Essência Divina. Spinoza, foi dito, privou Deus de toda personalidade, tornando a Divindade sinônimo do universo.

A filosofia alemã teve seu início com Gottfried Wilhelm von Leibnitz, cujas teorias são permeadas pelas qualidades do otimismo e do idealismo. Os critérios de razão suficiente de Leibnitz revelaram a ele a insuficiência da teoria da extensão de Descartes, e ele, portanto, concluiu que a própria substância continha um poder inerente na forma de um número incalculável de unidades separadas e todo-suficientes. A matéria reduzida às suas partículas finais deixa de existir como um corpo substancial, sendo resolvida em uma massa de ideias imateriais ou unidades metafísicas de poder, às quais Leibnitz aplicou o termo mônada . Assim, o universo é composto de um número infinito de entidades monádicas separadas que se desdobram espontaneamente por meio da objetivação de qualidades ativas inatas. Todas as coisas são concebidas como consistindo de mônadas únicas de magnitudes variadas ou de agregações desses corpos, que podem existir como substâncias físicas, emocionais, mentais ou espirituais. Deus é a primeira e maior Mônada; o espírito do homem é uma mônada desperta, em contraste com os reinos inferiores, cujos poderes monádicos governantes estão em um estado semi-adormecido.

Embora um produto da escola Leibnitziana-Wolfiana, Immanuel Kant, como Locke, dedicou-se à investigação dos poderes e limites do entendimento humano. O resultado foi sua filosofia crítica, abraçando a crítica da razão pura, a crítica da razão prática e a crítica do julgamento. O Dr. WJ Durant resume a filosofia de Kant na declaração concisa de que ele resgatou a mente da matéria. A mente que Kant concebeu ser a seletora e coordenadora de todas as percepções, que por sua vez são o resultado de sensações se agrupando em torno de algum objeto externo. Na classificação de sensações e ideias, a mente emprega certas categorias: de sentido, tempo e espaço; de entendimento, qualidade, relação, modalidade e causalidade; e a unidade da apercepção. Estando sujeitos a leis matemáticas, tempo e espaço são considerados bases absolutas e suficientes para o pensamento exato. A razão

prática de Kant declarou que, embora a natureza do númeno nunca pudesse ser compreendida pela razão, o fato da moralidade prova a existência de três postulados necessários: livre-arbítrio, imortalidade e Deus. Na crítica do julgamento, Kant demonstra a união do númeno e do fenômeno na arte e na evolução biológica. O superintelectualismo alemão é o resultado de uma ênfase exagerada da teoria de Kant sobre a supremacia autocrática da mente sobre a sensação e o pensamento. A filosofia de Johann Gottlieb Fichte foi uma projeção da filosofia de Kant, na qual ele tentou unir a razão prática de Kant com sua razão pura. Fichte sustentava que o conhecido é meramente o conteúdo da consciência do conhecedor, e que nada pode existir para o conhecedor até que se torne parte desses conteúdos. Nada é realmente real, portanto, exceto os fatos da própria experiência mental.

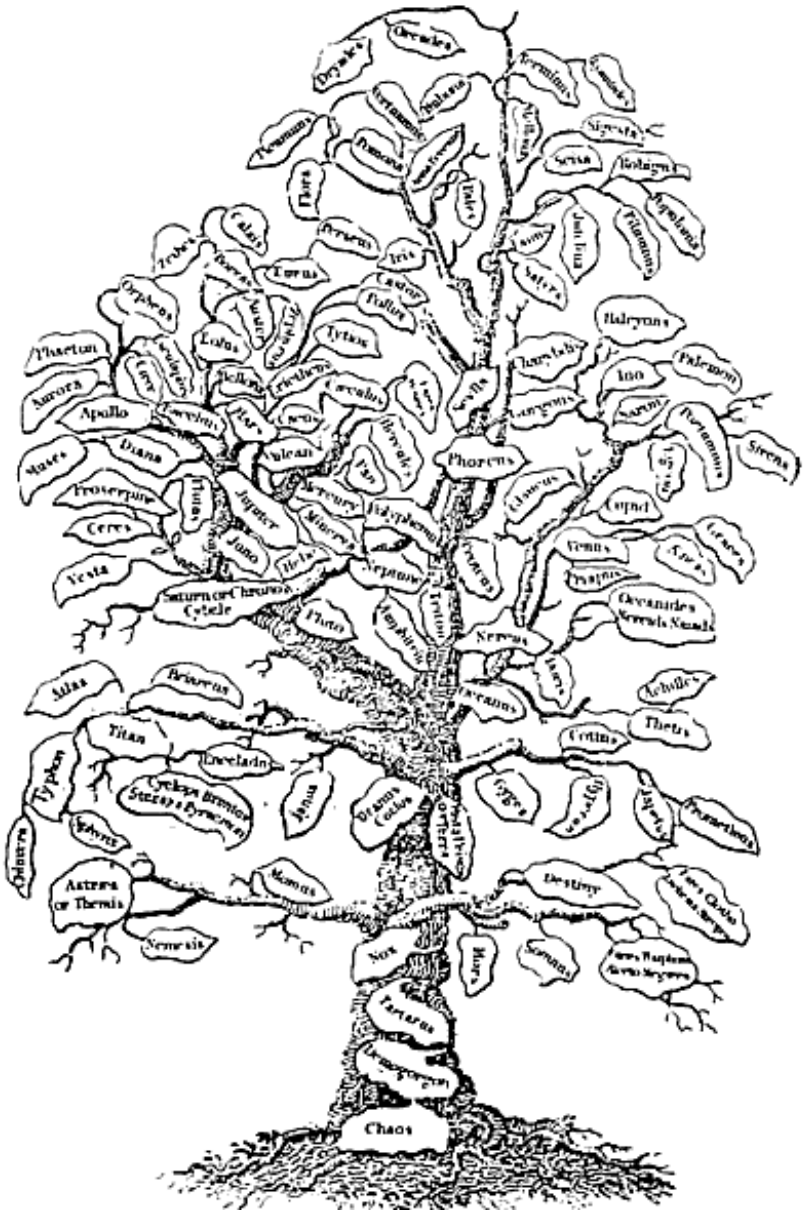
Reconhecendo a necessidade de certas realidades objetivas, Friedrich Wilhelm Joseph von Schelling, que sucedeu Fichte na cadeira de filosofia em Jena, primeiro empregou a doutrina da identidade como base para um sistema completo de filosofia. Enquanto Fichte considerava o eu como o Absoluto, von Schelling concebeu a Mente infinita e eterna como a Causa onipresente. A realização do Absoluto é possibilitada pela intuição intelectual que, sendo um sentido superior ou espiritual, é capaz de se dissociar tanto do sujeito quanto do objeto. As categorias de espaço e tempo de Kant von Schelling concebeu como positivas e negativas, respectivamente, e a existência material como o resultado da ação recíproca dessas duas expressões. Von Schelling também sustentou que o Absoluto em seu processo de autodesenvolvimento procede de acordo com uma lei ou ritmo que consiste em três movimentos. O primeiro, um movimento reflexivo, é a tentativa do Infinito de se incorporar no finito. O segundo, o da subsunção, é a tentativa do Absoluto de retornar ao Infinito após o envolvimento no finito. O terceiro, o da razão, é o ponto neutro onde os dois movimentos anteriores se misturam.

Georg Wilhelm Friedrich Hegel considerou a intuição intelectual de von Schelling filosoficamente infundada e, portanto, voltou sua atenção para o estabelecimento de um sistema de filosofia baseado na lógica pura. De Hegel, foi dito que ele começou do nada e mostrou com precisão lógica como tudo havia procedido a partir disso em ordem lógica. Hegel elevou a lógica a uma posição de suprema importância, de fato como uma qualidade do próprio Absoluto. Deus ele concebeu como um processo de desdobramento que nunca atinge a condição de desdobramento. Da mesma forma, o pensamento não tem começo nem fim. Hegel acreditava ainda que todas as coisas devem sua existência aos seus opostos e que todos os opostos são realmente idênticos. Assim, a única existência é a relação dos opostos entre si, por meio de cujas combinações novos elementos são produzidos. Como a Mente Divina é um processo eterno de pensamento nunca realizado, Hegel ataca o próprio fundamento do teísmo e sua filosofia limita a imortalidade apenas à

Divindade sempre fluente. A evolução é, consequentemente, o fluxo interminável da Consciência Divina para fora de si mesma; toda a criação, embora em movimento contínuo, nunca chega a nenhum estado que não seja o de fluxo incessante.

A filosofia de Johann Friedrich Herbart foi uma reação realista ao idealismo de Fichte e von Schelling. Para Herbart, a verdadeira base da filosofia era a grande massa de fenômenos movendo-se continuamente pela mente humana. O exame dos fenômenos, no entanto, demonstra que uma grande parte deles é irreal, pelo menos incapaz de fornecer à mente a verdade real. Para corrigir as falsas impressões causadas pelos fenômenos e descobrir a realidade, Herbart acreditava ser necessário resolver os fenômenos em elementos separados, pois a realidade existe nos elementos e não no todo. Ele afirmou que os objetos podem ser classificados por três termos gerais: coisa, matéria e mente; o primeiro uma unidade de várias propriedades, o segundo um objeto existente, o terceiro um ser autoconsciente. Todas as três noções dão origem, no entanto, a certas contradições, com cuja solução Herbart está principalmente preocupado. Por exemplo, considere a matéria. Embora capaz de preencher o espaço, se reduzida ao seu estado final, consiste em unidades incompreensivelmente minúsculas de energia divina que não ocupam espaço físico algum.

O verdadeiro assunto da filosofia de Arthur Schopenhauer é a vontade; o objeto de sua filosofia é a elevação da mente ao ponto em que ela é capaz de controlar a vontade. Schopenhauer compara a vontade a um cego forte que carrega em seus ombros o intelecto, que é um homem fraco e coxo que possui o poder da visão. A vontade é a causa incansável da manifestação e cada parte da Natureza é o produto da vontade. O cérebro é o produto da vontade de saber; a mão, o produto da vontade de agarrar. Todas as constituições intelectuais e emocionais do homem são subservientes à vontade e estão amplamente preocupadas com o esforço de justificar os ditames da vontade. Assim, a mente cria sistemas elaborados de pensamento simplesmente para provar a necessidade da coisa desejada. O gênio, no entanto, representa o estado em que o intelecto ganhou supremacia sobre a vontade e a vida é governada pela razão e não pelo impulso. A força do cristianismo, disse Schopenhauer, estava em seu pessimismo e conquista da vontade individual. Seus próprios pontos de vista religiosos se assemelhavam muito aos budistas. Para ele, o Nirvana representava a subjugação da vontade. A vida — a manifestação da vontade cega de viver — ele via como um infortúnio, alegando que o verdadeiro filósofo era aquele que, reconhecendo a sabedoria da morte, resistia ao desejo inerente de reproduzir sua espécie.



A ÁRVORE DA MITOLOGIA CLÁSSICA.

Do livro O Novo Panteão de Hort .

Antes que uma apreciação adequada dos aspectos científicos mais profundos da mitologia grega seja possível, é necessário organizar o panteão grego e dispor seus deuses, deusas e várias hierarquias sobre-humanas em ordem concatenada. Proclus, o grande neoplatônico, em seus comentários sobre a teologia de Platão, dá uma chave inestimável para a sequência das várias divindades em relação à Primeira Causa e aos poderes inferiores que emanam delas mesmas. Quando assim organizadas, as hierarquias divinas podem ser comparadas aos galhos de uma grande árvore. As raízes desta árvore estão firmemente incrustadas no Ser

Incognoscível. O tronco e os galhos maiores da árvore simbolizam os deuses superiores; os galhos e folhas, as inúmeras existências dependentes do primeiro e imutável Poder.

De Friedrich Wilhelm Nietzsche foi dito que sua contribuição peculiar à causa da esperança humana foi a boa nova de que Deus havia morrido de piedade! As características marcantes da filosofia de Nietzsche são sua doutrina da eterna recorrência e a ênfase extrema colocada por ele na vontade de poder — uma projeção da vontade de viver de Schopenhauer. Nietzsche acreditava que o propósito da existência era a produção de um tipo de indivíduo todo-poderoso, designado por ele como super-homem. Este super-homem era o produto de uma cultura cuidadosa, pois se não fosse separado à força da massa e consagrado à produção de poder, o indivíduo afundaria de volta ao nível do medíocre mortal. O amor, disse Nietzsche, deveria ser sacrificado à produção do super-homem e somente aqueles que fossem mais aptos a produzir este tipo extraordinário deveriam se casar. Nietzsche também acreditava no governo da aristocracia, tanto o sangue quanto a criação sendo essenciais para o estabelecimento deste tipo superior. A doutrina de Nietzsche não libertou as massas; em vez disso, colocou sobre eles super-homens pelos quais seus irmãos e irmãs inferiores deveriam estar perfeitamente reconciliados para morrer. Ética e politicamente, o super-homem era uma lei para si mesmo. Para aqueles que entendem o verdadeiro significado do poder como virtude, autocontrole e verdade, a idealidade por trás da teoria de Nietzsche é aparente. Para o superficial, no entanto, é uma filosofia sem coração e calculista, preocupada apenas com a sobrevivência do mais apto.

Das outras escolas alemãs de pensamento filosófico, limitações de espaço impedem menção detalhada. Os desenvolvimentos mais recentes da escola alemã são o freudismo e o relativismo (frequentemente chamado de teoria de Einstein). O primeiro é um sistema de psicanálise por meio de fenômenos psicopáticos e neurológicos; o último ataca a precisão dos princípios mecânicos dependentes da teoria atual da velocidade.

René Descartes está à frente da escola francesa de filosofia e compartilha com Sir Francis Bacon a honra de fundar os sistemas da ciência e filosofia modernas. Assim como Bacon baseou suas conclusões na observação de coisas externas, Descartes fundou sua filosofia metafísica na observação de coisas internas. O cartesianismo (a filosofia de Descartes) primeiro elimina todas as coisas e então substitui como fundamentais aquelas premissas sem as quais a existência é impossível. Descartes definiu uma ideia como aquilo que preenche a mente quando concebemos uma coisa. A verdade de uma ideia deve ser determinada pelos critérios de clareza e distinção. Portanto, Descartes sustentou que uma ideia clara e distinta deve ser verdadeira. Descartes tem a distinção também de desenvolver sua própria filosofia sem recorrer à autoridade. Consequentemente, suas conclusões são construídas a

partir das premissas mais simples e crescem em complexidade à medida que a estrutura de sua filosofia toma forma.

A filosofia positiva de Auguste Comte é baseada na teoria de que o intelecto humano se desenvolve por meio de três estágios de pensamento. O primeiro e mais baixo estágio é teológico; o segundo, metafísico; e o terceiro e mais alto, positivo. Assim, teologia e metafísica são os esforços intelectuais fracos da mente infantil da humanidade e o positivismo é a expressão mental do intelecto adulto. Em seu Cours de Philosophie positive , Comte escreve:

"No estado final, positivo, a mente desistiu da busca vã por noções Absolutas, a origem e o destino do universo, e as causas dos fenômenos, e se aplica ao estudo de suas leis,--isto é, suas relações invariáveis de sucessão e semelhança. Raciocínio e observação, devidamente combinados, são os meios desse conhecimento." A teoria de Comte é descrita como um "enorme sistema de materialismo." De acordo com Comte, antigamente era dito que os céus declaram a glória de Deus, mas agora eles apenas recontam a glória de Newton e Laplace.

Entre as escolas francesas de filosofia estão o Tradicionalismo (frequentemente aplicado ao Cristianismo), que estima a tradição como o fundamento adequado para a filosofia; a escola Sociológica , que considera a humanidade como um vasto organismo social; os Enciclopedistas , cujos esforços para classificar o conhecimento de acordo com o sistema baconiano revolucionaram o pensamento europeu; o Voltairismo , que atacou a origem divina da fé cristã e adotou uma atitude de extremo ceticismo em relação a todos os assuntos relativos à teologia; e o Neocrítico , uma revisão francesa das doutrinas de Immanuel Kant.

Henri Bergson, o intuicionista, sem dúvida o maior filósofo francês vivo, apresenta uma teoria de anti-intelectualismo místico fundada na premissa da evolução criativa. Sua rápida ascensão à popularidade se deve ao seu apelo aos sentimentos mais refinados da natureza humana, que se rebelam contra a desesperança e o desamparo da ciência materialista e da filosofia realista. Bergson vê Deus como a vida lutando continuamente contra as limitações da matéria. Ele até concebe a possível vitória da vida sobre a matéria e, com o tempo, a aniquilação da morte.

Aplicando o método baconiano à mente, John Locke, o grande filósofo inglês, declarou que tudo o que passa pela mente é um objeto legítimo da filosofia mental, e que esses fenômenos mentais são tão reais e válidos quanto os objetos de qualquer outra ciência. Em suas investigações sobre a origem dos fenômenos, Locke se afastou da exigência baconiana de que era necessário primeiro fazer uma história natural dos fatos. A mente era considerada por Locke como vazia até que a experiência fosse inscrita nela. Assim, a mente é construída de impressões recebidas mais reflexão. Locke acreditava que a alma era incapaz de apreensão da Divindade, e a realização ou cognição de Deus pelo homem era meramente uma

inferência da faculdade de raciocínio. David Hume foi o mais entusiasmado e também o mais poderoso dos discípulos de Locke.

Atacando o sensacionalismo de Locke, o bispo George Berkeley substituiu-o por uma filosofia fundada nas premissas fundamentais de Locke, mas que ele desenvolveu como um sistema de idealismo. Berkeley sustentou que as ideias são os objetos reais do conhecimento. Ele declarou impossível aduzir provas de que as sensações são ocasionadas por objetos materiais; ele também tentou provar que a matéria não tem existência. O berkeleianismo sustenta que o universo é permeado e governado pela mente. Assim, a crença na existência de objetos materiais é meramente uma condição mental, e os próprios objetos podem muito bem ser fabricações da mente. Ao mesmo tempo, Berkeley considerou pior do que insanidade questionar a precisão das percepções; pois se o poder das faculdades perceptivas for questionado, o homem é reduzido a uma criatura incapaz de saber, estimar ou perceber qualquer coisa.

No Associacionismo de Hartley e Hume foi avançada a teoria de que a associação de ideias é o princípio fundamental da psicologia e a explicação para todos os fenômenos mentais. Hartley sustentou que se uma sensação for repetida várias vezes, há uma tendência à sua repetição espontânea, que pode ser despertada pela associação com alguma outra ideia, mesmo que o objeto que causou a reação original esteja ausente. O Utilitarismo de Jeremy Bentham, Archdeacon Paley e James e John Stuart Mill declara que o maior bem é aquele que é mais útil para o maior número. John Stuart Mill acreditava que se é possível por meio da sensação assegurar o conhecimento das propriedades das coisas, também é possível por meio de um estado mental mais elevado - isto é, intuição ou razão - obter um conhecimento da verdadeira substância das coisas.

Darwinismo é a doutrina da seleção natural e evolução física. Foi dito de Charles Robert Darwin que ele determinou banir completamente o espírito do universo e fazer da Mente infinita e onipresente em si sinônimo dos poderes onipresentes de uma Natureza impessoal. Agnosticismo e Neo-Hegelianismo também são produtos notáveis desse período de pensamento filosófico. O primeiro é a crença de que a natureza dos últimos é incognoscível; o último um renascimento inglês e americano do idealismo de Hegel.

O Dr. WJ Durant declara que a Grande Obra de Herbert Spencer, Primeiros Princípios , fez dele quase imediatamente o filósofo mais famoso de seu tempo. O Spencerianismo é um positivismo filosófico que descreve a evolução como uma complexidade sempre crescente com o equilíbrio como seu estado mais alto possível. De acordo com Spencer, a vida é um processo contínuo da homogeneidade à heterogeneidade e de volta da heterogeneidade à homogeneidade. A vida também envolve o ajuste contínuo das relações internas às

relações externas. O mais famoso de todos os aforismos de Spencer é sua definição de Divindade: "Deus é inteligência infinita, infinitamente diversificada através do tempo infinito e espaço infinito, manifestando-se através de uma infinidade de individualidades em constante evolução." A universalidade da lei da evolução foi enfatizada por Spencer, que a aplicou não apenas à forma, mas também à inteligência por trás da forma. Em cada manifestação do ser, ele reconheceu a tendência fundamental do desdobramento da simplicidade à complexidade, observando que quando o ponto de equilíbrio é alcançado, é

UMA TRINDADE CRISTÃ.

Dos Antigos Mistérios Descritos de Hone .

Em um esforço para expor em uma figura apropriada a doutrina cristã da Trindade, foi necessário elaborar uma imagem na qual as três pessoas — Pai, Filho e Espírito Santo — fossem separadas e ainda assim uma. Em diferentes partes da Europa podem ser vistas figuras semelhantes à acima, em que três faces estão unidas em uma cabeça. Este é um método legítimo para aqueles capazes de perceber o significado sagrado da cabeça tripla, um grande mistério é revelado. No entanto, na presença de tais aplicações de simbologia na arte cristã, dificilmente é apropriado considerar os filósofos de outras religiões como ignorantes se, como os hindus, eles têm um Brahma de três faces, ou, como os romanos, um Janus de duas faces.

sempre seguido pelo processo de dissolução. De acordo com Spencer, no entanto, a desintegração ocorreu apenas para que a reintegração pudesse seguir em um nível mais alto de ser.

A posição principal na escola italiana de filosofia deve ser concedida a Giordano Bruno, que, após aceitar entusiasticamente a teoria de Copérnico de que o sol é o centro do sistema solar, declarou que o sol era uma estrela e todas as estrelas eram sóis. Na época de Bruno, a Terra era considerada o centro de toda a criação. Consequentemente, quando ele relegou o mundo e o homem a um canto obscuro no espaço, o efeito foi cataclísmico. Pela heresia de afirmar uma multiplicidade de universos e conceber o Cosmos como tão vasto que nenhum credo poderia preenchê-lo, Bruno pagou a perda de sua vida.

O Vicoísmo é uma filosofia baseada nas conclusões de Giovanni Battista Vico, que sustentava que Deus controla Seu mundo não milagrosamente, mas por meio da lei natural. As leis pelas quais os homens se governam, declarou Vico, emanam de uma fonte espiritual dentro da humanidade que está em rapport com a lei da Divindade. Portanto, a lei material é de origem divina e reflete os ditames do Pai Espiritual. A filosofia do Ontologismo desenvolvida por Vincenzo Gioberti (geralmente considerado mais como um teólogo do que um filósofo) postula Deus como o único ser e a origem de todo conhecimento, sendo o conhecimento idêntico à própria Divindade. Deus é consequentemente chamado de Ser; todas as outras manifestações são existências. A verdade deve ser descoberta por meio da reflexão sobre esse mistério.

O mais importante dos filósofos italianos modernos é Benedetto Croce, um idealista hegeliano. Croce concebe as ideias como a única realidade. Ele é antiteológico em seus pontos de vista, não acredita na imortalidade da alma e busca substituir a religião pela ética e pela estética. Entre outros ramos da filosofia italiana, deve-se mencionar o Sensismo (Sensacionalismo), que postula as percepções sensoriais como os únicos canais para a recepção do conhecimento; a Crítica , ou a filosofia do julgamento preciso; e a Neoescolástica , que é um renascimento do Tomismo encorajado pela Igreja Católica Romana.

As duas escolas de destaque da filosofia americana são o Transcendentalismo e o Pragmatismo . O Transcendentalismo, exemplificado nos escritos de Ralph Waldo Emerson, enfatiza o poder do transcendental sobre o físico. Muitos dos escritos de Emerson mostram uma pronunciada influência oriental, particularmente seus ensaios sobre a Superalma e a Lei da Compensação. A teoria do Pragmatismo, embora não seja original do Professor William James, deve sua ampla popularidade como um princípio filosófico aos seus esforços. O Pragmatismo pode ser definido como a doutrina de que o significado e a natureza das coisas devem ser descobertos a partir da consideração de suas consequências. O verdadeiro, de

acordo com James, "é apenas um expediente na maneira como pensamos, assim como 'o certo' é apenas um expediente na maneira como nos comportamos." (Veja seu Pragmatismo .) John Dewey, o Instrumentalista , que aplica a atitude experimental a todos os objetivos da vida, deve ser considerado um comentarista de James. Para Dewey, crescimento e mudança são ilimitados e nenhum final é postulado. A longa residência na América de George Santayana garante a listagem deste grande espanhol entre as fileiras dos filósofos americanos. Defendendo-se com o escudo do ceticismo igualmente das ilusões dos sentidos e dos erros cumulativos das eras, Santayana busca levar a humanidade a um estado mais apreensivo denominado por ele de vida da razão .

(Além das autoridades já citadas, na preparação do resumo anterior dos principais ramos do pensamento filosófico, o presente escritor recorreu à História da Filosofia de Stanley ; Uma Visão Histórica e Crítica da Filosofia Especulativa da Europa no Século XIX de Morell ; Pensadores Modernos e Problemas Presentes de Singer; Filósofos Clássicos Modernos de Rand ; História da Filosofia de Windelband ; Tendências Filosóficas Presentes de Perry ; Palestras sobre Metafísica e Lógica de Hamilton ; e A História da Filosofia de Durant .)

Tendo assim rastreado o desenvolvimento mais ou menos sequencial da especulação filosófica de Tales a James e Bergson, cabe agora direcionar a atenção do leitor para os elementos que levaram e as circunstâncias que acompanham a gênese do pensamento filosófico. Embora os helenos tenham se mostrado peculiarmente receptivos às disciplinas da filosofia, esta ciência das ciências não deve ser considerada indígena a eles. "Embora alguns dos gregos", escreve Thomas Stanley, "tenham desafiado para sua nação a origem da filosofia, ainda assim os mais eruditos deles reconheceram que ela [era] derivada do Oriente." As magníficas instituições de aprendizado hindu, caldeu e egípcio devem ser reconhecidas como a fonte real da sabedoria grega. A última foi modelada após a sombra lançada pelos santuários de Ellora, Ur e Memphis sobre a substância do pensamento de um povo primitivo. Tales, Pitágoras e Platão em suas andanças filosóficas contataram muitos cultos distantes e trouxeram de volta a tradição do Egito e do inescrutável Oriente.

De fatos indiscutíveis como estes, é evidente que a filosofia emergiu dos Mistérios religiosos da antiguidade, não sendo separada da religião até depois da decadência dos Mistérios. Portanto, aquele que deseja sondar as profundezas do pensamento filosófico deve se familiarizar com os ensinamentos daqueles sacerdotes iniciados designados como os primeiros guardiões da revelação divina. Os Mistérios alegavam ser os guardiões de um conhecimento transcendental tão profundo a ponto de ser incompreensível, exceto para o intelecto mais exaltado, e tão potente a ponto de ser revelado com segurança apenas para aqueles em quem a ambição pessoal estava morta e que haviam consagrado suas vidas ao serviço altruísta da humanidade. Tanto a dignidade dessas instituições sagradas quanto a validade de

sua reivindicação de posse da Sabedoria Universal são atestadas pelos filósofos mais ilustres da antiguidade, que foram eles próprios iniciados nas profundezas da doutrina secreta e que deram testemunho de sua eficácia.

A questão pode ser legitimamente proposta: Se essas antigas instituições místicas eram de tal "grande cerne e momento", por que há tão pouca informação disponível agora sobre elas e os arcanos que alegavam possuir? A resposta é bastante simples: Os Mistérios eram sociedades secretas, vinculando seus iniciados a um segredo inviolável e vingando com a morte a traição de suas sagradas confianças. Embora essas escolas fossem a verdadeira inspiração das várias doutrinas promulgadas pelos antigos filósofos, a fonte dessas doutrinas nunca foi revelada aos profanos. Além disso, com o passar do tempo, os ensinamentos tornaram-se tão inextricavelmente ligados aos nomes de seus disseminadores que a fonte real, mas recôndita - os Mistérios - passou a ser totalmente ignorada.

Simbolismo é a linguagem dos Mistérios; na verdade, é a linguagem não apenas do misticismo e da filosofia, mas de toda a Natureza, pois toda lei e poder ativo no procedimento universal é manifestado às percepções sensoriais limitadas do homem por meio do símbolo. Toda forma existente na esfera diversificada do ser é simbólica da atividade divina pela qual é produzida. Por símbolos, os homens sempre buscaram comunicar uns aos outros aqueles pensamentos que transcendem as limitações da linguagem. Rejeitando dialetos concebidos pelo homem como inadequados e indignos de perpetuar ideias divinas, os Mistérios escolheram o simbolismo como um método muito mais engenhoso e ideal de preservar seu conhecimento transcendental. Em uma única figura, um símbolo pode revelar e ocultar, pois para o sábio o assunto do símbolo é óbvio, enquanto para o ignorante a figura permanece inescrutável. Portanto, aquele que busca desvendar a doutrina secreta da antiguidade deve procurar essa doutrina não nas páginas abertas de livros que podem cair nas mãos dos indignos, mas no lugar onde ela foi originalmente oculta.

Os iniciados da antiguidade eram previdentes. Eles perceberam que as nações vêm e vão, que os impérios sobem e descem, e que as eras de ouro da arte, ciência e idealismo são sucedidas pelas eras das trevas da superstição. Com as necessidades da posteridade em mente, os sábios da antiguidade foram a extremos inconcebíveis para garantir que seu conhecimento fosse preservado. Eles o gravaram na face das montanhas e o esconderam dentro das medidas de imagens colossais, cada uma das quais era uma maravilha geométrica. Seu conhecimento de química e matemática eles esconderam dentro de mitologias que os ignorantes perpetuariam, ou nos vãos e arcos de seus templos que o tempo não obliterou completamente. Eles escreveram em caracteres que nem o vandalismo dos homens nem a crueldade dos elementos poderiam apagar completamente. Hoje, os homens olham com admiração e reverência para os poderosos Memnons, sozinhos nas areias do

Egito, ou para as estranhas pirâmides em terraços de Palanque. Esses são testemunhos mudos das artes e ciências perdidas da antiguidade; e essa sabedoria deve permanecer oculta até que esta raça tenha aprendido a ler a linguagem universal: o SIMBOLISMO.

O livro ao qual esta é a introdução é dedicado à proposição de que oculta nas figuras emblemáticas, alegorias e rituais dos antigos está uma doutrina secreta sobre os mistérios internos da vida, doutrina essa que foi preservada in toto entre um pequeno grupo de mentes iniciadas desde o início do mundo. Partindo, esses filósofos iluminados deixaram suas fórmulas para que outros também pudessem atingir o entendimento. Mas, para que esses processos secretos não caíssem em mãos incultas e fossem pervertidos, o Grande Arcano sempre esteve oculto em símbolo ou alegoria; e aqueles que podem hoje descobrir suas chaves perdidas podem abrir com elas um tesouro de verdades filosóficas, científicas e religiosas.

O OVO ÓRFICO.

De Uma Análise da Mitologia Antiga, de Bryant

O antigo símbolo dos Mistérios Órficos era o ovo entrelaçado com uma serpente, que significava o Cosmos como cercado pelo Espírito Criativo ígneo. O ovo também representa a alma do filósofo; a serpente, os Mistérios. No momento da iniciação, a casca é quebrada. e o homem emerge do estado embrionário da existência física em que ele permaneceu durante o período fetal da regeneração filosófica.

Os Antigos Mistérios e Sociedades Secretas

Que influenciaram o simbolismo maçônico moderno

QUANDO confrontados com um problema envolvendo o uso das faculdades de raciocínio, indivíduos de forte intelecto mantêm sua compostura e buscam chegar a uma solução obtendo fatos que abordem a questão. Aqueles de mentalidade imatura, por outro lado, quando confrontados de forma semelhante, ficam sobrecarregados. Enquanto os primeiros podem ser qualificados para resolver o enigma de seu próprio destino, os últimos devem ser conduzidos como um rebanho de ovelhas e ensinados em linguagem simples. Eles dependem quase inteiramente dos cuidados do pastor. O apóstolo Paulo disse que esses pequenos devem ser alimentados com leite, mas que a carne é o alimento dos homens fortes. A falta de pensamento é quase sinônimo de infantilidade, enquanto a reflexão é simbólica de maturidade.

Há, no entanto, poucas mentes maduras no mundo; e foi assim que as doutrinas filosófico-religiosas dos pagãos foram divididas para atender às necessidades desses dois grupos fundamentais do intelecto humano — um filosófico, o outro incapaz de apreciar os mistérios mais profundos da vida. Aos poucos perspicazes foram revelados os ensinamentos esotéricos , ou espirituais, enquanto os muitos não qualificados receberam apenas as interpretações literais, ou exotéricas . Para simplificar as grandes verdades da Natureza e os princípios abstratos da lei natural, as forças vitais do universo foram personificadas, tornando-se os deuses e deusas das mitologias antigas. Enquanto as multidões ignorantes traziam suas oferendas aos altares de Príapo e Pã (divindades que representam as energias procriativas), os sábios reconheciam nessas estátuas de mármore apenas concreções simbólicas de grandes verdades abstratas.

Em todas as cidades do mundo antigo havia templos para adoração pública e oferendas. Em cada comunidade também havia filósofos e místicos, profundamente versados na sabedoria da Natureza. Esses indivíduos geralmente se reuniam, formando escolas filosóficas e religiosas isoladas. Os mais importantes desses grupos eram conhecidos como Mistérios . Muitas das grandes mentes da antiguidade foram iniciadas nessas fraternidades secretas por ritos estranhos e misteriosos, alguns dos quais eram extremamente cruéis. Alexander Wilder define os Mistérios como "dramas sagrados realizados em períodos determinados. Os mais

celebrados foram os de Ísis, Sabázio, Cibele e Eleusis". Depois de serem admitidos, os iniciados eram instruídos na sabedoria secreta que havia sido preservada por eras. Platão, um iniciado de uma dessas ordens sagradas, foi severamente criticado porque em seus escritos revelou ao público muitos dos princípios filosóficos secretos dos Mistérios.

Cada nação pagã tinha (e tem) não apenas sua religião de estado, mas outra na qual somente os eleitos filosóficos ganharam entrada. Muitos desses cultos antigos desapareceram da Terra sem revelar seus segredos, mas alguns sobreviveram ao teste das eras e seus símbolos misteriosos ainda são preservados. Muito do ritualismo da Maçonaria é baseado nos testes aos quais os candidatos eram submetidos pelos antigos hierofantes antes que as chaves da sabedoria fossem confiadas a eles.

Poucos percebem até que ponto as antigas escolas secretas influenciaram os intelectos contemporâneos e, por meio dessas mentes, a posteridade. Robert Macoy, 33°, em sua História Geral da Maçonaria , presta uma homenagem magnífica ao papel desempenhado pelos antigos Mistérios na construção do edifício da cultura humana. Ele diz, em parte: "Parece que toda a perfeição da civilização e todo o avanço feito na filosofia, ciência e arte entre os antigos são devidos àquelas instituições que, sob o véu do mistério, buscavam ilustrar as verdades mais sublimes da religião, moralidade e virtude, e imprimi-las nos corações de seus discípulos.* * * Seu principal objetivo era ensinar a doutrina de um Deus, a ressurreição do homem para a vida eterna, a dignidade da alma humana e levar o povo a ver a sombra da divindade, na beleza, magnificência e esplendor do universo."

Com o declínio da virtude, que precedeu a destruição de todas as nações da história, os Mistérios se perverteram. A feitiçaria tomou o lugar da magia divina. Práticas indescritíveis (como as Bacanais) foram introduzidas, e a perversão reinou suprema; pois nenhuma instituição pode ser melhor do que os membros dos quais é composta. Em desespero, os poucos que eram verdadeiros buscaram preservar as doutrinas secretas do esquecimento. Em alguns casos, eles tiveram sucesso, mas mais frequentemente o arcano foi perdido e apenas a casca vazia dos Mistérios permaneceu

Thomas Taylor escreveu: "O homem é naturalmente um animal religioso." Desde o início de sua consciência, o homem tem adorado e reverenciado coisas como símbolos da Coisa invisível, onipresente e indescritível , sobre a qual ele não conseguia descobrir praticamente nada. Os Mistérios pagãos se opuseram aos cristãos durante os primeiros séculos de sua igreja, declarando que a nova fé (cristianismo) não exigia virtude e integridade como requisitos para a salvação. Celso se expressou sobre o assunto nos seguintes termos cáusticos:

"Que eu não acuso os cristãos mais amargamente do que a verdade obriga, pode ser conjecturado a partir disto, que os pregoeiros que chamam os homens para outros mistérios proclamam o seguinte: 'Aproxime-se aquele cujas mãos são puras e cujas palavras são sábias.' E novamente, outros proclamam: 'Aproxime-se aquele que é puro de toda maldade, cuja alma não está consciente de nenhum mal e que leva uma vida justa e correta.' E essas coisas são proclamadas por aqueles que prometem uma purificação do erro. Vamos agora ouvir quem são aqueles que são chamados para os mistérios cristãos: Quem é pecador, quem é insensato, quem é tolo e quem, em suma, é miserável, a ele o reino de Deus receberá. Você não chama, portanto, um pecador, um homem injusto, um ladrão, um arrombador, um mago, alguém que é sacrílego e um ladrão de sepulcros? Que outras pessoas o pregoeiro nomearia, que deveriam reunir os ladrões?"

Não foi a verdadeira fé dos primeiros místicos cristãos que Celso atacou, mas as falsas formas que estavam se infiltrando até mesmo durante seus dias. Os ideais do cristianismo primitivo eram baseados nos altos padrões morais dos Mistérios pagãos, e os primeiros cristãos que se encontraram sob a cidade de Roma usaram como seus locais de adoração os templos subterrâneos de Mitra, de cujo culto foi emprestado muito do sacerdotalismo da igreja moderna.

Os antigos filósofos acreditavam que nenhum homem poderia viver inteligentemente se não tivesse um conhecimento fundamental da Natureza e suas leis. Antes que o homem possa obedecer, ele deve entender, e os Mistérios eram dedicados a instruir o homem sobre a operação da lei divina na esfera terrestre. Poucos dos primeiros cultos realmente adoravam divindades antropomórficas, embora seu simbolismo possa levar alguém a acreditar que o faziam. Eles eram moralistas em vez de religiosos; filosóficos em vez de teológicos. Eles ensinavam o homem a usar suas faculdades de forma mais inteligente, a ser paciente diante da adversidade, a ser corajoso quando confrontado pelo perigo, a ser verdadeiro em meio à tentação e, acima de tudo, a ver uma vida digna como o sacrifício mais aceitável a Deus, e seu corpo como um altar sagrado para a Divindade.

A adoração ao Sol desempenhou um papel importante em quase todos os primeiros Mistérios pagãos. Isso indica a probabilidade de sua origem atlante, pois o povo da Atlântida era adorador do Sol. A Divindade Solar era geralmente personificada como um belo jovem, com longos cabelos dourados para simbolizar os raios do sol. Este Deus Sol dourado foi morto por rufiões perversos, que personificavam o princípio maligno do universo. Por meio de certos rituais e cerimônias, simbólicos de purificação e regeneração, este maravilhoso Deus do Bem foi trazido de volta à vida e se tornou o Salvador de Seu povo. Os processos secretos pelos quais Ele foi ressuscitado simbolizavam aquelas culturas por meio das quais o homem é capaz de superar sua natureza inferior, dominar seus apetites e dar expressão ao lado superior de si mesmo. Os Mistérios foram organizados com o propósito de auxiliar a

criatura humana em dificuldades a despertar os poderes espirituais que, cercados pela chama

UMA HIEROFANTE FEMININA DOS MISTÉRIOS.

Das Antiguidades de Montfaucon .

Esta ilustração mostra Cibele, aqui chamada de Deusa Síria, nas vestes de um hierofante. Montfaucon descreve a figura da seguinte forma: "Sobre sua cabeça há uma mitra episcopal, adornada na parte inferior com torres e pináculos; sobre o portão da cidade há um crescente, e abaixo do circuito das muralhas uma coroa de raios. A Deusa usa uma espécie de sobrepeliz, exatamente como a sobrepeliz de um padre ou bispo; e sobre a sobrepeliz uma túnica, que cai até as pernas; e sobre tudo uma capa episcopal, com os doze signos do Zodíaco trabalhados nas bordas. A figura tem um leão de cada lado, e segura em sua mão esquerda um Tímpano, um Sistrum, uma Roca, um Caduceu e outro instrumento. Em sua mão direita ela segura com seu dedo médio um raio, e sobre o mesmo estão animais, insetos e, até onde podemos imaginar, flores, frutas, um arco, uma aljava, uma tocha e uma foice." O paradeiro da estátua é desconhecido, a cópia reproduzida por Montfaucon é baseada em desenhos de Pirro Ligorio.

anel de luxúria e degeneração, dormia dentro de sua alma. Em outras palavras, foi oferecido ao homem um caminho pelo qual ele poderia recuperar seu estado perdido. (Veja Siegfried de Wagner .)

No mundo antigo, quase todas as sociedades secretas eram filosóficas e religiosas. Durante os séculos medievais, elas eram principalmente religiosas e políticas, embora algumas escolas filosóficas permanecessem. Nos tempos modernos, as sociedades secretas, nos países ocidentais, são amplamente políticas ou fraternais, embora em algumas delas, como na Maçonaria, os antigos princípios religiosos e filosóficos ainda sobrevivam.

O espaço proíbe uma discussão detalhada das escolas secretas. Havia literalmente dezenas desses cultos antigos, com filiais em todas as partes dos mundos oriental e ocidental. Alguns, como os de Pitágoras e os hermetistas, mostram uma decidida influência oriental, enquanto os rosacruzes, de acordo com suas próprias proclamações, ganharam muito de sua sabedoria de místicos árabes. Embora as escolas de mistérios sejam geralmente associadas à civilização, há evidências de que os povos mais incivilizados dos tempos pré-históricos tinham conhecimento delas. Nativos de ilhas distantes, muitos nas formas mais baixas de selvageria, têm rituais místicos e práticas secretas que, embora primitivas, são de um decidido tom maçônico.

OS MISTÉRIOS DRUÍDICOS DA GRÃ-BRETANHA E DA GÁLIA

"Os habitantes originais e primitivos da Grã-Bretanha, em algum período remoto, reviveram e reformaram seus institutos nacionais. Seu sacerdote, ou instrutor, até então era simplesmente chamado de Gwydd, mas foi considerado necessário dividir esse ofício entre o sacerdote nacional, ou superior, e outro cuja influência [seria] mais limitada. Daí em diante, o primeiro se tornou Der-Wydd (Druida), ou instrutor superior, e [o último] Go-Wydd, ou O-Vydd (Ovate), instrutor subordinado; e ambos passaram a ser conhecidos pelo nome geral de Beirdd (Bardos), ou professores de sabedoria. À medida que o sistema amadureceu e aumentou, a Ordem Bárdica consistiu em três classes, os Druidas, Beirdd Braint, ou Bardos privilegiados, e Ovates." (Veja Samuel Meyrick e Charles Smith, The Costume of The Original Inhabitants of The British Islands .)

A origem da palavra Druida é disputada. Max Müller acredita que, como a palavra irlandesa Drui , ela significa "os homens dos carvalhos". Ele ainda chama a atenção para o fato de que os deuses da floresta e divindades das árvores dos gregos eram chamados de dríades . Alguns acreditam que a palavra seja de origem teutônica; outros a atribuem ao galês. Alguns a rastreiam até o gaélico druidh , que significa "um homem sábio" ou "um feiticeiro". Em sânscrito, a palavra dru significa "madeira".

Na época da conquista romana, os druidas estavam completamente entrincheirados na Grã-Bretanha e na Gália. Seu poder sobre o povo era inquestionável, e houve casos em que exércitos, prestes a atacar uns aos outros, embainharam suas

espadas quando ordenados a fazê-lo pelos druidas vestidos de branco. Nenhum empreendimento de grande importância foi realizado sem a assistência desses patriarcas, que atuavam como mediadores entre os deuses e os homens. A Ordem Druídica é merecidamente creditada por ter tido um profundo entendimento da Natureza e de suas leis. A Encyclopædia Britannica afirma que geografia, ciência física, teologia natural e astrologia eram seus estudos favoritos. Os druidas tinham um conhecimento fundamental da medicina, especialmente o uso de ervas e simples . Instrumentos cirúrgicos rudimentares também foram encontrados na Inglaterra e na Irlanda. Um estranho tratado sobre a medicina britânica primitiva afirma que todo praticante deveria ter um jardim ou quintal para o cultivo de certas ervas necessárias à sua profissão. Eliphas Levi, o célebre transcendentalista, faz a seguinte declaração significativa:

"Os druidas eram sacerdotes e médicos, curando por magnetismo e carregando amíletos com sua influência fluídica. Seus remédios universais eram o visco e os ovos de serpente, porque essas substâncias atraem a luz astral de uma maneira especial. A solenidade com que o visco foi cortado atraiu a confiança popular sobre essa planta e a tornou poderosamente magnética. * * * O progresso do magnetismo algum dia nos revelará as propriedades absorventes do visco. Então entenderemos o segredo desses crescimentos esponjosos que atraíram as virtudes não utilizadas das plantas e se tornaram sobrecarregados com tinturas e sabores. Cogumelos, trufas, fel em árvores e os diferentes tipos de visco serão empregados com compreensão por uma ciência médica, que será nova porque é velha * * * mas não se deve mover mais rápido do que a ciência, que recua para que possa avançar mais. " (Veja A História da Magia .)

O visco não era apenas sagrado como símbolo da medicina universal, ou panaceia, mas também pelo fato de crescer no carvalho. Por meio do símbolo do carvalho, os druidas adoravam a Divindade Suprema; portanto, qualquer coisa que crescesse naquela árvore era sagrada para Ele. Em certas estações, de acordo com as posições do sol, da lua e das estrelas, o Arquidruida subia no carvalho e cortava o visco com uma foice dourada consagrada para esse serviço. O crescimento parasitário era capturado em panos brancos fornecidos para esse propósito, para que não tocasse a terra e fosse poluído por vibrações terrestres. Normalmente, um sacrifício de um touro branco era feito sob a árvore.

Os druidas eram iniciados de uma escola secreta que existia em seu meio. Esta escola, que se assemelhava muito aos Mistérios Báquicos e Eleusinos da Grécia ou aos ritos egípcios de Ísis e Osíris, é justamente designada como Mistérios Druídicos . Houve muita especulação sobre a sabedoria secreta que os druidas alegavam possuir. Seus ensinamentos secretos nunca foram escritos, mas foram comunicados oralmente a candidatos especialmente preparados. Robert Brown, 32°, é da opinião de que os padres britânicos obtiveram suas informações de navegadores tírios e fenícios que, milhares de anos antes da Era Cristã, estabeleceram colônias na Grã-Bretanha e na Gália enquanto procuravam por estanho. Thomas Maurice, em suas Antiguidades Indianas , discursa longamente sobre expedições fenícias, cartaginesas e gregas às Ilhas Britânicas com o propósito de obter estanho. Outros são da opinião de que os Mistérios celebrados pelos druidas eram de origem oriental, possivelmente budista.

A proximidade das Ilhas Britânicas com a perdida Atlântida pode ser responsável pela adoração ao sol que desempenha um papel importante nos rituais do druidismo. De acordo com Artemidoro, Ceres e Perséfone eram adoradas em uma ilha próxima à Grã-Bretanha com ritos e cerimônias semelhantes aos da Samotrácia. Não há dúvida de que o Panteão Druídico inclui um grande número de divindades gregas e romanas. Isso surpreendeu muito César durante sua conquista da Grã-Bretanha e da Gália, e o fez afirmar que essas tribos adoravam Mercúrio, Apolo, Marte e Júpiter, de uma maneira semelhante à dos países latinos. É quase certo que os Mistérios Druídicos não eram indígenas da Grã-Bretanha ou da Gália, mas migraram de uma das civilizações mais antigas.

A escola dos druidas era dividida em três partes distintas, e os ensinamentos secretos nela incorporados são praticamente os mesmos que os mistérios ocultos sob as alegorias da Maçonaria da Loja Azul. A mais baixa das três divisões era a de Ovate (Ovydd). Este era um grau honorário, não exigindo purificação ou preparação especial. Os Ovates se vestiam de verde, a cor druídica do aprendizado, e esperava-se que soubessem algo sobre medicina, astronomia, poesia, se possível, e às vezes música. Um Ovate era um indivíduo admitido na Ordem Druídica por causa de sua excelência geral e conhecimento superior sobre os problemas da vida.

A segunda divisão era a de Bard (Beirdd). Seus membros eram vestidos de azul-celeste, para representar harmonia e verdade, e a eles era atribuído o trabalho de memorizar, pelo menos em parte, os vinte mil versos da poesia sagrada druídica. Eles eram frequentemente retratados com a primitiva harpa britânica ou irlandesa - um instrumento encordoado com cabelo humano e com tantas cordas quantas costelas havia em um lado do corpo humano. Esses Bardos eram frequentemente escolhidos como professores de candidatos que buscavam entrada nos Mistérios Druídicos. Os neófitos usavam vestes listradas de azul, verde e branco, sendo essas as três cores sagradas da Ordem Druídica.

A terceira divisão era a dos Druidas (Derwyddon). Seu trabalho particular era ministrar às necessidades religiosas do povo. Para atingir essa dignidade, o candidato deve primeiro se tornar um Bardo Braint. Os Druidas sempre se vestiam de branco — símbolo de sua pureza, e a cor usada por eles para simbolizar o sol.

Para atingir a posição exaltada de Arqui-Druida , ou chefe espiritual da organização, era necessário que um sacerdote passasse pelos seis graus sucessivos da Ordem Druídica. (Os membros dos diferentes graus eram diferenciados pelas cores de suas faixas, pois todos usavam túnicas brancas.) Alguns escritores são da opinião de que o título de Arqui-Druida era hereditário, descendo de pai para filho, mas é mais provável que a honra fosse conferida por eleição por cédula. Seu destinatário era escolhido por suas virtudes e

O ARQUIDRUIDA EM SUAS TÚNICAS CERIMONIAIS.

Do livro Ancient Cymric Medicine de Wellcome .

O adorno mais marcante do Arquidruida era o iodhan moran , ou peitoral do julgamento, que possuía o misterioso Poder de estrangular qualquer um que fizesse uma declaração falsa enquanto o usava. Godfrey Higgins afirma que este peitoral era colocado no pescoço de testemunhas para testar a veracidade de suas evidências. A tiara druídica , ou anguinum , com sua frente gravada com vários pontos para representar os raios do sol, indicava que o sacerdote era uma personificação do sol nascente. Na frente de seu cinto, o Arquidruida usava o liath meisicith — um broche mágico, ou fivela, no centro do qual havia uma grande pedra branca. A isto foi atribuído o poder de atrair o fogo dos deuses do céu ao comando do sacerdote. Esta pedra especialmente cortada era um vidro em chamas, pelo qual os raios do sol eram concentrados para acender o fogo do altar. Os druidas também tinham outros instrumentos simbólicos, como a foice dourada de formato peculiar com a qual cortavam o visco do carvalho, e o cornan , ou cetro, na forma de um crescente, simbólico do sexto dia da lua crescente e também da Arca de Noé. Um antigo iniciado dos Mistérios Druídicos relatou que a admissão à cerimônia da meia-noite era obtida por meio de um barco de vidro, chamado Cwrwg Gwydrin . Este barco simbolizava a lua, que, flutuando sobre as águas da eternidade, preservava as sementes de criaturas vivas dentro de seu crescente semelhante a um barco.

integridade dos membros mais eruditos dos graus druídicos mais elevados.

De acordo com James Gardner, havia geralmente dois Arquidruidas na Grã-Bretanha, um residindo na Ilha de Anglesea e o outro na Ilha de Man. Presumivelmente, havia outros na Gália. Esses dignitários geralmente carregavam cetros de ouro e eram coroados com grinaldas de folhas de carvalho, símbolo de sua autoridade. Os membros mais jovens da Ordem Druídica eram barbeados e modestamente vestidos, mas os mais velhos tinham longas barbas grisalhas e usavam magníficos ornamentos dourados. O sistema educacional dos Druidas na Grã-Bretanha era superior ao de seus colegas no Continente e, consequentemente, muitos dos jovens gauleses eram enviados para as faculdades druídicas na Grã-Bretanha para sua instrução e treinamento filosófico.

Eliphas Levi afirma que os druidas viviam em estrita abstinência, estudavam ciências naturais, preservavam o mais profundo segredo e admitiam novos membros somente após longos períodos probatórios. Muitos dos sacerdotes da ordem viviam em edifícios não muito diferentes dos mosteiros do mundo moderno. Eles estavam associados em grupos como os ascetas do Extremo Oriente. Embora o celibato não fosse exigido deles, poucos se casavam. Muitos dos druidas se aposentavam do mundo e viviam como reclusos em cavernas, em casas de pedra bruta ou em pequenos barracos construídos nas profundezas de uma floresta. Ali eles rezavam e se medicavam, saindo apenas para cumprir seus deveres religiosos.

James Freeman Clarke, em seu livro Ten Great Religions , descreve as crenças dos druidas da seguinte forma: "Os druidas acreditavam em três mundos e na transmigração de um para o outro: em um mundo acima deste, no qual a felicidade predominava; um mundo abaixo, de miséria; e este estado presente. Esta transmigração era para punir e recompensar e também para purificar a alma. No mundo presente, disseram eles, o Bem e o Mal são tão exatamente equilibrados que o homem tem a máxima liberdade e é capaz de escolher ou rejeitar qualquer um deles. As Tríades Galesas nos dizem que há três objetos da metempsicose: coletar na alma as propriedades de todos os seres, adquirir um conhecimento de todas as coisas e obter poder para vencer o mal. Há também, dizem eles, três tipos de conhecimento: conhecimento da natureza de cada coisa, de sua causa e sua influência. Há três coisas que continuamente diminuem: escuridão, falsidade e morte. Há três que aumentam constantemente: luz, vida e verdade."

Como quase todas as escolas dos Mistérios, os ensinamentos dos Druidas eram divididos em duas seções distintas. O mais simples, um código moral, era ensinado a todas as pessoas, enquanto a doutrina mais profunda e esotérica era dada apenas aos sacerdotes iniciados. Para ser admitido na ordem, era necessário que o candidato fosse de boa família e de alto caráter moral. Nenhum segredo importante era confiado a ele até que ele tivesse sido tentado de muitas maneiras e sua força

de caráter severamente testada. Os Druidas ensinavam o povo da Bretanha e da Gália sobre a imortalidade da alma. Eles acreditavam na transmigração e aparentemente na reencarnação. Eles tomavam emprestado em uma vida, prometendo pagar de volta na próxima. Eles acreditavam em um tipo de inferno purgatorial onde seriam purgados de seus pecados, depois passando para a felicidade da unidade com os deuses. Os Druidas ensinavam que todos os homens seriam salvos, mas que alguns deveriam retornar à Terra muitas vezes para aprender as lições da vida humana e superar o mal inerente de suas próprias naturezas.

Antes que um candidato fosse incumbido das doutrinas secretas dos druidas, ele era obrigado a um voto de segredo. Essas doutrinas eram transmitidas apenas nas profundezas das florestas e na escuridão das cavernas. Nesses lugares, longe dos assombrações dos homens, o neófito era instruído sobre a criação do universo, as personalidades dos deuses, as leis da natureza, os segredos da medicina oculta, os mistérios dos corpos celestes e os rudimentos da magia e feitiçaria. Os druidas tinham um grande número de dias festivos. A lua nova e cheia e o sexto dia da lua eram períodos sagrados. Acredita-se que as iniciações ocorriam apenas nos dois solstícios e nos dois equinócios. Ao amanhecer do dia 25 de dezembro, o nascimento do Deus Sol era celebrado.

Dizem alguns que os ensinamentos secretos dos druidas são tingidos com a filosofia pitagórica. Os druidas tinham uma Madonna, ou Virgem Mãe, com uma Criança nos braços, que era sagrada para seus Mistérios; e seu Deus Sol era ressuscitado na época do ano correspondente àquela em que os cristãos modernos celebram a Páscoa.

Tanto a cruz quanto a serpente eram sagradas para os druidas, que fizeram a primeira cortando todos os galhos de um carvalho e prendendo um deles ao tronco principal na forma da letra T. Esta cruz de carvalho tornou-se um símbolo de sua divindade superior. Eles também adoravam o sol, a lua e as estrelas. A lua recebia sua veneração especial. César declarou que Mercúrio era uma das principais divindades dos gauleses. Acredita-se que os druidas adoravam Mercúrio sob a semelhança de um cubo de pedra. Eles também tinham grande veneração pelos espíritos da Natureza (fadas, gnomos e ondinas), pequenas criaturas das florestas e rios a quem muitas oferendas eram feitas. Descrevendo os templos dos druidas, Charles Heckethorn, em The Secret Societies of All Ages & Countries , diz:

"Seus templos, onde o fogo sagrado era preservado, geralmente ficavam em eminências e em densos bosques de carvalhos, e assumiam várias formas: circular, porque o círculo era o emblema do universo; oval, em alusão ao ovo mundano, do qual surgia, de acordo com as tradições de muitas nações, o universo ou, de acordo com outros, nossos primeiros pais; serpentino, porque a serpente era o símbolo de

Hu, o Osíris druida; cruciforme, porque a cruz é um emblema da regeneração; ou alado, para representar o movimento do Espírito Divino. * * * Suas principais divindades eram redutíveis a duas: um homem e uma mulher, o grande pai e a mãe: Hu e Ceridwen, distinguidos pelas mesmas características que pertencem a Osíris e Ísis, Baco e Ceres, ou qualquer outro deus e deusa supremos que representasse os dois princípios de todo o Ser."

Godfrey Higgins afirma que Hu , o Poderoso, considerado o primeiro colonizador da Grã-Bretanha, veio de um lugar que as Tríades Galesas chamam de País do Verão, o atual local de Constantinopla. Albert Pike diz que a Palavra Perdida da Maçonaria está oculta no nome do deus druida Hu . As escassas informações existentes sobre as iniciações secretas dos druidas indicam uma semelhança decidida entre sua escola de Mistérios e as escolas da Grécia e do Egito. Hu , o Deus Sol, foi assassinado e, após uma série de estranhas provações e rituais místicos, foi restaurado à vida.

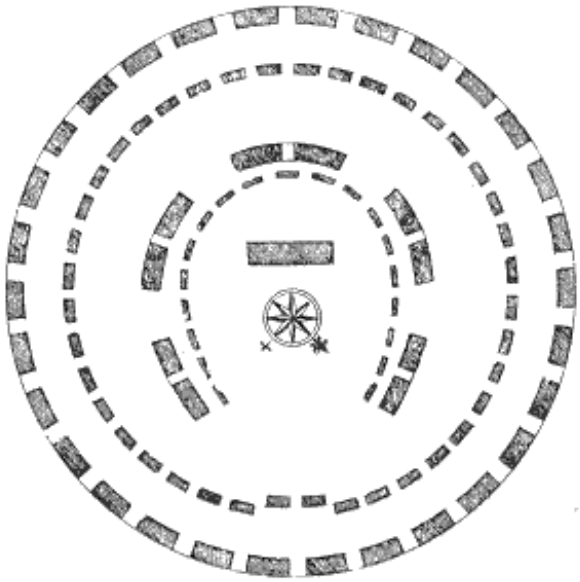
Havia três graus dos Mistérios Druídicos, mas poucos passaram com sucesso em todos eles. O candidato era enterrado em um caixão, como símbolo da morte do Deus Sol. O teste supremo, no entanto, era ser enviado para o mar em um barco aberto. Enquanto passavam por essa provação, muitos perderam suas vidas. Taliesin, um antigo estudioso, que passou pelos Mistérios, descreve a iniciação do barco aberto na Idolatria Pagã de Faber . Dizia-se que os poucos que passavam por esse terceiro grau "nasciam de novo" e eram instruídos nas verdades secretas e ocultas que os sacerdotes druidas haviam preservado desde a antiguidade. Destes iniciados foram escolhidos muitos dos dignitários do mundo religioso e político britânico. (Para mais detalhes, veja Idolatria Pagã de Faber, Morals and Dogma de Albert Pike e Druidas Celtas de Godfrey Higgins .)

OS RITOS DE MITRAS

Quando os Mistérios Persas imigraram para o sul da Europa, eles foram rapidamente assimilados pela mente latina. O culto cresceu rapidamente, especialmente entre os soldados romanos, e durante as guerras romanas de conquista, os ensinamentos foram levados pelos legionários para quase todas as partes da Europa. O culto a Mitra se tornou tão poderoso que pelo menos um Imperador Romano foi iniciado na ordem, que se reunia em cavernas sob a cidade de Roma. Sobre a disseminação desta escola de Mistérios por diferentes partes da Europa, CW King, em seu Gnostics and Their Remains , diz:

"Baixos-relevos mitraicos esculpidos em rochas ou em tábuas de pedra ainda são abundantes nos países que antes eram províncias ocidentais do Império Romano; muitos existem na Alemanha, e ainda mais na França, e nesta ilha (Grã-Bretanha) eles foram frequentemente descobertos na linha da Muralha dos Pictos e na famosa Muralha de Bath."

Alexander Wilder, em sua Filosofia e Ética dos Zoroastros , afirma que Mitra é o título Zend para o sol, e ele supostamente habita dentro daquele orbe brilhante. Mitra tem um aspecto masculino e um feminino, embora ele próprio não seja andrógino. Como Mitra, ele é o vau do sol, poderoso e radiante, e o mais magnífico dos Yazatas (Izads, ou Gênios, do sol). Como Mitra , esta divindade representa o princípio feminino; o universo mundano é reconhecido como seu símbolo. Ela representa a Natureza como receptiva e terrestre, e como frutífera somente quando banhada na glória do orbe solar. O culto mitraico é uma simplificação dos ensinamentos mais elaborados de Zaratustra (Zoroastro), o mago do fogo persa.



a PLANTA BASE DE STONEHENGE.

De Antiguidades Indianas de Maurice .

Os templos druidas de locais de culto religioso não seguiam o padrão daqueles de outras nações. A maioria de suas cerimônias era realizada à noite, seja em bosques densos de carvalhos ou ao redor de altares ao ar livre construídos com grandes pedras brutas. Como essas massas de rocha eram movidas não foi explicado satisfatoriamente. O mais famoso de seus altares, um grande anel de pedras, é

Stonehenge, no sudoeste da Inglaterra. Essa estrutura, disposta em uma base astronômica, ainda está de pé, uma maravilha da antiguidade.

De acordo com os persas, coexistiam na eternidade dois princípios. O primeiro deles, Ahura-Mazda , ou Ormuzd , era o Espírito do Bem. De Ormuzd surgiram várias hierarquias de espíritos bons e belos (anjos e arcanjos). O segundo desses princípios eternamente existentes era chamado de Ahriman . Ele também era um espírito puro e belo, mas mais tarde se rebelou contra Ormuzd, tendo ciúmes de seu poder. Isso não ocorreu, no entanto, até depois que Ormuzd criou a luz, pois anteriormente Ahriman não tinha consciência da existência de Ormuzd. Por causa de seu ciúme e rebelião, Ahriman se tornou o Espírito do Mal. De si mesmo, ele individualizou uma série de criaturas destrutivas para ferir Ormuzd.

Quando Ormuzd criou a terra, Ahriman entrou em seus elementos mais grosseiros. Sempre que Ormuzd fazia uma boa ação, Ahriman colocava o princípio do mal dentro dela. Por fim, quando Ormuzd criou a raça humana, Ahriman encarnou na natureza inferior do homem para que em cada personalidade o Espírito do Bem e o Espírito do Mal lutassem pelo controle. Por 3.000 anos, Ormuzd governou os mundos celestiais com luz e bondade. Então ele criou o homem. Por outros 3.000 anos, ele governou o homem com sabedoria e integridade. Então o poder de Ahriman começou, e a luta pela alma do homem continua pelo próximo período de 3.000 anos. Durante o quarto período de 3.000 anos, o poder de Ahriman será destruído. O bem retornará ao mundo novamente, o mal e a morte serão vencidos, e finalmente o Espírito do Mal se curvará humildemente diante do trono de Ormuzd. Enquanto Ormuzd e Ahriman lutam pelo controle da alma humana e pela supremacia na Natureza, Mithras, Deus da Inteligência, permanece como mediador entre os dois. Muitos autores notaram a similaridade entre mercúrio e Mithras. Assim como o mercúrio químico atua como um solvente (de acordo com os alquimistas), Mithras busca harmonizar os dois opostos celestiais.

Há muitos pontos de semelhança entre o cristianismo e o culto de Mitra. Uma das razões para isso provavelmente é que os místicos persas invadiram a Itália durante o primeiro século depois de Cristo e a história inicial de ambos os cultos estava intimamente entrelaçada. A Encyclopædia Britannica faz a seguinte declaração sobre os Mistérios Mitraicos e Cristãos:

"O espírito fraternal e democrático das primeiras comunidades e sua origem humilde; a identificação do objeto de adoração com a luz e o sol; as lendas dos pastores com seus presentes e adoração, o dilúvio e a arca; a representação na arte da carruagem de fogo, a retirada de água da rocha; o uso de sinos e velas, água benta e a comunhão; a santificação do domingo e do dia 25 de dezembro; a insistência na conduta moral, a ênfase colocada na abstinência e no autocontrole; a doutrina do céu e do inferno, da revelação primitiva, da mediação do Logos

emanando do divino, o sacrifício expiatório, a guerra constante entre o bem e o mal e o triunfo final do primeiro, a imortalidade da alma, o julgamento final, a ressurreição da carne e a destruição ardente do universo - [essas] são algumas das semelhanças que, reais ou apenas aparentes, permitiram ao mitraísmo prolongar sua resistência ao cristianismo."

Os ritos de Mitra eram realizados em cavernas. Porfírio, em sua Caverna das Ninfas , afirma que Zaratustra (Zoroastro) foi o primeiro a consagrar uma caverna para a adoração de Deus, porque uma caverna era simbólica da terra, ou o mundo inferior das trevas. John P. Lundy, em seu Cristianismo Monumental , descreve a caverna de Mitra da seguinte forma:

"Mas esta caverna era adornada com os signos do zodíaco, Câncer e Capricórnio. Os solstícios de verão e inverno eram principalmente conspícuos, como os portões das almas descendo para esta vida, ou passando por ela em sua ascensão aos Deuses; Câncer sendo o portão da descida, e Capricórnio da ascensão. Estas são as duas avenidas dos imortais passando para cima e para baixo da terra para o céu, e do céu para a terra."

Acredita-se que a chamada cadeira de São Pedro, em Roma, tenha sido usada em um dos Mistérios pagãos, possivelmente o de Mitra, em cujas grutas subterrâneas os devotos dos Mistérios Cristãos se reuniam nos primeiros dias de sua fé. Em Anacalypsis , Godfrey Higgins escreve que em 1662, enquanto limpava esta cadeira sagrada de Bar-Jonas, os Doze Trabalhos de Hércules foram descobertos sobre ela, e que mais tarde os franceses descobriram sobre a mesma cadeira a confissão de fé muçulmana, escrita em árabe.

A iniciação nos ritos de Mitra, como a iniciação em muitas outras escolas antigas de filosofia, aparentemente consistia em três graus importantes. A preparação para esses graus consistia em autopurificação, construção dos poderes intelectuais e controle da natureza animal. No primeiro grau, o candidato recebia uma coroa na ponta de uma espada e era instruído nos mistérios do poder oculto de Mitra. Provavelmente, ele foi ensinado que a coroa de ouro representava sua própria natureza espiritual, que deve ser objetivada e revelada antes que ele pudesse verdadeiramente glorificar Mitra; pois Mitra era sua própria alma, permanecendo como mediador entre Ormuzd, seu espírito, e Ahriman, sua natureza animal. No segundo grau, ele recebeu a armadura da inteligência e da pureza e foi enviado para a escuridão dos poços subterrâneos para lutar contra as feras da luxúria, paixão e degeneração. No terceiro grau, ele recebeu uma capa, sobre a qual foram desenhados ou tecidos os signos do zodíaco e outros símbolos astronômicos. Após suas iniciações terminarem, ele foi saudado como alguém que havia ressuscitado dos mortos, foi instruído nos ensinamentos secretos dos místicos persas e se tornou um membro pleno da ordem. Os candidatos que passaram com sucesso nas

iniciações mitraicas eram chamados de Leões e eram marcados em suas testas com a cruz egípcia. O próprio Mitra é frequentemente retratado com a cabeça de um leão e dois pares de asas. Ao longo de todo o ritual, foram repetidas referências ao nascimento de Mitra como o Deus Sol, seu sacrifício pelo homem, sua morte para que os homens pudessem ter vida eterna e, por último, sua ressurreição e a salvação de toda a humanidade por sua intercessão diante do trono de Ormuzd. (Veja Heckethorn.)

Embora o culto a Mitra não tenha alcançado as alturas filosóficas alcançadas por Zaratustra, seu efeito sobre a civilização do mundo ocidental foi de longo alcance, pois em um momento quase toda a Europa foi convertida às suas doutrinas. Roma, em seu relacionamento com outras nações, inoculou-as com seus princípios religiosos; e muitas instituições posteriores exibiram a cultura mitraica. A referência ao "Leão" e ao "Aperto da Pata do Leão" no grau de Mestre Maçom tem um forte tom mitraico e pode facilmente ter se originado desse culto. Uma escada de sete degraus aparece na iniciação mitraica. Faber é da opinião de que essa escada era originalmente uma pirâmide de sete degraus. É possível que a escada maçônica com sete degraus tenha tido sua origem neste símbolo mitraico. As mulheres nunca foram autorizadas a entrar na Ordem Mitraica, mas as crianças do sexo masculino eram iniciadas muito antes de atingirem a maturidade. A recusa em permitir que mulheres se juntem à Ordem Maçônica pode ser baseada na razão esotérica dada nas instruções secretas dos Mitraicos. Este culto é outro excelente exemplo daquelas sociedades secretas cujas lendas são em grande parte representações simbólicas do sol e sua jornada pelas casas dos céus. Mitra, surgindo de uma pedra, é meramente o sol nascendo sobre o horizonte, ou, como os antigos supunham, fora do horizonte, no equinócio vernal.

John O'Neill contesta a teoria de que Mitra foi concebido como uma divindade solar. Em A Noite dos Deuses, ele escreve: "O Mitra Avestan, o yazata da luz, tem '10.000 olhos, alto, com pleno conhecimento (perethuvaedayana), forte, insone e sempre desperto (jaghaurvaunghem).' O deus supremo Ahura Mazda também tem um Olho, ou então é dito que 'com seus olhos, o sol, a lua e as estrelas, ele vê tudo.' A teoria de que Mitra era originalmente um título do deus supremo dos céus - colocando o sol fora da corte - é a única que responde a todos os requisitos. Será evidente que aqui temos origens em abundância para o Olho do Maçom e 'seu nunquam dormio.'" O leitor não deve confundir o Mitra persa com o Mitra védico. De acordo com Alexander Wilder, "os ritos mitraicos substituíram os Mistérios de Baco e se tornaram a base do sistema gnóstico, que por muitos séculos prevaleceu na Ásia, no Egito e até mesmo no remoto Ocidente".

MITRAS MATANDO O TOURO.

Do livro Cristianismo Monumental de Lundy .

As esculturas e relevos mais famosos deste prototokos mostram Mitra ajoelhado sobre a forma reclinada de um grande touro, em cuja garganta ele está cravando uma espada. A matança do touro significa que os raios do sol, simbolizados pela espada, liberam no equinócio vernal as essências vitais da terra — o sangue do touro — que, jorrando da ferida feita pelo Deus Sol, fertiliza as sementes dos seres vivos. Os cães eram considerados sagrados para o culto de Mitra, sendo símbolos de sinceridade e confiabilidade. Os mitraicos usavam a serpente como um emblema de Ahriman, o Espírito do Mal, e os ratos aquáticos eram considerados sagrados para ele. O touro é esotericamente a Constelação de Touro; a serpente, seu oposto no zodíaco, Escorpião; o sol, Mitra, entrando no lado do touro, mata a criatura celestial e nutre o universo com seu sangue.

O NASCIMENTO DE MITRAS.

Das Antiguidades de Montfaucon

Mitra nasceu de uma rocha, que, ao se abrir, permitiu que ele emergisse. Isso ocorreu na escuridão de uma câmara subterrânea. A Igreja da Natividade em Belém confirma a teoria de que Jesus nasceu em uma gruta, ou caverna. De acordo com Dupuis, Mitra foi morto por crucificação e ressuscitou no terceiro dia.

Os Antigos Mistérios e Sociedades Secretas ,Parte dois

TODA a história do gnosticismo cristão e pagão está envolta no mais profundo mistério e obscuridade; pois, embora os gnósticos fossem, sem dúvida, escritores prolíficos, pouco de sua literatura sobreviveu. Eles trouxeram sobre si a animosidade da Igreja Cristã primitiva e, quando esta instituição atingiu sua posição de poder mundial, destruiu todos os registros disponíveis do culto gnóstico . O nome gnóstico significa sabedoria ou conhecimento e é derivado do grego Gnosis . Os membros da ordem alegavam estar familiarizados com as doutrinas secretas do cristianismo primitivo. Eles interpretavam os Mistérios Cristãos de acordo com o simbolismo pagão. Suas informações secretas e princípios filosóficos eles escondiam dos profanos e ensinavam apenas a um pequeno grupo de pessoas especialmente iniciadas.

Simão Mago, o mágico famoso no Novo Testamento, é frequentemente considerado o fundador do Gnosticismo. Se isso for verdade, a seita foi formada durante o século depois de Cristo e é provavelmente o primeiro dos muitos ramos que surgiram do tronco principal do cristianismo. Tudo com o que os entusiastas da Igreja Cristã primitiva podem não concordar, eles declararam ser inspirado pelo Diabo. Que Simão Mago tinha poderes misteriosos e sobrenaturais é admitido até mesmo por seus inimigos, mas eles sustentaram que esses poderes foram emprestados a ele pelos espíritos infernais e fúrias que eles afirmavam serem seus companheiros sempre presentes. Sem dúvida, a lenda mais interessante sobre Simão é aquela que conta suas disputas teosóficas com o apóstolo Pedro enquanto os dois estavam promulgando suas doutrinas divergentes em Roma. De acordo com a história que os Padres da Igreja preservaram, Simão deveria provar sua superioridade espiritual ascendendo ao céu em uma carruagem de fogo. Ele foi realmente pego e carregado muitos pés no ar por poderes invisíveis. Quando São Pedro viu isso, ele gritou em alta voz, ordenando aos demônios (espíritos do ar) que liberassem seu domínio sobre o mágico. Os espíritos malignos, quando ordenados pelo grande santo, foram forçados a obedecer. Simão caiu de uma grande distância e foi morto, o que provou decisivamente a superioridade dos

poderes cristãos. Esta história é, sem dúvida, fabricada do nada, pois é apenas uma entre muitas narrativas sobre sua morte, poucas das quais concordam. À medida que mais e mais evidências estão sendo acumuladas no sentido de que São Pedro nunca esteve em Roma, seu último vestígio possível de autenticidade está sendo rapidamente dissipado.

Não há dúvidas de que Simão era um filósofo, pois onde quer que suas palavras exatas sejam preservadas, seus pensamentos sintéticos e transcendentes são lindamente expressos. Os princípios do Gnosticismo são bem descritos na seguinte declaração literal dele, supostamente preservada por Hipólito: "Para você, portanto, eu digo o que digo e escrevo o que escrevo. E a escrita é esta. Dos Æons universais [períodos, planos ou ciclos de vida criativa e criada em substância e espaço, criaturas celestiais] há dois brotos, sem começo ou fim, brotando de uma Raiz, que é o poder invisível, silêncio inapreensível [Bythos]. Destes brotos, um é manifestado de cima, que é o Grande Poder, a Mente Universal ordenando todas as coisas, masculino, e o outro, [é manifestado] de baixo, o Grande Pensamento, feminino, produzindo todas as coisas. Portanto, pareando um com o outro, eles se unem e manifestam a Distância Média, o Ar incompreensível, sem começo ou fim. Nisto está o Pai que sustenta todas as coisas e nutre aquelas coisas que têm um começo e um fim." (Veja Simon Magus , por GRS Mead.) Por isso, devemos entender que a manifestação é o resultado de um princípio positivo e um negativo, um agindo sobre o outro, e ocorre no plano médio, ou ponto de equilíbrio, chamado pleroma . Este pleroma é uma substância peculiar produzida a partir da mistura dos éons espirituais e materiais. Do pleroma foi individualizado o Demiurgo , o mortal imortal, a quem somos responsáveis por nossa existência física e pelo sofrimento que devemos passar em conexão com ela. No sistema gnóstico, três pares de opostos, chamados Syzygies , emanavam do Eterno. Estes, com Ele mesmo, perfazem o total de sete. Os seis (três pares) Æons (princípios vivos e divinos) foram descritos por Simon no Philosophumena da seguinte maneira: Os dois primeiros eram Mente (Nous) e Pensamento (Epinoia). Então veio a Voz (Fone) e seu oposto, Nome (Onoma), e por último, Razão (Logismos) e Reflexão (Enthumesis). Destes seis primordiais, unidos com a Chama Eterna , surgiram os Æons (Anjos) que formaram os mundos inferiores através da direção do Demiurgo. (Veja as obras de HP Blavatsky.) Como este primeiro Gnosticismo de Simão Mago e Menandro, seu discípulo, foi amplificado, e frequentemente distorcido, por adeptos posteriores do culto deve agora ser considerado.

A Escola do Gnosticismo foi dividida em duas partes principais, comumente chamadas de Culto Sírio e Culto Alexandrino. Essas escolas concordavam em aspectos essenciais, mas a última divisão era mais inclinada a ser panteísta, enquanto a primeira era dualista. Enquanto o culto sírio era em grande parte simoniano, a Escola Alexandrina foi o resultado das deduções filosóficas de um

inteligente cristão egípcio, Basilides pelo nome, que afirmava ter recebido suas instruções do apóstolo Mateus. Como Simão Mago, ele era um emanacionista, com inclinações neoplatônicas. Na verdade, todo o Mistério Gnóstico é baseado na hipótese de emanações como sendo a conexão lógica entre os opostos irreconciliáveis Espírito Absoluto e Substância Absoluta, que os gnósticos acreditavam ter coexistido na Eternidade. Alguns afirmam que Basilides foi o verdadeiro fundador do Gnosticismo, mas há muitas evidências de que Simão Mago estabeleceu seus princípios fundamentais no século anterior.

O Basilides Alexandrino inculcou o Hermetismo Egípcio, o ocultismo oriental, a astrologia caldeia e a filosofia persa em seus seguidores, e em suas doutrinas buscou unir as escolas do cristianismo primitivo com os antigos Mistérios pagãos. A ele é atribuída a formulação daquele conceito peculiar da Divindade que carrega o nome de Abraxas. Ao discutir o significado original desta palavra, Godfrey Higgins, em seu Celtic Druids, demonstrou que os poderes numerológicos das letras que formam a palavra Abraxas quando somadas resultam na soma de 365. O mesmo autor também observa que o nome Mithras quando tratado de maneira semelhante tem o mesmo valor numérico. Basilides percebeu que o

A MORTE DE SIMÃO, O MÁGICO.

Da Crônica de Nuremberg .

Simão Mago, tendo invocado os Espíritos do Ar, é aqui mostrado sendo pego pelos demônios. São Pedro exige que os gênios malignos soltem seu domínio sobre o mago. Os demônios são forçados a obedecer e Simão Mago é morto pela queda.

poderes do universo foram divididos em 365 Æons, ou ciclos espirituais, e que a soma de todos estes juntos era o Pai Supremo, e a Ele ele deu a denominação cabalística Abraxas , como sendo simbólico, numerologicamente, de Seus poderes divinos, atributos e emanações. Abraxas é geralmente simbolizado como uma criatura composta, com o corpo de um ser humano e a cabeça de um galo, e com cada uma de suas pernas terminando em uma serpente. CW King, em seu Gnostics and Their Remains , dá a seguinte descrição concisa da filosofia gnóstica de Basilides, citando os escritos do antigo bispo e mártir cristão, Santo Irineu: "Ele afirmou que Deus, o Pai eterno e incriado, havia primeiro gerado Nous, ou Mente; este o Logos, Palavra; este novamente Phronesis, Inteligência; de Phronesis surgiu Sophia, Sabedoria, e Dynamis, Força."

Ao descrever Abraxas, CW King diz: "Bellermann considera a imagem composta, inscrita com o nome real Abraxas, como um Pantheos Gnóstico, representando o Ser Supremo, com as Cinco Emanações marcadas por símbolos apropriados. Do corpo humano, a forma usual atribuída à Divindade, surgem os dois sustentadores, Nous e Logos, expressos nas serpentes, símbolos dos sentidos internos e do entendimento acelerado; por conta disso, os gregos fizeram da serpente o atributo de Pallas. Sua cabeça — a de um galo — representa Phronesis, sendo esse pássaro o emblema da previsão e da vigilância. Seus dois braços seguram os símbolos de Sophia e Dynamis: o escudo da Sabedoria e o chicote do Poder."

Os gnósticos estavam divididos em suas opiniões sobre o Demiurgo, ou criador dos mundos inferiores. Ele estabeleceu o universo terrestre com a ajuda de seis filhos, ou emanações (possivelmente os anjos planetários) que Ele formou de, e ainda dentro de Si mesmo. Como dito antes, o Demiurgo foi individualizado como a criação mais baixa da substância chamada pleroma . Um grupo de gnósticos era da opinião de que o Demiurgo era a causa de toda a miséria e era uma criatura maligna, que ao construir este mundo inferior havia separado as almas dos homens da verdade, encerrando-as em veículos mortais. A outra seita via o Demiurgo como sendo divinamente inspirado e meramente cumprindo os ditames do Senhor

invisível. Alguns gnósticos eram da opinião de que o Deus judeu, Jeová , era o Demiurgo. Este conceito, sob um nome ligeiramente diferente, aparentemente influenciou o Rosacrucianismo medieval, que via Jeová como o Senhor do universo material em vez de como a Divindade Suprema. A mitologia está repleta de histórias de deuses que participavam tanto da natureza celestial quanto da terrestre. Odin, da Escandinávia, é um bom exemplo de uma divindade sujeita à mortalidade, curvando-se diante das leis da Natureza e ainda sendo, em certos sentidos pelo menos, uma Divindade Suprema.

O ponto de vista gnóstico sobre o Cristo é bem digno de consideração. Esta ordem alegou ser a única seita a ter imagens reais do Divino Sírio. Embora estas fossem, com toda a probabilidade, concepções idealistas do Salvador baseadas em esculturas e pinturas existentes dos deuses solares pagãos, elas eram tudo o que o cristianismo tinha. Para os gnósticos, o Cristo era a personificação de Nous , a Mente Divina, e emanava dos Æons espirituais superiores. Ele desceu ao corpo de Jesus no batismo e o deixou novamente antes da crucificação. Os gnósticos declararam que o Cristo não foi crucificado, pois este Divino Nous não podia sofrer a morte, mas que Simão, o Cireneu, ofereceu sua vida em vez disso e que o Nous , por meio de seu poder, fez com que Simão se parecesse com Jesus. Irineu faz a seguinte declaração sobre o sacrifício cósmico do Cristo:

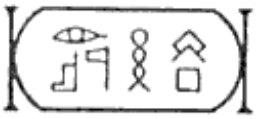
"Quando o Pai incriado e sem nome viu a corrupção da humanidade, Ele enviou Seu primogênito, Nous, ao mundo, na forma de Cristo, para a redenção de todos os que creem Nele, do poder daqueles que fabricaram o mundo (o Demiurgo e seus seis filhos, os gênios planetários). Ele apareceu entre os homens como o Homem Jesus e fez milagres." (Veja King's Gnostics and Their Remains .)

Os gnósticos dividiam a humanidade em três partes: aqueles que, como selvagens, adoravam apenas a Natureza visível; aqueles que, como os judeus, adoravam o Demiurgo; e, por último, eles próprios, ou outros de culto semelhante, incluindo certas seitas de cristãos, que adoravam Nous (Cristo) e a verdadeira luz espiritual dos Æons superiores.

Após a morte de Basilides, Valentinus se tornou a principal inspiração do movimento gnóstico. Ele complicou ainda mais o sistema da filosofia gnóstica ao adicionar infinitamente aos detalhes. Ele aumentou o número de emanações do Grande (o Abismo) para quinze pares e também deu muita ênfase à Virgem Sophia , ou Sabedoria. Nos Livros do Salvador , partes dos quais são comumente conhecidas como Pistis Sophia , pode ser encontrado muito material sobre essa estranha doutrina dos Æons e seus estranhos habitantes. James Freeman Clarke, ao falar das doutrinas dos gnósticos, diz: "Essas doutrinas, por mais estranhas que pareçam para nós, tiveram uma ampla influência na Igreja Cristã." Muitas das teorias dos antigos gnósticos, especialmente aquelas sobre assuntos científicos,

foram substanciadas por pesquisas modernas. Várias seitas se ramificaram do tronco principal do gnosticismo, como os valentinianos, os ofitas (adoradores de serpentes) e os adamitas. Após o terceiro século, seu poder diminuiu, e os gnósticos praticamente desapareceram do mundo filosófico. Um esforço foi feito durante a Idade Média para ressuscitar os princípios do gnosticismo, mas devido à destruição de seus registros, o material necessário não estava disponível. Ainda hoje há evidências da filosofia gnóstica no mundo moderno, mas eles têm outros nomes e sua verdadeira origem não é suspeita. Muitos dos conceitos gnósticos foram realmente incorporados aos dogmas da Igreja Cristã, e nossas interpretações mais recentes do cristianismo são frequentemente ao longo das linhas do emanacionismo gnóstico.

OS MISTÉRIOS DE

 **ASAR-HAPI**

A identidade do Greco-Egípcio Serápis (conhecido pelos gregos como Serápis e pelos egípcios como Asar-Hapi) é envolta por um véu impenetrável de mistério. Embora essa divindade fosse uma figura familiar entre os símbolos dos ritos secretos iniciáticos egípcios, sua natureza arcana era revelada apenas para aqueles que haviam cumprido os requisitos do culto Serápico. Portanto, com toda a probabilidade, exceto os sacerdotes iniciados, os próprios egípcios ignoravam seu verdadeiro caráter. Até onde se sabe, não existe nenhum relato autêntico dos ritos de Serápis, mas uma análise da divindade e seus símbolos acompanhantes revela seus pontos salientes. Em um oráculo entregue ao Rei de Chipre, Serápis descreveu a si mesmo assim:

''Um deus eu sou, tal como te mostro,

Os céus estrelados são minha cabeça, meu tronco, o mar,

A terra forma meus pés, meus ouvidos, o ar que fornece,

Os raios brilhantes e distantes do Sol, meus olhos."

Várias tentativas insatisfatórias foram feitas para etimologizar a palavra Serápis . Godfrey Higgins observa que Soros era o nome dado pelos egípcios a um caixão de pedra, e Apis era Osíris encarnado no touro sagrado. Essas duas palavras combinadas resultam em Soros-Apis ou Sor-Apis , "o túmulo do touro". Mas é improvável que os egípcios adorassem um caixão na forma de um homem.

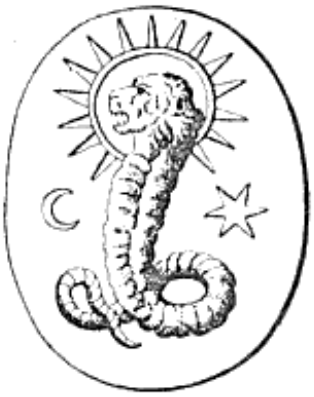
Vários autores antigos, incluindo Macrobius, afirmaram que Serapis era um nome para o Sol, porque sua imagem frequentemente tinha um halo de luz sobre sua

cabeça. Em sua Oração Sobre o Sol Soberano , Juliano fala da divindade com estas palavras: "Um Júpiter, um Plutão, um Sol é Serapis." Em hebraico, Serapis é Saraph , que significa "resplandecer" ou "iluminar-se". Por esta razão, os judeus designaram uma de suas hierarquias de seres espirituais, Serafim .

A teoria mais comum, no entanto, a respeito da origem do nome Serápis é aquela que traça sua derivação do composto Osíris-Ápis . Em um tempo, os egípcios acreditavam que os mortos eram absorvidos pela natureza de Osíris, o deus dos mortos. Embora exista uma semelhança marcante entre Osíris-Ápis e Serápis, a teoria avançada pelos egiptólogos de que Serápis é meramente um nome dado ao Apis morto, ou touro sagrado do Egito, é insustentável em vista da sabedoria transcendente possuída pelo sacerdócio egípcio, que, com toda a probabilidade, usava o deus para simbolizar a alma do mundo (anima mundi). O corpo material da Natureza era chamado de Ápis ; a alma que escapava do corpo na morte, mas era enredada com a forma durante a vida física, era designada Serápis .

CW King acredita que Serápis seja uma divindade de extração bramânica, sendo seu nome a forma grega de Ser-adah ou Sri-pa , dois títulos atribuídos a Yama , o deus hindu da morte. Isso parece razoável, especialmente porque há uma lenda no sentido de que Serápis, na forma de um touro, foi levado por Baco da Índia para o Egito. A prioridade dos Mistérios Hindus substanciaria ainda mais tal teoria.

Entre outros significados sugeridos para a palavra Serápis estão: "O Touro Sagrado", "O Sol em Touro", "A Alma de Osíris", "A Serpente Sagrada" e "A Retirada do Touro". A última denominação faz referência à cerimônia de afogamento do sagrado Ápis nas águas do Nilo a cada vinte e cinco anos.



O PODER DA LUZ COM CARA DE LEÃO.

Das Antiguidades de Montfaucon .

Esta gema gnóstica representa pelo seu corpo serpentino o caminho do Sol e pela sua cabeça de leão a exaltação do solar na constelação de Leão.

UM LABIRINTO SIMBÓLICO.

Das Antiguidades de Montfaucon .

Labirintos e labirintos eram lugares favoritos de iniciação entre muitos cultos antigos. Vestígios desses labirintos místicos foram encontrados entre os índios americanos, hindus, persas, egípcios e gregos. Alguns desses labirintos são meramente caminhos envolvidos alinhados com pedras; outros são literalmente quilômetros de cavernas sombrias sob templos ou escavados nas encostas de montanhas. O famoso labirinto de Creta, no qual vagava o Minotauro com cabeça de touro, era inquestionavelmente um lugar de iniciação nos Mistérios Cretenses.

Há evidências consideráveis de que a famosa estátua de Serápis no Serapeum em Alexandria era originalmente adorada sob outro nome em Sinope, de onde foi trazida para Alexandria. Há também uma lenda que conta que Serápis foi um rei muito antigo dos egípcios, a quem eles deviam a fundação de seu poder filosófico e científico. Após sua morte, este rei foi elevado à condição de deus. Phylarchus declarou que a palavra Serápis significa "o poder que dispôs o universo em sua bela ordem atual".

Em seu Ísis e Osíris , Plutarco dá o seguinte relato da origem da magnífica estátua de Serápis que ficava no Serapeum em Alexandria:

Enquanto era faraó do Egito, Ptolomeu Soter teve um sonho estranho no qual viu uma estátua tremenda, que ganhou vida e ordenou ao faraó que a trouxesse para Alexandria o mais rápido possível. Ptolomeu Soter, sem saber o paradeiro da estátua, ficou extremamente perplexo sobre como poderia descobri-la. Enquanto o faraó relatava seu sonho, um grande viajante chamado Sosibius, se apresentou e declarou que tinha visto tal imagem em Sinope. O faraó imediatamente despachou Soteles e Dionísio para negociar a remoção da figura para Alexandria. Três anos se passaram antes que a imagem fosse finalmente obtida, os representantes do faraó finalmente a roubaram e esconderam o roubo espalhando uma história de que a estátua havia ganhado vida e, caminhando pela rua que levava ao seu templo, havia embarcado no navio preparado para seu transporte para Alexandria. Após sua

chegada ao Egito, a figura foi levada à presença de dois Iniciados Egípcios — o Eumolpid Timotheus e Manetho, o Sebennite — que imediatamente a declararam ser Serápis. Os sacerdotes então declararam que ela era equipolente a Plutão. Este foi um golpe de mestre, pois em Serápis os gregos e egípcios encontraram uma divindade em comum e, assim, a unidade religiosa foi consumada entre as duas nações.

Várias figuras de Serápis que estavam em seus vários templos no Egito e em Roma foram descritas por autores antigos. Quase todas elas mostravam influência grega em vez de egípcia. Em algumas, o corpo do deus era cercado pelas espirais de uma grande serpente. Outras o mostravam como um composto de Osíris e Ápis.

Uma descrição do deus que com toda probabilidade é razoavelmente precisa é aquela que o representa como uma figura alta e poderosa, transmitindo a dupla impressão de força masculina e graça feminina. Seu rosto retratava um humor profundamente pensativo, a expressão inclinando-se para a tristeza. Seu cabelo era longo e arranjado de uma maneira um tanto feminina, descansando em cachos sobre seu peito e ombros. O rosto, exceto por sua barba espessa, também era decididamente feminino. A figura de Serápis era geralmente vestida da cabeça aos pés com pesadas cortinas, acreditadas pelos iniciados para esconder o fato de que seu corpo era andrógino.

Várias substâncias foram usadas na fabricação das estátuas de Serápis. Algumas, sem dúvida, foram esculpidas em pedra ou mármore por artesãos habilidosos; outras podem ter sido fundidas a partir de metais básicos ou preciosos. Um colosso de Serápis era composto de placas de vários metais encaixadas. Em um labirinto sagrado para Serápis, havia uma estátua de treze pés dele, supostamente feita de uma única esmeralda. Escritores modernos, discutindo esta imagem, afirmam que ela foi feita de vidro verde derramado em um molde. De acordo com os egípcios, no entanto, ela resistiu a todos os testes de uma esmeralda real.

Clemente de Alexandria descreve uma figura de Serápis composta dos seguintes elementos: Primeiro, limalhas de ouro, prata, chumbo e estanho; segundo, todos os tipos de pedras egípcias, incluindo safiras, hematitas, esmeraldas e topázios; todos estes sendo moídos e misturados com a matéria corante que sobrou do funeral de Osíris e Ápis. O resultado foi uma figura rara e curiosa, de cor índigo. Algumas das estátuas de Serápis devem ter sido formadas de substâncias extremamente duras, pois quando um soldado cristão, executando o edito de Teodósio, atingiu o Serápis alexandrino com seu machado, aquele instrumento foi quebrado em fragmentos e faíscas voaram dele. Também é bem provável que Serápis fosse adorado na forma de uma serpente, em comum com muitas das divindades superiores dos panteões egípcio e grego.

Serápis era chamado de Theon Heptagrammaton , ou o deus com o nome de sete letras. O nome Serápis (como Abraxas e Mithras) contém sete letras. Em seus hinos a Serápis, os sacerdotes cantavam as sete vogais. Ocasionalmente, Serápis é retratado com chifres ou uma coroa de sete raios. Estes evidentemente representavam as sete inteligências divinas se manifestando através da luz solar. A Encyclopædia Britannica observa que a primeira menção autêntica de Serápis está

relacionada à morte de Alexandre. Tal era o prestígio de Serápis que somente ele, dos deuses, foi consultado em nome do rei moribundo.

A escola secreta egípcia de filosofia era dividida em Mistérios Menores e Maiores, sendo os primeiros sagrados para Ísis e os últimos para Serápis e Osíris. Wilkinson é da opinião de que somente os sacerdotes tinham permissão para entrar nos Mistérios Maiores. Mesmo o herdeiro do trono não era elegível até que fosse coroado Faraó, quando, em virtude de seu ofício real, ele automaticamente se tornava um sacerdote e o chefe temporal da religião do estado. (Veja Manners and Customs of the Egyptians de Wilkinson .) Um número limitado era admitido nos Mistérios Maiores: estes preservavam seus segredos invioláveis.

Muitas das informações sobre os rituais dos graus mais elevados dos Mistérios Egípcios foram coletadas de um exame das câmaras e passagens nas quais as iniciações eram dadas. Sob o templo de Serápis destruído por Teodósio foram encontrados estranhos dispositivos mecânicos construídos pelos sacerdotes nas criptas subterrâneas e cavernas onde os ritos noturnos iniciáticos eram celebrados. Essas máquinas indicam os severos testes de coragem moral e física sofridos pelos candidatos. Depois de passar por esses caminhos tortuosos, os neófitos que sobreviveram às provações foram conduzidos à presença de Serápis, uma figura nobre e inspiradora iluminada por luzes invisíveis.

Labirintos também eram uma característica marcante em conexão com o Arroz de Serápis, e EA Wallis Budge, em seu Gods of the Egyptians , descreve Serápis (semelhante a um Minotauro) com o corpo de um homem e a cabeça de um touro. Labirintos eram simbólicos dos envolvimentos e ilusões do mundo inferior através do qual vagueia a alma do homem em sua busca pela verdade. No labirinto habita o homem animal inferior com a cabeça do touro, que busca destruir a alma enredada no labirinto da ignorância mundana. Nesta relação, Serápis se torna o Tentador ou Adversário que testa as almas daqueles que buscam a união com os Imortais. O labirinto também foi, sem dúvida, usado para representar o sistema solar, o Homem-Touro representando o sol habitando o labirinto místico de seus planetas, luas e asteroides.

Os Mistérios Gnósticos estavam familiarizados com o significado arcano de Serápis, e através do gnosticismo esse deus tornou-se inextricavelmente associado ao cristianismo primitivo. De fato, o Imperador Adriano, enquanto viajava pelo Egito em 24 d.C., declarou em uma carta a Serviano que os adoradores de Serápis eram cristãos e que os Bispos da igreja também adoravam em seu santuário. Ele até declarou que o próprio Patriarca, quando no Egito, foi forçado a adorar Serápis, assim como Cristo. (Veja Parsons' New Light on the Great Pyramid .)

A importância pouco suspeita de Serápis como um protótipo de Cristo pode ser melhor apreciada após uma consideração do seguinte extrato de Gnostics and Their Remains, de CW King : "Não pode haver dúvida de que a cabeça de Serápis, marcada como o rosto é por uma majestade grave e pensativa, forneceu a primeira ideia para os retratos convencionais do Salvador. Os preconceitos judaicos dos primeiros convertidos eram tão poderosos que podemos ter certeza de que

nenhuma tentativa foi feita para retratar Seu semblante até algumas gerações depois que todos os que o contemplaram na terra faleceram."

Serápis gradualmente usurpou as posições anteriormente ocupadas pelos outros deuses egípcios e gregos, e se tornou a divindade suprema de ambas as religiões. Seu poder continuou até o quarto século de

O SÉRAPIS ALEXANDRINO.

De Mosaize Historie der Hebreeuwse Kerke .

Serápis é frequentemente mostrado de pé nas costas do crocodilo sagrado, carregando em sua mão esquerda uma régua com a qual medir as inundações do Nilo, e equilibrando com sua mão direita um curioso emblema consistindo de um animal com as cabeças. A primeira cabeça — a de um leão — significava o presente; a segunda cabeça — a de um lobo — o passado; e a terceira cabeça — a de um cão — o futuro. O corpo com suas três cabeças era envolvido pelas espirais retorcidas de uma serpente. Figuras de Serápis são ocasionalmente acompanhadas por Cérbero, o cão de três cabeças de Plutão, e — como Júpiter — carregam cestos de grãos sobre suas cabeças.

Era Cristã. Em 385 d.C., Teodósio, o suposto exterminador da filosofia pagã, emitiu seu memorável edito De Idolo Serapidis Diruendo . Quando os soldados cristãos, em obediência a essa ordem, entraram no Serapeum em Alexandria para destruir a

imagem de Serápis que estava ali há séculos, tão grande era sua veneração pelo deus que eles não ousaram tocar na imagem para que o chão não se abrisse a seus pés e os engolisse. Por fim, superando o medo, eles demoliram a estátua, saquearam o prédio e, finalmente, como um clímax adequado para sua ofensa, queimaram a magnífica biblioteca que ficava dentro dos altos apartamentos do Serapeum. Vários escritores registraram o fato notável de que símbolos cristãos foram encontrados nas fundações em ruínas deste templo pagão. Sócrates, um historiador da igreja do século V, declarou que depois que os piedosos cristãos arrasaram o Serapeum em Alexandria e espalharam os demônios que ali habitavam sob o disfarce de deuses, sob as fundações foi encontrado o monograma de Cristo!

Duas citações estabelecerão ainda mais a relação existente entre os Mistérios de Serápis e aqueles de outros povos antigos. A primeira é de Symbolical Language of Ancient Art and Mythology , de Richard Payne Knight : "Daí Varro [em De Lingua Latina] diz que Cœlum e Terra, que é mente universal e corpo produtivo, eram os Grandes Deuses dos Mistérios Samotrácios; e o mesmo que Serápis e Ísis dos últimos Egípcios: o Taautos e Astarte dos Fenícios, e o Saturno e Ops dos Latinos." A segunda citação é de Moral e Dogma , de Albert Pike : "'A ti', diz Martianus Capella, em seu hino ao Sol, 'os moradores do Nilo adoram como Serápis, e Mênfis adora como Osíris: nos ritos sagrados da Pérsia tu és Mitras, na Frígia, Átis e Líbia se curvam a ti como Amon, e a fenícia Biblos como Adônis; assim, o mundo inteiro te adora sob diferentes nomes.'"

OS MISTÉRIOS ODÍNICOS

A data da fundação dos Mistérios Odínicos é incerta; alguns escritores declaram que eles foram estabelecidos no primeiro século antes de Cristo; outros, no primeiro século depois de Cristo. Robert Macoy, 33°, dá a seguinte descrição de sua origem: "Parece pelas crônicas do norte que no primeiro século da Era Cristã, Sigge, o chefe dos Aser, uma tribo asiática, emigrou do mar Cáspio e do Cáucaso para o norte da Europa. Ele dirigiu seu curso para o noroeste do mar Negro até a Rússia, sobre a qual, de acordo com a tradição, ele colocou um de seus filhos como governante, como se diz ter feito sobre os saxões e os francos. Ele então avançou pela Címbria até a Dinamarca, que reconheceu seu quinto filho Skiold como seu soberano, e passou para a Suécia, onde Gylf, que homenageou o maravilhoso estrangeiro e foi iniciado em seus mistérios, então governou. Ele logo se tornou mestre aqui, construiu Sigtuna como a capital de seu império, promulgou um novo código de leis e estabeleceu os mistérios sagrados. Ele próprio assumiu o nome de Odin, fundou o sacerdócio dos doze Drottars (Druidas?) que conduziam a adoração secreta, e o administração da justiça e, como profetas, revelavam o futuro. Os ritos secretos

desses mistérios celebravam a morte de Balder, o belo e adorável, e representavam a tristeza dos deuses e dos homens em sua morte, e sua restauração à vida." (História Geral da Maçonaria .)

Após sua morte, o Odin histórico foi apoteosizado, sua identidade sendo fundida à do Odin mitológico, deus da sabedoria, cujo culto ele havia promulgado. O odinismo então suplantou a adoração de Thor, o trovejante, a divindade suprema do antigo panteão escandinavo. O monte onde, segundo a lenda, o Rei Odin foi enterrado ainda pode ser visto perto do local de seu grande templo em Upsala.

Os doze Drottars que presidiam os Mistérios Odínicos evidentemente personificavam os doze nomes sagrados e inefáveis de Odin. Os rituais dos Mistérios Odínicos eram muito semelhantes aos dos gregos, persas e brâmanes, segundo os quais eram modelados. Os Drottars, que simbolizavam os signos do zodíaco, eram os guardiões das artes e ciências, que revelavam àqueles que passavam com sucesso pelas provações da iniciação. Como muitos outros cultos pagãos, os Mistérios Odínicos, como instituição, foram destruídos pelo cristianismo, mas a causa subjacente de sua queda foi a corrupção do sacerdócio.

A mitologia é quase sempre o ritual e o simbolismo de uma escola de Mistérios. Resumidamente, o drama sagrado que formou a base dos Mistérios Odínicos foi o seguinte:

O Supremo, invisível Criador de todas as coisas era chamado de Pai-de-Todos. Seu regente na Natureza era Odin, o deus de um olho. Como Quetzalcoatl, Odin foi elevado à dignidade de Divindade Suprema. De acordo com os Drottars, o universo foi moldado a partir do corpo de Ymir , o gigante do gelo. Ymir foi formado a partir das nuvens de névoa que se ergueram de Ginnungagap, a grande fenda no caos na qual os gigantes primordiais do gelo e os gigantes das chamas lançaram neve e fogo. Os três deuses — Odin, Vili e Ve — mataram Ymir e dele formaram o mundo. Dos vários membros de Ymir, as diferentes partes da Natureza foram moldadas.

Depois que Odin estabeleceu a ordem, ele fez com que um palácio maravilhoso, chamado Asgard, fosse construído no topo de uma montanha, e aqui os doze Æsir (deuses) habitaram juntos, muito acima das limitações dos homens mortais. Nesta montanha também estava Valhalla, o palácio dos mortos, onde aqueles que haviam morrido heroicamente lutavam e festejavam dia após dia. A cada noite, suas feridas eram curadas e o javali cuja carne eles comiam se renovava tão rapidamente quanto era consumido.

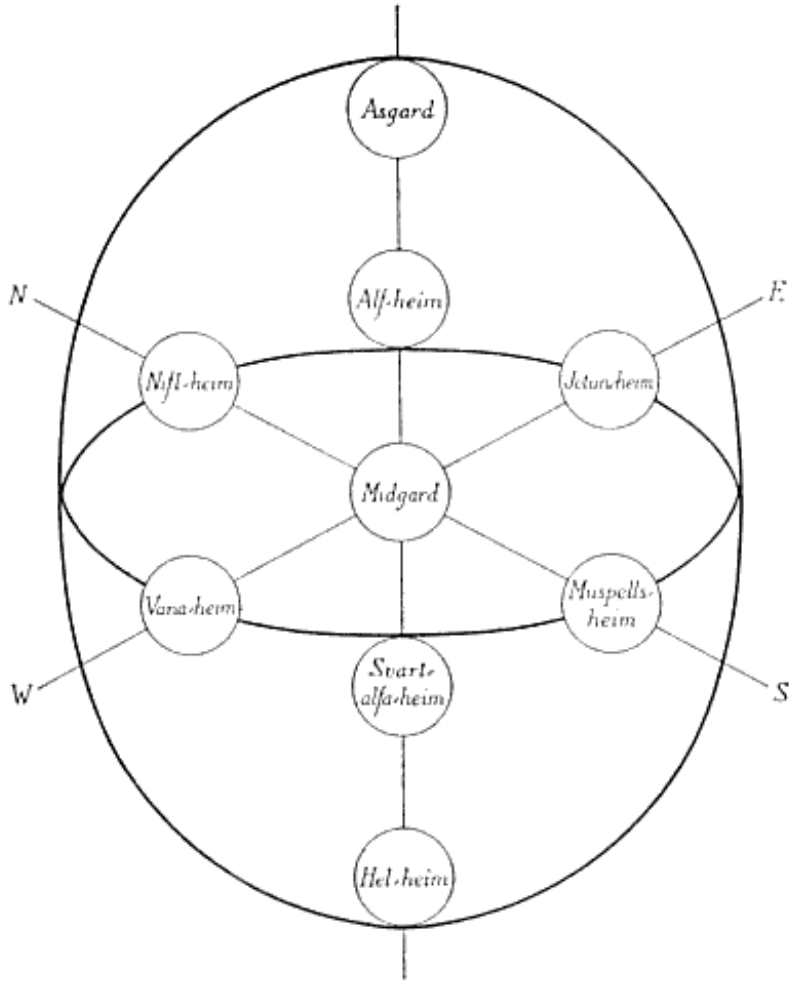
Balder, o Belo — o Cristo escandinavo — era o filho amado de Odin. Balder não era guerreiro; seu espírito gentil e belo trouxe paz e alegria aos corações dos deuses, e todos o amavam, exceto um. Assim como Jesus tinha um Judas entre Seus doze discípulos, um dos doze deuses era falso — Loki, a personificação do mal. Loki fez

com que Höthr, o deus cego do destino, atirasse em Balder com uma flecha de visco. Com a morte de Balder, a luz e a alegria desapareceram das vidas das outras divindades. De coração partido, os deuses se reuniram para encontrar um método pelo qual pudessem ressuscitar esse espírito de vida eterna e juventude. O resultado foi o estabelecimento dos Mistérios.

Os Mistérios Odínicos eram dados em criptas subterrâneas ou cavernas, as câmaras, nove em número, representando os Nove Mundos dos Mistérios. O candidato que buscava admissão recebia a tarefa de ressuscitar Balder dos mortos. Embora ele não percebesse, ele próprio desempenhou o papel de Balder. Ele se autodenominava um andarilho; as cavernas pelas quais ele passava eram simbólicas dos mundos e esferas da Natureza. Os sacerdotes que o iniciavam eram emblemáticos do sol, da lua e das estrelas. Os três iniciadores supremos — o Sublime, o Igual ao Sublime e o Mais Elevado — eram análogos ao Venerável Mestre e aos Vigilantes júnior e sênior de uma loja maçônica.

Depois de vagar por horas pelas passagens intrincadas, o candidato era conduzido à presença de uma estátua de Balder, o Belo, o protótipo de todos os iniciados nos Mistérios. Esta figura estava no centro de um grande apartamento coberto com escudos. No meio da câmara estava uma planta com sete flores, emblemática dos planadores. Nesta sala, que simbolizava a casa dos Æsir, ou Sabedoria, o neófito fazia seu juramento de segredo e piedade sobre a lâmina nua de uma espada. Ele bebia o hidromel santificado de uma tigela feita de um crânio humano e, tendo passado com sucesso por todas as torturas e provações projetadas para desviá-lo do curso da sabedoria, ele finalmente tinha permissão para desvendar o mistério de Odin - a personificação da sabedoria. Ele foi presenteado, em nome de Balder, com o anel sagrado da ordem; ele foi saudado como um homem renascido; e foi dito dele que ele havia morrido e ressuscitado sem passar pelos portões da morte.

A composição imortal de Richard Wagner, Der Ring des Nibelungen , é baseada nos rituais de Mistério do culto Odínico. Enquanto o grande compositor tomou muitas liberdades com a história original, as Óperas do Anel, declaradas como a maior tetralogia de dramas musicais que o mundo possui, capturaram e preservaram de uma maneira notável a majestade e o poder das sagas originais. Começando com Das Rheingold , a ação prossegue através de Die Walküre e Siegfried até um clímax inspirador em Götterdämmerung , "O Crepúsculo dos Deuses".



OS NOVE MUNDOS DOS MISTÉRIOS ODÍNICOS.

Os Mistérios Nórdicos eram dados em nove câmaras, ou cavernas, o candidato avançando por elas em ordem sequencial. Essas câmaras de iniciação representavam as nove esferas nas quais os Drottars dividiam o universo: (1) Asgard , o Mundo Celestial dos Deuses; (2) Alf-heim , o Mundo dos Elfos, ou Espíritos, leves e belos; (3) Nifl-heim , o Mundo do Frio e da Escuridão, que está localizado no Norte; (4) Jotun-heim , o Mundo dos Gigantes, que está localizado no Leste; (5) Midgard , o Mundo Terrestre dos seres humanos, que está localizado no meio, ou lugar do meio; (6) Vana-heim , o Mundo dos Vanes, que está localizado no Oeste; (7) Muspells-heim , o Mundo do Fogo, que está localizado no Sul; 8) Svart-alfa-heim , o Mundo dos Elfos escuros e traiçoeiros, que está sob a terra; e (9) Hel-heim , o Mundo do frio e a morada dos mortos, que está localizado no ponto mais baixo do universo. Deve ser entendido que todos esses mundos são invisíveis aos sentidos, exceto Midgard, o lar das criaturas humanas, mas durante o processo de iniciação a alma do candidato — libertada de sua bainha terrena pelo poder secreto dos sacerdotes — vagueia entre os habitantes dessas várias esferas. Há, sem dúvida, uma relação entre os nove mundos dos escandinavos e as nove esferas, ou

planos, pelos quais os iniciados dos Mistérios Eleusinos passavam em seu ritual de regeneração.

Os Antigos Mistérios e Sociedade Secretas Parte Três

O MAIS famoso dos antigos Mistérios religiosos era o de Elêusis, cujos ritos eram celebrados a cada cinco anos na cidade de Elêusis para honrar Ceres (Deméter, Reia ou Ísis) e sua filha, Perséfone. Os iniciados da Escola de Elêusis eram famosos em toda a Grécia pela beleza de seus conceitos filosóficos e pelos altos padrões de moralidade que demonstravam em suas vidas diárias. Por causa de sua excelência, esses Mistérios se espalharam para Roma e Grã-Bretanha, e mais tarde as iniciações foram dadas em ambos os países. Os Mistérios de Elêusis, nomeados em homenagem à comunidade na Ática onde os dramas sagrados foram apresentados pela primeira vez, são geralmente considerados como tendo sido fundados por Eumolpos cerca de mil e quatrocentos anos antes do nascimento de Cristo, e através do sistema platônico de filosofia seus princípios foram preservados até os tempos modernos.

Os ritos de Eleusis, com suas interpretações místicas dos segredos mais preciosos da Natureza, ofuscaram as civilizações de seu tempo e gradualmente absorveram muitas escolas menores, incorporando em seu próprio sistema qualquer informação valiosa que essas instituições menores possuíam. Heckethorn vê nos Mistérios de Ceres e Baco uma metamorfose dos ritos de Ísis e Osíris, e há todas as razões para acreditar que todas as chamadas escolas secretas do mundo antigo eram ramos de uma árvore filosófica que, com sua raiz no céu e seus ramos na terra, é - como o espírito do homem - uma causa invisível, mas sempre presente, dos veículos objetivados que lhe dão expressão. Os Mistérios eram os canais pelos quais essa luz filosófica era disseminada, e seus iniciados, resplandecentes com compreensão intelectual e espiritual, eram o fruto perfeito da árvore divina, testemunhando diante do mundo material a fonte recôndita de toda Luz e Verdade.

Os ritos de Elêusis eram divididos no que eram chamados de Mistérios Menores e Maiores. De acordo com James Gardner, os Mistérios Menores eram celebrados na primavera (provavelmente na época do equinócio vernal) na cidade de Agræ, e os Maiores, no outono (época do equinócio outonal) em Elêusis ou Atenas. Supõe-se que os primeiros eram dados anualmente e os últimos a cada cinco anos. Os rituais dos eleusinos eram altamente envolventes, e entendê-los exigia um estudo profundo da mitologia grega, que eles interpretavam em sua luz esotérica com a ajuda de suas chaves secretas.

Os Mistérios Menores foram dedicados a Perséfone. Em seus Mistérios Eleusinos e Báquicos , Thomas Taylor resume seu propósito da seguinte forma: "Os Mistérios Menores foram projetados pelos antigos teólogos, seus fundadores, para significar

ocultamente a condição da alma não purificada investida com um corpo terreno e envolta em uma natureza material e física."

A lenda usada nos ritos Menores é a do sequestro da deusa Perséfone, a filha de Ceres, por Plutão, o senhor do submundo, ou Hades. Enquanto Perséfone está colhendo flores em um lindo prado, a terra de repente se abre e o sombrio senhor da morte, cavalgando em uma carruagem magnífica, emerge de suas profundezas sombrias e, agarrando-a em seus braços, carrega a deusa gritando e lutando para seu palácio subterrâneo, onde ele a força a se tornar sua rainha.

É duvidoso que muitos dos próprios iniciados tenham entendido o significado místico dessa alegoria, pois a maioria deles aparentemente acreditava que ela se referia somente à sucessão das estações. É difícil obter informações satisfatórias sobre os Mistérios, pois os candidatos eram obrigados por juramentos invioláveis a nunca revelar seus segredos internos aos profanos. No início da cerimônia de iniciação, o candidato ficava sobre as peles de animais sacrificados para o propósito e jurava que a morte selaria seus lábios antes que ele divulgasse as verdades sagradas que estavam prestes a ser comunicadas a ele. Por meio de canais indiretos, no entanto, alguns de seus segredos foram preservados. Os ensinamentos dados aos neófitos eram substancialmente os seguintes:

A alma do homem — frequentemente chamada de Psique , e nos Mistérios Eleusinos simbolizada por Perséfone — é essencialmente uma coisa espiritual. Seu verdadeiro lar está nos mundos superiores, onde, livre da escravidão da forma material e dos conceitos materiais, é dito que é verdadeiramente viva e autoexpressiva. A natureza humana, ou física, do homem, de acordo com essa doutrina, é um túmulo, um atoleiro, uma coisa falsa e impermanente, a fonte de toda tristeza e sofrimento. Platão descreve o corpo como o sepulcro da alma; e com isso ele quer dizer não apenas a forma humana, mas também a natureza humana.

A melancolia e a depressão dos Mistérios Menores representavam a agonia da alma espiritual incapaz de se expressar porque aceitou as limitações e ilusões do ambiente humano. O ponto crucial do argumento eleusino era que o homem não é nem melhor nem mais sábio após a morte do que durante a vida. Se ele não se elevar acima da ignorância durante sua estada aqui, o homem vai na morte para a eternidade para vagar para sempre, cometendo os mesmos erros que cometeu aqui. Se ele não superar o desejo por posses materiais aqui, ele o levará consigo para o mundo invisível, onde, porque ele nunca pode satisfazer o desejo, ele continuará em agonia sem fim. O Inferno de Dante é simbolicamente descritivo dos sofrimentos daqueles que nunca libertaram suas naturezas espirituais dos desejos, hábitos, pontos de vista e limitações de suas personalidades plutônicas. Aqueles que não fizeram nenhum esforço para melhorar a si mesmos (cujas almas dormiram) durante suas vidas físicas, passaram na morte para o Hades, onde, deitados em fileiras, dormiram por toda a eternidade como dormiram durante a vida.

Para os filósofos eleusinos, a bétula no mundo físico era a morte no sentido mais amplo da palavra, e o único nascimento verdadeiro era o da alma espiritual do homem surgindo do útero de sua própria natureza carnal. "A alma que dorme está

morta", diz Longfellow, e nisso ele atinge a nota-chave dos Mistérios eleusinos. Assim como Narciso, olhando para si mesmo na água (os antigos usavam esse elemento móvel para simbolizar o universo transitório, ilusório e material) perdeu sua vida tentando abraçar um reflexo, assim o homem, olhando para o espelho da Natureza e aceitando como seu verdadeiro eu o barro sem sentido que ele vê refletido, perde a oportunidade oferecida pela vida física de revelar seu Eu imortal e invisível.

Um antigo iniciado disse uma vez que os vivos são governados pelos mortos. Somente aqueles familiarizados com o conceito eleusino de vida poderiam entender essa afirmação. Isso significa que a maioria das pessoas não é governada por seus espíritos vivos, mas por suas personalidades animais insensatas (portanto mortas). A transmigração e a reencarnação eram ensinadas nesses Mistérios, mas de uma maneira um tanto incomum. Acreditava-se que à meia-noite os mundos invisíveis estavam mais próximos da esfera terrestre e que as almas que chegavam à existência material entravam durante a meia-noite. Por essa razão, muitos dos eleusinos

O ESTUPRO DE PERSÉFONE.

Do Recucil des Figures, Groupes, Themes, Fontaines, Vases et outros Ornements de Thomassin .

Plutão, o senhor do submundo, representa a inteligência corporal do homem; e o estupro de Perséfone é um símbolo da natureza divina atacada e contaminada pela alma animal e arrastada para a escuridão sombria do Hades, que é aqui usada como sinônimo da esfera material ou objetiva da consciência.

Em suas Disquisitions upon the Painted Greek Vases , James Christie apresenta a versão de Meursius das ocorrências que ocorreram durante os nove dias necessários para a promulgação dos Grandes Ritos Eleusinos. O primeiro dia foi o da reunião geral, durante a qual aqueles a serem iniciados foram questionados sobre suas diversas qualificações. O segundo dia foi gasto em uma procissão até o mar, possivelmente para a submersão de uma imagem da deusa presidente. O terceiro dia foi aberto pelo sacrifício de uma tainha. No quarto dia, a cesta mística contendo certos símbolos sagrados foi levada a Eleusis, acompanhada por várias devotas carregando cestas menores. Na noite do quinto dia, houve uma corrida de tochas, no sexto uma procissão liderada por uma estátua de Iacchus e no sétimo uma competição atlética. O oitavo dia foi dedicado à repetição da cerimônia para o benefício de qualquer um que pudesse ter sido impedido de vir antes. O nono e último dia foi dedicado às questões filosóficas mais profundas da Eleusinia, durante o qual uma urna ou jarro — o símbolo de Baco — foi exibido como um emblema de suprema importância.

cerimônias eram realizadas à meia-noite. Alguns desses espíritos adormecidos que falharam em despertar suas naturezas superiores durante a vida terrena e que agora flutuavam nos mundos invisíveis, cercados por uma escuridão de sua própria criação, ocasionalmente deslizavam por essa hora e assumiam as formas de várias criaturas.

Os místicos de Elêusis também enfatizaram o mal do suicídio, explicando que havia um profundo mistério a respeito desse crime do qual eles não podiam falar, mas alertando seus discípulos de que uma grande tristeza vem a todos que tiram suas próprias vidas. Isso, em substância, constitui a doutrina esotérica dada aos iniciados dos Mistérios Menores. Como o grau lidava amplamente com as misérias daqueles que falharam em fazer o melhor uso de suas oportunidades filosóficas, as câmaras de iniciação eram subterrâneas e os horrores do Hades eram vividamente retratados em um complicado drama ritualístico. Depois de passar com sucesso pelas passagens tortuosas, com suas provações e perigos, o candidato recebia o título honorário de Mystes . Isso significava alguém que via através de um véu ou tinha uma visão turva. Também significava que o candidato havia sido levado até o véu, que seria arrancado no grau superior. A palavra moderna místico , referindo-se a alguém que busca a verdade de acordo com os ditames do coração ao longo do caminho da fé, provavelmente deriva desta palavra antiga, pois fé é a crença na realidade das coisas invisíveis ou veladas.

Os Mistérios Maiores (nos quais o candidato era admitido somente após ter passado com sucesso pelas provações dos Menores, e nem sempre então) eram sagrados para Ceres, a mãe de Perséfone, e a representam como vagando pelo mundo em busca de sua filha sequestrada. Ceres carregava duas tochas, intuição e razão, para ajudá-la na busca por sua criança perdida (a alma). Por fim, ela encontrou Perséfone não muito longe de Elêusis, e por gratidão ensinou as pessoas de lá a cultivar milho, que é sagrado para ela. Ela também fundou os Mistérios. Ceres apareceu diante de Plutão, deus das almas dos mortos, e implorou a ele para permitir que Perséfone retornasse para sua casa. Isso o deus a princípio se recusou a fazer, porque Perséfone havia comido da romã, o fruto da mortalidade. Por fim, no entanto, ele se comprometeu e concordou em permitir que Perséfone vivesse no mundo superior metade do ano se ela ficasse com ele na escuridão do Hades pela metade restante.

Os gregos acreditavam que Perséfone era uma manifestação da energia solar, que nos meses de inverno vivia sob a terra com Plutão, mas no verão retornava novamente com a deusa da produtividade. Há uma lenda de que as flores amavam Perséfone e que todos os anos, quando ela partia para os reinos escuros de Plutão, as plantas e arbustos morriam de tristeza. Enquanto os profanos e não iniciados tinham suas próprias opiniões sobre esses assuntos, as verdades das alegorias gregas permaneciam seguramente escondidas pelos sacerdotes, que sozinhos reconheciam a sublimidade dessas grandes parábolas filosóficas e religiosas.

Thomas Taylor sintetiza as doutrinas dos Grandes Mistérios na seguinte declaração: "Os Grandes (Mistérios) obscuramente sugeriram, por meio de visões místicas e esplêndidas, a felicidade da alma, tanto aqui quanto no além, quando purificada da contaminação de uma natureza material e constantemente elevada às realidades da visão intelectual (espiritual)".

Assim como os Mistérios Menores discutiam a época pré-natal do homem quando a consciência em seus nove dias (embriologicamente, meses) estava descendo para o reino da ilusão e assumindo o véu da irrealidade, os Mistérios Maiores discutiam os princípios da regeneração espiritual e revelavam aos iniciados não apenas o método mais simples, mas também o mais direto e completo de libertar suas naturezas superiores da escravidão da ignorância material. Como Prometeu acorrentado ao topo do Monte Cáucaso, a natureza superior do homem está acorrentada à sua personalidade inadequada. Os nove dias de iniciação também eram simbólicos das nove esferas através das quais a alma humana desce durante o processo de assumir uma forma terrestre. Os exercícios secretos para o desenvolvimento espiritual dados aos discípulos dos graus mais elevados são desconhecidos, mas há todas as razões para acreditar que eles eram semelhantes aos Mistérios Brahmânicos, uma vez que se sabe que as cerimônias eleusinas eram encerradas com as palavras sânscritas "Konx Om Pax".

Aquela parte da alegoria referente aos dois períodos de seis meses durante um dos quais Perséfone deve permanecer com Plutão, enquanto durante o outro ela pode revisitar o mundo superior, oferece material para profunda consideração. É provável que os eleusinos percebessem que a alma deixava o corpo durante a vigília, ou pelo menos era capaz de sair pelo treinamento especial que, sem dúvida, eles estavam em posição de dar. Assim, Perséfone permaneceria como a rainha do reino de Plutão durante as horas de vigília, mas ascenderia aos mundos espirituais durante os períodos de sono. O iniciado era ensinado a interceder com Plutão para permitir que Perséfone (a alma do iniciado) ascendesse da escuridão de sua natureza material para a luz do entendimento. Quando assim liberto dos grilhões de argila e conceitos cristalizados, o iniciado era liberado não apenas pelo período de sua vida, mas por toda a eternidade, pois nunca mais ele foi despojado daquelas qualidades da alma que após a morte eram seus veículos para manifestação e expressão no chamado mundo celestial.

Em contraste com a ideia de Hades como um estado de escuridão abaixo, dizia-se que os deuses habitavam os topos das montanhas, um exemplo bem conhecido sendo o Monte Olimpo, onde se dizia que as doze divindades do panteão grego moravam juntas. Em suas andanças iniciáticas, o neófito, portanto, entrava em câmaras de brilho cada vez maior para retratar a ascensão do espírito dos mundos inferiores para os reinos da bem-aventurança. Como clímax de tais andanças, ele entrava em uma grande sala abobadada, no centro da qual ficava uma estátua brilhantemente iluminada da deusa Ceres. Aqui, na presença do hierofante e cercado por sacerdotes em vestes magníficas, ele era instruído no mais alto dos mistérios secretos de Eleusis. Na conclusão desta cerimônia, ele era saudado como um Epoptes , que significa aquele que viu ou viu diretamente. Por esta razão, também a iniciação era denominada autópsia . O Epoptes recebeu então certos livros sagrados, provavelmente escritos em cifra, juntamente com tábuas de pedra nas quais instruções secretas estavam gravadas.

Em The Obelisk in Freemasonry , John A. Weisse descreve as personagens oficiantes dos Mistérios de Elêusis como consistindo de um hierofante masculino e um hierofante feminino que dirigiam as iniciações; um portador da tocha masculino e um portador da tocha feminino; um arauto masculino; e um atendente do altar masculino e um atendente do altar feminino. Havia também vários oficiais menores. Ele afirma que, de acordo com Porfírio, o hierofante representa o Demiurgo de Platão , ou Criador do mundo; o portador da tocha, o Sol; o homem do altar, a Lua; o arauto, Hermes, ou Mercúrio; e os outros oficiais, estrelas menores.

Dos registros disponíveis, uma série de fenômenos estranhos e aparentemente sobrenaturais acompanhavam os rituais. Muitos iniciados alegam ter realmente visto os próprios deuses vivos. Se isso foi resultado de êxtase religioso ou da cooperação real de poderes invisíveis com os sacerdotes visíveis deve permanecer

um mistério. Em A Metamorfose, ou Asno de Ouro , Apuleio descreve assim o que com toda a probabilidade é sua iniciação nos Mistérios de Elêusis:

"Aproximei-me dos confins da morte e, tendo pisado no limiar de Proserpina, retornei dela, sendo levado por todos os elementos. À meia-noite, vi o sol brilhando com uma luz esplêndida; e manifestamente me aproximei dos deuses abaixo e dos deuses acima, e os adorei proximamente."

Mulheres e crianças eram admitidas nos Mistérios de Elêusis, e em um momento houve literalmente milhares de iniciados. Como essa vasta hoste não estava preparada para as mais altas doutrinas espirituais e místicas, uma divisão necessariamente ocorreu dentro da própria sociedade. Os ensinamentos mais elevados foram dados a apenas um número limitado de iniciados que, por causa da mentalidade superior, mostraram uma compreensão abrangente de seus conceitos filosóficos subjacentes. Sócrates se recusou a ser iniciado nos Mistérios de Elêusis, pois conhecendo seus princípios sem ser um membro da ordem, ele percebeu que a filiação selaria sua língua. Que os Mistérios de Elêusis eram baseados em grandes e eternas verdades é atestado pela veneração em que eram mantidos pelas grandes mentes do mundo antigo. M. Ouvaroff pergunta: "Píndaro, Platão, Cícero, Epicteto, teriam falado deles com tanta admiração, se o hierofante tivesse se satisfeito em proclamar em voz alta suas próprias opiniões, ou aquelas de sua ordem?"

As vestimentas nas quais os candidatos eram iniciados eram preservadas por muitos anos e acreditava-se que possuíam propriedades quase sagradas. Assim como a alma não pode ter nenhuma cobertura, exceto sabedoria e virtude, os candidatos — ainda sem conhecimento verdadeiro — eram apresentados aos Mistérios despidos, sendo primeiro: dada a pele de um animal e depois uma túnica consagrada para simbolizar os ensinamentos filosóficos recebidos pelo iniciado. Durante o curso da iniciação, o candidato

CERES, O PATRONO DOS MISTÉRIOS.

De uma pintura mural em Pompeia.

Ceres, ou Deméter, era filha de Cronos e Reia, e de Zeus a mãe de Perséfone. Alguns acreditam que ela seja a deusa da terra, mas mais corretamente ela é a divindade que protege a agricultura em geral e o milho em particular. A papoula é sagrada para Ceres e ela é frequentemente mostrada carregando ou ornamentada por uma guirlanda dessas flores. Nos Mistérios, Ceres é representada cavalgando em uma carruagem puxada por serpentes aladas.

A PROCISSÃO DOS RITOS BÁQUICOS.

Da Metamorfose de Ovídio .

Na iniciação, dos Mistérios Báquicos, o papel de Baco é desempenhado pelo candidato que, atacado por sacerdotes disfarçados de Titãs, é morto e finalmente restaurado à vida em meio a grande regozijo. Os Mistérios Báquicos eram dados a cada três anos e, como os Mistérios Eleusinos, eram divididos em dois graus. Os iniciados eram coroados com murta e hera, plantas que eram sagradas para Baco.

No Anacalypsis , Godfrey Higgins estabelece conclusivamente Baco (Dionísio) como uma das primeiras formas pagãs do mito de Cristo, "O local de nascimento de Baco, chamado Sabazius ou Sabaoth, foi reivindicado por vários lugares na Grécia; mas no Monte Zelmisus, na Trácia, sua adoração parece ter sido principalmente celebrada. Ele nasceu de uma virgem no dia 25 de dezembro; ele realizou grandes milagres para o bem da humanidade; particularmente um em que ele transformou água em vinho; ele cavalgou em uma procissão triunfal em um jumento; ele foi morto pelos Titãs e ressuscitou dos mortos no dia 25 de março: ele sempre foi chamado de Salvador. Em seus mistérios, ele foi mostrado ao povo, como uma criança é pelos cristãos neste dia, na manhã do dia de Natal em Roma."

Enquanto Apolo geralmente representa o sol, Baco também é uma forma de energia solar, pois sua ressurreição foi realizada com a assistência de Apolo. A ressurreição de Baco significa meramente a extração ou desembaraço das várias Partes da constituição Báquica da constituição Titânica do mundo. Isso é simbolizado pela fumaça ou fuligem subindo dos corpos queimados dos Titãs. A alma é simbolizada pela fumaça porque é extraída pelo fogo dos Mistérios. A fumaça significa a ascensão da alma, a evolução distante é o processo da alma subindo, como fumaça, da massa material divinamente consumida. Na época, os Ritos Báquicos eram de alta ordem, mas depois se tornaram muito degradados. As Bacanálias, ou orgias de Baco, são famosas na literatura.

passou por dois portões. O primeiro levava para baixo, para os mundos inferiores, e simbolizava seu nascimento na ignorância. O segundo levava para cima, para uma sala brilhantemente iluminada por lâmpadas invisíveis, na qual estava a estátua de Ceres e que simbolizava o mundo superior, ou a morada da Luz e da Verdade. Estrabão afirma que o grande templo de Elêusis comportaria entre vinte e trinta mil pessoas. As cavernas dedicadas por Zaratustra também tinham essas duas portas, simbolizando as avenidas do nascimento e da morte.

O parágrafo seguinte de Porfírio dá uma concepção bastante adequada do simbolismo eleusino: "Deus sendo um princípio luminoso, residindo no meio do fogo mais sutil, ele permanece para sempre invisível aos olhos daqueles que não se elevam acima da vida material: por esse motivo, a visão de corpos transparentes, como cristal, mármore de Paros e até mesmo marfim, lembra a ideia de luz divina; assim como a visão do ouro excita uma ideia de sua pureza, pois o ouro não pode ser manchado. Alguns pensaram que por uma pedra negra era significada a invisibilidade da essência divina. Para expressar a razão suprema, a Divindade era representada sob a forma humana - e bela, pois Deus é a fonte da beleza; de diferentes idades e em várias atitudes, sentado ou ereto; de um ou outro sexo, como uma virgem ou um jovem, um marido ou uma noiva, para que todas as

sombras e gradações pudessem ser marcadas. Cada coisa luminosa foi posteriormente atribuída aos deuses; a esfera e tudo o que é esférico, ao universo, ao sol e ao lua--às vezes para Fortuna e para Esperança. O círculo, e todas as figuras circulares, para a eternidade--para os movimentos celestes; para os círculos e zonas dos céus. A seção de círculos, para as fases da lua; e pirâmides e obeliscos, para o princípio ígneo, e através disso para os deuses do Céu. Um cone expressa o sol, um cilindro a terra; o falo e o triângulo (um símbolo da matriz) designam geração." (De Ensaio sobre os Mistérios de Eleusis por M. Ouvaroff.)

Os Mistérios de Elêusis, de acordo com Heckethorn, sobreviveram a todos os outros e não deixaram de existir como uma instituição até quase quatrocentos anos depois de Cristo, quando foram finalmente suprimidos por Teodósio (denominado o Grande), que destruiu cruelmente todos os que não aceitavam a fé cristã. Sobre esta maior de todas as instituições filosóficas, Cícero disse que ela ensinava aos homens não apenas como viver, mas também como morrer.

OS MISTÉRIOS ÓRFICOS

Orfeu, o bardo trácio, o grande iniciador dos gregos, deixou de ser conhecido como homem e foi celebrado como uma divindade vários séculos antes da Era Cristã. "Quanto ao próprio Orfeu * * *", escreve Thomas Taylor, "dificilmente um vestígio de sua vida pode ser encontrado entre as imensas ruínas do tempo. Pois quem já foi capaz de afirmar qualquer coisa com certeza sobre sua origem, sua idade, seu país e condição? Só isso pode ser dependente, de assentimento geral, de que antigamente viveu uma pessoa chamada Orfeu, que foi o fundador da teologia entre os gregos; o instituidor de suas vidas e moral; o primeiro dos profetas e o príncipe dos poetas; ele próprio filho de uma Musa; que ensinou aos gregos seus ritos e mistérios sagrados, e de cuja sabedoria, como de uma fonte perene e abundante, a musa divina de Homero e a sublime teologia de Pitágoras e Platão fluíram." (Veja Os Hinos Místicos de Orfeu .)

Orfeu foi o fundador do sistema mitológico grego que ele usou como meio para a promulgação de suas doutrinas filosóficas. A origem de sua filosofia é incerta. Ele pode tê-la obtido dos brâmanes, havendo lendas de que ele a obteve como hindu, seu nome possivelmente derivado de ὀρφανῖος, que significa "escuro". Orfeu foi iniciado nos Mistérios Egípcios, dos quais ele obteve amplo conhecimento de magia, astrologia, feitiçaria e medicina. Os Mistérios dos Cabiri em Samotrácia também foram conferidos a ele, e estes, sem dúvida, contribuíram para seu conhecimento de medicina e música.

O romance de Orfeu e Eurídice é um dos episódios trágicos da mitologia grega e constitui, aparentemente, a característica marcante

do Rito Órfico. Eurídice, em sua tentativa de escapar de um vilão que buscava seduzi-la, morreu do veneno de uma serpente venenosa que a picou no calcanhar.

Orfeu, penetrando no próprio coração do submundo, encantou tanto Plutão e Perséfone com a beleza de sua música que eles concordaram em permitir que Eurídice retornasse à vida se Orfeu pudesse levá-la de volta à esfera dos vivos sem olhar uma vez ao redor para ver se ela o estava seguindo. Tão grande era seu medo, no entanto, de que ela se afastasse dele que ele virou a cabeça, e Eurídice com um grito de coração partido foi varrida de volta para a terra da morte.

Orfeu vagou pela terra por um tempo desconsolado, e há vários relatos conflitantes sobre a maneira de sua morte. Alguns declaram que ele foi morto por um raio; outros, que, falhando em salvar sua amada Eurídice, ele cometeu suicídio. A versão geralmente aceita de sua morte, no entanto, é que ele foi despedaçado por mulheres ciconianas cujos avanços ele havia rejeitado. No décimo livro da República de Platão , é declarado que, por causa de seu triste destino nas mãos de mulheres, a alma que outrora fora Orfeu, ao ser destinada a viver novamente no mundo físico, escolheu retornar no corpo de um cisne do que nascer de uma mulher. A cabeça de Orfeu, depois de ser arrancada de seu corpo, foi lançada com sua lira no rio Hebrus, por onde flutuou até o mar, onde, encravada em uma fenda em uma rocha, deu oráculos por muitos anos. A lira, depois de ser roubada de seu santuário e causar a destruição do ladrão, foi pega pelos deuses e transformada em uma constelação.

Orfeu tem sido cantado há muito tempo como o patrono da música. Em sua lira de sete cordas, ele tocava harmonias tão perfeitas que os próprios deuses eram movidos a aclamar seu poder. Quando ele tocava as cordas de seu instrumento, os pássaros e animais se reuniam ao seu redor, e enquanto ele vagava pelas florestas, suas melodias encantadoras faziam até mesmo as árvores antigas, com grande esforço, arrancarem suas raízes retorcidas da terra e segui-lo. Orfeu é um dos muitos Imortais que se sacrificaram para que a humanidade pudesse ter a sabedoria dos deuses. Pelo simbolismo de sua música, ele comunicou os segredos divinos à humanidade, e vários autores declararam que os deuses, embora o amassem, temiam que ele derrubasse seu reino e, portanto, relutantemente abraçaram sua destruição.

Com o passar do tempo, o Orfeu histórico tornou-se irremediavelmente confundido com a doutrina que ele representava e eventualmente se tornou o símbolo da escola grega da sabedoria antiga. Assim, Orfeu foi declarado filho de Apolo, a verdade divina e perfeita, e Calíope, a Musa da harmonia e do ritmo. Em outras palavras, Orfeu é a doutrina secreta (Apolo) revelada através da música (Calíope). Eurídice é a humanidade morta pela picada da serpente do falso conhecimento e aprisionada no submundo da ignorância. Nesta alegoria, Orfeu significa teologia, que a ganha do rei dos mortos, mas falha em realizar sua ressurreição porque estima falsamente e desconfia do entendimento inato dentro da alma humana. As mulheres ciconianas que rasgaram Orfeu membro por membro simbolizam as várias facções teológicas em conflito que destroem o corpo da Verdade. Elas não podem realizar isso, no entanto, até que seus gritos discordantes afoguem a harmonia extraída por Orfeu de sua lira mágica. A cabeça de Orfeu significa as doutrinas esotéricas de seu culto. Essas doutrinas continuam a viver e falar mesmo depois que seu corpo (o culto) foi destruído. A lira é o ensinamento secreto de Orfeu; as sete cordas são as sete verdades divinas que são as chaves para o conhecimento universal. Os diferentes relatos de sua morte representam os vários

meios usados para destruir os ensinamentos secretos: a sabedoria pode morrer de muitas maneiras ao mesmo tempo. A alegoria de Orfeu encarnando no cisne branco significa apenas que as verdades espirituais que ele promulgou continuarão e serão ensinadas pelos iniciados iluminados de todas as eras futuras. O cisne é o símbolo dos iniciados dos Mistérios; é um símbolo também do poder divino que é o progenitor do mundo.

OS RITOS BÁQUICOS E DIONISIÁCOS

O Rito Báquico gira em torno da alegoria do jovem Baco (Dionísio ou Zagreu) sendo despedaçado pelos Titãs. Esses gigantes realizaram a destruição de Baco fazendo com que ele ficasse fascinado por sua própria imagem em um espelho. Depois de desmembrá-lo, os Titãs primeiro ferveram os pedaços em água e depois os assaram. Palas resgatou o coração do deus assassinado e, por essa precaução, Baco (Dionísio) foi capaz de brotar novamente em toda a sua antiga glória. Júpiter, o Demiurgo, contemplando o crime dos Titãs, lançou seus raios e os matou, queimando seus corpos até as cinzas com fogo celestial. Das cinzas dos Titãs - que também continham uma porção da carne de Baco, cujo corpo eles haviam devorado parcialmente - a raça humana foi criada. Assim, dizia-se que a vida mundana de cada homem continha uma porção da vida Báquica.

Por esta razão, os Mistérios Gregos alertavam contra o suicídio. Aquele que tenta destruir a si mesmo levanta a mão contra a natureza de Baco dentro dele, já que o corpo do homem é indiretamente o túmulo deste deus e, consequentemente, deve ser preservado com o maior cuidado.

Baco (Dionísio) representa a alma racional do mundo inferior. Ele é o chefe dos Titãs — os artífices das esferas mundanas. Os pitagóricos o chamavam de mônada titânica . Assim, Baco é a ideia todo-inclusiva da esfera titânica e dos Titãs — ou deuses dos fragmentos — as agências ativas por meio das quais a substância universal é moldada no padrão dessa ideia. O estado báquico significa a unidade da alma racional em um estado de autoconhecimento, e o estado titânico a diversidade da alma racional que, sendo espalhada por toda a criação, perde a consciência de sua própria unidade essencial. O espelho no qual Baco olha e que é a causa de sua queda é o grande mar da ilusão — o mundo inferior moldado pelos Titãs. Baco (a alma racional mundana), vendo sua imagem diante de si, aceita a imagem como uma semelhança de si mesmo e anima a semelhança; isto é, a ideia racional anima seu reflexo--o universo irracional. Ao animar a imagem irracional, ela implanta nela o desejo de se tornar como sua fonte, a imagem racional. Portanto, os antigos disseram que o homem não conhece os deuses pela lógica ou pela razão, mas sim pela percepção da presença dos deuses dentro de si.

Depois que Baco olhou para o espelho e seguiu seu próprio reflexo na matéria, a alma racional do mundo foi quebrada e distribuída pelos Titãs por toda a esfera mundana da qual é a natureza essencial, mas o coração, ou fonte, eles não

puderam: espalhar. Os Titãs pegaram o corpo desmembrado de Baco e o ferveram em água — símbolo da imersão no universo material — que representa a incorporação do princípio báquico na forma. Os pedaços foram depois torrados para significar a ascensão subsequente da natureza espiritual para fora da forma.

Quando Júpiter, o pai de Baco e o Demiurgo do universo, viu que os Titãs estavam irremediavelmente envolvendo a ideia racional ou divina ao espalhar seus membros pelas partes constituintes do mundo inferior, ele matou os Titãs para que a ideia divina não fosse totalmente perdida. Das cinzas dos Titãs ele formou a humanidade, cujo propósito de existência era preservar e eventualmente liberar a ideia Báquica, ou alma racional, da fabricação titânica. Júpiter, sendo o Demiurgo e fabricante do universo material, é a terceira pessoa da Tríade Criativa, consequentemente o Senhor da Morte, pois a morte existe apenas na esfera inferior do ser sobre a qual ele preside. A desintegração ocorre para que a reintegração possa seguir em um nível mais alto de forma ou inteligência. Os raios de Júpiter são emblemáticos de seu poder desintegrador; eles revelam o propósito da morte, que é resgatar a alma racional do poder devorador da natureza irracional.

O homem é uma criatura composta, sua natureza inferior consistindo dos fragmentos dos Titãs e sua natureza superior a carne sagrada e imortal (vida) de Baco. Portanto, o homem é capaz de uma existência titânica (irracional) ou báquica (racional). Os Titãs de Hesíodo, que eram doze em número, são provavelmente análogos ao zodíaco celestial, enquanto os Titãs que assassinaram e desmembraram Baco representam os poderes zodiacais distorcidos por seu envolvimento no mundo material. Assim, Baco representa o sol que é desmembrado pelos signos do zodíaco e de cujo corpo o universo é formado. Quando as formas terrestres foram criadas a partir das várias partes de seu corpo, o senso de totalidade foi perdido e o senso de separação estabelecido. O coração de Baco, que foi salvo por Palas, ou Minerva, foi retirado dos quatro elementos simbolizados por seu corpo desmembrado e colocado no éter. O coração de Baco é o centro imortal da alma racional.

Depois que a alma racional foi distribuída por toda a criação e a natureza do homem, os Mistérios Báquicos foram instituídos com o propósito de desembaraçá-la da natureza irracional titânica. Esse desembaraço foi o processo de elevar a alma do estado de separação para o de unidade. As várias partes e membros de Baco foram coletados dos diferentes cantos da Terra. Quando todas as partes racionais são reunidas, Baco é ressuscitado.

Os Ritos de Dionísio eram muito semelhantes aos de Baco, e por muitos esses dois deuses são considerados um. Estátuas de Dionísio eram carregadas nos Mistérios Eleusinos, especialmente os graus menores. Baco, representando a alma da esfera mundana, era capaz de uma infinita multiplicidade de formas e designações. Dionísio aparentemente era seu aspecto solar.

Os Arquitetos Dionisíacos constituíam uma antiga sociedade secreta, em princípios e doutrinas muito semelhantes à moderna Ordem Maçônica. Eles eram uma organização de construtores unidos por seu conhecimento secreto da relação entre as ciências terrenas e divinas da arquitetura. Eles foram supostamente empregados

pelo Rei Salomão na construção de seu Templo, embora não fossem judeus, nem adorassem o Deus dos judeus, sendo seguidores de Baco e Dionísio. Os Arquitetos Dionisíacos erigiram muitos dos grandes monumentos da antiguidade. Eles possuíam uma linguagem secreta e um sistema de marcação de suas pedras. Eles tinham convocações anuais e festas sagradas. A natureza exata de suas doutrinas é desconhecida. Acredita-se que CHiram Abiff foi um iniciado desta sociedade.

Atlântida e os Deuses da Antiguidade

ATLÂNTIDA é o tema de um artigo curto, mas importante, que aparece no Relatório Anual do Conselho de Regentes da Smithsonian Institution para o ano que terminou em 30 de junho de 1915. O autor, M. Pierre Termier, membro da Academia de Ciências e Diretor de Serviço da Carta Geológica da França, proferiu uma palestra sobre a hipótese atlante em 1912 perante o Institut Océanographique; são as notas traduzidas desta notável palestra que são publicadas no relatório do Smithsonian.

"Após um longo período de indiferença desdenhosa", escreve M. Termier, "observe como nos últimos anos a ciência está retornando ao estudo da Atlântida. Quantos naturalistas, geólogos, zoólogos ou botânicos estão se perguntando hoje se Platão não nos transmitiu, com ligeira amplificação, uma página da história real da humanidade. Nenhuma afirmação é ainda permitida; mas parece cada vez mais evidente que uma vasta região, continental ou composta de grandes ilhas, desmoronou a oeste dos Pilares de Hércules, também chamada de Estreito de Gibraltar, e que seu colapso ocorreu em um passado não muito distante. Em qualquer caso, a questão da Atlântida é colocada novamente diante dos homens da ciência; e como não acredito que ela possa ser resolvida sem o auxílio da oceanografia, achei natural discuti-la aqui, neste templo da ciência marítima, e chamar a atenção dos oceanógrafos, bem como a atenção daqueles que, embora imerso no tumulto das cidades, preste ouvidos ao murmúrio distante do mar."

Em sua palestra, M. Termier apresenta dados geológicos, geográficos e zoológicos em comprovação da teoria da Atlântida. Figurativamente drenando todo o leito do Oceano Atlântico, ele considera as desigualdades de sua bacia e cita locais em uma linha dos Açores à Islândia, onde a dragagem trouxe lava à superfície de uma profundidade de 3.000 metros. A natureza vulcânica das ilhas agora existentes no Oceano Atlântico corrobora a declaração de Platão de que o continente atlante foi destruído por cataclismos vulcânicos. M. Termier também avança as conclusões de um jovem zoólogo francês, M. Louis Germain, que admitiu a existência de um continente atlântico conectado com a Península Ibérica e com a Mauritânia e prolongado em direção ao sul para incluir algumas regiões de clima desértico. M. Termier conclui sua palestra com uma imagem gráfica do engolfamento daquele continente.

A descrição da civilização atlante dada por Platão no Crítias pode ser resumida da seguinte forma. Nas primeiras eras, os deuses dividiram a terra entre si, proporcionando-a de acordo com suas respectivas dignidades. Cada um se tornou a divindade peculiar de sua própria cota e estabeleceu templos para si mesmo, ordenou um sacerdócio e instituiu um sistema de sacrifício. A Poseidon foi dado o

mar e o continente insular de Atlântida. No meio da ilha havia uma montanha que era a morada de três seres humanos primitivos nascidos na terra - Evenor; sua esposa, Leucipe; e sua única filha, Cleito. A donzela era muito bonita e, após a morte repentina de seus pais, ela foi cortejada por Poseidon, que gerou com ela cinco pares de filhos homens. Poseidon dividiu seu continente entre esses dez, e Atlas, o mais velho, ele tornou o senhor dos outros nove. Poseidon também chamou o país de Atlântida e o mar ao redor de Atlântico em homenagem a Atlas. Antes do nascimento de seus dez filhos, Poseidon dividiu o continente e o mar costeiro em zonas concêntricas de terra e água, que eram tão perfeitas como se fossem torneadas em um torno. Duas zonas de terra e três de água cercavam a ilha central, que Poseidon fez irrigar com duas fontes de água — uma morna e a outra fria.

Os descendentes de Atlas continuaram como governantes da Atlântida, e com governo sábio e indústria elevaram o país a uma posição de dignidade insuperável. Os recursos naturais da Atlântida eram aparentemente ilimitados. Metais preciosos eram extraídos, animais selvagens domesticados e perfumes destilados de suas flores perfumadas. Enquanto desfrutavam da abundância natural de sua localização semitropical, os atlantes se empregaram também na construção de palácios, templos e docas. Eles construíram pontes nas zonas do mar e mais tarde cavaram um canal profundo para conectar o oceano externo com a ilha central, onde ficavam os palácios e o templo de Poseidon, que superavam todas as outras estruturas em magnificência. Uma rede de pontes e canais foi criada pelos atlantes para unir as várias partes de seu reino.

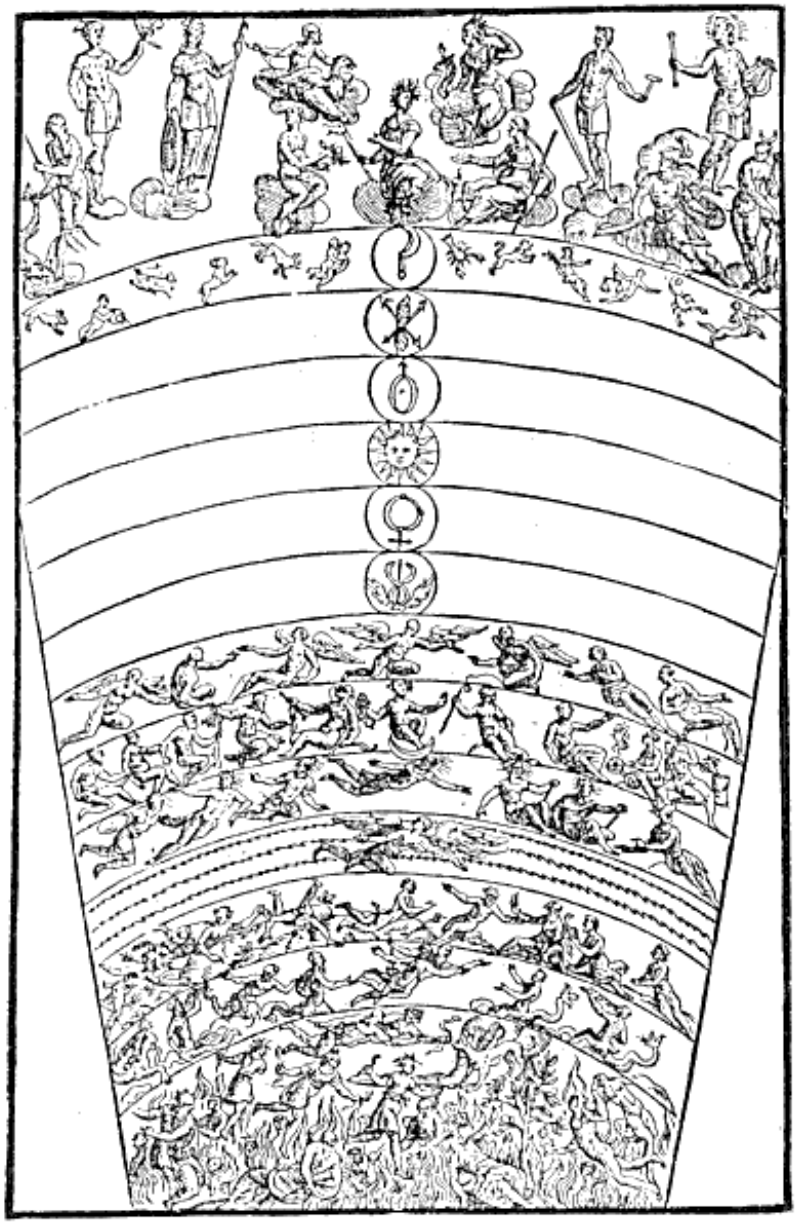
Platão então descreve as pedras brancas, pretas e vermelhas que eles extraíram de baixo de seu continente e usaram na construção de edifícios públicos e docas. Eles circunscreveram cada uma das zonas de terra com um muro, o muro externo sendo coberto com latão, o do meio com estanho e o interno, que envolvia a cidadela, com orichalch. A cidadela, na ilha central, continha os palácios, templos e outros edifícios públicos. Em seu centro, cercado por um muro de ouro, havia um santuário dedicado a Cleito e Poseidon. Aqui nasceram os primeiros dez príncipes da ilha e aqui a cada ano seus descendentes traziam oferendas. O próprio templo de Poseidon, seu exterior inteiramente coberto com prata e seus pináculos com ouro, também ficava dentro da cidadela. O interior do templo era de marfim, ouro, prata e orichalch, até mesmo os pilares e o chão. O templo continha uma estátua colossal de Poseidon em pé em uma carruagem puxada por seis cavalos alados, ao redor dele uma centena de Nereidas cavalgando golfinhos. Dispostas do lado de fora do edifício estavam estátuas douradas dos primeiros dez reis e suas esposas.

Nos bosques e jardins havia fontes quentes e frias. Havia numerosos templos para várias divindades, locais de exercícios para homens e animais, banhos públicos e uma grande pista de corrida para cavalos. Em vários pontos de observação nas zonas havia fortificações, e para o grande porto vinham embarcações de todas as nações marítimas. As zonas eram tão densamente povoadas que o som de vozes humanas estava sempre no ar.

Aquela parte da Atlântida de frente para o mar era descrita como elevada e íngreme, mas ao redor da cidade central havia uma planície protegida por

montanhas famosas por seu tamanho, número e beleza. A planície produzia duas colheitas por ano, no inverno sendo regada pelas chuvas e no verão por imensos canais de irrigação, que também eram usados para transporte. A planície era dividida em seções, e em tempos de guerra cada seção fornecia sua cota de homens de combate e carruagens.

Os dez governos diferiam entre si em detalhes sobre os requisitos militares. Cada um dos reis da Atlântida tinha controle completo sobre seu próprio reino, mas suas relações mútuas eram governadas por um código gravado pelos primeiros dez reis em uma coluna de orichalch no templo de Poseidon. Em intervalos alternados de cinco e seis anos, uma peregrinação era feita a este templo para que honra igual pudesse ser conferida aos números ímpares e pares. Aqui, com o sacrifício apropriado, cada rei renovava seu



O ESQUEMA DO UNIVERSO SEGUNDO OS GREGOS E OS ROMANOS.

Do Imagini degli Dei degli Antichi de Cartari .

Ao ascender sucessivamente através da esfera ígnea de Hades, as esferas da água, Terra e ar, e os céus da lua, o plano de Mercúrio é alcançado. Acima de Mercúrio estão os planos de Vênus, o sol, Marte, Júpiter e Saturno, este último contendo os símbolos das constelações zodiacais. Acima do arco dos céus (Saturno) está a morada dos diferentes poderes que controlam o universo. O conselho supremo dos deuses é composto por doze divindades — seis masculinas e seis femininas — que correspondem aos signos positivos e negativos do zodíaco. Os seis deuses são Júpiter, Vulcano, Apolo, Marte, Netuno e Mercúrio; as seis deusas são Juno, Ceres, Vesta, Minerva, Vênus e Diana. Júpiter cavalga sua águia como símbolo de sua soberania sobre o mundo, e Juno está sentada sobre um pavão, o símbolo apropriado de sua arrogância e glória.

juramento de lealdade sobre a inscrição sagrada. Aqui também os reis vestiram vestes azuis e sentaram-se em julgamento. Ao amanhecer, eles escreveram suas sentenças em uma tábua de ouro: e as depositaram com suas vestes como memoriais. As principais leis dos reis atlantes eram que eles não deveriam pegar em armas uns contra os outros e que eles deveriam vir em auxílio de qualquer um de seus membros que fosse atacado. Em questões de guerra e grande momento, a decisão final estava nas mãos dos descendentes diretos da família de Atlas. Nenhum rei tinha o poder de vida e morte sobre seus parentes sem o consentimento da maioria dos dez.

Platão conclui sua descrição declarando que foi esse grande império que atacou os estados helênicos. Isso não ocorreu, no entanto, até que seu poder e glória atraíram os reis atlantes do caminho da sabedoria e da virtude. Cheios de falsa ambição, os governantes da Atlântida determinaram conquistar o mundo inteiro. Zeus, percebendo a maldade dos atlantes, reuniu os deuses em sua habitação sagrada e se dirigiu a eles. Aqui a narrativa de Platão chega a um fim abrupto, pois o Crítias nunca foi concluído. No Timeu há uma descrição adicional da Atlântida, supostamente dada a Sólon por um sacerdote egípcio e que conclui da seguinte forma:

"Mas depois ocorreram violentos terremotos e inundações; e em um único dia e noite de chuva todos os seus homens guerreiros em um corpo afundaram na terra, e a ilha de Atlântida da mesma maneira desapareceu, e foi afundada sob o mar. E essa é a razão pela qual o mar nessas partes é intransitável e impenetrável, porque há uma quantidade tão grande de lama rasa no caminho; e isso foi causado pela subsidência da ilha."

Na introdução à sua tradução do Timeu , Thomas Taylor cita uma História da Etiópia escrita por Marcelo, que contém a seguinte referência à Atlântida: "Pois eles relatam que em seu tempo havia sete ilhas no mar Atlântico, sagradas para Prosérpina; e além destas, três outras de imensa magnitude; uma das quais era sagrada para Plutão, outra para Amon, e outra, que é o meio destas, e é de mil estádios, para Netuno." Crantor, comentando sobre Platão, afirmou que os

sacerdotes egípcios declararam que a história da Atlântida foi escrita sobre pilares que ainda estavam preservados por volta de 300 a.C. (Veja Beginnings or Glimpses of Vanished Civilizations .) Ignatius Donnelly, que deu ao assunto da Atlântida um estudo profundo, acreditava que os cavalos foram domesticados pela primeira vez pelos atlantes, razão pela qual sempre foram considerados peculiarmente sagrados para Poseidon. (Veja Atlântida .)

De uma consideração cuidadosa da descrição de Platão sobre a Atlântida, é evidente que a história não deve ser considerada como totalmente histórica, mas sim como alegórica e histórica. Orígenes, Porfírio, Proclo, Jâmblico e Siriano perceberam que a história escondia um profundo mistério filosófico, mas discordaram quanto à interpretação real. A Atlântida de Platão simboliza a natureza tríplice do universo e do corpo humano. Os dez reis da Atlântida são os tetractys , ou números, que nascem como cinco pares de opostos. (Consulte Theon de Esmirna para a doutrina pitagórica dos opostos.) Os números de 1 a 10 governam todas as criaturas, e os números, por sua vez, estão sob o controle da Mônada, ou 1 — o Mais Velho entre eles.

Com o cetro tridente de Poseidon, esses reis dominavam os habitantes das sete pequenas e três grandes ilhas que compõem Atlântida. Filosoficamente, as dez ilhas simbolizam os poderes trinos da Divindade Superior e os sete regentes que se curvam diante de Seu trono eterno. Se Atlântida for considerada a esfera arquetípica, então sua imersão significa a descida da consciência racional e organizada para o reino ilusório e impermanente da ignorância irracional e mortal. Tanto o naufrágio de Atlântida quanto a história bíblica da "queda do homem" significam involução espiritual - um pré-requisito para a evolução consciente.

Ou o iniciado Platão usou a alegoria de Atlântida para atingir dois fins amplamente diferentes ou então os relatos preservados pelos sacerdotes egípcios foram adulterados para perpetuar a doutrina secreta. Isso não significa que Atlântida seja puramente mitológica, mas supera o obstáculo mais sério à aceitação da teoria de Atlântida, a saber, os relatos fantásticos de sua origem, tamanho, aparência e data de destruição - 9600 a.C. No meio da ilha central de Atlântida havia uma montanha alta que projetava uma sombra de cinco mil estádios de extensão e cujo cume tocava a esfera do éter . Esta é a montanha eixo do mundo, sagrada entre muitas raças e simbólica da cabeça humana, que se eleva dos quatro elementos do corpo. Esta montanha sagrada, em cujo cume ficava o templo dos deuses, deu origem às histórias do Olimpo, Meru e Asgard. A Cidade dos Portões Dourados - a capital de Atlântida - é a que agora é preservada entre inúmeras religiões como a Cidade dos Deuses ou a Cidade Sagrada . Aqui está o arquétipo da Nova Jerusalém, com suas ruas pavimentadas com ouro e seus doze portões brilhando com pedras preciosas.

"A história da Atlântida", escreve Ignatius Donnelly, "é a chave da mitologia grega. Não pode haver dúvida de que esses deuses da Grécia eram seres humanos. A tendência de atribuir atributos divinos a grandes governantes terrestres é profundamente implantada na natureza humana." (Veja Atlântida .)

O mesmo autor sustenta suas visões ao notar que as divindades do panteão grego não eram vistas como criadoras do universo, mas sim como regentes colocadas

sobre ele por seus fabricantes originais mais antigos. O Jardim do Éden do qual a humanidade foi expulsa por uma espada flamejante é talvez uma alusão ao paraíso terrestre supostamente localizado a oeste dos Pilares de Hércules e destruído por cataclismos vulcânicos. A lenda do Dilúvio pode ser rastreada também até a inundação atlante, durante a qual um "mundo" foi destruído pela água.,

O conhecimento religioso, filosófico e científico possuído pelos sacerdócios da antiguidade foi garantido na Atlântida, cuja submersão obliterou todos os vestígios de sua parte no drama do progresso mundial? A adoração ao sol atlante foi perpetuada no ritualismo e cerimonialismo do cristianismo e do paganismo. Tanto a cruz quanto a serpente eram emblemas atlantes da sabedoria divina. Os progenitores divinos (atlantes) dos maias e quichés da América Central coexistiram dentro do brilho verde e azul de Gucumatz, a serpente "emplumada". Os seis sábios nascidos no céu se manifestaram como centros de luz unidos ou sintetizados pela sétima — e chefe — de sua ordem, a cobra "emplumada". (Veja o Popol Vuh .) O título de cobra "alada" ou "emplumada" foi aplicado a Quetzalcoatl, ou Kukulcan, o iniciado centro-americano. O centro da Sabedoria-Religião Atlante era presumivelmente um grande templo piramidal erguido na testa de um planalto que se erguia no meio da Cidade dos Portões Dourados. Dali os Sacerdotes-Iniciados da Pena Sagrada saíram, levando as chaves da Sabedoria Universal para as partes mais remotas da Terra.

As mitologias de muitas nações contêm relatos de deuses que "saíram do mar". Certos xamãs entre os índios americanos contam sobre homens santos vestidos com penas de pássaros e wampum que surgiram das águas azuis e os instruíram nas artes e ofícios. Entre as lendas dos caldeus está a de Oannes, uma criatura parcialmente anfíbia que saiu do mar e ensinou os povos selvagens ao longo da costa a ler e escrever, a arar o solo, cultivar ervas para cura, estudar as estrelas, estabelecer formas racionais de governo e se familiarizar com os mistérios sagrados. Entre os maias, Quetzalcoatl, o Deus-Salvador (que alguns estudiosos cristãos acreditam ter sido São Tomás), surgiu das águas e, após instruir o povo sobre os fundamentos da civilização, cavalgou para o mar em uma jangada mágica de serpentes para escapar da ira do deus feroz do Espelho de Fogo, Tezcatlipoca.

Não pode ter sido que esses semideuses de uma era fabulosa que, como Esdras, saíram do mar eram sacerdotes atlantes? Tudo o que o homem primitivo lembrava dos atlantes era a glória de seus ornamentos dourados, a transcendência de sua sabedoria e a santidade de seus símbolos - a cruz e a serpente. Que eles vinham em navios foi logo esquecido, pois mentes não instruídas consideravam até mesmo barcos como sobrenaturais. Onde quer que os atlantes fizessem proselitismo, eles erguiam pirâmides e templos modelados segundo o grande santuário na Cidade dos Portões Dourados. Tal é a origem das pirâmides do Egito, México e América Central. Os montes na Normandia e na Grã-Bretanha, bem como os dos índios americanos, são remanescentes de uma cultura semelhante. No meio do programa atlante de colonização e conversão do mundo, os cataclismos que afundaram a Atlântida começaram. Os Sacerdotes Iniciados da Pena Sagrada que prometeram retornar aos seus assentamentos missionários nunca retornaram; e após o lapso de séculos a tradição preservou apenas um relato fantástico de deuses que vieram de um lugar onde hoje fica o mar.

HP Blavatsky resume assim as causas que precipitaram o desastre atlante: "Sob as insinuações malignas de seu demônio, Thevetat, a raça atlante se tornou uma nação de magos perversos . Em consequência disso, a guerra foi declarada, cuja história seria longa demais para narrar; sua substância pode ser encontrada nas alegorias desfiguradas da raça de Caim, dos gigantes e de Noé e sua família justa. O conflito chegou ao fim com a submersão da Atlântida; que encontra sua imitação nas histórias do dilúvio babilônico e mosaico: Os gigantes e magos '* * * e toda a carne morreu * * * e todo homem.' Todos, exceto Xisuthrus e Noé, que são substancialmente idênticos ao grande Pai dos Thlinkithianos no Popol Vuh , ou o livro sagrado dos guatemaltecos, que também conta sobre sua fuga em um grande barco, como o Noé hindu — Vaiswasvata. " (Veja Ísis sem Véu .)

Dos atlantes, o mundo recebeu não apenas a herança das artes e ofícios, filosofias e ciências, ética e religiões, mas também a herança do ódio, da contenda e da perversão. Os atlantes instigaram a primeira guerra; e foi dito que todas as guerras subsequentes foram travadas em um esforço infrutífero para justificar a primeira e corrigir o erro que ela causou. Antes que a Atlântida afundasse, seus Iniciados espiritualmente iluminados, que perceberam que sua terra estava condenada porque havia se afastado do Caminho da Luz, retiraram-se do continente malfadado. Levando consigo a doutrina sagrada e secreta, esses atlantes

se estabeleceram no Egito, onde se tornaram seus primeiros governantes "divinos". Quase todos os grandes mitos cosmológicos que formam a fundação dos vários livros sagrados do mundo são baseados nos rituais do Mistério Atlante.

O MITO DO DEUS MORRENDO

O mito de Tamuz e Ishtar é um dos primeiros exemplos da alegoria do deus moribundo, provavelmente anterior a 4000 a.C. (Veja Babilônia e Assíria por Lewis Spence.) A condição imperfeita das tábuas nas quais as lendas estão inscritas torna impossível garantir mais do que um relato fragmentário dos ritos de Tamuz. Sendo o deus esotérico do sol, Tamuz não ocupou uma posição entre as primeiras divindades veneradas pelos babilônios, que por falta de conhecimento mais profundo o viam como um deus da agricultura ou um espírito da vegetação. Originalmente, ele foi descrito como um dos guardiões dos portões do submundo. Como muitos outros Deuses-Salvadores, ele é referido como um "pastor" ou "o senhor do assento do pastor". Tamuz ocupa a posição notável de filho e marido de Ishtar, a deusa-mãe babilônica e assíria. Ishtar — para quem a planadora Vênus era sagrada — era a divindade mais amplamente venerada do panteão babilônico e assírio. Ela era provavelmente idêntica a Ashterorh, Astarte e Afrodite. A história de sua descida ao submundo em busca presumivelmente do elixir sagrado que sozinho poderia restaurar Tamuz à vida é a chave para o ritual de seus Mistérios. Tamuz, cujo festival anual acontecia pouco antes do solstício de verão, morreu no meio do verão no antigo mês que levava seu nome, e foi pranteado com elaboradas cerimônias. A maneira de sua morte é desconhecida, mas algumas das acusações

feitas contra Ishtar por Izdubar (Nimrod) indicariam que ela, indiretamente pelo menos, havia contribuído para sua morte. A ressurreição de Tamuz foi a ocasião de grande regozijo, ocasião em que ele foi saudado como um "redentor" de seu povo.

Com asas abertas, Ishtar, a filha de Sin (a Lua), desce para os portões da morte. A casa das trevas — a morada do deus Irkalla — é descrita como "o lugar sem retorno". Não tem luz; o alimento daqueles que moram ali é pó e sua comida é lama. Sobre os ferrolhos da porta da casa de Irkalla há pó espalhado, e os guardiões da casa estão cobertos de penas como pássaros. Ishtar exige que os guardiões abram os portões, declarando que se não o fizerem, ela quebrará os batentes e golpeará as dobradiças e levantará devoradores mortos dos vivos. Os guardiões dos portões imploram que ela seja paciente enquanto eles vão até a rainha do Hades, de quem eles garantem permissão para admitir Ishtar, mas apenas da mesma maneira que todos os outros vieram para esta casa sombria. Ishtar então desce pelos sete portões que levam para baixo nas profundezas do submundo. No primeiro portão, a grande coroa é removida de sua cabeça, no segundo portão, os brincos de suas orelhas, no terceiro portão, o colar de seu pescoço, no quarto portão, os ornamentos de seu peito, no quinto portão, o cinto de sua cintura, no sexto portão, as pulseiras de suas mãos e pés, e no sétimo portão, o manto que cobre seu corpo. Ishtar protesta enquanto cada artigo sucessivo de vestuário é tirado dela, mas o guardião diz a ela que esta é a experiência de todos os que entram no sombrio domínio da morte. Enfurecida ao contemplar Ishtar, a Senhora do Hades inflige a ela todo tipo de doença e a aprisiona no submundo.

Como Ishtar representa o espírito da fertilidade, sua perda impede o amadurecimento das colheitas e de toda a vida na Terra.

Nesse aspecto, a história é paralela à lenda de Perséfone. Os deuses, percebendo que a perda de Ishtar está desorganizando toda a Natureza, enviam um mensageiro ao submundo e exigem sua libertação. A Senhora de Hades é forçada a obedecer, e a água da vida é derramada sobre Ishtar. Assim curada das enfermidades infligidas a ela, ela refaz seu caminho para cima através dos sete portões, em cada um dos quais ela é reinvestida com o artigo de vestuário que os guardiões haviam removido. (Veja The Chaldean Account of Genesis .) Não existe registro de que Ishtar garantiu a água da vida que teria causado a ressurreição de Tamuz.

O mito de Ishtar simboliza a descida do espírito humano através dos sete mundos, ou esferas dos planetas sagrados, até que finalmente, privado de seus adornos espirituais, ele encarna no corpo físico--Hades--onde a senhora daquele corpo acumula toda forma de tristeza e miséria sobre a consciência aprisionada. As águas da vida--a doutrina secreta--curam as doenças da ignorância; e o espírito, ascendendo novamente à sua fonte divina, recupera seus adornos dados por Deus à medida que passa para cima através dos anéis dos planetas.

Outro ritual de Mistério entre os babilônios e assírios era o de Merodaque e o Dragão. Merodaque, a criadora do universo inferior, mata um monstro horrível e de

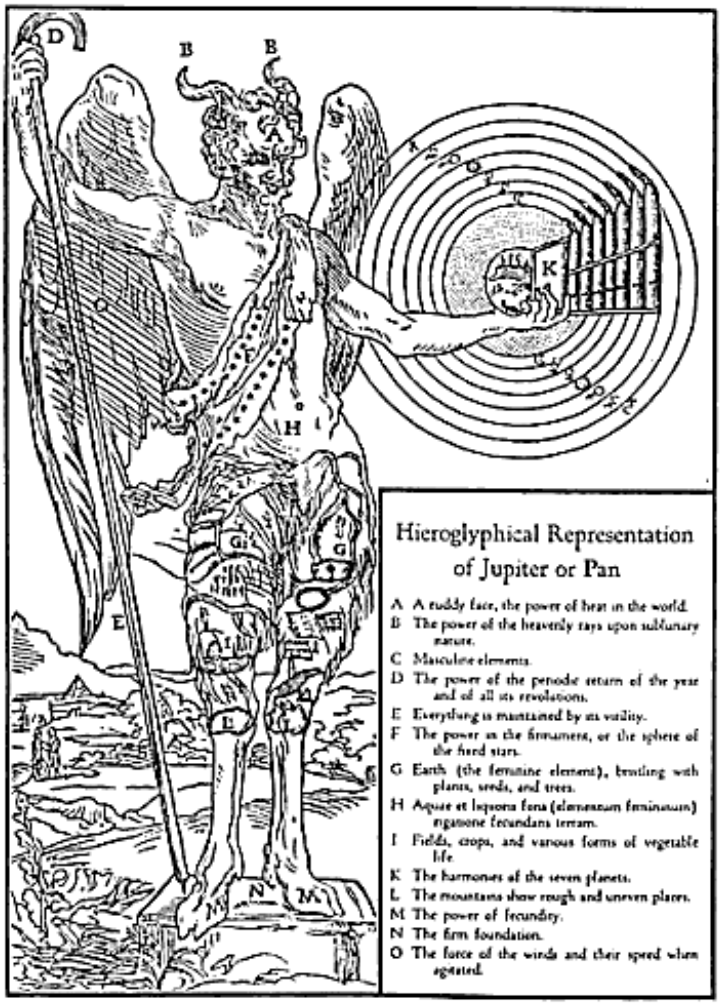
seu corpo forma o universo. Aqui está a provável fonte da chamada alegoria cristã de São Jorge e o Dragão.

Os Mistérios de Adônis , ou Adoni , eram celebrados anualmente em muitas partes do Egito, Fenícia e Biblos. O nome Adônis , ou Adoni , significa "Senhor" e era uma designação aplicada ao sol e mais tarde emprestada pelos judeus como o nome exotérico de seu Deus. Esmirna, mãe de Adônis, foi transformada em uma árvore pelos deuses e depois de um tempo a casca se abriu e o Salvador infantil saiu. De acordo com um relato, ele foi libertado por um javali que partiu a madeira da árvore materna com suas presas. Adônis nasceu à meia-noite do dia 24 de dezembro, e por meio de sua morte infeliz um rito de Mistério foi estabelecido que operou a salvação de seu povo. No mês judaico de Tamuz (outro nome para esta divindade), ele foi chifrado até a morte por um javali enviado pelo deus Ars (Marte). O Adoniasmos era a cerimônia de lamentação da morte prematura do deus assassinado.

Em Ezequiel viii. 14, está escrito que mulheres estavam chorando por Tamuz (Adônis) no portão norte da Casa do Senhor em Jerusalém. Sir James George Frazer cita Jerônimo assim: "Ele nos conta que Belém, o local de nascimento tradicional do Senhor, era sombreado por um bosque daquele ainda mais velho Senhor sírio, Adônis, e que onde o menino Jesus chorou, o amante de Vênus foi lamentado." (Veja The Golden Bough .) Diz-se que a efígie de um javali foi colocada sobre um dos portões de Jerusalém em homenagem a Adônis, e seus ritos celebrados na gruta da Natividade em Belém. Adônis como o homem "corneado" (ou "deus") é uma das chaves para o uso do "javali" por Sir Francis Bacon em seu simbolismo enigmático.

Adônis era originalmente uma divindade andrógina que representava o poder solar que no inverno era destruído pelo princípio maligno do frio — o javali. Após três dias (meses) na tumba, Adônis ressuscitou triunfante no dia 25 de março, em meio à aclamação de seus sacerdotes e seguidores, "Ele ressuscitou!" Adônis nasceu de uma árvore de mirra. A mirra, o símbolo da morte por causa de sua conexão com o processo de embalsamamento, foi um dos presentes trazidos pelos três Reis Magos à manjedoura de Jesus.

Nos Mistérios de Adônis, o neófito passava pela morte simbólica do deus e, "ressuscitado" pelos sacerdotes, entrava no estado abençoado de redenção tornado possível pelos sofrimentos de Adônis. Quase todos os autores acreditam que Adônis tenha sido originalmente um deus da vegetação diretamente conectado com o crescimento e amadurecimento das flores.



A GRANDE PANELA DE DEUS.

Do Édipo Egípcio de Kircher .

O grande Pã foi celebrado como o autor e diretor das danças sagradas que ele supostamente instituiu para simbolizar as circumambulações dos corpos celestes. Pã era uma criatura composta, a parte superior — com exceção de seus chifres — sendo humana, e a parte inferior na forma de uma cabra. Pã é o protótipo da energia natural e, embora sem dúvida uma divindade fálica, não deve ser confundida com Príapo. Os tubos de Pã significam a harmonia natural das esferas, e o próprio deus é um símbolo de Saturno porque este planeta está entronizado em Capricórnio, cujo emblema é uma cabra. Os egípcios foram iniciados nos Mistérios de Pã, que era considerado uma fase de Júpiter, o Demiurgo. Pã representava o poder impregnador do sol e era o chefe de uma horda de divindades rústicas e sátiros. Ele também significava o espírito controlador dos mundos inferiores. Eles inventaram uma história dizendo que na época do nascimento de Cristo os oráculos foram silenciados após darem um último grito: "O Grande Pã está morto!"

e frutas. Em apoio a esse ponto de vista, eles descrevem os "jardins de Adônis", que eram pequenas cestas de terra nas quais sementes eram plantadas e nutridas por um período de oito dias. Quando essas plantas morriam prematuramente por falta de terra suficiente, eram consideradas emblemáticas do Adônis assassinado e geralmente eram lançadas ao mar com imagens do deus.

Na Frígia existia uma notável escola de filosofia religiosa que se centrava na vida e no destino prematuro de outro Deus-Salvador conhecido como Átis , ou Átis , por muitos considerado sinônimo de Adônis. Esta divindade nasceu à meia-noite do dia 24 de dezembro. Há dois relatos de sua morte. Em um, ele foi chifrado até a morte como Adônis; no outro, ele se emasculou sob um pinheiro e lá morreu. Seu corpo foi levado para uma caverna pela Grande Mãe (Cibele), onde permaneceu através dos tempos sem se decompor. O mundo moderno deve aos ritos de Átis o simbolismo da árvore de Natal. Átis transmitiu sua imortalidade à árvore sob a qual morreu, e Cibele levou a árvore com ela quando removeu o corpo. Átis permaneceu três dias no túmulo, ressuscitou em uma data correspondente à manhã de Páscoa e, por esta ressurreição, superou a morte para todos os que foram iniciados em seus Mistérios.

"Nos Mistérios dos Frígios", diz Júlio Firmicus, "que são chamados aqueles da MÃE DOS DEUSES, todo ano um PINHEIRO é cortado e no interior da árvore a imagem de um JOVEM é amarrada! Nos Mistérios de Ísis o tronco de um PINHEIRO é cortado: o meio do tronco é bem escavado; o ídolo de Osíris feito daqueles pedaços escavados é ENTERRADO. Nos Mistérios de Prosérpina, uma árvore cortada é colocada junto na efígie e forma da VIRGEM, e quando é carregada dentro da cidade é LAMENTADA por 40 noites, mas na quadragésima noite é QUEIMADA!" (Veja Sod, os Mistérios de Adoni .)

Os Mistérios de Atys incluíam uma refeição sacramental durante a qual o neófito comia de um tambor e bebia de um címbalo. Após ser batizado pelo sangue de um touro, o novo iniciado era alimentado inteiramente com leite para simbolizar que ele ainda era uma criança filosófica, tendo nascido recentemente da esfera da materialidade. (Veja The Golden Bough de Frazer .) Existe uma possível conexão entre essa dieta láctea prescrita pelo rito ático e a alusão de São Paulo à comida para bebês espirituais? Salústio dá uma chave para a interpretação esotérica dos rituais áticos. Cibele, a Grande Mãe, significa os poderes vivificantes do universo, e Atys, aquele aspecto do intelecto espiritual que está suspenso entre as esferas divina e animal. A Mãe dos deuses, amando Átis, deu a ele um chapéu estrelado, significando poderes celestiais, mas Átis (a humanidade), apaixonando-se por uma ninfa (símbolo das propensões animais inferiores), perdeu sua divindade e seus poderes criativos. É, portanto, evidente que Átis representa a consciência humana e que seus Mistérios estão relacionados com a reobtenção do chapéu estrelado. (Veja Salústio sobre os Deuses e o Mundo .)

Os ritos de Sabazius eram muito semelhantes aos de Baco e acredita-se geralmente que as duas divindades são idênticas. Baco nasceu em Sabazius, ou Sabaoth, e esses nomes são frequentemente atribuídos a ele. Os Mistérios Sabazianos eram realizados à noite, e o ritual incluía o desenho de uma cobra viva no peito do candidato. Clemente de Alexandria escreve: "O símbolo dos Mistérios Sabazianos

para o iniciado é 'a divindade deslizando sobre o peito.'" Uma serpente dourada era o símbolo de Sabazius porque essa divindade representava a renovação anual do mundo pelo poder solar. Os judeus tomaram emprestado o nome Sabaoth desses Mistérios e o adotaram como uma das denominações de seu Deus supremo. Durante o tempo em que os Mistérios Sabazianos eram celebrados em Roma, o culto ganhou muitos devotos e mais tarde influenciou o simbolismo do cristianismo.

Os Mistérios Cabíricos de Samotrácia eram renomados entre os antigos, estando próximos aos Eleusinos em estima pública. Heródoto declara que os Samotrácios receberam suas doutrinas, especialmente aquelas relativas a Mercúrio, dos Pelasgos. Pouco se sabe sobre os rituais Cabíricos, pois eles estavam envoltos no mais profundo segredo. Alguns consideram os Cabiri como sete em número e se referem a eles como "os Sete Espíritos do fogo diante do trono de Saturno". Outros acreditam que os Cabiri sejam os sete andarilhos sagrados, mais tarde chamados de planetas.

Enquanto um vasto número de divindades são associadas aos Mistérios Samotrácios, o drama ritualístico se concentra em quatro irmãos. Os três primeiros — Aschieros, Achiochersus e Achiochersa — atacam e assassinam o quarto — Cashmala (ou Cadmillus). Dionísio, no entanto, identifica Aschieros com Deméter, Achiochersus com Plutão, Achiochersa com Perséfone e Cashmala com Hermes. Alexander Wilder observa que no ritual samotrácio "Cadmillus é feito para incluir o deus-serpente tebano, Cadmus, o Thoth do Egito, o Hermes dos gregos e o Emeph ou Esculápio dos alexandrinos e fenícios". Aqui novamente está uma repetição da história de Osíris, Baco, Adônis, Balder e Hiram Abiff. A adoração de Átis e Cibele também estava envolvida nos Mistérios Samotrácios. Nos rituais dos Cabiri pode ser traçada uma forma de adoração ao pinheiro, pois esta árvore, sagrada para Átis, foi primeiramente aparada na forma de uma cruz e depois cortada em homenagem ao deus assassinado cujo corpo foi descoberto aos seus pés.

"Se você deseja inspecionar as orgias dos Coribantes", escreve Clemente, "então saiba que, tendo matado seu terceiro irmão, eles cobriram a cabeça do cadáver com um pano roxo, coroaram-no e, carregando-o na ponta de uma lança, enterraram-no sob as raízes do Olimpo. Esses mistérios são, em suma, assassinatos e funerais. [Este Pai ante-Niceno em seus esforços para difamar os ritos pagãos aparentemente ignora o fato de que, como o mártir Cabiriano, Jesus Cristo foi vilmente traído, torturado e finalmente assassinado!] E os sacerdotes desses ritos, que são chamados reis dos ritos sagrados por aqueles cujo negócio é nomeá-los, dão estranheza adicional à trágica ocorrência, proibindo que a salsa com as raízes seja colocada na mesa, pois eles pensam que a salsa cresceu do sangue Coribante que fluiu; assim como as mulheres, ao celebrar a Thcsmophoria, se abstêm de comer as sementes do romã, que caíram no chão, da ideia de que romãs brotaram das gotas do sangue de Dionísio. Esses Corybantes também eles chamam de Cabiric; e a cerimônia em si eles anunciam como o mistério Cabiric."

Os Mistérios dos Cabiri eram divididos em três graus, o primeiro dos quais celebrava a morte de Cashmala, nas mãos de seus três irmãos; o segundo, a descoberta de seu corpo mutilado, cujas partes foram encontradas e reunidas após muito trabalho; e o terceiro — acompanhado de grande regozijo e felicidade — sua

ressurreição e a consequente salvação do mundo. O templo dos Cabiri em Samotrácia continha uma série de divindades curiosas, muitas delas criaturas disformes representando os poderes elementais da Natureza, possivelmente os Titãs Báquicos. As crianças eram iniciadas no culto Cabiriano com a mesma dignidade que os adultos, e os criminosos que chegavam ao santuário estavam a salvo de perseguição. Os ritos samotrácios estavam particularmente preocupados com a navegação, os Dioscuri — Castor e Pollux, ou os deuses da navegação — estando entre aqueles propiciados pelos membros daquele culto. A expedição Argonáutica, ouvindo o conselho de Orfeu, parou na ilha de Samotrácia com o propósito de iniciar seus membros nos ritos cabíricos.

Heródoto relata que quando Cambises entrou no templo de Cabiri ele foi incapaz de conter sua alegria ao ver diante de si a figura de um homem em pé e, de frente para o homem, a figura de uma mulher de cabeça para baixo. Se Cambises tivesse conhecimento dos princípios da astronomia divina, ele teria percebido que estava então na presença da chave para o equilíbrio universal. "'Eu pergunto', diz Voltaire, 'quem eram esses Hierofantes, esses sagrados Maçons, que celebravam seus Antigos Mistérios da Samotrácia, e de onde vieram eles e seus deuses Cabiri?'" (Veja a Encyclopædia of Freemasonry de Mackey .) Clemente fala dos Mistérios de Cabiri como "o Mistério sagrado de um irmão morto por seus irmãos", e a "morte cabírica" era um dos símbolos secretos da antiguidade. Assim, a alegoria do Eu assassinado pelo não-eu é perpetuada através do misticismo religioso de todos os povos. A morte filosófica e a ressurreição filosófica são os Mistérios Menores e Maiores, respectivamente.

Um aspecto curioso do mito do deus moribundo é o do Enforcado. O exemplo mais importante dessa concepção peculiar é encontrado nos rituais odínicos, onde Odin se enforca por nove noites nos galhos da Árvore do Mundo e, na mesma ocasião, também perfura seu próprio lado com a lança sagrada. Como resultado desse grande sacrifício, Odin, enquanto suspenso sobre as profundezas de Nifl-heim, descobriu por meditação as runas ou alfabetos pelos quais mais tarde os registros de seu povo foram preservados. Por causa dessa experiência notável, Odin às vezes é mostrado sentado em uma árvore de forca e ele se tornou a divindade padroeira de todos os que morreram pelo laço. Esotericamente, o Enforcado é o espírito humano que é suspenso do céu por um único fio. Sabedoria, não a morte, é a recompensa por esse sacrifício voluntário durante o qual a alma humana, suspensa acima do mundo da ilusão e meditando sobre sua irrealidade, é recompensada pela conquista da auto-realização.

Da consideração de todos esses rituais antigos e secretos, torna-se evidente que o mistério do deus moribundo era universal entre as faculdades iluminadas e veneradas do ensinamento sagrado. Esse mistério foi perpetuado no cristianismo na crucificação e morte do Deus-homem-Jesus, o Cristo. A importância secreta dessa tragédia mundial e do Mártir Universal deve ser redescoberta se o cristianismo quiser atingir as alturas alcançadas pelos pagãos nos dias de sua supremacia filosófica. O mito do deus moribundo é a chave para a redenção e regeneração universal e individual, e aqueles que não compreendem a verdadeira natureza dessa alegoria suprema não têm o privilégio de se considerar sábios ou verdadeiramente religiosos.

A Vida e os Ensinamentos de Thoth Hermes Trismegisto

O TROVÃO rolou, o relâmpago brilhou, o véu do Templo foi rasgado de cima a baixo. O venerável iniciador, em suas vestes azuis e douradas, lentamente levantou sua varinha de joias e apontou com ela para a escuridão revelada pelo rasgar da cortina de seda: "Eis a Luz do Egito!" O candidato, em sua túnica branca simples, olhou para a escuridão total emoldurada pelas duas grandes colunas com cabeças de lótus entre as quais o véu estava pendurado. Enquanto ele observava, uma névoa luminosa se distribuiu por toda a atmosfera até que o ar se tornou uma massa de partículas brilhantes. O rosto do neófito foi iluminado pelo brilho suave enquanto ele examinava a nuvem cintilante em busca de algum objeto tangível. O iniciador falou novamente: "Esta Luz que vocês contemplam é a luminosidade secreta dos Mistérios. De onde ela vem ninguém sabe, exceto o 'Mestre da Luz'. Contemplem-no!" De repente, através da névoa brilhante, uma figura apareceu, cercada por um brilho esverdeado bruxuleante. O iniciador abaixou sua varinha e, curvando a cabeça, colocou uma mão de ponta a ponta contra o peito em humilde saudação. O neófito deu um passo para trás em reverência, parcialmente cego pela glória da figura revelada. Ganhando coragem, o jovem olhou novamente para o Divino. A Forma diante dele era consideravelmente maior do que a de um homem mortal. O corpo parecia parcialmente transparente, de modo que o coração e o cérebro podiam ser vistos pulsando e radiantes. Enquanto o candidato observava, o coração se transformou em um íbis, e o cérebro em uma esmeralda brilhante. Em sua mão, esse Ser misterioso carregava uma vara alada, entrelaçada com serpentes. O velho iniciador, erguendo sua varinha, gritou em voz alta: "Todos te saudam, Thoth Hermes, Três Vezes Maior; todos te saudam, Príncipe dos Homens; todos te saudam que está sobre a cabeça de Tifão!" No mesmo instante, um dragão sinistro e contorcido apareceu — um monstro hediondo, parte serpente, parte crocodilo e parte porco. De sua boca e narinas jorravam lençóis de chamas e sons horríveis ecoavam pelas câmaras abobadadas. De repente, Hermes atingiu o réptil que avançava com o cajado ferido por serpente e, com um grito estridente, o dragão caiu de lado, enquanto as chamas ao redor dele lentamente morriam. Hermes colocou Seu pé sobre o crânio do vencido Tifão. No instante seguinte, com um clarão de glória insuportável que fez o neófito cambalear para trás contra um pilar, o imortal Hermes, seguido por serpentinas de névoa esverdeada, passou pela câmara e desapareceu no nada .

SUPOSIÇÕES RELATIVAS À IDENTIDADE DE HERMES

Jâmblico afirmou que Hermes foi o autor de vinte mil livros; Manetho aumentou o número para mais de trinta e seis mil (ver James Gardner) — números que tornam evidente que um indivíduo solitário, mesmo que ofuscado pela prerrogativa divina, dificilmente poderia ter realizado um trabalho tão monumental. Entre as artes e ciências que Hermes revelou à humanidade estavam medicina, química, direito, arco, astrologia, música, retórica, magia, filosofia, geografia, matemática (especialmente geometria), anatomia e oratória. Orfeu foi aclamado de forma semelhante pelos gregos.

Em sua Biographia Antiqua , Francis Barrett diz sobre Hermes: "* * * se Deus alguma vez apareceu no homem, ele apareceu nele, como é evidente tanto em seus livros quanto em seu Pymander; em cujas obras ele comunicou a soma do Abismo e o conhecimento divino a toda a posteridade; pelas quais ele demonstrou ter sido não apenas um divino inspirado, mas também um filósofo profundo, obtendo sua sabedoria de Deus e das coisas celestiais, e não do homem."

Seu aprendizado transcendente fez com que Hermes fosse identificado com muitos dos primeiros sábios e profetas. Em sua Mitologia Antiga, Bryant escreve: "Eu mencionei que Cadmo era o mesmo que o egípcio Thoth; e isso é manifesto por ele ser Hermes, e pela invenção das letras sendo atribuídas a ele." (No capítulo sobre a teoria da Matemática Pitagórica será encontrada a tabela das letras Cadmeanas originais.) Os investigadores acreditam que foi Hermes que era conhecido pelos judeus como "Enoque", chamado por Kenealy de "Segundo Mensageiro de Deus". Hermes foi aceito na mitologia dos gregos, mais tarde se tornando o Mercúrio dos latinos. Ele era reverenciado através da forma do planeta Mercúrio porque este corpo é o mais próximo do sol: Hermes de todas as criaturas era o mais próximo de Deus, e se tornou conhecido como o Mensageiro dos Deuses.

Nos desenhos egípcios dele, Thoth carrega uma tábua de escrita de cera e serve como registrador durante a pesagem das almas dos mortos no Salão de Julgamento de Osíris — um ritual de grande significado. Hermes é de primeira importância para os estudiosos maçônicos, porque ele foi o autor dos rituais iniciáticos maçônicos, que foram emprestados dos Mistérios estabelecidos por Hermes. Quase todos os símbolos maçônicos são herméticos em caráter. Pitágoras estudou matemática com os egípcios e deles ganhou seu conhecimento dos sólidos geométricos simbólicos. Hermes também é reverenciado por sua reforma do sistema de calendário. Ele aumentou o ano de 360 para 365 dias, estabelecendo assim um precedente que ainda prevalece. A denominação "Três Vezes Maior" foi dada a Hermes porque ele era considerado o maior de todos os filósofos, o maior de todos os sacerdotes e o maior de todos os reis. Vale ressaltar que o último poema do amado poeta americano, Henry Wadsworth Longfellow, foi uma ode lírica a Hermes. (Veja Chambers' Encyclopædia .)

OS FRAGMENTOS HERMÉTICOS MUTILADOS

Sobre o assunto dos livros herméticos, James Campbell Brown, em sua História da Química , escreveu: "Deixando os períodos caldeu e egípcio mais antigo, dos quais temos vestígios, mas nenhum registro, e dos quais nenhum nome de químico ou filósofo chegou até nós, agora nos aproximamos do Período Histórico, quando os livros eram escritos, não a princípio em pergaminho ou papel, mas em papiro. Uma série de livros egípcios antigos é atribuída a Hermes Trismegisto, que pode ter sido um verdadeiro sábio , ou pode ser uma personificação de uma longa sucessão de escritores. * * * Ele é identificado por alguns com o deus grego Hermes, e o egípcio Thoth ou Tuti, que era o deus-lua, e é representado em pinturas antigas como cabeça de íbis com o disco e o crescente da lua. Os egípcios o consideravam o deus da sabedoria, das letras e do registro do tempo. É em consequência do grande respeito nutrido por Hermes pelos antigos alquimistas que os escritos químicos eram chamados "hermético", e que a frase "hermeticamente fechado" ainda é usada para designar o fechamento de um recipiente de vidro por fusão, à maneira de manipuladores químicos. Encontramos a mesma raiz nas medicinas herméticas de Paracelso e na maçonaria hermética da Idade Média."

Entre os escritos fragmentários que se acredita terem vindo do estilete de Hermes estão duas obras famosas. A primeira é a Tábua de Esmeralda , e a segunda é o Divino Pymander , ou, como é mais comumente chamado, O Pastor dos Homens , uma discussão sobre a qual se segue. Um ponto de destaque em conexão com Hermes é que ele foi um dos poucos filósofos-sacerdotes do paganismo sobre os quais os primeiros cristãos não desabafaram seu baço. Alguns Padres da Igreja chegaram a declarar que Hermes exibia muitos sintomas de inteligência, e que se ele tivesse nascido em uma era mais iluminada para que pudesse ter se beneficiado de suas instruções, ele teria sido um homem realmente grande!

Em seu Stromata , Clemente de Alexandria, um dos poucos cronistas da tradição pagã cujos escritos foram preservados até esta era, fornece praticamente todas as informações que são conhecidas sobre os quarenta e dois livros originais de Hermes e a importância com a qual esses livros eram considerados pelos poderes temporais e espirituais do Egito. Clemente descreve uma de suas procissões cerimoniais da seguinte forma:

"Pois os egípcios seguem uma filosofia própria. Esta é

HERMES MERCURIUS TRISMEGISTUS.

Da Historia Deorum Fatidicorum .

Mestre de todas as artes e ciências, perfeito em todos os ofícios, Governante dos Três Mundos, Escriba dos Deuses e Guardião dos Livros da Vida, Thoth Hermes Trismegistus — o Três Vezes Maior, o "Primeiro Intelligencer" — era considerado pelos antigos egípcios como a personificação da Mente Universal. Embora com toda a probabilidade tenha realmente existido um grande sábio e educador chamado Hermes, é impossível extrair o homem histórico da massa de relatos lendários que tentam identificá-lo com o Princípio Cósmico do Pensamento.

mostrado principalmente por seu cerimonial sagrado. Pois primeiro avança o Cantor, portando algum dos símbolos da música. Pois dizem que ele deve aprender dois dos livros de Hermes, um dos quais contém os hinos dos deuses, o segundo os regulamentos para a vida do rei. E depois que o Cantor avança o Astrólogo, com um horologe na mão, e uma palma, os símbolos da astrologia. Ele deve ter os livros astrológicos de Hermes, que são quatro em número, sempre em sua boca. Destes, um é sobre a ordem das estrelas fixas que são visíveis, e outro sobre as conjunções e aparências luminosas do sol e da lua; e o resto respeitando seus nascimentos. Em seguida, na ordem, avança o Escriba sagrado, com asas na cabeça, e em sua mão um livro e uma regra, nos quais estavam tinta de escrita e a cana, com a qual eles escrevem. E ele deve estar familiarizado com o que é chamado de hieróglifos, e saber sobre cosmografia e geografia, a posição do sol e da lua, e sobre os cinco planetas; também a descrição do Egito, e o mapa do Nilo; e a descrição do

equipamento dos sacerdotes e do lugar consagrado a eles, e sobre as medidas e as coisas em uso nos ritos sagrados. Então o guardador da estola segue aqueles mencionados anteriormente, com o côvado da justiça e o copo para libações. Ele está familiarizado com todos os pontos chamados Pædeutic (relacionados ao treinamento) e Moschophaltic (sacrificial). Há também dez livros que se relacionam com a honra paga por eles aos seus deuses, e contendo a adoração egípcia; como aquela relacionada a sacrifícios, primícias, hinos, orações, procissões, festivais e coisas semelhantes. E atrás de todos caminha o Profeta, com o vaso de água carregado abertamente em seus braços; que é seguido por aqueles que carregam a questão dos pães. Ele, como sendo o governador do templo, aprende os dez livros chamados 'Hierático'; e eles contêm tudo sobre as leis, e os deuses, e todo o treinamento dos sacerdotes. Pois o Profeta está, entre os egípcios, também sobre a distribuição das receitas. Há então quarenta e dois livros de Hermes indispensavelmente necessários; dos quais os trinta e seis contendo toda a filosofia dos egípcios são aprendidos pelos personagens acima mencionados; e os outros seis, que são médicos, pelos Pastophoroi (portadores de imagens), - tratando da estrutura do corpo, e de doenças, e instrumentos, e remédios, e sobre os olhos, e o último sobre mulheres.

Uma das maiores tragédias do mundo filosófico foi a perda de quase todos os quarenta e dois livros de Hermes mencionados acima. Esses livros desapareceram durante o incêndio de Alexandria, pois os romanos — e mais tarde os cristãos — perceberam que, até que esses livros fossem eliminados, eles nunca poderiam subjugar os egípcios. Os volumes que escaparam do fogo foram enterrados no deserto e sua localização agora é conhecida apenas por alguns iniciados das escolas secretas.

O LIVRO DE THOTH

Enquanto Hermes ainda andava na terra com os homens, ele confiou a seus sucessores escolhidos o sagrado Livro de Thoth . Esta obra continha os processos secretos pelos quais a regeneração da humanidade seria realizada e também serviu como a chave para seus outros escritos. Nada definitivo é conhecido sobre o conteúdo do Livro de Thoth, exceto que suas páginas estavam cobertas com estranhas figuras e símbolos hieroglíficos, que davam àqueles familiarizados com seu uso poder ilimitado sobre os espíritos do ar e as divindades subterrâneas. Quando certas áreas do cérebro são estimuladas pelos processos secretos dos Mistérios, a consciência do homem é estendida e ele tem permissão para contemplar os Imortais e entrar na presença dos deuses superiores. O Livro de Thoth descreveu o método pelo qual essa estimulação foi realizada. Na verdade, portanto, era a "Chave para a Imortalidade".

Segundo a lenda, o Livro de Thoth era guardado em uma caixa dourada no santuário interno do templo. Havia apenas uma chave e esta estava em posse do "Mestre dos Mistérios", o mais alto iniciado do Arcano Hermético. Somente ele sabia o que estava escrito no livro secreto. O Livro de Thoth foi perdido para o mundo antigo com a decadência dos Mistérios, mas seus fiéis iniciados o levaram selado no caixão sagrado para outra terra. O livro ainda existe e continua a levar os discípulos desta era à presença dos Imortais. Nenhuma outra informação pode ser dada ao mundo a respeito dele agora, mas a sucessão apostólica do primeiro hierofante iniciado pelo próprio Hermes permanece ininterrupta até hoje, e aqueles que são peculiarmente aptos a servir os Imortais podem descobrir este documento inestimável se eles o procurarem sincera e incansavelmente.

Foi afirmado que o Livro de Thoth é, na realidade, o misterioso Tarô dos Boêmios — um estranho livro emblemático de setenta e oito folhas que está em posse dos ciganos desde a época em que foram expulsos de seu antigo templo, o Serapeum. (De acordo com as Histórias Secretas, os ciganos eram originalmente sacerdotes egípcios.) Existem agora no mundo várias escolas secretas privilegiadas para iniciar candidatos nos Mistérios, mas em quase todos os casos eles acenderam seus fogos de altar com a tocha flamejante de Herm . Hermes em seu Livro de Thoth revelou a toda a humanidade o "Caminho Único", e por eras os sábios de todas as nações e todas as fés alcançaram a imortalidade pelo "Caminho" estabelecido por Hermes no meio da escuridão para a redenção da humanidade.

POIMANDRES, A VISÃO DE HERMES

O Divino Pymander de Hermes Mercurius Trismegistus é um dos primeiros escritos herméticos atualmente existentes. Embora provavelmente não esteja em sua forma original, tendo sido remodelado durante os primeiros séculos da Era Cristã e incorretamente traduzido desde então, esta obra sem dúvida contém muitos dos conceitos originais do culto hermético. O Divino Pymander consiste em dezessete escritos fragmentários reunidos e apresentados como uma obra. Acredita-se que o segundo livro de O Divino Pymander , chamado Poimandres , ou A Visão , descreve o método pelo qual a sabedoria divina foi revelada pela primeira vez a Hermes. Foi depois que Hermes recebeu esta revelação que ele começou seu ministério, ensinando a todos que ouvissem os segredos do universo invisível conforme eles lhe foram revelados.

A Visão é o mais famoso de todos os fragmentos herméticos, e contém uma exposição da cosmogonia hermética e das ciências secretas dos egípcios a respeito da cultura e do desenvolvimento da alma humana. Por algum tempo, foi erroneamente chamado de "A Gênese de Enoque", mas esse erro agora foi corrigido. À mão enquanto preparava a seguinte interpretação da filosofia simbólica oculta dentro de A Visão de Hermes, o presente autor teve estas obras de referência: The Divine Pymander of Hermes Mercurius Trismegistus (Londres, 1650), traduzido do árabe e grego pelo Dr. Everard; Hermetica (Oxford, 1924),

editado por Walter Scott; Hermes, The Mysteries of Egypt (Filadélfia, 1925), por Edouard Schure; e o Thrice-Greatest Hermes (Londres, 1906), por GRS Mead. Ao material contido nos volumes acima, ele adicionou comentários baseados na filosofia esotérica dos antigos egípcios, juntamente com amplificações derivadas em parte de outros fragmentos herméticos e em parte do arcano secreto das ciências herméticas. Por uma questão de clareza, a forma narrativa foi escolhida em preferência ao estilo dialógico original, e palavras obsoletas deram lugar àquelas em uso corrente.

Hermes, enquanto vagava em um lugar rochoso e desolado, entregou-se à meditação e à oração. Seguindo as instruções secretas do Templo, ele gradualmente libertou sua consciência superior da escravidão de seus sentidos corporais; e, assim liberado, sua natureza divina revelou a ele os mistérios das esferas transcendentais. Ele contemplou uma figura, terrível e inspiradora. Era o Grande Dragão, com asas se estendendo pelo céu e luz fluindo em todas as direções de seu corpo. (Os Mistérios ensinavam que a Vida Universal era personificada como um dragão.) O Grande Dragão chamou Hermes pelo nome e perguntou-lhe por que ele meditava assim sobre o Mistério do Mundo. Aterrorizado pelo espetáculo, Hermes prostrou-se diante do Dragão, implorando que ele revelasse sua identidade. A grande criatura respondeu que era Poimandres , a Mente do Universo , a Inteligência Criativa e o Imperador Absoluto de todos. (Schure identifica Poimandres como o deus Osíris.) Hermes então implorou a Poimandres que revelasse a natureza do universo e a constituição dos deuses. O Dragão aquiesceu, ordenando que Trismegistus mantivesse sua imagem em sua mente.

Imediatamente a forma de Poimandres mudou. Onde ele estava, havia uma Radiância gloriosa e pulsante. Esta Luz era a natureza espiritual do próprio Grande Dragão. Hermes foi "elevado" ao meio desta Efulgência Divina e o universo de coisas materiais desapareceu de sua consciência. Atualmente, uma grande escuridão desceu e, expandindo-se, engoliu a Luz. Tudo estava perturbado. Ao redor de Hermes girava uma misteriosa substância aquosa que emitia um vapor semelhante a fumaça. O ar estava cheio de gemidos e suspiros inarticulados que pareciam vir da Luz engolida pela escuridão. Sua mente disse a Hermes que

THOTH, O DE CABEÇA DE ÍBIS.

De Maneiras e costumes dos antigos egípcios, de Wilkinson .

É duvidoso que a divindade chamada Thoth pelos egípcios fosse originalmente Hermes, mas as duas personalidades foram misturadas e agora é impossível separá-las. Thoth era chamado de "O Senhor dos Livros Divinos" e "Escriba da Companhia dos Deuses". Ele é geralmente retratado com o corpo de um homem e a cabeça de um íbis. O significado simbólico exato deste último pássaro nunca foi

descoberto. Uma análise cuidadosa da forma peculiar do íbis - especialmente sua cabeça e bico - deve ser esclarecedora.

a Luz era a forma do universo espiritual e que a escuridão rodopiante que o envolvia representava a substância material.

Então, da Luz aprisionada, uma Palavra misteriosa e Sagrada surgiu e se posicionou sobre as águas fumegantes. Esta Palavra — a Voz da Luz — surgiu da escuridão como um grande pilar, e o fogo e o ar a seguiram, mas a terra e a água permaneceram imóveis abaixo. Assim, as águas da Luz foram divididas das águas da escuridão, e das águas da Luz foram formados os mundos acima e das águas da escuridão foram formados os mundos abaixo. A terra e a água se misturaram em seguida, tornando-se inseparáveis, e a Palavra Espiritual que é chamada Razão se moveu sobre sua superfície, causando tumulto sem fim.

Então novamente foi ouvida a voz de Poimandres, mas Sua forma não foi revelada: "Eu, Teu Deus, sou a Luz e a Mente que eram antes que a substância fosse dividida do espírito e a escuridão da Luz. E a Palavra que apareceu como um pilar de fogo da escuridão é o Filho de Deus, nascido do mistério da Mente. O nome dessa Palavra é Razão . A Razão é a prole do Pensamento e a Razão separará a Luz da escuridão e estabelecerá a Verdade no meio das águas. Entenda, ó Hermes, e medite profundamente sobre o mistério. Aquilo que em você vê e ouve não é da terra, mas é a Palavra de Deus encarnada. Então é dito que a Luz Divina habita no meio da escuridão mortal, e a ignorância não pode dividi-los. A união da Palavra e da Mente produz aquele mistério que é chamado Vida . Assim como a escuridão sem você é dividida contra si mesma, a escuridão dentro de você também é dividida. A Luz e o fogo que se elevam são o homem divino, ascendendo no caminho da Palavra, e o que falha em ascender é o homem mortal, que não pode participar imortalidade. Aprenda profundamente sobre a Mente e seu mistério, pois aí reside o segredo da imortalidade."

O Dragão revelou novamente sua forma a Hermes, e por um longo tempo os dois olharam firmemente um para o outro, olho no olho, de modo que Hermes tremeu diante do olhar de Poimandres. Na Palavra do Dragão, os céus se abriram e os inumeráveis Poderes de Luz foram revelados, voando pelo Cosmos em pinhões de fogo fluindo. Hermes contemplou os espíritos das estrelas, os celestiais controlando o universo, e todos aqueles Poderes que brilham com o esplendor do Fogo Único — a glória da Mente Soberana. Hermes percebeu que a visão que ele contemplou foi revelada a ele somente porque Poimandres havia falado uma Palavra. A Palavra era a Razão, e pela Razão da Palavra coisas invisíveis foram manifestadas. A Mente Divina — o Dragão — continuou seu discurso:

"Antes que o universo visível fosse formado, seu molde foi moldado. Este molde foi chamado de Arquétipo , e este Arquétipo estava na Mente Suprema muito antes do processo de criação começar. Contemplando os Arquétipos, a Mente Suprema se apaixonou por Seu próprio pensamento; então, tomando a Palavra como um martelo poderoso, Ela cavou cavernas no espaço primordial e moldou a forma das esferas no molde Arquetípico, ao mesmo tempo semeando nos corpos recém-formados as sementes dos seres vivos. A escuridão abaixo, recebendo o martelo da

Palavra, foi moldada em um universo ordenado. Os elementos se separaram em estratos e cada um produziu criaturas vivas. O Ser Supremo - a Mente - masculino e feminino, produziu a Palavra; e a Palavra, suspensa entre a Luz e a escuridão, foi entregue por outra Mente chamada de Operário , o Mestre-Construtor ou o Criador das Coisas .

"Desta maneira foi realizado, ó Hermes: A Palavra movendo-se como um sopro através do espaço chamou o Fogo pela fricção de seu movimento. Portanto, o Fogo é chamado de Filho do Esforço . O Trabalhador passou como um redemoinho pelo universo, fazendo as substâncias vibrarem e brilharem com sua fricção. O Filho do Esforço formou assim Sete Governadores , os Espíritos dos Planetas, cujas órbitas limitavam o mundo; e os Sete Governadores controlavam o mundo pelo poder misterioso chamado Destino dado a eles pelo Trabalhador Ardente. Quando a Segunda Mente (O Trabalhador) organizou o Caos, a Palavra de Deus se levantou imediatamente de sua prisão de substância, deixando os elementos sem Razão, e se uniu à natureza do Trabalhador Ardente. Então a Segunda Mente, junto com a Palavra ressuscitada, estabeleceu-se no meio do universo e girou as rodas dos Poderes Celestiais. Isso continuará de um começo infinito a um fim infinito, pois o começo e o fim estão no mesmo lugar e estado.

"Então os elementos voltados para baixo e irracionais produziram criaturas sem Razão. A substância não podia conceder Razão, pois a Razão havia ascendido dela. O ar produziu coisas voadoras e as águas, como nadar. A terra concebeu estranhas bestas quadrúpedes e rastejantes, dragões, demônios compostos e monstros grotescos. Então o Pai - a Mente Suprema - sendo Luz e Vida, moldou um glorioso Homem Universal à Sua própria imagem, não um homem terreno, mas um Homem celestial habitando na Luz de Deus. A Mente Suprema amou o Homem que havia molddo e entregou a Ele o controle das criações e obras.

"O Homem, desejando trabalhar, fixou Sua morada na esfera da geração e observou as obras de Seu irmão — a Segunda Mente — que estava sentada sobre o Anel do Fogo. E tendo contemplado as realizações do Trabalhador Ardente, Ele também desejou fazer coisas, e Seu Pai deu permissão. Os Sete Governadores, de cujos poderes Ele participou, se alegraram e cada um deu ao Homem uma parte de Sua própria natureza.

"O Homem ansiava por perfurar a circunferência dos círculos e entender o mistério Daquele que estava sentado sobre o Fogo Eterno. Já tendo todo o poder, Ele se abaixou e espiou através das sete Harmonias e, rompendo a força dos círculos, manifestou-se à Natureza estendida abaixo. O Homem, olhando para as profundezas, sorriu, pois viu uma sombra sobre a terra e uma semelhança espelhada nas águas, cuja sombra e semelhança eram um reflexo Dele mesmo. O Homem se apaixonou por Sua própria sombra e desejou descer nela. Coincidente com o desejo, a Coisa Inteligente uniu-se à imagem ou forma irracional.

"A Natureza, contemplando a descida, envolveu-se em torno do Homem que amava, e os dois se misturaram. Por esta razão, o homem terreno é composto. Dentro dele está o Homem do Céu, imortal e belo; fora está a Natureza, mortal e destrutível. Assim, o sofrimento é o resultado do Homem Imortal se apaixonar por

Sua sombra e desistir da Realidade para habitar na escuridão da ilusão; pois, sendo imortal, o homem tem o poder dos Sete Governadores - também a Vida, a Luz e a Palavra - mas sendo mortal, ele é controlado pelos Anéis dos Governadores - Destino ou Destino.

"Do Homem Imortal, deve-se dizer que Ele é hermafrodita, ou macho e fêmea, e eternamente vigilante. Ele não cochila nem dorme, e é governado por um Pai também macho e fêmea, e sempre vigilante. Tal é o mistério mantido oculto até hoje, pois a Natureza, sendo misturada em casamento com o Homem do Céu, deu à luz uma maravilha mais maravilhosa--sete homens, todos bissexuais, macho e fêmea, e eretos de estatura, cada um exemplificando as naturezas dos Sete Governadores. Estes, ó Hermes, são as sete raças, espécies e rodas.

"Desta maneira foram gerados os sete homens. A Terra era o elemento feminino e a água o elemento masculino, e do fogo e do éter eles receberam seus espíritos, e a Natureza produziu corpos segundo as espécies e formas dos homens. E o homem recebeu a Vida e a Luz do Grande Dragão, e da Vida foi feita sua Alma e da Luz sua Mente. E assim, todas essas criaturas compostas contendo imortalidade, mas participando da mortalidade, continuaram neste estado pela duração de um período. Elas se reproduziram a partir de si mesmas, pois cada uma era macho e fêmea. Mas no final do período o nó do Destino foi desatado pela vontade de Deus e o vínculo de todas as coisas foi afrouxado.

"Então todas as criaturas vivas, incluindo o homem, que era hermafrodita, foram separadas, os machos sendo separados por si mesmos e as fêmeas da mesma forma, de acordo com os ditames da Razão.

"Então Deus falou à Palavra Sagrada dentro da alma de todas as coisas, dizendo: 'Aumentem em aumento e multipliquem-se em multidões, todos vocês, minhas criaturas e obras. Que aquele que é dotado de Mente saiba que é imortal e que a causa da morte é o amor ao corpo; e que ele aprenda todas as coisas que são, pois aquele que se reconheceu entra no estado do Bem.'

UMA FORMA GREGA DE HERMES.

Da Mitologia de Bryant .

O nome Hermes é derivado de "Herm", uma forma de CHiram , o Princípio Universal da Vida Personificado, geralmente representado pelo fogo. Os escandinavos adoravam Hermes sob o nome de Odin ; os teutões como Wotan , e certos povos orientais como Buda , ou Fo . Existem duas teorias sobre sua morte. A primeira declara que Hermes foi transladado como Enoque e levado sem morte para a presença de Deus, a segunda afirma que ele foi enterrado no Vale de Ebron e um grande tesouro colocado em seu túmulo - não um tesouro de ouro, mas de livros e aprendizado sagrado.

Os egípcios comparavam a humanidade a um rebanho de ovelhas. O Pai Supremo e Inconcebível era o Pastor, e Hermes era o cão pastor. A origem do cajado do pastor no simbolismo religioso pode ser rastreada até os rituais egípcios. Os três cetros do Egito incluem o cajado do pastor, simbolizando que, em virtude do poder que repousa naquele cajado simbólico, os faraós iniciados guiavam o destino de seu povo.

"E quando Deus disse isso, a Providência, com a ajuda dos Sete Governadores e da Harmonia, uniu os sexos, fazendo as misturas e estabelecendo as gerações, e todas as coisas foram multiplicadas de acordo com sua espécie. Aquele que, através do erro do apego, ama seu corpo, permanece vagando na escuridão, sensível e sofrendo as coisas da morte, mas aquele que percebe que o corpo é apenas o túmulo de sua alma, ascende à imortalidade."

Então Hermes desejou saber por que os homens deveriam ser privados da imortalidade apenas pelo pecado da ignorância. O Grande Dragão respondeu: Para os ignorantes, o corpo é supremo e eles são incapazes de perceber a imortalidade que está dentro deles. Conhecendo apenas o corpo que está sujeito à morte, eles

acreditam na morte porque adoram aquela substância que é a causa e a realidade da morte."

Então Hermes perguntou como os justos e sábios passam para Deus, ao que Poimandres respondeu: "O que a Palavra de Deus disse, eu digo: 'Porque o Pai de todas as coisas consiste em Vida e Luz, das quais o homem é feito.' Se, portanto, um homem aprender e entender a natureza da Vida e da Luz, então ele passará para a eternidade da Vida e da Luz."

Hermes então perguntou sobre o caminho pelo qual o sábio alcançava a Vida eterna, e Poimandres continuou: "Que o homem dotado de uma marca da Mente considere e aprenda sobre si mesmo, e com o poder de sua Mente se separe de seu não-eu e se torne um servo da Realidade."

Hermes perguntou se todos os homens não tinham Mentes, e o Grande Dragão respondeu: "Tome cuidado com o que você diz, pois eu sou a Mente - o Professor Eterno. Eu sou o Pai da Palavra - o Redentor de todos os homens - e na natureza do sábio a Palavra toma carne. Por meio da Palavra, o mundo é salvo. Eu, Pensamento (Thoth) - o Pai da Palavra, a Mente - venho apenas para os homens que são santos e bons, puros e misericordiosos, e que vivem piedosamente e religiosamente, e minha presença é uma inspiração e uma ajuda para eles, pois quando eu venho eles imediatamente sabem todas as coisas e adoram o Pai Universal. Antes que tais sábios e filósofos morram, eles aprendem a renunciar aos seus sentidos, sabendo que estes são os inimigos de suas almas imortais.

"Não permitirei que os sentidos malignos controlem os corpos daqueles que me amam, nem permitirei que emoções malignas e pensamentos malignos entrem neles. Eu me torno como um porteiro ou porteiro, e excluo o mal, protegendo os sábios de sua própria natureza inferior. Mas para os perversos, os invejosos e os cobiçosos, eu não venho, pois tais não podem entender os mistérios da Mente ; portanto, não sou bem-vindo. Eu os deixo para o demônio vingador que eles estão criando em suas próprias almas, pois o mal a cada dia aumenta e atormenta o homem mais agudamente, e cada ação maligna se soma às ações malignas que já se foram até que finalmente o mal se destrói. A punição do desejo é a agonia da insatisfação."

Hermes curvou a cabeça em agradecimento ao Grande Dragão que tanto lhe havia ensinado, e implorou para ouvir mais sobre o máximo da alma humana. Então Poimandres retomou: "Na morte, o corpo material do homem é devolvido aos elementos de onde veio, e o homem divino invisível ascende à fonte de onde veio, a saber, a Oitava Esfera . O mal passa para a morada do demônio, e os sentidos, sentimentos, desejos e paixões corporais retornam à sua fonte, a saber, os Sete Governadores, cujas naturezas no homem inferior destroem, mas no homem espiritual invisível dão vida.

"Depois que a natureza inferior retorna à brutalidade, a superior luta novamente para recuperar seu estado espiritual. Ela ascende os sete Anéis sobre os quais se sentam os Sete Governadores e retorna a cada um seus poderes inferiores desta

maneira: Sobre o primeiro anel está a Lua, e a ela é devolvida a capacidade de aumentar e diminuir. Sobre o segundo anel está Mercúrio, e a ele são devolvidas maquinações, engano e astúcia. Sobre o terceiro anel está Vênus, e a ele são devolvidas as luxúrias e paixões. Sobre o quarto anel está o Sol, e a este Senhor são devolvidas as ambições. Sobre o quinto anel está Marte, e a ele são devolvidas a precipitação e a ousadia profana. Sobre o sexto anel está Júpiter, e a ele são devolvidas a sensação de acumulação e riquezas. E sobre o sétimo anel está Saturno, no Portão do Caos, e a ele são devolvidas a falsidade e a conspiração maligna.

"Então, estando nua de todas as acumulações dos sete Anéis, a alma chega à Oitava Esfera, a saber, o anel das estrelas fixas. Aqui, livre de toda ilusão, ela habita na Luz e canta louvores ao Pai em uma voz que somente os puros de espírito podem entender. Eis, ó Hermes, há um grande mistério na Oitava Esfera, pois a Via Láctea é a sementeira das almas, e dela elas caem nos Anéis, e para a Via Láctea elas retornam novamente das rodas de Saturno. Mas alguns não conseguem subir a escada de sete degraus dos Anéis. Então eles vagam na escuridão abaixo e são varridos para a eternidade com a ilusão do sentido e da mundanidade.

"O caminho para a imortalidade é difícil, e apenas alguns o encontram. O resto aguarda o Grande Dia quando as rodas do universo serão paradas e as faíscas imortais escaparão das bainhas de substância. Ai daqueles que esperam, pois eles devem retornar novamente, inconscientes e sem saber, para a sementeira das estrelas, e aguardar um novo começo. Aqueles que são salvos pela luz do mistério que eu revelei a você, ó Hermes, e que eu agora ordeno que você estabeleça entre os homens, retornarão novamente ao Pai que habita na Luz Branca, e se entregarão à Luz e serão absorvidos pela Luz, e na Luz eles se tornarão Poderes em Deus. Este é o Caminho do Bem e é revelado apenas para aqueles que têm sabedoria.

"Bendito és tu, ó Filho da Luz, a quem de todos os homens, eu, Poimandres, a Luz do Mundo, me revelei. Eu ordeno que você vá adiante, para se tornar um guia para aqueles que vagam na escuridão, para que todos os homens dentro dos quais habita o espírito da Minha Mente (A Mente Universal) possam ser salvos pela Minha Mente em você, que invocará Minha Mente neles. Estabeleça Meus Mistérios e eles não falharão da terra, pois eu sou a Mente dos Mistérios e até que a Mente falhe (o que nunca acontece) meus Mistérios não podem falhar." Com essas palavras de despedida, Poimandres, radiante com luz celestial, desapareceu, misturando-se aos poderes dos céus. Erguendo seus olhos para os céus, Hermes abençoou o Pai de Todas as Coisas e consagrou sua vida ao serviço da Grande Luz.

Assim pregou Hermes: "Ó povo da terra, homens nascidos e feitos dos elementos, mas com o espírito do Homem Divino dentro de vocês, levantem-se do seu sono de ignorância! Sejam sóbrios e pensativos. Percebam que seu lar não é na terra, mas na Luz. Por que vocês se entregaram à morte, tendo poder para participar da imortalidade? Arrependam-se e mudem de ideia . Afastem-se da luz escura e abandonem a corrupção para sempre. Preparem-se para escalar os Sete Anéis e misturar suas almas com a Luz eterna."

Alguns que ouviram zombaram e escarneceram e seguiram seu caminho, entregando-se à Segunda Morte da qual não há salvação. Mas outros, lançando-se aos pés de Hermes, imploraram que ele lhes ensinasse o Caminho da Vida. Ele os levantou gentilmente, sem receber aprovação para si mesmo, e com o cajado na mão, saiu ensinando e guiando a humanidade, e mostrando-lhes como eles poderiam ser salvos. Nos mundos dos homens, Hermes semeou as sementes da sabedoria e nutriu as sementes com as Águas Imortais. E finalmente chegou a noite de sua vida, e como o brilho da luz da terra estava começando a diminuir, Hermes ordenou a seus discípulos que preservassem suas doutrinas invioláveis por todas as eras. A Visão de Poimandres ele cometeu por escrito para que todos os homens que desejassem a imortalidade pudessem encontrar o caminho.

Ao concluir sua exposição da Visão , Hermes escreveu: "O sono do corpo é a vigilância sóbria da Mente e o fechar dos meus olhos revela a verdadeira Luz. Meu silêncio é preenchido com vida e esperança brotando, e é cheio de bem. Minhas palavras são as flores do fruto da árvore da minha alma. Pois este é o relato fiel do que recebi da minha verdadeira Mente, que é Poimandres, o Grande Dragão, o Senhor da Palavra, através de quem me tornei inspirado por Deus com a Verdade. Desde aquele dia, minha Mente tem estado sempre comigo e em minha própria alma deu à luz a Palavra: a Palavra é Razão, e a Razão me redimiu. Por essa causa, com toda a minha alma e todas as minhas forças, eu louvo e benzo a Deus Pai, a Vida e a Luz, e o Bem Eterno.

"Santo é Deus, o Pai de todas as coisas, aquele que é antes do Primeiro Princípio.

"Santo é Deus, cuja vontade é realizada e realizada por Seus próprios Poderes, os quais Ele gerou de Si mesmo.

"Santo é Deus, que determinou que será conhecido, e que é conhecido pelos Seus a quem Ele se revela.

"Santo és Tu, que pela Tua Palavra (Razão) estabeleceste todas as coisas.

"Santo és Tu, de quem toda a Natureza é imagem.

"Santo és Tu, a quem a natureza inferior não formou.

"Santo és Tu, que és mais forte que todos os poderes.

"Santo és Tu, que és maior que toda excelência.

"Santo és Tu, que és melhor que todos os louvores.

"Aceite estes sacrifícios razoáveis de uma alma pura e de um coração estendido a Ti.

"Ó Tu, Indizível, Indizível, a ser louvado com silêncio!

"Eu Te suplico que olhes com misericórdia para mim, para que eu não me desvie do Teu conhecimento e que eu possa iluminar aqueles que estão na ignorância, meus irmãos e Teus filhos.

"Portanto, creio em Ti e presto testemunho de Ti, e parto em paz e confiança para Tua Luz e Vida.

"Bendito és Tu, ó Pai! O homem que Tu formaste será santificado Contigo, assim como Tu lhe deste poder para santificar outros com Tua Palavra e Tua Verdade."

A Visão de Hermes , como quase todos os escritos herméticos, é uma exposição alegórica de grandes verdades filosóficas e místicas, e seu significado oculto pode ser compreendido apenas por aqueles que foram "elevados" à presença da Mente Verdadeira.

A Iniciação da Pirâmide

SUPREMA entre as maravilhas da antiguidade, inigualável pelas realizações de arquitetos e construtores posteriores, a Grande Pirâmide de Gizé é testemunha muda de uma civilização desconhecida que, tendo completado seu período predestinado, caiu no esquecimento. Eloquente em seu silêncio, inspiradora em sua majestade, divina em sua simplicidade, a Grande Pirâmide é de fato um sermão em pedra. Sua magnitude sobrepuja as sensibilidades insignificantes do homem. Entre as areias movediças do tempo, ela se destaca como um emblema adequado da própria eternidade. Quem foram os matemáticos iluminados que planejaram suas partes e dimensões, os mestres artesãos que supervisionaram sua construção, os artesãos habilidosos que afiaram seus blocos de pedra?

O relato mais antigo e conhecido da construção da Grande Pirâmide é dado por Heródoto, um historiador altamente reverenciado, mas um tanto imaginativo. "A pirâmide foi construída em degraus, em forma de ameia, como é chamada, ou, de acordo com outros, em forma de altar. Depois de colocar as pedras para a base, eles levantaram as pedras restantes para seus lugares por meio de máquinas formadas por pequenas tábuas de madeira. A primeira máquina as levantou do chão até o topo do primeiro degrau. Sobre esta havia outra máquina, que recebia a pedra em sua chegada e a transportava para o segundo degrau, de onde uma terceira máquina a fazia avançar ainda mais alto. Ou eles tinham tantas máquinas quantos degraus havia na pirâmide, ou possivelmente tinham apenas uma única máquina, que, sendo facilmente movida, era transferida de nível para nível conforme a pedra subia. Ambos os relatos são dados e, portanto, menciono ambos. A parte superior da pirâmide foi concluída primeiro, depois o meio e, finalmente, a parte mais baixa e mais próxima do chão. Há uma inscrição em caracteres egípcios na pirâmide que registra a quantidade de rabanetes, cebolas e alho consumidos pelos trabalhadores que a construíram; e eu me lembro perfeitamente bem que o intérprete que leu a escrita para mim disse que o dinheiro gasto dessa forma foi de 1600 talentos de prata. Se isso for um registro verdadeiro, que grande soma deve ter sido gasta nas ferramentas de ferro usadas no trabalho, e na alimentação e vestimenta dos trabalhadores, considerando o tempo que o trabalho durou, que já foi declarado [dez anos], e o tempo adicional — não é um espaço pequeno, eu

imagino — que deve ter sido ocupado pela extração das pedras, seu transporte e a formação dos apartamentos subterrâneos."

Embora seu relato seja extremamente colorido, é evidente que o Pai da História, por razões que ele sem dúvida considerou suficientes, inventou uma história fraudulenta para ocultar a verdadeira origem e propósito da Grande Pirâmide. Esta é apenas uma das várias instâncias em seus escritos que levariam o leitor pensativo a suspeitar que o próprio Heródoto era um iniciado das Escolas Sagradas e, consequentemente, obrigado a preservar invioláveis os segredos das ordens antigas. A teoria avançada por Heródoto e agora geralmente aceita de que a Pirâmide era o túmulo do Faraó Quéops não pode ser comprovada. Na verdade, Manetho, Eratóstenes e Diodoro Sículo diferem de Heródoto - assim como entre si - em relação ao nome do construtor deste edifício supremo. A abóbada sepulcral, que, de acordo com a Lei de Lepsius da construção da pirâmide, deveria ter sido concluída ao mesmo tempo que o monumento ou antes, nunca foi concluída. Não há provas de que o edifício tenha sido erguido pelos egípcios, pois as elaboradas esculturas com as quais as câmaras funerárias da realeza egípcia são quase invariavelmente ornamentadas estão totalmente ausentes e não incorporam nenhum dos elementos de sua arquitetura ou decoração, como inscrições, imagens, cartuchos, pinturas e outras características distintivas associadas à arte mortuária dinástica. Os únicos hieróglifos encontrados dentro da Pirâmide são algumas marcas de construtores seladas nas câmaras de construção , abertas pela primeira vez por Howard Vyse. Aparentemente, elas foram pintadas nas pedras antes de serem colocadas em posição, pois em vários casos as marcas foram invertidas ou desfiguradas pela operação de encaixe dos blocos. Embora os egiptólogos tenham tentado identificar as manchas grosseiras de tinta como cartuchos de Quéops, é quase inconcebível que esse governante ambicioso tenha permitido que seu nome real sofresse tais indignidades. Como as autoridades mais eminentes no assunto ainda estão incertas quanto ao verdadeiro significado dessas marcações grosseiras, qualquer prova que elas possam ser de que o edifício foi erguido durante a quarta dinastia é certamente compensada pelas conchas do mar na base da Pirâmide que o Sr. Gab avança como evidência de que foi erguido antes do Dilúvio - uma teoria substanciada pelas tradições árabes muito abusadas. Um historiador árabe declarou que a Pirâmide foi construída pelos sábios egípcios como um refúgio contra o Dilúvio, enquanto outro proclamou que ela foi o tesouro do poderoso rei antediluviano Sheddad Ben Ad. Um painel de hieróglifos sobre a entrada, que o observador casual pode considerar fornecer uma solução para o mistério, infelizmente data de não mais do que 1843 d.C., tendo sido cortado naquela época pelo Dr. Lepsius como uma homenagem ao Rei da Prússia.

O califa al Mamoun, um ilustre descendente do Profeta, inspirado por histórias dos imensos tesouros selados em suas profundezas, viajou de Bagdá ao Cairo, em 820 d.C., com uma grande força de trabalhadores para abrir a poderosa Pirâmide. Quando o califa al Mamoun chegou pela primeira vez ao pé da "Rocha das Eras" e olhou para sua superfície lisa e brilhante, um tumulto de emoções sem dúvida atormentou sua alma. As pedras de revestimento devem ter estado no lugar no momento de sua visita, pois o califa não conseguiu encontrar nenhuma indicação de uma entrada - quatro superfícies perfeitamente lisas o confrontaram. Seguindo

rumores vagos, ele colocou seus seguidores para trabalhar no lado norte da Pirâmide, com instruções para continuar cortando e cinzelando até que descobrissem algo. Para os muçulmanos, com seus instrumentos rudimentares e vinagre, foi um esforço hercúleo cavar um túnel de cem pés através do calcário. Muitas vezes eles estavam prestes a se rebelar, mas a palavra do califa era lei e a esperança de uma vasta fortuna os sustentava.

Por fim, na véspera do desânimo total, o destino veio em seu socorro. Uma grande pedra foi ouvida caindo em algum lugar na parede perto dos árabes labutando e descontentes. Seguindo em direção ao som com entusiasmo renovado, eles finalmente invadiram a passagem descendente que leva à câmara subterrânea. Eles então cinzelaram seu caminho ao redor da grande porta levadiça de pedra que havia caído em uma posição que impedia seu progresso, e atacaram e removeram um após o outro os plugues de granito que por um tempo continuaram a deslizar pela passagem que levava da Câmara da Rainha acima.

Finalmente, nenhum outro bloco desceu e o caminho estava livre para os seguidores do Profeta. Mas onde estavam os tesouros? De sala em sala, os trabalhadores frenéticos correram, procurando em vão por saques. O descontentamento dos muçulmanos atingiu tal altura que o califa al Mamoun — que havia herdado grande parte da sabedoria de seu ilustre pai, o califa al Raschid — enviou dinheiro a Bagdá, que ele fez com que fossem enterrados secretamente perto da entrada da Pirâmide. Ele então ordenou que seus homens cavassem naquele local e grande foi a alegria deles quando o tesouro foi descoberto, os trabalhadores ficaram profundamente impressionados com a sabedoria do monarca antediluviano que havia estimado cuidadosamente seus salários e cuidadosamente fez com que a quantia exata fosse enterrada para seu benefício!

O Califa então retornou à cidade de seus pais e a Grande Pirâmide foi deixada à mercê das gerações seguintes. No século IX, os raios solares atingindo as superfícies altamente polidas das pedras de revestimento originais fizeram com que cada lado da Pirâmide parecesse

ÉDIPO E A ESFINGE.

De Les Mystères de la Kaballe, de Levi .

A Esfinge egípcia está intimamente relacionada à lenda grega de Édipo, que primeiro resolveu o famoso enigma proposto pela misteriosa criatura com o corpo de um leão alado e a cabeça de uma mulher que frequentava a rodovia que levava a Tebas. A cada um que passava por seu covil, a esfinge dirigia a pergunta: "Que animal é esse que de manhã anda sobre quatro patas, ao meio-dia sobre duas patas e à noite sobre três patas?" Aqueles que falharam em responder ao seu enigma, ela destruiu. Édipo declarou que a resposta era o próprio homem, que na infância rastejava sobre suas mãos e joelhos, na idade adulta ficava ereto e na velhice arrastava os pés apoiando-se em um cajado. Descobrindo alguém que sabia a resposta para seu enigma, a esfinge se atirou do penhasco que margeava a estrada e pereceu.

Há ainda outra resposta para o enigma da esfinge, uma resposta melhor revelada por uma consideração dos valores pitagóricos dos números. O 4, o 2 e o 3 produzem a soma de 9, que é o número natural do homem e também dos mundos inferiores. O 4 representa o homem ignorante, o 2 o homem intelectual e o 3 o homem espiritual. A humanidade infantil anda sobre quatro pernas, a humanidade em evolução sobre duas pernas, e ao poder de sua própria mente o mago redimido e iluminado acrescenta o cajado da sabedoria. A esfinge é, portanto, o mistério da Natureza, a personificação da doutrina secreta, e todos os que não conseguem resolver seu enigma perecem. Passar pela esfinge é atingir a imortalidade pessoal.

um triângulo de luz deslumbrante. Desde então, todas, exceto duas dessas pedras de revestimento, desapareceram. A investigação resultou em sua descoberta, recortada e ressurgida, nas paredes de mesquitas e palácios maometanos em várias partes do Cairo e seus arredores.

PROBLEMAS DA PIRÂMIDE

C. Piazzi Smyth pergunta: "A Grande Pirâmide foi, então, erguida antes da invenção dos hieróglifos e antes do nascimento da religião egípcia?" O tempo ainda pode provar que as câmaras superiores da Pirâmide eram um mistério selado antes do estabelecimento do império egípcio. Na câmara subterrânea, no entanto, há marcações que indicam que os romanos ganharam admissão lá. À luz da filosofia secreta dos iniciados egípcios, WW Harmon, por uma série de cálculos matemáticos extremamente complicados, mas exatos; determina que a primeira cerimônia da Pirâmide foi realizada há 68.890 anos na ocasião em que a estrela Vega enviou pela primeira vez seu raio pela passagem descendente para o poço. A construção real da Pirâmide foi realizada no período de dez a quinze anos imediatamente anteriores a esta data.

Embora tais figuras sem dúvida evoquem o ridículo dos egiptólogos modernos, elas são baseadas em um estudo exaustivo dos princípios da mecânica sideral conforme incorporados à estrutura da Pirâmide por seus construtores iniciados. Se as pedras de revestimento estavam em posição no início do século IX, as chamadas marcas de erosão do lado de fora não eram devidas à água. A teoria também de que o sal sobre as pedras internas da Pirâmide é evidência de que o edifício já foi submerso é enfraquecida pelo fato científico de que esse tipo de pedra está sujeito a exsudações de sal. Embora o edifício possa ter sido submerso, pelo menos em parte, durante os muitos milhares de anos desde sua construção, a evidência aduzida para provar esse ponto não é conclusiva.

A Grande Pirâmide foi construída de calcário e granito por toda parte, os dois tipos de rocha sendo combinados de uma maneira peculiar e significativa. As pedras foram afiadas com a máxima precisão, e o cimento usado era de uma qualidade tão notável que agora é praticamente tão duro quanto a própria pedra. Os blocos de calcário foram serrados com serras de bronze, cujos dentes eram diamantes ou outras joias. As lascas das pedras foram empilhadas contra o lado norte do platô em que a estrutura está, onde formam um contraforte adicional para ajudar a suportar o peso da estrutura. A Pirâmide inteira é um exemplo de orientação perfeita e, na verdade, quadra o círculo. Isso é feito traçando uma linha vertical do ápice da Pirâmide até sua linha de base. Se essa linha vertical for considerada como o raio de um círculo imaginário, o comprimento da circunferência de tal círculo será igual à soma das linhas de base dos quatro lados da Pirâmide.

Se a passagem que levava à Câmara do Rei e à Câmara da Rainha foi selada milhares de anos antes da Era Cristã, aqueles que foram admitidos posteriormente

nos Mistérios da Pirâmide devem ter recebido suas iniciações em galerias subterrâneas agora desconhecidas. Sem tais galerias, não haveria meios possíveis de entrada ou saída, uma vez que a única entrada de superfície era completamente fechada com pedras de revestimento. Se não bloqueada pela massa da Esfinge ou escondida em alguma parte daquela imagem, a entrada secreta pode estar em um dos templos adjacentes ou nas laterais do planalto de calcário.

Chama-se a atenção para os plugues de granito que preenchem a passagem ascendente para a Câmara da Rainha, que o Califa al Mamoun foi forçado a pulverizar praticamente antes de poder abrir caminho para as câmaras superiores. C. Piazzi Smyth observa que as posições das pedras demonstram que elas foram colocadas no lugar de cima — o que tornou necessário que um número considerável de trabalhadores saísse das câmaras superiores. Como eles fizeram isso? Smyth acredita que eles desceram pelo poço (veja o diagrama), deixando cair a pedra da rampa no lugar atrás deles. Ele ainda afirma que os ladrões provavelmente usaram o poço como um meio de entrar nas câmaras superiores. A pedra da rampa tendo sido colocada em uma cama de gesso, os ladrões foram forçados a quebrá-la, deixando uma abertura irregular. O Sr. Dupré, um arquiteto que passou anos investigando as pirâmides, difere de Smyth, no entanto, porque ele acredita que o próprio poço seja um buraco de ladrões, sendo a primeira tentativa bem-sucedida feita para entrar nas câmaras superiores a partir da câmara subterrânea, então a única seção aberta da Pirâmide.

O Sr. Dupré baseia sua conclusão no fato de que o poço é meramente um buraco áspero e a gruta uma câmara irregular, sem nenhuma evidência da precisão arquitetônica com a qual o restante da estrutura foi erguido. O diâmetro do poço também exclui a possibilidade de ter sido escavado para baixo; deve ter sido escavado por baixo, e a gruta era necessária para fornecer ar aos ladrões. É inconcebível que os construtores da Pirâmide quebrassem uma de suas próprias pedras de rampa e deixassem sua superfície quebrada e um buraco aberto na parede lateral de sua galeria, de outra forma perfeita. Se o poço for um buraco de ladrões, isso pode explicar por que a Pirâmide estava vazia quando o Califa al Mamoun entrou e o que aconteceu com a tampa do cofre faltante. Um exame cuidadoso da chamada câmara subterrânea inacabada, que deve ter sido a base de operações dos ladrões, pode revelar vestígios de sua presença ou mostrar onde eles empilharam os escombros que devem ter se acumulado como resultado de suas operações. Embora não esteja totalmente claro por qual entrada os ladrões chegaram à câmara subterrânea, é improvável que eles tenham usado a passagem descendente.

Há um nicho notável na parede norte da Câmara da Rainha que os guias muçulmanos pronunciam levianamente como um santuário. O formato geral deste nicho, no entanto, com suas paredes convergindo por uma série de sobreposições como as da Grande Galeria, indicaria que originalmente ele tinha sido concebido como uma passagem. Os esforços feitos para explorar este nicho foram improdutivos, mas o Sr. Dupré acredita que existe uma entrada aqui através da qual - se o poço não existisse na época - os trabalhadores fizeram sua saída da Pirâmide após deixarem os plugues de pedra na galeria ascendente.

Estudiosos bíblicos contribuíram com uma série de concepções extraordinárias sobre a Grande Pirâmide. Este antigo edifício foi identificado por eles como o celeiro de José (apesar de sua capacidade irremediavelmente inadequada); como o túmulo preparado para o infeliz Faraó do Êxodo que não pôde ser enterrado lá porque seu corpo nunca foi recuperado do Mar Vermelho; e finalmente como uma confirmação perpétua da infalibilidade das numerosas profecias contidas na Versão Autorizada!

A ESFINGE

Embora a Grande Pirâmide, como Ignatius Donnelly demonstrou, seja modelada segundo um tipo de arquitetura antediluviana, exemplos dos quais podem ser encontrados em quase todas as partes do mundo, a Esfinge (Hu) é tipicamente egípcia. A estela entre suas patas afirma que a Esfinge é uma imagem do Deus Sol, Harmackis, que foi evidentemente feita à semelhança do Faraó durante cujo reinado foi esculpida. A estátua foi restaurada e completamente escavada por Tahutmes IV como resultado de uma visão na qual o deus apareceu e se declarou oprimido pelo peso da areia sobre seu corpo. A barba quebrada da Esfinge foi descoberta durante escavações entre as patas dianteiras. Os degraus que levam à esfinge e também o templo e o altar entre as patas são adições muito posteriores, provavelmente romanas, pois sabe-se que os romanos reconstruíram muitas antiguidades egípcias. A depressão rasa no topo da cabeça, que antes era considerada o término de uma passagem fechada que levava da Esfinge à Grande Pirâmide, tinha apenas a finalidade de ajudar a sustentar um cocar que hoje está desaparecido.

Hastes de metal foram cravadas na Esfinge em um esforço vão para descobrir câmaras ou passagens dentro de seu corpo. A maior parte da Esfinge é uma única pedra, mas as patas dianteiras foram construídas com pedras menores. A Esfinge tem cerca de 200 pés de comprimento, 70 pés de altura e 38 pés de largura nos ombros. A pedra principal da qual foi esculpida é considerada por alguns como tendo sido transportada de pedreiras distantes por métodos desconhecidos, enquanto outros afirmam que é uma rocha nativa, possivelmente um afloramento que lembra um pouco a forma em que foi esculpida mais tarde. A teoria que já foi avançada de que tanto a Pirâmide quanto a Esfinge foram construídas com pedras artificiais feitas no local foi abandonada. Uma análise cuidadosa do calcário mostra que ele é composto de pequenas criaturas marinhas chamadas mumulites .

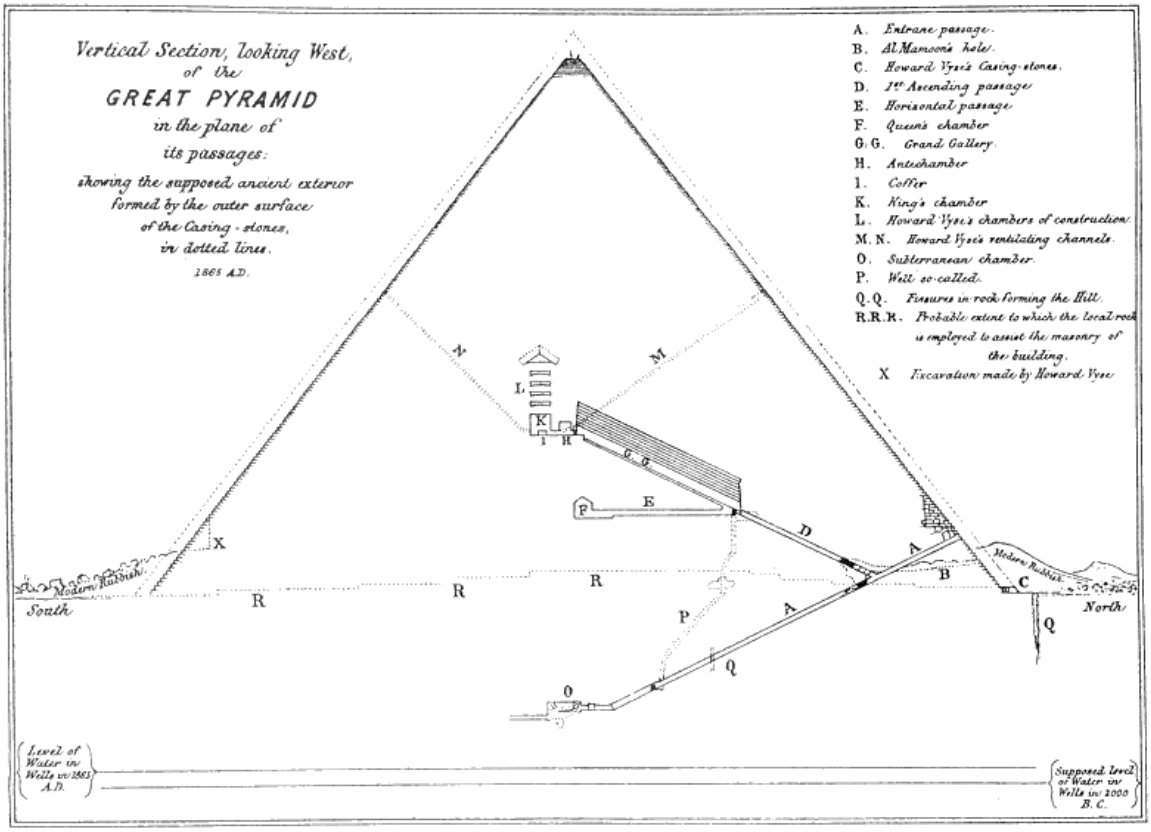
A suposição popular de que a Esfinge era o verdadeiro portal da Grande Pirâmide, embora sobreviva com tenacidade surpreendente , nunca foi comprovada. P. Christian apresenta essa teoria da seguinte forma, baseando-a em parte na autoridade de Jâmblico:

"A Esfinge de Gizé, diz o autor do Traité des Mystères, servia como entrada para as câmaras subterrâneas sagradas nas quais os julgamentos dos iniciados eram submetidos. Esta entrada, obstruída em nossos dias por areias e lixo, ainda pode

ser traçada entre as patas dianteiras do colosso agachado. Antigamente, era fechada por um portão de bronze cuja mola secreta só podia ser operada pelos Magos. Era guardada pelo respeito público: e uma espécie de medo religioso mantinha sua inviolabilidade melhor do que a proteção armada teria feito. Na barriga da Esfinge foram cortadas galerias que levavam à parte subterrânea da Grande Pirâmide. Essas galerias eram tão habilmente cruzadas ao longo de seu curso até a Pirâmide que, ao partir para a passagem sem um guia por esta rede, a pessoa retornava incessante e inevitavelmente ao ponto de partida." (Veja Histoire de la Magie .)

Infelizmente, a porta de bronze mencionada não pode ser encontrada, nem há nenhuma evidência de que ela tenha existido. Os séculos que passaram causaram muitas mudanças no colosso, no entanto, e a abertura original pode ter sido fechada.

Quase todos os estudantes do assunto acreditam que câmaras subterrâneas existem abaixo da Grande Pirâmide. Robert Ballard escreve: "Os sacerdotes das Pirâmides do Lago Mœris tinham suas vastas residências subterrâneas. Parece-me mais do que provável que as de Gizé fossem providas de forma semelhante. E posso ir mais longe: -- Dessas mesmas cavernas pode ter sido escavado o calcário com o qual as Pirâmides foram construídas. * * * Nas entranhas da crista de calcário sobre a qual



UMA SEÇÃO VERTICAL DA GRANDE PIRÂMIDE.

Da Vida e Trabalho de Smyth na Grande Pirâmide .

A Grande Pirâmide fica sobre um platô de calcário na base do qual, de acordo com a história antiga, o Nilo uma vez inundou, fornecendo assim um método para os enormes blocos usados em sua construção. Presumindo que a pedra angular estava originalmente no lugar, a Pirâmide tem, de acordo com John Taylor, em figuras redondas 486 pés de altura; a base de cada lado tem 764 pés de comprimento, e toda a estrutura cobre uma área de solo de mais de 13 acres.

A Grande Pirâmide é a única no grupo de Gizé — na verdade, até onde se sabe, a única no Egito — que tem câmaras dentro do corpo real da própria Pirâmide. Por esta razão, diz-se que refuta a Lei de Lepsius, que afirma que cada uma dessas estruturas é um monumento erguido sobre uma câmara subterrânea na qual um governante está sepultado. A Pirâmide contém quatro câmaras, que no diagrama são marcadas com as letras K, H, F e O.

A Câmara do Rei (K) é um apartamento oblongo de 39 pés de comprimento, 17 feltros de largura e 19 pés de altura (desconsiderando partes fracionárias de um pé em cada caso), com um teto plano consistindo de nove grandes pedras, as maiores da Pirâmide. Acima da Câmara do Rei há cinco compartimentos baixos (L), geralmente chamados de câmaras de construção. No mais baixo deles estão os chamados hieróglifos do Faraó Quéops. O teto da quinta câmara de construção é pontiagudo. No final da Câmara do Rei, em frente à entrada, fica o famoso sarcófago, ou cofre (I), e atrás dele há uma abertura rasa que foi cavada na esperança de descobrir objetos de valor. Duas saídas de ar (M, N) que passam por todo o corpo da Pirâmide ventilam a Câmara do Rei. Por si só, isso é suficiente para estabelecer que o edifício não foi projetado para um túmulo.

Entre a extremidade superior da Grande Galeria (GG) e a Câmara do Rei há uma pequena antecâmara (H), seu comprimento extremo de 9 pés, sua largura extrema de 5 pés e sua altura extrema de 12 pés, com suas paredes ranhuradas para propósitos agora desconhecidos. Na ranhura mais próxima da Grande Galeria há uma laje de pedra em duas seções, com uma saliência ou botão peculiar projetando-se cerca de uma polegada da superfície da parte superior voltada para a Grande Galeria. Esta pedra não alcança o chão da antecâmara e aqueles que entram na Câmara do Rei devem passar por baixo da laje. Da Câmara do Rei, a Grande Galeria - 157 pés de comprimento, 28 pés de altura, 7 pés de largura em seu ponto mais largo e diminuindo para 3½ pés como resultado de sete sobreposições convergentes, das pedras que formam as paredes - desce um pouco acima do nível da Câmara da Rainha. Aqui uma galeria (E) se ramifica, passando a meros 100 pés de volta em direção ao centro da Pirâmide e abrindo-se para a Câmara da Rainha (F). A Câmara da Rainha tem 19 pés de comprimento, 17 pés de largura e 20 pés de altura. Seu teto é pontiagudo e composto de grandes lajes de pedra. Passagens de ar não mostradas levam da Câmara da Rainha, mas não estavam abertas originalmente. Na parede leste da Câmara da Rainha há um nicho peculiar de pedra gradualmente convergente, que com toda a probabilidade, pode provar ser uma nova entrada perdida.

Na pintura onde a Grande Galeria termina e a passagem horizontal em direção à Câmara da Rainha começa está a entrada para o poço e também a abertura que desce a primeira passagem ascendente (D) até o ponto onde esta passagem encontra a passagem descendente (A) que leva da parede externa da Pirâmide até a câmara subterrânea. Após descer 59 pés pelo poço (P), a gruta é alcançada. Continuando pelo chão da gruta, o poço desce 133 pés até a passagem de entrada descendente (A), que ele encontra a uma curta distância antes desta passagem se tornar horizontal e levar para a câmara subterrânea.

A câmara subterrânea (O) tem cerca de 46 pés de comprimento e 27 pés de largura, mas é extremamente baixa, o teto variando em altura de um pouco mais de 3 pés a cerca de 13 pés do piso áspero e aparentemente inacabado. Do lado sul da câmara subterrânea, um túnel baixo corre cerca de 50 pés e então encontra uma parede em branco. Estas constituem as únicas aberturas conhecidas na Pirâmide, com exceção de alguns nichos, buracos de exploração, passagens cegas e o túnel cavernoso (B) escavado pelos muçulmanos sob a liderança do descendente do Profeta, o califa al Mamoun.

---

as Pirâmides são construídas ainda serão encontradas, estou convencido, amplas informações quanto aos seus usos. Uma boa broca de diamante com duzentos ou trezentos pés de hastes é o que é desejado para testar isso, e a solidariedade das Pirâmides ao mesmo tempo." (Veja A Solução do Problema da Pirâmide .)

A teoria do Sr. Ballard de extensos apartamentos subterrâneos e pedreiras levanta um problema importante na arquitetura. Os construtores da Pirâmide foram muito previdentes para colocar em risco a permanência da Grande Pirâmide colocando mais de cinco milhões de toneladas de calcário e granito em qualquer fundação que não fosse sólida. Portanto, é razoavelmente certo que tais câmaras ou passagens que podem existir abaixo do edifício são relativamente insignificantes, como aquelas dentro do corpo da estrutura, que ocupam menos de um dezesseis centésimos do conteúdo cúbico da Pirâmide.

A Esfinge foi, sem dúvida, erguida para propósitos simbólicos por instigação do sacerdócio. As teorias de que o uraeus em sua testa era originalmente o dedo de um imenso relógio de sol e que tanto a Pirâmide quanto a Esfinge eram usadas para medir o tempo, as estações e a precessão dos equinócios são engenhosas, mas não totalmente convincentes. Se esta grande criatura foi erguida para obliterar a antiga passagem que levava ao templo subterrâneo da Pirâmide, seu simbolismo seria mais apropriado. Em comparação com o tamanho e a dignidade esmagadores da Grande Pirâmide, a Esfinge é quase insignificante. Seu rosto maltratado, sobre o qual ainda podem ser vistos vestígios da tinta vermelha com a qual a figura foi originalmente coberta, está desfigurado além do reconhecimento. Seu nariz foi quebrado por um muçulmano fanático, para que os seguidores do Profeta não fossem levados à idolatria. A própria natureza de sua construção e os reparos

atuais necessários para evitar que a cabeça caísse indicam que ela não poderia ter sobrevivido aos grandes períodos de tempo que se passaram desde a construção da Pirâmide.

Para os egípcios, a Esfinge era o símbolo de força e inteligência. Ela era retratada como andrógina para significar que eles reconheciam os iniciados e deuses como participantes dos poderes criativos positivos e negativos. Gerald Massey escreve: "Este é o segredo da Esfinge. A esfinge ortodoxa do Egito é masculina na frente e feminina atrás. Assim como a imagem de Sut-Typhon, um tipo de chifre e cauda, masculino na frente e feminino atrás. Os faraós, que usavam a cauda da Leoa ou Vaca atrás deles, eram masculinos na frente e femininos atrás. Como os Deuses, eles incluíam a totalidade dual do Ser em uma pessoa, nascido da Mãe, mas de ambos os sexos como a Criança." (Veja The Natural Genesis .)

A maioria dos investigadores ridicularizou a Esfinge e, sem sequer se dignar a investigar o grande colosso, voltou sua atenção para o mistério mais avassalador da Pirâmide.

OS MISTÉRIOS DA PIRÂMIDE

A palavra pirâmide é popularmente suposta como derivada de πῦρ, fogo, significando assim que é a representação simbólica da Chama Divina Única, a vida de cada criatura. John Taylor acredita que a palavra pirâmide significa uma "medida de trigo", enquanto C. Piazzi Smyth favorece o significado copta, "uma divisão em dez". Os iniciados de

antigo aceitava a forma de pirâmide como o símbolo ideal tanto da doutrina secreta quanto das instituições estabelecidas para sua disseminação. Tanto as pirâmides quanto os montes são antítipos da Montanha Sagrada, ou Lugar Alto de Deus, que se acreditava estar no "meio" da terra. John P. Lundy relaciona a Grande Pirâmide ao lendário Olimpo, assumindo ainda que suas passagens subterrâneas correspondem aos caminhos tortuosos do Hades.

A base quadrada da Pirâmide é um lembrete constante de que a Casa da Sabedoria está firmemente fundada na Natureza e em suas leis imutáveis. "Os gnósticos", escreve Albert Pike, "afirmavam que todo o edifício de sua ciência repousava sobre um quadrado cujos ângulos eram: Σιγη, Silêncio; Βυθος, Profundidade; Νους, Inteligência; e Αληθεια Verdade." (Veja Moral e Dogma .) Os lados da Grande Pirâmide estão voltados para os quatro ângulos cardeais, o último significando, de acordo com Eliphas Levi, as extremidades do calor e do frio (sul e norte) e as extremidades da luz e da escuridão (leste e oeste). A base da Pirâmide representa ainda os quatro elementos materiais ou substâncias das combinações das quais o corpo quaternário do homem é formado. De cada lado do quadrado surge um triângulo, tipificando o ser divino triplo entronizado dentro de cada natureza material quaternária. Se cada linha de base for considerada um quadrado do qual

ascende um poder espiritual triplo, então a soma das linhas das quatro faces (12) e dos quatro quadrados hipotéticos (16) que constituem a base é 28, o número sagrado do mundo inferior. Se isso for adicionado aos três setenários que compõem o sol (21), é igual a 49, o quadrado de 7 e o número do universo.

Os doze signos do zodíaco, como os Governadores dos mundos inferiores, são simbolizados pelas doze linhas dos quatro triângulos — as faces da Pirâmide. No meio de cada face está uma das bestas de Ezequiel, e a estrutura como um todo se torna o Querubim. As três câmaras principais da Pirâmide estão relacionadas ao coração, ao cérebro e ao sistema generativo — os centros espirituais da constituição humana. A forma triangular da Pirâmide também é semelhante à postura assumida pelo corpo durante os antigos exercícios meditativos. Os Mistérios ensinavam que as energias divinas dos deuses desciam sobre o topo da Pirâmide, que era comparada a uma árvore invertida com seus galhos abaixo e suas raízes no ápice. Desta árvore invertida a sabedoria divina é disseminada fluindo pelos lados divergentes e irradiando por todo o mundo.

O tamanho da pedra angular da Grande Pirâmide não pode ser determinado com precisão, pois, embora a maioria dos investigadores tenha assumido que ela já esteve no lugar, nenhum vestígio dela permanece agora. Há uma tendência curiosa entre os construtores de grandes edifícios religiosos de deixar suas criações inacabadas, significando assim que somente Deus é completo. A pedra angular — se existisse — era ela mesma uma pirâmide em miniatura, cujo ápice seria novamente coberto por um bloco menor de formato semelhante, e assim por diante, ad infinitum . A pedra angular, portanto, é o epítome de toda a estrutura. Assim, a Pirâmide pode ser comparada ao universo e a pedra angular ao homem. Seguindo a cadeia de analogias, a mente é a pedra angular do homem, o espírito a pedra angular da mente, e Deus — o epítome do todo — a pedra angular do espírito. Como um bloco bruto e inacabado, o homem é retirado da pedreira e, pela cultura secreta dos Mistérios, gradualmente transformado em uma pedra angular piramidal verdadeira e perfeita. O templo só estará completo quando o próprio iniciado se tornar o ápice vivo através do qual o poder divino será concentrado na estrutura divergente abaixo.

W. Marsham Adams chama a Grande Pirâmide de "a Casa dos Lugares Ocultos"; de fato era, pois representava o santuário interno da sabedoria pré-egípcia. Pelos egípcios, a Grande Pirâmide era associada a Hermes, o deus da sabedoria e das letras e o Iluminador Divino adorado através do planeta Mercúrio. Relacionar Hermes à Pirâmide enfatiza novamente o fato de que era na realidade o templo supremo da Divindade Invisível e Suprema. A Grande Pirâmide não era um farol, um observatório ou uma tumba, mas o primeiro templo dos Mistérios, a primeira estrutura erguida como um repositório para aquelas verdades secretas que são a fundação certa de todas as artes e ciências. Era o emblema perfeito do microcosmo e do macrocosmo e, de acordo com os ensinamentos secretos, a tumba de Osíris, o deus negro do Nilo. Osíris representa uma certa manifestação da energia solar e, portanto, sua casa ou tumba é emblemática do universo dentro do qual ele está sepultado e na cruz da qual ele é crucificado.

Através das passagens e câmaras místicas da Grande Pirâmide passaram os iluminados da antiguidade. Eles entraram em seus portais como homens ; eles saíram como deuses . Era o lugar do "segundo nascimento", o "útero dos Mistérios", e a sabedoria habitava nele como Deus habita nos corações dos homens. Em algum lugar nas profundezas de seus recessos residia um ser desconhecido que era chamado de "O Iniciador", ou "O Ilustre", vestido de azul e dourado e carregando em sua mão a chave sétupla da Eternidade. Este era o hierofante com cara de leão, o Santo, o Mestre dos Mestres, que nunca deixou a Casa da Sabedoria e a quem nenhum homem jamais viu, exceto aquele que passou pelos portões da preparação e purificação. Foi nessas câmaras que Platão - aquele da testa larga - ficou cara a cara com a sabedoria das eras personificada no Mestre da Casa Oculta.

Quem era o Mestre que habitava a poderosa Pirâmide, cujos muitos cômodos significavam os mundos no espaço; o Mestre que ninguém podia contemplar, exceto aqueles que tinham "nascido de novo"? Somente ele conhecia completamente o segredo da Pirâmide, mas ele se afastou do caminho dos sábios e a casa está vazia. Os hinos de louvor não ecoam mais em tons abafados pelas câmaras; o neófito não passa mais pelos elementos e vagueia entre as sete estrelas; o candidato não recebe mais a "Palavra da Vida" dos lábios do Eterno. Nada resta agora que o olho do homem possa ver, exceto uma concha vazia - o símbolo externo de uma verdade interna - e os homens chamam a Casa de Deus de tumba!

A técnica dos Mistérios foi revelada pelo Sábio Iluminador, o Mestre da Casa Secreta. O poder de conhecer seu espírito guardião foi revelado ao novo iniciado; o método de desembaraçar seu corpo material de seu veículo divino foi explicado; e para consumar a magnum opus , foi revelado o Nome Divino — a designação secreta e indizível da Divindade Suprema, pelo próprio conhecimento do qual o homem e seu Deus são feitos conscientemente um. Com a doação do Nome, o novo iniciado se tornou ele mesmo uma pirâmide , dentro das câmaras de cuja alma inúmeros outros seres humanos também poderiam receber iluminação espiritual.

Na Câmara do Rei era encenado o drama da "segunda morte". Aqui o candidato, depois de ser crucificado na cruz dos solstícios e equinócios, era enterrado no grande cofre. Há um profundo mistério na atmosfera e temperatura da Câmara do Rei: é de um frio peculiar e mortal que corta até a medula dos ossos. Esta sala era uma porta entre o mundo material e as esferas transcendentais da Natureza. Enquanto seu corpo jazia no cofre, a alma do neófito voava como um falcão com cabeça humana através dos reinos celestiais, para lá descobrir em primeira mão a eternidade da Vida, Luz e Verdade, bem como a ilusão da Morte, Escuridão e Pecado. Assim, em um sentido, a Grande Pirâmide pode ser comparada a um portão através do qual os antigos sacerdotes permitiam que alguns passassem em direção à obtenção da completude individual. Também deve ser notado incidentalmente que se o cofre na Câmara do Rei for atingido, o som emitido não tem contrapartida em nenhuma escala musical conhecida. Esse valor tonal pode ter feito parte daquela combinação de circunstâncias que tornou a Câmara do Rei um cenário ideal para a conferência do mais alto grau dos Mistérios.

O mundo moderno sabe pouco sobre esses ritos antigos. O cientista e o teólogo igualmente contemplam a estrutura sagrada, imaginando qual impulso fundamental

inspirou o trabalho hercúleo. Se eles apenas pensassem por um momento, perceberiam que há apenas um impulso na alma do homem capaz de fornecer o incentivo necessário — a saber, o desejo de saber, entender e trocar a estreiteza da mortalidade humana pela maior amplitude e escopo da iluminação divina. Então os homens dizem da Grande Pirâmide que ela é o edifício mais perfeito do mundo, a fonte de pesos e medidas, a Arca de Noé original, a origem das línguas, alfabetos e escalas de temperatura e umidade. Poucos percebem, no entanto, que ela é a porta de entrada para o Eterno.

Embora o mundo moderno possa conhecer um milhão de segredos, o mundo antigo conhecia um — e esse era maior que o milhão; pois o milhão de segredos gera morte, desastre, tristeza, egoísmo, luxúria e avareza, mas o segredo confere vida, luz e verdade. Chegará o tempo em que a sabedoria secreta será novamente o impulso religioso e filosófico dominante do mundo. O dia está próximo quando a condenação do dogma será soada. A grande Torre de Babel teológica, com sua confusão de línguas, foi construída de tijolos de lama e argamassa de lodo. Das cinzas frias de credos sem vida, no entanto, surgirão fênix como os antigos Mistérios. Nenhuma outra instituição satisfez tão completamente as aspirações religiosas da humanidade, pois desde a destruição dos Mistérios nunca houve um código religioso ao qual Platão pudesse ter se inscrito. O desdobramento da natureza espiritual do homem é uma ciência tão exata quanto a astronomia, a medicina ou a jurisprudência. Para atingir esse fim, as religiões foram estabelecidas principalmente; e da religião surgiram a ciência, a filosofia e a lógica como métodos pelos quais esse propósito divino poderia ser realizado.

O Deus Moribundo ressuscitará! A sala secreta na Casa dos Lugares Ocultos será redescoberta. A Pirâmide novamente se erguerá como o emblema ideal de solidariedade, inspiração, aspiração, ressurreição e regeneração. À medida que as areias passageiras do tempo enterram civilização após civilização sob seu peso, a Pirâmide permanecerá como a aliança Visível entre a Sabedoria Eterna e o mundo. Ainda pode chegar o tempo em que os cânticos dos iluminados serão ouvidos mais uma vez em suas antigas passagens e o Mestre da Casa Oculta aguardará no Lugar Silencioso pela vinda daquele homem que, deixando de lado as falácias do dogma e do princípio, busca simplesmente a Verdade e não ficará satisfeito nem com substituto nem com falsificação.

Ísis, a Virgem do Mundo

É especialmente apropriado que um estudo do simbolismo hermético comece com uma discussão dos símbolos e atributos da Ísis Saítica . Esta é a Ísis de Sais, famosa pela inscrição a respeito dela que apareceu na frente de seu templo naquela cidade: " Eu, Ísis, sou tudo o que foi, que é ou que será; nenhum Homem mortal jamais me revelou ."

Plutarco afirma que muitos autores antigos acreditavam que essa deusa era filha de Hermes; outros sustentavam a opinião de que ela era filha de Prometeu. Ambos os semideuses eram notáveis por sua sabedoria divina. Não é improvável que seu parentesco com eles seja meramente alegórico. Plutarco traduz o nome Ísis para significar sabedoria. Godfrey Higgins, em seu Anacalypsis, deriva o nome de Ísis do hebraico ישע, Iso , e do grego ζωω, salvar. Algumas autoridades, no entanto, por exemplo, Richard Payne Knight (conforme declarado em seu Symbolical Language of Ancient Art and Mythology), acreditam que a palavra seja de extração do Norte, possivelmente escandinava ou gótica. Nessas línguas, o nome é pronunciado Isa , significando gelo , ou água em seu estado mais passivo, cristalizado e negativo.

Esta divindade egípcia sob muitos nomes aparece como o princípio da fecundidade natural entre quase todas as religiões do mundo antigo. Ela era conhecida como a deusa com dez mil denominações e foi metamorfoseada pelo cristianismo na Virgem Maria, pois Ísis, embora tenha dado à luz a todos os seres vivos — o principal deles o Sol — ainda permaneceu virgem, de acordo com os relatos lendários.

Apuleio, no décimo primeiro livro de O Asno de Ouro, atribui à deusa a seguinte declaração sobre seus poderes e atributos: "Eis que, * *, eu, movido por tuas preces, estou presente contigo; eu, que sou a Natureza, a mãe das coisas, a rainha de todos os elementos, a progênie primordial das eras, a suprema das Divindades, a soberana dos espíritos dos mortos, a primeira dos celestiais e a semelhança uniforme de Deuses e Deusas. Eu, que governo com meu aceno os cumes luminosos dos céus, as brisas salubres do mar e os silêncios deploráveis dos reinos abaixo, e cuja divindade única todo o orbe da terra venera sob uma forma múltipla, por diferentes ritos e uma variedade de denominações. Daí os primogênitos frígios me chamarem de Pessinuntica, a mãe dos Deuses, os aborígenes áticos, Minerva cecropiana; os flutuantes cipriotas, paphianos Vênus; os cretenses portadores de flechas, Diana Dictynna; os sicilianos de três línguas, a estígia Proserpina; e os eleusinos, a antiga deusa Ceres. Alguns também me chamam de Juno, outros de Bellona, outros de Hécate e outros de Rhamnusia. E aqueles que são iluminados pelos raios incipientes daquela divindade, o Sol, quando ele nasce, a saber, os etíopes, os Arii e os egípcios habilidosos em aprendizado antigo, adorando-me por cerimônias perfeitamente apropriadas, me chamam pelo meu verdadeiro nome, Rainha Ísis."

Le Plongeon acredita que o mito egípcio de Ísis teve uma base histórica entre os maias da América Central, onde essa deusa era conhecida como Rainha Moo. Em Prince Coh, o mesmo autor encontra uma correspondência com Osíris, o irmão-marido de Ísis. A teoria de Le Plongeon é que a civilização maia era muito mais antiga do que a do Egito. Após a morte do príncipe Coh, sua viúva, a rainha Moo, fugindo para escapar da ira de seus assassinos, buscou refúgio entre as colônias maias no Egito, onde foi aceita como sua rainha e recebeu o nome de Ísis. Embora Le Plongeon possa estar certo, a possível rainha histórica afunda na insignificância quando comparada com a alegórica e simbólica Virgem do Mundo; e o fato de ela aparecer entre tantas raças e povos diferentes desacredita a teoria de que ela era um indivíduo histórico.

De acordo com Sextus Empyricus, a guerra de Troia foi travada por uma estátua da deusa da lua. Por esta Helena lunar, e não por uma mulher, os gregos e troianos lutaram nos portões de Troia.

Vários autores tentaram provar que Ísis, Osíris, Tífon, Néftis e Aroueris (Thoth ou Mercúrio) eram netos do grande patriarca judeu Noé por seu filho Cam. Mas como a história de Noé e sua arca é uma alegoria cósmica sobre o repovoamento de planetas no início de cada período mundial, isso só torna menos provável que eles fossem personagens históricos. De acordo com Robert Fludd, o sol tem três propriedades: vida , luz e calor . Essas três vivificam e vitalizam os três mundos: espiritual, intelectual e material. Portanto, é dito " de uma luz, três luzes ", ou seja, os três primeiros Mestres Maçons. Com toda a probabilidade, Osíris representa o terceiro aspecto, ou material, da atividade solar, que por suas influências benéficas vitaliza e anima a flora e a fauna da Terra. Osíris não é o sol, mas o sol é um símbolo do princípio vital da Natureza, que os antigos conheciam como Osíris. Seu símbolo, portanto, era um olho aberto, em homenagem ao Grande Olho do universo, o sol. Oposto ao princípio ativo e radiante de impregnar fogo, coração e movimento, estava o princípio passivo e receptivo da Natureza.

A ciência moderna provou que formas que variam em magnitude de sistemas solares a átomos são compostas de núcleos positivos e radiantes cercados por corpos negativos que existem nas emanações da vida central. Dessa alegoria temos a história de Salomão e suas esposas, pois Salomão é o sol e suas esposas e concubinas são os planetas, luas, asteroides e outros corpos receptivos dentro de sua casa - a mansão solar. Ísis, representada no Cântico dos Cânticos pela donzela negra de Jerusalém, é simbólica da Natureza receptiva - o princípio aquoso e maternal que cria todas as coisas a partir de si mesma após a impregnação ter sido alcançada pela virilidade do sol.

No mundo antigo, o ano tinha 360 dias. Os cinco dias extras foram reunidos pelo Deus da Inteligência Cósmica para servir como os aniversários dos cinco deuses e deusas que são chamados de filhos e filhas de Cam. No primeiro desses dias especiais, Osíris nasceu e no quarto deles, Ísis. (O número quatro mostra a relação que esta deusa tem com a terra e seus elementos.) Tífon, o Demônio Egípcio ou Espírito do Adversário, nasceu no terceiro dia. Tífon é frequentemente simbolizado por um crocodilo; às vezes seu corpo é uma combinação de crocodilo e porco. Ísis representa conhecimento e sabedoria, e de acordo com Plutarco, a palavra Tífon significa insolência e orgulho . Egoísmo, egocentrismo e orgulho são os inimigos mortais da compreensão e da verdade. Esta parte da alegoria é revelada.

Depois que Osíris, aqui simbolizado como o sol, tornou-se rei do Egito e deu ao seu povo a vantagem total de sua luz intelectual, ele continuou seu caminho pelos céus, visitando os povos de outras nações e convertendo todos com quem entrou em contato. Plutarco afirma ainda que os gregos reconheceram em Osíris a mesma pessoa que reverenciavam sob os nomes de Dionísio e Baco . Enquanto ele estava longe de seu país, seu irmão, Tífon, o Maligno, como o Loki da Escandinávia, conspirou contra o Deus Sol para destruí-lo. Reunindo setenta e duas pessoas como

companheiros conspiradores, ele atingiu seu fim nefasto de uma maneira muito sutil. Ele tinha uma caixa ornamentada maravilhosa feita do tamanho do corpo de Osíris. Ele a levou para um salão de banquetes onde os deuses e deusas estavam festejando juntos. Todos admiraram o belo baú, e Tífon prometeu dá-lo àquele cujo corpo se encaixasse mais perfeitamente. Um após o outro deitou-se na caixa, mas em decepção

ISIS, RAINHA DO CÉU.

De Mosaize Historie der Hebreeuwse Kerke .

Diodoro escreve sobre uma famosa inscrição esculpida em uma coluna em Nysa, na Arábia, onde Ísis se descreveu da seguinte forma: "Eu sou Ísis, Rainha deste país.

Fui instruída por Mercúrio. Ninguém pode destruir as leis que estabeleci. Sou a filha mais velha de Saturno, a mais antiga dos deuses. Sou a esposa e irmã de Osíris, o Rei. Fui a primeira a tornar conhecido aos mortais o uso do trigo. Sou a mãe de Orus, o Rei. Em minha honra foi construída a cidade de Bubaste. Alegra-te, ó Egito, alegra-te, terra que me deu à luz!" (Veja "Morals and Dogma", de Albert Pike.)

ressuscitou, até que finalmente Osíris também tentou. No momento em que ele estava no baú, Tifão e seus cúmplices pregaram a tampa e selaram as rachaduras com chumbo derretido. Eles então jogaram a caixa no Nilo, onde ela flutuou até o mar. Plutarco afirma que a data em que isso ocorreu foi o décimo sétimo dia do mês de Athyr, quando o sol estava na constelação de Escorpião. Isso é muito significativo, pois o Escorpião é o símbolo da traição. O momento em que Osíris entrou no baú também foi a mesma estação em que Noé entrou na arca para escapar do Dilúvio.

Plutarco declara ainda que os Pans e os Sátiros (os espíritos da Natureza e os elementais) descobriram primeiro que Osíris havia sido assassinado. Eles imediatamente deram o alarme, e desse incidente surgiu a palavra pânico, que significa medo ou espanto das multidões. Ísis, ao receber a notícia do assassinato do marido, que ela soube por algumas crianças que tinham visto os assassinos fugindo com a caixa, imediatamente se vestiu de luto e saiu em busca dele.

Por fim, Ísis descobriu que o baú havia flutuado até a costa de Biblos. Lá, ele havia se alojado nos galhos de uma árvore, que em pouco tempo milagrosamente cresceu ao redor do baú. Isso surpreendeu tanto o rei daquele país que ele ordenou que a árvore fosse cortada e um pilar fosse feito de seu tronco para sustentar o teto de seu palácio. Ísis, visitando Biblos, recuperou o corpo de seu marido, mas ele foi novamente roubado por Tifão, que o cortou em quatorze partes, que ele espalhou por toda a terra. Ísis, em desespero, começou a reunir os restos mortais decepados de seu marido, mas encontrou apenas treze pedaços. A décima quarta parte (o falo) ela reproduziu em ouro, pois o original havia caído no rio Nilo e havia sido engolido por um peixe.

Typhon foi morto mais tarde em batalha pelo filho de Osíris. Alguns egípcios acreditavam que as almas dos deuses eram levadas para o céu, onde brilhavam como estrelas. Supunha-se que a alma de Ísis brilhava da Estrela do Cão, enquanto Typhon se tornava a constelação do Urso. É duvidoso, no entanto, se essa ideia foi geralmente aceita.

Entre os egípcios, Ísis é frequentemente representada com um cocar consistindo da cadeira vazia do trono de seu marido assassinado, e essa estrutura peculiar foi aceita durante certas dinastias como seu hieróglifo. Os cocares dos egípcios têm grande importância simbólica e emblemática, pois representam os corpos áuricos das inteligências sobre-humanas, e são usados da mesma forma que o nimbo, o halo e a auréola são usados na arte religiosa cristã. Frank C. Higgins, um conhecido simbolista maçônico, notou astutamente que os adornos de cabeça de certos deuses e faraós são inclinados para trás no mesmo ângulo que o eixo da Terra. As vestes, insígnias, joias e ornamentações dos antigos hierofantes simbolizavam as energias espirituais que irradiavam do corpo humano. A ciência moderna está

redescobrindo muitos dos segredos perdidos da filosofia hermética. Uma delas é a capacidade de avaliar o desenvolvimento mental, as qualidades da alma e a saúde física de um indivíduo a partir das correntes de força elétrica semivisível que se derramam pela superfície da pele de cada ser humano em todos os momentos de sua vida. (Para detalhes sobre um processo científico para tornar as emanações áuricas visíveis, veja The Human Atmosphere, do Dr. Walter J. Kilner.)

Ísis às vezes é simbolizada pela cabeça de uma vaca; ocasionalmente, o animal inteiro é seu símbolo. Os primeiros deuses dos escandinavos foram lambidos de blocos de gelo pela Mãe Vaca (Audhumla), que simbolizava o princípio da nutrição natural e fecundidade por causa de seu leite. Ocasionalmente, Ísis é representada como um pássaro. Ela frequentemente carrega em uma mão a crux ansata , o símbolo da vida eterna, e na outra o cetro florido, simbólico de sua autoridade.

Thoth Hermes Trismegistus, o fundador do aprendizado egípcio, o Sábio do mundo antigo, deu aos sacerdotes e filósofos da antiguidade os segredos que foram preservados até hoje em mitos e lendas. Essas alegorias e figuras emblemáticas escondem as fórmulas secretas para a regeneração espiritual, mental, moral e física, comumente conhecidas como Química Mística da Alma (alquimia). Essas verdades sublimes foram comunicadas aos iniciados das Escolas de Mistérios, mas foram ocultadas dos profanos. Estes últimos, incapazes de entender os princípios filosóficos abstratos, adoravam os ídolos esculpidos de concreto que eram emblemáticos dessas verdades secretas. A sabedoria e o segredo do Egito são resumidos na Esfinge, que preservou seu segredo dos buscadores de cem gerações. Os mistérios do Hermetismo, as grandes verdades espirituais escondidas do mundo pela ignorância do mundo e as chaves das doutrinas secretas dos antigos filósofos são todos simbolizados pela Virgem Ísis. Velada da cabeça aos pés, ela revela sua sabedoria apenas aos poucos experimentados e iniciados que conquistaram o direito de entrar em sua presença sagrada, arrancar da figura velada da Natureza seu manto de obscuridade e ficar frente a frente com a Realidade Divina.

As explicações nestas páginas sobre os símbolos peculiares à Virgem Ísis são baseadas (salvo indicação em contrário) em seleções de uma tradução livre do quarto livro da Bibliotèque des Philosophes Hermétiques , intitulado "A significação hermética dos símbolos e atributos de Ísis", com interpolações do compilador para ampliar e esclarecer o texto.

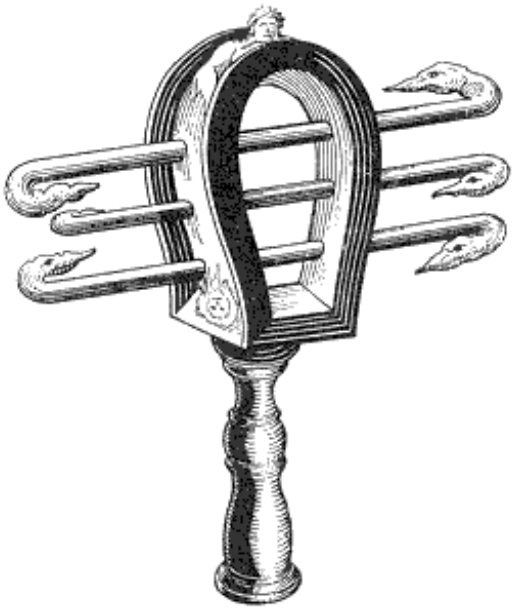
As estátuas de Ísis eram decoradas com o sol, a lua e as estrelas, e muitos emblemas pertencentes à terra, sobre a qual se acreditava que Ísis governava (como o espírito guardião da Natureza personificado). Várias imagens da deusa foram encontradas nas quais as marcas de sua dignidade e posição ainda estavam intactas. De acordo com os antigos filósofos, ela personificava a Natureza Universal, a mãe de todas as produções. A divindade era geralmente representada como uma mulher parcialmente nua, frequentemente grávida, às vezes frouxamente coberta com uma vestimenta de cor verde ou preta, ou de quatro tons diferentes misturados - preto, branco, amarelo e vermelho.

Apuleio a descreve da seguinte forma: "Em primeiro lugar, então, seus cabelos mais abundantes e longos, sendo gradualmente retorcidos e promiscuamente espalhados

em seu pescoço divino, eram suavemente defluidos. Uma coroa multiforme, consistindo de várias flores, prendia o sublime cume de sua cabeça. E no meio da coroa, bem na testa, havia um orbe liso que lembrava um espelho, ou melhor, uma luz branca refulgente, que indicava que ela era a lua. Víboras se erguendo à maneira de sulcos cercavam a coroa à direita e à esquerda, e espigas de milho cerealianas também se estendiam de cima. Sua vestimenta era de muitas cores e tecida do melhor linho, e era ora lúcida com um esplendor branco, ora amarela da flor do açafrão, e ora flamejante com uma vermelhidão rosada. Mas o que mais deslumbrou minha visão foi um manto muito preto, fulgido com um esplendor escuro, e que, espalhando-se e passando por baixo seu lado direito, e ascendendo ao seu ombro esquerdo, erguia-se protuberante como o centro de um escudo, a parte dependente do manto caindo em muitas dobras, e tendo pequenos nós de franjas, fluindo graciosamente em suas extremidades. Estrelas brilhantes estavam dispersas através da borda bordada do manto, e por toda a sua superfície: e a lua cheia, brilhando no meio das estrelas, exalava fogos flamejantes. No entanto, uma coroa, inteiramente composta de flores e frutas de todos os tipos, aderiu com conexão indivisível à borda daquele manto conspícuo, em todos os seus movimentos ondulantes. O que ela carregava em suas mãos também consistia em coisas de uma natureza muito diferente. Pois sua mão direita, de fato, carregava um chocalho de bronze [sistrum] através da lâmina estreita da qual dobrada como um cinto, certas hastes passando, produziam um som triplo agudo, através do movimento vibratório de seu braço. Um vaso oblongo, em forma de barco, pendia de sua mão esquerda, em cuja alça, naquela parte em que era visível, uma áspide erguia sua cabeça ereta e pescoço largamente inchado. E sapatos tecidos com as folhas da palmeira vitoriosa cobriam seus pés imortais."

A cor verde faz alusão à vegetação que cobre a face da terra e, portanto, representa o manto da Natureza. O preto representa a morte e a corrupção como sendo o caminho para uma nova vida e geração. "A menos que o homem nasça de novo, ele não pode ver o reino de Deus." (João iii. 3.) Branco, amarelo e vermelho significam as três cores principais da medicina alquímica, hermética e universal depois que a escuridão de sua putrefação acaba.

Os antigos deram o nome de Ísis a uma de suas medicinas ocultas; portanto, a descrição aqui dada se relaciona um pouco com a química. Seu manto negro também significa que a lua, ou a umidade lunar — o mercúrio universal sófico e a substância operacional da Natureza na terminologia alquímica — não tem luz própria, mas recebe sua luz, seu fogo e sua força vitalizante do sol. Ísis era



O SISTRUM.

"O sistro é projetado * * * para representar para nós, que cada coisa deve ser mantida em agitação contínua, e nunca cessar o movimento; que eles devem ser meditados e bem sacudidos, sempre que começarem a ficar sonolentos, por assim dizer, e a cair em seu movimento. Pois, dizem eles, o som desses sistras evita e afasta o Typho; significando aqui, que assim como a corrupção obstrui e interrompe o curso regular da natureza; assim a geração, por meio do movimento, o afrouxa novamente, e o restaura ao seu antigo vigor. Agora, a superfície externa deste instrumento é de uma figura convexa, pois dentro de sua circunferência estão contidos aqueles quatro acordes ou barras [apenas três mostrados], que fazem tal barulho quando são sacudidos - nem isso é sem seu significado; pois aquela parte do universo que está sujeita à geração e corrupção está contida dentro da esfera da lua; e quaisquer movimentos ou mudanças que possam acontecer nela, todos são efetuados pelas diferentes combinações dos quatro corpos elementares, fogo, terra, água e ar - além disso, na parte superior da superfície convexa do sistro estão esculpidas as efígies de um gato com semblante humano, assim como na borda inferior, sob aquelas cordas móveis, está gravado de um lado o rosto de Ísis e do outro o de Néftis - pelos rostos que representam simbolicamente a geração e a corrupção (que, como já foi observado, nada mais é do que o movimento e a alteração dos quatro elementos, um entre os outros)"

(De Ísis e Osíris, de Plutarco .)

a imagem ou representante das Grandes Obras dos sábios: a Pedra Filosofal, o Elixir da Vida e a Medicina Universal.

Outros hieróglifos vistos em conexão com Ísis não são menos curiosos do que aqueles já descritos, mas é impossível enumerar todos, pois muitos símbolos eram usados indistintamente pelos hermetistas egípcios. A deusa frequentemente usava na cabeça um chapéu feito de ramos de cipreste, para significar luto por seu marido

morto e também pela morte física que ela fez com que cada criatura passasse para receber uma nova vida na posteridade ou uma ressurreição periódica. A cabeça de Ísis às vezes é ornamentada com uma coroa de ouro ou uma guirlanda de folhas de oliveira, como marcas conspícuas de sua soberania como rainha do mundo e senhora de todo o universo. A coroa de ouro significa também a untuosidade aurífica ou gordura sulfurosa dos fogos solar e vital que ela dispensa a cada indivíduo por uma circulação contínua dos elementos, sendo esta circulação simbolizada pelo chocalho musical que ela carrega em sua mão. Este sistro é também o símbolo iônico da pureza.

Uma serpente entrelaçada entre as folhas de oliveira em sua cabeça, devorando sua própria cauda, denota que a untuosidade aurífica foi suja com o veneno da corrupção terrestre que a cercava e deve ser mortificada e purificada por sete circulações planetárias ou purificações chamadas águias voadoras (terminologia alquímica) para torná-la medicinal para a restauração da saúde. (Aqui as emanações do sol são reconhecidas como um remédio para a cura de doenças humanas.) As sete circulações planetárias são representadas pelas circumambulações da loja maçônica; pela marcha dos sacerdotes judeus sete vezes ao redor dos muros de Jericó, e dos sacerdotes muçulmanos sete vezes ao redor da Cabala em Meca. Da coroa de ouro projetam-se três chifres da abundância, significando a abundância dos dons da Natureza procedentes de uma raiz tendo sua origem nos céus (cabeça de Ísis).

Nesta figura, os naturalistas pagãos representam todos os poderes vitais dos três reinos e famílias da natureza sublunar — mineral, vegetal e animal (o homem considerado um animal). Em uma de suas orelhas estava a lua e na outra o sol, para indicar que esses dois eram o agente e o paciente, ou princípios pai e mãe de todos os objetos naturais; e que Ísis, ou Natureza, faz uso desses dois luminares para comunicar seus poderes a todo o império de animais, vegetais e minerais. Na parte de trás de seu pescoço estavam os caracteres dos planetas e os signos do zodíaco que auxiliavam os planetas em suas funções. Isso significava que as influências celestiais dirigiam os destinos dos princípios e espermatozoides de todas as coisas, porque eram os governadores de todos os corpos sublunares, que eles transformavam em pequenos mundos feitos à imagem do universo maior.

Ísis segura em sua mão direita um pequeno veleiro com o fuso de uma roda de fiar como mastro. Do topo do mastro projeta-se um jarro de água, sua alça em forma de serpente inchada com veneno. Isso indica que Ísis dirige o barco da vida, cheio de problemas e misérias, no oceano tempestuoso do Tempo. O fuso simboliza o fato de que ela gira e corta o fio da Vida. Esses emblemas significam ainda que Ísis abunda em umidade, por meio da qual ela nutre todos os corpos naturais, preservando-os do calor do sol, umidificando-os com a umidade nutritiva da atmosfera. A umidade sustenta a vegetação, mas essa umidade sutil (éter da vida) é sempre mais ou menos infectada por algum veneno proveniente da corrupção ou decadência. Ela deve ser purificada ao ser colocada em contato com o fogo purificador invisível da Natureza. Esse fogo digere, aperfeiçoa e revitaliza essa substância, para que a umidade possa se tornar um remédio universal para curar e renovar todos os corpos da Natureza.

A serpente troca de pele anualmente e é assim renovada (simbólico da ressurreição da vida espiritual da natureza material). Essa renovação da terra acontece a cada primavera, quando o espírito vivificante do sol retorna aos países do Hemisfério Norte,

A Virgem simbólica carrega em sua mão esquerda um sistro e um címbalo, ou moldura quadrada de metal, que quando tocado dá a nota-chave da Natureza (Fa); às vezes também um ramo de oliveira, para indicar a harmonia que ela preserva entre as coisas naturais com seu poder regenerador. Pelos processos de morte e corrupção, ela dá vida a uma série de criaturas de diversas formas através de períodos de mudança perpétua. O címbalo é feito quadrado em vez do formato triangular usual para simbolizar que todas as coisas são transmutadas e regeneradas de acordo com a harmonia dos quatro elementos.

O Dr. Sigismund Bacstrom acreditava que se um médico pudesse estabelecer harmonia entre os elementos da terra, fogo, ar e água, e uni-los em uma pedra (a Pedra Filosofal) simbolizada pela estrela de seis pontas ou dois triângulos entrelaçados, ele possuiria os meios de curar todas as doenças. O Dr. Bacstrom afirmou ainda que não havia dúvidas em sua mente de que o fogo universal e onipresente (espírito) da Natureza: "faz tudo e é tudo em todos". Por atração, repulsão, movimento, calor, sublimação, evaporação, exsicação, espessamento, coagulação e fixação, o Fogo Universal (Espírito) manipula a matéria e se manifesta por toda a criação. Qualquer indivíduo que possa entender esses princípios e adaptá-los aos três departamentos da Natureza se torna um verdadeiro filósofo.

Do peito direito de Ísis projetava-se um cacho de uvas e, do esquerdo, uma espiga de milho ou um feixe de trigo, de cor dourada. Isso indica que a Natureza é a fonte de nutrição para a vida vegetal, animal e humana, nutrindo todas as coisas de si mesma. A cor dourada no trigo (milho) indica que na luz do sol ou ouro espiritual está oculto o primeiro esperma de toda a vida.

No cinto que envolve a parte superior do corpo da estátua aparecem vários emblemas misteriosos. O cinto é unido na frente por quatro placas douradas (os elementos), colocadas na forma de um quadrado. Isso significava que Ísis, ou Natureza, a primeira matéria (terminologia alquímica), era a essência dos quatro elementos (vida, luz, calor e força), cuja quintessência gerava todas as coisas. Numerosas estrelas são representadas neste cinto, indicando assim sua influência na escuridão, bem como a influência do sol na luz. Ísis é a Virgem imortalizada na constelação de Virgem, onde a Mãe do Mundo é colocada com a serpente sob seus pés e uma coroa de estrelas em sua cabeça. Em seus braços, ela carrega um feixe de grãos e, às vezes, o jovem Deus Sol.

A estátua de Ísis foi colocada em um pedestal de pedra escura ornamentado com cabeças de carneiros. Seus pés pisaram em vários répteis venenosos. Isso indica que a Natureza tem poder para livrar da acidez ou salinidade todos os corrosivos e superar todas as impurezas da corrupção terrestre aderindo aos corpos. As cabeças de carneiros indicam que o momento mais auspicioso para a geração da vida é durante o período em que o sol passa pelo signo de Áries. As serpentes sob seus

pés indicam que a Natureza está inclinada a preservar a vida e a curar doenças expelindo impurezas e corrupção.

Neste sentido verificam-se os axiomas conhecidos pelos antigos filósofos, a saber:

A natureza contém a Natureza,

a Natureza se alegra em sua própria natureza,

a Natureza supera a Natureza;

a Natureza não pode ser alterada senão em sua própria natureza .

[parágrafo continua] Portanto, ao contemplar a estátua de Ísis, não devemos perder de vista o sentido oculto de suas alegorias; caso contrário, a Virgem permanece um enigma inexplicável.

De um anel dourado em seu braço esquerdo desce uma linha, até a ponta da qual está suspensa uma caixa funda cheia de brasas e incenso em chamas. Ísis, ou a Natureza personificada, carrega consigo o fogo sagrado, religiosamente preservado e mantido queimando em um templo especial pelas virgens vestais. Este fogo é a chama genuína e imortal da Natureza - etérea, essencial, a autora da vida. O óleo inconsumível; o bálsamo da vida, tão louvado pelos sábios e tão frequentemente mencionado nas Escrituras, é frequentemente simbolizado como o combustível desta chama imortal.

Do braço direito da figura também desce um fio, em cuja ponta está preso um par de balanças, para denotar a exatidão da Natureza em seus pesos e medidas. Ísis é frequentemente representada como o símbolo da justiça, porque a Natureza é eternamente consistente.

THOTH, O COM CABEÇA DE CÃO.

De La Franche-Maconnerie de Lenoir .

Aroueris, ou Thoth, um dos cinco imortais, protegeu o infante Hórus da ira de Tifão após o assassinato de Osíris. Ele também revisou o antigo calendário egípcio aumentando o ano de 360 dias para 365. Thoth Hermes era chamado de "O Cabeça de Cachorro" por causa de sua fidelidade e integridade. Ele é mostrado coroado com um nimbo solar, carregando em uma mão a Crux Ansata, o símbolo da vida eterna, e na outra um cajado com ferida de serpente, simbólico de sua dignidade como conselheiro dos deuses.

A MADONA EGÍPCIA.

De La Franche-Maconnerie de Lenoir .

Ísis é mostrada com seu filho Hórus em seus braços. Ela é coroada com o orbe lunar, ornamentado com chifres de carneiros ou touros. Orus, ou Hórus como é mais conhecido, era filho de Ísis e Osíris. Ele era o deus do tempo, das horas, dos dias e desse estreito período de vida reconhecido como existência mortal. Com toda a probabilidade, os quatro filhos de Hórus representam os quatro reinos da Natureza. Foi Hórus quem finalmente vingou o assassinato de seu pai, Osíris, matando Tifão, o espírito do Mal.

A Virgem do Mundo às vezes é mostrada de pé entre dois grandes pilares — o Jachin e o Boaz da Maçonaria — simbolizando o fato de que a Natureza atinge a produtividade por meio da polaridade. Como sabedoria personificada, Ísis fica entre os pilares dos opostos, demonstrando que o entendimento é sempre encontrado no ponto de equilíbrio e que a verdade é frequentemente crucificada entre os dois ladrões da contradição aparente.

O brilho dourado em seu cabelo escuro indica que, enquanto ela é lunar, seu poder é devido aos raios do sol, dos quais ela assegura sua tez avermelhada. Assim como a lua é vestida com a luz refletida do sol, Ísis, como a virgem do Apocalipse, é vestida com a glória da luminosidade solar. Apuleio afirma que, enquanto dormia, viu a venerável deusa Ísis surgindo do oceano. Os antigos perceberam que as formas primárias de vida surgiram primeiro da água, e a ciência moderna concorda com essa visão. HG Wells, em seu Outline of History , descrevendo a vida primitiva na Terra, afirma: "Mas embora o oceano e a água entremarés já estivessem cheios de vida, a terra acima da linha da maré alta ainda era, até onde podemos imaginar, um deserto pedregoso sem um traço de vida." No próximo capítulo, ele acrescenta: "Onde quer que a linha da costa corresse, havia vida, e essa vida continuava dentro e por e com a água como seu lar, seu meio e sua necessidade fundamental." Os antigos acreditavam que o esperma universal procedia de vapor quente, úmido, mas ardente. A velada Ísis, cujas próprias coberturas representam vapor, é simbólica dessa umidade, que é a portadora ou veículo para a vida espermática do sol, representada por uma criança em seus braços. Como o sol, a lua e as estrelas no pôr parecem afundar no mar e também porque a água recebe seus raios para si mesma, acreditava-se que o mar era o local de reprodução do esperma dos seres vivos. Esse esperma é gerado a partir da combinação das influências dos corpos celestes; portanto, Ísis às vezes é representada grávida.

Frequentemente a estátua de Ísis era acompanhada pela figura de um grande boi preto e branco. O boi representa Osíris como Touro, o touro do zodíaco, ou Ápis, um animal sagrado para Osíris por causa de suas marcações e colorações peculiares. Entre os egípcios, o touro era um animal de carga. Portanto, a presença do animal era um lembrete dos trabalhos pacientemente realizados pela Natureza para que todas as criaturas pudessem ter vida e saúde. Harpócrates, o Deus do Silêncio,

segurando os dedos na boca, frequentemente acompanha a estátua de Ísis. Ele avisa a todos para manter os segredos dos sábios daqueles que não estão aptos a conhecê-los.

Os druidas da Grã-Bretanha e da Gália tinham um profundo conhecimento sobre os mistérios de Ísis e a adoravam sob o símbolo da lua. Godfrey Higgins considera um erro considerar Ísis como sinônimo de lua. A lua foi escolhida para Ísis por causa de seu domínio sobre a água. Os druidas consideravam o sol o pai e a lua a mãe de todas as coisas. Por meio desses símbolos, eles adoravam a Natureza Universal.

A figura de Ísis é às vezes usada para representar as artes ocultas e mágicas, como necromancia, invocação, feitiçaria e taumaturgia. Em um dos mitos a respeito dela, Ísis teria conjurado o invencível Deus das Eternidades, Rá , para lhe contar seu nome secreto e sagrado, o que ele fez. Este nome é equivalente à Palavra Perdida da Maçonaria. Por meio desta Palavra, um mágico pode exigir obediência das divindades invisíveis e superiores. Os sacerdotes de Ísis se tornaram adeptos no uso das forças invisíveis da Natureza. Eles entenderam o hipnotismo, o mesmerismo e práticas semelhantes muito antes do mundo moderno sonhar com sua existência.

Plutarco descreve os requisitos de um seguidor de Ísis desta maneira: "Pois assim como não é o comprimento da barba, ou a grosseria do hábito que faz um filósofo, assim também não serão essas barbas frequentes, ou o mero uso de uma vestimenta de linho que constituirão um devoto de Ísis; mas somente ele é um verdadeiro servo ou seguidor desta Deusa, que depois de ter ouvido e se familiarizado de maneira adequada com a história das ações desses Deuses, busca as verdades ocultas que ele escondeu sob elas, e examina o todo pelos ditames da razão e da filosofia."

Durante a Idade Média, os trovadores da Europa Central preservaram em canções as lendas desta deusa egípcia. Eles compuseram sonetos para a mulher mais bonita do mundo. Embora poucos tenham descoberto sua identidade, ela era Sophia, a Virgem da Sabedoria, a quem todos os filósofos do mundo cortejaram. Ísis representa o mistério da maternidade, que os antigos reconheciam como a prova mais aparente da sabedoria onisciente da Natureza e do poder ofuscante de Deus. Para o buscador moderno, ela é o epítome do Grande Desconhecido, e somente aqueles que a desvendarem serão capazes de resolver os mistérios da vida, morte, geração e regeneração.

MUMIFICAÇÃO DOS MORTOS EGÍPCIOS

Sérvio, comentando a Eneida de Virgílio , observa que "os sábios egípcios tomavam o cuidado de embalsamar seus corpos e depositá-los em catacumbas, para que a alma pudesse ser preservada por um longo tempo em conexão com o corpo, e não fosse alienada tão cedo; enquanto os romanos, com um desígnio oposto,

entregavam os restos mortais de seus mortos à pira funerária, pretendendo que a centelha vital pudesse ser imediatamente restaurada ao elemento geral ou retornar à sua natureza primitiva." (De Uma Análise da Mitologia Egípcia , de Prichard .)

Não há registros completos disponíveis que forneçam a doutrina secreta dos egípcios sobre o relacionamento existente entre o espírito, ou consciência, e o corpo que ele habitava. É razoavelmente certo, no entanto, que Pitágoras, que havia sido iniciado nos templos egípcios, quando promulgou a doutrina da metempsicose, reafirmou, pelo menos em parte, os ensinamentos dos iniciados egípcios. A suposição popular de que os egípcios mumificavam seus mortos para preservar a forma para uma ressurreição física é insustentável à luz do conhecimento moderno sobre sua filosofia da morte. No quarto livro de Sobre a abstinência de alimentos de origem animal , Porfírio descreve um costume egípcio de purificar os mortos removendo o conteúdo da cavidade abdominal, que eles colocavam em um baú separado. Ele então reproduz a seguinte oração que havia sido traduzida da língua egípcia por Euphantus: "Ó Sol soberano, e todos os deuses que dão vida aos homens, recebam-me e entreguem-me aos deuses eternos como um coabitante. Pois sempre adorei piedosamente aquelas divindades que me foram apontadas por meus pais enquanto vivi nesta era, e da mesma forma sempre honrei aqueles que procriaram meu corpo. E, com relação a outros homens, nunca matei ninguém, nem defraudei ninguém do que ele depositou comigo, nem cometi qualquer outro ato atroz. Se, portanto, durante minha vida agi erroneamente, comendo ou bebendo coisas que é ilícito comer ou beber, não errei por mim mesmo, mas por estas" (apontando para o peito que continha as vísceras). A remoção dos órgãos identificados como a sede dos apetites era considerada equivalente à purificação do corpo de suas influências malignas.

Os primeiros cristãos interpretavam suas Escrituras tão literalmente que preservavam os corpos de seus mortos conservando-os em água salgada, para que no dia da ressurreição o espírito do morto pudesse reentrar em um corpo completo e perfeitamente preservado. Acreditando que as incisões necessárias ao processo de embalsamamento e a remoção dos órgãos internos impediriam o retorno do espírito ao seu corpo, os cristãos enterravam seus mortos sem recorrer aos métodos mais elaborados de mumificação empregados pelos agentes funerários egípcios.

Em seu trabalho sobre Magia Egípcia , SSDD arrisca a seguinte especulação sobre os propósitos esotéricos por trás da prática da mumificação. "Há todas as razões para supor", ele diz, "que apenas aqueles que receberam algum grau de iniciação foram mumificados; pois é certo que, aos olhos dos egípcios, a mumificação efetivamente impediu a reencarnação. A reencarnação era necessária para almas imperfeitas, para aqueles que falharam em passar nos testes de iniciação; mas para aqueles que tinham a Vontade e a capacidade de entrar no Adytum Secreto, raramente havia necessidade daquela libertação da alma que se diz ser efetuada pela destruição do corpo. O corpo do Iniciado era, portanto, preservado após a morte como uma espécie de Talismã ou base material para a manifestação da Alma na Terra."

Durante o período de sua criação, a mumificação era limitada ao Faraó e outras pessoas de posição real que presumivelmente compartilhavam dos atributos do grande Osíris, o divino Rei mumificado do Submundo Egípcio.

OSIRIS, REI DO SUBMUNDO.

Osíris é frequentemente representado com a parte inferior de seu corpo envolta em um caixão de múmia ou enrolada com bandagens funerárias. O espírito do homem consiste em três partes distintas, apenas uma das quais encarna em forma física. O corpo humano era considerado um túmulo ou sepulcro desse espírito encarnado. Portanto, Osíris, um símbolo do ego encarnado, era representado com a metade inferior de seu corpo mumificada para indicar que ele era o espírito vivo do homem encerrado dentro da forma material simbolizada pelo caixão de múmia.

Há um romance entre o princípio ativo de Deus e o princípio passivo da Natureza. Da união desses dois princípios é produzida a criação racional. O homem é uma criatura composta. De seu Pai (o princípio ativo) ele herda seu Espírito Divino, o fogo da aspiração — aquela parte imortal de si mesmo que se ergue triunfante do barro quebrado da mortalidade: aquela parte que permanece depois que os organismos naturais se desintegraram ou foram regenerados. De sua Mãe (o princípio passivo) ele herda seu corpo — aquela parte sobre a qual as leis da Natureza têm controle: sua humanidade, sua personalidade mortal, seus apetites, seus sentimentos e suas emoções. Os egípcios também acreditavam que Osíris era

o rio Nilo e que Ísis (sua irmã-esposa) era a terra contígua, que, quando inundada pelo rio, dava frutos e colheita. Acreditava-se que a água turva do Nilo era responsável pela negritude de Osíris, que era geralmente simbolizado como sendo de tonalidade ébano.

O Sol, Uma Divindade Universal

A adoração do sol foi uma das primeiras e mais naturais formas de expressão religiosa. Teologias modernas complexas são meramente envolvimentos e amplificações dessa simples crença aborígene. A mente primitiva, reconhecendo o poder benéfico do orbe solar, o adorava como o representante da Divindade Suprema. Sobre a origem da adoração ao sol, Albert Pike faz a seguinte declaração concisa em sua Morals and Dogma : "Para eles [povos aborígenes], ele [o sol] era o fogo inato dos corpos, o fogo da Natureza. Autor da Vida, calor e ignição, ele era para eles a causa eficiente de toda geração, pois sem ele não havia movimento, nem existência, nem forma. Ele era para eles imenso, indivisível, imperecível e presente em todos os lugares. Era sua necessidade de luz e de sua energia criativa que era sentida por todos os homens; e nada era mais assustador para eles do que sua ausência. Suas influências benéficas causaram sua identificação com o Princípio do Bem; e o BRAHMA dos hindus, e MITHRAS dos persas, e ATHOM, AMUN, PHTHA e OSIRIS, dos egípcios, o BEL dos caldeus, o ADONAI dos fenícios, o ADONIS e APOLLO dos gregos, tornaram-se apenas personificações do Sol, o regenerador Princípio, imagem daquela fecundidade que perpetua e rejuvenesce a existência do mundo."

Entre todas as nações da antiguidade, altares, montes e templos eram dedicados à adoração do orbe do dia. As ruínas desses lugares sagrados ainda permanecem, notáveis entre elas estão as pirâmides de Yucatán e Egito, os montes de cobras dos índios americanos, os Zikkurats da Babilônia e Caldéia, as torres redondas da Irlanda e os enormes anéis de pedra bruta na Grã-Bretanha e Normandia. A Torre de Babel, que, de acordo com as Escrituras, foi construída para que o homem pudesse alcançar Deus, era provavelmente um observatório astronômico.

Muitos dos primeiros sacerdotes e profetas, tanto pagãos quanto cristãos, eram versados em astronomia e astrologia; seus escritos são mais bem compreendidos quando lidos à luz dessas ciências antigas. Com o crescimento do conhecimento do homem sobre a constituição e periodicidade dos corpos celestes, princípios astronômicos e terminologia foram introduzidos em seus sistemas religiosos. Os deuses tutelares receberam tronos planetários, os corpos celestes sendo nomeados de acordo com as divindades atribuídas a eles. As estrelas fixas foram divididas em constelações, e por essas constelações vagavam o sol e seus planetas, estes últimos com seus satélites acompanhantes.

A TRINDADE SOLAR

O sol, como supremo entre os corpos celestes visíveis aos astrônomos da antiguidade, foi atribuído ao mais alto dos deuses e se tornou um símbolo da autoridade suprema do próprio Criador. De uma profunda consideração filosófica dos poderes e princípios do sol surgiu o conceito da Trindade como é entendido no mundo hoje. O princípio de uma Divindade Trina não é peculiar à teologia cristã ou mosaica, mas forma uma parte conspícua do dogma das maiores religiões dos tempos antigos e modernos. Os persas, hindus, babilônios e egípcios tinham suas Trindades. Em todos os casos, elas representavam a forma tripla de uma Inteligência Suprema. Na Maçonaria moderna, a Divindade é simbolizada por um triângulo equilátero, seus três lados representando as manifestações primárias do Eterno que é Ele mesmo representado como uma pequena chama, chamada pelos hebreus de Yod (י). Jakob Böhme, o místico teutônico, chama a Trindade de As Três Testemunhas , por meio das quais o Invisível é dado a conhecer ao universo visível e tangível.

A origem da Trindade é óbvia para qualquer um que observe as manifestações diárias do sol. Este orbe, sendo o símbolo de toda a Luz, tem três fases distintas: nascer, meio-dia e pôr-do-sol. Os filósofos, portanto, dividiram a vida de todas as coisas em três partes distintas: crescimento, maturidade e decadência. Entre o crepúsculo do amanhecer e o crepúsculo da noite está o alto meio-dia de glória resplandecente. Deus Pai, o Criador do mundo, é simbolizado pelo amanhecer. Sua cor é azul, porque o sol nascendo de manhã é velado em névoa azul. Deus Filho, o Iluminador, enviado para dar testemunho de Seu Pai diante de todos os mundos, é o globo celestial ao meio-dia, radiante e magnífico, o Leão de Judá, o Salvador de cabelos dourados do Mundo. Amarelo é Sua cor e Seu poder é sem fim. Deus Espírito Santo é a fase do pôr do sol, quando o orbe do dia, vestido em vermelho flamejante, repousa por um momento sobre a linha do horizonte e então desaparece na escuridão da noite, vagando pelos mundos inferiores e mais tarde ressurgindo triunfante do abraço da escuridão.

Para os egípcios, o sol era o símbolo da imortalidade, pois, enquanto morria a cada noite, ele se erguia novamente a cada amanhecer subsequente. O sol não só tem essa atividade diurna, mas também tem sua peregrinação anual, durante a qual passa sucessivamente pelas doze casas celestiais dos céus, permanecendo em cada uma por trinta dias. Somado a isso, ele tem um terceiro caminho de viagem, que é chamado de precessão dos equinócios , no qual ele retrograda ao redor do zodíaco através dos doze signos à taxa de um grau a cada setenta e dois anos.

Sobre a passagem anual do sol pelas doze casas dos céus, Robert Hewitt Brown, 32°, faz a seguinte declaração: "O Sol, enquanto ele seguia seu caminho entre essas 'criaturas vivas' do zodíaco, era dito, em linguagem alegórica, que assumia a natureza ou triunfava sobre o signo em que ele entrava. O sol então se tornou um Touro em Touro, e era adorado como tal pelos egípcios sob o nome de Apis, e pelos assírios como Bel, Baal ou Bul. Em Leão, o sol se tornou um Matador de Leões,

Hércules, e um Arqueiro em Sagitário. Em Peixes, os Peixes, ele era um peixe--Dagon, ou Vishnu, o deus-peixe dos filisteus e hindus."

Uma análise cuidadosa dos sistemas religiosos do paganismo revela muitas evidências do fato de que seus sacerdotes serviam à energia solar e que sua Divindade Suprema era em todos os casos essa Luz Divina personificada. Godfrey Higgins, após trinta anos de investigação sobre a origem das crenças religiosas, é da opinião de que "Todos os Deuses da antiguidade se resolveram no fogo solar, às vezes ele mesmo como Deus, ou às vezes um emblema ou shekinah daquele princípio superior, conhecido pelo nome de Ser criativo ou Deus."

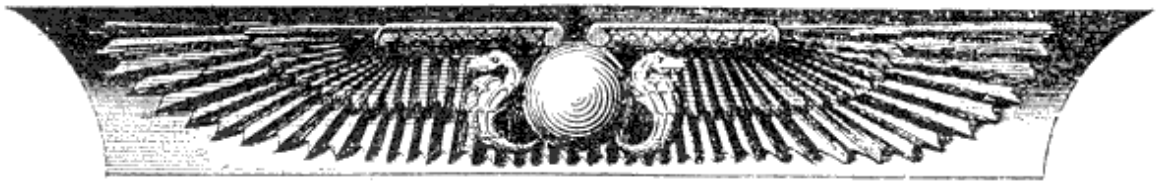
Os sacerdotes egípcios em muitas de suas cerimônias usavam peles de leões, que eram símbolos do orbe solar, devido ao fato de que o sol é exaltado, digno e mais felizmente colocado na constelação de Leão, que ele governa e que foi em um tempo a pedra angular do arco celeste. Novamente, Hércules é a Divindade Solar, pois assim como este poderoso caçador realizou seus doze trabalhos, assim o sol, ao atravessar as doze casas da faixa zodiacal, realiza durante sua peregrinação doze trabalhos essenciais e benevolentes para a raça humana e para a Natureza em geral, Hércules, como os sacerdotes egípcios, usava a pele de um leão como cinto. Sansão, o herói hebreu, como seu

SOL *oriens in dorso* LEONIS

O LEÃO DO SOL.

De Antiguidades Indianas de Maurice .

O sol nascendo sobre as costas do leão ou, astrologicamente, nas costas do leão, sempre foi considerado um símbolo de poder e governo. Um símbolo muito semelhante ao acima aparece na bandeira da Pérsia, cujo povo sempre foi adorador do sol. Reis e imperadores frequentemente associaram seu poder terrestre ao Poder celestial do orbe solar, e aceitaram o sol, ou uma de suas bestas ou pássaros simbólicos, como seu emblema. Testemunhe o leão do Grande Mogul e as águias de César e Napoleão.



O GLOBO ALARADO DO EGITO.

De Antiguidades Indianas de Maurice .

Este símbolo, que aparece sobre os Pylons ou portões de muitos palácios e templos egípcios, é emblemático das três pessoas da Trindade egípcia. As asas, as serpentes e o orbe solar são as insígnias de Amon, Rá e Osíris.

nome indica, também é uma divindade solar. Sua luta com o leão núbio, suas batalhas com os filisteus, que representam os poderes das trevas, e seu feito memorável de levar os portões de Gaza, todos se referem a aspectos da atividade solar. Muitos dos povos antigos tinham mais de uma divindade solar; na verdade, todos os deuses e deusas deveriam participar, pelo menos em parte, da efulgência do sol.

Os ornamentos dourados usados pelo sacerdócio das várias religiões do mundo são novamente uma referência sutil à energia solar, assim como as coroas dos reis. Nos tempos antigos, as coroas tinham uma série de pontas que se estendiam para fora como os raios do sol, mas o convencionalismo moderno, em muitos casos, removeu as pontas ou então as dobrou para dentro, as juntou e colocou um orbe ou cruz no ponto onde elas se encontram. Muitos dos antigos profetas, filósofos e dignitários carregavam um cetro, cuja extremidade superior continha uma representação do globo solar cercado por raios emanados. Todos os reinos da terra eram apenas cópias dos reinos do céu, e os reinos do céu eram melhor simbolizados pelo reino solar, no qual o sol era o governante supremo, os planetas seu conselho privado e toda a natureza os súditos de seu império.

Muitas divindades foram associadas ao sol. Os gregos acreditavam que Apolo, Baco, Dionísio, Sabázio, Hércules, Jasão, Ulisses, Zeus, Urano e Vulcano participavam dos atributos visíveis ou invisíveis do sol. Os noruegueses consideravam Balder, o Belo, uma divindade solar, e Odin é frequentemente conectado ao orbe celestial, especialmente por causa de seu único olho. Entre os egípcios, Osíris, Rá, Anúbis, Hermes e até mesmo o misterioso Amon tinham pontos de semelhança com o disco solar. Ísis era a mãe do sol, e até mesmo Tifão, o Destruidor, era suposto ser uma forma de energia solar. O mito egípcio do sol finalmente se centrou em torno da pessoa de uma divindade misteriosa chamada Serápis . As duas divindades centro-americanas, Tezcatlipoca e Quetzalcoatl , embora frequentemente associadas aos ventos, também eram, sem dúvida, deuses solares.

Na Maçonaria, o sol tem muitos símbolos. Uma expressão da energia solar é Salomão, cujo nome SOL-OM-ON é o nome da Luz Suprema em três línguas diferentes. Hiram Abiff, o CHiram (Hiram) dos caldeus, também é uma divindade solar, e a história de seu ataque e assassinato pelos rufiões, com sua interpretação solar, será encontrada no capítulo The Hiramic Legend . Um exemplo marcante da parte importante que o sol desempenha nos símbolos e rituais da Maçonaria é dado por George Oliver, DD, em seu Dictionary of Symbolical Masonry , como segue:

"O sol nasce no leste, e no leste é o lugar do Venerável Mestre. Assim como o sol é a fonte de toda luz e calor, o Venerável Mestre deve animar e aquecer os irmãos para seu trabalho. Entre os antigos egípcios, o sol era o símbolo da providência divina." Os hierofantes dos Mistérios eram adornados com muitas insígnias emblemáticas do poder solar. Os raios solares de bordados dourados nas costas das vestes do sacerdócio católico significam que o padre também é um emissário e representante do Sol Invictus .

O CRISTIANISMO E O SOL

Por razões que eles sem dúvida consideraram suficientes, aqueles que registraram a vida e os atos de Jesus acharam aconselhável metamorfoseá-lo em uma divindade solar. O Jesus histórico foi esquecido; quase todos os incidentes salientes registrados nos quatro Evangelhos têm suas correlações nos movimentos, fases ou funções dos corpos celestes.

Entre outras alegorias emprestadas pelo cristianismo da antiguidade pagã está a história do belo Deus Sol de olhos azuis, com Seus cabelos dourados caindo sobre Seus ombros, vestido da cabeça aos pés em branco imaculado e carregando em Seus braços o Cordeiro de Deus, símbolo do equinócio vernal. Este belo jovem é um composto de Apolo, Osíris, Orfeu, Mitras e Baco, pois Ele tem certas características em comum com cada uma dessas divindades pagãs.

Os filósofos da Grécia e do Egito dividiram a vida do sol durante o ano em quatro partes; portanto, eles simbolizaram o Homem Solar por quatro figuras diferentes. Quando Ele nasceu no solstício de inverno, o Deus Sol foi simbolizado como uma criança dependente que, de alguma maneira misteriosa, conseguiu escapar dos Poderes das Trevas que buscavam destruí-Lo enquanto Ele ainda estava no berço do inverno. O sol, sendo fraco nesta estação do ano, não tinha raios dourados (ou mechas de cabelo), mas a sobrevivência da luz através da escuridão do inverno era simbolizada por um minúsculo cabelo que sozinho adornava a cabeça da Criança Celestial. (Como o nascimento do sol ocorreu em Capricórnio, ele era frequentemente representado como sendo amamentado por uma cabra.)

No equinócio vernal, o sol havia se tornado um belo jovem. Seus cabelos dourados pendiam em cachos sobre seus ombros e sua luz, como disse Schiller, se estendia a todas as partes do infinito. No solstício de verão, o sol se tornava um homem forte, com barba espessa, que, no auge da maturidade, simbolizava o fato de que a Natureza neste período do ano é mais forte e fecunda. No equinócio de outono, o sol era retratado como um homem idoso, arrastando-se com as costas curvadas e os cabelos brancos para o esquecimento da escuridão do inverno. Assim, doze meses foram atribuídos ao sol como a duração de sua vida. Durante este período, ele circulou os doze signos do zodíaco em uma magnífica marcha triunfal. Quando o outono chegou, ele entrou, como Sansão, na casa de Dalila (Virgem), onde seus raios foram cortados e ele perdeu sua força. Na Maçonaria, os cruéis meses de

inverno são simbolizados por três assassinos que buscavam destruir o Deus da Luz e da Verdade.

A vinda do sol era saudada com alegria; o tempo de sua partida era visto como um período a ser reservado para tristeza e infelicidade. Este glorioso e radiante orbe do dia, a verdadeira luz "que ilumina todo homem que vem ao mundo", o supremo benfeitor, que ressuscitou todas as coisas dos mortos, que alimentou as multidões famintas, que acalmou a tempestade, que após morrer ressuscitou e restaurou todas as coisas à vida - este Espírito Supremo do humanitarismo e da filantropia é conhecido pela cristandade como Cristo, o Redentor dos mundos, o Unigênito do Pai, o Verbo feito Carne e a Esperança da Glória.

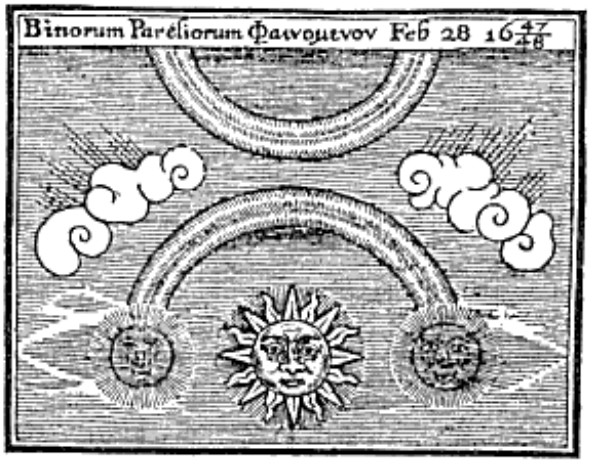
O ANIVERSÁRIO DO SOL

Os pagãos reservaram o dia 25 de dezembro como o aniversário do Homem Solar. Eles se alegraram, festejaram, se reuniram em procissões e fizeram oferendas nos templos. A escuridão do inverno havia acabado e o glorioso filho da luz estava retornando ao Hemisfério Norte. Com seu último esforço, o velho Deus Sol havia derrubado a casa dos Filisteus (os Espíritos das Trevas) e havia aberto o caminho para o novo sol que nasceu naquele dia das profundezas da terra em meio às bestas simbólicas do mundo inferior.

Sobre esta temporada de celebração, um Mestre em Artes anônimo do Balliol College, Oxford, em seu tratado acadêmico, Mankind Their Origin and Destiny , diz: "Os romanos também tinham seu festival solar e seus jogos de circo em homenagem ao nascimento do deus do dia. Ele acontecia no oitavo dia antes das calendas de janeiro, ou seja, em 25 de dezembro. Sérvio, em seu comentário sobre o versículo 720 do sétimo livro da Eneida, no qual Virgílio fala do novo sol, diz que, propriamente falando, o sol é novo no dia 8 das calendas de janeiro, ou seja, 25 de dezembro. Na época de Leão I (Leo, Serm. xxi., De Nativ. Dom. p. 148), alguns dos Padres da Igreja disseram que 'o que tornava o festival (do Natal) venerável era menos o nascimento de Jesus Cristo do que o retorno e, como eles expressaram, o novo nascimento do sol.' Foi no mesmo dia que o nascimento do Sol Invencível (Natalis solis invicti), foi celebrado em Roma, como pode ser visto nos calendários romanos, publicados no reinado de Constantino e de Juliano (Hino ao Sol, p. 155). Este epíteto 'Invictus' é o mesmo que os persas deram a este mesmo deus, a quem eles adoravam pelo nome de Mitra, e a quem eles fizeram nascer em uma gruta (Justin. Dial. cum Trips. p. 305), assim como ele é representado como tendo nascido em um estábulo, sob o nome de Cristo, pelos cristãos."

Sobre a Festa Católica da Assunção e seu paralelo na astronomia, o mesmo autor acrescenta: "Ao final de oito meses, quando o deus-sol, tendo aumentado, atravessa o oitavo signo, ele absorve a Virgem celestial em seu curso de fogo, e ela

desaparece no meio dos raios luminosos e da glória de seu filho. Este fenômeno, que acontece todos os anos em meados de agosto, deu origem a um festival que ainda existe, e no qual se supõe que a mãe de Cristo, deixando de lado sua vida terrena, é associada à glória de seu filho, e é colocada ao seu lado nos céus. O calendário romano de Columela (Col. 1. II. cap. ii. p. 429) marca a morte ou desaparecimento de Virgem neste período. O sol, ele diz, passa para Virgem no décimo terceiro dia antes das calendas de setembro. É aqui que os católicos colocam a Festa da Assunção, ou a reunião da Virgem com seu Filho. Esta festa



OS TRÊS SÓIS.

(Das Previsões Astrológicas de Lilly para 1648, 1649 e 1650.)

A seguinte descrição deste fenômeno aparece em uma carta escrita por Jeremiah Shakerley em Lancashire, em 4 de março de 1648: - "Na segunda-feira, 28 de fevereiro passado, surgiram com o Sol dois Parelii, um de cada lado; sua distância dele era, por estimativa, de cerca de dez graus; eles continuaram ainda na mesma distância do Zênite, ou altura acima do Horizonte, que o Sol; e das partes opostas ao Sol, pareciam emitir certos raios brilhantes, não muito diferentes daqueles que o Sol envia por trás de uma nuvem, mas mais brilhantes. As partes desses Parelii que estavam em direção ao Sol eram de uma cor mista, onde o verde e o vermelho eram mais predominantes. Um pouco acima deles havia um arco-íris fino, quase imperceptível, de uma cor brilhante, com o côncavo em direção ao Sol, e suas extremidades parecendo tocar os Parelii: Acima disso, em um ayr [ar] claro e diáfano, apareceu outro arco-íris conspícuo, embelezado com diversas cores; era tão próximo quanto Eu podia discernir até o Zênite; parecia algo de um raio menor que o outro, eles estando costas com costas, mas bem distantes. No momento aparente da Lua cheia ou próximo a ela, eles desapareceram, deixando abundância de terror e espanto naqueles que os viam. (Veja William Lilly.)

antigamente era chamada de festa da Passagem da Virgem (Beausobre, tome ip 350); e na Biblioteca dos Padres (Bibl. Part. vol. II. part ii. p. 212) temos um relato

da Passagem da Santíssima Virgem. Os antigos gregos e romanos fixam a assunção de Astrea, que também é esta mesma Virgem, naquele dia."

Esta mãe Virgem, dando à luz o Deus Sol que o Cristianismo preservou tão fielmente, é um lembrete da inscrição referente ao seu protótipo egípcio, Ísis, que apareceu no Templo de Sais: " O fruto que eu trouxe é o Sol ." Enquanto a Virgem era associada à lua pelos primeiros pagãos, não há dúvida de que eles também entendiam sua posição como uma constelação nos céus, pois quase todos os povos da antiguidade a creditam como sendo a mãe do sol, e eles perceberam que embora a lua não pudesse ocupar essa posição, o signo de Virgem poderia, e deu, à luz o sol de seu lado no dia 25 de dezembro. Albertus Magnus afirma: "Sabemos que o signo da Virgem Celestial surgiu sobre o Horizonte no momento em que fixamos o nascimento de nosso Senhor Jesus Cristo.

Entre alguns astrônomos árabes e persas, as três estrelas que formam o cinturão da espada de Órion eram chamadas de Magos que vieram prestar homenagem ao jovem Deus Sol. O autor de Mankind--Their Origin and Destiny contribui com as seguintes informações adicionais: "Em Câncer, que subiu ao meridiano à meia-noite, está a constelação do Estável e do Asno. Os antigos a chamavam de Præsepe Jovis. No norte, as estrelas do Urso são vistas, chamadas pelos árabes de Marta e Maria, e também o caixão de Lázaro. "Assim, o esoterismo do paganismo foi incorporado ao cristianismo, embora suas chaves estejam perdidas. A igreja cristã segue cegamente os costumes antigos e, quando questionada sobre uma razão, dá explicações superficiais e insatisfatórias, esquecendo ou ignorando o fato indiscutível de que cada religião é baseada nas doutrinas secretas de sua predecessora.

OS TRÊS SÓIS

O orbe solar, como a natureza do homem, foi dividido pelos antigos sábios em três corpos separados. De acordo com os místicos, há três sóis em cada sistema solar, análogos aos três centros de vida em cada constituição individual. Eles são chamados de três luzes: o sol espiritual , o sol intelectual ou soular e o sol material (agora simbolizado na Maçonaria por três velas). O sol espiritual manifesta o poder de Deus Pai; o sol soular irradia a vida de Deus Filho; e o sol material é o veículo de manifestação de Deus Espírito Santo. A natureza do homem foi dividida pelos místicos em três partes distintas: espírito, alma e corpo. Seu corpo físico foi desdobrado e vitalizado pelo sol material; sua natureza espiritual foi iluminada pelo sol espiritual; e sua natureza intelectual foi redimida pela verdadeira luz da graça — o sol soular. O alinhamento desses três globos nos céus foi uma explicação oferecida para o fato peculiar de que as órbitas dos planetas não são circulares, mas elípticas.

Os sacerdotes pagãos sempre consideraram o sistema solar como um Grande Homem , e extraíram sua analogia desses três centros de atividade dos três

principais centros de vida no corpo humano: o cérebro, o coração e o sistema generativo. A Transfiguração de Jesus descreve três tabernáculos, o maior estando no centro (o coração), e um menor em cada lado (o cérebro e o sistema generativo). É possível que a hipótese filosófica da existência dos três sóis seja baseada em um fenômeno natural peculiar que ocorreu muitas vezes na história. No quinquagésimo primeiro ano depois de Cristo, três sóis foram vistos ao mesmo tempo no céu e também no sexagésimo sexto ano. No sexagésimo nono ano, dois sóis foram vistos juntos. De acordo com William Lilly, entre os anos de 1156 e 1648, vinte ocorrências semelhantes foram registradas.

Reconhecendo o sol como o supremo benfeitor do mundo material, os hermetistas acreditavam que havia um sol espiritual que atendia às necessidades da parte invisível e divina da Natureza — humana e universal. A respeito desse assunto, o grande Paracelso escreveu: "Há um sol terrestre, que é a causa de todo o calor, e todos os que são capazes de ver podem ver o sol; e aqueles que são cegos e não podem vê-lo podem sentir seu calor. Há um Sol Eterno, que é a fonte de toda a sabedoria, e aqueles cujos sentidos espirituais despertaram para a vida verão esse sol e estarão conscientes de Sua existência; mas aqueles que não atingiram a consciência espiritual podem ainda sentir Seu poder por uma faculdade interna que é chamada Intuição."

Certos estudiosos rosacruzes deram denominações especiais a essas três fases do sol: o sol espiritual que eles chamavam de Vulcano ; o sol soular e intelectual, Cristo e Lúcifer, respectivamente; e o sol material, o Demiurgo judeu Jeová . Lúcifer aqui representa a mente intelectual sem a iluminação da mente espiritual; portanto, é "a falsa luz". A falsa luz é finalmente superada e redimida pela verdadeira luz da alma, chamada de Segundo Logos ou Cristo . Os processos secretos pelos quais o intelecto luciferiano é transmutado no intelecto crístico constituem um dos grandes segredos da alquimia e são simbolizados pelo processo de transmutação de metais básicos em ouro.

No raro tratado Os Símbolos Secretos dos Rosacruzes , Franz Hartmann define o sol alquimicamente como: "O símbolo da Sabedoria. O Centro do Poder ou Coração das coisas. O Sol é um centro de energia e um depósito de poder. Cada ser vivo contém dentro de si um centro de vida, que pode crescer para ser um Sol. No coração do regenerado, o poder divino, estimulado pela Luz do Logos, cresce em um Sol que ilumina sua mente." Em uma nota, o mesmo autor amplia sua descrição ao acrescentar: "O sol terrestre é a imagem ou reflexo do sol celestial invisível; o primeiro está no reino do Espírito o que o último está no reino da Matéria; mas o último recebe seu poder do primeiro."

Na maioria dos casos, as religiões da antiguidade concordam que o sol visível material era um refletor em vez de uma fonte de poder. O sol era às vezes representado como um escudo carregado no braço do Deus Sol, como por exemplo, Frey, a Divindade Solar Escandinava. Este sol refletia a luz do sol espiritual invisível , que era a verdadeira fonte de vida, luz e verdade. A natureza física do universo é receptiva; é um reino de efeitos. As causas invisíveis desses efeitos pertencem ao mundo espiritual. Portanto, o mundo espiritual é a esfera da causalidade ; o mundo material é a esfera dos efeitos ; enquanto o mundo intelectual — ou da alma — é a

esfera da mediação . Assim, Cristo, o intelecto superior personificado e a natureza da alma, é chamado de "o Mediador" que, em virtude de Sua posição e poder, diz: "Ninguém vem ao Pai, senão por mim."

O que o sol é para o sistema solar, o espírito é para os corpos do homem; pois suas naturezas, órgãos e funções são como planetas circundando a vida central (ou sol) e vivendo de suas emanações. O poder solar no homem é dividido em três partes, que são denominadas o triplo espírito humano do homem. Todas essas três naturezas espirituais são ditas radiantes e transcendentes; unidas, elas formam a Divindade no homem. A tríplice natureza inferior do homem — consistindo de seu organismo físico, sua natureza emocional e suas faculdades mentais — reflete a luz de sua tríplice Divindade e dá testemunho dela no mundo físico. Os três corpos do homem são simbolizados por um triângulo ereto; sua tríplice natureza espiritual por um triângulo invertido. Esses dois triângulos, quando unidos na forma de uma estrela de seis pontas, eram chamados pelos judeus de "Estrela de Davi", "Sinete de Salomão" e são mais comumente conhecidos hoje como "Estrela de Sião". Esses triângulos simbolizam os universos espiritual e material ligados entre si na constituição da criatura humana, que participa tanto da Natureza quanto da Divindade. A natureza animal do homem participa da terra; sua natureza divina dos céus; sua natureza humana do mediador.

OS HABITANTES CELESTIAIS DO SOL

Os Rosacruzes e os Illuminati, descrevendo os anjos, arcanjos e outras criaturas celestiais, declararam que eles se assemelhavam a pequenos sóis, sendo centros de energia radiante cercados por serpentinas de força Vrilic. Destes derramamentos de serpentinas de força é derivada a crença popular de que os anjos têm asas. Essas asas são leques de luz semelhantes a coronas, por meio das quais as criaturas celestiais se impulsionam através das essências sutis dos mundos superfísicos.

Os verdadeiros místicos são unânimes em sua negação da teoria de que os anjos e arcanjos são humanos em forma, como tantas vezes retratados. Uma figura humana seria totalmente inútil nas substâncias etéreas através das quais se manifestam. A ciência há muito debate a probabilidade de os outros planadores serem habitados. As objeções à ideia são baseadas no argumento de que criaturas com organismos humanos não poderiam existir nos ambientes de Marte, Júpiter, Urano e Netuno. Este argumento não leva em conta a lei universal da Natureza de ajuste ao ambiente. Os antigos afirmavam que a vida se originou do sol e que tudo, quando banhado pela luz do orbe solar, era capaz de absorver os elementos da vida solar e, mais tarde, irradiá-los como flora e fauna. Uma filosofia

SURYA, O REGENTE DO SOL

Do Panteão Hindu de Mouro

Moor descreve esta figura da seguinte forma: "O molde tem nove polegadas de altura, representando o glorioso deus do dia, detentor dos atributos de VISHNU, sentado em uma serpente de sete cabeças; seu carro puxado por um cavalo de sete cabeças, conduzido pelo sem pernas ARUN, uma personificação do amanhecer, ou AURORA." (Veja o Panteão Hindu de Moor.)

O conceito considerava o sol como um pai e os planetas como embriões ainda conectados ao corpo solar por meio de cordões umbilicais etéreos que serviam como canais para transmitir vida e nutrição aos planetas.

Algumas ordens secretas ensinaram que o sol era habitado por uma raça de criaturas com corpos compostos de um éter radiante e espiritual não muito diferente em sua constituição da bola brilhante do próprio sol. O calor solar não teve efeito prejudicial sobre eles, porque seus organismos eram suficientemente refinados e sensibilizados para se harmonizar com a tremenda taxa vibratória do sol. Essas criaturas se assemelham a sóis em miniatura, sendo um pouco maiores do que um prato de jantar em tamanho, embora algumas das mais poderosas sejam consideravelmente maiores. Sua cor é a luz branca dourada do sol, e delas emanam quatro serpentinas de Vril. Essas serpentinas são frequentemente de grande comprimento e estão em movimento constante. Uma palpitação peculiar

deve ser notada em toda a estrutura do globo e é comunicada na forma de ondulações às serpentinas emanadas. A maior e mais luminosa dessas esferas é o Arcanjo Miguel; e toda a ordem da vida solar, que se assemelha a ele e habita o sol, é chamada pelos cristãos modernos de "os arcanjos" ou "os espíritos da luz".

O SOL NA SIMBOLOGIA ALQUÍMICA

O ouro é o metal do sol e tem sido considerado por muitos como luz solar cristalizada. Quando o ouro é mencionado em tratados alquímicos, pode ser o próprio metal ou o orbe celestial que é a fonte, ou espírito, do ouro. O enxofre, por causa de sua natureza ígnea, também foi associado ao sol.

Como o ouro era o símbolo do espírito e os metais básicos representavam a natureza inferior do homem, certos alquimistas eram chamados de "mineiros" e eram retratados com picaretas e pás cavando a terra em busca do metal precioso - aqueles traços mais finos de caráter enterrados na materialidade e ignorância. O diamante escondido no coração do carbono negro ilustrava o mesmo princípio. Os Illuminati usavam uma pérola escondida na concha de uma ostra no fundo do mar para significar poderes espirituais. Assim, o buscador da verdade se tornava um pescador de pérolas: ele descia ao mar da ilusão material em busca de entendimento, denominado pelos iniciados de "a Pérola de Grande Valor".

Quando os alquimistas declararam que cada coisa animada e inanimada no universo continha as sementes de ouro, eles queriam dizer que até mesmo os grãos de areia possuíam uma natureza espiritual, pois o ouro era o espírito de todas as coisas. A respeito dessas sementes de ouro espiritual, o seguinte axioma Rosacruz é significativo: "Uma semente é inútil e impotente a menos que seja colocada em sua matriz apropriada." Franz Hartmann comenta sobre esse axioma com estas palavras iluminadoras: "Uma alma não pode se desenvolver e progredir sem um corpo apropriado, porque é o corpo físico que fornece o material para seu desenvolvimento." (Veja No Pronaos do Templo da Sabedoria .)

O propósito da alquimia não era fazer algo do nada, mas sim fertilizar e nutrir a semente que já estava presente. Seus processos não criaram ouro de fato, mas sim fizeram a semente sempre presente de ouro crescer e florescer. Tudo o que existe tem um espírito — a semente da Divindade dentro de si — e a regeneração não é o processo de tentar colocar algo onde antes não existia. A regeneração na verdade significa o desdobramento da Divindade onipresente no homem, para que essa Divindade possa brilhar como um sol e iluminar todos com quem entra em contato.

O SOL DA MEIA-NOITE

Apuleio disse ao descrever sua iniciação (vide ante): "À meia-noite eu vi o sol brilhando com uma luz esplêndida." O sol da meia-noite também fazia parte do mistério da alquimia. Ele simbolizava o espírito no homem brilhando através da escuridão de seus organismos humanos. Ele também se referia ao sol espiritual no sistema solar, que o místico podia ver tanto à meia-noite quanto ao meio-dia, a terra material trazida impotente para obstruir os raios deste orbe Divino. As luzes misteriosas que iluminavam os templos dos Mistérios Egípcios durante as horas noturnas eram ditas por alguns como reflexos do sol espiritual reunidos pelos poderes mágicos dos sacerdotes. A luz estranha vista dez milhas abaixo da superfície da terra por EU-SOU-O-HOMEM naquela notável alegoria maçônica Etidorhpa (Afrodite escrito ao contrário) pode muito bem se referir ao misterioso sol da meia-noite dos ritos antigos.

As concepções primitivas sobre a guerra entre os princípios do Bem e do Mal eram frequentemente baseadas nas alternâncias do dia e da noite. Durante a Idade Média, as práticas de magia negra eram confinadas às horas noturnas; e aqueles que serviam ao Espírito do Mal eram chamados de magos negros, enquanto aqueles que serviam ao Espírito do Bem eram chamados de magos brancos. Preto e branco eram associados respectivamente à noite e ao dia, e o conflito interminável de luz e sombra é aludido muitas vezes nas mitologias de vários povos.

O demônio egípcio, Typhon, era simbolizado como parte crocodilo e parte porco porque esses animais são grosseiros e terrenos tanto na aparência quanto no temperamento. Desde que o mundo começou, os seres vivos temem a escuridão; aquelas poucas criaturas que a usam como escudo para suas manobras geralmente eram conectadas ao Espírito do Mal. Consequentemente, gatos, morcegos, sapos e corujas são associados à bruxaria. Em certas partes da Europa, ainda se acredita que à noite os magos negros assumem os corpos de lobos e vagam por aí destruindo. Dessa noção se originaram as histórias dos lobisomens. As serpentes, porque viviam na terra, eram associadas ao Espírito das Trevas. Como a batalha entre o Bem e o Mal gira em torno do uso das forças geradoras da Natureza, as serpentes aladas representam a regeneração da natureza animal do homem ou daqueles Grandes em quem essa regeneração é completa. Entre os egípcios, os raios do sol são frequentemente mostrados terminando em mãos humanas. Os maçons encontrarão uma conexão entre essas mãos e a conhecida Pata do Leão, que dá vida a todas as coisas com seu aperto.

CORES SOLARES

A teoria mantida por tanto tempo de três cores primárias e quatro secundárias é puramente exotérica, pois desde os primeiros períodos sabe-se que há sete, e não três, cores primárias, sendo o olho humano capaz de estimar apenas três delas. Assim, embora o verde possa ser feito pela combinação de azul e amarelo, há

também um verde verdadeiro ou primário que não é um composto. Isso pode ser provado pela quebra do espectro com um prisma. Helmholtz descobriu que as chamadas cores secundárias do espectro não poderiam ser quebradas em suas supostas cores primárias. Assim, o laranja do espectro, se passado por um segundo prisma, não se quebra em vermelho e amarelo, mas permanece laranja.

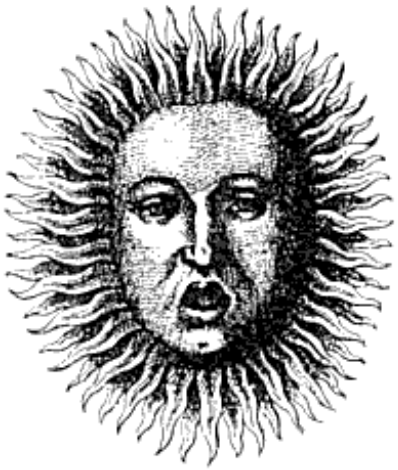
Consciência, inteligência e força são apropriadamente simbolizadas pelas cores azul, amarelo e vermelho. Os efeitos terapêuticos das cores, além disso, estão em harmonia com esse conceito, pois o azul é uma cor fina, calmante e elétrica; o amarelo, uma cor vitalizante e refinadora; e o vermelho, uma cor agitadora e que dá calor. Também foi demonstrado que minerais e plantas afetam a constituição humana de acordo com suas cores. Assim, uma flor amarela geralmente produz um medicamento que afeta a constituição de maneira semelhante à luz amarela ou ao tom musical mi . Uma flor laranja influenciará de maneira semelhante à luz laranja e, sendo uma das chamadas cores secundárias, corresponde ao tom re ou ao acorde de do e mi .

Os antigos conceberam o espírito do homem para corresponder à cor azul, a mente ao amarelo e o corpo ao vermelho. O céu é, portanto, azul, a terra amarela e o inferno — ou o submundo — vermelho. A condição ígnea do inferno simboliza meramente a natureza da esfera ou plano de força do qual é composto. Nos Mistérios Gregos, a esfera irracional sempre foi considerada vermelha, pois representava aquela condição na qual a consciência é escravizada pelas luxúrias e paixões da natureza inferior. Na Índia, certos deuses — geralmente atributos de Vishnu — são retratados com pele azul para significar sua constituição divina e supramundana. De acordo com a filosofia esotérica, o azul é a cor verdadeira e sagrada do sol. A aparente tonalidade amarelo-alaranjada deste orbe é o resultado de seus raios sendo imersos nas substâncias do mundo ilusório.

No simbolismo original da Igreja Cristã, as cores eram de primeira importância e seu uso era regulado de acordo com regras cuidadosamente preparadas. Desde a Idade Média, no entanto, o descuido com que as cores foram empregadas resultou na perda de seus significados emblemáticos mais profundos. Em seu aspecto primário, branco ou prata significavam vida, pureza, inocência, alegria e luz; vermelho, o sofrimento e a morte de Cristo e Seus santos, e também amor divino, sangue e guerra ou sofrimento; azul, a esfera celestial e os estados de piedade e contemplação; amarelo ou ouro, glória, fecundidade e bondade; verde, fecundidade, juventude e prosperidade; violeta, humildade, profunda afeição e tristeza; preto, morte, destruição e humilhação. Na arte da igreja primitiva, as cores das vestes e ornamentos também revelavam se um santo havia sido martirizado, bem como o caráter do trabalho que ele havia feito para merecer a canonização.

Além das cores do espectro, há um vasto número de ondas de cores vibratórias, algumas muito baixas e outras muito altas para serem registradas pelo aparato óptico humano. É assustador contemplar a colossal ignorância do homem a respeito dessas visões do espaço abstrato. Assim como no passado o homem explorou continentes desconhecidos, no futuro, armado com curiosos implementos moldados

para esse propósito, ele explorará essas pouco conhecidas solidezes de luz, cor, som e consciência.



A FACE SOLAR.

Das Antiguidades de Montfaucon .

A coroa do sol é mostrada aqui na forma de uma juba de leão. Este é um lembrete sutil do fato de que em uma época o solstício de verão ocorreu no signo de Leão, o Leão Celesti

O Zodíaco e Seus Signos

É difícil para esta era estimar corretamente o profundo efeito produzido sobre as religiões, filosofias e ciências da antiguidade pelo estudo dos planetas, luminares e constelações. Não sem razão adequada os Magos da Pérsia foram chamados de Observadores das Estrelas. Os egípcios foram homenageados com uma denominação especial por causa de sua proficiência em calcular o poder e o movimento dos corpos celestes e seu efeito sobre os destinos de nações e indivíduos. Ruínas de observatórios astronômicos primitivos foram descobertas em todas as partes do mundo, embora em muitos casos os arqueólogos modernos desconhecem o verdadeiro propósito para o qual essas estruturas foram erguidas. Embora o telescópio fosse desconhecido para os astrônomos antigos, eles fizeram muitos cálculos notáveis com instrumentos cortados de blocos de granito ou batidos de folhas de latão e cobre. Na Índia, esses instrumentos ainda estão em uso e possuem um alto grau de precisão. Em Jaipur, Rajputana, Índia, um observatório que consiste em grande parte de imensos relógios de sol de pedra ainda está em

operação. O famoso observatório chinês na muralha de Pequim consiste em imensos instrumentos de bronze, incluindo um telescópio em forma de tubo oco sem lentes.

Os pagãos viam as estrelas como coisas vivas, capazes de influenciar os destinos de indivíduos, nações e raças. Que os primeiros patriarcas judeus acreditavam que os corpos celestes participavam dos assuntos dos homens é evidente para qualquer estudante da literatura bíblica, como, por exemplo, no Livro dos Juízes: "Eles lutaram do céu, até mesmo as estrelas em seus cursos lutaram contra Sísera." Os caldeus, fenícios, egípcios, persas, hindus e chineses tinham todos zodíacos que eram muito semelhantes em caráter geral, e diferentes autoridades creditaram cada uma dessas nações como sendo o berço da astrologia e da astronomia. Os índios da América Central e do Norte também tinham uma compreensão do zodíaco, mas os padrões e números dos signos diferiam em muitos detalhes daqueles do Hemisfério Oriental.

A palavra zodíaco é derivada do grego ζωδιακός (zodiakos), que significa "um círculo de animais" ou, como alguns acreditam, "pequenos animais". É o nome dado pelos antigos astrônomos pagãos a uma faixa de estrelas fixas com cerca de dezesseis graus de largura, aparentemente circundando a Terra. Robert Hewitt Brown, 32°, afirma que a palavra grega zodiakos vem de zo-on , que significa "um animal". Ele acrescenta: "Esta última palavra é composta diretamente dos radicais egípcios primitivos, zo , vida, e on , um ser".

Os gregos, e mais tarde outros povos influenciados por sua cultura, dividiram a faixa do zodíaco em doze seções, cada uma com dezesseis graus de largura e trinta graus de comprimento. Essas divisões eram chamadas de Casas do Zodíaco. O sol, durante sua peregrinação anual, passava por cada uma delas, por sua vez. Criaturas imaginárias eram traçadas nos grupos de estrelas delimitados por esses retângulos; e como a maioria delas tinha forma animal — ou parte animal —, elas mais tarde se tornaram conhecidas como Constelações, ou Signos, do Zodíaco.

Há uma teoria popular sobre a origem das criaturas zodiacais no sentido de que elas eram produtos da imaginação de pastores, que, observando seus rebanhos à noite, ocupavam suas mentes traçando as formas de animais e pássaros nos céus. Essa teoria é insustentável, a menos que os "pastores" sejam considerados os sacerdotes pastores da antiguidade. É improvável que os signos zodiacais tenham sido derivados dos grupos de estrelas que eles agora representam. É muito mais provável que as criaturas atribuídas às doze casas sejam simbólicas das qualidades e intensidade do poder do sol enquanto ele ocupa diferentes partes do cinturão zodiacal.

Sobre este assunto, Richard Payne Knight escreve: "O significado emblemático, que certos animais eram empregados para significar, era apenas alguma propriedade particular generalizada; e, portanto, poderia ser facilmente inventada ou descoberta pela operação natural da mente: mas as coleções de estrelas, nomeadas em homenagem a certos animais, não têm nenhuma semelhança com esses animais; que são, portanto, meramente sinais de convenção adotados para distinguir certas partes dos céus, que provavelmente foram consagradas àqueles atributos

personificados particulares, que eles respectivamente representavam." (The Symbolical Language of Ancient Art and Mythology .)

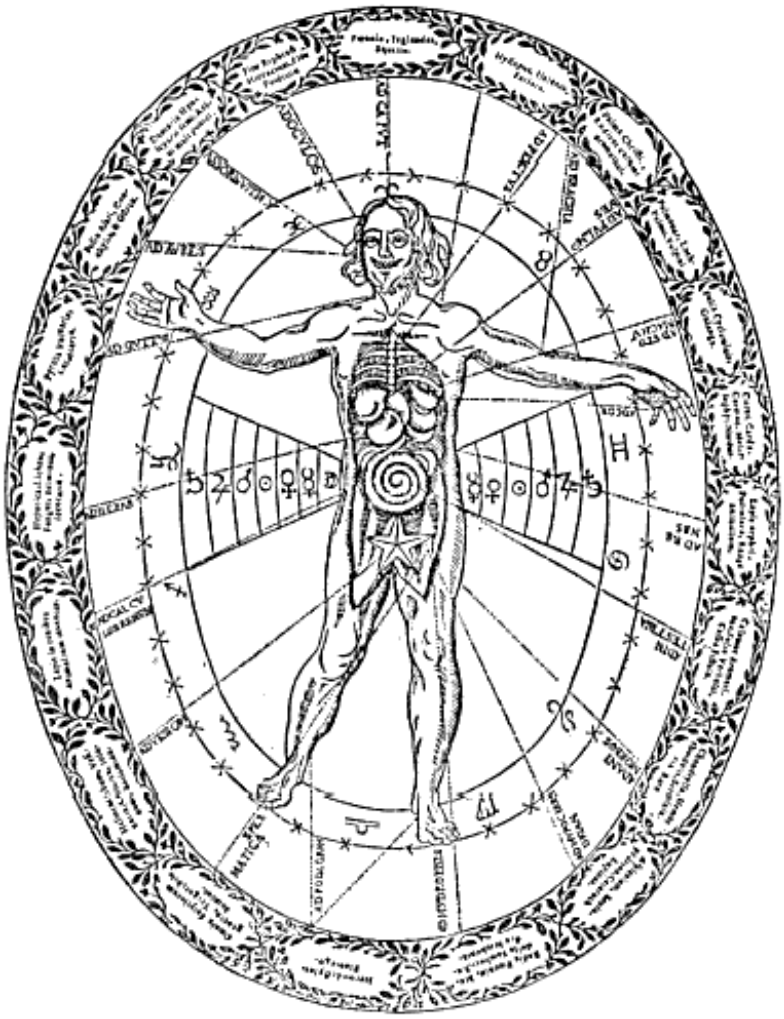
Algumas autoridades são da opinião de que o zodíaco foi originalmente dividido em dez (em vez de doze) casas, ou "mansões solares". Nos primeiros tempos, havia dois padrões separados - um solar e outro lunar - usados para a medição dos meses, anos e estações. O ano solar era composto de dez meses de trinta e seis dias cada, e cinco dias sagrados para os deuses. O ano lunar consistia em treze meses de vinte e oito dias cada, com um dia restante. O zodíaco solar naquela época consistia frequentemente em casas de trinta e seis graus cada.

Os primeiros seis signos do zodíaco dos doze signos eram considerados benevolentes, porque o sol os ocupava enquanto atravessava o Hemisfério Norte. Os 6.000 anos durante os quais, de acordo com os persas, Ahura-Mazda governou Seu universo em harmonia e paz, eram simbólicos desses seis signos. Os segundos seis eram considerados malévolos, porque enquanto o sol viajava pelo Hemisfério Sul era inverno para os gregos, egípcios e persas. Portanto, esses seis meses simbolizavam os 6.000 anos de miséria e sofrimento causados pelo gênio maligno dos persas, Ahriman, que buscava derrubar o poder de Ahura-Mazda.

Aqueles que sustentam a opinião de que antes de sua revisão pelos gregos o zodíaco consistia em apenas dez signos apresentam evidências para mostrar que Libra (a Balança) foi inserida no zodíaco dividindo a constelação de Virgem Escorpião (naquela época um signo) em duas partes, estabelecendo assim "o equilíbrio" no ponto de equilíbrio entre os signos ascendentes do norte e descendentes do sul. (Veja The Rosicrucians, Their Rites and Mysteries , de Hargrave Jennings.) Sobre este assunto, Isaac Myer afirma: "Achamos que as constelações zodiacais eram primeiro dez e representavam um imenso homem androgênico ou divindade; posteriormente isso foi alterado, resultando em Escorpião e Virgem e totalizando onze; depois disso, de Escorpião, Libra, o Equilíbrio, foi tirado, totalizando os atuais doze." (The Qabbalah .)

A cada ano, o sol passa completamente ao redor do zodíaco e retorna ao ponto de onde começou — o equinócio vernal — e a cada ano ele fica um pouco aquém de fazer o círculo completo dos céus no período de tempo estipulado. Como resultado, ele cruza o equador um pouco atrás do ponto no signo zodiacal onde cruzou no ano anterior. Cada signo do zodíaco consiste em trinta graus, e como o sol perde cerca de um grau a cada setenta e dois anos, ele regride por uma constelação inteira (ou signo) em aproximadamente 2.160 anos, e por todo o zodíaco em cerca de [parágrafo continua].

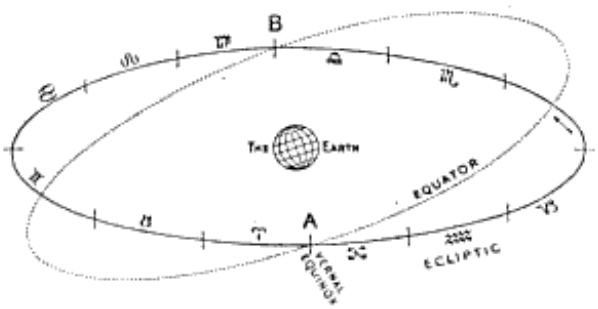
TABELA MOSTRANDO A RELAÇÃO ENTRE O CORPO HUMANO E O UNIVERSO EXTERIOR.



o QUADRO QUE MOSTRA A RELAÇÃO ENTRE O CORPO HUMANO E O UNIVERSO EXTERIOR.

Do Édipo Egípcio de Kircher .

A borda ornamental contém grupos de nomes de substâncias animais, minerais e vegetais. Sua relação com partes correspondentes do corpo humano é mostrada pelas linhas pontilhadas. As palavras em letras maiúsculas nas linhas pontilhadas indicam a qual membro corpóreo, órgão ou doença, a erva ou outra substância está relacionada. As posições favoráveis em relação à época do ano são mostradas pelos signos do zodíaco, cada casa do qual é dividida por cruzes em seus três decanos. Essa influência é ainda mais enfatizada pela série de signos planetários colocados em ambos os lados da figura.



OS EQUINÓCIOS E OS SOLSTÍCIOS.

O plano do zodíaco intersecta o equador celeste em um ângulo de aproximadamente 23° 28'. Os dois pontos de intersecção (A e B) são chamados de equinócios.

25.920 anos. (Autoridades discordam sobre esses números.) Esse movimento retrógrado é chamado de precessão dos equinócios . Isso significa que no curso de cerca de 25.920 anos, que constituem um Grande Ano Solar ou Platônico, cada uma das doze constelações ocupa uma posição no equinócio vernal por quase 2.160 anos, então dá lugar ao signo anterior .

Entre os antigos, o sol sempre foi simbolizado pela figura e natureza da constelação pela qual passava no equinócio vernal. Por quase 2.000 anos, o sol cruzou o equador no equinócio vernal na constelação de Peixes (os Dois Peixes). Nos 2.160 anos anteriores, ele cruzou a constelação de Áries (o Carneiro). Antes disso, o equinócio vernal estava no signo de Touro (o Touro). É provável que a forma do touro e as propensões do touro tenham sido atribuídas a esta constelação porque o touro era usado pelos antigos para arar os campos, e a estação reservada para arar e sulcar correspondia ao momento em que o sol alcançava o segmento dos céus chamado Touro.

Albert Pike descreve a reverência que os persas sentiam por este signo e o método de simbolismo astrológico em voga entre eles, assim: "Na caverna de iniciação de Zoroastro, o Sol e os Planetas eram representados, acima, em pedras preciosas e ouro, assim como o Zodíaco. O Sol apareceu, emergindo das costas de Touro." Na constelação do Touro também podem ser encontradas as "Sete Irmãs" - as Plêiades sagradas - famosas para a Maçonaria como as Sete Estrelas na extremidade superior da Escada Sagrada.

No antigo Egito, era durante esse período — quando o equinócio vernal estava no signo de Touro — que o Touro, Apis, era sagrado para o Deus Sol, que era adorado através do equivalente animal do signo celestial que ele havia impregnado com sua presença no momento de sua travessia para o Hemisfério Norte. Esse é o significado de um antigo ditado de que o Touro celestial "quebrava o ovo do ano com seus chifres".

Sampson Arnold Mackey, em seu Mythological Astronomy of the Ancients Demonstrated , faz nota de dois pontos muito interessantes sobre o touro no simbolismo egípcio. O Sr. Mackey é da opinião de que o movimento da Terra que conhecemos como a alternância dos polos resultou em uma grande mudança na posição relativa do equador e da faixa zodiacal. Ele acredita que originalmente a faixa do zodíaco estava em ângulos retos com o equador, com o signo de Câncer oposto ao polo norte e o signo de Capricórnio oposto ao polo sul. É possível que o símbolo órfico da serpente enrolada em volta do ovo tente mostrar o movimento do sol em relação à Terra sob tais condições. O Sr. Mackey avança o Labirinto de Creta , o nome Abraxas e a fórmula mágica, abracadabra , entre outras coisas, para substanciar sua teoria. Sobre abracadabra, ele afirma:

"Mas o lento desaparecimento progressivo do Touro é mais felizmente comemorado na série de letras que desaparecem tão enfaticamente expressivas do grande fato astronômico. Pois ABRACADABRA é O Touro, o único Touro. A antiga frase dividida em suas partes componentes fica assim: Ab'r-achad-ab'ra, ou seja , Ab'r, o Touro; achad, o único, &c.--Achad é um dos nomes do Sol, dado a ele em consequência de seu Brilho SOZINHO,--ele é a ÚNICA Estrela a ser vista quando ele é visto--o ab'ra restante, faz com que o todo seja, O Touro, o único Touro; enquanto a repetição do nome omitindo uma letra, até que tudo se vá, é o método mais simples, mas o mais satisfatório que poderia ter sido inventado para preservar a memória do fato; e o nome de Sorapis, ou Serápis, dado ao Touro na cerimônia acima o coloca além de qualquer dúvida. * * * Esta palavra (Abracadabra) desaparece em onze estágios decrescentes; como na figura. E o que é muito notável, um corpo com três cabeças é dobrado por uma Serpente com onze Espirais, e colocado por Sorapis: e as onze Volves da Serpente formam um triângulo semelhante ao formado pelas ONZE linhas decrescentes do abracadabra."

Quase todas as religiões do mundo mostram traços de influência astrológica. O Antigo Testamento dos judeus, seus escritos ofuscados pela cultura egípcia, é uma massa de alegorias astrológicas e astronômicas. Quase toda a mitologia da Grécia e Roma pode ser rastreada em grupos de estrelas. Alguns escritores são da opinião de que as vinte e duas letras originais do alfabeto hebraico foram derivadas de grupos de estrelas, e que a caligrafia estrelada na parede dos céus se referia a palavras soletradas, com estrelas fixas para consoantes, e os planetas, ou luminares, para vogais. Estes, entrando em combinações sempre diferentes, soletravam palavras que, quando lidas corretamente, previam eventos futuros.

Como a faixa zodiacal marca o caminho do sol através das constelações, isso resulta nos fenômenos das estações. Os antigos sistemas de medição do ano eram baseados nos equinócios e solstícios. O ano sempre começava com o equinócio vernal, celebrado em 21 de março com alegria para marcar o momento em que o sol cruzava o equador em direção ao norte no arco zodiacal. O solstício de verão era celebrado quando o sol atingia sua posição mais ao norte, e o dia marcado era 21 de junho. Depois desse tempo, o sol começou a descer em direção ao equador, que cruzou novamente para o sul no equinócio de outono, 21 de setembro. O sol atingiu sua posição mais ao sul no solstício de inverno, 21 de dezembro.

Quatro dos signos do zodíaco foram permanentemente dedicados aos equinócios e solstícios; e, embora os signos não correspondam mais às antigas constelações às quais foram atribuídos e das quais obtiveram seus nomes, eles são aceitos pelos astrônomos modernos como base de cálculo. O equinócio vernal, portanto, é dito ocorrer na constelação de Áries (o Carneiro). É apropriado que, de todos os animais, um Carneiro seja colocado à frente do rebanho celestial que forma a faixa zodiacal. Séculos antes da Era Cristã, os pagãos reverenciavam esta constelação. Godfrey Higgins afirma: "Esta constelação era chamada de 'Cordeiro de Deus'. Ele também era chamado de 'Salvador' e dizia-se que salvava a humanidade de seus pecados. Ele sempre foi honrado com a denominação de 'Dominus' ou 'Senhor'. Ele era chamado de 'Cordeiro de Deus que tira os pecados do mundo'. Os devotos que se dirigiam a ele em sua ladainha, repetiam constantemente as palavras, 'Ó Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo, tem misericórdia de nós. Concede-nos a Tua paz.' Portanto, o Cordeiro de Deus é um título dado ao sol, que é dito renascer a cada ano no Hemisfério Norte no signo de Áries, embora, devido à discrepância existente entre os signos do zodíaco e os grupos estelares reais, ele na verdade nasça no signo de Peixes.

O solstício de verão é considerado como ocorrendo em Câncer (o Caranguejo), que os egípcios chamavam de escaravelho — um besouro da família Lamellicornes, o chefe do reino dos insetos, e sagrado para os egípcios como o símbolo da Vida Eterna. É evidente que a constelação do Caranguejo é representada por esta criatura peculiar porque o sol, depois de passar por esta casa, passa a andar para trás, ou descer o arco zodiacal. Câncer é o símbolo da geração, pois é a casa da Lua, a grande Mãe de todas as coisas e a padroeira das forças vitais da Natureza. Diana, a deusa da lua dos gregos, é chamada de Mãe do Mundo. Sobre a adoração do princípio feminino ou maternal, Richard Payne Knight escreve:

"Ao atrair ou agitar as águas do oceano, ela naturalmente parecia ser a soberana da umidade; e ao parecer operar tão poderosamente sobre as constituições das mulheres, ela igualmente parecia ser a padroeira e reguladora da nutrição e da geração passiva: de onde se diz que ela recebeu suas ninfas, ou personificações subordinadas, do oceano; e é frequentemente representada pelo símbolo do caranguejo do mar, um animal que tem a propriedade de destacar espontaneamente de seu próprio corpo qualquer membro que tenha sido ferido ou mutilado, e reproduzir outro em seu lugar." (A Linguagem Simbólica da Arte e Mitologia Antigas .) Este signo de água, sendo simbólico do princípio maternal da Natureza, e reconhecido pelos pagãos como a origem de toda a vida, era um domicílio natural e consistente da lua.

O equinócio de outono aparentemente ocorre na constelação de Libra (a Balança). A balança pendeu e o globo solar começou sua peregrinação em direção à casa do inverno. A constelação da Balança foi colocada no zodíaco para simbolizar o poder de escolha, por meio do qual o homem pode pesar um problema contra outro. Milhões de anos atrás, quando a raça humana estava em formação, o homem era como os anjos, que não conheciam o bem nem o mal. Ele caiu no estado de conhecimento do bem e do mal quando os deuses lhe deram a semente para a natureza mental. Das reações mentais do homem aos seus ambientes, ele destila o produto da experiência, que então o ajuda a recuperar sua posição perdida, além

de uma inteligência individualizada. Paracelso disse: "O corpo vem dos elementos, a alma das estrelas e o espírito de Deus. Tudo o que o intelecto pode conceber vem das estrelas [os espíritos das estrelas, em vez das constelações materiais]."

A constelação de Capricórnio, na qual o solstício de inverno teoricamente acontece, era chamada de A Casa da Morte , pois no inverno toda a vida no Hemisfério Norte está em seu ponto mais baixo. Capricórnio é uma criatura composta, com a cabeça e a parte superior do corpo de uma cabra e a cauda de um peixe. Nesta constelação o sol é menos poderoso

O MICROCOSMO.

Da Margarita Philosophica de Schotus .

Os pagãos acreditavam que o zodíaco formava o corpo do Grande Homem do Universo. Este corpo, que eles chamavam de Macrocosmo (o Grande Mundo), era dividido em doze partes principais, uma das quais estava sob o controle dos poderes celestiais que repousavam em cada uma das constelações zodiacais. Acreditando que todo o sistema universal era resumido no corpo do homem, que eles chamavam de Microcosmo (o Pequeno Mundo), eles desenvolveram aquela figura agora familiar do "homem cortado no almanaque" ao atribuir um signo do zodíaco a cada uma das doze partes principais do corpo humano.

no Hemisfério Norte, e depois de passar por esta constelação, imediatamente começa a aumentar. Daí os gregos dizerem que Júpiter (um nome do Deus Sol) foi amamentado por uma cabra. Uma nova e diferente luz lateral sobre o simbolismo zodiacal é fornecida por John Cole, em A Treatise on the Circular Zodiac of Tentyra, no Egito : "O símbolo, portanto, da Cabra surgindo do corpo de um peixe

[Capricórnio], representa com a maior propriedade os edifícios montanhosos da Babilônia surgindo de sua situação baixa e pantanosa; os dois chifres da Cabra sendo emblemáticos das duas cidades, Nínive e Babilônia, a primeira construída no Tigre, a última no Eufrates; mas ambas sujeitas a uma soberania."

O período de 2.160 anos necessário para a regressão do sol através de uma das constelações zodiacais é frequentemente denominado uma era. De acordo com este sistema, a era garantiu seu nome do signo pelo qual o sol passa ano após ano ao cruzar o equador no equinócio vernal. Deste arranjo são derivados os termos A Era Tauriana , A Era Ariana , A Era Pisciana e A Era Aquária . Durante esses períodos, ou eras, a adoração religiosa toma a forma do signo celestial apropriado - aquele que o sol assume como uma personalidade da mesma maneira que um espírito assume um corpo. Esses doze signos são as joias de sua couraça e sua luz brilha deles, um após o outro.

A partir de uma consideração deste sistema, é facilmente compreendido por que certos símbolos religiosos foram adotados durante diferentes eras da história da Terra; pois durante os 2.160 anos em que o sol esteve na constelação de Touro, é dito que a Divindade Solar assumiu o corpo de Apis, e o Touro se tornou sagrado para Osíris. (Para detalhes sobre as eras astrológicas relacionadas ao simbolismo bíblico, veja The Message of the Stars de Max e Augusta Foss Heindel.) Durante a Era Ariana, o Cordeiro era considerado sagrado e os sacerdotes eram chamados de pastores . Ovelhas e cabras eram sacrificadas nos altares, e um bode expiatório era designado para carregar os pecados de Israel.

Durante a Era de Peixes, o Peixe era o símbolo da divindade e o Deus Sol alimentava a multidão com dois pequenos peixes. O frontispício de Inman's Ancient Faiths mostra a deusa Ísis com um peixe na cabeça; e o Deus Salvador Indiano, Christna, em uma de suas encarnações foi lançado da boca de um peixe.

Jesus não é apenas frequentemente chamado de Pescador de Homens , mas como John P. Lundy escreve: "A palavra Peixe é uma abreviação de todo este título, Jesus Cristo, Filho de Deus, Salvador e Cruz; ou como Santo Agostinho expressa, 'Se você juntar as letras iniciais das cinco palavras gregas, Ἰησοῦς Χριστος Θεου Υἱὸσ Σωτήρ, que significa Jesus Cristo, Filho de Deus, Salvador, elas formarão ΙΧΘΥΣ, Peixe, palavra em que Cristo é misticamente entendido, porque Ele foi capaz de viver no abismo desta mortalidade como na profundidade das águas, isto é, sem pecado.'" (Cristianismo Monumental). Muitos cristãos observam a sexta-feira, que é sagrada para a Virgem (Vênus), dia em que comerão peixe e não carne. O sinal do peixe foi um dos primeiros símbolos do cristianismo; e quando desenhado na areia, informava ao cristão que outro da mesma fé estava por perto.

Aquário é chamado de Signo do Portador de Água , ou o homem com uma jarra de água no ombro mencionado no Novo Testamento. Isso às vezes é mostrado como uma figura angelical, supostamente andrógina, despejando água de uma urna ou carregando a jarra no ombro. Entre os povos orientais, uma jarra de água sozinha é frequentemente usada. Edward Upham, em sua História e Doutrina do Budismo , descreve Aquário como sendo "na forma de um pote e de uma cor entre azul e amarelo; este Signo é a casa única de Saturno."

Quando Herschel descobriu o planeta Urano (às vezes chamado pelo nome de seu descobridor), a segunda metade do signo de Aquário foi atribuída a esse membro adicional da família planetária. A água jorrando da urna de Aquário sob o nome de "as águas da vida eterna" aparece muitas vezes em simbolismo. Assim é com todos os signos. Assim, o sol em seu caminho controla qualquer forma de adoração que o homem oferece à Divindade Suprema.

Existem dois sistemas distintos de filosofia astrológica. Um deles, o ptolomaico, é geocêntrico: a Terra é considerada o centro do sistema solar, em torno do qual o sol, a lua e os planetas giram. Astronomicamente, o sistema geocêntrico é incorreto; mas por milhares de anos ele provou sua precisão quando aplicado à natureza material das coisas terrenas. Uma consideração cuidadosa dos escritos dos grandes ocultistas e um estudo de seus diagramas revelam o fato de que muitos deles estavam familiarizados com outro método de organizar os corpos celestes.

O outro sistema de filosofia astrológica é chamado de heliocêntrico. Este coloca o sol no centro do sistema solar, onde ele naturalmente pertence, com os planetas e suas luas girando em torno dele. A grande dificuldade, no entanto, com o sistema heliocêntrico é que, sendo comparativamente novo, não houve tempo suficiente para experimentar com sucesso e catalogar os efeitos de seus vários aspectos e relacionamentos. A astrologia geocêntrica, como seu nome indica, é confinada ao lado terrestre da natureza, enquanto a astrologia heliocêntrica pode ser usada para analisar as faculdades intelectuais e espirituais superiores do homem.

O ponto importante a ser lembrado é que quando se dizia que o sol estava em um certo signo do zodíaco, os antigos realmente queriam dizer que o sol ocupava o signo oposto e lançava seu longo raio na casa em que o entronizavam. Portanto, quando se diz que o sol está em Touro, significa (astronomicamente) que o sol está no signo oposto a Touro, que é Escorpião. Isso resultou em duas escolas distintas de filosofia: uma geocêntrica e exotérica, a outra heliocêntrica e esotérica. Enquanto as multidões ignorantes adoravam a casa do reflexo do sol, que no caso descrito seria o Touro, os sábios reverenciavam a casa da morada real do sol, que seria o Escorpião, ou a Serpente, o símbolo do mistério espiritual oculto. Este signo tem três símbolos diferentes. O mais comum é o de um Escorpião, que era chamado pelos antigos de caluniador , sendo o símbolo do engano e da perversão; a segunda (e menos comum) forma do sinal é uma serpente, frequentemente usada pelos antigos para simbolizar sabedoria.

Provavelmente a forma mais rara de Escorpião é a de uma Águia. O arranjo das estrelas da constelação tem tanta semelhança com um pássaro voador quanto com um escorpião. Escorpião, sendo o signo da iniciação oculta, a águia voadora — o rei dos pássaros — representa o tipo mais elevado e espiritual de Escorpião, no qual transcende o inseto venenoso da terra. Como Escorpião e Touro são opostos um ao outro no zodíaco, seu simbolismo é frequentemente intimamente misturado. O Hon. EM Plunket, em Calendários e Constelações Antigos , diz: "O Escorpião (a constelação de Escorpião do Zodíaco oposta a Touro) se une a Mitra em seu ataque ao Touro, e sempre os gênios dos equinócios de primavera e outono estão presentes em atitudes alegres e tristes."

Os egípcios, os assírios e os babilônios, que conheciam o sol como um touro, chamavam o zodíaco de uma série de sulcos, através dos quais o grande boi celestial arrastava o arado do sol. Daí a população oferecia sacrifícios e conduzia pelas ruas magníficos bois, enfeitados com flores e cercados de sacerdotes, dançarinas do templo e músicos. Os eleitos filosóficos não participavam dessas cerimônias idólatras, mas as defendiam como as mais adequadas para os tipos de mente que compunham a massa da população. Esses poucos possuíam uma compreensão muito mais profunda, como a Serpente de Escorpião em suas testas — o Uræus — dava testemunho.

O sol é frequentemente simbolizado com seus raios na forma de uma juba desgrenhada. Sobre o significado maçônico de Leão, Robert Hewitt Brown, 32°, escreveu: "No dia 21 de junho, quando o sol chega ao solstício de verão, a constelação de Leão — estando apenas 30° à frente do sol — parece estar liderando o caminho e ajudar com sua poderosa pata a levantar o sol até o cume do arco zodiacal. * * * Essa conexão visível entre a constelação de Leão e o retorno do sol ao seu lugar de poder e glória, no cume do Arco Real do céu, foi a principal razão pela qual essa constelação foi tida em tão alta estima e reverência pelos antigos. Os astrólogos distinguiam Leão como a 'única casa do sol' e ensinavam que o mundo foi criado quando o sol estava naquele signo. 'O leão era adorado no Oriente e no Ocidente pelos egípcios e mexicanos. O druida chefe da Grã-Bretanha era denominado leão.'" (Stellar Theology and Masonic Astronomy .) Quando a Era de Aquário estiver completamente estabelecida, o sol será em Leão, como será notado pela explicação dada anteriormente neste capítulo a respeito da distinção entre astrologia geocêntrica e heliocêntrica. Então, de fato, as religiões secretas do mundo incluirão mais uma vez a elevação à iniciação pelo Grip of the Lion's Paw. (Lázaro surgirá.)

O ZODÍACO CIRCULAR DE TENTIRA.

Do Tratado de Cole - O Zodíaco Circular de Tentyra, no Egito .

O zodíaco circular mais antigo conhecido é o encontrado em Tentyra, no Egito, e agora em posse do governo francês. O Sr. John Cole descreve este notável zodíaco da seguinte forma: "O diâmetro do medalhão no qual as constelações são esculpidas é de quatro pés e nove polegadas, medida francesa. Ele é cercado por outro círculo de circunferência muito maior, contendo caracteres hieroglíficos; este segundo círculo é encerrado em um quadrado, cujos lados têm sete pés e nove polegadas de comprimento. * * * Os asterismos, constituindo as constelações zodiacais misturadas com outras, são representadas em uma espiral. As extremidades desta espiral, após uma revolução, são Leão e Câncer. Leão está sem dúvida na cabeça. Parece estar pisoteando uma serpente, e sua cauda está sendo segurada por uma mulher. Imediatamente após o Leão vem a Virgem segurando uma espiga de milho. Mais adiante, percebemos duas escalas de uma balança, acima das quais, em um leão de medalha, está a figura de Harpócrates. Em seguida, seguem o Escorpião e Sagitário, a quem os egípcios deram asas, e dois rostos. Depois de Sagitário são colocados sucessivamente, Capricórnio, Aquário, Peixes, o Carneiro, o Touro e os Gêmeos. Esta procissão zodiacal é, como já observamos, encerrada por Câncer, o Caranguejo."

A antiguidade do zodíaco é muito discutida. Afirmar que ele se originou apenas alguns milhares de anos antes da Era Cristã é um erro colossal por parte daqueles que buscaram compilar dados sobre sua origem. O zodíaco necessariamente deve

ser antigo o suficiente para voltar ao período em que seus signos e símbolos coincidiam exatamente com as posições das constelações cujas várias criaturas em suas funções naturais exemplificavam as características marcantes da atividade do sol durante cada um dos doze meses. Um autor, após muitos anos de estudo profundo sobre o assunto, acreditava que o conceito do zodíaco do homem tinha pelo menos cinco milhões de anos. Com toda a probabilidade, é uma das muitas coisas pelas quais o mundo moderno está em dívida com as civilizações Atlante ou Lemuriana. Cerca de dez mil anos antes da Era Cristã, houve um período de muitas eras em que o conhecimento de todo tipo foi suprimido, tábuas destruídas, monumentos derrubados e todo vestígio de material disponível sobre civilizações anteriores completamente obliterado. Apenas algumas facas de cobre, algumas pontas de flechas e entalhes grosseiros nas paredes das cavernas dão testemunho mudo daquelas civilizações que precederam esta era de destruição. Aqui e ali, algumas estruturas gigantescas permaneceram, as quais, como os estranhos monólitos na Ilha de Páscoa, são evidências de artes e ciências perdidas e raças perdidas. A raça humana é extremamente antiga. A ciência moderna conta sua idade em dezenas de milhares de anos; o ocultismo, em dezenas de milhões. Há um velho ditado que diz que "a Mãe Terra sacudiu muitas civilizações de suas costas", e não é além da razão que os princípios da astrologia e da astronomia foram desenvolvidos milhões de anos antes do primeiro homem branco aparecer.

Os ocultistas do mundo antigo tinham uma compreensão mais notável do princípio da evolução. Eles reconheciam toda a vida como estando em vários estágios de se tornar . Eles acreditavam que grãos de areia estavam em processo de se tornar humanos em consciência, mas não necessariamente em forma; que criaturas humanas estavam em processo de se tornar planetas; que planetas estavam em processo de se tornar sistemas solares; e que sistemas solares estavam em processo de se tornar cadeias cósmicas; e assim por diante ad infinitum . Um dos estágios entre o sistema solar e a cadeia cósmica era chamado de zodíaco ; portanto, eles ensinavam que em um determinado momento um sistema solar se divide em um zodíaco. A casa do zodíaco se torna os tronos para doze Hierarquias Celestiais, ou como alguns dos antigos afirmam, dez Ordens Divinas. Pitágoras ensinou que 10, ou a unidade do sistema decimal, era o mais perfeito de todos os números, e ele simbolizou o número dez pelo tetractys menor , um arranjo de dez pontos na forma de um triângulo vertical.

Os primeiros observadores de estrelas, depois de dividir o zodíaco em suas casas, nomearam as três cicatrizes mais brilhantes em cada constelação para serem os governantes conjuntos daquela casa. Então eles dividiram a casa em três seções de dez graus cada, que eles chamaram de decanos. Estes, por sua vez, foram divididos ao meio, resultando na quebra do zodíaco em setenta e dois duodecanos de cinco graus cada. Sobre cada um desses duodecanos, os hebreus colocaram uma inteligência celestial, ou anjo, e desse sistema, resultou o arranjo cabalístico dos setenta e dois nomes sagrados, que correspondem às setenta e duas flores, botões e amêndoas sobre o castiçal de sete braços do Tabernáculo, e os setenta e dois homens que foram escolhidos das Doze Tribos para representar Israel.

Os únicos dois signos ainda não mencionados são Gêmeos e Sagitário. A constelação de Gêmeos é geralmente representada como duas crianças pequenas,

que, de acordo com os antigos, nasceram de ovos, possivelmente aqueles que o Touro quebrou com seus chifres. As histórias sobre Castor e Pólux, e Rômulo e Remo, podem ser o resultado da amplificação dos mitos desses Gêmeos celestiais. Os símbolos de Gêmeos passaram por muitas modificações. O usado pelos árabes era o pavão. Duas das estrelas importantes na constelação de Gêmeos ainda carregam os nomes de Castor e Pólux. O signo de Gêmeos supostamente foi o patrono da adoração fálica, e os dois obeliscos, ou pilares, na frente de templos e igrejas transmitem o mesmo simbolismo que os Gêmeos.

O signo de Sagitário consiste no que os gregos antigos chamavam de centauro — uma criatura composta, cuja metade inferior do corpo tinha a forma de um cavalo, enquanto a metade superior era humana. O centauro é geralmente mostrado com um arco e flecha nas mãos, mirando uma flecha bem longe nas estrelas. Portanto, Sagitário representa dois princípios distintos: primeiro, representa a evolução espiritual do homem, pois a forma humana está surgindo do corpo da besta; segundo, é o símbolo da aspiração e ambição, pois assim como o centauro mira sua flecha nas estrelas, toda criatura humana mira em uma marca mais alta do que pode alcançar.

Albert Churchward, em The Signs and Symbols of Primordial Man , resume a influência do zodíaco sobre o simbolismo religioso nas seguintes palavras: "A divisão aqui [é] em doze partes, os doze signos do Zodíaco, as doze tribos de Israel, os doze portões do céu mencionados no Apocalipse e as doze entradas ou portais a serem atravessados na Grande Pirâmide, antes de finalmente atingir o grau mais alto, e os doze Apóstolos nas doutrinas cristãs, e os doze pontos originais e perfeitos na Maçonaria."

Os antigos acreditavam que a teoria do homem ser feito à imagem de Deus deveria ser entendida literalmente. Eles sustentavam que o universo era um grande organismo não muito diferente do corpo humano, e que cada fase e função do Corpo Universal tinha uma correspondência no homem. A mais preciosa Chave para a Sabedoria que os sacerdotes comunicavam aos novos iniciados era o que eles chamavam de lei da analogia . Portanto, para os antigos, o estudo das estrelas era uma ciência sagrada, pois eles viam nos movimentos dos corpos celestes a atividade sempre presente do Pai Infinito.

Os pitagóricos eram frequentemente criticados injustamente por promulgar a chamada doutrina da metempsicose, ou a transmigração das almas. Este conceito, como circulava entre os não iniciados, era meramente uma cortina, no entanto, para esconder uma verdade sagrada. Os místicos gregos acreditavam que a natureza espiritual do homem descia para a existência material da Via Láctea - a sementeira das almas - através de um dos doze portões da grande faixa zodiacal. A natureza espiritual era, portanto, dita encarnar na forma da criatura simbólica criada pelos observadores de estrelas magos para representar as várias constelações zodiacais. Se o espírito encarnasse através do signo de Áries, era dito nascer no corpo de um carneiro; se em Touro, no corpo do touro celestial. Todos os seres humanos eram, portanto, simbolizados por doze criaturas misteriosas através das naturezas das quais eles eram capazes de encarnar no mundo material. A teoria da transmigração não era aplicável ao corpo material visível do homem, mas

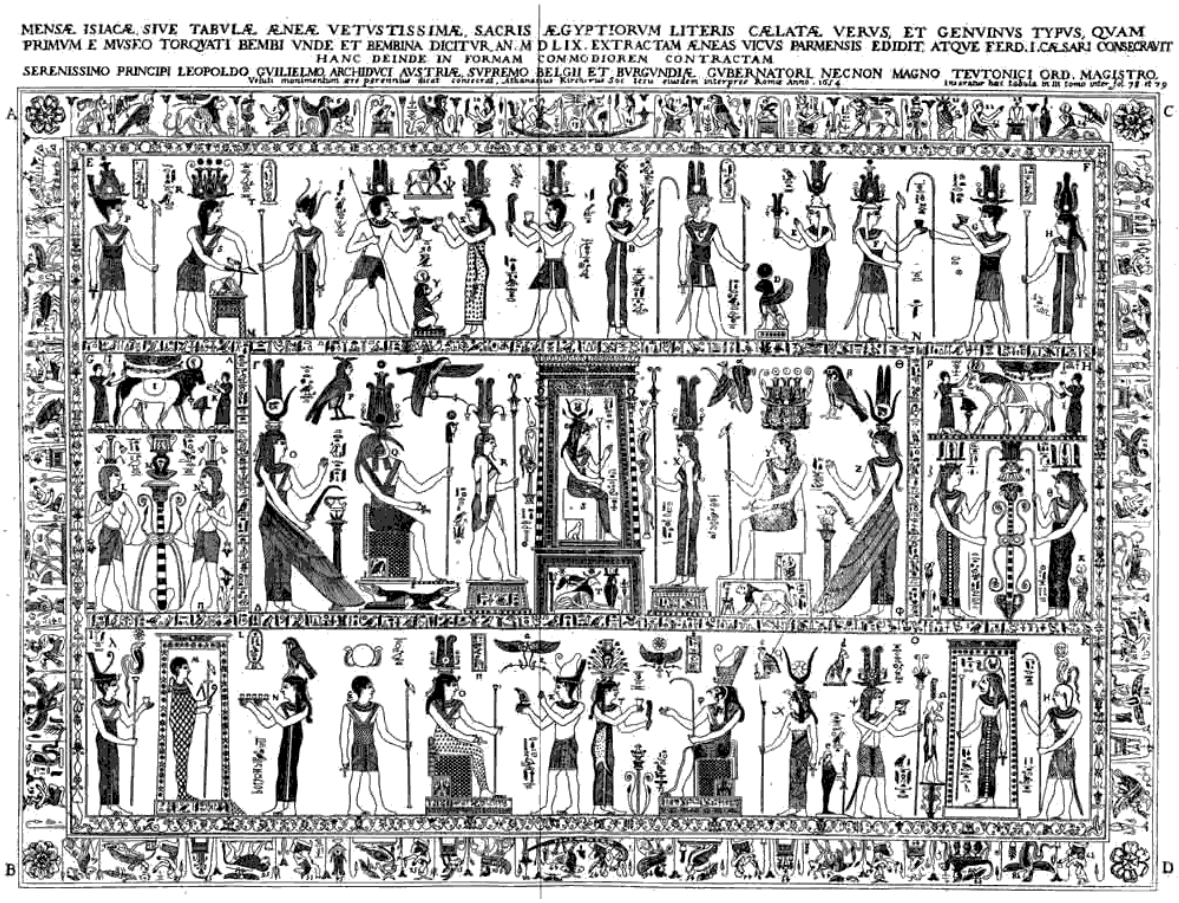
sim ao espírito imaterial invisível que vagava pelo caminho das estrelas e assumia sequencialmente, no curso da evolução, as formas dos animais sagrados do zodíaco.

No Terceiro Livro da Mathesis de Julius Firmicus Maternus aparece o seguinte extrato sobre as posições dos corpos celestes na época do estabelecimento do universo inferior: "De acordo com Esculápio, portanto, e Anúbio, a quem especialmente a divindade Mercúrio confiou os segredos da ciência astrológica, a genitura do mundo é a seguinte: Eles constituíram o Sol na 15ª parte de Leão, a Lua na 15ª parte de Câncer, Saturno na 15ª parte de Capricórnio, Júpiter na 15ª parte de Sagitário, Marte na 15ª parte de Escorpião, Vênus na 15ª parte de Libra, Mercúrio na 15ª parte de Virgem e o Horóscopo na 15ª parte de Câncer. Conformemente a esta genitura, portanto, a estas condições das estrelas e aos testemunhos que eles aduzem em confirmação desta genitura, eles são de opinião que os destinos dos homens, também, são dispostos de acordo com o arranjo acima, como talvez aprendido naquele livro de Esculápio que é chamado Μυριογενεσις, (ou seja, Dez Mil, ou uma multidão inumerável de Genituras) para que nada nas várias genituras dos homens possa ser considerado discordante com a genitura do mundo acima mencionada." As sete idades do homem estão sob o controle dos planetas na seguinte ordem: infância, a lua; infância, Mercúrio; adolescência, Vênus; maturidade, o sol; meia-idade, Marte; idade avançada, Júpiter; e decrepitude e dissolução, Saturno.

PLANO HIEROGLÍFICO, DE HERMES, DO ANTIGO ZODÍACO.

Do Édipo Egípcio de Kircher .

O círculo interno contém o hieróglifo de Hemphta, a divindade triforme e pantamórfica. Nas seis faixas concêntricas que cercam o círculo interno estão (de dentro para fora): (1) os números das casas zodiacais em algarismos e também em palavras; (2) os nomes modernos das casas. (3) os nomes gregos ou egípcios das divindades egípcias atribuídas às casas; (4) as figuras completas dessas divindades; (5) os signos zodiacais antigos ou modernos, às vezes ambos; (6) o número de decanos ou subdivisões das casas.



A MESA BEMBINE DO ISIS.

Sobre o sentido teúrgico ou mágico no qual os sacerdotes egípcios exibiam na Tábua Bembine de Ísis a filosofia do sacrifício, ritos e cerimônias por um sistema de símbolos ocultos, Athanasius Kircher escreve:

"Os primeiros sacerdotes acreditavam que um grande poder espiritual era invocado por cerimônias de sacrifício corretas e completas. Se uma característica faltasse, o todo era viciado, diz Jâmblico. Portanto, eles eram muito cuidadosos em todos os detalhes, pois consideravam absolutamente essencial que toda a cadeia de conexões lógicas estivesse exatamente de acordo com o ritual. Certamente, por nenhuma outra razão eles prepararam e prescreveram para uso futuro os manuais, por assim dizer, para conduzir os ritos. Eles aprenderam, também, o que os primeiros hieromânticos - possuídos, por assim dizer, por uma fúria divina - criaram como um sistema de simbolismo para exibir seus mistérios. Eles os colocaram nesta Tábua de Ísis, diante dos olhos daqueles admitidos no sanctum sanctorum, a fim de ensinar a natureza dos Deuses e as formas prescritas de sacrifício. Como cada uma das ordens de Deuses tinha seus próprios símbolos, gestos, trajes e ornamentos peculiares, eles achavam necessário observá-los em todo o aparato de adoração, pois nada era mais eficaz em atrair a atenção benigna das divindades e gênios. * * * Assim, seus templos, distantes dos lugares habituais dos homens, continham

representações de quase todas as formas da natureza. Primeiro, no pavimento, eles simbolizavam a economia física do mundo, usando minerais, pedras e outras coisas adequadas para ornamentos, incluindo pequenos riachos de água. As paredes mostravam o mundo estrelado, e o feito o mundo dos gênios. No centro estava o altar, para sugerir as emanações da Mente Suprema de seu centro. Assim, todo o interior constituía uma imagem do Universo dos Mundos. Os sacerdotes, ao fazer sacrifícios, usavam vestimentas adornadas com figuras semelhantes às atribuídas aos Deuses. Seus corpos estavam parcialmente nus como os das divindades, e eles próprios eram despojados de todos os cuidados materiais e praticavam a mais estrita castidade. * * * Suas cabeças eram veladas para indicar sua responsabilidade pelas coisas terrenas. Suas cabeças e corpos eram raspados, pois consideravam o cabelo uma excrescência inútil. Sobre a cabeça, eles carregavam as mesmas insígnias atribuídas aos Deuses. Assim vestidos, eles se consideravam transformados naquela inteligência com a qual constantemente desejavam ser identificados. Por exemplo, para invocar ao mundo a alma e o espírito do Universo, eles ficavam diante da imagem mostrada no centro de nossa Tábua, usando os mesmos símbolos daquela figura e seus acompanhantes, e ofereciam sacrifícios. Por estes e pelo canto de hinos que os acompanhavam, eles acreditavam que infalivelmente chamavam a atenção do Deus para sua oração. E assim fizeram em relação a outras regiões da Tábua, acreditando que necessariamente o ritual adequado, realizado corretamente, evocaria a divindade desejada. Que esta foi a origem da ciência dos oráculos é aparente. Assim como um acorde tocado produz uma harmonia de som, da mesma forma os acordes adjacentes respondem, embora não tocados.Similarmente, a ideia que eles expressaram por seus atos simultâneos enquanto adoravam o Deus entrou em acordo com a Ideia básica e, por uma união intelectual, foi devolvida a eles deformada, e eles assim obtiveram a Ideia das Ideias. Daí surgiu em suas almas, eles pensaram, o dom da profecia e adivinhação, e eles acreditaram que poderiam prever eventos futuros, males iminentes, etc. Pois como na Mente Suprema tudo é simultâneo e sem espaço, o futuro está, portanto, presente naquela Mente; e eles pensaram que enquanto a mente humana estava absorvida no Supremo pela contemplação, por aquela união eles foram capazes de conhecer todo o futuro. Quase tudo o que é representado em nossa Tábua consiste em amuletos que, por analogia acima descrita, os inspirariam, sob as condições descritas, com as virtudes do Poder Supremo e os capacitariam a receber o bem e evitar o mal. Eles também acreditavam que poderiam dessa maneira mágica efetuar curas de doenças; que gênios poderiam ser induzidos a aparecer para eles durante o sono e curar ou ensiná-los a curar os doentes. Nessa crença, eles consultavam os Deuses sobre todo tipo de dúvidas e dificuldades, enquanto se adornavam com os simulacros do rito místico e contemplavam atentamente as Ideias Divinas; e enquanto estavam tão extasiados, eles acreditavam que o Deus, por algum sinal, aceno ou gesto, se comunicava com eles, quer estivessem dormindo ou acordados, a respeito da verdade ou falsidade do assunto em questão." (VerÉdipo Egípcio .)

A Mesa Bembine de Ísis

Um MANUSCRITO de Thomas Taylor contém o seguinte parágrafo notável:

"Platão foi iniciado nos 'Maiores Mistérios' aos 49 anos. A iniciação ocorreu em um dos salões subterrâneos da Grande Pirâmide do Egito. A MESA ISIACA formava o altar, diante do qual o Divino Platão se posicionou e recebeu o que sempre foi seu, mas que a cerimônia dos Mistérios acendeu e trouxe de seu estado dormente. Com essa ascensão, após três dias no Grande Salão, ele foi recebido pelo Hierofante da Pirâmide (o Hierofante era visto apenas por aqueles que haviam passado os três dias, os três graus, as três dimensões) e recebeu verbalmente os Mais Elevados Ensinamentos Esotéricos, cada um acompanhado de Seu Símbolo apropriado. Após mais três meses de permanência nos salões da Pirâmide, o Iniciado Platão foi enviado ao mundo para fazer o trabalho da Grande Ordem, como Pitágoras e Orfeu haviam sido antes dele."

Antes do saque de Roma em 1527, não há menção histórica da Mensa Isiaca (Tábua de Ísis). Naquela época, a Tábua chegou à posse de um certo serralheiro ou ferreiro, que a vendeu a um preço exorbitante ao Cardeal Bembo, um famoso antiquário, historiógrafo da República de Veneza e, posteriormente, bibliotecário de São Marcos. Após sua morte em 1547, a Tábua de Ísis foi adquirida pela Casa de Mântua, em cujo museu permaneceu até 1630, quando as tropas de Fernando II capturaram a cidade de Mântua. Vários escritores antigos sobre o assunto presumiram que a Tábua foi demolida pela soldadesca ignorante pela prata que continha. A suposição, no entanto, era errônea. A Tábua caiu nas mãos do Cardeal Pava, que a presenteou ao Duque de Saboia, que por sua vez a presenteou ao Rei da Sardenha. Quando os franceses conquistaram a Itália em 1797, a Tábua foi levada para Paris. Em 1809, Alexandre Lenoir, escrevendo sobre a Mensa Isiaca , disse que ela estava em exposição na Bibliothèque Nationale. Após o estabelecimento da paz entre os dois países, ela foi devolvida à Itália. Em seu Guia para o Norte da Itália, Karl Baedeker descreve a Mensa Isiaca como estando no centro da Galeria 2 no Museu de Antiguidades de Turim.

Uma reprodução fiel da Tábua original foi feita em 1559 pelo célebre Æneas Vicus de Parma, e uma cópia da gravura foi dada pelo Chanceler do Duque da Baviera ao Museu de Hieróglifos. Athanasius Kircher descreve a Tábua como "cinco palmas de comprimento e quatro de largura". W. Wynn Westcott diz que ela mede 50 por 30 polegadas. Era feita de bronze e decorada com esmalte encáustico ou smalt e incrustações de prata. Fosbroke acrescenta: "As figuras são cortadas muito rasas, e o contorno da maioria delas é circundado por fios de prata. As bases sobre as quais as figuras estavam sentadas ou reclinadas, e deixadas em branco nas impressões, eram de prata e foram arrancadas". (Veja Encyclopædia of Antiquities .)

Aqueles familiarizados com os princípios fundamentais da filosofia hermética reconhecerão na Mensa Isiaca a chave para a teologia caldeia, egípcia e grega. Em suas Antiguidades , o erudito beneditino, Padre Montfaucon, admite sua incapacidade de lidar com as complexidades de seu simbolismo. Ele, portanto, duvida que os emblemas na Tábua possuam qualquer significado digno de consideração e ridiculariza Kircher, declarando-o mais obscuro do que a própria

Tábua. Laurentius Pignorius reproduziu a Tábua em conexão com um ensaio descritivo em 1605, mas suas explicações timidamente avançadas demonstraram sua ignorância a respeito da interpretação real das figuras.

Em seu Œdipus Ægyptiacus , publicado em 1654, Kircher atacou o problema com avidez característica. Sendo peculiarmente qualificado para tal tarefa por anos de pesquisa em assuntos relativos às doutrinas secretas da antiguidade, e com a assistência de um grupo de eminentes estudiosos, Kircher realizou muito em direção a uma exposição dos mistérios da Tábua. O segredo mestre, no entanto, escapou até mesmo a ele, como Eliphas Levi astutamente observou em sua História da Magia .

"O erudito jesuíta", escreve Levi, "adivinhou que continha a chave hieroglífica para os alfabetos sagrados, embora não tenha conseguido desenvolver a explicação. É dividido em três compartimentos iguais; acima estão as doze casas do céu e abaixo estão as distribuições correspondentes de trabalho [períodos de trabalho] ao longo do ano, enquanto no lugar do meio estão vinte e um sinais sagrados respondendo às letras do alfabeto. No meio de tudo está uma figura sentada do pantomórfico IYNX, emblema do ser universal e correspondendo como tal ao hebraico Yod , ou àquela letra única da qual todas as outras letras foram formadas. O IYNX é circundado pela tríade Ofita, respondendo às Três Letras Mães dos alfabetos egípcio e hebraico. À direita estão as tríades Ibimorfa e Serápia; à esquerda estão as de Néftis e Hécate, representando ativo e passivo, fixo e volátil, frutificando fogo e gerando água. Cada par de tríades em conjunto com o centro produz um setenário e um setenário está contido no centro. Os três setenários fornecem o número absoluto dos três mundos, bem como o número completo de letras primitivas, às quais um sinal complementar é adicionado, como zero aos nove numerais."

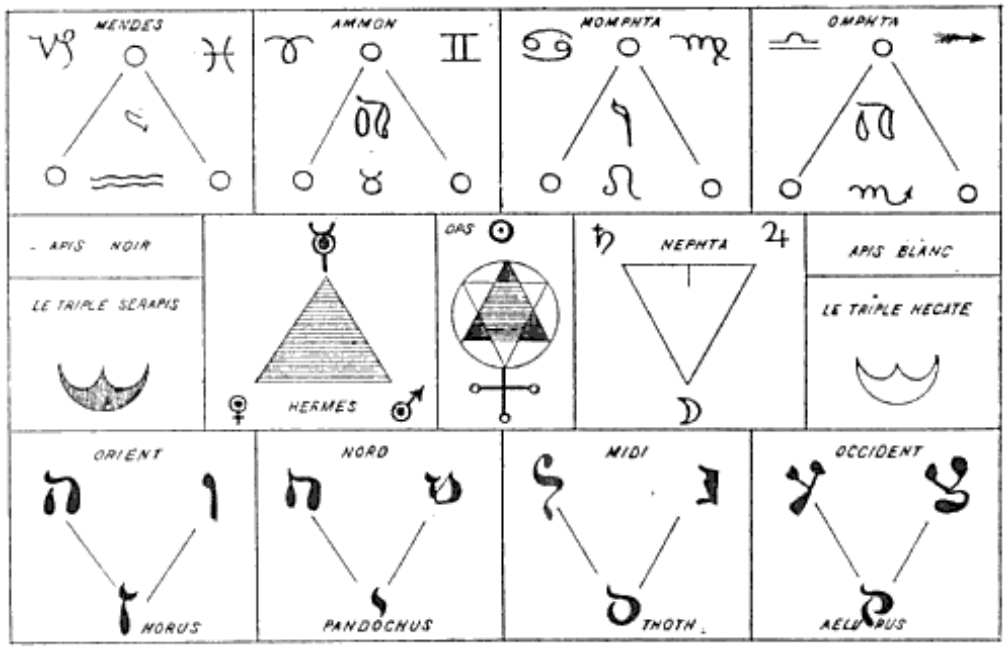
A dica de Levi pode ser interpretada como significando que as vinte e uma figuras na seção central da Mesa representam os vinte e um trunfos principais das cartas do Tarô. Se for assim, não é a carta zero, causa de tanta controvérsia, a coroa sem nome da Mente Suprema, a coroa sendo simbolizada pela tríade oculta na parte superior do trono no centro da Mesa? A primeira emanação desta Mente Suprema não poderia ser bem simbolizada por um malabarista ou mágico com os símbolos dos quatro mundos inferiores espalhados sobre uma mesa diante dele: a vara, a espada, a taça e a moeda? Assim considerada, a carta zero não pertence a nenhum lugar entre as outras, mas é de fato o ponto da quarta dimensão do qual todas elas emanaram e, consequentemente, é dividida nas vinte e uma cartas (letras) que, quando reunidas, produzem o zero. A cifra que aparece nesta carta substanciaria esta interpretação, pois a cifra, ou círculo, é emblemática da esfera superior da qual emanam os mundos, poderes e letras inferiores.

Westcott coletou cuidadosamente as teorias muito escassas apresentadas por várias autoridades e em 1887 publicou seu agora extremamente raro volume, que contém a única descrição detalhada da Tábua de Ísis publicada em inglês desde que Humphreys traduziu a descrição inútil de Montfaucon em 1721. Depois de explicar sua reticência em revelar o que Levi evidentemente sentiu que seria melhor deixar oculto, Westcott resume sua interpretação da Tábua da seguinte forma:

"O diagrama de Levi, pelo qual ele explica o mistério da Tábua, mostra a Região Superior dividida nas quatro estações do ano, cada uma com três signos do Zodíaco, e ele adicionou o nome sagrado de quatro letras, o Tetragrammaton, atribuindo Jod a Aquário, que é Canopus, He a Touro, que é Apis, Vau a Leão, que é Momphta, e He final a Typhon. Observe o paralelo querubínico - Homem, Touro, Leão e Águia. A quarta forma é encontrada como Escorpião ou Águia, dependendo da intenção oculta boa ou má: no Zodíaco Demótico, a Serpente substitui o Escorpião.

"A Região Inferior ele atribui às doze letras hebraicas simples , associando-as aos quatro quadrantes do horizonte. Compare o Sepher Yerzirah, Cap. v., sec. 1.

"A Região Central ele atribui aos poderes solares e ao



CHAVE DE LEVI PARA A MESA BEMBINE.

Da História da Magia de Levi .

"A Tábua Isíaca, escreve Levi, é uma Chave para o Antigo Livro de Thoth, que sobreviveu até certo ponto ao lapso de séculos e é retratado para nós no ainda comparativamente antigo conjunto de Cartas de Tarocchi. Para ele, o Livro de Thoth era um resumo do aprendizado esotérico dos egípcios, após a decadência de sua civilização, essa sabedoria se cristalizou em uma forma hieroglífica como o Tarô; este Tarô tendo se tornado parcial ou totalmente esquecido ou mal compreendido, seus símbolos ilustrados caíram nas mãos dos falsos adivinhos e dos provedores de diversão pública por jogos de Cartas. O Tarô moderno, ou baralho de cartas Tarocchi consiste em 78 cartas, das quais 22 formam um grupo especial de trunfos, de design pictórico: as 56 restantes são compostas de quatro naipes de 10 numerais e quatro cartas da corte, Rei, Rainha, Cavaleiro e Valete ou Valete; os naipes são Espadas (Militarismo), Copas (Sacerdocia), Paus ou Paus (Agricultura), e

Shekels ou Moedas (Comércio), respondendo respectivamente às nossas Espadas, Copas, Paus e Ouros. Nosso propósito é com os 22 trunfos, estes formam a característica especial do Baralho e são os descendentes lineares dos Hieróglifos do Tarô. Estes 22 respondem às letras do hebraico e outros alfabetos sagrados, que caem naturalmente em três classes de um Trio de Mães, uma Heptada de duplas, e uma duodécada de letras simples. Eles também são considerados como uma tríade de Heptadas e uma à parte, um sistema de Iniciação e um Não-iniciado." (Veja The Isiac Tablet de Westcott .)

[parágrafo continua] Planetário. No meio vemos acima, o Sol, marcado Ops, e abaixo dele está um Selo de Salomão, acima de uma cruz; um triângulo duplo Hexapla, um triângulo claro e um escuro superpostos, o todo formando uma espécie de símbolo complexo de Vênus. Para o Ibimorphos ele dá os três planetas escuros, Vênus, Mercúrio e Marte colocados ao redor de um triângulo escuro ereto, denotando Fogo. Para a tríade Nephthæan ele dá três planetas claros, Saturno, Lua e Júpiter, ao redor de um triângulo claro invertido que denota Água. Há uma conexão necessária entre água, poder feminino, princípio passivo, Binah, e Mãe Sephirótica, e Noiva. (Veja a Cabala de Mathers.) Observe que os antigos signos para os planetas eram todos compostos de uma Cruz, Disco Solar e Crescente: Vênus é uma cruz abaixo de um disco Solar, Mercúrio, um disco Com um crescente acima e uma cruz abaixo, Saturno é uma Cruz cujo ponto mais baixo toca o ápice do crescente; Júpiter é um Crescente cujo ponto mais baixo toca a extremidade esquerda de uma cruz: todos esses são mistérios profundos. Note que Levi em sua placa original transpôs Serapis e Hécate, mas não Apis noir e Apis blanc, talvez por causa da cabeça de Bes sendo associada por ele a Hécate. Note que tendo referido as 12 letras simples para as inferiores, as 7 duplas devem corresponder à região central dos planetas, e então a grande tríade AMS as letras-mãe representando Ar, Água e Fogo permanecem para serem retratadas, ao redor de S a Iynx Central, ou Yod, pela Tríade Ofioniana as duas Serpentes e a Esfinge Leonina. A palavra de Levi OPS no centro é o latim Ops, Terra, gênio da Terra; e o grego Ops, Rhea, ou Kubele (Cibele) frequentemente desenhado como uma deusa sentada em uma carruagem puxada por leões; ela é coroada com torres, e segura uma Chave." (Veja The Isiac Tablet .)

O ensaio publicado em francês por Alexandre Lenoir em 1809, embora curioso e original, contém pouca informação real sobre a Tábua, que o autor busca provar ser um calendário egípcio ou um mapa astrológico. Como tanto Montfaucon quanto Lenoir — na verdade, todos os escritores sobre o assunto desde 1651 — basearam seu trabalho no de Kircher ou foram consideravelmente influenciados por ele, uma tradução cuidadosa foi feita do artigo original deste último (oitenta páginas de latim do século XVII). A placa de página dupla no início deste capítulo é uma reprodução fiel feita por Kircher da gravura no Museu de Hieróglifos. As letras pequenas e os números usados para designar as figuras foram adicionados por ele para esclarecer seu comentário e serão usados para o mesmo propósito neste trabalho.

Como quase todas as antiguidades religiosas e filosóficas, a Tábua Bembine de Ísis tem sido objeto de muita controvérsia. Em uma nota de rodapé, AE Waite — incapaz de diferenciar entre a natureza ou origem verdadeira e a suposta da Tábua — ecoa os sentimentos de JG Wilkinson, outro eminente exotérico : "A [Tábua]

original é extremamente tardia e é grosseiramente chamada de falsificação." Por outro lado, Eduard Winkelmann, um homem de profundo conhecimento, defende a genuinidade e antiguidade da Tábua. Uma consideração sincera da Mensa Isiaca revela um fato de suma importância: que embora quem quer que tenha moldado a Tábua não fosse necessariamente um egípcio, ele era um iniciado da mais alta ordem, familiarizado com os princípios mais arcanos do esoterismo hermético.

SIMBOLISMO DA MESA BEMBINE

A seguinte elucidação necessariamente breve da Tábua de Bembine é baseada em um resumo dos escritos de Kircher suplementado por outras informações coletadas pelo presente autor dos escritos místicos dos caldeus, hebreus, egípcios e gregos. Os templos dos egípcios eram projetados de tal forma que o arranjo das câmaras, decorações e utensílios era todo de significado simbólico, como mostrado pelos hieróglifos que os cobriam. Ao lado do altar, que geralmente ficava no centro de cada sala, estava a cisterna de água do Nilo que fluía para dentro e para fora por canos invisíveis. Aqui também havia imagens dos deuses em séries concatenadas, acompanhadas por inscrições mágicas. Nesses templos, pelo uso de símbolos e hieróglifos, os neófitos eram instruídos nos segredos da casta sacerdotal.

A Tábua de Ísis era originalmente uma mesa ou altar, e seus emblemas faziam parte dos mistérios explicados pelos sacerdotes. As mesas eram dedicadas aos vários deuses e deusas; neste caso, Ísis era assim honrada. As substâncias das quais as mesas eram feitas diferiam de acordo com as dignidades relativas das divindades. As mesas consagradas a Júpiter e Apolo eram de ouro; aquelas para Diana, Vênus e Juno eram de prata; aquelas para os outros deuses superiores, de mármore; aquelas para as divindades menores, de madeira. As mesas também eram feitas de metais correspondentes aos planetas governados pelos vários celestiais. Assim como o alimento para o corpo é espalhado em uma mesa de banquete, assim nesses altares sagrados eram espalhados os símbolos que, quando compreendidos, alimentam a natureza invisível do homem.

Em sua introdução à Tabela, Kircher resume seu simbolismo assim: "Ela ensina, em primeiro lugar, toda a constituição do mundo tríplice - arquetípico, intelectual e sensível. A Divindade Suprema é mostrada movendo-se do centro para a circunferência de um universo composto de coisas sensíveis e inanimadas, todas animadas e agitadas pelo único poder supremo que eles chamam de Mente Pai e representadas por um símbolo triplo. Aqui também são mostradas três tríades do Supremo, cada uma manifestando um atributo da primeira Trimurti. Essas tríades são chamadas de Fundação , ou a base de todas as coisas. Na Tabela também é estabelecido o arranjo e a distribuição daquelas criaturas divinas que auxiliam a Mente Pai no controle do universo. Aqui [no painel superior] podem ser vistos os Governadores dos mundos, cada um com sua insígnia ígnea, etérea e material. Aqui também [no painel inferior] estão os Pais das Fontes , cujo dever é cuidar e preservar os princípios de todas as coisas e sustentar o leis invioláveis da Natureza.

Aqui estão os deuses das esferas e também aqueles que vagam de um lugar para outro, trabalhando com todas as substâncias e formas (Zonia e Azonia), agrupados como figuras de ambos os sexos, com seus rostos voltados para sua divindade superior."

A Mensa Isiaca , que é dividida horizontalmente em três câmaras ou painéis, pode representar a planta baixa das câmaras nas quais os Mistérios Isíacos foram dados. O painel central é dividido em sete partes ou salas menores, e o inferior tem dois portões, um em cada extremidade. A Tabela inteira contém quarenta e cinco figuras de primeira importância e uma série de símbolos menores. As quarenta e cinco figuras principais são agrupadas em quinze tríades, das quais quatro estão no painel superior, sete no central e quatro no inferior. De acordo com Kircher e Levi, as tríades são divididas da seguinte maneira:

Na parte superior

1. P, S, V - Tríade Mendesiana

2. X, Z, A - Tríade Ammoniana.

3. B, C, D--Tríade Momphtæana.

4. Tríade F, G, H-Omphtæan.

Na seção central

1. G, I, K--Tríade Isíaca.

2. L, M, N - Tríade da Hecatina.

3. O, Q, R--Tríade Ibimorfa.

4. V, S, W--Tríade Ofiônica.

5. X, Y, Z--Tríade Neftea

6. ζ, η, θ - Tríade Serapæana.

7. γ, δ (não mostrado), ε - Tríade Osiriana.

Na seção inferior

1. λ, M, N--Tríade Horæana.

2. ξ, O, Σ – Tríade Pandochæana.

3. T, Φ, X--Tríade Taustica.

4. Ψ, F, H - Tríade Ælurística.

Dessas quinze tríades, Kircher escreve: "As figuras diferem umas das outras em oito aspectos altamente importantes, ou seja, de acordo com a forma, posição, gesto, ato, vestimenta, touca, cajado e, por último, de acordo com os hieróglifos

colocados ao redor delas, sejam flores, arbustos, letras pequenas ou animais." Esses oito métodos simbólicos de retratar os poderes secretos das figuras são lembretes sutis dos oito sentidos espirituais de cognição por meio dos quais o Eu Real no homem pode ser compreendido. Para expressar essa verdade espiritual, os budistas usaram a roda com oito raios e elevaram sua consciência por meio do nobre caminho óctuplo. A borda ornamentada que envolve os três painéis principais da Mesa contém muitos símbolos consistindo de pássaros, animais, répteis, seres humanos e formas compostas. De acordo com uma leitura da Mesa, essa borda representa os quatro elementos; as criaturas são seres elementais. De acordo com outra interpretação, a borda representa as esferas arquetípicas, e em seu friso de figuras compostas estão os padrões daquelas formas que em várias combinações se manifestarão subsequentemente no mundo material. As quatro flores nos cantos da Mesa são aquelas que, porque suas flores sempre estão de frente para o sol e seguem seu curso através do céu, são emblemas sagrados daquela parte mais fina da natureza do homem que se deleita em encarar seu Criador.

De acordo com a doutrina secreta dos caldeus, o universo é dividido em quatro estados de ser (planos ou esferas): arquetípico, intelectual, sideral e elemental. Cada um deles revela os outros; o superior controlando o inferior, e o inferior recebendo influência do superior. O plano arquetípico era considerado sinônimo do intelecto da Divindade Trina. Dentro desta esfera divina, incorpórea e eterna estão incluídas todas as manifestações inferiores da vida - tudo o que é, foi ou sempre será. Dentro do Intelecto Kósmico, todas as coisas espirituais ou materiais existem como arquétipos, ou formas-pensamento divinas, o que é mostrado na Tabela por uma cadeia de símiles secretos.

Na região central da Mesa aparece a Essência Espiritual personificada contendo todas as formas — a fonte e a substância de todas as coisas. Disso procedem os mundos inferiores como nove emanações em grupos de três (as Tríades Ofionica, Ibimorfa e Neftaeana). Considere nesta conexão a analogia das Sephiroth Cabalísticas, ou as nove esferas que emanam de Kether, a Coroa. Os doze Governadores do Universo (as Tríades Mendesiana, Ammoniana, Momphtæana e Omphtæana) — veículos para a distribuição das influências criativas, e mostrados na região superior da Mesa — são direcionados em suas atividades pelos padrões da Mente Divina existentes na esfera arquetípica. Os arquétipos são padrões abstratos formulados na Mente Divina e por eles todas as atividades inferiores são controladas.

[o parágrafo continua] Na região inferior da Mesa estão as Fontes Pai (as Tríades Horæan, Pandochæan, Thaustic e Æluristic), guardiãs dos grandes portões do universo. Elas distribuem para os mundos inferiores as influências descendentes dos Governadores mostrados acima.

Na teologia dos egípcios, a bondade tem precedência e todas as coisas participam de sua natureza em um grau maior ou menor. A bondade é buscada por todos. É a Causa Primária das causas. A bondade é autodifundida e, portanto, existe em todas as coisas, pois nada pode produzir aquilo que não tem em si. A Tabela demonstra que tudo está em Deus e Deus está em todos; que tudo está em todos e cada um está em cada um. No mundo intelectual, há contrapartes espirituais invisíveis das

criaturas que habitam o mundo elemental. Portanto, o mais baixo exibe o mais alto, o corpóreo declara o intelectual e o invisível é manifestado por suas obras. Por essa razão, os egípcios fizeram imagens de substâncias existentes no mundo sensível inferior para servir como exemplares visíveis de poderes superiores e invisíveis. Às imagens corruptíveis, eles atribuíram as virtudes das divindades incorruptíveis, demonstrando assim arcanicamente que este mundo é apenas a sombra de Deus, a imagem externa do paraíso interior. Tudo o que está na esfera arquetípica invisível é revelado no mundo corpóreo sensível pela luz da Natureza.

A Mente Arquetípica e Criativa — primeiro por meio de sua Fundação Paternal e depois por meio de Deuses secundários chamados Inteligências — derramou toda a infinidade de seus poderes por troca contínua do mais alto ao mais baixo. Em seu simbolismo fálico, os egípcios usavam o esperma para representar as esferas espirituais, porque cada uma contém tudo o que sai dela. Os caldeus e os egípcios também sustentavam que tudo o que é um resultado habita na causa de si mesmo e se volta para essa causa como o lótus para o sol. Consequentemente, o Intelecto Supremo, por meio de sua Fundação Paternal, primeiro criou a luz — o mundo angélico. Dessa luz foram então criadas as hierarquias invisíveis de seres que alguns chamam de estrelas; e das estrelas os quatro elementos e o mundo sensível foram formados. Assim, todos estão em todos, segundo seus respectivos tipos. Todos os corpos ou elementos visíveis estão nas estrelas invisíveis ou elementos espirituais, e as estrelas estão igualmente nesses corpos; as estrelas estão nos anjos e os anjos nas estrelas; os anjos estão em Deus e Deus está em todos. Portanto, todos estão divinamente no Divino, angelicamente nos anjos e corporalmente no mundo corpóreo, e vice-versa. Assim como a semente é a árvore dobrada, o mundo é Deus desdobrado.

Proclus diz: "Toda propriedade da divindade permeia toda a criação e se dá a todas as criaturas inferiores. "Uma das manifestações da Mente Suprema é o poder de reprodução de acordo com as espécies que ela confere a cada criatura da qual é a parte divina. Assim, almas, céus, elementos, animais, plantas e pedras geram a si mesmos, cada um de acordo com seu padrão, mas todos são dependentes do princípio fertilizante existente na Mente Suprema. O poder fecundativo, embora seja uma unidade, se manifesta de forma diferente por meio das várias substâncias, pois no mineral ele contribui para a existência material, na planta ele se manifesta como vitalidade e no animal como sensibilidade. Ele transmite movimento aos corpos celestes, pensamento às almas dos homens, intelectualidade aos anjos e superessencialidade a Deus. Assim, é visto que todas as formas são de uma substância e toda a vida de uma força, e estas são coexistentes na natureza do Supremo.

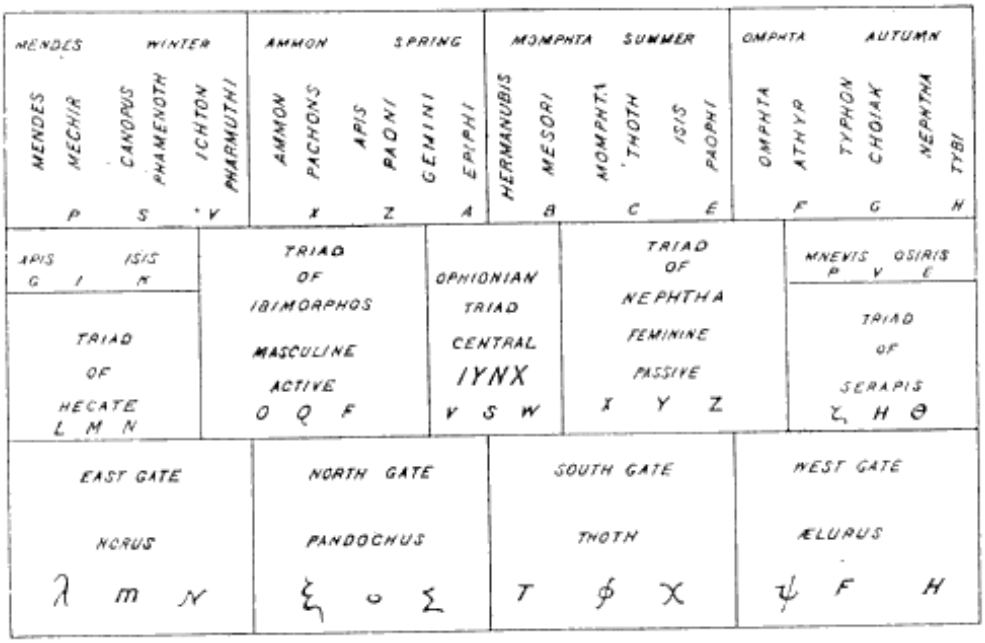
Esta doutrina foi exposta pela primeira vez por Platão. Seu discípulo, Aristóteles, expôs isso com estas palavras: "Dizemos que este Mundo Sensível é uma imagem de outro; portanto, já que este mundo é vívido ou vivo, quanto mais, então, aquele outro deve viver. * * * Ali, portanto, acima das virtudes estelares, estão outros céus a serem alcançados, como os céus deste mundo; além deles, porque são de um tipo mais elevado, mais brilhantes e mais vastos; nem estão distantes um do Outro como este, pois são incorpóreos. Ali, também, existe uma terra, não de matéria inanimada, mas vívida com vida animal e todos os fenômenos terrestres

naturais como este, mas de outros tipos e perfeições. Há plantas, também, e jardins, e água corrente; há animais aquáticos, mas de espécies mais nobres. Ali está o ar e a vida apropriada a ele, todos imortais. E embora a vida lá seja análoga à nossa, ainda assim é mais nobre, visto que é intelectual, perpétua e inalterável. Pois se alguém objetar e perguntar: Como no mundo acima os plantas, etc. acima mencionadas encontram base, deveríamos responder que elas não têm existência objetiva, pois foram produzidas pelo Autor primordial em uma condição absoluta e sem exteriorização. Elas estão, portanto, no mesmo caso que o intelecto e a alma; elas não sofrem nenhum defeito como desperdício e corrupção, uma vez que os seres ali estão cheios de energia, força e alegria, como vivendo em uma vida sublime e sendo o resultado de uma fonte e de uma qualidade, composta de todos os sabores doces semelhantes, perfumes delicados, cor e som harmoniosos e outras perfeições. Nem se movem violentamente, nem se misturam nem se corrompem, mas cada um preserva perfeitamente seu próprio caráter essencial; e são simples e não se multiplicam como os seres corpóreos."

No meio da Mesa há um grande trono coberto com uma figura feminina sentada representando Ísis, mas aqui chamado de IYNX Pantomórfico. GRS Mead define o IYNX como "uma inteligência transmissora". Outros declararam que ele é um símbolo do Ser Universal. Sobre a cabeça da deusa, o trono é encimado por uma coroa tripla, e abaixo de seus pés está a casa da substância material. A coroa tripla é aqui simbólica da Divindade Trina, chamada pelos egípcios de Mente Suprema, e descrita no Sepher ha Zohar como sendo "oculta e não revelada". De acordo com o sistema hebraico de Cabalismo, a Árvore das Sephiroth era dividida em duas partes, a superior invisível e a inferior visível. A superior consistia em três partes e a inferior em sete. As três Sephiroth incognoscíveis eram chamadas de Kether , a Coroa; Chochmah , Sabedoria; e Binah , Entendimento. Elas são abstratas demais para permitir a compreensão, enquanto as sete esferas inferiores que surgiram delas estavam ao alcance da consciência humana. O painel central contém sete tríades de figuras. Elas representam as Sephiroth inferiores, todas emanando da coroa tríplice oculta sobre o trono.

Kircher escreve: "O trono denota a difusão da Mente Suprema triforme ao longo dos caminhos universais dos três mundos. Dessas três esferas intangíveis emerge o universo sensível, que Plutarco chama de 'Casa dos Chifres' e os egípcios, o 'Grande Portão dos Deuses'. O topo do trono está no meio de chamas difusas em forma de serpente, indicando que a Mente Suprema está cheia de luz e vida, eterna e incorruptível, removida de todo contato material. Como a Mente Suprema comunicou Seu fogo a todas as criaturas é claramente estabelecido no simbolismo da Mesa. O Fogo Divino é comunicado às esferas inferiores através do poder universal da Natureza personificado pela Virgem do Mundo, Ísis, aqui denominada IYNX, ou a Ideia Universal polimórfica e onipresente." A palavra Ideia é aqui usada em seu sentido platônico. "Platão acreditava que há formas eternas de todas as coisas possíveis que existem sem matéria; e a essas formas eternas e imateriais ele deu o nome de ideias . No sentido platônico, as ideias eram os padrões de acordo com os quais a Divindade moldava o mundo fenomenal ou ectípico." (Sir W. Hamilton.)

Kircher descreve as 21 figuras no painel central assim: "Sete tríades principais, correspondendo a sete mundos superiores, são mostradas na seção central da Tabela. Todas elas se originam do arquétipo ígneo e invisível [a tríplice coroa do trono]. A primeira, a Tríade Ophiônica ou IYNX, VSW, corresponde ao mundo vital e ígneo e é o primeiro mundo intelectual, chamado pelos antigos de Aetherium . Zoroastro diz sobre isso: 'Oh, que governantes rigorosos este mundo tem!' A segunda, ou Tríade Ibimorfa, OQR, corresponde ao segundo mundo intelectual, ou etéreo, e está relacionada ao princípio da umidade. A terceira, ou Tríade Neftæana, XYZ, corresponde ao terceiro [mundo] intelectual e etéreo e está relacionada à fecundidade. Estas são as três tríades dos mundos etéreos, que correspondem à Fundação Pai. Em seguida, seguem as quatro tríades dos mundos sensíveis, ou materiais, dos quais os dois primeiros correspondem aos mundos siderais, GIK e γ δ ε, a saber, Osíris e Ísis, Sol e Lua, indicados por dois touros. Eles são seguidos por duas tríades - a Hecatina, LM N, e a Serapæana, ζ η θ, correspondendo aos mundos sublunar e subterrâneo. Estes completam os sete mundos dos Gênios primários que governam o universo natural. Psellus cita Zoroastro: 'Os egípcios e os Os caldeus ensinavam que havia sete mundos corpóreos (ou seja, mundos governados pelos poderes intelectuais); o primeiro é de fogo puro; o segundo, terceiro e quarto, etéreos; o quinto, sexto e sétimo, materiais; o sétimo sendo o chamado terrestre e odiador da luz, e está localizado sob a Lua, compreendendo



a CHAVE DE WESTCOTT PARA A MESA BEMBINE.

Da Tábua de Ísis, de Westcott .

Zoroastro declarou que o número três brilha em todo o mundo. Isso é revelado na Bembine, Tábua por uma série de tríades representando os impulsos criativos. Sobre a Tábua Isíaca, Alexandre Lenoir escreve: "A Tábua Isíaca, como uma obra de arte, não é de grande interesse. É apenas uma composição, um tanto fria e insignificante, cujas figuras, sumariamente esboçadas e metodicamente colocadas

próximas umas das outras, dão pouca impressão de vida. Mas, se, pelo contrário, após examiná-la, entendermos o propósito do autor, logo nos convencemos de que a Tábua Isíaca é uma imagem da esfera celeste dividida em pequenas partes para ser usada muito semelhantemente, para ensino geral. De acordo com essa ideia, podemos concluir que a Tábua Isíaca foi originalmente a introdução a uma coleção seguida pelos Mistérios de Ísis. Foi gravada em cobre para ser usada no cerimonial de iniciação." (Veja Novo Ensaio sobre a Tábua Isíaca .)

dentro de si a matéria chamada fundus , ou fundação. 'Estes sete, mais a coroa invisível, constituem os oito mundos. * * *

"Platão escreve que é necessário para o filósofo saber como os sete círculos abaixo do primeiro são organizados de acordo com os egípcios. A primeira tríade de fogo denota vida; a segunda, água, sobre a qual governam as divindades ibimorfas; e a terceira, ar, governada por Nephta. Do fogo os céus foram criados, da água a terra, e o ar era o mediador entre eles. Na Sephira Yetzirah é dito que dos três se originam os sete, ou seja, a altura, a profundidade, o Leste, o Oeste, o Norte e o Sul, e o Templo Sagrado no centro sustentando todos eles. O Templo Sagrado no centro não é o grande trono do Espírito da Natureza multiforme que é mostrado no meio da Tábua? O que são as sete tríades senão os sete Poderes que governam o mundo? Psellus escreve: 'Os egípcios adoravam a tríade da fé, verdade e amor; e as sete fontes: o Sol como governante - a fonte da matéria; então a fonte do arcanjos; a fonte dos sentidos; do julgamento; do relâmpago; dos reflexos; e dos caracteres de composição desconhecida. Eles dizem que as fontes materiais mais elevadas são as de Apolo, Osíris e Mercúrio — as fontes dos centros dos elementos. 'Assim, eles entenderam pelo Sol como regente o mundo solar; pelo arcanjo material, o mundo lunar; pela fonte dos sentidos, o mundo de Saturno; pelo julgamento, Júpiter; pelo relâmpago, Marte; pelo dos reflexos, ou espelhos, o mundo de Vênus; pela fonte dos caracteres, o mundo de Mercúrio. Todos estes são mostrados pelas figuras no painel central da Tábua."

O painel superior contém as doze figuras do zodíaco dispostas em quatro tríades. A figura central em cada grupo representa um dos quatro signos fixos do zodíaco. S é o signo de Aquário; Z , Touro; C , Leão; e G , Escorpião. Estes são chamados de Pais . Nos ensinamentos secretos do Extremo Oriente, estas quatro figuras — o homem, o touro, o leão e a águia — são chamadas de globos alados ou os quatro marajás que estão nos cantos da criação. Os quatro signos cardeais — P , Capricórnio; X , Áries; B , Câncer; F , Libra — são chamados de Poderes. Os quatro signos comuns — V , Peixes; A , Gêmeos; E , Virgem; H , Sagitário — são chamados de Mentes dos Quatro Senhores. Isto explica o significado dos globos alados do Egito, pois as quatro figuras centrais — Aquário, Touro, Leão e Escorpião (chamados por Ezequiel de Querubim) — são os globos; os signos cardeais e comuns de cada lado são as asas. Portanto, os doze signos do zodíaco podem ser simbolizados por quatro globos, cada um com duas asas.

As tríades celestes são mostradas pelos egípcios como um globo (o Pai) do qual saem uma serpente (a Mente) e asas (o Poder). Essas doze forças são as fabricantes do mundo, e delas emanam o microcosmo, ou o mistério dos doze animais sagrados — representando no universo as doze partes do mundo e no

homem as doze partes do corpo humano. Anatomicamente, as doze figuras no painel superior podem muito bem simbolizar as doze convoluções do cérebro e as doze figuras no painel inferior os doze membros e órgãos zodiacais do corpo humano, pois o homem é uma criatura formada pelos doze animais sagrados com seus membros e órgãos sob o controle direto dos doze governadores ou poderes residentes no cérebro.

Uma interpretação mais profunda é encontrada nas correspondências entre as doze figuras no painel superior e as doze no inferior. Isso fornece uma chave para um dos mais arcanos segredos antigos - o relacionamento existente entre os dois grandes zodíacos, o fixo e o móvel . O zodíaco fixo é descrito como um imenso dodecaedro, suas doze superfícies representando as paredes mais externas do espaço abstrato. De cada superfície deste dodecaedro, um grande poder espiritual, irradiando para dentro, torna-se corporificado como uma das hierarquias do zodíaco móvel, que é uma faixa de estrelas circumambulantes chamadas fixas. Dentro deste zodíaco móvel são posicionados os vários corpos planetários e elementais. A relação desses dois zodíacos com as esferas subzodiacais tem uma correlação no sistema respiratório do corpo humano. Pode-se dizer que o grande zodíaco fixo representa a atmosfera, o zodíaco móvel os pulmões e os mundos subzodiacais o corpo. A atmosfera espiritual contendo as energias vivificantes dos doze poderes divinos do grande zodíaco fixo é inalada pelos pulmões cósmicos — o zodíaco móvel — e distribuída por eles através da constituição dos doze animais sagrados que são as partes e membros do universo material. O ciclo funcional é completado quando os eflúvios venenosos dos mundos inferiores coletados pelo zodíaco móvel são exalados para o grande zodíaco fixo , para lá serem purificados ao serem passados através das naturezas divinas de suas doze hierarquias eternas.

A Mesa como um todo é suscetível a muitas interpretações. Se a borda da Mesa com suas figuras hieroglíficas for aceita como a fonte espiritual, então o trono no centro representa o corpo físico dentro do qual a natureza humana está entronizada. Deste ponto de vista, a Mesa inteira se torna emblemática dos corpos áuricos do homem, com a borda como a extremidade externa ou casca do ovo áurico . Se o trono for aceito como o símbolo da esfera espiritual, a borda tipifica os elementos, e os vários painéis ao redor do central se tornam emblemáticos dos mundos ou planos que emanam da única fonte divina. Se a Mesa for considerada de uma base puramente física, o trono se torna simbólico do sistema generativo e a Mesa revela os processos secretos da embriologia conforme aplicados à formação dos mundos materiais. Se uma interpretação puramente fisiológica e anatômica for desejada, o trono central se torna o coração, a Tríade Ibimorfa a mente, a Tríade Neftaeana o sistema generativo e os hieróglifos ao redor as várias partes e membros do corpo humano. Do ponto de vista evolucionário, o portão central se torna o ponto de entrada e saída. Aqui também é estabelecido o processo de iniciação, no qual o candidato, após passar com sucesso pelas várias provações, é finalmente levado à presença de sua própria alma, que somente ele é capaz de desvendar.

Se a cosmogonia for o assunto da consideração, o painel central representa os mundos espirituais, o painel superior os mundos intelectuais e o painel inferior os mundos materiais. O painel central também pode simbolizar os nove mundos

invisíveis, e a criatura marcada T a natureza física--o escabelo de Ísis, o Espírito da Vida Universal. Considerado à luz da alquimia, o painel central contém os metais e as bordas os processos alquímicos. A figura sentada no trono é o Mercúrio Universal--a "pedra dos sábios"; o dossel flamejante do trono acima é o Enxofre Divino; e o cubo de terra abaixo é o sal elemental.

As três tríades — ou a Fundação Paternal — no painel central representam os Vigilantes Silenciosos, as três partes invisíveis da natureza do homem; os dois painéis de cada lado são a natureza quaternária inferior do homem. No painel central estão 21 figuras. Este número é sagrado para o sol — que consiste em três grandes poderes, cada um com sete atributos — e pela redução cabalística 21 se torna 3, ou a Grande Tríade.

Ainda será provado que a Tábua de Ísis está diretamente conectada com o Gnosticismo Egípcio, pois em um papiro gnóstico preservado na Biblioteca Bodleiana há uma referência direta aos doze Pais ou Paternidades abaixo dos quais estão doze Fontes. (Veja Magia Egípcia por SSDD) Que o painel inferior representa o submundo é ainda mais enfatizado pelos dois portões — o grande portão do Leste e o grande portão do Oeste — pois na teologia caldeia o sol nasce e se põe através de portões no submundo, onde vagueia durante as horas de escuridão. Como Platão esteve por treze anos sob a instrução dos Magos Patheneith, Ochoaps, Sechtnouphis e Etymon de Sebbennithis, sua filosofia consequentemente é permeada pelo sistema caldeu e egípcio de tríades. A Tábua Bembine é uma exposição diagramática da chamada filosofia platônica, pois em seu design é resumida toda a teoria da cosmogonia mística e geração. O guia mais valioso para a interpretação desta Tabela são os Comentários de Proclo sobre a Teologia de Platão . Os Oráculos Caldeus de Zoroastro também contêm muitas alusões aos princípios teogônicos que são demonstrados pela Tabela.

A Teogonia de Hesíodo contém o relato mais completo do mito da cosmogonia grega. A cosmogonia órfica deixou sua marca nas várias formas de filosofia e religião — grega, egípcia e síria — com as quais entrou em contato. O chefe dos símbolos órficos era o ovo mundano do qual Phanes surgiu na luz. Thomas Taylor considera o ovo órfico sinônimo da mistura do limite e do infinito mencionada por Platão no Filebo . O ovo é, além disso, a terceira Tríade Inteligível e o símbolo próprio do Demiurgo, cujo corpo áurico é o ovo do universo inferior.

Eusébio, sob a autoridade de Porfírio, declarou que os egípcios reconheciam um Autor ou Criador intelectual do mundo sob o nome de Cneph e que o adoravam em uma estátua de forma humana e tez azul-escura, segurando em sua mão um cinto e um cetro, usando em sua cabeça uma pluma real e empurrando um ovo para fora de sua boca. (Veja Uma Análise da Mitologia Egípcia) Embora a Tábua Bembine tenha formato retangular, ela significa filosoficamente o ovo órfico do universo com seu conteúdo. Nas doutrinas esotéricas, a suprema conquista individual é a quebra do ovo órfico, que é equivalente ao retorno do espírito ao Nirvana — a condição absoluta — dos místicos orientais.

O Novo Panteão de Samuel Boyse contém três placas mostrando várias seções da Tábua de Bembine. O autor, no entanto, não faz nenhuma contribuição importante

para o conhecimento do assunto. Em A Mitologia e as Fábulas dos Antigos Explicadas pela História , o Abade Banier dedica um capítulo a uma consideração da Mensa Isiaca . Depois de revisar as conclusões de Montfaucon, Kircher e Pignorius, ele acrescenta: "Sou da opinião de que: era uma mesa votiva, que algum príncipe ou pessoa privada havia consagrado a Ísis, como um reconhecimento por algum benefício que ele acreditava que ela havia conferido a ele."

Maravilhas da Antiguidade

Era uma prática comum entre os primeiros egípcios, gregos e romanos selar lâmpadas acesas nos sepulcros de seus mortos como oferendas ao Deus da Morte. Possivelmente também se acreditava que o falecido poderia usar essas luzes para encontrar seu caminho através do Vale da Sombra. Mais tarde, quando o costume se tornou geralmente estabelecido, não apenas lâmpadas reais, mas miniaturas delas em terracota foram enterradas com os mortos. Algumas das lâmpadas foram colocadas em recipientes circulares para proteção; e foram registrados casos em que o óleo original foi encontrado nelas, em perfeito estado de preservação, após mais de 2.000 anos. Há ampla prova de que muitas dessas lâmpadas estavam queimando quando os sepulcros foram selados, e foi declarado que elas ainda estavam queimando quando os cofres foram abertos centenas de anos depois. A possibilidade de preparar um combustível que se renovaria tão rapidamente quanto era consumido tem sido uma fonte de considerável controvérsia entre os autores medievais. Após a devida consideração das evidências disponíveis, parece bem possível que os antigos sacerdotes-químicos fabricassem lâmpadas que queimavam, se não indefinidamente, pelo menos por períodos consideráveis de tempo.

Várias autoridades escreveram sobre o assunto de lâmpadas sempre acesas. W. Wynn Westcott estima o número de escritores que deram consideração ao assunto em mais de 150, e HP Blavatsky em 173. Embora as conclusões alcançadas por diferentes autores sejam divergentes, a maioria admite a existência dessas lâmpadas fenomenais. Apenas alguns sustentaram que as lâmpadas queimariam para sempre, mas muitos estavam dispostos a admitir que elas poderiam permanecer acesas por vários séculos sem reabastecimento do combustível. Alguns consideraram as chamadas luzes perpétuas como meros artifícios dos astutos sacerdotes pagãos, enquanto muitos, admitindo que as lâmpadas realmente queimavam, fizeram a afirmação abrangente de que o Diabo estava usando esse aparente milagre para enredar os crédulos e, assim, levar suas almas à perdição.

Sobre este assunto, o erudito jesuíta Athanasius Kircher, geralmente confiável, exibe uma inconsistência impressionante. Em seu Œdipus Ægyptiacus, ele escreve: "Não poucas dessas lâmpadas sempre acesas foram encontradas como dispositivos de demônios, * * * E eu presumo que todas as lâmpadas encontradas nos túmulos dos gentios dedicados à adoração de certos deuses eram desse tipo, não porque

queimavam, ou foram relatadas queimando, com uma chama perpétua, mas porque provavelmente o diabo as colocou lá, maliciosamente pretendendo assim obter nova credibilidade para uma adoração falsa."

Tendo admitido que autoridades confiáveis defendem a existência das lâmpadas sempre acesas, e que até mesmo o Diabo se presta à sua fabricação, Kircher declarou em seguida que toda a teoria era desesperada e impossível, e a ser classificada com o movimento perpétuo e a Pedra Filosofal. Tendo já resolvido o problema para sua satisfação uma vez, Kircher o resolve novamente — mas de forma diferente — nas seguintes palavras: "No Egito, há ricos depósitos de asfalto e petróleo. O que esses sujeitos inteligentes [os sacerdotes] fizeram, então, senão conectar um depósito de petróleo por um duto secreto com uma ou mais lâmpadas, providas de pavios de amianto! Como essas lâmpadas poderiam ajudar a queimar perpetuamente? * * * Na minha opinião, esta é a solução do enigma da eternidade sobrenatural dessas lâmpadas antigas."

Montfaucon, em suas Antiguidades , concorda principalmente com as deduções posteriores de Kircher, acreditando que as lendárias lâmpadas perpétuas dos templos eram engenhosas invenções mecânicas. Ele acrescenta ainda que a crença de que as lâmpadas queimavam indefinidamente em tumbas era o resultado do fato notável de que, em alguns casos, vapores semelhantes a fumaça saíam das entradas de abóbadas recém-abertas. Grupos que entraram mais tarde e descobriram lâmpadas espalhadas pelo chão presumiram que elas eram a fonte dos vapores.

Existem várias histórias interessantes sobre as descobertas de lâmpadas sempre acesas em várias partes do mundo. Em um túmulo na Via Ápia que foi aberto durante o papado de Paulo III foi encontrada uma lâmpada acesa que permaneceu acesa em um cofre hermeticamente fechado por quase 1.600 anos. De acordo com um relato escrito por um contemporâneo, um corpo — de uma jovem e bela garota com longos cabelos dourados — foi encontrado flutuando em um líquido transparente desconhecido e tão bem preservado como se a morte tivesse ocorrido apenas algumas horas antes. No interior do cofre havia uma série de objetos significativos, que incluíam várias lâmpadas, uma delas acesa. Aqueles que entraram no sepulcro declararam que a corrente de ar causada pela abertura da porta apagou a luz e a lâmpada não pôde ser reacesa. Kircher reproduz um epitáfio, "TULLIOLAE FILIAE MEAE", supostamente encontrado na tumba, mas que Montfaucon declara nunca ter existido, acrescentando que, embora evidências conclusivas não tenham sido encontradas, acreditava-se que o corpo era de Tulliola, filha de Cícero.

Lâmpadas que queimam sempre foram descobertas em todas as partes do mundo. Não apenas os países do Mediterrâneo, mas também a Índia, o Tibete, a China e a América do Sul contribuíram com registros de luzes que queimavam continuamente sem combustível. Os exemplos que se seguem foram selecionados aleatoriamente da imponente lista de lâmpadas perpétuas encontradas em diferentes eras.

Plutarco escreveu sobre uma lâmpada que queimava sobre a porta de um templo de Júpiter Amon; os sacerdotes declararam que ela permaneceu acesa por séculos sem combustível.

Santo Agostinho descreveu uma lâmpada perpétua, guardada em um templo no Egito sagrado para Vênus, que nem o vento nem a água conseguiam apagar. Ele acreditava que era obra do Diabo.

Uma lâmpada sempre acesa foi encontrada em Edessa, ou Antioquia, durante o reinado do Imperador Justiniano. Ela estava em um nicho sobre o portão da cidade, elaboradamente fechado para protegê-lo dos elementos. A data nela provava que a lâmpada estava queimando há mais de 500 anos. Ela foi destruída por soldados.

Durante o início da Idade Média, uma lâmpada foi encontrada na Inglaterra que queimava desde o terceiro século depois de Cristo. Acredita-se que o monumento que a continha era o túmulo do pai de Constantino, o Grande.

A Lanterna de Pallas foi descoberta perto de Roma em 1401 d.C. Foi encontrada no sepulcro de Pallas, filho de Evander, imortalizado por Virgílio em sua Eneida . A lâmpada foi colocada na cabeça do corpo e queimou com um brilho constante por mais de 2.000 anos.

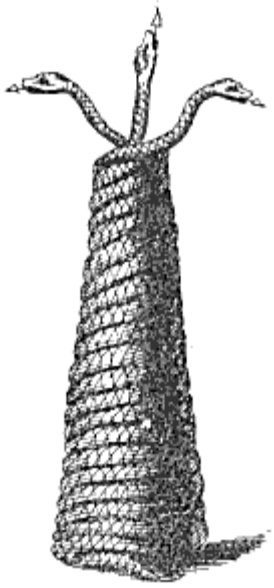
Em 1550 d.C., na ilha de Nesis, na Baía de Nápoles, foi aberta uma magnífica abóbada de mármore, na qual foi encontrada uma lâmpada ainda acesa que havia sido colocada ali antes do início da Era Cristã.

Pausanias descreveu uma linda lâmpada dourada no templo de Minerva que queimava firmemente por um ano sem reabastecimento ou sem ter o pavio aparado. A cerimônia de encher a lâmpada acontecia anualmente, e o tempo era medido pela cerimônia.

De acordo com a Fama Fraternitatis , a cripta de Christian Rosencreutz, quando aberta 120 anos após sua morte, foi encontrada brilhantemente iluminada por uma lâmpada perpétua suspensa no teto.

Numa Pompílio, rei de Roma e mágico de considerável poder, fez arder uma luz perpétua na cúpula de um templo que ele havia criado em homenagem a um ser elemental.

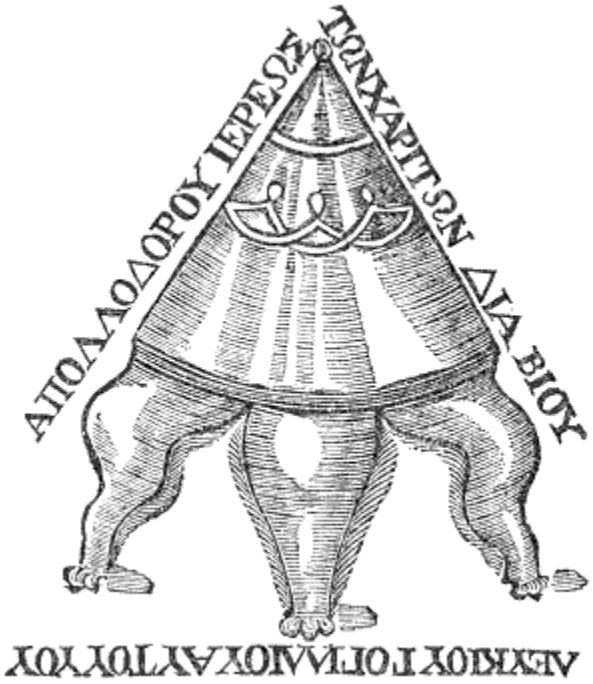
Na Inglaterra foi encontrado um curioso túmulo contendo



BASE DE UM TRIPÉ DE DELFOS.

Das Antiguidades de Montfaucon .

Os enrolamentos dessas serpentes formavam a base, e as três cabeças sustentavam os três pés do tripé. É impossível garantir informações satisfatórias sobre o formato e o tamanho do famoso tripé de Delfos. As teorias sobre ele são baseadas (na maior parte) em pequenos tripés ornamentais descobertos em vários templos.



O TRIPÉ DELPHIANO RESTAURADO.

De Coletas de Antiguidades de Beaumont .

De acordo com Beaumont, o acima é a forma mais autêntica do tripé de Delfos existente; mas como o tripé deve ter mudado consideravelmente durante a vida do oráculo, conclusões precipitadas são imprudentes. Em sua descrição do tripé, Beaumont o divide em quatro partes: (1) uma estrutura com três (2), uma bacia ou tigela reverberante colocada na estrutura; (e) um prato ou mesa plana sobre a qual a Pítia se sentava; e (4) uma cobertura em forma de cone sobre a mesa, que escondia completamente a sacerdotisa e de baixo da qual sua voz soava em tons estranhos e ocos. Tentativas foram feitas para relacionar o tripé de Delfos com a Arca da Aliança judaica. A estrutura de três pernas foi comparada à Arca da Aliança; a placa ou mesa plana ao Propiciatório; e a cobertura em forma de cone à tenda do próprio Tabernáculo. Toda essa concepção difere amplamente daquela popularmente aceita, mas revela uma analogia valiosa entre o simbolismo judaico e grego.

um autômato que se movia quando certas pedras no chão da abóbada eram pisadas por um intruso. Naquela época, a controvérsia Rosacruz estava no auge, então foi decidido que o túmulo era de um iniciado Rosacruz. Um conterrâneo, descobrindo o túmulo e entrando, encontrou o interior brilhantemente iluminado por uma lâmpada pendurada no teto. Enquanto ele caminhava, seu peso deprimia algumas das pedras do chão. Imediatamente, uma figura sentada em armadura pesada começou a se mover. Mecanicamente, ele se levantou e atingiu a lâmpada com um bastão de ferro, destruindo-a completamente e, assim, impedindo efetivamente a descoberta da substância secreta que mantinha a chama. Não se sabe por quanto tempo a lâmpada queimou, mas certamente já fazia um número considerável de anos.

É relatado que entre os túmulos perto de Memphis e nos templos brâmanes da Índia, luzes foram encontradas em câmaras e recipientes selados, mas a exposição repentina ao ar as extinguiu e fez com que seu combustível evaporasse.

Acredita-se agora que os pavios dessas lâmpadas perpétuas eram feitos de amianto trançado ou tecido, chamado pelos alquimistas de lã de salamandra , e que o combustível era um dos produtos da pesquisa alquímica. Kircher tentou extrair óleo do amianto, estando convencido de que, como a substância em si era indestrutível pelo fogo, um óleo extraído dela forneceria à lâmpada um combustível igualmente indestrutível. Depois de passar dois anos em trabalho experimental infrutífero, ele concluiu que a tarefa era impossível de ser realizada.

Várias fórmulas para a fabricação do combustível para as lâmpadas foram preservadas. Em Isis Unveiled , HP Blavatsky reimprime duas dessas fórmulas de autores antigos — Tritenheim e Bartolomeo Korndorf. Uma será suficiente para dar uma compreensão geral do processo:

" Enxofre . Alúmen ust. a ʒ iv.; sublimá-los em flores para ʒ ij., dos quais adicionar bórax veneziano cristalino (em pó) ʒ j.; sobre estes afunde alto espírito retificado de vinho e digira-o, então abstraia-o e despeje fresco; repita isso tantas vezes até

que o enxofre derreta como cera sem qualquer fumaça, sobre uma placa quente de latão: isto é para o pabulum , mas o pavio deve ser preparado desta maneira: junte os fios ou fios do amianto Lapis , na espessura do seu meio e no comprimento do seu dedo mindinho, então coloque-os em um vidro veneziano, e cobrindo-os com o enxofre ou alimento depurado acima mencionado, coloque o vidro na areia pelo espaço de vinte e quatro horas, tão quente que o enxofre possa borbulhar o tempo todo. O pavio sendo assim untado e ungido, deve ser colocado em um vidro como uma concha de vieira, de tal maneira que alguma parte dele possa ficar acima da massa de enxofre preparado; então, colocando este copo sobre areia quente, você deve derreter o enxofre, para que ele possa prender o pavio e, quando for aceso, ele queimará com uma chama perpétua e você pode colocar esta lâmpada em qualquer lugar que desejar."

OS ORÁCULOS GREGOS

A adoração de Apolo incluía o estabelecimento e a manutenção de lugares de profecia por meio dos quais os deuses podiam se comunicar com a humanidade e revelar o futuro para aqueles que mereciam a bênção. A história antiga da Grécia está repleta de relatos de árvores falantes, rios, estátuas e cavernas nas quais ninfas, dríades ou demônios tinham se estabelecido e de onde eles entregavam oráculos. Enquanto autores cristãos tentaram provar que as revelações oraculares foram entregues pelo Diabo com o propósito de enganar a humanidade, eles não ousaram atacar a teoria dos oráculos, por causa da referência repetida a ela em seus próprios escritos sagrados. Se as pedras de ônix nos ombros do sumo sacerdote de Israel tornavam conhecida por seus lampejos a vontade de Jeová, então uma pomba negra, temporariamente dotada da faculdade da fala, poderia de fato pronunciar oráculos no templo de Júpiter Ammon. Se a bruxa de Endor podia invocar a sombra de Samuel, que por sua vez dava profecias a Saul, uma sacerdotisa de Apolo não poderia invocar o espectro de seu suserano para prever o destino da Grécia?

Os oráculos mais famosos da antiguidade foram os de Delfos, Dodona, Trofônio e Latona, dos quais os carvalhos falantes de Dodona eram os mais antigos. Embora seja impossível rastrear a gênese da teoria da profecia oracular, sabe-se que muitas das cavernas e fissuras reservadas pelos gregos como oráculos eram sagradas muito antes do surgimento da cultura grega.

O oráculo de Apolo em Delfos continua sendo um dos mistérios não resolvidos dos antigos. Alexander Wilder deriva o nome Delfos de delphos , o útero. Este nome foi escolhido pelos gregos por causa do formato da caverna e da abertura que levava às profundezas da terra. O nome original do oráculo era Pytho , assim chamado porque suas câmaras tinham sido a morada da grande serpente Python , uma criatura assustadora que havia saído do lodo deixado pelo dilúvio que havia destruído todos os seres humanos, exceto Deucalião e Pirra. Apolo, escalando a encosta do Monte Parnaso, matou a serpente após um combate prolongado e jogou

o corpo na fissura do oráculo. A partir daquele momento, o Deus Sol, apelidado de Apolo Pítico, deu oráculos da abertura. Com Dionísio, ele compartilhou a honra de ser o deus patrono de Delfos.

Após ser vencido por Apolo, o espírito de Píton permaneceu em Delfos como representante de seu conquistador, e foi com a ajuda de seu eflúvio que a sacerdotisa conseguiu se tornar en rapport com o deus. Os vapores que subiam da fissura do oráculo supostamente vinham do corpo em decomposição de Píton. O nome Pitonisa , ou Pítia , dado à hierofante feminina do oráculo, significa literalmente alguém que foi lançado em um frenesi religioso ao inalar vapores que subiam da matéria em decomposição. É de interesse adicional notar que os gregos acreditavam que o oráculo de Delfos era o umbigo da Terra, provando assim que consideravam o planeta um imenso ser humano. A conexão entre o princípio da revelação oracular e o significado oculto do umbigo é um segredo importante pertencente aos antigos Mistérios.

O oráculo, no entanto, é muito mais antigo do que o relato anterior indica. Uma história desse tipo foi provavelmente inventada pelos sacerdotes para explicar os fenômenos àquelas pessoas curiosas que eles não consideravam dignas de esclarecimento sobre a verdadeira natureza esotérica do oráculo. Alguns acreditam que a fissura de Delfos foi descoberta por um sacerdote hipoboriano, mas, até onde a história registrada vai, a caverna era sagrada, e pessoas vinham de todas as partes da Grécia e dos países vizinhos para questionar o demônio que habitava em sua abertura semelhante a uma chaminé. Sacerdotes e sacerdotisas a guardavam de perto e serviam ao espírito que ali habitava e que iluminava a humanidade por meio do dom da profecia.

A história da descoberta original do oráculo é mais ou menos a seguinte: pastores cuidando de seus rebanhos na encosta do Monte Parnaso ficaram surpresos com as peculiares travessuras de cabras que vagavam perto de um grande abismo em seu esporão sudoeste. Os animais pulavam como se tentassem dançar e emitiam gritos estranhos, diferentes de tudo que já se tinha ouvido antes. Por fim, um dos pastores, curioso para saber a causa do fenômeno, aproximou-se da abertura, de onde subiam vapores nocivos. Imediatamente ele foi tomado por um êxtase profético; ele dançou com abandono selvagem, cantou, balbuciou sons inarticulados e previu eventos futuros. Outros chegaram perto da fissura, com o mesmo resultado. A fama do lugar se espalhou, e muitos passaram a saber do futuro inalando os vapores mefíticos, que o animavam à beira do delírio.

Alguns dos que vieram, sendo incapazes de se controlar, e tendo temporariamente a força de loucos, se separaram daqueles que buscavam contê-los, e, pulando na abertura, pereceram. Para evitar que outros fizessem o mesmo, um muro foi erguido ao redor da fissura e uma profetisa foi nomeada para atuar como mediadora entre o oráculo e aqueles que vieram questioná-lo. De acordo com autoridades posteriores, um tripé de ouro, ornamentado com entalhes de Apolo na forma de Píton, a grande serpente, foi colocado sobre a fenda, e sobre isso foi disposto um assento especialmente preparado, construído de forma que uma pessoa teria dificuldade em cair sob a influência dos vapores oraculares. Pouco antes dessa época, uma história havia circulado de que os vapores do oráculo

surgiram do corpo em decomposição de Píton. É possível que o oráculo tenha revelado sua própria origem.

Por muitos séculos durante sua história inicial, donzelas virgens foram consagradas ao serviço do oráculo. Elas eram chamadas de Phoebades , ou Pythiæ , e constituíam aquela famosa ordem agora conhecida como sacerdócio Pythian. É provável que mulheres fossem escolhidas para receber os oráculos porque sua natureza sensível e emocional respondia

O APOLO PÍTIO.

Da Historia Deorum Fatidicorum .

Apolo, irmão gêmeo de Diana, era filho de Júpiter e Latona. Apolo era totalmente adulto na época de seu nascimento. Ele foi considerado o primeiro médico e o inventor da música e do canto. Os gregos também o aclamaram como pai do arco e flecha. O famoso templo de Apolo em Delfos foi reconstruído cinco vezes. O primeiro templo era formado apenas por ramos de louro; o segundo era um tanto semelhante; o terceiro era de bronze e o quarto e o quinto eram provavelmente de mármore, de tamanho considerável e grande beleza. Nenhum outro oráculo na Grécia igualou em magnificência o de Delfos no zênite de seu poder. Escritores declararam que ele continha muitas estátuas de ouro e prata maciços, ornamentos maravilhosos e implementos dos materiais mais valiosos e belo acabamento, doados por príncipes e reis que vieram de todas as partes do mundo civilizado para consultar o espírito de Apolo que habitava este santuário.

mais rápida e completamente para "os vapores do entusiasmo". Três dias antes do horário marcado para receber as comunicações de Apolo, a sacerdotisa virgem começou a cerimônia de purificação. Ela se banhou no poço de Castália, absteve-se de toda comida, bebeu apenas da fonte de Cassotis, que era trazida para o templo por meio de canos escondidos, e pouco antes de montar o tripé, ela mastigou algumas folhas da sagrada árvore de louro. Foi dito que a água era drogada para trazer visões distorcidas, ou os sacerdotes de Delfos eram capazes de fabricar um gás estimulante e inebriante, que eles conduziam por dutos subterrâneos e liberavam no poço do oráculo vários metros abaixo da superfície. Nenhuma dessas teorias foi provada, no entanto, nem nenhuma delas explica de forma alguma a precisão das previsões.

Quando a jovem profetisa completou o processo de purificação, ela foi vestida com vestes santificadas e conduzida ao tripé, sobre o qual ela se sentou, cercada pelos vapores nocivos que subiam da fissura aberta. Gradualmente, conforme ela inalava os vapores, uma mudança ocorreu nela. Era como se um espírito diferente tivesse entrado em seu corpo. Ela lutou, rasgou suas roupas e proferiu gritos inarticulados. Depois de um tempo, suas lutas cessaram. Ao se acalmar, uma grande majestade pareceu possuí-la, e com os olhos fixos no espaço e o corpo rígido, ela proferiu as palavras proféticas. As previsões geralmente eram na forma de versos hexâmetros, mas as palavras eram frequentemente ambíguas e às vezes ininteligíveis. Cada som que ela fazia, cada movimento de seu corpo, era cuidadosamente registrado pelos cinco Hosii, ou homens santos, que eram nomeados como escribas para preservar os mínimos detalhes de cada adivinhação. Os Hosii eram nomeados vitaliciamente e eram escolhidos entre os descendentes diretos de Deucalião.

Após o oráculo ser entregue, a Pítia começou a lutar novamente, e o espírito a libertou. Ela foi então carregada ou apoiada para uma câmara de repouso, onde permaneceu até que o êxtase nervoso tivesse passado.

Jâmblico, em sua dissertação sobre Os Mistérios , descreve como o espírito do oráculo — um demônio ígneo, o próprio Apolo — assumiu o controle da Pitonisa e se manifestou por meio dela: "Mas a profetisa em Delfos, seja dando oráculos à humanidade por meio de um espírito atenuado e ígneo, irrompendo da boca da caverna; seja sentada no ádito em um tripé de bronze, ou em um banquinho com quatro pés, ela se torna sagrada para o Deus; qualquer que seja o caso, ela se entrega inteiramente a um espírito divino e é iluminada com um raio de fogo divino. E quando, de fato, o fogo ascendendo da boca da caverna a investe circularmente em abundância coletada, ela se enche disso com um esplendor divino. Mas quando ela se coloca no assento do Deus, ela se torna coadaptada ao seu poder profético estável: e de ambas essas operações preparatórias ela se torna totalmente possuída pelo Deus. E então, de fato, ele está presente com ela e a ilumina de uma maneira separada, e é diferente do fogo, do espírito, do assento apropriado e, em suma, de todo o aparato visível do lugar, seja físico ou sagrado."

Entre as celebridades que visitaram o oráculo de Delfos estavam o imortal Apolônio de Tiana e seu discípulo Damis. Ele fez suas oferendas e, depois de ser coroado com uma coroa de louros e receber um ramo da mesma planta para carregar na mão, passou por trás da estátua de Apolo que ficava diante da entrada da caverna

e desceu ao lugar sagrado do oráculo. A sacerdotisa também foi coroada com louros e sua cabeça amarrada com uma faixa de lã branca. Apolônio perguntou ao oráculo se seu nome seria lembrado pelas gerações futuras. A pitonisa respondeu afirmativamente, mas declarou que sempre seria caluniado. Apolônio deixou a caverna com raiva, mas o tempo provou a precisão da previsão, pois os primeiros pais da igreja perpetuaram o nome de Apolônio como o Anticristo. (Para detalhes da história, veja Histoire de la Magie .)

As mensagens dadas pela profetisa virgem foram entregues aos filósofos do oráculo, cujo dever era interpretá-las e aplicá-las. As comunicações foram então entregues aos poetas, que imediatamente as traduziram em odes e letras, expondo em forma primorosa as declarações supostamente feitas por Apolo e tornando-as disponíveis para a população.

Serpentes eram muito evidentes no oráculo de Delfos. A base do tripé sobre o qual a Pítia se sentava era formada pelos corpos retorcidos de três cobras gigantescas. De acordo com algumas autoridades, um dos processos usados para produzir o êxtase profético era forçar a jovem sacerdotisa a olhar nos olhos de uma serpente. Fascinada e hipnotizada, ela então falou com a voz do deus.

Embora as primeiras sacerdotisas Pítias fossem sempre donzelas — algumas ainda adolescentes — uma lei foi posteriormente promulgada de que apenas mulheres com mais de cinquenta anos de idade deveriam ser porta-vozes do oráculo. Essas mulheres mais velhas se vestiam como meninas e passavam pelo mesmo cerimonial que as primeiras Pítias. A mudança foi provavelmente o resultado indireto de uma série de agressões feitas às pessoas das sacerdotisas pelos profanos.

Durante a história inicial do oráculo de Delfos, o deus falava apenas a cada sétimo aniversário de Apolo. Com o passar do tempo, no entanto, a demanda tornou-se tão grande que a Pítia foi forçada a sentar-se no tripé todo mês. Os horários selecionados para a consulta e as perguntas a serem feitas eram determinados por sorteio ou por votação dos habitantes de Delfos.

É geralmente admitido que o efeito do oráculo de Delfos sobre a cultura grega foi profundamente construtivo. James Gardner resume sua influência nas seguintes palavras: "Suas respostas revelaram muitos tiranos e previram seu destino. Por meio deles, muitos seres infelizes foram salvos da destruição e muitos mortais perplexos foram guiados no caminho certo. Ele encorajou instituições úteis e promoveu o progresso de descobertas úteis. Sua influência moral estava do lado da virtude e sua influência política a favor do avanço da liberdade civil." (Veja The Faiths of The World .)

O oráculo de Dodona era presidido por Júpiter, que proferia profecias por meio de carvalhos, pássaros e vasos de bronze. Muitos escritores notaram as similaridades entre os rituais de Dodona e os dos sacerdotes druidas da Bretanha e da Gália. A famosa pomba oracular de Dodona, pousando sobre os galhos dos carvalhos sagrados, não apenas discursou longamente na língua grega sobre filosofia e

religião, mas também respondeu às perguntas daqueles que vinham de lugares distantes para consultá-la.

As árvores "falantes" estavam juntas, formando um bosque sagrado. Quando os sacerdotes desejavam respostas para perguntas importantes, após purificações cuidadosas e solenes, eles se retiravam para o bosque. Eles então abordavam as árvores, implorando uma resposta do deus que ali habitava. Quando eles declaravam suas perguntas, as árvores falavam com as vozes de seres humanos, revelando aos sacerdotes as informações desejadas. Alguns afirmam que havia apenas uma árvore que falava - um carvalho ou uma faia no coração do antigo bosque. Como se acreditava que Júpiter habitava esta árvore, ele às vezes era chamado de Phegonæus , ou aquele que vive em uma faia.

O mais curioso dos oráculos de Dodona eram os vasos "falantes", ou chaleiras. Eles eram feitos de latão e tão cuidadosamente moldados que, quando atingidos, emitiam som por horas. Alguns escritores descreveram uma fileira desses vasos e declararam que, se um deles fosse atingido, suas vibrações seriam comunicadas a todos os outros e um barulho terrível aconteceria. Outros autores descrevem um grande vaso único, em pé sobre um pilar, perto do qual ficava outra coluna, sustentando a estátua de uma criança segurando um chicote. Na ponta do chicote havia uma série de cordas oscilantes com pequenas bolas de metal nas pontas, e o vento, que soprava incessantemente através do edifício aberto, fazia com que as bolas batessem no vaso. O número e a intensidade dos impactos e as reverberações do vaso eram todos cuidadosamente anotados, e os sacerdotes entregavam seus oráculos de acordo.

Quando os sacerdotes originais de Dodona — os Selloi — misteriosamente desapareceram, o oráculo foi servido por muitos séculos por três sacerdotisas que interpretaram os vasos e à meia-noite interrogaram as árvores sagradas. Esperava-se que os patronos dos oráculos trouxessem oferendas e fizessem contribuições.

Outro oráculo notável era a Caverna de Trofônio, que ficava na encosta de uma colina com uma entrada tão pequena que parecia impossível para um ser humano entrar. Depois que o consultor fez sua oferenda na estátua de Trofônio e vestiu as vestes santificadas, ele subiu a colina até a caverna, carregando em uma mão um bolo de mel. Sentando-se na borda da abertura, ele abaixou os pés na caverna. Então, todo o seu corpo foi precipitadamente

O JÚPITER DODONEANO.

Da Historia Deorum Fatidicorum .

Júpiter era chamado de Dodoneano em homenagem à cidade de Dodona, no Épiro. Perto desta cidade havia uma colina densamente coberta de carvalhos que desde os tempos mais antigos eram sagrados para Júpiter. O bosque era ainda mais venerado porque acreditava-se que dríades, faunos, sátiros e ninfas moravam em suas profundezas. Dos antigos carvalhos e faias estavam penduradas muitas correntes de pequenos sinos de bronze que tilintavam dia e noite conforme o vento balançava os galhos. Alguns afirmam que a célebre pomba falante de Dodona era na realidade uma mulher, porque na Tessália tanto profetisas quanto pombas eram chamadas de Peleiadas. Supõe-se que o primeiro templo de Dodona foi erguido por Deucalião e aqueles que sobreviveram ao grande dilúvio com ele. Por esta razão, o oráculo de Dodona foi considerado o mais antigo da Grécia.

atraído para dentro da caverna, que foi descrita por aqueles que entraram como tendo apenas as dimensões de um forno de tamanho razoável. Quando o oráculo completou sua revelação, o consultor, geralmente delirante, foi ejetado à força da caverna, os pés para a frente.

Perto da caverna do oráculo, duas fontes borbulhavam da terra a poucos metros uma da outra. Aqueles prestes a entrar na caverna bebiam primeiro dessas fontes, cujas águas pareciam possuir propriedades ocultas peculiares. A primeira continha a água do esquecimento, e todos que bebiam dela esqueciam suas tristezas terrenas. Da segunda fonte fluía a água sagrada de Mnemosyne, ou lembrança,

pois mais tarde ela permitia que aqueles que dela participassem relembrassem suas experiências enquanto estavam na caverna.

Embora sua entrada fosse marcada por dois obeliscos de bronze, a caverna, cercada por um muro de pedras brancas e escondida no coração de um bosque de árvores sagradas, não apresentava uma aparência imponente. Não há dúvida de que aqueles que entravam passavam por experiências estranhas, pois eram obrigados a deixar no templo adjacente um relato completo do que viam e ouviam enquanto estavam no oráculo. As profecias eram dadas na forma de sonhos e visões, e eram acompanhadas por fortes dores de cabeça; alguns nunca se recuperavam completamente dos efeitos posteriores de seu delírio. O relato confuso de suas experiências era interpretado pelos sacerdotes de acordo com a questão a ser respondida. Embora os sacerdotes provavelmente usassem alguma erva desconhecida para produzir os sonhos ou visões da caverna, sua habilidade em interpretá-los beirava o Sobrenatural. Antes de consultar o oráculo, era necessário oferecer um carneiro ao demônio da caverna, e o sacerdote decidia por hieromancia se o momento escolhido era propício e o sacrifício era satisfatório.

AS SETE MARAVILHAS DO MUNDO

Muitos dos escultores e arquitetos do mundo antigo eram iniciados nos Mistérios, particularmente nos ritos de Elêusis. Desde o início dos tempos, os verdadeiros da pedra e os talhadores de madeira constituíram uma casta divinamente ofuscada. À medida que a civilização se espalhava lentamente pela Terra, cidades eram construídas e abandonadas; monumentos eram erguidos para heróis atualmente desconhecidos; templos eram construídos para deuses que jazem quebrados na poeira das nações que eles inspiraram. A pesquisa provou não apenas que os construtores dessas cidades e monumentos e os escultores que esculpiram os rostos inescrutáveis dos deuses eram mestres de seus ofícios, mas que no mundo de hoje não há ninguém que os iguale. O profundo conhecimento de matemática e astronomia incorporado na arquitetura antiga, e o conhecimento igualmente profundo de anatomia revelado na estatuária grega, provam que os criadores de ambos eram mentes mestras, profundamente cultas na sabedoria que constituía os arcanos dos Mistérios. Assim foi estabelecida a Guilda dos Construtores, progenitores dos maçons modernos. Quando empregados para construir palácios, templos ou pentes, ou para esculpir estátuas para os ricos, aqueles arquitetos e artistas iniciados escondiam em suas obras a doutrina secreta, de modo que agora, muito depois de seus ossos terem retornado ao pó, o mundo percebe que aqueles primeiros artesãos foram de fato devidamente iniciados e dignos de receber os salários de Mestres Maçons.

As Sete Maravilhas do Mundo, embora aparentemente projetadas por diversas razões, eram na verdade monumentos erguidos para perpetuar os arcanos dos Mistérios. Elas eram estruturas simbólicas, colocadas em locais peculiares, e o propósito real de sua ereção pode ser sentido apenas pelos iniciados. Eliphas Levi

notou a correspondência marcante entre essas Sete Maravilhas e os sete planetas. As Sete Maravilhas do Mundo foram construídas pelos filhos da Viúva em homenagem aos sete gênios planetários. Seu simbolismo secreto é idêntico ao dos sete selos do Apocalipse e das sete igrejas da Ásia.

1. O Colosso de Rodes, uma gigantesca estátua de bronze com cerca de 109 pés de altura e que levou mais de doze anos para ser construída, foi obra de um artista iniciado, Chares de Lindus. A teoria popular — aceita por várias centenas de anos — de que a figura ficava com um pé de cada lado da entrada do porto de Rodes e que navios totalmente equipados passavam entre seus pés, nunca foi comprovada. Infelizmente, a figura permaneceu de pé por apenas cinquenta e seis anos, sendo derrubada por um terremoto em 224 a.C. As partes despedaçadas do Colosso ficaram espalhadas pelo chão por mais de 900 anos, quando finalmente foram vendidas a um comerciante judeu, que carregou o metal nas costas de 700 camelos. Alguns acreditavam que o bronze era convertido em munições e outros que era transformado em tubos de drenagem. Esta gigantesca figura dourada, com sua coroa de raios solares e sua tocha erguida, significava ocultamente o glorioso Homem-Sol dos Mistérios, o Salvador Universal.

2. O arquiteto Ctesifonte, no século V a.C., submeteu às cidades jônicas um plano para erguer um monumento conjunto à sua deusa padroeira, Diana. O local escolhido foi Éfeso, uma cidade ao sul de Esmirna. O edifício foi construído em mármore. O teto era sustentado por 127 colunas, cada uma com 60 pés de altura e pesando mais de 150 toneladas. O templo foi destruído por magia negra por volta de 356 a.C., mas o mundo fixa o crime odioso na ferramenta por meio da qual a destruição foi realizada — um homem mentalmente perturbado chamado Herostratus. Mais tarde, foi reconstruído, mas o simbolismo foi perdido. O templo original, projetado como uma miniatura do universo, foi dedicado à lua, o símbolo oculto da geração.

3. Após seu exílio de Atenas, Fídias — o maior de todos os escultores gregos — foi para Olímpia, na província de Élis, e lá projetou sua colossal estátua de Zeus, chefe dos deuses da Grécia. Não há sequer uma descrição precisa desta obra-prima atualmente existente; apenas algumas moedas antigas dão uma ideia inadequada de sua aparência geral. O corpo do deus era revestido de marfim e as vestes eram de ouro batido. Em uma mão, ele supostamente segurava um globo sustentando uma figura da Deusa da Vitória, na outra, um cetro encimado por uma águia. A cabeça de Zeus era arcaica, fortemente barbada e coroada com uma coroa de oliveiras. A estátua estava sentada em um trono elaboradamente decorado. Como o próprio nome indica, o monumento era dedicado ao espírito do planeta Júpiter, — um dos sete Logi que se curvam diante do Senhor do Sol.

4. Eliphas Levi inclui o Templo de Salomão entre as Sete Maravilhas do Mundo, dando a ele o lugar ocupado pelo Farol de Alexandria. O Farol, nomeado em homenagem à ilha em que ficava, foi projetado e construído por Sóstrato de Cnido durante o reinado de Ptolomeu (283-247 a.C.). É descrito como sendo de mármore branco e com mais de 600 pés de altura. Mesmo naquela época antiga, custava quase um milhão de dólares. Fogueiras eram acesas no topo dele e podiam ser vistas a quilômetros de distância no mar. Foi destruído por um terremoto no século

XIII, mas seus restos eram visíveis até 1350 d.C. Sendo a mais alta de todas as Maravilhas, foi naturalmente atribuído a Saturno, o Pai dos deuses e o verdadeiro iluminador de toda a humanidade.

5. O Mausoléu de Halicarnasso era um monumento magnífico erguido pela Rainha Artemísia em memória de seu falecido marido, o Rei Mausolo, de cujo nome a palavra mausoléu é derivada. Os projetistas do edifício foram Sátiro e Pítis, e quatro grandes escultores foram empregados para ornamentar o edifício. O edifício, que tinha 114 pés de comprimento e 92 pés de largura, era dividido em cinco seções principais (os sentidos) e encimado por uma pirâmide (a natureza espiritual do homem). A pirâmide subia em 24 degraus (um número sagrado), e no ápice havia uma estátua do Rei Mausolo em uma carruagem. Sua figura tinha 9 pés e 9½ polegadas de altura. Muitas tentativas foram feitas para reconstruir o monumento, que foi destruído por um terremoto, mas nenhuma foi totalmente bem-sucedida. Este monumento era sagrado para o planeta Marte e foi construído por um iniciado para a iluminação do mundo.

6. Os Jardins de Semíramis na Babilônia — mais comumente conhecidos como Jardins Suspensos — ficavam dentro dos terrenos do palácio de Nabucodonosor, perto do Rio Eufrates. Eles se erguiam em uma pirâmide em forma de terraço e no topo havia um reservatório para regar os jardins. Eles foram construídos por volta de 600 a.C., mas o nome do paisagista não foi preservado. Eles simbolizavam os planos do mundo invisível e eram consagrados a Vênus como a deusa do amor e da beleza.

7. A Grande Pirâmide era suprema entre os templos dos Mistérios. Para ser fiel ao seu simbolismo astronômico, ela deve ter sido construída há cerca de 70.000 anos. Era o túmulo de Osíris, e acreditava-se que foi construído pelos próprios deuses, e o arquiteto pode ter sido o imortal Hermes. É o monumento de Mercúrio, o mensageiro dos deuses, e o símbolo universal da sabedoria e das letras.

TROFÔNIO DA LEBADIA.

da Historia Deorum Fatidicorum .

Trofônio e seu irmão Agamedes eram arquitetos famosos. Ao construir um certo cofre de tesouro, eles planejaram deixar uma pedra móvel para que pudessem entrar secretamente e roubar os objetos de valor armazenados ali. Uma armadilha foi armada pelo proprietário, que havia descoberto o plano, e Agamedes foi pego. Para evitar a descoberta, Trofônio decapitou seu irmão e fugiu, perseguido ferozmente. Ele se escondeu no bosque de Lebadia, onde a terra se abriu e o engoliu. O espírito de Trofônio depois disso entregou oráculos no bosque e suas cavernas. O nome Trofônio significa "estar agitado, excitado ou perturbado". Foi declarado que as experiências terríveis pelas quais os consultores passavam nas cavernas oraculares os afetavam tanto que eles nunca mais sorriam. As abelhas que acompanham a figura de Trofônio eram sagradas porque levaram os primeiros enviados de Bœtia ao local do oráculo. Diz-se que a figura acima é uma produção de uma estátua de Trofônio que foi colocada no topo da colina acima do oráculo e cercada com estacas pontiagudas que a impediam de ser tocada.

A vida e a filosofia de Pitágoras

ENQUANTO Mnesarchus, o pai de Pitágoras, estava na cidade de Delfos em assuntos relativos aos seus negócios como comerciante, ele e sua esposa, Parthenis, decidiram consultar o oráculo de Delfos para saber se os destinos eram favoráveis para sua viagem de retorno à Síria. Quando a pitonisa (profetisa de Apolo) sentou-se no tripé dourado sobre a abertura aberta do oráculo, ela não respondeu à pergunta que eles fizeram, mas disse a Mnesarchus que sua esposa estava grávida e daria à luz um filho que estava destinado a superar todos os homens em beleza e sabedoria, e que ao longo de sua vida contribuiria muito para o benefício da humanidade. Mnesarchus ficou tão profundamente impressionado com a profecia que mudou o nome de sua esposa para Pythasis, em homenagem à sacerdotisa pítia. Quando a criança nasceu em Sidon, na Fenícia, era — como o oráculo havia dito — um filho. Mnesarco e Pítase deram à criança o nome de Pitágoras, pois acreditavam que ele havia sido predestinado pelo oráculo.

Muitas lendas estranhas foram preservadas sobre o nascimento de Pitágoras. Alguns sustentavam que ele não era um homem mortal: que ele era um dos deuses que havia tomado um corpo humano para capacitá-lo a vir ao mundo e instruir a raça humana. Pitágoras foi um dos muitos sábios e salvadores da antiguidade para quem uma concepção imaculada é afirmada. Em seu Anacalypsis , Godfrey Higgins escreve: "A primeira circunstância marcante em que a história de Pitágoras concorda com a história de Jesus é que eles eram nativos de quase o mesmo país; o primeiro nasceu em Sidon, o último em Belém, ambos na Síria. O pai de Pitágoras, assim como o pai de Jesus, foi profeticamente informado de que sua esposa daria à luz um filho, que seria um benfeitor para a humanidade. Ambos nasceram quando suas mães estavam fora de casa em viagens, Joseph e sua esposa tendo ido até Belém para serem tributados, e o pai de Pitágoras tendo viajado de Samos, sua residência, para Sidon, sobre suas preocupações mercantis. Pythais [Pythasis], a mãe de Pitágoras, tinha uma conexão com um espectro apolíneo, ou fantasma, do Deus Apolo, ou Deus Sol, (claro que este deve ter sido um espírito santo , e aqui temos o Espírito Santo) que depois apareceu ao seu marido, e disse-lhe que ele não deveria ter nenhuma ligação com sua esposa durante a gravidez dela — uma história evidentemente a mesma que a relacionada a José e Maria. Por essas circunstâncias peculiares, Pitágoras era conhecido pelo mesmo título de Jesus, a saber, o filho de Deus ; e era suposto pela multidão estar sob a influência da inspiração divina."

Este filósofo muito famoso nasceu em algum momento entre 600 e 590 a.C., e sua vida foi estimada em quase cem anos.

Os ensinamentos de Pitágoras indicam que ele era completamente versado nos preceitos do esoterismo oriental e ocidental. Ele viajou entre os judeus e foi instruído pelos rabinos sobre as tradições secretas de Moisés, o legislador de Israel. Mais tarde, a Escola dos Essênios foi conduzida principalmente com o propósito de interpretar os símbolos pitagóricos. Pitágoras foi iniciado nos Mistérios Egípcios, Babilônicos e Caldeus. Embora alguns acreditem que ele foi um discípulo de Zoroastro, é duvidoso que seu instrutor com esse nome tenha sido o Deus-homem agora reverenciado pelos Parses. Embora os relatos de suas viagens sejam diferentes, os historiadores concordam que ele visitou muitos países e estudou aos pés de muitos mestres.

"Depois de ter adquirido tudo o que lhe foi possível aprender dos filósofos gregos e, presumivelmente, se tornar um iniciado nos mistérios de Elêusis, ele foi para o Egito e, após muitas rejeições e recusas, finalmente conseguiu garantir a iniciação nos Mistérios de Ísis, nas mãos dos sacerdotes de Tebas. Então, esse intrépido 'marceneiro' seguiu seu caminho para a Fenícia e a Síria, onde os Mistérios de Adônis foram conferidos a ele, e cruzando para o vale do Eufrates, ele permaneceu tempo suficiente para se tornar versado na sabedoria secreta dos caldeus, que ainda viviam nas proximidades da Babilônia. Finalmente, ele fez sua maior e mais histórica aventura pela Média e Pérsia até o Hindustão, onde permaneceu vários anos como aluno e iniciado dos eruditos brâmanes de Elefanta e Ellora." (Ver Maçonaria Antiga , de Frank C. Higgins, 32°.) O mesmo autor acrescenta que o nome de Pitágoras ainda é preservado nos registros dos brâmanes como Yavancharya , o Mestre Jônico.

Dizem que Pitágoras foi o primeiro homem a se autodenominar filósofo ; na verdade, o mundo está em dívida com ele pela palavra filósofo . Antes dessa época, os sábios se autodenominavam sábios , o que era interpretado como aqueles que sabem . Pitágoras era mais modesto. Ele cunhou a palavra filósofo , que ele definiu como alguém que está tentando descobrir .

Após retornar de suas andanças, Pitágoras fundou uma escola, ou como às vezes é chamada, uma universidade, em Crotona, uma colônia dórica no sul da Itália. Após sua chegada a Crotona, ele foi visto com desconfiança, mas depois de um curto período, aqueles que ocupavam posições importantes nas colônias vizinhas buscavam seu conselho em questões de grande importância. Ele reuniu ao seu redor um pequeno grupo de discípulos sinceros, a quem instruiu na sabedoria secreta que lhe havia sido revelada, e também nos fundamentos da matemática oculta, música e astronomia, que ele considerava ser a fundação triangular de todas as artes e ciências.

Quando tinha cerca de sessenta anos, Pitágoras se casou com uma de suas discípulas, e sete filhos resultaram da união. Sua esposa era uma mulher notavelmente capaz, que não apenas o inspirou durante os anos de sua vida, mas depois de seu assassinato continuou a promulgar suas doutrinas.

Como é tão frequente no caso do gênio, Pitágoras, por sua franqueza, incorreu em inimizade política e pessoal. Entre aqueles que vieram para a iniciação, havia um que, porque Pitágoras se recusou a admiti-lo, decidiu destruir tanto o homem quanto sua filosofia. Por meio de falsa propaganda, esse descontente virou as mentes das pessoas comuns contra o filósofo. Sem aviso, um bando de assassinos desceu sobre o pequeno grupo de edifícios onde o grande mestre e seus discípulos moravam, queimaram as estruturas e mataram Pitágoras.

Os relatos da morte do filósofo não concordam. Alguns dizem que ele foi assassinado com seus discípulos; outros que, ao escapar de Crotona com um pequeno bando de seguidores, ele foi preso e queimado vivo por seus inimigos em uma pequena casa onde o bando havia decidido descansar durante a noite. Outro relato afirma que, encontrando-se presos na estrutura em chamas, os discípulos se jogaram nas chamas, fazendo de seus próprios corpos uma ponte sobre a qual

Pitágoras escapou, apenas para morrer de coração partido pouco tempo depois, como resultado do luto pela aparente inutilidade de seus esforços para servir e iluminar a humanidade.

Seus discípulos sobreviventes tentaram perpetuar suas doutrinas, mas foram perseguidos por todos os lados e muito pouco resta hoje como um testemunho da grandeza deste filósofo. Diz-se que os discípulos de Pitágoras nunca se dirigiram a ele ou se referiram a ele pelo seu próprio nome, mas sempre como O Mestre ou Aquele Homem. Isso pode ter ocorrido devido ao fato de que se acreditava que o nome Pitágoras consistia em um certo número de letras especialmente arranjadas com grande significado sagrado. A revista Word publicou um artigo de TR Prater, mostrando que Pitágoras iniciou seus candidatos por meio de uma certa fórmula escondida dentro

PITÁGORAS, O PRIMEIRO FILÓSOFO.

Da Historia Deorum Fatidicorum .

Durante sua juventude, Pitágoras foi discípulo de Ferécides e Hermodamas, e enquanto era adolescente tornou-se famoso pela clareza de seus conceitos filosóficos. Em altura, ele ultrapassava seis pés; seu corpo era tão perfeitamente formado quanto o de Apolo. Pitágoras era a personificação da majestade e do poder, e em sua presença ele se sentia humilde e com medo. À medida que envelhecia, seu poder físico aumentava em vez de diminuir, de modo que, ao se

aproximar da marca do século, ele estava realmente no auge da vida. A influência dessa grande alma sobre aqueles ao seu redor era tal que uma palavra de elogio de Pitágoras enchia seus discípulos de êxtase, enquanto um cometia suicídio porque o Mestre ficava momentaneamente irritado com algo que ele havia feito. Pitágoras ficou tão impressionado com essa tragédia que nunca mais falou mal de ninguém ou sobre ninguém.

as letras do seu próprio nome. Isso pode explicar por que a palavra Pitágoras era tão reverenciada.

Após a morte de Pitágoras, sua escola gradualmente se desintegrou, mas aqueles que se beneficiaram de seus ensinamentos reverenciaram a memória do grande filósofo, assim como durante sua vida reverenciaram o próprio homem. Com o passar do tempo, Pitágoras passou a ser considerado um deus em vez de um homem, e seus discípulos dispersos foram unidos por sua admiração comum pelo gênio transcendente de seu professor. Edouard Schure, em seu Pythagoras and the Delphic Mysteries , relata o seguinte incidente como ilustrativo do vínculo de camaradagem que une os membros da Escola Pitagórica:

"Um deles que havia caído na doença e na pobreza foi gentilmente acolhido por um estalajadeiro. Antes de morrer, ele traçou alguns sinais misteriosos (o pentagrama, sem dúvida) na porta da estalagem e disse ao anfitrião: 'Não fique inquieto, um dos meus irmãos pagará minhas dívidas.' Um ano depois, quando um estranho passava por esta estalagem, ele viu os sinais e disse ao anfitrião: 'Eu sou um pitagórico; um dos meus irmãos morreu aqui; diga-me o que devo a você por conta dele.'"

Frank C. Higgins, 32°, apresenta um excelente compêndio dos princípios pitagóricos no seguinte esboço:

"Os ensinamentos de Pitágoras são da mais transcendental importância para os maçons, na medida em que são o fruto necessário de seu contato com os principais filósofos de todo o mundo civilizado de sua época, e devem representar aquilo em que todos estavam de acordo, despojados de todas as ervas daninhas da controvérsia. Assim, a posição determinada feita por Pitágoras, em defesa do monoteísmo puro, é evidência suficiente de que a tradição no sentido de que a unidade de Deus era o segredo supremo de todas as iniciações antigas está substancialmente correta. A escola filosófica de Pitágoras foi, em certa medida, também uma série de iniciações, pois ele fez seus alunos passarem por uma série de graus e nunca lhes permitiu contato pessoal consigo mesmo até que tivessem alcançado os graus mais elevados. De acordo com seus biógrafos, seus graus eram três em número. O primeiro, o de 'Mathematicus', assegurando a seus alunos proficiência em matemática e geometria, que era então, como seria agora se a Maçonaria fosse devidamente inculcada, a base sobre a qual todo o outro conhecimento foi erguido. Em segundo lugar, o grau de 'Theoreticus', que lidava com aplicações superficiais das ciências exatas, e, por último, o grau de 'Electus', que dava direito ao candidato de passar adiante para a luz da iluminação mais completa que ele era capaz de absorver. Os alunos da escola pitagórica eram divididos em 'exoterici', ou alunos nos graus externos, e 'esoterici', depois de terem passado o terceiro grau de iniciação e terem direito à sabedoria secreta. Silêncio,

segredo e obediência incondicional eram princípios cardeais desta grande ordem." (Veja Maçonaria Antiga .)

FUNDAMENTOS PITAGÓRICOS

O estudo de geometria, música e astronomia era considerado essencial para uma compreensão racional de Deus, do homem ou da Natureza, e ninguém poderia acompanhar Pitágoras como discípulo que não estivesse completamente familiarizado com essas ciências. Muitos vinham em busca de admissão em sua escola. Cada candidato era testado nesses três assuntos e, se fosse considerado ignorante, era sumariamente dispensado.

Pitágoras não era um extremista. Ele ensinava moderação em todas as coisas, em vez de excesso em qualquer coisa, pois acreditava que um excesso de virtude era em si um vício. Uma de suas declarações favoritas era: "Devemos evitar com nosso máximo esforço e amputar com fogo e espada, e por todos os outros meios, do corpo, a doença; da alma, a ignorância; da barriga, o luxo; de uma cidade, a sedição; de uma família, a discórdia; e de todas as coisas, o excesso." Pitágoras também acreditava que não havia crime igual ao da anarquia.

Todos os homens sabem o que querem , mas poucos sabem o que precisam . Pitágoras advertiu seus discípulos que quando orassem não deveriam orar por si mesmos; que quando pedissem coisas aos deuses não deveriam pedir coisas para si mesmos, porque nenhum homem sabe o que é bom para ele e é por esta razão indesejável pedir coisas que, se obtidas, só provariam ser prejudiciais.

O Deus de Pitágoras era a Mônada , ou o Único que é Tudo. Ele descreveu Deus como a Mente Suprema distribuída por todas as partes do universo — a Causa de todas as coisas, a Inteligência de todas as coisas e o Poder dentro de todas as coisas. Ele declarou ainda que o movimento de Deus era circular, o corpo de Deus era composto da substância da luz e a natureza de Deus era composta da substância da verdade.

Pitágoras declarou que comer carne obscurecia as faculdades de raciocínio. Embora ele não condenasse seu uso ou se abstivesse totalmente dele, ele declarou que os juízes deveriam se abster de comer carne antes de um julgamento, para que aqueles que comparecessem diante deles pudessem receber as decisões mais honestas e astutas. Quando Pitágoras decidiu (como costumava fazer) retirar-se para o templo de Deus por um longo período de tempo para meditar e orar, ele levou consigo seu suprimento de comida e bebida especialmente preparadas. A comida consistia em partes iguais de sementes de papoula e gergelim, a casca da cebolinha do mar da qual o suco havia sido completamente extraído, a flor de narciso, as folhas de malva e uma pasta de cevada e ervilhas. Ele compôs tudo isso junto com a adição de mel silvestre. Para uma bebida, ele pegou sementes de pepino, passas secas (com sementes removidas), flores de coentro, sementes de

malva e beldroegas, queijo raspado, farinha e creme, misturados e adoçados com mel silvestre. Pitágoras afirmou que essa era a dieta de Hércules enquanto vagava pelo deserto da Líbia e que estava de acordo com a fórmula dada ao herói pela própria deusa Ceres.

O método favorito de cura entre os pitagóricos era com a ajuda de cataplasmas. Essas pessoas também conheciam as propriedades mágicas de um grande número de plantas. Pitágoras estimava muito as propriedades medicinais da cebola do mar, e dizem que ele escreveu um volume inteiro sobre o assunto. Tal obra, no entanto, não é conhecida atualmente. Pitágoras descobriu que a música tinha grande poder terapêutico e preparou harmonias especiais para várias doenças. Ele aparentemente experimentou também com cores, obtendo considerável sucesso. Um de seus processos curativos únicos resultou de sua descoberta do valor curativo de certos versos da Odisseia e da Ilíada de Homero. Ele fez com que fossem lidos para pessoas que sofriam de certas doenças. Ele se opunha à cirurgia em todas as suas formas e também se opunha à cauterização. Ele não permitiria a desfiguração do corpo humano, pois tal, em sua opinião, era um sacrilégio contra a morada dos deuses.

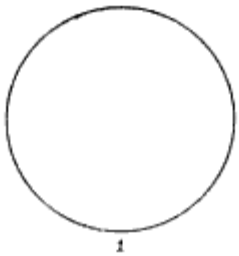
Pitágoras ensinou que a amizade era o mais verdadeiro e o mais próximo da perfeição de todos os relacionamentos. Ele declarou que na Natureza havia uma amizade de todos por todos; de deuses por homens; de doutrinas umas pelas outras; da alma pelo corpo; da parte racional pela parte irracional; da filosofia por sua teoria; dos homens uns pelos outros; dos compatriotas uns pelos outros; que a amizade também existia entre estranhos, entre um homem e sua esposa, seus filhos e seus servos. Todos os laços sem amizade eram grilhões, e não havia virtude em sua manutenção. Pitágoras acreditava que os relacionamentos eram essencialmente mentais em vez de físicos, e que um estranho de intelecto simpático estava mais próximo dele do que um parente de sangue cujo ponto de vista estava em desacordo com o seu. Pitágoras definiu o conhecimento como o fruto da acumulação mental. Ele acreditava que seria obtido de muitas maneiras, mas principalmente por meio da observação. A sabedoria era a compreensão da fonte ou causa de todas as coisas, e isso só poderia ser assegurado elevando o intelecto a um ponto onde ele intuitivamente reconhecesse o invisível se manifestando externamente através do visível, e assim se tornasse capaz de se colocar em rapport com o espírito das coisas em vez de com suas formas. A fonte final que a sabedoria poderia conhecer era a Mônada , o misterioso átomo permanente dos pitagóricos.

Pitágoras ensinou que tanto o homem quanto o universo foram feitos à imagem de Deus; que ambos sendo feitos à mesma imagem, a compreensão de um predicava o conhecimento do outro. Ele ensinou ainda que havia uma interação constante entre o Grande Homem (o universo) e o homem (o pequeno universo).

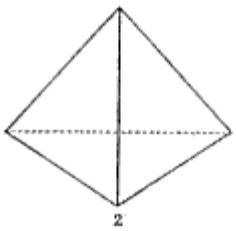
Pitágoras acreditava que todos os corpos siderais estavam vivos e que as formas dos planetas e estrelas eram meramente corpos que envolviam almas, mentes e espíritos da mesma maneira que a forma humana visível é apenas o veículo de envoltório para um organismo espiritual invisível que é, na realidade, o indivíduo consciente. Pitágoras considerava os planetas como divindades magníficas, dignas

da adoração e respeito do homem. Todas essas divindades, no entanto, ele considerava subservientes à Única Primeira Causa dentro da qual todas elas existiam temporariamente, assim como a mortalidade existe no meio da imortalidade.

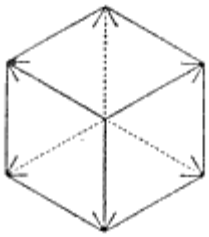
O famoso Y pitagórico significava o poder de escolha e era usado nos Mistérios como emblemático da Bifurcação dos Caminhos. O caule central se separava em duas partes, uma ramificando-se para



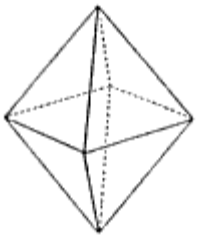
1



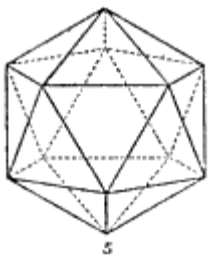
2



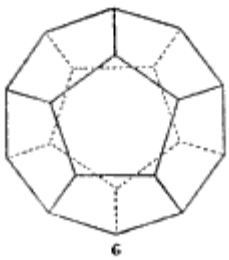
3



4



5



6

OS SÓLIDOS GEOMÉTRICOS SIMÉTRICOS.

Aos cinco sólidos simétricos dos antigos é adicionada a esfera (1), a mais perfeita de todas as formas criadas. Os cinco sólidos pitagóricos são: o tetraedro (2) com quatro triângulos equiláteros como faces; o cubo (3) com seis quadrados como faces; o octaedro (4) com oito triângulos equiláteros como faces; o icosaedro (5) com vinte triângulos equiláteros como faces; e o dodecaedro (6) com doze pentágonos regulares como faces.

a direita e a outra à esquerda. O ramo à direita era chamado Sabedoria Divina e o da esquerda Sabedoria Terrena . A juventude, personificada pelo candidato, trilhando o Caminho da Vida, simbolizado pela haste central do Y, alcança o ponto onde o Caminho se divide. O neófito deve então escolher se tomará o caminho da esquerda e, seguindo os ditames de sua natureza inferior, entrará em um período de loucura e irreflexão que inevitavelmente resultará em sua ruína, ou se tomará o caminho da direita e, por meio da integridade, indústria e sinceridade, finalmente recuperará a união com os imortais nas esferas superiores.

É provável que Pitágoras tenha obtido seu conceito de Y dos egípcios, que incluíam em certos rituais iniciáticos uma cena na qual o candidato era confrontado por duas figuras femininas. Uma delas, velada com as vestes brancas do templo, incitava o neófito a entrar nos salões do aprendizado; a outra, enfeitada com joias, simbolizando tesouros terrenos, e carregando em suas mãos uma bandeja carregada de uvas (emblemática da falsa luz), buscava atraí-lo para as câmaras da dissipação. Este símbolo ainda é preservado entre as cartas do Tarô, onde é chamado de A Bifurcação dos Caminhos. O bastão bifurcado tem sido o símbolo da vida entre muitas nações, e foi colocado no deserto para indicar a presença de água.

Em relação à teoria da transmigração, conforme disseminada por Pitágoras, há diferenças de opinião. De acordo com uma visão, ele ensinou que os mortais que durante sua existência terrena tinham por suas ações se tornado como certos animais, retornavam à terra novamente na forma das bestas que eles haviam crescido para se assemelhar. Assim, uma pessoa tímida retornaria na forma de um coelho ou um veado; uma pessoa cruel na forma de um lobo ou outro animal feroz; e uma pessoa astuta na forma de uma raposa. Este conceito, no entanto, não se encaixa no esquema geral pitagórico, e é muito mais provável que tenha sido dado em um sentido alegórico do que literal. A intenção era transmitir a ideia de que os seres humanos se tornam bestiais quando se permitem ser dominados por seus próprios desejos inferiores e tendências destrutivas. É provável que o termo transmigração deva ser entendido como o que é mais comumente chamado de reencarnação , uma doutrina que Pitágoras deve ter contatado direta ou indiretamente na Índia e no Egito.

O fato de Pitágoras ter aceitado a teoria de reaparições sucessivas da natureza espiritual em forma humana é encontrado em uma nota de rodapé da História da Magia de Levi : "Ele foi um importante defensor do que costumava ser chamado de doutrina da metempsicose, entendida como a transmigração da alma em corpos sucessivos. Ele próprio tinha sido (a) Etálides, um filho de Mercúrio; (b) Euforbo, filho de Panto, que pereceu nas mãos de Menelau na Guerra de Troia; (c)

Hermótimo, um profeta de Clazômenas, uma cidade da Jônia; (d) um humilde pescador; e finalmente (e) o filósofo de Samos."

Pitágoras também ensinou que cada espécie de criatura tinha o que ele chamava de selo, dado a ela por Deus, e que a forma física de cada uma era a impressão desse selo sobre a cera da substância física. Assim, cada corpo era carimbado com a dignidade de seu padrão divinamente dado. Pitágoras acreditava que, em última análise, o homem alcançaria um estado em que abandonaria sua natureza grosseira e funcionaria em um corpo de éter espiritualizado que estaria em justaposição à sua forma física em todos os momentos e que poderia ser a oitava esfera, ou Antíchthon. Disto, ele ascenderia ao reino dos imortais, onde por direito divino de nascença ele pertencia.

Pitágoras ensinou que tudo na natureza era divisível em três partes e que ninguém poderia se tornar verdadeiramente sábio se não visse cada problema como sendo diagramaticamente triangular. Ele disse: "Estabeleça o triângulo e o problema estará resolvido em dois terços"; além disso, "Todas as coisas consistem em três". Em conformidade com esse ponto de vista, Pitágoras dividiu o universo em três partes, que ele chamou de Mundo Supremo , Mundo Superior e Mundo Inferior . O mais alto, ou Mundo Supremo, era uma essência espiritual sutil e interpenetrante que permeia todas as coisas e, portanto, o verdadeiro plano da própria Divindade Suprema, a Divindade sendo em todos os sentidos onipresente, oniativa, onipotente e onisciente. Ambos os mundos inferiores existiam dentro da natureza desta esfera suprema.

O Mundo Superior era o lar dos imortais. Era também a morada dos arquétipos, ou selos; suas naturezas de forma alguma participavam do material da terrenalidade, mas eles, lançando suas sombras sobre o profundo (o Mundo Inferior), eram reconhecíveis apenas através de suas sombras. O terceiro, ou Mundo Inferior, era o lar daquelas criaturas que participavam da substância material ou estavam envolvidas em trabalho com ou sobre a substância material. Portanto, esta esfera era o lar dos deuses mortais, os Demiurgos, os anjos que trabalham com os homens; também os daemons que participam da natureza da terra; e finalmente a humanidade e os reinos inferiores, aqueles temporariamente da terra, mas capazes de se elevar acima daquela esfera pela razão e filosofia.

Os dígitos 1 e 2 não são considerados números pelos pitagóricos, porque eles tipificam as duas esferas supramundanas. Os números pitagóricos, portanto, começam com 3, o triângulo, e 4, o quadrado. Estes adicionados ao 1 e ao 2, produzem o 10, o grande número de todas as coisas, o arquétipo do universo. Os três mundos eram chamados de receptáculos . O primeiro era o receptáculo dos princípios, o segundo era o receptáculo das inteligências, e o terceiro, ou mais baixo, era o receptáculo das quantidades.

"Os sólidos simétricos foram considerados por Pitágoras, e pelos pensadores gregos depois dele, como da maior importância. Para ser perfeitamente simétrico ou regular, um sólido deve ter um número igual de faces se encontrando em cada um de seus ângulos, e essas faces devem ser polígonos regulares iguais, ou seja,

figuras cujos lados e ângulos são todos iguais. Pitágoras, talvez, pode ser creditado com a grande descoberta de que existem apenas cinco desses sólidos.* * *

'Agora, os gregos acreditavam que o mundo [universo material] era composto de quatro elementos — terra, ar, fogo, água — e para a mente grega a conclusão era inevitável de que as formas das partículas dos elementos eram aquelas dos sólidos regulares. As partículas da terra eram cúbicas, sendo o cubo o sólido regular possuidor de maior estabilidade; as partículas do fogo eram tetraédricas, sendo o tetraedro o sólido mais simples e, portanto, mais leve. As partículas da água eram icosaédricas exatamente pela razão inversa, enquanto as partículas do ar, como intermediárias entre as duas últimas, eram octaédricas. O dodecaedro era, para esses antigos matemáticos, o mais misterioso dos sólidos; era de longe o mais difícil de construir, o desenho preciso do pentágono regular necessitando de uma aplicação bastante elaborada do grande teorema de Pitágoras. Daí a conclusão, como Platão colocou, de que 'este (o dodecaedro regular) a Divindade empregou no traçado do plano do Universo.' (H. Stanley Redgrove, em Crenças Passadas .)

O Sr. Redgrove não mencionou o quinto elemento dos antigos Mistérios, aquele que tornaria a analogia entre os sólidos simétricos e os elementos completa. Este quinto elemento, ou éter, era chamado pelos hindus de akasa . Ele estava intimamente correlacionado com o éter hipotético da ciência moderna, e era a substância interpenetrativa que permeava todos os outros elementos e agia como um solvente comum e denominador comum deles. O sólido de doze faces também se referia sutilmente aos Doze Imortais que surgiram no universo, e também às doze convoluções do cérebro humano — os veículos daqueles Imortais na natureza do homem.

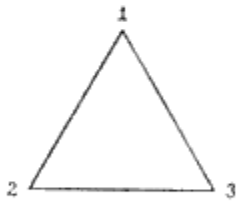
Enquanto Pitágoras, de acordo com outros de sua época, praticava adivinhação (possivelmente aritmomancia), não há informações precisas sobre os métodos que ele usava. Acredita-se que ele tinha uma roda notável por meio da qual ele podia prever eventos futuros, e que aprendeu hidromancia com os egípcios. Ele acreditava que o bronze tinha poderes oraculares, porque mesmo quando tudo estava perfeitamente parado, sempre havia um som estrondoso em tigelas de bronze. Certa vez, ele dirigiu uma prece ao espírito de um rio e da água surgiu uma voz: "Pitágoras, eu te saúdo". É alegado que ele era capaz de fazer com que os demônios entrassem na água e perturbassem sua superfície, e por meio das agitações certas coisas eram previstas.

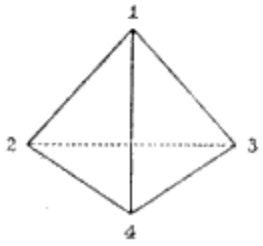
Depois de beber de uma certa fonte um dia, um dos Mestres de Pitágoras anunciou que o espírito da água tinha acabado de prever que um grande terremoto ocorreria no dia seguinte — uma profecia que se cumpriu. É altamente provável que Pitágoras possuísse poder hipnótico, não apenas sobre o homem, mas também sobre os animais. Ele fez um pássaro mudar o curso de seu voo, um urso cessar suas devastações sobre uma comunidade e um touro mudar sua dieta, pelo exercício de influência mental. Ele também era dotado de segunda visão, sendo capaz de ver coisas à distância e descrever com precisão incidentes que ainda não haviam acontecido.

OS AFORISMOS SIMBÓLICOS DE PITÁGORAS

Jâmblico reuniu trinta e nove dos ditos simbólicos de Pitágoras e os interpretou. Eles foram traduzidos do grego por Thomas Taylor. A declaração aforísmica era um dos métodos favoritos de instrução usados na universidade pitagórica de Crotona. Dez dos mais representativos desses aforismos são reproduzidos abaixo com uma breve elucidação de seus significados ocultos.

I. Desviando-se dos caminhos públicos, ande em caminhos pouco frequentados . Por isso deve ser entendido que aqueles que desejam sabedoria devem buscá-la na solidão.





NÚMERO RELACIONADO AO FORMULÁRIO.

Pitágoras ensinou que o ponto simbolizava o poder do número 1, a linha, o poder do número 2, a superfície, o poder do número 3, e o sólido, o poder do número 4.

II. Governe sua língua antes de todas as outras coisas, seguindo os deuses . Este aforismo adverte o homem de que suas palavras, em vez de representá-lo, o deturpam, e que, quando em dúvida sobre o que deve dizer, ele deve sempre ficar em silêncio.

III. O vento soprando, adore o som . Pitágoras aqui lembra seus discípulos que o fiat de Deus é ouvido na voz dos elementos, e que todas as coisas na Natureza manifestam através da harmonia, ritmo, ordem ou procedimento os atributos da Divindade.

IV. Ajude um homem a levantar um fardo; mas não o ajude a largá-lo . O estudante é instruído a ajudar os diligentes, mas nunca a ajudar aqueles que buscam fugir de suas responsabilidades, pois é um grande pecado encorajar a indolência.

V. Não fale sobre preocupações pitagóricas sem luz . O mundo é aqui avisado de que não deve tentar interpretar os mistérios de Deus e os segredos das ciências sem iluminação espiritual e intelectual.

VI. Tendo partido de sua casa, não volte, pois as fúrias serão seus assistentes . Pitágoras aqui adverte seus seguidores que qualquer um que comece a busca pela verdade e, depois de ter aprendido parte do mistério, fique desencorajado e tente retornar novamente aos seus antigos caminhos de vício e ignorância, sofrerá excessivamente; pois é melhor não saber nada sobre a Divindade do que aprender um pouco e então parar sem aprender tudo.

VII. Alimente um galo, mas não o sacrifique; pois ele é sagrado para o sol e a lua . Duas grandes lições estão ocultas neste aforismo. A primeira é um aviso contra o sacrifício de seres vivos aos deuses, porque a vida é sagrada e o homem não deve destruí-la nem mesmo como uma oferenda à Divindade. A segunda avisa o homem de que o corpo humano aqui referido como um galo é sagrado para o sol (Deus) e a lua (Natureza), e deve ser guardado e preservado como o meio de expressão mais precioso do homem. Pitágoras também alertou seus discípulos contra o suicídio.

VIII. Não receba uma andorinha em sua casa . Isso adverte o buscador da verdade a não permitir que pensamentos à deriva entrem em sua mente nem que pessoas indolentes entrem em sua vida. Ele deve sempre se cercar de pensadores racionalmente inspirados e de trabalhadores conscienciosos.

IX. Não ofereça sua mão direita facilmente a ninguém . Isso adverte o discípulo a manter seu próprio conselho e não oferecer sabedoria e conhecimento (sua mão direita) a quem é incapaz de apreciá-los. A mão aqui representa a Verdade, que levanta aqueles que caíram por causa da ignorância; mas como muitos dos não regenerados não desejam sabedoria, eles cortarão a mão que é estendida em gentileza a eles. Somente o tempo pode efetuar a redenção das massas ignorantes

X. Ao levantar-se das roupas de cama, enrole-as juntas e oblitere a impressão do corpo . Pitágoras orientou seus discípulos que haviam despertado do sono da

ignorância para o estado de vigília da inteligência a eliminar de suas lembranças toda a memória de sua antiga escuridão espiritual; pois um homem sábio, ao passar, não deixa nenhuma forma atrás de si que outros menos inteligentes, vendo, usarão como molde para a fundição de ídolos.

Os mais famosos fragmentos pitagóricos são os Versos Dourados , atribuídos ao próprio Pitágoras, mas sobre cuja autoria há um elemento de dúvida. Os Versos Dourados contêm um breve resumo de todo o sistema de filosofia que forma a base das doutrinas educacionais de Crotona, ou, como é mais comumente conhecida, a Escola Itálica. Esses versos começam aconselhando o leitor a amar a Deus, venerar os grandes heróis e respeitar os demônios e habitantes elementais. Eles então incitam o homem a pensar com cuidado e diligência sobre sua vida diária e a preferir os tesouros da mente e da alma às acumulações de bens terrenos. Os versos também prometem ao homem que se ele se elevar acima de sua natureza material inferior e cultivar o autocontrole, ele finalmente será aceitável aos olhos dos deuses, se reunirá a eles e participará de sua imortalidade. (É bastante significativo notar que Platão pagou um alto preço por alguns dos manuscritos de Pitágoras que foram salvos da destruição de Crotona. Veja Historia Deorum Fatidicorum , Genebra, 1675.)

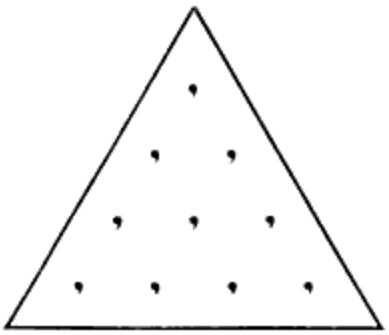
ASTRONOMIA PITAGÓRICA

De acordo com Pitágoras, a posição de cada corpo no universo era determinada pela dignidade essencial daquele corpo. O conceito popular de sua época era que a Terra ocupava o centro do sistema solar; que os planetas, incluindo o sol e a lua, moviam-se ao redor da Terra; e que a própria Terra era plana e quadrada. Contrariamente a esse conceito, e independentemente das críticas, Pitágoras declarou que o fogo era o mais importante de todos os elementos; que o centro era a parte mais importante de cada corpo; e que, assim como o fogo de Vesta estava no meio de cada casa, no meio do universo havia uma esfera flamejante de radiância celestial. Este globo central ele chamou de Torre de Júpiter , o Globo da Unidade , a Grande Mônada e o Altar de Vesta . Como o número sagrado 10 simbolizava a soma de todas as partes e a completude de todas as coisas, era natural para Pitágoras dividir o universo em dez esferas, simbolizadas por dez círculos concêntricos. Esses círculos começavam no centro com o globo do Fogo Divino; depois vieram os sete planetas, a Terra e outro planeta misterioso, chamado Antíchthon , que nunca foi visível.

As opiniões divergem quanto à natureza de Antichthon . Clemente de Alexandria acreditava que representava a massa dos céus; outros sustentavam a opinião de que era a lua. Mais provavelmente era a misteriosa oitava esfera dos antigos, o planeta escuro que se movia na mesma órbita que a Terra, mas que estava sempre oculto da Terra pelo corpo do Sol, estando em oposição exata à Terra em todos os momentos. É esta a misteriosa Lilith sobre a qual os astrólogos especularam por tanto tempo?

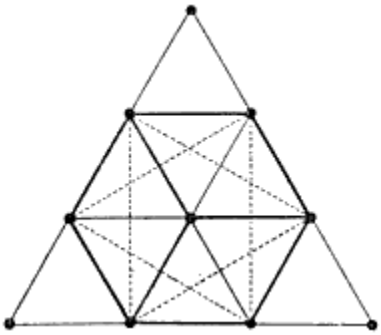
Isaac Myer declarou: "Os pitagóricos sustentavam que cada estrela era um mundo com sua própria atmosfera, com uma imensa extensão ao redor, de éter." (Veja A Cabala .) Os discípulos de Pitágoras também reverenciavam muito o planeta Vênus, porque era o único planeta brilhante o suficiente para projetar uma sombra. Como a estrela da manhã, Vênus é visível antes do nascer do sol, e como a estrela da noite, ela brilha imediatamente após o pôr do sol. Por causa dessas qualidades, vários nomes foram dados a ela pelos antigos. Sendo visível no céu ao pôr do sol, era chamada de vesper , e como surgia antes do sol, era chamada de luz falsa , a estrela da manhã , ou Lúcifer , que significa o portador da luz . Por causa dessa relação com o sol, o planeta também era conhecido como Vênus, Astarte, Afrodite, Ísis e A Mãe dos Deuses. É possível que: em algumas estações do ano em certas latitudes o fato de Vênus ser um crescente pudesse ser detectado sem o auxílio de um telescópio. Isso explicaria o crescente que é frequentemente visto em conexão com as deusas da antiguidade, cujas histórias não concordam com as fases da lua. O conhecimento preciso que Pitágoras possuía sobre astronomia, ele sem dúvida garantiu nos templos egípcios, pois seus sacerdotes entendiam a verdadeira relação dos corpos celestes muitos milhares de anos antes que esse conhecimento fosse revelado ao mundo não iniciado. O fato de que o conhecimento que ele adquiriu nos templos o habilitou a fazer afirmações que exigiam dois mil anos para serem verificadas prova por que Platão e Aristóteles estimavam tanto a profundidade dos antigos Mistérios. Em meio à ignorância científica comparativa, e sem o auxílio de quaisquer instrumentos modernos, os sacerdotes-filósofos descobriram os verdadeiros fundamentos da dinâmica universal.

Uma aplicação interessante da doutrina pitagórica dos sólidos geométricos, conforme exposta por Platão, é encontrada no Cânone . "Quase todos os antigos filósofos", diz seu autor anônimo, "elaboraram uma teoria harmônica com relação ao universo, e a prática continuou até que o antigo modo de filosofar morreu. Kepler (1596), a fim de demonstrar a doutrina platônica, de que o universo era formado pelos cinco sólidos regulares, propôs a seguinte regra. 'A Terra é um círculo, o medidor de tudo. Em volta dela, descreva um dodecaedro; o círculo que o envolve será Marte. Em volta de Marte, descreva um tetraedro; a esfera que o envolve será Júpiter. Descreva um cubo em volta de Júpiter; a esfera que o contém será Saturno. Agora, inscreva na Terra um icosaedro; o círculo inscrito nele será Vênus. Inscreva um octaedro em Vênus; o círculo inscrito nele será Mercúrio' (Mysterium Cosmographicum , 1596). Esta regra não pode ser levada a sério como uma declaração real das proporções do cosmos, pois não tem nenhuma semelhança real com as proporções publicadas por Copérnico no início do século XVI. No entanto, Kepler tinha muito orgulho de sua fórmula e disse que a valorizava mais do que o Eleitorado da Saxônia. Ela também foi aprovada por essas duas autoridades eminentes, Tycho e Galileu, que evidentemente a entenderam. O próprio Kepler nunca dá a menor dica de como sua preciosa regra deve ser interpretada." A astronomia platônica não se preocupava com a constituição material ou arranjo dos corpos celestes, mas considerava as estrelas e planadores principalmente como pontos focais da inteligência Divina. A astronomia física era considerada a ciência das "sombras", a astronomia filosófica a ciência das "realidades".



A TETRÁCTIL.

Theon de Smyrna declara que os dez pontos, ou tetractys de Pitágoras, eram um símbolo da maior importância, pois para a mente perspicaz revelava o mistério da natureza universal. Os pitagóricos se comprometeram pelo seguinte juramento: "Por Ele que deu à nossa alma a tetractys, que tem a fonte e a raiz da natureza sempre brotante."



O CUBO E A ESTRELA.

Ao conectar os dez pontos da tetractys, nove triângulos são formados. Seis deles estão envolvidos na formação do cubo. Os mesmos triângulos, quando as linhas são desenhadas corretamente entre eles, também revelam a estrela de seis pontas com um ponto no centro. Apenas sete pontos são usados na formação do cubo e da estrela. Cabalisticamente, os três pontos de canto não utilizados representam a natureza causal tripla e invisível do universo, enquanto os sete pontos envolvidos no cubo e na estrela são os Elohim — os Espíritos dos sete períodos criativos. O Sabbath, ou sétimo dia, é o ponto central.

Matemática Pitagórica

SOBRE o significado secreto dos números, tem havido muita especulação. Embora muitas descobertas interessantes tenham sido feitas, pode-se dizer com segurança que com a morte de Pitágoras a grande chave para esta ciência foi perdida. Por

quase 2500 anos, filósofos de todas as nações tentaram desvendar o novelo pitagórico, mas aparentemente nenhum teve sucesso. Apesar das tentativas feitas para obliterar todos os registros dos ensinamentos de Pitágoras, sobreviveram fragmentos que dão pistas para algumas das partes mais simples de sua filosofia. Os principais segredos nunca foram cometidos por escrito, mas foram comunicados oralmente a alguns discípulos escolhidos. Estes aparentemente não divulgaram seus segredos aos profanos, o resultado sendo que quando a morte selou seus lábios, os arcanos morreram com eles.

Algumas das escolas secretas no mundo hoje são perpetuações dos antigos Mistérios, e embora seja bem possível que elas possuam algumas das fórmulas numéricas originais, não há evidências disso nos volumosos escritos que foram emitidos por esses grupos durante os últimos quinhentos anos. Esses escritos, embora frequentemente discutam Pitágoras, não mostram nenhuma indicação de um conhecimento mais completo de suas doutrinas intrincadas do que os especuladores gregos pós-pitagóricos tinham, que falavam muito, escreviam pouco, sabiam menos e escondiam sua ignorância sob uma série de misteriosas dicas e promessas. Aqui e ali, entre os produtos literários dos primeiros escritores, são encontradas declarações enigmáticas que eles não fizeram nenhum esforço: para interpretar. O exemplo a seguir é citado de Plutarco:

"Os pitagóricos realmente vão mais longe do que isso, e honram números pares e diagramas geométricos com os nomes e títulos dos deuses. Assim, eles chamam o triângulo equilátero de cabeça-nascida Minerva e Tritogenia, porque ele pode ser igualmente dividido por três perpendiculares traçadas de cada um dos ângulos. Então, a unidade que eles chamam de Apolo, quanto ao número dois eles afixaram o nome de conflito e audácia, e ao de três, justiça. Pois, assim como fazer uma injúria é um extremo de um lado, e sofrer um é um extremo de um lado, e sofrer no meio entre eles. Da mesma forma, o número trinta e seis, seu Tetractys, ou Quaternion sagrado, sendo composto dos quatro primeiros números ímpares adicionados aos quatro primeiros pares, como é comumente relatado, é visto por eles como o juramento mais solene que eles podem fazer, e chamado Kosmos." (Ísis e Osíris .)

Anteriormente na mesma obra, Plutarco também observa: "Pois assim como o poder do triângulo é expressivo da natureza de Plutão, Baco e Marte; e as propriedades do quadrado de Reia, Vênus, Ceres, Vesta e Juno; do Dodecaedro de Júpiter; assim, como somos informados por Eudoxo, a figura de cinquenta e seis ângulos é expressiva da natureza de Tifão." Plutarco não pretendia explicar o significado interno dos símbolos, mas acreditava que a relação que Pitágoras estabeleceu entre os sólidos geométricos e os deuses era o resultado de imagens que o grande sábio tinha visto nos templos egípcios.

Albert Pike, o grande simbolista maçônico, admitiu que havia muitos pontos sobre os quais ele não conseguia obter nenhuma informação confiável. Em seu Simbolismo , para o 32° e 33°, ele escreveu: "Não entendo por que o 7 deveria ser chamado Minerva, ou o cubo, Netuno." Mais adiante, ele acrescentou: "Sem dúvida, os nomes dados pelos pitagóricos aos diferentes números eram eles próprios enigmáticos e simbólicos - e há pouca dúvida de que na época de Plutarco os

significados que esses nomes ocultavam estavam perdidos. Pitágoras teve muito sucesso em ocultar seus símbolos com um véu que era desde o início impenetrável, sem sua explicação oral * * *."

Essa incerteza compartilhada por todos os verdadeiros estudantes do assunto prova conclusivamente que não é sensato fazer afirmações definitivas baseadas nas informações indefinidas e fragmentárias disponíveis sobre o sistema pitagórico de filosofia matemática. O material que se segue representa um esforço para coletar alguns pontos salientes dos registros dispersos preservados por discípulos de Pitágoras e outros que desde então contataram sua filosofia.

MÉTODO DE GARANTIR O PODER NUMÉRICO DAS PALAVRAS

O primeiro passo para obter o valor numérico de uma palavra é resolvê-la de volta para sua língua original. Somente palavras de derivação grega ou hebraica podem ser analisadas com sucesso por este método, e todas as palavras devem ser escritas em suas formas mais antigas e completas . Palavras e nomes do Antigo Testamento, portanto, devem ser traduzidos de volta para os primeiros caracteres hebraicos e palavras do Novo Testamento para o grego. Dois exemplos ajudarão a esclarecer este princípio.

O Demiurgo dos judeus é chamado em inglês de Jeová , mas ao buscar o valor numérico do nome Jeová é necessário resolver o nome em suas letras hebraicas. Ele se torna יהוה, e é lido da direita para a esquerda. As letras hebraicas são: ה, He; ו, Vau; ה, He; י, Yod; e quando invertidas na ordem inglesa da esquerda para a direita, leem: Yod-He-Vau-He . Ao consultar a tabela anterior de valores de letras, descobre-se que os quatro caracteres deste nome sagrado têm o seguinte significado numérico: Yod é igual a 10. He é igual a 5, Vau é igual a 6, e o segundo He é igual a 5. Portanto, 10+5+6+5=26, um sinônimo de Jeová . Se as letras inglesas fossem usadas, a resposta obviamente não estaria correta.

O segundo exemplo é o misterioso pantheos gnóstico Abraxas . Para este nome, a tabela grega é usada. Abraxas em grego é Ἀβραξας. A = 1, β = 2, ρ = 100, α = 1, ξ = 60, α = 1, ς = 200, a soma sendo 365, o número de dias no ano. Este número fornece a chave para o mistério de Abraxas, que é simbólico dos 365 Æons, ou Espíritos dos Dias, reunidos em uma personalidade composta. Abraxas é simbólico de cinco criaturas, e como o círculo do ano na verdade consiste em 360 graus, cada uma das divindades emanadas é um quinto deste poder, ou 72, um dos números mais sagrados no Antigo Testamento dos judeus e em seu sistema cabalístico. O mesmo método é usado para encontrar o valor numérico dos nomes dos deuses e deusas dos gregos e judeus.

Todos os números mais altos podem ser reduzidos a um dos dez numerais originais, e o próprio 10 a 1. Portanto, todos os grupos de números resultantes da tradução de nomes de divindades em seus equivalentes numéricos têm uma base em um dos dez primeiros números. Por esse sistema, no qual os dígitos são somados, 666 se torna 6+6+6 ou 18, e isso, por sua vez, se torna 1+8 ou 9. De acordo com o

Apocalipse, 144.000 devem ser salvos. Esse número se torna 1+4+4+0+0+0, que é igual a 9, provando assim que tanto a Besta da Babilônia quanto o número dos salvos se referem ao próprio homem, cujo símbolo é o número 9. Esse sistema pode ser usado com sucesso com valores de letras gregas e hebraicas.

O sistema pitagórico original de filosofia numérica não contém nada que justifique a prática atualmente em voga de mudar o nome ou sobrenome na esperança de melhorar o temperamento ou a condição financeira alterando as vibrações do nome.

Há também um sistema de cálculo em voga para a língua inglesa, mas sua precisão é uma questão de disputa legítima. É comparativamente moderno e não tem relação nem com o sistema cabalístico hebraico nem com o procedimento grego. A alegação feita por alguns de que é pitagórico não é apoiada por nenhuma evidência tangível, e há muitas razões pelas quais tal alegação é insustentável. O fato de Pitágoras usar 10 como base de cálculo, enquanto este sistema usa 9 — um número imperfeito — é em si quase conclusivo. Além disso, o arranjo das letras gregas e hebraicas não concorda o suficiente com o inglês para permitir a aplicação das sequências numéricas de uma língua às sequências numéricas das outras. Mais experimentação com

1	2	3	4	5	6	7	8
Aleph	א	א	1	A α	•	Alpha	A
Beth	ב	ב	2	B β	•	Beta	B
Gimel	ג	ג	3	Γ γ	•	Gamma	G
Daleth	ד	ד	4	Δ δ	•	Delta	D
He	ה	ה	5	E ε	•	Epsilon	E
Vau	ו	ו	6	F	•	Digamma	Fv
Zain	ז	ז	7	Z ζ		Zeta	
Heth	ח	ח	8	H η		Eta	
Teth	ט	ט	9	Θ ϑ ϕ		Theta	
Jod	י	י	10	I ι	•	Iota	I
Caph	כ	כ	20	K κ	•	Kappa	C
Lamed	ל	ל	30	Λ λ	•	Lambda	L
Mem	מ	מ	40	M μ	•	Mu	M
Nun	נ	נ	50	N ν	•	'Nu	N
Samech	ס	ס	60	Ξ ξ		Xi	
Oin	ע	ע	70	O ο	•	Omicron	O
Pe	פ	פ	80	Π π	•	Pi	P
Tzadi	צ	צ	90	ϟ		Episemonbau	
Koph	ק	ק	100			ερισημον βαυ	
			100	P ρ	•	Rho	R
Resh	ר	ר	200				
			200	Σ σ	•	Sigma	S
Shin	ש	ש	300				
			300	T τ	•	Tau	T
Tau	ת	ת	400				
			400	Υ υ	•	Upsilon	U
			500	Φ φ		Phi	
			600	X χ		Chi	
			700	Ψ ψ		Psi	
			800	Ω ω		Omega	
			900	ϡ		Sanpi	

OS VALORES NUMÉRICOS DOS ALFABETOS HEBRAICO, GREGO E SAMARITANO.

Dos Druidas Celtas de Higgins .

Coluna

1 Nomes das letras hebraicas.

2 Cartas Samaritanas.

3 Letras hebraicas e caldeus.

4 Equivalentes numéricos das letras.

5 Letras gregas maiúsculas e minúsculas.

6 As letras marcadas com asteriscos são aquelas trazidas da Fenícia para a Grécia por Cadmo.

7 Nome das letras gregas.

8Equivalentes ingleses mais próximos das letras hebraica, grega e samaritana.

NOTA. Quando usado no final de uma palavra, o Tau hebraico tem o valor numérico 440, Caph 500, Mem 600, Nun 700, Pe 800, Tzadi 900. Um Alpha pontilhado e um Aleph tracejado têm o valor de 1.000.

o sistema pode provar ser lucrativo, mas não tem base na antiguidade. O arranjo das letras e números é o seguinte:

As letras sob cada um dos números têm o valor do algarismo em: o topo da coluna. Assim, na palavra man , M = 4, A = 1, N = 5: um total de 10. Os valores dos números são praticamente os mesmos que os dados pelo sistema pitagórico.

UMA INTRODUÇÃO À TEORIA PITAGÓRICA DOS NÚMEROS

(O seguinte esboço da matemática pitagórica é uma paráfrase dos capítulos iniciais da Aritmética Teórica de Thomas Taylor , a mais rara e importante compilação de fragmentos matemáticos pitagóricos existentes.)

Os pitagóricos declararam que a aritmética é a mãe das ciências matemáticas. Isso é provado pelo fato de que a geometria, a música e a astronomia são dependentes dela, mas ela não é dependente delas. Assim, a geometria pode ser removida, mas a aritmética permanecerá; mas se a aritmética for removida, a geometria é

eliminada. Da mesma forma, a música depende da aritmética, mas a eliminação da música afeta a aritmética apenas ao limitar uma de suas expressões. Os pitagóricos também demonstraram que a aritmética é anterior à astronomia, pois esta depende tanto da geometria quanto da música. O tamanho, a forma e o movimento dos corpos celestes são determinados pelo uso da geometria; sua harmonia e ritmo pelo uso da música. Se a astronomia for removida, nem a geometria nem a música serão prejudicadas; mas se a geometria e a música forem eliminadas, a astronomia será destruída. A prioridade da geometria e da música para a astronomia é, portanto, estabelecida. A aritmética, no entanto, é anterior a tudo; é primária e fundamental.

Pitágoras instruiu seus discípulos que a ciência da matemática é dividida em duas partes principais. A primeira se preocupa com a multidão , ou as partes constituintes de uma coisa, e a segunda com a magnitude , ou o tamanho ou densidade relativa de uma coisa.

A magnitude é dividida em duas partes — magnitude que é estacionária e magnitude que é móvel, tendo a parte estacionária prioridade. A multidão também é dividida em duas partes, pois está relacionada tanto a si mesma quanto a outras coisas, tendo a primeira relação prioridade. Pitágoras atribuiu a ciência da aritmética à multidão relacionada a si mesma, e a arte da música à multidão relacionada a outras coisas. A geometria também foi atribuída à magnitude estacionária, e a esférica (usada parcialmente no sentido da astronomia) à magnitude móvel. Tanto a multidão quanto a magnitude eram circunscritas pela circunferência da mente. A teoria atômica provou que o tamanho é o resultado do número, pois uma massa é composta de unidades minúsculas, embora confundidas pelos desinformados com uma única substância simples.

Devido à condição fragmentária dos registros pitagóricos existentes, é difícil chegar a definições exatas dos termos. Antes que seja possível, no entanto, desdobrar o assunto mais adiante, alguma luz deve ser lançada sobre os significados das palavras número, mônada e um.

A mônada significa (a) o UM todo-inclusivo. Os pitagóricos chamavam a mônada de "número nobre, Senhor dos deuses e dos homens". A mônada também significa (b) a soma de qualquer combinação de números considerados como um todo. Assim, o universo é considerado uma mônada, mas as partes individuais do universo (como os planetas e elementos) são mônadas em relação às partes das quais elas próprias são compostas, embora elas, por sua vez, sejam partes da mônada maior formada de sua soma. A mônada também pode ser comparada (c) à semente de uma árvore que, quando cresce, tem muitos galhos (os números). Em outras palavras, os números são para a mônada o que os galhos da árvore são para a semente da árvore. Do estudo da misteriosa mônada pitagórica, Leibnitz desenvolveu sua magnífica teoria dos átomos do mundo - uma teoria em perfeito acordo com os antigos ensinamentos dos Mistérios, pois o próprio Leibnitz era um iniciado de uma escola secreta. Para alguns pitagóricos, a mônada também é considerada (d) sinônimo do um .

Número é o termo aplicado a todos os numerais e suas combinações. (Uma interpretação estrita do termo número por alguns dos pitagóricos exclui 1 e 2.) Pitágoras define número como sendo a extensão e energia das razões espermáticas contidas na mônada. Os seguidores de Hipaso declararam que o número foi o primeiro padrão usado pelo Demiurgo na formação do universo.

O um foi definido pelos platônicos como "o ápice dos muitos". O um difere da mônada porque o termo mônada é usado para designar a soma das partes consideradas como uma unidade, enquanto o um é o termo aplicado a cada uma de suas partes integrais.

Existem duas ordens de número: ímpar e par . Como a unidade, ou 1, sempre permanece indivisível, o número ímpar não pode ser dividido igualmente. Assim, 9 é 4+1+4, a unidade no centro sendo indivisível. Além disso, se qualquer número ímpar for dividido em duas partes, uma parte será sempre ímpar e a outra par. Assim, 9 pode ser 5+4, 3+6, 7+2 ou 8+1. Os pitagóricos consideravam o número ímpar — do qual a mônada era o protótipo — definido e masculino. No entanto, nem todos concordavam quanto à natureza da unidade, ou 1. Alguns declararam que era positivo, porque se adicionado a um número par (negativo), produz um número ímpar (positivo). Outros demonstraram que se a unidade for adicionada a um número ímpar, este último se torna par, tornando assim o masculino feminino. Unidade, ou 1, portanto, era considerado um número andrógino, participando tanto dos atributos masculinos quanto femininos; consequentemente, tanto ímpar quanto par. Por essa razão, os pitagóricos o chamavam de par-ímpar . Era costume dos pitagóricos oferecer sacrifícios de um número ímpar de objetos aos deuses superiores, enquanto às deusas e espíritos subterrâneos um número par era oferecido.

Qualquer número par pode ser dividido em duas partes iguais, que são sempre ímpares ou pares. Assim, 10 por divisão igual dá 5+5, ambos números ímpares. O mesmo princípio se aplica se o 10 for dividido desigualmente. Por exemplo, em 6+4, ambas as partes são pares; em 7+3, ambas as partes são ímpares; em 8+2, ambas as partes são novamente pares; e em 9+1, ambas as partes são novamente ímpares. Assim, no número par, não importa como ele seja dividido, as partes sempre serão ímpares ou pares. Os pitagóricos consideravam o número par — do qual a dupla era o protótipo — indefinido e feminino.

Os números ímpares são divididos por um artifício matemático — chamado de "Crivo de Eratóstenes" — em três classes gerais: incomposto , composto e incomposto-composto .

Os números incompostos são aqueles que não têm divisor além deles mesmos e da unidade, como 3, 5, 7, 11, 13, 17, 19, 23, 29, 31, 37, 41, 43, 47 e assim por diante. Por exemplo, 7 é divisível apenas por 7, que entra em si mesmo uma vez, e unidade, que entra em 7 sete vezes.

Os números compostos são aqueles que são divisíveis não apenas por si mesmos e pela unidade, mas também por algum outro número, como 9, 15, 21, 25, 27, 33,

39, 45, 51, 57 e assim por diante. Por exemplo, 21 é divisível não apenas por si mesmo e pela unidade, mas também por 3 e por 7.

Os números incompostos-compostos são aqueles que não têm divisor comum, embora cada um deles seja capaz de divisão, como 9 e 25. Por exemplo, 9 é divisível por 3 e 25 por 5, mas nenhum é divisível pelo divisor do outro; portanto, eles não têm divisor comum. Por terem divisores individuais, são chamados compostos; e por não terem divisor comum, são chamados de in, compostos. Consequentemente, o termo incomposto-composto foi criado para descrever suas propriedades.

Os números pares são divididos em três classes: par-par , ímpar-par e ímpar-ímpar .

Os números uniformemente-pares estão todos em razão dupla da unidade; assim: 1, 2, 4, 8, 16, 32, 64, 128, 256, 512 e 1.024. A prova do número perfeitamente uniformemente-pares é que ele pode ser dividido pela metade e as metades novamente divididas pela metade de volta à unidade, como 1/2 de 64 = 32; 1/2 de 32 = 16; 1/2 de 16 = 8; 1/2 de 8 = 4; 1/2 de 4 = 2; 1/2 de 2 = 1; além da unidade é impossível ir.

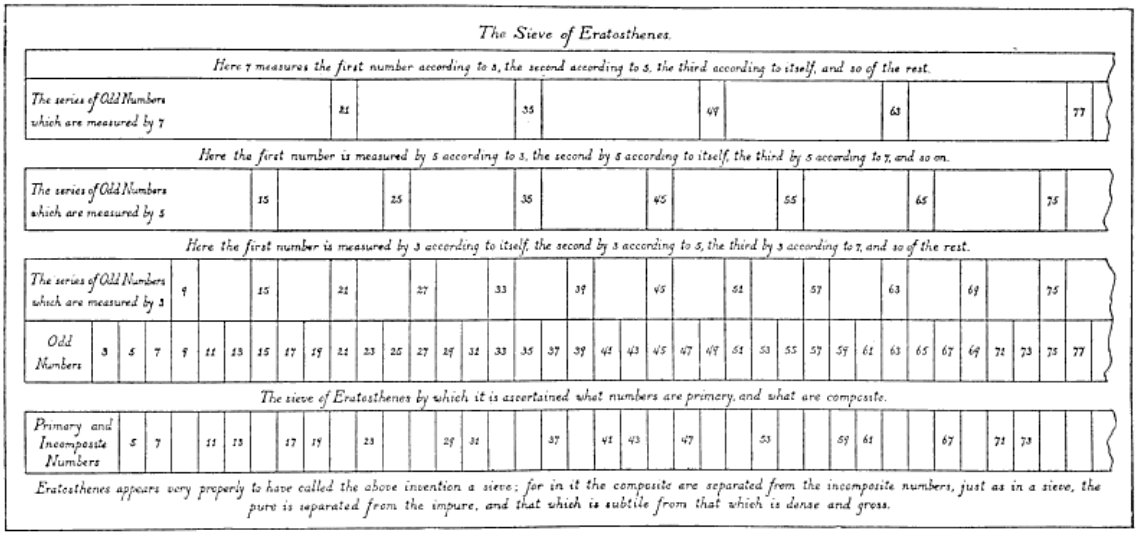
Os números pares-pares possuem certas propriedades únicas. A soma de qualquer número de termos, exceto o último termo, é sempre igual ao último termo menos um. Por exemplo: a soma do primeiro e do segundo termos (1+2) é igual ao terceiro termo (4) menos um; ou, a soma do primeiro, segundo, terceiro e quarto termos (1+2+4+8) é igual ao quinto termo (16) menos um.

Em uma série de números pares-pares , o primeiro multiplicado pelo último é igual ao último, o segundo multiplicado pelo penúltimo é igual ao último, e assim por diante até que em uma série ímpar um número permaneça, que multiplicado por si mesmo é igual ao último número da série; ou, em uma série par, dois números permanecem, que multiplicados um pelo outro dão o último número da série. Por exemplo: 1, 2, 4, 8, 16 é uma série ímpar. O primeiro número (1) multiplicado pelo último número (16) é igual ao último número (16). O segundo número (2) multiplicado pelo penúltimo número (8) é igual ao último número (16). Sendo uma série ímpar, o 4 é deixado no centro, e este multiplicado por si mesmo também é igual ao último número (16).

Os números ímpares são aqueles que, quando divididos pela metade, são incapazes de divisão posterior por divisão pela metade. Eles são formados pegando os números ímpares em ordem sequencial e multiplicando-os por 2. Por esse processo, os números ímpares 1, 3, 5, 7, 9, 11 produzem os números ímpares, 2, 6, 10, 14, 18, 22. Assim, cada quarto número é ímpar. Cada um dos números ímpares pode ser dividido uma vez, como 2, que se torna dois 1's e não pode ser dividido mais; ou 6, que se torna dois 3's e não pode ser dividido mais.

Outra peculiaridade dos números ímpares é que se o divisor for ímpar o quociente é sempre par, e se o divisor for par o quociente é sempre ímpar. Por exemplo: se 18 for dividido por 2 (um divisor par) o quociente é 9 (um número ímpar); se 18 for dividido por 3 (um divisor ímpar) o quociente é 6 (um número par).

Os números ímpares também são notáveis porque cada termo é metade da soma dos termos de cada lado dele. Por exemplo: [parágrafo continua]



O PENEIRO DE ERATÓSTENES.

Redesenhado a partir da Aritmética Teórica de Taylor .

Esta peneira é um dispositivo matemático originado por Eratóstenes por volta de 230 a.C. com o propósito de segregar os números ímpares compostos e incompostos. Seu uso é extremamente simples depois que a teoria já foi dominada. Todos os números ímpares são primeiro organizados em sua ordem natural, conforme mostrado no segundo painel da parte inferior, designado Números Ímpares . Será visto então que todo terceiro número (começando com 3) é divisível por 3, todo quinto número (começando com 5;) é divisível por 5, todo sétimo número (começando com 7) é divisível por 7, todo nono número (começando com 9) é divisível por 9, todo décimo primeiro número (começando com 11) é divisível por 11, e assim por diante até o infinito. Este sistema finalmente peneira o que os pitagóricos chamavam de números "incompostos", ou aqueles que não têm divisor além deles mesmos e da unidade. Eles serão encontrados no painel mais baixo, designado Números Primários e Incompostos . Em sua História da Matemática , David Eugene Smith afirma que Eratóstenes foi um dos maiores estudiosos de Alexandria e foi chamado por seus admiradores de "o segundo Platão". Eratóstenes foi educado em Atenas e é famoso não apenas por sua peneira, mas por ter calculado, por um método muito engenhoso, a circunferência e o diâmetro da Terra. Sua estimativa do diâmetro da Terra era apenas 50 milhas menor do que o diâmetro polar aceito pelos cientistas modernos. Esta e outras realizações matemáticas de Eratóstenes são evidências indiscutíveis de que, no terceiro século antes de Cristo, os gregos não apenas sabiam que a Terra era esférica em fazenda, mas também podiam aproximar, com incrível precisão, seu tamanho real e distância do sol e da lua. Aristarco de Samos, outro grande astrônomo e matemático grego, que viveu por volta de 250 a.C., estabeleceu por dedução filosófica e alguns

instrumentos científicos simples que a Terra girava em torno do sol. Embora Copérnico realmente acreditasse ser o descobridor desse fato, ele apenas reafirmou as descobertas apresentadas por Aristarco mil e setecentos anos antes.

[o parágrafo continua] 10 é metade da soma de 6 e 14; 18 é metade da soma de 14 e 22; e 6 é metade da soma de 2 e 10.

Os números ímpares-ímpares, ou desigualmente pares, são um compromisso entre os números pares-pares e os números pares-ímpares. Ao contrário dos pares-pares, eles não podem ser reduzidos à metade para a unidade; e ao contrário dos pares-ímpares, eles são capazes de mais de uma divisão por redução à metade. Os números ímpares-ímpares são formados pela multiplicação dos números pares-pares acima de 2 pelos números ímpares acima de um. Os números ímpares acima de um são 3, 5, 7, 9, 11 e assim por diante. Os números pares-pares acima de 2 são 4, 8, 16, 32, 64 e assim por diante. O primeiro número ímpar da série (3) multiplicado por 4 (o primeiro número par-pares da série) dá 12, o primeiro número ímpar-ímpar. Ao multiplicar 5, 7, 9, 11 e assim por diante, por 4, os números ímpares-ímpares são encontrados. Os outros números ímpares-ímpares são produzidos multiplicando 3, 5, 7, 9, 11 e assim por diante, por sua vez, pelos outros números pares-pares (8, 16, 32, 64 e assim por diante). Um exemplo da redução pela metade do número ímpar-ímpar é o seguinte: 1/2 de 12 = 6; 1/2 de 6 = 3, que não pode ser reduzido pela metade porque os pitagóricos não dividiam a unidade.

Os números pares também são divididos em três outras classes: superperfeito , deficiente e perfeito .

Números superperfeitos ou superabundantes são aqueles que têm a soma de suas partes fracionárias maior que eles mesmos. Por exemplo: 1/2 de 24 = 12; 1/4 = 6; 1/3 = 8; 1/6 = 4; 1/12 = 2; e 1/24 = 1. A soma dessas partes (12+6+8+4+2+1) é 33, que é maior que 24, o número original.

Números deficientes são aqueles que têm a soma de suas partes fracionárias menor que eles mesmos. Por exemplo: 1/2 de 14 = 7; 1/7 = 2; e 1/14 = 1. A soma dessas partes (7+2+1) é 10, que é menor que 14, o número original.

Números perfeitos são aqueles que têm a soma de suas partes fracionárias igual a si mesmos. Por exemplo: 1/2 de 28 = 14; 1/4 = 7; 1/7 = 4; 1/14 = 2; e 1/28 = 1. A soma dessas partes (14+7+4+2+1) é igual a 28.

Os números perfeitos são extremamente raros. Há apenas um entre 1 e 10, a saber, 6; um entre 10 e 100, a saber, 28; um entre 100 e 1.000, a saber, 496; e um entre 1.000 e 10.000, a saber, 8.128. Os números perfeitos são encontrados pela seguinte regra: O primeiro número da série de números pares-pares (1, 2, 4, 8, 16, 32 e assim por diante) é adicionado ao segundo número da série e, se resultar um número incomposto, ele é multiplicado pelo último número da série de números pares-pares cuja soma o produziu. O produto é o primeiro número perfeito. Por exemplo: o primeiro e o segundo números pares-pares são 1 e 2. A

soma deles é 3, um número incomposto. Se 3 for multiplicado por 2, o último número da série de números pares-pares usados para produzi-lo, o produto é 6, o primeiro número perfeito. Se a adição dos números pares-pares não resultar em um número incomposto, o próximo número par-pares da série deve ser adicionado até que um número incomposto resulte. O segundo número perfeito é encontrado da seguinte maneira: A soma dos números pares-pares 1, 2 e 4 é 7, um número incomposto. Se 7 for multiplicado por 4 (o último da série de números pares-pares usados para produzi-lo), o produto é 28, o segundo número perfeito. Este método de cálculo pode ser continuado até o infinito.

Números perfeitos quando multiplicados por 2 produzem números superabundantes, e quando divididos por 2 produzem números deficientes.

Os pitagóricos desenvolveram sua filosofia a partir da ciência dos números. A seguinte citação de Theoretic Arithmetic é um excelente exemplo dessa prática:

"Os números perfeitos, portanto, são belas imagens das virtudes que são certos meios entre o excesso e o defeito, e não são ápices, como alguns dos antigos supunham que fossem. E o mal, de fato, se opõe ao mal, mas ambos se opõem a um bem. O bem, no entanto, nunca se opõe ao bem, mas a dois males ao mesmo tempo. Assim, a timidez se opõe à audácia, a ambas as quais a falta de verdadeira coragem é comum; mas tanto a timidez quanto a audácia se opõem à fortaleza. A astúcia também se opõe à fatuidade, a ambas as quais a falta de intelecto é comum; e ambas se opõem à prudência. Assim, também, a profusão se opõe à avareza, a ambas as quais a falta de liberalidade é comum; e ambas se opõem à liberalidade. E de maneira semelhante nas outras virtudes; por todas as quais é evidente que os números perfeitos têm uma grande semelhança com as virtudes. Mas eles também se assemelham às virtudes por outro motivo; pois raramente são encontrados, como sendo poucos, e eles são gerados em uma ordem muito constante. Ao contrário, uma multidão infinita de números superabundantes e diminuídos pode ser encontrada, nem eles são dispostos em nenhuma série ordenada, nem gerados de qualquer fim certo; e, portanto, eles têm uma grande semelhança com os vícios, que são numerosos, desordenados e indefinidos."

A TABELA DOS DEZ NÚMEROS

(O seguinte esboço dos números pitagóricos é uma paráfrase dos escritos de Nicômaco, Teão de Esmirna, Proclo, Porfírio, Plutarco, Clemente de Alexandria, Aristóteles e outras autoridades antigas.)

Mônada --1-- é assim chamada porque permanece sempre na mesma condição--isto é, separada da multidão. Seus atributos são os seguintes: É chamada mente, porque a mente é estável e tem preeminência; hermafroditismo, porque é tanto masculina quanto feminina; ímpar e par, pois sendo adicionada ao par torna ímpar, e ao ímpar, par; Deus, porque é o começo e o fim de tudo, mas ela mesma não tem

começo nem fim; boa, pois tal é a natureza de Deus; o receptáculo da matéria, porque produz a dupla, que é essencialmente material.

Pelos pitagóricos, a mônada era chamada de caos, obscuridade, abismo, Tártaro, Estige, abismo, Lete, Atlas, Eixo, Morfo (um nome para Vênus) e Torre ou Trono de Júpiter, por causa do grande poder que reside no centro do universo e controla o movimento circular dos planadores sobre si mesmo. A mônada também é chamada de razão germinal, porque é a origem de todos os pensamentos no universo. Outros nomes dados a ela foram: Apolo, por causa de sua relação com o sol; Prometeu, porque ele trouxe luz ao homem; Pyralios, aquele que existe no fogo; genitura, porque sem ela nenhum número pode existir; substância, porque a substância é primária; causa da verdade; e constituição da sinfonia: todos esses porque é o primordial.

Entre o maior e o menor a mônada é igual; entre a intenção e a remissão ela é média; na multidão ela é média; e no tempo ela é agora, porque

a eternidade não conhece passado nem futuro. É chamado Júpiter, porque ele é Pai e cabeça dos deuses; Vesta, o fogo do lar, porque está localizado no meio do universo e permanece lá inclinando-se para nenhum lado como um ponto em um círculo; forma, porque circunscreve, compreende e termina; amor, concórdia e piedade, porque é indivisível. Outros nomes simbólicos para a mônada são navio, carruagem, Proteu (um deus capaz de mudar sua forma), Mnemosine e Polyonymous (tendo muitos nomes).

Os seguintes nomes simbólicos foram dados à díade — 2 — porque ela foi dividida e é dois em vez de um; e quando há dois, cada um se opõe ao outro: gênio, mal, escuridão, desigualdade, instabilidade, mobilidade, ousadia, fortaleza, contenção, matéria, dessemelhança, partição entre multidão e mônada, defeito, falta de forma, indefinição, indeterminação, harmonia, tolerância, raiz, pés da ideia abundante em fonte, topo, Phanes, opinião, falácia, alteridade, desconfiança, impulso, morte, movimento, geração, mutação, divisão, longitude, aumento, composição, comunhão, infortúnio, sustentação, imposição, casamento, alma e ciência.

Em seu livro, Números , W. Wynn Westcott diz sobre a díade: "ela foi chamada de 'Audácia', por ser o primeiro número a se separar do Divino; do 'Ádito do Silêncio nutrido por Deus', como dizem os oráculos caldeus."

Assim como a mônada é o pai, a díade é a mãe; portanto, a díade tem certos pontos em comum com as deusas Ísis, Reia (mãe de Júpiter), Frígia, Lídia, Dindímene (Cibele) e Ceres; Erato (uma das Musas); Diana, porque a Lua é bifurcada; Dictina, Vênus, Dione, Citera; Juno, porque ela é esposa e irmã de Júpiter; e Maia, a mãe de Mercúrio.

Enquanto a mônada é o símbolo da sabedoria, a dupla é o símbolo da ignorância, pois nela existe o senso de separatividade--cujo senso é o começo da ignorância. A dupla, no entanto, também é a mãe da sabedoria, pois a ignorância--da natureza de si mesma--invariavelmente dá à luz a sabedoria.

Os pitagóricos reverenciavam a mônada, mas desprezavam a dupla, porque era o símbolo da polaridade. Pelo poder da dupla, o abismo foi criado em contradição aos céus. O abismo espelhava os céus e se tornou o símbolo da ilusão, pois o abaixo era meramente um reflexo do acima. O abaixo era chamado de maya , a ilusão, o mar, o Grande Vazio, e para simbolizá-lo os Magos da Pérsia carregavam espelhos. Da dupla surgiram disputas e contendas, até que, ao trazer a mônada entre a dupla, o equilíbrio foi restabelecido pelo Deus-Salvador, que tomou sobre Si a forma de um número e foi crucificado entre dois ladrões pelos pecados dos homens.

A tríade--3--é o primeiro número realmente ímpar (mônada nem sempre é considerada um número). É o primeiro equilíbrio de unidades; portanto, Pitágoras disse que Apolo deu oráculos de um tripé e aconselhou a oferta de libação três vezes. As palavras-chave para as qualidades da tríade são amizade, paz, justiça, prudência, piedade, temperança e virtude. As seguintes divindades participam dos princípios da tríade: Saturno (governante do tempo), Latona, Cornucópias, Ofíon (a grande serpente), Tétis, Hécate, Polimnia (uma musa), Plutão, Tritão, Presidente do Mar, Tritogênia, Aqueloo e as Faces, Fúrias e Graças. Este número é chamado de sabedoria, porque os homens organizam o presente, preveem o futuro e se beneficiam das experiências do jejum. É causa da sabedoria e do entendimento. A tríade é o número do conhecimento--música, geometria e astronomia, e a ciência dos celestiais e terrestres. Pitágoras ensinou que o cubo desse número tinha o poder do círculo lunar.

A sacralidade da tríade e seu símbolo — o triângulo — é derivada do fato de que ela é composta da mônada e da dupla. A mônada é o símbolo do Pai Divino e da dupla da Grande Mãe. A tríade sendo feita desses dois é, portanto, andrógina e é simbólica do fato de que Deus deu à luz Seus mundos a partir de Si mesmo, que em Seu aspecto criativo é sempre simbolizado pelo triângulo. A mônada passando para a dupla era, portanto, capaz de se tornar a mãe da progênie, pois a dupla era o útero de Meru, dentro do qual o mundo foi incubado e dentro do qual ele ainda existe em embrião.

A tétrade--4--era estimada pelos pitagóricos como o número primogênito, a raiz de todas as coisas, a fonte da Natureza e o número mais perfeito. Todas as tétrades são intelectuais; elas têm uma ordem emergente e circundam o mundo enquanto o Empíreo passa por ele. Por que os pitagóricos expressaram Deus como uma tétrade é explicado em um discurso sagrado atribuído a Pitágoras, no qual Deus é chamado de Número dos Números. Isso ocorre porque a década, ou 10, é composta de 1, 2, 3 e 4. O número 4 é simbólico de Deus porque é simbólico dos quatro primeiros números. Além disso, a tétrade é o centro da semana, estando no meio do caminho entre 1 e 7. A tétrade também é o primeiro sólido geométrico.

Pitágoras sustentou que a alma do homem consiste em uma tétrade, sendo os quatro poderes da alma mente, ciência, opinião e sentido. A tétrade conecta todos os seres, elementos, números e estações; nem pode ser nomeado nada que não dependa da tetractys. É a Causa e Criador de todas as coisas, o Deus inteligível, Autor do bem celestial e sensível, Plutarco interpreta esta tetractys, que ele disse também ser chamada de mundo, como sendo 36, consistindo dos quatro primeiros números ímpares adicionados aos quatro primeiros números pares, assim:

1 + 3 +5 +7 = 16

2 + 4 + 6 + 8 = 20

36

Palavras-chave dadas à tétrade são impetuosidade, força, virilidade, bimaternal e a guardiã das chaves da Natureza, porque a constituição universal não pode existir sem ela. Também é chamada de harmonia e a primeira profundidade. As seguintes divindades participaram da natureza da tétrade: Hércules, Mercúrio, Vulcano, Baco e Urânia (uma das Musas).

A tríade representa as cores primárias e os planetas maiores, enquanto a tétrade representa as cores secundárias e os planetas menores. Do primeiro triângulo surgem os sete espíritos, simbolizados por um triângulo e um quadrado. Juntos, eles formam o avental maçônico.

O pentagrama--5--é a união de um número ímpar e um par (3 e 2). Entre os gregos, o pentagrama era um símbolo sagrado de luz, saúde e vitalidade. Ele também simbolizava o quinto elemento--éter--porque é livre das perturbações dos quatro elementos inferiores. Ele é chamado de equilíbrio, porque divide o número perfeito 10 em duas partes iguais.

O pentado é simbólico da Natureza, pois, quando multiplicado por si mesmo, ele retorna a si mesmo, assim como grãos de trigo, começando na forma de semente, passam pelos processos da Natureza e reproduzem a semente do trigo como a forma final de seu próprio crescimento. Outros números multiplicados por si mesmos produzem outros números, mas apenas 5 e 6 multiplicados por si mesmos representam e retêm seu número original como o último algarismo em seus produtos.

O pentado representa todos os seres superiores e inferiores. Às vezes é chamado de hierofante, ou sacerdote dos Mistérios, por causa de sua conexão com os éteres espirituais, por meio dos quais o desenvolvimento místico é alcançado. Palavras-chave do pentado são reconciliação, alternância, casamento, imortalidade, cordialidade, Providência e som. Entre as divindades que participaram da natureza do pentado estavam Pallas, Nêmesis, Bubastia (Bast), Vênus, Androgynia, Citera e os mensageiros de Júpiter.

A tétrade (os elementos) mais a mônada é igual à tétrade. Os pitagóricos ensinavam que os elementos terra, fogo, ar e água eram permeados por uma substância chamada éter — a base da vitalidade e da vida. Portanto, eles escolheram a estrela de cinco pontas, ou pentagrama, como o símbolo da vitalidade, saúde e interpenetração.

Era costume dos filósofos esconder o elemento terra sob o símbolo de um dragão, e muitos dos heróis da antiguidade foram instruídos a ir adiante e matar o dragão. Portanto, eles cravaram sua espada (a mônada) no corpo do dragão (a tétrade). Isso resultou na formação da pentade, um símbolo da vitória da natureza espiritual sobre a natureza material. Os quatro elementos são simbolizados nos primeiros

escritos bíblicos como os quatro rios que jorravam do Jardim do Éden. Os próprios elementos estão sob o controle dos Querubins compostos de Ezequiel.

Os pitagóricos sustentavam que a hexade--6--representava, como Clemente de Alexandria concebia, a criação do mundo de acordo com os profetas e os antigos Mistérios. Era chamado pelos pitagóricos de perfeição de todas as partes. Esse número era particularmente sagrado para Orfeu, e também para o Destino, Lachesis, e a Musa, Thalia. Era chamado de forma das formas, a articulação do universo e o criador da alma.

Entre os gregos, a harmonia e a alma eram consideradas semelhantes em natureza, porque todas as almas são harmônicas. O hexad também é o símbolo do casamento, porque é formado pela união de dois triângulos, um masculino e outro feminino. Entre as palavras-chave dadas ao hexad estão: tempo, pois é a medida da duração; panaceia, porque a saúde é equilíbrio, e o hexad é um número de equilíbrio; o mundo, porque o mundo, como o hexad, é frequentemente visto como consistindo de contrários pela harmonia; onissuficiente, porque suas partes são suficientes para a totalidade (3 +2 + 1 = 6); incansável, porque contém os elementos da imortalidade.

Pelos pitagóricos, o heptal--7--era chamado de "digno de veneração". Era considerado o número da religião, porque o homem é controlado por sete espíritos celestiais aos quais é apropriado que ele faça oferendas. Era chamado de número da vida, porque acreditava-se que criaturas humanas nascidas no sétimo mês de vida embrionária geralmente viviam, mas aquelas nascidas no oitavo mês frequentemente morriam. Um autor o chamou de Virgem sem Mãe, Minerva, porque não nasceu de uma mãe, mas da coroa, ou da cabeça do Pai, a mônada. Palavras-chave do heptal são fortuna, ocasião, custódia, controle, governo, julgamento, sonhos, vozes, sons e aquilo que leva todas as coisas ao seu fim. Divindades cujos atributos eram expressos pelo heptal eram Égide, Osíris, Marte e Cleo (uma das Musas).

Entre muitas nações antigas, o heptad é um número sagrado. Os Elohim dos judeus eram supostamente sete em número. Eles eram os Espíritos do Amanhecer, mais comumente conhecidos como os Arcanjos controlando os planetas. Os sete Arcanjos, com os três espíritos controlando o sol em seu aspecto triplo, constituem o 10, a sagrada decad pitagórica. A misteriosa tetractys pitagórica, ou quatro fileiras de pontos, aumentando de 1 a 4, era um símbolo dos estágios da criação. A grande verdade pitagórica de que todas as coisas na Natureza são regeneradas através da decad, ou 10, é sutilmente preservada na Maçonaria através dessas garras sendo efetuadas pela união de 10 dedos, cinco na mão de cada pessoa.

O 3 (espírito, mente e alma) desce para o 4 (o mundo), a soma sendo o 7, ou a natureza mística do homem, consistindo de um corpo espiritual triplo e uma forma material quádrupla. Estes são simbolizados pelo cubo, que tem seis superfícies e um misterioso sétimo ponto dentro. As seis superfícies são as direções: norte, leste, sul, oeste, cima e baixo; ou, frente, trás, direita, esquerda, acima e abaixo; ou novamente, terra, fogo, ar, água, espírito e matéria. No meio destes está o 1, que é a figura ereta do homem, de cujo centro no cubo irradiam seis pirâmides.

Disto vem o grande axioma oculto: "O centro é o pai das direções, das dimensões e das distâncias."

O heptal é o número da lei, porque é o número dos Criadores da Lei Cósmica, os Sete Espíritos diante do Trono.

A ogdóade--8--era sagrada porque era o número do primeiro cubo, cuja forma tinha oito cantos, e era o único número par-par abaixo de 10 (1-2-4-8-4-2-1). Assim, o 8 é dividido em dois 4's, cada 4 é dividido em dois 2's, e cada 2 é dividido em dois 1's, restabelecendo assim a mônada. Entre as palavras-chave da ogdóade estão amor, conselho, prudência, lei e conveniência. Entre as divindades que participavam de sua natureza estavam Panarmonia, Rhea, Cibele, Cadmæa, Dindymene, Orcia, Netuno, Themis e Euterpe (uma Musa).

O ogdoad era um número misterioso associado aos Mistérios Eleusinos da Grécia e ao Cabiri. Era chamado de pequeno número sagrado. Derivava sua forma em parte das cobras retorcidas no Caduceu de Hermes e em parte do movimento serpentino dos corpos celestes; possivelmente também dos nodos da lua.

A enéade — 9 — era o primeiro quadrado de um número ímpar (3x3). Era associada ao fracasso e à deficiência porque ficava aquém do número perfeito 10 por um. Era chamada de número do homem, por causa dos nove meses de sua vida embrionária. Entre suas palavras-chave estão oceano e horizonte, porque para os antigos eram ilimitados. A enéade é o número ilimitado porque não há nada além dele, exceto o infinito 10. Era chamada de limite e limitação, porque reunia todos os números dentro de si. Era chamada de esfera do ar, porque cercava os números como o ar cerca a terra. Entre os deuses e deusas que participavam em maior ou menor grau de sua natureza estavam Prometeu, Vulcano, Juno, a irmã e esposa de Júpiter, Pæan e Aglaia, Tritogenia, Curetes, Proserpina, Hyperion e Terpsichore (uma musa).

O 9 era visto como maligno, porque era um 6 invertido. De acordo com os Mistérios Eleusinos, era o número das esferas pelas quais a consciência passava em seu caminho para o nascimento. Por causa de sua semelhança próxima com o espermatozoide, o 9 foi associado à vida germinal.

A decad--10--de acordo com os pitagóricos, é o maior dos números, não apenas porque é a tetractys (os 10 pontos), mas porque compreende todas as proporções aritméticas e harmônicas. Pitágoras disse que 10 é a natureza do número, porque todas as nações contam com ele e quando chegam a ele retornam à mônada. A decad era chamada de céu e mundo, porque o primeiro inclui o último. Sendo um número perfeito, a decad era aplicada pelos pitagóricos às coisas relacionadas à idade, poder, fé, necessidade e poder da memória. Também era chamada de incansável, porque, como Deus, era incansável. Os pitagóricos dividiam os corpos celestes em dez ordens. Eles também afirmavam que a decad aperfeiçoava todos os números e compreendia em si a natureza do ímpar e do par, do movido e do imóvel, do bom e do mau. Eles associaram seu poder às seguintes divindades: Atlas (pois carregava os números em seus ombros), Urânia, Mnemosine, o Sol, Fanes e o Deus Único.

O sistema decimal provavelmente remonta à época em que era costume contar nos dedos, sendo estes um dos dispositivos de cálculo mais primitivos

O Corpo Humano no Simbolismo

O mais antigo, o mais profundo, o mais universal de todos os símbolos é o corpo humano. Os gregos, persas, egípcios e hindus consideravam uma análise filosófica da natureza trina do homem como uma parte indispensável do treinamento ético e religioso. Os Mistérios de cada nação ensinavam que as leis, elementos e poderes do universo eram resumidos na constituição humana; que tudo o que existia fora do homem tinha seu análogo dentro do homem. O universo, sendo imensurável em sua imensidão e inconcebível em sua profundidade, estava além da estimativa mortal. Até os próprios deuses podiam compreender apenas uma parte da glória inacessível que era sua fonte. Quando temporariamente permeado com entusiasmo divino, o homem pode transcender por um breve momento as limitações de sua própria personalidade e contemplar em parte aquela efulgência celestial na qual toda a criação é banhada. Mas mesmo em seus períodos de maior iluminação o homem é incapaz de imprimir na substância de sua alma racional uma imagem perfeita da expressão multiforme da atividade celestial.

Reconhecendo a futilidade de tentar lidar intelectualmente com aquilo que transcende a compreensão das faculdades racionais, os primeiros filósofos voltaram sua atenção da Divindade inconcebível para o próprio homem, com dentro dos estreitos limites de cuja natureza eles encontraram manifestados todos os mistérios das esferas externas. Como resultado natural dessa prática, foi fabricado um sistema teológico secreto no qual Deus era considerado o Grande Homem e, inversamente, o homem como o pequeno deus. Continuando essa analogia, o universo era considerado um homem e, inversamente, o homem como um universo em miniatura. O universo maior era denominado Macrocosmo — o Grande Mundo ou Corpo — e a Vida Divina ou entidade espiritual que controlava suas funções era chamada de Macroprosophus . O corpo do homem, ou o universo humano individual, era denominado Microcosmo , e a Vida Divina ou entidade espiritual que controlava suas funções era chamada de Microprosophus . Os Mistérios pagãos estavam primariamente preocupados em instruir os neófitos na verdadeira relação existente entre o Macrocosmo e o Microcosmo -- em outras palavras, entre Deus e o homem. Consequentemente, a chave para essas analogias entre os órgãos e funções do homem Microcósmico e aqueles do Homem Macrocósmico constituíam a posse mais valiosa dos primeiros iniciados.

Em Ísis Sem Véu , HP Blavatsky resume o conceito pagão do homem da seguinte forma: "O homem é um pequeno mundo — um microcosmo dentro do grande universo. Como um feto, ele é suspenso, por todos os seus três espíritos, na matriz do macrocosmo; e enquanto seu corpo terrestre está em constante simpatia com sua terra-mãe, sua alma astral vive em uníssono com a anima mundi sideral . Ele está nela, assim como ela está nele, pois o elemento que permeia o mundo

preenche todo o espaço e é o próprio espaço, apenas sem limites e infinito. Quanto ao seu terceiro espírito, o divino, o que é senão um raio infinitesimal, uma das inúmeras radiações procedentes diretamente da Causa Mais Elevada — a Luz Espiritual do Mundo? Esta é a trindade da natureza orgânica e inorgânica — o espiritual e o físico, que são três em um, e dos quais Proclo diz que 'A primeira mônada é o Deus Eterno; a segunda, a eternidade; a terceira, o paradigma ou padrão do universo;' os três que constituem a Tríade Inteligível."

Muito antes da introdução da idolatria na religião, os primeiros sacerdotes fizeram com que a estátua de um homem fosse colocada no santuário do templo. Esta figura humana simbolizava o Poder Divino em todas as suas manifestações intrincadas. Assim, os sacerdotes da antiguidade aceitaram o homem como seu livro didático e, por meio do estudo dele, aprenderam a entender os mistérios maiores e mais abstrusos do esquema celestial do qual faziam parte. Não é improvável que esta figura misteriosa de pé sobre os altares primitivos tenha sido feita na natureza de um manequim e, como certas mãos emblemáticas nas escolas de Mistérios, fosse coberta com hieróglifos esculpidos ou pintados. A estátua pode ter se aberto, mostrando assim as posições relativas dos órgãos, ossos, músculos, nervos e outras partes. Após eras de pesquisa, o manequim se tornou uma massa de hieróglifos intrincados e figuras simbólicas. Cada parte tinha seu significado secreto. As medidas formaram um padrão básico por meio do qual era possível medir todas as partes do cosmos. Era um glorioso emblema composto de todo o conhecimento possuído pelos sábios e hierofantes.

Então veio a era da idolatria. Os Mistérios decaíram por dentro. Os segredos foram perdidos e ninguém sabia a identidade do homem misterioso que estava sobre o altar. Foi lembrado apenas que a figura era um símbolo sagrado e glorioso do Poder Universal, e ele: finalmente passou a ser visto como um deus--Aquele em cuja imagem o homem foi feito. Tendo perdido o conhecimento do propósito para o qual o manequim foi originalmente construído, os sacerdotes adoraram esta efígie até que finalmente sua falta de compreensão espiritual trouxe o templo em ruínas sobre suas cabeças e a estátua desmoronou com a civilização que havia esquecido seu significado.

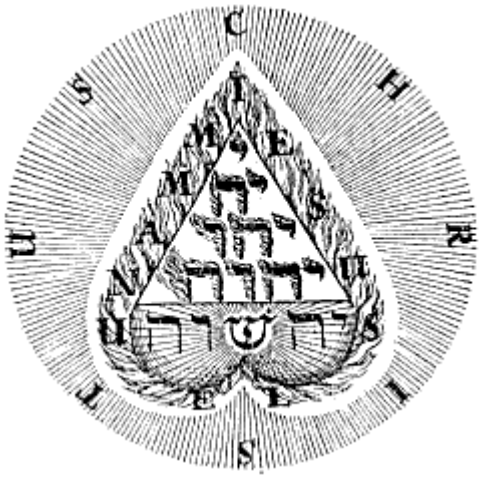
Partindo dessa suposição dos primeiros teólogos de que o homem é realmente moldado à imagem de Deus, as mentes iniciadas de eras passadas ergueram a estupenda estrutura da teologia sobre a fundação do corpo humano. O mundo religioso de hoje é quase totalmente ignorante do fato de que a ciência da biologia é a fonte de suas doutrinas e princípios. Muitos dos códigos e leis que os teólogos modernos acreditam terem sido revelações diretas da Divindade são, na realidade, o fruto de eras de paciente investigação das complexidades da constituição humana e das infinitas maravilhas reveladas por tal estudo.

Em quase todos os livros sagrados do mundo pode ser traçada uma analogia anatômica. Isso é mais evidente em seus mitos de criação. Qualquer pessoa familiarizada com embriologia e obstetrícia não terá dificuldade em reconhecer a base da alegoria sobre Adão e Eva e o Jardim do Éden, os nove graus dos Mistérios Eleusinos e a lenda bramânica das encarnações de Vishnu. A história do Ovo Universal, o mito escandinavo de Ginnungagap (a fenda escura no espaço em que a

semente do mundo é semeada) e o uso do peixe como emblema do poder gerador paterno - todos mostram a verdadeira origem da especulação teológica. Os filósofos da antiguidade perceberam que o próprio homem era a chave para o enigma da vida, pois ele era a imagem viva do Plano Divino, e em eras futuras a humanidade também perceberá mais plenamente a importância solene daquelas palavras antigas: "O estudo adequado da humanidade é o homem."

Tanto Deus quanto o homem têm uma constituição dupla, da qual a parte superior é invisível e a inferior visível. Em ambos há também uma esfera intermediária, marcando o ponto onde essas naturezas visíveis e invisíveis se encontram. Assim como a natureza espiritual de Deus controla Sua forma universal objetiva — que é na verdade uma ideia cristalizada — assim a natureza espiritual do homem é a causa invisível e o poder controlador de sua personalidade material visível. Assim, é evidente que o espírito do homem tem a mesma relação com seu corpo material que Deus tem com o universo objetivo. Os Mistérios ensinavam que o espírito, ou vida, era anterior à forma e que o que é anterior inclui tudo o que é posterior a si mesmo. O espírito sendo anterior à forma, a forma está, portanto, incluída no reino do espírito. Também é uma declaração ou crença popular que o espírito do homem está dentro de seu corpo. De acordo com as conclusões da filosofia e da teologia, no entanto, essa crença é errônea, pois o espírito primeiro circunscreve uma área e então se manifesta dentro dela. Filosoficamente falando, a forma, sendo uma parte do espírito, está dentro do espírito; mas: o espírito é mais do que a soma da forma. Assim como a natureza material do homem está, portanto, dentro da soma do espírito, a Natureza Universal, incluindo todo o sistema sideral, está dentro da essência onipresente de Deus — o Espírito Universal.

De acordo com outro conceito da sabedoria antiga, todos os corpos — sejam espirituais ou materiais — têm três centros, chamados pelos gregos de centro superior , centro médio e centro inferior . Uma aparente ambiguidade será notada aqui. Diagramar ou simbolizar adequadamente verdades mentais abstratas é impossível, pois a representação diagramática de um aspecto de relacionamentos metafísicos pode ser uma contradição real de algum outro aspecto. Enquanto aquilo que



O TETRAGRAMMATON NO CORAÇÃO HUMANO.

Dos Livros Apologéticos de Böhme .

O Tetragrama, ou Nome de Deus de quatro letras, é aqui organizado como uma tetractys dentro do coração humano invertido. Abaixo, o nome Jeová é mostrado transformado em Jehoshua pela interpolação da letra hebraica radiante no, Shin . O desenho como um todo representa o trono de Deus e Suas hierarquias dentro do coração do homem. No primeiro livro de seu Libri Apologetici , Jakob Böhme descreve assim o significado do símbolo: "Pois nós, homens, temos um livro em comum que aponta para Deus. Cada um o tem dentro de si, que é o inestimável Nome de Deus. Suas letras são as chamas de Seu amor, que Ele, de Seu coração, no inestimável Nome de Jesus, revelou em nós. Leia essas letras em seus corações e espíritos e você terá livros suficientes. Todos os escritos dos filhos de Deus o direcionam para aquele livro, pois nele estão todos os tesouros da sabedoria. * * * Este livro é Cristo em você."

está acima é geralmente considerado superior em dignidade e poder, na realidade o que está no centro é superior e anterior tanto ao que é dito estar acima quanto ao que é dito estar abaixo. Portanto, deve-se dizer que o primeiro — que é considerado estar acima — está na verdade no centro, enquanto os outros dois (que são ditos estar acima ou abaixo) estão na verdade abaixo. Este ponto pode ser ainda mais simplificado se o leitor considerar acima como indicando grau de proximidade à fonte e abaixo como indicando grau de distância da fonte, a fonte sendo posicionada no centro real e a distância relativa sendo os vários pontos ao longo dos raios do centro em direção à circunferência. Em questões relativas à filosofia e teologia, para cima pode ser considerado em direção ao centro e para baixo em direção à circunferência. O centro é espírito; a circunferência é matéria. Portanto, para cima é em direção ao espírito ao longo de uma escala ascendente de espiritualidade; para baixo é em direção à matéria ao longo de uma escala ascendente de materialidade. O último conceito é parcialmente expresso pelo ápice de um cone que, quando visto de cima, é visto como um ponto no centro exato da circunferência formada pela base do cone.

Esses três centros universais — o de cima, o de baixo e o elo que os une — representam três sóis ou três aspectos de um sol — centros de efulgência. Eles também têm seus análogos nos três grandes centros do corpo humano, que, como o universo físico, é uma fabricação demiúrgica. "O primeiro desses [sóis]", diz Thomas Taylor, "é análogo à luz quando vista subsistindo em sua fonte, o sol; o segundo, à luz imediatamente procedente do sol; e o terceiro, ao esplendor comunicado a outras naturezas por essa luz."

Como o centro superior (ou espiritual) está no meio dos outros dois, seu análogo no corpo físico é o coração — o órgão mais espiritual e misterioso do corpo humano. O segundo centro (ou o elo entre os mundos superior e inferior) é elevado à posição de maior dignidade física — o cérebro. O terceiro centro (ou inferior) é relegado à posição de menor dignidade física, mas de maior importância física — o sistema generativo. Assim, o coração é simbolicamente a fonte da vida; o cérebro, o elo pelo qual, por meio da inteligência racional, a vida e a forma são unidas; e o

sistema generativo — ou criador infernal — a fonte daquele poder pelo qual os organismos físicos são produzidos. Os ideais e aspirações do indivíduo dependem amplamente de qual desses três centros de poder predomina em escopo e atividade de expressão. No materialista, o centro inferior é o mais forte, no intelectualista, o centro superior; mas no iniciado, o centro do meio — ao banhar os dois extremos em uma inundação de esplendor espiritual — controla integralmente tanto a mente quanto o corpo.

Assim como a luz dá testemunho da vida — que é sua fonte — assim a mente dá testemunho do espírito, e a atividade em um plano ainda mais baixo dá testemunho da inteligência. Assim, a mente dá testemunho do coração, enquanto o sistema generativo, por sua vez, dá testemunho da mente. Consequentemente, a natureza espiritual é mais comumente simbolizada por um coração; o poder intelectual por um olho aberto, simbolizando a glândula pineal ou olho ciclópico, que é o Janus de duas faces dos Mistérios pagãos; e o sistema generativo por uma flor, um cajado, uma taça ou uma mão.

Enquanto todos os Mistérios reconheciam o coração como o centro da consciência espiritual, eles frequentemente ignoravam propositalmente esse conceito e usavam o coração em seu sentido exotérico como o símbolo da natureza emocional. Nesse arranjo, o centro gerador representava o corpo físico, o coração, o corpo emocional, e o cérebro, o corpo mental. O cérebro representava a esfera superior, mas depois que os iniciados passavam pelos graus inferiores, eles eram instruídos que o cérebro era o representante da chama espiritual que habitava os recessos mais íntimos do coração. O estudante de esoterismo descobre logo que os antigos frequentemente recorriam a vários disfarces para ocultar as verdadeiras interpretações de seus Mistérios. A substituição do cérebro pelo coração era um desses disfarces.

Os três graus dos antigos Mistérios eram, com poucas exceções, dados em câmaras que representavam os três grandes centros dos corpos humano e Universal. Se possível, o próprio templo era construído na forma do corpo humano. O candidato entrava entre os pés e recebia o grau mais alto no ponto correspondente ao cérebro. Assim, o primeiro grau era o mistério material e seu símbolo era o sistema generativo; ele elevava o candidato através dos vários graus do pensamento concreto. O segundo grau era dado na câmara correspondente ao coração, mas representava o poder médio que era o elo mental. Aqui o candidato era iniciado nos mistérios do pensamento abstrato e elevado tão alto quanto a mente era capaz de penetrar. Ele então passava para a terceira câmara, que, análoga ao cérebro, ocupava a posição mais alta no templo, mas, análoga ao coração, era da maior dignidade. Na câmara do cérebro, o mistério do coração era dado. Aqui o iniciado pela primeira vez compreendia verdadeiramente o significado daquelas palavras imortais: "Como um homem pensa em seu coração, assim ele é." Assim como há sete corações no cérebro, também há sete cérebros no coração, mas esta é uma questão de superfísica sobre a qual pouco pode ser dito no momento.

Proclo escreve sobre este assunto no primeiro livro de Sobre a Teologia de Platão : "De fato, Sócrates no (Primeiro) Alcibíades observa corretamente que a alma que entra em si mesma contemplará todas as outras coisas e a própria divindade. Pois,

beirando sua própria união e o centro de toda a vida, deixando de lado a multidão e a variedade de todos os poderes múltiplos que ela contém, ela ascende às mais altas ofertas da torre de vigia. E como no mais sagrado dos mistérios, eles dizem que os místicos primeiro se encontram com os gêneros multiformes e multiformes, que são lançados diante dos deuses, mas ao entrar no templo, impassíveis e protegidos pelos ritos místicos, eles genuinamente recebem em seu seio [coração] a iluminação divina e, despojados de suas vestes, como diriam, participam de uma natureza divina; o mesmo modo, como me parece, ocorre na especulação de totalidades. Pois a alma, ao olhar para as coisas posteriores a si mesma, contempla o sombras e imagens de seres, mas quando ela se converte a si mesma, ela desenvolve sua própria essência e as razões que ela contém. E a princípio, de fato, ela apenas se contempla; mas, quando ela penetra mais profundamente no conhecimento de si mesma, ela encontra em si tanto o intelecto quanto as ordens dos seres. Quando, no entanto, ela prossegue em seus recessos interiores e no adytum, por assim dizer, da alma, ela percebe com os olhos fechados [sem a ajuda da mente inferior], o gênero dos deuses e as unidades dos seres. Pois todas as coisas estão em nós psiquicamente, e por meio disso somos naturalmente capazes de conhecer todas as coisas, excitando os poderes e as imagens de totalidades que nós contemos."

Os iniciados de antigamente alertavam seus discípulos de que uma imagem não é uma realidade, mas meramente a objetivação de uma ideia subjetiva. A imagem dos deuses não foi projetada para ser objeto de adoração, mas deveria ser considerada meramente como emblemas ou lembretes de poderes e princípios invisíveis. Similarmente, o corpo do homem não deve ser considerado como o indivíduo, mas somente como a casa do indivíduo, da mesma maneira que o templo era a Casa de Deus. Em um estado de grosseria e perversão, o corpo do homem é o túmulo ou prisão de um divino

DECORADO À MÃO COM EFIGURAÇÕES DE JESUS CRISTO, DA VIRGEM MARIA E DOS DOZE APÓSTOLOS.

De uma impressão antiga, cortesia de Carl Oscar Borg.

Sobre as doze falanges dos dedos, aparecem as semelhanças dos Apóstolos, cada um carregando seu próprio símbolo apropriado. No caso daqueles que sofreram o martírio, o símbolo significa o instrumento da morte. Assim, o símbolo de Santo André é uma cruz; de Santo Tomás, um dardo ou um esquadro de construtor; de São Tiago Menor, um porrete; de São Filipe, uma cruz; de São Bartolomeu, uma grande faca ou cimitarra; de São Mateus, uma espada ou lança (às vezes uma bolsa); de São Simão, um porrete ou serra; de São Matias, um machado; e de São Judas, uma alabarda. Os Apóstolos cujos símbolos não se relacionam com seu martírio são São Pedro, que carrega duas chaves cruzadas, uma de ouro e uma de prata; São Tiago, o Grande, que carrega um cajado de peregrino e uma concha de escalope; e São João, que segura uma taça da qual o veneno milagrosamente partiu na forma de uma serpente. (Veja Handbook of Christian Symbolism .) A figura de Cristo sobre a segunda falange do polegar não segue o sistema pagão de

designar a primeira Pessoa da Tríade Criativa para esta Posição. Deus Pai deve ocupar a segunda falange, Deus Filho a primeira falange, enquanto a Deus Espírito Santo é atribuída a base do polegar.--Além disso, de acordo com o arranjo filosófico, a Virgem deve ocupar a base do polegar, que é sagrada para a lua.

princípio; em um estado de desdobramento e regeneração, é a Casa ou Santuário da Divindade por cujos poderes criativos foi moldada. "A personalidade é suspensa por um fio da natureza do Ser", declara a obra secreta. O homem é essencialmente um princípio permanente e imortal; apenas seus corpos passam pelo ciclo de nascimento e morte. O imortal é a realidade; o mortal é a irrealidade. Durante cada período da vida terrena, a realidade, portanto, habita na irrealidade, para ser libertada dela temporariamente pela morte e permanentemente pela iluminação.

Embora geralmente considerados politeístas, os pagãos ganharam essa reputação não porque adoravam mais de um Deus, mas sim porque personificavam os atributos desse Deus, criando assim um panteão de divindades posteriores, cada uma manifestando uma parte do que o Deus Único manifestou como um todo. Os vários panteões de religiões antigas, portanto, na verdade representam os atributos catalogados e personificados da Divindade. Nesse aspecto, eles correspondem às hierarquias dos cabalistas hebreus. Todos os deuses e deusas da antiguidade, consequentemente, têm suas analogias no corpo humano, assim como os elementos, planetas e constelações que foram designados como veículos apropriados para esses celestiais. Quatro centros corporais são atribuídos aos elementos, os sete órgãos vitais aos planetas, as doze partes e membros principais ao zodíaco, as partes invisíveis da natureza divina do homem a várias divindades supramundanas, enquanto o Deus oculto foi declarado manifestado através da medula nos ossos.

É difícil para muitos perceberem que eles são universos reais; que seus corpos físicos são uma natureza visível através da estrutura da qual inúmeras ondas de vida em evolução estão desdobrando suas potencialidades latentes. No entanto, através do corpo físico do homem, não apenas um mineral, uma planta e um reino animal estão evoluindo, mas também classificações e divisões desconhecidas da vida espiritual invisível. Assim como as células são unidades infinitesimais na estrutura do homem, o homem é uma unidade infinitesimal na estrutura do universo. Uma teologia baseada no conhecimento e na apreciação desses relacionamentos é tão profundamente justa quanto profundamente verdadeira.

Como o corpo físico do homem tem cinco extremidades distintas e importantes — duas pernas, dois braços e uma cabeça, das quais a última governa as quatro primeiras — o número 5 foi aceito como o símbolo do homem. Por seus quatro cantos, a pirâmide simboliza os braços e pernas, e por seu ápice, a cabeça, indicando assim que um poder racional controla quatro cantos irracionais. As mãos e os pés são usados para representar os quatro elementos, dos quais os dois pés são terra e água, e as duas mãos, fogo e ar. O cérebro então simboliza o quinto elemento sagrado — éter — que controla e une os outros quatro. Se os pés forem colocados juntos e os braços estendidos, o homem então simboliza a cruz com o intelecto racional como a cabeça ou membro superior.

Os dedos das mãos e dos pés também têm um significado especial. Os dedos dos pés representam os Dez Mandamentos da lei física e os dedos os Dez Mandamentos da lei espiritual. Os quatro dedos de cada mão representam os quatro elementos e as três falanges de cada dedo representam as divisões do elemento, de modo que em cada mão há doze partes para os dedos, que são análogas aos signos do zodíaco, enquanto as duas falanges e a base de cada polegar significam a Divindade tríplice. A primeira falange corresponde ao aspecto criativo, a segunda ao aspecto preservativo e a base ao aspecto generativo e destrutivo. Quando as mãos são reunidas, o resultado são os vinte e quatro Anciãos e os seis Dias da Criação.

No simbolismo, o corpo é dividido verticalmente em metades, a metade direita sendo considerada como luz e a metade esquerda como escuridão. Para aqueles não familiarizados com os verdadeiros significados de luz e escuridão, a metade clara era denominada espiritual e a metade esquerda material. A luz é o símbolo da objetividade; a escuridão da subjetividade. A luz é uma manifestação da vida e, portanto, é posterior à vida. O que é anterior à luz é a escuridão, na qual a luz existe temporariamente, mas a escuridão permanentemente. Como a vida precede a luz, seu único símbolo é a escuridão, e a escuridão é considerada como o véu que deve ocultar eternamente a verdadeira natureza do Ser abstrato e indiferenciado.

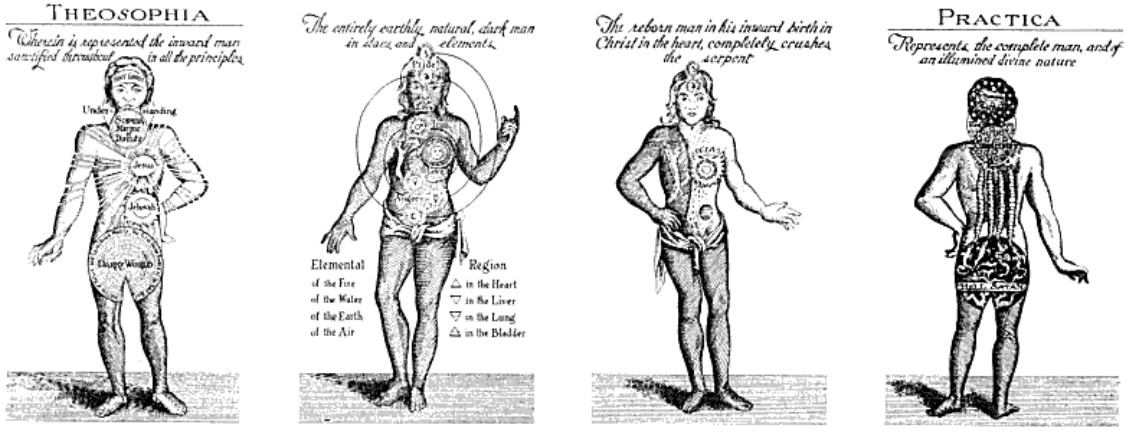
Nos tempos antigos, os homens lutavam com o braço direito e defendiam os centros vitais com o braço esquerdo, no qual era carregado o escudo protetor. A metade direita do corpo era considerada ofensiva e a metade esquerda defensiva. Por esta razão, também o lado direito do corpo era considerado masculino e o lado esquerdo feminino. Várias autoridades são da opinião de que a atual prevalência de destros na raça é o resultado do costume de segurar a mão esquerda em contenção para fins defensivos. Além disso, assim como a fonte do Ser está na escuridão primordial que precedeu a luz, a natureza espiritual do homem está na parte escura de seu ser, pois o coração está no lado esquerdo.

Entre os curiosos equívocos que surgem da falsa prática de associar a escuridão ao mal está um pelo qual várias nações antigas usavam a mão direita para todos os trabalhos construtivos e a mão esquerda apenas para aqueles propósitos considerados impuros e impróprios para a visão dos deuses. Pela mesma razão, a magia negra era frequentemente referida como o caminho da mão esquerda, e dizia-se que o céu ficava à direita e o inferno à esquerda. Alguns filósofos declararam ainda que havia dois métodos de escrita: um da esquerda para a direita, que era considerado o método exotérico; o outro da direita para a esquerda, que era considerado esotérico. A escrita exotérica era aquela que era feita fora ou longe do coração, enquanto a escrita esotérica era aquela que — como o antigo hebraico — era escrita em direção ao coração.

A doutrina secreta declara que cada parte e membro do corpo é epitomizado no cérebro e, por sua vez, que tudo o que está no cérebro é epitomizado no coração. No simbolismo, a cabeça humana é frequentemente usada para representar inteligência e autoconhecimento. Como o corpo humano em sua totalidade é o produto mais perfeito conhecido da evolução da Terra, ele foi empregado para representar a Divindade - o mais alto estado ou condição apreciável. Artistas, tentando retratar a Divindade, frequentemente mostram apenas uma mão

emergindo de uma nuvem impenetrável. A nuvem significa a Divindade Incognoscível oculta do homem pela limitação humana. A mão significa a atividade Divina, a única parte de Deus que é cognoscível aos sentidos inferiores.

O rosto consiste em uma trindade natural: os olhos representando o poder espiritual que compreende; as narinas representando o poder preservativo e vivificante; e a boca e os ouvidos representando o poder Demiúrgico material do mundo inferior. A primeira esfera é eternamente existente e é criativa; a segunda esfera pertence ao mistério da brecha criativa; e a terceira esfera



A TRÍPLICE VIDA DO HOMEM INTERIOR.

Redesenhado da Teosofia Prática de Gichtel .

Johann Georg Gichtel, um profundo filósofo e místico, o mais iluminado dos discípulos de Jakob Böhme, secretamente circulou os diagramas acima entre um pequeno grupo de amigos e estudantes devotados. Gichtel republicou os escritos de Böhme, ilustrando-os com numerosas figuras notáveis. De acordo com Gichtel, os diagramas acima representam a anatomia do homem divino (ou interior) e expõem graficamente sua condição durante seus estados humano, infernal e divino. As placas na edição de William Law das obras de Böhme são baseadas aparentemente nos diagramas de Gichtel, que seguem em todos os aspectos essenciais. Gichtel não dá nenhuma descrição detalhada de suas figuras, e as letras nos diagramas originais aqui traduzidos do alemão são a única pista para a interpretação dos gráficos.

As duas figuras finais representam o anverso e o reverso do mesmo diagrama e são denominadas Tabela Três. Elas são "projetadas para mostrar a Condição do Homem inteiro, quanto a todas as suas três Partes essenciais, Espírito, Alma e Corpo, em seu Estado Regenerado." A terceira figura da esquerda é chamada de Segunda Tabela, e estabelece "a Condição do Homem em seu Estado antigo, caduco e corrompido; sem qualquer respeito ou consideração de sua renovação pela regeneração." A terceira figura, no entanto, não corresponde à Primeira Tabela de William Law. A Primeira Tabela presumivelmente representa a condição da humanidade antes da Queda, mas a placa de Gichtel pertence ao terceiro estado, ou regenerado, da humanidade. William Law descreve assim o propósito dos

diagramas e os símbolos neles contidos: "Estas três tabelas são projetadas para representar o Homem em seus diferentes Estados Triplos: o Primeiro antes de sua Queda, em Pureza, Domínio e Glória; o Segundo após sua Queda, em Poluição e Perdição; e o Terceiro em sua ascensão da Queda, ou no Caminho da regeneração, em Santificação e Tendência à sua última Perfeição." O estudante do Orientalismo reconhecerá imediatamente nos símbolos sobre as figuras os chakras hindus , ou centros de força espiritual, cujos vários movimentos e aspectos revelam a condição da natureza divina interna do discípulo.

para a palavra criativa. Pela Palavra de Deus o universo material foi fabricado, e os sete poderes criativos, ou sons de vogais — que foram trazidos à existência pela fala da Palavra — tornaram-se os sete Elohim ou Deidades por cujo poder e ministração o mundo inferior foi organizado. Ocasionalmente a Deidade é simbolizada por um olho, um ouvido, um nariz ou uma boca. Pelo primeiro, a consciência Divina é significada; pelo segundo, o interesse Divino; pelo terceiro, a vitalidade Divina; e pelo quarto, o comando Divino.

Os antigos não acreditavam que a espiritualidade tornava os homens justos ou racionais, mas sim que a retidão e a racionalidade tornavam os homens espirituais. Os Mistérios ensinavam que a iluminação espiritual era alcançada apenas ao elevar a natureza inferior a um certo padrão de eficiência e pureza. Os Mistérios foram, portanto, estabelecidos com o propósito de desdobrar a natureza do homem de acordo com certas regras fixas que, quando seguidas fielmente, elevavam a consciência humana a um ponto em que era capaz de reconhecer sua própria constituição e o verdadeiro propósito da existência. Esse conhecimento de como a constituição múltipla do homem poderia ser mais rápida e completamente regenerada ao ponto de iluminação espiritual constituía a doutrina secreta ou esotérica da antiguidade. Certos órgãos e centros aparentemente físicos são, na realidade, os véus ou bainhas de centros espirituais. O que eram e como poderiam ser desdobrados nunca foi revelado aos não regenerados, pois os filósofos perceberam que, uma vez que ele entende o funcionamento completo de qualquer sistema, um homem pode atingir um fim prescrito sem ser qualificado para manipular e controlar os efeitos que ele produziu. Por esta razão, longos períodos de liberdade condicional foram impostos, para que o conhecimento de como se tornar como os deuses pudesse permanecer como posse exclusiva dos dignos.

Para que esse conhecimento não se perdesse, no entanto, ele foi escondido em alegorias e mitos que eram sem sentido para os profanos, mas autoevidentes para aqueles familiarizados com a teoria da redenção pessoal que era a fundação da teologia filosófica. O próprio cristianismo pode ser citado como um exemplo. Todo o Novo Testamento é, de fato, uma exposição engenhosamente oculta dos processos secretos da regeneração humana. Os personagens há tanto tempo considerados homens e mulheres históricos são, na verdade, a personificação de certos processos que ocorrem no corpo humano quando o homem começa a tarefa de se libertar conscientemente da escravidão da ignorância e da morte.

As vestimentas e ornamentos supostamente usados pelos deuses também são chaves, pois nos Mistérios a vestimenta era considerada sinônimo de forma. O grau de espiritualidade ou materialidade dos organismos era significado pela qualidade,

beleza e valor das vestimentas usadas. O corpo físico do homem era visto como o manto de sua natureza espiritual; consequentemente, quanto mais desenvolvidos eram seus poderes supersubstanciais, mais glorioso era seu vestuário. Claro, a vestimenta era originalmente usada para ornamentação em vez de proteção, e tal prática ainda prevalece entre muitos povos primitivos. Os Mistérios captaram que os únicos adornos duradouros do homem eram suas virtudes e características dignas; que ele estava vestido com suas próprias realizações e adornado por suas realizações. Assim, o manto branco era simbólico de pureza, o manto vermelho de sacrifício e amor, e o manto azul de altruísmo e integridade. Como o corpo era dito ser o manto do espírito, deformidades mentais ou morais eram retratadas como deformidades do corpo.

Considerando o corpo do homem como a regra de medição do universo, os filósofos declararam que todas as coisas se assemelham em constituição — se não em forma — ao corpo humano. Os gregos, por exemplo, declararam que Delfos era o umbigo da Terra, pois o planeta físico era visto como um ser humano gigantesco torcido na forma de uma bola. Em contraposição à crença da cristandade de que a Terra é uma coisa inanimada, os pagãos consideravam não apenas a Terra, mas também todos os corpos siderais como criaturas individuais possuindo inteligências individuais. Eles chegaram até a ver os vários reinos da Natureza como entidades individuais. O reino animal, por exemplo, era visto como um ser — um composto de todas as criaturas que compunham esse reino. Esta besta prototípica era uma personificação em mosaico de todas as propensões animais e dentro de sua natureza todo o mundo animal existia como a espécie humana existe dentro da constituição do protótipo de Adão.

Da mesma forma, raças, nações, tribos, religiões, estados, comunidades e cidades eram vistas como entidades compostas, cada uma feita de números variados de unidades individuais. Cada comunidade tem uma individualidade que é a soma das atitudes individuais de seus habitantes. Cada religião é um indivíduo cujo corpo é feito de uma hierarquia e vasta hoste de adoradores individuais. A organização de qualquer religião representa seu corpo físico, e seus membros individuais a vida celular que compõe esse organismo. Consequentemente, religiões, raças e comunidades — como indivíduos — passam pelas Sete Eras de Shakespeare , pois a vida do homem é um padrão pelo qual a perpetuidade de todas as coisas é estimada.

De acordo com a doutrina secreta, o homem, através do refinamento gradual de seus veículos e da sensibilidade cada vez maior resultante desse refinamento, está gradualmente superando as limitações da matéria e está se desembaraçando de sua espiral mortal. Quando a humanidade tiver completado sua evolução física, a casca vazia de materialidade deixada para trás será usada por outras ondas de vida como degraus para sua própria libertação. A tendência do crescimento evolutivo do homem é sempre em direção à sua própria Essência Essencial. No ponto do materialismo mais profundo, portanto, o homem está na maior distância de Si Mesmo. De acordo com os ensinamentos do Mistério, nem toda a natureza espiritual do homem encarna na matéria. O espírito do homem é mostrado diagramáticamente como um triângulo equilátero com um ponto para baixo. Este ponto inferior, que é um terço da natureza espiritual, mas em comparação com a

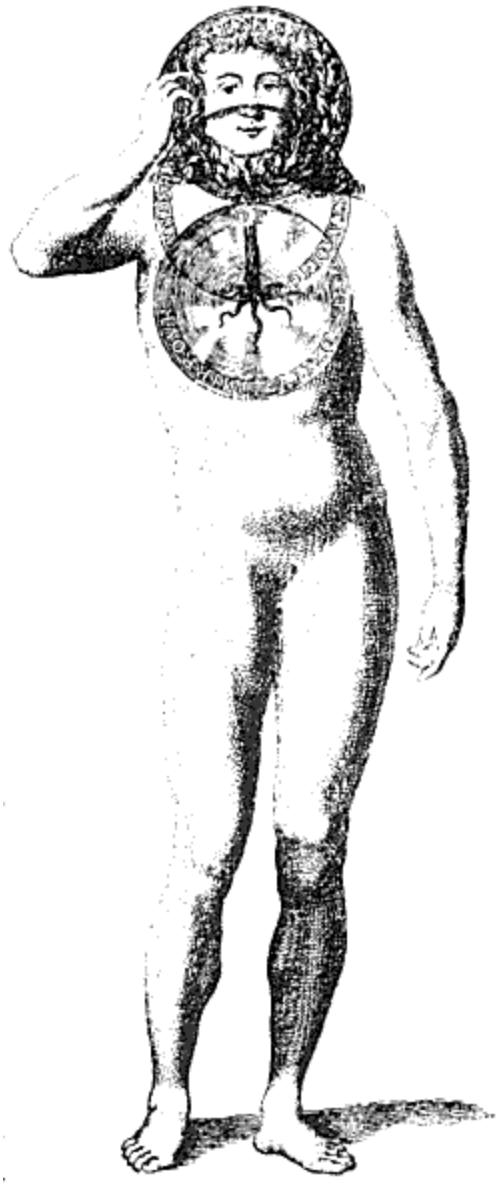
dignidade dos outros dois é muito menor que um terço, desce para a ilusão da existência material por um breve espaço de tempo. Aquilo que nunca se reveste da capa da matéria é o Antropos Hermético — o Super-Homem — análogo ao Ciclope ou demônio guardião dos gregos, o anjo de Jakob Böhme e a Superalma de Emerson, "aquela Unidade, aquela Superalma, dentro da qual o ser particular de cada homem está contido e se torna um com todos os outros".

No nascimento, apenas uma terceira parte da Natureza Divina do homem se dissocia temporariamente de sua própria imortalidade e toma sobre si o sonho do nascimento e da existência física, animando com seu próprio entusiasmo celestial um veículo composto de elementos materiais, parte e vinculado à esfera material. Na morte, essa parte encarnada desperta do sonho da existência física e se reúne mais uma vez com sua condição eterna. Essa descida periódica do espírito na matéria é denominada roda da vida e da morte , e os princípios envolvidos são tratados longamente pelos filósofos sob o tema da metempsicose. Pela iniciação nos Mistérios e um certo processo conhecido como teologia operativa, essa lei do nascimento e da morte é transcendida, e durante o curso da existência física, essa parte do espírito que está adormecida na forma é despertada sem a intervenção da morte — o Iniciador inevitável — e é conscientemente reunida com o Anthropos , ou a substância ofuscante de si mesma. Este é ao mesmo tempo o propósito principal e a realização consumada dos Mistérios: que o homem se torne consciente e se reúna conscientemente com a fonte divina de si mesmo, sem experimentar a dissolução física.

A ÁRVORE DIVINA NO HOMEM
 (reverso)

Das Figuras Jurídicas de Jakob Böhme.

Assim como o diagrama que representa a vista frontal do homem ilustra seus princípios divinos em seu estado regenerado, a vista traseira da mesma figura apresenta a condição inferior, ou "noturna", do sol. Da Esfera da Mente Astral, uma linha ascende através da Esfera da razão para a dos Sentidos. A Esfera da Mente Astral e dos Sentidos são preenchidas com estrelas para significar a condição noturna de suas naturezas. Na esfera da razão, o superior e o inferior são reconciliados, a Razão no homem mortal correspondendo à Compreensão Iluminada no homem espiritual.



A ÁRVORE DIVINA NO HOMEM
 (anverso)

Das Figuras Jurídicas de Jakob Böhme.

Uma árvore com suas raízes no coração sobe do Espelho da Divindade através da Esfera do Entendimento para ramificar-se na Esfera dos Sentidos. As raízes e o tronco desta árvore representam a natureza divina do homem e podem ser chamados de sua espiritualidade ; os galhos da árvore são as partes separadas da constituição divina e podem ser comparados à individualidade; e as folhas — por causa de sua natureza efêmera — correspondem à personalidade , que não participa de nada da permanência de sua fonte divina.

ainda em uso entre muitos povos aborígenes.

A Lenda Hiramica

QUANDO Salomão — o amado de Deus, construtor da Casa Eterna e Grão-Mestre da Loja de Jerusalém — ascendeu ao trono de seu pai Davi, ele consagrou sua vida à construção de um templo para Deus e um palácio para os reis de Israel. O amigo fiel de Davi, Hiram, rei de Tiro, ao ouvir que um filho de Davi estava sentado no trono de Israel, enviou mensagens de felicitações e ofertas de assistência ao novo governante. Em sua História dos Judeus , Josefo menciona que cópias das cartas trocadas entre os dois reis eram então vistas tanto em Jerusalém quanto em Tiro. Apesar da falta de apreciação de Hiram pelas vinte cidades da Galileia que Salomão lhe apresentou após a conclusão do templo, os dois monarcas continuaram sendo os melhores amigos. Ambos eram famosos por sua inteligência e sabedoria, e quando trocavam cartas, cada um elaborava perguntas intrigantes para testar a engenhosidade mental do outro. Salomão fez um acordo com Hiram de Tiro prometendo grandes quantidades de cevada, trigo, milho, vinho e óleo como salários para os pedreiros e carpinteiros de Tiro que iriam ajudar os judeus na construção do templo. Hiram também forneceu cedros e outras árvores finas, que foram transformadas em jangadas e flutuaram mar abaixo até Jope, de onde foram levadas para o interior pelos trabalhadores de Salomão até o local do templo.

Por causa de seu grande amor por Salomão, Hiram de Tiro enviou também o Grão-Mestre dos Arquitetos Dionisíacos, CHiram Abiff, um Filho de Viúva, que não tinha igual entre os artesãos da terra. CHiram é descrito como sendo "um tírio por bétula, mas de ascendência israelita" e "um segundo Bezaleel, honrado por seu rei com o título de Pai". O Freemason's Pocket Companion (publicado em 1771) descreve CHiram como "o trabalhador mais astuto, habilidoso e curioso que já existiu, cujas habilidades não se limitavam apenas à construção, mas se estendiam a todos os tipos de trabalho, seja em ouro, prata, latão ou ferro; seja em linho, tapeçaria ou bordado; seja considerado um arquiteto, estatuário [sic]; fundador ou designer, separadamente ou em conjunto, ele se destacou igualmente. A partir de seus projetos e sob sua direção, todos os móveis ricos e esplêndidos do Templo e seus vários apêndices foram iniciados, executados e finalizados. Salomão o nomeou, em sua ausência, para ocupar a cadeira, como Grão-Mestre Adjunto; e em sua presença, Grão-Guardião Sênior, Mestre de obra e supervisor geral de todos os artistas, bem como aqueles que David havia obtido anteriormente de Tiro e Sídon, como aqueles que Hiram deveria enviar agora." (Os escritores maçônicos modernos divergem quanto à precisão da última frase.)

Embora uma imensa quantidade de trabalho estivesse envolvida em sua construção, o Templo de Salomão — nas palavras de George Oliver — "era apenas um pequeno edifício e muito inferior em termos de tamanho a algumas de nossas igrejas". O número de edifícios contíguos a ele e o vasto tesouro de ouro e pedras preciosas usado em sua construção concentravam uma grande quantidade de riqueza dentro da área do templo. No meio do templo ficava o Santo dos Santos, às

vezes chamado de Oráculo. Era um cubo exato, cada dimensão sendo vinte côvados, e exemplificava a influência do simbolismo egípcio. Os edifícios do grupo do templo eram ornamentados com 1.453 colunas de mármore de Paros, magnificamente esculpidas, e 2.906 pilastras decoradas com capitéis. Havia um amplo pórtico voltado para o leste, e o sanctum sanctorum ficava a oeste. De acordo com a tradição, os vários edifícios e pátios podiam acomodar no total 300.000 pessoas. Tanto o Santuário quanto o Santo dos Santos eram inteiramente revestidos com placas de ouro maciço incrustadas com joias.

O Rei Salomão começou a construção do templo no quarto ano de seu reinado, no que seria, de acordo com os cálculos modernos, o dia 21 de abril, e terminou no décimo primeiro ano de seu reinado, no dia 23 de outubro. O templo foi iniciado no 480º ano após os filhos de Israel terem passado pelo Mar Vermelho. Parte do trabalho de construção incluiu a construção de uma fundação artificial na testa do Monte Moriá. As pedras para o templo foram içadas de pedreiras diretamente abaixo do Monte Moriá e foram afiadas antes de serem trazidas à superfície. Os ornamentos de bronze e ouro para o templo foram fundidos em moldes no solo argiloso entre Sucote e Zeredatha, e as partes de madeira foram todas finalizadas antes de chegarem ao local do templo. O edifício foi montado, consequentemente, sem som e sem instrumentos, todas as suas partes se encaixando exatamente "sem o martelo da discórdia, o machado da divisão ou qualquer ferramenta de maldade".

As muito discutidas Constituições dos Maçons , de Anderson , publicadas em Londres em 1723 e reimpressas por Benjamin Franklin na Filadélfia em 1734, descrevem assim a divisão dos trabalhadores envolvidos na construção da Casa Eterna:

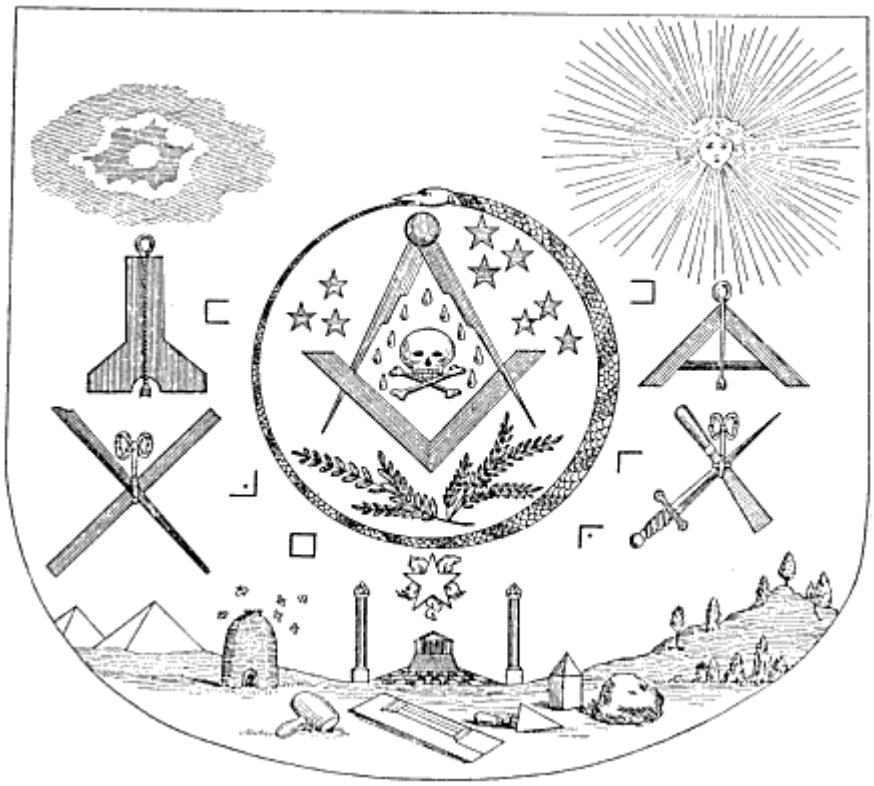
"Mas o Templo de Dagon, e as melhores estruturas de Tiro e Sidom, não poderiam ser comparados com o Templo do Deus Eterno em Jerusalém, * * * havia empregados sobre ele nada menos que 3.600 Príncipes, ou Mestres-Maçons, para conduzir o trabalho de acordo com as instruções de Salomão, com 80.000 talhadores de pedra na montanha, ou Companheiros Artesãos, e 70.000 trabalhadores, no total 153.600 além do recrutamento sob Adoniram para trabalhar nas montanhas do Líbano por turnos com os sidônios, a saber, 30.000, sendo no total 183.600." Daniel Sickels dá 3.300 supervisores, em vez de 3.600, e lista os três Grandes Mestres separadamente. O mesmo autor estima o custo do templo em quase quatro mil milhões de dólares.

A lenda maçônica da construção do Templo de Salomão não é em todos os aspectos paralela à versão bíblica, especialmente nas partes relacionadas a CHiram Abiff. De acordo com o relato bíblico, este Mestre operário retornou ao seu próprio país; na alegoria maçônica ele é vilmente assassinado. Sobre este ponto, AE Waite, em sua Nova Enciclopédia da Maçonaria , faz o seguinte comentário explicativo:

"A lenda do Mestre-Construtor é a grande alegoria da Maçonaria. Acontece que sua história figurativa é baseada no fato de uma personalidade mencionada na Sagrada Escritura, mas esse pano de fundo histórico é de acidentes e não de essência; o

significado está na alegoria e não em qualquer ponto da história que possa estar por trás dela."

CHiram, como Mestre dos Construtores, dividiu seus trabalhadores em três grupos, que eram denominados Aprendizes Entrados , Companheiros Artesãos e Mestres Maçons . A cada divisão ele deu certas



UM AVENTAL MAÇÔNICO COM FIGURAS SIMBÓLICAS.

De um antigo avental maçônico pintado à mão.

Enquanto o simbolismo místico da Maçonaria decreta que o avental deve ser um simples quadrado de pele de cordeiro branca com aba apropriada, os aventais maçônicos são frequentemente decorados com figuras curiosas e impressionantes. "Quando seda, algodão ou linho são usados", escreve Albert Pike, "o simbolismo se perde. Nem é vestido aquele que mancha, desfigura e profanou a superfície branca com ornamentação, figuração ou cores de qualquer tipo." (Veja Simbolismo .)

Para Marte, o antigo plano de energia cósmica, os "observadores de estrelas" atlantes e caldeus designaram Áries como um trono diurno e Escorpião como um trono noturno. Aqueles que não são elevados à vida espiritual por iniciação são descritos como "mortos pela picada de um escorpião", pois eles vagam no lado noturno do poder divino. Através do mistério do Cordeiro Pascal, ou da obtenção do

Velocino de Ouro, essas almas são elevadas ao Poder diurno construtivo de Marte em Áries - o símbolo do Criador.

Quando usado sobre a área relacionada às paixões animais, a pele de cordeiro pura significa a regeneração das forças procriativas e sua consagração ao serviço da Divindade. O tamanho do avental, excluindo a aba, o torna o símbolo da salvação, pois os Mistérios declaram que ele deve consistir em 144 polegadas quadradas.

O avental mostrado acima contém uma riqueza de simbolismo: a colmeia, emblemática da própria loja maçônica, a espátula, o martelo e o cavalete; os silhares ásperos e verdadeiros; as pirâmides e colinas do Líbano; os pilares, o Templo e o piso quadriculado; e a estrela flamejante e as ferramentas da Arte. O centro do avental é ocupado pelo compasso e esquadro, representativos do Macrocosmo e do microcosmo, e a serpente alternadamente preta e branca da luz astral. Abaixo está um ramo de acácia com sete raminhos, significando os Centros de vida do homem superior e inferior. O crânio e os ossos cruzados são um lembrete contínuo de que a natureza espiritual atinge a libertação somente após a morte filosófica da personalidade sensual do homem.

senhas e sinais pelos quais suas respectivas excelências poderiam ser rapidamente determinadas. Enquanto todos eram classificados de acordo com seus méritos, alguns estavam insatisfeitos, pois desejavam uma posição mais elevada do que eram capazes de preencher. Por fim, três Companheiros Artesãos, mais ousados do que seus companheiros, decidiram forçar CHiram a revelar a eles a senha do grau de Mestre. Sabendo que CHiram sempre entrava no sanctum sanctorum inacabado ao meio-dia para orar, esses rufiões — cujos nomes eram Jubela, Jubelo e Jubelum — o esperavam, um em cada um dos portões principais do templo. CHiram, prestes a deixar o templo pelo portão sul, foi repentinamente confrontado por Jubela armado com um medidor de vinte e quatro polegadas. Após a recusa de CHiram em revelar a Palavra do Mestre , o rufião o atingiu na garganta com a régua, e o Mestre ferido então correu para o portão oeste, onde Jubelo, armado com um esquadro, o esperava e fez uma exigência semelhante. Novamente CHiram ficou em silêncio, e o segundo assassino o atingiu no peito com o esquadro. CHiram então cambaleou até o portão leste, apenas para ser encontrado lá por Jubelum armado com um maço. Quando CHiram, recusou-lhe a Palavra do Mestre, Jubelum atingiu o Mestre entre os olhos com o maço e CHiram caiu morto.

O corpo de CHiram foi enterrado pelos assassinos sobre a testa do Monte Moriá e um raminho de acácia foi colocado sobre o túmulo. Os assassinos então tentaram escapar da punição por seu crime embarcando para a Etiópia , mas o porto foi fechado. Todos os três foram finalmente capturados e, após admitirem sua culpa, foram devidamente executados. Grupos de três foram então enviados pelo Rei Salomão, e um desses grupos descobriu o túmulo recém-feito marcado pelo raminho perene. Depois que os Aprendizes Inscritos e os Companheiros Artesãos falharam em ressuscitar seu Mestre dos mortos, ele foi finalmente ressuscitado pelo Mestre Maçom com o "forte aperto da Pata de um Leão".

Para o Construtor iniciado, o nome CHiram Abiff significa "Meu Pai, o Espírito Universal, um em essência, três em aspecto." Assim, o Mestre assassinado é um

tipo do Mártir Cósmico - o Espírito do Bem crucificado, o deus moribundo - cujo Mistério é celebrado em todo o mundo. Entre os manuscritos do Dr. Sigismund Bastrom, o Rosacruz iniciado, aparece o seguinte extrato de von Welling sobre a verdadeira natureza filosófica do CHiram maçônico:

"A palavra original חירם, CHiram, é uma palavra radical que consiste em três consoantes ר ח e ם, ou seja, Cheth , Resh e Mem . (1) ח, Cheth , significa Chamah , a luz do Sol, ou seja, o fogo universal , invisível e frio da Natureza atraído pelo Sol, manifestado em luz e enviado a nós e a cada corpo planetário pertencente ao sistema solar. (2) ר, Resh , significa ריח Ruach , ou seja , Espírito , ar , vento , como sendo o Veículo que transmite e coleta a luz em inúmeros Focos, onde os raios solares de luz são agitados por um movimento circular e manifestados em Calor e Fogo ardente . (3) ם, ou מ Mem , significa majim , água , umidade , mas sim a mãe da água , ou seja, Umidade Radical ou um tipo particular de ar condensado. Esses três constituem o Agente Universal ou fogo da Natureza em uma palavra, חירם, CHiram , não Hiram."

Albert Pike menciona várias formas do nome CHiram : Khirm , Khurm e Khur-Om , o último terminando no sagrado monossílabo hindu OM , que também pode ser extraído dos nomes dos três assassinos. Pike ainda relaciona os três rufiões a uma tríade de estrelas na constelação de Libra e também chama a atenção para o fato de que o deus caldeu Bal — metamorfoseado em demônio pelos judeus — aparece no nome de cada um dos assassinos, Ju bel a, Ju bel o e Ju bel um. Interpretar a lenda hirâmica requer familiaridade com os sistemas pitagórico e cabalístico de números e letras, e também com os ciclos filosóficos e astronômicos dos egípcios, caldeus e brâmanes. Por exemplo, considere o número 33. O primeiro templo de Salomão permaneceu por trinta e três anos em seu esplendor imaculado. No final desse tempo, foi saqueada pelo rei egípcio Sisaque e, finalmente (588 a.C.), foi completamente destruída por Nabucodonosor e o povo de Jerusalém foi levado cativo para a Babilônia. (Veja História Geral da Maçonaria , por Robert Macoy.) O Rei Davi também governou por trinta e três anos em Jerusalém; a Ordem Maçônica é dividida em trinta e três graus simbólicos; há trinta e três segmentos na coluna vertebral humana; e Jesus foi crucificado no trigésimo terceiro ano de Sua vida.

Os esforços feitos para descobrir a origem da lenda de Hiram mostram que, enquanto a lenda em sua forma atual é comparativamente moderna, seus princípios subjacentes remontam à mais remota antiguidade. É geralmente admitido por estudiosos maçônicos modernos que a história do martirizado CHiram é baseada nos ritos egípcios de Osíris, cuja morte e ressurreição retrataram figurativamente a morte espiritual do homem e sua regeneração através da iniciação nos Mistérios. CHiram também é identificado com Hermes através da inscrição na Tábua de Esmeralda. A partir dessas associações, é evidente que CHiram deve ser considerado um protótipo da humanidade; na verdade, ele é a Ideia (arquétipo) do homem de Platão. Assim como Adão após a Queda simboliza a Ideia da degeneração humana, CHiram através de sua ressurreição simboliza a Ideia da regeneração humana.

No dia 19 de março de 1314, Jacques de Molay, o último Grão-Mestre dos Cavaleiros Templários, foi queimado em uma pira erguida naquele ponto da ilhota

do Sena, em Paris, onde depois foi erguida a estátua do Rei Henrique IV. (Veja The Indian Religions , de Hargrave Jennings.) "É mencionado como uma tradição em alguns dos relatos da queima", escreve Jennings, "que Molay, antes de expirar, convocou Clemente, o Papa que havia pronunciado a bula de abolição contra a Ordem e condenado o Grão-Mestre às chamas, para comparecer, dentro de quarenta dias, perante o Juiz Supremo Eterno, e Filipe [o rei] ao mesmo terrível tribunal dentro do espaço de um ano. Ambas as previsões foram cumpridas." O relacionamento próximo entre a Maçonaria e os Cavaleiros Templários originais fez com que a história de CHiram fosse ligada ao martírio de Jacques de Molay. De acordo com essa interpretação, os três rufiões que cruelmente mataram seu Mestre nos portões do templo porque ele se recusou a revelar os segredos de sua Ordem representam o Papa, o rei e os carrascos. De Molay morreu mantendo sua inocência e se recusando a revelar os arcanos filosóficos e mágicos dos Templários.

Aqueles que tentaram identificar CHiram com o assassinado Rei Charles, o Primeiro, concebem a lenda Hiramic como tendo sido inventada para esse propósito por Elias Ashmole, um filósofo místico, que provavelmente era um membro da Fraternidade Rosacruz. Charles foi destronado em 1647 e morreu no bloco em 1649, deixando o partido Realista sem liderança. Uma tentativa foi feita para relacionar o termo "os Filhos da Viúva" (uma denominação frequentemente aplicada a membros da Ordem Maçônica) a esse incidente na história inglesa, pois pelo assassinato de seu rei a Inglaterra se tornou uma Viúva e todos os ingleses Filhos da Viúva .

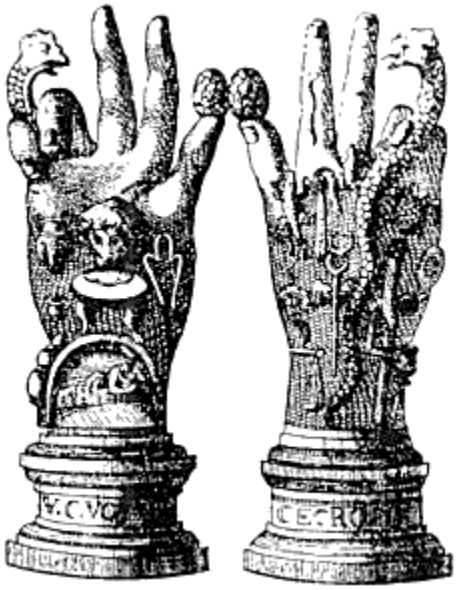
Para o místico maçom cristão, CHiram. representa o Cristo que em três dias (graus) levantou o templo de Seu corpo de seu sepulcro terrestre. Seus três assassinos foram o agente de César (o estado), o Sinédrio (a igreja) e a população incitada (a turba). Assim considerado, CHiram se torna a natureza superior do homem e os assassinos são ignorância, superstição e medo. O Cristo residente pode dar expressão a Si mesmo neste mundo somente através dos pensamentos, sentimentos e ações do homem. Pensamento correto, sentimento correto e ação correta — estes são três portões através dos quais o poder de Cristo passa para o mundo material, para lá trabalhar na construção do Templo da Fraternidade Universal. Ignorância, superstição e medo são três rufiões através de cujas agências o Espírito do Bem é assassinado e um reino falso, controlado por pensamento errado, sentimento errado e ação errada, estabelecido em seu lugar. No universo material, o mal parece sempre vitorioso.

"Neste sentido", escreve Daniel Sickels, "o mito do tírio é perpetuamente repetido na história dos assuntos humanos. Orfeu foi assassinado, e seu corpo jogado no Hebrus; Sócrates foi obrigado a beber cicuta; e, em todas as eras, vimos o Mal temporariamente triunfante, e a Virtude e a Verdade caluniadas, perseguidas, crucificadas e mortas. Mas a justiça eterna marcha segura e rapidamente pelo mundo: os Tifões, os filhos das trevas, os conspiradores do crime, todas as formas infinitamente variadas do mal, são varridas para o esquecimento; e a Verdade e a Virtude — por um tempo rebaixadas — surgem, vestidas com majestade divina e coroadas com glória eterna!" (Veja General Ahiman Rezon .)

Se, como há ampla razão para suspeitar, a moderna Ordem Maçônica foi profundamente influenciada pela sociedade secreta de Francis Bacon, se não for um

resultado real dela, seu simbolismo é, sem dúvida, permeado pelos dois grandes ideais de Bacon: educação universal e democracia universal. Os inimigos mortais da educação universal são a ignorância, a superstição e o medo, pelos quais a alma humana é mantida em cativeiro na parte mais baixa de sua própria constituição. Os inimigos declarados da democracia universal sempre foram a coroa, a tiara e a tocha. Assim, CHiram simboliza aquele estado ideal de emancipação espiritual, intelectual e física que sempre foi sacrificado no altar do egoísmo humano. CHiram é o Embelezador da Casa Eterna. O utilitarismo moderno, no entanto, sacrifica o belo pelo prático, ao mesmo tempo declarando a mentira óbvia de que egoísmo, ódio e discórdia são práticos.

O Dr. Orville Ward Owen encontrou uma parte considerável do primeiro



A MÃO EMBLEMÁTICA DOS MISTÉRIOS.

Das Antiguidades de Montfaucon .

Uma mão coberta com vários símbolos era estendida aos neófitos quando eles entravam no Templo da Sabedoria. Uma compreensão do que estava gravado na superfície da mão trazia consigo poder divino e regeneração. Portanto, por meio dessas mãos simbólicas, dizia-se que o candidato era ressuscitado dos mortos.

trinta e dois graus de ritualismo maçônico ocultos no texto do First Shakespeare Folio. Emblemas maçônicos também podem ser observados nas páginas de título de quase todos os livros publicados por Bacon. Sir Francis Bacon se considerava um sacrifício vivo no altar da necessidade humana; ele foi obviamente abatido no meio de seus trabalhos, e nenhum estudante de sua Nova Atlântida pode deixar de reconhecer o simbolismo maçônico contido nele. De acordo com as observações de Joseph Fort Newton, o Templo de Salomão descrito por Bacon naquele romance utópico não era uma casa, mas o nome de um estado ideal. Não é verdade que o

Templo da Maçonaria também é emblemático de uma condição da sociedade? Embora, como dito antes, os princípios da lenda hirâmica sejam da maior antiguidade, não é impossível que sua forma atual possa ser baseada em incidentes na vida de Lord Bacon, que passou pela morte filosófica e foi criado na Alemanha.

Em um manuscrito antigo aparece a declaração de que a Ordem Maçônica foi formada por alquimistas e filósofos herméticos que se uniram para proteger seus segredos contra os métodos infames usados por pessoas avarentas para arrancar deles o segredo da fabricação de ouro. O fato de que a lenda hirâmica contém uma fórmula alquímica dá credibilidade a essa história. Assim, a construção do Templo de Salomão representa a consumação da magnum opus , que não pode ser realizada sem a assistência de CHiram, o Agente Universal. Os Mistérios Maçônicos ensinam ao iniciado como preparar dentro de sua própria alma um pó milagroso de projeção pelo qual é possível para ele transmutar o pedaço básico de ignorância humana, perversão e discórdia em um lingote de ouro espiritual e filosófico.

Existe similaridade suficiente entre o CHiram maçônico e o Kundalini do misticismo hindu para garantir a suposição de que CHiram pode ser considerado um símbolo também do Fogo Espiritual movendo-se através do sexto ventrículo da coluna vertebral. A ciência exata da regeneração humana é a Chave Perdida da Maçonaria, pois quando o Fogo Espiritual é elevado através dos trinta e três graus, ou segmentos da coluna vertebral, e entra na câmara abobadada do crânio humano, ele finalmente passa para o corpo pituitário (Ísis), onde invoca Rá (a glândula pineal) e exige o Nome Sagrado. A Maçonaria Operativa, no sentido mais completo desse termo, significa o processo pelo qual o Olho de Hórus é aberto. EA Wallis Budge observou que em alguns dos papiros que ilustram a entrada das almas dos mortos no salão de julgamento de Osíris, a pessoa falecida tem uma pinha presa ao topo de sua cabeça. Os místicos gregos também carregavam um cajado simbólico, a extremidade superior sendo na forma de uma pinha, que era chamada de tirso de Baco. No cérebro humano há uma pequena glândula chamada corpo pineal, que é o olho sagrado dos antigos, e corresponde ao terceiro olho do Ciclope. Pouco se sabe sobre a função do corpo pineal, que Descartes sugeriu (mais sabiamente do que ele sabia) que poderia ser a morada do espírito do homem. Como seu nome significa, a glândula pineal é a pinha sagrada no homem - o olho único , que não pode ser aberto até que CHiram (o Fogo do Espírito) seja levantado através dos selos sagrados que são chamados de Sete Igrejas na Ásia.

Há uma pintura oriental que mostra três explosões solares. Uma explosão solar cobre a cabeça, no meio da qual está Brahma com quatro cabeças, seu corpo de uma misteriosa cor escura. A segunda explosão solar — que cobre o coração, o plexo solar e a região abdominal superior — mostra Vishnu sentado na flor de lótus em um sofá formado pelas espirais da serpente do movimento cósmico, sua cabeça de sete capuzes formando um dossel sobre o deus. A terceira explosão solar é sobre o sistema generativo, no meio do qual está Shiva, seu corpo de um branco acinzentado e o rio Ganges fluindo do topo de sua cabeça. Esta pintura foi obra de um místico hindu que passou muitos anos sutilmente escondendo grandes princípios filosóficos dentro dessas figuras. As lendas cristãs poderiam ser relacionadas também ao corpo humano pelo mesmo método que as orientais, pois

os significados arcanos ocultos nos ensinamentos de ambas as escolas são idênticos.

Conforme aplicado à Maçonaria, os três raios solares representam os portões do templo em que CHiram foi atingido, não havendo nenhum portão no norte porque o sol nunca brilha do ângulo norte dos céus. O norte é o símbolo do físico por causa de sua relação com o gelo (água cristalizada) e com o corpo (espírito cristalizado). No homem, a luz brilha em direção ao norte, mas nunca a partir dele, porque o corpo não tem luz própria, mas brilha com a glória refletida das partículas de vida divinas ocultas dentro da substância física. Por esta razão, a lua é aceita como o símbolo da natureza física do homem. CHiram é a misteriosa água ígnea e arejada que deve ser elevada através dos três grandes centros simbolizados pela escada com três degraus e as flores de raios solares mencionadas na descrição da pintura hindu. Ela também deve passar para cima por meio da escada de sete degraus - os sete plexos próximos à espinha. Os nove segmentos do sacro e do cóccix são perfurados por dez forames, através dos quais passam as raízes da Árvore da Vida. Nove é o número sagrado do homem, e no simbolismo do sacro e do cóccix um grande mistério está oculto. Aquela parte do corpo dos rins para baixo foi denominada pelos primeiros cabalistas de Terra do Egito para onde os filhos de Israel foram levados durante o cativeiro. Do Egito, Moisés (a mente iluminada, como seu nome indica) liderou as tribos de Israel (as doze faculdades) levantando a serpente de bronze no deserto sobre o símbolo da cruz Tau. Não apenas CHiram, mas os homens-deuses de quase todos os rituais pagãos de Mistério são personificações do Fogo Espiritual na medula espinhal humana.

O aspecto astronômico da lenda de Hiram não deve ser ignorado. A tragédia de CHiram é encenada anualmente pelo sol durante sua passagem pelos signos do zodíaco.

"Da jornada do Sol pelos doze signos", escreve Albert Pike, "vem a lenda dos doze trabalhos de Hércules e as encarnações de Vishnu e Buda. Daí veio a lenda do assassinato de Khurum, representante do Sol, pelos três Companheiros, símbolos dos signos de Inverno, Capricórnio, Aquário e Peixes, que o atacaram nos três portões do Céu e o mataram no Solstício de Inverno. Daí a busca por ele pelos nove Companheiros, os outros nove signos, seu achado, sepultamento e ressurreição." (Veja Morals and Dogma .)

Outros autores consideram Libra, Escorpião e Sagitário como os três assassinos do sol, na medida em que Osíris foi assassinado por Tifão, a quem foram atribuídos os trinta graus da constelação de Escorpião. Nos Mistérios Cristãos, Judas também significa o Escorpião, e as trinta moedas de prata pelas quais ele traiu Seu Senhor representam o número de graus naquele signo. Tendo sido atingido por Libra (o estado), Escorpião (a igreja) e Sagitário (a multidão), o sol (CHiram) está secretamente em casa através da escuridão pelos signos de Capricórnio, Aquário e Peixes e enterrado sobre a testa de uma colina (o equinócio vernal). Capricórnio tem como símbolo um velho com uma foice na mão. Este é o Pai Tempo — um viajante — que é simbolizado na Maçonaria como alisando os cachos do cabelo de uma jovem. Se a Virgem Chorosa for considerada um símbolo de Virgem, e o Pai Tempo com sua foice um símbolo de Capricórnio, então o intervalo de noventa

graus entre esses dois signos será encontrado para corresponder ao ocupado pelos três assassinos. Esotericamente, a urna contendo as cinzas de CHiram representa o coração humano. Saturno, o velho que vive no polo norte, e traz consigo para os filhos dos homens um raminho de sempre-viva (a árvore de Natal), é familiar para as pessoas pequenas sob o nome de Papai Noel , pois ele traz a cada inverno o presente de um novo ano.

O sol martirizado é descoberto por Áries, um Companheiro Artesão, e no equinócio vernal o processo de criá-lo começa. Isso é finalmente realizado pelo Leão de Judá, que nos tempos antigos ocupava a posição de pedra angular do Arco Real do Céu. A precessão dos equinócios faz com que vários signos desempenhem o papel de assassinos do sol durante as diferentes eras do mundo, mas o princípio envolvido permanece inalterado. Essa é a história cósmica de CHiram, o Benfeitor Universal, o Arquiteto Ardente: da Casa Divina, que carrega consigo para o túmulo aquela Palavra Perdida que, quando falada, eleva toda a vida ao poder e à glória. De acordo com o misticismo cristão, quando a Palavra Perdida é encontrada, ela é descoberta em um estábulo, cercada por feras e marcada por uma estrela. "Depois que o sol deixa Leão", escreve Robert Hewitt Brown, "os dias começam a ficar inequivocamente mais curtos à medida que o sol declina em direção ao equinócio de outono, para ser novamente morto pelos três meses de outono, permanecer morto durante os três meses de inverno e ser ressuscitado novamente pelos três meses de primavera. A cada ano, a grande tragédia se repete, e a gloriosa ressurreição acontece." (Veja Stellar Theology and Masonic Astronomy .)

CHiram é denominado morto porque no indivíduo médio as forças criativas cósmicas são limitadas em sua manifestação à expressão puramente física — e correspondentemente materialista. Obcecado por sua crença na realidade e permanência da existência física, o homem não correlaciona o universo material com a parede norte vazia do templo. Assim como a luz solar simbolicamente é dita morrer ao se aproximar do solstício de inverno, o mundo físico pode ser denominado

DIANA DE ÉFESO.

Das Antiguidades de Montfaucon .

Coroada com uma tiara tripla em forma de torre e sua forma adornada com criaturas simbólicas representativas de seus poderes espirituais, Diana representava a fonte daquela doutrina imperecível que, fluindo do seio da Grande Multimammia, é o alimento espiritual daqueles homens e mulheres aspirantes que consagraram suas vidas à contemplação da realidade. Assim como o corpo físico do homem recebe seu alimento da Grande Mãe Terra, a natureza espiritual do homem é alimentada pelas fontes infalíveis da Verdade que jorram dos mundos invisíveis.

o solstício de inverno do espírito. Ao atingir o solstício de inverno, o sol aparentemente fica parado por três dias e então, rolando a pedra do inverno, começa sua marcha triunfal para o norte em direção ao solstício de verão. A condição de ignorância pode ser comparada ao solstício de inverno da filosofia; a

compreensão espiritual ao solstício de verão. Deste ponto de vista, a iniciação nos Mistérios se torna o equinócio vernal do espírito, momento em que o CHiram no homem cruza do reino da mortalidade para o da vida eterna. O equinócio outonal é análogo à queda mitológica do homem, momento em que o espírito humano desceu aos reinos do Hades ao ser imerso na ilusão da existência terrestre.

Em An Essay on the Beautiful , Plotino descreve o efeito refinador da beleza sobre a consciência em desenvolvimento do homem. Encomendado para decorar a Casa Eterna, CHiram Abiff é a personificação do princípio embelezador. A beleza é essencial para o desenvolvimento natural da alma humana. Os Mistérios sustentavam que o homem, pelo menos em parte, era o produto de seu ambiente. Portanto, eles consideravam imperativo que cada pessoa fosse cercada por objetos que evocassem os sentimentos mais elevados e nobres. Eles provaram que era possível produzir beleza na vida cercando a vida com beleza. Eles descobriram que corpos simétricos eram construídos por almas continuamente na presença de corpos simétricos; que pensamentos nobres eram produzidos por mentes cercadas por exemplos de nobreza mental. Por outro lado, se um homem fosse forçado a olhar para uma estrutura ignóbil ou assimétrica, isso despertaria nele um senso de ignomínia que o provocaria a cometer atos ignóbeis. Se um edifício desproporcional fosse erguido no meio de uma cidade, haveria crianças desproporcionais nascidas naquela comunidade; e homens e mulheres, contemplando a estrutura assimétrica, viveriam vidas desarmônicas. Homens pensativos da antiguidade perceberam que seus grandes filósofos eram produtos naturais dos ideais estéticos de arquitetura, música e arte estabelecidos como padrões dos sistemas culturais da época.

A substituição da discórdia do fantástico pela harmonia do belo constitui uma das grandes tragédias de toda civilização. Não apenas os Deuses-Salvadores do mundo antigo eram belos, mas cada um deles realizava um ministério de beleza, buscando efetuar a regeneração do homem despertando nele o amor pelo belo. Um renascimento da era de ouro da fábula pode ser possível somente pela elevação da beleza à sua dignidade legítima como a qualidade idealizadora e onipresente nos departamentos religioso, ético, sociológico, científico e político da vida. Os Arquitetos Dionisíacos foram consagrados à elevação de seu Espírito Mestre — Beleza Cósmica — do sepulcro da ignorância material e do egoísmo, erguendo edifícios que eram exemplares tão perfeitos de simetria e majestade que eram, na verdade, fórmulas mágicas pelas quais era evocado o espírito do Embelezador martirizado sepultado em um mundo materialista.

Nos Mistérios Maçônicos, o espírito trino do homem (o Delta de luz) é simbolizado pelos três Grandes Mestres da Loja de Jerusalém. Assim como Deus é o princípio penetrante de três mundos, em cada um dos quais Ele se manifesta como um princípio ativo, assim o espírito do homem, participando da natureza da Divindade, habita em três planos de ser: as esferas Suprema, Superior e Inferior dos Pitagóricos. No portão da esfera Inferior (o submundo, ou morada das criaturas mortais) está o guardião do Hades — o cão de três cabeças Cérbero, que é análogo aos três assassinos da lenda de Hiram. De acordo com essa interpretação simbólica do espírito trino, CHiram é a terceira parte, ou encarnante — o Mestre Construtor que, por todas as eras, ergue templos vivos de carne e osso como santuários do Altíssimo. CHiram surge como uma flor e é cortado; ele morre nos portões da

matéria; ele está enterrado nos elementos da criação, mas - como Thor - ele balança seu poderoso martelo nos campos do espaço, coloca os átomos primordiais em movimento e estabelece a ordem a partir do Caos. Como a potencialidade do poder cósmico dentro de cada alma humana, CHiram está esperando pelo homem pelo elaborado ritualismo da vida para transmutar a potencialidade em potência divina. À medida que as percepções sensoriais do indivíduo aumentam, no entanto, o homem ganha um controle cada vez maior sobre suas várias partes, e o espírito da vida interior gradualmente atinge a liberdade. Os três assassinos representam as leis do mundo Inferior - nascimento, crescimento e decadência - que sempre frustram o plano do Construtor. Para o indivíduo médio, a bétula física na verdade significa a morte de CHiram, e a morte física a ressurreição de CHiram. Para o iniciado, no entanto, a ressurreição da natureza espiritual é realizada sem a intervenção da morte física.

Os curiosos símbolos encontrados na base da Agulha de Cleópatra, agora no Central Park, Nova York, foram interpretados como sendo de primeira importância maçônica por SA Zola, 33° Past Grand Master da Grande Loja do Egito. As marcas e símbolos dos maçons podem ser encontrados nas pedras de vários edifícios públicos, não apenas na Inglaterra e no continente, mas também na Ásia. Em seu Indian Masons' Marks of the Moghul Dynasty , A. Gorham descreve dezenas de marcações aparecendo nas paredes de edifícios como o Taj Mahal , o Jama Masjid e a famosa estrutura maçônica, o Kutab Minar . De acordo com aqueles que consideram a Maçonaria como um resultado da sociedade secreta de arquitetos e construtores que por milhares de anos formou uma casta de mestres artesãos, CHiram Abiff foi o Grão-Mestre Tiro de uma organização mundial de artesãos, com sede em Tiro. Sua filosofia consistia em incorporar nas medidas e ornamentações de templos, palácios, mausoléus, fortalezas e outros edifícios públicos seu conhecimento das leis que controlavam o universo. Cada trabalhador iniciado recebia um hieróglifo com o qual ele marcava as pedras que ele afiava para mostrar a toda a posteridade que ele assim dedicava ao Arquiteto Supremo do Universo cada produto aperfeiçoado de seu trabalho. Sobre as marcas dos maçons, Robert Freke Gould escreve:

"É muito notável que essas marcas sejam encontradas em todos os países — nas câmaras da Grande Pirâmide de Gizé, nas paredes subterrâneas de Jerusalém, em Herculano e Pompéia, em muros romanos e templos gregos, no Hindustão, México, Peru, Ásia Menor — assim como nas grandes ruínas da Inglaterra, França, Alemanha, Escócia, Itália, Portugal e Espanha." (Veja Uma História Concisa da Maçonaria .)

Deste ponto de vista, a história de CHiram pode muito bem representar a incorporação dos segredos divinos da arquitetura nas partes e dimensões reais dos edifícios terrestres. Os três graus da Arte enterram o Grande Mestre (o Grande Arcano) na estrutura real que eles erguem, depois de primeiro tê- lo matado com as ferramentas dos construtores, reduzindo o Espírito adimensional da Beleza Cósmica às limitações da forma concreta. Esses ideais abstratos da arquitetura podem ser ressuscitados, no entanto, pelo Mestre Maçom que, ao meditar sobre a estrutura, libera dela os princípios divinos da filosofia arquitetônica incorporados ou enterrados dentro dela. Assim, o edifício físico é, na verdade, o túmulo ou a

personificação do Ideal Criativo do qual suas dimensões materiais são apenas a sombra.

Além disso, a lenda hirâmica pode ser considerada como a personificação das vicissitudes da própria filosofia. Como instituições para a disseminação da cultura ética, os Mistérios pagãos foram os arquitetos da civilização. Seu poder e dignidade foram personificados em CHiram Abiff — o Mestre Construtor — mas eles acabaram sendo vítimas dos ataques daquele trio recorrente de estado, igreja e multidão. Eles foram profanados pelo estado, com ciúmes de sua riqueza e poder; pela igreja primitiva, com medo de sua sabedoria; e pela ralé ou soldadesca incitada tanto pelo estado quanto pela igreja. Assim como CHiram, quando ressuscitado de seu túmulo, sussurra a Palavra do Mestre Maçom que foi perdida por sua morte prematura, assim, de acordo com os princípios da filosofia, o restabelecimento ou ressurreição dos antigos Mistérios resultará na redescoberta daquele ensinamento secreto sem o qual a civilização deve continuar em um estado de confusão espiritual e incerteza.

Quando a multidão governa, o homem é governado pela ignorância; quando a igreja governa, ele é governado pela superstição; e quando o estado governa, ele é governado pelo medo. Antes que os homens possam viver juntos em harmonia e entendimento, a ignorância deve ser transmutada em sabedoria, a superstição em uma fé iluminada e o medo em amor. Apesar das declarações em contrário, a Maçonaria é uma religião que busca unir Deus e o homem elevando seus iniciados àquele nível de consciência em que eles podem contemplar com visão esclarecida o funcionamento do Grande Arquiteto do Universo. De era em era, a visão de uma civilização perfeita é preservada como o ideal para a humanidade. No meio dessa civilização, erguer-se-á uma poderosa universidade onde tanto as ciências sagradas quanto as seculares relativas aos mistérios da vida serão ensinadas livremente a todos que assumirem a vida filosófica. Aqui, credo e dogma não terão lugar; o superficial será removido e apenas o essencial será preservado. O mundo será governado por suas mentes mais iluminadas, e cada um ocupará a posição para a qual for mais admiravelmente adequado.

A grande universidade será dividida em graus, cuja admissão será por meio de testes preliminares ou iniciações. Aqui a humanidade será instruída no mais sagrado, mais secreto e mais duradouro de todos os Mistérios - Simbolismo . Aqui o iniciado aprenderá que todo objeto visível, todo pensamento abstrato, toda reação emocional é apenas o símbolo de um princípio eterno. Aqui a humanidade aprenderá que CHiram (Verdade) jaz enterrado em cada átomo do Kosmos; que toda forma é um símbolo e todo símbolo o túmulo de uma verdade eterna. Por meio da educação - espiritual, mental, moral e física - o homem aprenderá a liberar verdades vivas de suas coberturas sem vida. O governo perfeito da Terra deve ser modelado eventualmente após aquele governo divino pelo qual o universo é ordenado. Naquele dia em que a ordem perfeita for restabelecida, com a paz universal e o bem triunfante, os homens não mais buscarão a felicidade, pois a encontrarão brotando dentro de si mesmos. Esperanças mortas, aspirações mortas, virtudes mortas se levantarão de seus túmulos, e o Espírito da Beleza e da Bondade repetidamente morto por homens ignorantes será novamente o Mestre da Obra.

Então os sábios se sentarão nos assentos dos poderosos e os deuses caminharão com os homens.

A Teoria Pitagórica da Música e da Cor

HARMONIA é um estado reconhecido por grandes filósofos como o pré-requisito imediato da beleza. Um composto é denominado belo somente quando suas partes estão em combinação harmoniosa . O mundo é chamado belo e seu Criador é designado o Bem porque o bem forçosamente deve agir em conformidade com sua própria natureza; e o bem agindo de acordo com sua própria natureza é harmonia, porque o bem que ele realiza é harmonioso com o bem que ele é. Beleza, portanto, é harmonia manifestando sua própria natureza intrínseca no mundo da forma.

O universo é composto de gradações sucessivas do bem, essas gradações ascendendo da matéria (que é o menor grau do bem) ao espírito (que é o maior grau do bem). No homem, sua natureza superior é o summum bonum . Segue-se, portanto, que sua natureza mais elevada reconhece o bem mais prontamente porque o bem externo a ele no mundo está em proporção harmônica com o bem presente em sua alma. O que o homem denomina mal é, portanto, em comum com a matéria, meramente o menor grau de seu próprio oposto. O menor grau de bem pressupõe, da mesma forma, o menor grau de harmonia e beleza. Assim, a deformidade (mal) é realmente a combinação menos harmoniosa de elementos naturalmente harmônicos como unidades individuais. A deformidade não é natural, pois, a soma de todas as coisas sendo o Bem , é natural que todas as coisas participem do Bem e sejam organizadas em combinações que sejam harmoniosas. A harmonia é a expressão manifesta da Vontade do Bem eterno .

A FILOSOFIA DA MÚSICA

É altamente provável que os iniciados gregos tenham obtido seu conhecimento dos aspectos filosóficos e terapêuticos da música dos egípcios, que, por sua vez, consideravam Hermes o fundador da arte. De acordo com uma lenda, esse deus construiu a primeira lira esticando cordas pela concavidade de um casco de tartaruga. Tanto Ísis quanto Osíris eram patronos da música e da poesia. Platão, ao descrever a antiguidade dessas artes entre os egípcios, declarou que canções e poesias existiam no Egito há pelo menos dez mil anos, e que eram de uma natureza tão exaltada e inspiradora que somente deuses ou homens divinos poderiam tê-las composto. Nos Mistérios, a lira era considerada o símbolo secreto da constituição humana, o corpo do instrumento representando a forma física, as cordas os nervos e o músico o espírito. Tocando sobre os nervos, o espírito criava as harmonias do

funcionamento normal, que, no entanto, se tornavam discórdias se a natureza do homem fosse contaminada.

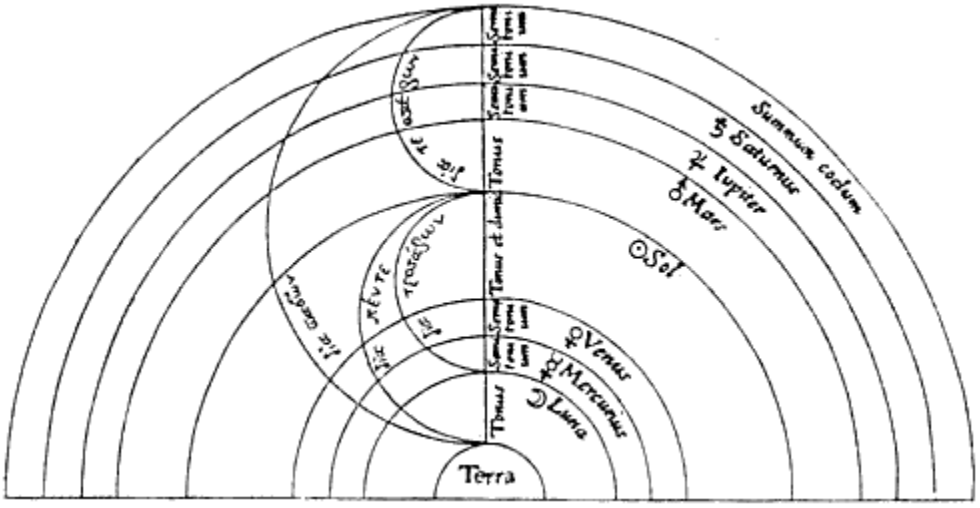
Enquanto os primeiros chineses, hindus, persas, egípcios, israelitas e gregos empregavam tanto a música vocal quanto a instrumental em suas cerimônias religiosas, também para complementar sua poesia e drama, coube a Pitágoras elevar a arte à sua verdadeira dignidade, demonstrando sua fundação matemática. Embora se diga que ele próprio não era músico, Pitágoras é agora geralmente creditado com a descoberta da escala diatônica. Tendo aprendido primeiro a teoria divina da música com os sacerdotes dos vários Mistérios nos quais ele havia sido aceito, Pitágoras ponderou por vários anos sobre as leis que governavam a consonância e a dissonância. Como ele realmente resolveu o problema é desconhecido, mas a seguinte explicação foi inventada.

Um dia, enquanto meditava sobre o problema da harmonia, Pitágoras passou por acaso por uma oficina de braseiro onde os trabalhadores estavam martelando um pedaço de metal em uma bigorna. Ao notar as variações de tom entre os sons feitos por martelos grandes e aqueles feitos por implementos menores, e estimando cuidadosamente as harmonias e discordâncias resultantes das combinações desses sons, ele obteve sua primeira pista para os intervalos musicais da escala diatônica. Ele entrou na oficina e, após examinar cuidadosamente as ferramentas e fazer anotações mentais de seus pesos, voltou para sua própria casa e construiu um braço de madeira de modo que: se estendesse para fora da parede de seu quarto. Em intervalos regulares ao longo deste braço, ele prendeu quatro cordas, todas de composição, tamanho e peso semelhantes. À primeira delas, ele prendeu um peso de doze libras, à segunda, um peso de nove libras, à terceira, um peso de oito libras e à quarta, um peso de seis libras. Esses pesos diferentes correspondiam aos tamanhos dos martelos dos braseiros.

Pitágoras descobriu então que a primeira e a quarta cordas, quando tocadas juntas, produziam o intervalo harmônico da oitava, pois dobrar o peso tinha o mesmo efeito que reduzir a corda pela metade. A tensão da primeira corda sendo o dobro da quarta corda, sua proporção era dita ser 2:1, ou dupla. Por experimentação semelhante, ele verificou que a primeira e a terceira cordas produziam a harmonia do diapente, ou o intervalo da quinta. A tensão da primeira corda sendo metade da da terceira corda, sua proporção era dita ser 3:2, ou sesquialter. Da mesma forma, a segunda e a quarta cordas, tendo a mesma proporção da primeira e da terceira cordas, produziam uma harmonia diapente. Continuando sua investigação, Pitágoras descobriu que a primeira e a segunda cordas produziam a harmonia do diatessaron, ou o intervalo da terceira; e a tensão da primeira corda sendo uma terça maior que a da segunda corda, sua proporção era dita ser 4:3, ou sesquitercian. A terceira e quarta cordas, tendo a mesma proporção que a primeira e segunda cordas, produziram outra harmonia do diatessaron. De acordo com Jâmblico, a segunda e terceira cordas tinham a proporção de 8:9, ou epogdoan.

A chave para as proporções harmônicas está escondida na famosa tetractys pitagórica, ou pirâmide de pontos. A tetractys é composta dos quatro primeiros números — 1, 2, 3 e 4 — que em suas proporções revelam os intervalos da oitava, do diapente e do diatessaron. Embora a lei dos intervalos harmônicos, conforme

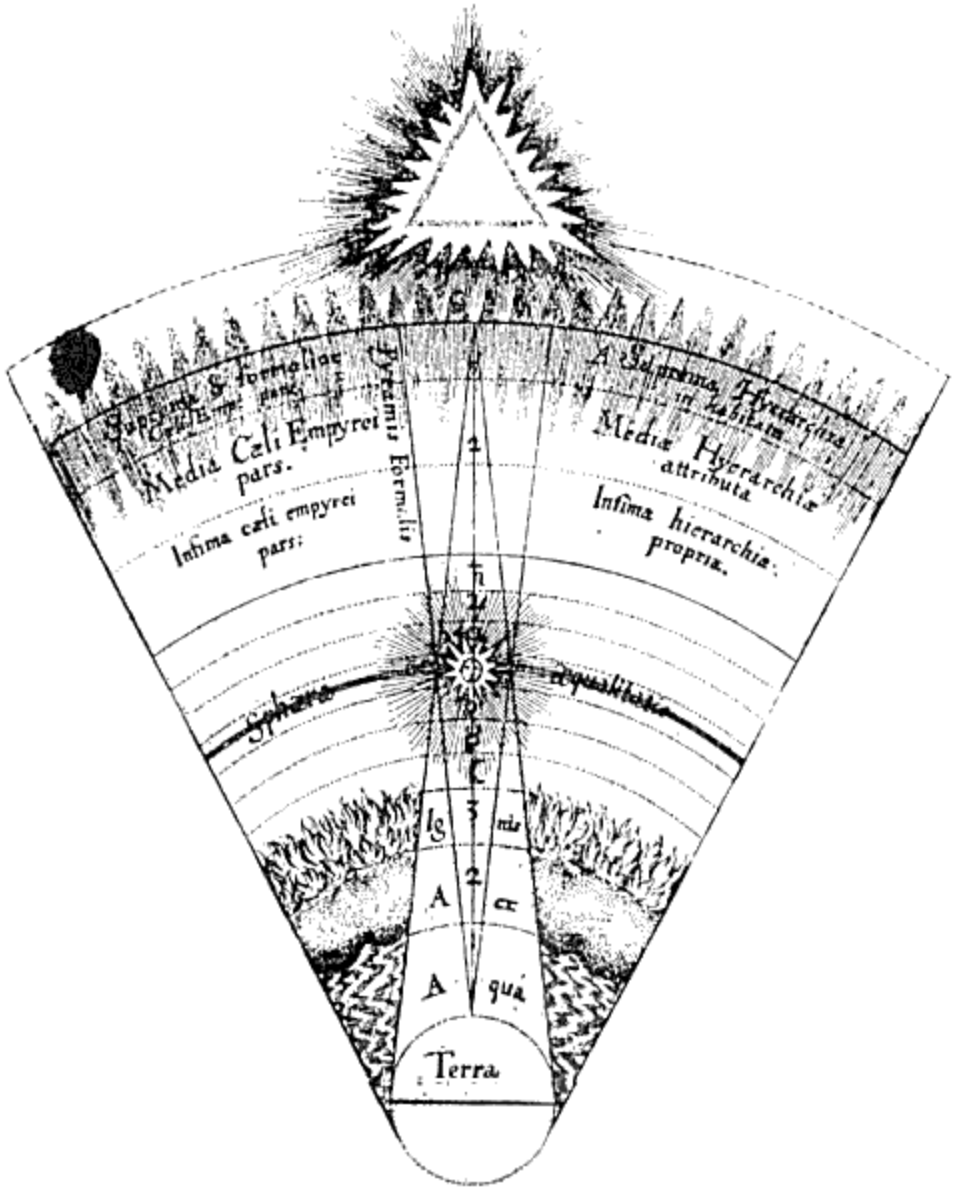
estabelecido acima, seja verdadeira, foi posteriormente provado que martelos batendo em metal da maneira



OS INTERVALOS E HARMONIAS DAS ESFERAS.

Da História da Filosofia de Stanley .

No conceito pitagórico da música das esferas, o intervalo entre a Terra e a esfera das estrelas fixas era considerado um diapasão — o intervalo harmônico mais perfeito. O arranjo permissivo é mais geralmente aceito para os intervalos musicais dos planetas entre a Terra e a esfera das estrelas fixas: Da esfera da Terra à esfera da Lua; um tom; da esfera da Lua à de Mercúrio, um meio-tom; de Mercúrio a Vênus, meio; de Vênus ao Sol, um tom e meio; do Sol a Marte, um tom; de Marte a Júpiter, meio-tom; de Júpiter a Saturno, meio-tom; de Saturno às estrelas fixas, meio-tom. A soma desses intervalos é igual aos seis tons inteiros da oitava.



AS CONSONÂNCIAS DO MONOCORDE MUNDANO.

De De Musica Mundana de Fludd .

Este setor diagramático representa as principais gradações de energia e substância entre a terra elemental e a força absoluta incondicionada. Começando com a superior, as quinze esferas graduadas descem na seguinte ordem: Vida Eterna e Ilimitada; o Empíreo superior, o médio e o inferior; os sete planetas; e os quatro elementos. A energia é simbolizada por Fludd como uma pirâmide com sua base sobre a superfície côncava do Empíreo superior, e a substância como outra Pirâmide com sua base sobre a superfície convexa da esfera (não planeta) da terra. Essas pirâmides demonstram as proporções relativas de energia e substância entrando na composição dos quinze planos do ser. Será notado que a pirâmide ascendente de substância toca, mas não perfura a décima quinta esfera - a da Vida Eterna e

Ilimitada. Da mesma forma, a pirâmide descendente de energia toca, mas não perfura a primeira esfera - a condição mais grosseira da substância. O plano do sol é denominado esfera da igualdade , pois aqui nem energia nem substância predominam. O monocórdio mundano consiste em uma corda hipotética esticada da base da pirâmide de energia até a base da pirâmide de substância.

descritos não produzirão os vários tons atribuídos a eles. Com toda a probabilidade, portanto, Pitágoras realmente elaborou sua teoria da harmonia a partir do monocórdio - um dispositivo que consiste em uma única corda esticada entre duas cravelhas e provida de trastes móveis.

Para Pitágoras, a música era uma das dependências da ciência divina da matemática, e suas harmonias eram inflexivelmente controladas por proporções matemáticas. Os pitagóricos afirmavam que a matemática demonstrava o método exato pelo qual o bem estabelecia e mantinha seu universo. O número, portanto, precedia a harmonia, uma vez que era a lei imutável que governa todas as proporções harmônicas. Depois de descobrir essas proporções harmônicas, Pitágoras gradualmente iniciou seus discípulos nisso, o arcano supremo de seus Mistérios. Ele dividiu as inúmeras partes da criação em um vasto número de planos ou esferas, a cada um dos quais ele atribuiu um tom, um intervalo harmônico, um número, um nome, uma cor e uma forma. Ele então procedeu a provar a precisão de suas deduções, demonstrando-as nos diferentes planos de inteligência e substância, variando da premissa lógica mais abstrata ao sólido geométrico mais concreto. Do acordo comum desses métodos diversificados de prova, ele estabeleceu a existência indiscutível de certas leis naturais.

Tendo estabelecido a música como uma ciência exata, Pitágoras aplicou sua recém-descoberta lei dos intervalos harmônicos a todos os fenômenos da Natureza, chegando até a demonstrar a relação harmônica dos planetas, constelações e elementos entre si. Um exemplo notável de corroboração moderna do alcance filosófico antigo é o da progressão dos elementos de acordo com as proporções harmônicas. Ao fazer uma lista dos elementos na ordem crescente de seus pesos atômicos, John A. Newlands descobriu em cada oitavo elemento uma repetição distinta de propriedades. Essa descoberta é conhecida como a lei das oitavas na química moderna.

Como eles sustentavam que a harmonia deve ser determinada não pelas percepções sensoriais, mas pela razão e pela matemática, os pitagóricos se autodenominavam canônicos , em distinção aos músicos da Escola Harmônica , que afirmavam que o gosto e o instinto eram os verdadeiros princípios normativos da harmonia. Reconhecendo, no entanto, o profundo efeito: da música sobre os sentidos e as emoções, Pitágoras não hesitou em influenciar a mente e o corpo com o que ele chamou de "medicina musical".

Pitágoras demonstrou uma preferência tão marcante por instrumentos de corda que chegou ao ponto de alertar seus discípulos contra permitir que seus ouvidos fossem contaminados pelos sons de flautas ou címbalos. Ele declarou ainda que a alma poderia ser purificada de suas influências irracionais por canções solenes cantadas com o acompanhamento da lira. Em sua investigação do valor terapêutico dos

harmônicos, Pitágoras descobriu que os sete modos — ou chaves — do sistema musical grego tinham o poder de incitar ou acalmar as várias emoções. É relatado que, enquanto observava as estrelas, uma noite, ele encontrou um jovem atordoado com bebida forte e louco de ciúmes que estava empilhando gravetos em volta da porta de sua amante com a intenção de queimar a casa. O frenesi do jovem foi acentuado por um flautista a uma curta distância que tocava uma melodia no emocionante modo frígio. Pitágoras induziu o músico a mudar seu tom para o modo esponjoso lento e rítmico, e então o jovem embriagado imediatamente se recompôs e, juntando seus feixes de lenha, retornou calmamente para sua casa.

Há também um relato de como Empédocles, um discípulo de Pitágoras, ao mudar rapidamente o modo de uma composição musical que estava tocando, salvou a vida de seu anfitrião, Anchitus, quando este foi ameaçado de morte pela espada de alguém cujo pai ele havia condenado à execução pública. Também é sabido que Esculápio, o médico grego, curou ciática e outras doenças dos nervos ao soprar uma trombeta alta na presença do paciente.

Pitágoras curou muitas doenças do espírito, alma e corpo ao ter certas composições musicais especialmente preparadas tocadas na presença do sofredor ou recitando pessoalmente pequenas seleções de poetas antigos como Hesíodo e Homero. Em sua universidade em Crotona, era costume que os pitagóricos abrissem e fechassem cada dia com canções — aquelas pela manhã calculadas para limpar a mente do sono e inspirá-la para as atividades do dia seguinte; aquelas à noite de um modo calmante, relaxante e propício ao descanso. No equinócio vernal, Pitágoras fez com que seus discípulos se reunissem em um círculo ao redor de um deles que os liderava na canção e tocava seu acompanhamento em uma lira.

A música terapêutica de Pitágoras é descrita por Jâmblico assim: "E há certas melodias concebidas como remédios contra as paixões da alma, e também contra o desânimo e a lamentação, que Pitágoras inventou como coisas que proporcionam a maior assistência nessas doenças. E novamente, ele empregou outras melodias contra a raiva e a fúria, e contra toda aberração da alma. Há também outro tipo de modulação inventada como remédio contra os desejos." (Veja A Vida de Pitágoras .)

É provável que os pitagóricos reconhecessem uma conexão entre os sete modos gregos e os planetas. Como exemplo, Plínio declara que Saturno se move no modo dórico e Júpiter no modo frígio. Também é aparente que os temperamentos são ligados aos vários modos, e as paixões da mesma forma. Assim, a raiva — que é uma paixão ardente — pode ser acentuada por um modo ardente ou seu poder neutralizado por um modo aquoso.

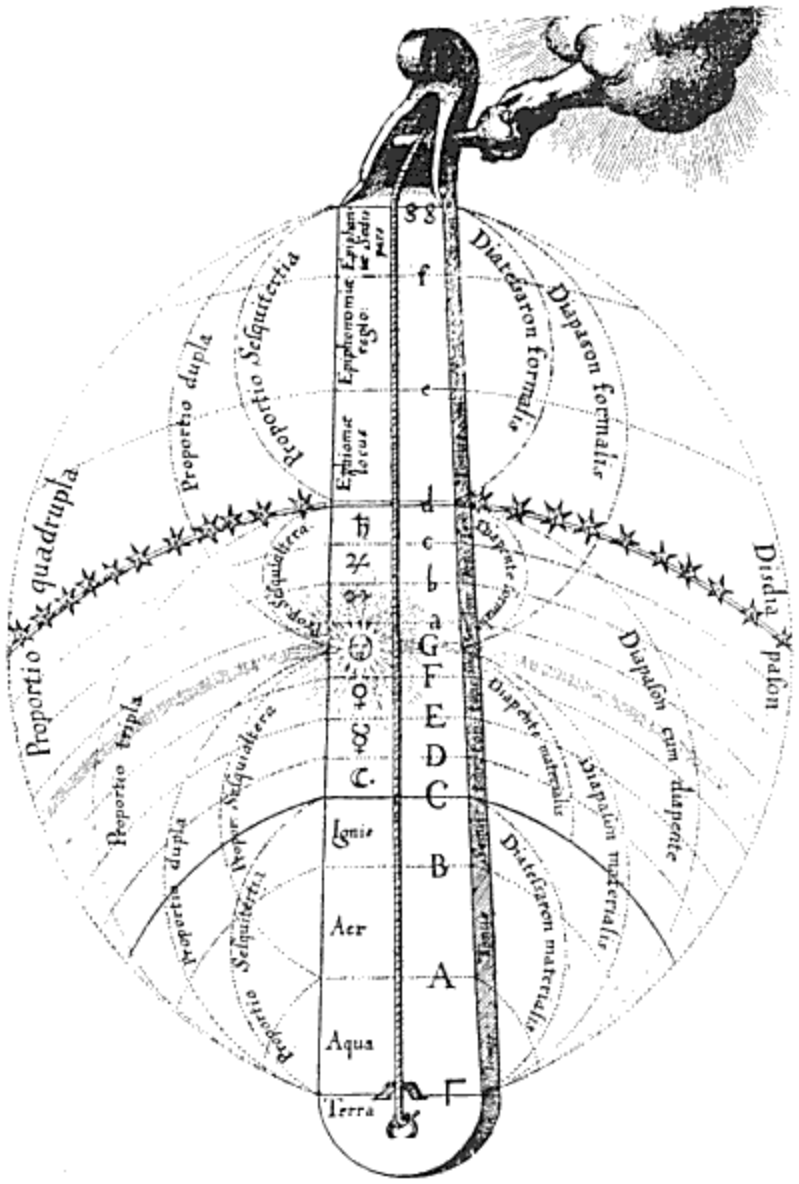
O efeito de longo alcance exercido pela música sobre a cultura dos gregos é assim resumido por Emil Nauman: "Platão depreciou a noção de que a música tinha a intenção unicamente de criar emoções alegres e agradáveis, sustentando, em vez disso, que ela deveria inculcar um amor por tudo o que é nobre e ódio por tudo o que é mesquinho, e que nada poderia influenciar mais fortemente os sentimentos mais íntimos do homem do que a melodia e o ritmo. Firmemente convencido disso, ele concordou com Damon de Atenas, o instrutor musical de Sócrates, que a introdução de uma escala nova e presumivelmente enervante colocaria em risco o

futuro de uma nação inteira, e que não era possível alterar uma tonalidade sem abalar os próprios alicerces do Estado. Platão afirmou que a música que enobrece a mente era de um tipo muito mais elevado do que aquela que meramente apelava aos sentidos, e ele insistiu fortemente que era dever supremo do Legislativo suprimir toda música de caráter efeminado e lascivo, e encorajar apenas o que era puro e digno; que melodias ousadas e emocionantes eram para homens, suaves e calmantes para mulheres. Disto fica evidente que a música desempenhou um papel considerável na educação da juventude grega. O maior cuidado também deveria ser tomado na seleção da música instrumental, porque a ausência de palavras tornava sua significação duvidosa, e era difícil prever se ela exerceria sobre o povo uma influência benigna ou perniciosa. O gosto popular, sendo sempre estimulado por efeitos sensuais e meretrícios, deveria ser tratado com merecido desprezo. (Veja The History of Music .)

Ainda hoje, a música marcial é usada com efeito revelador em tempos de guerra, e a música religiosa, embora não mais desenvolvida de acordo com a teoria antiga, ainda influencia profundamente as emoções dos leigos.

A MÚSICA DAS ESFERAS

A mais sublime, mas menos conhecida de todas as especulações pitagóricas foi a dos harmônicos siderais. Dizia-se que de todos os homens, apenas Pitágoras ouvia a música das esferas . Aparentemente, os caldeus foram o primeiro povo a conceber os corpos celestes se unindo em um canto cósmico enquanto se moviam de maneira imponente pelo céu. Jó descreve um tempo "quando as estrelas da manhã cantavam juntas", e em O Mercador de Veneza o autor das peças shakesperianas



O MONOCORDE MUNDANO COM SUAS PROPORÇÕES E INTERVALOS.

De De Musica Mundana de Fludd .

Neste gráfico é apresentado um resumo da teoria da música universal de Fludd. O intervalo entre o elemento terra e o céu mais alto é considerado uma oitava dupla, mostrando assim que os dois extremos da existência estão em harmonia disdiapason. Isso significa que o céu mais alto, o sol e a terra têm o mesmo tempo, a diferença está no tom. O sol é a oitava inferior do céu mais alto e a terra a oitava inferior do sol. A oitava inferior (Γ a G) compreende aquela parte do universo em que a substância predomina sobre a energia. Suas harmonias, portanto, são mais grosseiras do que aquelas da oitava superior (G a g) em que a energia predomina

sobre a substância. "Se tocado na parte mais espiritual", escreve Fludd, "o monocórdio dará vida eterna; se na parte mais material, vida transitória." Deve-se notar que certos elementos, planetas e esferas celestes mantêm uma proporção harmônica entre si. Fludd propôs isso como uma chave para as simpatias e antipatias existentes entre os vários departamentos da Natureza.

escreve: "Não há o menor orbe que tu contemples que não seja em seu movimento como o de um anjo que canta." Tão pouco resta, no entanto, do sistema pitagórico de música celestial que só é possível aproximar sua teoria real.

Pitágoras concebeu o universo como um imenso monocórdio, com sua única corda conectada em sua extremidade superior ao espírito absoluto e em sua extremidade inferior à matéria absoluta — em outras palavras, uma corda esticada entre o céu e a terra. Contando para dentro a partir da circunferência dos céus, Pitágoras, de acordo com algumas autoridades, dividiu o universo em nove partes; de acordo com outras, em doze partes. O sistema dodecagonal era o seguinte: A primeira divisão era chamada de empíreo , ou a esfera das estrelas fixas, e era a morada dos imortais. A segunda à décima segunda divisões eram (em ordem) as esferas de Saturno, Júpiter, Marte, o sol, Vênus, Mercúrio e a lua, e fogo, ar, água e terra. Este arranjo dos sete planetas (o sol e a lua sendo considerados planetas na astronomia antiga) é idêntico ao simbolismo do castiçal dos judeus — o sol no centro como a haste principal com três planetas em cada lado dele.

Os nomes dados pelos pitagóricos às várias notas da escala diatônica eram, de acordo com Macrobius, derivados de uma estimativa da velocidade e magnitude dos corpos planetários. Acreditava-se que cada uma dessas esferas gigantescas, ao correr interminavelmente pelo espaço, emitia um certo tom causado por seu deslocamento contínuo da difusão etérea . Como esses tons eram uma manifestação da ordem e do movimento divinos, deve necessariamente seguir-se que eles participavam da harmonia de sua própria fonte. "A afirmação de que os planetas em suas revoluções ao redor da Terra emitiam certos sons que diferiam de acordo com suas respectivas 'magnitudes, celeridades e distâncias locais' era comumente feita pelos gregos. Assim, Saturno, o planeta mais distante, era dito dar a nota mais grave, enquanto a Lua, que é a mais próxima, dava a mais aguda. 'Esses sons dos sete planetas e a esfera das estrelas fixas, juntamente com aquela acima de nós [Antíchthon], são as nove Musas, e sua sinfonia conjunta é chamada Mnemosyne.'" (Veja O Cânone .) Esta citação contém uma referência obscura à divisão núplice do universo mencionada anteriormente.

Os iniciados gregos também reconheceram uma relação fundamental entre os céus ou esferas individuais dos sete planetas e as sete vogais sagradas. O primeiro céu proferiu o som da vogal sagrada A (Alfa); o segundo céu, a vogal sagrada E (Épsilon); o terceiro, H (Eta); o quarto, I (Iota); o quinto, O (Ômicron); o sexto, Y (Upsilon); e o sétimo céu, a vogal sagrada Ω (Ômega). Quando esses sete céus cantam juntos, eles produzem uma harmonia perfeita que ascende como um louvor eterno ao trono do Criador. (Veja Contra as Heresias de Irineu .) Embora não seja assim declarado, é provável que os céus planetários sejam considerados como ascendentes na ordem pitagórica, começando com a esfera da lua, que seria o primeiro céu.

Muitos instrumentos antigos tinham sete cordas, e é geralmente admitido que Pitágoras foi quem adicionou a oitava corda à lira de Terpander. As sete cordas sempre foram relacionadas tanto às suas correspondências no corpo humano quanto aos planetas. Os nomes de Deus também foram concebidos para serem formados a partir de combinações das sete harmonias planetárias. Os egípcios confinavam suas canções sagradas aos sete sons primários, proibindo que quaisquer outros fossem proferidos em seus templos. Um de seus hinos continha a seguinte invocação: "Os sete tons sonoros louvam a Ti, o Grande Deus, o Pai incessantemente trabalhador de todo o universo." Em outro, a Divindade se descreve assim: "Eu sou a grande lira indestrutível de todo o mundo, afinando as canções dos céus. (Veja História da Música de Nauman .)

Os pitagóricos acreditavam que tudo o que existia tinha uma voz e que todas as criaturas estavam eternamente cantando louvores ao Criador. O homem falha em ouvir essas melodias divinas porque sua alma está enredada na ilusão da existência material. Quando ele se liberta da escravidão do mundo inferior com suas limitações sensoriais, a música das esferas será novamente audível como era na Era de Ouro. Harmonia reconhece harmonia, e quando a alma humana recupera seu verdadeiro estado, ela não apenas ouvirá o coro celestial, mas também se juntará a ele em um hino eterno de louvor àquele Bem Eterno que controla o número infinito de partes e condições do Ser.

Os Mistérios Gregos incluíam em suas doutrinas um conceito magnífico da relação existente entre música e forma. Os elementos da arquitetura, por exemplo, eram considerados comparáveis a modos e notas musicais, ou como tendo uma contraparte musical. Consequentemente, quando um edifício era erguido no qual vários desses elementos eram combinados, a estrutura era então comparada a um acorde musical, que era harmônico somente quando satisfazia completamente os requisitos matemáticos de intervalos harmônicos. A realização dessa analogia entre som e forma levou Goethe a declarar que "arquitetura é música cristalizada".

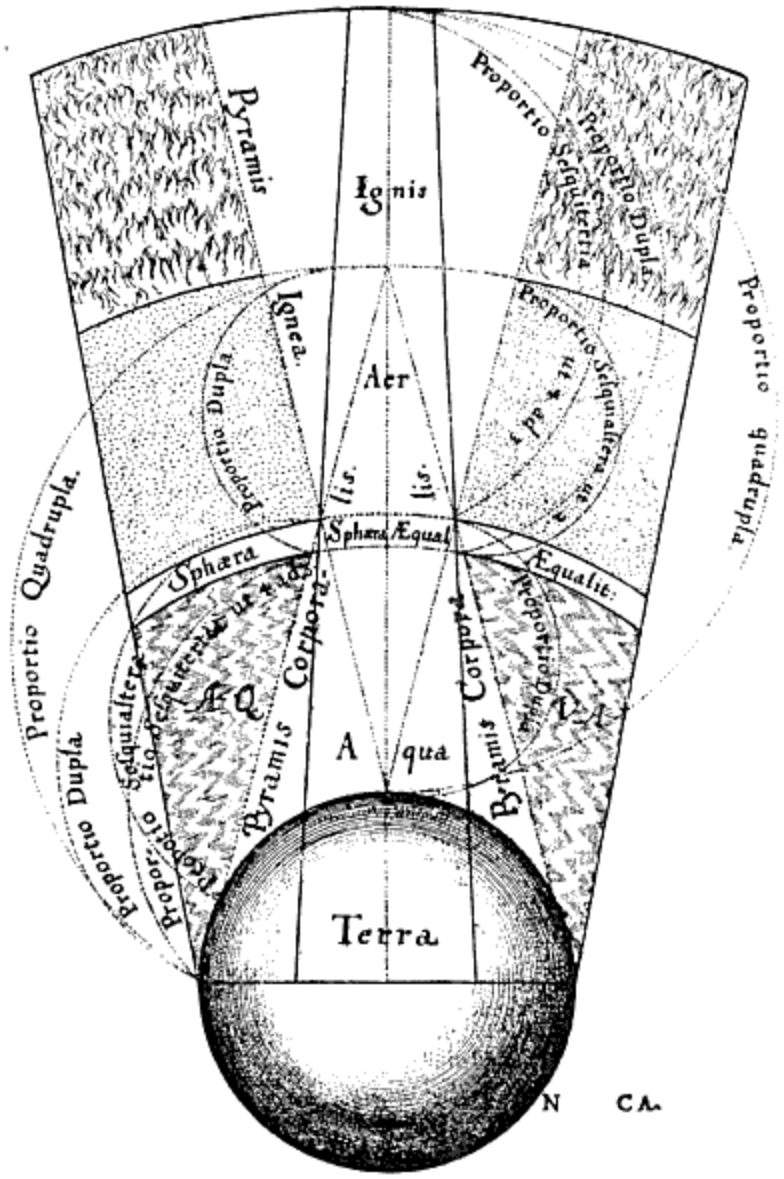
Ao construir seus templos de iniciação, os primeiros sacerdotes frequentemente demonstravam seu conhecimento superior dos princípios subjacentes aos fenômenos conhecidos como vibração. Uma parte considerável dos rituais de Mistério consistia em invocações e entonações, para os quais câmaras sonoras especiais eram construídas. Uma palavra sussurrada em um desses apartamentos era tão intensificada que as reverberações faziam todo o edifício balançar e ser preenchido com um rugido ensurdecedor. A própria madeira e pedra usadas na construção desses edifícios sagrados eventualmente se tornaram tão completamente permeadas com as vibrações sonoras das cerimônias religiosas que, quando atingidas, reproduziam os mesmos tons assim repetidamente impressos em suas substâncias pelos rituais.

Cada elemento na Natureza tem sua nota-chave individual. Se esses elementos forem combinados em uma estrutura composta, o resultado é um acorde que, se tocado, desintegrará o composto em suas partes integrais. Da mesma forma, cada indivíduo tem uma nota-chave que, se tocada, o destruirá. A alegoria dos muros de Jericó caindo quando as trombetas de Israel foram tocadas é, sem dúvida, destinada a expor o significado arcano da nota-chave ou vibração individual.

A FILOSOFIA DA COR

"A luz", escreve Edwin D. Babbitt, "revela as glórias do mundo externo e ainda assim é a mais gloriosa de todas. Ela dá beleza, revela beleza e é ela mesma a mais bela. Ela é a analisadora, a contadora da verdade e a expositora de farsas, pois mostra as coisas como elas são. Seus fluxos infinitos medem o universo e fluem para nossos telescópios de estrelas que estão a quintilhões de milhas de distância. Por outro lado, ela desce para objetos inconcebivelmente pequenos e revela através do microscópio objetos cinquenta milhões de vezes menores do que podem ser vistos a olho nu. Como todas as outras forças sutis, seu movimento é maravilhosamente suave, mas penetrante e poderoso. Sem sua influência vivificante, a vida vegetal, animal e humana deve perecer imediatamente da terra, e a ruína geral ocorre. Faremos bem, então, em considerar este potencial e belo princípio da luz e suas cores componentes, pois quanto mais profundamente penetramos em suas leis internas, mais ela se apresentará como um maravilhoso depósito de poder para vitalizar, curar, refinar e deleitar humanidade." (Veja Os Princípios da Luz e da Cor .)

Como a luz é a manifestação física básica da vida, banhando toda a criação em seu esplendor, é altamente importante perceber, pelo menos em parte, a natureza sutil dessa substância divina. O que é chamado de luz é, na verdade, uma taxa de vibração que causa certas reações no nervo óptico. Poucos percebem como são cercados pelas limitações



A TEORIA DA MÚSICA ELEMENTAR.

De De Musica Mundana de Fludd .

Neste diagrama, duas pirâmides interpenetrantes são novamente empregadas, uma das quais representa o fogo e a outra a terra. É demonstrado de acordo com a lei da harmonia elemental que o fogo não entra na composição da terra nem a terra na composição do fogo. As figuras no gráfico revelam as relações harmônicas existentes entre os quatro elementos primários de acordo com Fludd e os pitagóricos. A terra consiste em quatro partes de sua própria natureza; a água, de três partes de terra e uma parte de fogo. A esfera da igualdade é um ponto hipotético onde há um equilíbrio de duas partes de terra e duas partes de fogo. O ar é composto de três partes de fogo e uma parte de terra; o fogo, de quatro partes de sua própria natureza. Assim, a terra e a água têm entre si a proporção de 4 para

3, ou a harmonia diatessaron, e a água e a esfera da igualdade, a proporção de 3 para 2, ou a harmonia diapente. Fogo e ar também têm um para o outro a proporção de 4 para 3, ou a harmonia diatessaron, e ar e a esfera de igualdade a proporção de 3 para 2, ou a harmonia diapente. Como a soma de um diatessaron e um diapente é igual a um diapasão, ou oitava, é evidente que tanto a esfera do fogo quanto a esfera da terra estão em harmonia diapasão com a esfera da igualdade, e também que fogo e terra estão em harmonia disdiapasão entre si.

das percepções sensoriais. Não só há muito mais na luz do que qualquer um já viu, mas também há formas desconhecidas de luz que nenhum equipamento óptico jamais registrará. Há inúmeras cores que não podem ser vistas, assim como sons que não podem ser ouvidos, odores que não podem ser cheirados, sabores que não podem ser saboreados e substâncias que não podem ser sentidas. O homem é, portanto, cercado por um universo supersensível do qual ele nada sabe porque os centros de percepção sensorial dentro de si não foram desenvolvidos o suficiente para responder às taxas mais sutis de vibração das quais esse universo é composto.

Entre os povos civilizados e selvagens, a cor foi aceita como uma linguagem natural para expressar suas doutrinas religiosas e filosóficas. A antiga cidade de Ecbátana, conforme descrita por Heródoto, com suas sete paredes coloridas de acordo com os sete planetas, revelou o conhecimento deste assunto possuído pelos Magos Persas. O famoso zikkurat ou torre astronômica do deus Nebo em Borsippa ascendia em sete grandes degraus ou estágios, cada degrau sendo pintado na cor-chave de um dos corpos planetários. (Veja Magia Caldeia de Lenormant .) É evidente, portanto, que os babilônios estavam familiarizados com o conceito de espectro em sua relação com os sete Deuses ou Poderes Criativos. Na Índia, um dos imperadores Mogul fez com que uma fonte fosse feita com sete níveis. A água que descia pelas laterais através de canais especialmente arranjados mudava de cor à medida que descia, passando sequencialmente por todos os tons do espectro. No Tibete, a cor é empregada pelos artistas nativos para expressar vários estados de espírito. L. Austine Waddell, escrevendo sobre a arte budista do Norte, observa que na mitologia tibetana "Tez branca e amarela geralmente tipificam estados de ânimo suaves, enquanto o vermelho, o azul e o preto pertencem a formas ferozes, embora às vezes o azul claro, como indicativo do céu, signifique meramente celestial. Geralmente os deuses são retratados em branco, os goblins em vermelho e os demônios em preto, como seus parentes europeus." (Veja O Budismo do Tibete .)

No Mênon , Platão, falando por meio de Sócrates, descreve a cor como "uma efluência de forma, compatível com a visão e sensível". No Teeteto, ele discorre mais longamente sobre o assunto assim: "Vamos pôr em prática o princípio que acaba de ser afirmado, de que nada é autoexistente, e então veremos que cada cor, branco, preto e todas as outras cores, surgem do olho encontrando o movimento apropriado, e que o que chamamos de substância de cada cor não é nem o elemento ativo nem o passivo, mas algo que passa entre eles e é peculiar a cada percipiente; você tem certeza de que as várias cores aparecem para cada animal - digamos, um cachorro - como elas aparecem para você?"

Na tetractys pitagórica — o símbolo supremo das forças e processos universais — são apresentadas as teorias dos gregos sobre cor e música. Os três primeiros pontos representam a Luz Branca tripla, que é a Divindade contendo potencialmente todo som e cor. Os sete pontos restantes são as cores do espectro e as notas da escala musical. As cores e tons são os poderes criativos ativos que, emanando da Primeira Causa, estabelecem o universo. Os sete são divididos em dois grupos, um contendo três poderes e os outros quatro, um relacionamento também mostrado na tetractys . O grupo superior — o de três — torna-se a natureza espiritual do universo criado; o grupo inferior — o de quatro — manifesta-se como a esfera irracional, ou mundo inferior.

Nos Mistérios, os sete Logi , ou Senhores Criativos, são mostrados como correntes de força que saem da boca do Eterno. Isso significa que o espectro está sendo extraído da luz branca da Divindade Suprema. Os sete Criadores, ou Fabricantes, das esferas inferiores eram chamados pelos judeus de Elohim . Pelos egípcios, eles eram chamados de Construtores (às vezes como Governadores) e são retratados com grandes facas em suas mãos com as quais esculpiram o universo de sua substância primordial. A adoração dos planetas é baseada em sua aceitação como as personificações cósmicas dos sete atributos criativos de Deus. Os Senhores dos planetas foram descritos como habitando dentro do corpo do sol, pois a verdadeira natureza do sol, sendo análoga à luz branca, contém as sementes de todas as potências de tom e cor que ele manifesta.

Existem vários arranjos arbitrários que estabelecem as relações mútuas dos planetas, das cores e das notas musicais. O sistema mais satisfatório é aquele baseado na lei da oitava . O sentido da audição tem um escopo muito mais amplo do que o da visão, pois enquanto o ouvido pode registrar de nove a onze oitavas de som, o olho é restrito à cognição de apenas sete tons de cor fundamentais, ou um tom a menos da oitava. O vermelho, quando posicionado como o tom de cor mais baixo na escala cromática, corresponde assim a dó , a primeira nota da escala musical. Continuando a analogia, o laranja corresponde a ré , o amarelo a mi , o verde a fá , o azul a sol , o índigo a lá e o violeta a si (si). O oitavo tom de cor necessário para completar a escala deve ser a oitava mais alta do vermelho, o primeiro tom de cor. A precisão do arranjo acima é atestada por dois fatos marcantes: (1) as três notas fundamentais da escala musical — a primeira, a terceira e a quinta — correspondem às três cores primárias — vermelho, amarelo e azul; (2) a sétima, a menos perfeita, nota da escala musical corresponde ao roxo, o tom menos perfeito da escala de cores.

Em The Principles of Light and Color , Edwin D. Babbitt confirma a correspondência das escalas de cor e musical: "Assim como C está na base da escala musical e é feito com as ondas mais grosseiras de ar, assim também o vermelho está na base da escala cromática e é feito com as ondas mais grosseiras de éter luminoso. Assim como a nota musical B [a sétima nota da escala] requer 45 vibrações de ar toda vez que a nota C na extremidade inferior da escala requer 24, ou pouco mais da metade, assim também o violeta extremo requer cerca de 300 trilhões de vibrações de éter em um segundo, enquanto o vermelho extremo requer apenas cerca de 450 trilhões, que também são pouco mais da metade. Quando uma oitava musical é concluída, outra começa e progride com apenas o dobro de vibrações que foram

usadas na primeira oitava, e assim as mesmas notas são repetidas em uma escala mais fina. Da mesma forma, quando a escala de cores visíveis ao olho comum é concluída no violeta, outra oitava de cores invisíveis mais finas, com apenas o dobro de vibrações, começará e progredirá precisamente na mesma lei."

Quando as cores são relacionadas aos doze signos do zodíaco, elas são organizadas como os raios de uma roda. A Áries é atribuído vermelho puro; a Touro, vermelho-alaranjado; a Gêmeos, laranja puro; a Câncer, amarelo-alaranjado; a Leão, amarelo puro; a Virgem, amarelo-esverdeado; a Libra, verde puro; a Escorpião, verde-azulado; a Sagitário, azul puro; a Capricórnio, azul-violeta; a Aquário, violeta puro; e a Peixes, violeta-avermelhado.

Ao expor o sistema oriental de filosofia esotérica, H. P. Blavatsky relaciona as cores à constituição setenária do homem e aos sete estados da matéria da seguinte forma:

Este arranjo das cores do espectro e das notas musicais da oitava necessita de um agrupamento diferente dos planetas para preservar seu tom e analogias de cores apropriados. Assim, do se torna Marte; re , o sol; mi , Mercúrio; fa , Saturno; sol , Júpiter; la , Vênus; si (ti) a lua. (Veja as Instruções ES .)

COR PRINCÍPIOS DO HOMEM ESTADOS DA MATÉRIA

Violeta -*Chaya* , ou Duplo Etérico-Éter

Índigo-*Manas Superior* , ou Inteligência Espiritual-Estado Crítico chamado Ar

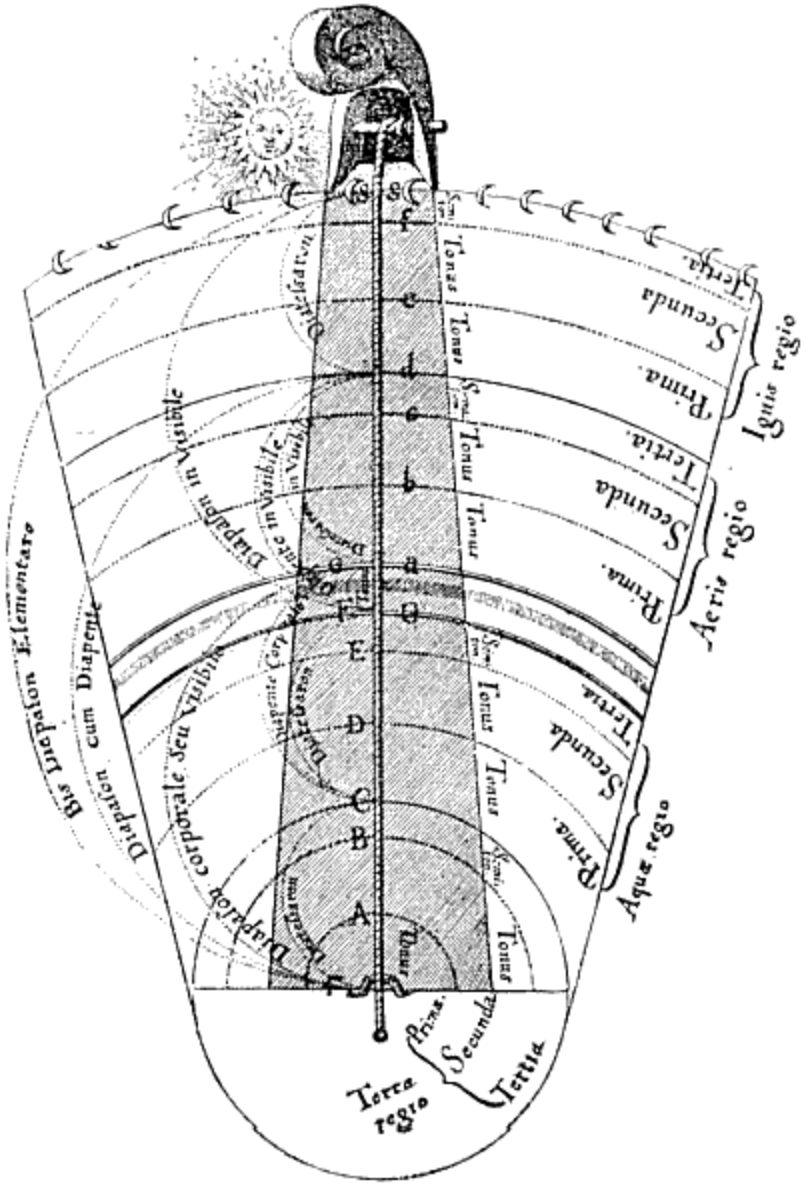
Azul -*Envelope Áurico*-Vapor ou Vapor

Verde -*Manas Inferior* , ou Alma Animal-Estado Crítico

Amarelo -*Buddhi* , ou Alma Espiritual-Água

Laranja-*Prana* , ou Princípio da Vida-Estado Crítico

Vermelho -*Kama Rupa* , ou Sede da Vida Animal-Gelo



OS QUATRO ELEMENTOS E SEUS INTERVALOS CONSONANTAIS.

De De Musica Mundana de Fludd .

Neste diagrama, Fludd dividiu cada um dos quatro elementos primários em três subdivisões. A primeira divisão de cada elemento é a mais grosseira, participando um pouco da substância diretamente inferior a si mesma (exceto no caso da terra, que não tem estado inferior a si mesma). A segunda divisão consiste no elemento em seu estado relativamente puro, enquanto a terceira divisão é aquela condição em que o elemento participa um pouco da substância imediatamente superior a si mesmo. Por exemplo, a divisão mais baixa do elemento água é sedimentar, pois contém substância terrestre em solução; a segunda divisão representa a água em seu estado mais comum - salgado - como no caso do oceano; e a terceira divisão é a água em seu estado mais puro - livre de sal. O intervalo harmônico atribuído à

divisão mais baixa de cada elemento é um tom, para a divisão central também um tom, mas para a divisão mais alta um meio-tom porque participa da divisão imediatamente acima dela. Fludd enfatiza o fato de que, à medida que os elementos ascendem em séries de dois tons e meio, o diatessaron é o intervalo harmônico dominante dos elementos.

Peixes, Insetos, Animais, Répteis e Pássaros Parte Um

AS criaturas que habitam a água, o ar e a terra eram veneradas por todas as raças da antiguidade. Percebendo que os corpos visíveis são apenas símbolos de forças invisíveis, os antigos adoravam o Poder Divino por meio dos reinos inferiores da Natureza, porque aquelas criaturas menos evoluídas e mais simplesmente constituídas respondiam mais prontamente aos impulsos criativos dos deuses. Os sábios da antiguidade estudavam os seres vivos a um ponto de realização de que Deus é mais perfeitamente compreendido por meio do conhecimento de Sua obra suprema - Natureza animada e inanimada.

Toda criatura existente manifesta algum aspecto da inteligência ou poder do Eterno, que nunca pode ser conhecido exceto através de um estudo e apreciação de Suas partes numeradas, mas inconcebíveis. Quando uma criatura é escolhida, portanto, para simbolizar para a mente humana concreta algum princípio abstrato oculto, é porque suas características demonstram esse princípio invisível em ação visível. Peixes, insetos, animais, répteis e pássaros aparecem no simbolismo religioso de quase todas as nações, porque as formas e hábitos dessas criaturas e os meios em que existem os relacionam intimamente com os vários poderes generativos e germinativos da Natureza, que eram considerados como evidência prima facie da onipresença divina.

Os primeiros filósofos e cientistas, percebendo que toda a vida tem sua origem na água, escolheram o peixe como símbolo do germe da vida. O fato de os peixes serem mais prolíficos torna a comparação ainda mais adequada. Embora os primeiros sacerdotes possam não ter possuído os instrumentos necessários para analisar o espermatozoide, eles concluíram por dedução que ele se assemelhava a um peixe.

Os peixes eram sagrados para os gregos e romanos, sendo conectados com a adoração de Afrodite (Vênus). Uma sobrevivência interessante do ritualismo pagão é encontrada no costume de comer peixe na sexta-feira. Freya , em cuja homenagem o dia foi nomeado, era a Vênus escandinava, e este dia era sagrado entre muitas nações para a deusa da beleza e da fecundidade. Esta analogia liga ainda mais o peixe com o mistério procriativo. A sexta-feira também é sagrada para os seguidores do profeta Maomé.

A palavra nun significa peixe e crescimento, e como Inman diz: "Os judeus foram levados à vitória pelo Filho do Peixe cujos outros nomes eram Josué e Jesus (o Salvador). Nun ainda é o nome de uma devota" da fé cristã. Entre os primeiros cristãos, três peixes eram usados para simbolizar a Trindade, e o peixe também é um dos oito símbolos sagrados do grande Buda. Também é significativo que o golfinho seja sagrado tanto para Apolo (o Salvador Solar) quanto para Netuno. Acreditava-se que esse peixe carregava marinheiros naufragados para o céu em suas costas. O golfinho foi aceito pelos primeiros cristãos como um emblema de Cristo, porque os pagãos viam essa bela criatura como um amigo e benfeitor do homem. O herdeiro do trono da França, o Delfim , pode ter garantido seu título desse antigo símbolo pagão do poder divino de preservação. Os primeiros defensores do cristianismo compararam os convertidos aos peixes, que na época do batismo "retornavam novamente ao mar de Cristo".

Os povos primitivos acreditavam que o mar e a terra eram habitados por criaturas estranhas, e os primeiros livros sobre zoologia contêm ilustrações curiosas de animais compostos, répteis e peixes, que não existiam na época em que os autores medievais compilaram esses livros volumosos. Nos antigos rituais iniciáticos dos Mistérios Persas, Gregos e Egípcios, os sacerdotes se disfarçavam como criaturas compostas, simbolizando assim diferentes aspectos da consciência humana. Eles usavam pássaros e répteis como emblemas de suas várias divindades, muitas vezes criando formas de aparência grotesca e atribuindo a eles traços imaginários, hábitos e locais de domicílio, todos os quais eram simbólicos de certas verdades espirituais e transcendentais, assim ocultas do profano. A fênix fez seu ninho de incenso e chamas. O unicórnio tinha o corpo de um cavalo, os pés de um elefante e a cauda de um javali. A metade superior do corpo do centauro era humana e a metade inferior equina. O pelicano dos hermetistas alimentava seus filhotes com seu próprio peito, e a esse pássaro foram atribuídos outros atributos misteriosos que só poderiam ser verdadeiros alegoricamente.

Embora considerados por muitos escritores da Idade Média como criaturas vivas reais, nenhum deles — exceto o pelicano — jamais existiu fora do simbolismo dos Mistérios. Possivelmente eles se originaram em rumores de animais então pouco conhecidos. No templo, no entanto, eles se tornaram uma realidade, pois ali eles significavam as características múltiplas da natureza do homem. A mantichora tinha certos pontos em comum com a hiena; o unicórnio pode ter sido o rinoceronte de um chifre. Para o estudante da sabedoria secreta, esses animais compostos e pássaros simplesmente representam várias forças trabalhando nos mundos invisíveis. Este é um ponto que quase todos os escritores sobre o assunto de monstros medievais parecem ter esquecido. (Veja Monstrorum Historia de Vlyssis Aldrovandi , 1642, e Physica Curiosa , de P. Gaspare Schotto, 1697.)

Há também lendas que dizem que muito antes do surgimento dos seres humanos existia uma raça ou espécie de criaturas compostas que foi destruída pelos deuses. Os templos da antiguidade preservaram seus próprios registros históricos e possuíam informações sobre o mundo pré-histórico que nunca foram reveladas aos não iniciados. De acordo com esses registros, a raça humana evoluiu de uma espécie de criatura que compartilhava um pouco da natureza de um anfíbio, pois naquela época o homem primitivo tinha as guelras de um peixe e era parcialmente

coberto por escamas. Em um grau limitado, o embrião humano demonstra a possibilidade de tal condição. Como resultado da teoria da origem do homem na água, o peixe era visto como o progenitor da família humana. Isso deu origem à ictiolatria dos caldeus, fenícios e brâmanes. Os índios americanos acreditam que as águas dos lagos, rios e oceanos são habitadas por um povo misterioso, os "índios da água".

O peixe tem sido usado como um emblema de condenação; mas entre os chineses ele tipificava contentamento e boa sorte, e peixes aparecem em muitas de suas moedas. Quando Typhon, ou Set, o gênio maligno egípcio, dividiu o corpo do deus Osíris em quatorze partes, ele lançou uma parte no rio Nilo, onde, de acordo com Plutarco, foi devorado por três peixes — o lepidotus (provavelmente o lepidosiren), o phagrus e o oxyrynchus (uma forma de lúcio). Por essa razão, os egípcios não comiam a carne desses peixes, acreditando que fazê-lo seria devorar o corpo de seu deus. Quando usado como um símbolo do mal, o peixe representava a terra (a natureza inferior do homem) e o túmulo (o sepulcro dos Mistérios). Assim, Jonas ficou três dias na barriga do "grande peixe", assim como Cristo ficou três dias no túmulo.

Vários pais da igreja primitiva acreditavam que a "baleia" que engoliu Jonas era o símbolo de Deus Pai, que, quando o infeliz profeta foi jogado ao mar, aceitou Jonas em Sua própria natureza até que um lugar de segurança fosse alcançado. A história de Jonas é realmente uma lenda de iniciação nos Mistérios, e o "grande peixe" representa a escuridão da ignorância que engole o homem quando ele é jogado para fora do navio (nasce) no mar (vida). O costume de construir navios na forma de peixes ou pássaros, comum nos tempos antigos, pode dar origem à história, e talvez Jonas tenha sido meramente pego por

A PRIMEIRA ENCARNAÇÃO, OU AVATAR MATSYA, DE VISHNU.

Dos Cerimoniais Religiosos de Picart .

O peixe tem sido frequentemente associado aos Salvadores do Mundo. Vishnu, o Redentor Hindu, que assume dez formas para a redenção do universo, foi expulso da boca de um peixe em sua primeira encarnação. Ísis, enquanto amamentava o bebê Hórus, é frequentemente mostrada com um peixe em seu cocar. Oannes, o Salvador Caldeu (emprestado dos Brâmanes), é retratado com a cabeça e o corpo de um peixe, dos quais sua forma humana se projeta em vários pontos. Jesus era frequentemente simbolizado por um peixe. Ele disse a Seus discípulos que eles deveriam se tornar "pescadores de homens". O sinal do peixe também foi o primeiro monograma dos cristãos. O misterioso nome grego de Jesus, ΙΧΘΥΣ, significa "um peixe". O peixe foi aceito como um símbolo de Cristo por vários dos primeiros pais da igreja canonizados. Santo Agostinho comparou o Cristo a um peixe que havia sido grelhado, e também foi apontado que a carne daquele Peixe era o alimento de homens justos e santos.

outro navio e levado para o porto, o padrão do navio fez com que fosse chamado de "grande peixe" (" Veritatis simplex oratio est! ") Mais provavelmente a "baleia" de Jonas é baseada na criatura mitológica pagã, hipocampo , parte cavalo e parte golfinho, pois as primeiras estátuas e esculturas cristãs mostram a criatura composta e não uma baleia verdadeira.

É razoável supor que as misteriosas serpentes marinhas, que, de acordo com as lendas maias e toltecas, trouxeram os deuses para o México, eram navios vikings ou caldeus, construídos na forma de monstros marinhos compostos ou dragões. HP Blavatsky avança a teoria de que a palavra cetus , a grande baleia, é derivada de keto , um nome para o deus peixe, Dagon, e que Jonas foi realmente confinado em uma cela escavada no corpo de uma estátua gigantesca de Dagon depois que ele foi capturado por marinheiros fenícios e levado para uma de suas cidades. Não há dúvida de um grande mistério na forma gigantesca de cetus , que ainda é preservada como uma constelação.

De acordo com muitos fragmentos dispersos existentes, a natureza inferior do homem era simbolizada por uma criatura tremenda e desajeitada, semelhante a uma grande serpente marinha, ou dragão, chamada leviatã . Todos os símbolos com forma ou movimento serpentino significam a energia solar em uma de suas muitas formas. Esta grande criatura do mar, portanto, representa a força vital solar aprisionada na água e também a energia divina fluindo através do corpo do homem, onde, até ser transmutada, ela se manifesta como um monstro contorcido e retorcido --- as ganâncias, paixões e luxúrias do homem. Entre os símbolos de Cristo como o Salvador dos homens, há um número relacionado ao mistério de Sua natureza divina oculto na personalidade do humilde Jesus.

Os gnósticos dividiram a natureza do Redentor cristão em duas partes — uma, Jesus, um homem mortal; a outra, Christos, uma personificação de Nous , o princípio da Mente Cósmica. Nous , o maior, foi pelo período de três anos (do batismo à crucificação) usando a vestimenta carnal do homem mortal (Jesus). Para ilustrar este ponto e ainda escondê-lo dos ignorantes, muitas criaturas estranhas e frequentemente repulsivas foram usadas cujos exteriores ásperos escondiam organismos magníficos. Kenealy, em suas notas sobre o Livro de Enoque , observa: "Por que a lagarta era um símbolo do Messias é evidente; porque, sob um aspecto humilde, rastejante e totalmente terrestre, ele esconde a bela forma de borboleta, com suas asas radiantes, emulando em suas cores variadas o Arco-íris, a Serpente, o Salmão, o Escaravelho, o Pavão e o Golfinho moribundo * * *.

INSETOS

Em 1609, o Amphitheatrum Sapientiæ Æternæ de Henry Khunrath foi publicado. Eliphas Levi declarou que dentro de suas páginas estão ocultos todos os grandes

segredos da filosofia mágica. Uma placa notável nesta obra mostra as ciências herméticas sendo atacadas pelos pedagogos intolerantes e ignorantes do século XVII. Para expressar seu completo desprezo por seus caluniadores, Khunrath fez de cada um deles uma besta composta, adicionando orelhas de burro a uma e uma cauda falsa a outra. Ele reservou a parte superior da imagem para certos caluniadores mesquinhos a quem deu formas apropriadas. O ar estava cheio de criaturas estranhas - grandes libélulas, sapos alados, pássaros com cabeças humanas e outras formas estranhas que desafiam a descrição - acumulando veneno, fofoca, rancor, calúnia e outras formas de perseguição sobre o arcano secreto dos sábios. O desenho indicava que seus ataques eram ineficazes. Insetos venenosos eram frequentemente usados para simbolizar o poder mortal da língua humana.

Insetos de todos os tipos também eram considerados emblemáticos dos espíritos da Natureza e dos daemons, pois acreditava-se que ambos habitavam a atmosfera. Desenhos medievais mostrando mágicos no ato de invocar espíritos, frequentemente retratam os poderes misteriosos do outro mundo, que o mágico exorcizou, como aparecendo para ele em formas compostas de insetos. Os primeiros filósofos aparentemente tinham a opinião de que a doença que varria as comunidades na forma de pragas eram na verdade criaturas vivas, mas em vez de considerar uma série de pequenos germes, eles viam a praga inteira como uma individualidade e deram a ela uma forma hedionda para simbolizar sua destrutividade. O fato de as pragas virem no ar fez com que um inseto ou um pássaro fosse usado como seu símbolo.

Belas formas simétricas eram atribuídas a todas as condições ou poderes naturais benevolentes, mas a poderes não naturais ou malévolos eram atribuídas figuras contorcidas e anormais. O Maligno era horrivelmente deformado ou então da natureza de certos animais desprezados. Uma superstição popular durante a Idade Média sustentava que o Diabo tinha pés de galo, enquanto os egípcios atribuíam a Tifão (Diabo) o corpo de um porco.

Os hábitos dos insetos foram cuidadosamente estudados. Portanto, a formiga era vista como emblemática da indústria e da previsão, pois armazenava suprimentos para o inverno e também tinha força para mover objetos muitas vezes maiores que seu próprio peso. Os gafanhotos que desciam em nuvens e, em algumas partes da África e da Ásia, obscureciam o sol e destruíam todas as coisas verdes, eram considerados emblemas adequados de paixão, doença, ódio e conflito; pois essas emoções destroem tudo o que é bom na alma do homem e deixam um deserto árido para trás. No folclore de várias nações, certos insetos recebem significado especial, mas aqueles que receberam veneração e consideração mundial comeram o escaravelho, o rei do reino dos insetos; o escorpião, o grande traidor; a borboleta, o emblema da metamorfose; e a abelha, o símbolo da indústria.

O escaravelho egípcio é uma das figuras simbólicas mais notáveis já concebidas pela mente do homem. Ele evoluiu pela erudição do sacerdócio de um simples inseto que, por causa de seus hábitos e aparência peculiares, simbolizava adequadamente a força do corpo, a ressurreição da alma e o Criador Eterno e

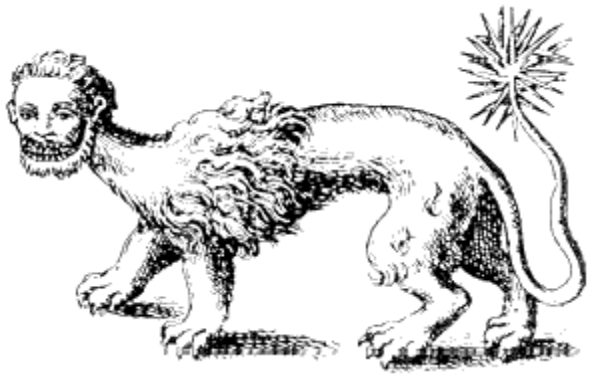
Incompreensível em Seu aspecto como Senhor do Sol. EA Wallis Budge diz, com efeito, sobre a adoração do escaravelho pelos egípcios:

"Outra visão mantida nos tempos primitivos era que o céu era um vasto prado sobre o qual um enorme besouro rastejava, empurrando o disco do sol diante dele. Este besouro era o deus do céu e, argumentando a partir do exemplo do besouro (Scarabæus sacer), que foi observado rolando junto com suas patas traseiras uma bola que se acreditava conter seus ovos, os antigos egípcios pensaram que a bola do deus do céu continha seu ovo e que o sol era sua prole. Graças, no entanto, às investigações do eminente entomologista, Monsieur JH Fabre, agora sabemos que a bola que o Scarabæus sacer rola não contém seus ovos, mas esterco que deve servir de alimento para seu ovo, que ele põe em um local cuidadosamente preparado."

Iniciados dos Mistérios Egípcios eram às vezes chamados de escaravelhos; novamente, leões e panteras. O escaravelho era o emissário do sol, simbolizando luz, verdade e regeneração. Escaravelhos de pedra, chamados escaravelhos de coração, com cerca de três polegadas de comprimento, eram colocados na cavidade cardíaca do morto quando esse órgão era removido para ser embalsamado separadamente como parte do processo de mumificação. Alguns sustentam que os besouros de pedra eram meramente envoltos em panos de enrolamento no momento da preparação do corpo para preservação eterna. A seguinte passagem sobre isso aparece no grande livro egípcio de iniciação, O Livro dos Mortos : "E eis que farás um escaravelho de pedra verde, que será colocado no peito de um homem, e ele realizará para ele, 'a abertura da boca.'" Os ritos funerários de muitas nações têm uma semelhança impressionante com as cerimônias iniciáticas de seus Mistérios.

Rá , o deus do sol, tinha três aspectos importantes. Como o Criador do universo, ele era simbolizado pela cabeça de um escaravelho e era chamado de Khepera , que significava a ressurreição da alma e uma nova vida no fim do período mortal. Os casos de múmia dos mortos egípcios eram quase sempre ornamentados com escaravelhos. Normalmente, um desses besouros, com asas abertas, era pintado no caso da múmia diretamente sobre o peito do morto. A descoberta de um número tão grande de pequenos escaravelhos de pedra indica que eles eram um artigo favorito de adorno entre os egípcios. Por causa de sua relação com o sol, o escaravelho simbolizava a parte divina da natureza do homem. O fato de suas belas asas estarem escondidas sob sua concha brilhante tipificava a alma alada do homem escondida dentro de sua bainha terrena. Os soldados egípcios receberam o escaravelho como seu símbolo especial porque os antigos acreditavam que essas criaturas eram todas do sexo masculino e, consequentemente, emblemas apropriados de virilidade, força e coragem.

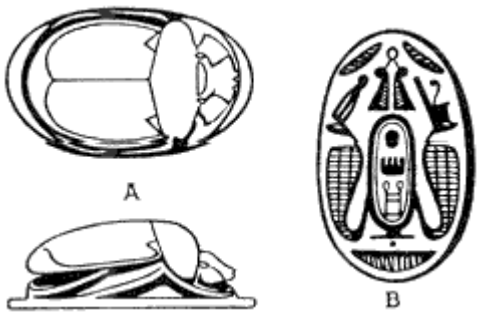
Plutarco notou o fato de que o escaravelho rolava sua peculiar bola de esterco para trás, enquanto o inseto em si estava voltado para a direção oposta. Isso o tornou um símbolo especialmente adequado para o sol, porque este orbe (de acordo com a astronomia egípcia) estava rolando de oeste para leste, embora aparentemente se movendo na direção oposta. Uma alegoria egípcia afirma que o nascer do sol é causado pelo desdobramento do escaravelho



A MANTICHORA.

De Crenças Passadas de Redgrove .

A mais notável das criaturas alegóricas era a mantichora , que Ctesias descreve como tendo um corpo cor de fogo, com formato de leão, três fileiras de dentes, uma cabeça e orelhas humanas, olhos azuis, uma cauda terminando em uma série de espinhos e ferrões, espinhosa e escorpiana, e uma voz que soava como o som de trombetas. Este quadrúpede sintético andava vagarosamente em obras medievais sobre história natural, mas, embora seriamente considerado, nunca tinha sido visto, porque habitava regiões inacessíveis e, consequentemente, era difícil de localizar.



ESCARAVELHO REAL EGÍPCIO.

Do Catálogo de Escaravelhos Egípcios, Etc., de Hall , no Museu Britânico .

A parte inferior plana de um escaravelho geralmente traz uma inscrição relacionada à dinastia durante a qual foi cortado. Esses escaravelhos eram às vezes usados como selos. Alguns eram cortados de pedras comuns ou preciosas; outros eram feitos de argila, cozidos e esmaltados. Ocasionalmente, os escaravelhos de pedra também eram esmaltados. A maioria dos pequenos escaravelhos é perfurada como se originalmente fossem usados como contas. Alguns são tão duros que cortam vidro. Na imagem acima, A mostra as vistas superior e lateral do escaravelho, e B e B a superfície inferior com o nome de Men-ka-Ra dentro do cartucho central.

suas asas, que se estendem como cores gloriosas em cada lado de seu corpo--o globo solar--e que quando ele dobra suas asas sob sua concha escura ao pôr do sol,

a noite segue. Khepera , o aspecto de cabeça de escaravelho de Rá , é frequentemente simbolizado cavalgando pelo mar do céu em um navio maravilhoso chamado Barco do Sol .

O escorpião é o símbolo tanto da sabedoria quanto da autodestruição. Era chamado pelos egípcios de criatura amaldiçoada; a época do ano em que o sol entrava no signo de Escorpião marcava o início do governo de Tifão. Quando os doze signos do zodíaco eram usados para representar os doze apóstolos (embora o inverso seja verdadeiro), o escorpião era atribuído a Judas Iscariotes — o traidor.

O escorpião pica com sua cauda, e por esta razão ele foi chamado de caluniador, uma coisa falsa e enganosa. Calmet, em seu Dicionário da Bíblia , declara que o escorpião é um emblema adequado dos perversos e o símbolo da perseguição. Dizem que os ventos secos do Egito são produzidos por Tifão, que transmite à areia o calor escaldante do mundo infernal e a picada do escorpião. Este inseto também era o símbolo do fogo espinhal que, de acordo com os Mistérios Egípcios, destruía o homem quando era permitido se reunir na base de sua espinha (a cauda do escorpião). A estrela vermelha Antares nas costas do escorpião celestial era considerada a pior luz nos céus. Kalb al Akrab , ou o coração do escorpião, era chamado pelos antigos de tenente ou representante de Marte. (Veja nota de rodapé para Tetrabiblos de Ptolomeu .) Acreditava-se que Antares prejudicava a visão, frequentemente causando cegueira se surgisse no horizonte quando uma criança nascia. Isso pode se referir novamente à tempestade de areia, que era capaz de cegar viajantes desavisados.

O escorpião também era o símbolo da sabedoria, pois o fogo que ele controlava era capaz de iluminar e também de consumir. Dizia-se que a iniciação nos Mistérios Maiores entre os pagãos ocorria apenas no signo do escorpião. No papiro de Ani (O Livro dos Mortos), o falecido compara sua alma a um escorpião, dizendo: "Eu sou uma andorinha, eu sou aquele escorpião, a filha de Rá!" Elizabeth Goldsmith, em seu tratado sobre Simbolismo Sexual , afirma que os escorpiões eram um "símbolo de Selk, a deusa egípcia da escrita, e também [eram] reverenciados pelos babilônios e assírios como guardiões do portal do sol. Diz-se que sete escorpiões acompanharam Ísis quando ela procurou os restos mortais de Osíris espalhados por Set" (Tifão).

Em seu Caldeu Relato do Gênesis , George Smith, copiando dos cilindros cuneiformes, ao descrever as andanças do herói Izdubar (Nimrod), lança alguma luz sobre o deus escorpião que guarda o sol. A tábua que ele traduziu não é perfeita, mas o significado é bastante claro: "* * * que guardam a cada dia o sol nascente. Sua coroa estava na treliça do céu, sob o inferno seus pés foram colocados [a coluna vertebral]. O homem escorpião guardava o portão, queimando com terror, sua aparência era como a morte, o poder de seu medo abalou a floresta. No nascer do sol e no pôr do sol, eles guardavam o sol; Izdubar os viu e o medo e o terror surgiram em seu rosto." Entre os primeiros latinos, havia uma máquina de guerra chamada escorpião. Era usada para disparar flechas e provavelmente obteve seu nome de um longo feixe, semelhante à cauda de um escorpião, que voava para lançar as flechas. Os mísseis disparados por esta máquina também eram chamados de escorpiões.

A borboleta (sob o nome de Psique , uma bela donzela com asas de luz opalescente) simboliza a alma humana por causa dos estágios pelos quais ela passa para desenvolver seu poder de voo. As três divisões pelas quais a borboleta passa em seu desenvolvimento se assemelham muito aos três graus da Escola de Mistérios, cujos graus são considerados como consumadores do desenvolvimento do homem, dando-lhe asas emblemáticas pelas quais ele pode voar para os céus. O homem não regenerado, ignorante e desamparado, é simbolizado pelo estágio entre o óvulo e a larva; o discípulo, buscando a verdade e habitando na medicação, pelo segundo estágio, da larva à pupa, momento em que o inseto entra em sua crisálida (o túmulo dos Mistérios); o terceiro estágio, da pupa à imago (onde a borboleta perfeita surge), tipifica a alma iluminada e desenvolvida do iniciado que se levanta do túmulo de sua natureza mais vil.

As mariposas noturnas tipificam a sabedoria secreta, porque são difíceis de descobrir e estão escondidas pela escuridão (ignorância). Algumas são emblemas da morte, como Acherontia atropos , a mariposa caveira, que tem uma marcação em seu corpo parecida com um crânio humano. O besouro-vigília da morte, que se acreditava dar um aviso sobre a aproximação da morte por um som peculiar de tique-taque, é outro exemplo de insetos envolvidos em assuntos humanos.

As opiniões divergem sobre a aranha. Seu formato a torna um emblema apropriado do plexo nervoso e dos gânglios do corpo humano. Alguns europeus consideram extremamente azar matar uma aranha — possivelmente porque ela é vista como uma emissária do Maligno, a quem ninguém deseja ofender. Há um mistério sobre todas as criaturas venenosas, especialmente insetos. Paracelso ensinou que a aranha era o meio para uma força poderosa, mas maligna, que os Magos Negros usavam em seus empreendimentos nefastos.

Certas plantas, minerais e animais foram sagrados entre todas as nações da Terra por causa de sua sensibilidade peculiar ao fogo astral - uma agência misteriosa na Natureza que o mundo científico contatou por meio de suas manifestações como eletricidade e magnetismo. Lodestone e rádio no mundo mineral e vários crescimentos parasitários no reino vegetal são estranhamente suscetíveis a esse fogo elétrico cósmico, ou força vital universal. Os mágicos da Idade Média se cercaram de criaturas como morcegos, aranhas, gatos, cobras e macacos, porque eles eram capazes de se apropriar das forças vitais dessas espécies e usá-las para atingir seus próprios fins. Algumas antigas escolas de sabedoria ensinavam que todos os insetos e répteis venenosos são germinados da natureza maligna do homem, e que quando os seres humanos inteligentes não mais criarem ódio em suas próprias almas, não haverá mais animais ferozes, doenças repugnantes ou plantas e insetos venenosos.

Entre os índios americanos está a lenda de um "Homem-Aranha", cuja teia conectava os mundos celestiais com a terra. As escolas secretas da Índia simbolizam certos deuses que trabalharam com o universo durante sua criação como conectando os reinos da luz com os da escuridão por meio de teias. Portanto, os construtores do sistema cósmico que mantinham o universo embrionário unido com fios de força invisível eram às vezes chamados de Deuses-Aranha e seu governante era designado A Grande Aranha.

A colmeia é encontrada na Maçonaria como um lembrete de que na diligência e no trabalho para um bem comum a verdadeira felicidade e prosperidade são encontradas. A abelha é um símbolo de sabedoria, pois assim como esse pequeno inseto coleta pólen das flores, os homens podem extrair sabedoria das experiências da vida diária. A abelha é sagrada para a deusa Vênus e, de acordo com os místicos, é uma das várias formas de vida que vieram do planeta Vênus para a Terra há milhões de anos. Dizem que o trigo e as bananas são de origem semelhante. Esta é a razão pela qual a origem dessas três formas de vida não pode ser rastreada. O fato de as abelhas serem governadas por rainhas é uma das razões pelas quais esse inseto é considerado um símbolo feminino sagrado.

Na Índia, o deus Prana — a personificação da força vital universal — às vezes é mostrado cercado por um círculo de abelhas. Por causa de sua importância na polinização de flores, a abelha é o símbolo aceito do poder gerador. Em uma época, a abelha era o emblema dos reis franceses. Os governantes da França usavam túnicas bordadas com abelhas, e os dosséis de seus tronos eram decorados com figuras gigantescas desses insetos.

A mosca simboliza o algoz, por causa do incômodo que causa aos animais. O deus caldeu Baal era frequentemente chamado de Baal-Zebul, ou o deus da morada. A palavra zebub , ou zabab , significa uma mosca, e Baal-Zebul se tornou Baalzebub, ou Belzebu, uma palavra que foi traduzida livremente para significar a mosca de Júpiter. A mosca era vista como uma forma do poder divino, por causa de sua capacidade de destruir substâncias em decomposição e, assim, promover a saúde. A mosca pode ter obtido seu nome Zebub por seu zumbido ou zumbido peculiar. Inman acredita que Baalzebub, que os judeus ridicularizaram como Meu Senhor das Moscas, na verdade significa Meu Senhor Que Canta ou Murmura.

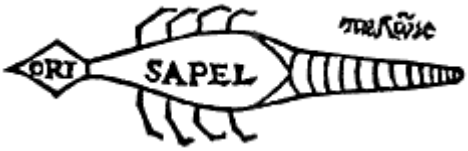
Inman relembra o cantor Memnon no deserto egípcio, uma figura tremenda com uma harpa eólica no topo de sua cabeça. Quando o vento sopra forte, esta grande estátua suspira ou cantarola. Os judeus transformaram Baalzebub em Belzebu e fizeram dele seu príncipe dos demônios ao interpretar daemon como "demônio". Naudæus, ao defender Virgílio de acusações de feitiçaria, tentou uma negação total dos milagres supostamente realizados por Virgílio e produziu evidências suficientes para condenar o poeta em todas as acusações. Entre outros medos estranhos, Virgílio moldou uma mosca de bronze e, após certas cerimônias misteriosas, colocou-a sobre um dos portões de Nápoles. Como resultado, nenhuma mosca entrou na cidade por mais de oito anos.

RÉPTEIS

A serpente foi escolhida como a cabeça da família reptiliana. A adoração da serpente de alguma forma permeou quase todas as partes do

A FLOR-DE-LIS.

A abelha foi usada como um símbolo de realeza pelo imortal Carlos Magno, e é provável que a flor-de-lis, ou lírio da França, seja meramente uma abelha convencionalizada e não uma flor. Há uma antiga lenda grega no sentido de que as nove Musas ocasionalmente assumiam a forma de abelhas.



O TALISMÃ DO ESCORPIÃO.

Do Archidoxes Magica de Paracelso .

O escorpião frequentemente aparece nos talismãs e amuletos da Idade Média. Este Arachnida hieroglífico supostamente tinha o poder de curar doenças. O escorpião mostrado acima era composto de vários metais e foi feito sob certas configurações planetárias. Paracelso aconselhou que ele fosse usado por aqueles que sofrem de qualquer perturbação do sistema reprodutivo.

terra. Os montes de serpentes dos índios americanos; as cobras esculpidas em pedra da América Central e do Sul; as cobras encapuzadas da Índia; Píton, a grande cobra dos gregos; as serpentes sagradas dos druidas; a cobra de Midgard da Escandinávia; os nagas da Birmânia, Sião e Camboja; a serpente de bronze dos judeus; a serpente mística de Orfeu; as cobras no oráculo; de Delfos se enrolando em torno do tripé sobre o qual a sacerdotisa Pítia se sentava, o próprio tripé sendo na forma de serpentes retorcidas; as serpentes sagradas preservadas nos templos egípcios; o Uræus enrolado sobre as testas dos faraós e sacerdotes; - tudo isso testemunha a veneração universal em que a cobra era mantida. Nos antigos Mistérios, a serpente entrelaçando um cajado era o símbolo do médico. O cajado de Hermes com ferida de serpente continua sendo o emblema da profissão médica. Entre quase todos esses povos antigos, a serpente era aceita como símbolo de sabedoria ou salvação. A antipatia que a cristandade sente em relação à serpente é baseada na alegoria pouco compreendida do Jardim do Éden.

A serpente é fiel ao princípio da sabedoria, pois ela tenta o homem ao conhecimento de si mesmo. Portanto, o conhecimento de si mesmo resultou da desobediência do homem ao Demiurgo , Jeová. Como a serpente veio a estar no jardim do Senhor depois que Deus declarou que todas as criaturas que Ele havia feito durante os seis dias da criação eram boas não foi respondido satisfatoriamente pelos intérpretes das Escrituras. A árvore que cresce no meio do jardim é o fogo espinhal; o conhecimento do uso desse fogo espinhal é o dom da grande serpente. Não obstante as declarações em contrário, a serpente é o símbolo e protótipo do Salvador Universal, que redime os mundos dando à criação o conhecimento de si mesma e a realização do bem e do mal. Se não for assim, por que Moisés levantou uma serpente de bronze sobre uma cruz no deserto para que todos que olhassem para ela pudessem ser salvos da picada das cobras menores? A serpente de bronze não era uma profecia do Homem crucificado que viria? Se a serpente é apenas uma coisa maligna, por que Cristo instruiu Seus discípulos a serem tão sábios quanto as serpentes?

A teoria aceita de que a serpente é má não pode ser comprovada. Ela tem sido vista há muito tempo como o emblema da imortalidade. É o símbolo da reencarnação, ou metempsicose, porque anualmente troca de pele, reaparecendo, por assim dizer, em um novo corpo. Há uma superstição antiga de que as cobras nunca morrem, exceto pela violência e que, se não fossem feridas, viveriam para sempre. Também se acreditava que as cobras engoliam a si mesmas, e isso resultou em serem consideradas emblemáticas do Criador Supremo, que periodicamente reabsorvia Seu universo de volta para Si mesmo.

Em Ísis Sem Véu , HP Blavatsky faz esta declaração significativa sobre a origem da adoração à serpente: "Antes que nosso globo se tornasse oval ou redondo, ele era uma longa trilha de poeira cósmica ou névoa de fogo, movendo-se e contorcendo-

se como uma serpente. Isso, dizem as explicações, era o Espírito de Deus movendo-se no caos até que seu sopro incubasse a matéria cósmica e a fizesse assumir a forma anular de uma serpente com sua cauda em seu mês — emblema da eternidade em seu sentido espiritual e do nosso mundo em seu sentido físico."

A serpente de sete cabeças representa a Divindade Suprema manifestando-se através de Seus Elohim, ou Sete Espíritos, por cuja ajuda Ele estabeleceu Seu universo. As espirais da serpente foram usadas pelos pagãos para simbolizar o movimento e também as órbitas dos corpos celestes, e é provável que o símbolo da serpente enrolada em volta do ovo — que era comum a muitas das antigas escolas de Mistérios — representasse tanto o movimento aparente do sol ao redor da Terra, quanto as faixas de luz astral, ou o grande agente mágico, que se movem pelo planeta incessantemente.

A eletricidade era comumente simbolizada pela serpente por causa de seu movimento. A eletricidade passando entre os polos de uma centelha é serpentina em seu movimento. A força projetada pela atmosfera era chamada de A Grande Cobra. Sendo simbólica da força universal, a serpente era emblemática tanto do bem quanto do mal. A força pode destruir tão rapidamente quanto pode construir. A serpente com sua cauda na boca é o símbolo da eternidade, pois nesta posição o corpo do réptil não tem começo nem fim. A cabeça e a cauda representam os polos positivo e negativo do circuito da vida cósmica. Os iniciados dos Mistérios eram frequentemente chamados de serpentes, e sua sabedoria era considerada análoga ao poder divinamente inspirado da cobra. Não há dúvida de que o título "Serpentes Aladas" (os Serafins?) foi dado a uma das hierarquias invisíveis que trabalharam com a Terra durante sua formação inicial.

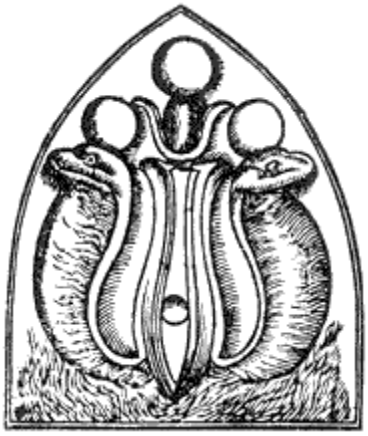
Há uma lenda de que no começo do mundo serpentes aladas reinavam sobre a terra. Essas eram provavelmente os semideuses que antecederam a civilização histórica de cada nação. A relação simbólica entre o sol e a serpente encontrou testemunho literal no fato de que a vida permanece na serpente até o pôr do sol, mesmo que seja cortada em uma dúzia de partes. Os índios Hopi consideram que a serpente está em comunicação próxima com o Espírito da Terra. Portanto, na época de sua dança anual da serpente, eles enviam suas orações ao Espírito da Terra, primeiro santificando especialmente um grande número desses répteis e então os libertando para retornar à terra com as orações da tribo.

A grande rapidez de movimento manifestada pelos lagartos fez com que fossem associados a Mercúrio, o Mensageiro dos Deuses, cujos pés alados viajavam distâncias infinitas quase instantaneamente. Um ponto que não deve ser negligenciado em conexão com répteis no simbolismo é claramente trazido à tona pelo eminente estudioso, Dr. HE Santee, em sua Anatomia do Cérebro e da Medula Espinhal : "Nos répteis, há dois corpos pineais, um anterior e um posterior, dos quais o posterior permanece subdesenvolvido, mas o anterior forma um olho rudimentar e ciclópico. No Hatteria, um lagarto da Nova Zelândia, ele se projeta através do forame parietal e apresenta uma lente e retina imperfeitas e, em seu longo caule, fibras nervosas."

Os crocodilos eram considerados pelos egípcios como símbolos de Tifão e emblemas da Divindade Suprema, deste último porque enquanto está debaixo d'água o crocodilo é capaz de ver - Plutarco afirma - embora seus olhos sejam cobertos por uma fina membrana. Os egípcios declararam que não importa quão longe o crocodilo depositasse seus ovos, o Nilo os alcançaria em sua próxima inundação, este réptil sendo dotado de um sentido misterioso capaz de tornar conhecida a extensão da inundação meses antes de ela ocorrer. Havia dois tipos de crocodilos. O maior e mais feroz era odiado pelos egípcios, pois eles o comparavam à natureza de Tifão, seu demônio destruidor. Tifão esperava para devorar todos os que falhassem em passar pelo julgamento dos Mortos, cujo rito acontecia no Salão da Justiça entre a Terra e os Campos Elísios. Anthony Todd Thomson descreve assim o bom tratamento dado aos crocodilos menores e mais dóceis, que os egípcios aceitavam como personificações do bem: "Eles eram alimentados diariamente e ocasionalmente tinham vinho quente derramado goela abaixo. Suas orelhas eram ornamentadas com anéis de ouro e pedras preciosas, e suas patas dianteiras adornadas com braceletes."

Para os chineses, a tartaruga era um símbolo de longevidade. Em um templo em Cingapura, várias tartarugas sagradas são mantidas, sua idade registrada por entalhes em seus cascos. Os índios americanos usam a crista na parte de trás do casco da tartaruga como um símbolo da Grande Divisão entre a vida e a morte. A tartaruga é um símbolo de sabedoria porque se retira para dentro de si mesma e é sua própria proteção. É também um símbolo fálico, como sua relação com a longa vida significaria. Os hindus simbolizavam o universo como sendo apoiado nas costas de quatro grandes elefantes que, por sua vez, estão de pé sobre uma imensa tartaruga que rasteja continuamente pelo caos.

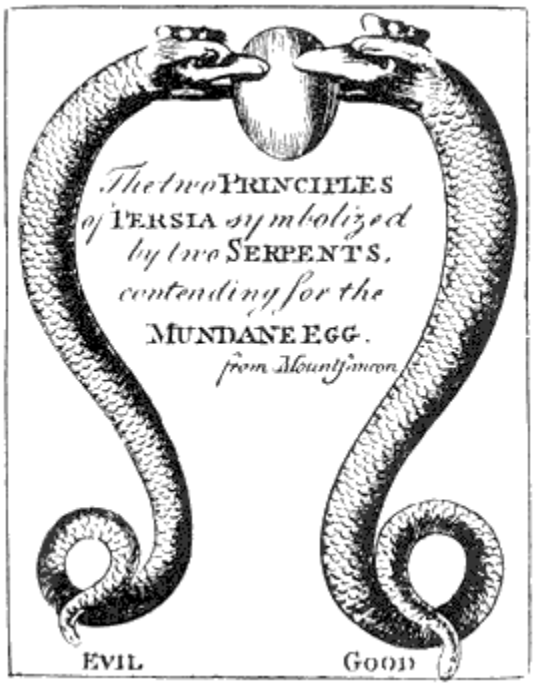
A esfinge egípcia, o centauro grego e o homem-touro assírio têm muito em comum. Todos são criaturas compostas combinando membros humanos e animais; nos Mistérios, todos significam a natureza composta do homem e sutilmente se referem às hierarquias de seres celestiais que têm o comando do destino da humanidade. Essas hierarquias são os doze animais sagrados agora conhecidos como constelações - grupos de estrelas que são meramente símbolos de impulsos espirituais impessoais. Quíron, o centauro, ensinando os filhos dos homens, simboliza as inteligências da constelação de Sagitário, que eram os guardiões da doutrina secreta enquanto (geocentricamente) o sol estava passando pelo signo de Gêmeos. O homem-touro assírio de cinco pés com as asas de uma águia e a cabeça de um homem é um lembrete de que a natureza invisível do homem tem as asas de um deus, a cabeça de um homem e o corpo de uma besta. O mesmo conceito foi expresso através da esfinge — aquela guardiã armada dos Mistérios que, agachada no portão do templo, negava a entrada ao profano. Assim colocada entre o homem e suas possibilidades divinas, a esfinge também representava a própria doutrina secreta. As histórias de fadas infantis abundam com descrições de monstros simbólicos, pois quase todos esses contos são baseados no antigo folclore místico.



O URÆUS.

Do Édipo Egípcio de Kircher .

A medula espinhal era simbolizada por uma cobra, e a serpente enrolada na testa dos iniciados egípcios representava o Fogo Divino que rastejava como uma serpente até a Árvore da Vida.



O BEM E O MAL DISPUTANDO PELO OVO UNIVERSAL.

De Antiguidades Indianas de Maurice .

Tanto Mithras, o Redentor Persa, quanto Serapis, o Deus Egípcio da Terra, são simbolizados por serpentes enroladas em seus corpos. Este desenho notável mostra

os princípios bons e maus da Pérsia — Ahura-Mazda e Ahriman — disputando o Ovo da Terra, que cada um tenta arrancar dos dentes do outro.

Peixes, Insetos, Animais, Répteis e Pássaros (Parte Dois)

Como emblemas apropriados de vários atributos humanos e divinos, os pássaros foram incluídos no simbolismo religioso e filosófico dos pagãos e dos cristãos. A crueldade foi simbolizada pelo urubu; a coragem pela águia; o auto-sacrifício pelo pelicano; e o orgulho pelo pavão. A capacidade dos pássaros de deixar a terra e voar alto em direção à fonte de luz resultou em sua associação com aspiração, pureza e beleza. Asas eram, portanto, frequentemente adicionadas a várias criaturas terrestres em um esforço para sugerir transcendência. Como seu habitat era entre os galhos das árvores sagradas no coração das florestas antigas, os pássaros também eram considerados os mensageiros designados dos espíritos das árvores e deuses da Natureza que habitavam esses bosques consagrados, e por meio de suas notas claras os próprios deuses falavam. Muitos mitos foram fabricados para explicar a plumagem brilhante dos pássaros. Um exemplo familiar é a história do pavão de Juno, em cujas penas da cauda foram colocados os olhos de Argus. Várias lendas indígenas americanas também lidam com pássaros e a origem das várias cores das penas. Os navajos declaram que quando todos os seres vivos subiram até o caule de um bambu para escapar do Dilúvio, o peru selvagem estava no galho mais baixo e suas penas da cauda arrastavam-se na água; portanto, a cor foi toda lavada.

Gravitação, que é uma lei no mundo material, é o impulso em direção ao centro da materialidade; levitação, que é uma lei no mundo espiritual, é o impulso em direção ao centro da espiritualidade. Parecendo ser capaz de neutralizar o efeito da gravidade, dizia-se que o pássaro participava de uma natureza superior a outras criações terrestres; e suas penas, por causa de seu poder de sustentação, passaram a ser aceitas como símbolos de divindade, coragem e realização. Um exemplo notável é a dignidade atribuída às penas de águia pelos índios americanos, entre os quais são insígnias de mérito. Os anjos foram investidos de asas porque, como os pássaros, eram considerados intermediários entre os deuses e os homens e habitavam o ar ou reino médio entre o céu e a terra. Assim como a cúpula dos céus era comparada a uma caveira nos Mistérios Góticos, os pássaros que voavam pelo céu eram considerados pensamentos da Divindade. Por esta razão, os dois corvos mensageiros de Odin eram chamados de Hugin e Munin - pensamento e memória .

Entre os gregos e romanos, a águia era a ave designada de Júpiter e, consequentemente, significava as forças velozes do Demiurgo; portanto, era vista como o senhor mundano dos pássaros, em contraposição à fênix, que era simbólica do governante celestial. A águia tipificava o sol em sua fase material e também a

imutável lei demiúrgica sob a qual todas as criaturas mortais devem se curvar. A águia também era o símbolo hermético do enxofre e significava o fogo misterioso de Escorpião - o signo mais profundamente significativo do zodíaco e o Portão do Grande Mistério . Sendo um dos três símbolos de Escorpião, a águia, como a Cabra de Mendes, era um emblema da arte teúrgica e dos processos secretos pelos quais o fogo infernal do escorpião era transmutado no fogo-luz espiritual dos deuses.

Entre certas tribos indígenas americanas, o pássaro-trovão é tido em estima peculiar. Dizem que essa criatura divina vive acima das nuvens; o bater de suas asas causa o estrondo que acompanha as tempestades, enquanto os clarões de seus olhos são os relâmpagos. Os pássaros eram usados para significar o sopro vital; e entre os egípcios, pássaros misteriosos semelhantes a falcões com cabeças humanas e carregando em suas garras os símbolos da imortalidade, são frequentemente mostrados pairando como emblemas da alma libertada sobre os corpos mumificados dos mortos. No Egito, o falcão era o símbolo sagrado do sol; e Rá, Osíris e Chifres são frequentemente retratados com cabeças de falcões. O galo, ou galo, era um símbolo de Cashmala (Cadmillus) nos Mistérios Samotrácios, e também é um símbolo fálico sagrado para o sol. Foi aceito pelos gregos como o emblema de Ares (Marte) e tipificou vigilância e defesa. Quando colocado no centro de um cata-vento, ele significa o sol no meio dos quatro cantos da criação. Os gregos sacrificavam um galo aos deuses na hora de entrar nos Mistérios de Elêusis. Sir Francis Bacon supostamente morreu como resultado de encher uma ave com neve. Isso não pode significar a iniciação de Bacon nos Mistérios pagãos que ainda existiam em seus dias?

Tanto o pavão quanto o íbis eram objetos de veneração porque destruíam os répteis venenosos que eram popularmente considerados emissários dos deuses infernais. Por causa da miríade de olhos em suas penas da cauda, o pavão era aceito como o símbolo da sabedoria, e por conta de sua aparência geral, era frequentemente confundido com a lendária fênix dos Mistérios. Há uma crença curiosa de que a carne do pavão não apodrece, mesmo que mantida por um tempo considerável. Como consequência dessa crença, o pavão se tornou o emblema da imortalidade, porque a natureza espiritual do homem — como a carne desse pássaro — é incorruptível.

Os egípcios prestavam honras divinas ao íbis e era um crime capital matar um, mesmo por acidente. Afirmava-se que o íbis só poderia viver no Egito e que, se transportado para um país estrangeiro, morreria de tristeza. Os egípcios declararam que esta ave era a preservadora das colheitas e especialmente digna de veneração porque expulsava as serpentes aladas da Líbia que o vento soprava para o Egito. O íbis era sagrado para Thoth, e quando sua cabeça e pescoço estavam enfiados sob sua asa, seu corpo se assemelhava muito a um coração humano. (Veja Antiguidades de Montfaucon .) O íbis preto e branco era sagrado para a lua; mas todas as formas eram reverenciadas porque destruíam ovos de crocodilo, sendo o crocodilo um símbolo do detestado Tifão.

Aves noturnas eram símbolos apropriados tanto da feitiçaria quanto das ciências divinas secretas: feitiçaria porque a magia negra não pode funcionar à luz da verdade (dia) e é poderosa somente quando cercada pela ignorância (noite); e as

ciências divinas porque aqueles que possuem os arcanos são capazes de ver através da escuridão da ignorância e da materialidade. Corujas e morcegos eram consequentemente frequentemente associados à bruxaria ou à sabedoria. O ganso era um emblema da primeira substância ou condição primitiva da qual e dentro da qual os mundos foram moldados. Nos Mistérios, o universo era comparado a um ovo que o Ganso Cósmico havia posto no espaço. Por causa de sua escuridão, o corvo era o símbolo do caos ou da escuridão caótica que precede a luz da criação. A graça e a pureza do cisne eram emblemáticas da graça espiritual e da pureza do iniciado. Este pássaro também representava os Mistérios que revelavam essas qualidades na humanidade. Isso explica as alegorias dos deuses (a sabedoria secreta) encarnando no corpo de um cisne (o iniciado).

Sendo necrófagos, o abutre, o urubu e o condor significavam aquela forma de poder divino que, ao dispor de lixo e outras matérias perigosas à vida e à saúde da humanidade, limpa e purifica as esferas inferiores. Essas aves foram, portanto, adotadas como símbolos dos processos desintegrativos que realizam o bem enquanto aparentemente destroem, e por algumas religiões foram erroneamente consideradas más. Aves como o papagaio e o corvo eram veneradas porque, sendo capazes de imitar a voz humana, eram vistas como elos entre os reinos humano e animal.

A pomba, aceita pelo cristianismo como o emblema do Espírito Santo, é um emblema iônico pagão extremamente antigo e altamente reverenciado. Em muitos dos antigos Mistérios, ela representava a terceira pessoa da Tríade Criativa, ou o Fabricante do mundo. Assim como os mundos inferiores foram trazidos à existência por meio de um processo generativo, a pomba foi associada às divindades identificadas com as funções procriativas. Ela é sagrada para Astarte, Cibele, Ísis, Vênus, Juno, Mylitta e Afrodite. Por conta de sua gentileza e devoção aos seus filhotes, a pomba era vista como a personificação do instinto maternal. A pomba também é um emblema de sabedoria, pois representa o poder e a ordem pelos quais os mundos inferiores são mantidos. Ela é aceita há muito tempo como uma mensageira da vontade divina e significa a atividade de Deus.

O nome pomba foi dado a oráculos e profetas. "O verdadeiro nome da pomba era Ionah ou Iönas ; era um emblema muito sagrado e, em certa época, quase universalmente recebido; foi adotado pelos hebreus; e a pomba mística era considerada um símbolo

A FÊNIX EM SEU NINHO DE CHAMAS.

Do Prodigiorum de Licóstenes, ac Ostentorum Chronicon.

A fênix é a mais celebrada de todas as criaturas simbólicas fabricadas pelos antigos Mistérios com o propósito de ocultar as grandes verdades da filosofia esotérica. Embora estudiosos modernos de história natural declarem a existência da fênix como puramente mítica, Plínio descreve a captura de uma dessas aves e sua exibição no Fórum Romano durante o reinado do Imperador Cláudio.

desde os dias de Noé por todos aqueles que eram da Igreja de Deus. O profeta enviado a Nínive como mensageiro de Deus era chamado Jonas ou a Pomba; o precursor de nosso Senhor, o Batista, era chamado em grego pelo nome de Ioannes; e assim era o Apóstolo do Amor, o autor Do quarto Evangelho e do Apocalipse, chamado Ioannes." (Bryant's Analysis of Ancient Mythology .)

Na Maçonaria, a pomba é o símbolo da pureza e da inocência. É significativo que nos Mistérios pagãos a pomba de Vênus fosse crucificada sobre os quatro raios de uma grande roda, prenunciando assim o mistério do Senhor do Amor crucificado. Embora Maomé tenha expulsado as pombas do templo em Meca, ocasionalmente ele é retratado com uma pomba sentada em seu ombro como símbolo da inspiração divina. Nos tempos antigos, as efígies de pombas eram colocadas sobre as cabeças dos cetros para significar que aqueles que as carregavam eram ofuscados pela prerrogativa divina. Na arte medieval, a pomba era frequentemente retratada como um emblema da bênção divina.

A FÊNIX

Clemente, um dos Padres ante-Nicéia, descreve, no primeiro século depois de Cristo, a natureza peculiar e os hábitos da fênix, desta forma: "Há um certo pássaro que é chamado de Fênix. Este é o único de sua espécie e vive quinhentos anos. E quando o tempo de sua dissolução se aproxima de que ele deve morrer, ele constrói para si um ninho de incenso, mirra e outras especiarias, no qual, quando o tempo é cumprido, ele entra e morre. Mas, à medida que a carne se decompõe, um certo tipo de verme é produzido, que, sendo nutrido pelos sucos do pássaro morto, produz penas. Então, quando ele adquiriu força, ele pega aquele ninho no qual estão os ossos de seu pai, e carregando-os, ele passa da terra da Arábia para o Egito, para a cidade chamada Heliópolis. E, em pleno dia, voando à vista de todos os homens, ele os coloca no altar do sol e, tendo feito isso, apressa-se de volta para sua antiga morada. Os sacerdotes então inspecione os registros das datas e descubra que ele retornou exatamente quando o quinhentos anos foi completado."

Embora admitindo que não tinha visto a ave fênix (havia apenas uma viva por vez), Heródoto amplia um pouco a descrição dada por Clemente: "Eles contam uma história do que esse pássaro faz que não me parece crível: que ele vem da Arábia e traz o pássaro pai, todo coberto de mirra, para o templo do sol, e lá enterra o corpo. Para trazê-lo, eles dizem, ele primeiro forma uma bola de mirra tão grande quanto ele acha que pode carregar; então ele escava a bola e coloca seu pai dentro; depois disso, ele cobre a abertura com mirra fresca, e a bola fica exatamente com o mesmo peso de antes; então ele a traz para o Egito, coberta como eu disse, e a deposita no templo do sol. Essa é a história que eles contam sobre os feitos desse pássaro."

Tanto Heródoto quanto Plínio notaram a semelhança geral na forma entre a fênix e a águia, um ponto que o leitor deve considerar cuidadosamente, pois é razoavelmente certo que a águia maçônica moderna era originalmente uma fênix. O corpo da fênix é descrito como tendo sido coberto com penas roxas brilhantes, enquanto suas longas penas da cauda eram alternadamente azuis e vermelhas. Sua cabeça era de cor clara e em volta do pescoço havia um diadema de plumagem dourada. Na parte de trás da cabeça, a fênix tinha um tufo peculiar de penas , um fato bastante evidente, embora tenha sido esquecido pela maioria dos escritores e simbolistas.

A fênix era considerada sagrada para o sol, e a duração de sua vida (500 a 1000 anos) era tomada como um padrão para medir o movimento dos corpos celestes e também os ciclos de tempo usados nos Mistérios para designar os períodos de existência. A dieta do pássaro era desconhecida. Alguns escritores declaram que ele subsistia da atmosfera; outros que ele comia em intervalos raros, mas nunca na presença do homem. Os maçons modernos devem perceber o significado maçônico especial da fênix, pois o pássaro é descrito como usando raminhos de acácia na fabricação de seu ninho.

A fênix (que é o mitológico roc persa) também é o nome de uma constelação do sul e, portanto, tem um significado astronômico e astrológico. Com toda a probabilidade, a fênix era o cisne dos gregos, a águia dos romanos e o pavão do Extremo Oriente. Para os antigos místicos, a fênix era um símbolo mais apropriado da imortalidade da alma humana, pois assim como a fênix renascia de seu próprio

eu morto sete vezes sete, assim também a natureza espiritual do homem se ergue triunfante de seu corpo físico morto.

Os hermetistas medievais consideravam a fênix como um símbolo da realização da transmutação alquímica, um processo equivalente à regeneração humana. O nome fênix também foi dado a uma das fórmulas alquímicas secretas. O familiar pelicano do grau Rose Croix, alimentando seus filhotes de seu próprio peito, é na realidade uma fênix, um fato que pode ser confirmado por um exame da cabeça do pássaro. A parte inferior desajeitada do bico do pelicano está totalmente ausente, a cabeça da fênix sendo muito mais parecida com a de uma águia do que com a de um pelicano. Nos Mistérios, era costume se referir aos iniciados como fênix ou homens que haviam nascido de novo , pois assim como o nascimento físico dá ao homem consciência no mundo físico, o neófito, após nove graus no útero dos Mistérios, nascia em uma consciência do mundo espiritual. Este é o mistério da iniciação ao qual Cristo se referiu quando disse: "Aquele que não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus" (João iii. 3). A fênix é um símbolo adequado desta verdade espiritual.

O misticismo europeu não estava morto na época em que os Estados Unidos da América foram fundados. A mão dos Mistérios controlou o estabelecimento do novo governo, pois a assinatura dos Mistérios ainda pode ser vista no Grande Selo dos Estados Unidos da América. Uma análise cuidadosa do selo revela uma massa de símbolos ocultos e maçônicos, o principal deles a chamada águia americana — um pássaro que Benjamin Franklin declarou indigno de ser escolhido como o emblema de um povo grande, poderoso e progressista. Aqui, novamente, apenas o estudante de simbolismo pode ver através do subterfúgio e perceber que a águia americana no Grande Selo é apenas uma fênix convencionalizada, um fato claramente discernível a partir de um exame do selo original. Em seu esboço de The History of the Seal of the United States , Gaillard Hunt involuntariamente apresenta muito material para substanciar a crença de que o selo original carregava o pássaro Fênix em sua superfície anversa e a Grande Pirâmide de Gizé em sua superfície reversa. Em um esboço colorido submetido como um design para o Grande Selo por William Barton em 1782, uma fênix real aparece sentada sobre um ninho de chamas. Isso por si só demonstra uma tendência ao uso desta ave emblemática.

FÊNIX OU ÁGUIA, QUAL?

À esquerda está a cabeça do pássaro do primeiro Grande Selo dos Estados Unidos (1782) e à direita o Grande Selo de 1902. Quando o primeiro grande Selo foi realmente cortado, o pássaro representado nele era muito diferente da águia que agora aparece; o pescoço era muito mais longo e o tufo de penas, na parte superior das costas da cabeça era bastante perceptível; o bico tinha pouca semelhança com

o da águia; e o pássaro inteiro era muito mais fino e suas asas mais curtas. Requer muito pouca imaginação para traçar nesta primeira suposta águia a mitológica Fênix da antiguidade. Além do mais, há todas as razões pelas quais um pássaro fênix deve ser usado para representar um novo país surgindo de um antigo, enquanto como Benjamin Franklin observou causticamente, a águia não era um pássaro de bom caráter moral!

UMA FÊNIX EGÍPCIA.

De Maneiras e costumes dos antigos egípcios, de Wilkinson .

Os egípcios ocasionalmente representavam a Fênix como tendo o corpo de um homem e as asas de um pássaro. Esta criatura biforme tinha um tufo de penas sobre sua cabeça e seus braços estavam erguidos em uma atitude de oração. Como a fênix era o símbolo da regeneração, o tufo de penas na parte de trás de sua cabeça poderia muito bem simbolizar a atividade da glândula pineal, ou terceiro olho, cuja função oculta era aparentemente bem compreendida pelo antigo sacerdócio.

O ANVERSO E O VERSO DO GRANDE SELO DOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA.

Da História do Selo dos Estados Unidos de Hunt .

O significado do número místico 13, que frequentemente aparece no Grande Selo dos Estados Unidos, não se limita ao número de colônias originais. O emblema sagrado dos antigos iniciados, aqui composto de 13 estrelas, também aparece

acima da cabeça da "águia". O lema, E Pluribus Unum , contém 13 letras, assim como a inscrição, Annuit Cœptis . A "águia" segura em sua garra direita um galho com 13 folhas e 13 frutos e em sua esquerda um feixe de 13 flechas. A face da pirâmide, excluindo o painel contendo a data, consiste em 72 pedras dispostas em 13 fileiras.

Se alguém duvida da presença de influências maçônicas e ocultas na época em que o Grande Selo foi projetado, deve considerar os comentários do Professor Charles Eliot Norton, de Harvard, que escreveu sobre a pirâmide inacabada e o Olho Que Tudo Vê, que adornava o verso do selo, da seguinte forma: "O dispositivo adotado pelo Congresso é praticamente incapaz de tratamento eficaz; dificilmente (por mais artisticamente tratado pelo designer) pode parecer diferente de um emblema sem graça de uma fraternidade maçônica." (A História do Selo dos Estados Unidos .)

As águias de Napoleão e César e a águia zodiacal de Escorpião são realmente fênix, pois o último pássaro — não a águia — é o símbolo da vitória e realização espiritual. A Maçonaria estará em posição de resolver muitos dos segredos de sua doutrina esotérica quando perceber que suas águias de uma e duas cabeças são fênix, e que para todos os iniciados e filósofos a fênix é o símbolo da transmutação e regeneração da energia criativa — comumente chamada de realização da Grande Obra. A fênix de duas cabeças é o protótipo de um homem andrógino, pois de acordo com os ensinamentos secretos chegará um tempo em que o corpo humano terá duas medulas espinhais, por meio das quais o equilíbrio vibratório será mantido no corpo.

Não apenas muitos dos fundadores do Governo dos Estados Unidos eram maçons, mas eles receberam ajuda de um corpo secreto e augusto existente na Europa, que os ajudou a estabelecer este país para um propósito peculiar e particular conhecido apenas pelos poucos iniciados. O Grande Selo é a assinatura deste corpo exaltado — invisível e em grande parte desconhecido — e a pirâmide inacabada em seu verso é uma tábua de cavalete que estabelece simbolicamente a tarefa à qual o Governo dos Estados Unidos foi dedicado desde o dia de sua criação.

ANIMAIS

O leão é o rei da família animal e, como a cabeça de cada reino, é sagrado para o sol, cujos raios são simbolizados pela juba desgrenhada do leão. As alegorias perpetuadas pelos Mistérios (como a que diz que o leão abre o livro secreto) significam que o poder solar abre as vagens de sementes, liberando a vida espiritual interna. Havia também uma crença curiosa entre os antigos de que o leão dorme com os olhos abertos, e por essa razão o animal foi escolhido como um símbolo de vigilância. A figura de um leão colocada em ambos os lados de portas e portões é um emblema da tutela divina. O Rei Salomão era frequentemente simbolizado como um leão. Por eras, a família felina foi considerada com veneração peculiar. Em vários dos Mistérios - mais notavelmente o egípcio - os sacerdotes

usavam peles de leões, tigres, panteras, pumas ou leopardos. Hércules e Sansão (ambos símbolos solares) mataram o leão da constelação de Leão e se vestiram com sua pele, significando assim que representavam o próprio sol quando no topo do arco celeste.

Em Bubastis, no Egito, ficava o templo da famosa deusa Bast, a divindade felina dos Ptolomeus. Os egípcios prestavam homenagem ao gato, especialmente quando seu pelo era de três tons ou seus olhos de cores diferentes. Para os sacerdotes, o gato era um símbolo das forças magnéticas da Natureza, e eles se cercavam desses animais por causa do fogo astral que emanava de seus corpos. O gato também era um símbolo da eternidade, pois quando dorme, ele se enrola em uma bola com sua cabeça e cauda se tocando. Entre os gregos e latinos, o gato era sagrado para a deusa Diana. Os budistas da Índia investiram o gato com significado especial, mas por uma razão diferente. O gato foi o único animal ausente na morte do grande Buda, porque ele havia parado no caminho para perseguir um rato. Que o símbolo das forças astrais inferiores não devesse estar presente na libertação do Buda é significativo.

Sobre o gato, Heródoto diz: "Sempre que um incêndio irrompe, os gatos são agitados com uma espécie de movimento divino, que aqueles que os mantêm observam, negligenciando o fogo: Os gatos, no entanto, apesar de seus cuidados, se separam deles, saltando até mesmo sobre as cabeças de seus tratadores para se jogarem no fogo. Os egípcios então fazem grande luto por sua morte. Se um gato morre de morte natural em uma casa, todos os daquela casa raspam as sobrancelhas: Se um cachorro, eles raspam a cabeça e todo o corpo. Eles costumavam embalsamar seus gatos mortos e levá-los para Bubastis para serem enterrados em uma casa sagrada. (Antiguidades de Montfaucon .)

O mais importante de todos os animais simbólicos era o Apis, ou touro egípcio de Memphis, que era considerado o veículo sagrado para a transmigração da alma do deus Osíris. Foi declarado que o Apis foi concebido por um raio, e a cerimônia que acompanhou sua seleção e consagração foi uma das mais impressionantes do ritualismo egípcio. O Apis tinha que ser marcado de uma certa maneira. Heródoto afirma que o touro deve ser preto com uma mancha branca quadrada na testa, a forma de uma águia (provavelmente um abutre) nas costas, um besouro sobre (debaixo) da língua e os pelos da cauda dispostos em dois sentidos. Outros escritores declaram que o touro sagrado era marcado com vinte e nove símbolos sagrados, seu corpo era manchado e em seu lado direito havia uma marca branca na forma de um crescente. Após sua santificação, o Apis era mantido em um estábulo adjacente ao templo e conduzido em procissões pelas ruas da cidade em certas ocasiões solenes. Era uma crença popular entre os egípcios que qualquer criança sobre quem o touro soprasse se tornaria ilustre. Após atingir uma certa idade (vinte e cinco anos), o Apis era levado para o rio Nilo ou para uma fonte sagrada (as autoridades divergem sobre esse ponto) e afogado, em meio às lamentações da população. O luto e o lamento por sua morte continuaram até que o novo Apis foi encontrado, quando foi declarado que Osíris havia reencarnado, e então a alegria tomou o lugar da tristeza.

A adoração do touro não se limitava ao Egito, mas era prevalente em muitas nações do mundo antigo. Na Índia, Nandi — o touro branco sagrado de Siva — ainda é objeto de muita veneração; e tanto os persas quanto os judeus aceitaram o touro como um importante símbolo religioso. Os assírios, fenícios, caldeus e até mesmo os gregos reverenciavam esse animal, e Júpiter se transformou em um touro branco para raptar Europa. O touro era um poderoso emblema fálico que significava o poder criativo paterno do Demiurgo. Em sua morte, ele era frequentemente mumificado e enterrado com a pompa e a dignidade de um deus em um sarcófago especialmente preparado. Escavações no Serapeum em Memphis descobriram os túmulos de mais de sessenta desses animais sagrados.

Como o signo que se eleva sobre o horizonte no equinócio vernal constitui o corpo estrelado para a encarnação anual do sol, o touro não era apenas o símbolo celestial do Homem Solar, mas, porque o equinócio vernal ocorreu na constelação de Touro, era chamado de quebrador ou abridor do ano. Por esta razão, no simbolismo astronômico, o touro é frequentemente mostrado quebrando o ovo anular com seus chifres. O Apis significa ainda que a Mente Divina está encarnada no corpo de uma besta e, portanto, que a forma física da besta é o veículo sagrado da divindade. A personalidade inferior do homem é o Apis no qual Osíris encarna. O resultado da combinação é a criação de Sor-Apis (Serapis) - a alma material como governante do corpo material irracional e envolvida nele. Após um certo período (que é determinado pelo quadrado de cinco, ou vinte e cinco anos), o corpo do Apis é destruído e a alma liberada pela água que afoga a vida material. Isso era indicativo da lavagem da natureza material pelas águas batismais da luz e verdade divinas. O afogamento do Apis é o símbolo da morte; a ressurreição de Osíris no novo touro é o símbolo da renovação eterna. O touro branco também era simbolicamente sagrado como o emblema designado dos iniciados, significando os corpos materiais espiritualizados tanto do homem quanto da Natureza.

Quando o equinócio vernal não mais ocorreu no signo de Touro, o Deus Sol encarnou na constelação de Áries e o carneiro então se tornou o veículo do poder solar. Assim, o sol nascendo no signo do Cordeiro Celestial triunfa sobre a serpente simbólica da escuridão. O cordeiro é um emblema familiar de pureza por causa de sua gentileza e da brancura de sua lã. Em muitos dos Mistérios pagãos, ele significava o Salvador Universal, e no Cristianismo é o símbolo favorito de Cristo. As pinturas da igreja primitiva mostram um cordeiro em pé sobre uma pequena colina, e de seus pés jorram quatro correntes de água viva, significando os quatro Evangelhos. O sangue do cordeiro é a vida solar derramando-se no mundo através do signo de Áries.

O bode é um símbolo fálico e também um emblema de coragem ou aspiração por causa de sua firmeza e habilidade de escalar os picos mais altos. Para os alquimistas, a cabeça do bode era o símbolo do enxofre. A prática entre os antigos judeus de escolher um bode expiatório sobre o qual amontoar os pecados da humanidade é meramente uma alegórica

Da Esfinge Mystagoga de Kircher .

O TOURO SAGRADO, OU APIS.

A importância do touro como símbolo do sol no equinócio vernal é discutida no capítulo sobre O Zodíaco e Seus Signos . O touro e o boi são emblemas antigos do elemento terra--consequentemente do próprio planeta. Eles também significam a natureza animal do homem, e por esta razão foram sacrificados sobre os altares de antigos Mistérios como o Judaico e o Druídico. Plutarco escreveu: "O Apis deve ser considerado por nós, como uma imagem justa e bela da alma de Osíris." Osíris representa a natureza espiritual do mundo inferior que é assassinada e distribuída por toda a substância das esferas físicas; Apis é o emblema do mundo material dentro do qual está a natureza espiritual--Osíris. O Apis é também o símbolo da doutrina exotérica (ou profana), em contraposição aos ensinamentos esotéricos (ou divinos) representados pelo uraeus usado nas testas dos sacerdotes. Disto deriva a alegoria mitológica de Serápis, que em certo sentido não é apenas a figura composta de Osíris e do mundo inferior no qual ele está encarnado, mas também dos Mistérios, que são os corpos terrestres que contêm os ensinamentos secretos, ou a alma espiritual.

representação do Homem Sol que é o bode expiatório do mundo e sobre quem são lançados os pecados das doze casas (tribos) do universo celestial. A Verdade é o Cordeiro Divino adorado em todo o paganismo e morto pelos pecados do mundo, e desde o início dos tempos os Deuses Salvadores de todas as religiões têm sido personificações desta Verdade. O Velocino de Ouro procurado por Jasão e seus Argonautas é o Cordeiro Celestial - o sol espiritual e intelectual. A doutrina secreta também é tipificada pelo Velocino de Ouro - a lã da Vida Divina, os raios do Sol da Verdade. Suidas declara que o Velocino de Ouro foi na realidade um livro, escrito sobre pele, que continha as fórmulas para a produção de ouro por meio da química. Os Mistérios eram instituições erguidas para a transmutação da ignorância básica em iluminação preciosa. O dragão da ignorância era a terrível criatura colocada para guardar o Velocino de Ouro e representa a escuridão do ano velho que batalha com o sol na época de sua passagem equinocial.

Os veados eram sagrados nos Mistérios Báquicos dos gregos; as Bacantes eram frequentemente vestidas com peles de fulvo. Os veados eram associados à adoração da deusa da lua e as orgias Báquicas eram geralmente conduzidas à noite. A graça e a velocidade deste animal fizeram com que ele fosse aceito como o

símbolo apropriado do abandono estético. Os veados eram objetos de veneração em muitas nações. No Japão, rebanhos deles ainda são mantidos em conexão com os templos.

O lobo é geralmente associado ao princípio do mal, por causa da triste discordância de seu uivo e da crueldade de sua natureza. Na mitologia escandinava, o Lobo Fenris era um dos filhos de Loki, o deus infernal do fogo. Com o templo de Asgard em chamas ao redor deles, os deuses sob o comando de Odin lutaram sua última grande batalha contra as forças caóticas do mal. Com bochechas espumantes, o Lobo Fenris devorou Odin, o Pai dos Deuses, e assim destruiu o universo Odínico. Aqui, o Lobo Fenris representa aqueles poderes irracionais da Natureza que derrubaram a criação primitiva.

O unicórnio, ou monoceros, foi uma criação muito curiosa dos antigos iniciados. É descrito por Thomas Boreman como "uma besta, que embora seja questionada por muitos escritores, ainda é assim descrita por outros: Ele tem apenas um chifre, e um extremamente rico, crescendo no meio de sua testa. Sua cabeça se assemelha a de um cervo, seus pés a de um elefante, sua cauda a de um javali e o resto de seu corpo a de um cavalo. O chifre tem cerca de um pé e meio de comprimento. Sua voz é como o mugido de um boi. Sua crina e cabelo são de uma cor amarelada. Seu chifre é tão duro quanto ferro e tão áspero quanto qualquer lima, retorcido ou enrolado, como uma espada flamejante; muito reto, afiado e preto em todos os lugares, exceto na ponta. Grandes virtudes são atribuídas a ele, na expulsão de veneno e na cura de várias doenças. Ele não é uma besta de rapina. " (Veja Redgrove's Bygone Beliefs .)

Embora o unicórnio seja mencionado várias vezes nas Escrituras, nenhuma prova de sua existência foi descoberta até agora. Há vários chifres para beber em vários museus, presumivelmente feitos de sua ponta. É razoavelmente certo, no entanto, que esses recipientes para beber foram realmente feitos das presas de algum grande mamífero ou do chifre de um rinoceronte. JP Lundy acredita que o chifre do unicórnio simboliza a bainha da salvação mencionada por São Lucas que, cutucando os corações dos homens, os leva a uma consideração da salvação por meio de Cristo. Os místicos cristãos medievais empregavam o unicórnio como um emblema de Cristo, e essa criatura deve, portanto, significar a vida espiritual no homem. O único chifre do unicórnio pode representar a glândula pineal, ou terceiro olho, que é o centro de cognição espiritual no cérebro. O unicórnio foi adotado pelos Mistérios como um símbolo da natureza espiritual iluminada do iniciado, o chifre com o qual ele se defende sendo a espada flamejante da doutrina espiritual contra a qual nada pode prevalecer.

No Livro de Lambspring , um raro tratado hermético, aparece uma gravura mostrando um veado e um unicórnio juntos em uma floresta. A imagem é acompanhada pelo seguinte texto: "Os Sábios dizem verdadeiramente que dois animais estão nesta floresta: Um glorioso, belo e rápido, um grande e forte veado; o outro um unicórnio. * * * Se aplicarmos a parábola de nossa arte, chamaremos a floresta de corpo . * * * O unicórnio será o espírito em todos os momentos. O veado não deseja outro nome senão o da alma ; * * *. Aquele que sabe como

domesticá-los e dominá-los pela arte, acoplá-los e conduzi-los para dentro e para fora da forma, pode ser justamente chamado de Mestre."

O demônio egípcio, Tifão, era frequentemente simbolizado pelo monstro Set , cuja identidade é obscura. Ele tem um nariz esquisito em forma de focinho e orelhas pontudas, e pode ter sido uma hiena convencional. O monstro Set vivia nas tempestades de areia e vagava pelo mundo promulgando o mal. Os egípcios relacionavam o uivo dos ventos do deserto com o grito gemido da hiena. Assim, quando nas profundezas da noite a hiena emitia seu lamento doloroso, soava como o último grito desesperado de uma alma perdida nas garras de Tifão. Entre os deveres dessa criatura maligna estava o de proteger os mortos egípcios contra: ladrões de túmulos.

Entre outros símbolos de Typhon estava o hipopótamo, sagrado para o deus Marte porque Marte estava entronizado no signo de Escorpião, a casa de Typhon. O asno também era sagrado para esse demônio egípcio. Jesus entrando em Jerusalém montado em um asno tem o mesmo significado que Hermes em pé sobre a forma prostrada de Typhon. Os primeiros cristãos foram acusados de adorar a cabeça de um asno. Um símbolo animal muito curioso é o porco ou porca, sagrado para Diana, e frequentemente empregado nos Mistérios como um emblema da arte oculta. O javali que chifrou Átis mostra o uso desse animal nos Mistérios.

De acordo com os Mistérios, o macaco representa a condição do homem antes que a alma racional entrasse em sua constituição. Portanto, ele tipifica o homem irracional. Por alguns, o macaco é visto como uma espécie não animada pelas hierarquias espirituais; por outros, como um estado caído em que o homem foi privado de sua natureza divina por meio da degeneração. Os antigos, embora evolucionistas, não traçaram a ascensão do homem por meio do macaco; o macaco eles consideravam como tendo se separado do tronco principal do progresso. O macaco era ocasionalmente empregado como um símbolo de aprendizado. Cynocephalus, o macaco com cabeça de cachorro, era o símbolo hieroglífico egípcio da escrita e estava intimamente associado a Thoth. Cynocephalus é um símbolo da lua e Thoth do planeta Mercúrio. Por causa da antiga crença de que a lua seguia Mercúrio pelos céus, o macaco-cão era descrito como o fiel companheiro de Thoth.

O cão, por sua fidelidade, denota o relacionamento que deve existir entre discípulo e mestre ou entre o iniciado e seu Deus. O cão pastor era um tipo de sacerdócio. A habilidade do cão de sentir e seguir pessoas invisíveis por quilômetros simbolizava o poder transcendental pelo qual o filósofo segue o fio da verdade através do labirinto do erro terrestre. O cão também é o símbolo de Mercúrio. A Estrela do Cão, Sirius ou Sothis, era sagrada para os egípcios porque pressagiava as inundações anuais do Nilo.

Como um animal de carga, o cavalo era o símbolo do corpo do homem forçado a sustentar o peso de sua constituição espiritual. Por outro lado, ele também tipificava a natureza espiritual do homem forçado a manter o fardo da personalidade material. Quíron, o centauro, mentor de Aquiles, representa a criação primitiva que foi o progenitor e instrutor da humanidade, conforme descrito por Beroso. O cavalo alado e o tapete mágico simbolizam a doutrina secreta e o corpo

espiritualizado do homem. O cavalo de madeira de Tróia, secretando um exército para a captura da cidade, representa o corpo do homem escondendo dentro de si aquelas potencialidades infinitas que mais tarde surgirão e conquistarão seu ambiente. Novamente, como a Arca de Noé, ele representa a natureza espiritual do homem como contendo uma série de potencialidades latentes que subsequentemente se tornam ativas. O cerco de Tróia é um relato simbólico do sequestro da alma humana (Helena) pela personalidade (Paris) e sua redenção final, por meio da luta perseverante, pela doutrina secreta - o exército grego sob o comando de Agamenon.

ENÉIAS E AS HARPIAS.

Da Eneida de Virgílio . (Tradução de Dryden.)

Entre as criaturas mitológicas dos Mistérios estavam as harpias — projeções na substância material de seres existentes no mundo invisível da Natureza. Elas foram descritas pelos gregos como sendo compostas, com cabeças de donzelas e corpos de pássaros. As asas das harpias eram compostas de metal e seu voo era acompanhado por um terrível ruído metálico. Durante suas andanças, Enéias, o herói troiano, desembarcou na ilha das harpias, onde ele e seus seguidores lutaram em vão com esses monstros. Uma das harpias empoleirou-se em um penhasco e lá

profetizou a Eneida que seu ataque a elas traria uma calamidade terrível aos troianos.

Flores, Plantas, Frutas e Árvores

O yoni e o falo eram adorados por quase todos os povos antigos como símbolos apropriados do poder criativo de Deus. O Jardim do Éden, a Arca, o Portão do Templo, o Véu dos Mistérios, a vesica piscis ou nimbo oval e o Santo Graal são símbolos iônicos importantes; a pirâmide, o obelisco, o cone, a vela, a torre, o monólito celta, a torre, o campanário, o mastro de maio e a Lança Sagrada são símbolos do falo. Ao tratar do assunto da adoração priápica, muitos autores modernos julgam os padrões pagãos pelos seus próprios e chafurdam no lodo da vulgaridade autocriada. Os Mistérios de Elêusis — a maior de todas as antigas sociedades secretas — estabeleceram um dos mais altos padrões conhecidos de moralidade e ética, e aqueles que criticam seu uso de símbolos fálicos devem ponderar as palavras incisivas do Rei Eduardo III, " Honi soit qui mal y pense ".

Os ritos obscenos praticados pelas Bacanálias e Dionísias posteriores não eram mais representativos dos padrões de pureza originalmente mantidos pelos Mistérios do que as orgias que ocasionalmente ocorriam entre os adeptos do cristianismo até o século XVIII eram representativas do cristianismo primitivo. Sir William Hamilton, Ministro Britânico na Corte de Nápoles, declara que em 1780, Isernia, uma comunidade de cristãos na Itália, adorava com cerimônias fálicas o deus pagão Príapo sob o nome de São Cosmo. (Veja Two Essays on the Worship of Priapus , de Richard Payne Knight.)

Pai, mãe e filho constituem a trindade natural. Os Mistérios glorificavam o lar como a instituição suprema que consiste nessa trindade funcionando como uma unidade. Pitágoras comparou o universo à família, declarando que, assim como o fogo supremo do universo estava no meio de seus corpos celestes, então, por analogia, o fogo supremo do mundo estava sobre suas pedras de lareira. As escolas pitagóricas e outras escolas de filosofia conceberam a natureza divina única de Deus para se manifestar no aspecto triplo de Pai, Mãe e Filho. Esses três constituíam a Família Divina, cuja morada é a criação e cujo símbolo natural e peculiar é o 47º problema de Euclides. Deus Pai é espírito, Deus Mãe é matéria, e Deus Criança — o produto dos dois — representa a soma dos seres vivos nascidos e constituintes da Natureza. A semente do espírito é semeada no útero da matéria, e por uma concepção imaculada (pura) a progênie é trazida à existência. Não é este o verdadeiro mistério da Madonna segurando o Santo Menino em seus braços? Quem ousa dizer que tal simbolismo é impróprio? O mistério da vida é o mistério supremo, revelado em toda a sua dignidade divina e glorificado como a realização pessoal da Natureza pelos sábios e videntes iniciados de todas as eras.

O pudor de hoje, no entanto, declara que esse mesmo mistério é impróprio para a consideração de pessoas de mente santa. Contrariamente aos ditames da razão, foi

estabelecido um padrão que afirma que a inocência gerada pela ignorância é mais desejável do que a virtude nascida do conhecimento. Eventualmente, no entanto, o homem aprenderá que nunca precisa se envergonhar da verdade. Até que aprenda isso, ele é falso com seu Deus, com seu mundo e consigo mesmo. Nesse aspecto, o cristianismo falhou lamentavelmente em sua missão. Ao declarar que o corpo do homem é o templo vivo do Deus vivo, ao mesmo tempo afirma que as substâncias e funções desse templo são impuras e seu estudo contamina os sentimentos sensíveis dos justos. Por essa atitude doentia, o corpo do homem — a casa de Deus — é degradado e difamado. No entanto, a cruz em si é o mais antigo dos emblemas fálicos, e as janelas em forma de losango das catedrais são prova de que os símbolos iônicos sobreviveram à destruição dos Mistérios pagãos. A própria estrutura da igreja em si é permeada de falicismo. Remova da Igreja Cristã todos os emblemas de origem priápica e nada resta, pois até mesmo a terra sobre a qual ela se ergue foi, por causa de sua fertilidade, o primeiro símbolo iônico. Como a presença desses emblemas dos processos generativos é desconhecida ou ignorada pela maioria, a ironia da situação não é geralmente apreciada. Somente aqueles familiarizados com a linguagem secreta da antiguidade são capazes de entender o significado divino desses emblemas.

As flores foram escolhidas como símbolos por muitas razões. A grande variedade de flora tornou possível encontrar alguma planta ou flor que seria uma figura adequada para quase qualquer qualidade ou condição abstrata. Uma planta pode ser escolhida por causa de algum mito conectado com sua origem, como as histórias de Dafne e Narciso; por causa do ambiente peculiar em que prosperou, como a orquídea e o fungo; por causa de sua forma significativa, como a flor da paixão e o lírio da Páscoa; por causa de seu brilho ou fragrância, como a verbena e a lavanda doce; porque preservou sua forma indefinidamente, como a flor eterna; por causa de características incomuns como o girassol e o heliotrópio, que há muito são sagrados por causa de sua afinidade com o sol.

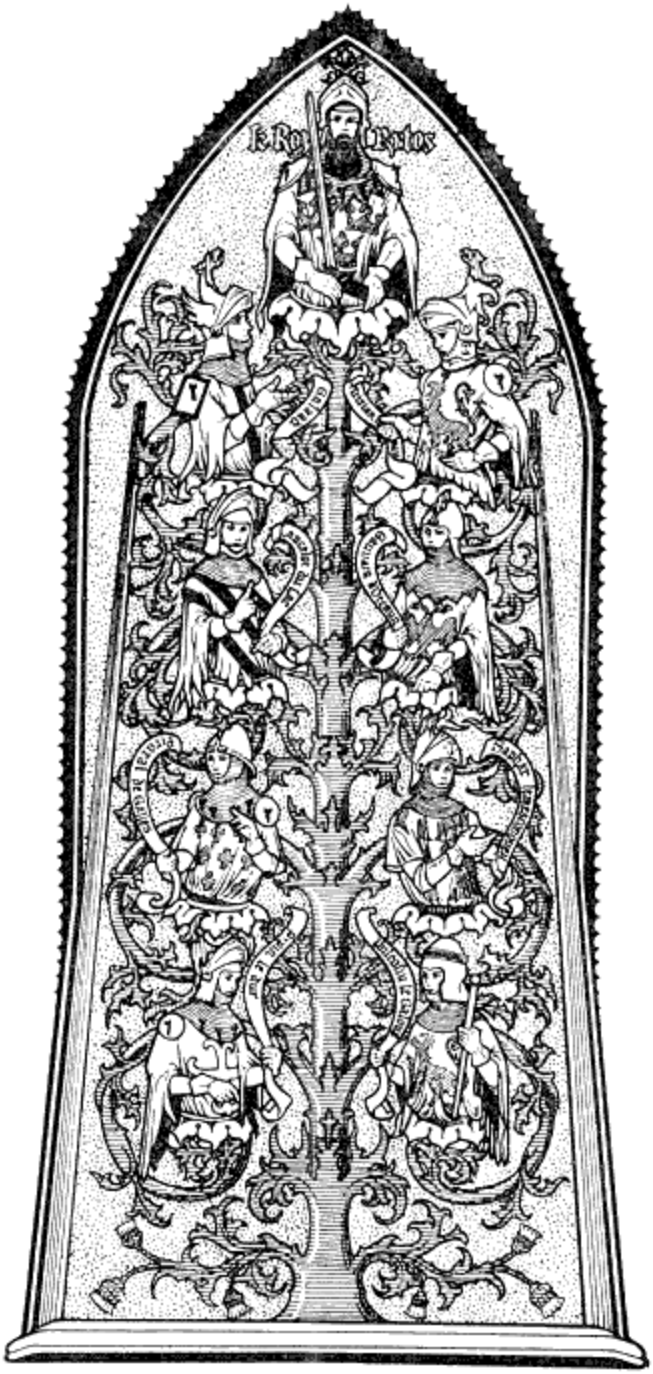
A planta também pode ser considerada digna de veneração porque de suas folhas, pétalas, caules ou raízes esmagadas podem ser extraídas unções curativas, essências ou drogas que afetam a natureza e a inteligência dos seres humanos - como a papoula e as antigas ervas da profecia. A planta também pode ser considerada eficaz na cura de muitas doenças porque seus frutos, folhas, pétalas ou raízes têm uma semelhança em forma ou cor com partes ou órgãos do corpo humano. Por exemplo, os sucos destilados de certas espécies de samambaias, também o musgo peludo que cresce em carvalhos e o cardo foram ditos ter o poder de fazer crescer cabelo; a dentária , que se assemelha a um dente em forma, foi dita para curar a dor de dente; e a planta palma Christi , por causa de sua forma, curava todas as aflições das mãos.

A flor é realmente o sistema reprodutivo da planta e, portanto, é singularmente apropriada como um símbolo de pureza sexual--um requisito absoluto dos antigos Mistérios. Assim, a flor significa esse ideal de beleza e regeneração que deve, em última análise, tomar o lugar da luxúria e da degeneração.

De todas as flores simbólicas, a flor de locus da Índia e do Egito e a rosa dos Rosacruzes são as mais importantes. Em seu simbolismo, essas duas flores são

consideradas idênticas. As doutrinas esotéricas que o lótus oriental representa foram perpetuadas na Europa moderna sob a forma da rosa. A rosa e o lótus são emblemas yônicos, significando principalmente o mistério criativo maternal, enquanto o lírio da Páscoa é considerado fálico.

Os iniciados brâmanes e egípcios, que sem dúvida entendiam os sistemas secretos da cultura espiritual pelos quais os centros latentes de energia cósmica no homem podem ser estimulados, empregavam as flores de lótus para representar os vórtices giratórios de energia espiritual localizados em vários pontos ao longo da coluna vertebral e chamados de chakras , ou rodas giratórias, pelos hindus. Sete desses chakras são de suma importância e têm suas correspondências individuais nos gânglios nervosos e plexos. De acordo com as escolas secretas, o gânglio sacral é chamado de lótus de quatro pétalas; o plexo prostático, o lótus de seis pétalas; o plexo epigástrico e o umbigo, o lótus de dez pétalas; o plexo cardíaco, o lótus de doze pétalas; o plexo faríngeo, o locus de dezesseis pétalas; o plexo cavernoso, o lótus de duas pétalas; e a glândula pineal ou centro desconhecido adjacente, o locus de mil pétalas. A cor, o tamanho e o número de pétalas sobre o



A ÁRVORE DOS CAVALEIROS DA TÁVOA REDONDA.

Este exemplo notável do uso da árvore no simbolismo é do Chateau de Pierrefonds na pequena cidade de Pierrefonds, norte da França. Os oito galhos laterais terminam em flores convencionais em forma de taça, de cada uma das quais se ergue o corpo de um cavaleiro carregando em sua mão uma fita com seu nome. O caule central é encimado por uma flor maior, da qual emerge o corpo do próprio Rei Arthur. A árvore é um motivo favorito na heráldica. O tronco com sua multidão de

galhos fez com que a árvore fosse frequentemente usada em diagramas de linhagem familiar, da qual surgiu a prática de denominar tais tabelas de "árvores genealógicas".

lótus são as chaves para sua importância simbólica. Uma dica sobre o desdobramento da compreensão espiritual de acordo com a ciência secreta dos Mistérios é encontrada na história da vara de Aarão que brotou, e também na grande ópera de Wagner, Tannhäuser , onde o cajado em brotamento do Papa significa as flores desabrochando sobre a vara sagrada dos Mistérios--a coluna vertebral.

Os rosacruzes usavam uma guirlanda de rosas para significar os mesmos vórtices espirituais, que são referidos na Bíblia como as sete lâmpadas do candelabro e as sete igrejas da Ásia. Na edição de 1642 da História de Henrique VII de Sir Francis Bacon , há um frontispício mostrando Lord Bacon com rosas rosacruzes como fivelas de sapato.

No sistema filosófico hindu, cada pétala do lótus carrega um certo símbolo que dá uma pista adicional para o significado da flor. Os orientais também usavam a planta de lótus para significar o crescimento do homem através dos três períodos da consciência humana - ignorância, esforço e compreensão. Assim como o lótus existe em três elementos (terra, água e ar), o homem vive em três mundos - material, intelectual e espiritual. Assim como a planta, com suas raízes na lama e no lodo, cresce para cima através da água e finalmente floresce na luz e no ar, assim o crescimento espiritual do homem é para cima, da escuridão da ação e do desejo básicos para a luz da verdade e da compreensão, a água servindo como um símbolo do mundo em constante mudança da ilusão através do qual a alma deve passar em sua luta para alcançar o estado de iluminação espiritual. A rosa e seu equivalente oriental, o lótus, como todas as belas flores, representam o desenvolvimento espiritual e a realização: portanto, as divindades orientais são frequentemente mostradas sentadas sobre as pétalas abertas das flores de lótus.

O lótus também era um motivo universal na arte e arquitetura egípcia. Os telhados de muitos templos eram sustentados por colunas de lótus, significando a sabedoria eterna; e o cetro com cabeça de lótus — símbolo do autodesenvolvimento e da prerrogativa divina — era frequentemente carregado em procissões religiosas. Quando a flor tinha nove pétalas, era simbólica do homem; quando doze, do universo e dos deuses; quando sete, dos planetas e da lei; quando cinco, dos sentidos e dos Mistérios; e quando três, das principais divindades e dos mundos. A rosa heráldica da Idade Média geralmente tem cinco ou dez pétalas, mostrando assim sua relação com o mistério espiritual do homem por meio da pentad e décad pitagóricas.

CULTO ARBORUM

A adoração de árvores como representantes da Divindade era prevalente em todo o mundo antigo. Templos eram frequentemente construídos no coração de bosques sagrados, e cerimoniais noturnos eram conduzidos sob os galhos largos de grandes árvores, fantasticamente decoradas e enfeitadas em homenagem às suas divindades padroeiras. Em muitos casos, acreditava-se que as próprias árvores possuíam os atributos de poder e inteligência divinos e, portanto, súplicas eram frequentemente dirigidas a elas. A beleza, dignidade, solidez e força de carvalhos, olmos e cedros levaram à sua adoção como símbolos de poder, integridade, permanência, virilidade e proteção divina.

Vários povos antigos — notavelmente os hindus e escandinavos — consideravam o Macrocosmo, ou Grande Universo, como uma árvore divina que cresce de uma única semente semeada no espaço. Os gregos, persas, caldeus e japoneses têm lendas descrevendo o eixo da árvore ou junco sobre o qual a Terra gira. Kapila declara que o universo é a árvore eterna, Brahma, que brota de uma semente imperceptível e intangível — a mônada material. Os cabalistas medievais representavam a criação como uma árvore com suas raízes na realidade do espírito e seus galhos na ilusão da existência tangível. A árvore sephirótica da Cabala era, portanto, invertida, com suas raízes no céu e seus galhos na terra. Madame Blavatsky observa que a Grande Pirâmide era considerada um símbolo dessa árvore invertida, com sua raiz no ápice da pirâmide e seus galhos divergindo em quatro correntes em direção à base.

A árvore-mundo escandinava, Yggdrasil, sustenta em seus galhos nove esferas ou mundos, -- que os egípcios simbolizavam pelos nove estames da persea ou abacate. Todos estes estão encerrados dentro da misteriosa décima esfera ou ovo cósmico -- a Cifra dos Mistérios sem definição. A árvore cabalística dos judeus também consiste em nove galhos, ou mundos, emanando da Primeira Causa ou Coroa, que envolve suas emanações como a casca envolve o ovo. A única fonte de vida e a infinita diversidade de sua expressão tem uma analogia perfeita na estrutura da árvore. O tronco representa a única origem de toda a diversidade; as raízes, profundamente incrustadas na terra escura, são simbólicas do alimento divino; e sua multiplicidade de galhos se espalhando do tronco central representam a infinidade de efeitos universais dependentes de uma única causa.

A árvore também foi aceita como símbolo do Microcosmo, isto é, o homem. De acordo com a doutrina esotérica, o homem primeiro existe potencialmente dentro do corpo da árvore-mundo e depois floresce em manifestação objetiva sobre seus galhos. De acordo com um antigo mito de mistério grego, o deus Zeus fabricou a terceira raça de homens a partir de freixos. A serpente tão frequentemente mostrada enrolada ao redor do tronco da árvore geralmente significa a mente - o poder do pensamento - e é o tentador eterno ou impulso que leva todas as criaturas racionais à descoberta final da realidade e, assim, derruba o governo dos deuses. A serpente escondida na folhagem da árvore universal representa a mente cósmica; e na árvore humana, o intelecto individualizado.

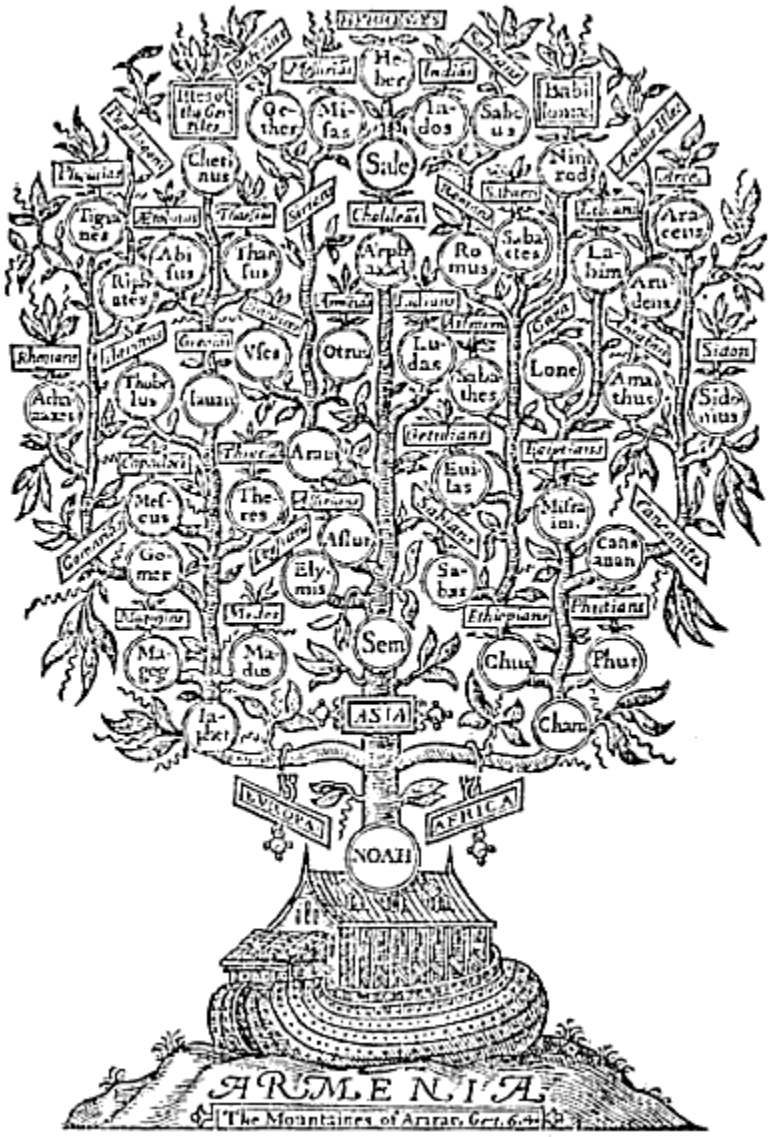
O conceito de que toda a vida se origina de sementes fez com que grãos e várias plantas fossem aceitos como emblemáticos do espermatozoide humano, e a árvore era, portanto, simbólica da vida organizada se desdobrando de seu germe primitivo.

O crescimento do universo a partir de sua semente primitiva pode ser comparado ao crescimento do poderoso carvalho a partir da pequena bolota. Embora a árvore seja aparentemente muito maior do que sua própria fonte, no entanto, essa fonte contém potencialmente cada galho, galho e folha que mais tarde serão objetivamente desdobrados pelos processos de crescimento.

A veneração do homem por árvores como símbolos das qualidades abstratas de sabedoria e integridade também o levou a designar como árvores aqueles indivíduos que possuíam essas qualidades divinas em um grau aparentemente sobre-humano. Filósofos e sacerdotes altamente iluminados eram, portanto, frequentemente chamados de árvores ou homens-árvore — por exemplo, os druidas, cujo nome, de acordo com uma interpretação, significa os homens dos carvalhos , ou os iniciados de certos mistérios sírios que eram chamados de cedros ; na verdade, é muito mais crível e provável que os famosos cedros do Líbano , cortados para a construção do Templo do Rei Salomão, fossem realmente sábios iluminados e iniciados. O místico sabe que os verdadeiros suportes da Gloriosa Casa de Deus não eram os troncos sujeitos à decadência, mas os intelectos imortais e imperecíveis dos hierofantes das árvores.

As árvores são repetidamente mencionadas no Antigo e Novo Testamentos, e nas escrituras de várias nações pagãs. A Árvore da Vida e a Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal mencionadas em Gênesis, a sarça ardente na qual o anjo apareceu a Moisés, a famosa videira e figueira do Novo Testamento, o bosque de oliveiras no Jardim do Getsêmani onde Jesus foi orar, e a árvore milagrosa do Apocalipse, que deu doze tipos de frutos e cujas folhas eram para a cura das nações, todas dão testemunho da estima em que as árvores eram tidas pelos escribas da Sagrada Escritura. Buda recebeu sua iluminação enquanto estava sob a árvore bodhi , perto de Madras, na Índia, e vários deuses orientais são retratados sentados em meditação sob os galhos espalhados de árvores poderosas. Muitos dos grandes sábios e salvadores carregavam varinhas, varas ou cajados cortados da madeira de árvores sagradas, como as varas de Moisés e Aarão; Gungnir - a lança de Odin - cortada da Árvore da Vida; e a vara consagrada de Hermes, em torno da qual as serpentes guerreiras se enrolavam.

Os numerosos usos que os antigos fizeram da árvore e seus produtos são fatores em seu simbolismo. Sua adoração era, até certo ponto, baseada em sua utilidade. Sobre isso, JP Lundy escreve: "As árvores ocupam um lugar tão importante na economia da natureza por meio da atração e retenção de umidade, e sombreamento das fontes de água e do solo de modo a evitar a esterilidade e desolação; as), são tão



A ÁRVORE DE NOÉ.

Da Bíblia " Breeches " de 1599 .

A maioria das Bíblias publicadas durante a Idade Média contém uma seção dedicada a tabelas genealógicas mostrando a descendência da humanidade do Pai Adão até o advento de Jesus Cristo. A árvore que cresce do teto da Arca representa o corpo de Noé e seus três ramos, seus filhos - Sem, Cam e Jafé. As nações pelos descendentes dos três filhos de Noé são apropriadamente mostradas nos círculos sobre os ramos da árvore. Embora tais tabelas sejam irremediavelmente incorretas de um ponto de vista histórico, para o simbolista suas interpretações alegóricas são de importância inestimável.

úteis ao homem para sombra, para frutas, para remédios, para combustível, para construir casas e navios, para móveis, para quase todos os setores da vida, não é de se admirar que alguns dos mais notáveis, como o carvalho, o pinheiro, a palmeira e o sicômoro, tenham se tornado sagrados e usados para adoração." (Veja Cristianismo Monumental .)

Os primeiros Padres da igreja às vezes usavam a árvore para simbolizar Cristo. Eles acreditavam que, em última análise, o cristianismo cresceria como um poderoso carvalho e ofuscaria todas as outras fés da humanidade. Por descartar anualmente sua folhagem, a árvore também era vista como um emblema apropriado de ressurreição e reencarnação, pois, embora aparentemente morresse a cada outono, ela florescia novamente com verdor renovado a cada primavera seguinte.

Sob as denominações de Árvore da Vida e Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal está oculto o grande arcano da antiguidade — o mistério do equilíbrio . A Árvore da Vida representa o ponto espiritual de equilíbrio — o segredo da imortalidade. A Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal , como seu nome indica, representa a polaridade, ou desequilíbrio — o segredo da mortalidade. Os cabalistas revelam isso atribuindo a coluna central de seu diagrama sephirótico à Árvore da Vida e os dois ramos laterais à Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal . "Forças desequilibradas perecem no vazio", declara o trabalho secreto, e tudo é tornado conhecido. A maçã representa o conhecimento dos processos procriativos, pelo despertar dos quais o universo material foi estabelecido. A alegoria de Adão e Eva no Jardim do Éden é um mito cósmico, revelando os métodos de estabelecimento universal e individual. A história literal, aceita por tantos séculos por um mundo irracional, é absurda, mas o mistério criativo do qual é o símbolo é uma das verdades mais profundas da Natureza. Os Ofitas (adoradores de serpentes) reverenciavam a serpente edênica porque ela era a causa da existência individual. Embora a humanidade ainda esteja vagando em um mundo de bem e mal, ela finalmente atingirá a completude e comerá do fruto da Árvore da Vida que cresce no meio do jardim ilusório das coisas mundanas. Assim, a Árvore da Vida também é o símbolo designado dos Mistérios, e ao participar de seu fruto o homem atinge a imortalidade.

O carvalho, o pinheiro, o freixo, o cipreste e a palmeira são as cinco árvores de maior importância simbólica. O Deus Pai dos Mistérios era frequentemente adorado sob a forma de um carvalho; o Deus Salvador — frequentemente o Mártir do Mundo — na forma de um pinheiro; o eixo do mundo e a natureza divina na humanidade na forma de um freixo; as deusas, ou princípio maternal, na forma de um cipreste; e o polo positivo da geração na forma da inflorescência da tamareira-mate. A pinha é um símbolo fálico da antiguidade remota. O tirso de Baco — uma longa varinha ou cajado encimado por uma pinha ou cacho de uvas e entrelaçado com folhas de hera ou videira, às vezes fitas — significa que as maravilhas da Natureza só podem ser realizadas com a ajuda da virilidade solar, simbolizada pela pinha ou uvas. Nos Mistérios Frígios, Átis — o sempre presente salvador do sol — morre sob os galhos do pinheiro (uma alusão ao globo solar no solstício de inverno) e por essa razão o pinheiro era sagrado para seu culto. Essa árvore também era sagrada nos Mistérios de Dionísio e Apolo.

Entre os antigos egípcios e judeus, a acácia, ou tamargueira, era tida na mais alta estima religiosa; e entre os maçons modernos, galhos de acácia, cipreste, cedro ou sempre-viva ainda são considerados os emblemas mais significativos. A madeira de acácia usada pelos filhos de Israel na construção do Tabernáculo e da Arca da Aliança era uma espécie de acácia. Ao descrever esta árvore sagrada, Albert Pike escreveu: "A acácia genuína, também, é a tamargueira espinhosa, a mesma árvore que cresceu ao redor do corpo de Osíris. Era uma árvore sagrada entre os árabes, que fizeram dela o ídolo Al-Uzza, que Maomé destruiu. É abundante como um arbusto no deserto de Thur; e dela foi composta a 'coroa de espinhos', que foi colocada na testa de Jesus de Nazaré. É um tipo adequado de imortalidade por conta de sua tenacidade de vida; pois é sabido que, quando plantada como um batente de porta, cria raízes novamente e brota galhos brotando acima do limiar ." (Veja Moral e Dogma .)

É bem possível que grande parte da veneração dada à acácia se deva aos atributos peculiares da mimosa , ou planta sensitiva, com a qual ela era frequentemente identificada pelos antigos. Há uma lenda copta no sentido de que a planta sensitiva foi a primeira de todas as árvores ou arbustos a adorar Cristo. O rápido crescimento da acácia e sua beleza também fizeram com que ela fosse considerada emblemática da fecundidade e da geração.

O simbolismo da acácia é suscetível de quatro interpretações distintas: (1) é o emblema do equinócio vernal - a ressurreição anual da divindade solar; (2) sob a forma da planta sensível que se encolhe ao toque humano, a acácia significa pureza e inocência, como um dos significados gregos de seu nome indica; (3) ela tipifica apropriadamente a imortalidade e a regeneração humanas, e sob a forma da sempre-viva representa aquela parte imortal do homem que sobrevive à destruição de sua natureza visível; (4) é o antigo e reverenciado emblema dos Mistérios, e os candidatos que entravam nas passagens tortuosas nas quais as cerimônias eram realizadas carregavam em suas mãos galhos dessas plantas sagradas ou pequenos cachos de flores santificadas.

Albert G. Mackey chama a atenção para o fato de que cada um dos antigos Mistérios tinha sua própria planta peculiar sagrada para os deuses ou deusas em cuja honra os rituais eram celebrados. Essas plantas sagradas foram posteriormente adotadas como símbolos dos vários graus em que eram usadas. Assim, nos Mistérios de Adônis, a alface era sagrada; nos ritos brâmanes e egípcios, o lótus; entre os druidas, o visco; e entre certos Mistérios gregos, a murta. (Veja Encyclopædia of Freemasonry .)

Como a lenda de CHiram Abiff é baseada no antigo ritual de mistério egípcio do assassinato e ressurreição de Osíris, é natural que o raminho de acácia seja preservado como símbolo da ressurreição de CHiram. O baú contendo o corpo de Osíris foi levado para a praia perto de Byblos e alojado nas raízes de uma tamargueira, ou acácia, que, crescendo em uma árvore poderosa, envolveu dentro de seu tronco o corpo do deus assassinado. Esta é, sem dúvida, a origem da história de que um raminho de acácia marca o túmulo de CHiram. O mistério da sempre-viva marcando o túmulo do deus sol morto também é perpetuado na árvore de Natal.

O damasco e o marmelo são símbolos yônicos familiares, enquanto o cacho de uvas e o figo são fálicos. A romã é a fruta mística dos ritos eleusinos; ao comê-la, Prosperina se ligou aos reinos de Plutão. A fruta aqui significa a vida sensual que, uma vez provada, priva temporariamente o homem da imortalidade. Também por conta de seu vasto número de sementes, a romã era frequentemente empregada para representar a fecundidade natural. Pela mesma razão, Jacob Bryant em sua Ancient Mythology observa que os antigos reconheceram nesta fruta um emblema apropriado da Arca do Dilúvio,

O GIRASSOL.

De Magnes sive de Arte Magnetica Opus Tripartitum de Kircher .

O diagrama acima ilustra um experimento curioso em magnetismo vegetal reproduzido com vários outros experimentos no raro volume de Athanasius Kircher sobre magnetismo. Várias plantas eram sagradas para os antigos egípcios, gregos e hindus por causa do efeito peculiar que o sol exercia sobre elas. Como é difícil para o homem olhar para a face do sol sem ser cegado pela luz, aquelas plantas que se viravam e deliberadamente enfrentavam o orbe solar eram consideradas típicas de almas muito avançadas. Como o sol era considerado a personificação da Divindade Suprema, aquelas formas de vida sobre as quais ele exercia influência marcante eram veneradas como sendo sagradas para a Divindade. O girassol, por causa de sua afinidade claramente perceptível com o sol, recebeu alta classificação entre as plantas sagradas.

que continha as sementes da nova raça humana. Entre os antigos Mistérios, a romã também era considerada um símbolo divino de significado tão peculiar que sua verdadeira explicação não podia ser divulgada. Foi denominado pelos Cabiri de "o segredo proibido". Muitos deuses e deusas gregos são retratados segurando a fruta ou flor da romã em suas mãos, evidentemente para significar que eles são doadores de vida e abundância. Capitéis de romã foram colocados sobre os pilares de Jachin e Boaz em pé em frente ao Templo do Rei Salomão; e por ordem de Jeová, flores de romã foram bordadas na parte inferior do éfode do Sumo Sacerdote.

O vinho forte feito do suco da uva era visto como um símbolo da vida falsa e da luz falsa do universo, pois era produzido por um processo falso — fermentação artificial. As faculdades racionais são obscurecidas pela bebida forte, e a natureza animal, libertada da escravidão, controla o indivíduo — fatos que necessariamente eram do maior significado espiritual. Como a natureza inferior é o eterno tentador que busca co levar o homem a excessos que inibem as faculdades espirituais, a uva e seu produto eram usados para simbolizar o Adversário.

O suco da uva era considerado pelos egípcios como semelhante ao sangue humano mais de perto do que qualquer outra substância. Na verdade, eles acreditavam que a uva garantia sua vida do sangue dos mortos que haviam sido enterrados na terra. De acordo com Plutarco, "Os sacerdotes do sol em Heliópolis nunca carregavam vinho para seus templos, * * * e se eles faziam uso dele em qualquer momento em suas libações aos deuses, não era porque eles o consideravam como em sua própria natureza aceitável para eles; mas eles o derramavam sobre seus altares como o sangue daqueles inimigos que anteriormente lutaram contra eles. Pois eles consideram a videira como tendo brotado da terra depois que ela foi engordada com as carcaças daqueles que caíram nas guerras contra os deuses. E esta, dizem eles, é a razão pela qual beber seu suco em grandes quantidades deixa os homens loucos e fora de si, enchendo-os como se estivessem com o sangue de seus próprios ancestrais." (Veja Ísis e Osíris .)

Entre alguns cultos, o estado de intoxicação era visto como uma condição um tanto semelhante ao êxtase, pois acreditava-se que o indivíduo era possuído pelo Espírito Universal da Vida, cujo veículo escolhido era a videira. Nos Mistérios, a uva era frequentemente usada para simbolizar a luxúria e a devassidão por causa de seu efeito desmoralizante sobre a natureza emocional. O fato era reconhecido, no entanto, que a fermentação era a evidência certa da presença do fogo solar, portanto a uva era aceita como o símbolo apropriado do Espírito Solar - o doador do entusiasmo divino. De maneira um tanto semelhante, os cristãos aceitaram o vinho como o emblema do sangue de Cristo, participando dele na Sagrada Comunhão. Cristo, o emblema exotérico do Espírito Solar, disse: "Eu sou a videira". Ele era, portanto, adorado com o vinho do êxtase da mesma maneira que seus protótipos pagãos - Baco, Dionísio, Áries e Adônis.

Acredita-se que a mandragora officinarum , ou mandrágora, possui os mais notáveis poderes mágicos. Suas propriedades narcóticas foram reconhecidas pelos gregos, que a empregavam para amortecer a dor durante operações cirúrgicas, e ela foi identificada também com baaras , a erva mística usada pelos judeus para

expulsar demônios. Nas Guerras Judaicas , Josefo descreve o método de proteger a baaras , que ele declara que emite relâmpagos e destrói todos que tentam tocá-la, a menos que procedam de acordo com certas regras supostamente formuladas pelo próprio Rei Salomão.

As propriedades ocultas da mandrágora, embora pouco compreendidas, foram responsáveis pela adoção da planta como um talismã capaz de aumentar o valor ou a quantidade de qualquer coisa com a qual fosse associada. Como um amuleto fálico, a mandrágora era considerada uma cura infalível para a esterilidade. Era um dos símbolos priápicos que os Cavaleiros Templários eram acusados de adorar. A raiz da planta se assemelha muito a um corpo humano e frequentemente tinha os contornos da cabeça, braços ou pernas humanas. Essa semelhança impressionante entre o corpo do homem e a mandrágora é um dos enigmas da ciência natural e é a base real para a veneração em que essa planta era mantida. Em Ísis Sem Véu , Madame Blavatsky observa que a mandrágora parece ocupar na terra o ponto onde os reinos vegetal e animal se encontram, como os zoófitos e os pólipos o fazem no mar. Esse pensamento abre um vasto campo de especulação sobre a natureza desse animal-planta.

De acordo com uma superstição popular, a mandrágora encolhia-se ao ser tocada e, gritando com uma voz humana, agarrava-se desesperadamente ao solo em que estava enterrada. Qualquer um que ouvisse seu grito enquanto a arrancava morria imediatamente ou enlouquecia. Para contornar essa tragédia, era costume cavar ao redor das raízes da mandrágora até que a planta estivesse completamente solta e então amarrar uma ponta de uma corda ao redor do caule e prender a outra ponta a um cachorro. O cachorro, obedecendo ao chamado de seu mestre, então arrastou a raiz da terra e se tornou vítima da maldição da mandrágora. Uma vez arrancada, a planta poderia ser manuseada com imunidade.

Durante a Idade Média, os encantos de mandrágora trouxeram grandes preços e uma arte foi desenvolvida pela qual a semelhança entre a raiz de mandrágora e o corpo humano foi consideravelmente acentuada. Como a maioria das superstições, a crença nos poderes peculiares da mandrágora foi fundada sobre uma antiga doutrina secreta sobre a verdadeira natureza da planta. "É levemente narcótico", diz Eliphas Levi, "e uma virtude afrodisíaca foi atribuída a ele pelos antigos, que o representaram como sendo procurado por feiticeiros tessálios para a composição de filtros. Essa raiz é o vestígio umbilical de nossa origem terrestre, como um certo misticismo mágico sugeriu? Não ousamos afirmar isso seriamente, mas é verdade mesmo assim que o homem surgiu do lodo da terra e sua primeira aparição deve ter sido na forma de um esboço grosseiro. As analogias da Natureza nos obrigam a admitir a noção, pelo menos como uma possibilidade. Os primeiros homens foram, neste caso, uma família de mandrógoras gigantescas e sensíveis, animadas pelo sol, que se enraizaram da terra." (Veja Magia Transcendental .)

A cebola caseira era reverenciada pelos egípcios como um símbolo do universo porque seus anéis e camadas representavam os planos concêntricos nos quais a criação era dividida de acordo com os Mistérios Herméticos. Também era considerada como possuidora de grande virtude medicinal. Por causa das propriedades peculiares resultantes de sua pungência, a planta do alho era um

agente poderoso na magia transcendental. Até hoje, nenhum meio melhor foi encontrado para o tratamento da obsessão. O vampirismo e certas formas de insanidade — especialmente aquelas resultantes da mediunidade e das influências de larvas elementais — respondem imediatamente ao uso do alho. Na Idade Média, acreditava-se que sua presença em uma casa afastava todos os poderes malignos.

Plantas trifoliadas, como o trevo, foram empregadas por muitos cultos religiosos para representar o princípio da Trindade. Supõe-se que São Patrício tenha usado o trevo para ilustrar essa doutrina da Divindade trina. A razão para a santidade adicional conferida por uma quarta folha é que o quarto princípio da Trindade é o homem, e a presença dessa folha, portanto, significa a redenção da humanidade.

Coroas eram usadas durante a iniciação nos Mistérios e a leitura dos livros sagrados para significar que esses processos eram consagrados às divindades. Sobre o simbolismo das coroas, Richard Payne Knight escreve: "Em vez de contas, coroas de folhagens, geralmente de louro, oliveira, murta, hera ou carvalho, aparecem em moedas, às vezes circundando as figuras simbólicas e às vezes como grinaldas sobre suas cabeças. Todas essas eram sagradas para algumas personificações peculiares da divindade e significativas de alguns atributos particulares e, em geral, todas as sempre-vivas eram planos dionisíacos; isto é, símbolos do poder gerador, significando perpetuidade da juventude e vigor, assim como os círculos de contas e diademas significam perpetuidade da existência. (Veja Symbolical Language of Ancient Art and Mythology .)

A ÁRVORE DA ALQUIMIA.

Extraído do Musæum Hermeticum Reformatum et Amplificatum .

Os alquimistas foram simbolizar seus metais por meio de uma árvore, para indicar que todos os sete eram galhos dependentes do tronco único da vida solar. Assim como os Sete Espíritos dependem de Deus e são galhos de uma árvore da qual Ele é a raiz, o tronco e a terra espiritual da qual a raiz deriva sua nutrição, assim o tronco único da vida e do poder divinos nutre todas as formas multitudinárias das quais o universo é composto.

Em Gloria Mundi , da qual a ilustração acima é reproduzida, há um pensamento importante sobre o crescimento vegetal dos metais: "Todas as árvores, ervas, pedras, metais e minerais crescem e atingem a perfeição sem serem necessariamente tocados por nenhuma mão humana: pois a semente é levantada do solo, produz flores e dá frutos, simplesmente por meio da agência de influências naturais. Assim como acontece com as plantas, assim acontece com os metais. Enquanto eles jazem no coração da terra, em seu minério natural, eles crescem e se desenvolvem, dia a dia, por meio da influência dos quatro elementos: seu fogo é o esplendor do Sol e da Lua; a terra concebe em seu ventre o esplendor do Sol, e por ele as sementes dos metais são bem e igualmente aquecidas, assim como o grão nos campos. * * * Pois assim como cada árvore do campo tem sua própria forma, aparência e fruto peculiares, cada montanha produz seu próprio minério particular; essas pedras e essa terra são o solo em que os metais crescem." (Ver Tradução de 1893.)

Pedras, Metais e Gemas

CADA um dos quatro elementos primários, como ensinado pelos primeiros filósofos, tem seu análogo na constituição terrestre quaternária do homem. As rochas e a terra correspondem aos ossos e à carne; a água aos vários fluidos; o ar aos gases; e o fogo ao calor corporal. Uma vez que os ossos são a estrutura que sustenta a estrutura corpórea, eles podem ser considerados um emblema adequado do espírito — aquela fundação divina que sustenta o tecido composto de mente, alma e corpo. Para o iniciado, o esqueleto da morte segurando em dedos ósseos a foice do ceifador denota Saturno (Cronos), o pai dos deuses, carregando a foice com a qual mutilou Urano, seu próprio pai.

Na linguagem dos Mistérios, os espíritos dos homens são os ossos em pó de Saturno . Esta última divindade sempre foi adorada sob o símbolo da base ou fundamento, na medida em que era considerada a subestrutura que sustentava a criação. O mito de Saturno tem sua base histórica nos registros fragmentários preservados pelos primeiros gregos e fenícios a respeito de um rei com esse nome que governou o antigo continente de Hiperbórea. Polaris, Hiperbórea e Atlântida, por estarem enterradas sob os continentes e oceanos do mundo moderno, têm sido frequentemente simbolizadas como rochas sustentando em suas amplas superfícies novas terras, raças e impérios. De acordo com os Mistérios Escandinavos, as pedras

e penhascos foram formados a partir dos ossos de Ymir, o gigante primordial do barro fervente , enquanto para os místicos helênicos as rochas eram os ossos da Grande Mãe, Gæa.

Após o dilúvio enviado pelos deuses para destruir a humanidade no final da Idade do Ferro, apenas Deucalião e Pirra permaneceram vivos. Entrando em um santuário em ruínas para rezar, eles foram orientados por um oráculo a se afastarem do templo e com as cabeças veladas e as vestes desamarradas lançaram atrás de si os ossos de sua mãe. Interpretando a mensagem enigmática do deus como significando que a Terra era a Grande Mãe de todas as criaturas, Deucalião pegou pedras soltas e, ordenando que Pirra fizesse o mesmo, jogou-as atrás de si. Dessas pedras surgiu uma nova e robusta raça de seres humanos, as pedras atiradas por Deucalião se tornando homens e aquelas atiradas por Pirra se tornando mulheres. Nessa alegoria é resumido o mistério da evolução humana; pois o espírito, ao animar a matéria, torna-se aquele poder interior que gradualmente, mas sequencialmente, eleva o mineral ao status da planta; a planta ao plano do animal; o animal à dignidade do homem; e o homem ao estado dos deuses.

O sistema solar foi organizado por forças operando internamente a partir do grande anel da esfera saturnina; e como os primórdios de todas as coisas estavam sob o controle de Saturno, a inferência mais razoável é que as primeiras formas de adoração foram dedicadas a ele e seu símbolo peculiar — a pedra. Assim, a natureza intrínseca de Saturno é sinônimo daquela rocha espiritual que é a fundação duradoura do Templo Solar, e tem seu antítipo ou oitava inferior naquela rocha terrestre — o planeta Terra — que sustenta sobre sua superfície irregular os gêneros diversificados da vida mundana.

Embora sua origem seja incerta, a litolatria constitui, sem dúvida, uma das primeiras formas de expressão religiosa. "Por todo o mundo", escreve Godfrey Higgins, "o primeiro objeto de idolatria parece ter sido uma pedra simples e bruta, colocada no chão, como um emblema dos poderes generativos ou procriativos da natureza." (Veja The Celtic Druids .) Os restos da adoração em pedra estão distribuídos pela maior parte da superfície da Terra, um exemplo notável são os menires em Carnac, na Bretanha, onde vários milhares de pedras gigantescas não cortadas estão dispostas em onze fileiras ordenadas. Muitos desses monólitos ficam a mais de seis metros da areia em que estão embutidos, e foi calculado que alguns dos maiores pesam até 113.000 quilos. Alguns acreditam que certos menires marcam a localização de tesouros enterrados, mas a visão mais plausível é a que considera Carnac um monumento ao conhecimento astronômico da antiguidade. Espalhados pelas Ilhas Britânicas e pela Europa, esses marcos, dólmens, menires e cistvaens permanecem como testemunhos mudos, mas eloquentes, da existência e das realizações de raças agora extintas.

De particular interesse são as pedras de balanço ou logan, que evidenciam a habilidade mecânica desses povos primitivos. Essas relíquias consistem em enormes pedras colocadas sobre um ou dois pequenos pontos de tal maneira que a menor pressão as balança, mas o maior esforço não é suficiente para derrubá-las. Elas eram chamadas de pedras vivas pelos gregos e latinos, sendo a mais famosa a pedra de Gygorian no Estreito de Gibraltar. Embora tão perfeitamente equilibrada

que pudesse ser movida com o caule de um narciso, essa pedra não poderia ser derrubada pelo peso combinado de muitos homens. Há uma lenda de que Hércules ergueu uma pedra de balanço sobre os túmulos dos dois filhos de Bóreas que ele havia matado em combate. Essa pedra era tão delicadamente equilibrada que balançava para frente e para trás com o vento, mas nenhuma aplicação de força conseguia derrubá-la. Várias pedras de logan foram encontradas na Grã-Bretanha, vestígios de uma que não está mais de pé foram descobertos em Stonehenge. (Veja Os Druidas Celtas .) É interessante notar que acredita-se que as pedras verdes que formam o anel interno de Stonehenge foram trazidas da África.

Em muitos casos, os monólitos não têm entalhes ou inscrições, pois eles, sem dúvida, antecedem tanto o uso de ferramentas quanto a arte da escrita. Em alguns casos, as pedras foram moldadas em colunas ou obeliscos, como nos monumentos rúnicos e nos lingams hindus e pedras sakti ; em outros casos, elas são moldadas em semelhanças grosseiras do corpo humano, como nas estátuas da Ilha de Páscoa, ou nas figuras elaboradamente esculpidas dos índios da América Central e dos Khmers do Camboja. As primeiras imagens de pedra bruta dificilmente podem ser consideradas efígies de qualquer divindade em particular, mas sim como o esforço bruto do homem primitivo para retratar nas qualidades duradouras da pedra os atributos procriadores da Divindade abstrata. Um reconhecimento instintivo da estabilidade da Divindade persistiu por todas as eras intermediárias entre o homem primitivo e a civilização moderna. Uma ampla prova da sobrevivência da litolatria na fé cristã é fornecida por alusões à rocha de refúgio , a rocha sobre a qual a igreja de Cristo deveria ser fundada, a pedra angular que os construtores rejeitaram, o travesseiro de pedra de Jacó que ele ergueu e ungiu com óleo, a pedra da funda de Davi, a rocha Moriá sobre a qual o altar do Templo do Rei Salomão foi erguido, a pedra branca do Apocalipse e a Rocha Eterna .

As pedras eram altamente veneradas pelos povos pré-históricos principalmente por sua utilidade. Pedaços irregulares de pedra foram provavelmente as primeiras armas do homem; penhascos rochosos e penhascos constituíram suas primeiras fortificações, e desses pontos de observação ele arremessou pedras soltas sobre os saqueadores. Em cavernas ou cabanas rústicas feitas de lajes de rocha, os primeiros humanos se protegeram dos rigores dos elementos. Pedras foram colocadas como marcadores e monumentos para conquistas primitivas; elas também foram colocadas sobre os túmulos dos mortos, provavelmente como uma medida de precaução para evitar as depredações de animais selvagens. Durante as migrações, era aparentemente costumeiro que os povos primitivos carregassem consigo pedras retiradas de seu habitat original. Como a terra natal ou local de nascimento de uma raça era considerada sagrada, essas pedras eram emblemáticas daquela consideração universal compartilhada por todas as nações pelo local de sua genitura. A descoberta de que o fogo poderia ser produzido ao bater dois pedaços de pedra juntos aumentou a reverência do homem pelas pedras, mas, finalmente, o mundo até então insuspeito de maravilhas aberto pelo elemento fogo recém-descoberto fez com que a pirolatria suplantasse a adoração à pedra. O Pai escuro e frio — pedra — deu à luz de si mesmo o brilhante e brilhante Filho-fogo; e a chama recém-nascida, ao deslocar seu pai, tornou-se o mais impressionante e misterioso

de todos os símbolos religioso-filosóficos, difundido e duradouro através dos tempos.

SATURNO ENGOLINDO A PEDRA SUBSTITUÍDA POR JÚPITER.

De Imagini degli Dei degli Antichi de Catrari .

Saturno, tendo sido avisado por seus pais que um de seus próprios filhos o destronaria, devorou cada criança ao nascer. Por fim, Reia, sua esposa, para salvar Júpiter, seu sexto filho substituiu-o por uma pedra envolta em panos — que Saturno, ignorante do engano praticado sobre ele, imediatamente engoliu. Júpiter ficou escondido na ilha de Creta até atingir a idade adulta, quando forçou seu pai a vomitar os cinco filhos que havia comido. A pedra engolida por Saturno no lugar de seu filho mais novo foi colocada por Júpiter em Delfos, onde era mantida em grande veneração e era ungida diariamente.

O corpo de cada coisa era comparado a uma rocha, afiada em um cubo ou mais ornamentadamente cinzelada para formar um pedestal, enquanto o espírito de tudo era comparado à figura elaboradamente esculpida que o encimava. Consequentemente, altares eram erguidos como um símbolo do mundo inferior, e fogos eram mantidos queimando sobre eles para representar aquela essência espiritual iluminando o corpo que ele encimava. O quadrado é na verdade uma superfície de um cubo, sua figura correspondente na geometria plana e seu símbolo filosófico apropriado. Consequentemente, ao considerar a Terra como um elemento e não como um corpo, os gregos, brâmanes e egípcios sempre se referiam aos seus quatro cantos, embora estivessem totalmente cientes de que o próprio planeta era uma esfera.

Como suas doutrinas eram a base segura de todo conhecimento e o primeiro passo para a obtenção da imortalidade consciente, os Mistérios eram frequentemente representados como pedras cúbicas ou piramidais. Por outro lado, essas próprias pedras se tornaram o emblema dessa condição de divindade auto-alcançada. A

imutabilidade da pedra a tornou um emblema apropriado de Deus — a Fonte imóvel e imutável da Existência — e também das ciências divinas — a eterna revelação de Si mesmo à humanidade. Como a personificação do intelecto racional, que é a verdadeira base da vida humana, Mercúrio, ou Hermes, era simbolizado de maneira semelhante. Pilares quadrados ou cilíndricos, encimados por uma cabeça barbada de Hermes e chamados hermæ, eram erguidos em locais públicos. Terminus, uma forma de Júpiter e deus das fronteiras e rodovias, de cujo nome deriva a palavra moderna terminal , também era simbolizado por uma pedra vertical, às vezes ornamentada com a cabeça do deus, que era colocada nas fronteiras das províncias e nas interseções de estradas importantes.

A pedra filosofal é realmente a pedra filosofal , pois a filosofia é verdadeiramente comparada a uma joia mágica cujo toque transmuta substâncias básicas em gemas inestimáveis como ela mesma. A sabedoria é o pó de projeção do alquimista que transforma milhares de vezes seu próprio peso de ignorância grosseira na substância preciosa da iluminação.

AS TÁBUAS DA LEI

Enquanto estava nas alturas do Monte Sinai, Moisés recebeu de Jeová duas tábuas com os caracteres do Decálogo traçados pelo próprio dedo do Deus de Israel. Essas tábuas foram moldadas a partir da safira divina, Schethiyâ, que o Altíssimo, após remover de Seu próprio trono, lançou no Abismo para se tornar a fundação e geradora dos mundos. Essa pedra sagrada, formada de orvalho celestial, foi separada pelo sopro de Deus, e sobre as duas partes foram desenhadas em fogo negro as figuras da Lei. Essas inscrições preciosas, brilhantes com esplendor celestial, foram entregues pelo Senhor no dia de sábado nas mãos de Moisés, que foi capaz de ler as letras iluminadas do verso por causa da transparência da grande joia. (Veja A Doutrina Secreta em Israel ou O Zohar para detalhes dessa lenda.)

Os Dez Mandamentos são as dez gemas brilhantes colocadas pelo Santo no mar de safira do Ser, e nas profundezas da matéria os reflexos dessas joias são vistos como as leis que governam as esferas sublunares. Eles são os dez sagrados pelos quais a Divindade Suprema carimbou Sua vontade sobre a face da Natureza. Esta mesma década foi celebrada pelos pitagóricos sob a forma do tetractys - aquele triângulo de pontos espermáticos que revela ao iniciado todo o funcionamento do esquema cósmico; pois dez é o número da perfeição, a chave para a criação e o símbolo apropriado de Deus, do homem e do universo.

Por causa da idolatria dos israelitas, Moisés considerou o povo indigno de receber as tábuas de safira; por isso ele as destruiu, para que os Mistérios de Jeová não fossem violados. Para o conjunto original, Moisés substituiu duas tábuas de pedra bruta na superfície das quais ele havia cortado dez letras antigas. Enquanto as tábuas anteriores — participando da divindade da Árvore da Vida — resplandeciam verdades eternas, as últimas — participando da natureza da Árvore do Bem e do

Mal — revelavam apenas verdades temporais. Assim, a antiga tradição de Israel retornou novamente ao céu, deixando apenas sua sombra com os filhos das doze tribos.

Uma das duas tábuas de pedra entregues pelo Legislador a seus seguidores representava as tradições orais, a outra as tradições escritas sobre as quais a Escola Rabínica foi fundada. As autoridades diferem amplamente quanto ao tamanho e à substância das tábuas inferiores. Alguns as descrevem como sendo tão pequenas que poderiam ser seguradas na palma da mão de um homem; outros declaram que cada tábua tinha dez ou doze côvados de comprimento e um peso enorme. Alguns até negam que as tábuas fossem de pedra, sustentando que eram de uma madeira chamada sedr , que, de acordo com os maometanos, cresce abundantemente no Paraíso.

As duas tábuas significam respectivamente os mundos superior e inferior — os princípios formativos paterno e materno. Em seu estado indiviso, elas representam o Andrógino Cósmico. A quebra das tábuas significa obscuramente a separação das esferas superior e inferior e também a divisão dos sexos. Nas procissões religiosas dos gregos e egípcios, uma arca ou navio era carregado contendo tábuas de pedra, cones e vasos de várias formas emblemáticas dos processos procriativos. A Arca dos israelitas — que foi modelada segundo os baús sagrados dos Mistérios Isíacos — continha três objetos sagrados, cada um tendo uma importante interpretação fálica: o pote de maná, a vara que brotou e as Tábuas da Lei — o primeiro, o segundo e o terceiro Princípios da Tríade Criativa. O maná, o cajado florescente e as tábuas de pedra também são imagens apropriadas, respectivamente, da Cabala, da Mishná e da lei escrita — o espírito, a alma e o corpo do judaísmo. Quando colocada na Casa Eterna do Rei Salomão, a Arca da Aliança continha apenas as Tábuas da Lei. Isso indica que mesmo naquela data inicial a tradição secreta havia sido perdida e somente a letra da revelação permaneceu?

Como representando o poder que fabricou a esfera inferior, ou Demiúrgica, as tábuas de pedra eram sagradas para Jeová em contraposição às tábuas de safira que significavam a potência que estabeleceu a esfera superior, ou celestial. Sem dúvida, as tábuas Mosaicas têm seu protótipo nos pilares de pedra ou obeliscos colocados em ambos os lados da entrada dos templos pagãos. Essas colunas podem pertencer àquele tempo remoto quando os homens adoravam o Criador através de Seu signo zodiacal de Gêmeos, cujo símbolo ainda são os pilares fálicos dos Gêmeos Celestiais. "Os Dez Mandamentos", escreve Hargrave Jennings, "estão inscritos em dois grupos de cinco cada, em forma de coluna. Os cinco à direita (olhando do altar) significam a 'Lei'; os cinco à esquerda significam os 'Profetas'. A pedra da direita é masculina, a pedra da esquerda é feminina. Eles correspondem aos dois pilares de pedra (ou torres) separados na frente de cada catedral e de cada templo nos tempos pagãos." (Veja Os Rosacruzes: Seus Ritos e Mistérios .) O mesmo autor afirma que a Lei é masculina porque foi entregue diretamente pela Divindade, enquanto os Profetas, ou Evangelhos, eram femininos porque nasceram através da natureza do homem.

A Tábua da Lei direita significa ainda Jachin — o pilar branco de luz; a Tábua da esquerda, Boaz — o pilar sombrio da escuridão. Esses eram os nomes dos dois

pilares fundidos em bronze e instalados no pórtico do Templo do Rei Salomão. Eles tinham dezoito côvados de altura e eram lindamente ornamentados com coroas de correntes, redes e romãs. No topo de cada pilar havia uma grande tigela — agora erroneamente chamada de bola ou globo — uma das tigelas provavelmente continha fogo e a outra água. O globo celeste (originalmente a tigela de fogo), encimando a coluna da direita (Jachin), simbolizava o homem divino; o globo terrestre (a tigela de água), encimando a coluna da esquerda (Boaz), significava o homem terreno. Esses dois pilares conotam respectivamente também as expressões ativa e passiva da Energia Divina, o sol e a lua, enxofre e sal, bem e mal, luz e escuridão. Entre eles está a porta que leva à Casa de Deus, e, estando assim nos portões do Santuário, eles são um lembrete de que Jeová é uma divindade andrógina e antropomórfica. Como duas colunas paralelas, eles denotam os signos zodiacais de Câncer e Capricórnio, que eram antigamente colocados na câmara de iniciação para representar o nascimento e a morte — os extremos da vida física. Eles, portanto, significam os solstícios de verão e inverno, agora conhecidos pelos maçons sob a denominação comparativamente moderna de "dois St. Johns".

Na misteriosa Árvore Sephirótica dos Judeus, esses dois pilares simbolizam Misericórdia e Severidade. Estando diante do portão do Templo do Rei Salomão, essas colunas tinham a mesma importância simbólica que os obeliscos diante dos santuários do Egito. Quando interpretados cabalisticamente, os nomes dos dois pilares significam "Em força

MOISÉS RECEBENDO AS TÁBUAS DA LEI.

De uma Bíblia antiga.

Moisés Maimônides, o grande filósofo judeu do século XII, ao descrever as Tábuas da Lei escritas pelo dedo de Deus, divide todas as produções em duas ordens gerais: produtos da Natureza e produtos da arte. Deus trabalha através da Natureza e o homem através da arte, ele afirma em seu Guia para os Perplexos . Assim, a Palavra do Senhor é a mão, ou princípio ativo, pelo qual a vontade do Criador é traçada sobre a face de Sua criação. Os Tannaim , ou iniciados da Escola de Mistérios Judaica, possuíam sozinhos uma compreensão completa do significado dos Dez Mandamentos. Essas leis são esotericamente relacionadas aos dez graus de contemplação que constituem o Caminho do Êxtase, que serpenteia para cima através dos quatro mundos e termina na efulgência de AIN SOPH .

[parágrafo continua] Minha Casa seja estabelecida. "No esplendor da iluminação mental e espiritual, o Sumo Sacerdote estava entre os pilares como uma testemunha muda da virtude perfeita do equilíbrio - aquele ponto hipotético equidistante de todos os extremos. Ele então personificou a natureza divina do homem no meio de sua constituição composta - a misteriosa Mônada Pitagórica na presença da Díada. De um lado erguia-se a coluna estupenda do intelecto; do outro, o pilar de bronze da carne. No meio do caminho entre esses dois está o sábio glorificado, mas ele não pode alcançar esse alto estado sem primeiro sofrer na cruz feita pela união desses pilares. Os primeiros judeus ocasionalmente representavam os dois pilares, Jachin e Boaz, como as pernas de Jeová, significando assim para o filósofo moderno que a Sabedoria e o Amor, em seu sentido mais exaltado, sustentam toda a ordem da criação - tanto mundana quanto supramundana.

O SANTO GRAAL

Como a safira Schethiyâ, o Lapis Exilis , joia da coroa do Arcanjo Lúcifer, caiu do céu. Miguel, arcanjo do sol e o Deus Oculto de Israel, à frente das hostes angelicais, desceu sobre Lúcifer e suas legiões de espíritos rebeldes. Durante o conflito, Miguel com sua espada flamejante atingiu o Lapis Exilis brilhante da coroa de seu adversário, e a pedra verde caiu através de todos os anéis celestiais no escuro e imensurável Abismo. Da gema radiante de Lúcifer foi moldado o Sangreal, ou Santo Graal, do qual Cristo teria bebido na Última Ceia.

Embora exista alguma controvérsia sobre se o Graal era uma taça ou um prato, ele é geralmente retratado na arte como um cálice de tamanho considerável e beleza incomum. De acordo com a lenda, José de Arimatéia levou a Taça do Graal ao local da crucificação e nela pegou o sangue que jorrava das feridas do Nazareno moribundo. Mais tarde, José, que se tornou guardião das relíquias sagradas - o Sangreal e a Lança de Longinus - levou-as para um país distante. De acordo com uma versão, seus descendentes finalmente colocaram essas relíquias na Abadia de Glastonbury, na Inglaterra; de acordo com outra, em um castelo maravilhoso no Monte Salvat, Espanha, construído por anjos em uma única noite. Sob o nome de

Preston John, Parsifal, o último dos Reis do Graal, levou a Taça Sagrada com ele para a Índia, e ela desapareceu para sempre do Mundo Ocidental. A busca subsequente pelo Sangreal foi o motivo de grande parte da cavalaria errante das lendas arturianas e dos cerimoniais da Távola Redonda. (Veja a Morte de Arthur .)

Nenhuma interpretação adequada já foi dada aos Mistérios do Graal. Alguns acreditam que os Cavaleiros do Santo Graal foram uma poderosa organização de místicos cristãos perpetuando a Sabedoria Antiga sob os rituais e sacramentos da Taça oracular. A busca pelo Santo Graal é a eterna busca pela verdade, e Albert G. Mackey vê nela uma variação da lenda maçônica da Palavra Perdida há tanto tempo buscada pelos irmãos da Arte. Há também evidências para apoiar a alegação de que a história do Graal é uma elaboração de um antigo mito pagão da Natureza que foi preservado em razão da maneira sutil com que foi enxertado no culto do cristianismo. Deste ponto de vista particular, o Santo Graal é, sem dúvida, um tipo de arca ou vaso no qual a vida do mundo é preservada e, portanto, é significativo do corpo da Grande Mãe - Natureza. Sua cor verde o relaciona a Vênus e ao mistério da geração; também à fé islâmica, cuja cor sagrada é verde e cujo sábado é sexta-feira, o dia de Vênus.

O Santo Graal é um símbolo tanto do mundo inferior (ou irracional) quanto da natureza corpórea do homem, porque ambos são receptáculos para as essências vivas dos mundos superiores. Tal é o mistério do sangue redentor que, descendo à condição de morte, supera o último inimigo ao animar toda a substância com sua própria imortalidade. Para o cristão, cuja fé mística enfatiza especialmente o elemento amor, o Santo Graal tipifica o coração no qual continuamente gira a água viva da vida eterna. Além disso, para o cristão, a busca pelo Santo Graal é a busca pelo Eu real que, quando encontrado, é a consumação da magnum opus .

O Cálice Sagrado pode ser descoberto somente por aqueles que se elevaram acima das limitações da existência sensual. Em seu poema místico, The Vision of Sir Launfal , James Russell Lowell revela a verdadeira natureza do Santo Graal ao mostrar que ele é visível somente para um certo estado de consciência espiritual . Somente ao retornar da busca vã de ambição altiva o velho e quebrado cavaleiro viu no cálice do leproso transformado o cálice brilhante de seu sonho de vida. Alguns escritores traçam uma similaridade entre a lenda do Graal e as histórias dos Deuses Sol martirizados cujo sangue, descendo do céu para a terra, foi capturado no cálice da matéria e liberado dele pelos ritos iniciáticos. O Santo Graal também pode ser a vagem de semente tão frequentemente empregada nos antigos Mistérios como um emblema de germinação e ressurreição; e se a forma de cálice do Graal for derivada da flor, significa a regeneração e espiritualização das forças geradoras no homem.

Há muitos relatos de imagens de pedra que, por causa das substâncias que entram em sua composição e dos cerimoniais que acompanham sua construção, foram animadas pelas divindades com as quais foram criadas para se assemelhar. A tais imagens foram atribuídas várias faculdades e poderes humanos, como fala, pensamento e até mesmo movimento. Enquanto sacerdotes renegados sem dúvida recorriam a trapaças - um exemplo do qual é relatado em um curioso fragmento apócrifo intitulado Bel e o Dragão e supostamente excluído do final do Livro de

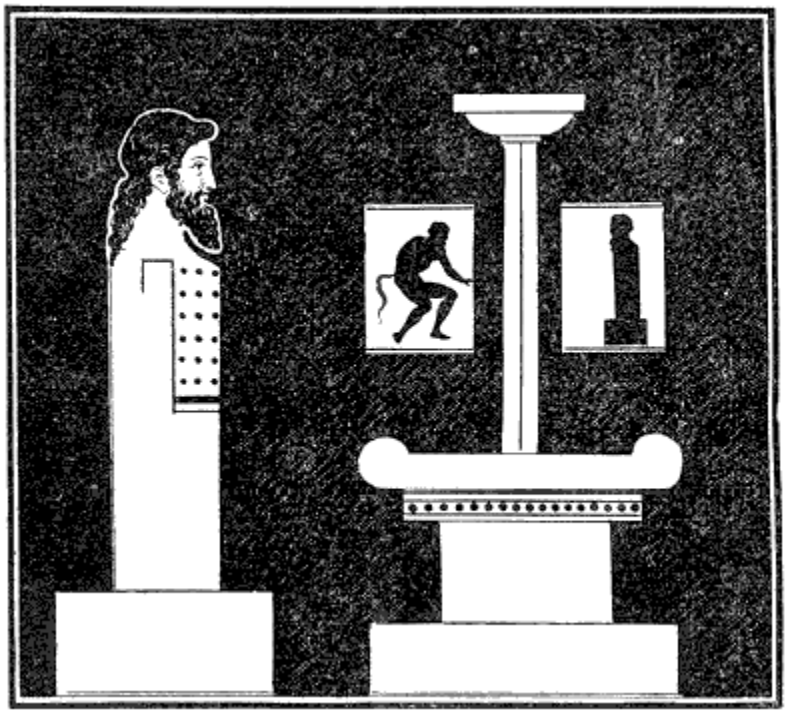
Daniel - muitos dos fenômenos registrados em conexão com estátuas e relíquias santificadas dificilmente podem ser explicados a menos que o trabalho de agências sobrenaturais seja admitido.

A história registra a existência de pedras que, quando atingidas, jogavam todos que ouviam o som em um estado de êxtase. Havia também imagens ecoantes que sussurravam por horas após a própria sala ter ficado em silêncio, e pedras musicais que produziam as mais doces harmonias. Em reconhecimento à santidade que os gregos e latinos atribuíam às pedras, eles colocavam suas mãos sobre certos pilares consagrados ao fazer um juramento. Nos tempos antigos, as pedras desempenhavam um papel na determinação do destino de pessoas acusadas, pois era costume que os júris chegassem aos seus vereditos jogando pedras em um saco.

A adivinhação por pedras era frequentemente usada pelos gregos, e diz-se que Helena previu por litomancia a destruição de Troia. Muitas superstições populares sobre pedras sobrevivem à chamada Idade das Trevas. A principal delas é a que diz respeito à famosa pedra negra no assento da cadeira da coroação na Abadia de Westminster, que é declarada ser a rocha real usada por Jacó como travesseiro. A pedra negra também aparece várias vezes no simbolismo religioso. Era chamada de Heliogábalo , uma palavra presumivelmente derivada de Elagabal , o deus-sol siro-fenício. Esta pedra era sagrada para o sol e declarada como possuidora de grandes e diversificadas propriedades. A pedra negra na Caaba em Meca ainda é reverenciada em todo o mundo muçulmano. Diz-se que era branca originalmente e de tal brilho que podia ser vista a muitos dias de viagem de Meca, mas com o passar das eras tornou-se enegrecida pelas lágrimas dos peregrinos e pelos pecados do mundo.

A MAGIA DOS METAIS E DAS GEMAS

De acordo com os ensinamentos dos Mistérios, os raios dos corpos celestes, atingindo as influências cristalizantes do mundo inferior, tornam-se os vários elementos. Participando das virtudes astrais de sua fonte, esses elementos neutralizam certas formas desequilibradas de atividade celestial e, quando combinados adequadamente, contribuem muito para o bem-estar do homem. Pouco se sabe hoje sobre essas propriedades mágicas, mas o mundo moderno ainda pode achar proveitoso considerar as descobertas dos primeiros filósofos que determinaram essas relações por meio de extensa experimentação. Dessa pesquisa surgiu a prática de identificar os metais com os ossos das várias divindades. Por exemplo, os egípcios, de acordo com Manetho, consideravam o ferro o osso de Marte e a magnetita o osso de Hórus. Por analogia, o chumbo seria o esqueleto físico de Saturno, o cobre de Vênus, o mercúrio de Mercúrio, o ouro do sol, a prata da lua e o antimônio da terra. É possível que o urânio



EXEMPLOS DE HERMÆ.

Das Disquisições de Christie sobre os vasos gregos pintados .

O costume primitivo de adorar os deuses na forma de montes de pedras deu lugar à prática de erguer pilares fálicos, ou cones, em sua homenagem. Essas colunas diferiam amplamente em tamanho e aparência. Algumas eram de proporções gigantescas e eram ricamente ornamentadas com inscrições ou imagens dos deuses e heróis; outras — como as oferendas votivas dos babilônios — tinham apenas alguns centímetros de altura, sem ornamentos, e apenas traziam uma breve declaração do propósito para o qual foram preparadas ou um hino ao deus do templo em que foram colocadas. Esses pequenos cones de argila cozida eram idênticos em seu significado simbólico às grandes hermæ instaladas na beira da estrada e em outros lugares públicos. Mais tarde, a extremidade superior da coluna foi encimada por uma cabeça humana. Frequentemente, duas projeções, ou espigas, correspondentes aos ombros eram colocadas, uma de cada lado, para sustentar as coroas de flores que adornavam as colunas. Oferendas, geralmente de comida, eram colocadas perto das hermæ. Ocasionalmente, essas colunas eram usadas para sustentar telhados e eram contadas entre os objetos de arte que ornamentavam as vilas dos romanos ricos.

provará ser o metal de Urano e o rádio será o metal de Netuno.

As quatro Eras dos místicos gregos — a Era de Ouro, a Era de Prata, a Era de Bronze e a Era de Ferro — são expressões metafóricas que se referem aos quatro períodos principais na vida de todas as coisas. Nas divisões do dia, elas significam o amanhecer, o meio-dia, o pôr do sol e a meia-noite; na duração dos deuses, homens e universos, elas denotam os períodos de nascimento, crescimento,

maturidade e decadência. As Eras Gregas também têm uma correspondência próxima com as quatro Yugas dos Hindus: Krita-Yuga , Treta-Yuga , Dvapara-Yuga e Kali-Yuga . Seu método de cálculo é descrito por Ullamudeian da seguinte forma: "Em cada um dos 12 signos há 1800 minutos; multiplique esse número por 12 e você terá 21600; por exemplo, 1800 X 12 = 21600. Multiplique esses 21600 por 80 e dará 1.728.000, que é a duração da primeira era, chamada Krita-Yuga . Se o mesmo número for multiplicado por 60, dará 1.296.000, os anos da segunda era, Treta-Yuga . O mesmo número multiplicado por 40 dá 864.000, a duração da terceira era, Dvapara-Yuga . O mesmo multiplicado por 20 dá 432.000, a quarta era, Kali-Yuga ." (Note-se que esses multiplicadores diminuem na proporção inversa à tetractys pitagórica: 1, 2, 3 e 4.)

HP Blavatsky declara que Orfeu ensinou seus seguidores a afetar uma audiência inteira por meio de uma pedra-ímã, e que Pitágoras prestou atenção especial à cor e à natureza das pedras preciosas. Ela acrescenta: "Os budistas afirmam que a safira produz paz de espírito, equanimidade e afasta todos os pensamentos malignos ao estabelecer uma circulação saudável no homem. Assim também faz uma bateria elétrica, com seu fluido bem direcionado, dizem nossos eletricistas. 'A safira', dizem os budistas, 'abrirá portas e habitações trancadas (para o espírito do homem); produz um desejo por oração e traz consigo mais paz do que qualquer outra gema; mas aquele que a usar deve levar uma vida pura e santa." (Veja Ísis sem Véu .)

A mitologia está repleta de relatos de anéis mágicos e joias talismânicas. No segundo livro de sua República , Platão descreve um anel que, quando a pinça era virada para dentro, tornava seu portador invisível. Com isso, Gyges, o pastor, garantiu para si o trono de Lídia. Josefo também descreve anéis mágicos projetados por Moisés e pelo Rei Salomão, e Aristóteles menciona um que trouxe amor e honra ao seu possuidor. Em seu capítulo que trata do assunto, Henry Cornelius Agrippa não apenas menciona os mesmos anéis, mas afirma, sob a autoridade de Philostratus Jarchus, que Apolônio de Tiana estendeu sua vida para mais de 20 anos com a ajuda de sete anéis mágicos presenteados a ele por um príncipe das Índias Orientais. Cada um desses sete anéis era cravejado com uma gema que participava da natureza de um dos sete planetas regentes da semana e, ao trocar os anéis diariamente, Apolônio se protegia contra doenças e morte pela intervenção das influências planetárias. O filósofo também instruiu seus discípulos nas virtudes dessas joias talismânicas, considerando tais informações indispensáveis ao teurgo. Agrippa descreve a preparação de anéis mágicos da seguinte forma: "Quando qualquer Estrela [planeta] ascende felizmente, com o aspecto ou conjunção afortunada da Lua, devemos pegar uma pedra e uma erva que esteja sob aquela Estrela, e fazer um anel do metal que seja adequado a esta Estrela, e nele prender a pedra, colocando a erva ou raiz sob ela — não omitindo as inscrições de imagens, nomes e caracteres, como também as sufumigações adequadas." (Veja Três Livros de Filosofia Oculta .)

O anel tem sido considerado há muito tempo como o símbolo de realização, perfeição e imortalidade - o último porque o diadema de metal precioso não tinha começo nem fim. Nos Mistérios, anéis cinzelados para se assemelhar a uma serpente com sua cauda na boca eram usados pelos iniciados como evidência

material da posição alcançada por eles na ordem. Anéis de sinete, gravados com certos emblemas secretos, eram usados pelos hierofantes, e não era incomum para um mensageiro provar que ele era o representante oficial de um príncipe ou outro dignitário trazendo com sua mensagem uma impressão do anel de seu mestre ou o próprio sinete. A aliança de casamento originalmente pretendia implicar que na natureza daquele que a usava o estado de equilíbrio e completude havia sido alcançado. Esta faixa simples de ouro, portanto, testemunhava a união do Eu Superior (Deus) com o eu inferior (Natureza) e a cerimônia que consumava esta mistura indissolúvel de Divindade e humanidade na natureza única do místico iniciado constituía o casamento hermético dos Mistérios.

Ao descrever as insígnias de um mágico, Eliphas Levi declara que no domingo (dia do sol) ele deve carregar na mão direita uma varinha de ouro, cravejada de um rubi ou crisólita; na segunda-feira (dia da lua) ele deve usar um colar de três fios consistindo de pérolas, cristais e selenitas; na terça-feira (dia de Marte) ele deve carregar uma varinha de aço magnetizado e um anel do mesmo metal cravejado de uma ametista; na quarta-feira (dia de Mercúrio) ele deve usar um colar de pérolas ou contas de vidro contendo mercúrio e um anel cravejado de ágata; na quinta-feira (dia de Júpiter) ele deve carregar uma varinha de vidro ou resina e usar um anel cravejado de uma esmeralda ou safira; na sexta-feira (dia de Vênus) ele deve carregar uma varinha de cobre polido e usar um anel cravejado de uma turquesa e uma coroa ou diadema decorado com lápis-lazúli e berilo; e no sábado (o dia de Saturno) ele deve carregar uma varinha ornamentada com pedra ônix e usar um anel cravejado de ônix e uma corrente em volta do pescoço feita de chumbo. (Veja O Ritual Mágico do Sanctum Regnum .)

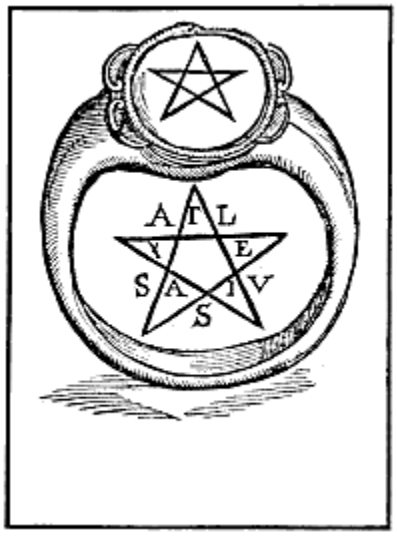
Paracelso, Agripa, Kircher, Lilly e vários outros mágicos e astrólogos tabularam as gemas e pedras correspondentes aos vários planetas e signos zodiacais. A lista a seguir foi compilada a partir de seus escritos. Ao sol é atribuído o carbúnculo, o rubi, a granada --- especialmente o piropo -- e outras pedras ígneas, às vezes o diamante; à lua, a pérola, a selenita e outras formas de cristal; a Saturno, o ônix, o jaspe, o topázio e às vezes o lápis-lazúli; a Júpiter, a safira, a esmeralda e o mármore; a Marte, a ametista, o jacinto, a pedra-ímã, às vezes o diamante; a Vênus, a turquesa, o berilo, a esmeralda e às vezes a pérola, o alabastro, o coral e a cornalina; a Mercúrio, a crisólita, a ágata e o mármore variegado.

Ao zodíaco, as mesmas autoridades atribuíram as seguintes gemas e pedras: a Áries, a sardônica, a heliotrópio, a ametista e o diamante; a Touro, a cornalina, a turquesa, o jacinto, a safira, a ágata musgosa e a esmeralda; a Gêmeos, o topázio, a ágata, o crisópraso, o cristal e a água-marinha; a Câncer, o topázio, a calcedônia, o ônix negro, a pedra da lua, a pérola, o olho de gato, o cristal e, às vezes, a esmeralda; a Leão, o jaspe, a sardônica, o berilo, o rubi, a crisólita, o âmbar, a turmalina e, às vezes, o diamante; a Virgem, a esmeralda, a camélia, o jade, a crisólita e, às vezes, o jaspe rosa e o jacinto; a Libra, o berilo, o sárdio, o coral, o lápis-lazúli, a opala e, às vezes, o diamante; para Escorpião a ametista, berilo, sardônica, água-marinha, carbúnculo, magnetita, topázio e malaquita; para Sagitário o jacinto, topázio, crisólita, esmeralda, carbúnculo e turquesa; para Capricórnio o crisópraso, rubi, malaquita, ônix preto, ônix branco, azeviche e pedra

da lua; para Aquário o cristal, safira, granada, zircão e opala; para Peixes a safira, jaspe, crisólita, pedra da lua e ametista

Tanto o espelho mágico quanto a bola de cristal são símbolos pouco compreendidos. Ai daquele mortal ignorante que aceita literalmente as histórias que circulam sobre eles! Ele descobrirá — muitas vezes ao custo da sanidade e da saúde — que feitiçaria e filosofia, embora muitas vezes confundidas, não têm nada em comum. Os Magos Persas carregavam espelhos como um emblema da esfera material que reflete a Divindade de todas as suas partes. A bola de cristal, há muito usada indevidamente como um meio para o cultivo de poderes psíquicos, é um símbolo triplo: (1) significa o Ovo Universal cristalino em cujas profundezas transparentes a criação existe; (2) é uma figura adequada da Divindade anterior à Sua imersão na matéria; (3) significa a esfera etérica do mundo em cujas essências translúcidas é impressa e preservada a imagem perfeita de toda atividade terrestre.

Meteoros, ou rochas do céu , eram considerados símbolos de favor divino e consagrados como evidência de um pacto entre os deuses e a comunidade na qual caíam. Pedras naturais curiosamente marcadas ou lascadas são ocasionalmente encontradas. Na China, há uma placa de mármore cujo grão forma uma semelhança perfeita com o dragão chinês. A pedra de Oberammergau, lascada pela Natureza em uma semelhança próxima à concepção popular do rosto de Cristo, é tão notável que até mesmo as cabeças coroadas da Europa solicitaram o privilégio de contemplá-la. Pedras dessa natureza eram tidas na mais alta estima entre os povos primitivos e ainda hoje exercem uma ampla influência sobre os religiosos.



O ANEL DE SINETE PITAGÓRICO.

Do Imagini degli Dei degli Antichi de Cartari .

O número cinco era peculiarmente associado pelos pitagóricos com a arte da cura, e o pentagrama, ou estrela de cinco pontas, era para eles o símbolo da saúde. A figura acima representa um anel mágico cravejado com uma gema talismânica contendo o pentalpha , ou estrela formada por cinco posições diferentes do Alfa

grego . Sobre este assunto, Mackey escreve: "Os discípulos de Pitágoras, que eram de fato seus verdadeiros inventores, colocaram dentro de cada um de seus ângulos internos uma das letras da palavra grega ΥΓΕΙΑ, ou a latina SALUS , ambas significando saúde; e assim foi feito o talismã da saúde. Eles o colocaram no início de suas epístolas como uma saudação para invocar uma saúde segura para seu correspondente. Mas seu uso não se limitou aos discípulos de Pitágoras. Como um talismã, foi empregado em todo o Oriente como um amuleto para resistir a espíritos malignos."

MAGIA CERIMONIAL E FEITIÇARIA

A magia CERIMONIAL é a antiga arte de invocar e controlar espíritos por uma aplicação científica de certas fórmulas. Um mágico, envolto em vestes santificadas e carregando uma varinha inscrita com figuras hieroglíficas, poderia, pelo poder investido em certas palavras e símbolos, controlar os habitantes invisíveis dos elementos e do mundo astral. Embora a elaborada magia cerimonial da antiguidade não fosse necessariamente maligna, surgiram de sua perversão várias escolas falsas de feitiçaria, ou magia negra .

O Egito, um grande centro de aprendizado e berço de muitas artes e ciências, forneceu um ambiente ideal para experimentação transcendental. Aqui, os magos negros da Atlântida continuaram a exercer seus poderes sobre-humanos até que minaram e corromperam completamente a moral dos Mistérios primitivos. Ao estabelecer uma casta sacerdotal, eles usurparam a posição anteriormente ocupada pelos iniciados e tomaram as rédeas do governo espiritual. Assim, a magia negra ditou a religião do estado e paralisou as atividades intelectuais e espirituais do indivíduo, exigindo sua aquiescência completa e sem hesitação no dogma formulado pelo sacerdócio. O faraó se tornou um fantoche nas mãos do Conselho Escarlate - um comitê de arqui-feiticeiros elevados ao poder pelo sacerdócio.

Esses feiticeiros então começaram a destruição sistemática de todas as chaves para a sabedoria antiga, para que ninguém pudesse ter acesso ao conhecimento necessário para atingir o adeptado sem primeiro se tornar um de sua ordem. Eles mutilaram os rituais dos Mistérios enquanto professavam preservá-los, de modo que mesmo que o neófito passasse pelos graus, ele não poderia assegurar o conhecimento ao qual tinha direito. A idolatria foi introduzida encorajando a adoração das imagens que no início os sábios haviam erigido apenas como símbolos para estudo e meditação. Falsas interpretações foram dadas aos emblemas e figuras dos Mistérios, e teologias elaboradas foram criadas para confundir as mentes de seus devotos. As massas, privadas de seu direito de nascença de entendimento e rastejando na ignorância, eventualmente se tornaram escravas abjetas dos impostores espirituais. A superstição prevaleceu universalmente e os magos negros dominaram completamente os assuntos nacionais, com o resultado de que a humanidade ainda sofre com os sofismas dos sacerdócios da Atlântida e do Egito.

Totalmente convencidos de que suas Escrituras o sancionavam, numerosos cabalistas medievais devotaram suas vidas à prática da magia cerimonial. O transcendentalismo dos cabalistas é fundado na fórmula antiga e mágica do Rei Salomão, que há muito tempo é considerado pelos judeus como o príncipe dos mágicos cerimoniais.

Entre os cabalistas da Idade Média, havia um grande número de magos negros que se desviaram dos conceitos nobres do Sepher Yetzirah e se envolveram em demonismo e bruxaria. Eles buscaram substituir espelhos mágicos, punhais consagrados e círculos espalhados ao redor de postes de pregos de caixão, pela vivência daquela vida virtuosa que, sem a assistência de rituais complicados ou criaturas submundanas, infalivelmente leva o homem ao estado de verdadeira completude individual.

Aqueles que buscavam controlar espíritos elementais por meio de magia cerimonial o faziam em grande parte com a esperança de garantir dos mundos invisíveis conhecimento raro ou poder sobrenatural. O pequeno demônio vermelho de Napoleão Bonaparte e as infames cabeças oraculares de Médici são exemplos dos resultados desastrosos de permitir que seres elementais ditassem o curso do procedimento humano. Embora o daemon erudito e divino de Sócrates pareça ter sido uma exceção, isso realmente prova que o status intelectual e moral do mágico tem muito a ver com o tipo de elemental que ele é capaz de invocar. Mas até mesmo o daemon de Sócrates abandonou o filósofo quando a sentença de morte foi proferida.

O transcendentalismo e todas as formas de magia fenomenalista são apenas becos sem saída — desdobramentos da feitiçaria atlante; e aqueles que abandonam o caminho reto da filosofia para vagar por ele quase invariavelmente caem vítimas de sua imprudência. O homem, incapaz de controlar seus próprios apetites, não está à altura da tarefa de governar os espíritos elementais ígneos e tempestuosos.

Muitos mágicos perderam suas vidas como resultado de abrir um caminho pelo qual criaturas submundanas pudessem se tornar participantes ativos em seus negócios. Quando Eliphas Levi invocou o espírito de Apolônio de Tiana, o que ele esperava realizar? A satisfação da curiosidade é um motivo suficiente para garantir a devoção de uma vida inteira a uma busca perigosa e inútil? Se o Apolônio vivo se recusou a divulgar seus segredos aos profanos, há alguma probabilidade de que após a morte ele os revelaria aos curiosos? O próprio Levi não ousou afirmar que o espectro que lhe apareceu era na verdade o grande filósofo, pois Levi percebeu muito bem a propensão dos elementais de personificar aqueles que já faleceram. A maioria das aparições mediúnicas modernas são apenas criaturas elementais disfarçadas através de corpos compostos de substância de pensamento fornecida pelas próprias pessoas que desejam contemplar esses espectros de seres desencarnados.

A TEORIA E A PRÁTICA DA MAGIA NEGRA

Alguma compreensão da complexa teoria e prática da magia cerimonial pode ser derivada de uma breve consideração de suas premissas subjacentes.

Primeiro . O universo visível tem uma contraparte invisível, cujos planos superiores são povoados por espíritos bons e belos; os planos inferiores, escuros e agourentos, são a habitação de espíritos malignos e demônios sob a liderança do Anjo Caído e seus dez Príncipes

Segundo . Por meio dos processos secretos da magia cerimonial, é possível contatar essas criaturas invisíveis e obter sua ajuda em algum empreendimento humano. Bons espíritos emprestam voluntariamente sua assistência a qualquer empreendimento digno, mas os espíritos malignos servem apenas aqueles que vivem para perverter e destruir.

Terceiro . É possível fazer contratos com espíritos pelos quais o mago se torna, por um tempo estipulado, o mestre de um ser elemental.

Quarto . A verdadeira magia negra é realizada com a ajuda de um espírito demoníaco, que serve ao feiticeiro durante toda a sua vida terrena, com o entendimento de que após a morte o mago se tornará servo de seu próprio demônio. Por esta razão, um mago negro irá a fins inconcebíveis para prolongar sua vida física, já que não há nada para ele além do túmulo.

A forma mais perigosa de magia negra é a perversão científica do poder oculto para a satisfação do desejo pessoal. Sua forma menos complexa e mais universal é o egoísmo humano, pois o egoísmo é a causa fundamental de todo o mal mundano. Um homem trocará sua alma eterna por poder temporal, e ao longo das eras um processo misterioso foi desenvolvido que realmente o capacita a fazer essa troca. Em seus vários ramos, a arte negra inclui quase todas as formas de magia cerimonial, necromancia, bruxaria, feitiçaria e vampirismo. Sob o mesmo título geral também estão incluídos o mesmerismo e o hipnotismo, exceto quando usados exclusivamente para fins médicos, e mesmo assim há um elemento de risco para todos os envolvidos.

Embora o demonismo da Idade Média pareça ter desaparecido, há evidências abundantes de que em muitas formas de pensamento moderno — especialmente a chamada psicologia da "prosperidade", a metafísica da "construção da força de vontade" e os sistemas de vendas de "alta pressão" —

BAPHOMET, O BODE DE MENDES.

Da Magia Transcendental de Levi .

A prática da magia — branca ou negra — depende da habilidade do adepto de controlar a força vital universal — aquilo que Eliphas Levi chama de grande agente mágico ou luz astral. Pela manipulação dessa essência fluídica, os fenômenos do transcendentalismo são produzidos. O famoso Bode hermafrodita de Mendes era uma criatura composta formulada para simbolizar essa luz astral . É idêntico a Baphomet, o pantheos místico daqueles discípulos da magia cerimonial, os Templários, que provavelmente o obtiveram dos árabes.

a magia negra apenas passou por uma metamorfose e, embora seu nome tenha mudado, sua natureza permanece a mesma.

Um mágico bem conhecido da Idade Média foi o Dr. Johannes Faustus, mais comumente conhecido como Dr. Fausto. Por um estudo de escritos mágicos, ele foi capaz de vincular a seu serviço um elemental que o serviu por muitos anos em várias capacidades. Lendas estranhas são contadas sobre os poderes mágicos possuídos pelo Dr. Fausto. Em uma ocasião, o filósofo, aparentemente em um humor brincalhão, jogou seu manto sobre vários ovos na cesta de uma mulher do mercado, fazendo-os chocar instantaneamente. Em outra ocasião, tendo caído ao mar de um pequeno barco, ele foi pego e devolvido à embarcação com suas roupas ainda secas. Mas, como quase todos os outros mágicos, o Dr. Fausto finalmente

chegou ao desastre; ele foi encontrado uma manhã com uma faca nas costas, e era comumente acreditado que seu espírito familiar o havia assassinado. Embora o Dr. Fausto de Goethe seja geralmente considerado apenas um personagem fictício, este velho mágico realmente viveu durante o século XVI. O Dr. Faust escreveu um livro descrevendo suas experiências com espíritos, uma seção do qual está reimpressa abaixo. (O Dr. Faust não deve ser confundido com Johann Fust, o impressor.)

EXTRATO DO LIVRO DO DR. FAUST, WITTENBERG, 1524

(Uma tradução resumida do alemão original de um livro que foi destruído.)

"Desde a minha juventude, eu segui a arte e a ciência e era incansável na leitura de livros. Entre os que chegaram às minhas mãos estava um volume contendo todos os tipos de invocações e fórmulas mágicas. Neste livro, descobri informações sobre o efeito de que um espírito, seja ele do fogo, da água, da terra ou do ar, pode ser compelido a fazer a vontade de um mágico capaz de controlá-lo. Também descobri que, conforme um espírito tem mais poder do que outro, cada um é adaptado para uma operação diferente e cada um é capaz de produzir certos efeitos sobrenaturais.

"Depois de ler este livro maravilhoso, fiz vários experimentos, desejando descansar a exatidão das declarações feitas nele. A princípio, tive pouca fé de que o que foi prometido aconteceria. Mas na primeira invocação que tentei, um espírito poderoso se manifestou a mim, desejando saber por que eu o havia invocado. Sua vinda me surpreendeu tanto que mal sabia o que dizer, mas finalmente perguntei se ele me serviria em minhas investigações mágicas. Ele respondeu que se certas condições fossem acordadas, ele o faria. As condições eram que eu fizesse um pacto com ele. Isso eu não desejava fazer, mas como em minha ignorância não havia me protegido com um círculo e estava realmente à mercê do espírito, não ousei recusar seu pedido e me resignei ao inevitável, considerando mais sensato virar meu manto de acordo com o vento.

"Eu então disse a ele que se ele fosse útil para mim de acordo com meus desejos e necessidades por um certo período de tempo, eu me entregaria a ele. Depois que o pacto foi arranjado, esse espírito poderoso, cujo nome era Asteroth , me apresentou a outro espírito chamado Marbuel , que foi nomeado para ser meu servo. Eu questionei Marbuel sobre sua adequação para minhas necessidades. Eu perguntei a ele o quão rápido ele era, e ele respondeu: 'Tão rápido quanto os ventos.' Isso não me satisfez, então eu respondi: 'Você não pode se tornar meu servo. Vá novamente de onde você veio.' Logo outro espírito se manifestou, cujo nome era Aniguel . Ao fazer a mesma pergunta, ele respondeu que era rápido como um pássaro no ar. Eu disse: 'Você ainda é muito lento para mim. Vá de onde você veio.' No mesmo momento, outro espírito chamado Aciel se manifestou. Pela terceira vez eu fiz minha pergunta e ele respondeu: 'Eu sou tão rápido quanto o pensamento humano.' 'Você me servirá', respondi. Este espírito foi fiel por muito tempo, mas contar como ele me serviu não é possível em um documento deste tamanho e aqui apenas indicarei como os espíritos devem ser invocados e como os círculos de proteção devem ser preparados. Existem muitos tipos de espíritos que se permitirão ser invocados pelo homem e se tornarão seus servos. Destes, listarei alguns:

" Aciel : O mais poderoso entre aqueles que servem aos homens. Ele se manifesta em uma forma humana agradável, com cerca de três pés de altura. Ele deve ser invocado três vezes antes de entrar no círculo preparado para ele. Ele fornecerá riquezas e buscará coisas instantaneamente de uma grande distância, de acordo com a vontade do mago. Ele é tão rápido quanto o pensamento humano.

" Aniguel : Útil e útil, e vem na forma de um garoto de dez anos. Ele deve ser invocado três vezes. Seu poder especial é descobrir tesouros e minerais escondidos no chão, que ele fornecerá ao mago.

" Marbuel : Um verdadeiro senhor das montanhas e rápido como um pássaro voando. Ele é um espírito opositor e problemático, difícil de controlar. Você deve invocá-lo quatro vezes. Ele aparece na pessoa de Marte [um guerreiro em armadura pesada]. Ele fornecerá ao mago aquelas coisas que crescem acima e abaixo da terra. Ele é particularmente o senhor da raiz da primavera . [A raiz da primavera é uma erva misteriosa, possivelmente de cor avermelhada, que os magos medievais afirmavam ter a propriedade de puxar para fora ou abrir qualquer coisa que tocasse. Se colocada contra uma porta trancada, ela abriria a porta. Os hermetistas acreditavam que o pica-pau de cabeça vermelha era especialmente dotado da faculdade de descobrir a raiz da primavera , então eles seguiram este pássaro até seu ninho e então taparam o buraco na árvore onde seus filhotes estavam. O pica-pau de crista vermelha foi imediatamente em busca da raiz da primavera e, descobrindo-a, trouxe-a para a árvore. Ele imediatamente puxou a rolha da entrada do ninho. O mago então prendeu a raiz do pássaro. Também foi afirmado que, por causa de sua estrutura, o corpo etérico da raiz-da-mola era utilizado como um veículo de expressão por certos espíritos elementais que se manifestavam através da propensão de extrair ou abrir coisas.]

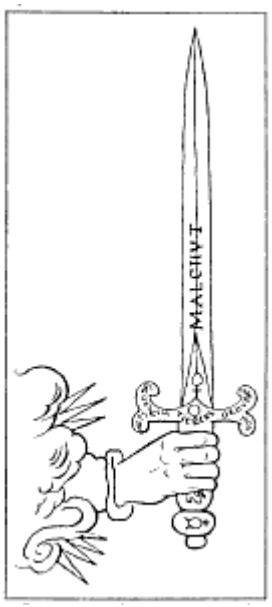
" Aciebel : Um poderoso governante do mar, controlando coisas tanto sobre quanto sob a água. Ele fornece coisas perdidas ou afundadas em rios, lagos e oceanos, como navios e tesouros afundados. Quanto mais bruscamente você o invoca, mais rápido ele é em suas tarefas.

" Machiel : Vem na forma de uma bela donzela e com sua ajuda o mago é elevado à honra e dignidade. Ela torna aqueles a quem serve dignos e nobres, graciosos e gentis, e auxilia em todos os assuntos de litígio e justiça. Ela não virá a menos que seja invocada duas vezes.

" Baruel : O mestre de todas as artes. Ele se manifesta como um mestre artesão e vem usando um avental. Ele pode ensinar a um mágico mais em um momento do que todos os mestres artesãos do mundo juntos poderiam realizar em vinte anos. Ele deve ser invocado três vezes.

"Esses são os espíritos mais úteis ao homem, mas há muitos outros que, por falta de espaço, não consigo descrever. Agora, se você deseja a ajuda do espírito para obter isso ou aquilo, então você deve primeiro desenhar o sinal do espírito que deseja invocar. O desenho deve ser feito bem na frente de um círculo feito antes do nascer do sol, no qual você e seus assistentes ficarão. Se você deseja assistência

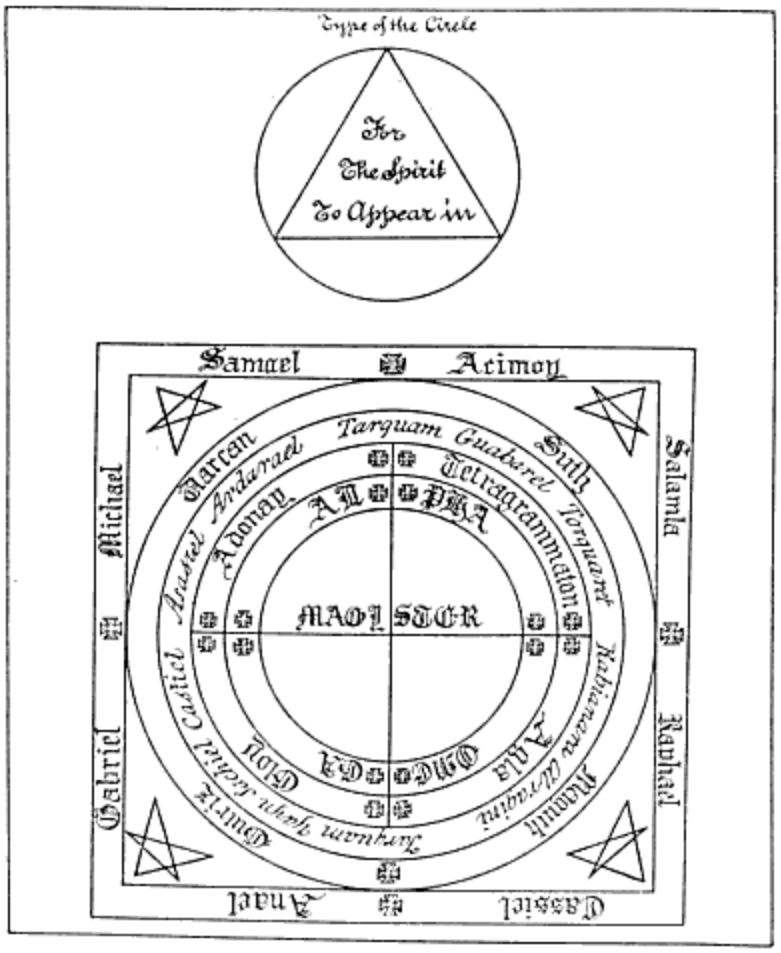
financeira, então você deve invocar o espírito Aciel . Desenhe seu sinal na frente do círculo. Se você precisa de outras coisas, então desenhe o sinal do espírito capaz de fornecê-las. No lugar onde você pretende fazer o círculo, você deve primeiro desenhar uma grande cruz com uma grande espada com a qual ninguém nunca foi ferido. Então você deve fazer três círculos concêntricos. O círculo mais interno é feito de uma



UMA ESPADA MÁGICA.

Do livro O Ritual Mágico de Levi .

Eliphas Levi descreve a preparação de uma espada mágica em substância da seguinte forma: A lâmina de aço deve ser forjada na hora de Marte, com novas ferramentas. O punho deve ser de prata oca contendo mercúrio, e os símbolos de Mercúrio e da lua e as assinaturas de Gabriel e Samael devem ser gravados nele. O punho deve ser envolto em estanho, com o símbolo de Júpiter e a assinatura de Michael gravados nele. Um triângulo de cobre deve se estender do punho ao longo da lâmina a uma curta distância de cada lado: estes devem ter os símbolos de Mercúrio e Vênus. Cinco Sephiroth devem ser gravados no cabo, como mostrado. A lâmina em si deve ter a palavra Malchut de um lado e Quis ut Deus do outro. A espada deve ser consagrada no domingo.



UM CÍRCULO MÁGICO.

Do livro The Complete Book of Magic Science (não publicado).

A figura acima é uma representação completa e fiel de um círculo mágico, conforme projetado por mágicos medievais para a invocação de espíritos. O mágico acompanhado por seu assistente toma seu lugar no ponto formado pelo cruzamento das linhas centrais marcadas MAGISTER . As palavras sobre o círculo são os nomes das inteligências invisíveis, e as pequenas cruzes marcam pontos nos quais certas orações e invocações são recitadas. O pequeno círculo externo é preparado para o espírito ser invocado, e enquanto em uso tem a assinatura da inteligência desejada traçada dentro do triângulo.

longa e estreita tira de pergaminho virgem e deve ser pendurada em doze cruzes feitas de madeira de espinho-cruz . No pergaminho você deve escrever os nomes e símbolos de acordo com a figura que se segue. Fora deste primeiro círculo faça o segundo como segue:

"Primeiro, prenda um fio de seda vermelha que foi fiado ou torcido para a esquerda em vez da direita. Então coloque no chão doze cruzes feitas de folhas de louro, e também prepare uma longa tira de papel branco novo. Escreva com uma caneta

não utilizada os caracteres e símbolos como visto no segundo círculo. Enrole esta última tira de papel com o fio de seda vermelha e prenda-os nas doze cruzes de folhas de louro. Fora deste segundo círculo, faça um terceiro que também é de pergaminho virgem e preso em doze cruzes de palmeira consagrada. Quando você tiver feito esses três círculos, retire-se para dentro deles até que finalmente você fique no centro sobre um pentagrama desenhado no meio da grande cruz desenhada primeiro. Agora, para garantir o sucesso, faça tudo de acordo com a descrição, e quando você tiver lido a invocação sagrada, pronuncie o nome do espírito que você deseja que apareça. É essencial que você pronuncie o nome muito distintamente. Você também deve anotar o dia e a hora, pois cada espírito só pode ser invocado em determinados momentos."

Enquanto o mago negro no momento de assinar seu pacto com o demônio elemental pode estar completamente convencido de que é forte o suficiente para controlar indefinidamente os poderes colocados à sua disposição, ele é rapidamente desiludido. Antes que muitos anos se passem, ele deve voltar todas as suas energias para o problema da autopreservação. Um mundo de horrores ao qual ele se sintonizou por sua própria cobiça se aproxima a cada dia, até que ele exista à beira de um redemoinho fervente, esperando momentaneamente ser sugado para suas profundezas turvas. Com medo de morrer - porque ele se tornará o servo de seu próprio demônio - o mago comete crime após crime para prolongar sua miserável existência terrena. Percebendo que a vida é mantida pela ajuda de uma misteriosa força vital universal que é propriedade comum de todas as criaturas, o mago negro frequentemente se torna um vampiro oculto, roubando essa energia dos outros. De acordo com a superstição medieval, os magos negros se transformavam em lobisomens e vagavam pela Terra à noite, atacando vítimas indefesas em busca da força vital contida em seu sangue.

MODUS OPERANDI PARA A INVOCAÇÃO DE ESPÍRITOS

O seguinte extrato condensado de um manuscrito antigo é reproduzido aqui como representante do ritualismo da magia cerimonial. O extrato é de The Complete Book of Magic Science , um manuscrito não publicado (original no Museu Britânico), com pentáculos em cores, mencionado por Francis Barrett em seu Magus .

" Oração de Abertura

"Deus Onipotente e Eterno que ordenou toda a criação para teu louvor e glória e para a salvação do homem, eu sinceramente te imploro que envies um de teus espíritos da ordem de Júpiter, um dos mensageiros de Zadkiel a quem tu nomeaste governador de teu firmamento no momento presente, mais fielmente, voluntariamente e prontamente para me mostrar estas coisas que eu pedirei, comandarei ou exigirei dele, e verdadeiramente executarei meus desejos. No

entanto, ó Deus Santíssimo, tua vontade e não a minha seja feita através de JC, teu Filho unigênito, nosso Senhor. Amém.

" A Invocação .

[O mago, tendo consagrado adequadamente suas vestes e utensílios e sendo protegido por seu círculo, agora convoca os espíritos para que apareçam e atendam às suas exigências.]

"Espíritos, cuja assistência eu necessito, contemplem o sinal e os Nomes Santificados de Deus cheios de poder. Obedeçam ao poder deste nosso pentagrama; saiam de suas cavernas ocultas e lugares escuros; cessem suas ocupações prejudiciais para aqueles mortais infelizes que vocês atormentam sem cessar; venham a este lugar onde a Bondade Divina nos reuniu; estejam atentos às nossas ordens e conheçam nossas justas demandas; não acreditem que sua resistência nos fará abandonar nossas operações. Nada pode dispensar sua obediência a nós. Nós os comandamos pelos Nomes Misteriosos Elohe Agla Elohim Adonay Gibort . Amém.

"Eu te invoco, Zadkiel, em Nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, bendita Trindade, Unidade indizível.

"Eu te invoco e imploro, Zadkiel, nesta hora para que atendas às palavras e conjurações que usarei hoje pelos Santos Nomes de Deus Elohe El Elohim Elion Zebaoth Escerehie Iah Adonay Tetragrammaton .

"Eu te conjuro, eu te exorcizo, tu Espírito Zadkiel , por estes Nomes Sagrados Hagios O Theos Iscyros Athanatos Paracletus Agla on Alpha et Omega Ioth Aglanbroth Abiel Anathiel Tetragrammaton : E por todos os outros grandes e gloriosos, santos e indizíveis, misteriosos, poderosos, poderosos, incompreensíveis Nomes de Deus, que você atenda às palavras da minha boca, e me envie Pabiel ou outro de seus Espíritos ministradores e servidores, que possam me mostrar tais coisas que eu exigir dele em Nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Amém.

"Eu te suplico, Pabiel , por todo o Espírito do Céu, Serafins, Querubins, Tronos, Dominações, Testemunhas, Poderes, Principados, Arcanjos e Anjos, pelos santos, grandes e gloriosos Anjos Orphaniel Tetra-Dagiel Salamla Acimoy pastor poti , que venhas imediatamente, mostre-te prontamente para que possamos ver-te e ouvir-te audivelmente, falar-nos e satisfazer os nossos desejos, e pela tua estrela que é Júpiter, e por todas as constelações do Céu, e por tudo o que obedeces, e pelo teu caráter que deste, propões e confirmas, que me atendas de acordo com a oração e as petições que fiz a Deus Todo-Poderoso, e que me envies imediatamente um dos teus Espíritos ministradores, que possa voluntariamente, verdadeiramente e fielmente satisfazer todos os meus desejos, e que o ordenes que me apareça na forma de um belo Anjo, gentilmente, cortesmente, afavelmente e mansamente, entrando em comunicação comigo, e que ele não permite que nenhum Espírito maligno se aproxime em qualquer tipo de dano, me aterrorize ou assuste de forma alguma, nem me engane de forma alguma. Pela virtude de Nosso Senhor JC, em cujo Nome eu atendo, espero e espero tua aparição. Fiat, fiat, fiat. Amém, Amém, Amém.

" Interrogatórios .

[Tendo convocado o espírito à sua presença, o mago deverá questioná-lo da seguinte forma:]

"'Vens em paz em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo?' [E o espírito responderá:] 'Sim.'

"'Tu és bem-vindo, nobre Espírito. Qual é o teu Nome?' [E o espírito responderá:] ' Pabiel .'

"Eu te chamei em Nome de Jesus de Nazaré, diante de cujo Nome todo joelho se dobra no céu, na terra e no inferno, e toda língua confessará que não há nome semelhante ao Nome de Jesus, que deu poder ao homem para ligar e desligar todas as coisas em seu Santíssimo Nome, sim, até mesmo aqueles que confiam em sua salvação.

"'És tu o mensageiro de Zadkiel?' [E o espírito responderá:] 'Sim.'

"'Você se confirmará para mim neste momento e doravante me revelará todas as coisas que eu desejar saber, e me ensinará como posso aumentar em sabedoria e conhecimento, e me mostrará todos os segredos da Arte Mágica e de todas as ciências liberais, para que eu possa assim expor a glória do Deus Todo-Poderoso?' [E o espírito responderá:] 'Sim.'

"Então, peço que me dês e confirmes teu caráter, para que eu possa te chamar em todos os momentos, e também me faças este juramento, e eu manterei religiosamente meu voto e aliança com Deus Todo-Poderoso, e te receberei cortesmente em todos os momentos em que me apareceres.'

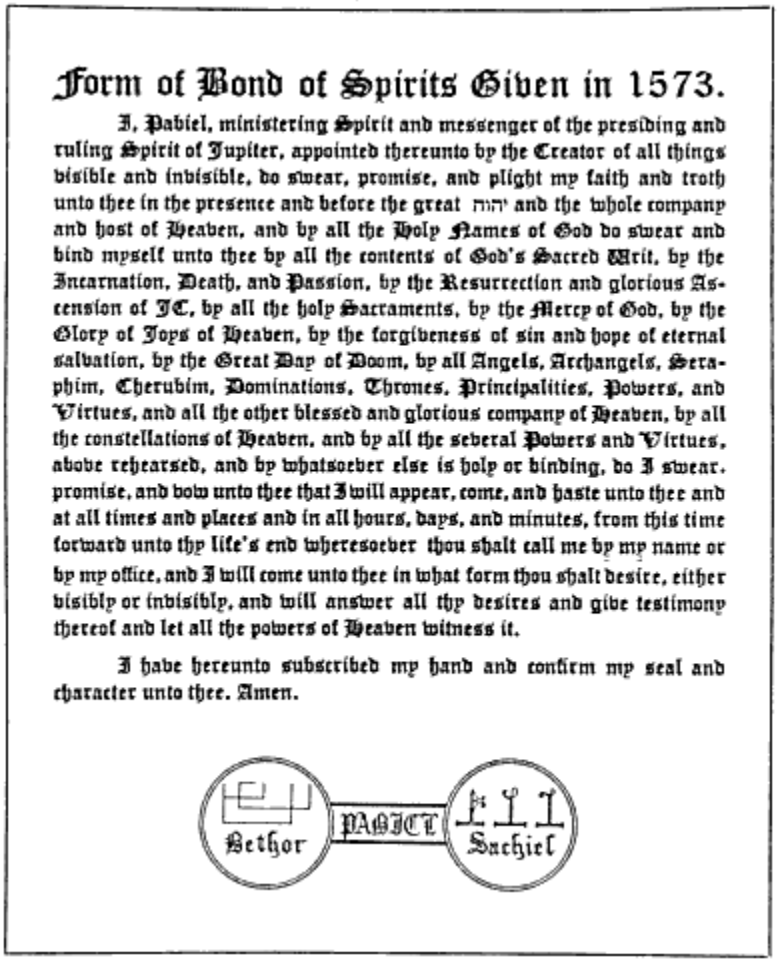
" Licença para Partir .

"'Visto que vens em paz e sossego e respondeste

O PENTAGRAMA.

Da Magia Transcendental de Levi .

O PENTAGRAMA. O pentagrama é a figura do microcosmo--a fórmula mágica do homem. É o que surge dos quatro--a alma humana que surge da escravidão da natureza animal. É a verdadeira luz--a "Estrela da manhã". Ele marca a localização de cinco centros misteriosos de força, cujo despertar é o segredo supremo da magia branca.



Form of Bond of Spirits Given in 1573.

I, Pabiel, ministering Spirit and messenger of the presiding and ruling Spirit of Jupiter, appointed thereunto by the Creator of all things visible and invisible, do swear, promise, and plight my faith and troth unto thee in the presence and before the great יהוה and the whole company and host of Heaven, and by all the Holy Names of God do swear and bind myself unto thee by all the contents of God's Sacred Writ, by the Incarnation, Death, and Passion, by the Resurrection and glorious Ascension of JC, by all the holy Sacraments, by the Mercy of God, by the Glory of Joys of Heaven, by the forgiveness of sin and hope of eternal salvation, by the Great Day of Doom, by all Angels, Archangels, Seraphim, Cherubim, Dominations, Thrones, Principalities, Powers, and Virtues, and all the other blessed and glorious company of Heaven, by all the constellations of Heaven, and by all the several Powers and Virtues, above rehearsed, and by whatsoever else is holy or binding, do I swear, promise, and bow unto thee that I will appear, come, and haste unto thee and at all times and places and in all hours, days, and minutes, from this time forward unto thy life's end wheresoever thou shalt call me by my name or by my office, and I will come unto thee in what form thou shalt desire, either visibly or invisibly, and will answer all thy desires and give testimony thereof and let all the powers of Heaven witness it.

I have hereunto subscribed my hand and confirm my seal and character unto thee. Amen.

FORMA DE PACTO COM O ESPÍRITO DE JÚPITER.

Do livro completo da ciência mágica .

O supracitado Vínculo dos espíritos, juntamente com o selo e o caráter do anjo planetário, deve ser escrito em Pergaminho virgem e colocado diante do Espírito [para assinatura] quando ele aparecer; naquele momento o invocador não deve perder a confiança, mas ser paciente, firme, ousado e Perseverante, e tomar cuidado para que ele peça ou exija nada do Espírito, mas com vistas à glória de Deus e ao bem-estar de outras criaturas. Tendo obtido seus desejos do Espírito, o invocador pode licenciá-lo para partir."

às minhas petições, dou humildes e sinceros agradecimentos a Deus Todo-Poderoso, em cujo Nome invoquei e tu vieste, e agora podes partir em paz para as tuas ordens e retornar para mim novamente quando eu te chamar por teu juramento, ou por teu nome ou por tua ordem, ou por teu ofício que te foi concedido pelo Criador, e que o poder de Deus esteja comigo e contigo e sobre toda a descendência de Deus, Amém.

"'Glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo.'

[Nota.] "Seria aconselhável que o invocador permanecesse no círculo por alguns minutos após recitar a licença, e se o local da operação for ao ar livre, que ele destrua todos os vestígios do círculo, etc., e retorne calmamente para sua casa. Mas se a operação for realizada em uma parte retirada de uma casa, etc., o círculo pode permanecer, pois pode servir em uma operação futura semelhante, mas a sala ou edifício deve ser trancado para evitar a intrusão de estranhos."

O acordo estabelecido acima é puramente magia cerimonial. No caso da magia negra, é o mago e não o demônio que deve assinar o pacto. Quando o mago negro vincula um elemental ao seu serviço, uma batalha de inteligência acontece, que o demônio eventualmente vence. Com seu próprio sangue, o mago assina o pacto entre ele e o demônio, pois no arcano da magia é declarado que "ele controla a alma que controla o sangue de outro". Enquanto o mago não falhar, o elemental cumprirá à risca sua obrigação sob o pacto, mas o demônio tentará de todas as maneiras possíveis impedir que o mago cumpra sua parte do contrato. Quando o conjurador, abrigado em seu círculo, tiver evocado o espírito que deseja controlar e tiver tornado conhecida sua intenção, o espírito responderá algo como se segue: "Não posso aceder ao seu pedido nem cumpri-lo, a menos que depois de cinquenta anos você se entregue a mim, corpo e alma, para fazer o que eu quiser".

Se o mágico recusar, outros termos serão discutidos. O espírito pode dizer: "Eu permanecerei a seu serviço enquanto toda sexta-feira de manhã você sair para a rua pública dando esmolas em nome de Lúcifer. A primeira vez que você falhar nisso, você pertence a mim."

Se o mago ainda se recusar, percebendo que o demônio tornará impossível para ele cumprir seu contrato, outros termos serão discutidos, até que finalmente um pacto seja acordado. Pode ser lido como segue: "Eu prometo ao Grande Espírito Lucifuge, Príncipe dos Demônios, que a cada ano eu trarei a ele uma alma humana para fazer o que quiser com ela, e em troca Lucifuge promete me conceder os tesouros da terra e realizar todos os meus desejos pelo tempo da minha vida natural. Se eu falhar em trazer a ele a cada ano a oferta especificada acima, então minha própria alma será perdida para ele. Assinado . ...

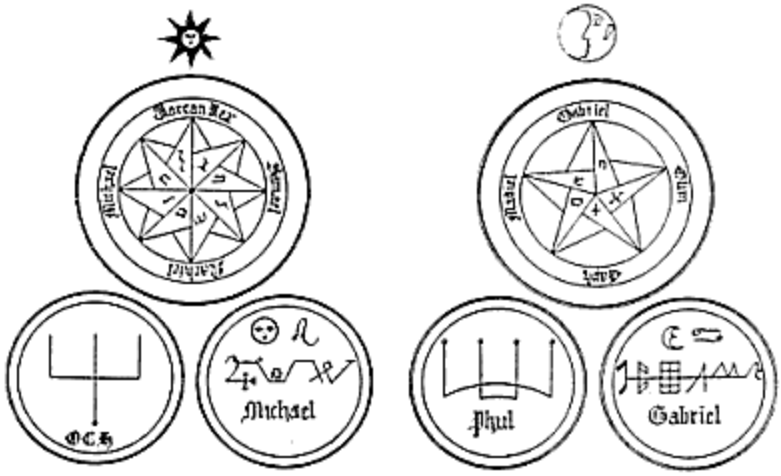
O PENTAGRAMA

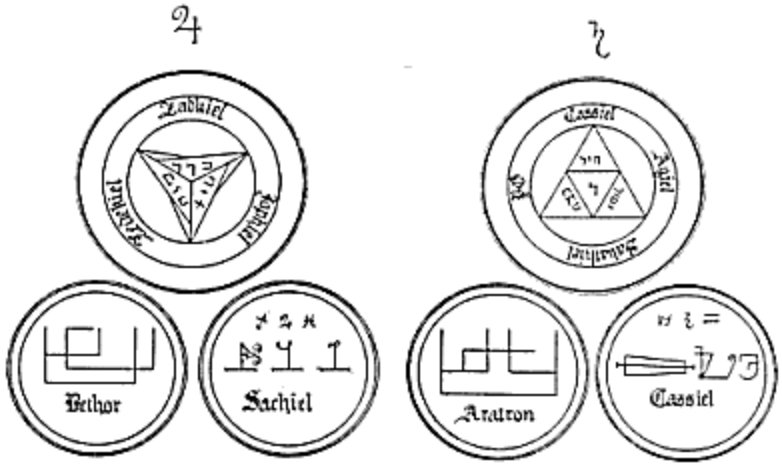
No simbolismo, uma figura invertida sempre significa um poder pervertido. A pessoa comum nem mesmo suspeita das propriedades ocultas dos pentáculos emblemáticos. Sobre este assunto, o grande Paracelso escreveu: "Sem dúvida, muitos zombarão dos selos, seus caracteres e seus usos, que são descritos nestes livros, porque lhes parece incrível que metais e caracteres que estão mortos tenham qualquer poder e efeito. No entanto, ninguém jamais provou que os metais e também os caracteres como os conhecemos estão mortos, pois os sais, o enxofre e as quintessências dos metais são os maiores conservantes da vida humana e são muito superiores a todos os outros simples." (Traduzido do alemão original.)

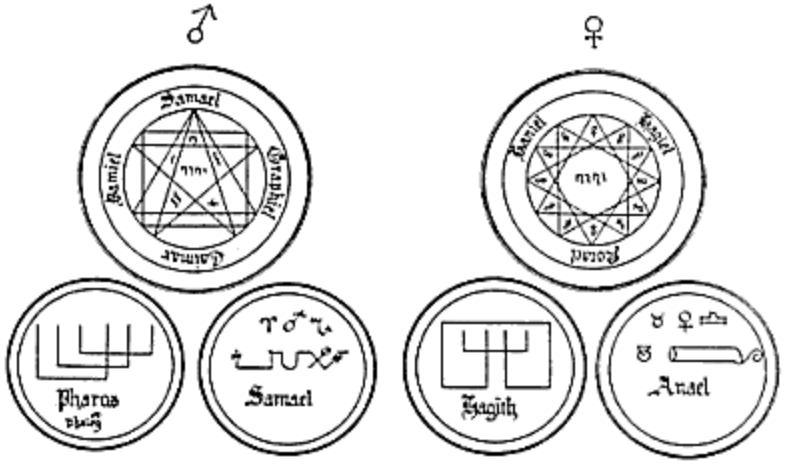
O mago negro não pode usar os símbolos da magia branca sem trazer sobre si as forças da magia branca, o que seria fatal para seus esquemas. Ele deve, portanto, distorcer os hierogramas para que eles tipifiquem o fato oculto de que ele próprio está distorcendo os princípios pelos quais os símbolos se sustentam. A magia negra não é uma arte fundamental; é o mau uso de uma arte. Portanto, não tem símbolos próprios. Ela meramente pega as figuras emblemáticas da magia branca e, ao invertê-las e revertê-las, significa que é canhota.

Um bom exemplo dessa prática é encontrado no pentagrama, ou estrela de cinco pontas, feita de cinco linhas conectadas. Esta figura é o símbolo consagrado das artes mágicas e significa as cinco propriedades do Grande Agente Mágico, os cinco sentidos do homem, os cinco elementos da natureza, as cinco extremidades do corpo humano. Por meio do pentagrama dentro de sua própria alma, o homem não só pode dominar e governar todas as criaturas inferiores a ele, mas pode exigir consideração das mãos daqueles superiores a ele.

O pentagrama é usado extensivamente em magia negra, mas quando usado assim sua forma sempre difere em uma de três maneiras: A estrela pode ser quebrada em um ponto não permitindo que as linhas convergentes se toquem; pode ser invertida tendo uma ponta para baixo e duas para cima; ou pode ser distorcida tendo as pontas de comprimentos variados. Quando usado em magia negra, o pentagrama é chamado de "sinal do casco fendido", ou a pegada do Diabo. A estrela com duas pontas para cima também é chamada de "Cabra de Mendes", porque a estrela invertida tem o mesmo formato da cabeça de uma cabra. Quando a estrela vertical gira e a ponta superior cai para baixo, isso significa a queda da Estrela da Manhã.


Michael
Phul
Gabriel


Bethor
Sachiel
Araton
Cassiel


Pharos
Samael
Hagith
Anael

Ambael

OS PENTÁCULOS DOS SETE PLANETAS E OS SELOS E CARÁTERES DOS ANJOS PLANETÁRIOS.

De um Livro Medieval de Espíritos (não publicado).

Os sete círculos grandes são os planetas, enquanto os dois círculos pequenos abaixo de cada um contêm o selo e o caráter da inteligência controladora do planeta.Os Elementos e Seus Habitantes

Pela exposição mais abrangente e lúcida da pneumatologia oculta (o ramo da filosofia que lida com substâncias espirituais) existente, a humanidade está em dívida com Philippus Aureolus Paracelsus (Theophrastus Bombastus von Hohenheim), príncipe dos alquimistas e filósofos herméticos e verdadeiro possuidor do Segredo Real (a Pedra Filosofal e o Elixir da Vida). Paracelsus acreditava que cada um dos quatro elementos primários conhecidos pelos antigos (terra, fogo, ar e água) consistia em um princípio sutil e vaporoso e uma substância corpórea grosseira.

O ar é, portanto, duplo na natureza - atmosfera tangível e um substrato intangível e volátil que pode ser denominado ar espiritual . O fogo é visível e invisível, discernível e indiscernível - uma chama espiritual e etérea que se manifesta por meio de uma chama material e substancial. Levando a analogia adiante, a água consiste em um fluido denso e uma essência potencial de natureza fluídica. A Terra tem, da mesma forma, duas partes essenciais - a inferior sendo fixa, terrestre, imóvel; a superior, rarefeita, móvel e virtual. O termo geral elementos foi aplicado às fases inferiores ou físicas desses quatro princípios primários, e o nome essências elementais às suas constituições espirituais invisíveis correspondentes. Minerais, plantas, animais e homens vivem em um mundo composto do lado bruto desses quatro elementos e, a partir de várias combinações deles, constroem seus organismos vivos.

Henry Drummond, em Natural Law in the Spiritual World , descreve esse processo da seguinte forma: "Se analisarmos esse ponto material no qual toda a vida começa, descobriremos que ele consiste em uma substância clara, sem estrutura, gelatinosa, que lembra albumina ou clara de ovo. É feito de carbono, hidrogênio, oxigênio e nitrogênio. Seu nome é protoplasma. E não é apenas a unidade estrutural com a qual todos os corpos vivos começam a vida, mas com a qual são posteriormente construídos. 'Protoplasma', diz Huxley, 'simples ou nucleado, é a base formal de toda a vida. É o barro do Oleiro.'"

O elemento água dos antigos filósofos foi metamorfoseado no hidrogênio da ciência moderna; o ar se tornou oxigênio; o fogo , nitrogênio; a terra , carbono.

Assim como a Natureza visível é povoada por um número infinito de criaturas vivas, assim, de acordo com Paracelso, a contraparte invisível e espiritual da Natureza visível (composta dos tênues princípios dos elementos visíveis) é habitada por uma hoste de seres peculiares, a quem ele deu o nome de elementais, e que mais tarde foram denominados espíritos da Natureza. Paracelso dividiu essas pessoas dos

elementos em quatro grupos distintos, que ele chamou de gnomos , ondinas , sílfides e salamandras . Ele ensinou que eles eram realmente entidades vivas, muitos se assemelhando a seres humanos em forma, e habitando mundos próprios, desconhecidos do homem porque seus sentidos subdesenvolvidos eram incapazes de funcionar além das limitações dos elementos mais grosseiros.

As civilizações da Grécia, Roma, Egito, China e Índia acreditavam implicitamente em sátiros, duendes e goblins. Eles povoaram o mar com sereias, os rios e fontes com ninfas, o ar com fadas, o fogo com Lares e Penates, e a terra com faunos, dríades e hamadríades. Esses espíritos da Natureza eram tidos na mais alta estima, e oferendas propiciatórias eram feitas a eles. Ocasionalmente, como resultado das condições atmosféricas ou da sensibilidade peculiar do devoto, eles se tornavam visíveis. Muitos autores escreveram sobre eles em termos que significam que eles realmente contemplaram esses habitantes dos reinos mais sutis da Natureza. Várias autoridades são da opinião de que muitos dos deuses adorados pelos pagãos eram elementais, pois alguns desses invisíveis eram considerados de estatura imponente e comportamento magnífico.

Os gregos deram o nome de daemon a alguns desses elementais, especialmente aqueles de ordens superiores, e os adoravam. Provavelmente o mais famoso desses daemons é o espírito misterioso que instruiu Sócrates, e de quem esse grande filósofo falou nos termos mais elevados. Aqueles que dedicaram muito estudo à constituição invisível do homem percebem que é bem provável que o daemon de Sócrates e o anjo de Jakob Böhme não fossem, na realidade, elementais, mas as naturezas divinas ofuscantes desses próprios filósofos. Em suas notas a Apuleio sobre o Deus de Sócrates , Thomas Taylor diz:

"Como o daemon de Sócrates, portanto, era sem dúvida um da mais alta ordem, como pode ser inferido da superioridade intelectual de Sócrates sobre a maioria dos outros homens, Apuleio está justificado em chamar esse daemon de Deus. E que o daemon de Sócrates de fato era divino, é evidente a partir do testemunho do próprio Sócrates no Primeiro Alcibíades: pois no curso desse diálogo ele claramente diz: 'Há muito tempo sou da opinião de que o Deus ainda não me ordenou a manter qualquer conversa com você.' E na Apologia ele evidencia de forma mais inequívoca que esse daemon é dotado de uma transcendência divina, considerada como classificação na ordem dos daemons."

A ideia que se sustentou, de que os elementos invisíveis que cercam e interpenetram a Terra eram povoados por seres vivos e inteligentes, pode parecer ridícula para a mente prosaica de hoje. Essa doutrina, no entanto, encontrou favor com alguns dos maiores intelectos do mundo. As sílfides de Facius Cardin, o filósofo de Milão; a salamandra vista por Benvenuto Cellini; a panela de Santo Antônio; e le petit homme rouge (o homenzinho vermelho, ou gnomo) de Napoleão Bonaparte, encontraram seus lugares nas páginas da história.

A literatura também perpetuou o conceito de espíritos da Natureza. O travesso Puck de Sonho de uma Noite de Verão de Shakespeare ; os elementais do poema Rosacruz de Alexander Pope, The Rape of the Lock ; as misteriosas criaturas de Zanoni de Lord Lytton ; a imortal Sininho de James Barrie; e os famosos jogadores

de boliche que Rip Van Winkle encontrou nas Montanhas Catskill, são personagens bem conhecidos dos estudantes de literatura. O folclore e a mitologia de todos os povos abundam em lendas sobre essas pequenas figuras misteriosas que assombram velhos castelos, guardam tesouros nas profundezas da terra e constroem suas casas sob a proteção crescente de cogumelos. As fadas são o deleite da infância, e a maioria das crianças as abandona com relutância. Não muito tempo atrás, as maiores mentes do mundo acreditavam na existência de fadas, e ainda é uma questão em aberto se Platão, Sócrates e Jâmblico estavam errados quando confessaram sua realidade.

Paracelso, ao descrever as substâncias que constituem os corpos dos elementais, dividiu a carne em dois tipos, o primeiro sendo aquele que todos nós herdamos através de Adão. Esta é a carne visível, corpórea. A segunda era aquela carne que não descendia de Adão e, sendo mais atenuada, não estava sujeita às limitações da primeira. Os corpos dos elementais eram compostos desta carne transubstancial. Paracelso afirmou que há tanta diferença entre os corpos dos homens e os corpos dos espíritos da Natureza quanto há entre a matéria e o espírito.

"No entanto", ele acrescenta, "os Elementais não são espíritos, porque eles têm carne, sangue e ossos; eles vivem e propagam descendentes; eles comem e falam, agem e dormem, &c., e consequentemente eles não podem ser propriamente chamados de 'espíritos'. Eles são seres que ocupam um lugar entre homens e espíritos, assemelhando-se a homens e espíritos, assemelhando-se a homens e mulheres em sua organização e forma, e assemelhando-se a espíritos na rapidez de sua locomoção." (Philosophia Occulta , traduzido por Franz Hartmann.) Mais tarde, o mesmo autor chama essas criaturas de composita , na medida em que a substância da qual são compostas parece ser um composto de espírito e matéria. Ele usa a cor para explicar a ideia. Assim, a mistura de azul e vermelho dá roxo, uma nova cor, não se assemelhando a nenhuma das outras, mas composta de ambas. Esse é o caso dos espíritos da Natureza; eles não se assemelham a criaturas espirituais nem a seres materiais, mas são compostos da substância que podemos chamar de matéria espiritual , ou éter.

Paracelso acrescenta ainda que, enquanto o homem é composto de várias naturezas (espírito, alma, mente e corpo) combinadas em uma unidade, o elemental tem apenas um princípio , o éter do qual é composto e no qual vive. O leitor deve lembrar que por éter

UMA SALAMANDRA, SEGUNDO PARACELSUS.

Da Auslegung von 30 magischen Figuren de Paracelso .

Os egípcios, caldeus e persas frequentemente confundiam as salamandras com deuses, por causa de seu esplendor radiante e grande poder. Os gregos, seguindo o exemplo de nações anteriores, deificaram os espíritos do fogo e em sua honra mantiveram incenso e fogo de altar, queimando perpetuamente.

significa a essência espiritual de um dos quatro elementos. Existem muitos éteres quantos elementos e tantas famílias distintas de espíritos da Natureza quantos éteres. Essas famílias estão completamente isoladas em seu próprio éter e não têm intercurso com os habitantes dos outros éteres; mas, como o homem tem dentro de sua própria natureza centros de consciência sensíveis aos impulsos de todos os quatro éteres, é possível para qualquer um dos reinos elementais se comunicar com ele sob condições adequadas.

Os espíritos da Natureza não podem ser destruídos pelos elementos mais grosseiros, como o fogo material, a terra, o ar ou a água, pois eles funcionam em uma taxa de vibração maior do que a das substâncias terrestres. Sendo compostos de apenas um elemento ou princípio (o éter no qual funcionam), eles não têm espírito imortal e na morte apenas se desintegram de volta ao elemento do qual foram originalmente individualizados. Nenhuma consciência individual é preservada após a morte, pois não há veículo superior presente para contê-la. Sendo feitos de apenas uma substância, não há atrito entre os veículos: portanto, há pouco desgaste ou ruptura incorridos por suas funções corporais e, portanto, eles vivem até uma idade avançada. Aqueles compostos de éter terrestre são os de vida mais

curta; aqueles compostos de éter aéreo, os mais longos. A duração média da vida é entre trezentos e mil anos. Paracelso sustentou que eles vivem em condições semelhantes aos nossos ambientes terrestres e estão um tanto sujeitos a doenças. Essas criaturas são consideradas incapazes de desenvolvimento espiritual, mas a maioria delas é de alto caráter moral.

Sobre os éteres elementais nos quais os espíritos da Natureza existem, Paracelso escreveu: "Eles vivem nos quatro elementos: as Ninfas no elemento água, os Silfos no ar, os Pigmeus na terra e as Salamandras no fogo. Eles também são chamados de Undinas, Silvestres, Gnomi, Vulcani, &c. Cada espécie se move apenas no elemento ao qual pertence, e nenhuma delas pode sair de seu elemento apropriado, que é para elas como o ar é para nós, ou a água para os peixes; e nenhuma delas pode viver no elemento pertencente a outra classe. Para cada ser elemental, o elemento em que vive é transparente, invisível e respirável, como a atmosfera é para nós." (Philosophia Occulta , traduzido por Franz Hartmann.)

O leitor deve ter cuidado para não confundir os espíritos da Natureza com as verdadeiras ondas de vida evoluindo através dos mundos invisíveis. Enquanto os elementais são compostos de apenas uma essência etérica (ou atômica), os anjos, arcanjos e outras entidades superiores e transcendentais têm organismos compostos, consistindo de uma natureza espiritual e uma cadeia de veículos para expressar essa natureza não muito diferente daquelas dos homens, mas não incluindo o corpo físico com suas limitações inerentes.

À filosofia dos espíritos da Natureza é geralmente atribuída uma origem oriental, provavelmente bramânica; e Paracelso garantiu seu conhecimento deles de sábios orientais com quem entrou em contato durante sua vida de peregrinações filosóficas. Os egípcios e gregos coletaram suas informações da mesma fonte. As quatro principais divisões dos espíritos da Natureza devem agora ser consideradas separadamente, de acordo com os ensinamentos de Paracelso e do Abade de Villars e os escassos escritos de outros autores disponíveis.

OS GNOMOS

Os elementais que habitam aquele corpo atenuado da terra que é chamado de éter terrestre são agrupados sob o título geral de gnomos . (O nome é provavelmente derivado do grego genomus , que significa morador da terra. Veja o Novo Dicionário Inglês .)

Assim como há muitos tipos de seres humanos evoluindo através dos elementos físicos objetivos da Natureza, há muitos tipos de gnomos evoluindo através do corpo etéreo subjetivo da Natureza. Esses espíritos da terra trabalham em um elemento tão próximo em taxa vibratória à terra material que eles têm imenso poder sobre suas rochas e flora, e também sobre os elementos minerais nos reinos animal e humano. Alguns, como os pigmeus, trabalham com pedras, gemas e

metais, e são supostamente os guardiões de tesouros escondidos. Eles vivem em cavernas, bem lá embaixo no que os escandinavos chamavam de Terra dos Nibelungos. No maravilhoso ciclo de ópera de Wagner, O Anel dos Nibelungos , Alberich se torna Rei dos Pigmeus e força essas pequenas criaturas a reunir para ele os tesouros escondidos sob a superfície da terra.

Além dos pigmeus, há outros gnomos, que são chamados de duendes das árvores e das florestas. A este grupo pertencem os silvestres, sátiros, pans, dríades, hamadríades, durdalis, elfos, brownies e velhinhos das florestas. Paracelso afirma que os gnomos constroem casas de substâncias que se assemelham em suas constituições ao alabastro, mármore e cimento, mas a verdadeira natureza desses materiais é desconhecida, não tendo contrapartida na natureza física. Algumas famílias de gnomos se reúnem em comunidades, enquanto outras são indígenas às substâncias com as quais e nas quais trabalham. Por exemplo, as hamadríades vivem e morrem com as plantas ou árvores das quais fazem parte. Diz-se que cada arbusto e flor tem seu próprio espírito da Natureza, que frequentemente usa o corpo físico da planta como sua habitação. Os antigos filósofos, reconhecendo o princípio da inteligência se manifestando em todos os departamentos da Natureza, acreditavam que a qualidade da seleção natural exibida por criaturas que não possuíam mentalidades organizadas expressava na realidade as decisões dos próprios espíritos da Natureza.

CM Gayley, em The Classic Myths , diz: "Era uma característica agradável no antigo paganismo que ele amava traçar em cada operação da natureza a agência da divindade. A imaginação dos gregos povoou as regiões da terra e do mar com divindades, a cuja agência atribuiu os fenômenos que nossa filosofia atribui à operação da lei natural." Assim, em nome da planta com a qual trabalhava, o elemental aceitava e rejeitava elementos alimentares, depositava matéria corante nela, preservava e protegia a semente e realizava muitos outros ofícios benéficos. Cada espécie era servida por um tipo diferente, mas apropriado, de espírito da Natureza. Aqueles que trabalhavam com arbustos venenosos, por exemplo, eram ofensivos em sua aparência. Diz-se que os espíritos da Natureza da cicuta venenosa se assemelham a esqueletos humanos minúsculos, finamente cobertos com uma carne semitransparente. Eles vivem dentro e através da cicuta e, se ela for cortada, permanecem com os brotos quebrados até que ambos morram, mas enquanto houver a menor evidência de vida no arbusto, isso mostra a presença do guardião elemental.

Grandes árvores também têm seus espíritos da Natureza, mas estes são muito maiores do que os elementais de plantas menores. Os trabalhos dos pigmeus incluem o corte de cristais nas rochas e o desenvolvimento de veios de minério. Quando os gnomos estão trabalhando com animais ou seres humanos, seu trabalho é confinado aos tecidos correspondentes às suas próprias naturezas. Portanto, eles trabalham com os ossos, que pertencem ao reino mineral, e os antigos acreditavam que a reconstrução de membros quebrados era impossível sem a cooperação dos elementais.

Os gnomos são de vários tamanhos — a maioria deles muito menor que os seres humanos, embora alguns deles tenham o poder de mudar sua estatura à vontade.

Este é o resultado da extrema mobilidade do elemento em que funcionam. Sobre eles, o Abade de Villars escreveu: "A Terra está cheia bem perto de seu centro com Gnomos, pessoas de pequena estatura, que são os guardiões de tesouros, minerais e pedras preciosas. Eles são engenhosos, amigos do homem e fáceis de governar."

Nem todas as autoridades concordam sobre a disposição amável dos gnomos. Muitos afirmam que eles são de natureza traiçoeira e maliciosa, difíceis de controlar e traiçoeiros. Os escritores concordam, no entanto, que quando sua confiança é conquistada, eles são fiéis e verdadeiros. Os filósofos e iniciados do mundo antigo foram instruídos sobre essas pequenas pessoas misteriosas e foram ensinados a se comunicar com elas e obter sua cooperação em empreendimentos de importância. Os magos sempre foram avisados, no entanto, para nunca trair a confiança dos elementais, pois se o fizessem, as criaturas invisíveis, trabalhando através da natureza subjetiva do homem, poderiam causar-lhes tristeza sem fim e provavelmente destruição final. Enquanto o místico servisse aos outros, os gnomos o serviriam, mas se ele tentasse usar sua ajuda egoisticamente para obter poder temporal, eles se voltariam contra ele com fúria implacável. O mesmo era verdade se ele tentasse enganá-los.

Os espíritos da terra se encontram em certas épocas do ano em grandes conclaves, como Shakespeare sugere em seu Sonho de uma Noite de Verão, onde todos os elementais se reúnem para se alegrar com a beleza e harmonia da Natureza e as perspectivas de uma excelente colheita. Os gnomos são governados por um rei, a quem eles amam e reverenciam muito. Seu nome é Gob ; portanto, seus súditos são frequentemente chamados de goblins. Os místicos medievais deram um canto da criação (um dos pontos cardeais) a cada um dos quatro reinos dos espíritos da Natureza, e por causa de seu caráter terreno, os gnomos foram designados para o Norte - o lugar reconhecido pelos antigos como a fonte da escuridão e da morte. Uma das quatro principais divisões da disposição humana também foi atribuída aos gnomos, e como muitos deles viviam na escuridão das cavernas e na escuridão das florestas, seu temperamento era considerado melancólico, sombrio e desanimado. Com isso não queremos dizer que eles próprios tenham tal disposição, mas sim que têm controle especial sobre elementos de consistência semelhante.

Os gnomos se casam e têm famílias, e as gnomos femininas são chamadas de gnomidas . Alguns usam roupas tecidas do elemento em que vivem. Em outros casos, suas vestes são parte deles mesmos e crescem com eles, como a pele dos animais. Diz-se que os gnomos têm apetites insaciáveis e passam grande parte do tempo comendo, mas ganham sua comida com diligência e consciência.

GNOMOS CONVENCIONAIS.

Do Den Ældre Eddas Gudesange de Gjellerup .

O tipo de gnomo mais frequentemente visto é o brownie, ou elfo, uma pequena criatura travessa e grotesca de trinta a quarenta e cinco centímetros de altura, geralmente vestida de verde ou marrom-avermelhado. A maioria deles parece muito envelhecida, geralmente com longas barbas brancas, e suas figuras são inclinadas à rotundidade. Eles podem ser vistos correndo para fora de buracos nos tocos de árvores e às vezes desaparecem, dissolvendo-se na própria árvore.

trabalho. A maioria deles tem um temperamento avarento, gosta de guardar coisas em lugares secretos. Há evidências abundantes do fato de que crianças pequenas frequentemente veem os gnomos, na medida em que seu contato com o lado material da Natureza ainda não está completo e eles ainda funcionam mais ou menos conscientemente nos mundos invisíveis.

Segundo Paracelso, "O homem vive nos elementos exteriores e os Elementais vivem nos elementos interiores. Estes últimos têm habitações e vestimentas, maneiras e costumes, línguas e governos próprios, no mesmo sentido em que as abelhas têm suas rainhas e os rebanhos de animais seus líderes." (Philosophia Occulta , traduzido por Franz Hartmann.)

Paracelso difere um pouco dos místicos gregos no que diz respeito às limitações ambientais impostas aos espíritos da Natureza. O filósofo suíço os constitui de éteres invisíveis sutis. De acordo com essa hipótese, eles seriam visíveis apenas em certos momentos e apenas para aqueles em rapport com suas vibrações etéreas. Os gregos, por outro lado, aparentemente acreditavam que muitos espíritos da Natureza tinham constituições materiais capazes de funcionar no mundo físico. Muitas vezes, a lembrança de um sonho é tão vívida que, ao acordar, uma pessoa realmente acredita que passou por uma experiência física. A dificuldade de julgar com precisão o fim da visão física e o início da visão etérea pode ser responsável por essas diferenças de opinião.

Mesmo essa explicação, no entanto, não dá conta satisfatoriamente do sátiro que, de acordo com São Jerônimo, foi capturado vivo durante o reinado de Constantino e exibido ao povo. Ele tinha forma humana com chifres e pés de cabra. Após sua morte, ele foi preservado em sal e levado ao Imperador para que ele pudesse testemunhar sua realidade. (Está dentro dos limites da probabilidade que essa curiosidade fosse o que a ciência moderna conhece como uma monstruosidade .)

AS ONDINAS

Assim como os gnomos eram limitados em sua função aos elementos da terra, as ondinas (um nome dado à família dos elementais da água) funcionam na essência espiritual invisível chamada éter úmido (ou líquido). Em sua taxa vibratória, isso é próximo ao elemento água, e assim as ondinas são capazes de controlar, em grande medida, o curso e a função desse fluido na Natureza. A beleza parece ser a tônica dos espíritos da água. Onde quer que os encontremos retratados em arte ou escultura, eles abundam em simetria e graça. Controlando o elemento água - que sempre foi um símbolo feminino - é natural que os espíritos da água sejam mais frequentemente simbolizados como femininos.

Existem muitos grupos de ondinas. Algumas habitam cachoeiras, onde podem ser vistas no spray; outras são indígenas de rios de movimento rápido; algumas têm seu habitat em pântanos ou pântanos gotejantes e escorrendo; enquanto outros grupos habitam lagos de montanha límpidos. De acordo com os filósofos da antiguidade, cada fonte tinha sua ninfa; cada onda do oceano, seu oceanídeo. Os espíritos da água eram conhecidos por nomes como oréades, nereides, limoniades, náiades, duendes da água, donzelas do mar, sereias e potamidas. Muitas vezes, as ninfas da água derivavam seus nomes dos riachos, lagos ou mares em que habitavam.

Ao descrevê-los, os antigos concordaram em certas características salientes. Em geral, quase todas as ondinas se assemelhavam muito aos seres humanos em aparência e tamanho, embora as que habitavam pequenos riachos e fontes fossem de proporções correspondentemente menores. Acreditava-se que esses espíritos aquáticos eram ocasionalmente capazes de assumir a aparência de seres humanos normais e realmente se associar a homens e mulheres. Existem muitas lendas sobre esses espíritos e sua adoção pelas famílias de pescadores, mas em quase todos os casos as ondinas ouviram o chamado das águas e retornaram ao reino de Netuno, o Rei do Mar.

Praticamente nada se sabe sobre as ondinas masculinas. Os espíritos da água não estabeleceram lares da mesma forma que os gnomos, mas viviam em cavernas de corais sob o oceano ou entre os juncos que cresciam nas margens dos rios ou nas margens dos lagos. Entre os celtas, há uma lenda que diz que a Irlanda era povoada, antes da chegada de seus habitantes atuais, por uma estranha raça de criaturas semidivinas; com a chegada dos celtas modernos, eles se retiraram para os pântanos e charcos, onde permanecem até hoje. Ondinas diminutas viviam sob nenúfares e em pequenas casas de musgo pulverizadas por cachoeiras. As ondinas

trabalhavam com as essências vitais e líquidos em plantas, animais e seres humanos, e estavam presentes em tudo que continha água. Quando vistas, as ondinas geralmente se assemelhavam às deusas da estatuária grega. Elas emergiam da água envoltas em névoa e não podiam existir muito tempo longe dela.

Existem muitas famílias de ondinas, cada uma com suas limitações peculiares, é impossível considerá-las aqui em detalhes. Seu governante, Necksa , eles amam e honram, e servem incansavelmente. Dizem que seu temperamento é vital, e a eles foi dado como seu trono o canto ocidental da criação. Eles são seres bastante emocionais, amigáveis à vida humana e gostam de servir à humanidade. Às vezes, são retratados cavalgando golfinhos ou outros grandes peixes e parecem ter um amor especial por flores e plantas, às quais servem quase tão devotamente e inteligentemente quanto os gnomos. Poetas antigos disseram que as canções das ondinas eram ouvidas no Vento Oeste e que suas vidas eram consagradas ao embelezamento da terra material.

AS SALAMANDRAS

O terceiro grupo de elementais são as salamandras, ou espíritos do fogo, que vivem naquele éter espiritual atenuado que é o elemento invisível do fogo da Natureza. Sem eles, o fogo material não pode existir; um fósforo não pode ser riscado nem a pederneira e o aço emitem sua faísca sem a assistência de uma salamandra, que imediatamente aparece (assim acreditavam os místicos medievais), evocada pela fricção. O homem é incapaz de se comunicar com sucesso com as salamandras, devido ao elemento ígneo em que habitam, pois tudo que entra em sua presença é reduzido a cinzas. Por compostos especialmente preparados de ervas e perfumes, os filósofos do mundo antigo fabricaram muitos tipos de incenso. Quando o incenso era queimado, os vapores que surgiam eram especialmente adequados como um meio para a expressão desses elementais, que, ao tomarem emprestado o eflúvio etéreo da fumaça do incenso, eram capazes de fazer sua presença ser sentida.

As salamandras são tão variadas em seu agrupamento e arranjo quanto as ondinas ou os gnomos. Há muitas famílias delas, diferindo em aparência, tamanho e dignidade. Às vezes, as salamandras eram visíveis como pequenas bolas de luz. Paracelso diz: "Salamandras foram vistas em formas de bolas de fogo, ou línguas de fogo, correndo pelos campos ou espiando nas casas." (Philosophia Occulta , traduzido por Franz Hartmann.)

Investigadores medievais dos espíritos da Natureza eram da opinião de que a forma mais comum de salamandra era semelhante a um lagarto, com um pé ou mais de comprimento, e visível como uma Urodela brilhante, se contorcendo e rastejando no meio do fogo. Outro grupo foi descrito como enormes gigantes flamejantes em vestes esvoaçantes, protegidos com lençóis de armadura de fogo. Certas autoridades medievais, entre elas o Abade de Villars, sustentavam que Zaratustra (Zoroastro) era filho de Vesta (acredita-se que tenha sido a esposa de Noé) e da grande salamandra Oromasis. Portanto, daquele tempo em diante, fogos imortais

foram mantidos sobre os altares persas em homenagem ao pai flamejante de Zaratustra.

Uma das subdivisões mais importantes das salamandras era a Acthnici. Essas criaturas apareciam apenas como globos indistintos. Elas deveriam flutuar sobre a água à noite e ocasionalmente aparecer como forquilhas de fogo nos mastros e cordames dos navios (fogo de Santo Elmo). As salamandras eram as mais fortes e poderosas dos elementais, e tinham como governante um magnífico espírito flamejante chamado Djin , terrível e inspirador na aparência. As salamandras eram perigosas e os sábios eram avisados para se manterem longe delas, pois os benefícios derivados de estudá-las muitas vezes não eram proporcionais ao preço pago. Como os antigos associavam o calor ao Sul, este canto da criação foi atribuído às salamandras como seu drone, e elas exerciam influência especial sobre todos os seres de temperamento ígneo ou tempestuoso. Tanto em animais quanto em homens, as salamandras trabalham através da natureza emocional por meio do calor do corpo, do fígado e da corrente sanguínea. Sem sua assistência, não haveria calor.

OS SÍLFOS

Enquanto os sábios diziam que a quarta classe de elementais, ou silfos, vivia no elemento ar, eles queriam dizer com isso não a atmosfera natural da terra, mas o meio espiritual invisível, intangível — uma substância etérea similar em composição à nossa atmosfera, mas muito mais sutil. No último discurso de Sócrates, conforme preservado por Platão em seu Fédon , o filósofo condenado diz:

"E sobre a terra há animais e homens, alguns em uma região intermediária, outros (elementais] morando no ar como moramos no mar; outros em ilhas que o ar circunda, perto do continente; e em uma palavra, o ar é usado por eles como a água e o mar são por nós, e o éter é para eles o que o ar é para nós. Além disso, o temperamento de suas estações é tal que eles não têm doenças [Paracelso contesta isso], e vivem muito mais do que nós,

Uma sereia.

Do Prodigiorum ac Ostentorum Chronicon de Licóstenes .

Provavelmente as mais famosas das ondinas foram as sereias mitológicas, com as quais os primeiros marinheiros povoaram os Sete Mares. A crença na existência dessas criaturas, a metade superior de seus corpos em forma humana e a metade inferior em forma de peixe, pode ter sido inspirada por bandos de pinguins vistos a grande distância, ou possivelmente focas. Em descrições medievais de sereias, também foi declarado que seus cabelos eram verdes como algas marinhas e que elas usavam coroas torcidas de flores de plantas subaquáticas e anêmonas do mar.

e têm visão, porte, olfato e todos os outros sentidos, em muito maior perfeição, no mesmo grau em que o ar é mais puro que a água ou o éter que o ar. Também têm templos e lugares sagrados nos quais os deuses realmente habitam, e ouvem suas vozes e recebem suas respostas, e estão conscientes delas e conversam com elas, e veem o sol, a lua e as estrelas como realmente são, e suas outras bem-aventuranças são de uma parte com esta." Embora se acreditasse que as sílfides viviam entre as nuvens e no ar ao redor, seu verdadeiro lar era no topo das montanhas.

Em suas notas editoriais para as Ciências Ocultas de Salverte, Anthony Todd Thomson diz: "As Fadas e Fadas são evidentemente de origem escandinava, embora o nome de Fada seja supostamente derivado, ou melhor, [seja] uma modificação do Peri persa, um ser benevolente imaginário, cuja província era proteger os homens das maldições dos espíritos malignos; mas com mais probabilidade pode ser referido ao Fagur gótico, como o termo Elfos é de Alfa, a denominação geral para toda a tribo. Se esta derivação do nome de Fada for admitida, podemos datar o início da crença popular nas Fadas Britânicas no período da conquista dinamarquesa. Elas eram supostamente seres aéreos diminutos, belas, vivazes e benéficas em suas relações com os mortais, habitando uma região chamada Terra das Fadas, Alf-heinner; comumente aparecendo na Terra em intervalos - quando deixavam vestígios de suas visitas, em belos anéis verdes, onde o gramado orvalhado havia sido pisado em suas "dança ao luar."

Para os silfos, os antigos deram o trabalho de modelar os flocos de neve e reunir nuvens. Este último eles realizaram com a cooperação das ondinas que forneciam a umidade. Os ventos eram seu veículo particular e os antigos se referiam a eles como os espíritos do ar. Eles são os mais elevados de todos os elementais, seu elemento nativo sendo o mais alto em taxa vibratória. Eles vivem centenas de anos, muitas vezes atingindo mil anos e nunca parecendo envelhecer. O líder dos silfos é chamado Paralda , que é dito habitar a montanha mais alta da terra. As sílfides femininas eram chamadas de sílfides .

Acredita-se que as sílfides, salamandras e ninfas tinham muito a ver com os oráculos dos antigos; que, na verdade, eram elas que falavam das profundezas da terra e do ar.

As sílfides às vezes assumem a forma humana, mas aparentemente por apenas curtos períodos de tempo. Seu tamanho varia, mas na maioria dos casos elas não são maiores que seres humanos e frequentemente são consideravelmente menores.

Dizem que as sílfides aceitaram seres humanos em suas comunidades e permitiram que vivessem lá por um período considerável; de fato, Paracelso escreveu sobre tal incidente, mas é claro que não poderia ter ocorrido enquanto o estranho humano estava em seu corpo físico. Alguns acreditam que as Musas dos gregos eram sílfides, pois esses espíritos se reúnem em torno da mente do sonhador, do poeta e do artista, e o inspiram com seu conhecimento íntimo das belezas e do funcionamento da Natureza. Às sílfides foi dado o canto oriental da criação. Seu temperamento é alegre, mutável e excêntrico. As qualidades peculiares comuns aos homens de gênio são supostamente o resultado da cooperação das sílfides, cuja ajuda também traz consigo a inconsistência sílfica. Os silfos trabalham com os gases do corpo humano e indiretamente com o sistema nervoso, onde sua inconstância é novamente aparente. Eles não têm domicílio fixo, mas vagam de um lugar para outro - nômades elementais, poderes invisíveis, mas sempre presentes na atividade inteligente do universo.

OBSERVAÇÕES GERAIS

Certos dos antigos, diferindo de Paracelso, compartilhavam a opinião de que os reinos elementais eram capazes de travar guerra uns contra os outros, e reconheciam nas batalhas dos elementos desacordos entre esses reinos de espíritos da Natureza. Quando um raio atingia uma rocha e a estilhaçava, eles acreditavam que as salamandras estavam atacando os gnomos. Como eles não podiam atacar uns aos outros no plano de suas próprias essências etéricas peculiares, devido ao fato de que não havia correspondência vibratória entre os quatro éteres dos quais esses reinos são compostos, eles tinham que atacar através de um denominador comum, a saber, a substância material do universo físico sobre o qual eles tinham uma certa quantidade de poder.

Guerras também eram travadas dentro dos próprios grupos; um exército de gnomos atacava outro exército, e a guerra civil era abundante entre eles. Filósofos de muito tempo atrás resolveram os problemas das inconsistências aparentes da Natureza individualizando e personificando todas as suas forças, creditando-as com temperamentos não muito diferentes dos humanos e então esperando que elas exibissem inconsistências humanas típicas. Os quatro signos fixos do zodíaco foram atribuídos aos quatro reinos dos elementais. Dizia-se que os gnomos eram da natureza de Touro; as ondinas, da natureza de Escorpião; as salamandras exemplificavam a constituição de Leão; enquanto as sílfides manipulavam as emanações de Aquário.

A Igreja Cristã reuniu todas as entidades elementais sob o título de demônio . Este é um nome impróprio com consequências de longo alcance, pois para a mente média a palavra demônio significa uma coisa má, e os espíritos da Natureza não são essencialmente mais malévolos do que os minerais, plantas e animais. Muitos dos primeiros Padres da Igreja afirmaram que se encontraram e debateram com os elementais.

Como já foi dito, os espíritos da Natureza não têm esperança de imortalidade, embora alguns filósofos tenham sustentado que em casos isolados a imortalidade lhes foi conferida por adeptos e iniciados que entenderam certos princípios sutis do mundo invisível. Assim como a desintegração ocorre no mundo físico, também ocorre na contraparte etérea da substância física. Em condições normais na morte, um espírito da Natureza é meramente resolvido de volta à essência primária transparente da qual foi originalmente individualizado. Qualquer crescimento evolutivo feito é registrado somente na consciência daquela essência primária, ou elemento, e não na entidade temporariamente individualizada do elemental. Estando sem o organismo composto do homem e carentes de seus veículos espirituais e intelectuais, os espíritos da Natureza são subumanos em sua inteligência racional, mas de suas funções — limitadas a um elemento — resultou um tipo especializado de inteligência muito à frente do homem naquelas linhas de pesquisa peculiares ao elemento em que existem.

Os termos íncubo e súcubo foram aplicados indiscriminadamente pelos Padres da Igreja aos elementais. O íncubo e o súcubo, no entanto, são criações malignas e não naturais, enquanto elementais é um termo coletivo para todos os habitantes das quatro essências elementais. De acordo com Paracelso, o íncubo e o súcubo (que são macho e fêmea, respectivamente) são criaturas parasitárias que subsistem dos pensamentos e emoções malignas do corpo astral. Esses termos também são aplicados aos organismos superfísicos de feiticeiros e magos negros. Embora essas larvas não sejam, em nenhum sentido, seres imaginários, elas são, no entanto, descendentes da imaginação. Pelos antigos sábios, elas eram reconhecidas como a causa invisível do vício porque pairam nos éteres que cercam os moralmente fracos e continuamente os incitam a excessos de natureza degradante. Por essa razão, eles frequentam a atmosfera do antro de drogas, do mergulho e do bordel, onde se ligam aos infelizes que se entregaram à iniquidade. Ao permitir que seus sentidos se tornem amortecidos pela indulgência em drogas formadoras de hábitos ou estimulantes alcoólicos, o indivíduo se torna temporariamente em rapport com esses habitantes do plano astral. As huris vistas pelo viciado em haxixe ou ópio e os monstros lúgubres que atormentam a vítima de delirium tremens são exemplos de seres submundanos, visíveis apenas para aqueles cujas práticas malignas são o ímã para sua atração.

Diferindo amplamente dos elementais e também dos íncubos e súcubos está o vampiro, que é definido por Paracelso como o corpo astral de uma pessoa viva ou morta (geralmente o último estado). O vampiro busca prolongar a existência no plano físico roubando dos vivos suas energias vitais e apropriando-se indevidamente dessas energias para seus próprios fins.

Em seu De Ente Spirituali, Paracelso escreve assim sobre esses seres malignos: "Uma pessoa saudável e pura não pode se tornar obcecada por eles, porque tais Larvas só podem agir sobre os homens se estes últimos abrirem espaço para elas em suas mentes. Uma mente saudável é um castelo que não pode ser invadido sem a vontade de seu mestre; mas se lhes for permitido entrar, excitam as paixões de homens e mulheres, criam desejos neles, produzem maus pensamentos que agem de forma prejudicial sobre o cérebro; aguçam o intelecto animal e sufocam o senso moral. Os espíritos malignos obcecam apenas aqueles seres humanos nos quais a

natureza animal predomina. Mentes que são iluminadas pelo espírito da verdade não podem ser possuídas; apenas aqueles que são habitualmente guiados por seus próprios impulsos inferiores podem se tornar sujeitos às suas influências." (Veja Paracelso , de Franz Hartmann.)

Um conceito estranho, e um tanto em desacordo com o convencional, é aquele desenvolvido pelo Conde de Gabalis a respeito da concepção imaculada , a saber, que ela representa a união de um ser humano com um elemental. Entre os descendentes de tais uniões, ele lista Hércules, Aquiles, Enéias, Teseu, Melquisedeque, o divino Platão, Apolônio de Tiana e Merlin, o Mago.

Um SILFO.

Do esboço de Howard Wookey.

As sílfides eram entidades mutáveis, passando de um lado para o outro com a rapidez de um relâmpago. Elas trabalham através dos gases e éteres da terra e são gentilmente dispostas aos seres humanos. Elas são quase sempre representadas como aladas, às vezes como pequenos querubins e outras vezes como delicadas fadas.

Farmacologia Hermética, Química e Terapêutica

A ARTE da cura era originalmente uma das ciências secretas do sacerdócio, e o mistério de sua fonte é obscurecido pelo mesmo véu que esconde a gênese da crença religiosa. Todas as formas superiores de conhecimento estavam originalmente em posse das castas sacerdotais. O templo era o berço da civilização. Os sacerdotes, exercendo sua prerrogativa divina, faziam as leis e as aplicavam; nomeavam os governantes e os controlavam; ministravam às necessidades dos vivos e guiavam os destinos dos mortos. Todos os ramos do aprendizado eram monopolizados pelo sacerdócio, que admitia em suas fileiras apenas aqueles intelectualmente e moralmente qualificados para perpetuar seu arcano. A seguinte citação do Estadista de Platão é pertinente ao assunto: "* * * no Egito, o próprio Rei não tem permissão para reinar, a menos que tenha poderes sacerdotais; e se ele for de outra classe e tiver obtido o trono pela violência, ele deve se inscrever no sacerdócio."

Candidatos aspirantes a membros das ordens religiosas passavam por testes severos para provar seu valor. Essas provações eram chamadas de iniciações . Aqueles que passavam por elas com sucesso eram recebidos como irmãos pelos sacerdotes e eram instruídos nos ensinamentos secretos. Entre os antigos, filosofia, ciência e religião nunca foram consideradas unidades separadas: cada uma era considerada parte integrante do todo. A filosofia era científica e religiosa; a ciência era filosófica e religiosa; a religião era filosófica e científica. A sabedoria perfeita era considerada inatingível, exceto como resultado da harmonização de todas essas três expressões de atividade mental e moral.

Enquanto os médicos modernos creditam Hipócrates como o pai da medicina, os antigos terapeutas atribuíram ao imortal Hermes a distinção de ser o fundador da arte da cura. Clemens Alexandrinus, ao descrever os livros supostamente do estilete de Hermes, dividiu os escritos sagrados em seis classificações gerais, uma das quais, o Pastophorus , era dedicada à ciência da medicina. A Smaragdine , ou Tábua de Esmeralda encontrada no vale de Ebron e geralmente creditada a Hermes, é na realidade uma fórmula química de uma ordem elevada e secreta.

Hipócrates, o famoso médico grego, durante o quinto século antes de Cristo, dissociou a arte da cura das outras ciências do templo e, assim, estabeleceu um precedente para a separação. Uma das consequências é o atual materialismo científico crasso e generalizado. Os antigos perceberam a interdependência das ciências. Os modernos não; e, como resultado, sistemas incompletos de aprendizado estão tentando manter o individualismo isolado. Os obstáculos que confrontam a pesquisa científica atual são, em grande parte, o resultado de limitações preconceituosas impostas por aqueles que não estão dispostos a aceitar o que transcende as percepções concretas dos cinco sentidos humanos primários.

O SISTEMA PARACELSIANO DE FILOSOFIA MÉDICA

Durante a Idade Média, os axiomas e fórmulas da sabedoria hermética, há muito ignorados, foram reunidos mais uma vez, e registrados, e tentativas sistemáticas foram feitas para testar sua precisão. A Teofrasto de Hohenheim, que se autodenominava Paracelso (um nome que significa "maior que Celso"), o mundo é devedor de muito do conhecimento que agora possui dos antigos sistemas de medicina. Paracelso dedicou sua vida inteira ao estudo e exposição da filosofia hermética. Cada noção e teoria era grão para seu moinho, e, enquanto os membros da fraternidade médica menosprezam sua memória agora, pois se opunham ao seu sistema então, o mundo oculto sabe que ele ainda será reconhecido como o maior médico de todos os tempos. Embora o temperamento heterodoxo e exótico de Paracelso tenha sido usado contra ele por seus inimigos, e sua sede de viajar tenha sido chamada de vagabundagem, ele foi uma das poucas mentes que inteligentemente buscou reconciliar a arte da cura com os sistemas filosóficos e religiosos do paganismo e do cristianismo.

Ao defender seu direito de buscar conhecimento em todas as partes da Terra e entre todas as classes da sociedade, Paracelso escreveu: "Portanto, considero que é para mim uma questão de louvor, não de culpa, que eu tenha até agora e dignamente perseguido minhas andanças. Pois disto darei testemunho a respeito da natureza: aquele que investigar seus caminhos deve percorrer seus livros com seus pés. O que está escrito é investigado por suas letras, mas a natureza de terra em terra - como frequentemente uma terra, frequentemente uma folha. Assim é o Codex da Natureza, assim suas folhas devem ser viradas." (Paracelso , por John Maxson Stillman.)

Paracelso foi um grande observacionalista, e aqueles que o conheceram melhor o chamaram de "O Segundo Hermes" e "O Trismegisto da Suíça". Ele viajou pela Europa de ponta a ponta, e pode ter penetrado em terras orientais enquanto desvendava superstições e desenterrava doutrinas supostamente perdidas. Dos ciganos, ele aprendeu muito sobre os usos de simples, e aparentemente dos árabes sobre a fabricação de talismãs e as influências dos corpos celestes. Paracelso sentiu que a cura dos doentes era de muito maior importância do que a manutenção de uma posição médica ortodoxa, então ele sacrificou o que poderia ter sido uma carreira médica digna e, ao custo de perseguição ao longo da vida, atacou amargamente os sistemas terapêuticos de sua época.

O mais importante em sua mente era a hipótese de que tudo no universo é bom para alguma coisa — o que explica seu corte de fungos de lápides e coleta de orvalho em pratos de vidro à meia-noite. Ele era um verdadeiro explorador do arcano da Natureza. Muitas autoridades sustentaram a opinião de que ele foi o descobridor do mesmerismo, e que Mesmer desenvolveu a arte como resultado do estudo dos escritos deste grande médico suíço.

O total desprezo que Paracelso sentia pelos estreitos sistemas de medicina em voga durante sua vida, e sua convicção de sua inadequação, são melhor expressos em sua própria maneira pitoresca: "Mas o número de doenças que se originam de algumas causas desconhecidas é muito maior do que aquelas que vêm de causas mecânicas, e para tais doenças nossos médicos não conhecem cura porque, não conhecendo tais causas, eles não podem removê-las. Tudo o que eles podem fazer

com prudência é observar o paciente e fazer suas suposições sobre sua condição; e o paciente pode ficar satisfeito se os medicamentos administrados a ele não causarem danos sérios e não impedirem sua recuperação. Os melhores de nossos médicos populares são aqueles que causam menos danos. Mas, infelizmente, alguns envenenam seus pacientes com mercúrio, outros os purgam ou os sangram até a morte. Há alguns que aprenderam tanto que seu aprendizado expulsou todo o seu bom senso, e há outros que se importam muito mais com seu próprio lucro do que com a saúde de seus pacientes. Uma doença não muda seu estado para se acomodar ao conhecimento do médico, mas o médico deve entender as causas da doença. Um médico deve ser um servo da Natureza, e não seu inimigo; ele deve ser capaz de guiá-la e direcioná-la em sua luta pela vida e não lançar, por sua interferência irracional, novos obstáculos no caminho da recuperação." (Do Paragranum , traduzido por Franz Hartmann.)

A crença de que quase todas as doenças têm sua origem na natureza invisível do homem (o Astrum) é um preceito fundamental da medicina hermética, pois, embora os hermetistas não desconsiderassem o corpo físico de forma alguma, eles acreditavam que a constituição material do homem era uma emanação de, ou uma objetificação de, seus princípios espirituais invisíveis. Segue um breve, mas acredita-se que bastante abrangente, resumo dos princípios herméticos de Paracelso.

De
LAPIDE PHILOSO-
PHICO
PERBREVE OPUS.
CULUM,
QUOD AB IGNOTO ALIQUO GER-
manico Philosopho, pene ante ducentos annos,
conscripum & LIBER ALZE nuncupatum fuit,
nunc vero in lucem editum.
FRANCOFURTI
Apud HERMANNUM a SANDE.
Anno M DC LXXVII.

A PÁGINA DE TÍTULO DO LIVRO DE ALZE.

Extraído do Musæum Hermeticum Reformatum et Amplificatum .

Esta página de título é mais um exemplo de simbolismo hermético e alquímico. A estrela de sete pontas dos metais sagrados é disposta de modo que um ponto preto fique para baixo, simbolizando Saturno, o Destruidor. Começando no espaço imediatamente à esquerda do ponto preto, a leitura no sentido horário revela a palavra enigmática VITRIOL formada pelas letras maiúsculas das sete palavras latinas no círculo externo.

Há uma substância vital na Natureza sobre a qual todas as coisas subsistem. Ela é chamada archæus , ou força vital , e é sinônimo da luz astral ou ar espiritual dos antigos. Em relação a essa substância, Eliphas Levi escreveu: "Luz, aquele agente criativo, cujas vibrações são o movimento e a vida de todas as coisas; luz, latente no éter universal, irradiando sobre centros absorventes, que, sendo saturados por isso, projetam movimento e vida por sua vez, formando assim correntes criativas; luz, astralizada nas estrelas, animalizada em animais, humanizada em seres humanos; luz, que vegeta todas as plantas, brilha em metais, produz todas as formas da Natureza e equilibra tudo pelas leis da simpatia universal - esta é a luz que exibe os fenômenos do magnetismo, adivinhados por Paracelso, que tinge o sangue, sendo liberado do ar à medida que é inalado e descarregado pelos foles herméticos dos pulmões." (A História da Magia .)

Esta energia vital tem sua origem no corpo espiritual da terra. Cada coisa criada tem dois corpos, um visível e substancial, o outro invisível e transcendente. Este último consiste em uma contraparte etérea da forma física; constitui o veículo do archæus , e pode ser chamado de corpo vital . Esta bainha de sombra etérica não é dissipada pela morte, mas permanece até que a forma física seja totalmente desintegrada. Esses "duplos etéricos", vistos ao redor de cemitérios, deram origem a uma crença em fantasmas. Sendo muito mais fino em suas substâncias do que o corpo terrestre, o duplo etérico é muito mais suscetível a impulsos e desarmonias. São os distúrbios deste corpo de luz astral que causam muitas doenças. Paracelso ensinou que uma pessoa com uma atitude mental mórbida poderia envenenar sua própria natureza etérica, e esta infecção, desviando o fluxo natural da força vital , mais tarde apareceria como uma doença física. Todas as plantas e minerais têm uma natureza invisível composta deste "archæus", mas cada um o manifesta de uma maneira diferente.

Sobre os corpos de luz astral das flores, James Gaffarel, em 1650, escreveu o seguinte: "Eu respondo que, embora sejam cortadas em pedaços, trituradas em um pilão e até mesmo queimadas até virarem cinzas; ainda assim, elas retêm (por um certo segredo e maravilhoso poder da natureza), tanto no suco quanto nas cinzas, a mesma forma e figura que tinham antes: e embora não seja visível ali, pode ser extraída pela arte e tornada visível aos olhos por um artista. Talvez isso pareça uma história ridícula para aqueles que leem apenas os títulos dos livros: mas, aqueles que quiserem, podem ver essa verdade confirmada, se recorrerem às obras de M. du Chesne, S. de la Violette, um dos melhores químicos que nossa era produziu; que afirma que viu um excelente médico polich de Cracóvia, que mantinha, em

vidros, as cinzas de quase todas as flores conhecidas: de modo que, quando alguém, por curiosidade, tinha o desejo de ver qualquer uma delas, como (por exemplo) uma rosa, em um de seus copos, ele pegava aquele onde as cinzas de uma rosa eram preservadas; e segurando-o sobre uma vela acesa, assim que começasse a sentir o calor, você deveria ver imediatamente as cinzas começarem a se mover; que depois se elevando e se dispersando ao redor do copo, você deveria imediatamente observar uma espécie de pequena nuvem escura; que se dividindo em muitas partes, veio a representar uma rosa; mas tão bela, tão fresca e tão perfeita, que você pensaria que ela era tão substancial e tão odorífera quanto uma rosa que cresce na roseira." (Curiosidades inéditas sobre esculturas talismânicas dos persas .)

Paracelso, reconhecendo os distúrbios do duplo etérico como a causa mais importante da doença, procurou reharmonizar suas substâncias colocando em contato com ele outros corpos cuja energia vital poderia suprir os elementos necessários, ou eram fortes o suficiente para superar as condições doentes existentes na aura do sofredor. Sua causa invisível tendo sido assim removida, a doença rapidamente desapareceu.

O veículo para o archæus , ou força vital, Paracelso chamou de mumia . Um bom exemplo de uma mumia física é a vacina, que é o veículo de um vírus semiastral. Qualquer coisa que sirva como um meio para a transmissão do archæus, seja orgânico ou inorgânico, verdadeiramente físico ou parcialmente espiritualizado, era denominado mumia. A forma mais universal da mumia era o éter, que a ciência moderna aceitou como uma substância hipotética servindo como um meio entre o reino da energia vital e o da substância orgânica e inorgânica.

O controle da energia universal é virtualmente impossível, exceto por meio de um de seus veículos (a mumia). Um bom exemplo disso é a comida. O homem não obtém nutrição de organismos animais ou vegetais mortos, mas quando ele incorpora suas estruturas em seu próprio corpo, ele primeiro ganha controle sobre a mumia, ou duplo etérico, do animal ou planta. Tendo obtido esse controle, o organismo humano então desvia o fluxo do archæus para seus próprios usos. Paracelso diz: "Aquilo que constitui a vida está contido na Mumia, e ao transmitir a Mumia nós transmitimos vida." Este é o segredo das propriedades curativas de talismãs e amuletos, pois a mumia das substâncias das quais eles são compostos serve como um canal para conectar a pessoa que os usa com certas manifestações da força vital universal.

De acordo com Paracelso, da mesma forma que as plantas purificam a atmosfera ao aceitar em suas constituições o dióxido de carbono exalado por animais e humanos, as plantas e os animais podem aceitar elementos de doenças transferidos a eles por seres humanos. Essas formas inferiores de vida, tendo organismos e necessidades diferentes do homem, muitas vezes são capazes de assimilar essas substâncias sem efeitos nocivos. Em outras ocasiões, a planta ou o animal morre, sacrificado para que a criatura mais inteligente e, consequentemente, mais útil, possa sobreviver. Paracelso descobriu que, em ambos os casos, o paciente era gradualmente aliviado de sua doença. Quando a vida inferior havia assimilado completamente a múmia estranha do paciente, ou havia morrido e se desintegrado

como resultado de sua incapacidade de fazê-lo, a recuperação completa resultava. Muitos anos de investigação foram necessários para determinar qual erva ou animal aceitava mais prontamente a múmia de cada uma das várias doenças.

Paracelso descobriu que, em muitos casos, as plantas revelavam, por sua forma, os órgãos particulares do corpo humano aos quais serviam de forma mais eficaz. O sistema médico de Paracelso era baseado na teoria de que, ao remover a múmia etérica doente do organismo do paciente e fazer com que ela fosse aceita na natureza de alguma coisa distante e desinteressada de valor comparativamente pequeno, era possível desviar do paciente o fluxo do archæus que vinha continuamente revitalizando e nutrindo a doença. Seu veículo de expressão sendo transplantado, o archæus necessariamente acompanhava sua múmia, e o paciente se recuperava.

A TEORIA HERMÉTICA SOBRE AS CAUSAS DAS DOENÇAS

De acordo com os filósofos herméticos, havia sete causas primárias de doenças. A primeira eram os espíritos malignos . Estes eram considerados criaturas nascidas de ações degeneradas, subsistindo das energias vitais daqueles a quem se ligavam. A segunda causa era um desarranjo da natureza espiritual e da natureza material : estas duas, falhando em coordenar, produziam

JOHANNIS BAPTISTAE VON HELMONT.

Do Ausgang der Artznen-Kunst de von Helmont .

No início do século XVII, von Helmont, o alquimista belga (a quem, incidentalmente, o mundo é devedor do termo comum gás , distinto de outros tipos de ar), enquanto fazia experiências com a raiz de A---, tocou-a na ponta da língua, sem engolir nada da substância. Ele próprio descreve o resultado da seguinte maneira:

"Imediatamente minha cabeça pareceu amarrada firmemente com uma corda, e logo depois aconteceu comigo uma circunstância singular como eu nunca havia experimentado antes. Observei com espanto que eu não sentia e pensava mais com a cabeça, mas com a região do estômago, como se a consciência agora tivesse tomado seu assento no estômago. Aterrorizado por esse fenômeno incomum, perguntei a mim mesmo e investiguei a mim mesmo cuidadosamente; mas só fiquei mais convencido de que meu poder de percepção se tornou maior e mais abrangente. Essa clareza intelectual estava associada a grande prazer. Eu não dormia, nem sonhava; estava perfeitamente sóbrio; e minha saúde era perfeita. Eu ocasionalmente tinha êxtases, mas estes não tinham nada em comum com essa condição do estômago, em que ele pensava e sentia, e quase excluía toda

cooperação da cabeça. Nesse ínterim, meus amigos estavam preocupados com o medo de que eu pudesse enlouquecer. Mas minha fé em Deus e minha submissão à Sua vontade logo dissiparam esse medo. Esse estado continuou por duas horas, depois das quais tive a mesma tontura. Depois disso, experimentei frequentemente o A---, mas nunca mais consegui reproduzir essas sensações." (Van Helmont, Demens idea . Reimpresso por P. Davidson em The Mistletoe and Its Philosophy .)

Von Helmont é apenas um dos muitos que acidentalmente descobriram os segredos dos primeiros sacerdócios, mas ninguém nesta era dá evidência de uma compreensão adequada dos antigos segredos herméticos. Da descrição que von Helmont dá, é provável que a erva mencionada por ele paralisou temporariamente o sistema nervoso cerebrospinal, o resultado sendo que a consciência foi forçada a funcionar através do sistema nervoso simpático e seu cérebro--o plexo solar.

subnormalidade mental e física. A terceira era uma atitude mental doentia ou anormal . Melancolia, emoções mórbidas, excesso de sentimentos, como paixões, luxúrias, ganâncias e ódios, afetavam a múmia, da qual reagiam no corpo físico, onde resultavam em úlceras, tumores, cânceres, febres e tuberculose. Os antigos viam o germe da doença como uma unidade de múmia que havia sido impregnada com as emanações de influências malignas com as quais havia entrado em contato. Em outras palavras, os germes eram criaturas minúsculas nascidas dos pensamentos e ações malignas do homem.

A quarta causa da doença era o que os orientais chamavam de Karma , ou seja, a Lei da Compensação, que exigia que o indivíduo pagasse integralmente pelas indiscrições e delinquências do passado. Um médico tinha que ser muito cuidadoso em como interferir no funcionamento desta lei, para não frustrar o plano da justiça eterna. A quinta causa era o movimento e os aspectos dos corpos celestes . As estrelas não compeliam a doença, mas sim a impulsionavam. Os hermetistas ensinavam que um homem forte e sábio governava suas estrelas, mas que uma pessoa negativa e fraca era governada por elas. Essas cinco causas da doença são todas de natureza superfísica. Elas devem ser estimadas por raciocínio indutivo e dedutivo e uma consideração cuidadosa da vida e temperamento do paciente.

A sexta causa da doença era o mau uso da faculdade, órgão ou função , como forçar demais um membro ou sobrecarregar os nervos. A sétima causa era a presença no sistema de substâncias estranhas, impurezas ou obstruções . Sob este título devem ser considerados dieta, ar, luz solar e a presença de corpos estranhos. Esta lista não inclui ferimentos acidentais; estes não pertencem ao título de doença. Frequentemente, são métodos pelos quais a Lei do Karma se expressa.

De acordo com os hermetistas, a doença poderia ser prevenida ou combatida com sucesso de sete maneiras. Primeiro, por feitiços e invocações, nas quais o médico ordenava que o espírito maligno que causava a doença se afastasse do paciente. Esse procedimento provavelmente foi baseado no relato bíblico do homem possuído por demônios que Jesus curou ordenando que os demônios deixassem o homem e entrassem em um rebanho de porcos. Às vezes, os espíritos malignos entravam em um paciente a manada de alguém que desejava machucá-lo. Nesses casos, o médico ordenava que os espíritos retornassem para aquele que os enviou. Está

registrado que, em alguns casos, os espíritos malignos partiam pela boca na forma de nuvens de fumaça; às vezes, pelas narinas como chamas. É até mesmo afirmado que os espíritos podem partir na forma de pássaros e insetos.

O segundo método de cura era por vibração. As desarmonias dos corpos eram neutralizadas por meio de cânticos de feitiços e entoação de nomes sagrados ou tocando instrumentos musicais e cantando. Às vezes, artigos de várias cores eram expostos à vista dos doentes, pois os antigos reconheciam, pelo menos em parte, o princípio da terapia das cores, agora em processo de redescoberta.

O terceiro método era com a ajuda de talismãs, amuletos e amuletos. Os antigos acreditavam que os planetas controlavam as funções do corpo humano e que, ao fazer amuletos de diferentes metais, eles poderiam combater as influências malignas das várias estrelas. Assim, uma pessoa anêmica não tem ferro. Acreditava-se que o ferro estava sob o controle de Marte. Portanto, para trazer a influência de Marte ao sofredor, em volta do pescoço era pendurado um talismã feito de ferro e com certas instruções secretas que tinham a reputação de ter o poder de invocar o espírito de Marte. Se houvesse muito ferro no sistema, o paciente era submetido à influência de um talismã composto do metal correspondente a algum planeta que tivesse antipatia por Marte. Essa influência então compensaria a energia de Marte e, assim, ajudaria a restaurar a normalidade.

O quarto método era com a ajuda de ervas e simples. Enquanto eles usavam talismãs de metal, a maioria dos médicos antigos não aprovava a medicina mineral em nenhuma forma para uso interno. Ervas eram seus remédios favoritos. Como os metais, cada erva era atribuída a um dos planetas. Tendo diagnosticado pelas estrelas a doença e sua causa, os médicos então administravam o antídoto herbal.

O quinto método de cura de doenças era pela oração. Todos os povos antigos acreditavam na intercessão compassiva da Divindade para o alívio do sofrimento humano. Paracelso disse que a fé curaria todas as doenças. Poucas pessoas, no entanto, possuem um grau suficiente de fé.

O sexto método — que era prevenção em vez de cura — era a regulação da dieta e dos hábitos diários da vida. O indivíduo, evitando as coisas que causavam doenças, permanecia bem. Os antigos acreditavam que a saúde era o estado normal do homem; a doença era o resultado do desrespeito do homem aos ditames da Natureza.

O sétimo método era a "medicina prática", consistindo principalmente em sangria, purgação e linhas de tratamento semelhantes. Esses procedimentos, embora úteis com moderação, eram perigosos em excesso. Muitos cidadãos úteis morreram vinte e cinco ou cinquenta anos antes do seu tempo como resultado de purgação drástica ou de ter todo o sangue drenado do corpo.

Paracelso usou todos os sete métodos de tratamento, e até mesmo seus piores inimigos admitiram que ele obteve resultados quase milagrosos em caráter. Perto de sua antiga propriedade em Hohenheim, o orvalho cai muito pesadamente em certas estações do ano, e Paracelso descobriu que, ao reunir o orvalho sob certas

configurações dos planetas, ele obtinha uma água possuindo virtude medicinal maravilhosa, pois havia absorvido as propriedades dos corpos celestes.

HERMÉTICA E FARMACOLOGIA

As ervas dos campos eram sagradas para os primeiros pagãos, que acreditavam que os deuses tinham feito plantas para a cura de doenças humanas. Quando devidamente preparadas e aplicadas, cada raiz e arbusto poderiam ser usados para o alívio do sofrimento, ou para o desenvolvimento de poderes espirituais, mentais, morais ou físicos. Em The Mistletoe and Its Philosophy , P. Davidson presta a seguinte bela homenagem às plantas: "Livros foram escritos sobre a linguagem das flores e ervas, o poeta desde os primeiros tempos manteve a mais doce e amorosa conversa com elas, os reis ficam até felizes em obter suas essências em segunda mão para se perfumarem; mas para o verdadeiro médico - o Sumo Sacerdote da Natureza - eles falam em uma linha muito mais elevada e exaltada. Não há uma planta ou mineral que tenha revelado a última de suas propriedades aos cientistas. Como eles podem se sentir confiantes de que para cada uma das propriedades descobertas pode não haver muitos poderes ocultos na natureza interna da planta? Bem, as flores foram chamadas de 'Estrelas da Terra', e por que não deveriam ser bonitas? Elas não sorriam desde o momento de seu nascimento no esplendor do sol durante o dia e dormiam sob o brilho das estrelas à noite? Elas não vieram de outro mundo mais espiritual para a nossa terra, visto que Deus fez 'cada planta do campo ANTES que estivesse no terra, e toda erva do campo ANTES QUE CRESCESSE?"

Muitos povos primitivos usavam remédios herbais, com muitas curas notáveis. Os chineses, egípcios e índios americanos curavam com ervas doenças para as quais a ciência moderna não conhece remédio. O Dr. Nicholas Culpeper, cuja vida útil terminou em 1654, foi provavelmente o mais famoso dos herbalistas. Descobrindo que os sistemas médicos de sua época eram extremamente insatisfatórios, Culpeper voltou sua atenção para as plantas dos campos e descobriu um meio de cura que lhe rendeu renome nacional.

Na correlação de astrologia e herbalismo do Doutor Culpeper, cada planta estava sob a jurisdição de um dos planetas ou luminares. Ele acreditava que a doença também era controlada por configurações celestes. Ele resumiu seu sistema de tratamento da seguinte forma: "Você pode opor doenças por Ervas do planeta oposto ao planeta que as causa: como doenças de Júpiter por Ervas de Mercúrio, e o contrário; doenças dos Luminares pelas Ervas de Saturno, e o contrário; doenças de Marte por Ervas de Vênus e o contrário. * * * Há uma maneira de curar doenças às vezes por Simpatia, e assim cada planeta cura sua própria doença; como o Sol e a Lua por suas Ervas curam os Olhos, Saturno o Baço, Júpiter o Fígado, Marte a Bílis e doenças de cólera, e doenças de Vênus nos Instrumentos de Geração." (The Complete Herbal .)

Herbalistas europeus medievais redescobriram apenas em parte os antigos segredos herméticos do Egito e da Grécia. Essas nações anteriores desenvolveram os fundamentos de quase todos os arcos e ciências modernas.

NICHOLAS CULPEPER

Este famoso médico, herbalista e astrólogo passou a maior parte de sua vida útil percorrendo as colinas e florestas da Inglaterra e catalogando literalmente centenas de ervas medicinais. Condenando os métodos não naturais dos médicos contemporâneos, Culpeper escreveu: "Não sendo este um livro agradável e menos proveitoso, consultei meus dois irmãos, DR. REASON e DR. EXPERIENCE, e fiz uma viagem para visitar minha mãe NATUREZA, por cujo conselho, juntamente com a ajuda do Dr. DILIGENCE, finalmente obtive meu desejo; e, sendo avisado pelo SR. HONESTIDADE, um estranho em nossos dias, para publicá-lo para o mundo, eu o fiz." (Da introdução à edição de 1835 de The Complete Herbal .) O Dr. Johnson disse sobre Culpeper que ele merecia a gratidão da posteridade.

[parágrafo continua] Naquela época, os métodos usados na cura estavam entre os segredos transmitidos aos iniciados dos Mistérios. Unções, colírios, filtros e poções eram preparados com o acompanhamento de estranhos ritos. A eficácia desses medicamentos é uma questão de registro histórico. Incensos e perfumes também eram muito usados.

Barrett, em seu Magus, descreve a teoria na qual eles trabalharam, da seguinte forma: "Pois, como nosso espírito é o vapor puro, sutil, lúcido, arejado e untuoso do sangue, nada, portanto, é mais adequado para colírios do que vapores semelhantes

que são mais adequados ao nosso espírito em substância; pois então, em razão de sua semelhança, eles mais agitam, atraem e transformam o espírito."

Venenos eram estudados minuciosamente, e em algumas comunidades extratos de ervas mortais eram administrados a pessoas sentenciadas à morte--como no caso de Sócrates. Os infames Bórgias da Itália desenvolveram a arte do envenenamento ao seu mais alto grau. Inúmeros homens e mulheres brilhantes foram silenciosamente e eficientemente eliminados pelo conhecimento quase sobre-humano da química que por muitos séculos foi preservado na família Bórgia.

Sacerdotes egípcios descobriram extratos de ervas por meio dos quais a clarividência temporária poderia ser induzida, e eles faziam uso delas durante os rituais iniciáticos de seus Mistérios. As drogas eram às vezes misturadas com a comida dada aos candidatos, e em outras vezes eram apresentadas na forma de poções sagradas, cuja natureza era explicada. Logo após as drogas serem administradas a ele, o neófito foi atacado por um ataque de tontura. Ele se viu flutuando pelo espaço, e enquanto seu corpo físico estava absolutamente insensível (sendo guardado por sacerdotes para que nenhum mal lhe acontecesse), o candidato passou por uma série de experiências estranhas, que ele foi capaz de relatar após recuperar a consciência. À luz do conhecimento atual, é difícil apreciar uma arte tão altamente desenvolvida que por meio de poções, perfumes e incensos qualquer atitude mental desejada poderia ser induzida quase instantaneamente, mas tal arte realmente existia entre o sacerdócio do mundo pagão primitivo.

Sobre este assunto, HP Blavatsky, o principal ocultista do século XIX, escreveu: 'As plantas também têm propriedades místicas semelhantes em um grau mais maravilhoso, e os segredos das ervas dos sonhos e encantamentos estão perdidos apenas para a ciência europeia, e inútil dizer, também são desconhecidos para ela, exceto em alguns casos marcantes, como ópio e haxixe. No entanto, os efeitos psíquicos mesmo desses poucos sobre o sistema humano são considerados evidências de um transtorno mental temporário. As mulheres da Tessália e do Épiro, as hierofantes femininas dos ritos de Sabázio, não levaram seus segredos embora com a queda de seus santuários. Eles ainda são preservados, e aqueles que estão cientes da natureza do Soma, conhecem as propriedades de outras plantas também." (Ísis sem Véu .)

Compostos herbais eram usados para causar clarividência temporária em conexão com os oráculos, especialmente o de Delfos. Palavras ditas durante esses transes impostos eram consideradas proféticas. Médiuns modernos, embora sob controle como resultado de catalepsia parcialmente autoimposta, dão mensagens um tanto semelhantes às dos antigos profetas, mas na maioria dos casos seus resultados são muito menos precisos, pois os adivinhos de hoje não têm conhecimento das forças ocultas da Natureza.

Os Mistérios ensinavam que durante os graus mais altos de iniciação os próprios deuses participavam da instrução dos candidatos ou pelo menos estavam presentes, o que era em si uma bênção. Como as divindades habitavam os mundos invisíveis e vinham apenas em seus corpos espirituais, era impossível para o neófito conhecê-las sem a assistência de drogas que estimulavam o centro clarividente de

sua consciência (provavelmente a glândula pineal). Muitos iniciados nos antigos Mistérios declararam enfaticamente que haviam conversado com os imortais e contemplado os deuses.

Quando os padrões dos pagãos se corromperam, uma divisão ocorreu nos Mistérios. O bando de verdadeiramente iluminados se separou do resto e, preservando o mais importante de seus segredos, desapareceu sem deixar rastros. O resto lentamente foi à deriva, como navios sem leme, nas rochas da degeneração e desintegração. Algumas das fórmulas secretas menos importantes caíram nas mãos dos profanos, que as perverteram - como no caso das Bacanálias, durante as quais as drogas eram misturadas ao vinho e se tornavam a causa real das orgias.

Em certas partes da Terra, sustentava-se que havia poços, fontes ou fontes naturais, nos quais a água (por causa dos minerais pelos quais ela corria) era tingida com propriedades sagradas. Templos eram frequentemente construídos perto desses pontos e, em alguns casos, cavernas naturais que por acaso estavam nas proximidades eram santificadas para alguma divindade.

"Os aspirantes à iniciação, e aqueles que vinham pedir sonhos proféticos aos Deuses, eram preparados por um jejum, mais ou menos prolongado, após o qual participavam de refeições expressamente preparadas; e também de bebidas misteriosas, como a água de Letes, e a água de Mnemosine na gruta de Trofônio; ou do Ciceion nos mistérios de Eleusinia. Diferentes drogas eram facilmente misturadas com as carnes ou introduzidas nas bebidas, de acordo com o estado de espírito ou corpo em que era necessário jogar o recipiente, e a natureza das visões que ele desejava obter.'' (As Ciências Ocultas de Salverte .) O mesmo autor afirma que certas seitas do cristianismo primitivo eram acusadas de usar drogas para os mesmos propósitos gerais que os pagãos.

A seita dos Assassinos, ou os Yezidees como são mais geralmente conhecidos, demonstrou um aspecto bastante interessante do problema das drogas. No século XI, esta ordem, ao capturar a fortaleza do Monte Alamont, estabeleceu-se em Irak. Hassan Sabbah, o fundador da ordem, conhecido como o "Velho da Montanha", é suspeito de ter controlado seus seguidores pelo uso de narcóticos. Hassan fez seus seguidores acreditarem que estavam no Paraíso, onde estariam para sempre se o obedecessem implicitamente enquanto estivessem vivos. De Quincey, em suas Confissões de um Comedor de Ópio , descreve os efeitos psicológicos peculiares produzidos por este produto da papoula, e o uso de uma droga semelhante pode ter dado origem à ideia do Paraíso que encheu as mentes dos Yezidees.

Os filósofos de todas as eras ensinaram que o universo visível era apenas uma parte fracionária do todo, e que por analogia o corpo físico do homem é na realidade a parte menos importante de sua constituição composta. A maioria dos sistemas médicos de hoje ignora quase completamente o homem superfísico. Eles prestam pouca atenção às causas, e concentram seus esforços em melhorar os efeitos. Paracelso, notando a mesma propensão por parte dos médicos durante sua época, observou apropriadamente: "Há uma grande diferença entre o poder que remove as causas invisíveis da doença, e que é Magia, e aquele que faz com que

efeitos meramente externos desapareçam, e que é Física, Feitiçaria e Charlatanismo." (Traduzido por Franz Hartmann.)

A doença não é natural e é evidência de que há um desajuste dentro ou entre órgãos ou tecidos. A saúde permanente não pode ser recuperada até que a harmonia seja restaurada. A virtude notável da medicina hermética era seu reconhecimento de distúrbios espirituais e psicofísicos como sendo amplamente responsáveis pela condição que é chamada de doença física. A terapia sugestiva foi usada com sucesso marcante pelos médicos-sacerdotes do mundo antigo. Entre os índios americanos, os xamãs — ou "homens-curandeiros" — dissipavam a doença com a ajuda de danças misteriosas, invocações e encantos. O fato de que, apesar de sua ignorância dos métodos modernos de tratamento médico, esses feiticeiros efetuaram inúmeras curas é bem digno de consideração.

Os rituais mágicos usados pelos sacerdotes egípcios para a cura de doenças eram baseados em uma compreensão altamente desenvolvida do funcionamento complexo da mente humana e suas reações sobre a constituição física. Os mundos egípcio e brâmane, sem dúvida, entendiam o princípio fundamental da vibroterapia. Por meio de cânticos e mantras, que enfatizavam certos sons de vogais e consoantes, eles criavam reações vibratórias que dissipavam congestões e auxiliavam a Natureza na reconstrução de membros quebrados e organismos esgotados. Eles também aplicavam seu conhecimento das leis que governam a vibração à constituição espiritual do homem; por suas entonações, eles estimulavam centros latentes de consciência e, assim, aumentavam enormemente a sensibilidade da natureza subjetiva.

No Livro do Surgimento pelo Dia , muitos dos segredos egípcios foram preservados para esta geração. Embora este pergaminho antigo tenha sido bem traduzido, apenas alguns entendem o segredo: o significado de suas passagens mágicas. As raças orientais têm uma percepção aguçada da dinâmica do som. Elas sabem que cada palavra falada tem um poder tremendo e que por certos arranjos de palavras elas podem criar vórtices de força no universo invisível ao seu redor e, assim, influenciar profundamente a substância física. A Palavra Sagrada pela qual o mundo foi estabelecido, a Palavra Perdida que a Maçonaria ainda está buscando e o Nome Divino triplo simbolizado por AUM — o tom criativo dos hindus — todos são indicativos da veneração concedida ao princípio do som.

As chamadas "novas descobertas" da ciência moderna são frequentemente apenas redescobertas de segredos bem conhecidos pelos sacerdotes e filósofos do paganismo antigo. A desumanidade do homem para com o homem resultou na perda de registros e fórmulas: que, se tivessem sido preservadas, teriam resolvido muitos dos maiores problemas desta civilização. Com espada e tição, raças obliteram os registros de seus predecessores, e então inevitavelmente encontram um destino prematuro por necessidade da própria sabedoria que destruíram.

SÍLABAS QUÍMICAS.

Do Metamorfose Planetarum de De Monte-Snyders .

De Monte-Snyders declara que cada um dos caracteres acima forma uma sílaba de uma palavra com sete sílabas, a palavra em si representando a materia prima , ou primeira substância do universo. Como toda substância é composta de sete poderes combinados de acordo com certas leis cósmicas, um grande mistério está oculto dentro da constituição sétupla do homem e do universo. Dos sete caracteres acima, De Monte-Snyder escreve:

Quem quiser saber o verdadeiro nome e o caráter da matéria prima saberá que da combinação das figuras acima são produzidas sílabas, e destas o verbum significativum ."

A Cabala, a Doutrina Secreta de Israel

ALBERT PIKE, citando Transcendental Magic , resume assim a importância do Cabalismo como uma chave para o esoterismo maçônico: "A pessoa fica cheia de admiração, ao penetrar no Santuário da Cabala, ao ver uma doutrina tão lógica, tão simples e, ao mesmo tempo, tão absoluta. A união necessária de ideias e sinais, a consagração das realidades mais fundamentais pelos caracteres primitivos; a Trindade de Palavras, Letras e Números; uma filosofia simples como o alfabeto, profunda e infinita como a Palavra; teoremas mais completos e luminosos do que os de Pitágoras; uma teologia resumida pela contagem nos dedos; um Infinito que pode ser segurado na palma da mão de uma criança; dez cifras e vinte e duas letras, um triângulo, um quadrado e um círculo - esses são todos os elementos da Cabala. Esses são os princípios elementares da Palavra escrita, reflexo daquela Palavra falada que criou o mundo!" (Moral e Dogma .)

A teologia hebraica era dividida em três partes distintas. A primeira era a lei , a segunda era a alma da lei e a terceira era a alma da alma da lei . A lei era ensinada a todos os filhos de Israel; a Mishná , ou a alma da lei, era revelada aos rabinos e professores; mas a Cabala , a alma da alma da lei, era astutamente escondida, e apenas os mais altos iniciados entre os judeus eram instruídos em seus princípios secretos.

De acordo com certos místicos judeus, Moisés subiu ao Monte Sinai três vezes, permanecendo na presença de Deus quarenta dias cada vez. Durante os primeiros quarenta dias, as tábuas da lei escrita foram entregues ao profeta; durante os

segundos quarenta dias, ele recebeu a alma da lei; e durante os últimos quarenta dias, Deus o instruiu nos mistérios da Cabala, a alma da alma da lei. Moisés ocultou nos quatro primeiros livros do Pentateuco as instruções secretas que Deus lhe dera, e por séculos os estudantes do Cabalismo buscaram ali a doutrina secreta de Israel. Assim como a natureza espiritual do homem está oculta em seu corpo físico, a lei não escrita — a Mishná e a Cabala — está oculta dentro dos ensinamentos escritos do código Mosaico. Cabala significa a tradição secreta ou oculta , a lei não escrita , e de acordo com um antigo rabino, foi entregue ao homem para que, por meio da ajuda de seus princípios abstrusos, ele pudesse aprender a entender o mistério do universo ao seu redor e do universo dentro dele.

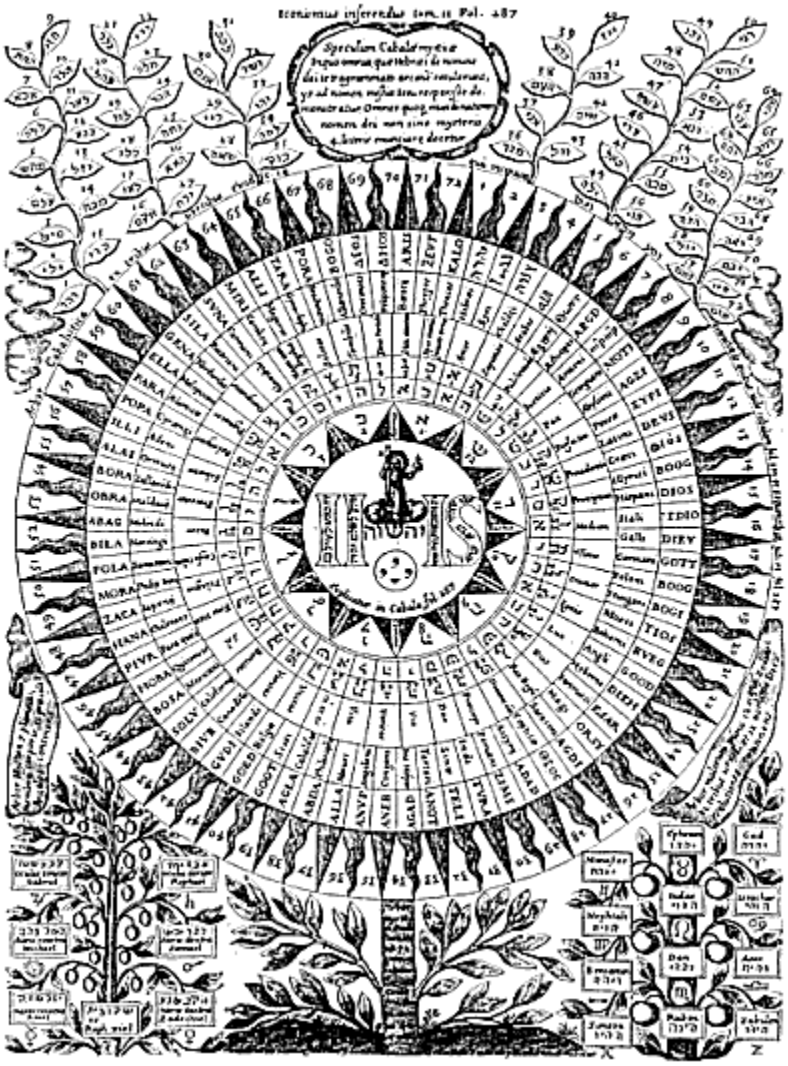
A origem do Qabbalismo é um assunto legítimo para controvérsia. Os primeiros iniciados dos Mistérios Cabalísticos acreditavam que seus princípios foram primeiramente ensinados por Deus a uma escola de Seus anjos antes da queda do homem. Os anjos mais tarde comunicaram os segredos a Adão, para que através do conhecimento obtido a partir de uma compreensão de seus princípios a humanidade caída pudesse recuperar seu estado perdido. O Anjo Raziel foi enviado do céu para instruir Adão nos mistérios da Cabala. Diferentes anjos foram empregados para iniciar os patriarcas sucessores nesta difícil ciência. Tofiel foi o professor de Sem, Rafael de Isaac, Metatron de Moisés e Miguel de Davi. (Veja Fés do Mundo .)

Christian D. Ginsburg escreveu: "De Adão, passou para Noé, e depois para Abraão, o amigo de Deus, que emigrou com ele para o Egito, onde o patriarca permitiu que uma parte dessa doutrina misteriosa vazasse. Foi dessa forma que os egípcios obtiveram algum conhecimento dela, e as outras nações orientais puderam introduzi-la em seus sistemas filosóficos. Moisés, que era instruído em toda a sabedoria do Egito, foi iniciado nela pela primeira vez na terra de seu nascimento, mas se tornou mais proficiente nela durante suas andanças no deserto, quando não apenas dedicou a ela as horas de lazer de todos os quarenta anos, mas recebeu lições nela de um dos anjos. * * * Moisés também iniciou os setenta Anciãos nos segredos dessa doutrina e eles novamente os transmitiram de mão em mão. De todos os que formaram a linha ininterrupta da tradição, Davi e Salomão foram os mais iniciados na Cabala." (Veja A Cabala .)

De acordo com Eliphas Levi, os três maiores livros do cabalismo são o Sepher Yetzirah , O Livro da Formação; o Sepher ha Zohar , O Livro do Esplendor; e o Apocalipse , O Livro do Apocalipse. As datas da escrita desses livros não são de forma alguma completamente estabelecidas. Os cabalistas declaram que o Sepher Yetzirah foi escrito por Abraão. Embora seja de longe o mais antigo dos livros cabalísticos, provavelmente foi escrito pela pena do Rabino Akiba, em 120 d.C.

O Sepher ha Zohar presumivelmente foi escrito por Simeon ben Jochai, um discípulo de Akiba. O rabino Simeon foi sentenciado à morte por volta de 161 d.C. por Lucius Verus, co-regente do Imperador Marc Aurelius Antoninus. Ele escapou com seu filho e, escondendo-se em uma caverna, transcreveu o manuscrito do Zohar com a ajuda de Elias, que lhes apareceu em intervalos. Simeon ficou doze anos na caverna, durante os quais ele desenvolveu o simbolismo complicado da "Face Maior" e da "Face Menor". Enquanto discursava com os discípulos, o rabino Simeon expirou, e a "Lâmpada de Israel" foi extinta. Sua morte e sepultamento foram acompanhados por muitos fenômenos sobrenaturais. A lenda continua relatando que as doutrinas secretas do cabalismo existiam desde o início do mundo, mas que o rabino Simeon foi o primeiro homem autorizado a reduzi-las à escrita. Mil e duzentos anos depois, os livros que ele compilou foram descobertos e publicados para o benefício da humanidade por Moses de León. A probabilidade é que o próprio Moisés de León compilou o Zohar por volta de 1305 d.C., extraindo seu material dos segredos não escritos de místicos judeus anteriores. O Apocalipse , creditado a São João, o Divino, também é de data incerta, e a identidade de seu autor nunca foi satisfatoriamente provada.

Por causa de sua brevidade e porque é a chave para o pensamento cabalístico, o Sepher Yetzirah é reproduzido na íntegra neste capítulo. Até onde é



OS SETENTA E DOIS NOMES DE DEUS.

Do Édipo Egípcio de Kircher .

Este raro corte mostra o nome de Deus em setenta e duas línguas inscrito nas pétalas de um girassol simbólico. Acima do círculo estão os setenta e dois poderes de Deus de acordo com a Cabala hebraica. Abaixo, duas árvores, a da esquerda com os símbolos dos planetas e a da direita com os signos do zodíaco e os nomes das tribos de Israel. As doutrinas esotéricas da Cabala estão alinhadas com os ensinamentos secretos de todas as escolas de filosofia, mas o método pelo qual seus segredos são revelados aos sábios e ocultados dos ignorantes é muito incomum. À medida que o mundo religioso interpreta suas escrituras com as facilidades educacionais do século XX, torna-se cada vez mais aparente que os livros sagrados não eram documentos históricos, mas que os reis, sábios, profetas e salvadores que os estudantes da Bíblia reverenciaram por eras como

personalidades outrora existentes são, na realidade, apenas atributos personificados do próprio homem.

conhecido, o Sepher ha Zohar nunca foi completamente traduzido para o inglês, mas pode ser obtido em francês. (SL MacGregor-Mathers traduziu três livros do Zohar para o inglês.) O Zohar contém um vasto número de princípios filosóficos, e uma paráfrase de seus pontos salientes está incorporada nesta obra.

Poucos percebem a influência exercida pelo Qabbalismo sobre o pensamento medieval, tanto cristão quanto judaico. Ele ensinava que existia dentro dos escritos sagrados uma doutrina oculta que era a chave para aqueles escritos. Isso é simbolizado pelas chaves cruzadas no brasão papal. Dezenas de mentes eruditas começaram a procurar por essas verdades arcanas pelas quais a raça deveria ser redimida; e que seu trabalho não foi sem recompensa, seus escritos subsequentes demonstraram.

As teorias do Qabbalismo estão inextricavelmente entrelaçadas com os princípios da alquimia, hermetismo, rosacrucianismo e maçonaria. As palavras Qabbalismo e Hermetismo são agora consideradas termos sinônimos cobrindo todos os arcanos e esoterismo da antiguidade. O simples Qabbalismo dos primeiros séculos da Era Cristã evoluiu gradualmente para um elaborado sistema teológico, que se tornou tão envolvido que era quase impossível compreender seu dogma.

Os cabalistas dividiram os usos de sua ciência sagrada em cinco seções. A Cabala Natural era usada unicamente para auxiliar o investigador em seu estudo dos mistérios da Natureza. A Cabala Analógica foi formulada para exibir a relação que existe entre todas as coisas na Natureza, e revelou ao sábio que todas as criaturas e substâncias eram uma em essência, e que o homem — o Pequeno Universo — era uma réplica em miniatura de Deus — o Grande Universo. A Cabala Contemplativa foi desenvolvida com o propósito de revelar através das faculdades intelectuais superiores os mistérios das esferas celestes. Com sua ajuda, as faculdades de raciocínio abstrato conheceram os planos imensuráveis do infinito e aprenderam a conhecer as criaturas existentes dentro deles. A Cabala Astrológica instruiu aqueles que estudaram sua sabedoria no poder, magnitude e substância real dos corpos siderais, e também revelou a constituição mística do próprio planeta. A quinta, ou Cabala Mágica , foi estudada por aqueles que desejavam obter controle sobre os demônios e inteligências subumanas dos mundos invisíveis. Também era muito valorizado como método de cura de doentes por meio de talismãs, amuletos, encantos e invocações.

O Sepher Yetzirah , de acordo com Adolph Franck, difere de outros livros sagrados porque não explica o mundo e os fenômenos dos quais é palco apoiando-se na ideia de Deus ou se colocando como intérprete da vontade suprema. Esta obra antiga revela Deus ao estimar Sua obra múltipla. Ao preparar o Sepher Yetzirah para a

consideração do leitor, cinco traduções separadas para o inglês foram comparadas. A forma resultante, embora incorpore as características salientes de cada uma, não é uma tradução direta de nenhum texto hebraico ou latino. Embora o propósito fosse transmitir o espírito em vez da letra do documento antigo, não há grandes desvios da versão original. Até onde se sabe, a primeira tradução do Sepher Yetzirah para o inglês foi feita pelo Rev. Dr. Isidor Kalisch, em 1877. (Veja Arthur Edward Waite.) Nesta tradução, o texto hebraico acompanha as palavras em inglês. O trabalho do Dr. Kalisch foi usado como base para a interpretação a seguir, mas material de outras autoridades foi incorporado e muitas passagens foram reescritas para simplificar o tema geral.

Também estava em mãos uma cópia manuscrita em inglês do Livro da Arte Cabalística , do Doutor John Pistor. O documento não tem data; mas, a julgar pelo tipo geral da escrita, a cópia foi feita durante o século XVIII. O terceiro volume usado como referência foi o Sepher Yetzirah , do falecido Win. Wynn Westcott, Mago da Sociedade Rosacruz da Inglaterra. O quarto foi o Sepher Yetzirah , ou O Livro da Criação, de acordo com a tradução nos Livros Sagrados e Literatura Antiga do Oriente , editado pelo Prof. Charles F. Horne. O quinto foi uma publicação recente, O Livro da Formação , de Knut Stenring, contendo uma introdução de Arthur Edward Waite. Também estavam em mãos quatro outras cópias — duas em alemão, uma em hebraico e uma em latim. Certas partes do Sepher Yetzirah são consideradas mais antigas e autênticas do que o resto, mas a controvérsia a respeito delas é envolvente e improdutiva, de modo que é inútil adicionar mais comentários. As passagens duvidosas são, portanto, incluídas no documento nos pontos onde elas naturalmente se enquadrariam.

O SEPHER YETZIRAH, O LIVRO DA FORMAÇÃO Capítulo Um

1. YAH, o Senhor dos Exércitos, o Elohim vivo, Rei do Universo, Onipotente, o Deus Misericordioso e Gracioso, Supremo e Exaltado, Morador nas Alturas, cuja habitação é a Eternidade, que é Sublime e Santíssimo, gravou Seu nome e ordenou (formou) e criou o Universo em trinta e dois misteriosos caminhos (estágios) de sabedoria (ciência), por três Sepharim, a saber, Números, Letras e Sons, que são nele um e o mesmo.

2. Dez Sephiroth (dez propriedades do Inefável) e vinte e duas letras são a Fundação de todas as coisas. Dessas vinte e duas letras, três são chamadas de "Mães", costuradas "Duplas" e doze "Simples".

3. Os dez números (Sephiroth) do Nada são análogos aos dez dedos das mãos e dos pés: cinco contra cinco. No centro entre eles está a aliança com o Deus Único. No mundo espiritual é a aliança da voz (a Palavra), e no mundo corpóreo a circuncisão da carne (o rito de Abraão).

4. Dez são os números (das Sephiroth) do Nada, dez--não nove; dez--não onze. Compreenda esta grande sabedoria, entenda este conhecimento e seja sábio. Indague sobre o mistério e pondere sobre ele. Examine todas as coisas por meio das dez Sephiroth. Restaure a Palavra ao Seu Criador e conduza o Criador de volta ao Seu trono novamente. Ele é o único Formador e além Dele não há outro. Seus atributos são dez e são ilimitados.

5. As dez Sephiroth inefáveis têm dez infinitudes, que são as seguintes:

O começo infinito e o fim infinito;

O bem infinito e o mal infinito;

A altura infinita e a profundidade infinita;

O Oriente infinito e o Ocidente infinito;

O Norte infinito e o Sul infinito;

e sobre eles está o Senhor Superlativamente Único, o Rei fiel. Ele governa sobre tudo em todos, desde Sua santa habitação, pelos séculos dos séculos.

6. A aparência das dez esferas (Sephiroth) do Nada é como um relâmpago ou uma chama cintilante, e elas não têm começo nem fim. A Palavra de Deus está nelas quando elas saem e quando retornam. Elas correm por Sua ordem como um redemoinho e se prostram diante de Seu trono.

7. As dez Sephiroth têm seu fim ligado ao seu começo e seu começo ligado ao seu fim, co-unidos como a chama é casada com a brasa viva, pois o Senhor é Superlativamente Um e para Ele não há segundo. Antes do Um, o que você pode contar?

8. Sobre o número (10) das esferas da existência (Sephiroth) do Nada, sele seus lábios e guarde seu coração enquanto você as considera, e se seu mês se abrir para a fala e seu coração se voltar para o pensamento, controle-os, retornando ao silêncio. Assim está escrito: "E as criaturas vivas correram e retornaram." (Ezequiel i. 14.) E desta forma foi feita a aliança conosco,

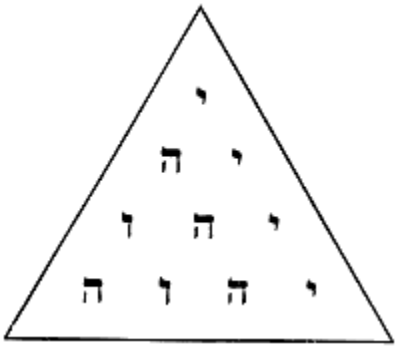
9. Estas são as dez emanações do número a partir do Nada:

1º . O espírito do Elohim vivo, bendito e mais que bendito seja o Elohim vivo das eras. Sua Voz, Seu Espírito e Sua Palavra são o Espírito Santo.

2º . Ele produziu ar do espírito e no ar. Ele formou e estabeleceu vinte e dois sons--as letras. Três deles eram fundamentais, ou mães; sete eram duplos; e doze eram simples (simples); mas o espírito é o primeiro e acima de todos.

3º . Água primordial Ele extraiu do ar. Ele formou nela vinte e duas letras e as estabeleceu de lama e barro, fazendo-as como uma borda, colocando-as como um muro, e cercando-as como uma muralha. Ele derramou neve sobre elas e elas se tornaram terra, como está escrito: "Ele disse à neve, sê tu terra." (Jó. xxxvii. 6.)

4º . Fogo (éter) Ele extraiu da água. Ele gravou e estabeleceu por ele o Trono da Glória. Ele moldou os Serafins, os Ophanim e as Santas Criaturas Vivas (Querubins?), como Seus anjos ministradores; e com (destes) três Ele formou Sua habitação, como está escrito: "Que fez de Seus anjos espíritos, de Seus ministros um fogo flamejante." (Salmos civ. 4.)



O TETRAGRAMMATON.

Ao organizar as quatro letras do Grande Nome, י ה ו ה, (IHVH), na forma da Tetractys Pitagórica, os 72 poderes do Grande Nome de Deus são manifestados. A chave para o problema é a seguinte:

.=I=10=10

. .=OI=5+10=15

. . .=VHI=6+5+10=21

. . .=HVHI=5+6+5+10=26

O Grande Nome de Deus =72

5º . Ele selecionou três consoantes (I, H, V) das simples — um segredo pertencente às três mães, ou primeiros elementos; א מ ש (A, M, Sh), ar, água, fogo (éter). Ele as selou com Seu espírito e as moldou em um Grande Nome e com isso selou o universo em seis direções. Ele se voltou para o acima e selou a altura com י ה ו (I, H, V).

6º . Ele se voltou para baixo e selou a profundidade com ה י ו (H, I, V).

7º . Ele se virou para frente e selou o Leste com ו י ה (V, I, H)

8º . Ele se virou para trás e selou o Oeste com ו ה י (VH, I).

9º . Ele virou para a direita e selou o Sul com י ו ה (I, V, H).

10º . Ele virou para a esquerda e selou o Norte com ה ו י (H, V, I).

NOTA. Este arranjo das letras do Grande Nome está de acordo com o Rev. Dr. Isidor Kalisch.

10. Estas são as dez existências inefáveis do nada; Do espírito do Deus Vivo emanou o ar; do ar, a água; da água, o fogo (éter); do fogo, a altura e a profundidade, o Leste e o Oeste, o Norte e o Sul.

Capítulo Dois

1. Existem vinte e duas letras básicas (sons e). Três são os primeiros elementos (água, ar, fogo), fundamentais ou mães; sete são letras duplas; e doze são letras simples. As três letras fundamentais א מ ש têm como base o equilíbrio. Em uma extremidade da escala estão as virtudes e na outra os vícios, colocados em equilíbrio pela língua. Das letras fundamentais מ (M) é muda como a água, ש (Sh) sibilante como fogo, א (A) um sopro reconciliador entre elas.

2. As vinte e duas letras básicas tendo sido projetadas, designadas e estabelecidas por Deus, Ele as combinou, pesou e trocou (cada uma com as outras), e formou por elas todos os seres que existem e todos os que serão formados no tempo vindouro.

3. Ele estabeleceu vinte e duas letras básicas, formadas pela voz e impressas no ar pela respiração. Ele os preparou para serem pronunciados de forma audível em cinco partes diferentes da boca humana: a saber, Guturais, א ה ח ע; Palatais, ג י כ ק; Linguais, ד ט ל נ ת Odontológicos, ז ש ס ר ץ; Labiais, ב ו מ ף.

4. Ele fixou as vinte e duas letras básicas em um anel (esfera) como uma parede com duzentos e trinta e um portões, e girou a esfera para frente e para trás. Virada para frente, a esfera significava o bem; quando invertida, o mal. Três letras podem

servir para uma ilustração: Não há nada melhor do que ע נ ג (O, N, G), prazer (alegria), e nada pior do que נ ג ע (N, G, O), praga (tristeza).

5. Como tudo isso foi realizado? Ele combinou, pesou e mudou: o א (A) com todas as outras letras em sucessão, e todas as outras novamente com א (A), e todas novamente com ב (B); e assim com toda a série de letras. Daí se segue que há duzentos e trinta e uma formações, ou portões, através dos quais os poderes das letras saem; cada criatura e cada idioma procedem de Um Nome e das combinações de suas letras.

6. Ele criou uma realidade do Nada. Ele chamou a não-entidade à existência e talhou pilares colossais do ar intangível. Isso foi demonstrado pelo exemplo da combinação da letra א (A) com todas as outras letras, e todas as outras letras com א. Ao falar, Ele criou cada criatura e cada palavra pelo poder de Um Nome. Como ilustração, considere as vinte e duas substâncias elementares da substância primitiva de א. A produção de cada criatura a partir das vinte e duas letras é prova de que elas são, na realidade, as vinte e duas partes de um corpo vivo.

Capítulo Três

1. Os três primeiros elementos (as letras Mãe, ש מ א) assemelham-se a uma balança, em uma delas a virtude e na outra o vício, colocados em equilíbrio pela língua.

2. As três Mães, ש מ א, encerram um grande, maravilhoso e desconhecido mistério, e são seladas por seis asas (ou círculos elementares), a saber, ar, água, fogo — cada uma dividida em um poder ativo e um passivo. As Mães, ש מ א, deram à luz os Pais (os progenitores), e estes deram à luz as gerações.

3. Deus designou e estabeleceu três Mães, ש מ א, combinou-as, pesou-as e trocou-as, formando por elas três Mães, no universo, no ano e no homem (masculino e feminino).

4. As três Mães, ש מ א, no universo são: ar, água e fogo. O céu foi criado do fogo elementar (ou éter) ש, a terra, compreendendo mar e terra, da água elementar, מ, e o ar atmosférico do ar elementar, ou espírito, א, que estabelece o equilíbrio entre eles. Assim foram produzidas todas as coisas.

5. As três Mães, א מ ש, produzem no ano calor, frio e o estado temperado. O calor foi criado a partir do fogo, o frio a partir da água e o estado temperado a partir do ar, que os equilibra.

6. As três Mães, א מ ש, produzem no homem (masculino e feminino) peito, abdômen e cabeça. A cabeça foi formada do fogo, ש; o abdômen da água, מ; e o peito (tórax) do ar, א, o que os coloca em equilíbrio.

7. Deus deixou que a letra א (A) predominasse no ar primordial, coroou-a, combinou-a com as outras duas e selou o ar no universo, o estado temperado no ano e o peito no homem (masculino e feminino).

8. Ele deixou a letra מ (M) predominar na água primordial, coroou-a, combinou-a com as outras duas e selou a terra no universo (incluindo terra e mar), o frio no ano e o abdômen no homem (masculino e feminino).

9. Ele deixou a letra ש (Sh) predominar no fogo primordial, coroou-a, combinou-a com as outras duas e selou o céu no universo, o calor no ano e a cabeça do homem (masculino e feminino).

Capítulo Quatro

1. As sete letras duplas, ב ג ד כ פ ר ת (B, G, D, K, P, R, Th), possuem duplicidade de pronúncia (duas vozes), aspiradas e não aspiradas, a saber: ג, ד ד, כ כ, פ פ, ר ר, ת פ גEles servem como modelo de suavidade e dureza, força e fraqueza.

2. As sete letras duplas simbolizam sabedoria, riqueza, vida fértil, poder, paz e graça.

3. As sete letras duplas também significam as antíteses às quais a vida humana é exposta. O oposto da sabedoria é a tolice; da riqueza, a pobreza; da fertilidade, a esterilidade; da vida, a morte; do poder, a servidão; da paz, a guerra; e da beleza, a deformidade.

4. As sete letras duplas indicam as seis dimensões: altura, profundidade, Leste e Oeste, Norte e Sul, e o Templo Sagrado no centro, que sustenta todas elas.

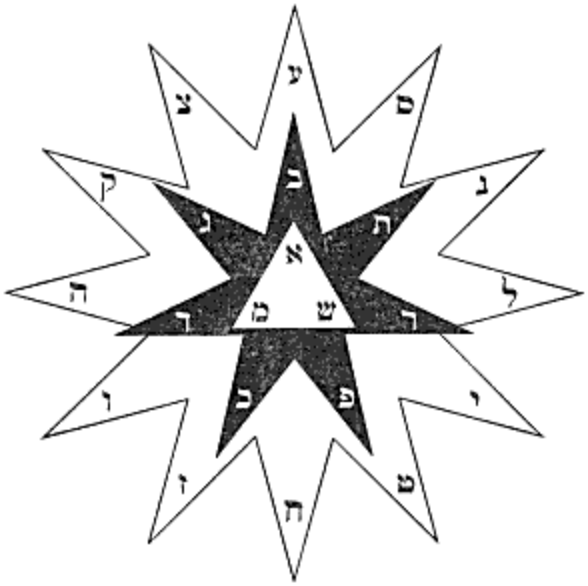
5. As letras duplas são sete e não seis, são sete e não oito; reflita sobre esse fato, pesquise e revele seu mistério oculto e coloque o Criador em Seu trono novamente.

6. As sete letras duplas tendo sido projetadas, estabelecidas, purificadas, pesadas e trocadas por Deus, Ele formou delas sete planetas no universo, sete dias no Ano e sete portais dos sentidos no homem (masculino e feminino). Destes sete, Ele

também produziu sete céus, sete terras e sete Sabbaths. Portanto, Ele amou sete mais do que qualquer outro número abaixo de Seu trono.

7. Os sete planetas no universo são: Saturno, Júpiter, Marte, Sol, Vênus, Mercúrio e Lua. Os sete dias do Ano são os sete dias da semana (possivelmente os sete dias criativos são os pretendidos). Os sete portais no homem (masculino e feminino) são dois olhos, dois ouvidos, duas narinas e a boca.

8. NOTA. Knut Stenring difere de outras autoridades em seu arranjo dos planetas e dias da semana nas sete estrofes seguintes. Kircher ainda tem uma ordem diferente. Rev. Dr. Isidor Kalisch, Wm. Wynn Westcott e The Sacred Books and Early Literature of the East adotam o seguinte arranjo.



AS CARTAS HEBRAICAS SEGUNDO O SEPHER YETZIRAH.

No triângulo central estão as três Letras Mães das quais surgem as sete Letras Duplas — os planetas e os céus. Ao redor da estrela negra estão os signos do zodíaco simbolizados pelas doze Letras Simples. No meio desta estrela está o Trono Invisível do Mais Antigo dos Antigos — o Supremo Criador Sem Definição.

1º . Ele fez com que a letra ב (B) predominasse na sabedoria, coroou-a, combinou cada uma com as outras e formou por elas a Lua no universo, o primeiro dia do ano e o olho direito no homem (masculino e feminino).

2º . Ele fez com que a letra ג (G) predominasse nas riquezas, coroou-a, combinou cada uma com as outras e formou por elas Marte no universo, o segundo dia no ano e a orelha direita no homem (masculino e feminino).

3º . Ele fez com que a letra ד (D) predominasse na infertilidade, coroou-a, combinou cada uma com as outras e formou por elas o Sol no universo, o terceiro dia no ano e a narina direita no homem (masculino e feminino).

4º . Ele fez com que a letra כ (K) predominasse na vida, coroou-a, combinou cada uma com as outras e formou por elas Vênus no universo, o quarto dia no ano e o olho esquerdo no homem (masculino e feminino).

5º . Ele fez com que a letra פ (P) predominasse em poder, coroou-a, combinou cada uma com as outras e formou por elas Mercúrio no universo, o quinto dia no ano e a orelha esquerda no homem (masculino e feminino).

6º . Ele fez com que a letra ר (R) predominasse na paz, coroou-a, combinou cada uma com as outras e formou por elas Saturno no universo, o sexto dia no ano e a narina esquerda no homem (masculino e feminino).

7º . Ele fez com que a letra ת (Th) predominasse em graça, coroou-a, combinou cada uma com as outras e formou por elas Júpiter no universo, o sétimo dia no ano e a boca do homem (masculino e feminino).

9. Com as sete letras duplas Ele também projetou sete terras, sete céus, sete continentes, sete mares, sete rios, sete desertos, sete dias, sete semanas (da Páscoa ao Pentecostes), e no meio deles Seu Santo Palácio. Há um ciclo de sete anos e o sétimo é o ano de libertação, e depois de sete anos de libertação é o Jubileu. Por esta razão, Deus ama o número sete mais do que qualquer outra coisa sob os céus.

10. Dessa maneira, Deus uniu as sete letras duplas. Duas pedras constroem duas casas, três pedras constroem seis casas, quatro pedras constroem vinte e quatro casas, cinco pedras constroem 120 casas, seis pedras constroem 720 casas e sete pedras constroem 5.040 casas. Faça um começo de acordo com esse arranjo e conte mais longe do que a boca pode expressar ou o ouvido pode ouvir.

Capítulo Cinco

1. As doze letras simples ה ו ז ח ט י ל נ ס ע צ ק (H, V, Z, Ch, T, I, L, N, S, O, Tz, Q) simbolizam as doze propriedades fundamentais: fala, pensamento, movimento, visão, audição, trabalho, cópula, olfato, sono, raiva, paladar (ou deglutição) e alegria.

2. As letras simples correspondem a doze direções: altura leste, nordeste, profundidade leste; altura sul, sudeste, profundidade sul; altura oeste, sudoeste, profundidade oeste; altura norte, noroeste, profundidade norte. Elas divergem para toda a eternidade e são os braços do universo.

3. As letras simples tendo sido projetadas, estabelecidas, pesadas e trocadas por Deus, Ele produziu por meio delas doze signos zodiacais no universo, doze meses no ano e doze órgãos principais no corpo humano (masculino e feminino).

4, Os signos do zodíaco são: Áries, Touro, Gêmeos, Câncer, Leão, Virgem, Libra, Escorpião, Sagitário, Capricórnio, Aquário e Peixes. Os meses do ano são: Nisan, liar, Sivan, Tammuz, Ab, Elul, Tisri, Marcheshvan, Kislev, Tebet, Sebat e Adar. Os órgãos do corpo humano são: duas mãos, dois pés, dois rins, vesícula, intestino delgado, fígado, esôfago, estômago e baço.

5. NOTA. Nas doze estrofes seguintes, Knut Stenring novamente difere, desta vez quanto à disposição das propriedades:

1º . Deus fez com que a letra ה (H) predominasse na fala, coroou-a, combinou-a com as outras e moldou por elas Áries (o Carneiro) no universo, o mês de Nisan no ano e o pé direito do corpo humano (masculino e feminino).

2º . Ele fez com que a letra ו (V) predominasse no pensamento, coroou-a, combinou-a com as outras e moldou por elas Touro (o Touro) no universo, o mês mentiroso no ano e o rim direito do corpo humano (masculino e feminino).

3º . Ele fez com que a letra ז (Z) predominasse no movimento, coroou-a, combinou-a com as outras e moldou por elas Gêmeos (os gêmeos) no universo, o mês Sivan no ano e o pé esquerdo do corpo humano (masculino e feminino).

4º . Ele fez com que a letra ח (Ch) predominasse na vista, coroou-a, combinou-a com as outras e moldou por elas Câncer (o Caranguejo) no universo, o mês Tamuz no ano e a mão direita do corpo humano (masculino e feminino).

5º . Ele fez com que a letra ט (T) predominasse na audição, coroou-a, combinou-a com as outras e moldou por elas Leo (o Leão) no universo, o mês Ab no ano e o rim esquerdo do corpo humano (masculino e feminino).

6º . Ele fez com que a letra י (I) predominasse no trabalho, coroou-a, combinou-a com as outras e moldou por elas Virgo (a Virgem) no universo, o mês Elul no ano e a mão esquerda do corpo humano (masculino e feminino).

7º . Ele fez com que a letra ל (L) predominasse na cópula, coroou-a, combinou-a com as outras e moldou por elas Libra (a Balança) no universo, o mês Tisri no ano e a bílis do corpo humano (masculino e feminino).

8º . Ele fez com que a letra נ (N) predominasse no cheiro, coroou-a, combinou-a com as outras e moldou por elas Escorpião (o Escorpião) no universo, o mês Marcheshvan no ano e o intestino delgado no corpo humano (masculino e feminino).

9º . Ele fez com que a letra ס (S) predominasse no sono, coroou-a, combinou-a com as outras e moldou por elas Sagitário (o Arqueiro) no universo, o mês Kislev no ano e o estômago no corpo humano (masculino e feminino).

10º . Ele fez com que a letra ע (O) predominasse na raiva, coroou-a, combinou-a com as outras e moldou por elas Capricórnio (a Cabra) no universo, o mês Tebet no ano e o fígado no corpo humano (masculino e feminino).

11º . Ele fez com que a letra צ (Tz) predominasse no paladar (ou deglutição), coroou-a, combinou-a com as outras e moldou por elas Aquário (o Portador de Água) no universo, o mês Sebat no ano e o esôfago no corpo humano (masculino e feminino).

12º . Ele fez com que a letra ק (Q) predominasse na alegria, coroou-a, combinou-a com as outras e formou por elas Peixes (os Peixes) no universo, o mês Adar no ano e o baço no corpo humano (masculino e feminino).

6. Ele os fez como um conflito, Ele os organizou como províncias e os ergueu como um muro. Ele os armou e colocou um contra o outro como em guerra. (Os Elohim fizeram o mesmo nas outras esferas.)

Capítulo Seis

1. Existem três Mães ou primeiros elementos, א מ ש (A, M, Sh), dos quais emanaram três Pais (progenitores) — ar primordial (espiritual), água e fogo — dos quais surgiram os sete planetas (céus) com seus anjos e os doze pontos oblíquos (zodíaco).

2. Para provar isso, há três testemunhas fiéis: o universo, o ano e o homem. Há os doze, a balança e os sete. Acima está o Dragão, abaixo está o mundo e, por último, o coração do homem; e no meio está Deus que regula todos eles.

3. Os primeiros elementos são ar, água e fogo; o fogo está acima, a água está abaixo, e um sopro de ar estabelece o equilíbrio entre eles. O símbolo é: o fogo carrega a água. A letra מ (M) é muda; ש (Sh) é sibilante como fogo; há א (A) entre eles, um sopro de ar que reconcilia os dois.

4. O Dragão (Tali) está no universo como um rei em seu trono; a esfera celeste está no ano como um rei em seu império; e o coração está no corpo dos homens como um rei na guerra.

5. Deus também colocou os opostos uns contra os outros: o bem contra o mal, e o mal contra o bem. O bem procede do bem, o mal do mal; o bem purifica o mal, o mal o bem. O bem é reservado para o bem, e o mal para o perverso.

6. Há três, cada um dos quais se sustenta por si só: um é afirmativo (cheio de bem), um é negativo (cheio de mal) e o terceiro os equilibra.

7. Há sete divididos três contra três, e um no meio deles (equilíbrio). Doze estão em guerra: três produzem amor e três ódio; três são doadores de vida e três são destruidores.

8. Os três que causam amor são o coração e os dois ouvidos; os três que produzem ódio são o fígado, a bílis e as línguas; os três doadores de vida são as duas narinas e o baço; e os três destruidores são a boca e as duas aberturas inferiores do corpo. Sobre todos estes governa Deus, o rei fiel, de Sua santa habitação em toda a eternidade. Deus é Um acima de três, três acima de sete, sete acima de doze, mas todos estão ligados entre si.

9. Há vinte e duas letras pelas quais o EU SOU (YAH), o Senhor dos Exércitos, Todo-Poderoso e Eterno, projetou e criou por três Sepharim (Números, Letras e Sons) Seu universo, e formou por eles todas as criaturas e todas as coisas que ainda estão por vir.

10. Quando o Patriarca Abraão compreendeu as grandes verdades, meditou sobre elas e as entendeu perfeitamente, o Senhor do Universo (o Tetragrama) apareceu a ele, chamou-o de Seu amigo, beijou-o na cabeça e fez com ele uma aliança. Primeiro, a aliança estava entre os dez dedos de suas mãos, que é a aliança da língua (espiritual); segundo, a aliança estava entre os dez dedos de seus pés, que é a aliança da circuncisão (material); e Deus disse dele: "Antes que Abraão prendesse o espírito das vinte e duas letras (a Thora) em sua língua e Deus lhe revelasse seus segredos. Deus permitiu que as letras fossem imersas em água, Ele as queimou no fogo e as imprimiu nos ventos. Ele as distribuiu entre os sete planetas e as deu aos doze signos zodiacais.

Fundamentos da Cosmogonia Cabalística

OS cabalistas concebem a Divindade Suprema como um Princípio Incompreensível a ser descoberto somente através do processo de eliminação, em ordem, de todos os seus atributos cognoscíveis. O que permanece — quando toda coisa cognoscível foi removida — é AIN SOPH, o estado eterno do Ser . Embora indefinível, o Absoluto

permeia todo o espaço. Abstrato ao grau de inconcebibilidade, AIN SOPH é o estado incondicionado de todas as coisas . Substâncias, essências e inteligências são manifestadas a partir da inescrutabilidade de AIN SOPH, mas o próprio Absoluto é sem substância, essência ou inteligência. AIN SOPH pode ser comparado a um grande campo de terra rica da qual surge uma miríade de plantas, cada uma diferente em cor, formação e fragrância, mas cada uma com suas raízes no mesmo solo escuro — que, no entanto, é diferente de qualquer uma das formas nutridas por ele. As "plantas" são universos, deuses e homens, todos nutridos por AIN SOPH e todos com sua fonte em uma essência sem definição; todos com seus espíritos, almas e corpos moldados a partir dessa essência e condenados, como a planta, a retornar ao solo negro — AIN SOPH, o único Imortal — de onde vieram.

AIN SOPH foi referido pelos cabalistas como O Mais Antigo de todos os Antigos . Ele sempre foi considerado assexuado. Seu símbolo era um olho fechado. Embora possa ser verdadeiramente dito de AIN SOPH que defini-lo é contaminá-lo, os rabinos postularam certas teorias sobre a maneira pela qual AIN SOPH projetou criações de Si Mesmo, e eles também atribuíram a este Não-Ser Absoluto certos símbolos como sendo descritivos, em parte pelo menos, de Seus poderes. A natureza de AIN SOPH eles simbolizam por um círculo, ele próprio emblemático da eternidade. Este círculo hipotético encerra uma área adimensional de vida incompreensível, e o limite circular desta vida é abstrato e infinito incomensurável.

De acordo com esse conceito, Deus não é apenas um Centro, mas também uma Área. A centralização é o primeiro passo em direção à limitação. Portanto, os centros que se formam nas substâncias de AIN SOPH são finitos porque estão predestinados à dissolução de volta à Causa de si mesmos, enquanto o próprio AIN SOPH é infinito porque é a condição última de todas as coisas. A forma circular dada a AIN SOPH significa que o espaço é hipoteticamente encerrado dentro de um grande globo cristalino, fora do qual não há nada, nem mesmo um vácuo. Dentro deste globo — simbólico de AIN SOPH — a criação e a dissolução acontecem. Cada elemento e princípio que será usado nas eternidades do nascimento, crescimento e decadência cósmicos está dentro das substâncias transparentes desta esfera intangível. É o Ovo Kósmico que não é quebrado até o grande dia "Esteja Conosco", que é o fim do Ciclo da Necessidade, quando todas as coisas retornam à sua causa última.

No processo de criação, a vida difusa de AIN SOPH se retira da circunferência para o centro do círculo e estabelece um ponto, que é o primeiro Um manifestante — a limitação primitiva do O onipresente. Quando a Essência Divina se retira da fronteira circular para o centro, Ela deixa para trás o Abismo, ou, como os cabalistas o chamam, a Grande Privação. Assim, em AIN SOPH é estabelecida uma condição dupla onde antes existia apenas uma. A primeira condição é o ponto central — a radiância objetificada primitiva da vida eterna e subjetivada. Sobre essa

radiância há escuridão causada pela privação da vida que é atraída para o centro para criar o primeiro ponto, ou germe universal. O AIN SOPH universal, portanto, não brilha mais através do espaço, mas sim sobre o espaço a partir de um primeiro ponto estabelecido. Isaac Myer descreve esse processo da seguinte forma: "O Ain Soph a princípio preenchia Tudo e então fez uma concentração absoluta em Si mesmo que produziu o Abismo, o Profundo ou Espaço, o Aveer Qadmon ou Ar Primitivo, o Azoth; mas isso não é considerado na Cabala como um vazio ou vácuo perfeito, um Espaço perfeitamente vazio, mas é pensado como as Águas ou Mar Caótico Cristalino, no qual havia um certo grau de Luz inferior àquele pelo qual todos os [mundos e hierarquias] criados foram feitos." (Veja A Cabala .)

Nos ensinamentos secretos da Cabala é ensinado que o corpo do homem é envolto em um ovoide de iridescência em forma de bolha, que é chamado de Ovo Áurico. Esta é a esfera causal do homem. Ela tem a mesma relação com o corpo físico do homem que o globo de AIN SOPH tem com Seus universos criados. Na verdade, este Ovo Áurico é a esfera AIN SOPH da entidade chamada homem. Na realidade, portanto, a consciência suprema do homem está nesta aura, que se estende em todas as direções e circunda completamente seus corpos inferiores. Assim como a consciência no Ovo Cósmico é retirada para um ponto central, que é então chamado Deus — o Supremo — assim a consciência no Ovo Áurico do homem é concentrada, causando assim o estabelecimento de um ponto de consciência chamado Ego. Assim como os universos na Natureza são formados a partir de poderes latentes no Ovo Cósmico, então tudo usado pelo homem em todas as suas encarnações em todos os reinos da Natureza é extraído dos poderes latentes dentro de seu Ovo Áurico. O homem nunca passa deste ovo; permanece mesmo após a morte. Seus nascimentos, mortes e renascimentos acontecem todos dentro dele, e não pode ser quebrado até o dia menor "Esteja Conosco", quando a humanidade--como o universo--é libertada da Roda da Necessidade.

O SISTEMA CABALÍSTICO DE MUNDOS

No gráfico circular que acompanha, os anéis concêntricos representam diagramáticamente as quarenta taxas de vibração (chamadas pelos cabalistas de Esferas) que emanam de AIN SOPH. O círculo X 1 é o limite externo do espaço. Ele circunscreve a área de AIN SOPH. A natureza do próprio AIN SOPH é dividida em três partes, representadas pelos espaços respectivamente entre X 1 e X 2, X 2 e X 3, X 3 e A 1; assim:

X 1 para X 2,sim,AIN, o vácuo do espírito puro.

X 2 a X 3,Eu te amo,AIN SOPH, o Ilimitado e o Ilimitado.

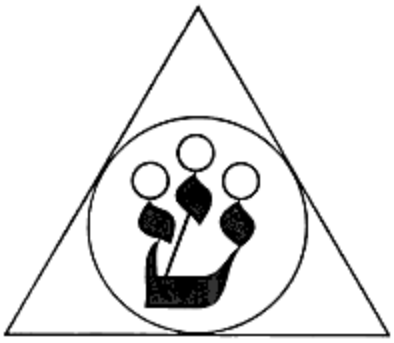
X 3 para A 1,Eu te amo,AIN SOPH AUR, a Luz Ilimitada.

Deve-se ter em mente que no começo a Substância Suprema, AIN, permeava sozinha a área do círculo; os anéis internos ainda não tinham se manifestado. À medida que a Essência Divina se concentrava, os anéis X 2 e X 3 se tornaram apreensíveis, pois AIN SOPH é uma limitação de AIN, e AIN SOPH AUR, ou Luz, é uma limitação ainda maior. Assim, a natureza do Supremo é considerada tríplice, e dessa natureza tríplice os poderes e elementos da criação foram refletidos no Abismo deixado pelo movimento de AIN SOPH em direção ao centro de Si Mesmo. O movimento contínuo de AIN SOPH em direção ao centro de Si Mesmo resultou no estabelecimento do ponto no círculo. O ponto foi chamado de Deus, como sendo a suprema individualização da Essência Universal. Sobre isso, o Zohar diz:

"Quando o oculto do Oculto desejou revelar-se, Ele primeiro fez uma única observação: o Infinito era totalmente desconhecido e não difundia luz antes que esse ponto luminoso irrompesse violentamente na visão."

O nome deste ponto é EU SOU, chamado pelos hebreus de Eheieh . Os cabalistas deram muitos nomes a este ponto. Sobre este assunto, Christian D. Ginsberg escreve, em substância: O ponto é chamado de primeira coroa, porque ocupa a posição mais alta. É chamado de envelhecido, porque é a primeira emanação. É chamado de ponto primordial ou suave. É chamado de cabeça branca, a Face Longa -- Macroprosophus -- e a altura inescrutável, porque controla e governa todas as outras emanações.

Quando o ponto branco brilhante apareceu, ele foi chamado de Kether , que significa a Coroa , e dele irradiavam nove grandes globos, que se arranjavam na forma de uma árvore. Esses nove, juntamente com a primeira coroa, constituíram o primeiro sistema de Sephiroth . Esses dez foram a primeira limitação de dez pontos abstratos dentro da natureza do próprio AIN SOPH. O poder de AIN SOPH não desceu para esses globos, mas sim foi refletido sobre eles como a luz do sol é refletida sobre a Terra e os planetas. Esses dez globos foram chamados de safiras brilhantes , e muitos rabinos acreditam que a palavra safira é a base da palavra Sephira (o singular de Sephiroth). A grande área que havia sido privatizada pela retirada de AIN SOPH para o ponto central, Kether , agora estava preenchida por quatro globos concêntricos chamados mundos, ou esferas, e a luz dos dez Sephiroth foi refletida através de cada um deles por sua vez. Isso resultou no estabelecimento de quatro símbolos



A TRÍADE HEBRAICA.

Os cabalistas usaram a letra ש, Shin, para significar a trindade das três primeiras Sephiroth. O círculo central ligeiramente acima dos outros dois é a primeira Sephira-- Kether , a Cabeça Branca, a Coroa. Os outros dois círculos representam Chochmah , o Pai, e Binah , a Mãe. Da união do Pai Divino e da Mãe Divina são produzidos os mundos e as gerações de seres vivos. Os três pontos semelhantes a chamas da letra ש têm sido usados há muito tempo para ocultar esta Tríade Criativa dos cabalistas.

árvores, cada uma ouvindo os reflexos dos dez globos Sephirothic. As 40 esferas da criação de AIN SOPH são divididas em quatro grandes cadeias mundiais, como segue:

De 1 a 10, Atziluth , o Mundo Ilimitado dos Nomes Divinos.

B 1 a B 10, Briah , o Mundo Arcangélico das Criações.

C 1 a C 10, Yetzirah , o Mundo Hierárquico das Formações.

D 1 a D 10, Assiah , o Mundo Elemental das Substâncias.

Cada um desses mundos tem dez poderes, ou esferas — um globo pai e nove outros que se conicam dele como emanações, cada globo nascido do precedente. No plano de Atziluth (A 1 a A 10), o mais alto e divino de todos os mundos criados, o AIN SOPH não manifestado estabeleceu Seu primeiro ponto ou ponto no Mar Divino — as três esferas de X. Este ponto — A 1 — contém toda a criação dentro dele, mas neste primeiro estado divino e não contaminado o ponto, ou primeiro Deus manifestado, não era considerado uma personalidade pelos cabalistas, mas sim um estabelecimento ou fundação divina. Era chamada de Primeira Coroa e dela emergiram os outros círculos do Mundo Atziluthic : A 2, A 3, A 4, A 5, A 6, A 7, A 8, A 9 e A 10. Nos três mundos inferiores, esses círculos são inteligências, planificadores e elementos, mas neste primeiro mundo divino eles são chamados de Anéis dos Nomes Sagrados .

Os primeiros dez grandes círculos (ou globos) de luz que foram manifestados a partir de AIN SOPH e os dez nomes de Deus atribuídos a eles pelos cabalistas são os seguintes:

De AIN SOPH veio A 1, a Primeira Coroa, e o nome do primeiro poder de Deus foi Eheieh , que significa Eu Sou [O Que Eu Sou].

De A 1 veio A 2, a primeira Sabedoria, e o nome do segundo poder de Deus era Jeová , que significa Essência do Ser .

De A 2 veio A 3, o primeiro Entendimento, e o nome do terceiro poder de Deus era Jeová Elohim , que significa Deus dos Deuses .

De A 3 veio A 4, a primeira Misericórdia, e o nome do quarto poder de Deus era El , que significa Deus, o Criador .

De A 4 veio A 5, a primeira Severidade, e o nome do quinto poder de Deus era Elohim Gibor , que significa Deus, o Potente .

De A 5 veio A 6, a primeira Beleza, e o nome do sexto poder de Deus era Eloah Vadaath , que significa Deus, o Forte .

De A 6 veio A 7, a primeira Vitória, e o nome do sétimo poder de Deus era Jeová Tzaboath , que significa Deus dos Exércitos .

De A 7 veio A 8, a primeira Glória, e o nome do oitavo poder de Deus era Elohim Tzaboath , que significa Senhor Deus dos Exércitos .

De A 8 veio A 9, a primeira Fundação, e o nome do nono poder de Deus era Shaddai , El Chai , que significa Onipotente .

De A 9 veio A 10, o primeiro Reino, e o nome do décimo poder de Deus era Adonai Melekh , que significa Deus .

De A 10 veio B 1, a Segunda Coroa, e o Mundo de Briah foi estabelecido.

As dez emanações de A 1 a A 10 inclusive são chamadas de fundamentos de todas as criações. Os cabalistas as designam como as dez raízes da Árvore da Vida. Elas são organizadas na forma de uma grande figura humana chamada Adam Qadmon — o homem feito da névoa de fogo (terra vermelha), o protótipo do Homem Universal. No Mundo Atziluthic , os poderes de Deus são mais puramente manifestados. Essas dez radiações puras e perfeitas não descem aos mundos inferiores e tomam sobre si formas, mas são refletidas sobre as substâncias das esferas inferiores. Do primeiro, ou Mundo Atziluthic , elas são refletidas no segundo, ou Mundo Briático . Assim como o reflexo sempre carece de um pouco do brilho da imagem original, no Mundo Briático as dez radiações perdem parte de seu

poder infinito. Um reflexo é sempre como a coisa refletida, mas menor e mais tênue.

No segundo mundo, B 1 a B 10, a ordem das esferas é o Nome como no Mundo Atziluthic , mas os dez círculos de luz são menos brilhantes e mais tangíveis, e são aqui referidos como dez grandes Espíritos — criaturas divinas que auxiliam no estabelecimento da ordem e inteligência no universo. Como já observado, B 1 nasce de A 10 e está incluído em todas as esferas superiores a si mesmo. De B 1 são tirados nove globos — B 2, B 3, B 4, B 5, B 6, B 7, B 8, B 9 e B 10 — que constituem o Mundo de Briah . Essas dez subdivisões, no entanto, são realmente os dez poderes Atziluthic refletidos na substância do Mundo Briático . B 1 é o regente deste mundo, pois ele contém todos os outros anéis de seu próprio mundo e também os anéis do terceiro e quarto mundos, C e D. No Mundo de Briah, as dez esferas de luz são chamadas de Arcanjos de Briah . Sua ordem e poderes são os seguintes:

De A 10 veio B 1, a Segunda Coroa; é chamada de Metatron , o Anjo da Presença.

De B 1 veio B 2, a segunda Sabedoria; é chamada Raziel , o Arauto da Divindade que revelou os mistérios da Cabala a Adão.

De B 2 veio B 3, o segundo Entendimento; é chamado Tsaphkiel , a Contemplação de Deus.

De B 3 veio B 4 ' a segunda Misericórdia; é chamada Tsadkiel , a justiça de Deus.

De B 4 veio B 5, a segunda Severidade; é chamada Samael , a Severidade de Deus.

De B 5 veio B 6, a segunda Beleza; é chamada Miguel , Semelhante a Deus.

De B 6 veio B 7, a segunda Vitória; é chamada Haniel , a Graça de Deus.

De B 7 veio B 8, a segunda Glória; é chamada Rafael , o Médico Divino.

De B 8 surgiu B 9, a segunda Fundação; é chamada Gabriel , o Homem-Deus.

De B 9 veio B 10, o segundo Reino; é chamado Sandalphon , o Messias.

De B 10 veio C 1, a Terceira Coroa, e o Mundo de Yetzirah foi estabelecido.

Os dez Arcanjos de Briah são concebidos como dez grandes seres espirituais, cujo dever é manifestar os dez poderes do Grande Nome de Deus existentes no Mundo Atziluthic , que envolve e interpenetra todo o mundo da criação. Todas as coisas que se manifestam nos mundos inferiores existem primeiro nos anéis intangíveis das esferas superiores, de modo que a criação é, na verdade, o processo de tornar tangível o intangível, estendendo o intangível em várias taxas vibratórias. Os dez

globos do poder Briatic , enquanto eles próprios reflexos, são espelhados para baixo no terceiro ou Mundo Yetzirático , onde ainda mais limitados em sua expressão eles se tornam o zodíaco espiritual e invisível que está por trás da faixa visível de constelações. Neste terceiro mundo, os dez globos do Mundo Atziluthic original são grandemente limitados e escurecidos, mas eles ainda são infinitamente poderosos em comparação com o estado de substância em que o homem habita. No terceiro mundo, C 1 a C 10, os globos se tornam hierarquias de criaturas celestiais, chamadas de Coros de Yetzirah . Aqui, novamente, todos estão incluídos dentro do anel C 1, o poder que controla o Mundo Yetzirático e que inclui dentro de si e controla todo o mundo D. A ordem dos globos e os nomes das hierarquias que os compõem são os seguintes:

De B 10 veio C 1, a Terceira Coroa; a Hierarquia são os Querubins, Chaioth Ha Kadosh , os Animais Sagrados.

De C 1 veio C 2, a terceira Sabedoria; a Hierarquia são os Querubins, Orfanins , as Rodas.

De C 2 veio C 3, o terceiro Entendimento; a Hierarquia são os Tronos, Aralim , os Poderosos.

De C 3 veio C 4, a terceira Misericórdia; a Hierarquia são as Dominações, Chashmalim , os Brilhantes.

De C 4 veio C 5, a terceira Severidade; a Hierarquia são os Poderes, Serafins , as Serpentes Flamejantes.

De C 5 veio C 6, a terceira Beleza; a Hierarquia são as Virtudes, Melachim , os Reis.

De C 6 veio C 7, a terceira Vitória; a Hierarquia são os Principados, Elohim , os Deuses.

De C 7 veio C 8, a terceira Glória; a Hierarquia são os Arcanjos, Ben Elohim , os Filhos de Deus.

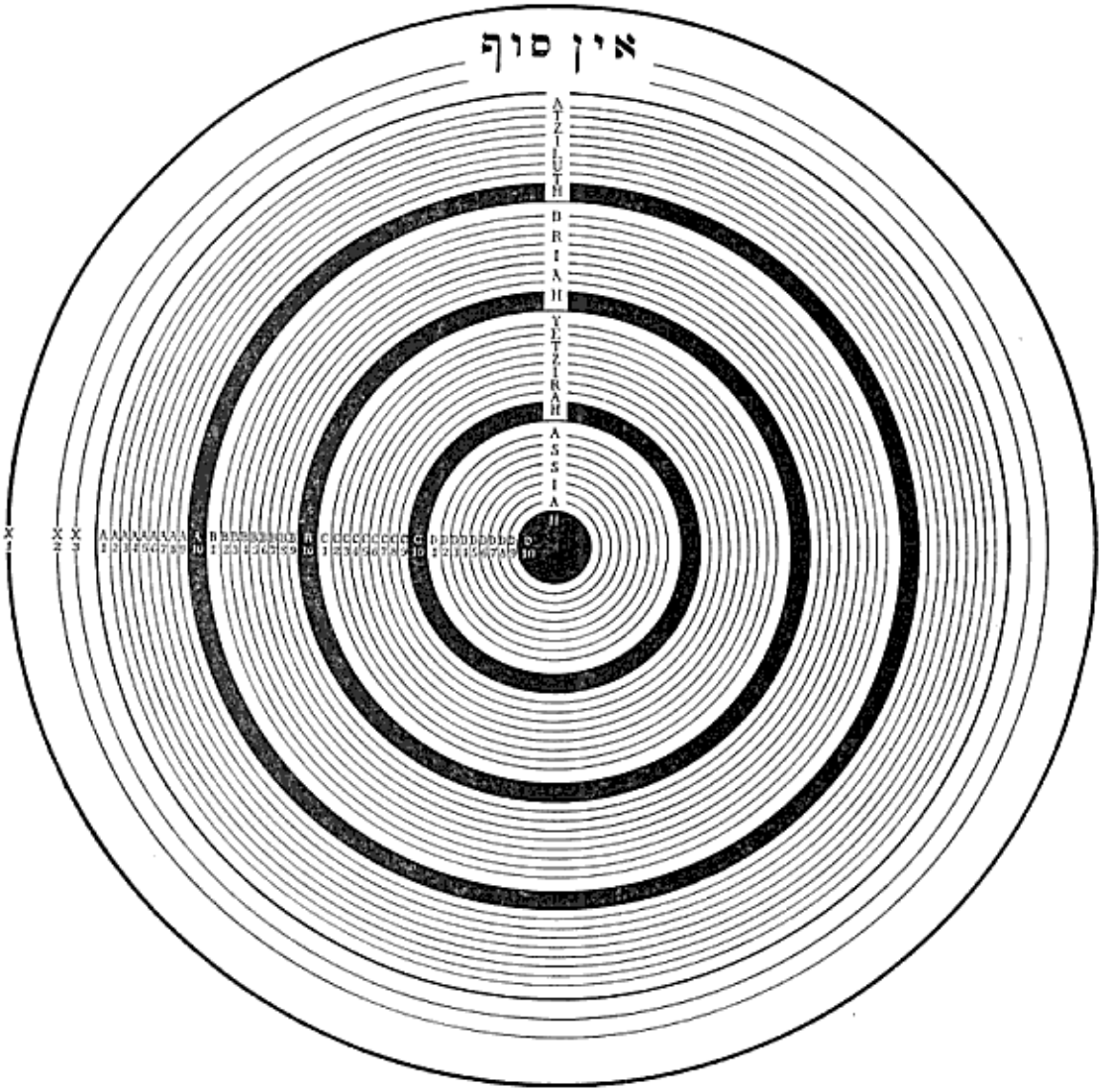
De C 8 veio C 9, a terceira Fundação; a Hierarquia são os Anjos, Querubins , o Scat dos Filhos.

De C 9 veio C 10, o terceiro Reino; a Hierarquia é a Humanidade, os Ishim , as Almas dos Homens Justos.

De C 10 veio D 1, a Quarta Coroa, e o Mundo de Assiah foi estabelecido.

Do Mundo Yetzirático a luz das dez esferas é refletida no Mundo de Assiah , o mais baixo dos quatro. Os dez globos do Mundo Atziluthic original aqui tomam sobre si formas de matéria física e o sistema sideral é o resultado. O Mundo de Assiah , ou o

mundo elemental da substância, é aquele em que a humanidade desceu na época da queda de Adão. O Jardim do Éden são os três mundos superiores, e por seus pecados o homem foi forçado a entrar na esfera da substância e assumiu casacos de pele (corpos). Todas as forças espirituais dos mundos superiores, A, B, C, quando atacam os elementos do mundo inferior, D, são distorcidas e pervertidas, resultando na criação de hierarquias de demônios para corresponder aos bons espíritos em cada um dos mundos superiores. Em todos os antigos Mistérios, a matéria era considerada a fonte de todo o mal e o espírito a fonte de todo o bem, pois a matéria inibe e limita, muitas vezes obstruindo tanto as percepções internas que o homem é incapaz de reconhecer suas próprias potencialidades divinas. Como a matéria impede a humanidade de reivindicar seu direito de nascença, ela é chamada de Adversária, o poder do mal. O quarto mundo, D, é o mundo dos sistemas solares,



O PLANO DA ATIVIDADE DIVINA.

De acordo com os cabalistas, a vida do Criador Supremo permeia toda substância, todo espaço e todo tempo, mas para propósitos diagramáticos a Vida Suprema e Todo-Inclusiva é limitada pelo Círculo 3, que pode ser chamado de "a linha de fronteira da existência Divina". A Vida Divina que permeia a área delimitada pelo Círculo 3 é focada no Ponto 1, que assim se torna a personificação da vida impessoal e é denominada "a Primeira Coroa". As forças criativas que fluem através do Ponto 1 vêm à manifestação como o universo objetivo no espaço intermediário, Círculo 2.

abrangendo não apenas aquele do qual a Terra faz parte, mas todos os sistemas solares do universo.

As opiniões diferem quanto ao arranjo dos globos deste último mundo, D 1 a D 10 inclusive. O regente do quarto mundo é D 1, chamado por alguns de Céu Ardente ; por outros de Primum Mobile , ou Primeiro Movimento . Deste fogo giratório emana o zodíaco estrelado material, D 2, em contradição ao zodíaco espiritual invisível do Mundo Yetzirático . Do zodíaco, D 2, são diferenciadas as esferas dos planetas em ordem concatenada. As dez esferas do Mundo de Assiah são as seguintes:

De C 10 veio D 1, a Quarta Coroa; Rashith Ha-Galagalum , o Primum Mobile , a névoa ígnea que é o início do universo material.

De D 1 veio D 2, a quarta Sabedoria; Masloth , o Zodíaco, o Firmamento das Estrelas Fixas.

De D 2 veio D 3, o quarto Entendimento; Shabbathai , a esfera de Saturno.

De D 3 veio D 4, a quarta Misericórdia; Tzedeg , a esfera de Júpiter.

De D 4 veio D 5, a quarta Severidade; Madim , a esfera de Marte.

De D 5 veio D 6, a quarta Beleza; Shemesh , a esfera do Sol.

De D 6 veio D 7, a quarta Vitória; Nogah , a esfera de Vênus.

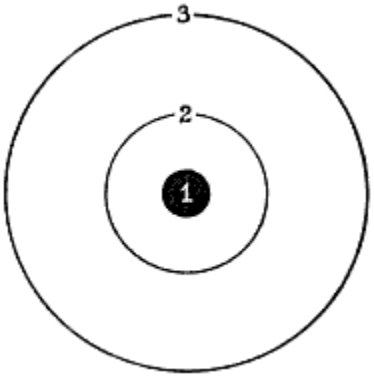
De D 7 veio D 8, a quarta Glória; Kokab , a esfera de Mercúrio.

De D 8 veio D 9, a quarta Fundação; Levanah , a esfera da Lua.

De D 9 veio D 10, o Quarto Reino; Cholom Yosodoth , a esfera dos Quatro Elementos.

Ao inserir uma esfera (que ele chama de Empírea) antes do Primum Mobile, Kircher move cada uma das outras esferas uma para baixo, resultando na eliminação da esfera dos elementos e tornando D 10 a esfera da Lua.

No Mundo de Assiah são encontrados os demônios e tentadores. Estes são igualmente reflexos dos dez grandes globos de Atziluth , mas por causa da distorção das imagens resultantes das substâncias básicas do Mundo de Assiah sobre as quais são refletidas, elas se tornam criaturas malignas, chamadas de conchas pelos cabalistas. Existem dez hierarquias desses demônios para correlacionar com as dez hierarquias de bons espíritos que compõem o Mundo Yetzirático . Existem



O ESQUEMA CABALÍSTICO DOS QUATRO MUNDOS.

No gráfico acima, a linha escura entre X 3 e A 1 constitui o limite do ponto original, enquanto os círculos concêntricos dentro desta linha mais pesada simbolizam as emanações e os mundos que surgiram do ponto. Assim como este ponto está contido dentro dos anéis externos X 1, X 2 e X 3, e representa o primeiro estabelecimento de uma existência individualizada, então o universo inferior simbolizado pelos quarenta círculos concêntricos dentro do ponto representa a criação inferior evoluída de e ainda contida dentro da natureza da primeira Coroa, que pode ser chamada de Deus, dentro de quem os poderes divinos, os seres celestiais, os mundos siderais e o homem, vivem, se movem e têm seu ser. É altamente importante que todos os anéis dentro de A 1 sejam considerados como sendo cercados pelo ponto primitivo, que é ele próprio cercado pelo grande anel X 1, ou o Ovo Áurico de AIN SOPH.

Cada anel inclui em sua própria natureza todos os anéis dentro de si e está incluído dentro das naturezas de todos os anéis fora de si. Assim, A 1 — o ponto primitivo — controla e contém os trinta e nove anéis que ele encerra, todos estes participando de sua natureza em graus variados de acordo com suas respectivas dignidades. Consequentemente, toda a área de A 1 a D 10 inclusive é o ponto original, e os anéis simbolizam as divisões que ocorreram dentro dele e as emanações que jorraram dele após seu estabelecimento no meio da natureza abstrata de AIN SOPH. Os poderes dos anéis diminuem em direção ao centro do diagrama, pois o Poder é medido pelo número de coisas controladas, e cada anel controla os anéis dentro dele e é controlado pelos anéis fora dele. Assim, enquanto

A 1 controla trinta e nove anéis além de si mesmo, B 1 controla apenas vinte e nove anéis além do seu próprio. Portanto, A 1 é mais poderoso que B 1. Como a maior solidez espiritual, ou permanência, está na circunferência e a maior densidade material, ou impermanência, está no centro do diagrama, os anéis, à medida que diminuem em Poder, tornam-se mais materiais e substanciais até que a esfera central, D 10, simboliza os elementos químicos reais da Terra. As taxas de vibração também são menores à medida que os anéis se aproximam do centro. Assim, a vibração de A 2 é menor que A 1, mas maior que A 3, e assim por diante em escala decrescente em direção ao centro, A 1 sendo a mais alta e D 10 a mais baixa esfera da criação. Enquanto A 1, o governante da criação, controla os círculos marcados A, B, C e D, é menor que os três anéis de AIN SOPH - X 1, X2 e X3 - e, portanto, se curva diante do trono do Criador inefável de cujas substâncias foi individualizado.

também dez Arquidemônios, correspondendo aos dez Arcanjos de Briah . Os magos negros usam esses espíritos invertidos em seus esforços para atingir seus fins nefastos, mas com o tempo o demônio destrói aqueles que se ligam a ele. As dez ordens de demônios e os dez Arquidemônios do Mundo de Assiah são os seguintes:

D 1, a Coroa do mal; a hierarquia é chamada Thaumiel , os duplos de Deus, o de Duas Cabeças; os Arquidemônios são Satanás e Moloch .

De D 1 veio D 2, a Sabedoria maligna; a hierarquia é chamada Chaigidiel , aqueles que obstruem; o Arquidemônio é Adam Belial .

De D 2 veio D 3, o Entendimento maligno; a hierarquia é chamada Satharial , a ocultação de Deus, o Arquidemônio é Lucifuge .

De D 3 veio D 4, a maligna Misericórdia; a hierarquia é chamada Gamchicoth , o perturbador das coisas; o Arquidemônio é Astaroth .

De D 4 veio D 5, a Severidade maligna; a hierarquia é chamada Golab , incendiarismo e queima; o Arquidemônio é Asmodeus .

De D 5 veio D 6, a Beleza maligna; a hierarquia é chamada Togarini , os vaqueiros; o Arquidemônio é Belphegor .

De D 6 veio D 7, a Vitória maligna; a hierarquia é chamada Harab Serap , o Corvo dispensador; o Arquidemônio é Baal Chanan .

De D 7 veio D 8, a Glória maligna; a hierarquia é chamada Samael , o encrenqueiro; o Arquidemônio é Adramelek .

De D 8 veio D 9, a Fundação maligna; a hierarquia é chamada Gamaliel , o obsceno; o Arquidemônio é Lilith .

De D 9 veio D 10, o Reino maligno; a hierarquia é chamada Nahemoth , o impuro; o Arquidemônio é Nahema .

Os cabalistas declaram que os mundos, inteligências e hierarquias foram estabelecidos de acordo com a visão de Ezequiel. Pelo homem da visão de Ezequiel é simbolizado o Mundo de Atziluth ; pelo trono, o Mundo de Briah ; pelo firmamento, o Mundo de Yetzirah ; e pelas criaturas vivas o Mundo de Assiah . Essas esferas são as rodas dentro das rodas do profeta. Os cabalistas estabeleceram em seguida uma figura humana em cada um dos quatro mundos: A 1 era a cabeça e A 10 os pés do homem de Atziluth ; B 1 era a cabeça e B 10 os pés do homem de Briah ; C 1 era a cabeça e C 10 os pés do homem de Yetzirah ; D 1 era a cabeça e D 10 os pés do homem de Assiah . Esses quatro são chamados de Homens do Mundo . Eles são considerados andróginos e são os protótipos da humanidade.

O corpo humano, como o do universo, é considerado uma expressão material de dez globos ou esferas de luz. Portanto, o homem é chamado de Microcosmo — o pequeno mundo, construído à imagem do grande mundo do qual ele faz parte. Os cabalistas também estabeleceram um misterioso homem universal com sua cabeça em A 1 e seus pés em D 10. Este é provavelmente o significado secreto da grande figura do sonho de Nabucodonosor, com sua cabeça no Mundo de Atziluth , seus braços e mãos no Mundo de Briah , seu sistema generativo no Mundo de Yetzirah e suas pernas e pés no Mundo de Assiah . Este é o Grande Homem do Zohar , de quem Eliphas Levi escreve:

"Não é menos surpreendente observar no início do Zohar a profundidade de suas noções e a sublime simplicidade de suas imagens. É dito da seguinte forma: 'A ciência do equilíbrio é a chave da ciência oculta. Forças desequilibradas perecem no vazio. Assim passaram os reis do mundo antigo, os príncipes dos gigantes. Eles caíram como árvores sem raízes, e seu lugar não é mais encontrado. Através do conflito de forças desequilibradas, a terra devastada ficou vazia e sem forma, até que o Espírito de Deus fez para si um lugar no céu e reduziu a massa de águas. Todas as aspirações da Natureza foram então direcionadas para a unidade da forma, para a síntese viva (se forças equilibradas; o rosto de Deus, coroado de luz, ergueu-se sobre o vasto mar e refletiu-se em suas águas. Seus dois olhos se manifestaram, irradiando esplendor, lançando dois raios de luz que se cruzaram com os do reflexo. A testa de Deus e Seus olhos formaram um triângulo no céu, e seu reflexo formou um segundo triângulo no águas. Assim foi revelado o número seis, sendo o da criação universal.' O texto, que seria ininteligível em uma versão literal, é traduzido aqui por meio de interpretação. O autor deixa claro que a forma humana que ele atribui à Divindade é apenas uma imagem de seu significado e que Deus está além da expressão pelo pensamento humano ou representação por qualquer figura. Pascal disse que Deus é um círculo, cujo centro está em toda parte

e a circunferência em lugar nenhum. Mas como imaginar um círculo separado de sua circunferência? O Zohar adota a antítese dessa imagem paradoxal e em relação ao círculo de Pascal diria que a circunferência está em toda parte, enquanto o que não está em lugar nenhum é o centro. No entanto, é a uma balança e não a um círculo que ele compara o equilíbrio universal das coisas. Ele afirma que o equilíbrio está em toda parte e, portanto, também é o ponto central onde a balança está suspensa. Descobrimos que o Zohar é, portanto, mais forte e mais profundo do que Pascal. * * * O Zohar é uma gênese da luz; o Sepher Yetzirah é uma escada da verdade. Nele são expostos os trinta e dois símbolos absolutos da fala — sendo números e letras. Cada letra produz um número, uma ideia e uma forma, de modo que a matemática é aplicável a formas e ideias, até mesmo quanto a números, em virtude de uma proporção exata e uma correspondência perfeita. Pela ciência do Sepher Yetzirah, a mente humana está enraizada na verdade e na razão; ela explica todo o progresso possível à inteligência por meio da evolução dos números. Assim, o Zohar representa a verdade absoluta, enquanto o Sepher Yetzirah fornece o método de sua aquisição, seu discernimento e aplicação." (História da Magia .)

Ao colocar o próprio homem no ponto D 10, sua verdadeira constituição é revelada. Ele existe em quatro mundos, apenas um dos quais é visível. Torna-se então evidente que suas partes e membros no plano material são, por analogia, hierarquias e inteligências nos mundos superiores. Aqui, novamente, a lei da interpenetração é evidenciada. Embora dentro do homem esteja o universo inteiro (as 43 esferas interpenetrando D 10), ele ignora sua existência porque não pode exercer controle sobre o que é superior ou maior do que ele. No entanto, todas essas esferas superiores exercem controle sobre ele, como suas funções e atividades demonstram. Se não o fizessem, ele seria uma massa inerte de substância. A morte é meramente o resultado de desviar os impulsos vitais dos anéis superiores para longe do corpo inferior.

O controle dos anéis transubstanciais sobre sua própria reflexão material é chamado de vida , e o espírito do homem é, na realidade, um nome dado a essa grande hoste de inteligências, que são focadas na substância através de um ponto chamado ego , estabelecido no meio de si mesmas. X 1 é o limite externo do Ovo Áurico humano, e todo o diagrama se torna uma seção transversal da constituição do homem, ou uma seção transversal da constituição Kósmica, se correlacionada com o universo. Pela cultura secreta da Escola Cabalística, o homem é ensinado a escalar os anéis (desdobrar sua consciência) até que finalmente ele retorne a AIN SOPH. O processo pelo qual isso é realizado é chamado de Cinquenta Portões de Luz . Kircher, o cabalista jesuíta, declara que Moisés passou por quarenta e nove dos portões, mas que somente Cristo passou pelo quinquagésimo portão.

À terceira edição do Sepher Yetzirah traduzido do hebraico por Wm. Wynn Westcott são anexados os Cinquenta Portões da Inteligência que emanam de Binah , a

segunda Sephira. A fonte desta informação é o Œdipus Ægyptiacus de Kircher . Os portões são divididos em seis ordens, das quais as quatro primeiras têm cada uma dez subdivisões, a quinta nove e a sexta apenas uma.

A primeira ordem de portões é denominada Elementar e suas áreas de divisão são as seguintes: (1) Caos, Hyle, a Primeira Matéria; (2) Sem forma, vazio, sem vida; (3) O Abismo; (4) Origem dos Elementos; (5) Terra (sem germes de sementes); (6) Água; (7) Ar; (8) Fogo; (9) Diferenciação de qualidades; (10) Mistura e combinação.

A segunda ordem de portões é denominada Década da Evolução e suas áreas de divisão são as seguintes: (11) Os minerais se diferenciam; (12) Os princípios vegetais aparecem; (13) As sementes germinam na umidade; (14) Ervas e árvores; (15) Frutificação na vida vegetal; (16) Origem das formas inferiores de vida animal; (17) Insetos e répteis aparecem; (18) Peixes, vida vertebrada nas águas; (19) Pássaros, vida vertebrada no ar; (20) Quadrúpedes, animais vertebrados da terra.

A terceira ordem de portões é denominada Década da Humanidade e suas divisões são as seguintes: (21) Aparência do Homem; (22) Corpo humano material; (23) Alma Humana conferida; (24) Mistério de Adão e Eva; (25) Homem Completo como o Microcosmo; (26) Dom de cinco faces humanas agindo exteriormente; (27) Dom de cinco poderes para a alma; (28) Adam Kadmon, o Homem Celestial; (29) Seres angélicos, (30) Homem à imagem de Deus.

A quarta ordem de portões é denominada Mundo das Esferas e suas divisões são as seguintes: (31) O Céu da Lua; (32) O Céu de Mercúrio, (33) O Céu de Vênus; (34) O Céu do Sol; (35) O Céu de Marte; (36) O Céu de Júpiter; (37) O Céu de Saturno; (38) O Firmamento; (39) O Primum Mobile; (40) O Céu Empíreo.

A quinta ordem de portões é denominada O Mundo Angélico e suas divisões são as seguintes: (41) Ishim — Filhos do Fogo; (42) Orphanim — Querubins; (43) Aralim — Tronos; (44) Chashmalim — Domínios; (45) Serafins — Virtudes; (46) Melachim — Poderes; (47) Elohim — Principados; (48) Ben Elohim — Anjos; (49) Querubins — Arcanjos. [A ordem dos Anjos é uma questão de controvérsia, o arranjo acima difere daquele aceito em outras seções deste volume. Os Rabinos discordam fundamentalmente quanto à sequência adequada dos nomes Angélicos.]

A sexta ordem é denominada O Arquétipo e consiste em apenas um portão: (50) Deus, AIN SOPH, Aquele a quem nenhum olho mortal viu. O quinquagésimo portão leva da criação ao Princípio Criativo e aquele que passa por ele retorna à condição ilimitada e indiferenciada de TUDO. Os cinquenta portões revelam um certo processo evolutivo e foi declarado pelos Rabinos que aquele que atingiria o mais alto grau de compreensão deve passar sequencialmente por todas essas ordens de vida, cada uma das quais constitui um portão em que o espírito, passando do

inferior para o superior, encontrou em cada organismo mais responsivo novas avenidas de autoexpressão.

A Árvore das Sephiroth

A Árvore das Sephiroth pode ser considerada um compêndio inestimável da filosofia secreta que originalmente era o espírito e a alma do Chasidismo. A Cabala é a herança inestimável de Israel, mas a cada ano aqueles que compreendem seus verdadeiros princípios se tornam menos numerosos. O judeu de hoje, se lhe falta uma percepção da profundidade das doutrinas de seu povo, geralmente é permeado com a forma mais perigosa de ignorância, o modernismo, e é propenso a considerar a Cabala como um mal a ser evitado como a praga ou como uma superstição ridícula que sobreviveu à magia negra da Idade das Trevas. No entanto, sem a chave que a Cabala fornece, os mistérios espirituais do Antigo e do Novo Testamento devem permanecer sem solução tanto para judeus quanto para gentios.

A Árvore Sephirótica consiste em dez globos de esplendor luminoso dispostos em três colunas verticais e conectados por 22 canais ou caminhos. Os dez globos são chamados de Sephiroth e a eles são atribuídos os números de i a 10. As três colunas são chamadas de Misericórdia (à direita), Severidade (à esquerda) e, entre elas, Suavidade , como o poder reconciliador. As colunas também podem ser ditas como representando Sabedoria , Força e Beleza , que formam o suporte trino do universo, pois está escrito que a fundação de todas as coisas é o Três . Os 22 canais são as letras do alfabeto hebraico e a eles são atribuídos os principais trunfos do baralho de cartas simbólicas do Tarô.

Eliphas Levi declarou que, ao organizar as cartas do Tarô de acordo com uma ordem definida, o homem poderia descobrir tudo o que é cognoscível a respeito de seu Deus, seu universo e ele mesmo. Quando os dez números que pertencem aos globos (Sephiroth) são combinados com as 22 letras relacionadas aos canais, a soma resultante é 32 — o número peculiar aos Caminhos Cabalísticos da Sabedoria. Esses Caminhos, ocasionalmente chamados de 32 dentes na boca do Vasto Semblante ou como os 32 nervos que se ramificam do Cérebro Divino, são análogos aos primeiros 32 graus da Maçonaria, que elevam o candidato à dignidade de um Príncipe do Segredo Real. Os cabalistas também consideram extremamente significativo que nas Escrituras Hebraicas originais o nome de Deus deva ocorrer 32 vezes no primeiro capítulo do Gênesis. (Nas traduções inglesas da Bíblia, o nome aparece 33 vezes.) Na análise mística do corpo humano, de acordo com os rabinos, 32 segmentos espinhais conduzem para cima, ao Templo da Sabedoria — o crânio.

As quatro Árvores Cabalísticas descritas no capítulo anterior foram combinadas por estudiosos judeus posteriores em um diagrama abrangente e denominadas por eles

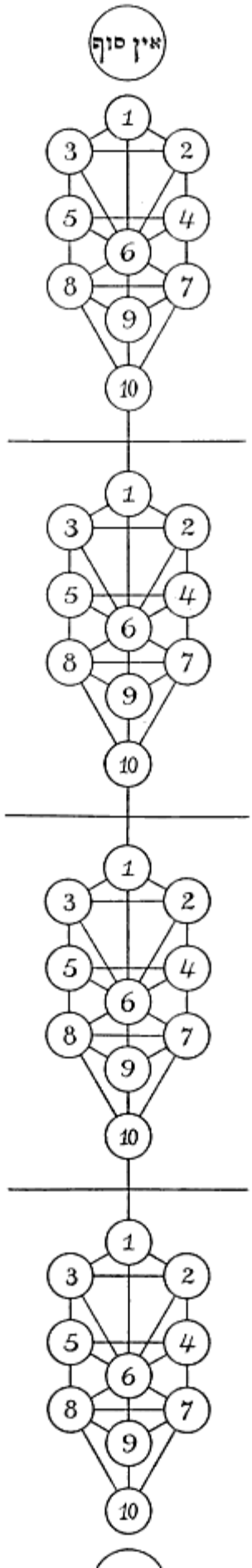
não apenas de Sephirothic, mas também de Archetypal , ou Celestial , Adam . De acordo com algumas autoridades, é este Adão Celestial, e não um homem terrestre, cuja criação é descrita nos capítulos iniciais de Gênesis. Das substâncias deste homem divino o universo foi formado; nele ele permanece e continuará mesmo após a dissolução resolver as esferas de volta à sua própria substância primitiva. A Divindade nunca é concebida como realmente contida nas Sephiroth, que são vasos puramente hipotéticos empregados para definir os limites da Essência Criativa. Adolph Franck compara as Sephiroth a tigelas de vidro transparente multicoloridas cheias de luz pura, que aparentemente assumem a cor de seus recipientes, mas cuja natureza essencial permanece sempre inalterada e imutável.

Deve ser continuamente enfatizado que os Sephiroth e as propriedades atribuídas a eles, como os tetractys dos pitagóricos, são meramente símbolos do sistema cósmico com sua multidão de partes. O significado mais verdadeiro e completo desses emblemas não pode ser revelado por escrito ou pela palavra da boca, mas deve ser adivinhado como resultado de estudo e meditação. No Sepher ha Zohar está escrito que há uma vestimenta — a doutrina escrita — que todo homem pode ver. Aqueles com entendimento não olham para a vestimenta, mas para o corpo por baixo dela — o código intelectual e filosófico. Os mais sábios de todos, no entanto, os servos do Rei Celestial, não olham para nada, exceto para a alma — a doutrina espiritual — que é a raiz eterna e sempre crescente da lei. Sobre esta grande verdade, Eliphas Levi também escreve declarando que ninguém pode ganhar entrada na Casa secreta da Sabedoria a menos que use a capa volumosa de Apolônio de Tiana e carregue em sua mão a lâmpada de Hermes. A capa simboliza as qualidades de autocontrole e autoconfiança que devem envolver o buscador como um manto de força, enquanto a lâmpada sempre acesa do sábio representa a mente iluminada e o intelecto perfeitamente equilibrado, sem os quais o mistério das eras nunca poderá ser resolvido.

A Árvore Sephirótica é às vezes retratada como um corpo humano, estabelecendo assim mais definitivamente a verdadeira identidade do primeiro, ou Celestial, Homem — Adam Kadmon — a Ideia do Universo. Os dez globos divinos (Sephiroth) são então considerados análogos aos dez membros e órgãos sagrados do Protogonos , de acordo com o seguinte arranjo. Kether é a coroa da Cabeça Prototípica e talvez se refira à glândula pineal; Chochmah e Binah são os hemisférios direito e esquerdo, respectivamente, do Grande Cérebro; Chesed e Geburah (Pechad) são os braços direito e esquerdo, respectivamente, significando os membros criativos ativos do Grande Homem; Tiphereth é o coração, ou, de acordo com alguns, todas as vísceras; Netsah e Hod são as pernas direita e esquerda, respectivamente, ou os suportes do mundo; Jesod é o sistema

generativo, ou a fundação da forma; e Malchuth representa os dois pés, ou a base do ser. Ocasionalmente Jesod é considerado como o poder masculino e Malchuth como o poder gerador feminino. O Grande Homem assim concebido é a imagem gigantesca do sonho de Nabucodonosor, com cabeça de ouro, braços e peito de prata, corpo de bronze, pernas de ferro e pés de barro. Os cabalistas medievais também atribuíram um dos Dez Mandamentos e uma décima parte da Oração do Senhor em ordem sequencial a cada uma das dez Sephiroth.

Sobre as emanações de Kether que se estabelecem como três tríades de Poderes Criativos — denominadas no Sepher ha Zohar três cabeças, cada uma com três faces — HP Blavatsky escreve: "Esta [Kether] foi a primeira Sephiroth, contendo em si as outras nove ספירות Sephiroth, ou inteligências. Em sua totalidade e unidade, elas representam o homem arquetípico, Adam Kadmon , o πρωτόγονος, que em sua individualidade ou unidade é ainda dual, ou bissexual, o Didumos grego , pois ele é o protótipo de toda a humanidade. Assim, obtemos três trindades, cada uma contida em uma 'cabeça'. Na primeira cabeça, ou face (a Trimurti hindu de três faces),


אין סוף
1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
1
2
3
4
5
6
7
8
9
10

AS QUATRO ÁRVORES SEFIRÓTICAS.

Os quarenta círculos concêntricos mostrados no grande corte circular no capítulo anterior são aqui organizados como quatro árvores, cada uma consistindo de dez círculos. Essas árvores revelam a organização das hierarquias que controlam os destinos de toda a criação. As árvores são as mesmas em cada um dos quatro mundos, mas os poderes investidos nos globos se expressam diferentemente através das substâncias de cada mundo, resultando em diferenciação infinita.

encontramos Sephira [Kether], o primeiro andrógino, no ápice do triângulo superior, emitindo Hachama [Chochmah], ou Sabedoria, uma potência masculina e ativa - também chamada Jah, יה - e Binah , בינה, ou Inteligência, uma potência feminina e passiva, também representada pelo nome Jeová יהוה. Esses três formam a primeira trindade ou 'face' das Sephiroth. Essa tríade emanou Hesed , הסד, ou Misericórdia, uma potência masculina ativa, também chamada El , da qual emanou Geburah גבורה, ou justiça, também chamada Eloha, uma potência feminina passiva; da união desses dois foi produzido Tiphereth טפארת, Beleza, Clemência, o Sol Espiritual, conhecido pelo nome divino Elohim ; e a segunda tríade, 'face' ou 'cabeça', foi formada. Estas emanando, por sua vez, a potência masculina Netzah , נצה, Firmeza, ou Jeová Sabaoth, que emitiu a potência passiva feminina Hod, הוד, Esplendor, ou Elohim Sabaoth; os dois produziram Jesod , יסוד, Fundação, que é o poderoso vivente El-Chai , produzindo assim a terceira trindade ou 'cabeça'. A décima Sephiroth é mais uma dupla, e é representada nos diagramas como o círculo mais baixo. É Malchuth ou Reino, מלכות, e Shekinah , שכינה, também chamado Adonai, e Querubins entre as hostes angelicais. A primeira 'Cabeça' é chamada de mundo Intelectual; a segunda 'Cabeça' é o Sensual, ou o mundo da Percepção, e a terceira é o mundo material ou Físico." (Veja Ísis Sem Véu .)

Entre os cabalistas posteriores, há também uma divisão da Árvore Sephirótica em cinco partes, nas quais a distribuição dos globos está de acordo com a seguinte ordem:

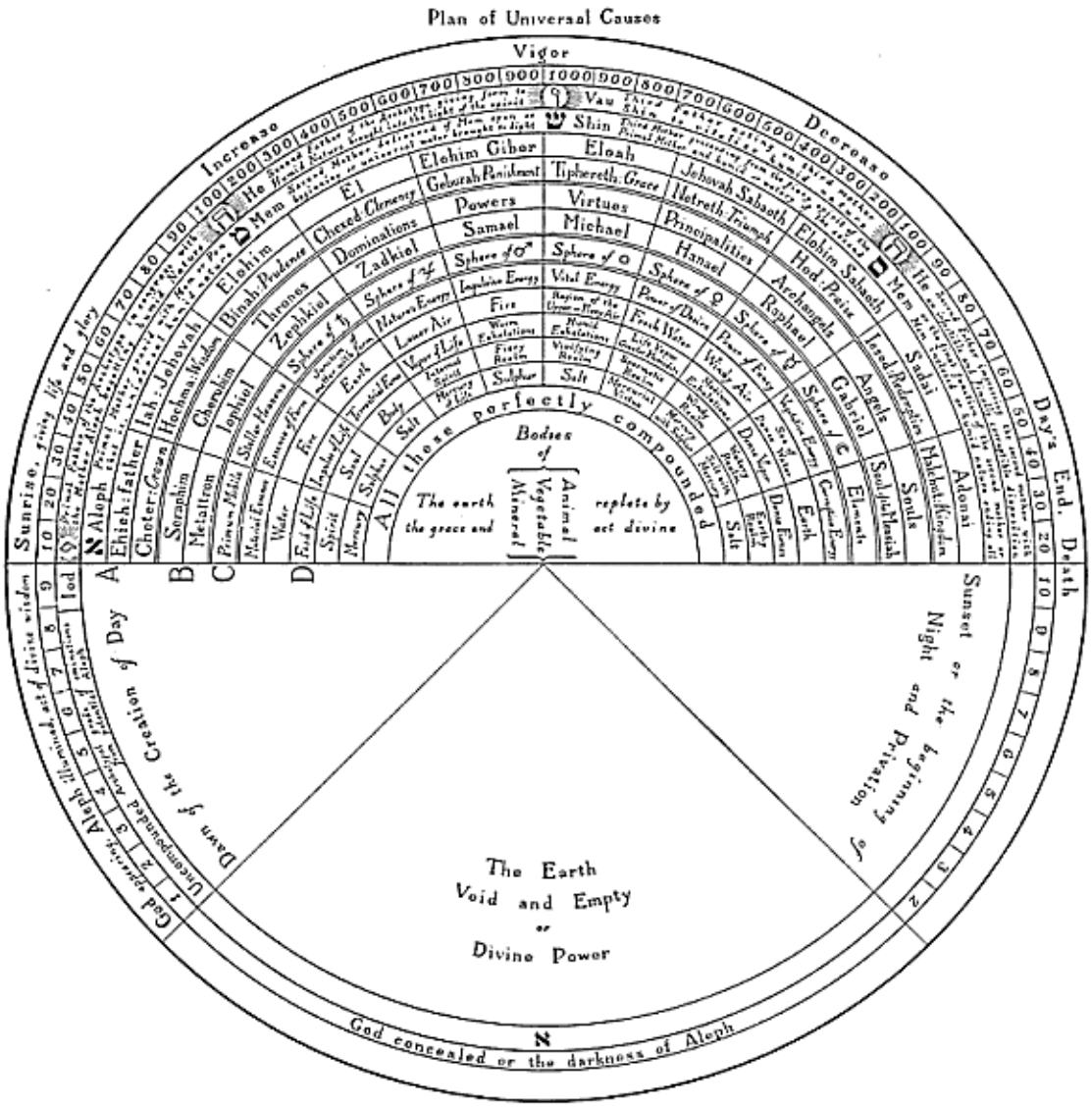
(1) Macroprosophus , ou a Grande Face , é o termo aplicado a Kether como a primeira e mais exaltada das Sephiroth e inclui as nove potências ou Sephiroth que emanam de Kether.

(2) Abba , o Grande Pai , é o termo geralmente aplicado a Chochmah - Sabedoria Universal - a primeira emanação de Kether, mas, de acordo com Ibn Gebirol, Chochmah representa o Filho, o Logos ou a Palavra nascida da união de Kether e Binah.

(3) Aima , a Grande Mãe , é o nome pelo qual Binah, ou a terceira Sephira, é geralmente conhecida. Este é o Espírito Santo, de cujo corpo as gerações emanam. Sendo a terceira pessoa da Tríade Criativa, corresponde a Jeová, o Demiurgo.

(4) Microprosophus , ou a Face Menor , é composta pelas seis Sephiroth — Chesed, Geburah, Tiphereth, Netsah, Hod e Jesod. O Microprosophus é comumente chamado de Adão Menor , ou Zauir Anpin , enquanto o Macroprosophus , ou Adão Superior , é Arikh Anpin . A Face Menor é devidamente simbolizada pela estrela de seis pontas ou triângulos entrelaçados de Sião e também pelas seis faces do cubo. Ela representa as direções norte, leste, sul, oeste, para cima e para baixo, e também os primeiros seis dias da Criação. Em sua lista das partes do Microprosophus, MacGregor-Mathers inclui Binah como a primeira e superior parte do Adão Menor , tornando assim sua constituição setenária. Se Microprosophus for considerado sexpartite, então seus globos (Sephiroth) são análogos aos seis dias da Criação, e o décimo globo, Malchuth, ao sábado de descanso.

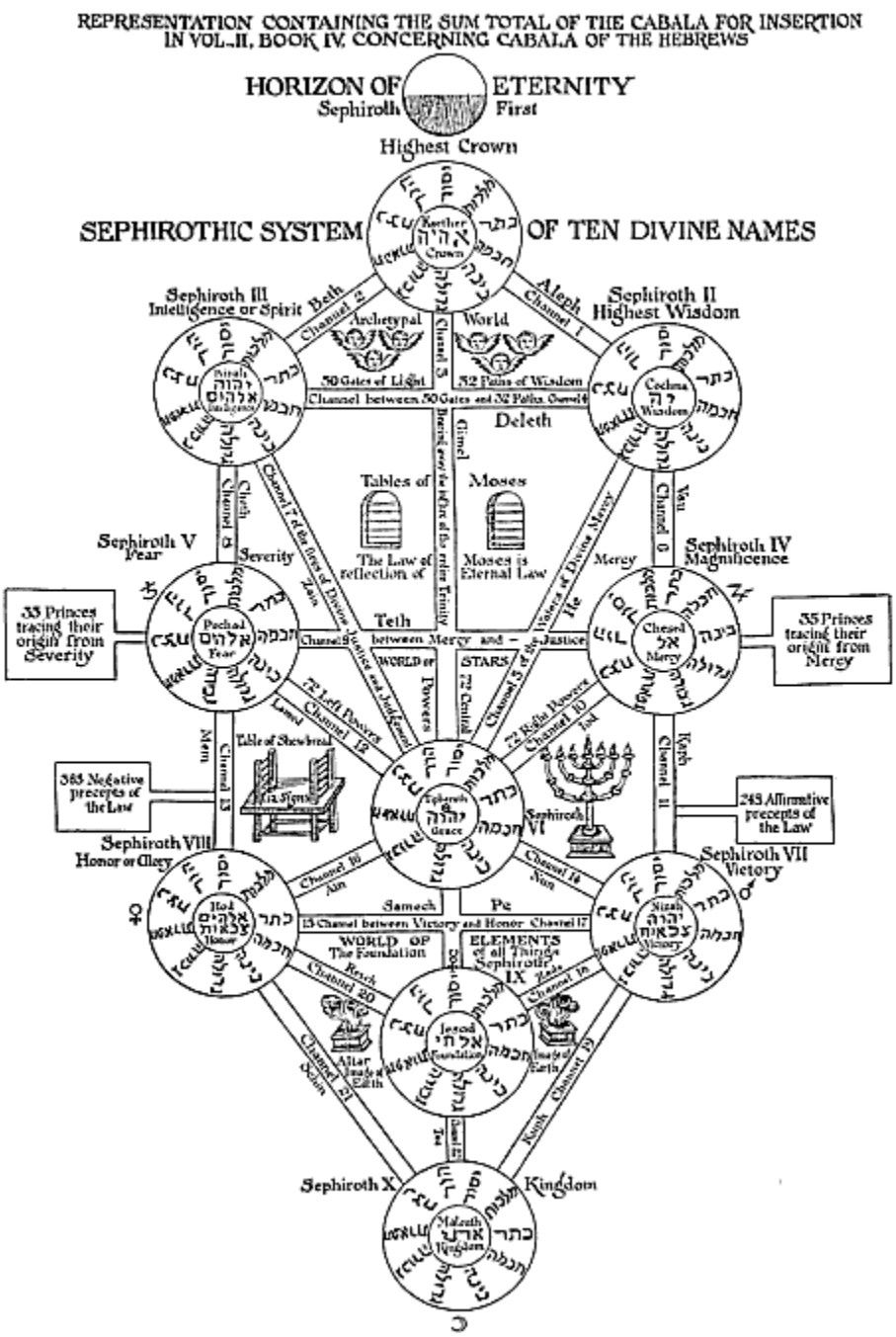
(5) A Noiva de Microprosophus é Malchuth — o epítome das Sephiroth, sua constituição quaternária sendo composta de misturas dos quatro elementos. Esta é a Eva divina que é retirada



UMA TABELA DE CORRESPONDÊNCIAS SEFIRÓTICAS.

Da Coleção Ópera de Fludd .

O diagrama acima foi especialmente traduzido do latim como sendo de valor único para estudantes de cabalismo e também como um exemplo da habilidade incomum de Robert Fludd em montar tabelas de correspondências. Robert Fludd está entre os mais eminentes rosacruzes e maçons; na verdade, ele tem sido frequentemente chamado de "o primeiro rosacruz inglês". Ele escreveu vários documentos valiosos diretamente relacionados ao enigma rosacruz. É significativo que as mais importantes de suas obras sejam publicadas ao mesmo tempo que as de Bacon, Shakespeare e os primeiros autores rosacruzes.



A ÁRVORE SEFIRÓTICA DOS CABALISTAS POSTERIORES.

Traduzido do Édipo Egípcio de Kircher .

Tendo demonstrado que os cabalistas dividiram o universo em quatro mundos, cada um consistindo de dez esferas, é necessário considerar a seguir como as dez esferas de cada mundo foram organizadas no que é chamado de "Árvore Sephirótica". Esta Árvore é composta de dez círculos, representando os números de 1 a 20 e conectados por vinte e dois canais - as vinte e duas letras do alfabeto

hebraico. Os dez números mais as vinte e duas letras resultam no número oculto 32, que, de acordo com a Mishná , significa os Trinta e dois Caminhos da Sabedoria. Letras e números, de acordo com os cabalistas, são as chaves para todo o conhecimento, pois por um sistema secreto de organizá-los os mistérios da criação são revelados. Por esta razão, eles são chamados de "os Caminhos da Sabedoria". Este fato oculto é cuidadosamente escondido no 32º grau da Maçonaria.

Existem quatro árvores, uma em cada um dos quatro mundos estabelecidos no capítulo anterior. A primeira está no Mundo Atziluthic, os dez círculos sendo os dez globos de luz estabelecidos no meio de AIN SOPH. Os poderes e atributos desta Árvore são refletidos em cada um dos três mundos inferiores, a forma da Árvore permanecendo a mesma, mas seu poder diminuindo à medida que desce. Para complicar ainda mais sua doutrina, os cabalistas criaram outra árvore, que era um composto de todas as quatro árvores do mundo, mas consistia em apenas dez globos. Nesta única árvore foram condensados todos os arcanos previamente espalhados pelos volumosos arquivos da literatura cabalística.

do lado do Microprosophus e combina as potências de toda a Árvore Cabalística em uma esfera, que pode ser denominada homem.

De acordo com os mistérios das Sephiroth, a ordem da Criação, ou o Relâmpago Divino que ziguezagueia pelos quatro mundos de acordo com a ordem das emanações divinas, é assim descrita: De AIN SOPH, o Nada e o Tudo, a Potência Eterna e Incondicionada, surge Macroprosophus , o Rosto Longo , de quem está escrito: "Dentro de Seu crânio existem diariamente treze mil miríades de mundos que extraem sua existência Dele e por Ele são sustentados." (Veja A Grande Assembleia Sagrada.) Macroprosophus , a vontade direcional de AIN SOPH, correspondendo a Kether, a Coroa das Sephiroth, dá à luz de Si mesmo as nove esferas menores das quais Ele é a soma e a causa predominante. As 22 letras do alfabeto hebraico, pelas várias combinações das quais as leis do universo são estabelecidas, constituem o cetro de Macroprosophus , que Ele empunha de Seu trono flamejante no Mundo Atziluthic.

Deste eterno e antigo andrógino--Kether--surgem Chochmah, o grande Pai, e Binah, a grande Mãe. Estes dois são geralmente chamados de Abba e Aima, respectivamente--o primeiro macho e a primeira fêmea, os protótipos do sexo. Estes correspondem às duas primeiras letras do nome sagrado, Jeová, יהוה, IHVH . O Pai é o י, ou I , e a Mãe é o ה, ou H. Abba e Aima simbolizam as atividades criativas do universo, e são estabelecidas no mundo criativo de Briah. No Sepher ha Zohar está escrito, "E , portanto, todas as coisas são estabelecidas na igualdade de macho e fêmea; pois se não fosse assim, como poderiam subsistir? Este começo é o Pai de todas as coisas; o Pai de todos os Pais; e ambos estão mutuamente

ligados, e um caminho brilha no outro--Chochmah, Sabedoria, como o Pai; Binah, Entendimento, como a Mãe."

Há uma diferença de opinião a respeito de certas relações das partes da primeira tríade. Alguns cabalistas, incluindo Ibn Gebirol, consideram Kether como o Pai, Binah como a Mãe e Chochmah como o Filho. Neste arranjo posterior, a Sabedoria, que é o atributo do Filho, torna-se a criadora das esferas inferiores. O símbolo de Binah é a pomba, um emblema apropriado para o instinto maternal taciturno da Mãe Universal.

Por causa da grande similaridade de sua tríade criativa com a Trindade Cristã, os cabalistas posteriores reorganizaram as três primeiras Sephiroth e adicionaram um ponto misterioso chamado Daath — uma hipotética décima primeira Sephira. Ela está localizada onde a linha horizontal que conecta Chochmah e Binah cruza a linha vertical que une Kether e Tiphereth. Embora Daath não seja mencionado pelos primeiros cabalistas, é um elemento altamente importante e sua adição à Árvore Sephirótica não foi feita sem a plena compreensão do significado de tal ação. Se Chochmah for considerada a energia ativa e inteligente de Kether, e Binah a capacidade receptiva de Kether, então Daath se torna o pensamento que, criado por Chochmah, flui para Binah. A postulação de Daath esclarece o problema da Trindade Criativa, pois aqui ela é representada diagramática como consistindo de Chochmah (o Pai), Binah (a Mãe, ou Espírito Santo) e Daath , a Palavra pela qual os mundos foram estabelecidos. Isaac Myer desconsidera a importância de Daath , declarando-a um subterfúgio para esconder o fato de que Kether, e não Chochmah; é o verdadeiro Pai da Tríade Criativa. Ele não faz nenhuma tentativa de dar uma explicação satisfatória para o simbolismo desta hipotética Sephira.

De acordo com a concepção original, da união do Pai Divino e da Mãe Divina é produzido Microprosophus — o Rosto Curto ou o Semblante Menor , que é estabelecido no Mundo Yetzirático de formação e corresponde à letra ו, ou V , no Grande Nome. Os seis poderes de Microprosophus fluem e estão contidos em sua própria fonte, que é Binah, a Mãe do Adão Menor . Estes constituem as esferas dos planetas sagrados; seu nome é Elohim, e eles se movem sobre a face do abismo. A décima Sephira — Malchuth, o Reino — é descrita como a Noiva do Adão Menor , criada costas com costas com seu senhor, e a ela é atribuído o final, ה, ou H , a última letra do Nome Sagrado. A morada de Malchuth está no quarto mundo — Assiah — e é composta de todos os poderes superiores refletidos nos elementos da esfera terrestre. Assim, será visto que a Árvore Cabalística se estende por quatro mundos, com seus ramos na matéria e suas raízes no Ancião dos Anciões — Macroprosophus .

Três colunas verticais sustentam o sistema universal como tipificado pela Árvore Sephirótica. O pilar central tem sua fundação em Kether, o Eterno. Ele passa para

baixo através da hipotética Sephira, Daath , e então através de Tiphereth e Jesod, com sua extremidade inferior apoiada sobre a fundação firme de Malchuth, o último dos globos. A verdadeira importância do pilar central é o equilíbrio. Ele demonstra como a Divindade sempre se manifesta emanando polos de expressão do meio de Si mesma, mas permanecendo livre da ilusão de polaridade. Se os números das quatro Sephiroth conectadas por esta coluna forem somados (1 +6 +9 + 10), a soma é 26, o número de Jeová. (Veja o capítulo sobre Matemática Pitagórica .)

A coluna à direita, que é chamada Jachin , tem sua fundação em Chochmah, a efusão da Sabedoria de Deus; os três globos suspensos dela são todas potências masculinas. A coluna à esquerda é chamada Boaz . Os três globos sobre ela são potências femininas e receptivas, pois ela é fundada em Entendimento , uma potência receptiva e maternal. Sabedoria , será notado, é considerada como radiante ou efusão, e Entendimento como receptivo, ou algo que é preenchido pelo fluir da Sabedoria . Os três pilares são finalmente unidos em Malchuth, no qual todos os poderes dos mundos superiores são manifestados.

Os quatro globos sobre a coluna central revelam a função do poder criativo nos vários mundos. No primeiro mundo, o poder criativo é a Vontade — a única Causa Divina; no segundo mundo, o hipotético Daath — a Palavra que surge do Pensamento Divino; no terceiro mundo, Tiphereth — o Sol, ou ponto focal entre Deus e a Natureza; no quarto mundo, é duplo, sendo os polos positivo e negativo do sistema reprodutivo, do qual Jesod é o masculino e Malchuth o feminino.

Na Árvore Sephirótica de Kircher, deve-se notar especialmente que os ornamentos do Tabernáculo aparecem nas várias partes do diagrama. Eles indicam uma relação direta entre a sagrada Casa de Deus e o universo — uma relação que deve sempre ser considerada como existente entre a Divindade por cuja atividade o mundo é produzido e o próprio mundo, que deve ser a casa ou veículo dessa Divindade. Se o mundo científico moderno pudesse sentir a verdadeira profundidade dessas deduções filosóficas dos antigos, perceberia que aqueles que fabricaram a estrutura da Cabala possuíam um conhecimento do plano celestial comparável em todos os aspectos ao do sábio moderno.

O Tetragrama , ou o Nome de Deus de quatro letras, escrito assim יהוה, é pronunciado Jeová. A primeira letra é י, Yod , o Germe, a Vida, a Chama, a Causa, o Um, e o mais fundamental dos emblemas fálicos judaicos. Seu valor numérico é 10, e deve ser considerado como o 1 contendo o 10. Na Cabala é declarado que o a Yod é na realidade três Yods , dos quais o primeiro é o começo , o segundo é o centro , e o terceiro é o fim . Seu trono é a Sephira Chochmah (de acordo com Ibn Gebirol, Kether), de onde sai para engravidar Binah, que é o primeiro ה, He . O resultado dessa união é Tiphereth, que é o ו Vau , cujo poder é 6 e que simboliza os seis membros do Adão Menor . O ה final, He , é Malchuth, a Mãe Inferior , participando

de parte das potências da Mãe Divina , o primeiro He . Ao colocar as quatro letras do Tetragrammaton em uma coluna vertical, uma figura que se assemelha muito ao corpo humano é produzida, com Yod para a cabeça, o primeiro He para os braços e ombros, Vau para o tronco do corpo e o He final para os quadris e pernas. Se as letras hebraicas forem trocadas por seus equivalentes em inglês, a forma não é materialmente alterada ou a analogia alterada. Também é extremamente significativo que ao inserir a letra ש, Shin , no meio do nome Jehovah , a palavra Jehoshua , ou Jesus , seja formada assim:

יהשוה

Nos Mistérios Cabalísticos, de acordo com Eliphas Levi, o nome Jeová é ocasionalmente escrito conectando-se 24 pontos — os 24 poderes diante do trono — e acredita-se que o nome do Poder do Mal é o sinal de Jeová invertido ou invertido. (Veja Magia Transcendental .) Sobre a Grande Palavra, Albert Pike escreve: "A Verdadeira Palavra de um Maçom deve ser encontrada no significado oculto e profundo do Nome Inefável da Divindade, comunicado por Deus a Moisés; e cujo significado foi perdido há muito tempo pelas próprias precauções tomadas para ocultá-lo. A verdadeira pronúncia desse nome era na verdade um segredo, no qual, no entanto, estava envolvido o segredo muito mais profundo de seu significado. Nesse significado está incluída toda a verdade que pode ser conhecida por nós, em relação à natureza de Deus." (Veja Moral e Dogma .)

AS SEPHIROTH NA FORMA DO SISTEMA SOLAR.

De Antiguidades Indianas de Maurice .

Thomas Maurice reproduz a gravura acima, que é uma modificação da elaborada árvore da página anterior. As Sephiroth estão aqui sobrepostas, diminuindo em tamanho à medida que diminuem em poder e dignidade. Assim, a Coroa é a maior e a que tudo inclui, e o Reino — que representa o universo físico — é o menor e de menor importância.

Chaves Cabalísticas para a Criação do Homem

HENRIE STEPHEN, em A World of Wonders , publicado em 1607, menciona um monge de Santo Antônio que declarou que, enquanto em Jerusalém, o patriarca daquela cidade lhe mostrou não apenas uma das costelas do Verbo feito carne e alguns raios da Estrela de Belém, mas também o focinho de um serafim, uma unha de um querubim, os chifres de Moisés e um caixão contendo o sopro de Cristo! Para um povo que acredita implicitamente em um serafim suficientemente tangível para ter sua probóscide preservada, as questões mais profundas da filosofia judaica devem ser necessariamente incompreensíveis. Nem é difícil imaginar a reação que ocorre na mente de algum sábio antigo se ele ouvisse que um querubim — que, de acordo com Santo Agostinho, significa os Evangelistas; de acordo com Philo Judæus, a circunferência mais externa de todos os céus, e de acordo com vários dos Padres da Igreja, a sabedoria de Deus — havia brotado unhas. A confusão sem esperança de princípios divinos com as figuras alegóricas criadas para representá-los às faculdades limitadas dos não iniciados resultou nos mais atrozes equívocos de verdades espirituais. Conceitos quase tão absurdos quanto esses, no entanto, ainda permanecem como barreiras adamantinas para uma verdadeira compreensão do simbolismo do Antigo e do Novo Testamento; pois, até que o homem desembarace seus poderes de raciocínio da teia de absurdos venerados em que sua mente ficou enredada por séculos, como a Verdade pode ser descoberta?

O Antigo Testamento — especialmente o Pentateuco — contém não apenas o relato tradicional da criação do mundo e do homem, mas também, trancados nele, os segredos dos iniciadores egípcios de Moisés a respeito da gênese do deus-homem (o iniciado) e o mistério de seu renascimento por meio da filosofia. Embora o Legislador de Israel seja conhecido por ter compilado várias obras além daquelas geralmente atribuídas a ele, os escritos agora comumente circulados como os supostos sexto e sétimo livros de Moisés são, na realidade, tratados espúrios sobre magia negra impostos aos crédulos durante a Idade Média. Das centenas de milhões de estudantes piedosos e pensativos das Sagradas Escrituras, é quase

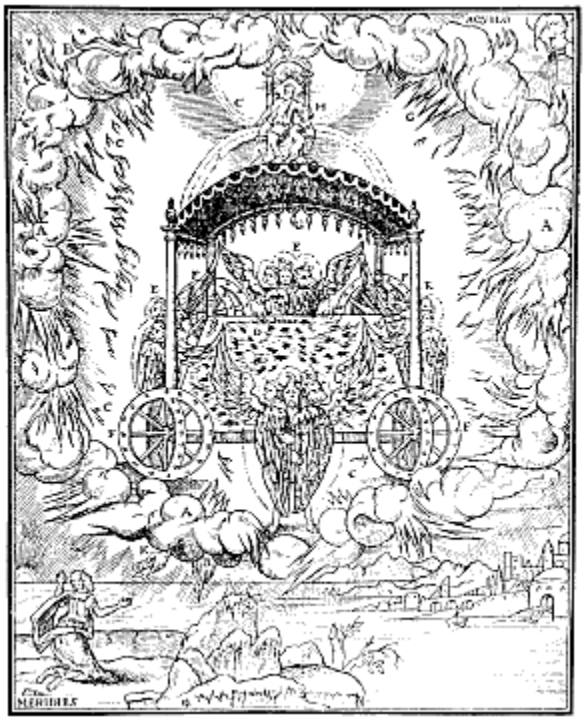
inconcebível que apenas um punhado tenha percebido a sublimidade dos ensinamentos esotéricos de Sod (os Mistérios Judaicos de Adonai). No entanto, a familiaridade com os três processos cabalísticos denominados Gematria , Notarikon e Temurah torna possível a descoberta de muitas das verdades mais profundas da antiga superfísica judaica.

Por Gematria entende-se não apenas a troca de letras por seus equivalentes numéricos, mas também o método de determinar por uma análise de suas medidas o propósito místico para o qual um edifício ou outro objeto foi construído. SL MacGregor-Mathers, em The Kabbalah Unveiled , dá este exemplo da aplicação da Gematria: "Assim também a passagem, Gen. xviii. 2 VHNH S H LS H H, Vehenna Shalisha , 'E eis que três homens', equivale em valor numérico ' ALV MIKAL GBRIAL VRPAL , Elo Mikhael Gabriel Ve-Raphael ,' Estes são Mikhael, Gabriel e Rafael; 'para cada frase = 701." Supondo que os lados de um escaleno sejam 11, 9 e 6 polegadas, um triângulo de tais dimensões seria então um símbolo apropriado de Jeová, pois a soma de seus três lados seria 26, o valor numérico da palavra hebraica IHVH. Gematria também inclui o sistema de descobrir o significado arcano de uma palavra analisando o tamanho e o arranjo dos traços empregados na formação de suas várias letras. Gematria foi empregada pelos gregos, bem como pelos judeus. Os livros do Novo Testamento - particularmente aqueles atribuídos a São João - contêm muitos exemplos de seu uso. Nicéforo Calisto declarou que o Evangelho segundo São João foi descoberto em uma caverna sob o Templo em Jerusalém, o volume tendo sido segregado "muito antes da era cristã". A existência de material interpolado no quarto Evangelho substancia a crença de que a obra foi originalmente escrita sem nenhuma referência específica ao homem Jesus , as declarações ali creditadas a Ele sendo originalmente discursos místicos entregues pela personificação da Mente Universal. Os escritos joaninos restantes - as Epístolas e o Apocalipse - são envoltos por um véu semelhante de mistério.

Por Notarikon, cada letra de uma palavra pode se tornar o caractere inicial de uma nova palavra. Assim, de BRAS H IT H , primeira palavra no livro de Gênesis, são extraídas seis palavras que significam que "no princípio os Elohim viram que Israel aceitaria a lei". O Sr. MacGregor-Mathers também dá seis exemplos adicionais de Notarikon formados a partir da palavra acima por Solomon Meir Ben Moses, um cabalista medieval. Do famoso acróstico atribuído à Sibila Eritreia, Santo Agostinho derivou a palavra ΙΧΘΥΣ, que por Notarikon foi expandida para a frase "Jesus Cristo, Filho de Deus, Salvador". Por outro uso de Notarikon, diretamente o reverso da primeira, da inicial, da última ou das letras do meio das palavras de uma frase pode ser unido para formar uma nova palavra ou palavras. Por exemplo, o nome Amém, ἀμήν, pode ter sido extraído de ארנימלרנאטז, "o Senhor é o Rei fiel". Por terem incorporado esses dispositivos enigmáticos em seus escritos sagrados, os antigos

sacerdotes advertiam seus discípulos a nunca traduzir, editar ou reescrever o conteúdo dos livros sagrados.

Sob o título geral de Temurah, vários sistemas podem ser agrupados e explicados nos quais várias letras são substituídas por outras letras de acordo com tabelas pré-arranjadas ou certos arranjos matemáticos de letras, regulares ou irregulares. Assim, o alfabeto pode ser dividido em duas partes iguais e escrito em linhas horizontais para que as letras da linha inferior possam ser trocadas pelas da linha superior, ou vice-versa. Por este procedimento, as letras da palavra Kuzu podem ser trocadas pelas de IHVH, o Tetragrammaton . Em outra forma de Temurah, as letras são meramente rearranjadas., שתיה é a pedra que é encontrada no centro do mundo, de onde a terra se espalha para todos os lados.



A VISÃO DE EZEQUIEL.

Da Bíblia do "Urso".

Esta placa, que é da primeira Bíblia protestante publicada em espanhol, mostra a Mercavah , ou carruagem de Jeová, que apareceu a Ezequiel perto do rio Chebar. O profeta viu quatro criaturas estranhas (E), cada uma com quatro cabeças, quatro asas e cascos de bronze como os de um bezerro. E havia quatro rodas (F) cheias de olhos. Onde os querubins iam, as rodas também iam. O espaço entre os querubins e as rodas estava cheio de brasas de fogo. No topo da carruagem havia um trono, sobre o qual estava sentado a semelhança de um homem (H). Ezequiel caiu de joelhos quando viu a Mercavah cercada por um redemoinho de nuvens e chamas

(A, B, C). Uma mão (K) estendeu-se das nuvens e o profeta recebeu a ordem de comer de um pergaminho que a mão estendia.

De acordo com os místicos, as rodas que sustentam o trono de Deus representam as órbitas dos planetas, e todo o sistema solar é propriamente a Mercavah, ou carruagem de Deus. Uma das divisões da Cabala — que lida com as artes e ciências daqueles planos que estão sob os céus — é chamada de Mercavah. No Zohar está escrito que o trono celestial ou a visão de Ezequiel significa a lei tradicional; a aparição de um homem sentado no trono representa a lei escrita, Philo Judæus ao descrever os querubins sobre a Arca da Aliança declara que as figuras são uma intimação das revoluções de todos os céus, um dos querubins representando a circunferência externa e o outro a esfera interna. Frente a frente, eles representam os dois hemisférios do mundo. A espada flamejante dos querubins do Gênesis é o movimento central e a agitação dos corpos celestes. Com toda a probabilidade, também representa o raio solar.

[o parágrafo continua] Quando quebrada em duas, a pedra é יה שת, que significa "a colocação de Deus". (Veja Pekudei Rakov , 71, 72.) Novamente, Temurah pode consistir em um anagrama simples, como na palavra inglesa live , que invertida se torna evil . Os vários sistemas de Temurah estão entre os dispositivos mais complicados e profundos dos antigos rabinos.

Entre os estudiosos da teologia, há uma convicção crescente de que as traduções até então aceitas dos escritos bíblicos não expressam adequadamente o espírito dos documentos originais.

"Depois que a primeira cópia do Livro de Deus ", escreve HP Blavatsky, "foi editada e lançada ao mundo por Hilquias, esta cópia desaparece, e Esdras tem que fazer uma nova Bíblia, que Judas Macabeu termina; * * * quando foi copiada das letras cornudas para letras quadradas, foi corrompida além do reconhecimento; * * * a Massorá completou o trabalho de destruição; finalmente, temos um texto, com menos de 900 anos, repleto de omissões, interpolações e perversões premeditadas." (Veja Ísis sem Véu .)

O professor Crawford Howell Toy, de Harvard, observa: "Os manuscritos eram copiados e recopiados por escribas que não apenas cometiam erros em letras e palavras, mas também se permitiam introduzir novo material no texto ou combinar em um manuscrito, sem marca de divisão, escritos compostos por homens diferentes; exemplos desse tipo de procedimento são encontrados especialmente em Miquéias e Jeremias, e nos grupos de profecias que levam os nomes de Isaías e Zacarias." (Veja Judaísmo e Cristianismo .)

A condição mutilada da Bíblia Sagrada — em parte acidental — representa, no entanto, um esforço definido para confundir o leitor não iniciado e, assim, esconder

melhor os segredos dos Tannaim judaicos ? Nunca o mundo cristão esteve de posse desses pergaminhos ocultos que contêm a doutrina secreta de Israel, e se os cabalistas estavam corretos em sua suposição de que os livros perdidos dos Mistérios Mosaicos foram tecidos na estrutura da Torá, então as Escrituras são, na verdade, livros dentro de livros. Nos círculos rabínicos, prevalece a opinião de que a cristandade nunca entendeu o Antigo Testamento e provavelmente nunca entenderá. De fato, existe o sentimento — em alguns setores, pelo menos — de que o Antigo Testamento é posse exclusiva da fé judaica; também de que o cristianismo, após sua perseguição implacável aos judeus, toma liberdades injustificadas quando inclui escritos estritamente judaicos em seu cânone sagrado. Mas, como observado por um rabino, se o cristianismo deve usar as Escrituras judaicas, ele deve pelo menos se esforçar para fazê-lo com algum grau de inteligência!

No capítulo de abertura de Gênesis é declarado que após criar a luz e separá-la das trevas, os sete Elohim dividiram as águas que estavam sob o firmamento das águas que estavam acima do firmamento. Tendo assim estabelecido o universo inferior em perfeito acordo com os ensinamentos esotéricos dos Mistérios Hindus, Egípcios e Gregos, os Elohim voltaram sua atenção para a produção da flora e da fauna e, por último, para o homem. "E Deus disse: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança. * * * Então Deus criou o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou ; homem e mulher os criou . E Deus os abençoou, e Deus lhes disse: Sejam fecundos, e multipliquem-se, e encham a terra, * * *."

Considere em silêncio pensativo o uso surpreendente de pronomes no extrato acima do "exemplo mais perfeito da literatura inglesa". Quando a palavra hebraica plural e andrógina Elohim foi traduzida para a palavra singular e assexuada Deus , os capítulos iniciais de Gênesis foram tornados comparativamente sem sentido. Pode-se temer que, se a palavra tivesse sido traduzida corretamente como "as agências criativas masculina e feminina", os cristãos teriam sido justamente acusados de adorar uma pluralidade de deuses em face de suas repetidas reivindicações de monoteísmo! A forma plural dos pronomes us e our revela inequivocamente, no entanto, a natureza panteísta da Divindade. Além disso, a constituição andrógina do Elohim (Deus) é revelada no próximo versículo, onde ele (referindo-se a Deus) é dito ter criado o homem à sua própria imagem, masculino e feminino ; ou, mais propriamente, como a divisão dos sexos ainda não havia ocorrido, masculino-feminino . Este é um golpe mortal para o conceito consagrado pelo tempo de que Deus é uma potência masculina, conforme retratado por Michelangelo no teto da Capela Sistina. Os Elohim então ordenam que esses seres andróginos sejam frutíferos . Observe que nem o princípio masculino nem o feminino ainda existiam em um estado separado! E, por último, observe a palavra " re plenish". O prefixo re denota "de volta a um estado ou posição original ou

anterior" ou "repetição ou restauração". (Veja o Dicionário Internacional Webster , 1926.) Esta referência definitiva a uma humanidade existente antes da "criação do homem" descrita em Gênesis deve ser evidente para o leitor mais casual das Escrituras.

Um exame de dicionários bíblicos, enciclopédias e comentários revela que a forma plural da palavra Elohim está além da compreensão de seus respeitados autores e editores. A New Schaff-Herzog Encyclopedia of Religious Knowledge resume assim a controvérsia sobre a forma plural da palavra Elohim: "Agora significa ou originalmente significava pluralidade do ser divino?" Um Dicionário da Bíblia, editado por James Hastings, contém a seguinte conclusão, que ecoa os sentimentos de etimologistas mais críticos da Bíblia: "O uso do plural Elohim também é difícil de explicar." O Dr. Havernick considera a forma plural Elohim para significar a abundância e super-riqueza existentes no Ser Divino. Sua declaração, que aparece em The Popular and Critical Bible Encyclopædia , é representativa dos esforços feitos para contornar esta palavra extremamente prejudicial. O International Standard Bible Dictionary considera as explicações oferecidas por teólogos modernos — dos quais o Dr. Havernick é um bom exemplo — muito engenhosas para terem sido concebidas pelos primeiros hebreus e sustenta que a palavra representa a sobrevivência de um estágio politeísta do pensamento semítico. A Jewish Encyclopedia apoia a última suposição com a seguinte declaração concisa: "No que diz respeito ao material epigráfico, tradições e folclore que lançam luz sobre a questão, os semitas são mostrados como tendo tendências politeístas."

Várias escolas de filosofia, tanto judaicas quanto gentias, ofereceram explicações eruditas e outras sobre a identidade de Adão. Neste homem primordial, os neoplatônicos reconheceram a Ideia Platônica da humanidade — o arquétipo ou padrão do gênero homo . Filo Judaeus considerou Adão como representante da mente humana, que podia entender (e, portanto, dar nomes) às criaturas ao seu redor, mas não conseguia compreender (e, portanto, deixou sem nome) o mistério de sua própria natureza. Adão também foi comparado à mônada pitagórica que, em virtude de seu estado de perfeita unidade, podia habitar na esfera edênica. Quando, por meio de um processo semelhante à fissão, a mônada se tornou a dupla — o símbolo apropriado da discórdia e da ilusão — a criatura assim formada foi exilada de seu lar celestial. Assim, o homem duplo foi expulso do Paraíso pertencente à criação indivisa e querubins e uma espada flamejante foram colocados de guarda nos portões do Mundo Causal. Consequentemente, somente após o restabelecimento da unidade dentro de si mesmo o homem pode recuperar seu estado espiritual primordial.

De acordo com os Isarim, a doutrina secreta de Israel ensinava a existência de quatro Adãos, cada um habitando em um dos quatro mundos cabalísticos. O primeiro, ou celestial, Adão habitava sozinho na esfera Atziluthic e dentro de sua

natureza existiam todas as potencialidades espirituais e materiais. O segundo Adão residia na esfera de Briah. Como o primeiro Adão, este ser era andrógino e a décima divisão de seu corpo (seu calcanhar, Malchuth) correspondia à igreja de Israel que feriria a cabeça da serpente. O terceiro Adão — igualmente andrógino — estava vestido em um corpo de luz e morava na esfera de Yetzirah. O quarto Adão era meramente o terceiro Adão após a queda na esfera de Assiah, momento em que o homem espiritual tomou sobre si a concha animal ou manto de peles . O quarto Adão ainda era considerado um único indivíduo, embora a divisão tivesse ocorrido dentro de sua natureza e duas conchas ou corpos físicos existissem, em um dos quais estava encarnada a potência masculina e no outro a potência feminina. (Para mais detalhes, consulte Isaac Myer.)

A natureza universal de Adão é revelada nos vários relatos sobre as substâncias das quais ele foi formado. Foi originalmente ordenado que a "sujeira" a ser usada para moldá-lo fosse derivada dos sete mundos. Como esses planos, no entanto, se recusaram a dar suas substâncias, o Criador arrancou deles à força os elementos a serem empregados na constituição adâmica. Santo Agostinho descobriu um Notarikon em nome de Adão. Ele mostrou que as quatro letras, ADAM, são as primeiras letras das quatro palavras Anatole Dysis Arktos Mesembria , os nomes gregos para os quatro cantos do mundo. O mesmo autor também vê em Adão um protótipo de Cristo, pois ele escreve: "Adão dorme para que Eva seja formada: Cristo morre, para que a Igreja seja formada. Enquanto Adão dorme, Eva é formada de seu lado. Quando Cristo está morto, Seu lado é ferido com uma lança, para que fluam sacramentos para formar a igreja. * * * O próprio Adão era a figura daquele que estava por vir."

Em seu trabalho recente, Judaísmo , George Foote Moore descreve assim as proporções do homem adâmico: "Ele era uma massa enorme que enchia o mundo inteiro em todos os pontos cardeais. A poeira da qual seu corpo foi formado foi coletada de todas as partes do mundo, ou do local do futuro altar. De maior interesse é a noção de que o homem foi criado andrógino, porque é provavelmente um pouco de tradição estrangeira adaptada ao primeiro par em Gênesis. R. Samuel bar Nahman (terceiro século), disse, quando Deus criou Adão, Ele o criou voltado para os dois lados (דיו פרעופים); então Ele o serrou em dois e fez duas costas, uma para cada figura.

O Zohar mantém o conceito de dois Adãos: o primeiro um ser divino que, saindo da mais alta escuridão original, criou o segundo, ou terrestre, Adão à Sua própria imagem. O homem superior, ou celestial, era a esfera Causal Com suas potências e potencialidades divinas consideradas como uma personalidade gigantesca; seus membros, de acordo com os gnósticos, sendo os elementos básicos da existência. Este Adão pode ter sido simbolizado como voltado para ambos os lados para

significar que com uma face ele olhava para a Causa próxima de si mesmo e com a outra face olhava para o vasto mar do Cosmos no qual ele deveria ser imerso.

Filosoficamente, Adão pode ser considerado representante da natureza espiritual completa do homem: andrógino e não sujeito à decadência.

[o parágrafo continua] Dessa natureza mais plena, o homem mortal tem pouca compreensão. Assim como o espírito contém matéria dentro de si e é tanto a fonte quanto o último do estado denominado matéria , Eva representa a porção inferior, ou mortal, que é retirada de, ou tem existência temporal na criação espiritual maior e mais plena . Sendo representante da parte inferior do indivíduo, Eva é a tentadora que, conspirando com a serpente do conhecimento mortal, fez Adão afundar em uma condição de transe na qual ele estava inconsciente de seu próprio Eu superior. Quando Adão aparentemente acordou, ele na verdade afundou no sono, pois ele não estava mais no espírito, mas no corpo; a divisão tendo ocorrido dentro dele, o verdadeiro Adão descansou no Paraíso enquanto sua parte menor encarnou em um organismo material (Eva) e vagou na escuridão da existência mortal.

Os seguidores de Maomé aparentemente sentiram com mais precisão do que os não iniciados de outras seitas a verdadeira importância mística do Paraíso, pois perceberam que antes de sua queda a morada do homem não era um jardim físico em nenhuma parte específica da Terra, mas sim em uma esfera superior (o mundo angélico) regada por quatro correntes místicas de vida. Após seu banimento do Paraíso, Adão pousou na Ilha do Ceilão, e este local é sagrado para certas seitas hindus que reconhecem a antiga Ilha de Lanka — outrora presumivelmente conectada ao continente por uma ponte — como o local real do Jardim do Éden de onde a raça humana migrou. De acordo com as Mil e Uma Noites (tradução de Sir Richard Burton), a pegada de Adão ainda pode ser vista no topo de uma montanha do Ceilão. Nas lendas islâmicas, Adão foi posteriormente reunido com sua esposa e após sua morte seu corpo foi levado a Jerusalém após o Dilúvio para ser enterrado por Melquisedeque. (Veja o Alcorão .)

A palavra ADM significa uma espécie ou raça e somente por falta de entendimento adequado Adão foi considerado um indivíduo. Como o Macrocosmo, Adão é o gigantesco Andrógino, até mesmo o Demiurgo; como o Microcosmo, ele é a principal produção do Demiurgo e dentro da natureza do Microcosmo o Demiurgo estabeleceu todas as qualidades e poderes que Ele próprio possuía. O Demiurgo, no entanto, não possuía imortalidade e, portanto, não poderia concedê-la a Adão. De acordo com a lenda, o Demiurgo se esforçou para impedir que o homem aprendesse a incompletude de seu Criador. O homem adâmico consequentemente participou das qualidades e características dos anjos que eram os ministros do Demiurgo. Foi afirmado pelos cristãos gnósticos que a redenção da humanidade foi

assegurada através da descida de Nous (Mente Universal), que era um grande ser espiritual superior ao Demiurgo e que, entrando na constituição do homem, conferiu imortalidade consciente às fabricações demiúrgicas.

Que o simbolismo fálico ocupa um lugar importante no misticismo judaico primitivo é indiscutível. Hargrave Jennings vê na figura de Adão um tipo do lingam de Shiva, que era uma pedra representativa do poder criativo do Gerador do Mundo. "Nas obras de Gregorie * * *", escreve Jennings, "há uma passagem no sentido de que 'Noé orava diariamente na Arca diante do Corpo de Adão ', ou seja, diante do Falo — Adão sendo o Falo primitivo, grande procriador da raça humana. 'Pode parecer estranho', diz ele, 'que esta oração seja dita diariamente diante do corpo de Adão', mas 'é uma tradição muito confessada entre os homens orientais que Adão foi ordenado por Deus que seu corpo morto fosse mantido acima do solo até que a plenitude do tempo viesse para entregá-lo פדככאלאוע ao meio da terra por um sacerdote do Deus Altíssimo.' Isto significa Monte Moriá, o Meru da Índia. 'Este corpo de Adão foi embalsamado e transmitido de pai para filho, até que finalmente foi entregue por Lameque nas mãos de Noé.'" (Ver Falicismo .)

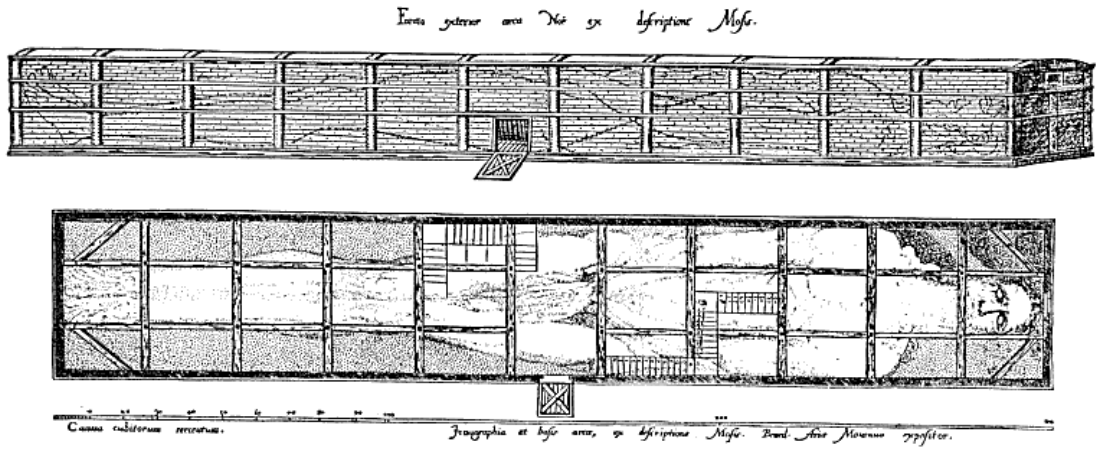
Esta interpretação esclarece um pouco a afirmação cabalística de que no primeiro Adão estavam contidas todas as almas dos israelitas. (Ver Sod .) Embora de acordo com a Aurea Legenda Adão tenha sido enterrado com as três sementes da Árvore do Conhecimento em sua boca, deve-se ter em mente que mitos aparentemente conflitantes eram frequentemente tecidos em torno de um único indivíduo. Um dos profundos mistérios do cabalismo é aquele estabelecido no Notarikon com base nas letras do nome Adão (ADM). Essas três letras formam as iniciais dos nomes Adão , Davi e o Messias , e essas três personalidades foram ditas conter uma alma. Como esta alma representa a Alma do Mundo da humanidade, Adão significa a alma envolvente, o Messias a alma em evolução, e Davi aquela condição da alma denominada epigênese .

Em comum com certas instituições filosóficas da Ásia, os Mistérios Judaicos continham uma estranha doutrina sobre as sombras dos Deuses . Olhando para o Abismo, os Elohim contemplavam suas próprias sombras e dessas sombras modelavam a criação inferior. "Na representação dramática da criação do homem nos Mistérios", escreve o Mestre anônimo do Balliol College, "os Aleim [Elohim] eram representados por homens que, ao esculpir a forma de um ser adamita, de um homem, traçavam o contorno dele em sua própria sombra, ou o modelavam em sua própria sombra traçada na parede. Foi assim que a arte do desenho se originou no Egito, e as figuras hieroglíficas esculpidas nos monumentos egípcios têm tão pouco relevo que ainda lembram uma sombra."

No ritualismo dos primeiros Mistérios Judaicos, a pompa da criação era encenada, os vários atores personificando as Agências Criativas. A terra vermelha da qual o

homem Adâmico foi moldado pode significar fogo, particularmente porque Adão está relacionado ao Yod , ou chama de fogo, que é a primeira letra do nome sagrado Jeová . Em João ii. 20 está escrito que o Templo estava quarenta e seis anos na construção, uma declaração na qual Santo Agostinho vê uma Gematria secreta e sagrada; pois, de acordo com a filosofia grega dos números, o valor numérico do nome Adão é 46. Adão, portanto, torna-se o tipo do Templo, pois a Casa de Deus - como o homem primitivo - era um microcosmo ou epítome do universo.

Nos Mistérios, Adão é creditado com o poder peculiar de geração espiritual. Em vez de reproduzir sua espécie pelos processos generativos físicos, ele fez surgir de si mesmo - ou, mais corretamente, ser refletido na substância - uma sombra de



NOÉ E SUA ARCA ZODÍACA.

Da Cabala de Myer .

O Pai da Igreja primitiva — notavelmente Tertuliano, Firmiliano, São Cipriano, Santo Agostinho e São Crisóstomo — reconheceu na arca um tipo ou símbolo da Santa Igreja Católica. Beda, o Venerável, declarou que Noé em todas as coisas tipificou Cristo, pois somente Noé de sua geração era justo, então somente Cristo era sem pecado. Com Cristo havia um espírito sétuplo de graça: com Noé sete Pessoas justas. Noé pela água e madeira salvou sua própria família. Cristo pelo batismo e a cruz salvam os cristãos. A arca foi construída de madeira que não se decompôs. A igreja é composta de homens que viverão para sempre, pois esta arca significa a igreja que flutua sobre as ondas do mundo.

O diagrama mostrado acima também é reproduzido em The Rosicrucians , de Hargrave Jennings. Este autor adiciona ao diagrama original que aparece em Antiquitatum Judaicarum Libri IX os signos do zodíaco, colocando Áries na cabeça e continuando em ordem sequencial até Leão, que ocupa a quinta seção transversal da arca. Jennings atribui o painel contendo a porta à constelação indivisa de

Virgem-Libra-Escorpião (que é continuada na primeira subdivisão da segunda seção) e as quatro seções de agrião restantes às constelações de Sagitário a Peixes, inclusive. Um estudo da placa revela que a arca é dividida em onze seções principais, e ao longo da base e do teto de cada seção são mostradas três subdivisões, fazendo assim em todas o número sagrado 33. Ocupando a posição correspondente ao sistema generativo do corpo humano também será notada a cruz sobre a porta da seção central. Duas aberturas são mostradas na arca: uma — a porta principal, representando o orifício através do qual os animais descem à existência física; a outra, uma pequena janela próxima ao topo da cabeça, através da qual o espírito ganha liberdade de acordo com os ritos antigos.

"Quando o androgênico Escorpião-Virgem foi separado e o Equilíbrio ou Harmonia feito de Escorpião, e colocado entre Escorpião, ou seja, masculino, e Virgem, ou seja, feminino, então apareceram as 32 constelações ou signos, como os temos agora. A arca tem três andares de altura (talvez para simbolizar o Céu, o Homem, a Terra). Na figura do Homem, observe a divisão do cabelo no meio da testa e o arranjo da barba, bigodes, bigode e cabelo, na parte de trás do pescoço e ombros." (Veja A Cabala de Isaac Myer.)

ele mesmo. Esta sombra ele então animava e ela se tornava uma criatura viva. Essas sombras, no entanto, permanecem apenas enquanto a figura original da qual elas são os reflexos perdura, pois com a remoção do original, a hoste de semelhanças desaparece com ele. Aqui está a chave para a criação alegórica de Eva do lado de Adão; pois Adão, representante da ideia ou padrão, é refletido no universo material como uma multidão de imagens animadas que coletivamente são designadas Eva . De acordo com outra teoria, a divisão dos sexos ocorreu na esfera arquetípica; portanto, as sombras no mundo inferior foram divididas em duas classes consistentes com as ordens estabelecidas no Arquétipo. Na atração aparentemente incompreensível de um sexo pelo outro, Platão reconheceu um desejo cósmico de reunião das metades cortadas deste Ser arquetípico.

Exatamente o que deve ser inferido pela divisão dos sexos como simbolicamente descrita em Gênesis é uma questão muito debatida. Que o homem era primariamente andrógino é universalmente admitido e é uma presunção razoável que ele finalmente recuperará esse estado bissexual. Quanto à maneira como isso será realizado, duas opiniões são apresentadas. Uma escola de pensamento afirma que a alma humana foi realmente dividida em duas partes (masculino e feminino) e que o homem permanece uma criatura imperfeita até que essas partes sejam reunidas através da emoção que o homem chama de amor . Deste conceito cresceu a doutrina muito abusada de "almas gêmeas" que devem buscar através das eras até que a parte complementar de cada alma separada seja descoberta. O conceito moderno de casamento é, até certo ponto, fundado neste ideal.

De acordo com a outra escola, a chamada divisão dos sexos resultou da supressão de um polo do ser andrógino para que as energias vitais que se manifestam através dele pudessem ser desviadas para o desenvolvimento das faculdades racionais. Deste ponto de vista, o homem ainda é realmente andrógino e espiritualmente completo, mas no mundo material a parte feminina da natureza do homem e a parte masculina da natureza da mulher estão quiescentes. Por meio do desenvolvimento espiritual e do conhecimento transmitido pelos Mistérios, no entanto, o elemento latente em cada natureza é gradualmente trazido à atividade e, finalmente, o ser humano recupera o equilíbrio sexual. Por esta teoria, a mulher é elevada da posição de ser a parte errante do homem para uma de igualdade completa. Deste ponto de vista, o casamento é considerado uma companhia na qual duas individualidades completas manifestando polaridades opostas são trazidas à associação para que cada uma possa, assim, despertar as qualidades latentes na outra e, assim, auxiliar na obtenção da completude individual. Pode-se dizer que a primeira teoria considera o casamento como um fim; a segunda como um meio para um fim. As escolas mais profundas de filosofia se inclinaram para esta última por reconhecer mais adequadamente as infinitas potencialidades da completude divina em ambos os aspectos da criação.

A Igreja Cristã se opõe fundamentalmente à teoria do casamento, alegando que o mais alto grau de espiritualidade é atingível somente por aqueles que preservam o estado virginal. Este conceito aparentemente se originou entre certas seitas dos primeiros cristãos gnósticos, que ensinavam que propagar a espécie humana era aumentar e perpetuar o poder do Demiurgo; pois o mundo inferior era visto como uma fabricação maligna criada para enredar as almas de todos os nascidos nele — portanto, era um crime ajudar a trazer almas à Terra. Quando, portanto, o infeliz pai ou mãe comparecer perante o Tribunal Final, todos os seus descendentes também aparecerão e os acusarão de serem a causa daquelas misérias que acompanham a existência física. Esta visão é fortalecida pela alegoria de Adão e Eva, cujo pecado pelo qual a humanidade foi rebaixada é universalmente admitido como tendo se preocupado com o mistério da geração. A humanidade, devido ao Pai Adão sua existência física, considera seu progenitor como a causa primária de sua miséria; e no Dia do Julgamento, surgindo como uma poderosa progênie, acusará seu ancestral paterno comum.

Essas seitas gnósticas que mantinham uma atitude mais racional sobre o assunto declararam a própria existência dos mundos inferiores para significar que o Criador Supremo tinha um propósito definido em sua criação; duvidar de seu julgamento era, portanto, um erro grave. A igreja, no entanto, aparentemente arrogou para si a prerrogativa surpreendente de corrigir Deus a esse respeito, pois sempre que possível continuou a impor o celibato, uma prática que resultava em um número alarmante de neuróticos. Nos Mistérios, o celibato é reservado para aqueles que

atingiram um certo grau de desenvolvimento espiritual. Quando defendido para a massa da humanidade não iluminada, no entanto, torna-se uma heresia perigosa, fatal tanto para a religião quanto para a filosofia. Assim como a cristandade em seu fanatismo culpou cada judeu individual pela crucificação de Jesus, com igual consistência difamou cada membro do sexo feminino. Em defesa de Eva, a filosofia afirma que a alegoria significa apenas que o homem é tentado por suas emoções a se afastar do caminho seguro da razão.

Muitos dos primeiros Padres da Igreja buscaram estabelecer uma relação direta entre Adão e Cristo, obviamente desconsiderando assim a natureza extremamente pecaminosa do ancestral comum do homem, uma vez que é bem certo que quando Santo Agostinho compara Adão a Cristo e Eva à igreja, ele não pretende rotular a última instituição como a causa direta da queda do homem. Por alguma razão inexplicável, no entanto, a religião sempre considerou o intelectualismo — na verdade, toda forma de conhecimento — como fatal para o crescimento espiritual do homem. Os Frades Ignaratitinos são um exemplo notável dessa atitude.

Neste drama ritualístico — possivelmente derivado dos egípcios — Adão, banido do Jardim do Éden, representa o homem filosoficamente exilado da esfera da Verdade. Por meio da ignorância, o homem cai; por meio da sabedoria, ele se redime. O Jardim do Éden representa a Casa dos Mistérios (veja A Visão de Enoque) no meio da qual cresceram tanto a Árvore da Vida quanto a Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal.

O homem, o Adão banido, busca passar do pátio externo do Santuário (o universo exterior) para o sanctum sanctorum, mas diante dele surge uma vasta criatura armada com uma espada brilhante que, movendo-se lenta mas continuamente, varre um amplo círculo, e através deste "Anel Não Passa" o homem Adâmico não pode romper.

Os querubins se dirigem ao buscador assim: "Homem, tu és pó e ao pó retornarás. Foste moldado pelo Construtor das Formas; tu pertences à esfera da forma, e o sopro que foi soprado em tua alma foi o sopro da forma e como uma chama ele se apagará. Mais do que tu és, tu não podes ser. Tu és um habitante do mundo exterior e é proibido a ti entrar neste lugar interior."

E o Adão responde: "Muitas vezes eu fiquei neste pátio e implorei admissão na casa de meu Pai e tu me recusaste e me mandaste de volta para vagar na escuridão. É verdade que eu fui moldado da sujeira e que meu Criador não pôde me conferir a dádiva da imortalidade. Mas tu não mais me mandarás embora; pois, vagando na escuridão, descobri que o Todo-Poderoso decretou minha salvação porque Ele enviou do Mistério mais oculto Seu Unigênito que tomou sobre Si o mundo moldado pelo Demiurgo. Sobre os elementos daquele mundo Ele foi crucificado e Dele derramou o sangue da minha salvação. E Deus, entrando em Sua criação, a

vivificou e estabeleceu nela uma estrada que leva a Si mesmo. Embora meu Criador não pudesse me dar a imortalidade, a imortalidade era inerente ao próprio pó do qual eu era composto, pois antes que o mundo fosse fabricado e antes que o Demiurgo se tornasse o Regente da Natureza, a Vida Eterna havia se impresso na face de Cosmos. Este é o seu sinal: a Cruz . Você agora me nega a entrada, eu que finalmente aprendi o mistério de mim mesmo?"

E a voz responde: "Aquele que está ciente, É ! Veja!"

Olhando ao redor, Adão se encontra em um lugar radiante, no meio do qual está uma árvore com joias brilhantes como frutas e enroscada em seu tronco uma serpente flamejante e alada coroada com um diadema de estrelas. Era a voz da serpente que havia falado.

"Quem és tu?" pergunta Adão.

"Eu", responde a serpente, "sou Satanás que foi apedrejado; eu sou o Adversário — o Senhor que está contra você, aquele que pleiteia sua destruição diante do Tribunal Eterno. Eu era seu inimigo no dia em que você foi formado; eu o levei à tentação; eu o entreguei nas mãos do mal; eu o caluniei; eu sempre me esforcei para alcançar sua ruína. Eu sou o guardião da Árvore do Conhecimento e jurei que ninguém a quem eu possa desviar comerá de seus frutos."

O Adão responde: "Por eras incontáveis tenho sido teu servo. Na minha ignorância, ouvi tuas palavras e elas me levaram a caminhos de tristeza. Tu colocaste em minha mente sonhos de poder, e quando eu lutava para realizar esses sonhos, eles não me trouxeram nada além de dor. Tu semeaste em mim as sementes do desejo, e quando eu cobiçava as coisas da carne, a agonia era minha única recompensa. Tu me enviaste falsos profetas e falsos raciocínios, e quando me esforcei para compreender a magnitude da Verdade, descobri que tuas leis eram falsas e apenas o desânimo recompensava meus esforços. Estou farto de ti para sempre, ó Espírito astuto! Cansei do teu mundo de ilusões. Não mais trabalharei em tuas vinhas de iniquidade. Fica para trás de mim, rempter, e da hoste de tuas tentações. Não há felicidade, nem paz, nem bem, nem futuro nas doutrinas de egoísmo, ódio e paixão pregadas por ti. Todas essas coisas eu rejeito. Renunciado é teu governo para sempre!"

E a serpente responde: "Eis, ó Adão, a natureza do teu Adversário!" A serpente desaparece em um ofuscante raio de sol de radiância e em seu lugar surge um anjo resplandecente em brilhantes vestes douradas com grandes asas escarlates que se espalham de um canto dos céus ao outro. Consternado e atônito, Adão cai diante da criatura divina.

"Eu sou o Senhor que está contra ti e assim realiza tua salvação", continua a voz. "Tu me odiaste, mas através das eras que ainda virão tu me abençoarás, pois eu te tirei da esfera do Demiurgo; eu te virei contra a ilusão da mundanidade; eu te desmamei do desejo; eu despertei em tua alma a imortalidade da qual eu mesmo participo. Segue-me, ó Adão, pois eu sou o Caminho, a Vida e a Verdade!"

Uma Análise de Cartas de Tarô

AS OPINIÕES das autoridades diferem amplamente quanto à origem das cartas de baralho, o propósito para o qual foram concebidas e o tempo de sua introdução na Europa. Em suas Pesquisas sobre a História das Cartas de Baralho, Samuel Weller Singer avança a opinião de que as cartas chegaram ao sul da Europa vindas da Índia, passando pela Arábia. É provável que as cartas de Tarô fossem parte da tradição mágica e filosófica obtida pelos Cavaleiros Templários dos Sarracenos ou de uma das seitas místicas que então floresciam na Síria. Retornando à Europa, os Templários, para evitar a perseguição, ocultaram o significado arcano dos símbolos ao introduzir as folhas de seu livro mágico ostensivamente como um dispositivo para diversão e jogo. Em apoio a essa alegação, a Sra. John King Van Rensselaer afirma:

"Que as cartas foram trazidas pelos guerreiros que retornavam para casa, que importaram muitos dos novos costumes e hábitos do Oriente para seus próprios países, parece ser um fato bem estabelecido; e não contradiz a declaração feita por alguns escritores que declararam que os ciganos — que naquela época começaram a vagar pela Europa — trouxeram consigo e introduziram as cartas, que eles usavam, como fazem atualmente, para adivinhar o futuro." (Veja The Devil's Picture Books .)

Através dos ciganos, as cartas de tarô podem ser rastreadas até o simbolismo religioso dos antigos egípcios. Em sua notável obra, The Gypsies , Samuel Roberts apresenta ampla prova de sua origem egípcia. Em um lugar, ele escreve: "Quando os ciganos chegaram originalmente à Inglaterra é muito incerto. Eles são notados pela primeira vez em nossas leis, por vários estatutos contra eles no reinado de Henrique VIII; nos quais são descritos como 'um povo estranho, chamando a si mesmos de egípcios, - que não professam nenhum ofício ou comércio, mas andam em grande número, * * *.'" Uma lenda curiosa relata que após a destruição do Serapeum em Alexandria, o grande corpo de sacerdotes assistentes se uniu para preservar os segredos dos ritos de Serápis. Seus descendentes (ciganos), carregando consigo o mais precioso dos volumes salvos da biblioteca em chamas — o Livro de Enoque, ou Thoth (o Tarô) — tornaram-se andarilhos pela face da Terra, permanecendo um povo à parte, com uma língua antiga e um direito de nascença de magia e mistério.

Court de Gébelin acreditava que a palavra Tarô em si era derivada de duas palavras egípcias, Tar , que significa "estrada", e Ro , que significa "real". Assim, o Tarô constitui a estrada real para a sabedoria . (Veja Le Monde Primitif .) Em sua História da Magia , P. Christian, o porta-voz de uma certa sociedade secreta francesa, apresenta um relato fantástico de uma suposta iniciação nos Mistérios Egípcios, onde os 22 principais Tarôs assumem as proporções de cavaletes de tamanho imenso e alinham uma grande galeria. Parando diante de cada carta, o iniciador descreveu seu simbolismo ao candidato. Edouard Schuré, cuja fonte de informação era semelhante à de Christian, sugere a mesma cerimônia em seu capítulo sobre iniciação nos Mistérios Herméticos. (Veja Os Grandes Iniciados .) Embora os egípcios possam muito bem ter empregado as cartas do Tarô em seus rituais, esses místicos franceses não apresentam nenhuma evidência além de suas próprias afirmações para apoiar essa teoria. A validade também dos chamados Tarots Egípcios agora em circulação nunca foi satisfatoriamente estabelecida. Os desenhos não são apenas bastante modernos, mas o simbolismo em si tem sabor de influência francesa em vez de egípcia.

O Tarô é, sem dúvida, um elemento vital no simbolismo Rosacruz, possivelmente o próprio livro de conhecimento universal que os membros da ordem alegavam possuir. A Rota Mundi é um termo que ocorre com frequência nos primeiros manifestos da Fraternidade da Rosa-Cruz. A palavra Rota, por um rearranjo de suas letras, torna-se Taro , o antigo nome dessas cartas misteriosas. WFC Wigston descobriu evidências de que Sir Francis Bacon empregou o simbolismo do Tarô em suas cifras. Os números 21, 56 e 78, que estão todos diretamente relacionados às divisões do baralho do Tarô, estão frequentemente envolvidos nos criptogramas de Bacon. No grande Fólio Shakespeariano de 1623, o nome cristão de Lord Bacon aparece 21 vezes na página 56 das Histórias. (Veja The Columbus of Literature .)

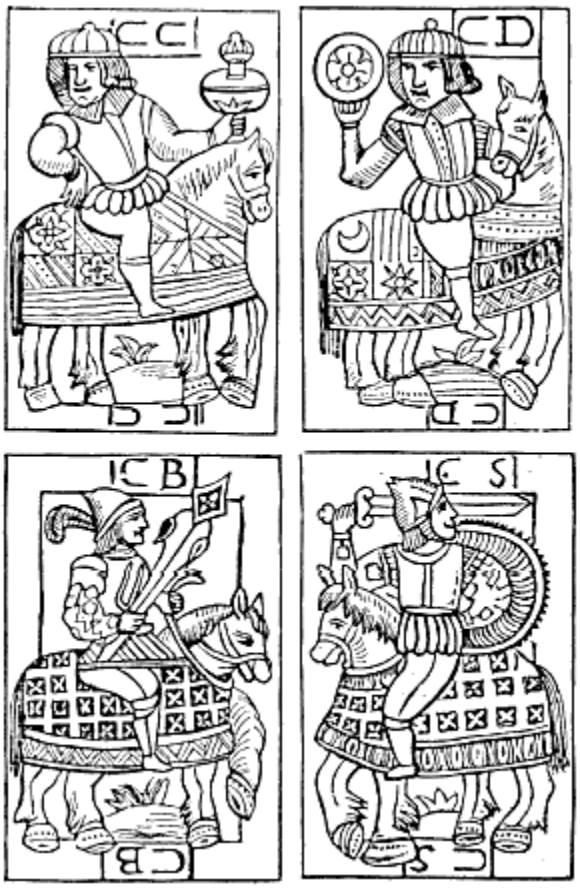
Muitos símbolos que aparecem nas cartas de Tarô têm interesse maçônico definido. O numerologista pitagórico também encontrará uma relação importante entre os números nas cartas e os desenhos que acompanham os números. O cabalista ficará imediatamente impressionado com a sequência significativa das cartas, e o alquimista descobrirá certos emblemas sem sentido, exceto para alguém versado na química divina da transmutação e regeneração.' Assim como os gregos colocavam as letras de seu alfabeto — com seus números correspondentes — sobre as várias partes do corpo de seu Logos representado humanamente , as cartas de Tarô têm uma analogia não apenas nas partes e membros do universo, mas também nas divisões do corpo humano. Elas são, de fato, a chave para a constituição mágica do homem.

As cartas de Tarô devem ser consideradas (1) como hieróglifos separados e completos, cada um representando um princípio, lei, poder ou elemento distinto na Natureza; (2) em relação uns aos outros como o efeito de um agente operando

sobre outro; e (3) como vogais e consoantes de um alfabeto filosófico. As leis que governam todos os fenômenos são representadas pelos símbolos nas cartas de Tarô, cujos valores numéricos são iguais aos equivalentes numéricos dos fenômenos. Como toda estrutura consiste em certas partes elementares, as cartas de Tarô representam os componentes da estrutura da filosofia. Independentemente da ciência ou filosofia com a qual o aluno está trabalhando, as cartas de Tarô podem ser identificadas com os constituintes essenciais de seu assunto, cada carta sendo, portanto, relacionada a uma parte específica de acordo com leis matemáticas e filosóficas. "Um aprisionado", escreve Eliphas Levi, "sem nenhum outro livro além do Tarô, se soubesse como usá-lo, poderia em poucos anos adquirir conhecimento universal e seria capaz de falar sobre todos os assuntos com erudição inigualável e eloquência inesgotável." (Veja Magia Transcendental .)

As diversas opiniões de autoridades eminentes sobre o simbolismo do Tarô são bastante irreconciliáveis. As conclusões do erudito Court de Gébelin e do bizarro Grand Etteila — as primeiras autoridades no assunto — não apenas estão em radical divergência, mas ambas são igualmente desacreditadas por Levi, cujo arranjo dos trunfos do Tarô foi rejeitado por Arthur Edward Waite e Paul Case como sendo um esforço para enganar os alunos. Os seguidores de Levi — especialmente Papus, Christian, Westcott e Schuré — são considerados pelos "Tarotistas reformados" como indivíduos honestos, mas ignorantes, que vagavam na escuridão por falta do novo baralho de cartas de Tarô de Pamela Coleman Smith com revisões do Sr. Waite.

A maioria dos escritores do Tarô (o Sr. Waite é uma exceção notável) procedeu com a hipótese de que os 22 trunfos principais representam as letras do alfabeto hebraico. Essa suposição não se baseia em nada mais substancial do que a coincidência de que ambos consistem em 22 partes. Que Postel, St. Martin e Levi escreveram livros divididos em seções correspondentes aos principais Tarôs é um interessante detalhe sobre o assunto. Os principais trunfos retratam incidentes do Livro do Apocalipse; e o Apocalipse de São João também é dividido em 22 capítulos. Supondo que a Cabala contenha a solução para o enigma do Tarô, os buscadores frequentemente ignoram outras possíveis linhas de pesquisa. A tarefa, no entanto, de descobrir a relação adequada sustentada pelos trunfos do Tarô com as letras do alfabeto hebraico e os Caminhos da Sabedoria até agora não encontrou nenhuma grande



CARTÕES PORTUGUESES ANTIGOS.

Da origem e história das cartas de baralho de Chatto .

Ao escrever sobre o baralho do qual os quatro cavaliers (valetes) aqui reproduzidos foram retirados, William Andrew Chatto observa: "Alguns dos espécimes de cartas portuguesas dados no 'Jeux de Cartes, Tarots et de Cartes Numérales' têm muito a aparência de terem sido originalmente sugeridos por, se copiados de, um tipo oriental; mais especialmente nos naipes de Danari e Bastani,--Dinheiro e Paus. Nessas cartas, a figura circular, geralmente entendida como representando Danari, ou Dinheiro, é certamente muito mais parecida com o Chakra, ou quoit de Vichnou [Vishnu], como visto em desenhos hindus, do que com uma moeda; enquanto no topo do Pau há um diamante propriamente dito, que é outro dos atributos da mesma divindade." Também dignos de nota são os emblemas Rosacruzes e Maçônicos que aparecem em vários baralhos medievais. Como os segredos dessas organizações eram frequentemente escondidos em gravuras enigmáticas, é muito provável que os diagramas enigmáticos em vários baralhos de cartas fossem usados tanto para esconder quanto para perpetuar os arcanos políticos e filosóficos dessas ordens. O frontispício dos livros do Sr. Chatto mostra um valete de copas portando um escudo adornado com uma rosa rosacruz coroada.

medida de sucesso. Os trunfos maiores do Tarô e as 22 letras do alfabeto hebraico não podem ser sincronizados sem primeiro fixar o lugar correto da carta não

numerada, ou zero — Le Mat , o Louco. Levi coloca esta carta entre o 20º e o 21º Tarôs, atribuindo a ela a letra hebraica Shin (ש). A mesma ordem é seguida por Papus, Christian e Waite, o último, no entanto, declarando que este arranjo é incorreto. Westcott faz da carta zero o 22º dos trunfos maiores do Tarô. Por outro lado, Court de Gébelin e Paul Case colocam a carta não numerada antes da primeira carta numerada dos trunfos maiores, pois se a ordem natural dos números (de acordo com o sistema pitagórico ou cabalístico) for respeitada, a carta zero deve naturalmente preceder o número 1.

Isso não resolve o problema, no entanto, pois os esforços para atribuir uma letra hebraica a cada trunfo do Tarô em sequência produzem um efeito longe de ser convincente. O Sr. Waite, que reeditou o Tarô, se expressa assim: "Não devo ser incluído entre aqueles que estão convencidos de que há uma correspondência válida entre letras hebraicas e símbolos do Trunfo do Tarô." (Veja a introdução de The Book of Formation de Knut Stenring.) A explicação real pode ser que os principais Tarôs não estão mais na mesma sequência de quando formaram as folhas do livro sagrado de Hermes, pois os egípcios — ou mesmo seus sucessores árabes — poderiam ter confundido as cartas propositalmente para que seus segredos pudessem ser melhor preservados. O Sr. Case desenvolveu um sistema que, embora superior à maioria, depende amplamente de dois pontos discutíveis, a saber, a precisão do Tarô revisado do Sr. Waite e a justificativa para atribuir a primeira letra do alfabeto hebraico à carta não numerada, ou zero. Como Aleph (a primeira letra hebraica) tem o valor numérico 1, sua atribuição à carta zero é equivalente à afirmação de que zero é igual à letra Aleph e, portanto, sinônimo do número 1.

Com rara percepção, Court de Gébelin atribuiu a carta zero a AIN SOPH, a Primeira Causa Incognoscível. Assim como o painel central da Mesa Bembine representa o Poder Criativo cercado por sete tríades de divindades manifestantes, a carta zero pode representar aquele Poder Eterno do qual os 21 aspectos circundantes ou manifestantes são apenas expressões limitadas. Se os 21 trunfos principais forem considerados como formas limitadas existentes na substância abstrata da carta zero, ela se torna seu denominador comum. Qual letra, então, do alfabeto hebraico é a origem de todas as letras restantes? A resposta é aparente: Yod. Na presença de tantas especulações, mais uma pode não ofender. A carta zero — Le Mat , o Louco — foi comparada ao universo material porque a esfera mortal é o mundo da irrealidade. O universo inferior, como o corpo mortal do homem, é apenas uma vestimenta, um traje heterogêneo, bem comparado a boné e sinos. Por baixo das vestes do tolo está a substância divina, no entanto, da qual o bobo da corte é apenas uma sombra; este mundo é um Mardi Gras--um espetáculo de centelhas divinas mascaradas no traje de tolos. Não foi esta carta zero (o Louco) colocada no baralho do Tarô para enganar todos os que não conseguiam perfurar o véu da ilusão

As cartas do Tarô foram confiadas pelos hierofantes iluminados dos Mistérios à guarda dos tolos e ignorantes, tornando-se, assim, brinquedos — em muitos casos, até mesmo instrumentos de vício. Os maus hábitos do homem, portanto, na verdade se tornaram os perpetuadores inconscientes de seus preceitos filosóficos. "Devemos admirar a sabedoria dos Iniciados", escreve Papus, "que utilizaram o

vício e o fizeram produzir resultados mais benéficos do que a virtude". Este ato dos antigos sacerdotes não fornece provas de que todo o mistério do Tarô está envolto no simbolismo de sua carta zero? Se o conhecimento foi assim confiado aos tolos, ele não deveria ser buscado nesta carta?

Se Le Mat for colocado antes da primeira carta do baralho de Tarô e as outras dispostas em uma linha horizontal em sequência da esquerda para a direita, será descoberto que o Louco está caminhando em direção aos outros trunfos como se estivesse prestes a passar pelas várias cartas. Como o neófito espiritualmente enganado e amarrado, Le Mat está prestes a entrar na aventura suprema - a da passagem pelos portões da Sabedoria Divina. Se a carta zero for considerada estranha aos trunfos maiores, isso destrói a analogia numérica entre essas cartas e as letras hebraicas, deixando uma letra sem um correspondente do Tarô. Nesse caso, será necessário atribuir a letra faltante a uma carta hipotética do Tarô chamada elementos, que se supõe ter sido quebrada para formar as 56 cartas dos trunfos menores. É possível que cada um dos trunfos maiores esteja sujeito a uma divisão semelhante.

O primeiro trunfo maior numerado é chamado Le Bateleur , o malabarista, e de acordo com Court de Gébelin, indica que todo o tecido da criação é apenas um sonho, a existência um malabarismo de elementos divinos e a vida um jogo perpétuo de risco. Os aparentes milagres da Natureza são apenas feitos de prestidigitação cósmica. O homem é como a pequena bola nas mãos do malabarista, que acena sua varinha e, pronto! a bola desaparece. O mundo que observa não percebe que o artigo desaparecido ainda está habilmente escondido pelo malabarista na palma de sua mão. Este também é o Adepto a quem Omar Khayyám chama de "o mestre do show". Sua mensagem é que os sábios dirigem os fenômenos da Natureza e nunca são enganados por eles.

O mágico está atrás de uma mesa na qual estão espalhados vários objetos, entre eles, um cálice — o Santo Graal e o cálice colocado por José no saco de Benjamim; uma moeda — o dinheiro do tributo e o salário de um Mestre Construtor, e uma espada, a de Golias e também a lâmina mística do filósofo que divide o falso do verdadeiro. O chapéu do mágico tem a forma da lemniscata cósmica, significando o primeiro movimento da criação. Sua mão direita aponta para a terra, sua esquerda segura no alto a vara de Jacó e também o cajado que brotou — a espinha humana coroada com o globo da inteligência criativa. No Tarô pseudo-egípcio, o mágico usa um uræus ou faixa dourada em volta da testa, a mesa diante dele tem a forma de um cubo perfeito, e seu cinto é a serpente da eternidade devorando sua própria cauda.

O segundo trunfo maior numerado é chamado de La Papesse , a Papisa, e tem sido associado a uma curiosa lenda da única mulher que já se sentou na cadeira pontifícia. A Papisa Joana supostamente conseguiu isso se disfarçando em trajes de malte, e foi apedrejada até a morte quando seu subterfúgio foi descoberto. Esta carta retrata uma mulher sentada coroada com uma tiara encimada por um crescente lunar. Em seu colo está a Tora , ou livro da Lei (geralmente parcialmente fechado), e em sua mão esquerda estão as chaves para a doutrina secreta, uma de ouro e a outra de prata. Atrás dela se erguem dois pilares (Jachin e Boaz) com um

véu multicolorido esticado entre eles. Seu trono fica sobre um piso de xadrez. Uma figura chamada Juno é ocasionalmente substituída por La Papesse. como a hierofante feminina dos Mistérios de Cibele, esta figura simbólica personifica a Shekinah, ou Sabedoria Divina. No Tarô pseudo-egípcio, a sacerdotisa é velada, um lembrete de que a verdade do semblante completo não é revelada ao homem não iniciado. Um véu também cobre metade de seu livro, sugerindo assim que apenas metade do mistério do ser pode ser compreendido.

O terceiro trunfo maior numerado é chamado L'Impératrice , a Imperatriz, e foi comparado à "mulher vestida com o sol" descrita no Apocalipse. Nesta carta aparece a figura alada de uma mulher sentada em um trono, apoiando com a mão direita um escudo estampado com uma fênix e segurando na esquerda um cetro encimado por um orbe ou flor trifoliada. Abaixo de seu pé esquerdo às vezes é mostrado o crescente. Ou a Imperatriz é coroada ou sua cabeça é cercada por um diadema de estrelas; às vezes ambos. Ela é chamada de Geração , e representa o mundo espiritual triplo do qual procede o mundo material quádruplo. Para o graduado do Colégio dos Mistérios, ela é a Alma Mater de cujo corpo o iniciado "nasceu de novo". No Tarô pseudo-egípcio, a Imperatriz é mostrada sentada sobre um cubo cheio de olhos e um pássaro é equilibrado sobre o dedo indicador da outra mão esquerda. A parte superior de seu corpo é cercada por um nimbo dourado radiante. Sendo emblemática do poder do qual emana todo o universo tangível, L'Impératrice é frequentemente simbolizada como grávida.

O quarto trunfo maior numerado é chamado L'Empereur , o Imperador, e por seu valor numérico está diretamente associado à grande Divindade reverenciada pelos pitagóricos sob a forma da tétrade. Seus símbolos declaram que o Imperador é o Demiurgo, o Grande Rei do mundo inferior. O Imperador está vestido com armadura e seu trono é uma pedra cúbica, sobre a qual uma fênix também é claramente visível. O rei tem as pernas cruzadas de uma maneira muito significativa e carrega um cetro encimado por um orbe ou um cetro em sua mão direita e um orbe em sua esquerda. O orbe em si é evidência de que ele é o governante supremo do mundo. Sobre seus seios direito e esquerdo, respectivamente, aparecem os símbolos do sol e da lua, que no simbolismo são chamados de olhos do Grande Rei. A posição do corpo e das pernas forma o símbolo do enxofre, o sinal do antigo monarca alquímico. No Tarô pseudo-egípcio, a figura está de perfil. Ele usa um avental maçônico e a saia forma um triângulo retângulo. Sobre sua cabeça está a Coroa do Norte e sua testa é adornada com o uræus enrolado .

O quinto trunfo maior numerado é chamado Le Pape , o Papa, e representa o sumo sacerdote de uma escola de Mistérios pagã ou cristã. Nesta carta, o hierofante usa a tiara e carrega em sua mão esquerda a cruz tripla que encima o globo do mundo. Sua mão direita, carregando em suas costas os estigmas, faz "o sinal eclesiástico do esoterismo", e diante dele se ajoelham dois suplicantes ou acólitos. A parte de trás do trono papal tem a forma de uma coluna celestial e uma terrestre. Esta carta significa o iniciado ou mestre do mistério da vida e, de acordo com os pitagóricos, o médico espiritual. O universo ilusório na forma de duas figuras (polaridade) se ajoelha diante do trono sobre o qual se senta o iniciado que elevou sua consciência ao plano de compreensão e realidade espiritual. No Tarô pseudo-egípcio, o Mestre usa o uraeus . Uma figura branca e uma negra — vida e morte, luz e escuridão,

bem e mal — ajoelham-se diante dele. O domínio do iniciado sobre a irrealidade é indicado pela tiara e pela cruz tripla, emblemas do governo sobre os três mundos que surgiram da Primeira Causa Incognoscível.

O sexto trunfo maior numerado é chamado L'Amoureux , os Amantes. Existem duas formas distintas deste Tarô. Uma mostra uma cerimônia de casamento na qual um padre está unindo um jovem e uma donzela (Adão e Eva?) em um matrimônio sagrado. Às vezes, uma figura alada acima transfixa os amantes com seu dardo. A segunda forma da carta retrata um jovem com uma figura feminina de cada lado. Uma dessas figuras usa uma coroa dourada e é alada, enquanto a outra está vestida com as vestes esvoaçantes da bacante e em sua cabeça está uma coroa de folhas de videira. As donzelas representam a alma dupla do homem (espiritual e animal), a primeira seu anjo da guarda e a segunda seu demônio sempre presente. O jovem está no início da vida madura, "a Separação dos Caminhos", onde ele deve escolher entre a virtude e o vício, o eterno e o temporal. Acima, em um halo de luz, está o gênio do Destino (sua estrela), confundido com Cupido pelos desinformados. Se a juventude escolher imprudentemente, a flecha do Destino vendado irá transfixá-lo. No Tarô pseudo-egípcio, a flecha do gênio aponta diretamente para a figura do vício, significando assim que o fim de seu caminho é a destruição. Esta carta lembra ao homem que o preço do livre-arbítrio — ou, mais corretamente, do poder de escolha — é a responsabilidade.

O sétimo trunfo maior numerado é chamado Le Chariot , o Carro, e retrata um guerreiro vitorioso coroado e cavalgando uma carruagem puxada por esfinges ou cavalos pretos e brancos. O dossel estrelado da carruagem é sustentado por quatro colunas. Esta carta significa o Exaltado que cavalga na carruagem da criação. O veículo da energia solar sendo numerado sete revela a verdade arcana de que os sete planadores são as carruagens do poder solar que cavalga vitorioso em seu meio. As quatro colunas que sustentam o dossel representam os quatro Poderosos que sustentam os mundos representados pela cortina estrelada. A figura carrega o cetro da energia solar e seus ombros são ornamentados com crescentes lunares - o Urim e Tumim. As esfinges puxando a carruagem ressentem o poder secreto e desconhecido pelo qual o governante vitorioso é movido continuamente através das várias partes de seu universo. Em certos baralhos de Tarô, o vencedor significa o homem regenerado, pois o corpo da carruagem é uma pedra cúbica. O homem de armadura não está de pé na carruagem, mas está se erguendo do cubo, tipificando assim a ascensão do 3 do 4 — a virada para cima da aba do avental do Mestre Maçom. No Tarô pseudo-egípcio, o guerreiro carrega a espada curva de Luna, é barbudo para significar maturidade e usa o colar das órbitas planetárias. Seu cetro (emblemático do universo triplo) é coroado com um quadrado sobre o qual há um círculo encimado por um triângulo.

O oitavo trunfo maior numerado é chamado La Justice , Justiça, e retrata uma figura sentada em um trono, cujas costas se erguem na forma de duas colunas. A Justiça é coroada e carrega em sua mão direita uma espada e na esquerda uma balança. Esta carta é um lembrete do julgamento da alma no salão de Osíris. Ela ensina que somente forças equilibradas podem perdurar e que a justiça eterna destrói com a espada o que está desequilibrado. Às vezes, a justiça é retratada com uma trança de seu próprio cabelo enrolada em volta do pescoço de uma maneira

que lembra um nó de carrasco. Isso pode sutilmente implicar que o homem é a causa de sua própria ruína, suas ações (simbolizadas por seu cabelo) sendo o instrumento de sua aniquilação. No Tarô pseudo-egípcio, a figura da Justiça é erguida sobre um estrado de três degraus, pois a justiça pode ser totalmente administrada apenas por aqueles que foram elevados ao terceiro grau. A justiça está vendada, para que o visível não influencie de forma alguma sua decisão. (Por razões que ele considera estarem além da inteligência de seus leitores, o Sr. Waite reverteu o oitavo e o décimo primeiro grandes trunfos.)

O nono trunfo maior numerado é chamado L'Hermite , o Eremita, e retrata um homem idoso, vestido com um hábito e capuz monásticos, apoiado em um cajado. Esta carta era popularmente suposta representar Diógenes em sua busca por um homem honesto. Em sua mão direita, o recluso carrega uma lâmpada que ele esconde parcialmente dentro das dobras de sua capa. O eremita personifica, portanto, as organizações secretas que por incontáveis séculos cuidadosamente esconderam a luz da Sabedoria Antiga do profano. O cajado do eremita é o conhecimento, que é o principal e único suporte duradouro do homem. Às vezes, a vara mística é dividida por botões em sete seções, uma referência sutil ao mistério dos sete centros sagrados ao longo da espinha humana. No Tarô pseudo-egípcio, o eremita protege a lâmpada atrás de uma capa retangular para enfatizar a verdade filosófica de que a sabedoria, se exposta à fúria da ignorância, seria destruída como a pequena chama de uma lâmpada desprotegida da tempestade. Os corpos do homem formam um manto através do qual sua natureza divina é vagamente visível como a chama da lanterna parcialmente coberta. Através da renúncia--a vida hermética--o homem atinge profundidade de caráter e tranquilidade de espírito.

O décimo trunfo maior numerado é chamado de La Roue de Fortune , a Roda da Fortuna, e retrata uma roda misteriosa com oito raios — o símbolo budista familiar do Ciclo da Necessidade. Em sua borda se agarram Anúbis e Tifão — os princípios do bem e do mal. Acima está a esfinge imóvel, carregando a espada da Justiça e significando o equilíbrio perfeito da Sabedoria Universal. Anúbis é mostrado subindo e Tifão descendo; mas quando Tifão atinge o fundo, o mal sobe novamente, e quando Anúbis atinge o topo, o bem diminui mais uma vez. A Roda da Fortuna representa o universo inferior como um todo com a Sabedoria Divina (a esfinge) como o árbitro eterno entre o bem e o mal. Na Índia, o chakra , ou roda, é associado aos centros de vida de um mundo ou de um indivíduo. No Tarô pseudo-egípcio, a Esfinge está armada com um dardo, e Tifão está sendo jogado da roda. As colunas verticais, sustentando a roda e colocadas de modo que apenas uma seja visível, representam o eixo do mundo com a esfinge inescrutável sobre seu polo norte. Às vezes, a roda com seus suportes está em um barco sobre a água. A água é o Oceano da Ilusão, que é a única fundação do Ciclo da Necessidade.

O décimo primeiro trunfo maior numerado é chamado de La Force, Força, e retrata uma garota usando um chapéu na forma de uma lemniscata, com suas mãos sobre a boca de um leão aparentemente feroz. Existe uma controvérsia considerável sobre se a empregada está fechando ou abrindo a boca do leão. A maioria dos escritores declara que ela está fechando as mandíbulas da besta, mas uma inspeção crítica transmite a impressão oposta. A jovem simboliza a força espiritual e o leão ou o mundo animal que a garota está dominando ou a Sabedoria Secreta

sobre a qual ela é dona. O leão também significa o solstício de verão e a garota, Virgem, pois quando o sol entra nesta constelação, a Virgem rouba a força do leão. O trono do Rei Salomão era ornamentado com leões e ele próprio era comparado ao rei dos animais com a chave da sabedoria entre os dentes. Nesse sentido, a garota pode estar abrindo a boca do leão para encontrar a chave contida nela, pois a coragem é um pré-requisito para a obtenção do conhecimento. No Tarô pseudo-egípcio, o simbolismo é o mesmo, exceto que a donzela é representada como uma sacerdotisa usando uma coroa elaborada em forma de pássaro encimada por serpentes e um íbis.

O décimo segundo trunfo maior numerado é chamado Le Pendu , o Enforcado, e retrata um jovem pendurado pela perna esquerda em uma viga horizontal, esta última apoiada por dois troncos de árvore de cada um dos quais seis galhos foram removidos. A perna direita do jovem é cruzada atrás da esquerda e seus braços são dobrados atrás das costas de tal forma a formar uma cruz encimando um triângulo apontando para baixo. A figura, portanto, forma um símbolo invertido de enxofre e, de acordo com Levi, significa a realização da magnum opus . Em alguns baralhos, a figura carrega sob cada braço uma bolsa de dinheiro da qual moedas estão escapando. A tradição popular associa esta carta a Judas Iscariotes, que teria saído e se enforcado, as bolsas de dinheiro representando o pagamento que ele recebeu por seu crime.

Levi compara o enforcado a Prometeu, o Sofredor Eterno, declarando ainda que os pés virados para cima significam a espiritualização da natureza inferior. Também é possível que a figura invertida denote a perda das faculdades espirituais, pois a cabeça está abaixo do nível do corpo. Os tocos dos doze ramos são os signos do zodíaco divididos em dois grupos — positivo e negativo. A imagem, portanto, descreve a polaridade temporariamente triunfante sobre o princípio espiritual do equilíbrio. Para atingir as alturas da filosofia, portanto, o homem deve reverter (ou inverter) a ordem de sua vida. Ele então perde seu senso de posse pessoal porque renuncia à regra do ouro em favor da regra de ouro. No Tarô pseudo-egípcio, o enforcado é suspenso entre duas palmeiras e significa o Deus Sol que morre perenemente por seu mundo.

O décimo terceiro trunfo maior numerado é chamado La Mort , Morte, e retrata um esqueleto ceifador com uma grande foice cortando as cabeças, mãos e pés surgindo da terra ao redor dele. No curso de seus trabalhos, o esqueleto aparentemente cortou um de seus próprios pés. Nem todos os baralhos de Tarô mostram essa peculiaridade, mas esse ponto enfatiza bem a verdade filosófica de que desequilíbrio e destrutividade são sinônimos. O esqueleto é o emblema apropriado da primeira e suprema Divindade porque é a fundação do corpo, assim como o Absoluto é a fundação da criação. O esqueleto ceifador significa fisicamente a morte, mas filosoficamente aquele impulso irresistível na Natureza que faz com que cada ser seja finalmente absorvido pela condição divina na qual existia antes que o universo ilusório tivesse se manifestado. A lâmina da foice é a lua com seu poder de cristalização. O campo em que a morte colhe é o universo, e a carta revela que todas as coisas que crescem da terra serão cortadas e retornarão à terra novamente.

Reis, rainhas, cortesãs e patifes são semelhantes à morte, o mestre do visível e uma parte parental de todas as criaturas. Em alguns baralhos de Tarô, a morte é simbolizada como uma figura em armadura montada em um cavalo branco que pisoteia velhos e jovens igualmente. No Tarô pseudo-egípcio, um arco-íris é visto atrás da figura da morte, significando assim que a mortalidade do corpo por si só alcança a imortalidade do espírito. A morte, embora destrua a forma, nunca pode destruir a vida, que se renova continuamente. Esta carta é o símbolo da renovação constante do universo - desintegração que a reintegração pode seguir em um nível mais alto de expressão.

O décimo quarto trunfo maior numerado é chamado de La Temperance , Temperança, e retrata uma figura angelical com o sol sobre sua testa. Ela carrega duas urnas, uma vazia e a outra cheia, e continuamente despeja o conteúdo da superior na inferior. Em alguns baralhos de Tarô, a água corrente assume a forma do símbolo de Aquário. Nenhuma gota, no entanto, da água viva é perdida nessa transferência infinita entre o vaso superior e o inferior. Quando a urna inferior é preenchida, os vasos são invertidos, significando assim que a vida jorra primeiro do invisível para o visível, depois do visível de volta para o invisível. O espírito que controla esse fluxo é um emissário do grande Jeová, Demiurgo do mundo. O sol, ou aglomerado de luz, sobre a testa da mulher controla o fluxo de água, que, sendo puxada para cima no ar pelos raios solares, desce sobre a terra como chuva, para ser puxada para cima e cair novamente ad infinitum . Aqui também é mostrada a passagem das forças da vida humana para frente e para trás entre os polos positivos e negativos do sistema criativo. No Tarô pseudo-egípcio, o simbolismo é o mesmo, exceto que a figura alada é masculina em vez de feminina. Ela é cercada por um nimbo solar e despeja água de uma urna dourada em uma prateada, tipificando a descida das forças celestiais nas esferas sublunares.

O décimo quinto trunfo maior numerado é chamado Le Diable , o Diabo, e retrata uma criatura parecida com Pã com chifres de carneiro ou veado, braços e corpo de homem e pernas e pés de cabra ou dragão. A figura está sobre uma pedra cúbica, a um anel na frente do qual estão acorrentados dois sátiros. Como cetro, esse chamado demônio carrega uma tocha ou vela acesa. A figura inteira é simbólica dos poderes mágicos da luz astral, ou espelho universal, no qual as forças divinas são refletidas em um estado invertido ou infernal. O demônio é alado como uma barra, mostrando que pertence à esfera noturna ou inferior sombria. As naturezas animais do homem, na forma de um elemental masculino e feminino, estão acorrentadas ao seu escabelo. A tocha é a luz falsa que guia as almas não iluminadas para sua própria ruína. No Tarô pseudo-egípcio aparece Typhon — uma criatura alada composta de um porco, um homem, um morcego, um crocodilo e um hipopótamo — de pé no meio de sua própria destrutividade e segurando no alto o tição do incendiário. Typhon é criado pelos próprios erros do homem, que, voltando-se contra seu criador, o destroem.

O décimo sexto trunfo maior numerado é chamado Le Feu du Ciel , o Fogo do Céu, e retrata uma torre cujas ameias, na forma de uma coroa, estão sendo destruídas por um raio que sai do sol . A coroa, sendo consideravelmente menor do que a torre que ela supera, possivelmente indica que sua destruição resultou de sua insuficiência. O raio às vezes assume a forma do signo zodiacal de Escorpião, e a

torre pode ser considerada um emblema fálico. Duas figuras estão caindo da torre, uma na frente e a outra atrás. Esta carta de Tarô é popularmente associada à queda tradicional do homem. A natureza divina da humanidade é retratada como uma torre. Quando sua coroa é destruída, o homem cai no mundo inferior e assume a ilusão da materialidade. Aqui também está uma chave para o mistério do sexo. A torre é supostamente preenchida com moedas de ouro que, chovendo em grandes números do rasgo feito pelo raio, sugerem poderes potenciais. No Tarô pseudo-egípcio, a torre é uma pirâmide, seu ápice quebrado por um raio. Aqui está uma referência à pedra angular perdida da Casa Universal. Em apoio à alegação de Levi de que esta carta está conectada com a letra hebraica Ayin , a figura falha no primeiro plano é semelhante em aparência geral à décima sexta letra do alfabeto hebraico.

O décimo sétimo trunfo maior numerado é chamado Les Etoiles , as Estrelas, e retrata uma jovem ajoelhada com um pé na água e o outro em cima, seu corpo sugerindo um pouco a suástica. Ela tem duas urnas, cujo conteúdo ela derrama sobre a terra e o mar. Acima da cabeça da menina estão oito estrelas, uma das quais é excepcionalmente grande e brilhante. O Conde de Gébelin considera a grande estrela como Sothis ou Sirius; os outros sete são os planetas sagrados dos antigos. Ele acredita que a figura feminina seja Ísis no ato de causar as inundações do Nilo que acompanharam o surgimento da Estrela do Cão. A figura despida de Ísis pode muito bem significar que a Natureza não recebe sua vestimenta de verdura até que o surgimento das águas do Nilo libere a vida germinativa de plantas e flores. O arbusto e o pássaro (ou borboleta) significam o crescimento e a ressurreição que acompanham o surgimento das águas. No Tarô pseudo-egípcio, a grande estrela contém um diamante composto de um triângulo preto e branco, e o arbusto florido é uma planta alta com uma cabeça trifoliada sobre a qual pousa uma borboleta. Aqui, Ísis está na forma de um triângulo ereto e os vasos se tornaram xícaras rasas. Os elementos água e terra sob seus pés representam os opostos da Natureza compartilhando imparcialmente a abundância divina.

O décimo oitavo trunfo maior numerado é chamado de La Lune , a Lua, e retrata Luna subindo entre duas torres — uma clara e a outra escura. Um cão e um lobo estão latindo para a lua nascente, e no primeiro plano há uma poça de água da qual emerge um lagostim. Entre as torres, um caminho

UM CARTÃO DO PACOTE MANTEGNA.

Da história das cartas de jogar de Taylor .

Entre os exemplos mais curiosos de cartas de baralho estão os do baralho de Mantegna. Em 1820, um baralho perfeito de cinquenta cartas valia o então incrível preço de oitenta libras. Os cinquenta sujeitos que compõem o baralho de Mantegna, cada um dos quais é representado por uma figura apropriada, são: (1) Um mendigo; (2) Um pajem; (3) Um ourives; (4) Um comerciante; (5) Um cavalheiro; (6) Um cavaleiro; (7) O Doge; (8) Um rei; (9) Um imperador, (10) O Papa; (11) Calíope; (12) Urânia; (13) Terpsícore; (14) Erato; (15) Polimnia; (16) Tália; (17) Melpômene; (18) Euterpe; (19) Clio; (20) Apolo; (21) Gramática, (22) Lógica; (23) Retórica; (24) Geometria; (25) Aritmética; (26) Música, (27) Poesia; (28) Filosofia; (29) Astrologia; (30) Teologia; (31) Astronomia; (32) Cronologia (33) Cosmogonia; (34) Temperança; (35) Prudência; (36) Fortitude; (37) Justiça; (38) Caridade; (39) Fortitude, (40) Fé; (41) a Lua; (42) Mercúrio; (43) Vênus; (45) o Sol; (45) Marte; (46) Júpiter; (47) Saturno; (48) a oitava Esfera; (49) o Primum Mobile; (50) a Primeira Causa. O significado cabalístico dessas cartas é aparente, e é possível que

elas tenham uma analogia direta com os cinquenta portões de luz mencionados nos escritos cabalísticos.

ventos, desaparecendo no fundo extremo. Court de Gébelin vê nesta carta outra referência à elevação do Nilo e afirma, sob a autoridade de Pausanius, que os egípcios acreditavam que as inundações do Nilo resultavam das lágrimas da deusa da lua que, caindo no rio, aumentavam seu fluxo. Essas lágrimas são vistas caindo da face lunar. Court de Gébelin também relaciona as torres aos Pilares de Hércules, além dos quais, de acordo com os egípcios, os luminares nunca passavam. Ele observa também que os egípcios representavam os trópicos como cães que, como fiéis porteiros, impediam que o sol e a lua penetrassem muito perto dos polos. O caranguejo ou lagostim significa o movimento retrógrado da lua.

Esta carta também se refere ao caminho da sabedoria. O homem em sua busca pela realidade emerge do poço da ilusão. Após dominar os guardiões dos portões da sabedoria, ele passa entre as fortalezas da ciência e da teologia e segue o caminho sinuoso que leva à libertação espiritual. Seu caminho é fracamente iluminado pela razão humana (a lua), que é apenas um reflexo da sabedoria divina. No Tarô pseudo-egípcio, as torres são pirâmides, os cães são pretos e brancos, respectivamente, e a lua é parcialmente obscurecida pelas nuvens. A cena inteira sugere o lugar sombrio e desolado em que os dramas de Mistério dos Ritos Menores foram encenados.

O décimo nono trunfo maior numerado é chamado Le Soleil , o Sol, e retrata duas crianças — provavelmente Gêmeos, os Gêmeos — de pé juntas em um jardim cercado por um anel mágico de flores. Uma dessas crianças deve ser mostrada como homem e a outra como mulher. Atrás delas há um muro de tijolos aparentemente fechando o jardim. Acima do muro o sol está nascendo, seus raios alternadamente retos e curvos. Treze lágrimas estão caindo da face solar. Levi, vendo nas duas crianças Fé e Razão, que devem coexistir enquanto o universo temporal durar, escreve: "O equilíbrio humano requer dois pés, os mundos gravitam por meio de duas forças, a geração precisa de dois sexos. Esse é o significado do arcano de Salomão, representado pelos dois pilares do templo, Jakin e Bohas." (Veja Magia Transcendental .) O sol da Verdade está brilhando no jardim do mundo sobre o qual essas duas crianças, como personificações de poderes eternos, residem. A harmonia do mundo depende da coordenação de duas qualidades simbolizadas ao longo das eras como a mente e o coração. No Tarô pseudo-egípcio, as crianças dão lugar a um jovem e uma donzela. Acima deles, em um nimbo solar, está o emblema fálico da geração - uma linha perfurando um círculo. Gêmeos é governado por Mercúrio e as duas crianças personificam as serpentes entrelaçadas ao redor do caduceu .

A vigésima trombeta maior numerada é chamada Le Jugement , o julgamento, e retrata três figuras aparentemente saindo de seus túmulos, embora apenas um caixão seja visível. Acima delas, em um clarão de glória, está uma figura alada (presumivelmente o anjo Gabriel) tocando uma trombeta. Este Tarô representa a libertação da natureza espiritual tripla do homem do sepulcro de sua constituição material. Uma vez que apenas um terço do espírito realmente entra no corpo físico, os outros dois terços constituem o antropos hermético ou super-homem , apenas

uma das três figuras está realmente saindo do túmulo. Court de Gébelin acredita que o caixão pode ter sido uma reflexão tardia dos fabricantes de cartas e que a cena realmente representa a criação em vez da ressurreição. Na filosofia, essas duas palavras são praticamente sinônimas. O toque da trombeta representa a Palavra Criativa, pela entoação da qual o homem é libertado de suas limitações terrestres. No Tarô pseudo-egípcio é evidente que as três figuras significam as partes de um único ser, pois três múmias são mostradas emergindo de um único estojo de múmia.

O vigésimo primeiro trunfo maior numerado é chamado Le Monde , o Mundo, e retrata uma figura feminina coberta com um lenço que o vento sopra na forma da letra hebraica Kaph. Suas mãos estendidas — cada uma das quais segura uma varinha — e sua perna esquerda, que cruza atrás da direita, fazem com que a figura assuma a forma do símbolo alquímico do enxofre. A figura central é cercada por uma coroa na forma de uma vesica piscis que Levi compara à coroa cabalística Kether . Os Querubins da visão de Ezequiel ocupam os cantos da carta. Este Tarô é chamado de Microcosmo e Macrocosmo porque nele estão resumidas todas as agências que contribuem para a estrutura da criação. A figura na forma do emblema de enxofre representa o fogo divino e o coração do Grande Mistério. A coroa é a Natureza, que envolve o centro ígneo. Os Querubins representam os elementos, mundos, forças e planos que saem do centro ígneo divino da vida. A coroa significa a coroa do iniciado que é dada àqueles que dominam os quatro guardiões e entram na presença da Verdade revelada. No Tarô pseudo-egípcio, os Querubins cercam uma coroa composta de doze flores trifoliadas - os decanatos do zodíaco. Uma figura humana se ajoelha abaixo desta coroa, tocando uma harpa de três cordas, pois o espírito deve criar harmonia na constituição tripla de sua natureza inferior antes que possa ganhar para si a coroa solar da imortalidade.

Os quatro naipes dos trunfos menores são considerados análogos aos quatro elementos, aos quatro cantos da criação e aos quatro mundos do Cabalismo. A chave para os Tarôs menores é presumivelmente o Tetragrama , ou o nome de quatro letras de Jeová, IHVH. Os quatro naipes dos trunfos menores representam também as principais divisões da sociedade: as taças são o sacerdócio, as espadas, os militares, as moedas , os comerciantes, e as varas , a classe agrícola. Do ponto de vista do que Court de Gébelin chama de "geografia política", as taças representam os países do norte, as espadas , o Oriente, as moedas , o Ocidente, e as varas , os países do sul. As dez cartas de cada naipe representam as nações que compõem cada uma dessas grandes divisões. Os reis são seus governos, as rainhas , suas religiões, os cavaleiros, suas histórias e características nacionais, e as páginas, suas artes e ciências. Tratados elaborados foram escritos sobre o uso das cartas de Tarô na adivinhação, mas como essa prática é contrária ao propósito principal do Tarô, nenhum lucro pode resultar de sua discussão.

Muitos exemplos interessantes de cartas de baralho antigas são encontrados em museus da Europa, e também há exemplares notáveis nos armários de vários colecionadores particulares. Existem alguns baralhos pintados à mão que são extremamente artísticos. Eles retratam várias personagens importantes contemporâneas dos artistas. Em alguns casos, as cartas da corte são retratos do monarca reinante e sua família. Na Inglaterra, as cartas gravadas se tornaram

populares, e no Museu Britânico também podem ser vistas algumas cartas estêncil extremamente pitorescas. Dispositivos heráldicos foram empregados; e Chatto, em sua Origem e História das Cartas de Baralho , reproduz quatro cartas heráldicas nas quais os braços do Papa Clemente IX adornam o rei de paus. Houve baralhos filosóficos com emblemas escolhidos da mitologia grega e romana, também baralhos educacionais ornamentados com mapas ou representações pictóricas de lugares e incidentes históricos famosos. Muitos exemplos raros de cartas de baralho foram encontrados encadernados nas capas de livros antigos. No Japão, há jogos de cartas cujo jogo bem-sucedido requer familiaridade com quase todas as obras-primas literárias daquela nação. Na Índia, há baralhos circulares representando episódios de mitos orientais. Há também cartas que, em um sentido da palavra, não são cartas, pois os desenhos são em madeira, marfim e até mesmo metal. Há cartas cômicas caricaturando pessoas e lugares desgostosos, e há cartas comemorando várias conquistas humanas. Durante a Guerra Civil Americana, um baralho patriótico circulou no qual estrelas, águias, âncoras e bandeiras americanas foram substituídas pelos naipes e as cartas da corte eram generais famosos.

As cartas de baralho modernas são os trunfos menores do Tarô, de cada naipe do qual a página , ou valete , foi eliminada, deixando 13 cartas. Mesmo em sua forma abreviada, no entanto, o baralho moderno é de profunda importância simbólica, pois seu arranjo está aparentemente de acordo com as divisões do ano. As duas cores, vermelho e preto, representam as duas grandes divisões do ano - aquela durante a qual o sol está ao norte do equador e aquela durante a qual está ao sul do equador. Os quatro naipes representam as estações, as eras dos gregos antigos e as Yugas dos hindus. As doze cartas da corte são os signos do zodíaco dispostos em tríades de um Pai, um Poder e uma Mente de acordo com a seção superior da Tabela Bembine. As dez cartas de cada naipe representam as árvores Sephirothic existentes em cada um dos quatro mundos (os naipes). As 13 cartas de cada naipe são os 13 meses lunares em cada ano, e as 52 cartas do baralho são as 52 semanas do ano. Contando o número de pips e calculando os valetes, rainhas e reis como 11, 12 e 13, respectivamente, a soma das 52 cartas é 364. Se o coringa for considerado como um ponto, o resultado é 365, ou o número de dias no ano. Milton Pottenger acreditava que os Estados Unidos da América foram dispostos de acordo com o baralho convencional de cartas de baralho, e que o governo consistirá, em última análise, em 52 estados administrados por uma 53ª divisão não denominada, o Distrito de Columbia.

As cartas da corte contêm uma série de símbolos maçônicos importantes. Nove são de rosto inteiro e três são de perfil. Aqui está a "Roda da Lei" quebrada, significando os nove meses da época pré-natal e os três graus de desenvolvimento espiritual necessários para produzir o homem perfeito. Os quatro reis armados são os Arquitetos Amonianos Egípcios que escavaram o universo com facas. Eles também são os signos cardeais do zodíaco. As quatro rainhas, carregando flores de oito pétalas simbólicas de Cristo, são os signos fixos do zodíaco. Os quatro valetes, dois dos quais carregam raminhos de acácia - o valete de copas em sua mão, o valete de paus em seu chapéu - são os quatro signos comuns do zodíaco. Deve-se notar também que as cartas da corte do naipe de espadas não olharão para o ponto no canto da carta, mas ficarão de costas para ele como se temessem esse emblema

da morte. O Grão-Mestre da Ordem das Cartas é o rei de paus, que carrega o orbe como emblemático de sua dignidade.

Em seu simbolismo, o xadrez é o mais significativo de todos os jogos. Ele foi chamado de "o jogo real" — o passatempo dos reis. Como as cartas de tarô, as peças de xadrez representam os elementos da vida e da filosofia. O jogo era jogado na Índia e na China muito antes de sua introdução na Europa. Os príncipes da Índia Oriental costumavam sentar-se nas sacadas de seus palácios e jogar xadrez com homens vivos em pé sobre um pavimento de tabuleiro de xadrez de mármore preto e branco no pátio abaixo. Acredita-se popularmente que os faraós egípcios jogavam xadrez, mas um exame de suas esculturas e iluminuras levou à conclusão de que o jogo egípcio era uma forma de damas. Na China, as peças de xadrez são frequentemente esculpidas para representar dinastias guerreiras, como a Manchu e a Ming. O tabuleiro de xadrez consiste em 64 quadrados alternadamente pretos e brancos e simboliza o piso da Casa dos Mistérios. Sobre este campo de existência ou pensamento movem-se várias figuras estranhamente esculpidas, cada uma de acordo com uma lei fixa. O rei branco é Ormuzd; o rei negro, Ahriman; e nas planícies do Cosmos a grande guerra entre a Luz e a Escuridão é travada através de todas as eras. Da constituição filosófica do homem, os reis representam o espírito; as rainhas a mente; os bispos as emoções; os cavaleiros a vitalidade; os castelos, ou torres, o corpo físico. As peças do lado dos reis são positivas; aquelas do lado das rainhas, negativas. Os peões são os impulsos sensoriais e as faculdades perceptivas - as oito partes da alma. O rei branco e sua comitiva simbolizam o Self e seus veículos; o rei preto e sua comitiva, o não-self - o falso Ego e sua legião. O jogo de xadrez, portanto, estabelece a luta eterna de cada parte da natureza composta do homem contra a sombra de si mesmo. A natureza de cada uma das peças de xadrez é revelada pela maneira como se move; a geometria é a chave para sua interpretação. Por exemplo: O castelo (o corpo) move-se na casa; o bispo (as emoções) move-se na inclinação; o rei, sendo o espírito, não pode ser capturado, mas perde a batalha quando está tão cercado que não consegue escapar.

O Tabernáculo no Deserto

NÃO há dúvida de que muito do material registrado nos primeiros cinco livros do Antigo Testamento é derivado dos rituais iniciáticos dos Mistérios Egípcios. Os sacerdotes de Ísis eram profundamente versados em conhecimento oculto, e os israelitas durante seu cativeiro no Egito aprenderam com eles muitas coisas sobre o significado da Divindade e a maneira de adorá-la. A autoria dos primeiros cinco livros do Antigo Testamento é geralmente atribuída a Moisés, mas se ele foi ou não o verdadeiro escritor deles é uma questão de controvérsia. Há evidências consideráveis para substanciar a hipótese de que o Pentateuco foi compilado em uma data muito posterior, a partir de tradições orais. Sobre a autoria desses livros, Thomas Inman faz uma declaração um tanto surpreendente: "É verdade que temos

livros que pretendem ser os livros de Moisés; então há, ou houve, livros que pretendem ter sido escritos por Homero, Orfeu, Enoque, Mórmon e Júnio; ainda assim, a existência dos escritos e a crença de que foram escritos por aqueles cujos nomes eles carregam não são evidências reais dos homens ou da genuinidade das obras chamadas por seus nomes. É verdade também que Moisés é mencionado ocasionalmente na época dos primeiros reis de Jerusalém; mas está claro que essas passagens foram escritas por uma mão tardia e foram introduzidas nos lugares onde são encontradas, com a intenção definida de fazer parecer que o legislador era conhecido por Davi e Salomão." (Veja Ancient Faiths Embodied in Ancient Names .)

Embora este renomado estudioso, sem dúvida, tivesse muitas evidências para apoiar sua crença, parece que esta declaração é um tanto abrangente em seu caráter. Ela é aparentemente baseada no fato de que Thomas Inman duvidou da existência histórica de Moisés. Esta dúvida foi baseada na semelhança etimológica da palavra Moisés com um antigo nome para o sol. Como resultado dessas deduções, Inman procurou provar que o Legislador de Israel era meramente outra forma do onipresente mito solar. Enquanto Inman demonstrou que ao transpor duas das letras antigas a palavra Moisés (משה) se tornou Shemmah (שמה), uma denominação do globo celeste, ele parece ter negligenciado o fato de que nos antigos Mistérios os iniciados frequentemente recebiam nomes sinônimos do sol, para simbolizar o fato de que a redenção e a regeneração do poder solar haviam sido alcançadas dentro de suas próprias naturezas. É muito mais provável que o homem que conhecemos como Moisés fosse um representante credenciado das escolas secretas, trabalhando — como muitos outros emissários trabalharam — para instruir raças primitivas nos mistérios de suas almas imortais.

O verdadeiro nome do Grande Velho Homem de Israel que é conhecido na história como Moisés provavelmente nunca será apurado. A palavra Moisés, quando entendida em seu sentido esotérico egípcio, significa alguém que foi admitido nas Escolas de Mistérios da Sabedoria e saiu para ensinar os ignorantes sobre a vontade dos deuses e os mistérios da vida, como esses mistérios eram explicados dentro dos templos de Ísis, Osíris e Serápis. Há muita controvérsia sobre a nacionalidade de Moisés. Alguns afirmam que ele era judeu, adotado e educado pela casa governante do Egito; outros sustentam a opinião de que ele era um egípcio de sangue puro. Alguns até acreditam que ele seja idêntico ao imortal Hermes, pois ambos esses ilustres fundadores de sistemas religiosos receberam tábuas do céu supostamente escritas pelo dedo de Deus. As histórias contadas sobre Moisés, sua descoberta na arca de juncos pela filha do faraó, sua adoção na família real do Egito e sua posterior revolta contra a autocracia egípcia coincidem exatamente com certas cerimônias pelas quais os candidatos dos Mistérios Egípcios passavam em suas andanças ritualísticas em busca da verdade e do entendimento. A analogia também pode ser traçada nos movimentos dos corpos celestes.

Não é estranho que o erudito Moisés, iniciado no Egito, ensinasse aos judeus uma filosofia contendo os princípios mais importantes do esoterismo egípcio. As religiões do Egito na época do cativeiro israelita eram muito mais antigas do que os próprios egípcios imaginavam. Histórias eram difíceis de compilar naqueles dias, e os egípcios estavam satisfeitos em rastrear sua raça de volta a um período mitológico

quando os próprios deuses andavam na terra e com seu próprio poder estabeleceram o Império Duplo do Nilo. Os egípcios não sonhavam que esses progenitores divinos eram os atlantes, que, forçados a abandonar suas sete ilhas por causa de cataclismos vulcânicos, imigraram para o Egito - então uma colônia atlante - onde estabeleceram um grande centro filosófico e literário de civilização que mais tarde influenciaria profundamente as religiões e a ciência de inúmeras raças e povos. Hoje o Egito está esquecido, mas as coisas egípcias sempre serão lembradas e reverenciadas. O Egito está morto - mas vive imortal em sua filosofia e arquitetura.

Assim como Odin fundou seus Mistérios na Escandinávia, e Quexalcoatl no México, Moisés, trabalhando com o povo nômade das doze tribos de Israel, estabeleceu no meio deles sua escola secreta e simbólica, que veio a ser conhecida como Os Mistérios do Tabernáculo. O Tabernáculo dos judeus era meramente um templo modelado segundo os templos do Egito, e transportável para atender às necessidades daquela disposição itinerante pela qual os israelitas eram famosos. Cada parte do Tabernáculo e o recinto que o cercava eram simbólicos de alguma grande verdade natural ou filosófica. Para os ignorantes, era apenas um lugar para o qual levar oferendas e no qual fazer sacrifícios; para os sábios, era um templo de aprendizado, sagrado para o Espírito Universal da Sabedoria.

Enquanto as maiores mentes dos mundos judaico e cristão perceberam que a Bíblia é um livro de alegorias, poucos parecem ter se dado ao trabalho de investigar seus símbolos e parábolas. Quando Moisés instituiu seus Mistérios, diz-se que ele deu a alguns poucos iniciados escolhidos certos ensinamentos orais que nunca poderiam ser escritos, mas deveriam ser preservados de uma geração para a outra pela transmissão boca a boca. Essas instruções estavam na forma de chaves filosóficas, por meio das quais as alegorias eram feitas para revelar seu significado oculto. Essas chaves místicas para seus escritos sagrados eram chamadas pelos judeus de Cabala (Cabala , Kaballah).

O mundo moderno parece ter esquecido a existência daqueles ensinamentos não escritos que explicavam satisfatoriamente as aparentes contradições das Escrituras escritas, nem se lembra de que os pagãos nomearam seu Janus de duas faces como guardião da chave do Templo da Sabedoria. Janus foi metamorfoseado em São Pedro, tão frequentemente simbolizado como segurando em sua mão a chave do portão do céu. As chaves de ouro e prata do "Vigário de Deus na Terra", o Papa, simbolizam essa "doutrina secreta" que, quando devidamente entendida, destranca o baú do tesouro da Cabala cristã e judaica.

Os templos do misticismo egípcio (dos quais o Tabernáculo foi copiado) eram — de acordo com seus próprios sacerdotes — representações em miniatura do universo. O sistema solar sempre foi considerado um grande templo de iniciação, no qual os candidatos entravam pelos portões do nascimento; depois de passarem pelas passagens tortuosas da existência terrena, eles finalmente se aproximavam do véu do Grande Mistério — a Morte — através de cujo portão eles desapareciam de volta para o mundo invisível. Sócrates sutilmente lembrou a seus discípulos que a Morte era, na realidade, a grande iniciação, pois suas últimas palavras foram: "Críton, devo um galo a Asclépio; você se lembrará de pagar a dívida?" (Como o galo era

sagrado para os deuses e o sacrifício desta ave acompanhava a introdução de um candidato aos Mistérios, Sócrates deu a entender que estava prestes a receber sua grande iniciação.)

A vida é o grande mistério, e somente aqueles que passam com sucesso por seus testes e provações, interpretando-os corretamente e extraindo a essência da experiência deles, alcançam o verdadeiro entendimento. Assim, os templos foram construídos na forma do mundo e seus rituais eram baseados na vida e seus problemas multitudinários. Não apenas o próprio Tabernáculo foi modelado de acordo com o misticismo egípcio; seus utensílios também eram de forma antiga e aceita. A Arca

O ANTIGO DOS DIAS.

Das Antiguidades de Montfaucon .

É nessa forma que Jeová é geralmente retratado pelos cabalistas. O desenho pretende representar o Demiurgo dos gregos e gnósticos, chamado pelos gregos de "Zeus", o Mortal Imortal, e pelos hebreus de "IHVH".

da própria Aliança era uma adaptação da Arca egípcia, até mesmo para as figuras ajoelhadas sobre sua tampa. Baixos-relevos no Templo de Philæ mostram sacerdotes egípcios carregando sua Arca — que se assemelhava muito à Arca dos judeus — sobre seus ombros por meio de varais como aqueles descritos no Êxodo.

A descrição a seguir do Tabernáculo e seus sacerdotes é baseada no relato de sua construção e cerimônias registradas por Josefo no Terceiro Livro de suas Antiguidades dos Judeus . As referências bíblicas são de uma Bíblia "Breeches" (famosa por sua interpretação do sétimo versículo do terceiro capítulo de Gênesis), impressa em Londres em 1599, e as citações são reproduzidas em sua grafia e pontuação originais.

A CONSTRUÇÃO DO TABERNÁCULO

Moisés, falando por Jeová, o Deus de Israel, nomeou dois arquitetos para supervisionar a construção do Tabernáculo. Eles eram Besaleel, filho de Uri, da tribo de Judá, e Aoliabe, filho de Aisamaque, da tribo de Dã. Sua popularidade era tão grande que eles também eram a escolha unânime do povo. Quando Jacó em seu leito de morte abençoou seus filhos (ver Gênesis xlix), ele atribuiu a cada um um símbolo. O símbolo de Judá era um leão; o de Dã, uma serpente ou um pássaro (possivelmente uma águia). O leão e a águia são dois dos quatro animais dos Querubins (os signos fixos do zodíaco); e os alquimistas rosacruzes sustentavam que a misteriosa Pedra do Sábio (a Alma) foi composta com a ajuda do Sangue do Leão Vermelho e do Glúten da Águia Branca. Parece provável que haja uma relação mística oculta entre o fogo (o Leão Vermelho), a água (a Águia Branca), como eram usados na química oculta, e os representantes dessas duas tribos cujos símbolos eram idênticos a esses elementos alquímicos.

Assim como o Tabernáculo era a morada de Deus entre os homens, da mesma forma o corpo-alma no homem é a morada de sua natureza divina, ao redor da qual se reúne uma constituição material doze vezes maior, da mesma maneira que as tribos de Israel acampavam ao redor do recinto sagrado para Jeová. A ideia de que o Tabernáculo era realmente simbólico de uma verdade espiritual invisível fora da compreensão dos israelitas é substanciada por uma declaração feita no oitavo capítulo de Hebreus: "Que servem à paterne e sombra das coisas celestiais, como Moisés foi avisado por Deus, quando estava prestes a terminar o Tabernáculo." Aqui encontramos o local físico material de adoração chamado de "sombra" ou símbolo de uma instituição espiritual, invisível, mas onipotente.

As especificações do Tabernáculo são descritas no livro de Êxodo, vigésimo quinto capítulo: "Então o Senhor falou a Moisés, dizendo: Fala aos filhos de Israel que recebam uma oferta para mim: de todo homem, cujo coração o der voluntariamente, tomareis a oferta para mim. E esta é a oferta que tomareis deles: ouro e prata, e bronze, e seda azul, e púrpura, e carmesim, e linho fino e pêlos de cabras. E peles de carneiros tingidas de vermelho, e as peles de texugos, e a madeira de Shittim, óleo para a luz, especiarias para óleo de unção, e para o perfume de suave favor, pedras de ônix, e histórias para serem colocadas no Éfode, e no peitoral. Também me farão um Santuário, para que eu possa habitar no meio deles. Conforme tudo o que eu te mostrar, assim fareis a forma do Tabernáculo, e a forma de todos os seus instrumentos."

O pátio do Tabernáculo era uma área fechada, com cinquenta côvados de largura e cem côvados de comprimento, circunscrita por uma parede de cortinas de linho penduradas em pilares de bronze com cinco côvados de distância. (O côvado é um antigo padrão de medida, seu comprimento sendo igual à distância entre o cotovelo e a extremidade do dedo indicador, aproximadamente dezoito polegadas.) Havia vinte desses pilares em cada um dos lados mais longos e dez no mais curto. Cada pilar tinha uma base de bronze e um capitel de prata. O Tabernáculo era sempre disposto com os lados longos voltados para o norte e sul e os lados curtos voltados para o leste e oeste, com a entrada para o leste, mostrando assim a influência da adoração primitiva ao sol.

O pátio externo servia ao propósito principal de isolar a tenda do Tabernáculo propriamente dito, que ficava no meio do recinto. Na entrada do pátio, que ficava na face leste do retângulo, ficava o Altar de Ofertas Queimadas, feito de placas de latão sobre madeira e ornamentado com chifres de touros e carneiros. Mais para dentro, mas em linha com este altar, ficava a Pia da Purificação, um grande recipiente contendo água para as abluções sacerdotais. A Pia era dupla em sua construção, a parte superior sendo uma grande tigela, provavelmente coberta, que servia como fonte de suprimento para uma bacia inferior na qual os sacerdotes se banhavam antes de participar das várias cerimônias. Supõe-se que esta Pia fosse incrustada com os espelhos de metal das mulheres das doze tribos de Israel.

As dimensões do Tabernáculo propriamente dito eram as seguintes: "Seu comprimento, quando foi montado, era de trinta côvados, e sua largura era de dez côvados. Uma de suas paredes ficava no sul, e a outra ficava exposta ao norte, e na parte de trás dela permanecia o oeste. Era necessário que sua altura fosse igual à sua largura (dez côvados)." (Josefo.)

É costume dos bibliólogos dividir o interior do Tabernáculo em duas salas: uma sala com dez côvados de largura, dez côvados de altura e vinte côvados de comprimento, que era chamada de Lugar Santo e continha três artigos especiais de mobília, a saber, o Candelabro de Sete Braços, a Mesa dos Pães da Proposição e o Altar do Incenso Queimado; a outra sala com dez côvados de largura, dez côvados de altura e dez côvados de comprimento, que era chamada de Santo dos Santos e continha apenas um artigo de mobília — a Arca da Aliança. As duas salas eram separadas uma da outra por um véu ornamental sobre o qual eram bordadas muitas espécies de flores, mas nenhuma figura animal ou humana.

Josefo sugere que havia um terceiro compartimento que foi formado pela subdivisão do Lugar Santo, pelo menos hipoteticamente, em duas câmaras. O historiador judeu não é muito explícito em sua descrição desta terceira sala, e a maioria dos escritores parece ter negligenciado e ignorado completamente este ponto, embora Josefo enfaticamente afirme que o próprio Moisés dividiu a tenda interna em três seções. O véu que separava o Lugar Santo do Santo dos Santos era pendurado em quatro pilares, o que provavelmente indicava de forma sutil os quatro elementos, enquanto na entrada da tenda propriamente dita os judeus colocavam sete pilares, referindo-se aos sete sentidos e às sete vogais do Nome Sagrado. Que mais tarde apenas cinco pilares sejam mencionados pode ser explicado pelo fato de que atualmente o homem tem apenas cinco sentidos desenvolvidos e cinco vogais ativas. O antigo escritor judeu de The Baraitha trata das cortinas da seguinte forma:

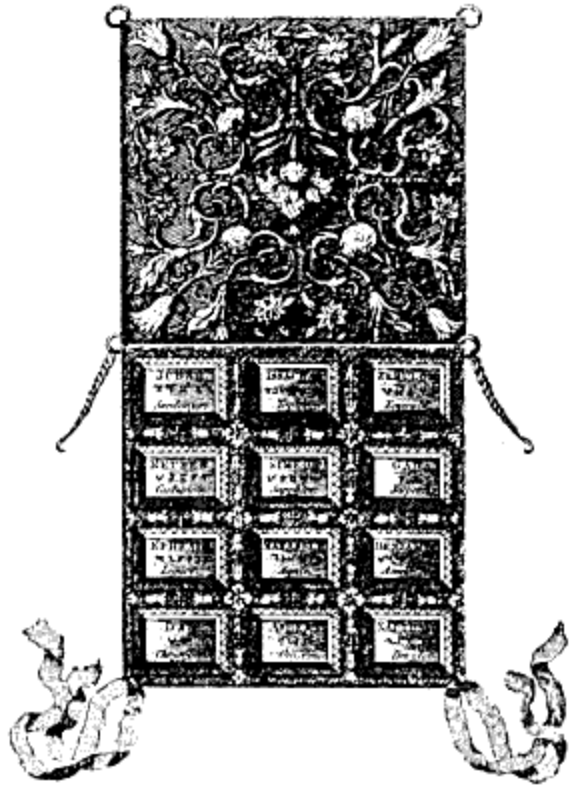
"Foram fornecidas dez cortinas de azul, de púrpura, e de carmesim, e de linho fino torcido. Como está dito: 'Além disso, farás o tabernáculo com dez cortinas de linho fino torcido, e de azul, e de púrpura, e de carmesim.' * * * Foram fornecidas onze cortinas de pelo de cabra, e o comprimento de cada uma delas era de trinta côvados, * * *. O rabino Judá disse: 'Havia duas coberturas - a inferior de peles de carneiro tingidas de vermelho, e a superior de peles de texugo. '"

Calmet é da opinião de que a palavra hebraica traduzida como "texugo" realmente significa "roxo escuro" e, portanto, não se referia a nenhum animal em particular, mas provavelmente a um tecido impermeável fortemente tecido de cor escura e discreta. Durante o tempo das peregrinações de Israel pelo deserto, supõe-se que uma coluna de fogo pairava sobre o Tabernáculo à noite, enquanto uma coluna de fumaça viajava com ela durante o dia. Esta nuvem era chamada pelos judeus de Shechinah e era simbólica da presença do Senhor. Em um dos primeiros livros judaicos rejeitados na época da compilação do Talmud, a seguinte descrição da Shechinah aparece:

"Então uma nuvem cobriu a tenda da congregação, e a glória do Senhor encheu o Tabernáculo. E essa era uma das nuvens de glória, que serviram os israelitas no deserto por quarenta anos. Uma à direita, e uma à esquerda, e uma à frente deles, e uma atrás deles. E uma sobre eles, e uma nuvem habitando no meio deles (e a nuvem, a Shechinah que estava na tenda), e a coluna de nuvem que se movia diante deles, abaixando diante deles os lugares altos, e elevando diante deles os lugares baixos, e matando serpentes e escorpiões, e queimando espinhos e sarças, e guiando-os no caminho reto." (De The Baraitha , o Livro do Tabernáculo.)

OS MOBILIÁRIOS DO TABERNÁCULO

Não há dúvida de que o Tabernáculo, seus móveis e cerimoniais, quando considerados esotericamente, são análogos à estrutura, órgãos e funções do corpo humano. Na entrada do pátio externo do Tabernáculo ficava o Altar de Ofertas Queimadas, com cinco côvados de comprimento e cinco côvados de largura, mas apenas três côvados de altura. Sua superfície superior era uma grelha de bronze sobre a qual o sacrifício era colocado, enquanto abaixo havia um espaço para o fogo. Este altar significava



A COURAÇA DO SUMO SACERDOTE.

Do Dicionário da Bíblia Sagrada de Calmet .

A ordem das pedras e a tribo sobre a qual cada uma administrava eram, de acordo com Calmet, como no diagrama acima. Essas gemas, de acordo com os Rosacruzes, eram simbólicas das doze grandes qualidades e virtudes: Iluminação, Amor, Sabedoria, Verdade, Justiça, Paz, Equilíbrio, Humildade, Fé, Força, Alegria, Vitória.

que um candidato, ao entrar pela primeira vez no recinto do santuário, deve oferecer sobre o altar de bronze não um pobre touro ou carneiro inofensivo, mas sua correspondência dentro de sua própria natureza. O touro, sendo simbólico da terrenalidade, representava sua própria constituição grosseira que deve ser queimada pelo fogo de sua Divindade. (O sacrifício de animais, e em alguns casos de seres humanos, sobre os altares dos pagãos era o resultado de sua ignorância a respeito do princípio fundamental subjacente ao sacrifício. Eles não percebiam que suas ofertas devem vir de dentro de suas próprias naturezas para serem aceitáveis.)

Mais a oeste, em linha com o Altar de Bronze, estava a Lavagem da Purificação já descrita. Ela significava para o sacerdote que ele deveria limpar não apenas seu corpo, mas também sua alma de todas as manchas de impureza, pois ninguém que não esteja limpo tanto no corpo quanto na mente pode entrar na presença da Divindade e viver. Além da Lavagem da Purificação estava a entrada para o

Tabernáculo propriamente dito, de frente para o leste, para que os primeiros raios do sol nascente pudessem entrar e iluminar a câmara. Entre os pilares incrustados podia ser visto o Lugar Santo, uma câmara misteriosa, suas paredes cobertas com cortinas magníficas bordadas com os rostos de Querubins.

Contra a parede no lado sul do Lugar Santo ficava o grande Candelabro, ou suporte de lâmpada, de ouro fundido, que se acreditava pesar cerca de cem libras. De seu eixo central ramificavam-se seis braços, cada um terminando em uma depressão em forma de taça na qual ficava uma lâmpada de óleo. Havia sete lâmpadas, três nos braços de cada lado e uma na haste central. O Candelabro era ornamentado com setenta e duas amêndoas, botões e flores. Josefo diz setenta, mas onde quer que esse número redondo seja usado pelos hebreus, ele realmente significa setenta e dois. Em frente ao Candelabro, contra a parede norte, havia uma mesa com doze pães da proposição em duas pilhas de seis pães cada. (Calmet é da opinião de que o pão não era empilhado, mas espalhado sobre a mesa em duas fileiras, cada uma contendo seis pães.) Sobre esta mesa também havia dois incensários acesos, que eram colocados no topo das pilhas de Pães da Proposição para que a fumaça do incenso fosse um aroma aceitável ao Senhor, levando consigo em sua ascensão a alma dos Pães da Proposição.

No centro da sala, quase contra a divisória que levava ao Santo dos Santos, ficava o Altar de Incenso Queimado, feito de madeira revestida com placas de ouro. Sua largura e comprimento eram cada um côvado e sua altura era de dois côvados. Este altar era simbólico da laringe humana, da qual as palavras da boca do homem ascendem como uma oferta aceitável ao Senhor, pois a laringe ocupa a posição na constituição do homem entre o Lugar Santo, que é o tronco de seu corpo, e o Santo dos Santos, que é a cabeça com seu conteúdo.

No Santo dos Santos ninguém podia passar, exceto o Sumo Sacerdote, e ele somente em certos horários prescritos. A sala não continha nenhum mobiliário, exceto a Arca da Aliança, que ficava contra a parede ocidental, em frente à entrada. Em Êxodo, as dimensões da Arca são dadas como dois côvados e meio para seu comprimento, um côvado e meio para sua largura e um côvado e meio para sua altura. Era feita de madeira de acácia, banhada a ouro por dentro e por fora, e continha as tábuas sagradas da Lei entregues a Moisés no Sinai. A tampa da Arca tinha a forma de uma placa de ouro sobre a qual se ajoelhavam duas criaturas misteriosas chamadas Querubins, de frente uma para a outra, com asas arqueadas acima da cabeça. Era sobre este propiciatório entre as asas dos celestiais que o Senhor de Israel descia quando desejava se comunicar com Seu Sumo Sacerdote.

Os móveis do Tabernáculo eram feitos convenientemente portáteis. Cada altar e implemento de qualquer tamanho era fornecido com varas que podiam ser colocadas: através de anéis; por esse meio, podiam ser pegas e carregadas por quatro ou mais carregadores. As varas nunca eram removidas da Arca da Aliança até que ela fosse finalmente colocada no Santo dos Santos da Casa Eterna, o Templo do Rei Salomão.

Não há dúvida de que os judeus nos primeiros tempos perceberam, pelo menos em parte, que seu Tabernáculo era um edifício simbólico. Josefo percebeu isso e,

embora tenha sido severamente criticado por interpretar o simbolismo do Tabernáculo de acordo com o paganismo egípcio e grego, sua descrição dos significados secretos de suas cortinas e mobílias é bem digna de consideração. Ele diz:

"Quando Moisés distinguiu o tabernáculo em três partes, e permitiu duas delas aos sacerdotes, como um lugar acessível e comum, ele denotou a terra e o mar, sendo estes de acesso geral a todos; mas ele separou a terceira divisão para Deus, porque o céu é inacessível aos homens. E quando ele ordenou que doze pães fossem colocados em uma mesa, ele denotou o ano, como distinguido em tantos meses. Ao ramificar o castiçal em setenta partes, ele secretamente insinuou o Decani, ou setenta divisões dos planetas; e quanto às sete lâmpadas sobre os castiçais, elas se referiam ao curso dos planetas, dos quais esse é o número. Os véus também, que eram compostos de quatro coisas, eles declaravam os quatro elementos; pois o linho simples era apropriado para significar a terra, porque o linho cresce da terra; o roxo significava o mar, porque essa cor é tingida pelo sangue de um marisco; o azul é adequado para significar o ar; e o escarlate será naturalmente uma indicação de fogo.

"Agora, a vestimenta do sumo sacerdote sendo feita de linho, significava a terra; o azul denotava o céu, sendo como um relâmpago em suas romãs, e no barulho dos sinos assemelhando-se a um trovão. E para o Éfode, mostrava que Deus havia feito o universo de quatro (elementos); e quanto ao ouro entrelaçado, * * * ele se relacionava com o esplendor pelo qual todas as coisas são iluminadas. Ele também designou o peitoral para ser colocado no meio do Éfode, para assemelhar-se à terra, pois este tem o lugar central do mundo. E o cinto que envolvia o sumo sacerdote em volta significava o oceano, pois ele circunda e inclui o universo. Cada uma das sardônicas nos declara o sol e a lua, aqueles, quero dizer, que eram da natureza de botões nos ombros do sumo sacerdote. E para as doze pedras, quer entendamos por elas os meses, ou quer entendamos o número semelhante dos signos daquele círculo que os gregos chamam de Zodíaco, nós não se engane em seu significado. E para a mitra, que era de cor azul, parece-me significar céu; pois de que outra forma o nome de Deus poderia ser inscrito nela? Que ela também foi ilustrada com uma coroa, e também de ouro, é por causa daquele esplendor com o qual Deus se agrada." Também é simbolicamente significativo que o Tabernáculo tenha sido construído em sete meses e dedicado a Deus na época da lua nova.

Os metais usados na construção do Tabernáculo eram todos emblemáticos. O ouro representa a espiritualidade, e as placas de ouro colocadas sobre a madeira de acácia eram emblemas da natureza espiritual que glorifica a natureza humana simbolizada pela madeira. Os místicos ensinaram que o corpo físico do homem é cercado por uma série de corpos invisíveis de diversas cores e grande esplendor. Na maioria das pessoas, a natureza espiritual está oculta e aprisionada na natureza material, mas em algumas poucas essa constituição interna foi objetivada e a natureza espiritual está do lado de fora, de modo que envolve a personalidade do homem com um grande esplendor.

A prata, usada como capitéis para os pilares, tem sua referência à lua, que era sagrada para os judeus e os egípcios. Os sacerdotes realizavam cerimônias

ritualísticas secretas na época da lua nova e da lua cheia, ambos períodos sagrados para Jeová. A prata, assim ensinavam os antigos, era ouro com seu raio de sol voltado para dentro em vez de objetivado. Enquanto o ouro simbolizava a alma espiritual, a prata representava a natureza humana purificada e regenerada do homem.

O latão usado nos altares externos era uma substância composta consistindo de uma liga de metais preciosos e básicos. Assim, representava a constituição do indivíduo médio, que é uma combinação de elementos superiores e inferiores.

As três divisões do Tabernáculo devem ter um interesse especial para os maçons, pois representam os três graus da Loja Azul, enquanto as três ordens de sacerdotes que serviam o Tabernáculo são preservadas para a Maçonaria moderna como o Aprendiz Entrado, o Companheiro Artesão e o Mestre Maçom. Os habitantes das ilhas havaianas construíram um Tabernáculo não muito diferente do dos judeus, exceto que seus cômodos eram um acima do outro e não um atrás do outro, como no caso do Tabernáculo dos israelitas. Os três cômodos também são as três câmaras importantes da Grande Pirâmide de Gizé.

AS VESTES DA GLÓRIA

Conforme explicado na citação de Josefo, as vestes e adornos dos sacerdotes judeus tinham um significado secreto, e até hoje há uma linguagem cifrada religiosa oculta nas cores, formas e usos das vestes sagradas, não apenas entre os sacerdotes cristãos e judeus, mas também entre as religiões pagãs. As vestes dos sacerdotes do Tabernáculo eram chamadas Cahanææ ; as do Sumo Sacerdote eram denominadas Cahanææ Rabbæ . Sobre o Machanese , uma roupa íntima que lembrava calças curtas, eles usavam o Chethone , um manto de linho finamente tecido, que chegava até o chão e tinha mangas compridas amarradas aos braços do usuário. Uma faixa brilhantemente bordada, torcida várias vezes ao redor da cintura (um pouco mais alta do que o habitual), com uma ponta pendente na frente, e um gorro de linho bem ajustado, designado Masnaemphthes , completavam o traje do sacerdote comum.

AS VESTUÁRIOS DA GLÓRIA.

De Mosaize Historie der Hebreeuwse Kerke .

O manto do Sumo Sacerdote de Israel era frequentemente chamado de "As Vestes da Glória", pois se assemelhava à natureza regenerada e espiritualizada do homem, simbolizada por uma vestimenta que todos devem tecer com os fios do caráter e da virtude antes de poderem se tornar Sumos Sacerdotes segundo a Ordem de Melquisedeque.

As vestimentas do Sumo Sacerdote eram as mesmas dos graus menores, exceto que certas vestimentas e adornos eram adicionados. Sobre o manto de linho branco especialmente tecido, o Sumo Sacerdote usava um hábito sem costura e sem mangas, de cor azul-celeste e que chegava quase aos seus pés. Isso era chamado de Meeir e era ornamentado com uma franja de sinos dourados alternados e romãs. Em Eclesiástico (um dos livros rejeitados da Bíblia moderna), esses sinos e seu propósito são descritos nas seguintes palavras: "E ele o cercou com romãs e com muitos sinos de ouro ao redor, para que, enquanto ele andasse, houvesse um som e um barulho que pudessem ser ouvidos no templo, para um memorial aos filhos de seu povo." O Meeir também era preso com um cinto variegado finamente bordado e com fio de ouro inserido através do bordado.

O Éfode , uma vestimenta curta descrita por Josefo como semelhante a um casaco ou jaqueta, era usada sobre a parte superior do Meeir . Os fios dos quais o Éfode era tecido eram de muitas cores, provavelmente vermelho, azul, roxo e branco, como as cortinas e coberturas do Tabernáculo. Fios de ouro fino também eram tecidos no tecido. O Éfode era preso em cada ombro com um grande ônix na forma de um botão, e os nomes dos doze filhos de Jacó estavam gravados nessas duas pedras, seis em cada. Esses botões de ônix supostamente tinham poderes oraculares, e quando o Sumo Sacerdote fazia certas perguntas, eles emitiam um brilho celestial. Quando o ônix no ombro direito era iluminado, significava que Jeová

respondia à pergunta do Sumo Sacerdote: afirmativamente, e quando o da esquerda brilhava, indicava uma resposta negativa à pergunta.

No meio da superfície frontal do Éfode havia um espaço para acomodar o Essen , ou Peitoral da Justiça e Profecia , que, como seu nome indica, também era um oráculo de grande poder. Este peitoral tinha formato aproximadamente quadrado e consistia em uma moldura de bordado na qual eram colocadas doze pedras, cada uma presa em um encaixe de ouro. Devido ao grande peso de suas pedras, cada uma das quais era de tamanho considerável e imenso valor, o peitoral era mantido em posição por correntes e fitas douradas especiais. As doze pedras do peitoral, como as pedras de ônix nos ombros do Éfode , tinham o poder misterioso de iluminar com glória Divina e, assim, servir como oráculos. Sobre o estranho poder desses símbolos brilhantes das doze tribos de Israel, Josefo escreve:

"No entanto, mencionarei o que é ainda mais maravilhoso do que isso: Pois Deus declarou de antemão, por aquelas doze pedras que o Sumo Sacerdote usava sobre o peito e que eram inseridas em seu peitoral, quando eles seriam vitoriosos na batalha; pois um esplendor tão grande brilhou delas antes que o exército começasse a marchar, que todo o povo estava ciente da presença de Deus para ajudá-los. Daí aconteceu que aqueles gregos, que tinham veneração por nossas leis, porque não podiam contradizer isso, chamaram o peitoral de 'o Oráculo'." O escritor então acrescenta que as pedras deixaram de brilhar e brilhar cerca de duzentos anos antes de ele escrever sua história, porque os judeus haviam quebrado as leis de Jeová e o Deus de Israel não estava mais satisfeito com Seu povo escolhido.

Os judeus aprenderam astronomia com os egípcios, e não é improvável que as doze joias do peitoral fossem simbólicas das doze constelações do zodíaco. Essas doze hierarquias celestes eram vistas como joias adornando o peitoral do Homem Universal, o Macroprosophus, que é referido no Zohar como O Ancião dos Dias. O número doze ocorre frequentemente entre os povos antigos, que em quase todos os casos tinham um panteão consistindo de doze semideuses e deusas presididos pelo Invencível, que era Ele próprio sujeito ao Incompreensível Pai-de-Todos. Este uso do número doze é especialmente notado nos escritos judaicos e cristãos. Os doze profetas, os doze patriarcas, as doze tribos e os doze apóstolos - cada grupo tem um certo significado oculto, pois cada um se refere ao Divino Duodecimo, ou Divindade Doze Vezes, cujas emanações são manifestadas no Universo criado tangível por meio de doze canais individualizados. A doutrina secreta também pegou os sacerdotes que as joias representavam centros de vida dentro de suas próprias constituições, que quando desdobradas de acordo com as instruções esotéricas do Templo, eram capazes de absorver em si mesmas e irradiar novamente a luz Divina da Divindade. (As flores de lótus da Índia Oriental têm um significado semelhante.) Os rabinos ensinaram que cada fio de linho torcido usado na tecelagem das cortinas e ornamentações do Tabernáculo consistia em vinte e quatro fios separados, lembrando ao discernimento que a experiência, adquirida durante as vinte e quatro horas do dia (simbolizada na Maçonaria pela regra de vinte e quatro polegadas) torna-se os fios dos quais são tecidos os Vestes da Glória.

O URIM E O TUMIM

No verso do Essen , ou peitoral, havia um bolso contendo objetos misteriosos — o Urim e o Tumim . Além do fato de que eram usados em adivinhação, pouco se sabe sobre esses objetos. Alguns escritores afirmam que eram pequenas pedras (que lembram os fetiches ainda reverenciados por certos povos aborígenes) que os israelitas trouxeram consigo do Egito por acreditarem que possuíam poder divino. Outros acreditam que o Urim e o Tumi tinham a forma de dados, usados para decidir eventos ao serem lançados no chão. Alguns sustentaram que eram apenas nomes sagrados, escritos em placas de ouro e carregados como talismãs. "De acordo com alguns, o Urim e o Tumi significam 'luzes e perfeições', ou 'luz e verdade', que apresentam uma analogia impressionante com as duas figuras de Re (Ra) e Themi no peitoral usado pelos egípcios." (Gardner's The Faiths of the World .)

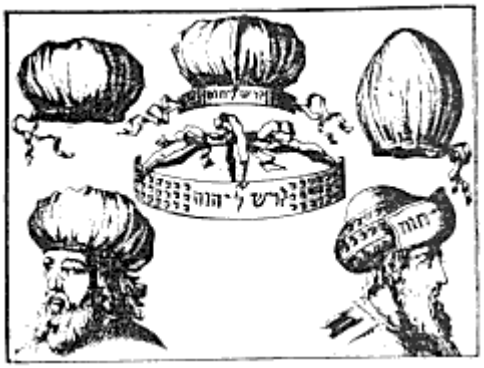
Não menos notável das vestimentas do Sumo Sacerdote era seu gorro, ou toucado. Sobre o boné branco simples do sacerdote comum, este dignitário usava um pano externo azul e uma coroa de ouro, a coroa consistindo de três faixas, uma acima da outra como a mitra tripla dos Magos Persas. Esta coroa simbolizava que o Sumo Sacerdote era governante não apenas sobre os três mundos que os antigos diferenciavam (céu, terra e inferno), mas também sobre as três divisões do homem e do universo - os mundos espiritual, intelectual e material. Essas divisões também eram simbolizadas pelos três apartamentos do próprio Tabernáculo.

No topo do cocar havia uma pequena taça de ouro, feita na forma de uma flor. Isso significava que a natureza do sacerdote era receptiva e que ele tinha um vaso em sua própria alma que, como uma taça, era capaz de captar as águas eternas da vida que se derramavam sobre ele dos céus acima. Esta flor sobre o topo de sua cabeça é semelhante em seu significado esotérico à rosa que cresce de um crânio, tão famosa na simbologia dos Templários. Os antigos acreditavam que a natureza espiritual que escapava do corpo passava para cima através do topo da cabeça; portanto, o cálice em forma de flor, ou taça, simbolizava também a consciência espiritual. Na frente da coroa dourada estavam inscritos em hebraico, Santidade ao Senhor .

Embora as vestes e ornamentos aumentassem o respeito e a veneração dos israelitas por seu Sumo Sacerdote, tais paramentos não significavam nada para Jeová. Portanto, antes de entrar no Santo dos Santos, o Sumo Sacerdote removia suas vestes terrenas e entrava despido na presença do Senhor Deus de Israel. Lá, ele poderia ser vestido apenas com suas próprias virtudes, e sua espiritualidade deveria adorná-lo como uma vestimenta.

Há uma lenda que diz que qualquer um que por acaso entrasse no Santo dos Santos impuro era destruído por um raio de fogo divino do Propiciatório. Se o Sumo Sacerdote tivesse apenas um pensamento egoísta, ele seria morto. Como ninguém sabe quando um pensamento indigno pode passar por sua mente, precauções tinham que ser tomadas caso o Sumo Sacerdote fosse morto enquanto estivesse na

presença de Jeová. Os outros sacerdotes não podiam entrar no santuário, portanto, quando seu líder estava prestes a entrar e receber os comandos do Senhor, eles amarraram uma corrente em um de seus pés para que, se ele fosse derrubado enquanto estivesse atrás do véu, eles pudessem arrastar o corpo para fora.



O TOUCADO DOS SACERDOTES.

De Mosaize Historie der Hebreeuwse Kerke .

Sobre o simples barrete branco dos sacerdotes comuns, o Sumo Sacerdote usava um manto azul e uma faixa de ouro. Na parte da frente da faixa dourada estavam inscritas as palavras hebraicas "Santidade ao Senhor". Esta ilustração mostra o arranjo do gorro com e sem a coroa dourada.

A ARCA COM SEUS QUERUBINS

Do Dicionário da Bíblia Sagrada de Calmet .

Josefo conta que os Querubins eram criaturas voadoras, mas diferentes em aparência, de qualquer coisa que se possa ver na Terra; portanto, impossível de descrever. Moisés supostamente viu esses seres ajoelhados no escabelo de Deus quando foi pego e levado à Presença de Jeová. É provável que eles se assemelhassem, pelo menos em aparência geral, aos famosos Querubins de Ezequiel.

A Fraternidade da Rosa Cruz

QUEM eram os Rosacruzes? Eles eram uma organização de pensadores profundos se rebelando contra as limitações religiosas e filosóficas inquisicionais de seu tempo ou eram transcendentalistas isolados unidos apenas pela similaridade de seus pontos de vista e deduções? Onde ficava a "Casa do Espírito Santo", na qual, de acordo com seus manifestos, eles se reuniam uma vez por ano para planejar as atividades futuras de sua Ordem? Quem era a pessoa misteriosa referida como "Nosso Ilustre Pai e Irmão CRC"? Essas três letras realmente representavam as palavras "Christian Rosie Cross"? Christian Rosencreutz, o suposto autor das Núpcias Químicas , era a mesma pessoa que com três outros fundou "A Sociedade da Rosa Cruz"?

Que relação existia entre o Rosacrucianismo e a Maçonaria medieval? Por que os destinos dessas duas organizações estavam tão intimamente interligados? A "Irmandade da Rosa Cruz" é o elo muito procurado conectando a Maçonaria da Idade Média com o simbolismo e o misticismo da antiguidade, e seus segredos estão sendo perpetuados pela Maçonaria moderna? A Ordem Rosacruz original se desintegrou na última parte do século XVIII, ou a Sociedade ainda existe como uma organização, mantendo o mesmo segredo pelo qual era originalmente famosa? Qual era o verdadeiro propósito para o qual a "Irmandade da Rosa Cruz" foi formada? Os Rosacruzes eram uma irmandade religiosa e filosófica, como eles alegavam ser, ou seus princípios declarados eram uma cortina para esconder o verdadeiro objetivo da Fraternidade, que possivelmente era o controle político da Europa? Esses são alguns dos problemas envolvidos no estudo do Rosacrucianismo.

Há quatro teorias distintas sobre o enigma Rosacruz. Cada uma é o resultado de uma consideração cuidadosa das evidências por estudiosos que passaram suas vidas vasculhando os arquivos da tradição hermética. As conclusões alcançadas demonstram claramente a inadequação dos registros disponíveis sobre a gênese e as primeiras atividades dos "Irmãos da Rosacruz".

O PRIMEIRO POSTULADO

Supõe-se que a Ordem Rosacruz existiu historicamente de acordo com a descrição de sua fundação e atividades subsequentes publicadas em seu manifesto, o Fama Fraternitatis , que se acredita ter sido escrito no ano de 1610, mas aparentemente não apareceu impresso até 1614, embora uma edição anterior seja suspeita por algumas autoridades. A consideração inteligente da origem do Rosacrucianismo requer familiaridade com o conteúdo do primeiro e mais importante de seus documentos. O Fama Fraternitatis começa com um lembrete a todo o mundo da bondade e misericórdia de Deus, e adverte a intelligentsia de que seu egoísmo e cobiça os fazem seguir falsos profetas e ignorar o verdadeiro conhecimento que Deus em Sua bondade revelou a eles. Portanto, uma reforma é necessária, e Deus levantou filósofos e sábios para esse propósito.

Para ajudar a trazer a reforma, uma pessoa misteriosa chamada "O Pai Altamente Iluminado CRC", um alemão de nascimento, descendente de uma família nobre, mas ele próprio um homem pobre, instituiu a "Sociedade Secreta da Rosa Cruz". CRC foi colocado em um claustro quando tinha apenas cinco anos de idade, mas depois ficando insatisfeito com seu sistema educacional, ele se associou a um irmão das Ordens Sagradas que estava partindo em uma peregrinação à Terra Santa. Eles começaram juntos, mas o irmão morreu em Chipre e CRC! continuou sozinho para Damasco. A saúde precária o impediu de chegar a Jerusalém, então ele permaneceu em Damasco, estudando com os filósofos que moravam lá.

Enquanto prosseguia seus estudos, ele ouviu falar de um grupo de místicos e cabalistas que viviam na mística cidade árabe de Damcar. Desistindo de seu desejo de visitar Jerusalém, ele combinou com os árabes seu transporte para Damcar. CRC tinha apenas dezesseis anos de idade quando chegou a Damcar. Ele foi recebido como alguém que era esperado há muito tempo, um camarada e amigo na filosofia, e foi instruído nos segredos dos adeptos árabes. Enquanto estava lá, CRC aprendeu a língua árabe e traduziu o livro sagrado M para o latim; e ao retornar à Europa, ele trouxe este importante volume com ele.

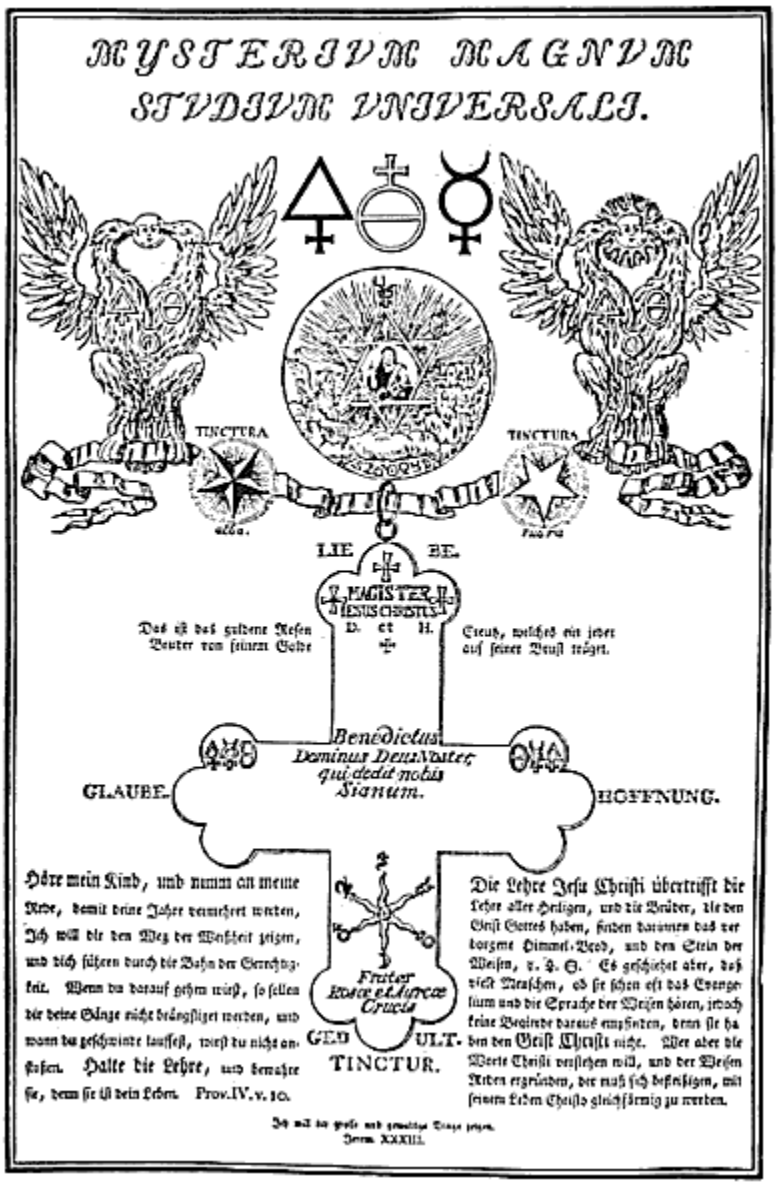
Após estudar três anos em Damcar, CRC partiu para a cidade de Fez, onde os mágicos árabes declararam que mais informações seriam dadas a ele. Em Fez, ele foi instruído sobre como se comunicar com os habitantes Elementares [provavelmente os espíritos da Natureza], e estes lhe revelaram muitos outros grandes segredos da Natureza. Embora os filósofos em Fez não fossem tão grandes quanto os de Damcar, as experiências anteriores de CRC o capacitaram a distinguir o verdadeiro do falso e, assim, adicionar muito ao seu estoque de conhecimento.

Após dois anos em Fez, CRC navegou para a Espanha, levando consigo muitos tesouros, entre eles plantas e animais raros acumulados durante suas andanças. Ele esperava ternamente que os homens cultos da Europa recebessem com gratidão os raros tesouros intelectuais e materiais que ele havia trazido para sua consideração. Em vez disso, ele encontrou apenas o ridículo, pois os chamados sábios tinham medo de admitir sua ignorância anterior para que seu prestígio não fosse prejudicado. Neste ponto da narrativa há uma interpolação afirmando que Paracelso, embora não fosse membro da "Fraternidade da Rosa Cruz", havia lido o livro M e, a partir de uma consideração de seu conteúdo, havia garantido informações que o tornaram o principal médico da Europa medieval.

Cansado, mas não desanimado, como resultado da infrutífera de seus esforços, CRC retornou à Alemanha, onde construiu uma casa na qual pôde tranquilamente continuar seus estudos e pesquisas. Ele também fabricou uma série de instrumentos científicos raros para fins de pesquisa. Embora pudesse ter se tornado famoso se tivesse se importado em comercializar seu conhecimento, ele preferiu a companhia de Deus à estima dos homens.

Após cinco anos de aposentadoria, ele decidiu renovar sua luta por uma reforma das artes e ciências de sua época, desta vez com a ajuda de alguns amigos de confiança. Ele enviou ao claustro onde seu treinamento inicial havia sido recebido e chamou para si três irmãos, a quem ele obrigou por um juramento a preservar

invioláveis os segredos que ele deveria transmitir e a escrever para o bem da posteridade as informações.



A CRUZ DE OURO E ROSÁ.

De Geheime Figuren der Rosenkreuzer .

Diz-se desta cruz que ela é feita de ouro espiritual e que cada Irmão a usa sobre o peito. Ela carrega os símbolos alquímicos de sal, enxofre e mercúrio; também uma estrela dos planetas; e ao redor dela estão as quatro palavras FÉ, ESPERANÇA, AMOR e PACIÊNCIA. A águia de duas cabeças, ou Fênix, sutilmente prenuncia o estado andrógino final da criatura humana. A alquimia rosacruz não se preocupava apenas com metais. O próprio corpo do homem era o laboratório alquímico, e

ninguém poderia atingir o adepto rosacruz até que tivesse realizado o experimento supremo de transmutação, mudando os metais básicos da ignorância para o ouro puro da sabedoria e do entendimento.

ele deveria ditar. Esses quatro fundaram a "Fraternidade da Rosa Cruz". Eles prepararam sua linguagem secreta cifrada e, de acordo com a Fama , um grande dicionário no qual todas as formas de sabedoria foram classificadas para a glorificação de Deus. Eles também começaram o trabalho de transcrição do livro M , mas acharam a tarefa muito difícil por causa das demandas do grande número de doentes que vinham até eles para cura.

Tendo completado um edifício mais novo e maior, que eles chamaram de "Casa do Espírito Santo", eles decidiram incluir quatro novos membros na Fraternidade, aumentando assim o número para oito, sete dos quais eram alemães. Todos eram solteiros. Trabalhando diligentemente juntos, eles rapidamente completaram o árduo trabalho de preparar os documentos, instruções e arcanos da Ordem. Eles também colocaram a casa chamada "Sancti Spiritus" em ordem.

Eles então decidiram se separar e visitar os outros países da Terra, não apenas para que sua sabedoria pudesse ser dada a outros que a merecessem, mas também para que pudessem verificar e corrigir quaisquer erros existentes em seu próprio sistema. Antes de se separarem, os Irmãos prepararam seis regras, ou estatutos, e cada um se comprometeu a obedecê-las. A primeira regra era que eles não deveriam tomar para si nenhuma outra dignidade ou crédito além de estarem dispostos a curar os doentes sem cobrar nada. A segunda era que daquele momento em diante para sempre eles não deveriam usar nenhuma túnica ou vestimenta especial, mas deveriam se vestir de acordo com o costume do país em que morassem. A terceira declarava que todos os anos em um determinado dia eles deveriam se reunir na "Casa do Espírito Santo" ou, se não pudessem fazê-lo, deveriam ser representados por uma epístola. A quarta decretou que cada membro deveria procurar uma pessoa digna para sucedê-lo em sua própria morte. A quinta declarava que as letras "RC" deveriam ser seu selo, marca e caráter daquele momento em diante. A sexta especificava que a Fraternidade deveria permanecer desconhecida do mundo por um período de cem anos.

Depois de terem jurado esse código, cinco dos Irmãos partiram para terras distantes, e um ano depois, dois dos outros também seguiram seu caminho, deixando o Padre CRC sozinho na "Casa do Espírito Santo". Ano após ano, eles se encontravam com grande alegria, pois haviam promulgado suas doutrinas de forma silenciosa e sincera entre os sábios da terra.

Quando o primeiro da Ordem morreu na Inglaterra, foi decidido que os locais de sepultamento dos membros deveriam ser secretos. Logo depois, o Padre CRC reuniu os seis restantes, e supõe-se que então ele preparou seu próprio túmulo simbólico. O Fama registra que nenhum dos Irmãos vivos na época em que foi escrito sabia quando o Padre CRC morreu ou onde ele foi enterrado. Seu corpo foi descoberto acidentalmente 120 anos após sua morte, quando um dos Irmãos, que possuía considerável habilidade arquitetônica, decidiu fazer algumas alterações na "Casa do Espírito Santo". [Suspeita-se apenas que o túmulo estava neste edifício.]

Ao fazer suas alterações, o Irmão descobriu uma placa memorial na qual estavam inscritos os nomes dos primeiros membros da Ordem. Ele decidiu transferi-la para uma capela mais imponente, pois naquela época ninguém sabia em que país o Padre CRC havia morrido, essa informação tendo sido ocultada pelos membros originais. Ao tentar remover a placa memorial, que estava presa no lugar por um grande prego, algumas pedras e reboco foram quebrados da parede, revelando uma porta escondida na alvenaria. Os membros da Ordem imediatamente limparam o resto dos escombros e descobriram a entrada de um cofre. Sobre a porta, em letras grandes, estavam as palavras: POST CXX ANNOS PATEBO. Isso, de acordo com a interpretação mística dos Irmãos, significava: "Em 120 anos, eu surgirei".

Na manhã seguinte, a porta foi aberta e os membros entraram em um cofre com sete lados e sete cantos, cada lado com cinco pés de largura e oito pés de altura. Embora o sol nunca tenha penetrado neste túmulo, ele estava brilhantemente iluminado por uma luz misteriosa no teto. No centro havia um altar circular, sobre o qual havia placas de latão gravadas com caracteres estranhos. Em cada um dos sete lados havia uma pequena porta que, ao ser aberta, revelava uma série de caixas cheias de livros, instruções secretas e o arcano supostamente perdido da Fraternidade.

Ao mover o altar para um lado, uma tampa de bronze foi revelada. Levantá-la revelou um corpo, presumivelmente o de CRC, que, embora estivesse ali há 120 anos, estava tão bem preservado como se tivesse acabado de ser enterrado. Estava ornamentado e vestido com as vestes da Ordem, e em uma mão segurava um pergaminho misterioso que, ao lado da Bíblia, era a posse mais valiosa da Sociedade. Depois de investigar minuciosamente o conteúdo da câmara secreta, a placa de bronze e o altar foram recolocados no lugar, a porta do cofre foi novamente selada, e os Irmãos seguiram seus respectivos caminhos, seus espíritos elevados e sua fé aumentada pelo espetáculo milagroso que haviam contemplado.

O documento termina dizendo, com efeito, "De acordo com a vontade do Padre CRC, o Fama foi preparado e enviado aos sábios e eruditos de toda a Europa em cinco línguas, para que todos possam conhecer e entender os segredos da augusta Fraternidade. Todos de alma sincera que trabalham pela glória de Deus são convidados a se comunicar com os Irmãos e recebem a promessa de que seu apelo será ouvido, independentemente de onde estejam ou de como as mensagens sejam enviadas. Ao mesmo tempo, aqueles de motivos egoístas e ulteriores são avisados de que apenas tristeza e miséria acompanharão qualquer um que tente descobrir a Fraternidade sem um coração limpo e uma mente pura."

Tal, em resumo, é a história da Fama Fraternitatis . Aqueles que a aceitam literalmente consideram o Padre CRC como o verdadeiro fundador da Irmandade, que se acredita ter sido organizada por volta de 1400. O fato de que a corroboração histórica dos pontos importantes da Fama nunca foi descoberta é mantido contra essa teoria. Não há prova de que o Padre CRC tenha se aproximado dos homens cultos da Espanha. A misteriosa cidade de Damcar não pode ser encontrada, e não há registro de que em qualquer lugar da Alemanha tenha existido um lugar onde um grande número de coxos e doentes vieram e foram misteriosamente curados. The Secret Tradition in Freemasonry, de AE Waite, contém uma imagem do Padre

CRC mostrando-o com uma longa barba sobre o peito, sentado diante de uma mesa sobre a qual queima uma vela. Uma mão está apoiando sua cabeça e a outra está descansando a ponta do dedo indicador na têmpora de um crânio humano. A imagem, no entanto (veja a placa no início do capítulo), não prova nada. O Padre CRC nunca foi visto por outros que não os membros de sua própria Ordem, e eles não preservaram uma descrição dele. Que seu nome fosse Christian Rosencreutz é muito improvável, já que os dois nem sequer eram associados até a escrita das Núpcias Químicas .

O SEGUNDO POSTULADO

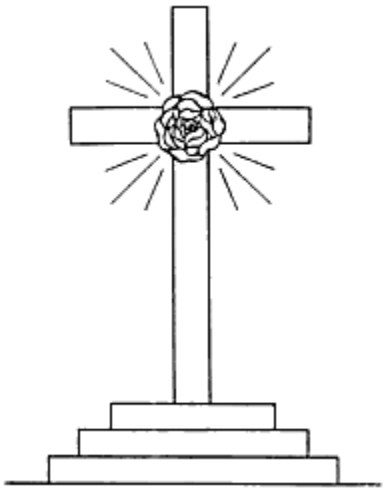
Os irmãos maçônicos que investigaram o assunto aceitam a existência histórica da "Irmandade da Rosa Cruz", mas estão divididos quanto à origem da Ordem. Um grupo sustenta que a sociedade se originou na Europa medieval como um resultado da especulação alquímica. Robert Macoy, 33°, acredita que Johann Valentin Andreæ, um teólogo alemão, foi o verdadeiro fundador, e ele também acredita ser possível que este divino apenas reformou e ampliou uma sociedade existente que havia sido fundada por Sir Henry Cornelius Agrippa. Alguns acreditam que o Rosacrucianismo representou a primeira invasão europeia da cultura budista e brâmane. Outros ainda sustentam a opinião de que a "Sociedade da Rosa Cruz" foi fundada no Egito durante a supremacia filosófica daquele império, e que também perpetuou os Mistérios da antiga Pérsia e Caldéia.

Em seu Anacalypsis , Godfrey Higgins escreve: "Os rosacruzes da Alemanha são bastante ignorantes de sua origem; mas, por tradição, eles se supõem descendentes dos antigos egípcios, caldeus, magos e gimnosofistas." (O último foi um nome dado pelos seguidores de Alexandre, o Grande, a uma casta de sábios nus que eles encontraram meditando ao longo das margens do rio na Índia.) O consenso entre essas facções é que a história do Padre CRC, como a lenda maçônica de Hiram Abiff, é uma alegoria e não deve ser considerada literalmente. Um problema semelhante confrontou os estudantes da Bíblia, que acharam não apenas difícil, mas na maioria dos casos impossível, seus esforços para substanciar a interpretação histórica das Escrituras.

Admitindo a existência dos Rosacruzes como uma sociedade secreta com fins filosóficos e políticos, é notável que uma organização com membros em todas as partes da Europa pudesse manter segredo absoluto ao longo dos séculos. No entanto, os "Irmãos da Rosacruz" foram aparentemente capazes de realizar isso. Um grande número de acadêmicos e filósofos, entre eles Sir Francis Bacon e Wolfgang von Goethe, foram suspeitos de afiliação à Ordem, mas sua conexão não foi estabelecida para a satisfação de historiadores prosaicos. Pseudo-Rosacruzes abundavam, mas os verdadeiros membros da "Antiga e Secreta Ordem dos Filósofos Desconhecidos" viveram com sucesso de acordo com seu nome; até hoje eles permanecem desconhecidos.

Durante a Idade Média, uma série de tratados surgiram, alegando ser das penas dos Rosacruzes. Muitos deles, no entanto, eram espúrios, sendo emitidos para seu

autoengrandecimento por pessoas inescrupulosas que usavam o nome reverenciado e mágico Rosacruz na esperança de ganhar poder religioso ou político. Isso complicou muito.



A ROSA CRUCIFICADA.

O símbolo original da Fraternidade Rosacruz era uma rosa hieroglífica crucificada em uma cruz. A cruz era frequentemente erguida em um Calvário de três degraus. Ocasionalmente, o símbolo de uma cruz subindo de uma rosa era usado em conexão com suas atividades. A rosa Rosacruz foi desenhada na Távola Redonda do Rei Arthur, e é o motivo central para os elos que formam a corrente da qual o "Grande George" é suspenso entre as joias da Ordem da Jarreteira. Hargrave Jennings suspeita que esta Ordem tenha alguma conexão com os Rosacruzes.

o trabalho de investigar a Sociedade. Um grupo de pseudo-Rosacruzes chegou ao ponto de fornecer a seus membros um cordão preto pelo qual eles deveriam se conhecer, e os avisou que se eles quebrassem seu voto de segredo o cordão seria usado para estrangulá-los. Poucos princípios do Rosacrucianismo foram preservados na literatura, pois a Fraternidade original publicou apenas relatos fragmentários de seus princípios e atividades.

Em seus Símbolos Secretos dos Rosacruzes , o Dr. Franz Hartmann descreve a Fraternidade como "Uma sociedade secreta de homens que possuíam poderes sobre-humanos — se não sobrenaturais; dizia-se que eles eram capazes de profetizar eventos futuros, de penetrar nos mistérios mais profundos da Natureza, de transformar Ferro, Cobre, Chumbo ou Mercúrio em Ouro, de preparar um Elixir da Vida , ou Panaceia Universal , pelo uso do qual poderiam preservar sua juventude e masculinidade; e, além disso, acreditava-se que eles podiam comandar os Espíritos Elementais da Natureza e conheciam o segredo da Pedra Filosofal , uma substância que tornava aquele que a possuía todo-poderoso, imortal e supremamente sábio."

O mesmo autor define ainda um Rosacruz como "Uma pessoa que pelo processo de despertar espiritual atingiu um conhecimento prático do significado secreto da Rosa

e da Cruz . * * * Chamar uma pessoa de Rosacruz não a torna uma, nem o ato de chamar uma pessoa de Cristão a torna um Cristo. O verdadeiro Rosacruz ou Maçom não pode ser feito; ele deve crescer para ser um pela expansão e desdobramento do poder divino dentro de seu próprio coração. A desatenção a esta verdade é a causa de muitas igrejas e sociedades secretas estarem longe de ser aquilo que seus nomes expressam."

Os princípios simbólicos do Rosacrucianismo são tão profundos que até hoje são pouco apreciados. Seus gráficos e diagramas estão preocupados com princípios cósmicos pesados que eles tratam com uma compreensão filosófica decididamente refrescante quando comparados com a estreiteza ortodoxa prevalente em seus dias. De acordo com os registros disponíveis, os Rosacruzes estavam unidos por aspirações mútuas, em vez das leis de uma fraternidade. Acredita-se que os "Irmãos da Rosacruz" viveram discretamente, trabalhando industriosamente em ofícios e profissões, não revelando sua afiliação secreta a ninguém - em muitos casos, nem mesmo para suas próprias famílias. Após a morte de CRC, a maioria dos Irmãos aparentemente não tinha um local de reunião central. Qualquer ritual iniciático que a Ordem possuía era tão bem guardado que nunca foi revelado. Sem dúvida, era expresso em terminologia química.

Os esforços para se juntar à Ordem foram aparentemente inúteis, pois os Rosacruzes sempre escolhiam seus discípulos. Tendo concordado com alguém que eles acreditavam que honraria sua ilustre fraternidade, eles se comunicavam com ele de uma das muitas maneiras misteriosas. Ele poderia receber uma carta, anônima ou com um selo peculiar, geralmente trazendo as letras "CRC" ou "RC". Ele seria instruído a ir a um determinado lugar em um horário determinado. O que foi revelado a ele, ele nunca revelou, embora em muitos casos seus escritos posteriores mostrassem que uma nova influência havia entrado em sua vida, aprofundando sua compreensão e ampliando seu intelecto. Alguns escreveram alegoricamente sobre o que contemplaram quando na augusta presença dos "Irmãos da Rosa Cruz".

Os alquimistas eram às vezes visitados em seus laboratórios por estranhos misteriosos, que faziam discursos eruditos sobre os processos secretos das artes herméticas e, após revelar certos processos, partiam sem deixar vestígios. Outros declaravam que os "Irmãos da Rosa Cruz" se comunicavam com eles por meio de sonhos e visões, revelando os segredos da sabedoria hermética a eles enquanto dormiam. Tendo sido instruído, o candidato era obrigado a manter segredo não apenas sobre as fórmulas químicas que lhe haviam sido reveladas, mas também sobre o método pelo qual as havia obtido. Embora esses adeptos sem nome fossem suspeitos de serem "Irmãos da Rosa Cruz", nunca poderia ser provado quem eles eram, e os visitados só podiam conjeturar.

Muitos suspeitam que a rosa rosacruz seja uma convencionalização da flor de lótus egípcia e hindu, com o mesmo significado simbólico deste símbolo mais antigo. A Divina Comédia marca Dante Alighieri como sendo familiarizado com a teoria do Rosacrucianismo. Sobre este ponto, Albert Pike em sua Morals and Dogma faz esta declaração significativa: "Seu Inferno é apenas um Purgatório negativo. Seu céu é composto de uma série de círculos cabalísticos, divididos por uma cruz, como o

Pantáculo de Ezequiel. No centro desta cruz floresce uma rosa, e vemos o símbolo dos Adeptos da Rosa-Cruz pela primeira vez exposto publicamente e quase categoricamente explicado."

Sempre existiu dúvida se o nome Rosacruz veio do símbolo da rosa e da cruz, ou se isso era meramente uma cortina para enganar os desinformados e esconder ainda mais o verdadeiro significado da Ordem. Godfrey Higgins acredita que a palavra Rosacruz não é derivada da flor, mas da palavra Ros , que significa orvalho. Também é interessante notar que a palavra Ras significa sabedoria, enquanto Rus é traduzida como ocultação. Sem dúvida, todos esses significados contribuíram para o simbolismo Rosacruz.

AE Waite sustenta com Godfrey Higgins que o processo de formação da Pedra Filosofal com a ajuda do orvalho é o segredo oculto dentro do nome Rosacruz. É possível que o orvalho referido seja uma substância misteriosa dentro do cérebro humano, assemelhando-se muito à descrição dada pelos alquimistas do orvalho que, caindo do céu, redimiu a terra. A cruz é um símbolo do corpo humano, e os dois símbolos juntos — a rosa na cruz — significam que a alma do homem é crucificada sobre o corpo, onde é mantida por três pregos.

É provável que o simbolismo rosacruz seja uma perpetuação dos princípios secretos do Hermes egípcio, e que a Sociedade dos Filósofos Desconhecidos seja o verdadeiro elo que conecta a Maçonaria moderna, com sua massa de símbolos, ao antigo Hermetismo egípcio, a fonte desse simbolismo. Em sua Doutrina e Literatura da Cabala , AE Waite faz esta observação importante: "Há certas indicações que apontam para uma possível conexão entre a Maçonaria e o Rosacrucianismo, e isso, se admitido, constituiria o primeiro elo em sua conexão com o passado. A evidência é, no entanto, inconclusiva, ou pelo menos inextricável. A Maçonaria per se, apesar da afinidade com o misticismo que acabei de mencionar, nunca exibiu nenhum caráter místico, nem tem uma noção clara de como surgiu por seus símbolos."

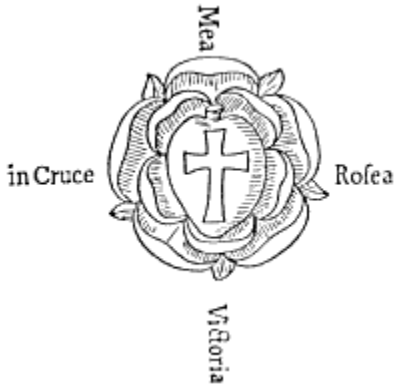
Muitos dos que estavam ligados ao desenvolvimento da Maçonaria eram suspeitos de serem Rosacruzes; alguns, como no caso de Robert Fludd, até escreveram defesas desta organização. Frank C. Higgins, um simbolista maçônico moderno, escreve: "O Doutor Ashmole, um membro desta fraternidade [Rosacruz], é reverenciado pelos maçons como um dos fundadores da primeira Grande Loja em Londres." (Veja Maçonaria Antiga .) Elias Ashmole é apenas um dos muitos elos intelectuais que conectam o Rosacrucianismo com a gênese da Maçonaria. A Encyclopædia Britannica observa que Elias Ashmole foi iniciado na Ordem Maçônica em 1646, e ainda afirma que ele foi "o primeiro cavalheiro, ou amador, a ser 'aceito'."

Sobre o mesmo assunto, Papus, em seu Tarot of the Bohemians , escreveu: "Não devemos esquecer que os Rosacruzes foram os Iniciadores de Leibnitz e os fundadores da Maçonaria real através de Ashmole." Se os fundadores da Maçonaria foram iniciados no Grande Arcano do Egito — e o simbolismo da Maçonaria moderna indicaria que tal foi o caso — então é razoável supor que eles obtiveram suas informações de uma sociedade cuja existência eles admitiram e que era devidamente qualificada para lhes ensinar esses símbolos e alegorias.

Uma teoria sobre as duas Ordens é que a Maçonaria foi um desdobramento do Rosacrucianismo; em outras palavras, que os "Filósofos Desconhecidos" se tornaram conhecidos por meio de uma organização que eles criaram para servi-los no mundo material. A história continua relatando que os adeptos Rosacruzes ficaram insatisfeitos com sua progênie e silenciosamente se retiraram da hierarquia maçônica, deixando para trás seu simbolismo e alegorias, mas levando embora as chaves pelas quais os símbolos trancados poderiam ser feitos para revelar seus significados secretos. Especuladores chegaram ao ponto de afirmar que, em sua opinião, a Maçonaria moderna absorveu completamente o Rosacrucianismo e o sucedeu como a maior sociedade secreta do mundo. Outras mentes de igual aprendizado declaram que a Fraternidade Rosacruz ainda existe, preservando sua individualidade como resultado de ter se retirado da Ordem Maçônica.

De acordo com uma tradição amplamente aceita, a sede da Ordem Rosacruz fica perto de Carlsbad, na Áustria (veja o Doutor Franz Hartmann). Outra versão diz que uma escola misteriosa, assemelhando-se em princípios gerais à Fraternidade Rosacruz, que se autodenomina "Os Irmãos Boêmios", ainda mantém sua individualidade na Schwarzwald (Floresta Negra) da Alemanha. Uma coisa é certa: com a ascensão da Maçonaria, a Ordem Rosacruz na Europa praticamente desapareceu, e apesar das declarações existentes em contrário, é certo que o 18º grau (comumente conhecido como Rosa-Cruz) perpetua muitos dos símbolos dos Alquimistas do Fogo Rosacruzes.

Em um manuscrito anônimo não publicado do século XVIII, com as marcas do cabalismo rosacruz, aparece isto:



A ROSA ROSACRUZ.

De Geheime Figuren der Rosenkreuzer .

A rosa é um símbolo yônico associado à geração, fecundidade e pureza. O fato de as flores florescerem ao se desdobrarem fez com que fossem escolhidas como símbolos do desdobramento espiritual. A cor vermelha da rosa se refere ao sangue de Cristo, e o coração dourado escondido no meio da flor corresponde ao ouro espiritual escondido na natureza humana. O número de suas pétalas sendo dez também é um lembrete sutil do número pitagórico perfeito. A rosa simboliza o coração, e o coração sempre foi aceito pelos cristãos como emblemático das virtudes do amor e da compaixão, bem como da natureza de Cristo — a

personificação dessas virtudes. A rosa como um emblema religioso é de grande antiguidade. Foi aceita pelos gregos como o símbolo do nascer do sol, ou da chegada do amanhecer. Em sua Metamorfose, ou Asno de Ouro, Apuleio, transformado em um burro por causa de sua tolice, recuperou sua forma humana comendo uma rosa sagrada dada a ele pelos sacerdotes egípcios.

A presença de uma rosa hieroglífica no escudo de Martinho Lutero tem sido a base de muitas especulações sobre se existia alguma conexão entre sua Reforma e as atividades secretas da Rosa Cruz.

declaração: "No entanto, agora darei ao mundo super-sábio um paradoxo a ser resolvido, a saber, que alguns homens iluminados se comprometeram a fundar Escolas de Sabedoria na Europa e estas, por alguma razão peculiar, se autodenominaram Fratres Rosa: Crucis . Mas logo depois surgiram falsas escolas e corromperam as boas intenções desses sábios. Portanto, a Ordem não existe mais como a maioria das pessoas entenderia a existência, e como esta Fraternidade do Seculo Fili se autodenomina Irmãos da Rosa Cruz , assim também eles no Seculo Spiritus Sancti se autodenominarão Irmãos da Cruz de Lírio e os Cavaleiros do Leão Branco . Então as Escolas de Sabedoria começarão a florescer novamente, mas por que a primeira escolheu seu nome e por que as outras também escolherão os seus, somente aqueles que têm entendimento fundamentado na Natureza podem resolver."

As aspirações políticas dos rosacruzes foram expressas através das atividades de Sir Francis Bacon, o Conde de St.-Germain e o Conde di Cagliostro. O último nomeado é suspeito de ter sido um emissário dos Cavaleiros Templários, uma sociedade profundamente envolvida no transcendentalismo, como Eliphas Levi observou. Há uma suposição popular no sentido de que os rosacruzes foram pelo menos instigadores parciais da Revolução Francesa. (Observe particularmente a introdução ao romance rosacruz de Lord Bulwer-Lytton, Zanoni .)

O TERCEIRO POSTULADO

A terceira teoria assume a forma de uma negação radical do Rosacrucianismo, afirmando que a chamada Ordem original nunca teve qualquer fundamento de fato, mas foi inteiramente um produto da imaginação. Este ponto de vista é melhor expresso por uma série de perguntas que ainda estão sendo feitas por investigadores deste grupo elusivo de metafísicos. A "Irmandade da Rosacruz" era meramente uma instituição mítica criada na mente fértil de algum cínico literário com o propósito de ridicularizar as ciências alquímicas e herméticas? A "Casa do Espírito Santo" alguma vez existiu fora da imaginação de algum místico medieval? Toda a história Rosacruz foi uma sátira para ridicularizar a credulidade da Europa escolástica? O misterioso Padre CRC foi um produto do gênio literário de Johann Valentin Andreæ, ou outro de mente semelhante, que, tentando pontuar a filosofia alquímica e hermética, involuntariamente se tornou um grande poder em promover a causa de sua promulgação? Que pelo menos um dos primeiros documentos dos Rosacruzes foi escrito por André, há pouca dúvida, mas para qual propósito ele o compilou ainda permanece uma questão de especulação. O próprio André recebeu de alguma pessoa desconhecida, ou pessoas, instruções para serem executadas?

Se ele escreveu as Núpcias Químicas de Christian Rosencreut z quando tinha apenas quinze anos, ele foi ofuscado na preparação daquele livro?

Para essas questões vitais, nenhuma resposta está disponível. Várias pessoas aceitaram a magnífica impostura de Andreæ como verdade absoluta. É sustentado por muitos que, como consequência, inúmeras pseudo -sociedades surgiram, cada uma afirmando que era a organização sobre a qual a Fama Fraternitatis e a Confessio Fraternitatis foram escritas. Sem dúvida, existem muitas ordens espúrias hoje; mas poucas delas podem oferecer alegações válidas de que sua história remonta a mais tempo do que o início do século XIX.

O mistério associado à Fraternidade Rosacruz resultou em controvérsias sem fim. Muitas mentes capazes, notáveis entre elas Eugenius Philalethes, Michael Maier, John Heydon e Robert Fludd, defenderam a existência concreta da "Sociedade dos Filósofos Desconhecidos". Outros igualmente qualificados afirmaram que ela é de origem fraudulenta e existência duvidosa. Eugenius Philalethes, enquanto dedica livros à Ordem, e ele mesmo escreve uma exposição estendida de seus princípios, nega qualquer conexão pessoal com ela. Muitos outros fizeram o mesmo.

Alguns são da opinião de que Sir Francis Bacon teve uma mão na escrita do Fama e Confessio Fraternitatis , com base no fato de que o estilo retórico dessas obras é semelhante ao da Nova Atlântida de Bacon . Eles também afirmam que certas declarações na última obra apontam para um conhecimento da simbologia rosacruz. A elusividade dos rosacruzes fez com que fossem temas favoritos para obras literárias. Destaca-se entre os romances que foram tecidos em torno deles Zanoni . O autor, Lord Bulwer-Lytton, é considerado por alguns como um membro da Ordem, enquanto outros afirmam que ele se candidatou à filiação, mas foi rejeitado. Pope's Rape of the Lock , &c. Comte de Gabalis, do Abbé de Villars, e ensaios de De Quincy, Hartmann, Jennings, Mackenzie e outros, são exemplos de literatura rosacruz. Embora a existência desses rosacruzes medievais seja difícil de provar, há evidências suficientes para tornar extremamente provável que tenha existido na Alemanha, e depois na França, Itália, Inglaterra e outros países europeus, uma sociedade secreta de sábios iluminados que fizeram contribuições de grande importância para a soma do conhecimento humano, mantendo segredo absoluto sobre suas personalidades e sua organização.

O QUARTO POSTULADO

As aparentes incongruências da controvérsia Rosacruz também foram explicadas por uma explicação puramente transcendental. Há evidências de que os primeiros escritores estavam familiarizados com tal suposição--que, no entanto, foi popularizada somente após ter sido adotada pela Teosofia. Esta teoria afirma que os Rosacruzes realmente possuíam todos os poderes sobrenaturais com os quais eram creditados; que eles eram na realidade cidadãos de dois mundos: que, enquanto eles tinham corpos físicos para expressão no plano material, eles também eram capazes, através das instruções que recebiam da Fraternidade, de funcionar em um misterioso corpo etéreo não sujeito às limitações de tempo ou distância. Por meio desta "forma astral" eles eram capazes de funcionar no reino invisível da Natureza, e neste reino, além do alcance do profano, seu templo estava localizado.

De acordo com esse ponto de vista, a verdadeira Fraternidade Rosacruz consistia em um número limitado de adeptos altamente desenvolvidos, ou iniciados, aqueles dos graus mais altos não mais sujeitos às leis da mortalidade; os candidatos eram aceitos na Ordem somente após longos períodos de provação; os adeptos possuíam o segredo da Pedra Filosofal e conheciam o processo de transmutação dos metais básicos em ouro, mas ensinavam que esses eram apenas termos alegóricos ocultando o verdadeiro mistério da regeneração humana por meio da transmutação dos "elementos básicos" da natureza inferior do homem no "ouro" da realização intelectual e espiritual. De acordo com essa teoria, aqueles que buscaram registrar os eventos de importância em conexão com a controvérsia Rosacruz invariavelmente falharam porque abordaram seu assunto de um ângulo puramente físico ou materialista.

Acreditava-se que esses adeptos eram capazes de ensinar o homem a funcionar longe de seu corpo físico à vontade, auxiliando-o a remover a "rosa da cruz". Eles ensinavam que a natureza espiritual estava presa à forma material em certos pontos, simbolizados pelos "pregos" da crucificação; mas por três iniciações alquímicas que ocorreram no mundo espiritual, no verdadeiro Templo da Rosa Cruz, eles foram capazes de "puxar" esses pregos e permitir que a natureza divina do homem descesse de sua cruz. Eles ocultaram os processos pelos quais isso foi realizado sob três expressões metafóricas alquímicas: "A Fundição do Mar Fundido", "A Fabricação do Diamante Rosa" e "A Conquista da Pedra Filosofal".

Enquanto o intelectualista se debate entre teorias contraditórias, o místico trata o problema de uma maneira totalmente diferente. Ele acredita que a verdadeira Fraternidade Rosacruz, consistindo de uma escola de super-homens (não muito diferente dos lendários Mahatmas da Índia), é uma instituição que não existe no mundo visível, mas em sua contraparte espiritual, que ele acha adequado chamar de "planos internos da Natureza"; que os Irmãos podem ser alcançados apenas por aqueles que são capazes de transcender as limitações do mundo material. Para substanciar seu ponto de vista, esses místicos citam a seguinte declaração significativa da Confessio Fraternitatis : "Mil vezes os indignos podem clamar, mil vezes podem se apresentar, mas Deus ordenou aos nossos ouvidos que não ouvissem nenhum deles, e nos cercou tanto com Suas nuvens que a nós, Seus servos, nenhuma violência pode ser feita; portanto, agora não somos mais vistos por olhos humanos, a menos que tenham recebido força emprestada da águia." No misticismo, a águia é um símbolo de iniciação (o Fogo Espiritual espinhal), e por isso se explica a incapacidade do mundo não regenerado de entender a Ordem Secreta da Rosa Cruz.

Aqueles que professam essa teoria consideram o Conde de St.-Germain como seu mais alto adepto e afirmam que ele e Christian Rosencreutz eram um e o mesmo indivíduo. Eles aceitam o fogo como seu símbolo universal porque era o único elemento por meio do qual eles podiam controlar os metais. Eles se declararam descendentes de Tubalcain e Hiram Abiff, e que o propósito de sua existência era preservar a natureza espiritual do homem através das eras da materialidade. "As seitas gnósticas, os árabes, os alquimistas, os templários, os rosacruzes e, por último, os maçons, formam a cadeia ocidental na transmissão da ciência oculta." (Veja The Tarot of the Bohemians traduzido por AE Waite do francês de Papus.)

Max Heindel, o místico cristão, descreveu o Templo Rosacruz como uma "estrutura etérica" localizada dentro e ao redor da casa de um cavalheiro rural europeu. Ele acreditava que esse edifício invisível acabaria sendo movido para o continente americano. O Sr. Heindel se referiu aos Iniciados Rosacruzes como tão avançados na ciência da vida que "a morte os havia esquecido".

O BRASÃO DE JOHANN VALENTIN ANDREÆ.

De Chymische Hochzeit .

A referência a quatro rosas vermelhas e uma cruz branca no Casamento Químico de Christian Rosencreutz identificou Johann Valentin Andreæ como seu autor, pois seu brasão de família, mostrado acima, consistia em quatro rosas vermelhas e uma cruz branca.

Doutrinas e Princípios Rosacruzes

Não há informações CONFIÁVEIS disponíveis sobre as crenças filosóficas reais, aspirações políticas e atividades humanitárias da Fraternidade Rosacruz. Hoje, como antigamente, os mistérios da Sociedade são preservados invioláveis em virtude de sua natureza essencial; e tentativas de interpretar a filosofia Rosacruz são apenas especulações, não obstante qualquer coisa em contrário.

As evidências apontam para a provável existência de dois corpos rosacruzes distintos: uma organização interna cujos membros nunca revelaram sua identidade ou ensinamentos ao mundo, e um corpo externo sob a supervisão do grupo interno. Com toda a probabilidade, o túmulo simbólico de Christian Rosencreutz, Cavaleiro da Pedra Dourada, era na realidade esse corpo externo, cujo espírito está em uma esfera mais exaltada. Por um período de mais de um século subsequente a 1614, o corpo externo circulou folhetos e manifestos sob seu próprio nome ou os nomes de

vários membros iniciados. O propósito desses escritos era aparentemente confundir e enganar os investigadores e, assim, efetivamente ocultar os desígnios reais da Fraternidade.

Quando o Rosacrucianismo se tornou a "moda" filosófica do século XVII, vários documentos sobre o assunto também foram circulados para fins puramente comerciais por impostores desejosos de capitalizar sua popularidade. Os artifícios astuciosamente inventados da própria Fraternidade e as imposturas literárias desajeitadas de charlatões formaram um véu duplo por trás do qual a organização interna conduzia suas atividades de uma maneira totalmente diferente de seus propósitos e princípios, conforme disseminados publicamente. Os Fratres Rosa Crucis ingenuamente se referem aos mal-entendidos que eles, por razões óbvias, permitiram que existissem a respeito de si mesmos como sendo "nuvens" dentro das quais eles trabalham e atrás das quais estão ocultos.

Uma noção da substância do Rosacrucianismo — suas doutrinas esotéricas — pode ser obtida de uma análise de sua sombra — seus escritos exotéricos. Em uma das mais importantes de suas "nuvens", a Confessio Fraternitatis , os Irmãos da Fraternidade da RC buscam justificar sua existência e explicar (?) os propósitos e atividades de sua Ordem. Em sua forma original, a Confessio é dividida em quatorze capítulos, que são aqui resumidos.

CONFESSIO FRATERNITATIS RC AD ERUDITOS EUROPÆ

Capítulo I. Não interprete mal, por julgamento precipitado ou preconceito, as declarações relativas à nossa Fraternidade publicadas em nosso manifesto anterior — o Fama Fraternitatis . Jeová, observando a decadência da civilização, busca redimir a humanidade revelando aos dispostos e empurrando aos relutantes aqueles segredos que antes Ele havia reservado para Seus eleitos. Por essa sabedoria, os piedosos serão salvos, mas as tristezas dos ímpios serão multiplicadas. Embora o verdadeiro propósito de nossa Ordem tenha sido estabelecido no Fama Fraternitatis, surgiram mal-entendidos pelos quais fomos falsamente acusados de heresia e traição. Neste documento, esperamos esclarecer nossa posição para que os eruditos da Europa sejam movidos a se juntar a nós na disseminação do conhecimento divino de acordo com a vontade de nosso ilustre fundador.

Capítulo II . Embora muitos aleguem que o cide filosófico (sic . JBH) de nossos dias é sólido, nós o declaramos falso e logo morrerá de sua própria fraqueza inerente. Assim como a Natureza, no entanto, fornece um remédio para cada nova doença que se manifesta, nossa Fraternidade forneceu um remédio para as enfermidades do sistema filosófico do mundo. A filosofia secreta da RC é fundada

naquele conhecimento que é a soma e a cabeça de todas as faculdades, ciências e artes. Por nosso sistema divinamente revelado - que participa muito da teologia e da medicina, mas pouco da jurisprudência - analisamos os céus e a terra; mas principalmente estudamos o próprio homem, dentro de cuja natureza está oculto o segredo supremo. Se os eruditos de nossos dias aceitarem nosso convite e se juntarem à nossa Fraternidade, revelaremos a eles segredos e maravilhas inimagináveis sobre o funcionamento oculto da Natureza.

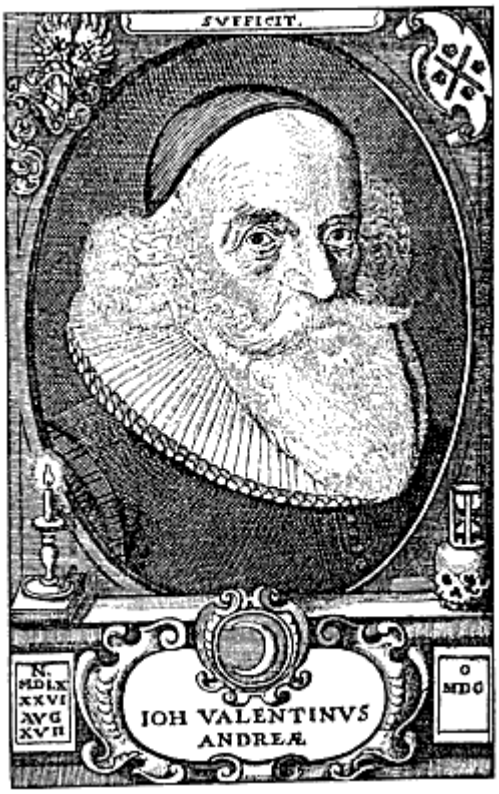
Capítulo III . Não acredite que os segredos discutidos neste breve documento são subestimados por nós. Não podemos descrever completamente as maravilhas de nossa Fraternidade para que os desinformados não sejam subjugados por nossas declarações surpreendentes e o ridículo vulgar dos mistérios que eles não compreendem. Também tememos que muitos fiquem confusos com a generosidade inesperada de nossa proclamação, pois não entendendo as maravilhas desta sexta era, eles não percebem as grandes mudanças que estão por vir. Como homens cegos vivendo em um mundo cheio de luz, eles discernem apenas através do sentido do tato. [Por visão está implícita a cognição espiritual: por tato , os sentidos materiais.]

Capítulo IV . Acreditamos firmemente que através da meditação profunda sobre as invenções da mente humana e os mistérios da vida, através da cooperação dos anjos e espíritos, e através da experiência e longa observação, nosso amoroso Pai Cristão CRC foi tão completamente iluminado com a sabedoria de Deus que, se todos os livros e escritos do mundo estivessem perdidos e os fundamentos da ciência derrubados, a Fraternidade RC poderia restabelecer a estrutura do pensamento mundial sobre o fundamento da verdade e integridade divinas. Por causa da grande profundidade e perfeição do nosso conhecimento, aqueles que desejam entender os mistérios da Fraternidade RC não podem atingir essa sabedoria imediatamente, mas devem crescer em compreensão e conhecimento. Portanto, nossa Fraternidade é dividida em graus pelos quais cada um deve ascender passo a passo até o Grande Arcano. Agora que agradou a Deus iluminar para nós Seu sexto candelabro, não é melhor buscar a verdade dessa maneira do que vagar pelos labirintos da ignorância mundana?

Além disso, aqueles que receberem esse conhecimento se tornarão mestres de todas as artes e ofícios; nenhum segredo será escondido deles; e todas as boas obras do passado, presente e futuro serão acessíveis a eles. O mundo inteiro se tornará um livro e as contradições da ciência e da teologia serão reconciliadas. Alegre-se, ó humanidade! pois chegou o tempo em que Deus decretou que o número de nossa Fraternidade será aumentado, um trabalho que empreendemos com alegria. As portas da sabedoria estão agora abertas para o mundo, mas somente para aqueles que ganharam o privilégio os Irmãos podem se apresentar, pois é proibido revelar nosso conhecimento até mesmo para nossos próprios filhos.

O direito de receber a verdade espiritual não pode ser herdado: ele deve ser evoluído dentro da alma do próprio homem.

Capítulo V. Embora possamos ser acusados de indiscrição ao oferecer nossos tesouros tão livre e promiscuamente — sem discriminar entre o piedoso, o sábio, o príncipe, o camponês — afirmamos que não traímos nossa confiança; pois embora tenhamos publicado nossa Fama em cinco idiomas, somente aqueles que têm esse direito a entendem. Nossa Sociedade não deve ser descoberta pela curiosidade.



JOHANN VALENTIN ANDREÆ.

De uma impressão rara.

Em certos círculos esotéricos, há rumores vagos que sugerem que a personalidade humilde de Johann Valentin Andreæ mascarava um emissário exaltado da Rosa Cruz. Embora haja evidências suficientes para estabelecer a existência real de um teólogo alemão chamado Andreæ, há muitas discrepâncias em sua biografia que não foram esclarecidas para a satisfação de investigadores críticos. Uma comparação do rosto mostrado acima com o de Sir Francis Bacon revela semelhanças impressionantes, apesar das diferenças devido à idade. Se Lord Bacon tomou emprestado o nome e a identidade de William Shakspere, ele também poderia assumir, após seu funeral simulado na Inglaterra, a personalidade de Johann Valentin Andreæ. O crescente abaixo do busto é significativo, pois também aparece no brasão de Lord Bacon; para denotar que ele era o segundo filho de Sir

Nicholas Bacon. Além disso, as quatro letras (O MDC) no quadro no canto inferior direito da placa, por uma cifra baconiana muito simples, podem ser alteradas em números cuja soma dá 33 — o equivalente numérico do nome Bacon. Esses vários pontos de interesse, quando considerados juntos, vão longe para esclarecer o mistério que cerca a autoria dos primeiros manifestos rosacruzes.

buscadores, mas apenas por pensadores sérios e consagrados; no entanto, circulamos nosso Fama em cinco línguas maternas para que os justos de todas as nações tenham a oportunidade de nos conhecer, mesmo que não sejam estudiosos. Mil vezes os indignos podem se apresentar e clamar nos portões, mas Deus nos proibiu da Fraternidade de RC de ouvir suas vozes, e Ele nos cercou com Suas nuvens e Sua proteção para que nenhum mal nos aconteça, e Deus decretou que nós da Ordem de RC não podemos mais ser vistos por olhos mortais a menos que tenham recebido força emprestada da águia. Afirmamos ainda que reformaremos os governos da Europa e os modelaremos de acordo com o sistema aplicado pelos filósofos de Damcar. Todos os homens desejosos de garantir conhecimento receberão tanto quanto forem capazes de entender. O governo da falsa teologia será derrubado e Deus fará Sua vontade conhecida por meio de Seus filósofos escolhidos.

Capítulo VII . Por necessidade de brevidade, basta dizer que nosso Pai CRC nasceu no ano de 1378 e partiu aos 106 anos, deixando para nós o trabalho de espalhar a doutrina da religião filosófica para o mundo inteiro. Nossa Fraternidade está aberta a todos que sinceramente buscam a verdade; mas advertimos publicamente os falsos e ímpios que eles não podem nos trair ou nos ferir, pois Deus protegeu nossa Fraternidade, e todos que buscam fazer-lhe mal terão seus desígnios malignos retornando e os destruirão, enquanto os tesouros de nossa Fraternidade permanecerão intocados, para serem usados pelo Leão no estabelecimento de seu reino.

Capítulo VII . Declaramos que Deus, antes do fim do mundo, criará uma grande inundação de luz espiritual para aliviar os sofrimentos da humanidade. A falsidade e a escuridão que se infiltraram nas artes, ciências, religiões e governos da humanidade — dificultando até mesmo para os sábios descobrirem o caminho da realidade — serão removidas para sempre e um único padrão estabelecido, para que todos possam desfrutar dos frutos da verdade. Não seremos reconhecidos como os responsáveis por essa mudança, pois as pessoas dirão que é o resultado da progressividade da era. Grandes são as reformas prestes a acontecer; mas nós da Fraternidade RC não nos arrogamos a glória por essa reforma divina, pois muitos há, não membros de nossa Fraternidade, mas homens honestos, verdadeiros e sábios, que por sua inteligência e seus escritos apressarão sua vinda. Testemunhamos que mais cedo as pedras se levantarão e oferecerão seus serviços do que haverá qualquer falta de pessoas justas para executar a vontade de Deus na Terra.

Capítulo VIII . Para que ninguém duvide, declaramos que Deus enviou mensageiros e sinais nos céus, a saber, as novas estrelas em Serpentário e Cisne , para mostrar que um grande Conselho dos Eleitos está para acontecer. Isso prova que Deus revela na natureza visível — para os poucos perspicazes — sinais e símbolos de

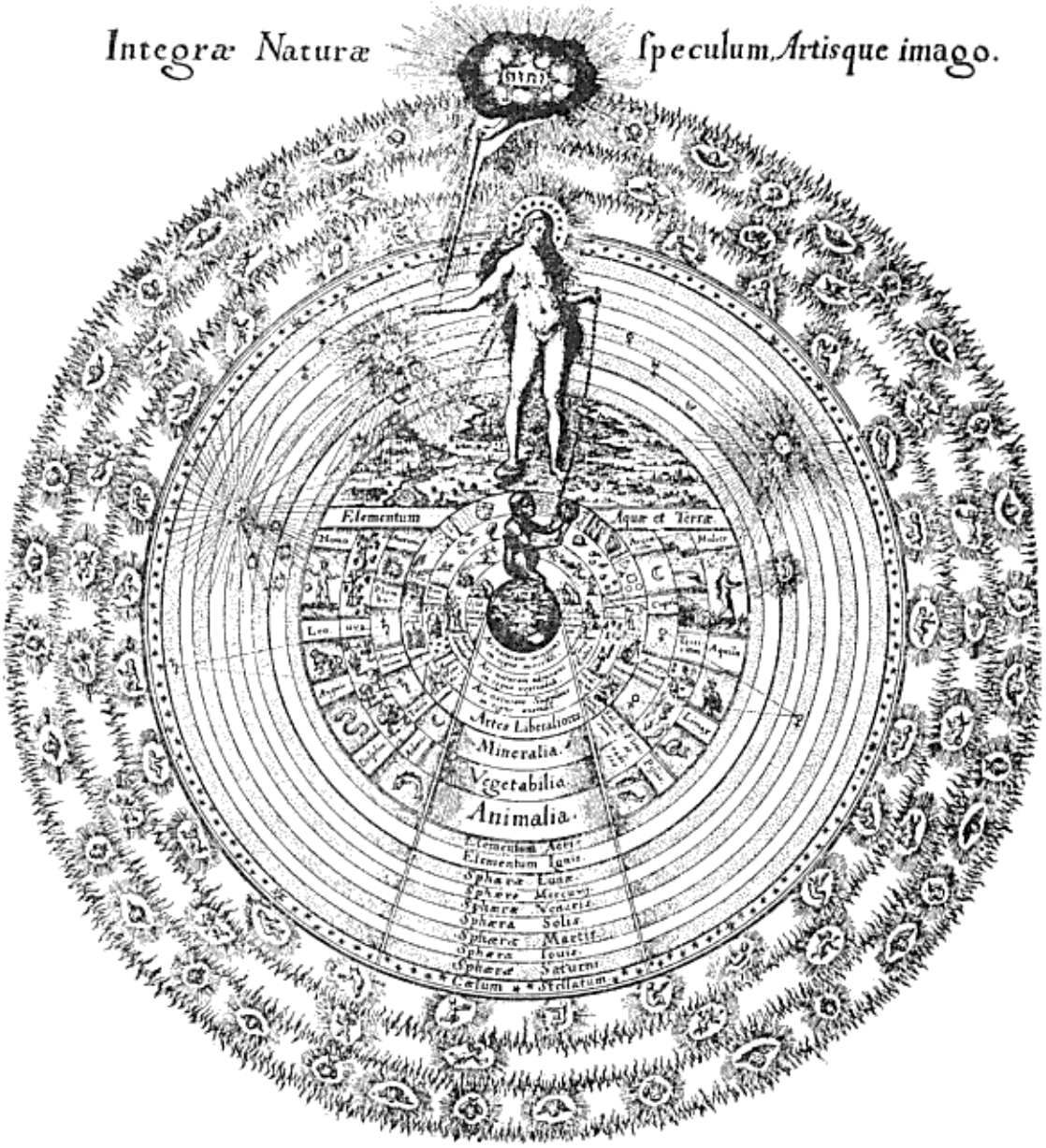
todas as coisas que estão acontecendo. Deus deu ao homem dois olhos, duas narinas e dois ouvidos, mas apenas uma língua. Enquanto os olhos, as narinas e os ouvidos admitem a sabedoria da Natureza na mente, a língua sozinha pode transmiti-la. Em várias eras, houve iluminados que viram, cheiraram, provaram ou ouviram a vontade de Deus, mas em breve acontecerá que aqueles que viram, cheiraram, provaram ou ouviram falarão, e a verdade será revelada. Antes que essa revelação da retidão seja possível, no entanto, o mundo deve dormir para afastar a intoxicação de seu cálice envenenado (cheio da falsa vida da videira teológica) e, abrindo seu coração à virtude e ao entendimento, acolher o sol nascente da Verdade.

Capítulo IX . Temos uma escrita mágica, copiada daquele alfabeto divino com o qual Deus escreve Sua vontade sobre a face da Natureza celestial e terrestre. Com esta nova linguagem, lemos a vontade de Deus para todas as Suas criaturas, e assim como os astrônomos preveem eclipses, assim também prognosticamos as obscurações da igreja e quanto tempo elas durarão. Nossa linguagem é semelhante à de Adão e Enoque antes da Queda, e embora entendamos e possamos explicar nossos mistérios nesta nossa língua sagrada, não podemos fazê-lo em latim, uma língua contaminada pela confusão da Babilônia.

Capítulo X. Embora ainda existam certas pessoas poderosas que se opõem e nos impedem — por isso devemos permanecer ocultos — exortamos aqueles que se tornariam de nossa Fraternidade a estudar incessantemente as Sagradas Escrituras, pois aqueles que fazem isso não podem estar longe de nós. Não queremos dizer que a Bíblia deva estar continuamente na boca do homem, mas que ele deve procurar seu verdadeiro e eterno significado, que raramente é descoberto por teólogos, cientistas ou matemáticos porque eles são cegos pelas opiniões de suas seitas. Testemunhamos que nunca, desde o início do mundo, foi dado ao homem um livro mais excelente do que a Bíblia Sagrada. Abençoado é aquele que a possui, mais abençoado aquele que a lê, mais abençoado aquele que a entende e mais divino aquele que a obedece.

Capítulo XI . Desejamos que as declarações que fizemos no Fama Fraternitatis sobre a transmutação de metais e a medicina universal sejam entendidas levianamente. Embora percebamos que ambas as obras são atingíveis pelo homem, tememos que muitas mentes realmente grandes possam ser desviadas da verdadeira busca do conhecimento e da compreensão se se permitirem limitar sua investigação à transmutação de metais. Quando a um homem é dado o poder de curar doenças, superar a pobreza e alcançar uma posição de dignidade mundana, esse homem é assediado por inúmeras tentações e, a menos que possua verdadeiro conhecimento e plena compreensão, ele se tornará uma terrível ameaça à humanidade. O alquimista que atinge a arte de transmutar metais básicos pode fazer todo tipo de mal, a menos que sua compreensão seja tão grande quanto sua riqueza autocriada. Portanto, afirmamos que o homem deve primeiro obter conhecimento, virtude e compreensão; então todas as outras coisas podem ser adicionadas a ele. Acusamos a Igreja Cristã do grande pecado de possuir poder e usá-lo imprudentemente; portanto, profetizamos que ele cairá pelo peso de suas próprias iniquidades e sua coroa será reduzida a nada.

Capítulo XII . Ao concluir nossa Confessio , nós o advertimos seriamente a deixar de lado os livros inúteis de pseudo-alquimistas e filósofos (dos quais há muitos em nossa época), que menosprezam a Santíssima Trindade e enganam os crédulos com enigmas sem sentido. Um dos maiores deles é um ator de teatro, um homem com



UM DIAGRAMA SIMBÓLICO DAS OPERAÇÕES DA NATUREZA.

Da Coleção Ópera de Fludd .

Esta placa, gravada por de Bry, é o mais famoso dos diagramas que ilustram os princípios filosóficos de Robert Fludd (Robertus de Fluctibus). Três figuras são elos notáveis entre o Rosacrucianismo e a Maçonaria: Michael Maier, Elias Ashmole e

Robert Fludd. De Quincey considera Robert Fludd o pai imediato da Maçonaria. (Veja The Rosicrucians and Freemasons .) Edward Waite considera Robert Fludd como o segundo a nenhum dos discípulos de Paracelso, chegando até a declarar que Fludd superou em muito seu mestre. Ele acrescenta ainda: "A figura central da literatura Rosacruz, elevando-se como um gigante intelectual acima da multidão de souffleurs, teosofistas e professores charlatães da magnum opus, que, direta ou não, estavam conectados com a misteriosa Irmandade, é Robertus de Fluctibus, o grande filósofo místico inglês do século XVII, um homem de imensa erudição, de mente exaltada e, a julgar por seus escritos, de extrema santidade pessoal." (Veja A Verdadeira História dos Rosacruzes .) Robert Fludd nasceu em 1574 e morreu em 1637.

O diagrama de Bry mostrado acima é quase autoexplicativo. Fora do círculo dos céus estrelados estão os três anéis de fogo do empíreo — o fogo triplo do Criador Supremo — no qual habitam as criaturas celestiais. Dentro das estrelas estão os círculos dos planetas e elementos. Depois do elemento ar vem o círculo do mundo (terra). O círculo dos animais é seguido pelo círculo das plantas, que, por sua vez, é seguido pelo círculo dos minerais. Depois vêm várias indústrias e no centro está um globo terrestre com um homem-macaco sentado sobre ele, medindo uma esfera com um compasso. Esta pequena figura representa a criação animal. No anel externo de fogo, acima está o nome sagrado de Jeová cercado por nuvens. Destas nuvens sai uma mão segurando uma corrente. Entre a esfera divina e o mundo inferior personificado pelo macaco está a figura de uma mulher. Deve-se notar especialmente que a figura feminina está apenas segurando a corrente que a conecta com o mundo inferior, mas a corrente que a conecta com o mundo superior termina em uma algema em seu pulso. Esta figura feminina é capaz de várias interpretações: ela pode representar a humanidade suspensa entre a divindade e a besta; ela pode representar a Natureza como o elo entre Deus e o mundo inferior; ou ela pode representar a alma humana — o denominador comum entre o superior e o inferior.

engenhosidade suficiente para imposição. Tais homens são misturados pelo Inimigo do bem-estar humano entre aqueles que buscam fazer o bem, tornando assim a Verdade mais difícil de ser descoberta. Acredite em nós, a Verdade é simples e não dissimulada, enquanto a falsidade é complexa, profundamente escondida, orgulhosa, e seu conhecimento mundano fictício, aparentemente um brilho com brilho divino, é frequentemente confundido com sabedoria divina. Vocês que são sábios se afastarão desses falsos ensinamentos e virão até nós, que não buscamos seu dinheiro, mas livremente oferecemos a vocês nosso maior tesouro. Não desejamos seus bens, mas que vocês se tornem participantes de nossos bens. Não ridicularizamos parábolas, mas os convidamos a entender todas as parábolas e todos os segredos. Não pedimos que nos recebam, mas os convidamos a virem às nossas casas e palácios reais, não por causa de nós mesmos, mas porque somos assim ordenados pelo Espírito de Deus, o desejo de nosso excelentíssimo Pai CRC e a necessidade do momento presente, que é muito grande.

Capítulo XIII . Agora que deixamos clara nossa posição de que confessamos sinceramente a Cristo; repudiamos o Papado; dedicamos nossas vidas à verdadeira filosofia e à vida digna; e diariamente convidamos e admitimos em nossa

Fraternidade os dignos de todas as nações, que depois compartilham conosco a Luz de Deus: vocês não se juntarão a nós para a perfeição de si mesmos, o desenvolvimento de todas as artes e o serviço ao mundo? Se vocês derem esse passo, os tesouros de cada parte da Terra serão dados a vocês de uma vez, e a escuridão que envolve o conhecimento humano e que resulta nas vaidades das artes e ciências materiais será dissipada para sempre.

Capítulo XIV . Novamente alertamos aqueles que são deslumbrados pelo brilho do ouro ou aqueles que, agora retos, podem ser transformados por grandes riquezas para uma vida de ociosidade e pompa, para não perturbar nosso silêncio sagrado com seus clamores; pois embora haja um remédio que cure todas as doenças e dê a todos os homens sabedoria, ainda assim é contra a vontade de Deus que os homens alcancem o entendimento por quaisquer meios que não sejam virtude, trabalho e integridade. Não temos permissão para nos manifestar a nenhum homem, exceto pela vontade de Deus. Aqueles que acreditam que podem participar de nossa riqueza espiritual contra a vontade de Deus ou sem Sua sanção descobrirão que perderão suas vidas em busca de nós do que alcançarão a felicidade nos encontrando.

FRATERNITAS RC

Johann Valentin Andreæ é geralmente considerado o autor da Confessio. É uma questão muito discutida, no entanto, se Andreæ não permitiu que seu nome fosse usado como pseudônimo por Sir Francis Bacon. A propósito deste assunto, há duas referências extremamente significativas ocorrendo na introdução daquele notável potpourri, The Anatomy of Melancholy . Este volume apareceu pela primeira vez em 1621 da pena de Demócrito Júnior, que mais tarde foi identificado como Robert Burton, que, por sua vez, era um suspeito íntimo de Sir Francis Bacon. Uma referência sugere maliciosamente que na época da publicação de The Anatomy of Melancholy em 1621 o fundador da Fraternidade da RC ainda estava vivo. Esta declaração — escondida do reconhecimento geral por seu envolvimento textual — escapou à atenção da maioria dos estudantes do Rosacrucianismo. Na mesma obra, também aparece uma curta nota de rodapé de estupenda importância. Ela contém apenas as palavras: "Job. Valent. Andreas, Lord Verulam." Esta única linha definitivamente relaciona Johann Valentin Andreæ a Sir Francis Bacon, que era Lord Verulam, e por sua pontuação sugere que eles são o mesmo indivíduo.

Proeminente entre os apologistas rosacruzes estava John Heydon, que se inscreve como "Um Servo de Deus e um Secretário da Natureza". Em sua curiosa obra, The Rosie Cross Uncovered , ele dá uma descrição enigmática, mas valiosa, da Fraternidade da RC na seguinte linguagem:

"Agora, há um tipo de homens, como eles próprios relatam, chamados Rosie Crucians , uma fraternidade divina que habita os subúrbios do céu, e estes são os oficiais do Generalíssimo do mundo, que são como os olhos e ouvidos do grande Rei, vendo e ouvindo todas as coisas: eles dizem que estes Rosie Crucians são seráficamente iluminados, como Moisés foi, de acordo com esta ordem dos elementos, terra refinada em água, água em ar, ar em fogo." Ele declara ainda que estes misteriosos Irmãos possuíam poderes polimórficos, aparecendo em qualquer

forma desejada à vontade. No prefácio da mesma obra, ele enumera os estranhos poderes dos adeptos Rosacruzes:

"Eu aqui vos direi o que são os Rosie Crucians , e que Moisés era o seu Pai, e ele era Θεοῦ παῖς; alguns dizem que eram da ordem de Elias, alguns dizem que eram os Discípulos de Ezequiel; * * * Pois deve parecer que os Rosie Crucians não foram apenas iniciados na Teoria Mosaica, mas também chegaram ao poder de fazer milagres, como Moisés , Elias , Ezequiel e os Profetas que os sucederam, sendo transportados para onde quisessem, como Habacuque foi da Judiaria para a Babilônia, ou como Filipe, depois de ter batizado o Eunuco em Azorus, e um deles foi de mim para um amigo meu em Devonshire, e veio e me trouxe uma resposta para Londres no mesmo dia, que é uma jornada de quatro dias; eles me deram excelentes previsões de Astrologia e Terremotos; eles abrandaram a Peste nas Cidades; eles silenciaram os Ventos e Tempestades violentos; eles acalmam a raiva do Mar e dos Rios; eles andam no Ar, eles frustram os aspectos maliciosos das Bruxas; eles curam todas as Doenças."

Os escritos de John Heydon são considerados uma contribuição muito importante para a literatura Rosacruz. John Heydon provavelmente era parente de Sir Christopher Heydon, "um Rosie Crucian Seraphically Illuminated ", a quem o falecido F. Leigh Gardner, Honorável Secretário Sec. Ros. em Anglia, acredita ter sido a fonte de seu conhecimento Rosacruz. Em sua Bibliotheca Rosicrucian , ele faz a seguinte declaração sobre John Heydon: "No geral, a partir da evidência interna de seus escritos, ele parece ter passado pelo grau inferior da Ordem RC e ter divulgado muito disso ao mundo." John Heydon viajou extensivamente, visitando a Arábia, Egito, Pérsia e várias partes da Europa, conforme relatado em uma introdução biográfica à sua obra, The Wise-Mans Crown, Set with Angels, Planets, Metals, etc. , ou The Glory of the Rosie Cross -- uma obra declarada por ele como uma tradução para o inglês do misterioso livro M trazido da Arábia por Christian Rosencreutz.

Thomas Vaughan (Eugenius Philalethes), outro campeão da Ordem, corrobora a declaração de John Heydon sobre a capacidade dos iniciados Rosacruzes de se tornarem invisíveis à vontade: "A Fraternidade da RC pode se mover nesta névoa branca. 'Quem quiser se comunicar conosco deve ser capaz de ver nesta luz, ou ele nunca nos verá, a menos que seja por nossa própria vontade.'"

A Fraternidade de RC é um corpo augusto e soberano, manipulando arbitrariamente os símbolos da alquimia, cabalismo, astrologia e magia para atingir seus próprios propósitos peculiares, mas inteiramente independente dos cultos cuja terminologia emprega. Os três principais objetivos da Fraternidade são:

1. A abolição de todas as formas monárquicas de governo e a substituição por elas do governo dos eleitos filosóficos . As democracias atuais são o resultado direto dos esforços rosacruzes para libertar as mandíbulas da dominação do despotismo. No início do século XVIII, os rosacruzes voltaram sua atenção para as novas colônias americanas, que então formavam o núcleo de uma grande nação no Novo Mundo. A Guerra da Independência dos Estados Unidos representa seu primeiro grande experimento político e resultou no estabelecimento de um governo nacional

fundado nos princípios fundamentais da lei divina e natural. Como um lembrete imperecível de sua

O ANDRÓGINO ALQUÍMICO

Do Turbæ Philosophorum .

O Turbæ Philosophorum é um dos primeiros documentos conhecidos sobre alquimia na língua latina. Sua origem exata é desconhecida. Às vezes é chamado de O Terceiro Sínodo Pitágoras . Como o próprio nome indica, é uma assembleia de sábios e expõe os pontos de vista alquímicos de muitos dos primeiros filósofos gregos. O símbolo reproduzido acima é de uma edição rara do Turbæ Philosophorum publicada na Alemanha em 1750, e representa por uma figura hermafrodita a realização da magnum opus . Os princípios ativos e passivos da Natureza eram frequentemente representados por figuras masculinas e femininas, e quando esses dois princípios eram harmoniosamente unidos em qualquer natureza ou corpo, era costume simbolizar esse estado de equilíbrio perfeito pela figura composta mostrada acima.

UMA PÁGINA DE TÍTULO ROSACRUZ.

Do Viatorium de Maier .

O conde Michael Maier, médico de Rudolph II, foi uma figura de destaque na controvérsia rosacruz. Há pouca dúvida de que ele era um membro iniciado da Fraternidade Rosacruz, autorizado pela Ordem a promulgar seus segredos entre os eleitos filosóficos da Europa. A página de título acima mostra os sete planetas representados por figuras apropriadas. Atrás da figura central em cada caso há um emblema menor, significando o signo zodiacal no qual o planeta está entronizado. No arco sobre o próprio título há um retrato do erudito Maier. O volume do qual esta é a página de título é dedicado a uma análise da natureza e do efeito dos sete planetas, e é expresso em terminologia alquímica por toda parte. Michael Maier escondeu seu conhecimento tão astutamente que é extremamente difícil extrair de seus escritos os segredos que ele possuía. Ele era profuso em seu uso de emblemas e a maior parte de sua sabedoria filosófica está oculta nas gravuras que ilustram seus livros.

atividades sub rosa , os Rosacruzes deixaram o Grande Selo dos Estados Unidos. Os Rosacruzes também foram os instigadores da Revolução Francesa, mas neste caso não foram totalmente bem-sucedidos, devido ao fato de que o fanatismo dos revolucionários não pôde ser controlado e o Reinado do Terror se seguiu.

2. A reforma da ciência, filosofia e ética . Os rosacruzes declararam que as artes e ciências materiais eram apenas sombras da sabedoria divina, e que somente penetrando os recessos mais íntimos da Natureza o homem poderia atingir a

realidade e o entendimento. Embora se autodenominassem cristãos, os rosacruzes eram evidentemente platônicos e também profundamente versados nos mistérios mais profundos da teologia hebraica e hindu primitiva. Há evidências inegáveis de que os rosacruzes desejavam restabelecer as instituições dos antigos Mistérios como o principal método de instruir a humanidade na doutrina secreta e eterna. De fato, sendo com toda a probabilidade os perpetuadores dos antigos Mistérios, os rosacruzes foram capazes de se manter contra as forças obliterantes do cristianismo dogmático apenas pelo segredo absoluto e pela sutileza de seus subterfúgios. Eles guardaram e preservaram tão cuidadosamente o Mistério Supremo — a identidade e a inter-relação dos Três Eus — que ninguém a quem eles não se revelaram por vontade própria jamais garantiu qualquer informação satisfatória a respeito da existência ou do propósito da Ordem. A Fraternidade de RC, por meio de sua organização externa, está gradualmente criando um ambiente ou corpo no qual o Ilustre Irmão CRC pode finalmente encarnar e consumar para a humanidade os vastos trabalhos espirituais e materiais da Fraternidade.

3. A descoberta da Medicina Universal, ou panaceia, para todas as formas de doença . Há ampla evidência de que os Rosacruzes foram bem-sucedidos em sua busca pelo Elixir da Vida. Em seu Theatrum Chemicum Britannicum , Elias Ashmole afirma que os Rosacruzes não eram apreciados na Inglaterra, mas eram bem-vindos no Continente. Ele também afirma que a Rainha Elizabeth foi curada duas vezes da varíola pelos Irmãos da Rosacruz, e que o Conde de Norfolk foi curado da lepra por um médico Rosacruz. Nas citações que se seguem, é sugerido por John Heydon que os Irmãos da Fraternidade possuíam o segredo de prolongar a existência humana indefinidamente, mas não além do tempo designado pela vontade de Deus:

"E finalmente eles puderam restaurar pelo mesmo curso cada Irmão que morreu para a vida novamente, e assim continuar por muitas eras; as regras que você encontra no quarto livro. * * * Desta maneira começou a Fraternidade da Rosa Cruz, primeiro por quatro pessoas, que morreram e ressuscitaram até Cristo, e então eles vieram adorar enquanto a Estrela os guiava para Belém da Judeia, onde jazia nosso Salvador nos braços de sua mãe; e então eles abriram seu tesouro e lhe apresentaram presentes, ouro, incenso e mirra, e pelo mandamento de Deus foram para casa para sua habitação. Esses quatro, rejuvenescendo novamente sucessivamente por muitas centenas de anos, fizeram uma linguagem e escrita mágicas, com um grande dicionário, que ainda usamos diariamente para o louvor e glória de Deus, e encontramos grande sabedoria nisso. * * * Agora, enquanto o Irmão CR estava em uma vivificação adequada do útero, eles concluíram que atrairiam e receberiam ainda outros mais em sua Fraternidade."

O útero aqui mencionado era aparentemente o caixão de vidro, ou recipiente, no qual os Irmãos foram enterrados. Isso também era chamado de ovo filosófico . Depois de um certo período de tempo, o filósofo, quebrando a casca de seu ovo, saía e funcionava por um período prescrito, após o qual ele se retirava novamente para sua casca de vidro. A medicina Rosacruz para a cura de todas as enfermidades humanas pode ser interpretada como uma substância química que produz os efeitos físicos descritos ou como compreensão espiritual - o verdadeiro poder de cura que, quando um homem participa dele, revela a verdade a ele. A ignorância é a pior

forma de doença, e aquilo que cura a ignorância é, portanto, o mais potente de todos os medicamentos. A medicina Rosacruz perfeita era para a cura de nações, raças e indivíduos.

Em um manuscrito antigo não publicado, um filósofo desconhecido declara que a alquimia, a cabalística, a astrologia e a magia eram ciências divinas originalmente, mas que por meio da perversão elas se tornaram falsas doutrinas, levando os buscadores da sabedoria cada vez mais longe de seu objetivo. O mesmo autor dá uma chave valiosa para o Rosacrucianismo esotérico ao dividir o caminho da realização espiritual em três etapas, ou escolas, que ele chama de montanhas . A primeira e mais baixa dessas montanhas é o Monte Sophia ; a segunda, o Monte Qabbalah ; e a terceira, o Monte Magia . Essas três montanhas são estágios sequenciais de crescimento espiritual. O autor desconhecido então declara:

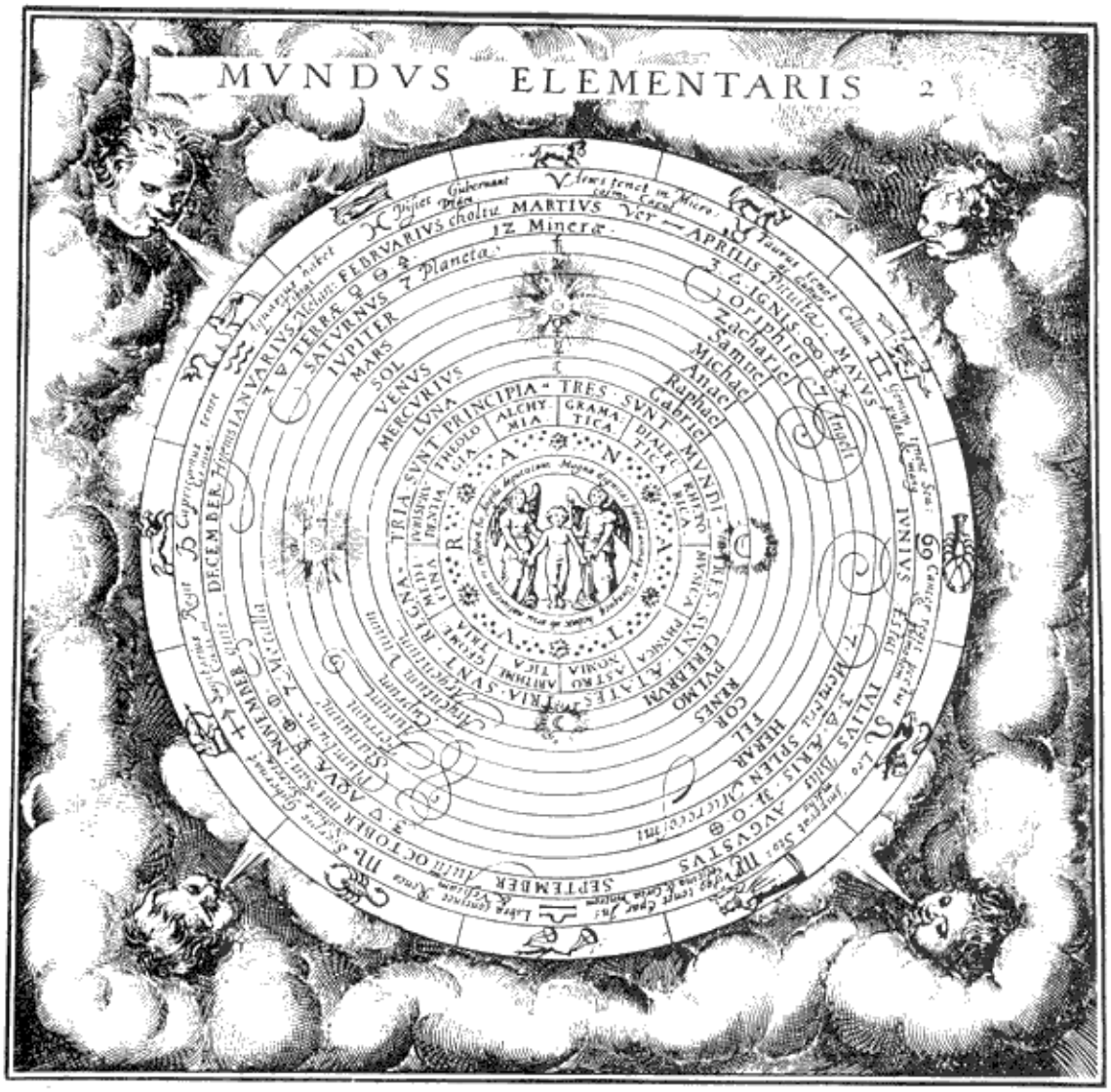
"Por filosofia deve ser entendido o conhecimento do funcionamento da Natureza, pelo qual o conhecimento o homem aprende a escalar aquelas montanhas mais altas acima das limitações dos sentidos. Por Cabalismo deve ser entendido a linguagem dos seres angélicos ou celestiais, e aquele que a domina é capaz de conversar com os mensageiros de Deus. Na mais alta das montanhas está a Escola de Magia (Magia Divina, que é a linguagem de Deus) onde o homem é ensinado sobre a verdadeira natureza de todas as coisas pelo próprio Deus."

Há uma convicção crescente de que se a verdadeira natureza do Rosacrucianismo fosse divulgada, causaria consternação, para dizer o mínimo. Os símbolos Rosacrucianos têm muitos significados, mas o significado Rosacruciano ainda não foi revelado. O monte sobre o qual fica a Casa da Rosacruz ainda está oculto por nuvens, nas quais os Irmãos escondem a si mesmos e seus segredos. Michael Maier escreve: "O que está contido no Fama e Confessio é verdade. É uma objeção muito infantil que a irmandade tenha prometido tanto e realizado tão pouco. Com eles, como em outros lugares, muitos são chamados, mas poucos são escolhidos. Os mestres da ordem estendem a rosa como o prêmio remoto, mas impõem a cruz àqueles que estão entrando." (Veja Silentium post Clamores , de Maier, e The Rosicrucians and the Freemasons , de De Quincey.)

A rosa e a cruz aparecem nos vitrais da Lichfield Chapter House, onde Walter Conrad Arensberg acredita que Lord Bacon e sua mãe foram enterrados. Uma rosa crucificada dentro de um coração tem marca d'água na página de dedicatória da edição de 1628 de Anatomy of Melancholy , de Robert Burton .

Os símbolos fundamentais dos Rosacruzes eram a rosa e a cruz; a rosa feminina e a cruz masculina, ambos emblemas fálicos universais. Enquanto cavalheiros eruditos como Thomas Inman, Hargrave Jennings e Richard Payne Knight realmente observaram que a rosa e a cruz tipificam os processos generativos, esses estudiosos parecem incapazes de perfurar o véu do simbolismo; eles não percebem que o mistério criativo no mundo material é meramente uma sombra do mistério criativo divino no mundo espiritual. Por causa do significado fálico de seus símbolos, tanto os Rosacruzes quanto os Templários foram falsamente acusados de praticar ritos obscenos em suas cerimônias secretas. Embora seja bem verdade que a réplica alquímica simboliza o útero, ela também tem um significado muito mais

significativo oculto sob a alegoria do segundo nascimento. Como a geração é a chave para a existência material, é natural que a Fraternidade da RC adote como seus símbolos característicos aqueles que exemplificam os processos reprodutivos. Como a regeneração é a chave para a existência espiritual, eles, portanto, fundaram seu simbolismo na rosa e na cruz, que tipificam a redenção do homem por meio da união de sua natureza temporal inferior com sua natureza eterna superior. A cruz rosa também é uma figura hieroglífica que representa a fórmula da Medicina Universal.



O MUNDO ELEMENTAR.

Extraído do Musæum Hermeticum Reformatum et Amplificatum .

O círculo externo contém as figuras do Zodíaco; o segundo, seus signos e a parte do corpo humano que eles regem; o terceiro, os meses do ano, com breves notas sobre temperamentos, etc. O quarto círculo contém os elementos acompanhados por seus símbolos apropriados, e os sete círculos seguintes marcam as órbitas dos planetas; também os anjos planetários, os sete membros principais do Homem Universal e os sete metais, cada divisão aparecendo sob seu elemento apropriado de acordo com os nomes elementais no quarto círculo. No décimo segundo círculo aparecem as palavras: "Existem Três Princípios, Três Mundos, Três Eras e Três Reinos." No décimo terceiro círculo aparecem os nomes das doze artes e ciências que são consideradas essenciais para o crescimento espiritual. No décimo quarto círculo está a palavra Natureza. O décimo quinto círculo contém as seguintes palavras. "É a grande honra das almas fiéis, que desde o seu nascimento um anjo é designado para preservar e manter cada uma delas." (Veja a primeira tradução em inglês, Londres, 1893.)

Quinze Diagramas Rosacruzes e Cabalísticos

Em sua obra bem conhecida, The Rosicrucians, Their Rites and Mysteries , Hargrave Jennings reproduz cinco gráficos cabalísticos que ele declara serem desenhos rosacruzes genuínos. Ele não dá nenhuma informação sobre sua origem nem tenta elucidar seu simbolismo. Um escritor recente que reproduziu um desses gráficos o correlacionou ao túmulo emblemático do Padre CRC, expondo assim a verdadeira natureza de Christian Rosencreutz.

As cinco placas reproduzidas no livro de Hargrave Jennings são parte de uma série de quinze diagramas que aparecem em The Magical, Qabbalistical, and Theosophical Writings of Georgius von Welling, on the Subject of Salt, Sulphur, and Mercury . Este volume extremamente raro foi publicado em Frankfurt e Leipzig em 1735 e 1760. Os números e figuras nos gráficos referem-se aos capítulos e seções dos Writings. Esses quinze gráficos constituem uma adição notável e inestimável aos poucos outros diagramas Qabbalisticos e Rosacruzes conhecidos, reconhecidamente autênticos.

Lúcifer é o maior mistério do simbolismo. O conhecimento secreto dos Rosacruzes a respeito de Lúcifer não é em nenhum lugar tão claramente exposto quanto nestas placas, que virtualmente revelam sua verdadeira identidade, um segredo cuidadosamente guardado sobre o qual pouco foi escrito. Lúcifer é representado pelo número 741.

Von Welling não dá uma exposição completa dos quinze gráficos; fazê-lo seria contrário aos princípios da filosofia cabalística. O significado mais profundo dos símbolos é revelado apenas por estudo e contemplação profundos.

TABELA I, Figuras 1-11 . A Figura 1 é um gráfico ptolomaico mostrando o verdadeiro relacionamento existente entre os elementos primordiais. Seu significado secreto é o seguinte: O anel externo fechado pelas linhas A e B é a região de Schamayim , um nome cabalístico para a Divindade Suprema, significando a expansão dos céus, ou uma água espiritual ígnea. Schamayim é "O Oceano do Espírito", dentro do qual todas as coisas criadas e não criadas existem e pela vida da qual são animadas. Nos mundos inferiores, Schamayim se torna a luz astral.

O espaço entre B e C marca as órbitas ou planos das sete Inteligências Espirituais chamadas Planetas Divinos (não os planetas visíveis). De acordo com os Mistérios, as almas dos homens entram nos mundos inferiores através do anel B , as estrelas fixas. Toda a criação reflete a glória de Schamayim, a energia que se filtra nas esferas dos elementos através das janelas das estrelas e planetas. Entre C e D fica a região do ar sutil e espiritual, uma subdivisão do éter. D a E marca a superfície da terra e do mar, pelos quais também são entendidos os graus de éter. E a F marca a região inferior, chamada "A Reunião das Águas e a Produção da Terra Virgem", ou "Ares". Os alquimistas chamavam isso de "areia movediça", a verdadeira fundação mística da terra sólida. F a G marca o círculo do ar subterrâneo, que é mais denso e grosseiro do que o do espaço exterior, C a D. Nesta atmosfera mais densa, as influências estelares e os impulsos celestiais são cristalizados em espíritos corpóreos, formando assim a multidão de formas que existem sem o conhecimento de sua própria fonte ígnea. G é a região do fogo central do elemento terra, um fogo grosseiro em contradição ao divino Schamayim ígneo. A esfera dos céus estrelados também tem seu oposto na esfera do ar subterrâneo; e a esfera do ar superior (ou água vaporosa sutil) tem seu oposto na esfera E a F. O ponto focal, D a E , entre as três esferas superiores e as três inferiores, é chamado de "O Reservatório". Ele recebe impressões das regiões superior e inferior e é comum a ambas.

A Figura 2 é o símbolo cabalístico da água elemental; A Figura 9 representa a água espiritual invisível. A Figura 3 é o símbolo cabalístico do ar elemental; A Figura 7 representa o ar espiritual e invisível. A Figura 4 é o sinal cabalístico da terra elemental; A Figura 8 representa a terra espiritual e invisível. A Figura 5 é o sinal cabalístico do fogo elemental; A Figura 6 representa o fogo espiritual e invisível. As Figuras 6, 7, 8 e 9 simbolizam os quatro elementos antes da descida de Lúcifer. Eles são os quatro rios mencionados em Gênesis, tendo sua fonte no único rio, Figura W, que representa os elementos sobrepostos uns aos outros. A bola dourada no centro é Schamayim, a fonte ígnea de todos os elementos. A Figura 11 é o emblema do início e do fim de todas as criaturas. Dela procedem todas as coisas e a ela tudo deve retornar novamente, para se tornar um com a água ígnea do entendimento divino.

TABELA II, Figuras 12-51 . As Figuras 12, 13, 14 demonstram a esfera como um símbolo de movimento para ser emblemática do fogo, água e ar; e o cubo como um símbolo de peso para ser emblemático da terra. A esfera repousa sobre um ponto,

o cubo sobre uma superfície; a esfera é, portanto, usada para simbolizar o espírito, e o cubo, a matéria. A Figura 14 demonstra que a atmosfera correndo atrás de um objeto em queda aumenta sua velocidade e aparentemente aumenta seu peso. A natureza essencial de cada elemento é ocultamente significada pelo símbolo e caráter peculiares atribuídos a ele.

Da Figura 15, o símbolo do sal, von Welling escreve, em substância: O cubo tem seis lados, correspondendo aos seis dias da criação, com o ponto de repouso (o sétimo dia) no centro do cubo. Em cada superfície do cubo aparecem os sinais dos quatro elementos [triângulos]. Os alquimistas declararam que o sal foi a primeira substância criada produzida pelo fogo (Schamayim) que fluiu de Deus. No sal, toda a criação está concentrada; no sal estão o começo e o fim de todas as coisas. O cubo, além disso, é composto de doze corpos, cada um dos quais tem seis lados. Esses corpos são os doze pilares fundamentais da verdadeira igreja invisível, e quando esses doze corpos são multiplicados por seus seis lados, o número mágico 72 resulta. Os sábios disseram que nada é perfeito até que tenha sido dissolvido, separado e novamente unido para que se torne um corpo composto de doze corpos, como o cubo. O cubo também consiste em seis pirâmides com as seis superfícies do cubo como suas bases. Os pontos dessas seis pirâmides se encontram no centro do cubo. Essas seis pirâmides, cada uma consistindo de quatro triângulos, significam os elementos e produzem o número mágico 24, que se refere aos Anciãos diante do Trono. As seis superfícies e o ponto constituem o número mágico 7. Se 7 for multiplicado por 7 novamente, e assim por diante 7 vezes, a resposta revelará o método usado pelos antigos para medir os períodos da eternidade; assim: (1) 7 X 7 = 49; (2) 49 X 7 = 343; (3) 343 X 7 = 2.401; (4) 2.401 X 7 = 16.807; (5): 16.807 X 7 = 117.649; (6) 117.649 X 7 = 823.543; (7) 823.543 X 7 = 5.764.801. (Isto não deve ser tomado como anos ou tempos terrestres.) Os 5.000.000 representam o grande ano do salão; os 700.000 o grande ano do sábado, em que todos os seres humanos gradualmente ganham o verdadeiro entendimento e se tornam herdeiros de sua herança original e eterna, que foi perdida quando eles foram enredados nos elementos inferiores. Os 64.800 são o número dos anjos caídos, e o último ano significa a libertação de Lúcifer e o retorno ao seu estado original.

A Figura 16 é outro símbolo do sal, enquanto a Figura 17 (o ponto) é o sinal do espírito, ouro, o sol ou o germe da vida. Se o ponto for movido antes de si mesmo, ele se torna uma linha, Figura 18. Este movimento do ponto é o primeiro movimento. O início e o fim de cada linha é um ponto. A Figura 19 é o círculo. É o segundo movimento e a mais perfeita de todas as linhas. Dele são formadas todas as figuras e corpos

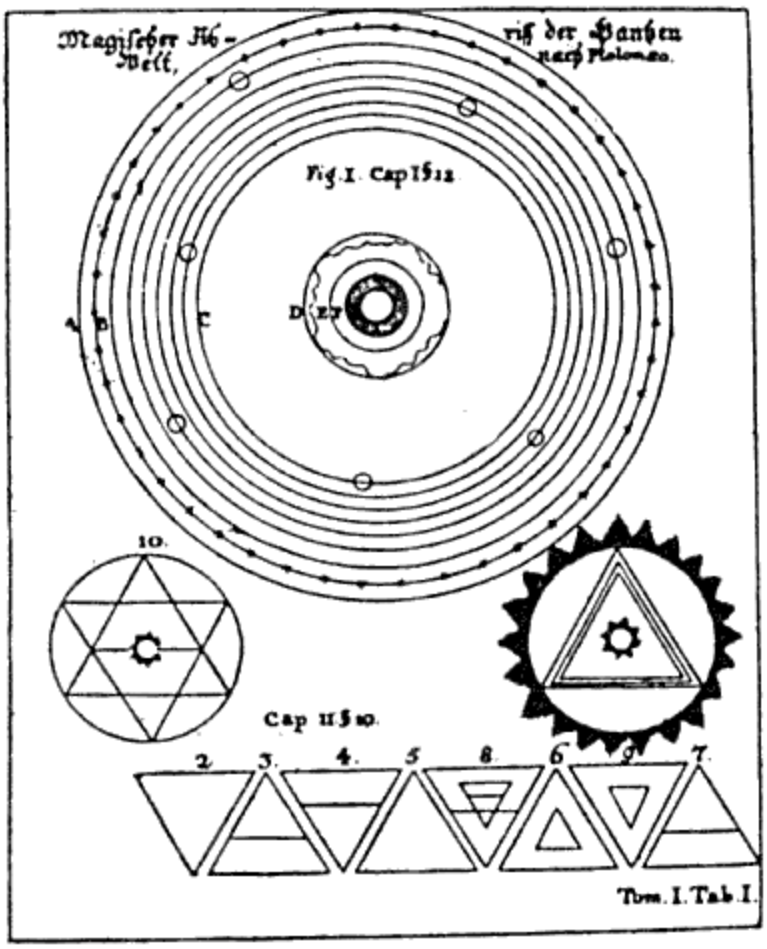
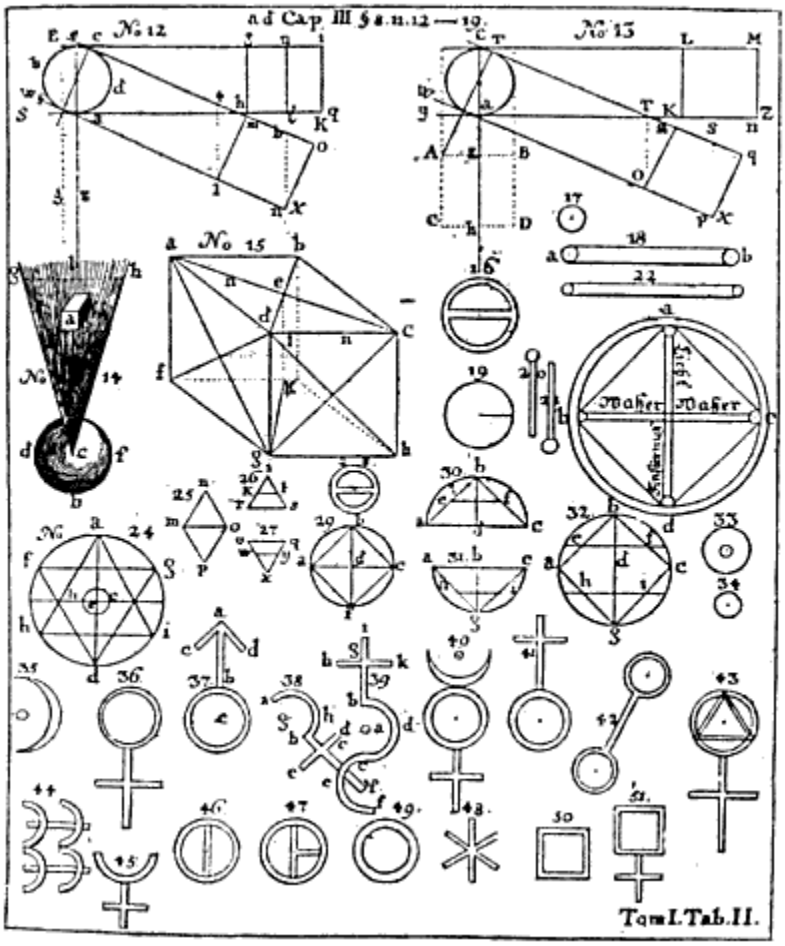


TABELA I, Figuras 1-11.



a TABELA II, Figuras 12-51.

imaginável. A figura 20 representa o derramamento da vida superior e espiritual em manifestação. A figura 21 representa a escuridão, pois é o afrouxamento do princípio destrutivo subterrâneo. A figura 20 também é o símbolo do dia, e a figura 21 da noite.

A Figura 22 é um símbolo da água; a Figura 23 é o caráter universal completo de luz e escuridão. O triângulo vertical representa Schamayim; o triângulo invertido a terra escura que aprisiona o fogo subterrâneo infernal. É "O Primeiro Dia da Criação", ou o tempo da separação de Schamayim e Ares. A Figura 24 representa os seis dias da criação e prova que os elementos são um fluxo do Fogo Divino que, quebrando-se, torna-se as substâncias do universo tangível, como significadas na Figura 25.

A figura 26 é o caráter do ar, mostrando que o ar nasce da Luz Eterna e da água etérea. A figura 27 é o caráter da água. É a inversão da figura 26, indicando que sua origem é do fogo inferior e não do superior. Sua parte superior significa que a água não carece do elemento Divino, mas como um espelho universal reflete as

influências celestiais. As figuras 28 e 29 são símbolos do sal, mostrando que é fogo e água em um. A figura 30 é o caráter do fogo em todos os seus atributos, e a figura M (a mesma invertida), água em todos os seus poderes. A figura 32 é o caráter do sal em todos os seus atributos. A figura 33 representa o ouro e o sol. Suas naturezas essenciais são idênticas, sendo formadas do primeiro fogo de Schamayim. Elas são perfeitas, como pode ser visto em seu símbolo, pois nenhuma forma mais perfeita pode ser produzida a partir do ponto do que o círculo.

A figura 34 é o caráter dos mundos maior e menor; como o ponto é cercado por sua circunferência, este mundo é cercado por Schamayim. O homem (o Pequeno Mundo) está incluído neste símbolo porque sua natureza interna é ouro potencial (Aphar Min Haadamah), cujo ouro é seu corpo espiritual eterno e indestrutível. O ouro é o princípio masculino do universo.

A figura 35 é o caráter da prata e da lua. Ela significa que a prata (como o ouro) é um metal perfeito, exceto que a parte vermelha de sua natureza é voltada para dentro. A prata é o princípio feminino do universo.

A figura 36 é o caráter do cobre e de Vênus; a figura 37, do ferro e de Marte; a figura 38, do estanho e de Júpiter; a figura 39, do chumbo e de Saturno; a figura 40, de Mercúrio (tanto o planeta quanto o elemento); a figura 41, do antimônio, o metal-chave da própria Terra; a figura 42, do arsênico; a figura 43, do enxofre; a figura 44, do cinábrio; a figura 45, da cal viva; a figura 46, do nitro; e a figura 47, do vitríolo. A figura 48 é o caráter do sal amoníaco, cujo elemento deriva seu nome do Templo de Júpiter Ammon em um deserto egípcio, onde foi encontrado. A figura 49 é o caráter do alúmen; a figura 50, do álcali, um nome de origem árabe; e a figura 51, do sal tártaro, uma substância que possui grande virtude oculta.

TABELA III, Figura 52. Os oito globos e o quadrado central representam os sete dias da criação. Os três mundos onde a criação ocorre são simbolizados por três anéis concêntricos. As palavras alemãs no anel externo são extratos do primeiro capítulo de Gênesis. As palavras ao redor do anel externo são O Primeiro Dia . Os quatro pequenos globos dentro do anel externo lidam com as fases abstratas da criação. O globo superior contendo o triângulo envolve as palavras Céu e Terra. O globo à direita contém a palavra Luz, e o da esquerda, Jeová Elohim na parte superior e Escuridão na parte inferior. O globo na parte inferior contém a palavra Dia na metade superior e Noite na inferior.

Os quatro globos dentro do segundo anel representam o segundo, terceiro, quarto e quinto dias da criação. O globo branco acima dividido por uma linha pontilhada é designado O Segundo Dia ; o globo à esquerda com as montanhas, O Terceiro Dia ; o globo à direita com os anéis planetários, O Quarto Dia ; e o globo abaixo dividido ao meio por uma linha pontilhada, O Quinto Dia . O quadrado no anel central contendo a forma humana é marcado O Sexto Dia . Este gráfico é uma exposição diagramática das três camadas dos ovos áuricos macrocósmicos e microcósmicos, mostrando as forças ativas dentro deles.

TABELA IV, Figura. 53 . A Figura 53 foi designada como o túmulo simbólico de Christian Rosencreutz. O círculo superior é o primeiro mundo — a Esfera Divina de

Deus. O triângulo no centro é o trono de Deus. Os pequenos círculos nas pontas da estrela simbolizam os sete grandes Espíritos diante do trono, mencionados no Livro do Apocalipse, no meio dos quais caminham o Alfa e o Ômega — o Filho de Deus. O triângulo central contém três chamas — a Trindade Divina. Da mais baixa dessas chamas procede o primeiro fluxo divino, mostrado por duas linhas paralelas descendo pelo trono de Saturno (o Espírito Orifelis , por meio do qual Deus se manifestou). Passando pela fronteira do universo celestial e pelas 22 esferas do sistema inferior, as linhas terminam no ponto B , o trono de Lúcifer, em quem o derramamento divino é concentrado e refletido. Dele a luz divina irradia em sucessão para d (Capricórnio), e (Gêmeos), f (Libra), g (Touro), h (Peixes), i (Aquário), k (Câncer), l (Virgem), m (Áries), n (Leão), o (Escorpião), p (Sagitário), daí de volta para d . Os círculos zodiacais representam doze ordens de grandes e benéficos Espíritos, e os círculos menores dentro do anel de estrelas fixas marcam as órbitas dos planetas sagrados.

TABELA V, Figura 54. A Figura 54 é semelhante à Figura 53, mas representa o universo na época em que Deus se manifestou através do caráter de Júpiter, o Espírito Sachasiel . Von Welling não dá nenhuma razão para a mudança na ordem de influxo nas doze ordens de espíritos, para o terceiro mundo, para a adição de outro círculo e os triângulos entrelaçados no mundo superior, ou para as letras Y e Z. No triângulo superior,

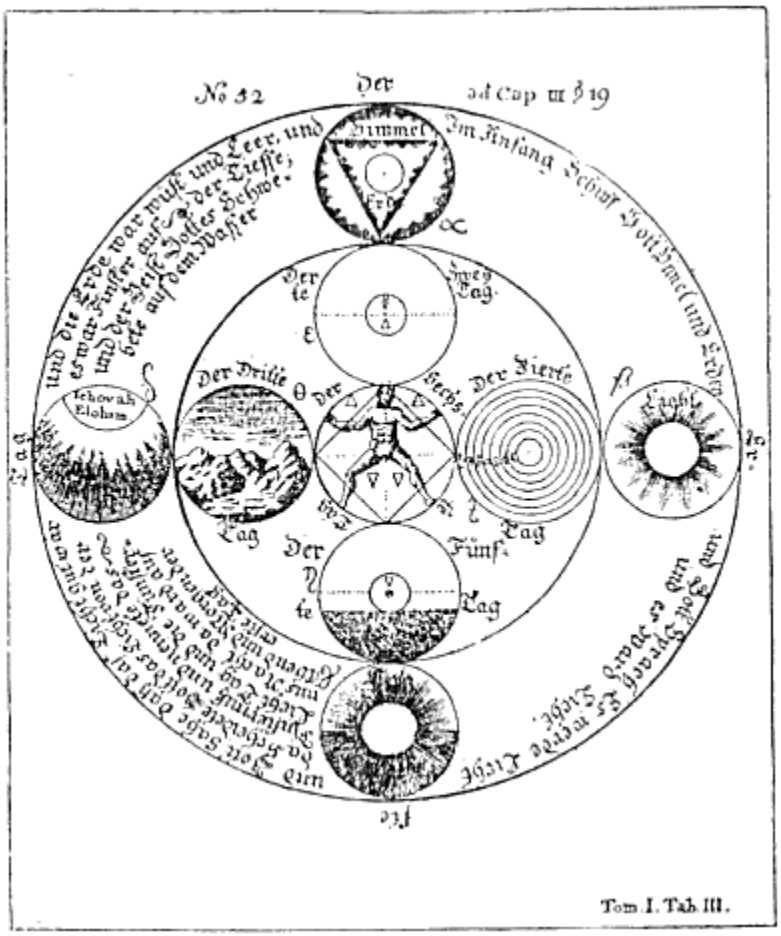


Tabela III, Figura 52

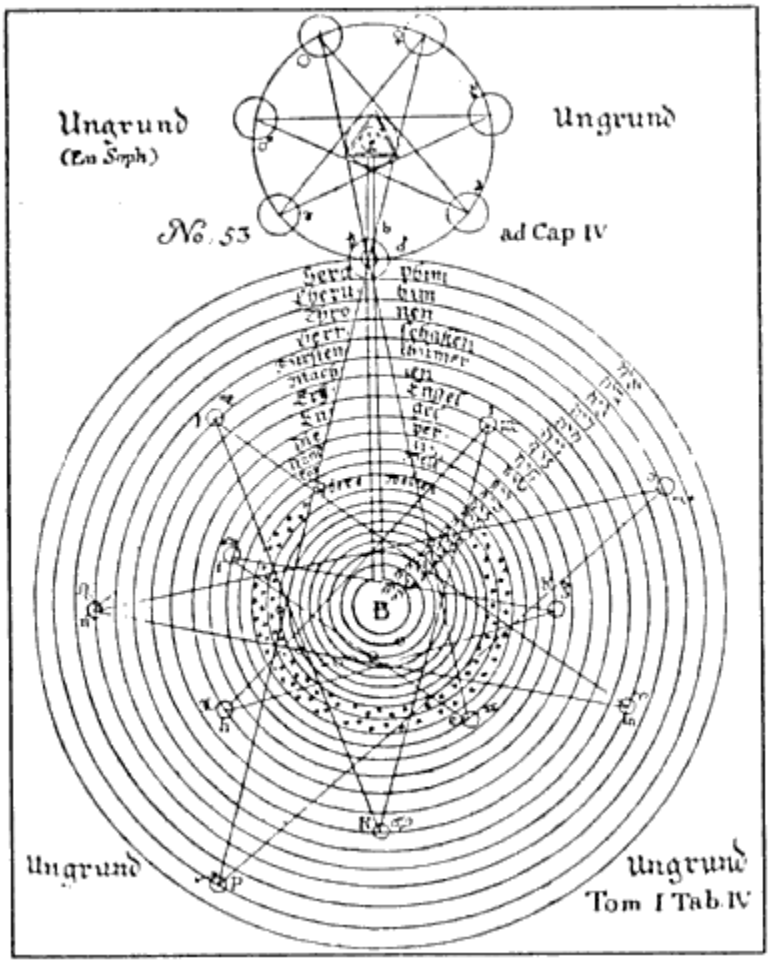


Tabela IV, Figura 53

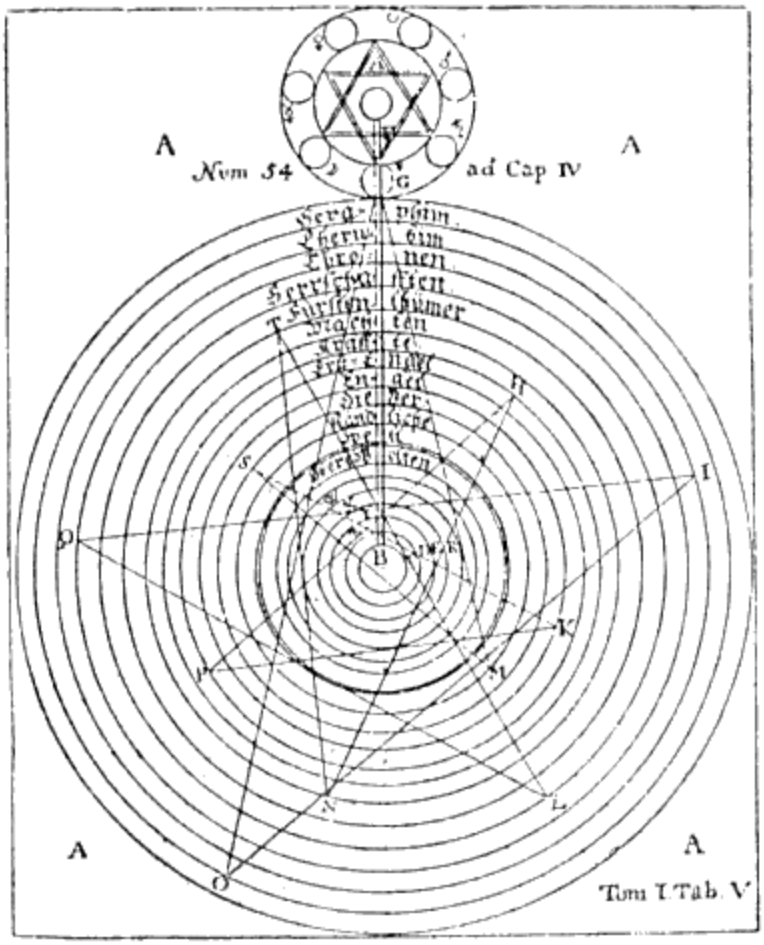
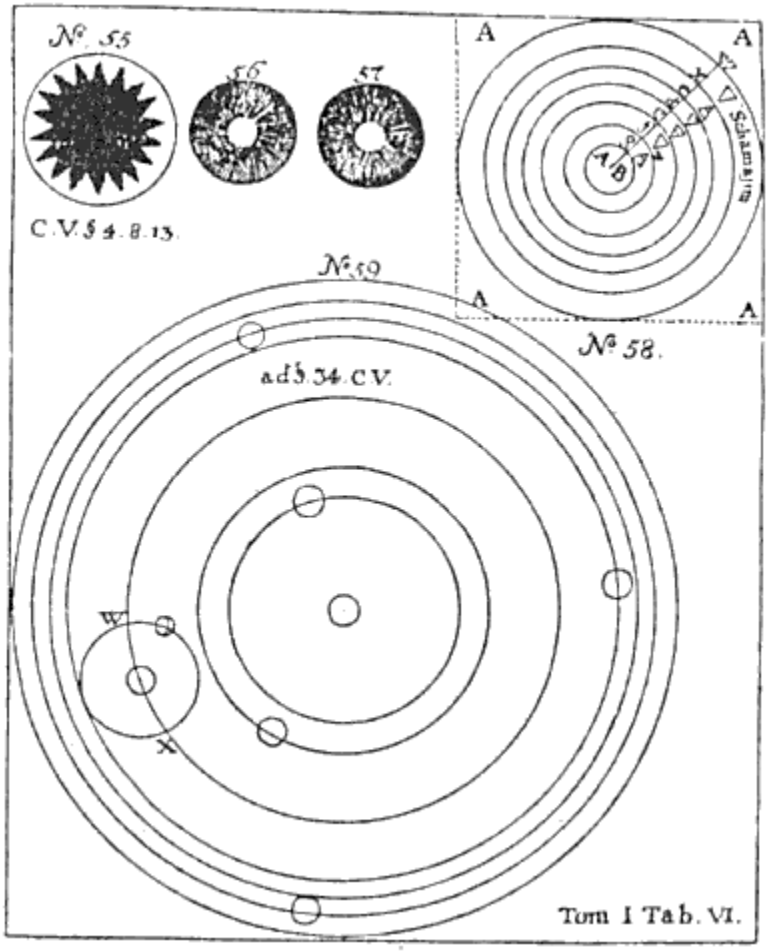


Tabela V, Figura 54



a Tabela VII, Figuras 1-5, 7 e 8

[parágrafo continua] A representa o Princípio do Pai, F o fluxo divino, G o ponto de influxo nas doze ordens de espíritos (provavelmente Sagitário). As letras H , I , J , K , L , M , N , O , P , Q , S e T denotam os pontos sequenciais de irradiações entre si; W e X , o Mundo dos Filhos de Deus; e B , C , D e E , o Mundo de Lúcifer. Esta placa mostra o universo após a descida de Lúcifer na matéria. De acordo com von Welling, quando Lúcifer quis controlar o poder, o influxo da luz divina cessou instantaneamente. O mundo de Lúcifer (que mais tarde se tornou o sistema solar), com todas as suas legiões de espíritos (que em sua essência eram Schamayim) refletindo suas ideias e invertendo a luz divina, foi transformado em escuridão. Os Schamayim de Lúcifer então se tornaram um disco contraído, uma substância tangível; e o Caos veio à existência.

TABELA VI, Figuras 55-59 . A Figura 55 simboliza o Caos de Lúcifer; Figura 56, a separação da luz da escuridão; Figura 57, a luz no meio da escuridão; e Figura 58, as regiões dos elementos e seus habitantes. Os quatro A 's significam o Abismo que cerca todas as coisas. O A B é o trono de fogo de Lúcifer. O plano de g é o ar subterrâneo; f , a água subterrânea; c , a região da terra; d , a água externa; e , o ar externo, W e X a região de Schamayim. Os habitantes elementais dos planos

diferem em bondade de acordo com sua proximidade ao centro da maldade (A B). A superfície da terra (c) divide os elementais subterrâneos daqueles da água externa, ar e fogo (d , c e X). Os elementais dos estratos superiores (a metade superior de c e todos os d , e e X) representam uma escala ascendente de virtude, enquanto aqueles dos estratos inferiores (a metade inferior de c e todos os f , g e A B) representam uma escala descendente de depravação.

A região do ar (e) é uma exceção parcial a esta ordem. Enquanto o ar está próximo da luz e cheio de belos espíritos, é também a habitação de Belzebu, o Espírito Maligno do ar, com sua legião de demônios elementais. Sobre o sutil elemento do ar são impressas as influências das estrelas; os pensamentos, palavras e ações do homem; e uma miríade de influências misteriosas dos vários planos da Natureza. O homem inala essas impressões, e elas produzem diversos efeitos sobre sua mente. No ar estão suspensos também os germes de sementes pelos quais a água é impregnada e tornada capaz de produzir formas de vida orgânica e inorgânica. As figuras grotescas vistas em cavernas de cristal e quadros de gelo nas janelas são causadas por essas impressões aéreas. Enquanto os elementais do ar são grandes e sábios, eles são traiçoeiros e confusos porque são receptivos a impressões boas e más. Os poderosos seres elementais que habitam o fogo de luz aquosa da região X não podem ser enganados pelos espíritos das trevas. Eles amam as criaturas das águas, pois o elemento aquoso (d) procedeu da água ígnea (X). O homem mortal não pode suportar a sociedade desses espíritos ígneos, mas ganha sabedoria deles por meio das criaturas das águas nas quais eles continuamente se espelham. A Figura 59 representa este sistema solar, com W e X como a localidade do Jardim do Éden.

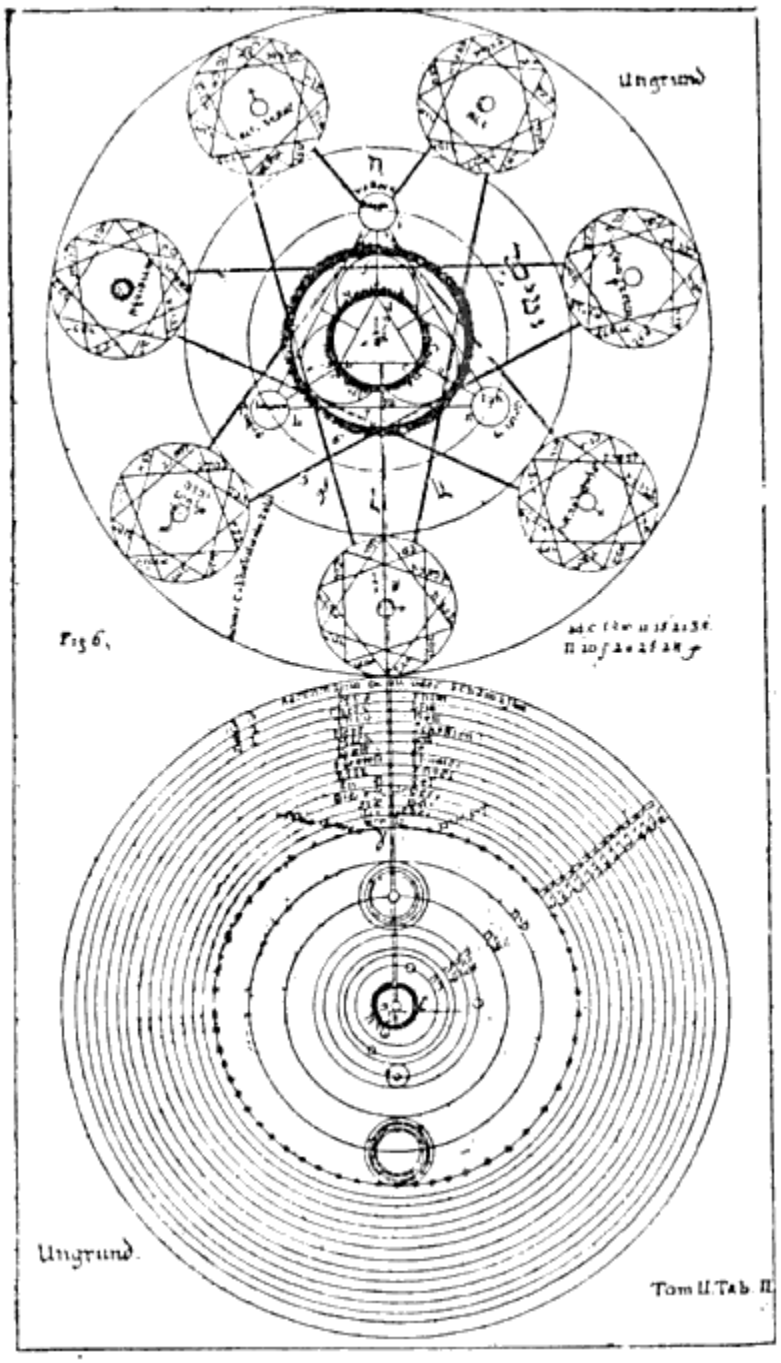
TABELA VII, Figuras 1-5, 7, 8. (A Tabela VIII tem a Figura 6.) A Figura 1 é o enxofre divino trino, o Todo-Perfeito do Todo-Perfeito, a Alma das criaturas. O Divino triplo é simbolizado por três círculos entrelaçados designados alquimicamente sal , enxofre e mercúrio . No triângulo central está o nome divino Ehieh . Geist significa espírito. As outras palavras não requerem tradução. A Figura 2 é enxofre destrutivo comum. Uma barra colocada no triângulo faz com que seja o caráter da terra. A Figura 3 é o verdadeiro óleo de vitríolo, composto de um círculo com dois diâmetros e dois semicírculos invertidos pendurados abaixo. Nisto estão ocultos os caracteres de todos os metais. O estanho é simbolizado pela Figura 4 e o ferro pela Figura 5. A Figura 7 é o sistema solar de acordo com Copérnico. A Figura 8 é o último julgamento. O sol é removido do centro do sistema solar e substituído pela Terra. Isso muda as respectivas posições de todos os outros planetas, exceto Marte, Júpiter e Saturno, que mantêm seus respectivos círculos. A letra a significa o círculo do sol; b , o de Mercúrio; c , o de Vênus; d , (sic) o da lua; e E , o da terra. Para dentro da esfera h estão os grandes círculos da condenação.

TABELA VII., Figura 6. Na Figura 6, a letra a marca o centro da eternidade. O movimento dos raios em direção a b , d e c foi a primeira manifestação divina e é simbolizado pelo triângulo equilátero, b , d , c . O mundo eterno dentro do círculo interno se manifestou na água (sal), na luz (mercúrio) e no fogo (enxofre) do mundo arquetípico, representado pelos três círculos (f , e , g) dentro do triângulo de igualdade completa (h , i , k), que por sua vez é cercado pelo círculo do alto trono. O círculo f é chamado de entendimento ; e , sabedoria ; g , razão . No círculo

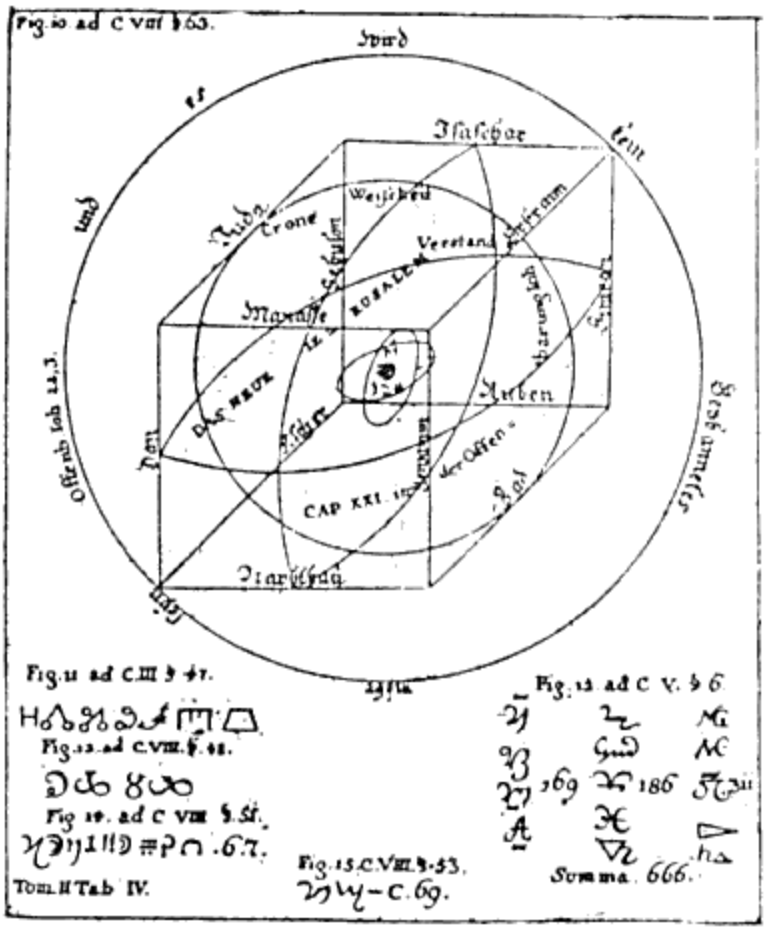
i está a palavra Pai ; no círculo h , Filho ; no círculo k , Espírito . Os sete círculos externos são os sete espíritos diante do trono. A parte inferior da figura é semelhante às Figuras 53 e 54. Os círculos externos são o mundo angélico terminando no mundo cognoscível dos Filhos de Deus. Então vem o círculo das constelações visíveis e estrelas fixas; dentro deste está o sistema solar com o sol como centro (l). Ungrund significa o Abismo.

TABELA IX, Figura 9. A Figura 9 é uma síntese do Antigo e do Novo Testamento e representa os planos entrelaçados do ser. Na margem direita, os sete círculos externos contêm os nomes dos anjos planetários. As palavras nos círculos graduados do triângulo superior para baixo dizem: (1) Abismo da Compaixão ; (2) Sião ; (3) O Novo Céu e a Nova Terra ; (4) A Nova Jerusalém ; (5) Paraíso ; (6) O Seio de Abraão ; (7) Os Pátios Exteriores do Senhor . De baixo, os círculos de escuridão alcançam o alto, cada princípio divino sendo oposto por um oposto infernal. O pequeno círculo à esquerda contendo um triângulo e uma cruz é chamado de A Árvore da Vida , e o da direita, A Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal . No centro do diagrama está a Trindade, unida aos planos superior e inferior por linhas de atividade.

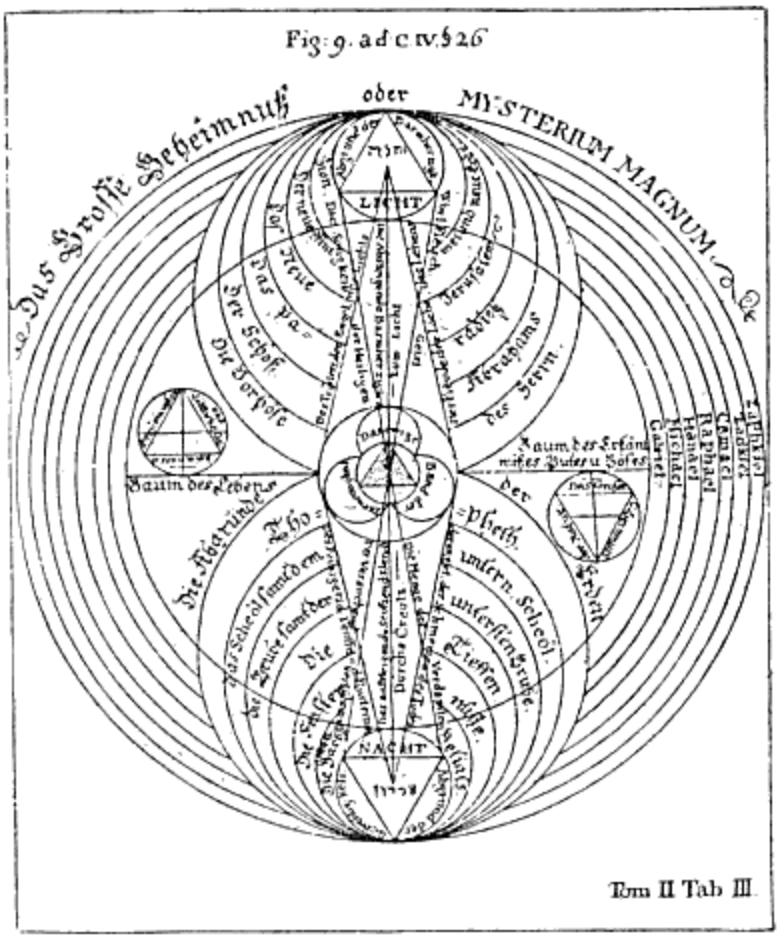
TABELA X, Figuras 10-15 . A Figura 10 mostra a Nova Jerusalém em forma de cubo, com os nomes das doze tribos de Israel escritos nas doze linhas do cubo. No centro está o olho de Deus. As palavras ao redor do círculo externo são do Livro do Apocalipse. As Figuras 11, 12, 13, 14 e 15 possivelmente são símbolos cifrados dos anjos das pragas, o nome do Anticristo, a assinatura da besta da Babilônia e o nome da mulher montada na besta da blasfêmia.



a Tabela VIII, Figura 6.



a Tabela X, Figuras 10-15.



a Tabela IX, Figura 9.

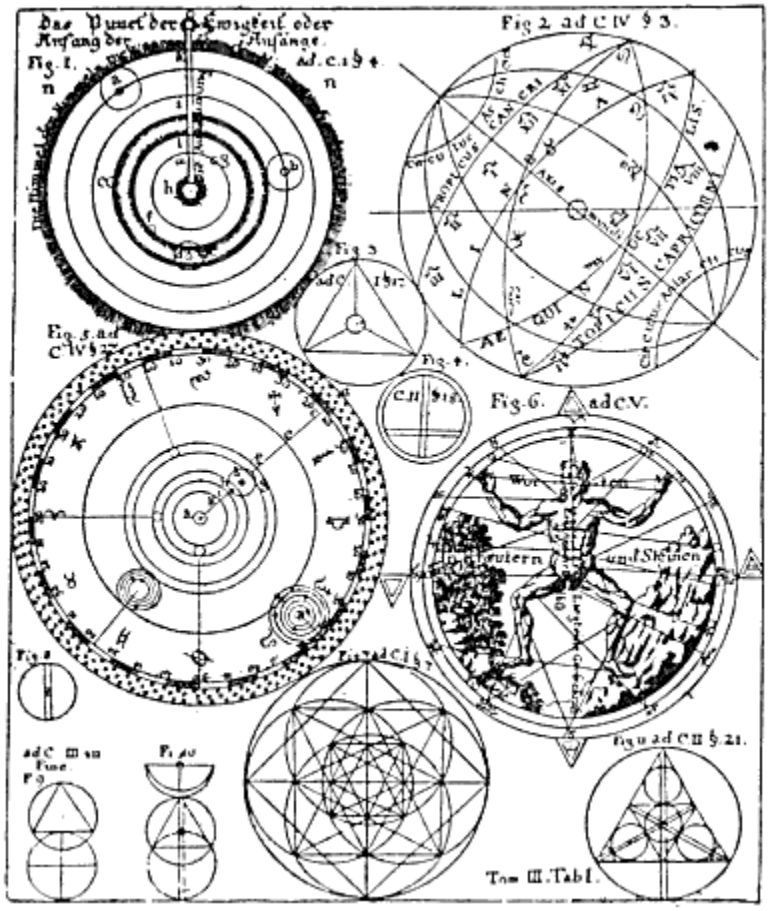


Tabela XI, Figuras 1-11

TABELA XI, Figuras 1.-11 . A Figura 1 é o sistema solar de acordo com Gênesis. O o no topo do raio do círculo é o ponto da Eternidade — o Começo dos Começos. Todo o diâmetro é o fluxo de Deus, manifestando-se primeiro no céu dos céus — o Schamayim, em cuja região o entendimento humano não pode funcionar. O espaço de k a i contém os céus de Saturno, Júpiter e Marte; l a m , os céus de Vênus e Mercúrio; m a h , os céus do sol. A letra e é a lua, o círculo da terra.

A figura 2 é o globo terrestre, mostrando as casas e os signos do zodíaco. A figura 3 é o caráter do Mercúrio Universal (Vida Divina) em seu aspecto trino de mercúrio , enxofre e sal . A figura 4 é salitre verdadeiro purificado com cal viva e álcali. A figura 5 mostra o grau exato ou ângulo dos lugares dos planetas, bem como as estrelas fixas individuais no zodíaco. A letra a é o sol e b é a terra. De k a i são os círculos de Mercúrio e Vênus; g a h , os círculos da terra e da lua; f a e e e a c , de Júpiter e Saturno; c a d , o cinturão estrelado ou zodíaco. A figura 6 é o Microcosmo, com os planetas e signos do zodíaco correspondendo às diferentes partes de sua forma. As palavras na figura dizem: Conhece a ti mesmo . Em palavras, ervas e pedras reside um grande poder. A figura 7 é o caráter universal do qual todos os caracteres foram retirados. As Figuras 8, 9 e 10 são deixadas para a solução do leitor. A Figura 11 é o Mercúrio Universal radiante.

TABELA XII, Figuras 12-19 . A Figura 12 é chamada de Um Espelho de Aspectos Astrológicos . Abaixo dela está uma roda de astrólogo. A Figura 13 é semelhante à Figura 12. A Figura 14 é uma fórmula alquímica secreta. As palavras ao redor do círculo dizem: De um em todos é tudo. A Figura 15 é uma tentativa insatisfatória de mostrar os tamanhos comparativos dos sóis e planetas e suas distâncias entre si. A Figura 16 é o sistema solar com seus céus internos e espirituais. A B é o sistema solar; C é a esfera de estrelas fixas; D , E , F , G são os sistemas dos mundos espirituais; H é o trono do Deus vivo; J , K , L , M e N são o Grande Além, incomensurável.

A Figura 17 mostra a criação do sistema solar a partir do anel da Eternidade Divina. Os quatro A 's são o Abismo, B é a primeira revelação de Deus a partir do Abismo, e dessa revelação C , D , E , F e G foram criados. C e D representam as hierarquias espirituais; D e E , os mundos superiores, ou constelações; E e F , a distância de Júpiter aos mundos superiores; F e G , o sistema solar com seus planetas e seus céus; B e C, o trono de Cristo.

A Figura 18 descreve a divisão, segundo Gênesis, das águas acima dos céus (D) das águas abaixo (A , B e C). A Figura 19 é o mercúrio dos filósofos, essencial à existência material.

TABELA XIII, Figuras 1-4 . A Figura 1 é Ain Soph , o Abismo Incompreensível da Majestade Divina, um jorro infinito, ilimitado em tempo e espaço. A Figura 2 simboliza os três Princípios Divinos — Pai, Filho e Espírito Santo. Ao redor do triângulo está escrito: Eu Serei O Que Serei . No ápice do triângulo está a palavra Coroa ; no ponto esquerdo, Sabedoria ; no ponto direito, Entendimento . A Figura 3 representa a Trindade com seu fluxo. As palavras acima da esfera superior são Revelação da Majestade Divina em Jeová Elohim . Os círculos inferiores contêm os nomes das Hierarquias que controlam os mundos inferiores. As palavras dentro do círculo de estrelas dizem: Lúcifer, o Filho da Aurora da manhã . A letra C representa o Mercúrio Universal. As palavras dentro do círculo dizem: O primeiro começo de todas as criaturas . A Figura 4 representa a morada de Lúcifer e seus anjos, o Caos falado em Gênesis.

TABELA XIV, Figuras 5, 7, 8. A Figura 5 mostra o triângulo da Divindade trina no meio de uma cruz. À esquerda, há um pequeno triângulo contendo as palavras Os Segredos de Elohim , e à direita, outro inscrito Os Segredos da Natureza . Nos braços horizontais da cruz, estão as palavras A Árvore da Vida e A Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal . A placa explica a mistura dos poderes espirituais e infernais na criação do universo. A Figura 7 é chamada de O Caminho para o Paraíso . Provavelmente indica as posições do sol, da lua e dos planetas no momento de sua gênese. A Figura 8 é a Terra antes do dilúvio, quando foi regada por uma névoa ou vapor. As palavras à esquerda são A Árvore da Vida ; as da direita, A Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal. O diagrama com o símbolo de Marte é dedicado a uma consideração do arco-íris.

TABELA XV, Figuras 6, 9, 10. A Figura 6 é semelhante à Figura 5 e é chamada de O Segredo da Natureza . Um diagrama interessante é mostrado em ambos os lados da figura central, cada um consistindo de um triângulo com círculos irradiando de

seus pontos. O diagrama à esquerda é chamado de Os Segredos do Mundo Superior , e o da direita, Os Segredos do Mundo Inferior .

A Figura 9 é o sistema solar. Ao redor da parte central estão as palavras The Place of the Damned . A Figura 10 mostra o ponto, ou ponto de repouso, cercado por um triângulo que envolve um círculo contendo os nomes das doze tribos de Israel. Ele representa a conclusão do processo de regeneração e a consumação da Grande Obra.

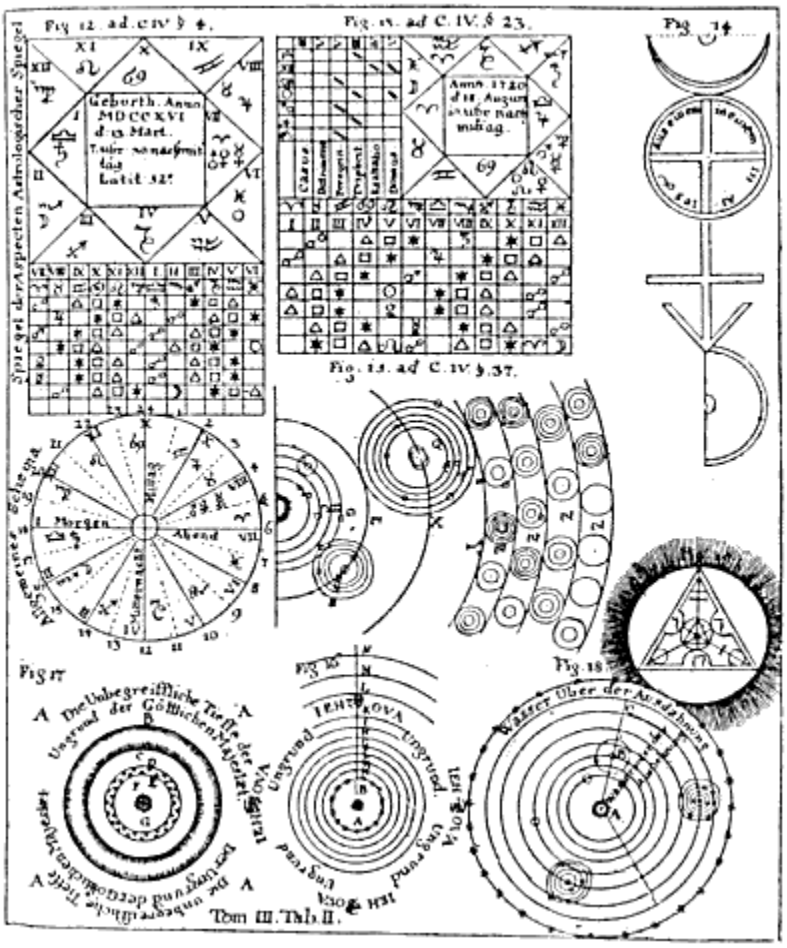


Tabela XII, Figuras 12-19

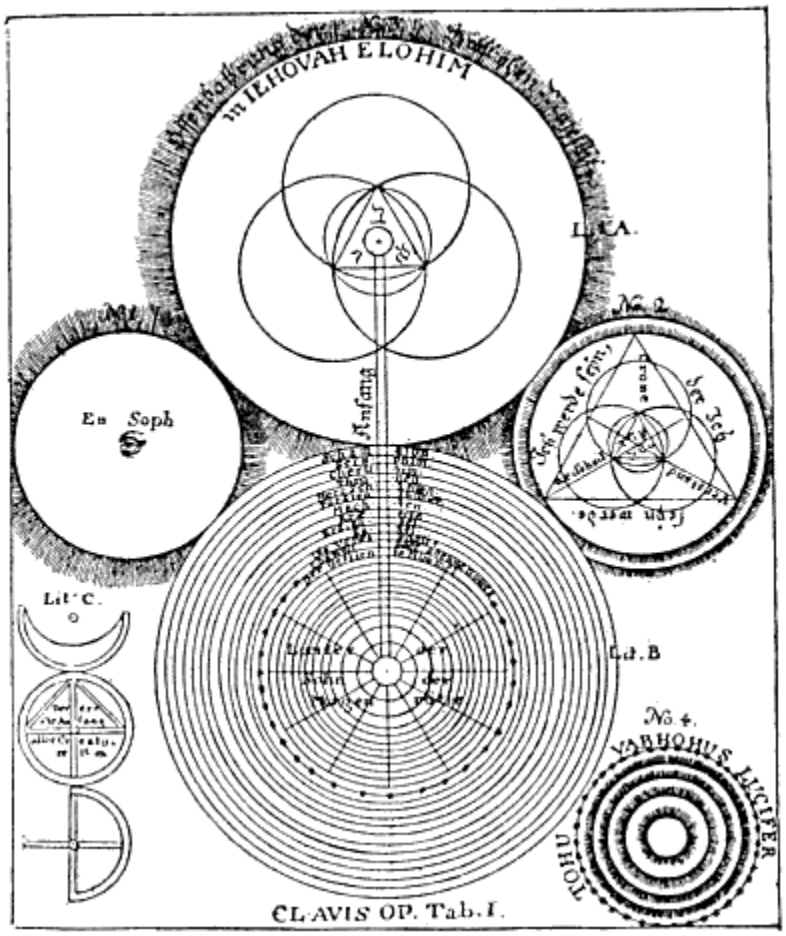
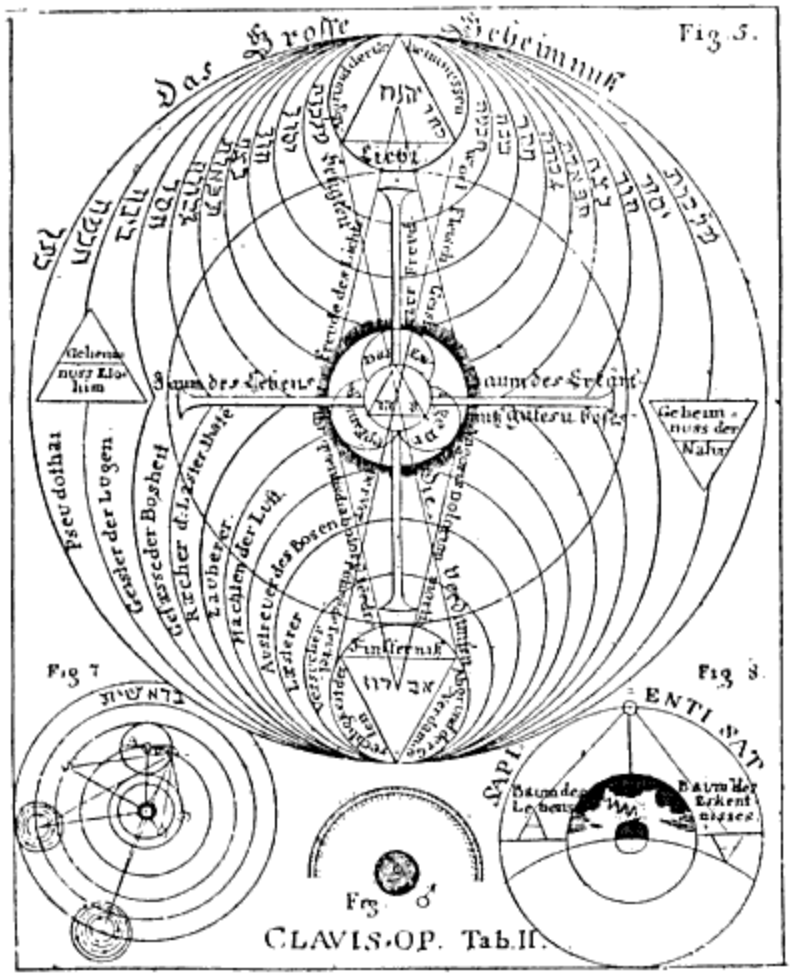
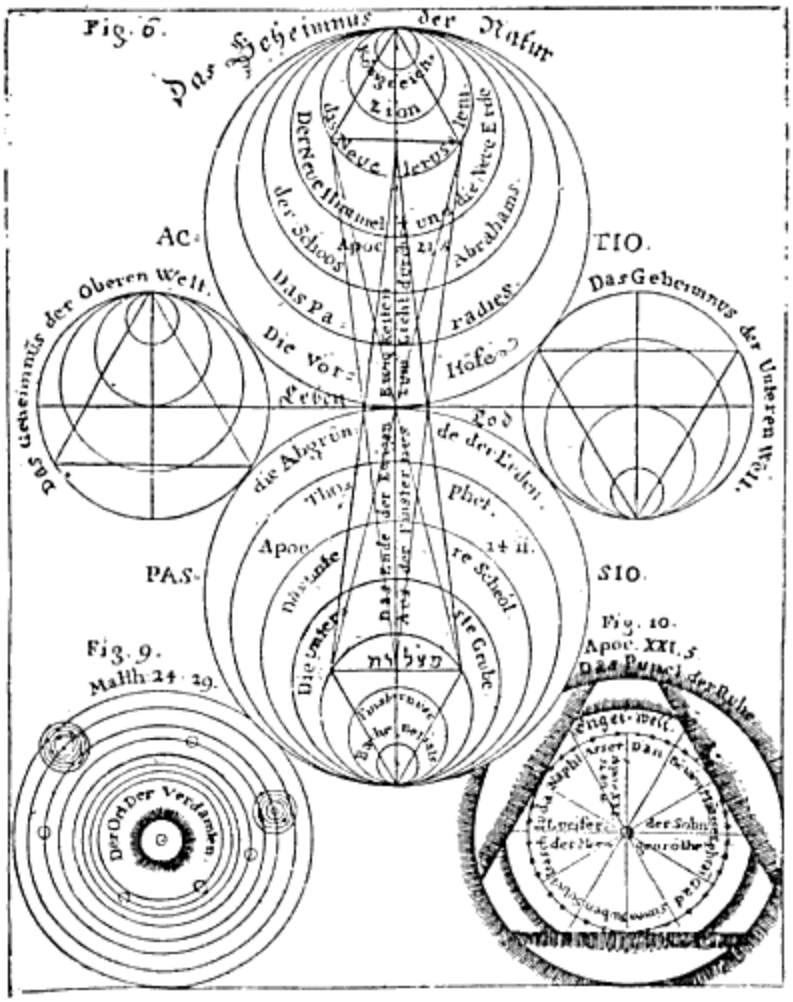


Tabela XIII, Figuras 1-4



a Tabela XIV, Figuras 5, 7 e 8



a Tabela XV, Figuras 6, 9 e 10

Alquimia e seus expoentes

A transmutação de metais básicos em ouro é possível? A ideia é uma da qual os eruditos do mundo moderno podem se dar ao luxo de zombar? A alquimia era mais do que uma arte especulativa: era também uma arte operativa. Desde a época do imortal Hermes, os alquimistas têm afirmado (e não sem evidências substanciais) que podiam fabricar ouro a partir de estanho, prata, chumbo e mercúrio. Que a galáxia de mentes filosóficas e científicas brilhantes que, ao longo de um período de dois mil anos, afirmaram a realidade da transmutação e multiplicação metálica, pudessem ser completamente sãs e racionais em todos os outros problemas da filosofia e da ciência, mas irremediavelmente enganadas neste ponto, é insustentável. Nem é razoável que as centenas que declaram ter visto e realizado transmutações de metais pudessem ser todas ingênuas, imbecis ou mentirosas.

Aqueles que assumem que todos os alquimistas eram de mentalidade doentia seriam forçados a colocar nessa categoria quase todos os filósofos e cientistas dos mundos antigo e medieval. Imperadores, príncipes, sacerdotes e cidadãos comuns testemunharam o aparente milagre da metamorfose metálica. Em face do testemunho existente, qualquer um tem o privilégio de permanecer não convencido, mas o escarnecedor escolhe ignorar evidências dignas de consideração respeitosa. Muitos grandes alquimistas e filósofos herméticos ocupam um nicho honrado no Hall da Fama, enquanto seus inúmeros críticos permanecem obscuros. Listar todos esses buscadores sinceros do grande arcano da Natureza é impossível, mas alguns serão suficientes para familiarizar o leitor com os tipos superiores de intelecto que se interessaram por esse assunto abstruso.

Entre os nomes mais proeminentes estão os de Thomas Norton, Isaac da Holanda, Basil Valentine (o suposto descobridor do antimônio), Jean de Meung, Roger Bacon, Albertus Magnus, Quercetanus Gerber (o árabe que trouxe o conhecimento da alquimia para a Europa por meio de seus escritos), Paracelsus, Nicholas Flarnmel, John Frederick Helvetius, Raymond Lully, Alexander Sethon, Michael Sendivogius, Conde Bernard de Treviso, Sir George Ripley, Picus de Mirandola, John Dee, Henry Khunrath, Michael Maier, Thomas Vaughan, JB von Helmont, John Heydon, Lascaris, Thomas Charnock, Synesius (Bispo de Ptolemais), Morieu, o Conde di Cagliostro e o Conde de St.-Germain. Há lendas no sentido de que o Rei Salomão e Pitágoras eram alquimistas e que o primeiro fabricou por meios alquímicos o ouro usado em seu templo.

Albert Pike toma partido dos filósofos alquímicos ao declarar que o ouro dos hermetistas era uma realidade. Ele diz: "A ciência hermética, como todas as ciências reais, é matematicamente demonstrável. Seus resultados, mesmo materiais, são tão rigorosos quanto os de uma equação correta. O ouro hermético não é apenas um dogma verdadeiro, uma luz sem sombra, uma verdade sem liga de falsidade; é também um ouro material, real, puro, o mais precioso que pode ser encontrado nas minas da terra." Tanto para o ângulo maçônico.

William e Mary ascenderam juntos ao trono da Inglaterra em 1689, época em que os alquimistas devem ter abundado no reino, pois durante o primeiro ano de seu reinado eles revogaram um Ato feito pelo Rei Henrique IV no qual aquele soberano declarou a multiplicação de metais como um crime contra a coroa. Na Coleção de Manuscritos Alquímicos do Dr. Sigismund Bacstrom há uma cópia manuscrita do Ato aprovado por William e Mary, copiado do Capítulo 30 dos Estatutos Gerais para o primeiro ano de seu reinado. O Ato diz o seguinte: "Um Ato para revogar o Estatuto feito no 5º ano do Rei Henrique IV, falecido rei da Inglaterra, [no qual] foi promulgado, entre outras coisas, nestas palavras, ou para este efeito, a saber: 'que ninguém doravante deve multiplicar Ouro ou Prata ou usar a arte da multiplicação, e se alguém fizer o mesmo, incorrerá na pena de crime.' E considerando que, desde a criação do referido estatuto, diversas pessoas, por meio de seus estudos, indústria e aprendizado, chegaram a grande habilidade e perfeição na arte de fundir e refinar metais, e de outra forma melhorá-los e multiplicá-los, bem como seus minérios, que abundam muito neste reino, e extrair ouro e prata dos mesmos, mas não ousam exercer sua dita habilidade dentro deste reino, por medo de cair sob a penalidade do referido estatuto, mas exercem a dita arte em partes estrangeiras,

para grande perda e detrimento deste reino: Seja, portanto, promulgado pelas excelentíssimas Majestades do Rei e da Rainha, por e com o conselho e consentimento dos Lordes espirituais e temporais e Comuns reunidos neste atual parlamento, que a partir de agora o supracitado ramo, artigo ou frase, contido no referido ato, e cada palavra, matéria e coisa contida no referido ramo ou frase, será revogado, anulado, revogado e para sempre tornado nulo, qualquer coisa no referido ato em contrário de qualquer maneira não obstante. Desde que sempre, e seja promulgado pela autoridade supracitada, que todo o ouro e prata que forem extraídos pela supracitada arte de fusão ou refino de metais, e de outra forma melhorando e multiplicando-os e seus minérios, como antes estabelecido, sejam doravante empregados para nenhum outro uso ou usos quaisquer, exceto para o aumento de dinheiro; e que o local aqui designado para a disposição deles será a casa da moeda de suas Majestades, dentro da Torre de Londres, onde eles receberão o valor total e verdadeiro de seu ouro e prata, assim obtidos, de tempos em tempos, de acordo com o ensaio e a finura deles, e assim por qualquer peso maior ou menor, e que nenhum desse metal de ouro e prata assim refinado e obtido seja permitido ser usado ou disposto em qualquer outro lugar ou lugares dentro dos domínios de suas Majestades." Depois que essa medida de revogação se tornou efetiva, William e Mary encorajaram o estudo mais aprofundado da alquimia.

O Dr. Franz Hartmann coletou evidências confiáveis sobre quatro diferentes: alquimistas que transmutaram metais básicos em ouro não uma, mas muitas vezes. Um desses relatos diz respeito a um monge da Ordem de Santo Agostinho chamado Wenzel Seiler, que descobriu uma pequena quantidade de pó vermelho misterioso em seu convento. Na presença do Imperador Leopoldo I, Rei da Alemanha, Hungria e Boêmia, ele transmutou quantidades de estanho em ouro. Entre outras coisas que ele mergulhou em sua misteriosa essência estava uma grande medalha de prata. A parte da medalha que entrou em contato com a substância produtora de ouro foi transmutada na qualidade mais pura do metal mais precioso. O resto permaneceu prata. Com relação a esta medalha, o Dr. Hartmann escreve:

"A prova mais indiscutível (se as aparências podem provar alguma coisa) da possibilidade de transmutar metais básicos em ouro pode ser vista por todos que visitam Viena; é uma medalha preservada na câmara do tesouro imperial, e é declarado que esta medalha, consistindo originalmente de prata, foi parcialmente transformada em ouro, por meios alquímicos, pelo mesmo Wenzel Seiler que mais tarde foi feito cavaleiro pelo Imperador Leopoldo I e recebeu o título de Wenzeslaus Ritter von Reinburg. "(No Pronaos do Templo da Sabedoria .)

Limitações de espaço impedem uma longa discussão sobre os alquimistas. Um breve esboço das vidas de quatro deve servir para mostrar os princípios gerais nos quais eles trabalharam, o método pelo qual eles obtiveram seu conhecimento e o uso que eles fizeram dele. Esses quatro foram Grandes Mestres dessa ciência secreta; e as histórias de

.

EFFIGIES PHILIPPI
THEOPHRASTI AB HO
HENHEIM: ÆTATIS SUÆ. XLVII.

PHILIPPUS
THEOPHRASTUS
BOMBAST
HOHENHEIMENSIS:
SVEVORVM.
ex Panægyris Nobilium
ARPINAS:
Confœderatorum Eremi
EREMITA:
PHILOSOPHUS
PARADOXUS.
MYSTERIARCHA
ARTIUM MAGISTER,
MEDICINARUM PROFESSOR,
Musarum Mechanicarum
TRISMEGISTVS.
GERMANUS.

PARACELSUS.

Dos Escritos Completos de Paracelso, de Hohenheim .

Em sua Biographia Antiqua , Francis Barrett acrescenta ao nome de Paracelso os seguintes títulos de distinção: "O Príncipe dos Médicos e Filósofos pelo Fogo; Grande Médico Paradoxal; O Trismegisto da Suíça; Primeiro Reformador da Filosofia Química; Adepto da Alquimia, Cabala e Magia; Secretário Fiel da Natureza; Mestre do Elixir da Vida e da Pedra Filosofal" e o "Grande Monarca dos Segredos Químicos".

suas andanças e esforços, registrados por suas próprias penas e por discípulos contemporâneos da arte hermética, são tão fascinantes quanto qualquer romance de ficção.

PARACELSUS DE HOHENHEIM

O mais famoso dos filósofos alquímicos e herméticos foi Philippus Aureolus Theophrastus Bombastus von Hohenheim. Este homem, que se autodenominava Paracelso, declarou que um dia todos os médicos da Europa se afastariam das outras escolas e, seguindo-o, o reverenciariam acima de todos os outros médicos. A data aceita do nascimento de Paracelso é 17 de dezembro de 1493. Ele era filho único. Tanto seu pai quanto sua mãe se interessavam por medicina e química. Seu pai era médico e sua mãe, superintendente de um hospital. Ainda jovem, Paracelso se interessou muito pelos escritos de Isaac da Holanda e decidiu reformar a ciência médica de sua época.

Aos vinte anos, ele começou uma série de viagens que continuaram por cerca de doze anos. Ele visitou muitos países europeus, incluindo a Rússia. É possível que ele tenha penetrado na Ásia. Foi em Constantinopla que o grande segredo das artes herméticas foi concedido a ele por adeptos árabes. Seu conhecimento dos espíritos da Natureza e dos habitantes dos mundos invisíveis ele provavelmente obteve dos brâmanes da Índia, com quem ele entrou em contato diretamente ou por meio de seus discípulos. Ele se tornou um médico do exército, e sua compreensão e habilidade lhe trouxeram grande sucesso.

Ao retornar à Alemanha, ele começou sua tão sonhada reforma das artes e ciências médicas. Ele foi combatido por todos os lados e criticado impiedosamente. Seu temperamento violento e personalidade tremendamente forte sem dúvida precipitaram muitas tempestades sobre sua cabeça que poderiam ter sido evitadas se ele tivesse uma disposição menos cáustica. Ele esfolou os boticários, afirmando que eles não usavam os ingredientes adequados em suas prescrições e não consideravam as necessidades de seus pacientes, desejando apenas cobrar taxas exorbitantes por suas misturas.

As curas notáveis que Paracelso efetuou só fizeram seus inimigos o odiarem mais amargamente, pois eles não conseguiam duplicar os milagres aparentes que ele fazia. Ele não apenas tratou as doenças mais comuns de sua época, mas é dito que realmente curou lepra, cólera e câncer. Seus amigos alegaram que ele praticamente ressuscitou os mortos. Seus sistemas de cura eram tão heterodoxos, no entanto, que lenta mas seguramente seus inimigos o dominaram e repetidamente o forçaram a deixar os campos de seus trabalhos e buscar refúgio onde ele não era conhecido.

Há muita controvérsia sobre a personalidade de Paracelso. Que ele tinha uma disposição irascível, não há dúvida. Sua proibição para médicos e mulheres equivalia a uma mania; para elas, ele não tinha nada além de abuso. Até onde se pode saber, nunca houve um caso de amor em sua vida. Sua aparência peculiar e sistema de vida imoderado sempre foram usados contra ele por seus adversários.

Acredita-se que suas anormalidades físicas podem ter sido responsáveis por grande parte da amargura contra a sociedade que ele carregou consigo durante toda a sua vida intolerante e tempestuosa.

Sua suposta intemperança lhe trouxe ainda mais perseguição, pois foi afirmado que mesmo durante o tempo de sua cátedra na Universidade de Basileia ele raramente estava sóbrio. Tal acusação é difícil de entender em vista da maravilhosa clareza mental pela qual ele era conhecido em todos os momentos. A vasta quantidade de escritos que ele realizou (a Edição de Estrasburgo de suas obras coletadas está em três grandes volumes, cada um contendo várias centenas de páginas) é uma contradição monumental dos contos sobre seu uso excessivo de alcoólatras.

Sem dúvida, muitos dos vícios dos quais ele é acusado foram meras invenções de seus inimigos, que, não satisfeitos em contratar assassinos para assassiná-lo, buscaram manchar sua memória depois que eles vingativamente acabaram com sua vida. A maneira como Paracelso encontrou sua morte é incerta, mas: o relato mais confiável é que ele morreu como resultado indireto de uma briga com vários assassinos que foram contratados por alguns de seus inimigos profissionais para acabar com aquele que havia exposto sua trapaça.

Poucos manuscritos sobreviveram da caligrafia de Paracelso, pois ele ditou a maioria de suas obras aos seus discípulos, que as escreveram. O professor John Maxson Stillman, da Universidade de Stanford, presta a seguinte homenagem à sua memória: "Seja qual for o julgamento final quanto à importância relativa de Paracelso na construção da ciência e prática médica, deve-se reconhecer que ele iniciou sua carreira em Basileia com o zelo e a autoconfiança de alguém que se acreditava inspirado por uma grande verdade e destinado a efetuar um grande avanço na ciência e prática da medicina. Por natureza, ele era um observador atento e de mente aberta de tudo o que estava sob sua observação, embora provavelmente também não fosse um analista muito crítico dos fenômenos observados. Ele era evidentemente um pensador excepcionalmente autoconfiante e independente, embora o grau de originalidade em seu pensamento possa ser uma questão de diferenças legítimas de opinião. Certamente, uma vez tendo, por qualquer combinação de influências, decidido a rejeitar a sacralidade da autoridade de Aristóteles, Galeno e Avicena, e tendo encontrado o que para sua mente era um substituto satisfatório para os dogmas antigos em sua própria modificação da filosofia neoplatônica, ele não hesitou em queimar seus navios atrás dele.

"Tendo se libertado do galenismo dominante de seu tempo, ele determinou pregar e ensinar que a base da ciência médica do futuro deveria ser o estudo da natureza, a observação do paciente, o experimento e a experiência, e não os dogmas infalíveis de autores mortos há muito tempo. Sem dúvida, no orgulho e na autoconfiança de seu entusiasmo juvenil, ele não estimou corretamente a tremenda força do conservadorismo contra a qual dirigiu seus ataques. Se assim foi, sua experiência em Basiléia certamente o decepcionou. Daquele momento em diante, ele seria um andarilho novamente, às vezes em grande pobreza, às vezes em conforto moderado, mas manifestamente desiludido quanto ao sucesso imediato de sua campanha, embora nunca em dúvida quanto ao seu sucesso final - pois, para sua mente, suas novas teorias e práticas da medicina estavam em harmonia com as

forças da natureza, que eram a expressão da vontade de Deus, e eventualmente elas deveriam prevalecer."

Este homem estranho, sua natureza uma massa de contradições, seu gênio estupendo brilhando como uma estrela através da escuridão filosófica e científica da Europa medieval, lutando contra o ciúme de seus colegas, bem como contra a irascibilidade de sua própria natureza, lutou pelo bem de muitos contra a dominação de poucos. Ele foi o primeiro homem a escrever livros científicos na linguagem das pessoas comuns para que todos pudessem lê-los.

Mesmo na morte, Paracelso não encontrou descanso. Repetidamente seus ossos foram desenterrados e enterrados novamente em outro lugar. A laje de mármore sobre seu túmulo traz a seguinte inscrição: " Aqui jaz enterrado Filipe Teofrasto, o famoso Doutor em Medicina que curou Feridas, Lepra, Gota, Hidropisia e outras Doenças incuráveis do Corpo, com Conhecimento maravilhoso e deu seus Bens para serem divididos e distribuídos aos Pobres. No Ano de 1541, no dia 24 de setembro, ele trocou a Vida pela Morte. À Paz Viva, ao Descanso Eterno Sepulcrado ."

AM Stoddart, em sua Vida de Paracelso , dá um testemunho notável do amor que as massas tinham pelo grande médico. Referindo-se ao seu túmulo, ela escreve: "Até hoje os pobres rezam lá. A memória de Hohenheim 'floresceu na poeira' para a santidade, pois os pobres o canonizaram. Quando a cólera ameaçou Salzburgo em 1830, o povo fez uma peregrinação ao seu monumento e orou para que ele a afastasse de suas casas. O temido flagelo passou longe deles e se alastrou pela Alemanha e pelo resto da Áustria."

ALBERTUS MAGNUS.

Do Vitae Illustrium Virorum de Jovius .

Albert de Groot nasceu por volta de 1206 e morreu aos 74 anos. Dizem que ele era "magnus in magia, major in philosophia, maximus in theologia". Ele era um membro da ordem dominicana e o mentor de São Tomás de Aquino em alquimia e filosofia. Entre outras posições de dignidade ocupadas por Albertus Magnus estava a de Bispo de Regensburg. Ele foi beatificado em 1622. Albertus foi um filósofo aristotélico, um astrólogo e um profundo estudante de medicina e física. Durante sua juventude, ele foi considerado de mentalidade deficiente, mas seu serviço e devoção foram recompensados por uma visão na qual a Virgem Maria apareceu a ele e lhe concedeu grandes poderes filosóficos e intelectuais. Tendo se tornado mestre das ciências mágicas, Albertus começou a construção de um curioso autômato, que ele investiu com os poderes da fala e do pensamento. O Androide , como era chamado, era composto de metais e substâncias desconhecidas escolhidas de acordo com as estrelas e dotadas de qualidades espirituais por fórmulas mágicas e invocações, e o trabalho sobre ele consumiu mais de trinta anos. São Tomás de Aquino, pensando que o dispositivo era um mecanismo diabólico, destruiu-o, frustrando assim o trabalho de uma vida inteira. Apesar desse ato, Albertus Magnus deixou para São Tomás de Aquino suas fórmulas alquímicas, incluindo (de acordo com a lenda) o segredo da Pedra Filosofal.

Em uma ocasião, Albertus Magnus convidou William II, Conde da Holanda e Rei dos Romanos, para uma festa no jardim no meio do inverno. O chão estava coberto de neve, mas Albertus, havia preparado um suntuoso banquete no terreno aberto de seu mosteiro em Colônia. Os convidados ficaram surpresos com a imprudência do filósofo, mas quando se sentaram para comer, Albertus proferiu algumas palavras, a neve desapareceu, o jardim estava cheio de flores e pássaros cantando, e o ar estava quente com as brisas do verão. Assim que a festa acabou, a neve retornou, para o espanto dos nobres reunidos. (Para detalhes, veja The Lives of Alchemystical Philosophers.)

[parágrafo continua] Supunha-se que um dos primeiros professores de Paracelso era um misterioso alquimista que se chamava Solomon Trismosin. Sobre essa pessoa, nada se sabe, exceto que, após alguns anos de peregrinação, ele garantiu a fórmula da transmutação e alegou ter feito grandes quantidades de ouro. Um manuscrito lindamente iluminado desse autor, datado de 1582 e chamado Splendor Solis, está no Museu Britânico. Trismosin alegou ter vivido até a idade de 150 anos como resultado de seu conhecimento de alquimia. Uma declaração muito significativa aparece em suas Alchemical Wanderings, cuja obra supostamente narra sua busca pelo Scone do Filósofo: "Estude o que você é, do que você é uma parte, o que você sabe dessa arte, isso é realmente o que você é. Tudo o que está fora de você também está dentro, assim escreveu Trismosin."

RAYMOND LULLY

O mais famoso de todos os alquimistas espanhóis nasceu por volta do ano de 1235. Seu pai era senescal de Jaime I de Aragão, e o jovem Raymond foi criado na corte cercado pelas tentações e libertinagem abundantes em tais lugares. Mais tarde, ele foi nomeado para a posição que seu pai havia ocupado. Um casamento rico garantiu a posição financeira de Raymond, e ele viveu a vida de um grande.

Uma das mulheres mais bonitas da corte de Aragão era Donna Ambrosia Eleanora Di Castello, cuja virtude e beleza lhe trouxeram grande renome. Ela era casada na época e não ficou particularmente satisfeita ao descobrir que o jovem Lully estava rapidamente desenvolvendo uma paixão por ela. Onde quer que ela fosse, Raymond a seguia e, por fim, por um incidente trivial, ele escreveu alguns versos muito amorosos para ela, que produziram um efeito bem diferente do que ele esperava. Ele recebeu uma mensagem convidando-o a visitar a dama. Ele respondeu com entusiasmo. Ela lhe disse que era justo que ele contemplasse mais da beleza sobre a qual ele escreveu poemas tão atraentes e, afastando parte de suas vestes, revelou que um lado de seu corpo estava quase comido por um câncer. Raymond nunca se recuperou do choque. Isso mudou todo o curso de sua vida. Ele renunciou às frivolidades da corte e se tornou um recluso.

Algum tempo depois, enquanto fazia penitência por seus pecados mundanos, uma visão lhe apareceu na qual Cristo lhe disse para seguir na direção em que Ele deveria liderar. Mais tarde, a visão se repetiu. Não hesitando mais, Raymond dividiu sua propriedade entre sua família e se retirou para uma cabana na encosta de uma colina, onde se dedicou ao estudo do árabe, para que pudesse ir e converter os infiéis. Depois de seis anos neste retiro, ele partiu com um servo muçulmano, que, quando soube que Raymond estava prestes a atacar a fé de seu povo, enterrou sua faca nas costas de seu mestre. Raymond se recusou a permitir que seu suposto assassino fosse executado, mas depois o homem se estrangulou na prisão.

Quando Raymond recuperou a saúde, ele se tornou um professor de língua árabe para aqueles que pretendiam viajar para a Terra Santa. Foi enquanto estava tão envolvido que ele entrou em contato: com Arnold de Villa Nova, que lhe ensinou os princípios da alquimia. Como resultado desse treinamento, Raymond aprendeu o segredo da transmutação e multiplicação de metais. Sua vida de peregrinação continuou, e durante o curso dela ele chegou a Túnis, onde começou a debater com os professores muçulmanos, e quase perdeu a vida como resultado de seus ataques fanáticos à religião deles. Ele foi ordenado a deixar o país e nunca mais retornar sob pena de morte. Apesar de suas ameaças, ele fez uma segunda visita a Túnis, mas os habitantes, em vez de matá-lo, apenas o deportaram para a Itália.

Um artigo não assinado publicado na Household Words, nº 273, uma revista dirigida por Charles Dickens, lança luz considerável sobre a habilidade alquímica de Lully. "Enquanto estava em Viena, ele [Lully] recebeu cartas lisonjeiras de Eduardo II, Rei da Inglaterra, e de Robert Bruce, Rei da Escócia, pedindo-lhe que os visitasse. Ele também havia, no curso de suas viagens, conhecido John Cremer, Abade de Westminster, com quem formou uma forte amizade; e foi mais para agradá-lo do que ao rei, que Raymond consentiu em ir para a Inglaterra. [Um tratado de John Cremer aparece no Museu Hermético, mas não há registro nos anais de Westminster de alguém com esse nome.] Cremer tinha um desejo intenso de aprender o último grande segredo da alquimia - fazer o pó da transmutação - e Raymond, com toda sua amizade, nunca o revelou. Cremer, no entanto, começou a trabalhar com muita astúcia; ele não demorou muito para descobrir o objeto que estava mais próximo do coração de Raymond - a conversão dos infiéis. Ele contou ao rei histórias maravilhosas sobre o ouro que Lully tinha a arte de fazer; e ele

trabalhou com Raymond na esperança de que o Rei Edward fosse facilmente induzido a levantar uma cruzada contra os maometanos, se tivesse os meios.

"Raymond apelou tantas vezes a papas e reis que perdeu toda a fé neles; no entanto, como última esperança, acompanhou seu amigo Cremer à Inglaterra. Cremer o hospedou em sua abadia, tratando-o com distinção; e lá Lully finalmente o instruiu sobre o pó, o segredo que Cremer há tanto tempo desejava saber. Quando o pó foi aperfeiçoado, Cremer o apresentou ao rei, que o recebeu como um homem pode receber alguém que poderia lhe dar riquezas ilimitadas. Raymond fez apenas uma condição; que o ouro que ele fez não deveria ser gasto nos luxos da corte ou em uma guerra com qualquer rei cristão; e que o próprio Edward deveria ir pessoalmente com um exército contra os infiéis. Edward prometeu tudo e qualquer coisa.

"Raymond tinha apartamentos designados a ele na Torre, e lá ele nos conta que transmutou cinquenta mil libras de mercúrio, chumbo e estanho em ouro puro, que foi cunhado na casa da moeda em seis milhões de nobres, cada um valendo cerca de três libras esterlinas nos dias atuais. Algumas das peças que se diz terem sido cunhadas com esse ouro ainda podem ser encontradas em coleções de antiquários. [Embora tentativas desesperadas tenham sido feitas para refutar essas declarações, as evidências ainda estão divididas igualmente.] Para Robert Bruce, ele enviou um pequeno trabalho intitulado Of the Art of Transmuting Metals . O Dr. Edmund Dickenson relata que quando o claustro que Raymond ocupava em Westminster foi removido, os trabalhadores encontraram um pouco do pó, com o qual se enriqueceram.

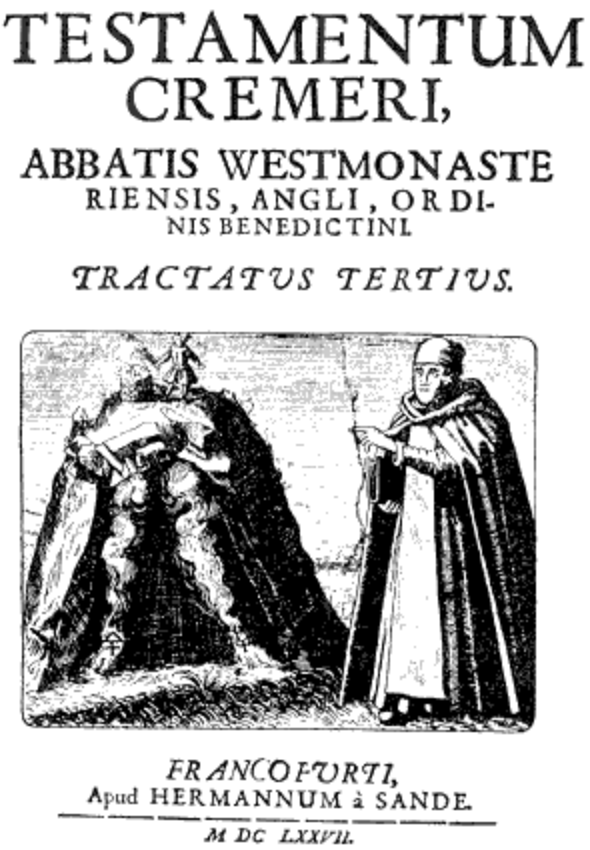
"Durante a residência de Lully na Inglaterra, ele se tornou amigo de Roger Bacon. Nada, é claro, poderia estar mais longe dos pensamentos do Rei Edward do que ir em uma cruzada. Os aposentos de Raymond na Torre eram apenas uma prisão honrosa; e ele logo percebeu como as coisas estavam. Ele declarou que Edward não encontraria nada além de infortúnio e miséria por sua quebra de fé. Ele escapou da Inglaterra em 1315 e partiu mais uma vez para pregar aos infiéis. Ele era agora um homem muito velho, e nenhum de seus amigos poderia esperar ver seu rosto novamente.

"Ele foi primeiro para o Egito, depois para Jerusalém, e dali para Túnis uma terceira vez. Lá ele finalmente encontrou o martírio que tantas vezes enfrentou. O povo caiu sobre ele e o apedrejou. Alguns mercadores genoveses levaram seu corpo, no qual discerniram alguns sinais fracos de vida. Eles o carregaram a bordo de seu navio; mas, embora ele tenha demorado um pouco, ele morreu quando eles chegaram à vista de Maiorca, no dia 28 de junho de 1315, aos oitenta e um anos. Ele foi enterrado com grande honra na capela de sua família em St. Ulma, o vice-rei e toda a nobreza principal presentes."

NICOLAU FLAMMEL

Na última parte do século XIV, vivia em Paris alguém cujo negócio era o de iluminar manuscritos e preparar escrituras e documentos. O mundo deve a Nicholas Flammel seu conhecimento de um volume extraordinário, que ele comprou por uma quantia

irrisória de um livreiro com quem sua profissão de escrivão o colocou em contato. A história deste curioso documento, chamado Livro de Abraão, o Judeu, é melhor narrada


TESTAMENTUM
CREMERI,
ABBATIS WESTMONASTE
RIENSIS, ANGLI, ORDI-
NIS BENEDICTINI
TRACTATUS TERTIUS.
FRANCOFURTI,
Apud HERMANNUM à SANDE.
M DC LXXVII.

a PÁGINA DE TÍTULO DO TRATO ALQUÍMICO ATRIBUÍDO A JOHN CREMER.

Extraído do Musæum Hermeticum Reformatum et Amplificatum .

John Cremer, o mítico abade de Westminster, é uma personalidade interessante no imbróglio alquímico do século XIV. Como não é razoavelmente certo que um abade com tal nome tenha ocupado a Sé de Westminster, a questão surge naturalmente: "Quem era a pessoa que escondia sua identidade sob o pseudônimo de John Cremer?" Personagens fictícios como John Cremer ilustram duas práticas importantes de alquimistas medievais: (1) muitas pessoas de alta posição política ou religiosa estavam secretamente envolvidas em pesquisas químicas herméticas, mas, temendo perseguição e ridículo, publicavam suas descobertas sob vários pseudônimos; (2) por milhares de anos, foi prática daqueles iniciados que possuíam a verdadeira chave para o grande arcano hermético perpetuar sua sabedoria criando pessoas imaginárias, envolvendo-as em episódios da história contemporânea e, assim, estabelecendo esses seres como membros proeminentes da sociedade - em alguns casos, até mesmo fabricando genealogias completas para atingir esse fim. Os nomes pelos quais esses personagens fictícios eram conhecidos

não revelavam nada aos uniformizados. Para os iniciados, no entanto, eles significavam que a personalidade à qual eram designados não tinha outra existência senão uma simbólica. Esses cronistas iniciados ocultavam cuidadosamente seu arcano nas vidas, pensamentos, palavras e atos atribuídos a essas pessoas imaginárias e, assim, transmitiam com segurança através dos tempos os segredos mais profundos do ocultismo como escritos que, para os não-conversadores, nada mais eram do que biografias.

em suas próprias palavras, conforme preservadas em suas Figuras Hieroglíficas : "Enquanto, portanto, eu, Nicholas Flammel, Notário, após a morte de meus pais, ganhava a vida com nossa arte de escrever, fazendo inventários, elaborando contas e somando as despesas de tutores e alunos, caiu em minhas mãos, pela soma de dois florins, um livro dourado, muito antigo e grande. Não era de papel, nem de pergaminho, como outros livros, mas era feito apenas de cascas delicadas (como me pareceu) de tenras árvores jovens. A capa era de latão, bem encadernada, toda gravada com letras ou figuras estranhas; e, de minha parte, acho que bem poderiam ser caracteres gregos ou algo parecido com uma língua antiga. Claro que sou. Eu não conseguia lê-los e sei bem que não eram notas nem letras do latim nem da Gália, pois deles entendemos um pouco.

"Quanto ao que havia dentro dele, as folhas de casca ou casca, foram gravadas e com admirável diligência escritas, com uma ponta de ferro, em belas e elegantes letras latinas coloridas. Continha três vezes sete folhas, pois assim eram contadas no topo das folhas, e sempre a cada sétima folha havia pintada uma virgem e uma serpente engolindo-a. Na segunda sétima, uma cruz onde uma serpente era crucificada; e na última sétima, havia desertos pintados, ou ermos, no meio dos quais corriam muitas fontes belas, de onde saíam várias serpentes, que subiam e desciam aqui e ali. Na primeira das folhas, estava escrito em grandes letras maiúsculas de ouro, Abraão, o judeu, príncipe, sacerdote, levita, astrólogo e filósofo, à nação dos judeus, pela ira de Deus dispersa entre os gauleses, envia saúde . Depois disso, foi preenchido com grandes execrações e maldições (com esta palavra Maranatha , que era frequentemente repetida lá) contra qualquer pessoa que lançasse os olhos sobre ela, se não fosse Sacrificador ou Escriba.

"Aquele que me vendeu este livro não sabia quanto ele valia nem mais do que eu quando o comprei; acredito que ele havia sido roubado ou tirado dos miseráveis judeus, ou encontrado em alguma parte do antigo local de sua morada. Dentro do livro, na segunda folha, ele confortava sua nação, aconselhando-os a fugir dos vícios e, acima de tudo, da idolatria, atendendo com doce paciência à vinda do Messias, que venceria todos os reis da terra e reinaria com Seu povo em glória eternamente. Sem dúvida, este havia sido um homem muito sábio e compreensivo.

"Na terceira folha, e em todos os outros escritos que se seguiram, para ajudar sua nação cativa a pagar seus tributos aos imperadores romanos, e a fazer outras coisas, das quais não falarei, ele os ensinou em palavras comuns a transmutação de metais; ele pintou os vasos nas laterais, e os anunciou sobre as cores, e sobre todo o resto, exceto o primeiro agente, do qual ele não falou uma palavra, mas

somente (como ele disse) na quarta e quinta folhas inteiras ele o pintou, e o figurou com grande astúcia e habilidade: pois embora fosse bem e inteligivelmente figurado e pintado, nenhum homem poderia ter sido capaz de entendê-lo, sem ser bem habilidoso em sua Cabala, que segue a tradição, e sem ter estudado bem seus livros.

"A quarta e quinta folhas, portanto, estavam sem nenhuma escrita, todas cheias de belas figuras iluminadas, ou como se fossem iluminadas, pois o trabalho era muito requintado. Primeiro ele pintou um jovem com asas nos tornozelos, tendo em sua mão uma vara de Caduceu, retorcida com duas serpentes, com a qual ele golpeou um capacete que cobria sua cabeça. Ele parecia, para meu pequeno julgamento, ser o Deus Mercúrio dos pagãos: contra ele veio correndo e voando com asas abertas, um grande velho, que em sua cabeça tinha uma ampulheta presa, e em sua mão um livro (ou syrhe) como a morte, com o qual, de maneira terrível e furiosa, ele teria cortado os pés de Mercúrio. Do outro lado da quarta folha, ele pintou uma bela flor no topo de uma montanha muito alta que foi fortemente abalada pelo vento Norte; tinha o pé azul, as flores brancas e vermelhas, as folhas brilhando como ouro fino: e ao redor dela os dragões e grifos do Norte fizeram seus ninhos e moradas.

"Na quinta folha havia uma bela roseira florida no meio de um doce jardim, subindo contra um carvalho oco; ao pé da qual fervia uma fonte de água muito branca, que corria de cabeça para baixo nas profundezas, apesar de ter passado primeiro pelas mãos de pessoas infinitas, que cavavam na terra em busca dela; mas como eram cegos, nenhum deles sabia, exceto aqui e ali um que considerava o peso. No último lado da quinta folha havia um rei com um grande fauchion, que fez ser morto em sua presença por alguns soldados uma grande multidão de crianças pequenas, cujas mães choravam aos pés dos soldados impiedosos: o sangue dessas crianças foi depois recolhido por outros soldados e colocado em um grande recipiente, onde o sol e a lua vinham se banhar.

"E porque essa história representava a maior parte daquela dos inocentes mortos por Herodes, e que neste livro eu aprendi a maior parte da arte, essa foi uma das causas pelas quais eu coloquei no cemitério deles esses Símbolos Hieroglíficos dessa ciência secreta. E assim você vê o que estava nas primeiras cinco folhas.

"Não vos representarei o que foi escrito em bom e inteligível latim em todas as outras folhas escritas, pois Deus me puniria, porque eu cometeria uma maldade maior do que aquele que (como é dito) desejou que todos os homens do mundo tivessem apenas uma cabeça para que ele pudesse cortá-la com um golpe. Tendo comigo, portanto, este belo livro, não fiz mais nada, dia ou noite, senão estudá-lo, entendendo muito bem todas as operações que ele mostrava, mas não sabendo com que assunto começar, o que me deixou muito pesado e solitário, e me fez suspirar muito. Minha esposa Perrenella, a quem eu amava como a mim mesmo, e com quem havia me casado recentemente, ficou muito surpresa com isso, confortando-me e exigindo sinceramente se ela poderia de alguma forma me livrar deste problema. Eu não consegui segurar minha língua, mas contei tudo a ela e mostrei este belo livro, do qual, no mesmo instante em que o viu, ela se apaixonou tanto quanto eu, tendo extremo prazer em contemplar a bela capa, gravuras,

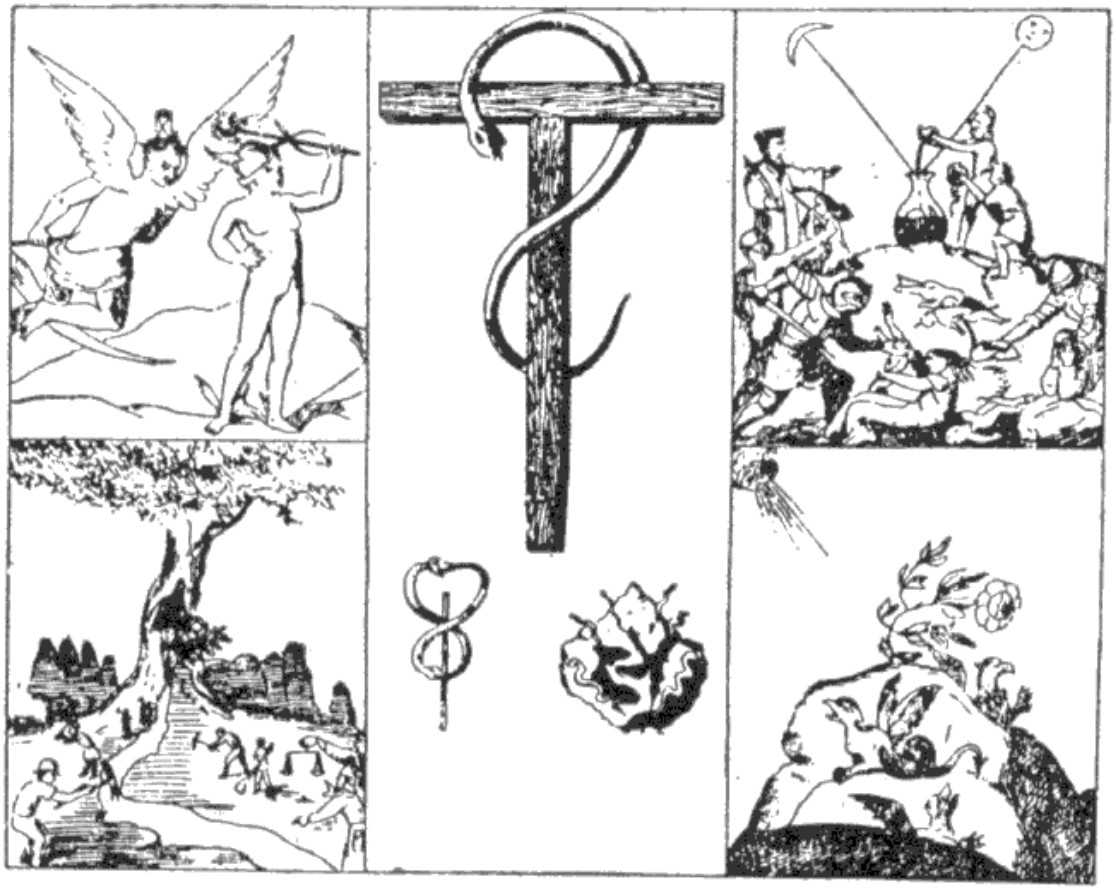
imagens e retratos, dos quais ela não entendia nada, nem eu; ainda assim, era um grande conforto para mim conversar com ela e me entreter pensando no que deveríamos fazer para obter a interpretação deles."

Nicholas Flammel passou muitos anos estudando o livro misterioso. Ele até pintou as imagens dele em todas as paredes de sua casa e fez inúmeras cópias que mostrou aos homens cultos com quem entrou em contato, mas ninguém conseguiu explicar seu significado secreto. Por fim, ele decidiu sair em busca de um adepto, ou homem sábio, e depois de muitas andanças, ele conheceu um médico — chamado Mestre Canches — que imediatamente se interessou pelos diagramas e pediu para ver o livro original. Eles partiram juntos para Paris, e ou, da maneira como o médico adepto explicou muitos dos princípios dos hieróglifos para Flammel, mas antes que chegassem ao fim de sua jornada, Mestre Canches adoeceu e morreu. Flammel o enterrou em Orleans, mas tendo meditado profundamente sobre as informações que havia obtido durante seu breve conhecimento, ele foi capaz, com a ajuda de sua esposa, de descobrir a fórmula para transmutar metais básicos em ouro. Ele realizou o experimento diversas vezes com perfeito sucesso e, antes de sua morte, fez com que várias figuras hieroglíficas fossem pintadas em um arco do cemitério de St. Innocent, em Paris, onde ele escondeu a fórmula inteira, conforme lhe havia sido revelada no Livro de Abraão, o Judeu .

CONDE BERNARDO DE TREVISO

De todos aqueles que buscavam o Elixir da Vida e o Scone Filosofal, poucos passaram pela cadeia de decepções que afligiu o Conde Bernardo de Treviso, que nasceu em Pádua em 1406 e morreu em 1490. Sua busca pela Pedra Filosofal e o segredo da transmutação de metais começou quando ele tinha apenas quatorze anos de idade. Ele gastou não apenas uma vida, mas também uma fortuna em sua busca. O Conde Bernard foi de um alquimista e filósofo para outro, cada um dos quais desdobrou algum teorema favorito que ele aceitou avidamente e experimentou, mas sempre sem o resultado desejado. Sua família acreditava que ele era louco e declarou que ele estava desonrando sua casa com seus experimentos, que estavam rapidamente reduzindo-o a um estado de penúria. Ele viajou por muitos países, esperando que em lugares distantes ele encontrasse homens sábios capazes de ajudá-lo. Por fim, quando ele estava se aproximando de seu septuagésimo sexto ano, ele foi recompensado com sucesso. Os grandes segredos do Elixir da Vida, da Pedra Filosofal e da transmutação de metais foram revelados a ele. Ele escreveu um pequeno livro descrevendo os resultados de seus trabalhos e, embora tenha vivido apenas alguns anos para aproveitar os frutos de sua descoberta, ele estava completamente satisfeito de que o tesouro que havia encontrado valia a vida inteira gasta em sua busca. Um exemplo da indústria e perseverança demonstradas por ele pode ser encontrado em um dos processos que algum pretendente tolo o persuadiu a tentar e que resultou em ele passar vinte anos calcinando cascas de ovos e quase um período igual destilando álcool e outras substâncias. Na história da pesquisa alquímica, nunca houve um discípulo mais paciente e perseverante do Grande Arcano.

Bernard declarou que o processo de dissolução, realizado não com fogo, mas com mercúrio, era o segredo supremo da alquimia,



OS SÍMBOLOS DE ABRAÃO, O JUDEU.

Das Figuras Hieroglíficas de Flammel .

Robert H. Fryar, em uma nota de rodapé à sua reimpressão das Figuras Hieroglíficas de Nicholas Flammel, diz: "Uma coisa que parece provar a realidade desta história sem sombra de dúvida é que este mesmo livro de Abraão, o Judeu, com as anotações de 'Flammel', que escreveu a partir das instruções que recebeu deste médico, estava na verdade nas mãos do Cardeal Richelieu, como Borel foi informado pelo Conde de Cabrines, que o viu e examinou."

A Teoria e a Prática da Alquimia

Parte Um

ALQUIMIA, a arte secreta da terra de Khem, é uma das duas ciências mais antigas conhecidas no mundo. A outra é a astrologia. Os primórdios de ambas remontam à obscuridade dos tempos pré-históricos. De acordo com os primeiros registros existentes, a alquimia e a astrologia eram consideradas divinamente reveladas ao

homem para que, com sua ajuda, ele pudesse recuperar seu estado perdido. De acordo com antigas lendas preservadas pelos rabinos, o anjo no portão do Éden instruiu Adão nos mistérios da Cabala e da alquimia, prometendo que quando a raça humana tivesse dominado completamente a sabedoria secreta oculta nessas artes inspiradas, a maldição do fruto proibido seria removida e o homem poderia novamente entrar no Jardim do Senhor. Assim como o homem tomou sobre si "casacos de peles" (corpos físicos) no momento de sua queda, essas ciências sagradas foram trazidas por ele para os mundos inferiores encarnados em veículos densos, através dos quais suas naturezas transcendentais espirituais não podiam mais se manifestar. Portanto, eles foram considerados mortos ou perdidos.

O corpo terrestre da alquimia é a química, pois os químicos não percebem que metade do Livro da Torá está para sempre escondida atrás do véu de Ísis (veja o Tarô), e que enquanto eles estudam apenas elementos materiais eles podem, na melhor das hipóteses, descobrir apenas metade do mistério. A astrologia se cristalizou na astronomia, cujos devotos ridicularizam os sonhos de antigos videntes e sábios, ridicularizando seus símbolos como produtos sem sentido da superstição. No entanto, a intelligentsia do mundo moderno nunca pode passar por trás do véu que divide o visível do invisível, exceto da maneira designada - os Mistérios .

O que é vida ? O que é inteligência ? O que é força ? Esses são os problemas para a solução dos quais os antigos consagraram seus templos de aprendizado. Quem dirá que eles não responderam a essas perguntas? Quem reconheceria as respostas se fossem dadas? É possível que sob os símbolos da alquimia e da astrologia esteja oculta uma sabedoria tão abstrusa que a mente desta raça não é qualificada para conceber seus princípios?

Os caldeus, fenícios e babilônios estavam familiarizados com os princípios da alquimia, assim como muitas raças orientais primitivas. Era praticada na Grécia e em Roma; era a ciência mestra dos egípcios. Khem era um nome antigo para a terra do Egito; e ambas as palavras al chem y e chem istry são um lembrete perpétuo da prioridade do conhecimento científico do Egito. De acordo com os escritos fragmentários daqueles povos primitivos, a alquimia não era para eles uma arte especulativa. Eles acreditavam implicitamente na multiplicação de metais; e diante de suas reiterações, tanto o estudioso quanto o materialista deveriam ser mais gentis em suas considerações sobre teoremas alquímicos. Os evolucionistas traçam o desdobramento das artes e ciências através da crescente inteligência do homem pré-histórico, enquanto outros, de um ponto de vista transcendental, gostam de considerá-los como revelações diretas de Deus.

Muitas soluções interessantes para o enigma da origem da alquimia foram apresentadas. Uma delas é que a alquimia foi revelada ao homem pelo misterioso semideus egípcio Hermes Trismegisto. Esta figura sublime, pairando através das brumas do tempo e carregando em sua mão a imortal Esmeralda, é creditada pelos egípcios como sendo o autor de todas as artes e ciências. Em homenagem a ele, todo o conhecimento científico foi reunido sob o título geral de As Artes Herméticas. Quando o corpo de Hermes foi enterrado no Vale de Ebron (ou Hebron), a divina Esmeralda foi enterrada com ele. Muitos séculos depois, a Esmeralda foi descoberta - de acordo com uma versão, por um iniciado árabe; de acordo com outra, por

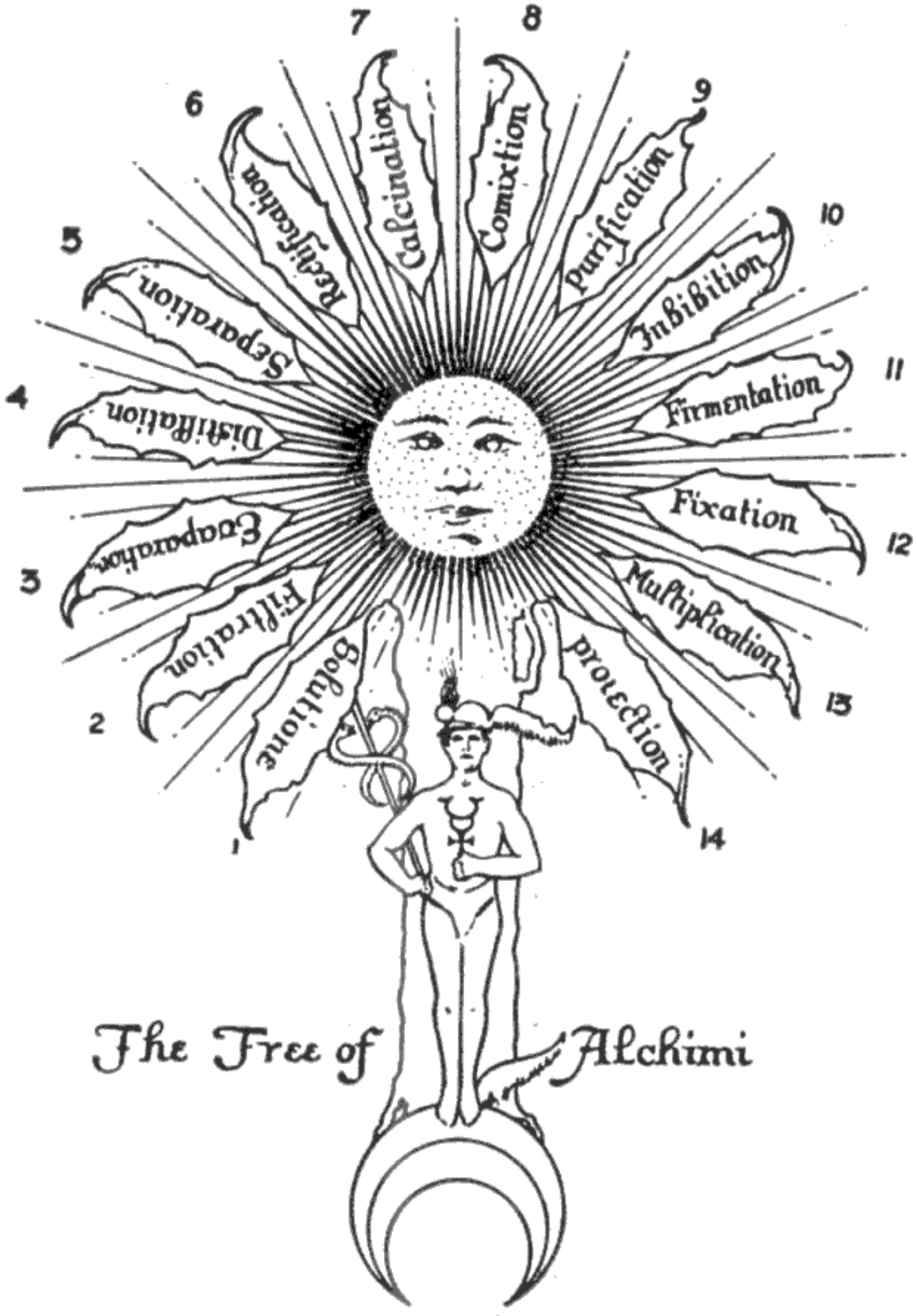
Alexandre, o Grande, Rei da Macedônia. Por meio do poder desta Esmeralda, sobre a qual estavam as misteriosas inscrições do Três Vezes Grande Hermes - treze frases no total - Alexandre conquistou todo o mundo então conhecido. Não tendo conquistado a si mesmo, no entanto, ele finalmente falhou. Independentemente de sua glória e poder, as profecias das árvores falantes foram cumpridas, e Alexandre foi abatido no meio de seu triunfo. (Há rumores persistentes de que Alexandre era um iniciado de alta ordem que falhou por causa de sua incapacidade de resistir às tentações do poder.)

EY Kenealy, citando o Cosmodromium do Doutor Gobelin Persona , descreve o incidente de Alexandre e as árvores falantes, em cuja presença o Rei da Macedônia teria sido levado durante sua campanha na Índia: "E agora Alexandre marchou para outros quarteirões igualmente perigosos; em um momento sobre os topos das montanhas, em outro através de vales escuros, nos quais seu exército foi atacado por serpentes e feras selvagens, até que depois de trezentos dias ele chegou a uma montanha muito agradável, em cujos lados pendiam correntes ou cordas de ouro. Esta montanha tinha dois mil e cinquenta degraus todos de safira pura, pelos quais se podia subir ao cume, e perto dela Alexandre acampou. E em um dia, Alexandre com seus Doze Príncipes, subiram pelos degraus acima mencionados até o topo da Montanha, e encontraram lá um Palácio maravilhosamente belo, tendo Doze Portões, e setenta janelas do ouro mais puro, e era chamado de Palácio do Sol, e havia nele um Templo todo de ouro, diante de cujos portões estavam videiras carregando cachos de carbúnculos e pérolas, e Alexandre e seus príncipes tendo entrado no palácio, encontraram lá um homem deitado em uma cama dourada; ele era muito imponente e bonito na aparência, e sua cabeça e barba eram brancas como a neve. Então Alexandre e seus príncipes dobraram os joelhos para o sábio que falou assim: 'Alexandre, agora verás o que nenhum homem terreno jamais viu ou ouviu antes.' A quem Alexandre respondeu: 'Ó, sábio, muito feliz, como me conheces?' Ele respondeu: 'Antes que a onda do dilúvio cobrisse a face da terra, eu conhecia tuas obras.' Ele acrescentou: 'Queres contemplar as mais sagradas árvores do sol e da lua, que anunciam todas as coisas futuras?' Alexandre respondeu: 'Está bem, meu senhor; ansiamos muito por vê-las.' * * *

"Então o Sábio disse: 'Guarde seus anéis e ornamentos, tire seus sapatos e siga-me.' E Alexandre assim fez, e escolhendo três dos Príncipes, e deixando o resto para esperar seu retorno, ele seguiu o Sábio, e chegou às Árvores do Sol e da Lua. A Árvore do Sol tem folhas de ouro vermelho, a Árvore da Lua tem folhas de prata, e elas são muito grandes, e Alexandre, por sugestão do Sábio questionou as Árvores, perguntando se ele deveria retornar em triunfo para a Macedônia? ao que as Árvores responderam, Não, mas que ele deveria viver mais um ano e oito meses, após o qual ele deveria morrer por uma taça envenenada. E quando ele perguntou, Quem era aquele que deveria lhe dar aquele veneno? ele não recebeu resposta, e a Árvore da Lua disse a ele, que sua Mãe, após uma morte muito vergonhosa e infeliz, deveria ficar muito tempo insepulta, mas que a felicidade estava reservada para suas irmãs." (Veja O Livro de Enoque, O Segundo Mensageiro de Deus .)

Com toda a probabilidade, as chamadas árvores falantes eram meramente tiras de madeira com tabelas de letras sobre elas, por meio das quais oráculos eram

evocados. Em uma época, livros escritos em madeira eram chamados de "árvores falantes". A dificuldade em decidir a origem da alquimia é diretamente devida a ignorar o continente perdido da Atlântida. O Grande Arcano era o mais valioso dos segredos do sacerdócio atlante. Quando a terra de Atlas afundou, os hierofantes do Mistério do Fogo trouxeram a fórmula para o Egito, onde permaneceu por séculos na posse dos sábios e filósofos. Ela gradualmente se mudou para a Europa, onde seus segredos ainda são preservados intactos.



The Tree of Alchimi

AS FOLHAS DA ÁRVORE SAGRADA DE HERMES.

Redesenhado a partir de um manuscrito original datado de 1577.

Em sua Chave para a Alquimia, Samuel Norton divide em quatorze partes os processos ou estados pelos quais as substâncias alquímicas passam desde o momento em que são colocadas no tubo de ensaio até estarem prontas como remédios para plantas, minerais ou homens:

1. Solução , ato de passar de um estado gasoso ou sólido para um estado líquido.

2. Filtração , a separação mecânica de um líquido das partículas não dissolvidas suspensas nele.

3. Evaporação , a mudança ou conversão de um estado líquido ou sólido para um estado vaporoso com o auxílio do calor.

4. Destilação , operação pela qual um líquido volátil pode ser separado de substâncias que ele contém em solução.

5. Separação , operação de desunião ou decomposição de substâncias.

6. Retificação , o processo de refinar ou purificar qualquer substância por destilação repetida.

7. Calcinação , a conversão em pó ou calcário pela ação do calor; expulsão da substância volátil de uma matéria.

8. Commixção , a mistura de diferentes ingredientes em novos compostos ou massas.

9. Purificação (por putrefação), desintegração por decomposição espontânea; decadência por meios artificiais.

10. Inibição , o processo de conter ou restringir.

11. Fermentação , a conversão de substâncias orgânicas em novos compostos na presença de um fermento.

12. Fixação , o ato ou processo de deixar de ser fluido e se tornar firme; estado de ser fixo.

13. Multiplicação , o ato ou processo de multiplicar ou aumentar em número, o estado de ser multiplicado.

14. Projeção , o processo de transformar metais básicos em ouro.

Aqueles que discordam da lenda de Hermes e sua Tábua de Esmeralda veem nos duzentos anjos que desceram sobre as montanhas, conforme descrito pelo Profeta: Enoque, os primeiros instrutores na arte alquímica. Independentemente de seu criador, foi deixado aos sacerdotes egípcios preservar a alquimia para o mundo moderno. O Egito, por causa da cor de sua terra, era chamado de "império negro" e

é referido no Antigo Testamento como "a terra das trevas". Em razão de sua possível origem lá, a alquimia tem sido conhecida há muito tempo como "a arte negra", não no sentido do mal, mas no sentido daquela escuridão que sempre envolveu seus processos secretos.

Durante a Idade Média, a alquimia não era apenas uma filosofia e uma ciência, mas também uma religião. Aqueles que se rebelaram contra as limitações religiosas de seus dias esconderam seus ensinamentos filosóficos sob a alegoria da fabricação de ouro. Dessa forma, eles preservaram sua liberdade pessoal e foram ridicularizados em vez de perseguidos. A alquimia é uma arte tripla, seu mistério bem simbolizado por um triângulo. Seu símbolo é 3 vezes 3 - três elementos ou processos em três mundos ou esferas. O 3 vezes 3 é parte do mistério do 33º grau da Maçonaria, pois 33 é 3 vezes 3, que é 9, o número do homem esotérico e o número de emanações da raiz da Árvore Divina. É o número de mundos nutridos pelos quatro rios que jorram da Boca Divina como o verbum fiat . Por baixo do chamado simbolismo da alquimia está oculto um conceito magnífico, pois esta arte ridicularizada e desprezada ainda preserva intacta a chave tripla para os portões da vida eterna. Percebendo, portanto, que a alquimia é um mistério em três mundos — o divino, o humano e o elemental — pode-se facilmente compreender por que os sábios e filósofos criaram e desenvolveram uma alegoria intrincada para ocultar sua sabedoria.

Alquimia é a ciência da multiplicação e é baseada no fenômeno natural do crescimento. "Nada do nada vem", é um ditado extremamente antigo. Alquimia não é o processo de fazer algo do nada; é o processo de aumentar e melhorar o que já existe. Se um filósofo afirmasse que um homem vivo poderia ser feito de uma pedra, os não iluminados provavelmente exclamariam: "Impossível!" Assim, eles revelariam sua ignorância, pois para os sábios é sabido que em cada pedra está a semente do homem. Um filósofo pode declarar que um universo pode ser feito de um homem, mas os tolos considerariam isso uma impossibilidade, não percebendo que um homem é uma semente da qual um universo pode ser produzido.

Deus é o "dentro" e o "fora" de todas as coisas. O Supremo se manifesta através do crescimento, que é um impulso de dentro para fora, uma luta por expressão e manifestação. Não há milagre maior no crescimento e multiplicação do ouro pelo alquimista do que uma pequena semente de mostarda produzindo um arbusto milhares de vezes maior que o tamanho da semente. Se uma semente de mostarda produz cem mil vezes seu próprio tamanho e peso quando plantada em uma substância totalmente diferente (a terra), por que a semente de ouro não deveria ser multiplicada cem mil vezes pela arte quando essa semente é plantada em sua terra (os metais básicos) e nutrida artificialmente pelo processo secreto da alquimia?

A alquimia ensina que Deus está em tudo; que Ele é Um Espírito Universal, manifestando-se através de uma infinidade de formas. Deus, portanto, é a semente espiritual plantada na terra escura (o universo material). Por arco é possível crescer e expandir esta semente de modo que todo o universo de substância seja tingido por ela e se torne semelhante à semente - ouro puro. Na natureza espiritual do homem, isso é denominado regeneração ; no corpo material dos elementos, é

chamado de transmutação . Assim como é nos universos espiritual e material, assim é no mundo intelectual. A sabedoria não pode ser transmitida a um idiota porque a semente da sabedoria não está dentro dele, mas a sabedoria pode ser transmitida a uma pessoa ignorante, por mais ignorante que seja, porque a semente da sabedoria existe nele e pode ser desenvolvida pela arte e cultura. Portanto, um filósofo é apenas um homem ignorante em cuja natureza ocorreu uma projeção .

Por meio da arte (o processo de aprendizado), toda a massa de metais básicos (o corpo mental da ignorância) foi transmutada em ouro puro (sabedoria), pois foi tingida com entendimento. Se, então, por meio da fé e proximidade de Deus, a consciência do homem pode ser transmutada de desejos animais básicos (representados pelas massas dos metais planetários) em uma consciência pura, dourada e divina, iluminada e redimida, e o Deus manifestante dentro daquele ser aumentado de uma pequena centelha para um grande e glorioso Ser; se também os metais básicos da ignorância mental podem, por meio de esforço e treinamento adequados, ser transmutados em gênio e sabedoria transcendentes, por que o processo em dois mundos ou esferas de aplicação não é igualmente verdadeiro no terceiro? Se tanto os elementos espirituais quanto os mentais do universo podem ser multiplicados em sua expressão, então, pela lei da analogia, os elementos materiais do universo também podem ser multiplicados, se o processo necessário puder ser apurado.

O que é verdadeiro no superior é verdadeiro no inferior . Se a alquimia for um grande fato espiritual, então também é um grande fato material. Se pode ocorrer no universo, pode ocorrer no homem; se pode ocorrer no homem, pode ocorrer nas plantas e minerais. Se uma coisa no universo cresce, então tudo no universo cresce. Se uma coisa pode ser multiplicada, então todas as coisas podem ser multiplicadas, "pois o superior concorda com o inferior e o inferior concorda com o superior". Mas assim como o caminho para a redenção da alma é ocultado pelos Mistérios, assim também os segredos para a redenção dos metais são ocultados, para que não caiam nas mãos dos profanos e, assim, se tornem pervertidos.

Se alguém quiser cultivar metais, ele deve primeiro aprender os segredos dos metais: ele deve perceber que todos os metais — como todas as pedras, plantas, animais e universos — crescem de sementes, e que essas sementes já estão no corpo da Substância (o útero da Virgem do Mundo); pois a semente do homem está no universo antes que ele nasça (ou cresça), e como a semente da planta existe para todo o tempo, embora a planta viva apenas uma parte desse tempo, então as sementes do ouro espiritual e do ouro material estão sempre presentes em todas as coisas. Os metais crescem ao longo das eras, porque a vida é transmitida a eles pelo sol. Eles crescem imperceptivelmente, em forma como pequenos arbustos, pois tudo cresce de alguma forma. Apenas os métodos de crescimento diferem, de acordo com o tipo e a magnitude.

Um dos grandes axiomas é: "Dentro de tudo está a semente de tudo", embora pelos processos simples da Natureza ela possa permanecer latente por muitos séculos, ou seu crescimento possa ser extremamente lento. Portanto, cada grão de areia contém não apenas a semente dos metais preciosos, bem como a semente

das gemas inestimáveis, mas também as sementes do sol, da lua e das estrelas. Assim como dentro da natureza do homem é refletido o universo inteiro em miniatura, assim em cada grão de areia, cada gota de água, cada minúscula partícula de poeira cósmica, estão ocultas todas as partes e elementos do cosmos na forma de minúsculos germes de sementes tão minúsculos que nem mesmo o microscópio mais poderoso pode detectá-los. Trilhões de vezes menores que o íon ou o elétron, essas sementes — irreconhecíveis e incompreensíveis — aguardam o tempo que lhes foi atribuído para crescimento e expressão. (Considere as mônadas de Leibnitz.)

Existem dois métodos pelos quais o crescimento pode ser alcançado. O primeiro é pela Natureza, pois a Natureza é um alquimista sempre alcançando o aparentemente impossível. O segundo é pela arte , e através da arte é produzido em um tempo comparativamente curto aquilo que requer da Natureza períodos quase infinitos para duplicar. O verdadeiro filósofo, desejando realizar a Magnum Opus , modela sua conduta de acordo com as leis da Natureza, reconhecendo que a arte da alquimia é meramente um método copiado da Natureza, mas com a ajuda de certas fórmulas secretas grandemente encurtadas por serem correspondentemente intensificadas. A Natureza, para alcançar seus milagres, deve trabalhar por meio da extensividade; ou da intensidade. Os processos extensivos da Natureza são aqueles usados na transmutação do piche de carbono preto em diamantes, exigindo milhões de anos de endurecimento natural. O processo intensivo é a arte , que é sempre a fiel serva da Natureza (como diz o Dr. A. Dee), complementando cada passo dela e cooperando com ela em todos os seus caminhos. "Então, nesta obra filosófica, Natureza e Arte devem se abraçar tão amorosamente, que a Arte não exija o que a Natureza nega, nem a Natureza negue o que pode ser aperfeiçoado pela Arte . Pois a Natureza consentindo, ela se humilha obedientemente a cada artista, enquanto por sua indústria ela é ajudada, não impedida." (Dr. A. Dee em suas Coleções Químicas .)

Por meio desta arte, a semente que está dentro da alma de uma pedra pode ser feita para germinar tão intensamente que em poucos momentos um diamante é cultivado a partir da semente de si mesmo. Se a semente do diamante não estivesse no mármore, granito e areia, um diamante não poderia ser cultivado a partir dela. Mas como a semente está dentro de todas essas coisas, um diamante pode ser cultivado a partir de qualquer outra substância no universo. Em algumas substâncias, no entanto, é mais fácil realizar este milagre porque nelas esses germes já foram fertilizados há muito tempo e estão, portanto, mais preparados para o processo vivificante da arte . Da mesma forma, ensinar sabedoria a alguns homens é mais fácil do que ensinar a outros, pois alguns já têm uma base sobre a qual trabalhar, enquanto em outros as faculdades de pensamento estão totalmente adormecidas. A alquimia, portanto, deve ser considerada como a arte de aumentar e trazer à flor perfeita com a maior expedição possível. A natureza pode atingir seu fim desejado ou, por causa da destrutividade exercida por um elemento sobre outro, ela pode não; mas com a ajuda da verdadeira arte , a Natureza sempre alcança seu objetivo, pois esta arte não está sujeita nem à perda de tempo nem ao vandalismo das reações elementares.

Em sua História da Química , James Campbell Brown, falecido professor de química na Universidade de Liverpool, resume os objetivos que os alquimistas buscavam alcançar nos seguintes parágrafos:

"Este, portanto, era o objetivo geral dos alquimistas--realizar em laboratório, na medida do possível, os processos que a Natureza realizava no interior da Terra. Sete problemas principais ocupavam sua atenção:--

"1. A preparação de um composto chamado elixir, medicina magisterium ou pedra filosofal, que possuía a propriedade de transmutar metais básicos em ouro e prata, e de realizar muitas outras operações maravilhosas. * * *

"2. A criação dos homúnculos , ou seres vivos, sobre os quais muitas histórias maravilhosas, mas incríveis, são contadas.

"3. A preparação do alcahest ou solvente universal, que dissolvia toda substância que nele estava imersa. * *

"4. Palingênese, ou a restauração de uma planta a partir de suas cinzas. Se tivessem conseguido isso, eles teriam esperado ser capazes de ressuscitar os mortos. [O Professor Brown toma muitas coisas como certas.]

"5. A preparação do spiritus mundi , uma substância mística que possui muitos poderes, o principal dos quais era sua capacidade de dissolver ouro.

"6. A extração da quintessência ou princípio ativo de todas as substâncias.

"7. A preparação de aurum potabile, ouro líquido, um remédio soberano, porque o ouro, sendo ele próprio perfeito, poderia produzir perfeição no corpo humano."

SIMBOLISMO ALQUÍMICO

Na alquimia, há três substâncias simbólicas: mercúrio, enxofre e sal. A estas foi adicionado um quarto princípio de vida misterioso chamado Azoth . Sobre as três primeiras, Herr von Welling escreveu: "Existem três substâncias químicas básicas que são chamadas pelos filósofos de sal, enxofre e mercúrio, mas que não devem ser confundidas de forma alguma com o sal bruto, enxofre e mercúrio retirados da terra ou obtidos do boticário. Sal, enxofre e mercúrio têm cada um uma natureza trina, pois cada uma dessas substâncias contém, na realidade, também as outras duas substâncias, de acordo com o arcano secreto dos sábios. O corpo do sal é, portanto, triplo, a saber, sal, enxofre e mercúrio; mas no corpo do sal um dos três (sal) predomina. O mercúrio é igualmente composto de sal, enxofre e mercúrio, com o último elemento predominando. O enxofre, similarmente, é na verdade sal, enxofre e mercúrio, com o enxofre predominando. Essas nove divisões - 3 vezes 3, mais Azoth (a misteriosa força vital universal), é igual a 10, a década sagrada de Pitágoras. Sobre a natureza de Azoth, há muita controvérsia. Alguns o veem como o fogo invisível e eterno; outros como eletricidade; outros ainda como magnetismo. O transcendentalismo se refere a ele como a luz astral.

"O universo é cercado pela esfera das estrelas. Além dessa esfera está a esfera de Schamayim , que é a água ígnea Divina, o primeiro fluxo da Palavra de Deus, o rio

flamejante que jorra da presença do Eterno. Schamayim , a água andrógina ígnea, se divide. O fogo se torna o fogo solar e a água se torna a água lunar. Schamayim é o mercúrio universal - às vezes chamado de Azoth - o espírito incomensurável da vida. A água original ígnea espiritual - Schamayim - vem através do Éden (em hebraico, vapor) e se derrama em quatro rios principais [os elementos]. Este é o rio de água viva - Azoth [a essência mercurial ígnea] que flui do trono de Deus e do Cordeiro. Neste Éden [essência vaporosa ou névoa] está a terra espiritual [incompreensível e intangível], ou o pó Aphar , do qual Deus formou Adam min Haadamah , o corpo espiritual do homem, cujo corpo deve em algum momento ser revelado."

Em outra parte de seus escritos, von Welling também diz que não havia universo material até que Lúcifer, tentando realizar a alquimia cósmica, usou mal o Schamayim , ou o Fogo Divino. Para restabelecer o Schamayim que Lúcifer havia pervertido, este universo foi formado como um meio de libertá-lo da nuvem escura dentro da qual estava trancado pelo fracasso da tentativa de Lúcifer de controlá-lo. Essas declarações enfatizam claramente o fato de que os primeiros filósofos reconheceram na Bíblia um livro de fórmulas químicas e alquímicas. É essencial que este ponto seja mantido em mente o tempo todo. Ai daquele buscador que aceita como literais as alegorias desconexas dos alquimistas. Tal pessoa nunca pode entrar no santuário interno da verdade. Elias Ashmole, em seu Theatrum Chemicum Britannicum, descreve assim os métodos empregados pelos alquimistas para esconder suas verdadeiras doutrinas: "Seu principal estudo era envolver seus segredos em fábulas e desenvolver suas fantasias em véus e sombras , cujos raios parecem se estender por todos os lados, mas de modo que se encontrem em um centro comum e apontem apenas para uma coisa."

O fato de que as Escrituras revelam um conhecimento oculto, se considerado alegoricamente, é claramente demonstrado por uma parábola que descreve o Rei Salomão, suas esposas, concubinas e virgens, cuja parábola ocorre em Geheime Figuren der Rosenkreuzer , publicada em Ultona em 1785. O Dr. Hartmann, que traduziu parte desta obra para o inglês, declarou que as esposas de Salomão representavam as artes, as concubinas as ciências e as virgens os segredos ainda não revelados da Natureza. Por ordem do Rei, as virgens foram forçadas a remover seus véus, significando assim que por meio da sabedoria (Salomão) as artes místicas foram forçadas a revelar suas partes ocultas ao filósofo, enquanto para o mundo não iniciado apenas as vestes externas eram visíveis. (Tal é o mistério do véu de Ísis.)

Como o alquimista deve fazer seu trabalho em quatro mundos simultaneamente se quiser atingir a Magnum Opus , uma tabela mostrando as analogias dos três princípios nos quatro mundos pode esclarecer a relação que as várias partes mantêm entre si. Os primeiros mestres da arte do simbolismo alquímico não padronizaram seus símbolos ou seus termos. Assim, era necessária grande familiaridade com o assunto combinada com considerável poder intuitivo para desvendar algumas de suas declarações enigmáticas. A terceira e quarta divisões da tabela a seguir recebem interpretações alternativas, devido ao fato de que alguns autores não traçaram uma linha clara entre espírito e alma . De acordo com as Escrituras, o espírito é indestrutível, mas a alma é destrutível. Obviamente,

então, eles não são sinônimos. É claramente declarado que "a alma que pecar, essa morrerá", mas "o espírito retornará a Deus que o deu". A tabela de analogias, tanto quanto possível, é a seguinte:

O Poder Trino em Quatro Mundos

MUNDO DE ---- ----- Pai---- ----Filho--------Mãe

1. Deus----------Pai----------Filho---- Espírito Santo

2. Homem---------Espírito----------Alma-----Corpo

3. Elementos-------Ar--------------Fogo-----Água

4. Produtos químicos-Mercúrio----Enxofre-----

As representações alternativas de 3 e 4 são:

MUNDO DE ---- ----- Pai---- ----Filho--------Mãe

3. Elementos--------Fogo----------Ar----------Água

4. Produtos químicos---Enxofre ----Mercúrio ---Sal

Paracelso fez um arranjo diferente, um tanto aristotélico, no qual as três fases do Deus Trino são omitidas, combinando apenas os elementos do segundo, terceiro e quarto mundos:

MUNDO DE ---- ----- Pai---- ----Filho--------Mãe

2. Homem -- Espírito -- -- Alma - -Corpo

3. Elementos --- Ar Água ----Terra

4. Produtos químicos --- Enxofre --- Mercúrio --- Sal

O ponto principal, no entanto, é provado: os filósofos alquímicos usaram os símbolos de sal, enxofre e mercúrio para representar não apenas produtos químicos, mas os princípios espirituais e invisíveis de Deus, do homem e do universo. As três substâncias (sal, enxofre e mercúrio) existentes em quatro mundos, como mostrado na tabela, somam o número sagrado 12. Como essas 12 são os fundamentos da Grande Obra , elas são chamadas no Apocalipse de as doze pedras fundamentais da cidade sagrada. Em linha com a mesma ideia, Pitágoras afirmou que o dodecaedro, ou sólido geométrico simétrico de doze faces, era o fundamento do universo. Não pode haver uma relação também entre este misterioso 3 vezes 4 e as quatro partes de três que na lenda do terceiro grau da Maçonaria vão para os quatro ângulos dos querubins, a criatura composta de quatro partes?

UMA TABELA DE SÍMBOLOS ALQUÍMICOS MEDIEVAIS.

Do livro O Último Testamento de Valentine .

Os hermetistas usaram os símbolos curiosos mostrados nesta tabela rara para representar vários elementos químicos e processos alquímicos. O significado completo desses estranhos caracteres nunca foi revelado, os caracteres escondendo efetivamente dentro de suas próprias formas os segredos ocultos a respeito da natureza espiritual dos metais e elementos que eles representam.

Em suas alegorias, os alquimistas também casavam emblemas humanos, animais e vegetais; às vezes estranhas figuras compostas, como o dragão, a serpente alada, o unicórnio e a fênix. Em quase todos os casos, eles simbolizavam o ouro como um rei com uma coroa na cabeça e, muitas vezes, com um cetro na mão. Às vezes, eles o retratavam com o ás do disco solar cercado por raios. A prata era personificada como uma mulher que eles chamavam de rainha. Ela não usava coroa, mas frequentemente ficava em um crescente lunar: muito parecido com a moda da Madona. Mercúrio era tipificado como um jovem com asas, muitas vezes com duas cabeças, carregando serpentes ou, às vezes, o caduceu. O chumbo eles simbolizavam por um velho com uma foice na mão; o ferro por um soldado vestido com armadura. À aqua fortis foi dado o curioso nome de "estômago do avestruz", e à obtenção da "Grande Obra" eles atribuíram o símbolo da fênix sentada em um ninho de fogo. A união dos elementos era simbolizada por um casamento, o processo de putrefação por uma caveira, o antimônio por um dragão.

A tabela a seguir mostra os ângulos aos quais as partes de três (sal, enxofre e mercúrio) vão em busca de CHiram :

Os Quatro "Cantos" da Criação Leste Sul Oeste Norte

Os signos fixos do zodíaco------Aquário--Leão---Escorpião----Touro

As Partes dos Querubins------Homem---Leão---Águia------Touro

As Quatro Estações-----Primavera----Verão---Outono----Inverno

As Eras do Homem-----Infância--- Juventude---Maturidade---- Idade

Os Estágios da Existência-Aniversário--Crescimento--Maturidade--Decadência

As Partes da Constituição do Homem----Espírito----Alma---Mente-----Corpo

Os Quatro Elementos------Ar----------Fogo------Água----------Terra

Mais uma tabela deve ser de interesse para os estudiosos maçônicos: uma mostrando a relação existente entre as três substâncias, sal, enxofre e mercúrio, e certos símbolos com os quais os maçons estão familiarizados. Esta tabela também tem uma representação alternativa, baseada na mistura de princípios filosóficos, que são difíceis — se não impossíveis — de separar em ordem cronológica.

1. As Três Luzes ------ Fogo Estelar ------Fogo Solar------Fogo lunar

2. Os Três Grandes Mestres --------Hiram--------Salomão----Hiram de Tiro

3. Os Sólidos Geométricos --------Esfera--------Pirâmide-------Cubo

4. Substâncias Alquímicas ----------Mercúrio--------Enxofre-Sal

A2. Os Três Grandes Mestres ---------- Hiram----------Hiram de Tiro

tradução alternativa do nº 2 é: Salomão

Na alquimia é encontrada novamente a perpetuação do Mistério Universal; pois tão certamente quanto Jesus morreu na cruz, Hiram (CHiram) no portão oeste do Templo, Orfeu nas margens do rio Hebros, Christna nas margens do Ganges e Osíris no caixão preparado por Tifão, assim na alquimia, a menos que os elementos morram primeiro, a Grande Obra não pode ser alcançada. Os estágios dos processos alquímicos podem ser rastreados nas vidas e atividades de quase todos os Salvadores e professores do mundo, e também entre as mitologias de várias nações. É dito na Bíblia que "a menos que um homem nasça de novo, ele não pode ver o reino de Deus." Na alquimia é declarado que sem putrefação a Grande Obra não pode ser realizada. O que é que morre na cruz, é enterrado no túmulo dos Mistérios, e que morre também na retorta e fica preto com putrefação? Além disso, o que é que faz a mesma coisa na natureza do homem, para que ele possa ressurgir, como uma fênix, das suas próprias cinzas (caput mortuum)?

A solução na retorta alquímica, se digerida por um certo período de tempo, se transformará em um elixir vermelho, que é chamado de medicina universal . Ela se assemelha a uma água ardente e é luminosa no escuro. Durante o processo de digestão, ela passa por muitas cores, o que deu origem a ser chamada de pavão por causa de sua iridescência durante um dos períodos de sua digestão. Se os aumentos de seu poder forem levados muito longe, o tubo de ensaio contendo a substância explodirá e desaparecerá como pó. Isso ocorre comumente e é o maior perigo envolvido na preparação do medicamento para homens e metais. Se for desenvolvido muito longe, ele também vazará pelo vidro, pois não há recipiente físico suficientemente forte para contê-lo. A razão para isso é que não é mais uma substância, mas uma essência divina que participa do poder interpenetrante da Divindade. Quando é adequadamente desenvolvido, este solvente universal em forma líquida dissolverá em si todos os outros metais. Neste estado elevado, o sal universal é um fogo líquido. Este sal dissolvido com a quantidade adequada de qualquer metal e passando pelos diferentes estágios de digestão e rotações; de aumentos, eventualmente se tornará um medicamento para a transmutação de metais inferiores.

O Verdadeiro Caminho da Natureza por Hermes Trismegisto, dado por um maçom genuíno, ICH, descreve o perigo de aumentar demais o sal universal: "Mas essa multiplicação não pode ser levada adiante ad infinitum , mas atinge a completude na nona rotação. Pois quando essa tintura foi girada nove vezes, ela não pode ser exaltada mais porque não permitirá nenhuma separação posterior. Pois assim que percebe apenas o menor grau de fogo material, ela entra instantaneamente em um fluxo e passa pelo vidro como óleo quente através do papel."

Ao classificar os processos pelos quais os elementos químicos devem passar antes que a medicina hermética seja produzida, a falta de uniformidade na terminologia é evidenciada, pois em The True Way of Nature sete estágios são dados, enquanto no Dictionnaire Mytho-Hermétique doze são notados. Esses doze são ligados aos signos do zodíaco de uma maneira digna de consideração.

1. Áries, Calcinação
2. Touro, Congelação
5. Leão, Digestão
6. Virgem, Destilação
9. Sagitário, Incineração
10. Capricórnio, Fermentação

3. Gêmeos, Fixação 7. Libra, Sublimação 11. Aquário, Multiplicação

4. Câncer, Dissolução 8. Escorpião, Separação 12. Peixes, Projeção

Este arranjo abre um interessante campo de especulação que pode ser de grande utilidade se inteligentemente realizado. Estes doze "passos" que levam à realização da Magnum Opus são um lembrete dos doze graus dos antigos Mistérios Rosacruzes. Até certo ponto, o Rosacrucianismo era química teologizada e alquimia filosofada. De acordo com os Mistérios, o homem foi redimido como resultado de sua passagem em rotação pelas doze mansões dos céus. Os doze processos por meio dos quais a "essência secreta" pode ser descoberta lembram o estudante à força dos doze Companheiros Artesãos que são enviados em busca do assassinado Construtor do Universo, o Mercúrio Universal.

De acordo com Solomon Trismosin, os estágios pelos quais a matéria passa em sua jornada em direção à perfeição são divididos em vinte e duas partes, cada uma das quais é representada por um desenho apropriado. Há uma conexão importante entre os vinte e dois emblemas de Trismosin, as vinte e duas cartas principais do Tarô e as vinte e duas letras do alfabeto hebraico. Essas misteriosas cartas do Tarô são, elas próprias, uma fórmula alquímica, se interpretadas corretamente. Como se para substanciar as alegações dos filósofos medievais de que o Rei Salomão era um mestre da alquimia, o Dr. Franz Hartmann observou que o muito abusado e mal compreendido Cântico de Salomão é, na realidade, uma fórmula alquímica. O estudante de filosofia natural reconhecerá imediatamente a "donzela negra de Jerusalém", não como uma pessoa, mas como um material sagrado para os sábios. Dr. Hartmann escreve: "O ' Cântico de Salomão ', no Antigo Testamento, é uma descrição dos processos da Alquimia. Neste Cântico, o Subjectum é descrito em Cant . i ., 5; o Lilium artis em C. ii . , 1; a Preparação e Purificação em C. ii ., 4; o Fogo em C. ii ., 7 e C. iv . , 16, a Putrefação em C. iii ., 1 ; Sublimação e Destilação em C. iii . , 6, Coagulação e Mudança de Cores , C. v . , 9 a 14; Fixação , C. ii . , 12 e C. viii ., 4; Multiplicação , C. vi . , 7; Aumento e Projeção , C. viii . , 8, etc., etc. "

Uma minúscula partícula do Scone do Filósofo, se lançada sobre a superfície da água, irá, de acordo com um apêndice ao trabalho sobre o sal universal de Herr von Welling, imediatamente iniciar um processo de recapitulação em miniatura da história do universo, pois instantaneamente a tintura — como os Espíritos de Elohim — move-se sobre a face das águas. Um universo em miniatura é formado, o qual os filósofos afirmaram que realmente sobe da água e flutua no ar, onde passa por todos os estágios do desdobramento cósmico e finalmente se desintegra em pó novamente. Não só é possível preparar um remédio para metais; também é possível preparar uma tintura para minerais por meio da qual pedaços de granito e mármore podem ser transformados em pedras preciosas; também pedras de qualidade inferior podem ser melhoradas.

Como um dos grandes alquimistas observou apropriadamente, a busca do homem por ouro é frequentemente sua ruína, pois ele confunde os processos alquímicos, acreditando que eles são puramente materiais. Ele não percebe que o Ouro Filosofal, a Pedra Filosofal e o Remédio Filosofal existem em cada um dos quatro mundos e que a consumação do experimento não pode ser realizada até que seja

realizada com sucesso em quatro mundos simultaneamente de acordo com uma fórmula. Além disso, um dos constituintes da fórmula alquímica existe apenas dentro da natureza do próprio homem, sem o qual seus produtos químicos não se combinarão, e embora ele gaste sua vida e fortuna em experimentação química, ele não produzirá o fim desejado. A principal razão pela qual o cientista material é incapaz de duplicar as realizações dos alquimistas medievais - embora ele siga cada passo com cuidado e precisão - é que o elemento sutil que sai da natureza do filósofo alquímico iluminado e regenerado está faltando em sua experimentação.

Sobre este assunto, o Dr. Franz Hartmann, em uma nota de rodapé à sua tradução de trechos de Paracelso , expressa claramente as conclusões de um investigador moderno da tradição alquímica: "Desejo alertar o leitor, que pode estar inclinado a tentar qualquer uma das prescrições alquímicas * * *, a não fazê-lo a menos que seja um alquimista, porque, embora eu saiba por experiência própria que essas prescrições não são apenas alegoricamente, mas literalmente verdadeiras, e provarão ser bem-sucedidas nas mãos de um alquimista, elas só causariam desperdício de tempo e dinheiro nas mãos de alguém que não tem as qualificações necessárias. Uma pessoa que quer ser um alquimista deve ter em si a 'magnésia', o que significa, o poder magnético para atrair e 'coagular' elementos astrais invisíveis."

Ao considerar as fórmulas nas páginas seguintes, deve-se reconhecer que os experimentos não podem ser conduzidos com sucesso a menos que aquele que os realiza seja ele próprio um Magus. Se duas pessoas, uma iniciada e a outra não iluminada na arte suprema, fossem colocadas para trabalhar, lado a lado, usando os mesmos vasos, as mesmas substâncias e exatamente o mesmo modus operandi , o iniciado produziria seu "ouro" e o não iniciado não. A menos que a alquimia maior tenha ocorrido primeiro dentro da alma do homem, ele não pode executar a alquimia menor na réplica. Esta é uma regra invariável, embora esteja astutamente escondida nas alegorias e emblemas da filosofia hermética. A menos que um homem "nasça de novo", ele não pode realizar a Grande Obra , e se o estudante de fórmulas alquímicas se lembrar disso, isso o poupará de muita tristeza e decepção. Falar daquela parte do mistério que diz respeito ao princípio secreto da vida dentro da natureza real do homem é proibido, pois foi decretado pelos Mestres da arte que cada um deve descobrir por si mesmo e sobre esse assunto que é ilegal falar mais longamente.

A Teoria e a Prática da Alquimia

Parte dois

Todos os verdadeiros Filósofos das ciências naturais ou herméticas começam seus trabalhos com uma prece ao Alquimista Supremo do Universo, implorando Sua assistência na consumação da Magnum Opus. A oração que se segue, escrita em um alemão provinciano há séculos por um adepto agora desconhecido, é representativa: "Ó santa e santificada Trindade, Tu indivisa e tripla Unidade! Faze-me afundar no abismo do Teu Fogo eterno e ilimitado, pois somente naquele Fogo a natureza mortal do homem pode ser transformada em pó humilde, enquanto o

novo corpo da união do sal jaz na luz. Oh, derrete-me e transmuta-me neste Teu Fogo sagrado, para que no dia a Teu comando as águas ígneas do Espírito Santo me tirem do pó escuro, dando-me um novo nascimento e me tornando vivo com Seu sopro. Que eu também seja exaltado pela humilde humildade de Teu Filho, erguendo-me através de Sua assistência do pó e das cinzas e me transformando em um corpo espiritual puro de cores do arco-íris, como o ouro transparente, cristalino e paradisíaco, para que minha própria natureza possa ser redimida e purificada como os elementos diante de mim nestes copos e garrafas. Difunde-me nas águas da vida como se eu estivesse na adega do eterno Salomão. Aqui o fogo do Teu amor receberá novo combustível e arderá de tal forma que nenhuma corrente poderá extingui-lo. Através da ajuda deste fogo divino, que eu possa no final ser considerado digno de ser chamado para a iluminação dos justos. Que eu possa então ser selado com a luz do novo mundo para que eu também possa atingir a imortalidade e a glória onde não haverá mais alternância de luz e escuridão. Amém."

A ORIGEM DAS FÓRMULAS ALQUÍMICAS

Aparentemente, poucos alquimistas medievais descobriram o Grande Arcano sem ajuda, alguns autores declarando que nenhum deles atingiu o fim desejado sem a assistência de um Mestre ou Professor. Em todos os casos, a identidade desses Mestres foi cuidadosamente ocultada, e mesmo durante a Idade Média, a especulação correu solta a respeito deles. Era costume chamar esses sábios iluminados de adeptos, um título que indicava que eles possuíam os verdadeiros segredos da transmutação e multiplicação. Esses adeptos eram indivíduos poliônimos que inesperadamente apareciam e desapareciam novamente, sem deixar vestígios de seu paradeiro. Há indícios de que um certo grau de organização existia entre eles. As mais poderosas organizações alquímicas eram os Rosacruzes, os Illuminati e certas seitas árabes e sírias.

Nos documentos que se seguem, são feitas referências aos "Irmãos" ou "Irmãos". Estas são para significar que aqueles que realmente realizaram a Magnum Opus foram reunidos e conhecidos uns pelos outros por códigos cifrados e sinais ou símbolos secretos. Aparentemente, vários desses adeptos iluminados moravam na Arábia, pois vários dos grandes alquimistas europeus foram iniciados na Ásia Menor. Quando um discípulo das artes alquímicas aprendia o segredo supremo, ele o guardava zelosamente, não revelando a nenhum homem seu tesouro inestimável. Ele não tinha permissão para revelá-lo nem mesmo aos membros de sua família imediata.

Com o passar dos anos, aquele que havia descoberto o segredo — ou, mais propriamente, aquele a quem ele havia sido revelado — procurou por um homem mais jovem, digno de ser confiado com as fórmulas. A este, e somente a este, como regra, o filósofo tinha permissão para revelar o arcano. O homem mais jovem então se tornou o "filho filosófico" do velho sábio, e a ele este último legou seus segredos. Ocasionalmente, no entanto, um adepto, ao encontrar um buscador sincero e sério, o instruiria nos princípios fundamentais da arte, e se o discípulo

persistisse, ele era silenciosamente iniciado na augusta fraternidade dos Irmãos. Dessa maneira, os processos alquímicos foram preservados, mas o número daqueles que os conheciam não aumentou rapidamente.

Durante os séculos XVI, XVII e XVIII, um número considerável de adeptos alquímicos fez seu caminho de um lugar para outro por toda a Europa, aparecendo e desaparecendo aparentemente à vontade. De acordo com a tradição popular, esses adeptos eram imortais e se mantinham vivos por meio da misteriosa medicina que era um dos objetivos da aspiração alquímica. Afirma-se que alguns viveram centenas de anos, não tomando nenhum alimento exceto este elixir, algumas gotas do qual preservariam sua juventude por um longo período de tempo. Que tais homens misteriosos existiram, pode haver pouca dúvida, pois sua presença é atestada por dezenas de testemunhas confiáveis.

É ainda afirmado que eles ainda devem ser encontrados por aqueles que se qualificaram para contatá-los. Os filósofos ensinaram que semelhante atrai semelhante, e que quando o discípulo desenvolveu uma virtude e integridade aceitáveis aos adeptos, eles aparecerão para ele e revelarão aquelas partes dos processos secretos que não podem ser descobertas sem tal ajuda. "A sabedoria é como uma flor da qual a abelha faz seu mel e a aranha veneno, cada um de acordo com sua própria natureza." (Por um adepto desconhecido.)

O leitor deve ter em mente em todos os momentos que as fórmulas e emblemas da alquimia devem ser tomados principalmente como símbolos alegóricos; pois até que seu significado esotérico tenha sido compreendido, sua interpretação literal não tem valor. Quase toda fórmula alquímica tem um elemento propositalmente omitido, tendo sido decidido pelos filósofos medievais que aqueles que não conseguiam com sua própria inteligência descobrir aquela substância ou processo ausente não eram qualificados para serem confiados com segredos que poderiam dar a eles controle sobre grandes massas da humanidade e, da mesma forma, sujeitar à sua vontade as forças elementais da Natureza.

A TABELA DE ESMERALDA DE HERMES

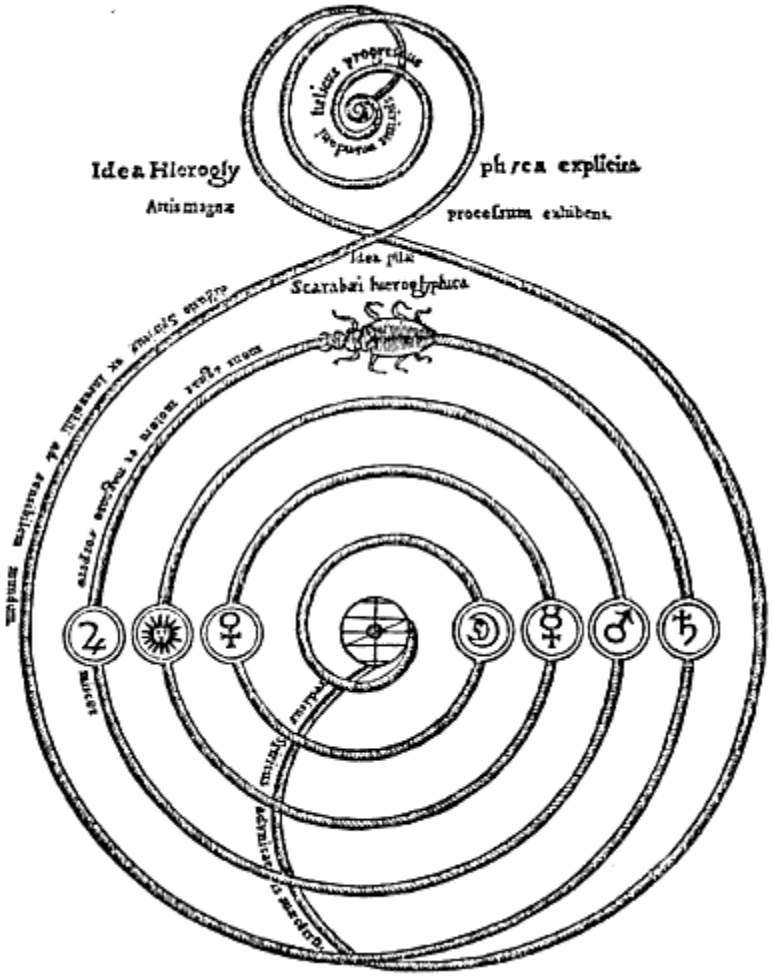
A mais antiga e reverenciada de todas as fórmulas alquímicas é a sagrada Tábua de Esmeralda de Hermes. As autoridades não concordam quanto à genuinidade desta Tábua, algumas declarando que ela é uma fraude pós-cristã, mas há muitas evidências de que, independentemente de seu autor, a Tábua é de grande antiguidade. Embora o símbolo da Tábua de Esmeralda seja de importância maçônica especial — relacionando-se como o faz com a personalidade de CHiram (Hiram) — é primeira e fundamentalmente uma fórmula alquímica, relacionada tanto à alquimia dos metais básicos quanto à alquimia divina da regeneração humana.

Na coleção de manuscritos alquímicos do Dr. Sigismund Bacstrom há uma seção dedicada às traduções e interpretações desta notável Tábua, que era conhecida pelos antigos como Tabula Smaragdina . O Dr. Bacstrom foi iniciado na Irmandade da Rosa Cruz na ilha de Maurício por um daqueles adeptos desconhecidos que

naquela época se chamavam Conde de Chazal . As traduções e notas do Dr. Bacstrom sobre a Tábua de Esmeralda são, em parte, as seguintes, sendo o texto real reproduzido em letras maiúsculas:

" A Tábua de Esmeralda, o Monumento Mais Antigo dos Caldeus, referente ao Lapis Philosophorum (a pedra dos filósofos).

"A Tábua de Esmeralda fornece a origem da história alegórica do Rei Hiram (ou melhor, Quiram). Os caldeus, egípcios e hebreus, no que diz respeito a Quiram, tiraram seu conhecimento de uma única e mesma fonte; Homero , que relata essa história de uma maneira diferente, seguiu o original, e Virgílio seguiu



A CHAVE DA ALQUIMIA SEGUNDO OS EGÍPCIOS.

Do Édipo Egípcio de Kircher .

Os sacerdotes do Egito não só usavam o escaravelho como um símbolo de regeneração, mas também descobriram em seus hábitos muitas analogias ao processo secreto pelo qual metais básicos poderiam ser transmutados em ouro. Eles viram no ovo do escaravelho a semente dos metais, e a figura acima mostra o caminho desta semente através dos vários corpos planetários até que, finalmente

alcançando o centro, ela é aperfeiçoada e então retorna novamente à sua fonte. As palavras na espiral do mall no topo dizem: "O progresso espiral do espírito mundano". Depois que o escaravelho serpenteia ao redor da espiral até o centro da parte inferior da figura, ele retorna ao mundo superior ao longo do caminho que traz as palavras: "Retorno do espírito ao centro da unidade".

[o parágrafo continua] Homero , assim como Hesíodo tomou o assunto para sua Teogonia da mesma forma a partir daí, que Ovídio tomou depois como um padrão para sua Metamorfose. O conhecimento das operações secretas da Natureza constitui o sentido principal de todos esses escritos antigos, mas a ignorância moldou a partir dele aquela mitologia externa ou velada e a classe baixa de pessoas a transformou em idolatria.

" A tradução genuína do original muito antigo caldeu é a seguinte :

"AS OBRAS SECRETAS DE CHIRAM SÃO UMA EM ESSÊNCIA, MAS TRÊS EM ASPECTO.

"(As duas primeiras palavras grandes significam a Obra Secreta .)

"(A segunda linha, em letras grandes, diz: Chiram Telat Machasot, ou seja, Chiram, o Agente Universal, Um em Essência, mas três em aspecto .)

'É VERDADE, NÃO É MENTIRA, CERTO, E DE CONFIAR, O SUPERIOR CONCORDA COM O INFERIOR, E O INFERIOR COM O SUPERIOR, PARA EFETUAR AQUELA OBRA VERDADEIRAMENTE MARAVILHOSA. COMO TODAS AS COISAS DEVEM SUA EXISTÊNCIA À VONTADE DO ÚNICO , ASSIM TODAS AS COISAS DEVEM SUA ORIGEM À ÚNICA COISA , A MAIS OCULTA, PELO ARRANJO DO ÚNICO DEUS . O PAI DESSA ÚNICA COISA É O SOL , SUA MÃE É A LUA , O VENTO A CARREGA EM SUA BARRIGA; MAS SEU NASCIMENTO É UMA TERRA ESPIRITUAL . ESSA ÚNICA COISA (depois de Deus) É O PAI DE TODAS AS COISAS NO UNIVERSO. SEU PODER É PERFEITO, DEPOIS DE TER SIDO UNIDO A UMA TERRA ESPIRITUAL.

"(Processo — Primeira Destilação.) SEPARE A TERRA ESPIRITUAL DA DENSA OU BRUTA POR MEIO DE UM CALOR SUAVE, COM MUITA ATENÇÃO.

"(Última Digestão.) EM GRANDE MEDIDA, ELE SOBE DA TERRA ATÉ O CÉU, E DESCE NOVAMENTE, RECÉM-NASCIDO, NA TERRA, E O SUPERIOR E O INFERIOR SÃO AUMENTADOS EM PODER. O Azoth ascende da Terra, do fundo do Vidro, e redescende em Veias e cai na Terra e por esta circulação contínua o Azoth é mais e mais sutilizado, Volatiliza o Sol e carrega os átomos Solares volatilizados junto com ele e, portanto, torna-se um Azoth Solar , ou seja, nosso terceiro e genuíno Mercúrio Sófico , e esta circulação do Azoth Solar deve continuar até que cesse por si só, e a Terra tenha sugado tudo para dentro, quando deve se tornar a matéria negra e breu, o Sapo [as substâncias na retorta alquímica e também os elementos inferiores no corpo do homem], o que denota putrefação completa ou Morte do Composto .

"POR ISTO, PARTICIPARÁS DAS HONRAS DO MUNDO INTEIRO. Sem dúvida, como a matéria preta e breu irá e deve necessariamente se tornar Branca e Vermelha , e o

Vermelho tendo sido levado à perfeição, medicinalmente e para Metais, é então totalmente capaz de preservar mentem sanam in corpore sano até o período natural da Vida e nos prometer meios amplos, in infinitum multipliable, para sermos benevolentes e caridosos sem qualquer diminuição de nossos recursos inesgotáveis, portanto, bem pode ser chamado de Glória [Honras] do Mundo Inteiro , pois verdadeiramente o estudo e a contemplação do LP [Lapis Philosophorum], harmonizando-se com as Verdades Divinas, eleva a mente a Deus, nosso Criador e Pai misericordioso, e se Ele nos permitir possuí-lo, praticamente deve erradicar o próprio princípio da Avareza, Inveja e Inclinações Malignas, e fazer com que nossos corações derretam em gratidão para com Aquele que foi tão gentil conosco! Portanto, os Filósofos dizem com grande Verdade, que o LP ou encontra um bom homem ou cria um.

"E A ESCURIDÃO VOARÁ DE TI. Ao revigorar os Órgãos que a Alma usa para se comunicar com objetos exteriores, a Alma deve adquirir maiores poderes não apenas para a concepção, mas também para a retenção, e, portanto, se desejamos obter ainda mais conhecimento, os órgãos e fontes secretas da vida física sendo maravilhosamente fortalecidos e revigorados, a Alma deve adquirir novos poderes para conceber e reter, especialmente se orarmos a Deus por conhecimento, e confirmarmos nossas orações pela fé, toda Obscuridade deve desaparecer, é claro. Que este não tenha sido o caso com todos os possuidores, foi culpa deles, pois eles se contentaram apenas com a Transmutação de Metais.

"(Use.) ESTA É A FORÇA DE TODOS OS PODERES. Esta é uma figura muito forte, para indicar que o LP positivamente possui todos os Poderes ocultos na Natureza, não para destruição, mas para exaltação e regeneração da matéria, nos três Departamentos da Natureza.

"COM ISSO VOCÊ PODERÁ SUPERAR TODAS AS COISAS, E TRANSMUTAR TUDO O QUE É FINO (☉☽) E O QUE É GROSSEIRO (♃♄ ♀ ♂ ☿). Ele conquistará todas as coisas sutis, é claro, à medida que refixa o oxigênio mais sutil em sua própria natureza ígnea e isso com mais poder, penetração e virtude, em uma proporção de dez vezes, a cada multiplicação, e cada vez em um período muito mais curto, até que seu poder se torne incalculável, poder multiplicado que também penetra [supera] todas as coisas sólidas , como o ouro e a prata invencíveis , o mercúrio , os cristais e os fluxos de vidro inalteráveis, aos quais é capaz de dar dureza e fixidez naturais, como Filaleta atesta, e é provado por um diamante artificial, na época de meu pai, em posse do príncipe Lichtenstein em Viena , avaliado em quinhentos mil ducados, fixado pelo lápis [pedra filosofal].

"DESTA MANEIRA O MUNDO FOI CRIADO; OS ARRANJOS PARA SEGUIR ESTA ESTRADA ESTÃO OCULTOS. POR ESTA RAZÃO EU SOU CHAMADO CHIRAM TELAT MECHASOT , UM EM ESSÊNCIA , MAS TRÊS EM ASPECTO . NESTA TRINDADE ESTÁ OCULTA A SABEDORIA DE TODO O MUNDO (ou seja, em Chiram e seu Uso). Acredita-se que Hermes era Moisés ou Zoroastro , caso contrário Hermes significa uma Serpente , e a Serpente costumava ser um Emblema de Conhecimento ou Sabedoria . A Serpente é encontrada em todos os lugares entre os Hieróglifos dos antigos egípcios, assim como o Globo com Asas , o Sol e a Lua , Dragões e Grifos , pelos quais os egípcios denotavam seu sublime conhecimento do Lapis

Philosophorum, de acordo com Suidas, as dicas nas Escrituras, e até mesmo De Non , onde ele fala dos santuários dos antigos Templos Egípcios.

"ACABOU AGORA O QUE EU DISSE SOBRE OS EFEITOS DO SOL. FIM DA TABULA SMARAGDINA. O que eu disse ou ensinei sobre o Trabalho Solar , agora está terminado. A Semente perfeita , adequada para multiplicação.

"Sei que esta é reconhecida como a genuína Tabula Smaragdina Hermetis ."

UMA CARTA DOS

IRMÃOS DE RC (ROSE CROSS)

Embora Eugenius Philalethes tenha negado ser membro da Fraternidade Rosacruz, acredita-se que por vários anos ele foi o chefe daquela Ordem. Em uma pequena obra chamada Lumen de Lumine, ou Uma Nova Luz Mágica Descoberta e Comunicada ao Mundo , publicada em Londres em 1651, Eugenius Philalethes dá uma carta notável, presumivelmente da Ordem Rosacruz. Acompanhando a carta está uma figura emblemática expondo em forma simbólica os processos e fórmulas da Pedra Filosofal. Esta epístola é um excelente exemplo do sistema Rosacruz de combinar especulações teológicas abstratas com fórmulas químicas concretas. Com a ajuda do material contido em várias partes deste presente livro, o estudante faria bem em se dar a tarefa de resolver o enigma contido neste hieróglifo.

" Uma Carta dos Irmãos de RC Sobre a Montanha Invisível e Mágica e o Tesouro Nela Contido .

"Todo homem naturalmente deseja uma superioridade, ter tesouros de Ouro e Prata [intelecto e alma], e parecer grande aos olhos do mundo. Deus de fato criou todas as coisas para o uso do homem, para que ele pudesse governá-las, e reconhecer nelas a bondade e onipotência singulares de Deus, dar-Lhe graças por Seus benefícios, honrá-Lo e louvá-Lo. Mas não há homem que cuide dessas coisas, a não ser passando seus dias ociosamente; eles as aproveitariam sem qualquer trabalho e perigo prévios; nem as procuram daquele lugar onde Deus as entesourou, Que espera também que o homem as procure lá, e para aqueles que as procuram Ele as dará. Mas não há ninguém que trabalhe por uma posse naquele lugar, e portanto essas riquezas não são encontradas: Pois o caminho para este lugar, e o próprio lugar tem sido desconhecido por um longo tempo, e está escondido da maior parte do mundo. Mas, apesar de ser difícil e trabalhoso descobrir este caminho e lugar, ainda assim o lugar deve ser procurado.

"Mas não é a vontade de Deus ocultar nada daqueles que são Seus, e, portanto, nesta última era, antes que venha o julgamento final, todas essas coisas serão manifestadas àqueles que são dignos: Como Ele mesmo (embora obscuramente, para que não seja manifestado aos indignos) falou em certo lugar: Não há nada encoberto que não seja revelado, e oculto que não seja conhecido. Portanto, sendo movidos pelo Espírito de Deus, declaramos a vontade de Deus ao mundo, que também já realizamos e publicamos em várias línguas. Mas a maioria dos homens ou insulta ou despreza nosso Manifesto (o Fama e o Confessio Fraternitatis) ou então renunciando ao Espírito de Deus, eles esperam as propostas disso de nós,

supondo que imediatamente os ensinaremos como fazer ouro pela Arte, ou forneceremos a eles amplos tesouros, pelos quais eles podem viver pomposamente diante do mundo, se gabar e fazer guerras, se tornar usurários, glutões e bêbados, viver impuramente, e contaminam toda a sua vida Com vários outros pecados, todas as coisas que são contrárias à vontade abençoada de Deus. Esses homens deveriam ter aprendido com aquelas Dez Virgens (das quais cinco que eram tolas exigiram óleo para suas lâmpadas, daquelas cinco que eram sábias) como o caso é muito diferente.

"É conveniente que todo homem trabalhe por este tesouro com a assistência de Deus, e sua própria busca e indústria particulares. Mas as intenções perversas desses companheiros nós entendemos a partir de seus próprios escritos, pela graça e revelação singulares de Deus. Nós tapamos nossos ouvidos, e nos envolvemos como se estivéssemos em nuvens, para evitar os berros e uivos daqueles homens, que em vão clamam por ouro. E daí, de fato, acontece que eles nos marcam com infinitas calúnias e calúnias, das quais, apesar de não nos ressentimos, mas Deus em Seu devido tempo os julgará por isso. Mas depois disso, nós tínhamos bem conhecido (embora desconhecido para você) e percebido também por seus escritos quão diligentemente você é para examinar as Sagradas Escrituras, e buscar o verdadeiro conhecimento de Deus: nós também, acima de muitos milhares, pensamos que você é digno de alguma resposta, e nós significamos isso para você pela vontade de Deus e a admoestação do Espírito Santo.

"Há uma montanha situada no meio da terra, ou centro do mundo, que é pequena e grande. É macia, também acima da medida dura e pedregosa. Está longe, e próxima, mas pela providência de Deus, invisível. Nela estão escondidos os mais amplos tesouros, que o mundo não é capaz de valorizar. Esta montanha, por inveja do diabo, que sempre se opõe à glória de Deus e à felicidade do homem, é cercada por bestas muito cruéis e outras aves vorazes, que tornam o caminho até lá difícil e perigoso; e, portanto, até agora, porque o tempo ainda não chegou, o caminho até lá não pôde ser procurado nem descoberto. Mas agora, finalmente, o caminho deve ser encontrado por aqueles que são dignos, mas, apesar disso, pelo trabalho próprio e esforços de cada homem.

"Para esta montanha vocês irão em uma certa noite (quando ela: chegar) mais longa e mais escura, e vejam que vocês se preparem pela oração. Insistam no caminho que: leva à montanha, mas não perguntem a nenhum homem onde o caminho está: apenas sigam seu Guia, que se oferecerá a vocês, e os encontrará no caminho, mas vocês não o conhecerão. Este Guia os levará à montanha à meia-noite, quando todas as coisas estiverem silenciosas e escuras. É necessário que vocês se armem com uma coragem heróica resoluta, para que não temam as coisas que acontecerão, e assim recuem. Vocês não precisam de espada, nem de nenhuma outra arma corporal, apenas invoquem a Deus sincera e sinceramente.

"Quando você tiver descoberto a montanha, o primeiro milagre que aparecerá é este. Um vento muito forte e muito forte, que sacudirá a montanha e quebrará as rochas em pedaços. Você também será encontrado por leões, dragões e outras feras terríveis, mas não tema nenhuma dessas coisas. Seja resoluto e tome cuidado para não retornar, pois seu Guia que o trouxe até lá não permitirá que nenhum mal

lhe aconteça. Quanto ao tesouro, ele ainda não foi descoberto, mas está muito próximo. Depois desse vento virá um terremoto, que derrubará aquelas coisas que o vento deixou e tornará tudo plano. Mas certifique-se de não cair.

"O terremoto tendo passado, seguirá um fogo, que consumirá o lixo terrestre, e descobrirá o tesouro, mas ainda não o podes ver. Depois de todas essas coisas e perto do amanhecer, haverá uma grande calma, e verás a Estrela do Dia surgir e o amanhecer aparecerá, e perceberás um grande tesouro. A coisa mais importante nele, e a mais perfeita, é uma certa tintura exaltada, com a qual o mundo (se servisse a Deus e fosse digno de tais dádivas) poderia ser tingido e transformado em ouro puríssimo.

"Esta tintura sendo usada, como seu Guia chegará até você, fará você jovem quando você for velho, e você não perceberá nenhuma doença em nenhuma parte de seus corpos. Por meio desta tintura você também encontrará pérolas daquela excelência que não pode ser imaginada. Mas não se arrogue nada para si mesmo por causa de seu poder atual, mas fique contente com aquilo que seu Guia comunicará a você. Louve a Deus perpetuamente por este Seu presente, e tenha um cuidado especial para que você não o use para orgulho mundano, mas empregue-o em tais obras que são contrárias ao mundo. Use-o corretamente e aproveite-o assim, como se você não o tivesse. Viva uma vida temperada, e tome cuidado com todo pecado, caso contrário seu Guia o abandonará, e você será privado desta felicidade. Pois saiba disto uma verdade, quem abusar desta tintura e não viver exemplarmente, puramente e devotamente diante dos homens perderá este benefício, e dificilmente sobrará qualquer esperança de recuperá-lo depois."

Se, como acreditam os transcendentalistas, as iniciações na Fraternidade da Rosa Cruz foram dadas nos mundos invisíveis que circundam e interpenetram o universo visível, não está fora de cogitação que essa alegoria deva ser considerada à luz de um ritual iniciático, bem como de uma fórmula alquímica.

Como foi notado, é difícil garantir uma fórmula completa para qualquer uma das operações alquímicas. A apresentada aqui é a mais quase completa de todas disponíveis. A coleta dos raios e energias dos corpos celestes como precipitados no orvalho é um processo que Paracelso usou com grande sucesso. Tenha constantemente em mente que esses processos são apenas para aqueles que foram devidamente instruídos na arte secreta .

" UMA VERDADEIRA REVELAÇÃO DA OPERAÇÃO MANUAL PARA A MEDICINA UNIVERSAL COMUMENTE CHAMADA DE 'A PEDRA FILOSOFAL'. Pelo célebre filósofo de Leyden, conforme atestado em seu leito de morte com seu próprio Sangue, Anno Domini 1662. Ao meu amado primo e filho, o verdadeiro filósofo hermético--

"Querido primo e filho amoroso:

"Embora eu tenha decidido nunca dar por escrito a qualquer pessoa o segredo dos Antigos Sábios, ainda assim, por afeição e amor peculiares a você, eu o tomei para mim, ao que a proximidade de nossa relação me obriga, e especialmente porque esta vida temporal é curta, e a Arte é muito obscura e você pode, portanto, não atingir o fim desejado; mas, meu Filho, porque uma joia tão preciosa não pertence

aos porcos; e também porque este tão grande presente de Deus pode ser tratado com cuidado e de forma cristã, em consideração a isso, eu me declaro amplamente a você.

"Eu te conjuro com a mão e a boca sagradamente;

"1º. Que, especialmente, tu guardes fielmente o mesmo de todas as pessoas perversas, lascivas e criminosas.

"2º. Que não te exaltes de modo algum.

"3º. Que tu procures promover a honra do teu Criador de todas as coisas e o bem do teu próximo, preserva-o sagradamente para que teu Senhor não tenha motivo para reclamar de ti no último dia. Eu escrevi aqui neste tratado tal parte do Reino dos Céus, assim como eu mesmo trabalhei este tesouro e o terminei com meus dedos, portanto, subscrevi todo este trabalho com meu sangue, deitado em meu leito de morte em Leyden.

" O PROCESSO -- Em Nome de Deus, pegue o sal mais puro e limpo, sal marinho, feito pelo próprio sol, como o que é trazido por navios da Espanha (usei sal que veio de St. Uber), deixe-o secar em um fogão quente, moa-o em um pilão de pedra, o mais fino possível até virar um pó para que seja mais fácil dissolver e ser absorvido pela nossa Água de Orvalho , que pode ser obtida nos meses de maio ou junho: Quando a Lua estiver cheia, observe quando o orvalho cai com um vento Leste ou Sudeste. Então você deve ter gravetos a cerca de um pé e meio de altura acima do solo quando cravados na Terra. Sobre dois ou três desses gravetos, coloque quatro placas quadradas de vidro e, à medida que o orvalho cai, ele se fixa facilmente no vidro como um vapor; então, tenha recipientes de vidro prontos, deixe o orvalho escorrer das laterais dos copos para seus recipientes. Faça isso até ter o suficiente. A Lua cheia é uma boa estação, depois será difícil."

Os raios solares que descem do sol carregam consigo o enxofre solar - o Fogo Divino. Esses raios são cristalizados pelo contato com

A MONTANHA MÁGICA INVISÍVEL.

Do Lumen de Lumine de Fililethales .

Na página 24 de Lumen de Lumine , Eugenius Philalethes descreve a montanha mágica da seguinte forma:

"Este é aquele tipo mágico emblemático, que Thalia me entregou na Guiana invisível. A primeira e superior parte dela representa as Montanhas da Lua. Os filósofos comumente as chamam de Montanhas da Índia, em cujos topos cresce sua secreta e famosa Lunaria. É uma erva fácil de ser encontrada, mas [pelo fato] de que os homens são cegos, ela se descobre e brilha após a noite como uma pérola. A terra dessas montanhas é muito vermelha e macia além de toda expressão. É cheia de rochas cristalinas, que os filósofos chamam de seu vidro e sua pedra: pássaros e peixes (dizem eles) a trazem para eles. Dessas montanhas fala Hali, o árabe, um excelente autor judicioso: 'Vá, meu filho, para as Montanhas da Índia, e para suas pedreiras ou cavernas, e pegue de lá nossas pedras preciosas que se dissolvem ou derretem na água, quando são misturadas a elas. Muito, de fato, poderia ser falado dessas montanhas, se fosse lícito publicar seus mistérios, mas uma coisa não deixarei de lhe dizer. Eles são lugares muito perigosos depois da noite, pois são assombrados por fogueiras e outras aparições estranhas (como me disseram os Magos) por certos espíritos, que se envolvem lascivamente com o esperma do mundo e imprimem suas imaginações neles, produzindo muitas vezes gerações fantásticas e monstruosas. O acesso e a peregrinação a este lugar, com as dificuldades que os acompanham, são fiel e magistralmente descritos pelos Irmãos de RC" (Definir carta que acompanha.)

os raios lunares. Os raios solares também são recebidos pelas emanações que se derramam para cima da superfície da Terra e são, portanto, ainda mais cristalizados em uma substância parcialmente tangível, que é solúvel em água pura. Esta substância é a "Montanha Mágica da Lua" mencionada na carta RC. A cristalização dos raios solares e lunares na água (orvalho) produz a terra virgem - uma substância pura e invisível, não contaminada pela matéria material. Quando os cristais da terra virgem estão molhados, eles parecem verdes; quando secos, brancos.

Von Welling faz uma sugestão para a extração da vida solar da água estagnada, mas é reticente tanto quanto a nomear a essência extraída quanto quanto aos vários processos pelos quais ela deve passar para ser refinada e aumentada em poder. Sua dica, no entanto, é valiosa e incomum:

"Pegue água doce e limpa e sele-a em uma garrafa grande, deixando cerca de um quarto vazia. Coloque a garrafa no sol por algumas semanas até que apodreça, mostrando uma precipitação no fundo. Essa precipitação, quando manipulada adequadamente por destilação, produzirá um óleo claro, ardente e ardente, cujos constituintes e uso são conhecidos apenas pelos sábios."

O filósofo de Leyden continua: "Agora, quando você tiver bastante do seu orvalho, feche seus copos exatamente, e guarde-os até usá-los, para que nenhum de seus espíritos possa evaporar, o que pode acontecer facilmente. Coloque-os, portanto, em um lugar fresco, para que nenhum calor possa chegar até eles, ou então o espírito sutil subirá e desaparecerá; o que não acontecerá se, depois de encher seus copos com orvalho completamente, você os fechar muito bem com cera.

"Agora, em Nome de Deus, pegue desta Água de Orvalho o quanto quiser, coloque em um copo limpo para dissolver, então jogue um pouco do seu sal em pó

mencionado anteriormente para ser dissolvido, e continue a colocá-lo até que sua Água de Orvalho não se dissolva mais ou até que o sal fique nela por quatro dias sem ser dissolvido, então ele tem o suficiente, e ao seu Orvalho é dado seu pó apropriado. Desta água composta, pegue o quanto quiser, eu peguei cerca de uma libra e meia, e coloquei em um frasco redondo com um gargalo curto, encha-o com nossa água e alaúde com um bom alaúde, uma tampa e rolha que se encaixem bem, para que o espírito sutil e vivo do orvalho não fumegue, pois se isso acontecesse, a alma do sal nunca seria agitada, nem o trabalho jamais seria levado a um fim correto. Deixe o alaúde secar muito bem por si mesmo, e coloque-o na fornalha de BM para apodrecer. Faça um fogo lento e deixe-o digerir por quarenta ou cinquenta dias, e que a fumaça do haja água continuamente ao redor dele, e você verá sua matéria escurecer, o que é um sinal de sua putrefação.

"Assim que você o tiver retirado, tenha seu forno seco pronto. Coloque seu vidro com a matéria em um globo interno para coagular, dê a ele um grau lento de fogo, continue igualmente por doze ou quinze dias, e sua matéria começará a coagular e a se fixar ao redor de seu vidro como um sal cinza, que assim que você vir e antes que sejam dois dias, diminua o fogo para que ele possa esfriar vagarosamente. Então tenha em prontidão seu forno de putrefação como antes. Coloque seu vidro nele e dê o mesmo grau de fogo de antes. Deixe-o repousar doze dias, e novamente você verá a matéria resolver e abrir como antes, e se abrir, mas você deve sempre ver que o alaúde e seu vidro não estão danificados. Quando você colocar seu vidro no forno de putrefação, tome cuidado para que o gargalo do seu vidro esteja coberto com uma rolha de madeira ou vidro que se encaixe exatamente, para que a umidade da água não chegue até ele.

"Quando você vê-lo preto, coloque seu copo como antes para coagular e quando ele começar a ficar de uma cor acinzentada e esbranquiçada, coloque-o uma terceira vez para putrefação, e coagule pela quinta vez, até que você veja que sua água em sua dissolução é limpa, translúcida e clara, e que aparece em sua Calcinação de um branco fino como a Neve. Então ele é preparado e se torna um Sal fixo que derreterá em uma placa de Prata quente como cera; mas antes de você colocar este seu Sal para fora, coloque-o novamente [na] fornalha de putrefação para que ele possa se dissolver por si mesmo, então deixe esfriar, abra seu Copo e você encontrará sua Matéria diminuída em uma terceira parte. Mas em vez de sua Água Salgada anterior, você terá uma Água Doce e muito penetrante que os Filósofos esconderam sob Nomes muito maravilhosos - É o Mercúrio de todos os verdadeiros Filósofos, a Água da qual vem Ouro e Prata, pois eles dizem que seu Pai é Ouro e sua Mãe é Prata. Assim tens a força de ambos os Luminares unidos nesta Água, a maioria verdade, em seu Pondus certo.

" Prescrição . 5 gotas desta Água tomadas internamente fortalecem o entendimento e a memória, e nos revelam as coisas mais maravilhosas e doces, das quais nenhum homem ouviu falar, e das quais não ouso escrever mais, por causa do Juramento que fiz a Deus em contrário. O tempo e o uso sagrado desta Água abençoada nos ensinarão, assim que você a tiver tomado internamente, tal influência acontecerá a você como se todos os céus e todas as estrelas com seus poderes estivessem trabalhando em você. Todo o Conhecimento e Artes secretas serão abertos a você como em um sonho, mas o mais excelente de tudo é que você

aprenderá perfeitamente a conhecer corretamente todas as criaturas em sua Natureza, e por meio disso, a verdadeira compreensão de Deus, o Criador de nós, Céu e Terra, como Davi e Moisés e todos os Santos de Deus, pois a sabedoria de nossa fonte de Água viva o instruirá como fez com Salomão e os Irmãos de nossa fraternidade."

Em seu raro tratado sobre Sal, Enxofre e Mercúrio , von Welling revela um segredo que geralmente não é revelado nos escritos alquímicos, a saber, que os alquimistas estavam preocupados não apenas com a transmutação de metais, mas tinham um sistema cosmológico e filosófico completo baseado na Cabala.

De acordo com von Welling, o sal universal (na forma aquosa) é uma cura positiva para todas as doenças físicas da humanidade; está em todos os seres vivos, mas de algumas coisas é mais facilmente obtido do que de outras: especialmente isso é verdade para a terra virgem; é o solvente universal, o alkahest. O mesmo escritor também afirma que nos primeiros estágios de sua preparação, esse sal curará toda e qualquer doença do coração. O filósofo anônimo de Leyden continua:

"Você poderia agora prosseguir com nossa Água abençoada para a intenção mencionada anteriormente de preparar uma Tintura para Metais, ouça meu Filho--

"Tome o NOME do Senhor, da tua Água Paradisíaca, da Água celestial de Mercúrio, tanto quanto quiseres, coloque-a em um copo para dissolver, e coloque-a em um fogo lento de Cinzas, para que possa sentir o calor, então tenha Ouro bem purificado pronto para o Elixir Vermelho, ou Prata para o Elixir Branco, pois em ambos os Processos são os mesmos. Deixe seu Ouro ou Prata ser batido tão fino quanto uma folha de Ouro, jogue-o aos poucos em seu Copo de dissolução, que contém sua Água abençoada, como você fez no começo com seu Sal, e ele derreterá como Gelo em Água Morna, e continue assim até que seu Ouro ou Prata permaneçam ali quatro dias sem se dissolver, então ele recebeu seu Pondus devido. Então coloque esta dissolução como antes em um Copo redondo, encha-o com dois terços, sele-o hermeticamente como antes, deixe seu Sigillum ser bem seco. Coloque-o na fornalha de Balneum Vapori, faça uma fogueira e deixe-o permanecer por quarenta dias, como antes, então o Ouro ou Prata será dissolvido radicalmente e desligará o preto mais profundo do mundo, que assim que você vir, tenha seu outro forno de secagem pronto."

Continuando: "Os filósofos dizem que não há solução verdadeira do corpo sem uma coagulação processual do espírito, pois eles são intercambiavelmente misturados em uma proporção devida, por meio da qual a essência corporal se torna de uma natureza espiritual penetrante. Por outro lado, a incompreensível virtude espiritual essencial também se torna corpórea pelo fogo, porque é feita entre eles uma relação ou amizade tão próxima, como os céus operam até a própria Profundidade da Terra, e produzindo dali todos os tesouros e riquezas do Mundo inteiro.

" Admirandum Naturæ Operationem em Archidoxes Cognitam .

" Com este Pó - Você pode projetar em metais da seguinte forma. Pegue cinco partes de Ouro ou Prata finos, conforme você trabalha, e derreta-os em um Cadinho. Enrole seu Remédio em Cera, jogue-o lá dentro, dê um fogo forte por uma

hora, então tire o Cadinho, por assim dizer, calcine, então jogue uma parte em dez partes de metais imperfeitos, seja o que for, e o mesmo será imediatamente transformado em Metal mais puro do que o que é trazido das Minas e produzido pela Fusão; e quando você o aumenta em força e virtude resolvendo e coagulando, na quinta vez ele se resolverá em três dias e será coagulado em vinte e quatro horas, para uma Pedra incrível e altamente translúcida ou Carvão Vermelho Brilhante queimando. Para o trabalho branco, ele se tornará como um fluxo branco de Relâmpago.

"Desta última coagulação, pegue uma parte, lance-a sobre cinco mil de Ouro ou Prata derretidos como antes. Ela transforma o mesmo em Medicina perfeita, uma parte da qual tingirá cem mil partes de Metais imperfeitos derretidos no mais fino Ouro ou Prata. Até aqui eu trouxe e mais longe eu não iria, pois como eu colocaria a matéria [para destilar] seis vezes em doze horas, ela se sutilizou tanto que a maior parte (como algo mais maravilhoso de se ver) passou pelo Vidro causando um Cheiro odorífero inexprimível. Tome cuidado para que isso não aconteça com você.

"Muitas outras maravilhas desta Arte sagrada poderiam ser acrescentadas, a saber, como preparar com ela todos os tipos de Pedras preciosas e outras coisas admiráveis, mas seria necessário um livro muito grande para expressar o todo como deveria ser, especialmente porque a Arte é infinita e não pode ser apreendida com uma única visão, e meu propósito tem sido, Amado Primo e Filho, devotamente conduzi-lo aos Mistérios da Natureza e a esta Ciência sagrada, e eu o realizei fielmente."

Concluindo, a carta declara: "Vai trabalhar como eu fiz antes de ti, teme a Deus, ama teu próximo do fundo de tua alma sinceramente. Assim será na operação Manual, tudo para ti, e quando estiveres trabalhando nisso muitos de nossos irmãos se revelarão a ti, de nossa ordem sagrada, privadamente; Pois eu, de minha parte, pelo Deus Eterno, escrevi a verdade que descobri por meio de oração e busca na Natureza, obra que vi com meus olhos e com minhas mãos extraí. Portanto, também assinei este Testamento com meu próprio sangue, no último dia de minha vida em meu leito de morte. Actum Leyden, 27 de março de 1662."

AS FIGURAS HERMÉTICAS E ALQUÍMICAS DE CLAUDIUS DE DOMINICO CELENTANO VALLIS NOVI DE UM MANUSCRITO ESCRITO E ILUMINADO EM NÁPOLES EM 1606 DC

Não há melhor maneira de introduzir à "Arte Real" um buscador dos mistérios da filosofia simbólica do que colocar à sua disposição um exemplo real de escrita alquímica. O texto deste manuscrito é tão enigmático quanto seus diagramas; mas para aquele que meditar sobre o profundo significado de ambos, as questões mais profundas do misticismo no devido tempo serão esclarecidas. Uma pessoa desconhecida por cujas mãos este manuscrito passou escreveu assim sobre ele:

"Por causa de seus desenhos e exposições ilustradas, o manuscrito é de importância preeminente para os Rosacruzes e a ordem contemporânea dos Maçons. A primeira e maior parte das ilustrações lida com a filosofia hermética, explicando seus ensinamentos e doutrinas. Intercalados entre eles estão retratos de grandes professores e representações satíricas de trapalhões e suas visões equivocadas. A parte sistematicamente organizada mostra com clareza maravilhosa o desenvolvimento da cor dos processos alquímicos do azul-dourado sobre o preto para o branco e rosa. Ao longo dele, trata da mudança nos seres humanos e não da fabricação do ouro . Sempre sobre o Grau do Preto (o retorno ao Caos do qual novas criações são possíveis) segue o Grau dos Neófitos, o Novo Nascimento, que é frequentemente repetido com impressionante lucidez. O estágio preto ocorre como de costume através do fogo. Este manuscrito não aberto e não publicado pertence à ordem dos mais importantes Preceitos e Documentos dos Rosacruzes e Maçons. Uma busca nos museus e coleções de bibliotecas da Alemanha não conseguiu revelar nenhum item de caráter sequer semelhante."

Além das 26 folhas aqui reproduzidas, há dez garrafas ou retortas, cada uma metade cheia de substâncias multicoloridas. Essas garrafas podem ser tão facilmente descritas que é desnecessário reproduzi-las. A primeira garrafa (da boca da qual sai um arbusto dourado com três flores) contém um líquido cinza-azulado, a figura inteira sendo chamada de "Nosso Mercúrio". Sob o recipiente há um verso contendo as palavras significativas: "Ele terá vestes brancas para o preto e depois vermelho". A segunda garrafa (do gargalo da qual surgem quatro flores douradas) também contém a substância cinza-azulada denominada mercúrio. Abaixo da garrafa está a advertência para "fazer espírito do corpo e graça do grosseiro, para que o corpóreo se torne incorpóreo".

A terceira garrafa é inteiramente preta, exceto por um tronco de árvore dourado com seis galhos cortados e terminando em cinco galhos que terminam em botões e se projetam do gargalo da garrafa. O estado da substância é denominado "Negritude aparecendo através da Cabeça do Corvo". Abaixo da garrafa ocorre a declaração de que "a tintura dos Filósofos está escondida no ar como a alma no corpo humano". A quarta garrafa é da mais profunda escuridão e é chamada de "A Cabeça do Corvo". Nada sobe do gargalo do recipiente, pois a terra (seu conteúdo) é descrita como "submersa no Caos". O fundo da quinta garrafa contém um líquido cinza-azulado manchado, a parte superior sendo preenchida com uma substância cor de tijolo. Acima estão as palavras: "Sexta Cabeça do Corvo"; abaixo é adicionado: "No fundo do recipiente nascem vermes".

A metade inferior da sexta garrafa é de um cinza-azulado, a metade superior preta, a figura inteira sendo denominada "Sétima Cabeça de Corvo". Uma criança está sentada ao lado da garrafa, sobre a qual está escrito: "Este filho negro recém-

nascido é chamado Elixir e será tornado perfeitamente branco". A sétima garrafa é preta abaixo e preta manchada com vermelho acima. O processo é assim descrito: "Preto mais preto que preto, pois muitas cores diversas aparecerão. Essas nuvens negras [descerão] ao corpo de onde vieram, e a junção de corpo, alma e espírito foi completada e transformada em cinzas".

A oitava garrafa é dividida horizontalmente por uma faixa dourada, da qual se ergue uma haste dourada terminando em cinco folhas projetando-se do gargalo da garrafa. O conteúdo do recipiente é transparente, e está escrito que "as nuvens negras passaram e a grande brancura foi completada". A nona garrafa (do gargalo da qual se ergue uma rosa branca dourada) também é parcialmente preenchida com um líquido transparente. A rosa é feita para dizer: "Aquele que me branqueia me torna vermelho". A décima e última garrafa representa a consumação da Grande Obra. A metade inferior do recipiente é preenchida com o Elixir vermelho-sangue e do gargalo se ergue uma rosa vermelha com muitas pétalas e de extrema beleza. Após declarar que todos os planetas estiveram presentes na consumação da Grande Obra, o autor do documento conclui: "Eu dei ao Mestre [espírito] tanta prata e ouro que ele nunca poderá ser pobre".

Em sua dedicatória, o autor e ilustrador do manuscrito declara que expôs todas as operações da Grande Obra. Ele ora ao Espírito Santo para que ele seja incluído no número daqueles que perseguiram esta mais nobre das ciências e que ele seja sempre colocado no caminho da retidão. Excluindo suas próprias pesquisas, as principais fontes de suas informações são ditas como sendo os escritos de São Tomás de Aquino, Raimundo Lúlio e Arnaldo de Villa Nova.

Para se protegerem da perseguição da teologia despótica, os alquimistas medievais formularam sua filosofia na terminologia cristã, embora os grandes segredos da Arte fossem derivados em grande parte de adeptos egípcios ou árabes. Os maometanos eram mestres dos segredos herméticos e até mesmo o grande Paracelso obteve deles a maior parte de seu conhecimento. Em seus manifestos, os rosacruzes também revelam a fonte árabe de sua doutrina secreta. Portanto, deve-se ter em mente que a relação dos ensinamentos alquímicos com o simbolismo bíblico foi um gesto de conveniência. Em sua busca nas Escrituras pelos arcanos de Israel, os cabalistas substanciaram em grande medida as interpretações alquímicas da Bíblia, pois a alma da alquimia é uma com a do cabalismo. Ambas as escolas têm um fim comum, sendo que se preocupam com o mistério da regeneração humana, apesar das aparentes discrepâncias em seu simbolismo.

A publicação deste manuscrito coloca à disposição do estudante os segredos mais profundos da Arte Hermética. A princípio, a tarefa de decifração pode parecer sem esperança e os superficialmente de mente serão tentados a zombar da possibilidade de conhecimento real ser perpetuado de forma tão não convencional. O escarnecedor não perceberá que um dos propósitos do documento é despertar o ridículo e, assim, preservar mais efetivamente seus arcanos do profano. Algumas folhas (como as aqui reproduzidas) representam o trabalho da vida de alguém que se consagrou à tarefa de rasgar o véu da Virgem do Mundo. Anos de pesquisa e experimentação, dias de trabalho incessante, noites de oração e meditação, e finalmente vem a realização da realização! Esta é a história real contada pelas

figuras grotescas desenhadas tão meticulosamente nas páginas desbotadas e comidas por vermes. Aqueles que vislumbraram as realidades maiores do ser percebem que as verdades fundamentais da vida encontram, na melhor das hipóteses, apenas expressão imperfeita por meio de símbolos físicos. Somente aqueles que passaram pelo sofrimento do nascimento espiritual podem compreender adequadamente e reverenciar adequadamente os esforços patéticos de retratar para os outros aquele conhecimento necessariamente trancado no coração daquele que sabe.

Folha 1. A linha superior diz: "Nosso primeiro remédio era feito de objetos naturais." Sobre o rei e a rainha aparece a declaração de que para eles um filho nascerá "em duas árvores da videira", assemelhando-se ao pai e sem igual em todo o mundo. Sobre o vaso está escrito: "Verde e branco." "A cor da chama do vaso, as flores verdes." "Nossa água, nossa prata." As linhas abaixo dizem: "O material da Pedra Filosofal é aquela água espessa e viscosa, que tanto o calor quanto o frio

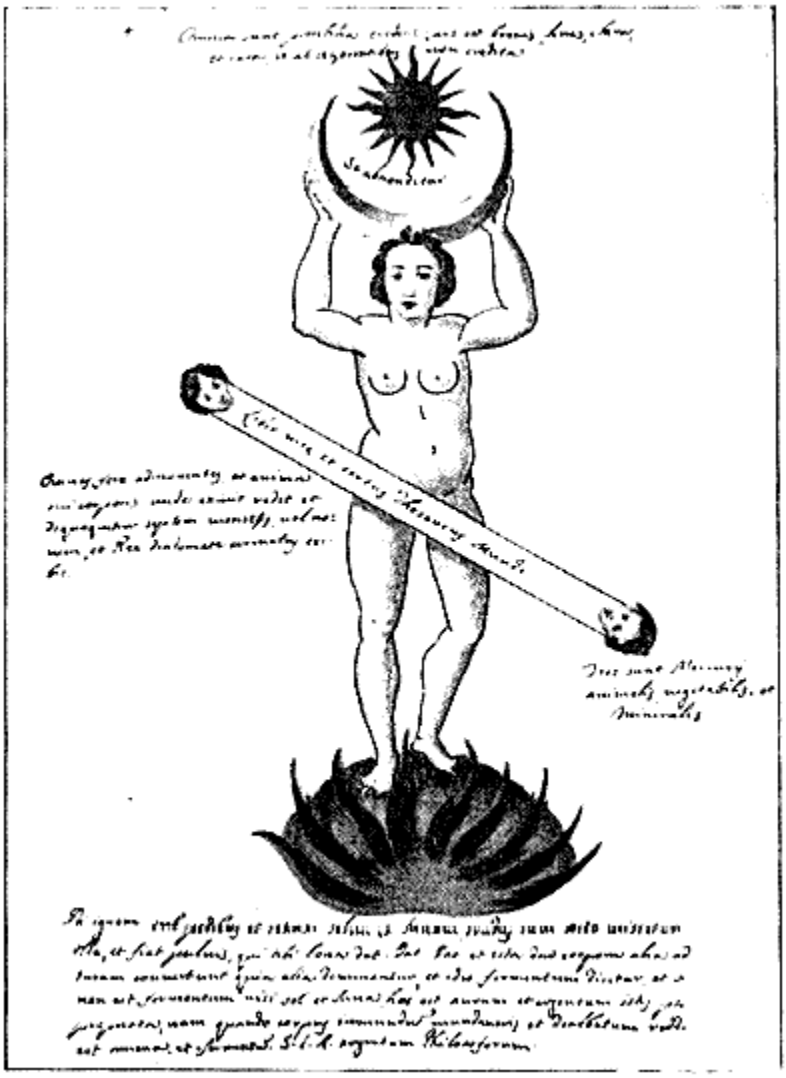
congela. É Mercúrio fervido e engrossado, cozido em terra neutra com calor sulfuroso e é chamado de Matéria-prima dos metais. Em cavernas ainda escuras e montanhas proibitivas, se uma Pedra for encontrada que há mil anos a Natureza fez de seus frutos, ela tirará aquele que a tem de problemas. * * * Ouça atentamente todos os meus versos; eu os falo sem véu e sem engano.

Folha 2. No topo há uma citação de São Tomás de Aquino sobre a composição da Pedra Filosofal, que é descrita como da mais pura transparência; nela todas as formas dos elementos e suas contrariedades eram visíveis. Abaixo da figura de São Tomás de Aquino há um pequeno parágrafo elogiando a excelência da Pedra Filosofal, declarando que de uma substância podem ser derivadas três e de três, duas. À direita de São Tomás de Aquino há uma imagem de Raymond Lully sentado na porta de seu eremitério. Sob seus pés aparece uma citação deste célebre alquimista, começando com a pergunta: "O que é a Pedra Filosofal?" Depois de declarar que é um mercúrio fixo e avermelhado, Lully jura ao Todo-Poderoso que

ele disse a verdade e que não é permitido dizer mais. (O manuscrito original está mutilado neste ponto.)

Folha 3. A escrita no topo da página diz: "Morte de Saturno; vida de Mercúrio." Após descrever o uso das substâncias saturninas, a chave para o processo é declarada como sendo descrita abaixo. O verso diz "Esta [a pedra] é feita de quatro elementos. Esta é a verdade em toda a Natureza. Pegue-a em mãos, brilhante e brilhante, com toda a diligência e grande cuidado e então tente amarrar tudo firmemente lado a lado, para que o fogo possa causar alarme." Acima da figura humana está escrito: "Saturno está quase morto." À direita da serpente devoradora

está uma declaração de Albertus Magnus de que Saturno e Mercúrio são os primeiros princípios da Pedra. Também declara que a Natureza sabiamente forneceu uma mistura de elementos para que a terra possa comunicar sua secura ao fogo, o fogo seu calor ao ar, o ar sua umidade à água e a água sua frieza à terra. (O texto sobre o vaso está ilegível no original.)

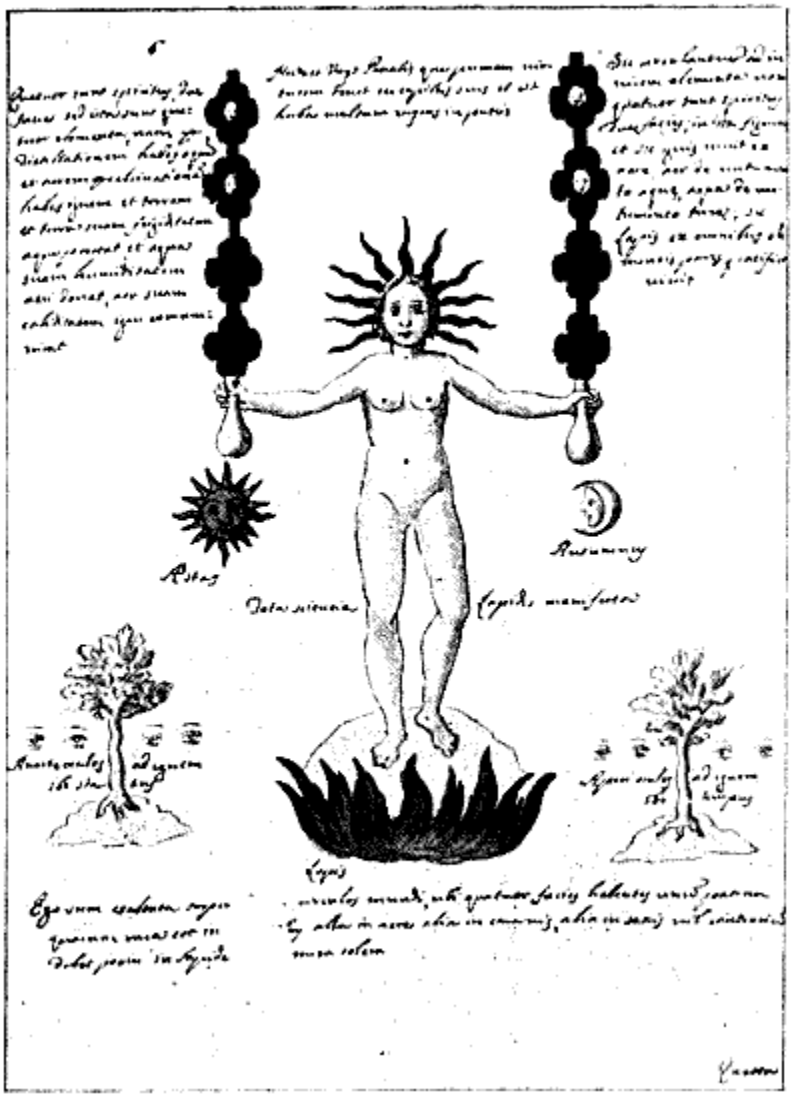


Folha 4. No topo: "Que eles acreditem que . tudo é possível. A arte é passageira, brilhante e rara, e não acreditada pelos tolos." As palavras entre o sol e o crescente dizem "Está escondido", e no painel do outro lado do corpo "O Livro da vida e o verdadeiro Tesouro do Mundo." O painel à esquerda da figura diz "Movendo quase tudo, e a alma de seu corpo retorna ao lugar de onde havia fugido, e amadurece sete meses ou nove, e o Rei coroado com seu diadema aparece." O painel da direita afirma: "Existem três Mercúrios: animal, vegetal e mineral." O texto abaixo é de natureza tão enigmática que traduzi-lo é quase impossível. Ele declara que, colocando fogo sob os pés da figura simbólica, é possível extrair deles o sol e a lua

que o corpo humano é mostrado elevando a uma posição de dignidade acima de sua cabeça.

Folha 5. No painel superior é declarado que o pássaro-sol luta com a serpente-terra, que, arrancando suas próprias entranhas, as dá ao pássaro. O espírito é vivificado e Lázaro com alegria é ressuscitado dos mortos. Acima do pássaro está escrito: "Este é o sol na forma de um pássaro", e acima do dragão "Este é o dragão devorando o pássaro. A primeira operação." O painel de texto no canto inferior esquerdo diz em substância: "Quando nosso esperma (mercúrio) é misturado com a mãe dos elementos (terra), a ação é chamada de coito . A detenção pela terra de um pouco de mercúrio é chamada de concepção . A terra cresce e se multiplica e a operação é chamada de impregnação . Quando a terra é branqueada com água e

tornada de cor e aparência uniformes, é chamada de nascimento e o Rei nasce do fogo." O texto no canto inferior direito foi deliberadamente mutilado para esconder um segredo muito evidente.

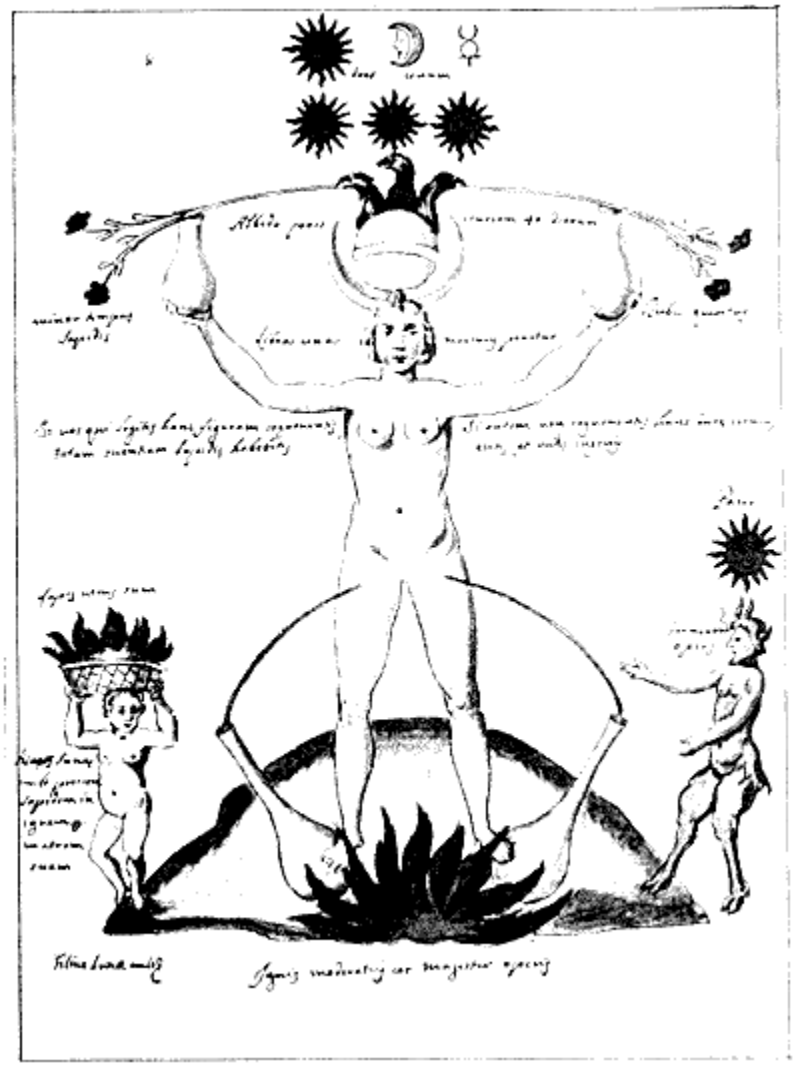


Folha 6. Esta placa mostra todos os segredos da grande Pedra. No centro está a Virgem Pascal, em seu cabelo a virtude principal que é descrita como uma erva florescendo em poços. As mãos seguram os símbolos dos elementos espirituais e materiais. A declaração no canto superior esquerdo é no sentido de que há quatro espíritos com duas faces, que são chamados de elementos. No canto superior direito está escrito que o fogo vive no ar, o ar na água, a água na terra e, portanto, a Pedra vive Pacificamente em todos os elementos puros. Sob o sol aparece a

palavra Verão ; sob a lua, Outono . Sobre a árvore à esquerda com seus olhos acompanhantes estão as palavras: "Desvie seus olhos para [do?] fogo. Há espaço [?]." Sobre a árvore à direita. "Abra seus olhos para o fogo. Há tempo." O painel inferior abre com esta frase "Eu sou exaltado acima dos círculos do mundo."

Folha 7. O verso no topo diz: "Esta Pedra é tão nobre e digna que a Natureza a escondeu em seus recessos. Sua alma é toda bela e pura, pois é o verdadeiro sol. Eu o informo disso. Mantenha-a removida, separada e separada. Qualquer bênção que você almeja, ela virá a você abundantemente, sem pecado, com prazer e deleite." A figura sentada à esquerda segurando o martelo no alto é descrita como quebrando pedra dura, enquanto as palavras ao lado do homem com a réplica dizem: "Quebra de pedra, nosso reabastecimento." Entre as figuras em pé abaixo

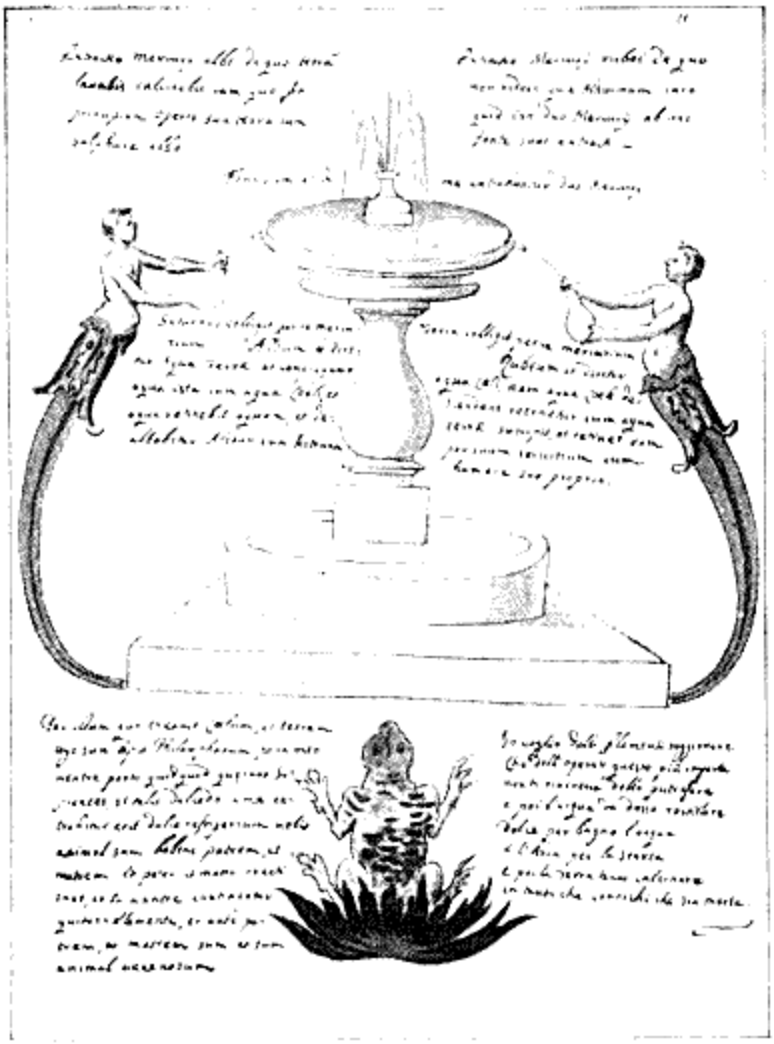
está a exclamação; "Ó Sábios, procurem e encontrarão minha Pedra!" Sob a mão estendida do homem com uma cesta aparecem as palavras: "Tire sorerem [?] no fundo." Abaixo da piscina que o homem à esquerda está mexendo aparece a declaração simples: "Nossa água curativa." Os rostos dos quatro homens são extremamente bem desenhados.



Folha 8. Sob o sol, a lua e Mercúrio estão as palavras Três e Um , uma inferência de que os três são um. As palavras sob os caules das flores dizem: "Brancura quarenta dias após as cinzas." Sob as flores está escrito: (esquerda) "Tempo menor da Pedra"; (direita) "O vermelho selecionado." Entre os braços da figura central aparece: "Que uma libra de Mercúrio seja colocada." À esquerda está escrito: "Se você que lê tiver conhecido esta figura, você possuirá toda a ciência da Pedra"; à direita: "E se você não reconhecê-la, você será teimoso e obtuso." Acima do sol está a palavra Pai ; acima do sátiro, "Fermento da obra." Ao lado da criança está a frase: "O filho da lua jogou a Pedra no fogo - sua mãe." Acima da cesta flamejante está escrito: "Eu sou a verdadeira Pedra." Abaixo da figura central estão as palavras: "Um fogo moderado é o mestre da obra."

Folha 9. No canto superior esquerdo está escrito que sem a luz da Lua o Sol não aquece a Terra e que na Lua o Sol emite seus frutos. No canto superior direito a verdadeira erva dos filósofos é descrita, e é declarado que quem acredita nela será [espiritualmente] rico. O painel conclui assim: "Entenda completamente o que o homem tem em cada mão se você deseja ser iluminado." O texto à esquerda acima do sol diz: "Inteiramente sem o Sol e a Lua, faça tintura; dissolva, congele e semelhante produz para si semelhante." As palavras à direita do homem segurando a erva do Filósofo declaram que a sublimação é o começo, o meio e o fim da Grande Obra. A última frase diz: "Do Sol e da Lua faça uma coisa de partes iguais, e por sua união, se Deus quiser, que a Pedra Filosofal seja feita."

Folha 10. As duas linhas curtas de texto no canto superior esquerdo dizem: "Alguns pegam uma pedra recente." As linhas à direita do símbolo de Marte (ferro) advertem o estudante a controlar seus apetites e aplicar sua mente ao acúmulo de conhecimento. Nenhuma tradução satisfatória pode ser encontrada para as palavras sob o braço estendido do homem segurando a parte superior da árvore. O painel inferior diz assim: "Depois que a Pedra tiver sido bem refinada, ela parecerá penetrar completamente. Deve ser colocada em seu recipiente com sua água. Feche-a bem com um pouco de fogo e aguarde as maravilhas da Natureza." O grande oval vermelho preenchendo a metade inferior da folha é evidentemente o ovo ou recipiente dos Sábios. A árvore é um símbolo do crescimento dos metais sagrados, pois os alquimistas afirmaram que os metais são como plantas e crescem nas rochas, espalhando seus galhos (veias) pelos interstícios.



Folha 11. A fonte é descrita como aquela da qual os dois Mercúrios dos Filósofos são extraídos. No canto superior esquerdo é descrito o Mercúrio branco e à direita o Mercúrio vermelho. O texto sobre a fonte declara que Saturno coleta o Mercúrio branco, que é chamado de Água da Terra; e a Terra coleta o Mercúrio vermelho, que é chamado de Água do Céu. O texto à esquerda do sapo diz: "Por meio Dele que criou os Céus e a Terra, eu sou a Pedra Filosofal, e em meu corpo carrego algo que os sábios buscam. Se tal encanto for extraído de mim, será um doce refresco para você. Eu sou um animal que tem pai e mãe, e pai e mãe foram criados; e em meu corpo estão contidos os quatro elementos, e eu estou antes de pai e mãe e sou um animal venenoso." As linhas à direita descrevem os processos de destilação e calcinação.

Folha 12. As três palavras no topo dizem: "Isto é a Natureza." As linhas acima do burro dizem: "Este é o burro dos Filósofos que desejou ascender à prática do Alguns dos Filósofos." As três linhas abaixo do animal são traduzidas: "Os sapos se reúnem em multidões, mas a ciência consiste em água limpa feita do Sol e da Lua." O texto sob o pássaro simbólico é o seguinte: "Esta é a fortuna com duas asas. Quem a tem sabe que os frutos serão produzidos dessa maneira. Um grande filósofo mostrou que a pedra é um certo sol branco, para ver o qual precisa de um telescópio. Dissolvê-lo na água requer o Sol e a Lua, e aqui é preciso abrir 200 telescópios, colocando corpo e alma em uma massa. E aqui se perde a massa; outros sábios cozinham os sapos e não acrescentam nada, se o suco dos Sábios você deseja desfrutar." Para os gregos, o sapo simbolizava tanto a metempsicose quanto a umidade terrestre.

Folha 13. Esta página contém apenas duas figuras. À esquerda está Morienus, o filósofo, apontando para a salamandra que "vive e cresce no fogo". Morienus, que nasceu no século XII, tornou-se discípulo do grande alquimista árabe Adfar, de quem aprendeu as artes herméticas. Morienus preparou o Elixir Filosófico para o Sultão do Egito, inscrevendo no vaso em que colocou a substância preciosa as palavras: "Aquele que possui tudo não precisa dos outros". Ele passou muitos anos como um eremita perto de Jerusalém. As linhas abaixo da salamandra são: "Que o fogo seja de uma cor vermelha perfeita; a terra branca, a água clara. Então, componha-os por meios filosóficos e calcine-os tantas vezes com a água que o corpo tinha para torná-lo branco por sua bondade. Tendo feito isso, você terá o maior tesouro do mundo".

Folha 14. As três palavras no topo da página esquerda são traduzidas: "O homem que cava". Acima dos pássaros é declarado que ninguém, exceto os galos de Hermes, os dois Mercúrios, porão a mão no arado, e somente após a irrigação a terra dará seus frutos. O homem sentado é o Conde Bernardo de Treviso, que diz: "Trabalhe a terra com Mercúrio". (Veja o capítulo sobre Alquimia e seus expoentes .) As três frases à esquerda do Conde dizem: "Vá para o fogo e com Mercúrio, teu irmão, espere por mim por um mês. Esfarele a pedra que te dei e eu irei para o fogo. Tua morte, minha vida. Eu não morrerei, mas, vivendo, contarei as obras disto, meu mestre". Bernardo de Treviso em sua especulação alquímica enfatizou a necessidade de meditação sobre os escritos filosóficos dos grandes adeptos em vez de experimentação química. Ele finalmente descobriu a "Pedra".

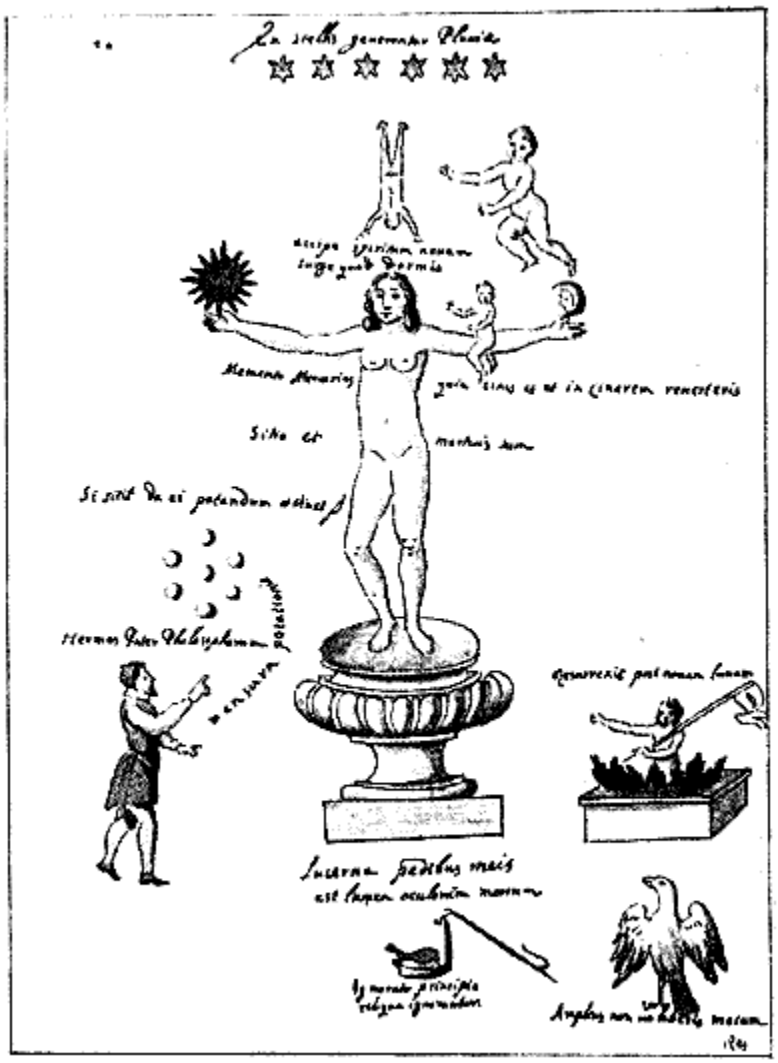
Folha 15. A primeira frase diz: "O fruto das plantas em virtude do Sol, nossa Pedra." O menino segurando o prato é levado a dizer: "Bebam aqui todos os que estão com sede. Venham a mim, corram para as águas. Bebam aqui, sem preço, e bebam até se fartarem. Abram os olhos e vejam as maravilhas da terra. Elas aprendem, meus sedentos vinte e quatro." Abaixo do menino estão as palavras: "No princípio, Deus criou os Céus e a Terra, e separou as águas das águas. Abençoem as águas que estão acima dos Céus." O círculo contém esta declaração: "A terra sem forma e vazia. Das estrelas vêm as chuvas." O painel inferior esquerdo continua o processo alquímico, terminando com a advertência para renunciar à miséria da existência mundana. Acima está uma oração à Virgem Maria que abre assim: "Ave Maria, cheia de graça, o Senhor esteja convosco. Bendita sejais vós entre as mulheres."

Folha 16. A primeira frase diz: "Os corpos mortos permanecem; os espíritos são libertados pela morte nos corpos. Você cavalgará com essa morte com uma foice, e a luz do Sol, da Lua e das estrelas fixas." Sobre a foice está escrito: "Sujeito ao Sol, à Lua e a Azoth, complete a Obra." As quatro palavras na curva da lâmina da foice dizem: "Cabeça de homem, cabeça de corvo." As três linhas à direita são interpretadas assim: "Esta figura é chamada Laton, pois parece preta em um recipiente, e é o começo da corrupção." O texto abaixo da escada afirma: "Esta é a escada da matéria primitiva que quando colocada em um recipiente fica preta, gradualmente muda para branco pela escala [escada] da digestão, de acordo com o grau de calor." Aqui, uma escada é usada para significar os degraus naturais pelos quais a matéria deve ascender antes que possa atingir um estado verdadeiramente espiritual.

Folha 17. O verso no topo da página diz: "Não somente este material deve ser fixado, mas deve ser permitido que entre em tudo para que este material possa ser bem completado e ter virtude infinita. Então, ao torná-lo espesso, ele se torna imediatamente todo branco, sublimação do branco ele se torna brilhante." Acima do sol estão as palavras: "Deus e a Natureza não fazem nada em vão." O homem à esquerda é uma concepção medieval de Hermes, o grande filósofo egípcio; o da direita é Cristóvão, o filósofo de Paris. Acima deste último está escrito: "Se a Pedra é preta, ela não é inútil." As palavras sobre a réplica são: "Há ar, fogo, água e terra." Abaixo é adicionado: "Uma dissolução do corpo é o primeiro passo." O curioso aparato químico deve ser considerado puramente simbólico nesta obra e, como seu próprio autor diz, pretende dar apenas uma dica da "Arte".

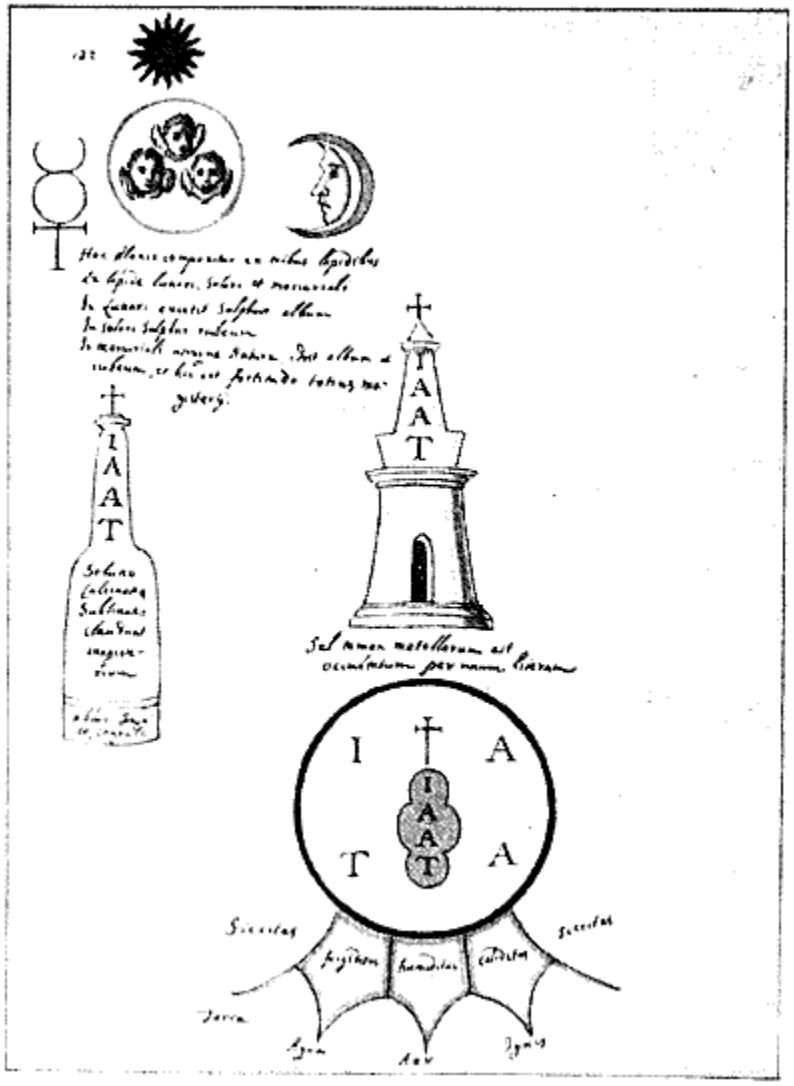
Folha 18. À esquerda, segurando um livro, está Aristóteles, que é descrito como o mais erudito de todos os gregos. A árvore encimada pelo Sol e pelo Mon. é acompanhada pelas proteções: "Quando a Pedra estiver morta, que se transforma em água, nisto produzirá flores." Abaixo de Aristóteles e da figura humana prostrada da qual se ergue a árvore florida estão estas declarações: "Aquele que faz tudo descer do céu para a terra, e então ascender da terra para o céu, tem informações sobre a Pedra. Pois em Mercúrio há algo que os sábios buscam, não invocado exceto pelo fermento branco ou vermelho." A primeira parte desta citação é baseada na Tábua de Esmeralda de Hermes (que veja). No homem comum, o espírito é figurativamente absorvido pelo corpo; mas no verdadeiro filósofo, o espírito é tão grandemente aumentado em poder que ele absorve em si mesmo e é nutrido pelo corpo corpóreo do homem.

Folha 19. No topo está escrito: "Aquele que vier a conhecer esta figura terá conhecimento da Pedra." O homem sentado provavelmente representa Paracelso. À sua direita estão as palavras: "Eu não sou nem árvore nem animal, nem pedra nem vegetal, mas a Pedra Filosofal, pisoteada pelos homens, lançada ao fogo por meu pai, e no fogo eu me alegro." As quatro palavras à esquerda dizem "Na secura está a Pedra." Abaixo do homem está o Ovo Filosófico contendo as palavras: "É o fim em que o começo repousa." O T maiúsculo significa "Tintura." O texto à direita afirma: "Na Pedra é formada, como Gerber escreve em seu livro muito eruditamente, e possuindo tanto de sua natureza que se transforma em água clara e viva; e tem o poder de tornar as pessoas ricas, satisfeitas e livres de todas as preocupações, então elas serão sempre felizes se atingirem por sua inteligência o segredo."

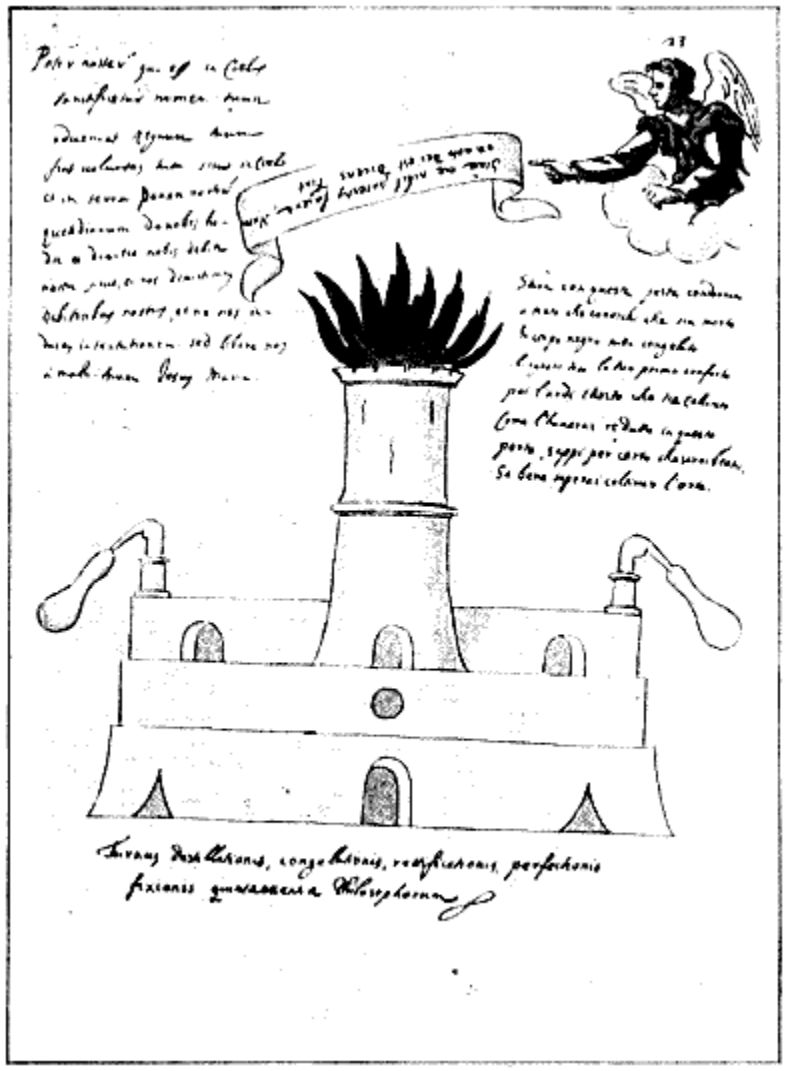


Folha 20. No topo está escrito: "Chuvas são feitas por seis estrelas." Abaixo do homem invertido está escrito: "Receba um novo espírito. Levante-se, pois você está dormindo." As duas frases sobre a figura grande dizem: "Lembre-se de Mercúrio, pois cinzas você é e às cinzas retornará. Tenho sede e estou morto." Acima dos sete globos à esquerda está a advertência: "Se ele tiver sede, dê-lhe de beber e ele viverá." Acima do pequeno homem está escrito: "Hermes, o pai dos filósofos." A linha curva da escrita para a qual Hermes aponta diz: "A medida da bebida." Abaixo do pedestal central aparece: "A luz dos meus olhos é uma lanterna para meus pés." Abaixo é adicionado: "Se o começo é desconhecido, o resto é desconhecido." Acima da figura que se ergue das chamas à direita está a declaração: "Ele ressuscitou após a lua nova," e abaixo da águia: "Tu não voarás mais longe comigo."

Folha 21. A linha superior diz: "Duas coisas e duplas, mas finalmente uma é dissolvida na primeira e elas produzem esperma." As quatro letras maiúsculas. IA AT , são as letras iniciais dos nomes dos elementos: Ignis , Aer , Aqua e Terra . A escrita abaixo delas diz: "Nosso fogo é água; se você puder dar fogo ao fogo, fogo e Mercúrio serão suficientes." Ao longo do braço aparecem as palavras: "A Arte da Pedra é", e na fita: "Rápida, breve, brilhante e rara." As duas linhas sob a fita dizem: "Cada mão é uma chave, porque era chamada de erva celidônia"; sob o Sol: "Eu sou o presente de Deus" O verso diz: "Para que você permaneça contente em todos os assuntos, devo ouvir atentamente. Meu corpo [está] nu, limpo e brilhante, e eu corro como óleo pronto para pingar, resplandecente como ouro brilhante, e então sucumbir à praga em sua pequena câmara brilhante e alegre [retorta]."



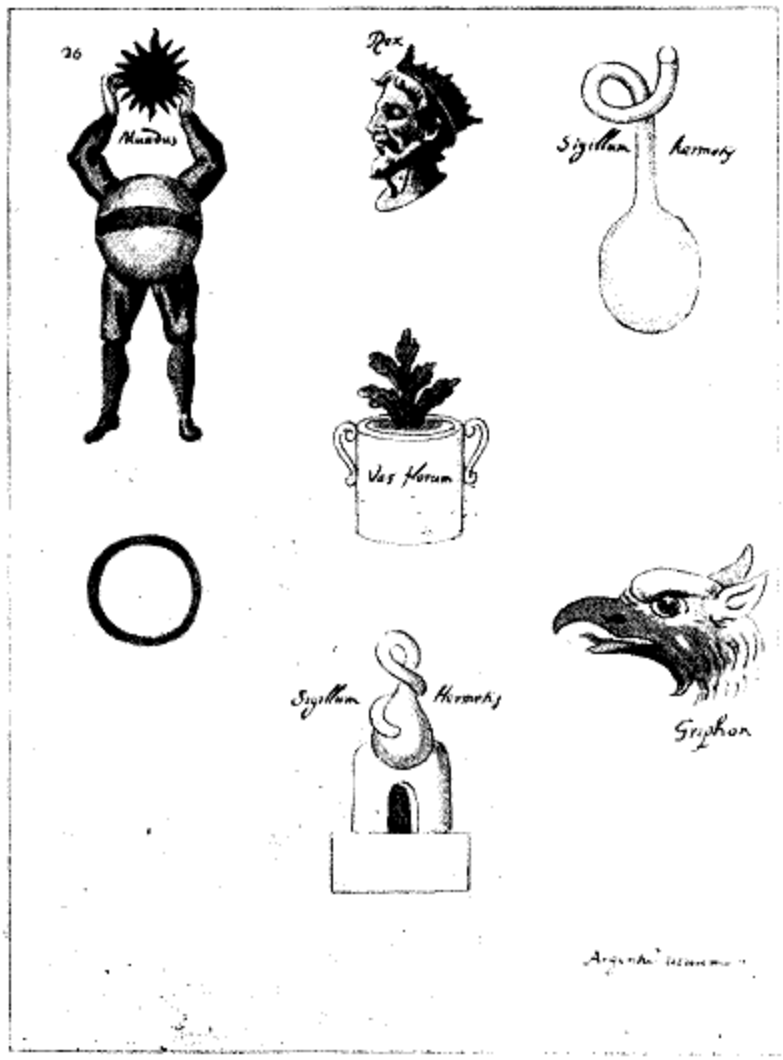
Folha 22. O verso no canto superior esquerdo é o seguinte: "Este grupo é composto de três pedras: lunar, solar e mercurial. Na lunar há enxofre branco; na solar, enxofre vermelho, na mercurial, ambos; ou seja, branco e vermelho, e esta é a força de toda a instrução." Na garrafa à esquerda estão as palavras: "Dissolução, calcinação, sublimação completam a instrução"; e na base: "Lave, congele e coagule." Sob a torre central está escrito: "Sais metálicos, no entanto, são escondidos por uma letra"; ao redor da parte inferior do círculo vermelho: "Secura, frieza, umidade, calor e secura." Nos pontos abaixo estão os nomes dos quatro elementos. A inicial, IA AT aparece quatro vezes com o mesmo significado que o já dado. Os três poderes da Pedra Filosofal são simbolizados pelas cabeças dos querubins no círculo no canto superior esquerdo.



Folha 23. A escrita no canto superior esquerdo é, em substância, a Oração do Senhor, com a adição das palavras Jesus e Maria no final. As palavras invertidas no estandarte dizem: "Vocês não podem fazer nada sem mim, pois Deus assim prometeu, dizendo 'Assim seja.'" O texto sob o anjo diz: "Por esta praga será condenado aquele que sabe que está morto, todo frio em um corpo negro. E que este seja seu primeiro conforto: então ele queimará até a calcinação. Quando eu o tiver reduzido para dentro desta porta, saiba com certeza que serei abençoado se eu souber como cultivar o jardim." A parte principal da folha é dedicada a um elaborado desenho simbólico de equipamento alquímico, sob o qual estão as palavras: "A fornalha da destilação, coagulação, retificação, perfeição, fixação: quintessência dos Filósofos." Por "quintessência" deve ser entendida a "quinta essência" dos mais sábios.

Folha 24. As palavras no topo dizem: "Eu, o pássaro [o adepto], falo em teus ouvidos do Sol, Lua e Azoth. O trabalho é aperfeiçoado com pouco trabalho." O painel à esquerda descreve a natureza da matéria primordial e a bebida dos Filósofos. O texto à direita diz: "Este é meu Filho amado a quem vi e amei. Se ele for ressuscitado, Ele permanecerá em casa, e naquela casa o espírito será a alma e o corpo; pois Mercúrio pode ser chamado de filho do Sol e da Lua." Abaixo da figura da criança é adicionado: "Se ele não estivesse morto, eu não teria sido sua mãe. Eu o dei à luz após a morte antes que ele nascesse no mundo; sob meus pés eu tenho o que era dele, e de mim e meu Filho e a fundação de meus pés a Pedra Filosofal é feita." No canto inferior esquerdo, os três constituintes da Pedra são mostrados elevados sobre um pedestal para significar sua dignidade.

Folha 25. Acima da figura da Rainha há três linhas afirmando, em substância, que no início do livro foi escrito sobre ela que de seus seios maternos ela nutriu o Sol, e que aquele que era capaz de convertê-la em matéria Primal possuía rara habilidade. Em frente à cabeça da Rainha estão as palavras: "Nas montanhas mais altas esta água" e "Eu sou a luz dos Filósofos". À esquerda da Rainha há uma advertência para golpear os filhos que ela gera. Ela se autodenomina "A mãe do Sol, a irmã da Lua, e a serva e esposa de Mercúrio". À direita, ela é feita para exclamar: "Não posso ser coroada a menos que estes meus filhos se tornem cinzas". Os filhos são mostrados diretamente abaixo. O verso sob a Rainha continua os processos alquímicos, descrevendo o método no qual as exsudações da substância devem ser preservadas.



Folha 26. Esta página, que conclui que parte do manuscrito hermético que contém os símbolos da Obra Secreta, contém uma série de emblemas não diretamente correlacionados. No topo está a cabeça do Rei — a mais comum das figuras alquímicas. À direita do Rei está um recipiente alquímico designado como Selo Hermético . Abaixo está a cabeça de um pássaro feroz, aqui designado como grifo. À esquerda do Rei está uma figura sem cabeça elevando um Sol, ou rosto espiritual. Esta figura é o mundo, que deve ser sem cabeça, uma vez que sua parte espiritual e racional não é material e, consequentemente, é invisível. Abaixo está um círculo desacompanhado de matéria descritiva. Diretamente sob a cabeça do Rei está um vaso de flores, no qual se ergue a planta dourada dos Filósofos. Na parte inferior da página está um equipamento alquímico adicional, também denominado Selo Hermético .

O Casamento Químico

O autor autoadmitido de The Chemical Marriage , Johann Valentin Andreæ, nascido em Württemberg em 1586, tinha vinte e oito anos quando a obra foi publicada pela

primeira vez. Presumivelmente, foi escrita cerca de doze anos antes de sua publicação — ou quando o autor tinha quinze ou dezesseis anos. O fato é quase inacreditável que alguém tão jovem pudesse produzir um volume contendo a riqueza do pensamento simbólico e da filosofia escondida entre as linhas de The Chemical Marriage . Este livro faz a referência mais antiga conhecida a Christian Rosencreutz e é geralmente considerado o terceiro da série de manifestos rosacruzes originais. Como uma obra simbólica, o livro em si é irremediavelmente irreconciliável com as declarações feitas por Andreæ a respeito dele. A história de The Chemical Marriage relata em detalhes uma série de incidentes que ocorreram a um homem idoso, presumivelmente o Padre CRC da Fama e Confessio . Se o Padre CRC nasceu em 1378, como afirmado na Confessio , e é idêntico ao Christian Rosencreutz de The Chemical Marriage , ele foi elevado à dignidade de Cavaleiro da Pedra Dourada no octogésimo primeiro ano de sua vida (1459). À luz de suas próprias declarações, é inconcebível que Andreæ pudesse ter sido o Padre Rosacruz.

Muitas figuras encontradas nos vários livros sobre simbolismo publicados no início do século XVII têm uma semelhança impressionante com os personagens e episódios de The Chemical Marriage . O casamento alquímico pode provar ser a chave para o enigma do Rosacrucianismo baconiano. A presença no texto alemão de The Chemical Marriage de algumas palavras em inglês indica que seu autor também era versado nessa língua. O seguinte resumo dos principais episódios dos sete dias de The Chemical Marriage dará ao leitor uma ideia bastante abrangente da profundidade de seu simbolismo.

O PRIMEIRO DIA

Christian Rosencreutz, tendo preparado em seu coração o Cordeiro Pascal junto com um pequeno pão sem fermento, foi perturbado enquanto rezava uma noite antes da Páscoa por uma violenta tempestade que ameaçava demolir não apenas sua pequena casa, mas a própria colina em que ela estava. No meio da tempestade, ele foi tocado nas costas e, virando-se, viu uma mulher gloriosa com asas cheias de olhos e vestida com roupas da cor do céu salpicadas de estrelas. Em uma mão ela segurava uma trombeta e na outra um maço de cartas em todas as línguas. Entregando uma carta a CRC, ela imediatamente ascendeu ao ar, ao mesmo tempo soprando em sua trombeta um toque que sacudiu a casa. Sobre o selo da carta havia uma cruz curiosa e as palavras In hoc signo vinces . Dentro, traçado em letras douradas em um campo azul, havia um convite para um casamento real.

CRC ficou profundamente comovido com o convite porque era o cumprimento de uma profecia que ele havia recebido sete anos antes, mas ele se sentia tão indigno que ficou paralisado de medo. Por fim, depois de recorrer à oração, ele buscou o sono. Em seus sonhos, ele se viu em uma masmorra repugnante com uma multidão de outros homens, todos amarrados e acorrentados com grandes correntes. A gravidade de seus sofrimentos aumentou à medida que tropeçavam uns nos outros na escuridão. De repente, de cima, veio o som de trombetas; a tampa da masmorra foi levantada e um raio de luz perfurou a escuridão. Emoldurado pela luz

estava um homem de cabelos grisalhos que anunciou que uma corda seria abaixada sete vezes e quem conseguisse se agarrar à corda seria puxado para a liberdade.

Grande confusão se seguiu. Todos tentaram agarrar a corda e muitos foram puxados para longe dela por outros. CRC desesperou-se de ser salvo, mas de repente a corda balançou em sua direção e, agarrando-a, ele foi levantado da masmorra. Uma mulher idosa chamada "Antiga Matrona" escreveu em um livro amarelo dourado os nomes daqueles que foram retirados, e cada um dos redimidos recebeu como lembrança uma peça de ouro com o símbolo do sol e as letras DLS . CRC, que havia se ferido enquanto se agarrava à corda, achou difícil andar. A mulher idosa pediu que ele não se preocupasse, mas agradecesse a Deus por ter permitido que ele chegasse a uma luz tão alta. Então, trombetas soaram e CRC acordou, mas o sonho era tão vívido que ele ainda estava consciente dos ferimentos recebidos enquanto dormia.

Com fé renovada, CRC se levantou e se preparou para o Casamento Hermético . Ele vestiu um casaco de linho branco e amarrou uma fita vermelha transversalmente sobre os ombros. Em seu chapéu, ele colocou quatro rosas e, como alimento, ele carregou pão, água e sal. Antes de deixar sua cabana, ele se ajoelhou e jurou que qualquer conhecimento que lhe fosse revelado ele dedicaria ao serviço de seu próximo. Ele então partiu de sua casa com alegria.

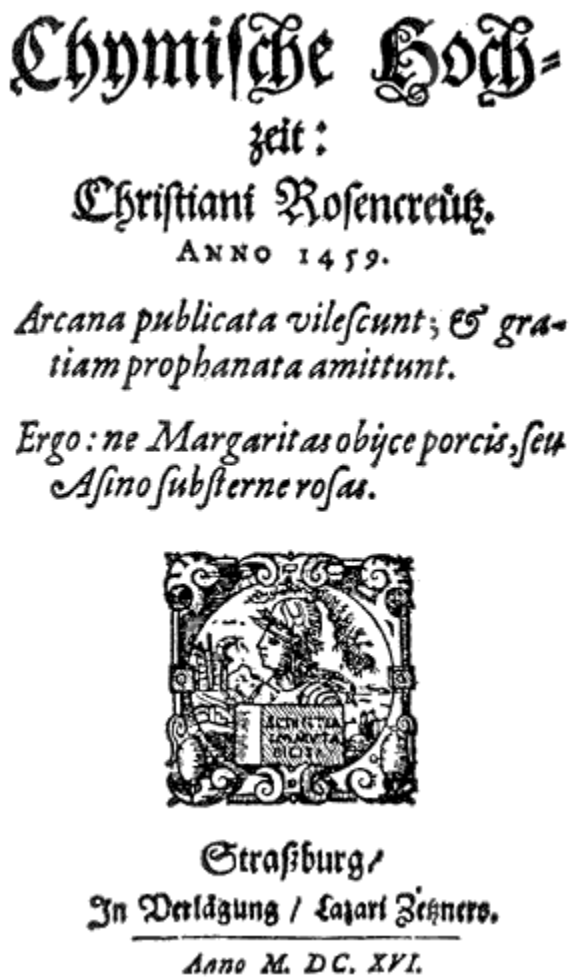
O SEGUNDO DIA

Ao entrar na floresta que cercava sua pequena casa, pareceu a CRC que toda a Natureza havia alegremente preparado para o casamento. Enquanto ele prosseguia cantando alegremente, ele chegou a uma charneca verde onde havia três grandes cedros, um deles com uma placa com uma inscrição descrevendo os quatro caminhos que levavam ao palácio do Rei: o primeiro curto e perigoso, o segundo tortuoso, o terceiro uma estrada agradável e real, e o quarto adequado apenas para corpos incorruptíveis. Cansado e perplexo, CRC decidiu descansar e, cortando uma fatia de pão, estava prestes a comê-la quando uma pomba branca implorou. A pomba foi imediatamente atacada por um corvo, e em seus esforços para separar os pássaros, CRC, sem saber, correu uma distância considerável ao longo de um dos quatro caminhos - aquele que levava ao sul. Um vento terrível o impediu de refazer seus passos, o convidado do casamento se resignou à perda de seu pão e continuou pela estrada até avistar à distância um grande portão. O sol estava baixo, então ele correu em direção ao portal, onde, entre outras figuras, havia uma placa com as palavras Procul hinc procul ite profani .

Um porteiro com hábito cor de céu imediatamente pediu a CRC sua carta-convite e, ao recebê-la, ordenou que ele entrasse e solicitou que comprasse uma ficha. Após se descrever como um Irmão da Rosa Cruz Vermelha, CRC recebeu em troca de sua garrafa de água um disco dourado com as letras SC . A noite se aproximava, o andarilho correu para um segundo portão, guardado por um leão, e ao qual estava afixada uma placa com as palavras Date et dabitur volis , onde ele apresentou uma carta dada a ele pelo primeiro porteiro. Sendo instado a comprar uma ficha com as

letras SM , ele deu seu pequeno pacote de sal e então correu para chegar aos portões do palácio antes que fossem trancados para a noite.

Uma bela virgem chamada Virgo Lucifera estava apagando as luzes do castelo enquanto CRC se aproximava, e ele mal conseguia passar pelos portões que se fechavam. Quando eles se fecharam, eles pegaram parte de seu casaco, que ele foi forçado a deixar para trás. Aqui seu nome foi escrito no pequeno livro de pergaminho do Lord Bridegroom e ele foi presenteado com um novo par de sapatos e também um símbolo com as letras SPN . Ele foi então conduzido por pajens a uma pequena câmara onde os "cachos cinza-gelo" foram cortados do topo de sua cabeça por barbeiros invisíveis, após o que ele foi conduzido a um salão espaçoso onde um bom número de reis, príncipes e plebeus estavam reunidos. Ao som de trombetas, cada um sentou-se à mesa, assumindo uma posição correspondente à sua dignidade, de modo que CRC recebeu um assento muito humilde. A maioria dos pseudofilósofos presentes sendo vaidosos pretendentes, o banquete tornou-se uma orgia, que, no entanto, cessou repentinamente ao som de


Chymiſche Hoch-
zeit:
Chriſtiani Roſencreütz.
ANNO 1459.

Arcana publicata vileſcunt; & gratiam prophanata amittunt.

Ergo: ne Margaritas objce porcis, ſeu Aſino ſubſterne roſas.

Straßburg/
In Verlägung / Lazari Zetzners.

Anno M. DC. XVI.

PÁGINA DE TÍTULO DA EDIÇÃO DE 1616 DE CHYMISCHE HOCHZEIT: CHRISTIAN ROSENCREUTZ.

Do livro Casamento Químico de Rosencreutz .

A mais notável de todas as publicações envolvidas na controvérsia Rosacruz é a de The Chemical Marriage , publicada em Estrasburgo. Esta obra, que é muito rara, deve ser reproduzida em fac-símile exato para fornecer aos alunos a oportunidade de examinar o texto real para as várias formas de cifra empregadas. Provavelmente nenhum outro volume na história ou literatura criou uma perturbação tão profunda quanto este pequeno livro despretensioso. Imediatamente após sua publicação, o propósito para o qual o volume foi destinado tornou-se objeto de especulação popular. Foi atacado e defendido por teólogos e filósofos, mas quando os vários elementos conflitantes são acalmados, os mistérios que cercam o livro permanecem sem solução. Que seu autor era um homem de erudição excepcional foi admitido, e é digno de nota que aquelas mentes que possuíam a compreensão mais profunda dos mistérios da Natureza estavam entre aquelas profundamente impressionadas pelo conteúdo de The Chemical Marriage .

música majestosa e inspirada. Por quase meia hora ninguém falou. Então, em meio a um grande som, a porta do refeitório se abriu e milhares de velas acesas seguradas por mãos invisíveis entraram. Estas foram seguidas pelos dois pajens acendendo a bela Virgo Lucifera sentada em um trono automóvel. A Virgem vestida de branco e dourado então se levantou e anunciou que para impedir a admissão de pessoas indignas ao casamento místico, uma balança seria erguida no dia seguinte, na qual cada convidado seria pesado para determinar sua integridade. Aqueles que não estivessem dispostos a passar por essa provação, ela declarou que deveriam permanecer no refeitório. Ela então se retirou, mas muitas das velas ficaram para acompanhar os convidados até seus aposentos para a noite.

A maioria dos presentes era presunçosa o suficiente para acreditar que poderiam ser pesados em segurança, mas nove — incluindo CRC — sentiram suas deficiências tão profundamente que temeram o resultado e permaneceram no salão enquanto os outros eram levados para seus aposentos. Esses nove foram amarrados com cordas e deixados sozinhos na escuridão. CRC então sonhou que viu muitos homens suspensos sobre a terra por fios, e entre eles voava um homem idoso que, cortando aqui e ali um fio, fez com que muitos caíssem na terra. Aqueles que, em arrogância, haviam voado para alturas elevadas, caíram uma distância maior e sofreram ferimentos mais sérios do que os mais humildes que, caindo apenas uma curta distância, muitas vezes pousavam sem contratempos. Considerando esse sonho um bom presságio, CRC o relatou a um companheiro, continuando a conversar com ele até o amanhecer.

O TERCEIRO DIA

Logo após o amanhecer, as trombetas soaram e a Virgo Lucifera , vestida em veludo vermelho, cingida com uma faixa branca e coroada com uma coroa de louros, entrou acompanhada por duzentos homens em libré vermelha e branca. Ela

insinuou a CRC e seus oito companheiros que eles poderiam se sair melhor do que os outros convidados autossuficientes. Balanças douradas foram então penduradas no meio do salão e perto delas foram colocados sete pesos, um de bom tamanho, quatro pequenos e dois muito grandes. Os homens em libré, cada um carregando uma espada nua e uma corda forte, foram divididos em sete grupos e de cada grupo foi escolhido um capitão, que foi encarregado de um dos pesos. Tendo remontado seu alto trono, Virgo Lucifera ordenou que a cerimônia começasse. O primeiro a pisar na balança foi um imperador tão virtuoso que as balanças não tombaram até que seis pesos fossem colocados na extremidade oposta. Ele foi, portanto, entregue ao sexto grupo. Os ricos e os pobres subiam na balança, mas apenas alguns passavam no teste com sucesso. A estes eram dados mantos de veludo e coroas de louros, depois dos quais eram sentados nos degraus do trono de Virgo Lucifera . Aqueles que falhavam eram ridicularizados e açoitados.

Terminada a "inquisição", um dos capitães implorou a Virgo Lucifera que permitisse que os nove homens que se declararam indignos também fossem pesados, e isso causou angústia e medo a CRC. Dos sete primeiros, um teve sucesso e foi recebido com alegria. CRC foi o oitavo e ele não apenas suportou todos os pesos, mas mesmo quando três homens estavam pendurados na extremidade oposta da viga, ele não pôde ser movido. Um pajem gritou: "É ELE!" CRC foi rapidamente libertado e autorizado a soltar um dos cativos. Ele escolheu o primeiro imperador. Virgo Lucifera então solicitou as rosas vermelhas que CRC carregava, as quais ele imediatamente deu a ela. A cerimônia das balanças terminou por volta das dez horas da manhã.

Após concordar com as penalidades a serem impostas àqueles cujas deficiências foram assim expostas, um jantar foi servido a todos. Os poucos "artistas" bem-sucedidos, incluindo CRC, receberam os assentos principais, após o que o Velocino de Ouro e um Leão Voador foram concedidos a eles em nome do Noivo. Virgo Lucifera então apresentou um cálice magnífico aos convidados, afirmando que o Rei havia solicitado que todos compartilhassem seu conteúdo. Após isso, CRC e seus companheiros foram levados para um andaime onde viram as várias penalidades sofridas por aqueles que falharam. Antes de deixar o palácio, cada um dos convidados rejeitados recebeu um gole de esquecimento. Os eleitos então retornaram ao castelo, onde a cada um foi atribuído um pajem culto, que os conduziu pelas várias partes do edifício. CRC viu muitas coisas que seus companheiros não tiveram o privilégio de contemplar, incluindo o Sepulcro Real, onde aprendeu "mais do que existe em todos os livros". Ele também visitou uma biblioteca magnífica e um observatório contendo um grande globo de nove metros de diâmetro e com todos os países do mundo marcados nele.

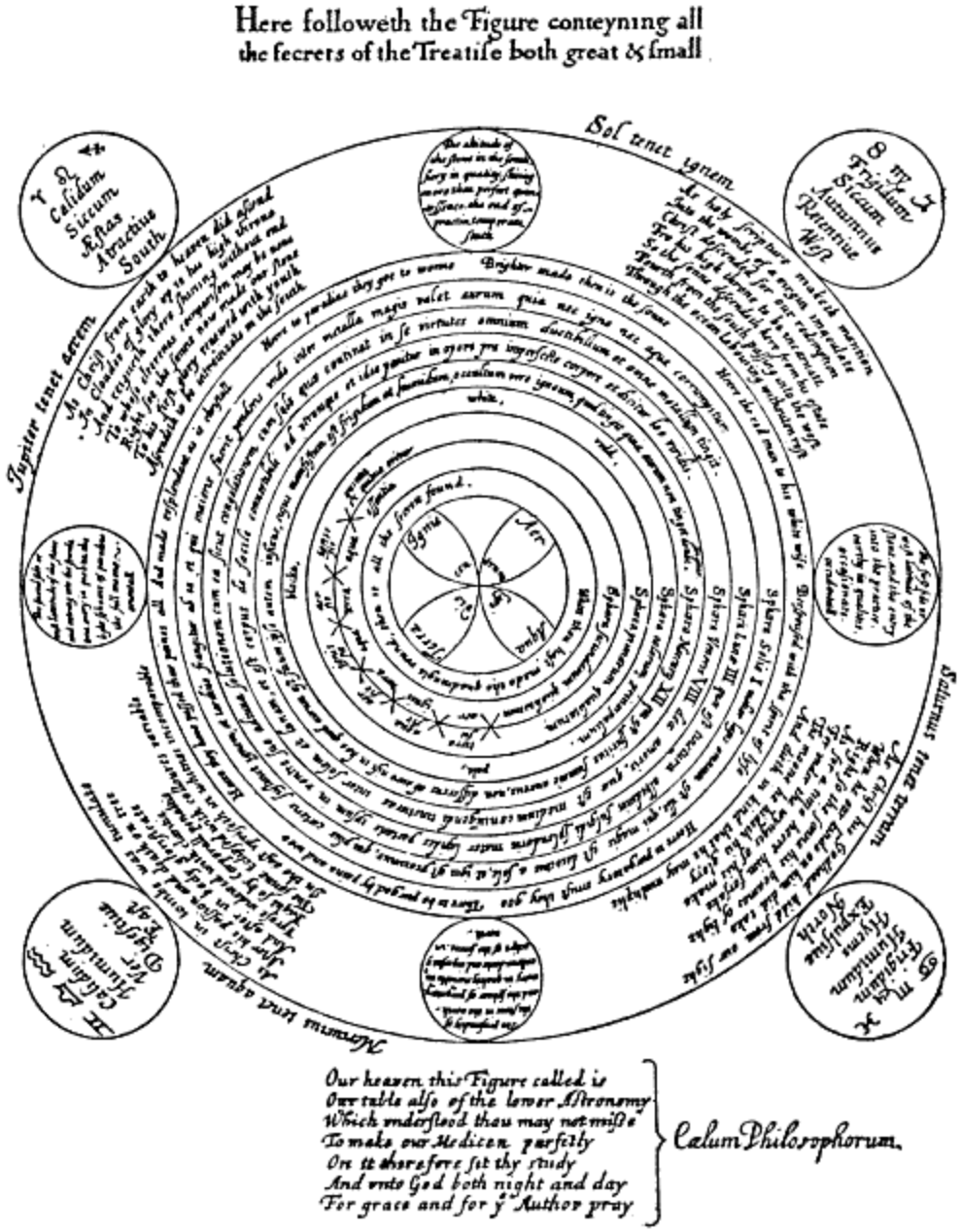
No jantar, os vários convidados propuseram enigmas e CRC resolveu o enigma que Virgo Lucifera perguntou sobre sua própria identidade. Então entraram no refeitório dois jovens e seis virgens lindamente vestidos, seguidos por uma sétima virgem usando uma coroa. Esta última era chamada de Duquesa, e foi confundida com a Noiva Hermética. A Duquesa disse a CRC que ele havia recebido mais do que os outros, portanto deveria fazer um retorno maior. A Duquesa então pediu a cada uma das virgens que pegasse um dos sete pesos que ainda permaneciam na grande sala. A Virgo Lucifera foi dado o peso mais pesado, que foi pendurado na

câmara da Rainha durante o canto de um hino. Na segunda câmara, a primeira virgem pendurou seu peso durante uma cerimônia semelhante; assim, eles prosseguiram de sala em sala até que os pesos fossem descartados. A Duquesa então apresentou sua mão a CRC e seus companheiros e, seguida por suas virgens, retirou-se. Os pajens então conduziram os convidados para seus aposentos de dormir. O atribuído ao CRC estava decorado com tapeçarias raras e belas pinturas.

O QUARTO DIA

Depois de se lavarem e beberem no jardim de uma fonte que continha várias inscrições — entre elas uma que dizia: "Bebam, irmãos, e vivam" — os convidados, liderados por Virgo Lucifera , subiram os 365 degraus da escadaria real em caracol. Os convidados receberam coroas de louros e, uma cortina sendo levantada, se encontraram na presença do Rei e da Rainha. CRC ficou impressionado com a glória da sala do trono e especialmente com a magnificência das vestes da Rainha, que eram tão deslumbrantes que ele não conseguia olhar para elas. Cada convidado foi apresentado ao Rei por uma das virgens e, após essa cerimônia, Virgo Lucifera fez um breve discurso no qual recitou as realizações dos honestos "artistas" e implorou que cada um fosse questionado sobre se havia cumprido adequadamente seu dever. O velho Atlas então deu um passo à frente e, em nome de suas Majestades Reais, cumprimentou o intrépido bando de filósofos e garantiu a Virgo Lucifera que ela receberia uma recompensa real.

O comprimento da sala do trono era cinco vezes sua largura. A oeste havia um grande pórtico no qual estavam três tronos, o central elevado. Em cada trono estavam sentadas duas pessoas: no primeiro, um rei antigo com uma jovem consorte; no terceiro, um rei negro com uma matrona velada ao lado dele; e no trono central, duas pessoas jovens, sobre cujas cabeças pendia uma grande e custosa coroa, sobre a qual pairava um pequeno Cupido que atirava suas flechas primeiro nos dois amantes e depois no salão. Diante da Rainha, um livro encadernado em veludo preto estava sobre um pequeno altar, no qual havia decorações douradas. Ao lado disso, havia uma vela acesa, um globo celeste, um pequeno relógio de pulso, um pequeno cachimbo de cristal do qual corria um jato de licor vermelho-sangue claro e uma caveira com uma serpente branca rastejando para dentro e para fora das órbitas. Após suas apresentações, os convidados se retiraram pelas escadas em caracol até o grande salão.



CHAVE PARA O GRANDE SEGREDO FILOSÓFICO.

Do Theatrum Chemicum Britannicum de Ashmole .

Esta placa, que é a chave para a alquimia cristã mística, está faltando em quase todas as cópias do Theatrum Chemicum Britannicum , uma obra compilada por Elias Ashmole e contendo cerca de uma vintena de peças de poetas ingleses tratando da Pedra Filosofal e dos mistérios herméticos. Em vista da maneira consistente em que a placa desapareceu, é possível que o diagrama tenha sido removido propositalmente porque revelou muito claramente os arcanos rosacruzes. Digno de nota também é o cuidado com que os nomes dos proprietários foram apagados dos primeiros livros relativos à alquimia e ao hermetismo. Os nomes

originais são geralmente tornados ilegíveis sendo cobertos com linhas de tinta grossas, o procedimento frequentemente desfigurando seriamente o volume. Embora uma exceção ocasional seja encontrada, em praticamente todos os casos os livros mutilados tratam do rosacrucianismo ou contêm escritos enigmáticos de origem rosacruz suspeita. Presume-se que essa prática de obliterar os nomes dos proprietários era para evitar que os primeiros rosacruzes e hermetistas fossem descobertos através dos volumes que compunham suas bibliotecas. A placa de Elias Ashmole mostra as analogias entre a vida de Cristo e as quatro grandes divisões do processo alquímico. Aqui também é revelado o ensinamento de que a própria Pedra Filosofal é um macrocosmo e um microcosmo, incorporando os princípios da astronomia e da cosmogonia, tanto universais quanto humanos.

Mais tarde, a Virgem Lucifera anunciou que uma comédia seria encenada para o benefício dos seis convidados reais em um edifício chamado Casa do Sol. CRC e seus companheiros formaram parte da procissão real, que após uma caminhada considerável chegou ao teatro. A peça tinha sete atos e, após seu final feliz, todos retornaram pelo jardim e subiram as escadas em caracol até a sala do trono. CRC notou que o jovem rei estava muito triste e que no banquete seguinte ele frequentemente enviava carne para a serpente branca no crânio. Terminada a festa, o jovem rei, segurando em sua mão o pequeno livro preto do altar, perguntou aos convidados se todos seriam fiéis a ele na prosperidade e na adversidade, e quando eles concordaram trêmulos, ele pediu que cada um assinasse seu nome no pequeno livro preto como prova de sua fidelidade. As pessoas reais então beberam da pequena fonte de cristal, os outros depois fizeram o mesmo. Isso foi chamado de "Poção do Silêncio". As pessoas reais então apertaram tristemente as mãos de todos os presentes. De repente, um pequeno sino tilintou e imediatamente os reis e rainhas tiraram suas vestes brancas e vestiram as pretas, a sala foi coberta com cortinas de zibelina e as mesas foram removidas. Os olhos das pessoas reais foram amarrados com seis lenços de tafetá preto e seis caixões foram colocados no centro da sala. Um carrasco, um mouro, vestido de preto e portando um machado, entrou e decapitou, por sua vez, cada uma das seis pessoas reais. O sangue de cada um foi coletado em um cálice de ouro, que foi colocado nos caixões com o corpo. O carrasco também foi decapitado e sua cabeça colocada em um pequeno baú.

A Virgo Lucifera , depois de assegurar a CRC e seus companheiros que tudo ficaria bem se fossem fiéis e verdadeiros, ordenou aos pajens que os conduzissem para seus quartos durante a noite enquanto ela permanecia para vigiar com os mortos. Por volta da meia-noite, CRC acordou de repente e, olhando pela janela, viu sete navios navegando em um lago. Acima de cada um pairava uma chama; ele acreditava que estes eram os espíritos dos decapitados. Quando os navios chegaram à costa, a Virgo Lucifera os encontrou e em cada um dos seis navios foi colocado um caixão coberto. Assim que os caixões foram assim descartados, as luzes foram apagadas e as chamas passaram de volta sobre o lago, de modo que restava apenas uma luz para uma vigília em cada navio. Depois de contemplar esta estranha cerimônia, CRC voltou para sua cama e dormiu até de manhã.

O QUINTO DIA

Levantando-se ao amanhecer e implorando a seu pajem para lhe mostrar outros tesouros do palácio, CRC foi conduzido por muitos degraus até uma grande porta de ferro com uma inscrição curiosa, que ele copiou cuidadosamente. Passando, ele se viu no tesouro real, cuja luz vinha inteiramente de alguns enormes carbúnculos. No centro ficava o sepulcro triangular de Lady Venus. Levantando uma porta de cobre no pavimento, o pajem conduziu CRC a uma cripta onde havia uma grande cama sobre a qual, quando seu guia levantou as cobertas, CRC contemplou o corpo de Vênus. Liderado por seu pajem, CRC então se juntou a seus companheiros, sem dizer nada a eles sobre sua experiência.

Virgo Lucifera , vestida de veludo preto e acompanhada por suas virgens, então levou os convidados para o pátio onde estavam seis caixões, cada um com oito carregadores. CRC foi o único do grupo de "artistas" que suspeitou que os corpos reais não estavam mais nesses caixões. Os caixões foram baixados em sepulturas e grandes pedras roladas sobre eles. Virgo Lucifera então fez uma curta oração na qual ela exortou cada um a ajudar a restaurar as pessoas reais à vida, declarando que eles deveriam viajar com ela para a Torre do Olimpo, onde os medicamentos necessários para a ressurreição das seis pessoas reais poderiam ser encontrados. CRC e seus companheiros seguiram Virgo Lucifera até a praia, onde todos embarcaram em sete navios dispostos de acordo com uma certa ordem estranha. Enquanto os navios navegavam pelo lago e por um canal estreito em direção ao mar aberto, eles eram acompanhados por sereias, ninfas e deusas do mar, que em homenagem ao casamento presentearam o casal real com uma grande e bela pérola. Quando os navios chegaram à vista da Torre do Olimpo, Virgo Lucifera ordenou o disparo de canhões para sinalizar sua aproximação. Imediatamente uma bandeira branca apareceu na torre e uma pequena pinaça dourada, contendo um homem antigo — o guardião da torre — com seus guardas vestidos de branco saiu para encontrar os navios.

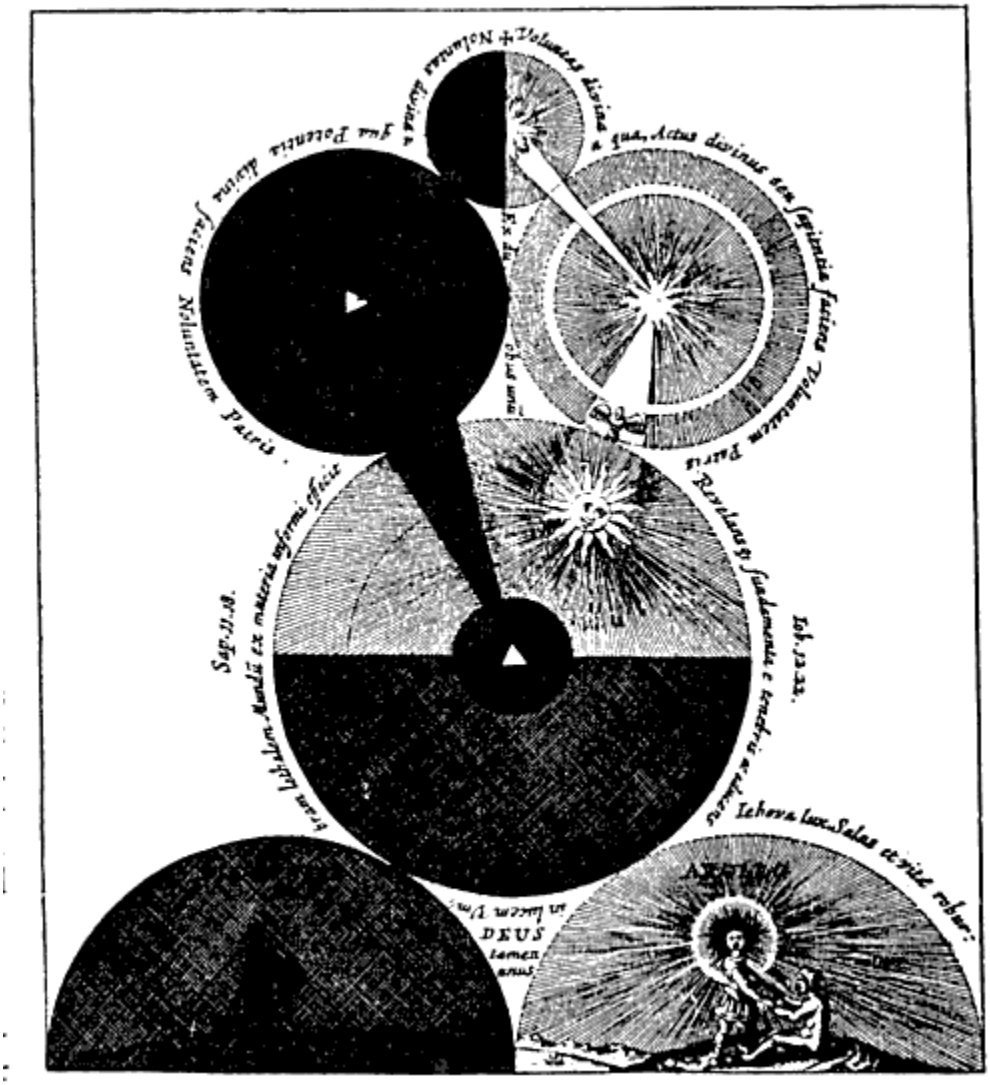
A Torre do Olimpo ficava sobre uma ilha que era exatamente quadrada e era cercada por uma grande muralha. Entrando pelo portão, o grupo foi levado ao fundo da torre central, que continha um excelente laboratório onde os convidados eram obrigados a bater e lavar plantas, pedras preciosas e todo tipo de coisas, extrair seu suco e essência, e colocá-los em copos. Virgo Lucifera colocou os "artistas" para trabalhar tão arduamente que eles se sentiram meros escravos. Quando o trabalho do dia terminou, cada um recebeu um colchão no chão de pedra. Incapaz de dormir, CRC vagou contemplando as estrelas. Ao se deparar com um lance de escadas que levava ao topo da muralha, ele subiu e olhou para o mar. Permanecendo ali por algum tempo, por volta da meia-noite, ele viu sete chamas que, passando sobre o mar em sua direção, se reuniram no topo da torre central. Simultaneamente, os ventos surgiram, o mar tornou-se tempestuoso e a lua ficou coberta de nuvens. Com algum medo, CRC desceu as escadas correndo e retornou à torre e, deitando-se em seu colchão, foi embalado pelo som de uma fonte fluindo suavemente no laboratório.

O SEXTO DIA

Na manhã seguinte, o velho guardião da torre, após examinar o trabalho realizado pelos convidados do casamento no laboratório e considerá-lo satisfatório, fez com que escadas, cordas e grandes asas fossem trazidas, e se dirigiu aos "artistas" reunidos assim: "Meus queridos filhos, uma dessas três coisas cada um de vocês deve carregar constantemente consigo neste dia." Sorteios foram lançados e para CRC, para seu desgosto, caiu uma escada pesada. Aqueles que garantiram asas as prenderam em suas costas tão astutamente que era impossível detectar que eram artificiais. O velho guardião então trancou os "artistas" na sala inferior da torre, mas em pouco tempo um buraco redondo foi descoberto no teto e Virgo Lucifera convidou todos a subir. Aqueles com asas voaram imediatamente pela abertura, aqueles com cordas tiveram muitas dificuldades, enquanto CRC com sua escada fez uma velocidade razoável. No segundo andar, os convidados do casamento, músicos e Virgo Lucifera se reuniram em torno de uma engenhoca semelhante a uma fonte contendo os corpos das seis pessoas reais.

Virgo Lucifera então colocou a cabeça do mouro em um recipiente semelhante a uma chaleira na parte superior da fonte e derramou sobre ela as substâncias preparadas no dia anterior no laboratório. As virgens colocaram lâmpadas abaixo. Essas substâncias, quando fervidas, passaram por buracos nas laterais da chaleira e, caindo sobre os corpos na fonte abaixo, dissolveram-nos. Os seis corpos reais tendo sido reduzidos assim a um estado líquido, uma torneira foi aberta na extremidade inferior da fonte e o fluido foi drenado para um imenso globo dourado, que, quando cheio, era de grande peso. Todos, exceto os convidados do casamento, então se retiraram e logo um buraco no teto se abriu como antes e os convidados subiram desordenadamente para o terceiro andar. Aqui o globo foi suspenso por uma forte corrente. As paredes do apartamento eram de vidro, e os espelhos foram dispostos de modo que os raios do sol se concentrassem no globo central, fazendo com que ele ficasse muito quente. Mais tarde, os raios do sol foram desviados e o globo foi deixado esfriar, após o que foi aberto com um diamante, revelando um lindo ovo branco. Levando isso consigo, Virgo Lucifera partiu.

Os convidados, tendo subido por outro alçapão, encontraram



O UNIVERSO CRIADO PELO PRINCÍPIO DUAL DE LUZ E ESCURIDÃO.

Da Filosofia Mosaica de Fludd .

A Divindade Suprema é simbolizada pelo pequeno globo no topo, que é dividido em dois hemisférios, a metade escura representando a escuridão divina com a qual a Divindade se cerca e que serve como Seu esconderijo. O hemisfério radiante significa a luz divina que está em Deus e que, derramando-se, manifesta-se como o poder criativo objetivo. O grande globo escuro à esquerda e abaixo da metade escura da esfera superior significa a escuridão potencial que estava sobre a face do abismo primordial e dentro do qual se movia o Espírito de Deus. O globo de luz à direita é a Divindade que é revelada da escuridão. Aqui a Palavra brilhante dissipou as sombras e um universo glorioso foi formado. O poder divino deste globo radiante é reconhecível ao homem como o sol. A grande luz e uma seção escura representam os universos criados participando da luz e da escuridão que estão na natureza do Criador. A metade escura representa o Abismo, ou Caos, as Águas Eternas jorrando da Divindade; o semicírculo claro contendo a figura de Apolo

representa o hemisfério diurno do mundo, que nos antigos Mistérios era governado por Apolo. O semicírculo escuro é o hemisfério noturno governado por Dionísio (Dionísio), cuja figura é vagamente visível na penumbra.

eles mesmos no quarto andar, onde havia uma chaleira quadrada cheia de areia prateada aquecida por um fogo suave. O grande ovo branco foi colocado sobre a areia morna para amadurecer. Em pouco tempo ele quebrou e surgiu um pássaro feio e mal-humorado, que foi alimentado com o sangue das pessoas reais decapitadas diluído em água preparada. A cada alimentação suas penas mudavam de cor; de pretas elas se tornavam brancas e finalmente se tornavam multicoloridas, a disposição do pássaro melhorando ao mesmo tempo. O jantar foi então servido, após o qual Virgo Lucifera partiu com o pássaro. Os convidados subiram com cordas, escadas e asas para o quinto andar, onde um banho colorido com pó branco fino havia sido preparado para o pássaro, que gostava de se banhar nele até que as lâmpadas colocadas sob o banho fizeram com que a água ficasse desconfortavelmente quente. Quando o calor removeu todas as penas do pássaro, ele foi retirado, mas o fogo continuou até que nada restasse no banho, exceto um sedimento na forma de uma pedra azul. Isso foi mais tarde triturado e transformado em um pigmento; com isso, todo o pássaro, exceto a cabeça, foi pintado.

Os convidados então subiram ao sexto andar, onde havia um pequeno altar parecido com o da sala do trono do rei. O pássaro bebeu da pequena fonte e foi alimentado com o sangue da serpente branca que rastejou pelas aberturas do crânio. A esfera perto do altar girava continuamente. O relógio bateu um, dois e depois três, momento em que o pássaro, colocando seu pescoço sobre o livro, deixou-se decapitar. Seu corpo foi queimado até virar cinzas, que foram colocadas em uma caixa de madeira de cipreste. Virgo Lucifera disse a CRC e três de seus companheiros que eles eram "trabalhadores" preguiçosos e lentos e, portanto, seriam excluídos da sétima sala. Músicos foram chamados, que com cornetas deveriam "soprar" os quatro em ridículo para fora da câmara. CRC e seus três companheiros ficaram desanimados até que os músicos disseram a eles para terem bom ânimo e os levaram por uma escada em caracol até o oitavo andar da torre diretamente abaixo do telhado. Aqui, o velho diretor, de pé sobre uma pequena fornalha redonda, deu-lhes as boas-vindas e os parabenizou por terem sido escolhidos por Virgo Lucifera , para este trabalho maior. Virgo Lucifera então entrou, e depois de rir da perplexidade de seus convidados, esvaziou as cinzas do pássaro em outro recipiente, enchendo a caixa de cipreste com matéria inútil. Ela então retornou ao sétimo andar, presumivelmente para enganar os reunidos ali, colocando-os para trabalhar nas cinzas falsas na caixa.

CRC e seus três amigos foram colocados para trabalhar umedecendo as cinzas do pássaro com água especialmente preparada até que a mistura se tornasse uma consistência de massa, após o que foi aquecida e moldada em duas formas em miniatura. Mais tarde, estas foram abertas, revelando duas imagens humanas brilhantes e quase transparentes de cerca de quatro polegadas de altura (homúnculos), um macho e a outra fêmea. Essas pequenas formas foram colocadas sobre almofadas de cetim e alimentadas gota a gota com o sangue do pássaro até que crescessem ao tamanho normal e de grande beleza. Embora os corpos

tivessem a consistência de carne, eles não mostravam sinais de vida, pois a alma não estava neles. Os corpos foram então cercados com tochas e seus rostos cobertos com seda. Virgo Lucifera então apareceu, carregando duas curiosas vestes brancas. As virgens também entraram, entre elas seis carregando grandes trombetas. Uma trombeta foi colocada sobre a boca de uma das duas figuras e CRC viu um pequeno buraco aberto na cúpula da torre e um raio de luz descer através do tubo da trombeta e entrar no corpo. Este processo foi repetido três vezes em cada corpo. As duas formas recém-animadas foram então removidas para um sofá de viagem. Em cerca de meia hora, o jovem Rei e Rainha acordaram e a Virgem Lucifera os presenteou com as vestes brancas. Eles as vestiram e o Rei em sua própria pessoa graciosamente agradeceu a CRC e seus companheiros, após o que as pessoas reais partiram em um navio. CRC e seus três amigos privilegiados então se juntaram aos outros "artistas", sem fazer menção ao que tinham visto. Mais tarde, todo o grupo foi designado para belos aposentos, onde descansaram até de manhã.

O SÉTIMO DIA

De manhã, Virgo Lucifera anunciou que cada um dos convidados do casamento havia se tornado um "Cavaleiro da Pedra Dourada". O velho guardião então presenteou cada homem com uma medalha de ouro, com a inscrição "At. Nat. Mi" de um lado e "Tem. Na. F" do outro. A companhia inteira retornou em doze navios para o palácio do rei. As bandeiras nos navios traziam os signos do zodíaco, e CRC sentou-se sob o de Libra. Quando eles entraram no lago, muitos navios os encontraram e o Rei e a Rainha, junto com seus senhores, senhoras e virgens, partiram em uma barcaça dourada para saudar os convidados que retornavam. Atlas então fez uma breve oração em nome do Rei, também pedindo os presentes reais. Em resposta, o velho guardião entregou a Cupido, que pairava sobre o par real, um pequeno caixão de formato curioso. CRC e o velho senhor, cada um carregando uma bandeira branca como a neve com uma cruz vermelha, viajaram na carruagem com o Rei. No primeiro portão estava o porteiro com roupas azuis, que, ao ver CRC, implorou que ele intercedesse junto ao Rei para libertá-lo daquele posto de servidão. O Rei respondeu que o porteiro era um famoso astrólogo que foi forçado a manter o portão como punição pelo crime de ter olhado para Lady Venus repousando em seu sofá. O Rei declarou ainda que o porteiro só poderia ser libertado quando outro fosse encontrado que tivesse cometido o mesmo crime. Ao ouvir isso, o coração de CRC afundou, pois ele percebeu que era o culpado, mas permaneceu em silêncio naquele momento.

Os recém-criados Cavaleiros da Pedra Dourada foram obrigados a subscrever cinco artigos elaborados por Sua Alteza Real: (1) Que eles atribuiriam sua Ordem somente a Deus e Sua serva, a Natureza. (2) Que eles deveriam abominar toda impureza e vício. (3) Que eles deveriam estar sempre prontos para ajudar os dignos e necessitados. (4) Que eles não deveriam usar seu conhecimento e poder para a obtenção de dignidade mundana. (5) Que eles não deveriam desejar viver mais do que Deus havia decretado. Eles foram então devidamente instalados como Cavaleiros, cuja cerimônia foi ratificada em uma pequena capela onde CRC pendurou seu Velocino de Ouro e seu chapéu para um memorial eterno, e aqui ele

inscreveu o seguinte: Summa Scientia nihil Scire, Pe. Christianus Rosencreutz. Eques aurei Lapidis . Anno 1459.

Após a cerimônia, CRC admitiu que ele era aquele que tinha visto Vênus e, consequentemente, deveria se tornar o porteiro do portão. O rei o abraçou carinhosamente e ele foi designado para um grande quarto contendo três camas — uma para ele, uma para o velho senhor da torre e a terceira para o velho Atlas.

The Chemical Marriage aqui chega a um fim abrupto, deixando a impressão de que CRC assumiria suas funções como porteiro na manhã seguinte. O livro termina no meio de uma frase, com uma nota em itálico presumivelmente do editor.

Sob o simbolismo de um casamento alquímico, os filósofos medievais ocultaram o sistema secreto da cultura espiritual por meio do qual esperavam coordenar a disjecta membra dos organismos humanos e sociais. A sociedade, eles sustentavam, era uma estrutura tripla e tinha sua analogia na constituição trina do homem, pois assim como o homem consiste em espírito, mente e corpo, a sociedade é composta pela igreja, estado e população. A intolerância da igreja, a tirania do estado e a fúria da multidão são as três agências assassinas da sociedade que buscam destruir a Verdade, conforme relatado na lenda maçônica de Hiram Abiff. Os primeiros seis dias do Casamento Químico estabelecem os processos de "criação" filosófica pelos quais todo organismo deve passar. Os três reis são o espírito triplo do homem e suas consortes, os veículos correspondentes de sua expressão no mundo inferior. O carrasco é a mente, cuja parte superior — simbolizada pela cabeça — é necessária para a realização do trabalho filosófico. Assim, as partes do homem — simbolizadas pelos alquimistas como planetas e elementos — quando misturadas de acordo com uma certa fórmula Divina resultam na criação de dois "bebês" filosóficos que, alimentados com o sangue do pássaro alquímico, tornam-se governantes do mundo.

Do ponto de vista ético, o jovem Rei e Rainha ressuscitados no topo da torre e animados pela Vida Divina representam as forças da Inteligência e do Amor que devem, em última análise, guiar a sociedade. Inteligência e Amor são os dois grandes luminares éticos do mundo e correspondem ao espírito iluminado e ao corpo regenerado. O noivo é a realidade e a noiva o ser regenerado que atinge a perfeição ao se tornar um com a realidade por meio de um casamento cósmico em que a parte mortal atinge a imortalidade ao se unir à sua própria Fonte imortal. No Casamento Hermético, a consciência divina e humana são unidas em um matrimônio sagrado e aquele em quem essa cerimônia sagrada acontece é designado como "Cavaleiro da Pedra Dourada"; ele se torna, assim, um diamante filosófico divino composto da quintessência de sua própria constituição sétupla.

Essa é a verdadeira interpretação do processo místico de se tornar "uma noiva do Cordeiro". O Cordeiro de Deus é significado pelo Velocino de Ouro que Jasão foi forçado a ganhar antes que pudesse assumir sua realeza. O Leão Voador é a vontade iluminada, um pré-requisito absoluto para a realização da Grande Obra. O episódio de pesar as almas dos homens tem seu paralelo na cerimônia descrita no Livro Egípcio dos Mortos . A cidade murada adentrada por CRC representa o

santuário da sabedoria onde habitam os verdadeiros governantes do mundo - os filósofos iniciados.

Como os antigos Mistérios pelos quais foi modelada, a Ordem da Rosa Cruz possuía um ritual secreto que era vivido pelo candidato por um número prescrito de anos antes que ele fosse elegível para os graus internos da sociedade. Os vários andares da Torre do Olimpo representam as órbitas dos planetas. A ascensão dos filósofos de um andar para outro também é paralela a certos rituais dos Mistérios de Elêusis e aos ritos de Mitra, nos quais o candidato ascendia os sete degraus de uma escada ou subia os sete degraus de uma pirâmide para significar a libertação das influências dos Governadores Planetários. O homem se torna mestre das sete esferas somente quando transmuta os impulsos recebidos delas. Aquele que domina os sete mundos e se reúne com a Fonte Divina de sua própria natureza consuma o Casamento Hermético .

Bacon, Shakespeare e os Rosacruzes

A presente consideração da controvérsia Bacon-Shakspere-Rosacruz não é empreendida com o propósito vão de desenterrar ossos de homens mortos, mas sim na esperança de que uma análise crítica ajude na redescoberta daquele conhecimento perdido para o mundo desde que os oráculos foram silenciados. Foi WFC Wigston quem chamou o Bardo de Avon de "Capitão fantasma Shakespeare, a máscara Rosacruz". Isso constitui uma das declarações mais significativas relacionadas à controvérsia Bacon-Shakspere.

É bastante evidente que William Shakspere não poderia, sem ajuda, ter produzido os escritos imortais que levam seu nome. Ele não possuía a cultura literária necessária, pois a cidade de Stratford, onde foi criado, não continha nenhuma escola capaz de transmitir as formas mais elevadas de aprendizado refletidas nos escritos atribuídos a ele. Seus pais eram analfabetos e, em sua juventude, ele demonstrou total desrespeito aos estudos. Existem apenas seis exemplos conhecidos da caligrafia de Shakspere. Todas são assinaturas, e três delas estão em seu testamento. O método rabiscado e incerto de sua execução marca Shakspere como desfamiliarizado com o uso de uma caneta, e é óbvio que ele copiou uma assinatura preparada para ele ou que sua mão foi guiada enquanto ele escrevia. Nenhum manuscrito autógrafo das peças ou sonetos "shakespearianos" foi descoberto, nem há sequer uma tradição a respeito deles além da declaração fantástica e impossível que aparece no prefácio do Great Folio .

Uma biblioteca bem abastecida seria uma parte essencial do equipamento de um autor cujas produções literárias demonstram que ele está familiarizado com a literatura de todas as eras, mas não há registro de que Shakespeare tenha possuído uma biblioteca, nem ele faz qualquer menção a livros em seu testamento. Comentando sobre o analfabetismo conhecido da filha de Shakespeare, Judith, que aos vinte e sete anos só conseguia deixar sua marca, Ignatius Donnelly declara ser inacreditável que William Shakespeare, se ele tivesse escrito as peças que levam seu nome, teria permitido que sua própria filha atingisse a maturidade e se casasse

sem ser capaz de ler uma linha dos escritos que tornaram seu pai rico e famoso localmente.

A questão também foi levantada: "Onde William Shakspere garantiu seu conhecimento de francês moderno, italiano, espanhol e dinamarquês, para não falar de latim clássico e grego?" Pois, apesar da rara discriminação com que o latim é usado pelo autor das peças shakespearianas, Ben Jonson, que conhecia Shakspere intimamente, declarou que o ator de Stratford entendia "um pouco de latim e menos grego"! Não é também mais do que estranho que não exista nenhum registro de William Shakspere tendo desempenhado um papel principal nos dramas famosos que ele supostamente escreveu ou em outros produzidos pela companhia da qual ele era membro? É verdade, ele pode ter tido um pequeno interesse no Globe Theatre ou Blackfriars, mas aparentemente o auge de suas realizações teatrais foi o Fantasma em Hamlet !

Apesar de sua avareza admitida, Shakspere aparentemente não fez nenhum esforço durante sua vida para controlar ou garantir remuneração das peças que levam seu nome, muitas das quais foram publicadas anonimamente pela primeira vez. Até onde pode ser apurado, nenhum de seus herdeiros esteve envolvido de qualquer maneira na impressão do First Folio após sua morte, nem se beneficiaram financeiramente disso. Se ele tivesse sido o autor, os manuscritos e peças não publicadas de Shakspere certamente teriam constituído seus bens mais valiosos, mas seu testamento — ao fazer disposição especial de sua segunda melhor cama e sua "ampla tigela de prata dourada" não menciona nem sugere que ele possuía quaisquer produções literárias.

Enquanto os Folios e Quartos geralmente são assinados "William Shakespeare", todos os autógrafos conhecidos do ator de Stratford dizem "William Shakespeare". Essa mudança na grafia contém algum significado até então geralmente ignorado? Além disso, se os editores do First Shakespearian Folio reverenciavam seu colega ator tanto quanto suas alegações naquele volume indicariam, por que eles, como se em alusão irônica a uma farsa que estavam perpetrando, colocaram uma caricatura evidente dele na página de título?

Certos absurdos também na vida privada de Shakespeare são irreconciliáveis. Enquanto supostamente no auge de sua carreira literária, ele estava na verdade envolvido na compra de malte, presumivelmente para um negócio de cerveja! Imagine também o imortal Shakespeare — o reputado autor de O Mercador de Veneza — como um agiota! No entanto, entre aqueles contra quem Shakespeare moveu ação para cobrar pequenas quantias estava um conterrâneo — um certo Philip Rogers — a quem ele processou por um empréstimo não pago de dois xelins, ou cerca de quarenta e oito centavos! Em suma, não há nada conhecido na vida de Shakespeare que justifique a excelência literária imputada a ele.

Os ideais filosóficos promulgados ao longo das peças shakespearianas demonstram distintamente que seu autor estava completamente familiarizado com certas doutrinas e princípios peculiares ao rosacrucianismo; de fato, a profundidade das produções shakespearianas marca seu criador como um dos illuminati das eras. A maioria dos que buscam uma solução para a controvérsia Bacon-Shakspere são

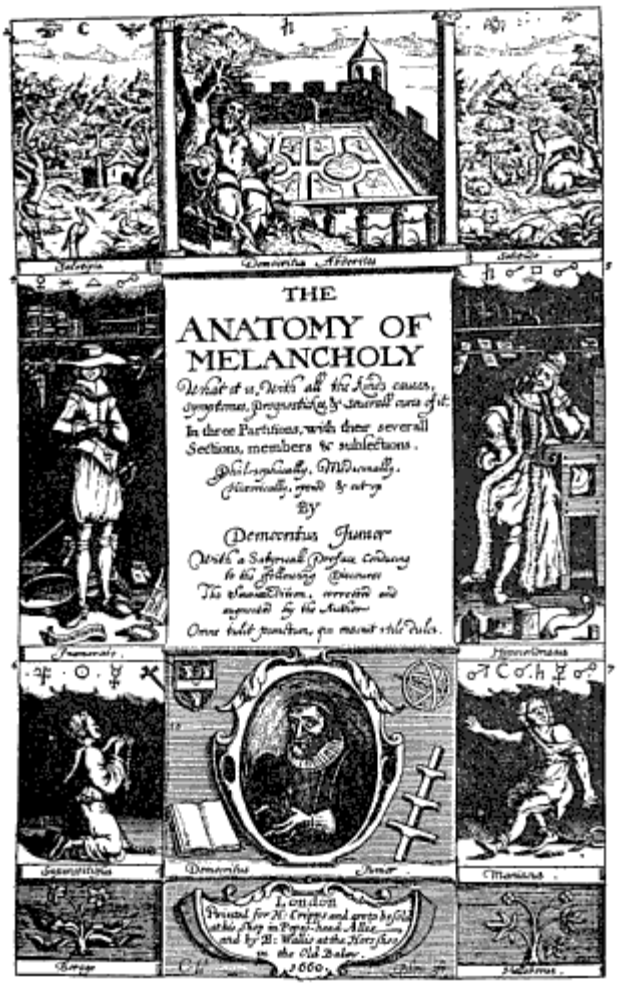
intelectualistas. Apesar de suas realizações acadêmicas, eles negligenciaram o papel importante desempenhado pelo transcendentalismo nas realizações filosóficas das eras. Os mistérios da superfísica são inexplicáveis para o materialista, cujo treinamento não o equipa para estimar a extensão de suas ramificações e complexidades. No entanto, quem, senão um platônico, um cabalista ou um pitagórico poderia ter escrito A Tempestade , Macbeth , Hamlet ou A Tragédia de Cimbeline ? Quem, senão alguém profundamente versado na tradição paracelsiana, poderia ter concebido, Sonho de uma Noite de Verão ?

Pai da ciência moderna, remodelador

CAPACETE MOSTRANDO A's CLAROS E SOMBRIDOS.

Do Rei Ricardo II de Shakespeare , Quarto de 1597.

O ornamento de cabeça mostrado acima tem sido considerado uma assinatura baconiana ou rosacruz há muito tempo. Os A 's claros e escuros aparecem em vários volumes publicados por emissários dos rosacruzes. Se a figura acima for comparada com a do Alciati Emblemata nas páginas seguintes, o uso enigmático dos dois A's será demonstrado ainda mais.



A PÁGINA DE TÍTULO DE ANATOMIA DA MELANCOLIA DE BURTON.

Da Anatomia da Melancolia de Burton .

Especialistas baconianos declaram que Anatomia da Melancolia de Burton é, na realidade, o álbum de recortes de Francis Bacon, no qual ele reuniu pedaços estranhos e raros de conhecimento durante os muitos anos de vida agitada. Esta página de título há muito tempo supostamente contém uma mensagem enigmática. A chave para esta cifra é a figura apontando do maníaco no canto inferior direito do desenho. De acordo com a Sra. Elizabeth Wells Gallup, o globo celeste para o qual o maníaco está apontando é um símbolo enigmático de Sir Francis Bacon. Os signos planetários que aparecem nas nuvens opostas às figuras marginais 4, 5, 6 e 7 significam as configurações planetárias, que produzem as formas de mania retratadas. O homem sentado, com a cabeça apoiada na mão, é declarado pelos entusiastas baconianos como representante de Sir Francis Bacon.

da lei moderna, editor da Bíblia moderna, patrono da democracia moderna e um dos fundadores da Maçonaria moderna, Sir Francis Bacon foi um homem de muitos objetivos e propósitos. Ele era um Rosacruz, alguns sugeriram o Rosacruz. Se não realmente o Ilustre Padre CRC mencionado nos manifestos Rosacruzes, ele

certamente foi um alto iniciado da Ordem Rosacruz, e são suas atividades em conexão com este corpo secreto que são de suma importância para estudantes de simbolismo, filosofia e literatura.

Dezenas de volumes foram escritos para estabelecer Sir Francis Bacon como o verdadeiro autor das peças e sonetos popularmente atribuídos a William Shakespeare. Uma consideração imparcial desses documentos não pode deixar de convencer os de mente aberta da verossimilhança da teoria baconiana. Na verdade, aqueles entusiastas que por anos lutaram para identificar Sir Francis Bacon como o verdadeiro "Bardo de Avon" poderiam há muito tempo ter vencido seu caso se tivessem enfatizado seu ângulo mais importante, a saber, que Sir Francis Bacon, o iniciado rosacruz, escreveu nas peças shakespearianas os ensinamentos secretos da Fraternidade de RC e os verdadeiros rituais da Ordem Maçônica, de cuja ordem ainda pode ser descoberto que ele foi o verdadeiro fundador. Um mundo sentimental, no entanto, não gosta de abrir mão de um herói tradicional, seja para resolver uma controvérsia ou para corrigir um erro. No entanto, se puder ser provado que, ao desvendar o enigma, podem ser descobertas informações de valor prático para a humanidade, então as melhores mentes do mundo cooperarão na empreitada. A controvérsia Bacon-Shakspere, como seus defensores mais capazes percebem, envolve os aspectos mais profundos da ciência, religião e ética; aquele que resolver seu mistério poderá encontrar nele a chave para a sabedoria supostamente perdida da antiguidade.

Foi em reconhecimento às realizações intelectuais de Bacon que o Rei James entregou a ele os manuscritos dos tradutores do que hoje é conhecido como a Bíblia King James para o propósito presumível de verificar, editar e revisá-los. Os documentos permaneceram em suas mãos por quase um ano, mas nenhuma informação foi obtida sobre o que ocorreu naquele tempo. Sobre este trabalho, William T. Smedley escreve: "Eventualmente será provado que todo o esquema da Versão Autorizada da Bíblia era de Francis Bacon." (Veja O Mistério de Francis Bacon .) A primeira edição da Bíblia King James contém um enigmático headpiece baconiano. Bacon escondeu criptograficamente na Bíblia Autorizada aquilo que ele não ousou revelar literalmente no texto — a chave secreta Rosacruz para o cristianismo místico e maçônico?

Sir Francis Bacon possuía, sem dúvida, a gama de conhecimento geral e filosófico necessário para escrever as peças e sonetos shakespearianos, pois geralmente é admitido que ele era um compositor, advogado e linguista. Seu capelão, Doutor William Rawley, e Ben Jonson atestam suas realizações filosóficas e poéticas. O primeiro presta a Bacon este tributo notável: "Fui induzido a pensar que se houvesse um raio de conhecimento derivado de Deus sobre qualquer homem nestes tempos modernos, era sobre ele. Pois embora ele fosse um grande leitor de livros; ainda assim ele não tinha seu conhecimento de livros, mas de alguns fundamentos e noções de dentro de si mesmo. " (Veja Introdução ao Resuscitado .)

Sir Francis Bacon, sendo não apenas um advogado capaz, mas também um cortesão polido, também possuía aquele conhecimento íntimo da lei parlamentar e da etiqueta da corte real revelada nas peças de Shakespeare que dificilmente poderia ter sido adquirida por um homem na humilde posição do ator de Stratford.

Lord Verulam, além disso, visitou muitos dos países estrangeiros que formavam o pano de fundo para as peças e, portanto, estava em posição de criar a autêntica atmosfera local contida ali, mas não há registro de William Shakespeare ter viajado para fora da Inglaterra.

A magnífica biblioteca reunida por Sir Francis Bacon continha os volumes necessários para suprir as citações e anedotas incorporadas às peças de Shakespeare. Muitas das peças, de fato, foram tiradas de enredos de escritos anteriores dos quais não havia tradução para o inglês naquela época. Por causa de suas aquisições escolares, Lord Verulam poderia ter lido os livros originais; é muito improvável que William Shakspere pudesse ter feito isso.

Existem provas criptográficas abundantes de que Bacon estava envolvido na produção das peças de Shakespeare. O número cifrado de Sir Francis Bacon era 33. Na Primeira Parte de King Henry the Fourth , a palavra "Francis" aparece 33 vezes em uma página. Para atingir esse fim, frases obviamente estranhas eram necessárias, como: "Anon Francis? Não Francis, mas amanhã Francis: ou Francis, na quinta-feira: ou mesmo Francis quando tu quiseres. Mas Francis."

Ao longo dos Folios e Quartos de Shakespeare ocorrem dezenas de assinaturas acrósticas. A forma mais simples do acróstico é aquela em que um nome — nesses casos, o de Bacon — foi escondido nas primeiras letras das linhas. Em The Tempest , Ato I, Cena 2, aparece um exemplo impressionante do acróstico baconiano:

"Começou a me dizer o que eu sou, mas parou

E me deixou para uma Inquisição inútil,

Concluindo, fique: ainda não.

As primeiras letras da primeira e segunda linhas, junto com as três primeiras letras da terceira linha, formam a palavra BACon . Acrósticos semelhantes aparecem frequentemente nos escritos reconhecidos de Bacon.

O teor dos dramas shakespearianos politicamente está em harmonia com os pontos de vista reconhecidos de Sir Francis Bacon, cujos inimigos são frequentemente caricaturados nas peças. Da mesma forma, suas correntes religiosas, filosóficas e educacionais refletem suas opiniões pessoais. Não apenas essas semelhanças marcantes de estilo e terminologia existem nos escritos de Bacon e nas peças shakespearianas, mas também há certas imprecisões históricas e filosóficas comuns a ambos, como citações errôneas idênticas de Aristóteles.

"Evidentemente percebendo que o futuro revelaria seu gênio completo, Lorde Verulam em seu testamento legou sua alma a Deus acima pelas oblações de seu Salvador, seu corpo para ser enterrado obscuramente, seu nome e memória para os discursos de caridade dos homens, para nações estrangeiras, para eras subsequentes e para seus próprios compatriotas depois que algum tempo tivesse decorrido . A parte que aparece em itálico Bacon excluiu de seu testamento, aparentemente temendo ter falado demais.

Que o subterfúgio de Sir Francis Bacon era conhecido por poucos durante sua vida é bastante evidente. Consequentemente, dicas dispersas sobre o verdadeiro autor das peças de Shakespeare podem ser encontradas em muitos volumes do século XVII. Na página 33 (número da cifra de Bacon) da edição de 1609 de Treasurie or Storehouse de Robert Cawdry

UMA ASSINATURA BACONIANA.

De Alciati Emblemata .

O curioso volume do qual esta figura foi tirada foi publicado em Paris em r618. A atenção do estudante baconiano é imediatamente atraída pela forma do porco em primeiro plano. Bacon frequentemente usava este animal como um jogo de palavras com seu próprio nome, especialmente porque o nome Bacon era derivado da palavra faia e a noz desta árvore era usada para engordar porcos. Os dois pilares no fundo têm considerável interesse maçônico. Os dois A's quase no centro da imagem — um claro e um sombreado — são sozinhos uma prova quase conclusiva da influência baconiana. A evidência mais convincente, no entanto, é o fato de que 17 é o equivalente numérico das letras da fazenda latina do nome de Bacon (F. Baco) e há 17 letras nas três palavras que aparecem na ilustração.

FRANCIS BACON, BARÃO VERULAM, VISCONDE ST. ALBANS.

Do livro Avanço da Aprendizagem de Bacon .

Lord Bacon nasceu em 1561 e a história registra sua morte em 1626. Há registros existentes, no entanto, que indicariam a probabilidade de que seu funeral tenha sido um funeral simulado e que, deixando a Inglaterra, ele viveu por muitos anos sob outro nome na Alemanha, servindo fielmente à sociedade secreta para a promulgação de cujas doutrinas ele havia consagrado sua vida. Pouca dúvida parece existir nas mentes de investigadores imparciais de que Lord Bacon era o filho legítimo da Rainha Elizabeth e do Conde de Leicester.

de Símiles aparece a seguinte alusão significativa: "Assim como os homens ririam de um homem pobre, se, tendo vestes preciosas, o emprestassem para atuar e desempenhar o papel de alguma personagem honrada em um palco, quando a peça chegasse ao fim, ele as guardaria como suas e se gabaria delas de cima a baixo."

Referências repetidas à palavra hog e a presença de declarações criptográficas na página 33 de vários escritos contemporâneos demonstram que as chaves para as cifras de Bacon eram seu próprio nome, palavras brincando com ele, ou seu equivalente numérico. Exemplos notáveis são a famosa declaração de Mistress

Quickly em The Merry Wives of Windsor : "Hang-hog é latten para Bacon, eu garanto"; as páginas de título de Arcadia de The Countess of Pembroke e Faerie Queene de Edmund Spenser ; e os emblemas que aparecem nas obras de Alciatus e Wither. Além disso, a palavra honorificabilitudinitatibus que aparece no quinto ato de Love's Labour's Lost é uma assinatura rosacruz, como seu equivalente numérico (287) indica.

Novamente, na página de título da primeira edição de New Atlantis , de Sir Francis Bacon , o Pai Tempo é retratado trazendo uma figura feminina para fora da escuridão de uma caverna. Ao redor do dispositivo há uma inscrição em latim: "Com o tempo, a verdade secreta será revelada." Os slogans e dispositivos de impressão que aparecem em volumes publicados especialmente durante a primeira metade do século XVII foram projetados, arranjados e, em alguns casos, mutilados de acordo com um plano definido.

É evidente também que as paginações erradas nos Shakespearian Folios e outros volumes são chaves para as cifras baconianas, pois as reedições — frequentemente de novo tipo e por diferentes impressores — contêm os mesmos erros. Por exemplo, o Primeiro e o Segundo Folios de Shakespeare são impressos de tipos completamente diferentes e por diferentes impressores com nove anos de diferença, mas em ambas as edições a página 153 das Comédias é numerada como 151, e as páginas 249 e 250 são numeradas como 250 e 251, respectivamente. Também na edição de 1640 de The Advancement and Proficience of Learning , de Bacon , as páginas 353 e 354 são numeradas 351 e 352, respectivamente, e na edição de 1641 de Divine Weeks, de Du Bartas, as páginas 346 a 350, inclusive, estão completamente ausentes, enquanto a página 450 é numerada 442. Será observada a frequência com que as páginas que terminam nos números 50, 51, 52, 53 e 54 estão envolvidas.

Os requisitos da cifra biliteral de Lord Verulam são totalmente atendidos em dezenas de volumes impressos entre 1590 e 1650 e em alguns impressos em outras épocas. Um exame dos versos de L. Digges, dedicados à memória do falecido "Autor Maister W. Shakespeare", revela o uso de duas fontes de tipo para letras maiúsculas e minúsculas, sendo as diferenças mais marcantes nas maiúsculas T , N e A , (Seethe First Folio). A cifra foi excluída das edições subsequentes.

A presença de material oculto no texto é frequentemente indicada pelo envolvimento desnecessário de palavras. Na décima sexta página não numerada da edição de 1641 das Divine Weeks de Du Bartas há um javali sobrepondo um texto piramidal. O texto é um jargão sem sentido, evidentemente inserido por razões criptográficas e marcado com a assinatura de Bacon — o porco. No ano seguinte à publicação do First Folio das peças de Shakespeare em 1623, foi impresso em "Lunæburg" um volume notável sobre criptografia, declaradamente por Gustavus Selenus. É considerado extremamente provável que este volume constitua a chave criptográfica para o Great Shakespearian Folio .

Peças simbólicas peculiares de cabeça e cauda também marcam a presença de criptogramas. Embora tais ornamentos sejam encontrados em muitos livros

impressos antigos, certos emblemas são peculiares a volumes contendo cifras rosacruzes baconianas. O A sombreado claro e escuro é um exemplo interessante. Tendo em mente a recorrência frequente no simbolismo baconiano do A sombreado claro e escuro e do porco, a seguinte declaração de Bacon em sua Interpretação da Natureza é altamente significativa: "Se a porca com seu focinho acontecesse de imprimir a letra A no chão, você imaginaria que ela poderia escrever uma tragédia inteira como uma letra?"

Os Rosacruzes e outras sociedades secretas do século XVII usavam marcas d'água como meio para transmitir referências criptográficas, e livros que presumivelmente contêm cifras baconianas são geralmente impressos em papel com marcas d'água Rosacruzes ou Maçônicas; frequentemente há vários símbolos em um livro, como a Rosa Cruz, urnas, cachos de uvas e outros.

Em mãos está um documento que pode provar ser uma chave notável para uma cifra que começa em The Tragedy of Cymbeline . Até onde se sabe, ele nunca foi publicado e é aplicável apenas ao Folio de 1623 das peças de Shakespeare. A cifra é uma contagem de linhas e palavras envolvendo pontuação, especialmente os pontos de exclamação longos e curtos e os pontos de interrogação retos e inclinados. Este código foi descoberto por Henry William Bearse em 1900 e, após ter sido cuidadosamente verificado, sua natureza exata será tornada pública.

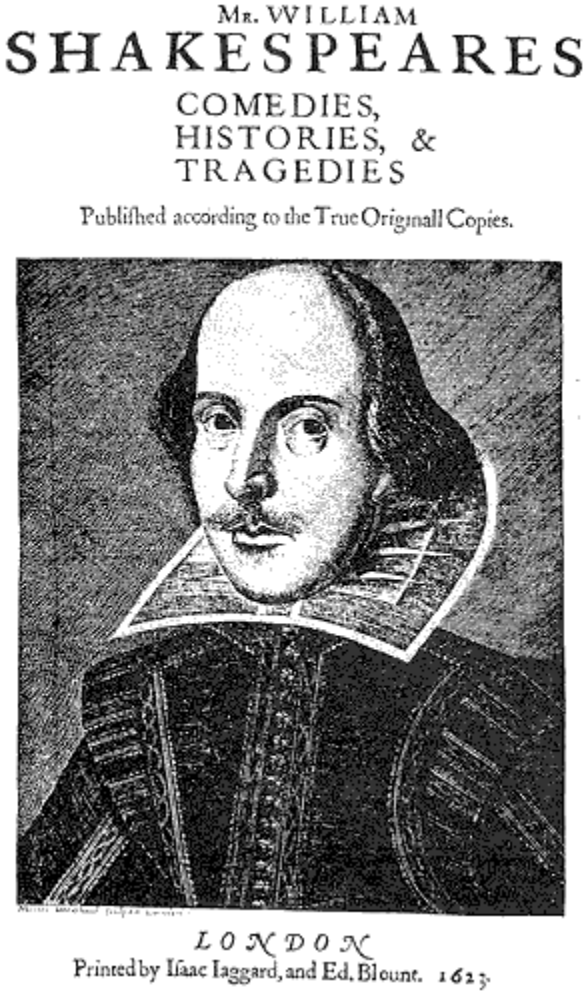
Nenhuma dúvida razoável permanece de que a Ordem Maçônica é o resultado direto das sociedades secretas da Idade Média, nem pode ser negado que a Maçonaria é permeada pelo simbolismo e misticismo dos mundos antigo e medieval. Sir Francis Bacon conhecia o verdadeiro segredo da origem maçônica e há razão para suspeitar que ele escondeu esse conhecimento em cifra e criptograma. Bacon não deve ser considerado apenas como um homem, mas sim como o ponto focal entre uma instituição invisível e um mundo que nunca foi capaz de distinguir entre o mensageiro e a mensagem que ele promulgou. Esta sociedade secreta, tendo redescoberto a sabedoria perdida das eras e temendo que o conhecimento pudesse ser perdido novamente, perpetuou-a de duas maneiras: (1) por uma organização (Maçonaria)

UM CAPACETE CRÍPTICO.

Da História do Mundo de Ralegh .

Muitos documentos influenciados pela filosofia baconiana — ou destinados a esconder criptogramas baconianos ou rosacruzes — usam certos desenhos convencionais no início e no fim dos capítulos, que revelam aos iniciados a presença

de informações ocultas. O ornamento acima foi aceito há muito tempo como a presença da influência baconiana e pode ser encontrado apenas em um certo número de volumes raros, todos os quais contêm criptogramas baconianos. Essas mensagens cifradas foram colocadas nos livros pelo próprio Bacon ou por autores contemporâneos e subsequentes pertencentes à mesma sociedade secreta à qual Bacon serviu com seu notável conhecimento de cifras e enigmas. Variantes deste capacete adornam o Great Shakespearian Folio (1623); o Novum Organum de Bacon (1620); a Bíblia de St. James (1611); a Faerie Queene de Spencer (1611); e a History of the World de Sir Walter Ralegh (1614) (Veja American Baconiana .)



O RETRATO DE SHAKSPERE EM DROESHOUT.

Do Grande Fólio de Shakespeare de 1623.

Não existem retratos autênticos de Shakespeare. As diferenças entre os retratos de Droeshout, Chandos, Janssen, Hunt, Ashbourne, Soest e Dunford provam conclusivamente que os artistas não tinham conhecimento das características reais de Shakespeare. Um exame do retrato de Droeshout revela várias peculiaridades. Os entusiastas baconianos estão convencidos de que o rosto é apenas uma caricatura, possivelmente a máscara mortuária de Francis Bacon. Uma comparação

do Droeshout Shakespeare com retratos e gravuras de Francis Bacon demonstra a identidade da estrutura dos dois rostos, a diferença na expressão sendo causada por linhas de sombreamento. Não também a linha peculiar que vai da orelha até o queixo. Essa linha significa sutilmente que o próprio rosto é uma máscara, terminando na orelha? Observe também que a cabeça não está conectada ao corpo, mas está apoiada na gola. O mais estranho de tudo é o casaco: metade está para trás. Ao desenhar a jaqueta, o artista fez o braço esquerdo corretamente, mas o braço direito tem a parte de trás do ombro para a frente. Frank Woodward observou que há 157 letras na página de título. Esta é uma assinatura Rosacruz de primeira importância. A data, 1623, mais as duas letras "ON" da palavra "LONDON", dá a assinatura enigmática de Francis Bacon, por uma cifra numérica simples. Ao simplesmente trocar as 26 letras do alfabeto por números, 1 se tornou A, 6 se tornou F, 2 se tornou B e 3 se tornou C, dando AFBC. A isso é adicionado o ON de LONDON, resultando em AFBCON, que reorganizou as formas F. BACON.

aos iniciados dos quais revelou sua sabedoria na forma de símbolos; (2) incorporando seus arcanos na literatura da época por meio de cifras e enigmas habilmente elaborados.

As evidências apontam para a existência de um grupo de Fratres sábios e ilustres que assumiram a responsabilidade de publicar e preservar para as gerações futuras os melhores livros secretos dos antigos, juntamente com certos outros documentos que eles próprios prepararam. Para que os futuros membros de sua fraternidade pudessem não apenas identificar esses volumes, mas também imediatamente notar as passagens, palavras, capítulos ou seções significativas neles, eles criaram um alfabeto simbólico de desenhos hieroglíficos. Por meio de uma certa chave e ordem, os poucos perspicazes foram assim habilitados a encontrar aquela sabedoria pela qual um homem é "elevado" a uma vida iluminada.

A tremenda importância do mistério baconiano está se tornando mais aparente a cada dia. Sir Francis Bacon foi um elo naquela grande cadeia de mentes que perpetuou a doutrina secreta da antiguidade desde o seu início. Esta doutrina secreta está oculta em seus escritos enigmáticos. A busca por esta sabedoria divina é o único motivo legítimo para o esforço de decodificar seus criptogramas.

A pesquisa maçônica pode descobrir muito de valor se voltar sua atenção para certos volumes publicados durante os séculos XVI e XVII que trazem o selo e o sinete daquela sociedade secreta cujos membros primeiro estabeleceram a Maçonaria moderna, mas eles próprios permaneceram como um grupo intangível controlando e dirigindo as atividades do corpo externo. A história desconhecida e os rituais perdidos da Maçonaria podem ser redescobertos no simbolismo e nos criptogramas da Idade Média . A Maçonaria é o filho brilhante e glorioso de um pai misterioso e oculto. Ela não pode traçar sua ascendência porque essa origem é obscurecida pelo véu do superfísico e do místico. O Grande Fólio de 1623 é um verdadeiro tesouro de tradição e simbolismo maçônico, e está próximo o momento em que essa Grande Obra deve receber a consideração que lhe é devida.

Embora o cristianismo tenha destruído a organização material dos mistérios pagãos, ele não conseguiu destruir o conhecimento do poder sobrenatural que os

pagãos possuíam. Portanto, sabe-se que os mistérios da Grécia e do Egito foram perpetuados secretamente durante os primeiros séculos da igreja e, mais tarde, por serem revestidos do simbolismo do cristianismo, foram aceitos como elementos dessa fé. Sir Francis Bacon foi um dos que foram incumbidos da perpetuação e disseminação dos arcanos do superfísico originalmente em posse dos hierofantes pagãos e, para atingir esse fim, formulou a Fraternidade RC ou foi admitido em uma organização já existente sob esse nome e se tornou um de seus principais representantes.

Por alguma razão não aparente para os não iniciados, houve um esforço contínuo e consistente para impedir o desenrolar da meada baconiana. Seja qual for o poder que bloqueia continuamente os esforços dos investigadores, ele é tão incessante agora quanto foi imediatamente após a morte de Bacon, e aqueles que tentam resolver o enigma ainda sentem o peso de seu ressentimento.

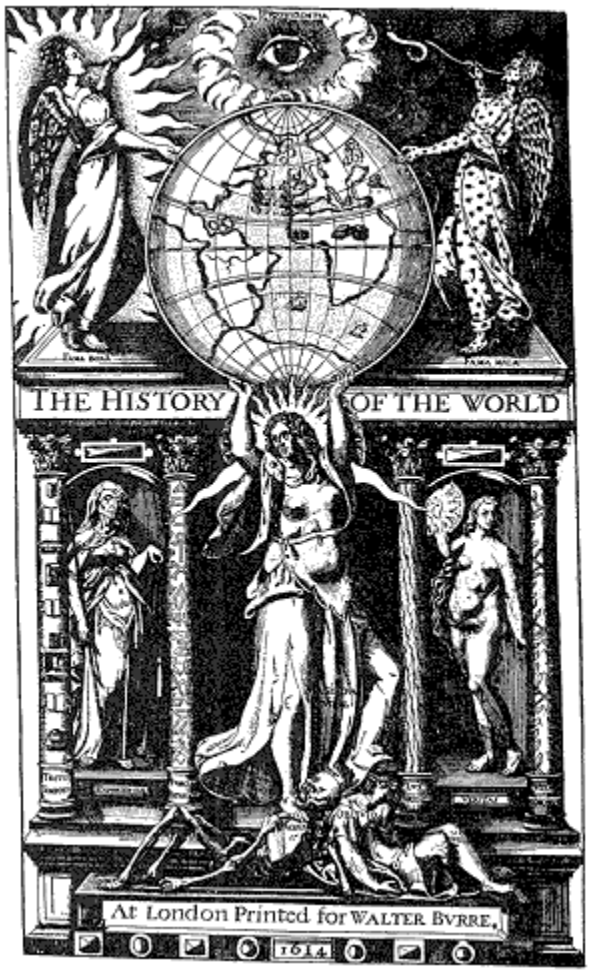
Um mundo incompreendido sempre perseguiu aqueles que entendiam o funcionamento secreto da Natureza, buscando de todas as maneiras concebíveis exterminar os guardiões dessa sabedoria divina. O prestígio político de Sir Francis Bacon foi finalmente minado e Sir Walter Ralegh encontrou um destino vergonhoso porque seu conhecimento transcendental foi considerado perigoso.

A falsificação da caligrafia de Shakespeare; a imposição de retratos fraudulentos e máscaras mortuárias a um público crédulo; a fabricação de biografias espúrias; a mutilação de livros e documentos; a destruição ou a ilegibilidade de tábuas e inscrições contendo mensagens criptográficas, tudo isso agravou as dificuldades inerentes à solução do enigma Bacon-Shakspere-Rosacruz. As falsificações da Irlanda enganaram especialistas por anos.

De acordo com o material disponível, o conselho supremo da Fraternidade RC era composto por um certo número de indivíduos que morreram o que é conhecido como a "morte filosófica". Quando chegava a hora de um iniciado entrar em seus trabalhos para a Ordem, ele convenientemente "morria" sob circunstâncias um tanto misteriosas. Na realidade, ele mudou seu nome e local de residência, e uma caixa de pedras ou um corpo garantido para o propósito foi enterrado em seu lugar. Acredita-se que isso aconteceu no caso de Sir Francis Bacon que, como todos os servos dos Mistérios, renunciou a todo crédito pessoal e permitiu que outros fossem considerados os autores dos documentos que ele escreveu ou inspirou.

Os escritos enigmáticos de Francis Bacon constituem um dos elementos tangíveis mais poderosos nos mistérios do transcendentalismo e da filosofia simbólica. Aparentemente, muitos anos ainda devem passar antes que um mundo incompreensível aprecie o gênio transcendente daquele homem misterioso que escreveu o Novum Organum , que navegou seu pequeno navio para longe no mar inexplorado do aprendizado através dos Pilares de Hércules, e cujos ideais para uma nova civilização são magnificamente expressos no sonho utópico de The New Atlantis . Sir Francis Bacon foi um segundo Prometeu? Seu grande amor pelas pessoas do mundo e sua pena por sua ignorância o levaram a trazer o fogo divino do céu oculto dentro do conteúdo de uma página impressa?

Com toda a probabilidade, as chaves para o enigma baconiano serão encontradas na mitologia clássica. Aquele que entende o segredo do Deus dos Sete Raios compreenderá o método empregado por Bacon para realizar seu trabalho monumental. Aliases foram assumidos por ele de acordo com os atributos e a ordem dos membros do sistema planetário. Uma das chaves menos conhecidas — mas mais importantes — para o enigma baconiano é a Terceira, ou 1637, Edição, publicada em Paris, de Les Images ou Tableaux de platte peinture des deux Philostrates sophistes grecs et les statues de Callistrate , de Blaise de Vigenere. A página de título deste volume — que, como o nome do autor quando devidamente decifrado indica, foi escrito por ou sob a direção de Bacon ou sua sociedade secreta — é uma massa de importantes símbolos maçônicos ou rosacruzes. Na página 486 aparece uma placa intitulada "Hercules Furieux", mostrando uma figura gigantesca sacudindo uma lança, o chão diante dele coberto de emblemas curiosos. Em sua curiosa obra, Das Bild des Speershüttlers die Lösung des Shakespeare-Rätsels , Alfred Freund tenta explicar o simbolismo baconiano no Philostrates . Bacon ele revela como o Hércules filosófico, a quem o tempo estabelecerá como o verdadeiro "Spear-Shaker" (Shakespeare).



PÁGINA DE TÍTULO DA FAMOSA PRIMEIRA EDIÇÃO DA HISTÓRIA DO MUNDO DE SIR WALTER RALEGH.

Da História do Mundo de Ralegh .

Qual era o conhecimento misterioso que Sir Walter Ralegh possuía e que foi declarado prejudicial ao governo britânico? Por que ele foi executado quando as acusações contra ele não puderam ser provadas? Ele era um membro daquelas temidas e odiadas sociedades secretas que quase derrubaram a Europa política e religiosa durante os séculos XVI e XVII? Sir Walter Ralegh foi um fator importante no enigma Bacon-Shakspere-Rosacruz-Maçônico? Por aqueles que buscam as chaves para esta grande controvérsia, ele parece ter sido quase totalmente esquecido. Seus contemporâneos são unânimes em seus elogios ao seu intelecto notável, e ele há muito é considerado um dos filhos mais brilhantes da Grã-Bretanha.

Sir Walter Ralegh — soldado, cortesão, estadista, escritor, poeta, filósofo e explorador — era uma figura brilhante na corte da Rainha Elizabeth. Sobre esse mesmo homem, o Rei James — após a morte de Elizabeth — acumulou toda indignidade ao seu alcance. O covarde James, que estremecia à menção de armas e chorava como uma criança quando era contrariado, tinha inveja do brilhante cortesão. Os inimigos de Ralegh, brincando com a fraqueza do rei, não cessaram sua perseguição implacável até que Ralegh fosse enforcado e seu corpo decapitado, esquartejado e estripado jazia a seus pés.

A página de título reproduzida acima foi usada pelos inimigos políticos de Ralegh como uma arma poderosa contra ele. Eles convenceram James I de que o rosto da figura central sustentando o globo era uma caricatura sua, e o rei enfurecido ordenou que todas as cópias da gravura fossem destruídas. Mas algumas cópias escaparam da ira real; consequentemente, a placa é extremamente rara. A gravura é uma massa de símbolos rosacruzes e maçônicos, e as figuras nas colunas provavelmente escondem um criptograma. Mais significativo ainda é o fato de que a página voltada para esta placa é um capacete idêntico ao usado no Folio de 1623 de "Shakespeare" e também no Novum Organum de Bacon .

O Criptograma como fator na Filosofia Simbólica

Nenhum tratado que trate de simbolismo estaria completo sem uma seção dedicada à consideração de criptogramas. O uso de cifras tem sido reconhecido há muito tempo como indispensável em círculos militares e diplomáticos, mas o mundo moderno negligenciou o importante papel desempenhado pela criptografia na literatura e na filosofia. Se a arte de decifrar criptogramas pudesse ser popularizada, isso resultaria na descoberta de muita sabedoria até então

insuspeitada possuída por filósofos antigos e medievais. Isso provaria que muitos autores aparentemente prolixos e divagantes eram prolixos para esconder palavras. As cifras são escondidas da maneira mais sutil: elas podem ser escondidas na marca d'água do papel em que um livro é impresso; elas podem ser encadernadas nas capas de livros antigos; elas podem ser escondidas sob paginação imperfeita; elas podem ser extraídas das primeiras letras de palavras ou das primeiras palavras de frases; elas podem ser habilmente escondidas em equações matemáticas ou em caracteres aparentemente ininteligíveis; elas podem ser extraídas do jargão dos palhaços ou reveladas pelo calor como tendo sido escritas em tinta simpática; elas podem ser cifras de palavras, cifras de letras ou declarações aparentemente ambíguas cujo significado só poderia ser compreendido por leituras cuidadosas repetidas; elas podem ser descobertas nas letras iniciais elaboradamente iluminadas dos primeiros livros ou podem ser reveladas por um processo de contagem de palavras ou letras. Se os interessados na pesquisa maçônica dessem consideração séria a esse assunto, eles poderiam encontrar em livros e manuscritos dos séculos XVI e XVII as informações necessárias para preencher a lacuna na história maçônica que agora existe entre os Mistérios do mundo antigo e a Maçonaria dos últimos três séculos.

Os arcanos dos antigos Mistérios nunca foram revelados aos profanos, exceto por meio de símbolos. O simbolismo cumpriu o duplo ofício de ocultar as verdades sagradas dos não iniciados e revelá-las àqueles qualificados para entender os símbolos. As formas são os símbolos dos princípios divinos sem forma; o simbolismo é a linguagem da Natureza. Com reverência, os sábios perfuram o véu e com visão mais clara contemplam a realidade; mas os ignorantes, incapazes de distinguir entre o falso e o verdadeiro, contemplam um universo de símbolos. Pode-se muito bem dizer da Natureza - a Grande Mãe - que ela está sempre traçando caracteres estranhos na superfície das coisas, mas apenas para seus filhos mais velhos e sábios, como recompensa por sua fé e devoção, ela revela o alfabeto enigmático que é a chave para a importância desses traçados.

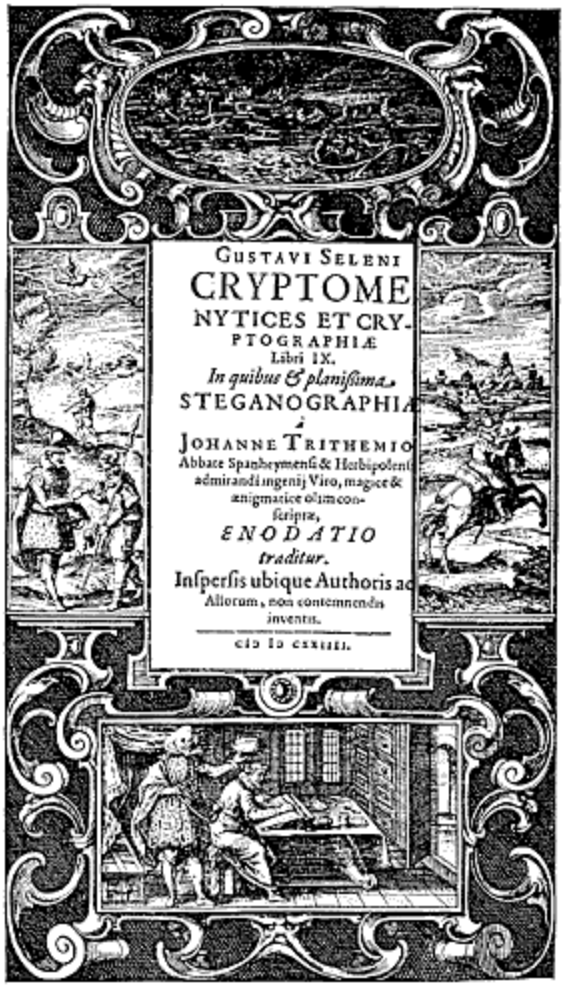
Os templos dos antigos Mistérios desenvolveram suas próprias línguas sagradas, conhecidas apenas por seus iniciados e nunca faladas, exceto no santuário. Os sacerdotes iluminados consideravam um sacrilégio discutir as verdades sagradas dos mundos superiores ou as verdades divinas da Natureza eterna na mesma língua usada pelo vulgo para disputas e dissensão. Uma ciência sagrada deve necessariamente ser expressa em uma língua sagrada. Alfabetos secretos também foram inventados, e sempre que os segredos dos sábios eram cometidos por escrito, caracteres sem sentido para os desinformados eram empregados. Tais formas de escrita eram chamadas de alfabetos sagrados ou herméticos. Alguns — como a famosa escrita angélica — ainda são retidos nos graus mais elevados da Maçonaria.

Alfabetos secretos não eram inteiramente satisfatórios, no entanto, pois embora tornassem ininteligível a verdadeira natureza dos escritos, sua própria presença revelava o fato de informações ocultas — que os sacerdotes também procuravam esconder. Por meio da paciência ou da perseguição, as chaves para esses alfabetos foram eventualmente adquiridas e o conteúdo dos documentos revelado aos indignos. Isso exigiu o emprego de métodos mais sutis para ocultar as verdades

divinas. O resultado foi o surgimento de sistemas crípticos de escrita projetados para ocultar a presença tanto da mensagem quanto do criptograma. Tendo assim concebido um método de transmissão de seus segredos para a posteridade, os illuminati encorajaram a circulação de certos documentos especialmente preparados por meio da incorporação de cifras contendo os segredos mais profundos do misticismo e da filosofia. Assim, os filósofos medievais disseminaram suas teorias por toda a Europa sem evocar suspeitas, uma vez que os volumes contendo esses criptogramas podiam ser submetidos ao escrutínio mais próximo sem revelar a presença da mensagem oculta.

Durante a Idade Média, dezenas de escritores — membros de organizações políticas ou religiosas secretas — publicaram livros contendo cifras. A escrita secreta se tornou uma moda passageira; cada corte europeia tinha sua própria cifra diplomática, e a intelligentsia competia entre si na criação de criptogramas curiosos e complicados. A literatura dos séculos XV, XVI e XVII é permeada de cifras, poucas das quais já foram decodificadas. Muitos dos magníficos intelectos científicos e filosóficos desse período não ousaram publicar suas descobertas, por causa da intolerância religiosa de sua época. A fim de preservar os frutos de seus trabalhos intelectuais para a humanidade, esses pioneiros do progresso esconderam suas descobertas em cifras, confiando que as gerações futuras, mais gentis que as suas, descobririam e apreciariam seu aprendizado.

É interessante notar que muitos clérigos usavam criptogramas, temendo excomunhão ou um destino pior caso suas pesquisas científicas fossem suspeitas. Apenas recentemente uma intrincada cifra de Roger Bacon foi desvendada, revelando o fato de que esse cientista antigo era bem versado na teoria celular. Palestrando perante a Sociedade Filosófica Americana, o Dr. William Romaine Newbold,



UMA FAMOSA PÁGINA DE TÍTULO CRÍPTICA.

De Cryptomenytices et Cryptographiæ de Selenus .

Um ano após a publicação do primeiro Grande Folio "Shakespeariano", um volume notável sobre criptogramas e cifras foi publicado. A página de título da obra é reproduzida acima. O ano de sua publicação (1624) foi durante a controvérsia Rosacruz. A tradução da página de título é a seguinte:

"A Criptomeníse e Criptografia de Gustavus Selenus em nove livros, aos quais é adicionada uma explicação clara do Sistema de Esteganografia de John Trithemius, Abade de Spanheim e Herbipolis, um homem de gênio admirável. Intercalado com invenções dignas do Autor e outros, 1624." Acredita-se que o autor deste volume seja Augustus, Duque de Brunswick. Os símbolos e emblemas que ornamentam a página de título, no entanto, são evidências conclusivas de que a mão fina dos Rosacruzes estava por trás de sua publicação. Na parte inferior da imagem está um nobre (Bacon?) colocando seu chapéu na cabeça de outro homem. No oval no topo da placa, é possível que as luzes sejam faróis, ou uma brincadeira com o nome Bacon. Nos dois painéis laterais há alusões "shakesperianas" marcantes e sutis. À esquerda está um nobre (possivelmente Bacon) entregando um papel a outro

homem de aparência mesquinha que carrega uma lança na mão. À direita, o homem que antes carregava a lança é mostrado no traje de um ator, usando esporas e tocando uma corneta. A alusão ao ator tocando sua corneta e a figura carregando a lança sugerem muito, especialmente porque lança é a última sílaba do nome " Shakespeare ".

que traduziu o manuscrito cifrado do frade, declarou: "Há desenhos que retratam com tanta precisão a aparência real de certos objetos que é difícil resistir à inferência de que Bacon os viu com o microscópio. * * * Estes são espermatozoides, as células do corpo e os tubos seminíferos, os óvulos, com seus núcleos distintamente indicados. Há nove desenhos grandes, dos quais um pelo menos tem considerável semelhança com um certo estágio de desenvolvimento de uma célula fertilizada." (Veja Review of Reviews , julho de 1921.) Se Roger Bacon não tivesse conseguido esconder essa descoberta sob uma cifra complicada, ele teria sido perseguido como herege e provavelmente teria encontrado o destino de outros pensadores liberais primitivos. Apesar do rápido progresso feito pela ciência nos últimos duzentos e cinquenta anos, ela ainda permanece ignorante sobre muitas das descobertas originais feitas por investigadores medievais. O único registro dessas descobertas importantes é o contido nos criptogramas dos volumes que eles publicaram. Embora muitos autores tenham escrito sobre o assunto de criptografia, os livros mais valiosos para estudantes de filosofia e religião são: Polygraphia e Steganographia , de Trithemius, abade de Spanheim; Mercury, or The Secret and Swift Messenger , de John Wilkins, bispo de Chester; Œdipus Ægyptiacus e outras obras de Athanasius Kircher, da Companhia de Jesus; e Cryptomenytices et Cryptographiæ , de Gustavus Selenus.

Para ilustrar as diferenças básicas em sua construção e uso, as várias formas de cifras são aqui agrupadas em sete títulos gerais:

1. A cifra literal . O mais famoso de todos os criptogramas literais é a famosa cifra biliteral descrita por Sir Francis Bacon em seu De Augmentis Scientiarum . Lord Bacon originou o sistema quando ainda era um jovem residente em Paris. A cifra biliteral requer o uso de dois estilos de tipo, um de face comum e o outro especialmente cortado. As diferenças entre as duas fontes são, em muitos casos, tão pequenas que requer uma lupa potente para detectá-las. Originalmente, as mensagens cifradas eram ocultadas apenas nas palavras, frases ou parágrafos em itálico, porque as letras itálicas, sendo mais ornamentadas do que as letras romanas, ofereciam maior oportunidade para ocultar as pequenas, mas necessárias variações. Às vezes, as letras variam um pouco em tamanho; outras vezes em espessura ou em seus floreios ornamentais. Mais tarde, acredita-se que Lord Bacon tenha tido dois alfabetos romanos especialmente preparados nos quais as diferenças eram tão triviais que é quase impossível para os especialistas distingui-las.

Uma inspeção cuidadosa dos quatro primeiros fólios de "Shakespeare" revela o uso ao longo dos volumes de vários estilos de tipos diferindo em detalhes minuciosos, mas distinguíveis. É possível que todos os fólios de "Shakespeare" contenham cifras percorrendo o texto. Essas cifras podem ter sido adicionadas às peças originais, que

são muito mais longas nos fólios do que nos quartos originais, tendo cenas completas sido adicionadas em alguns casos.

A cifra biliteral não se limitou aos escritos de Bacon e "Shakespeare", no entanto, mas aparece em muitos livros publicados durante a vida de Lord Bacon e por quase um século após sua morte. Ao se referir à cifra biliteral, Lord Bacon a denomina omnia per omnia . A cifra pode percorrer um livro inteiro e ser colocada nele no momento da impressão sem o conhecimento do autor original, pois não necessita da alteração de palavras ou pontuação. É possível que essa cifra tenha sido inserida para fins políticos em muitos documentos e volumes publicados durante o século XVII. É bem sabido que as cifras foram usadas pelo mesmo motivo já no Concílio de Nicéia.

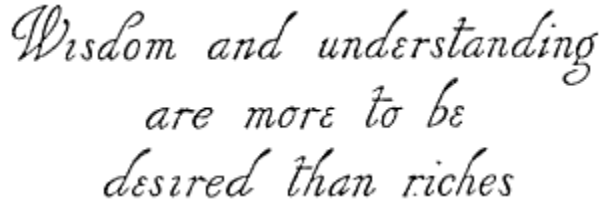
A cifra biliteral baconiana é difícil de usar hoje, devido à padronização exata atual do tipo e ao fato de que tão poucos livros são compostos à mão. Acompanham este capítulo fac-símiles do alfabeto biliteral de Lord Bacon, como apareceu na tradução inglesa de 1640 de De Augmentis Scientiarum . Existem quatro alfabetos, dois para as letras maiúsculas e dois para as minúsculas. Considere cuidadosamente as diferenças entre esses quatro e observe que cada alfabeto tem o poder da letra a ou da letra b , e que ao ler uma palavra suas letras são divisíveis em um de dois grupos: aquelas que correspondem à letra a e aquelas que correspondem à letra b . Para empregar a cifra biliteral, um documento deve conter cinco vezes mais letras do que há na mensagem cifrada a ser ocultada, pois são necessárias cinco letras para ocultar uma. A cifra biliteral se assemelha um pouco a um código telegráfico no qual as letras são transformadas em pontos e traços; de acordo com o sistema biliteral, no entanto, os pontos e traços são representados respectivamente por a 's e b 's. A palavra biliteral é derivada do fato de que todas as letras do alfabeto podem ser reduzidas a a ou b . Um exemplo de escrita biliteral é mostrado em um dos diagramas anexos. Para demonstrar o funcionamento desta cifra, a mensagem oculta nas palavras "Sabedoria e entendimento são mais desejáveis do que riquezas" será agora decifrada.

O primeiro passo é descobrir [as letras de cada alfabeto e substituí-las por seus equivalentes a ou b de acordo com a chave dada por Lord Bacon em seu alfabeto biliteral (qv). Na palavra sabedoria , o W é do alfabeto b; portanto, é substituído por um b . O i é do alfabeto a ; portanto, um a é colocado em seu lugar. O s também é do alfabeto a , mas o d pertence ao alfabeto b . O o e o m pertencem ao alfabeto a que é substituído por a . Por esse processo, a palavra SABEDORIA se torna baabaa . Tratando as palavras restantes da frase de maneira semelhante, AND se torna aba ; UNDERSTANDING, aaabaaaaaabab ; ARE, aba ; MORE, abbb ; TO, ab ; BE, ab ; DESIRED, abaabaa ; THAN, aaba ; RICHES, aaaaaa .

O próximo passo é juntar todas as letras; assim: baabaaabaaaabaaaaaababababaabbbbabababaabaaaabaaaaaaa . Todas as combinações utilizadas na cifra biliteral Baconiana consistem em grupos contendo cinco letras cada. Portanto a linha sólida de letras deve ser dividida em grupos de cinco da seguinte maneira: baaba aabaa aabaa aaaab ababa abbba babab aabaa aabaa aaaaa . Cada um desses grupos de cinco letras agora representa uma letra da cifra, e a letra real agora pode ser determinada comparando os grupos com a tabela

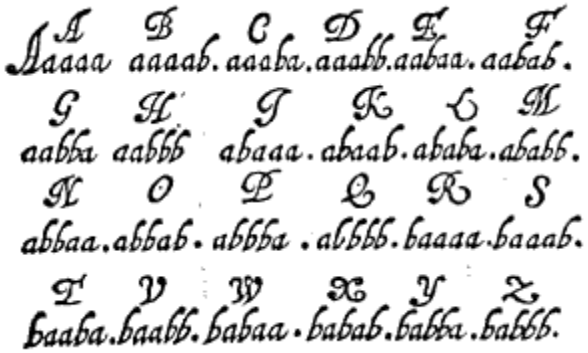
alfabética, A Chave para a Cifra Biliteral, de De Augmentis Scientiarum (qv): baaba = T, aabaa = E, aabaa = E; aaab = B; ababá = L; abbba = P; babab = X; aabaa = E, aabaa = E; aaaaa = A; mas as últimas cinco letras da palavra riches sendo separadas por um ponto do r inicial , os últimos cinco a 's não contam na cifra. As letras assim extraídas são agora reunidas em ordem, resultando em TEEBLPXEE.

Neste ponto, o inquiridor pode razoavelmente esperar que as letras formem palavras inteligíveis; mas ele muito provavelmente ficará desapontado, pois, como no caso acima, as letras assim extraídas são elas próprias um criptograma, duplamente envolvido para desencorajar aqueles que podem ter um conhecimento casual do sistema biliteral. O próximo passo é aplicar as nove letras ao que é comumente chamado de cifra de roda (ou disco) (qv), que consiste em dois alfabetos, um girando em torno do outro de tal maneira que numerosas transposições de letras são possíveis. No corte que acompanha o A do alfabeto interno



UM EXEMPLO DE ESCRITA BILITERAL.

Na frase acima, observe cuidadosamente a formação das letras. Compare cada letra com os dois tipos de letras na tabela do alfabeto biliteral reproduzida do De Augmentis Scientiarum de Lord Bacon. Uma comparação do "d" em "wisdom" com o "d" em "and" revela um grande laço no topo do primeiro, enquanto o segundo não mostra praticamente nenhum laço. Contraste o "i" em "wisdom" com o "i" em "understanding". No primeiro, as linhas são curvas e no último, angulares. Uma análise semelhante dos dois "r's" em "desired" revela diferenças óbvias. O "o" em "more" difere apenas do "o" em "wisdom" no fato de que uma pequena linha continua do topo em direção ao "r". O "a" em "than" é mais fino e mais angular do que o "a" em "are", enquanto o "r" em "riches" difere daquele em "desired" porque o traço vertical final termina em uma bola em vez de uma ponta afiada. Essas pequenas diferenças revelam a presença dos dois alfabetos empregados na escrita da frase.



A CHAVE PARA A CIFRA BILITERA.

Do De Augmentis Scientiarum de Bacon .

Depois que o documento a ser decifrado é reduzido aos seus equivalentes "a" e "b", ele é dividido em grupos de cinco letras e a mensagem é lida com o auxílio da tabela acima.

UMA CIFRA MODERNA DE RODA OU DISCO.

O diagrama acima mostra uma cifra de roda. O alfabeto menor, ou interno, se move de modo que qualquer uma de suas letras pode ser colocada em oposição a qualquer uma das letras do alfabeto maior, ou externo. Em alguns casos, o alfabeto interno é escrito ao contrário, mas no exemplo presente, ambos os alfabetos são lidos da mesma forma.

O ALFABETO BILITERAL.

Do De Augmentis Scientiarum de Bacon .

Esta placa é reproduzida do De Augmentis Scientiarum de Bacon , e mostra os dois alfabetos conforme projetados por ele para o propósito de sua cifra. Cada letra maiúscula e minúscula tem duas formas distintas que são designadas "a" e "b". O sistema biliteral não fazia uso em todos os casos de dois alfabetos nos quais as diferenças eram tão perceptíveis quanto no exemplo aqui dado, mas os dois alfabetos eram sempre usados; às vezes as variações são tão pequenas que requer uma lupa poderosa para distinguir a diferença entre os tipos de letras "a" e "b".

é oposto ao H do alfabeto externo, de modo que para fins de cifra essas letras são intercambiáveis. O F e o M, o P e o Y, o W e o D, na verdade todas as letras, podem ser transpostas como mostrado pelos dois círculos. As nove letras extraídas pela cifra biliteral podem, portanto, ser trocadas por outras nove pela cifra da roda. As nove letras são consideradas como estando no círculo interno da roda e são trocadas pelas nove letras no círculo externo que são opostas às letras internas. Por esse processo, o T se torna A; os dois E's se tornam dois L's; o B se torna I, o L se torna S; o P se torna W; o X se torna E; e os dois E's se tornam dois L's. O resultado é ALLISWELL, que, dividido em palavras, diz: "Tudo está bem."

Claro, movendo o disco interno da cifra da roda, muitas combinações diferentes além daquela dada acima podem ser feitas das letras, mas esta é a única que produzirá sentido, e o criptogramático deve continuar experimentando até descobrir

uma mensagem lógica e inteligível. Ele pode então se sentir razoavelmente certo de que decifrou o sistema. Lord Bacon envolveu a cifra biliteral de muitas maneiras diferentes. Provavelmente há uma pontuação de sistemas diferentes usados somente no fólio "Shakespeare", alguns tão intrincados que podem frustrar para sempre todas as tentativas de decifração. Naqueles suscetíveis de solução, às vezes os a 's e b 's têm que ser trocados; em outras vezes a mensagem oculta é escrita ao contrário; novamente, apenas uma letra sim, outra não é contada; e assim por diante.

Existem várias outras formas da cifra literal em que as letras são substituídas umas pelas outras por uma sequência pré-arranjada. A forma mais simples é aquela em que dois alfabetos são escritos assim:

UM B C E E F G O EU E eu M Não

Z E X C você E S R Pq P O Não M

O P Pq R S E você C X E Z

eu E EU O G F E E C B U

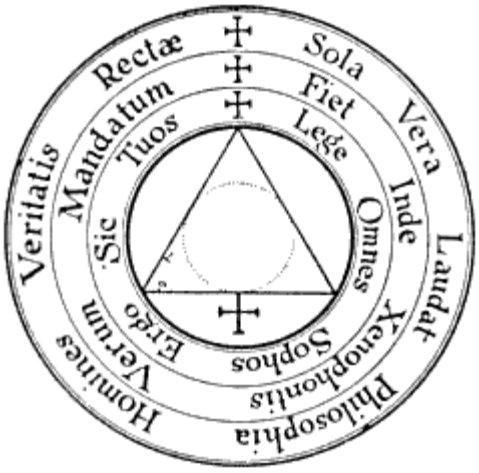
Ao substituir as letras do alfabeto inferior por seus equivalentes no superior, resulta uma conglomeração sem sentido, a mensagem oculta sendo decodificada pela reversão do processo. Há também uma forma de cifra literal na qual o criptograma real é escrito no corpo do documento, mas palavras sem importância são inseridas entre as importantes de acordo com uma ordem pré-arranjada. A cifra literal também inclui o que são chamadas de assinaturas acrósticas - isto é, palavras escritas na coluna pelo uso da primeira letra de cada linha e também acrósticos mais complicados nos quais as letras importantes são espalhadas por parágrafos ou capítulos inteiros. Os dois criptogramas alquímicos que acompanham ilustram outra forma da cifra literal envolvendo a primeira letra de cada palavra. Cada criptograma baseado no arranjo ou combinação das letras do alfabeto é chamado de cifra literal.

2. A cifra pictórica . Qualquer imagem ou desenho com significado diferente do óbvio pode ser considerado um criptograma pictórico. Instâncias de cifra pictórica são frequentemente encontradas no simbolismo egípcio e na arte religiosa primitiva. Os diagramas de alquimistas e filósofos herméticos são invariavelmente cifras pictóricas. Além da cifra pictórica simples, há uma forma mais técnica na qual palavras ou letras são ocultadas pelo número de pedras em uma parede, pela extensão das asas dos pássaros em voo, por ondulações na superfície da água ou pelo comprimento e ordem das linhas usadas no sombreamento. Esses criptogramas não são óbvios e devem ser decodificados com o auxílio de uma escala de medição arbitrária, o comprimento das linhas determinando a letra ou palavra oculta. O formato e a proporção de um edifício, a altura de uma torre, o número de barras em uma janela, as dobras das vestes de um homem — até mesmo as proporções ou a atitude do corpo humano — eram usados para esconder figuras ou caracteres definidos que poderiam ser trocados por letras ou palavras por uma pessoa familiarizada com o código.

As letras iniciais dos nomes eram escondidas em arcos e vãos arquitetônicos. Um exemplo notável dessa prática é encontrado na página de título dos Ensaios de Montaigue , terceira edição, onde um B inicial é formado por dois arcos e um F por um arco quebrado. Criptogramas pictóricos às vezes são acompanhados pela chave necessária para sua decifração. Uma figura pode apontar para o ponto inicial da cifra ou carregar em sua mão algum instrumento revelando o sistema de medição usado. Também há casos frequentes em que o criptógrafo distorceu propositalmente ou vestiu indevidamente alguma figura em seu desenho, colocando o chapéu ao contrário, a espada no lado errado ou o escudo no braço errado, ou empregando algum artifício semelhante. O muito discutido quinto dedo na mão do Papa na Madona Sistina de Rafael e o sexto dedo no pé de José no Casamento da Virgem do mesmo artista são criptogramas habilmente escondidos.

3. A cifra acroamática . Os escritos religiosos e filosóficos de todas as nações estão repletos de criptogramas acroamáticos, isto é, parábolas e alegorias. O acroamático é único no sentido de que o documento que o contém pode ser traduzido ou reimpresso sem afetar o criptograma. Parábolas e alegorias têm sido usadas desde a antiguidade remota para apresentar verdades morais de uma maneira atraente e compreensível. O criptograma acroamático é uma cifra pictórica desenhada em palavras e seu simbolismo deve ser assim interpretado. O Antigo e o Novo Testamento dos judeus, os escritos de Platão e Aristóteles, a Odisseia e a Ilíada de Homero, a Eneida de Virgílio , A Metamorfose de Apuleio e as Fábulas de Esopo são exemplos notáveis de criptografia acroamática em que estão ocultas as verdades mais profundas e sublimes da filosofia mística antiga.

A cifra acroamática é a mais sutil de todas, pois a parábola ou alegoria é suscetível de várias interpretações. Os estudantes da Bíblia por séculos têm sido confrontados por essa dificuldade. Eles estão satisfeitos com a interpretação moral da parábola e esquecem que cada parábola e alegoria é capaz de sete interpretações, das quais a sétima — a mais alta — é completa e inclusiva, enquanto as outras seis (e menores) interpretações são fragmentárias, revelando apenas parte do mistério. Os mitos da criação do mundo são criptogramas acroamáticos, e as divindades dos vários panteões são apenas caracteres enigmáticos que, se devidamente compreendidos, tornam-se os constituintes de um alfabeto divino. Os poucos iniciados compreendem a verdadeira natureza deste alfabeto, mas os muitos não iniciados adoram as letras dele como deuses.



UM CRIPTOGRAMA ALQUÍMICO.

Da História da Química de Brown .

James Campbell Brown reimprime uma cifra curiosa de Kircher. As letras maiúsculas das sete palavras no círculo externo, lidas no sentido horário, formam a palavra SVLPHVR. Das palavras no segundo círculo, quando lidas de forma semelhante, deriva-se FIXVM. As maiúsculas das seis palavras no círculo interno, quando organizadas corretamente, também leem ESTSOL. A seguinte cifra é então extraída: "Sulphur Fixum Est Sol", que quando traduzida é: "Enxofre fixo é ouro".

UM CRIPTOGRAMA ALQUÍMICO.

De Geheime Figuren der Rosenkreuzer .

Começando com a palavra VISITA e lendo no sentido horário, as sete letras iniciais das sete palavras inscritas no círculo externo dizem: VITRIOL. Este é um enigma alquímico muito simples, mas é um lembrete de que aqueles que estudam obras

sobre hermetismo, rosacrucianismo, alquimia e maçonaria devem sempre estar atentos a significados ocultos, escondidos em parábolas e alegorias ou em arranjos enigmáticos de números, letras e palavras.

UMA REPRESENTAÇÃO CRÍPTICA DA JUSTIÇA DIVINA E NATURAL.

De Cryptomenytices et Cryptographiæ de Selenus .

O primeiro círculo retrata os antecedentes divinos da justiça, o segundo o escopo universal da justiça e o terceiro os resultados da aplicação humana da justiça. Portanto, o primeiro círculo lida com princípios divinos, o segundo círculo com assuntos mundanos e o terceiro círculo com o homem. No topo da imagem está Themis, o espírito presidente da lei, e a seus pés três outras rainhas - Juno, Minerva e Vênus - suas vestes ornamentadas com figuras geométricas. O eixo da lei conecta o trono da justiça divina acima com o trono do julgamento humano na parte inferior da imagem. Sobre o último trono está sentada uma rainha com um cetro na mão, diante da qual está a deusa alada Nêmesis - o anjo do julgamento.

O segundo Círculo é dividido em três partes por dois conjuntos de duas linhas horizontais. A seção superior e clara é chamada de Região Suprema e é a morada dos deuses, dos bons espíritos e dos heróis. A seção inferior e escura é a morada da luxúria, do pecado e da ignorância. Entre esses dois extremos está a seção maior na qual são misturados os poderes e impulsos das regiões superior e inferior.

No terceiro ou círculo interno está o homem, uma criatura décupla, consistindo de nove partes — três de espírito, três de intelecto e três de alma — encerradas em uma constituição. De acordo com Selenus, as três qualidades espirituais do homem são pensamento, fala e ação; suas três qualidades intelectuais são memória, inteligência e vontade; e suas três qualidades de alma são entendimento, coragem e desejo. O terceiro círculo é dividido em três partes chamadas eras: a Era de Ouro da verdade espiritual na seção superior direita, a Era de Ferro da escuridão espiritual na seção inferior direita e a Era do Bronze — um composto das duas ocupando toda a metade esquerda do círculo interno e ela própria dividida em três partes. A divisão mais baixa da Era do Bronze descreve o homem ignorante controlado pela força, a central o homem parcialmente desperto controlado pela jurisprudência e a superior o homem espiritualmente iluminado controlado pelo amor. Tanto o segundo quanto o terceiro círculos giram em torno do eixo da lei, mas a fonte divina da lei — a Justiça Celestial — está oculta pelas nuvens. Todos os símbolos e figuras que ornamentam o prato são dedicados a uma ampliação detalhada dos princípios aqui descritos.

4. A cifra numérica . Muitos criptogramas foram produzidos nos quais números em várias sequências são substituídos por letras, palavras ou mesmo pensamentos completos. A leitura de cifras numéricas geralmente depende da posse de tabelas de correspondências especialmente organizadas. Os criptogramas numéricos do Antigo Testamento são tão complicados que apenas alguns estudiosos versados em conhecimento rabínico já tentaram desvendar seus mistérios. Em seu Œdipus Ægyptiacus , Athanasius Kircher descreve vários teoremas cabalísticos árabes, e uma grande parte do mistério pitagórico estava oculto em um método secreto em voga entre os místicos gregos de substituir letras por números.

A cifra numérica mais simples é aquela em que as letras do alfabeto são trocadas por números em sequência comum. Assim, A se torna 1, B 2, C 3 e assim por diante, contando I e J como 9 e U e V como 20. A palavra sim por esse sistema seria escrita 23-5-18. Essa cifra pode ser dificultada invertendo o alfabeto para que Z se torne 1, Y 2, X 3 e assim por diante. Ao inserir um número não significativo ou não contado após cada um dos números significativos, a cifra é ainda mais efetivamente ocultada, assim: 23-16-5-9-18. A palavra sim é encontrada eliminando o segundo e o quarto números. Ao adicionar 23, 5 e 18, a soma 46 resulta. Portanto, 46 é o equivalente numérico da palavra sim . De acordo com a cifra numérica simples, a soma 138 é igual às palavras Observe cuidadosamente . Portanto, em um livro que usa esse método, a linha 138, a página 138 ou o parágrafo 138 podem conter a mensagem oculta. Além dessa cifra numérica simples, há dezenas de outras tão complicadas que ninguém sem a chave pode esperar resolvê-las.

Os autores às vezes baseavam seus criptogramas no valor numérico de seus próprios nomes; por exemplo, Sir Francis Bacon repetidamente usou o número enigmático 33 — o equivalente numérico de seu nome. Cifras numéricas frequentemente envolvem a paginação de um livro. A paginação imperfeita, embora geralmente atribuída ao descuido, frequentemente esconde segredos importantes. As paginações erradas encontradas no fólio de 1623 de "Shakespeare" e a recorrência consistente de erros semelhantes em vários volumes impressos

aproximadamente no mesmo período causaram considerável reflexão entre acadêmicos e criptogramatistas. Nos criptogramas baconianos, todos os números de página terminando em 89 parecem ter um significado especial. A 89ª página das Comédias no fólio de 1623 de "Shakespeare" mostra um erro de tipo na paginação, o "9" sendo de uma fonte consideravelmente menor que o "8". A 189ª página está totalmente ausente, havendo duas páginas numeradas 187; e a página 188 mostra o segundo "8" com pouco mais da metade do tamanho do primeiro. A página 289 está numerada corretamente e não tem características incomuns, mas a página 89 das Histórias está faltando. Vários volumes publicados por Bacon mostram erros semelhantes, a página 89 está frequentemente envolvida.

Há também cifras numéricas das quais a mensagem críptica pode ser extraída contando cada décima palavra, cada vigésima palavra ou cada quinquagésima palavra. Em alguns casos, a contagem é irregular. A primeira palavra importante pode ser encontrada contando 100, a segunda contando 90, a terceira contando 80 e assim por diante até que a contagem de 10 seja alcançada. A contagem então retorna para 100 e o processo é repetido.

5. A cifra musical . John Wilkins, depois Bispo de Chester, em 1641 circulou um ensaio anônimo intitulado Mercúrio, ou o Mensageiro Secreto e Rápido . Neste pequeno volume, que foi amplamente derivado dos tratados mais volumosos de Trithemius e Selenus, o autor expõe um método pelo qual os músicos podem conversar entre si substituindo notas musicais pelas letras do alfabeto. Duas pessoas que entendem o código podem conversar entre si apenas tocando certas notas em um piano ou outro instrumento. Criptogramas musicais podem ser envolvidos a um ponto inconcebível; por certos sistemas, é possível pegar um tema musical já existente e ocultar nele um criptograma sem realmente alterar a composição de forma alguma. As flâmulas nas notas podem ocultar a cifra, ou os sons reais das notas podem ser trocados por sílabas de som semelhante. Este último método é eficaz, mas seu escopo é um tanto limitado. Várias composições musicais de Sir Francis Bacon ainda existem. Um exame deles poderia revelar criptogramas musicais, pois é bastante certo que Lord Bacon conhecia bem a maneira como eram construídos.

6. A cifra arbitrária . O sistema de troca de letras do alfabeto por figuras hieroglíficas é decodificado facilmente demais para ser popular. Albert: Pike descreve uma cifra arbitrária baseada nas várias partes da cruz dos Cavaleiros Templários, cada ângulo representando uma letra. Os muitos alfabetos curiosos que foram inventados são tornados inúteis, no entanto, pela tabela de recorrência. De acordo com Edgar Allan Poe, um grande criptogramatista, a letra mais comum da língua inglesa é E, as outras letras em sua ordem de frequência são as seguintes: A, O, I, D, H, N, R, S, T, V, Y, C, F, QL, M, W, B, K, P, Q, X, Z. Outras autoridades declaram que a tabela de frequência é: E, T, A, O, N, I, R, S, H, D, L, C, W, U, M, F, Y, G, P, B, V, K, X, Q, J, Z. Ao simplesmente contar o número de vezes que cada caractere aparece na mensagem, a lei da recorrência revela a letra inglesa para a qual o caractere arbitrário representa. Ajuda adicional também é prestada pelo fato de que se o criptograma for dividido em palavras, há apenas três letras únicas que podem formar palavras: A, I, O. Assim, qualquer caractere único separado do resto

do texto deve ser uma dessas três letras. Para detalhes deste Sistema, veja The Gold Bug , de Edgar Allan Poe.

Para tornar mais difícil a decodificação de cifras arbitrárias, no entanto, os caracteres raramente são divididos em palavras e, além disso, a tabela de recorrência é parcialmente anulada pela atribuição de dois ou mais caracteres diferentes a cada letra, tornando impossível estimar com precisão a frequência de recorrência. Portanto, quanto maior o número de caracteres arbitrários usados para representar qualquer letra única do alfabeto, mais difícil é decifrar um criptograma arbitrário. Os alfabetos secretos dos antigos são comparativamente fáceis de decodificar, os únicos requisitos são uma tabela de frequência, um conhecimento da língua em que o criptograma foi originalmente escrito, uma quantidade moderada de paciência e um pouco de engenhosidade.

7. A cifra de código . A forma mais moderna de criptograma é o sistema de código. Sua forma mais familiar é o código Morse para uso em comunicação telegráfica e sem fio. Esta forma de cifra pode ser um pouco complicada ao incorporar pontos e traços em um documento no qual pontos e dois pontos são pontos, enquanto vírgulas e ponto e vírgula são traços. Existem também códigos usados pelo mundo dos negócios que podem ser resolvidos apenas pelo uso de um livro de códigos privado. Como eles fornecem um método econômico e eficiente de transmissão de informações confidenciais, o uso de tais códigos é muito mais prevalente do que a pessoa média suspeita.

Além das classificações anteriores, há uma série de sistemas diversos de escrita secreta, alguns empregando dispositivos mecânicos, outros cores. Alguns fazem uso de diversos objetos diversos para representar palavras e até mesmo pensamentos completos. Mas como esses dispositivos mais elaborados raramente eram empregados pelos antigos ou pelos filósofos e alquimistas medievais, eles não têm relação direta com religião e filosofia. Os místicos da Idade Média, tomando emprestada a terminologia das várias artes e ciências, desenvolveram um sistema de criptografia que ocultava os segredos da alma humana sob termos geralmente aplicados à química, biologia, astronomia, botânica e fisiologia. Cifras dessa natureza só podem ser decodificadas por indivíduos versados nos profundos princípios filosóficos nos quais esses místicos medievais baseavam suas teorias da vida. Muitas informações relacionadas à natureza invisível do homem estão ocultas sob o que parecem ser experimentos químicos ou especulações científicas. Todo estudante de simbolismo e filosofia, portanto, deve estar razoavelmente familiarizado com os princípios subjacentes da criptografia; além de servi-lo bem em suas pesquisas, essa arte fornece um método fascinante de desenvolver a agudeza das faculdades mentais. Discriminação e observação são indispensáveis ao buscador de conhecimento, e nenhum estudo é igual à criptografia como meio de estimular esses poderes.

ALFABETOS CABALÍSTICOS E MÁGICOS.

Do Magus de Barrett .

Alfabetos curiosos foram inventados pelos filósofos antigos e medievais para esconder suas doutrinas e princípios dos profanos. Alguns desses alfabetos ainda são usados em uma extensão limitada nos graus mais altos da Maçonaria. Provavelmente o mais famoso é a escrita angélica, denominada na placa acima "A Escrita chamada Malachim". Seus números são supostamente derivados das constelações. Estudantes avançados de filosofia oculta encontrarão muitos documentos valiosos nos quais esses números são usados. Abaixo de cada letra do primeiro alfabeto acima está seu equivalente em inglês. Acima de cada letra dos outros três alfabetos está seu equivalente em hebraico

Simbolismo Maçônico

Em vários manuscritos maçônicos antigos — por exemplo, o Harleian, Sloane, Lansdowne e Edinburgh-Kilwinning — é declarado que o ofício de construtores iniciados existia antes do Dilúvio, e que seus membros foram empregados na construção da Torre de Babel. Uma Constituição Maçônica datada de 1701 dá o seguinte relato ingênuo da origem das ciências, artes e ofícios dos quais a maior parte do simbolismo maçônico é derivada:

"Como esta digna Ciência foi iniciada, eu contarei. Antes do Dilúvio de Noé, havia um homem chamado Lameck, como está escrito no 4º Cap. de Gênesis: e este Lameck tinha duas Esposas. Uma era chamada Adah, e a outra Zillah; pela primeira esposa Adah ele teve dois Filhos, um chamado Jaball, e o outro Juball, e pela outra esposa Zillah ele teve um Filho e uma Filha, e os quatro filhos encontraram o começo de todos os Ofícios no mundo. Este Jaball era o Filho mais velho, e ele encontrou o Ofício da Geométrica, e ele separou rebanhos, como de Ovelhas e Cordeiros nos campos, e primeiro forjou Casas de Pedra e Árvore, como é notado no Cap, acima mencionado, e seu Irmão Juball encontrou o ofício da Música, de Cantos, Órgãos e Harpa. O Terceiro Irmão [Tubal-cain] descobriu o ofício de Smith para trabalhar Ferro e aço, e sua irmã Naamah descobriu a arte da Tecelagem. Estes As crianças sabiam que Deus tomaria vingança pelo pecado, seja pelo fogo ou pela água, por isso escreveram essas ciências que encontraram em dois pilares de pedra, para que pudessem ser encontrados após o dilúvio. Uma pedra era chamada Marbell - não pode queimar com fogo, e a outra era chamada Laturus [latão?], que não pode se afogar na água." O autor desta Constituição declara que um desses pilares foi descoberto mais tarde por Hermes, que comunicou à humanidade os segredos nele inscritos.

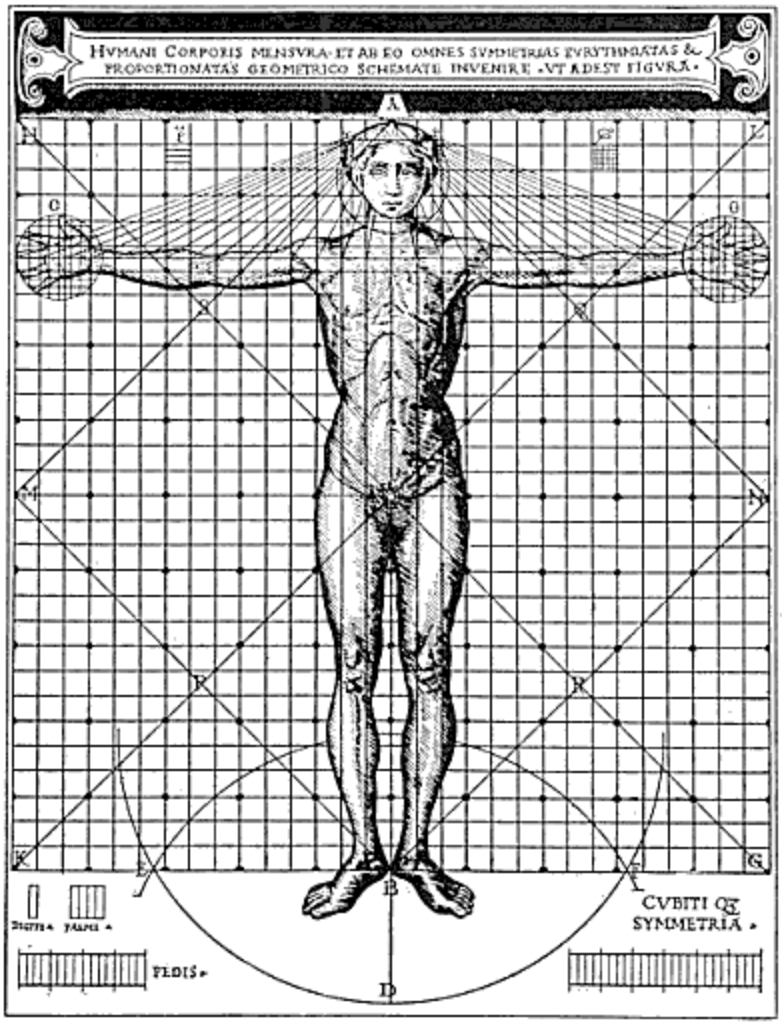
Em suas Antiguidades dos Judeus , Josefo escreve que Adão havia avisado seus descendentes de que a humanidade pecadora seria destruída por um dilúvio. Para preservar sua ciência e filosofia, os filhos de Sete ergueram dois pilares, um de tijolo e outro de pedra, nos quais estavam inscritas as chaves para seu conhecimento. O Patriarca Enoque — cujo nome significa o Iniciador — é evidentemente uma personificação do sol, já que viveu 365 anos. Ele também construiu um templo subterrâneo consistindo de nove abóbadas, uma abaixo da outra, colocando na abóbada mais profunda uma tábua triangular de ouro contendo sobre ela o Nome absoluto e inefável da Divindade. De acordo com alguns relatos, Enoque fez dois deltas dourados . O maior ele colocou sobre o altar cúbico branco na abóbada mais baixa e o menor ele entregou à guarda de seu filho, Matusalém, que fez o trabalho de construção real das câmaras de tijolos de acordo com o padrão revelado a seu pai pelo Altíssimo. Na forma e disposição dessas abóbadas, Enoque personificou as nove esferas dos antigos Mistérios e os nove estratos sagrados da Terra pelos quais o iniciado deve passar para alcançar o Espírito flamejante que habita seu núcleo central.

De acordo com o simbolismo maçônico, Enoque, temendo que todo o conhecimento dos Mistérios sagrados fosse perdido na época do Dilúvio, ergueu as duas colunas mencionadas na citação. Sobre a coluna de metal, em símbolos alegóricos apropriados, ele gravou o segredo alcançando e sobre a coluna de mármore colocou uma inscrição afirmando que a uma curta distância um tesouro inestimável seria descoberto em um cofre subterrâneo. Depois de ter completado fielmente seus trabalhos, Enoque foi transladado da testa do Monte Moriá. Com o tempo, a localização dos cofres secretos foi perdida, mas após o lapso de eras, veio outro construtor - um iniciado segundo a ordem de Enoque - e ele, enquanto lançava as fundações para outro templo para o Grande Arquiteto do Universo, descobriu os cofres há muito perdidos e os segredos contidos neles.

John Leylande foi nomeado pelo Rei Henrique VIII para percorrer os arquivos das várias instituições religiosas dissolvidas pelo rei e remover para preservação quaisquer livros ou manuscritos de caráter importante. Entre os documentos copiados por Leylande estava uma série de perguntas e respostas sobre o mistério da Maçonaria escritas pelo Rei Henrique VI. Em resposta à pergunta, "Como a Maçonaria chegou à Inglaterra?" o documento afirma que Peter Gower, um grego, viajou em busca de conhecimento no Egito, Síria e todas as terras onde os fenícios haviam plantado a Maçonaria; ganhando entrada em todas as lojas de maçons, ele aprendeu muito e, retornando, habitou na Grande Grécia. Ele se tornou famoso por sua sabedoria, formou uma grande loja em Groton e fez muitos maçons, alguns dos quais viajaram pela França, espalhando a Maçonaria lá; da França, com o passar do tempo, a ordem passou para a Inglaterra.

Até mesmo para o estudante superficial do assunto, deve ser evidente que o nome de Peter Gower , o grego, é meramente uma forma anglicizada de Pitágoras ; consequentemente, Groton, onde ele formou sua loja, é facilmente identificada com Crotona. Um elo é assim estabelecido entre os Mistérios filosóficos da Grécia e a Maçonaria medieval. Em suas notas sobre as perguntas e respostas do Rei Henrique, William Preston amplia o voto de segredo como era praticado pelos antigos iniciados. Sob a autoridade de Plínio, ele descreve como Anaxarco, tendo sido preso para extorquir dele alguns dos segredos que lhe foram confiados, mordeu sua própria língua e a jogou na cara de Nicocreonte, o tirano de Chipre. Preston acrescenta que os atenienses reverenciavam uma estátua de bronze que era representada sem língua para denotar a santidade com a qual eles consideravam seus segredos juramentados. Também é digno de nota que, de acordo com o manuscrito do Rei Henrique, a Maçonaria teve sua origem no Oriente e foi a portadora das artes e ciências da civilização para a humanidade primitiva das nações ocidentais.

Conspícuos entre os símbolos da Maçonaria estão as sete artes e ciências liberais. Pela gramática o homem é ensinado a expressar em linguagem nobre e adequada seus pensamentos e ideais mais íntimos; pela retórica ele é habilitado a esconder seus ideais sob a capa protetora de linguagem ambígua e figuras de linguagem; pela lógica ele é treinado



O MISTÉRIO DO MACROCOSMO.

Redesenhado da edição de Vitrúvio de Cesariano .

Resumindo a relação entre o corpo humano e a teoria da arquitetura, Vitrúvio escreve:

"Uma vez que a natureza projetou o corpo humano de modo que seus membros sejam devidamente proporcionais à estrutura como um todo, parece que os antigos tinham boas razões para sua regra, que na construção perfeita os diferentes membros devem estar em relações simétricas exatas com todo o esquema geral. Portanto, ao nos transmitir os arranjos adequados para edifícios de todos os tipos, eles foram particularmente cuidadosos em fazê-lo no caso de templos dos deuses, edifícios nos quais méritos e falhas geralmente duram para sempre. * * * Portanto, se for acordado que o número foi descoberto a partir dos dedos humanos, e que há um correspondente simétrico entre os membros separadamente e a forma inteira do corpo, de acordo com uma certa parte selecionada como padrão, não podemos ter nada além de respeito por aqueles que, na construção de templos dos deuses imortais, organizaram os membros das obras de modo que tanto as partes

separadas quanto o design inteiro possam harmonizar em suas proporções e simetria." (Veja Os Dez Livros sobre Arquitetura)

Alguns acreditam que São Paulo foi iniciado nos Mistérios Dionisíacos, pois no décimo versículo do terceiro capítulo de Primeira Coríntios ele se autodenomina um "mestre construtor" ou adepto: "Segundo a graça de Deus que me foi dada, como sábio mestre construtor, lancei o fundamento, e outro constrói sobre ele". Como sobrevivências dos antigos ritos dionisíacos, os dois diagramas de Cesariano, que acompanham este capítulo, são de valor incalculável para o arquiteto místico moderno.

na organização das faculdades intelectuais com as quais foi dotado; pela aritmética, ele não apenas é instruído no mistério da ordem universal, mas também ganha a chave para a multidão, magnitude e proporção; pela geometria, ele é induzido à matemática da forma, à harmonia e ritmo dos ângulos e à filosofia da organização; pela música, ele é lembrado de que o universo é fundado sobre as leis da harmonia celeste e que a harmonia e o ritmo são onipresentes; pela astronomia, ele ganha uma compreensão das imensidões do tempo e do espaço, do relacionamento adequado entre ele e o universo e da grandiosidade daquele Poder Desconhecido que está conduzindo as incontáveis estrelas do firmamento através do espaço ilimitado. Equipado com o conhecimento conferido pela familiaridade com as artes e ciências liberais, o maçom estudioso, portanto, se vê confrontado por poucos problemas com os quais não consegue lidar.

OS ARQUITETOS DIONISÍACOS

A mais celebrada das antigas fraternidades de artesãos era a dos Arquitetos Dionisíacos. Esta organização era composta exclusivamente por iniciados do culto de Baco-Dionísio e era peculiarmente consagrada à ciência da construção e à arte da decoração. Aclamados como guardiões de um conhecimento secreto e sagrado da arquitetura, seus membros eram encarregados do projeto e da construção de edifícios e monumentos públicos. A excelência superlativa de seu trabalho manual elevava os membros da guilda a uma posição de dignidade insuperável; eles eram considerados os mestres artesãos da terra. Por causa das primeiras danças realizadas em homenagem a Dionísio, ele era considerado o fundador e patrono do teatro, e os dionisíacos se especializavam na construção de edifícios adaptados para a apresentação de performances dramáticas. Na orquestra circular ou semicircular, eles invariavelmente erguiam um altar para Ésquilo, o famoso poeta grego que, ao aparecer em uma de suas próprias peças, foi suspeito por uma multidão de espectadores furiosos de revelar um dos segredos profundos dos Mistérios e foi forçado a buscar refúgio no altar de Dionísio.

Os Arquitetos Dionisíacos salvaguardaram tão cuidadosamente os segredos de sua arte que existem apenas registros fragmentários de seus ensinamentos esotéricos. John A. Weisse resume assim os escassos dados disponíveis sobre a ordem:

"Eles fizeram sua aparição certamente não depois de 1000 a.C., e parecem ter desfrutado de privilégios e imunidades particulares. Eles também possuíam meios secretos de reconhecimento, e estavam unidos por laços especiais conhecidos

apenas por eles mesmos. Os mais ricos dessa fraternidade eram obrigados a prover para seus irmãos mais pobres. Eles eram divididos em comunidades, governados por um Mestre e Vigilantes, e chamados de γυνοικιαι (casas conectadas). Eles realizavam um grande festival anualmente, e eram tidos em alta estima. Seus cerimoniais eram considerados sagrados. Foi alegado que Salomão, a mando de Hiram, Rei de Tiro, os empregou em seu templo e palácios. Eles também foram empregados na construção do Templo de Diana em Éfeso. Eles tinham meios de intercomunicação em todo o mundo então conhecido, e deles, sem dúvida, surgiram as guildas dos Maçons Viajantes conhecidas na Idade Média." (Veja O Obelisco e a Maçonaria .)

A fraternidade dos Arquitetos Dionisíacos se espalhou por toda a Ásia Menor, chegando até o Egito e a Índia. Eles se estabeleceram em quase todos os países que fazem fronteira com o Mediterrâneo e, com a ascensão do Império Romano, encontraram seu caminho para a Europa Central e até mesmo para a Inglaterra. Os edifícios mais imponentes e duradouros em Constantinopla, Rodes, Atenas e Roma foram erguidos por esses artesãos inspirados. Um dos mais ilustres entre eles foi Vitrúvio, o grande arquiteto, renomado como o autor de De Architectura Libri Decem . Nas várias seções de seu livro, Vitrúvio dá várias dicas sobre a filosofia subjacente ao conceito dionisíaco do princípio da simetria aplicado à ciência da arquitetura, como derivado de uma consideração das proporções estabelecidas pela Natureza entre as partes e membros do corpo humano. O seguinte extrato de Vitrúvio sobre o assunto da simetria é representativo:

"O desenho de um templo depende da simetria, cujos princípios devem ser observados com muito cuidado pelo arquiteto. Eles são devidos à proporção, em ἀναλογία. Proporção é uma correspondência entre as medidas dos membros de uma obra inteira, e do todo para uma certa parte selecionada como padrão. Disto resultam os princípios da simetria. Sem simetria e proporção não pode haver princípios no desenho de qualquer templo; isto é, se não houver relação precisa entre seus membros, como no caso daqueles de um homem bem formado. Pois o corpo humano é tão desenhado pela natureza que o rosto, do queixo ao topo da testa e as raízes mais baixas do cabelo, é um décimo de toda a altura; a mão aberta do pulso até a ponta do dedo médio é exatamente a mesma; a cabeça do queixo até a coroa é um oitavo, e com o pescoço e o ombro do topo do peito até as raízes mais baixas do cabelo é um sexto; do meio do peito até o cume da coroa é um quarto. Se tomarmos a altura do próprio rosto, a distância da parte inferior do queixo até a parte inferior das narinas [e desse ponto] até uma linha entre as sobrancelhas é a mesma; daí até as raízes mais baixas do cabelo também é um terço, compreendendo a testa. O comprimento do pé é um sexto da altura do corpo; do antebraço, um quarto; e a largura do peito também é um quarto. Os outros membros também têm suas próprias proporções simétricas, e foi empregando-as que os famosos pintores e escultores da antiguidade alcançaram grande e infinito renome."

Os edifícios erguidos pelos Construtores Dionisíacos eram de fato "sermões em pedra". Embora incapazes de compreender completamente os princípios cósmicos assim incorporados nessas obras-primas da engenhosidade e indústria humanas, mesmo os não iniciados eram invariavelmente dominados pelo senso de majestade

e simetria resultante da coordenação perfeita de pilares, vãos, arcos e domos. Por variações nos detalhes de tamanho, material, tipo, arranjo, ornamentação e cor, esses construtores inspirados acreditavam ser possível provocar na natureza do observador certas reações mentais ou emocionais distintas. Vitrúvio, por exemplo, descreve a disposição de vasos de bronze em uma sala de modo a produzir certas mudanças definidas no tom e na qualidade da voz humana. Da mesma forma, cada câmara nos Mistérios pela qual o candidato passava tinha sua própria acústica peculiar. Assim, em uma câmara, a voz do padre era amplificada até que suas palavras faziam a própria sala vibrar, enquanto em outra a voz era diminuída e suavizada a tal ponto que soava como o tilintar distante de sinos de prata. Novamente, em algumas das passagens subterrâneas, o candidato estava aparentemente privado do poder da fala, pois embora ele gritasse a plenos pulmões, nem mesmo um sussurro era audível aos seus ouvidos. Depois de progredir alguns metros, no entanto, ele descobriria que seu suspiro mais suave seria ecoado cem vezes.

A ambição suprema dos Arquitetos Dionisíacos era a construção de edifícios que criassem impressões distintas consistentes com o propósito para o qual a estrutura em si foi projetada. Em comum com os pitagóricos, eles acreditavam que era possível, por combinações de linhas retas e curvas, induzir qualquer atitude mental ou emoção desejada. Eles trabalharam, portanto, até o fim de produzir um edifício perfeitamente harmonioso com a estrutura do próprio universo. Eles podem até ter acreditado que um edifício assim construído porque não estava em nenhum aspecto em desacordo com qualquer realidade existente não estaria sujeito à dissolução, mas duraria durante todo o período do tempo mortal. Como uma dedução lógica de sua tendência filosófica de pensamento, tal edifício - em rapport com o Cosmos - também se tornaria um oráculo. Certos trabalhos iniciais sobre filosofia mágica sugerem que a Arca da Aliança tinha caráter oracular por causa de câmaras especialmente preparadas em seu interior. Estas, por sua forma e disposição, estavam tão sintonizadas com as vibrações do mundo invisível que captavam e amplificavam as vozes das eras impressas e eternamente existentes na substância da luz astral.

Inábeis nessas antigas sutilezas de sua profissão, arquitetos modernos frequentemente criam absurdos arquitetônicos que fariam seus criadores corarem de vergonha se compreendessem sua real importância simbólica. Assim, emblemas fálicos são espalhados em profusão entre os adornos de bancos, prédios de escritórios e lojas de departamento. Igrejas cristãs também podem ser encimadas por domos brâmanes ou muçulmanos ou ser projetadas em um estilo adequado para uma sinagoga judaica ou um templo grego para Plutão. Essas incongruências podem ser consideradas triviais em importância pelo designer moderno, mas para o psicólogo treinado o propósito para o qual um edifício foi erguido é frustrado em grande medida pela presença de tais discordâncias arquitetônicas. Vitrúvio define assim o princípio da propriedade conforme concebido e aplicado pelos dionisíacos:

"Propriedade é isso: perfeição de estilo que vem quando uma obra é construída autoritariamente em princípios aprovados. Ela surge da prescrição (grego θεματισμῷ), do uso ou da natureza. Da prescrição, no caso de edifícios hipétricos, abertos para o céu, em homenagem a Júpiter, o Relâmpago, o Céu, o Sol ou a Lua:

pois estes são deuses cujas semelhanças e manifestações contemplamos diante de nossos olhos no céu quando está sem nuvens e brilhante. Os templos de Minerva, Marte e Hércules serão dóricos, uma vez que a força viril desses deuses torna a delicadeza totalmente inapropriada para suas casas. Nos templos de Vênus, Flora, Prosérpina, Água-da-Primavera e as Ninfas, a ordem coríntia terá um significado peculiar, porque estas são divindades delicadas e, portanto, seus contornos bastante delgados, suas flores, folhas e volutas ornamentais emprestarão propriedade onde for devido. A construção de templos da ordem jônica para Juno, Diana, Pai Baco e os outros deuses desse tipo, estará de acordo com a posição intermediária que eles ocupam; pois a construção de tais será uma combinação apropriada da severidade do dórico e da delicadeza do coríntio."

Ao descrever as sociedades de artífices jônicos, Joseph Da Costa declara que os ritos dionisíacos foram fundados na ciência da astronomia, que pelos iniciados desta ordem era correlacionada à arte do construtor. Em vários documentos que tratam da origem da arquitetura são encontradas dicas de que os grandes edifícios erguidos por esses artesãos iniciados eram baseados em padrões geométricos derivados das constelações. Assim, um templo pode ser planejado de acordo com a constelação de Pégaso ou um tribunal de julgamento modelado após a constelação das Escamas. Os dionisíacos desenvolveram um código peculiar pelo qual eram capazes de se comunicar uns com os outros no escuro e tanto os símbolos quanto a terminologia de sua guilda eram derivados, em geral, dos elementos da arquitetura.

Embora estigmatizados como pagãos por causa de seus princípios filosóficos, é digno de nota que esses artesãos dionisíacos foram quase universalmente empregados na construção de abadias e catedrais cristãs primitivas, cujas pedras até hoje trazem marcas e símbolos distintivos cortados em suas superfícies por esses ilustres construtores. Entre as esculturas ornamentadas nas fachadas de grandes igrejas do Velho Mundo são frequentemente encontradas representações de compassos, esquadros, réguas, maços e conjuntos de ferramentas de construção habilmente incorporadas em decorações murais e até mesmo colocadas nas mãos de efígies de santos e profetas em nichos exaltados. Um grande mistério estava contido nos antigos portais da Catedral de Notre Dame que foram destruídos durante a Revolução Francesa, pois entre suas esculturas havia numerosos emblemas rosacruzes e maçônicos; e de acordo com os registros preservados pelos alquimistas que estudaram seus baixos-relevos, os processos secretos para a transmutação metálica foram expostos em suas figuras grotescas, porém mais significativas.

O piso quadriculado sobre o qual a moderna loja maçônica se ergue é o antigo tabuleiro de traçado dos Arquitetos Dionisíacos, e enquanto a organização moderna não está mais limitada a guildas de trabalhadores, ela ainda preserva em seus símbolos as doutrinas metafísicas da antiga sociedade da qual é presumivelmente o resultado. O investigador da origem do simbolismo maçônico que deseja traçar o desenvolvimento da ordem através dos tempos encontrará uma sugestão prática na seguinte declaração de Charles W. Heckethorn:

"Mas considerando que a Maçonaria é uma árvore cujas raízes se espalham por muitos solos, segue-se que traços dela devem ser encontrados em seus frutos; que

sua linguagem e ritual devem reter muito das várias seitas e instituições pelas quais passou antes de chegar ao seu estado atual, e na Maçonaria encontramos ideias indianas, egípcias, judaicas e cristãs, tendo como consequência a ambição suprema de seu ofício e símbolos." (Veja As Sociedades Secretas de Todas as Eras e Países .)

Os Collegia romanos de arquitetos habilidosos eram aparentemente uma subdivisão do corpo jônico maior, seus princípios e organização sendo praticamente idênticos à antiga instituição jônica. Suspeita-se que os dionisíacos também influenciaram profundamente a cultura islâmica primitiva, pois parte de seu simbolismo encontrou seu caminho para os Mistérios dos dervixes. Em uma época, os dionisíacos se referiam a si mesmos como Filhos de Salomão, e um dos seus símbolos mais importantes era o Selo de Salomão - dois triângulos entrelaçados. Este motivo é frequentemente visto em partes conspícuas das mesquitas maometanas. Acredita-se que os Cavaleiros Templários - que eram suspeitos de tudo e qualquer coisa - tenham contatado esses artífices dionisíacos e introduzido muitos de seus símbolos e doutrinas na Europa medieval. Mas a Maçonaria deve, acima de tudo, ao culto dionisíaco a grande massa de seus símbolos e rituais que estão relacionados à ciência da arquitetura. Destes antigos e ilustres artesãos, também recebeu o legado do Templo inacabado da Civilização — aquela vasta e invisível estrutura sobre a qual esses construtores iniciados têm trabalhado continuamente desde o início de sua fraternidade. Este poderoso edifício, que caiu e foi reconstruído vez após vez, mas cujas fundações permanecem inabaláveis, é a verdadeira Casa Eterna da qual o templo na testa do Monte Moriá era apenas um símbolo impermanente.

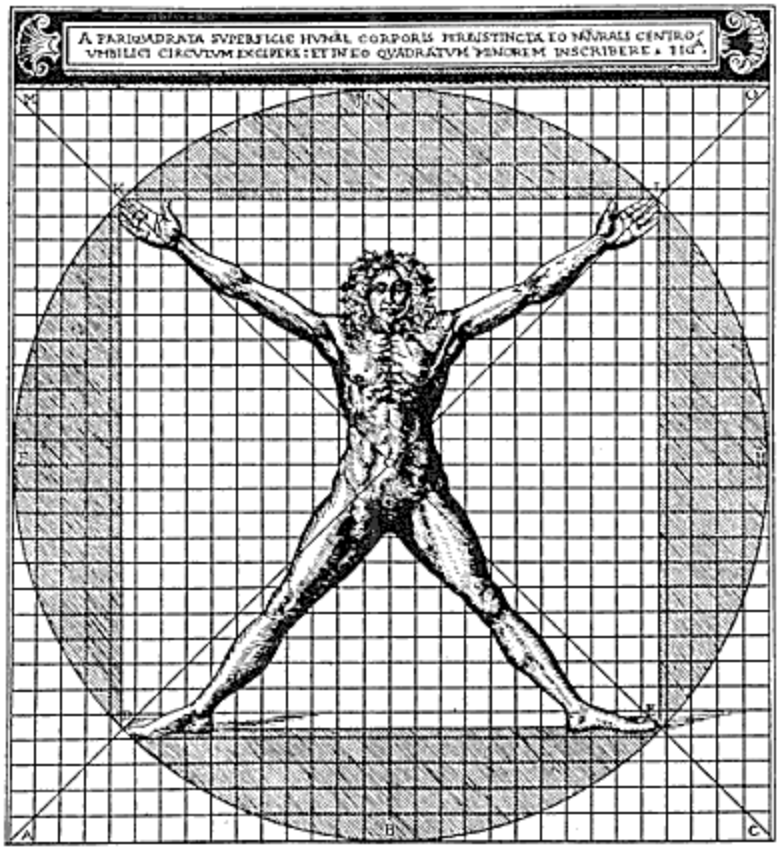
Além do aspecto operativo de sua ordem, os Arquitetos Dionisíacos tinham um código filosófico especulativo. A sociedade humana eles consideravam como uma cantaria áspera e não verdadeira, mas ultimamente esculpida na pedreira da Natureza elementar. Este bloco bruto era o verdadeiro objeto sobre o qual esses artesãos habilidosos trabalhavam - polindo-o, esquadrejando-o e, com a ajuda de finas esculturas, transformando-o em um milagre de beleza. Enquanto os místicos libertavam suas almas da escravidão da matéria pela meditação e os filósofos encontravam sua alegria mais intensa nas profundezas do pensamento, esses mestres operários alcançavam a libertação da Roda da Vida e da Morte aprendendo a balançar seus martelos com o mesmo ritmo que move as forças giratórias do Cosmos. Eles veneravam a Divindade sob o disfarce de um Grande Arquiteto e Mestre Artesão que estava sempre escavando cantarias ásperas dos campos do espaço e as transformando em universos. Os dionisíacos afirmavam que a construtividade era a expressão suprema da alma e, sintonizando-se com os processos naturais construtivos sempre visíveis que aconteciam ao seu redor, acreditavam que a imortalidade poderia ser alcançada ao se tornarem parte das agências criativas da Natureza.

SALOMÃO, A PERSONIFICAÇÃO DA SABEDORIA UNIVERSAL

O nome Salomão pode ser dividido em três sílabas, SOL-OM-ON, simbolizando luz, glória e verdade coletivamente e respectivamente. O Templo de Salomão é, portanto, antes de tudo "a Casa da Luz Eterna", seu símbolo terrestre sendo o templo de pedra na testa do Monte Moriá. De acordo com os ensinamentos do

Mistério, há três Templos de Salomão - assim como há três Grandes Mestres, três Testemunhas e três Tabernáculos da Transfiguração. O primeiro templo é a Grande Casa do Universo, no meio da qual se senta o sol (SOL) em seu trono dourado. Os doze signos do zodíaco como Companheiros-Artesãos se reúnem em torno de seu senhor brilhante. Três luzes - a estelar, a solar e a lunar - iluminam este Templo Cósmico. Acompanhado por sua comitiva de planetas, luas e asteroides, este Rei Divino (SOLomon), cuja glória nenhum monarca terrestre jamais igualará, passa em pompa imponente pelas avenidas do espaço. Enquanto CHiram representa a luz física ativa do sol, SOLomon significa sua efulgência espiritual e intelectual invisível, porém todo-poderosa.

O segundo templo simbólico é o corpo humano - a Pequena Casa feita à imagem da Grande Casa Universal. "Não sabeis", perguntou o Apóstolo Paulo, "que sois o templo de Deus, e que o Espírito de Deus habita em vós?" A Maçonaria dentro de um templo de pedra não pode ser outra coisa senão especulativa, mas a Maçonaria dentro do templo vivo do corpo é operativa. O terceiro templo simbólico é a Casa da Alma , uma estrutura invisível, cuja compreensão é um arcano maçônico supremo. O mistério deste edifício intangível está oculto sob a alegoria do Soma Psuchicon , ou Veste de Casamento descrita por São Paulo, as Vestes de Glória do Sumo Sacerdote de Israel, a Veste Amarela do monge budista e a Veste Azul e Dourada à qual Albert Pike se refere em seu Simbolismo . A alma, construída de uma substância ígnea invisível, um metal dourado flamejante, é lançada pelo Mestre Operário, CHiram Abiff, no molde de argila (o corpo físico) e é chamada de Mar Fundido. O templo da alma humana é construído por três Mestres Maçons personificando Sabedoria, Amor e Serviço, e quando construído de acordo com a Lei da Vida, o espírito de Deus habita no Lugar Sagrado. O Templo da Alma é a verdadeira Casa Eterna, e aquele que pode erguer



O MISTÉRIO DO MICROCOSMO.

Redesenhado da edição de Vitrúvio de Cesariano .

Aqui é retratada a misteriosa Palavra de Platão que foi crucificada no espaço antes da fundação do mundo. O autor anônimo de The Canon escreve:

"O Logos ou alma do mundo, de acordo com Platão, o Hermes grego e o Cristo, de acordo com os gnósticos cristãos, são todos um e o mesmo que o hebreu Adam Kadmon, que é a segunda pessoa da tríade cabalística. O Hermes cilênio, descrito por Hipólito, se assemelha tanto ao homem menor encontrado na edição de Vitrúvio de Cesariano, que eles podem ser justificadamente considerados idênticos."

Após relacionar a figura a Dionísio por causa das folhas de videira enroladas no cabelo, o mesmo escritor conclui: "Aqui temos clara e distintamente uma curiosa sobrevivência da divindade cósmica da Grécia, copiada e desfigurada pelos desenhistas grosseiros da Idade Média, mas fielmente preservada e reconhecível até o fim." Figuras semelhantes podem ser encontradas no De Occulta Philosophia de Agrippa . Como os diagramas de Cesariano, no entanto, a chave dada para sua interpretação é muito inadequada. Agrippa declara que, sendo um tipo do mundo menor, o homem contém em si todos os números, medidas, pesos, movimentos e elementos. A doutrina secreta da Maçonaria, como a dos Arquitetos Dionisíacos, está preocupada principalmente com o esforço de medir ou estimar filosoficamente as partes e proporções do microcosmo, para que pelo conhecimento derivado dela a

ambição suprema de seu ofício possa ser realizada - a criação de um homem perfeito.

ou elenco é um Mestre Maçom de fato ! Os escritores maçônicos mais bem informados perceberam que o Templo de Salomão é uma representação em miniatura do Templo Universal. Sobre este ponto, AE Waite, em A New Encyclopædia of Freemasonry , escreve: "É de caráter macrocósmico, de modo que o Templo é um símbolo do universo, um tipo de manifestação em si."

Salomão, o Espírito da Iluminação Universal — mental, espiritual, moral e física — é personificado no rei de uma nação terrena. Enquanto um grande governante com esse nome pode ter construído um templo, aquele que considera a história somente de seu ângulo histórico nunca limpará o lixo que cobre os cofres secretos. O lixo é matéria interpolada na forma de símbolos superficiais, alegorias e graus que não têm parte legítima nos Mistérios Maçônicos originais. Sobre a perda da verdadeira chave esotérica para os segredos maçônicos, Albert Pike escreve:

"Ninguém viaja agora 'do alto lugar de Cabaon para a eira de Omã, o Yebusita', nem viu 'seu Mestre, vestido de azul e ouro'; nem os aprendizes e companheiros são mais pagos em suas respectivas colunas; nem a ferramenta de trabalho do Mestre é o quadro de traçado, nem ele usa em seu trabalho 'giz, carvão e um vaso de barro', nem o Aprendiz, tornando-se um Companheiro, passa do esquadro para o compasso; pois os significados dessas frases como símbolos há muito se perderam."

De acordo com os antigos rabinos, Salomão era um iniciado das escolas de Mistérios e o templo que ele construiu era na verdade uma casa de iniciação contendo um amontoado de emblemas pagãos filosóficos e fálicos. As romãs, as colunas com cabeças de palmeiras, os Pilares diante da porta, os querubins babilônicos e o arranjo das câmaras e cortinas, todos indicam que o templo foi modelado segundo os santuários do Egito e da Atlântida. Isaac Myer, em The Qabbalah , faz a seguinte observação:

"O pseudo-Clemente de Roma escreve: 'Deus fez o homem macho e fêmea. O macho é Cristo: a fêmea, a Igreja.' Os cabalistas chamavam o Espírito Santo de mãe e a Igreja de Israel de Filha. Salomão gravou nas paredes de seu Templo, semelhanças dos princípios masculino e feminino, para prenunciar esse mistério; tais, diz-se, eram as figuras dos querubins. Isso, no entanto, não era em obediência às palavras da Thorah. Eles eram simbólicos do Superior, do espiritual, do anterior ou criador, positivo ou masculino, e do Inferior, do passivo, do negativo ou feminino, formado ou feito pelo primeiro."

A Maçonaria chegou ao norte da África e à Ásia Menor do continente perdido de Atlântida, não sob seu nome atual, mas sim sob a designação geral de Adoração ao Sol e ao Fogo. Os antigos Mistérios não deixaram de existir quando o cristianismo se tornou a religião mais poderosa do mundo. O Grande Pan não morreu! A Maçonaria é a prova de sua sobrevivência. Os Mistérios pré-cristãos simplesmente assumiram o simbolismo da nova fé, perpetuando por meio de seus emblemas e alegorias as mesmas verdades que tinham sido propriedade dos sábios desde o

início do mundo. Não há explicação verdadeira, portanto, para os símbolos cristãos, exceto aquela que está oculta na filosofia pagã. Sem as chaves misteriosas carregadas pelos hierofantes dos cultos egípcio, brâmane e persa, os portões da Sabedoria não podem ser abertos. Considere com espírito reverente, portanto, a sublime alegoria do Templo e seus Construtores, percebendo que sob sua interpretação literal está escondido um Segredo Real.

De acordo com as lendas talmúdicas, Salomão entendia os mistérios da Cabala. Ele também era um alquimista e um necromante, sendo capaz de controlar os demônios, e deles e de outros habitantes dos mundos invisíveis ele garantiu muito de sua sabedoria. Em sua tradução de Clavicula Salomonis , ou A Chave de Salomão, o Rei , uma obra presumivelmente expondo os segredos mágicos reunidos por Salomão e usados por ele na conjuração de espíritos e que, de acordo com Frank C. Higgins, contém muitas luzes secundárias sobre rituais iniciáticos maçônicos, SL MacGregor-Mathers reconhece a probabilidade de que o Rei Salomão fosse um mágico no sentido mais amplo da palavra. "Não vejo razão para duvidar", afirma ele, "da tradição que atribui a autoria da 'Chave' ao Rei Salomão, pois entre outros Josefo, o historiador judeu, menciona especialmente as obras mágicas atribuídas a esse monarca; isso é confirmado por muitas tradições orientais, e sua habilidade mágica é frequentemente mencionada nas Mil e Uma Noites."

Sobre os poderes sobrenaturais de Salomão, Josefo escreve em seu Oitavo Livro das Antiguidades dos Judeus :

"Agora, a sagacidade e a sabedoria que Deus concedeu a Salomão eram tão grandes que ele excedeu os antigos, tanto que ele não era de forma alguma inferior aos egípcios, que são considerados como estando além de todos os homens em entendimento; * * * Deus também o capacitou a aprender aquela habilidade que expulsava demônios, que é uma ciência útil e sanativa para ele. Ele compôs tais encantamentos também pelos quais as enfermidades são aliviadas. E ele deixou para trás a maneira de usar exorcismos, pelos quais eles expulsam demônios, para que eles nunca retornem; e este método de cura é de grande força até hoje."

Os alquimistas medievais estavam convencidos de que o Rei Salomão entendia os processos secretos de Hermes por meio dos quais era possível multiplicar metais. O Dr. Bacstrom escreve que o Espírito Universal (CHiram) auxiliou o Rei Salomão a construir seu templo, porque Salomão, sendo sábio na sabedoria da alquimia, sabia como controlar essa essência incorpórea e, colocando-a para trabalhar para ele, fez com que o universo invisível o suprisse com vastas quantidades de ouro e prata que a maioria das pessoas acreditava serem extraídas por métodos naturais.

Os mistérios da fé islâmica estão agora sob a guarda dos dervixes — homens que, renunciando à mundanidade, resistiram ao teste de mil e um dias de tentação. Jelal-ud-din, o grande poeta e filósofo sufista persa, é creditado por ter fundado a Ordem de Mevlevi, ou os "dervixes dançantes", cujos movimentos exotericamente significam os movimentos dos corpos celestes e esotericamente resultam no estabelecimento de um ritmo que estimula os centros de consciência espiritual dentro do corpo do dançarino.

"De acordo com o cânone místico, há sempre na terra um certo número de homens santos que são admitidos à comunhão íntima com a Divindade. Aquele que ocupa a posição mais alta entre seus contemporâneos é chamado de 'Eixo' (Qūtb) ou 'Pólo' de seu tempo. * * * Subordinados ao Qūtb estão dois seres santos que carregam o título de 'Os Fiéis' e são designados lugares à sua direita e esquerda, respectivamente. Abaixo destes está um quarteto de 'Intermediários' (Evtād); e em planos sucessivamente inferiores, cinco 'Luzes' (Envār) e sete 'Muito Bons' (Akhyār). A próxima classificação é preenchida por quarenta 'Ausentes' (Rijal-i-ghaib), também chamados de 'Mártires' (Shuheda). Quando um 'Eixo' abandona esta existência terrena, ele é sucedido pelo 'Fiel' que ocupou o lugar à sua direita. * * * Pois a esses homens santos, que também ostentam os títulos coletivos de "Senhores das Almas" e "Diretores", é confiada uma supremacia espiritual sobre a humanidade que excede em muito a autoridade temporal dos governantes terrenos." (Veja Misticismo e Magia na Turquia , por LMJ Garnett.)

O Eixo é um indivíduo misterioso que, desconhecido e insuspeito, se mistura com a humanidade e que, segundo a tradição, tem seu assento favorito no telhado da Caaba. JP Brown, em The Dervishes , dá uma descrição dessas "Master Souls".

A HERANÇA INESTIMÁVEL DA MAÇONARIA

O sanctum sanctorum da Maçonaria é ornamentado com as joias gnósticas de mil eras; seus rituais ressoam com as palavras divinamente inspiradas de videntes e sábios. Cem religiosos trouxeram seus dons de sabedoria ao seu altar; artes e ciências inumeráveis contribuíram para seu simbolismo. A Maçonaria é uma universidade mundial, ensinando as artes liberais e ciências da alma a todos que ouvirem suas palavras. Suas cadeiras são assentos de aprendizado e seus pilares sustentam um arco de educação universal. Seus cavaletes são inscritos com as verdades eternas de todas as eras e sobre aqueles que compreendem suas profundezas sagradas surgiu a percepção de que dentro dos Mistérios Maçônicos estão escondidos os arcanos há muito perdidos buscados por todos os povos desde a gênese da razão humana.

O poder filosófico da Maçonaria está em seus símbolos--sua herança inestimável das escolas de Mistério da antiguidade. Em uma carta a Robert Freke Gould, Albert Pike escreve:

"Começou a se moldar à minha visão intelectual em algo mais imponente e majestoso, solenemente misterioso e grandioso. Parecia-me como as Pirâmides em sua solidão, em cujas câmaras ainda não descobertas podem estar escondidos, para a iluminação das gerações vindouras, os livros sagrados dos egípcios, há tanto tempo perdidos para o mundo; como a Esfinge meio enterrada no deserto. Em seu simbolismo, que e seu espírito de fraternidade são sua essência, a Maçonaria é mais antiga do que qualquer uma das religiões vivas do mundo. Ela tem os símbolos e doutrinas que, mais velho do que ele, Zaratustra inculcou; e ii pareceu-me um espetáculo sublime, mas lamentável - a antiga Fé de nossos ancestrais estendendo ao mundo seus símbolos outrora tão eloquentes, e silenciosamente e em vão pedindo um intérprete. E então finalmente vim a ver que a verdadeira

grandeza e majestade da Maçonaria consistem em sua propriedade desses e de seus outros símbolos; e que seu simbolismo é sua alma."

Embora os templos de Tebas e Karnak sejam agora apenas majestosos montes de pedras quebradas e desgastadas pelo tempo, o espírito da filosofia egípcia ainda marcha triunfante através dos séculos. Embora os santuários escavados na rocha dos antigos brâmanes estejam agora desertos e suas esculturas tenham se desintegrado em pó, ainda assim a sabedoria dos Vedas perdura. Embora os oráculos sejam silenciados e a Casa dos Mistérios seja agora apenas fileiras de colunas fantasmagóricas, ainda brilha a glória espiritual de Hellas com brilho inalterado. Embora Zoroastro, Hermes, Pitágoras, Platão e Aristóteles sejam agora apenas memórias obscuras em um mundo outrora abalado pela transcendência de seu gênio intelectual, ainda no templo místico da Maçonaria esses homens-deuses vivem novamente em suas palavras e símbolos; e o candidato, passando pelas iniciações, sente-se cara a cara com esses hierofantes iluminados de dias há muito passados.

Cristianismo místico

A VERDADEIRA história da vida de Jesus de Nazaré nunca foi revelada ao mundo, nem nos Evangelhos aceitos nem nos Apócrifos, embora algumas dicas dispersas possam ser encontradas em alguns dos comentários escritos pelos Padres ante-Nicenos. Os fatos relativos à Sua identidade e missão estão entre os mistérios inestimáveis preservados até hoje nos cofres secretos sob as "Casas dos Irmãos". Para alguns dos Cavaleiros Templários, que foram iniciados nos arcanos dos Drusos, Nazarenos, Essênios, Joanitas e outras seitas que ainda habitavam as remotas e inacessíveis fortalezas da Terra Santa, parte da estranha história foi contada. O conhecimento dos Templários sobre a história inicial do Cristianismo foi, sem dúvida, uma das principais razões para sua perseguição e aniquilação final. As discrepâncias nos escritos dos primeiros Padres da Igreja não são apenas irreconciliáveis, mas demonstram, sem sombra de dúvida, que mesmo durante os primeiros cinco séculos depois de Cristo, esses homens eruditos tinham como base para seus escritos pouco mais substancial do que folclore e boatos. Para o crente fácil, tudo é possível e não há problemas. A pessoa sem emoção em busca de fatos, no entanto, é confrontada por uma série de problemas com fatores incertos, dos quais os seguintes são típicos:

De acordo com a concepção popular, Jesus foi crucificado durante o trigésimo terceiro ano de Sua vida e no terceiro ano de Seu ministério após Seu batismo. Por volta de 180 d.C., Santo Irineu, Bispo de Lyon, um dos mais eminentes teólogos ante-Nicenos, escreveu Contra as Heresias , um ataque às doutrinas dos Gnósticos. Nesta obra, Irineu declarou sob a autoridade dos próprios Apóstolos que Jesus viveu até a velhice. Para citar: "Eles, no entanto, para que possam estabelecer sua falsa opinião sobre o que está escrito, 'para proclamar o ano aceitável do Senhor', sustentam que Ele pregou por apenas um ano e então sofreu no décimo segundo

mês. [Ao falar assim], eles estão esquecidos de sua própria desvantagem, destruindo toda a Sua obra e roubando-O daquela idade que é mais necessária e mais honrosa do que qualquer outra; aquela idade mais avançada, quero dizer, durante a qual também como um professor Ele superou todos os outros. Pois como Ele poderia ter tido Seus discípulos, se Ele não ensinasse? E como Ele poderia ter ensinado, a menos que tivesse atingido a idade de um Mestre? Pois quando Ele veio para ser batizado, Ele ainda não havia completado Seu trigésimo ano, mas estava começando a ter cerca de trinta anos de idade (pois assim Lucas, que mencionou Seus anos, expressou: 'Agora Jesus estava, por assim dizer, começando a ter trinta anos de idade,' quando Ele veio para receber o batismo); e, (de acordo com esses homens,) Ele pregou apenas um ano contando a partir de Seu batismo. Ao completar seu trigésimo ano, Ele sofreu, sendo de fato ainda um jovem, e que de forma alguma havia atingido a idade avançada. Agora, que o primeiro estágio da vida precoce abrange trinta anos, e que isso se estende até o quadragésimo ano, todos admitirão; mas a partir do quadragésimo e do quinquagésimo ano um homem começa a declinar em direção à velhice, que Nosso Senhor possuía enquanto ainda cumpria o ofício de Mestre , assim como o Evangelho e todos os anciãos testemunham; aqueles que estavam familiarizados na Ásia com João, o discípulo do Senhor, (afirmando) que João lhes transmitiu essa informação. E ele permaneceu entre eles até a época de Trajano. Alguns deles, além disso, viram não apenas João, mas também os outros apóstolos, e ouviram o mesmo relato deles, e dão testemunho quanto à (validade) da declaração. Em quem então devemos acreditar? Sejam homens como estes, ou Ptolomeu, que nunca viu os apóstolos e que nunca, nem mesmo em seus sonhos, atingiu o menor vestígio de um apóstolo?"

Comentando sobre a passagem anterior, Godfrey Higgins observa que ela felizmente escapou das mãos daqueles destruidores que tentaram tornar as narrativas do Evangelho consistentes ao deletar todas essas declarações. Ele também observa que a doutrina da crucificação era uma vexata questio entre os cristãos, mesmo durante o segundo século. "A evidência de Irineu", ele diz, "não pode ser tocada. Em todos os princípios da crítica sólida e da doutrina das probabilidades, ela é incontestável."

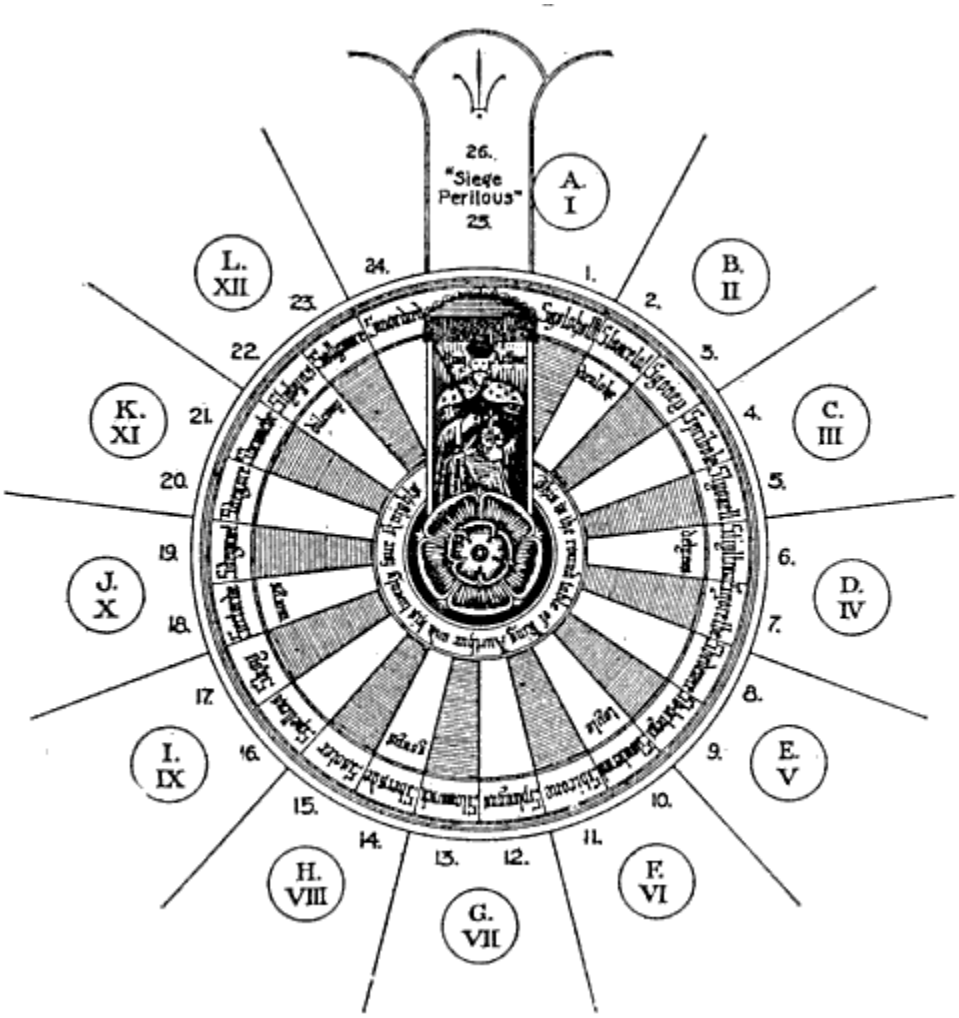
Deve-se notar ainda que Irineu preparou esta declaração para contradizer outra aparentemente corrente em seu tempo, no sentido de que o ministério de Jesus durou apenas um ano. De todos os primeiros Padres, Irineu, escrevendo oitenta anos após a morte de São João Evangelista, deveria ter tido informações razoavelmente precisas. Se os próprios discípulos relataram que Jesus viveu até uma idade avançada no corpo, por que o misterioso número 33 foi arbitrariamente escolhido para simbolizar a duração de Sua vida? Os incidentes na vida de Jesus foram propositalmente alterados para que Suas ações se encaixassem mais de perto no padrão estabelecido pelos numerosos Deuses-Salvadores que O precederam? Que essas analogias foram reconhecidas e usadas como uma alavanca na conversão de gregos e romanos é evidente a partir de uma leitura dos escritos de Justino Mártir, outra autoridade do século II. Em sua Apologia , Justino se dirige aos pagãos assim:

"E quando dizemos também que o Verbo, que é o primogênito de Deus, foi produzido sem união sexual, e que Ele, Jesus Cristo, Nosso Mestre, foi crucificado e morreu, ressuscitou e ascendeu ao céu, não propomos nada diferente do que você acredita em relação àqueles que você estima como filhos de Júpiter. * * * E se afirmamos que o Verbo de Deus nasceu de Deus de uma maneira peculiar, diferente da geração comum, que isso, como dito acima, não seja algo extraordinário para vocês, que dizem que Mercúrio é a palavra angélica de Deus. Mas se alguém objeta que Ele foi crucificado, nisso também Ele está no mesmo nível daqueles seus reputados filhos de Júpiter, que sofreram como agora enumeramos."

Disto fica evidente que os primeiros missionários da Igreja Cristã estavam muito mais dispostos a admitir as semelhanças entre sua fé e a fé dos pagãos do que seus sucessores nos séculos posteriores.

Em um esforço para resolver alguns dos problemas decorrentes de qualquer tentativa de registrar com precisão a vida de Jesus, foi sugerido que pode ter vivido na Síria naquela época dois ou mais professores religiosos com o nome Jesus , Jehoshua ou Joshua , e que as vidas desses homens podem ter sido confundidas nas histórias do Evangelho. Em seu Secret Sects of Syria and the Lebanon , Bernard H. Springett, um autor maçônico, cita um livro antigo, cujo nome ele não tinha liberdade de revelar por causa de sua conexão com o ritual de uma seita. A última parte de sua citação é pertinente ao assunto em questão:

"Mas Jeová prosperou a semente dos essênios, em santidade e amor, por muitas gerações. Então veio o chefe dos anjos, de acordo com o mandamento de DEUS, para levantar um herdeiro para a Voz de Jeová. E, em mais quatro gerações, um herdeiro nasceu, e chamado Josué, e ele era filho de José e Mara, devotos adoradores de Jeová, que se mantinham afastados de todas as outras pessoas, exceto os essênios. E este Josué, em Nazaré, restabeleceu Jeová, e restaurou muitos dos ritos e cerimônias perdidos. No trigésimo sexto ano de sua idade, ele foi apedrejado até a morte em Jerusalém * * *"



A TÁBUA REDONDA DO REI ARTHUR.

De Jennings, Os Rosacruzes, Seus Ritos e Mistérios .

Segundo a tradição, Arthur, quando tinha quinze anos, foi coroado Rei da Bretanha, em 516 d.C. Logo após sua ascensão ao trono, ele fundou a Ordem dos Cavaleiros da Távola Redonda em Windsor. Depois disso, os Cavaleiros se reuniam anualmente em Carleon, Winchester ou em Camelot, para celebrar o Pentecostes. De todas as partes da Europa vinham os bravos e os ousados, buscando admissão nesta nobre ordem de cavalaria britânica. Nobreza, virtude e valor eram seus requisitos, e aqueles que possuíam essas qualidades em um grau acentuado eram bem-vindos à corte do Rei Arthur em Camelot. Tendo reunido os mais bravos e nobres Cavaleiros da Europa ao seu redor, o Rei Arthur escolheu vinte e quatro que superavam todos os outros em ousadia e integridade e formou deles seu Círculo da Távola Redonda. Segundo a lenda, cada um desses Cavaleiros era tão grande em dignidade e poder que nenhum poderia ocupar um assento mais exaltado do que outro, então, quando eles se reuniam à mesa para celebrar o aniversário de sua fundação, era necessário usar uma mesa redonda para que todos pudessem ocupar cadeiras de igual importância.

Embora seja provável que a Ordem da Távola Redonda tivesse seus rituais e símbolos distintivos, o conhecimento deles não sobreviveu às eras. Elias Ashmole, em seu volume sobre a Ordem da Jarreteira, inseriu uma placa de página dupla mostrando a insígnia de todas as ordens de cavalaria, o bloco reservado para o símbolo da Távola Redonda sendo deixado em branco. A principal razão para a perda do simbolismo da Távola Redonda foi a morte prematura do Rei Arthur no campo de Kamblan (542 d.C.) no quadragésimo primeiro ano de sua vida. Enquanto ele destruiu seu amargo inimigo, Mordred, nesta famosa batalha, isso lhe custou não apenas sua própria vida, mas as vidas de quase todos os seus Cavaleiros da Távola Redonda, que morreram defendendo seu comandante.

No último século, vários livros foram publicados para suplementar as escassas descrições nos Evangelhos de Jesus e Seu ministério. Em alguns casos, essas narrativas alegam ser baseadas em manuscritos antigos recentemente descobertos; em outros, em revelação espiritual direta. Alguns desses escritos são altamente plausíveis, enquanto outros são inacreditáveis. Há rumores persistentes de que Jesus visitou e estudou na Grécia e na Índia, e que uma moeda cunhada em Sua homenagem na Índia durante o primeiro século foi descoberta. Sabe-se que os primeiros registros cristãos existem no Tibete, e os monges de um monastério budista no Ceilão ainda preservam um registro que indica que Jesus peregrinou com eles e se tornou familiarizado com sua filosofia.

Embora o cristianismo primitivo mostre todas as evidências de influência oriental, este é um assunto que a igreja moderna se recusa a discutir. Se for estabelecido sem sombra de dúvida que Jesus foi um iniciado dos Mistérios pagãos gregos ou asiáticos, o efeito sobre os membros mais conservadores da fé cristã provavelmente será cataclísmico. Se Jesus era Deus encarnado, como os solenes concílios da igreja descobriram, por que Ele é mencionado no Novo Testamento como "chamado por Deus um alto prim segundo a ordem de Melquisedeque"? As palavras "segundo a ordem" fazem de Jesus um de uma linha ou ordem da qual deve ter havido outros de igual ou até superior dignidade. Se os "Melquisedeques" eram os governantes divinos ou sacerdotais das nações da terra antes da inauguração do sistema de governantes temporais, então as declarações atribuídas a São Paulo indicariam que Jesus era um desses "eleitos filosóficos" ou estava tentando restabelecer seu sistema de governo. Deve-se lembrar que Melquisedeque também realizou a mesma cerimônia de beber vinho e partir o pão que Jesus realizou na Última Ceia.

George Faber declara que o nome original de Jesus era Jescua Hammassiah. Godfrey Higgins descobriu duas referências, uma no Midrashjoholeth e a outra no Abodazara (comentários judaicos antigos sobre as Escrituras), no sentido de que o sobrenome da família de Joseph era Panther , pois em ambas as obras é declarado que um homem foi curado "em nome de Jesus ben Panther". O nome Panther estabelece uma conexão direta entre Jesus e Baco - que foi cuidado por panteras e às vezes é retratado cavalgando em um desses animais ou em uma carruagem puxada por elas. A pele da pantera também era sagrada em certas cerimônias iniciáticas egípcias. O monograma IHS, agora interpretado como Iesus Hominum Salvator (Jesus Salvador dos Homens), é outro elo direto entre os ritos cristão e báquico. IHS é derivado do grego ΥΗΣ, que, como seu valor numérico (608)

significa, é emblemático do sol e constituiu o nome sagrado e oculto de Baco. (Veja The Celtic Druids de Godfrey Higgins.) Surge a questão: o cristianismo romano primitivo foi confundido com a adoração de Baco por causa dos numerosos paralelismos nas duas religiões? Se a afirmativa puder ser provada, muitos enigmas até então incompreensíveis do Novo Testamento serão resolvidos.

Não é de forma alguma improvável que o próprio Jesus tenha proposto originalmente como alegorias as atividades cósmicas que mais tarde foram confundidas com Sua própria vida. Que o Χριστός, Christos , representa o poder solar reverenciado por todas as nações da antiguidade não pode ser contestado. Se Jesus revelou a natureza e o propósito deste poder solar sob o nome e personalidade de Christos , dando assim a este poder abstrato os atributos de um deus-homem, Ele apenas seguiu um precedente estabelecido por todos os Instrutores do Mundo anteriores. Este deus-homem, assim dotado de todas as qualidades da Divindade, significa a divindade latente em cada homem. O homem mortal alcança a deificação somente através da união com este Eu divino. A união com o Eu imortal constitui a imortalidade, e aquele que encontra seu verdadeiro Eu é, portanto, "salvo". Este Christos , ou homem divino no homem, é a real esperança de salvação do homem — o Mediador vivo entre a Divindade abstrata e a humanidade mortal. Assim como Átis, Adônis, Baco e Orfeu eram, com toda a probabilidade, homens originalmente iluminados que mais tarde foram confundidos com as personagens simbólicas que eles criaram como personificações desse poder divino, assim Jesus foi confundido com o Christos , ou deus-homem, cujas maravilhas Ele pregou. Já que o Christos era o deus-homem aprisionado em cada criatura, era o primeiro dever do iniciado libertar, ou "ressuscitar", esse Eterno dentro de si mesmo. Aquele que alcançava a reunião com seu Christos era consequentemente denominado um homem cristão , ou batizado .

Uma das doutrinas mais profundas dos filósofos pagãos dizia respeito ao Deus-Salvador Universal que elevava as almas dos homens regenerados ao céu por meio de Sua própria natureza. Este conceito foi, sem dúvida, a inspiração para as palavras atribuídas a Jesus: "Eu sou o caminho, a verdade e a vida: ninguém vem ao Pai senão por mim." Em um esforço para fazer uma única pessoa de Jesus e Seu Christos, escritores cristãos remendaram uma doutrina que deve ser resolvida de volta aos seus constituintes originais se o verdadeiro significado do cristianismo deve ser redescoberto. Nas narrativas do Evangelho, o Christos representa o homem perfeito que, tendo passado pelos vários estágios do "Mistério do Mundo" simbolizado pelos trinta e três anos, ascende à esfera do céu onde se reúne com seu Pai Eterno. A história de Jesus como agora preservada é - como a história maçônica de Hiram Abiff - parte de um ritualismo iniciático secreto pertencente aos primeiros Mistérios cristãos e pagãos.

Durante os séculos imediatamente anteriores à Era Cristã, os segredos dos Mistérios pagãos gradualmente caíram nas mãos dos profanos. Para o estudante de religião comparada, é evidente que esses segredos, reunidos por um pequeno grupo de filósofos e místicos fiéis, foram revestidos em novas vestimentas simbólicas e, assim, preservados por vários séculos sob o nome de Cristianismo Místico . É geralmente suposto que os essênios foram os guardiões desse conhecimento e também os iniciadores e educadores de Jesus. Se assim for, Jesus

foi indubitavelmente iniciado no mesmo templo de Melquisedeque onde Pitágoras havia estudado seis séculos antes.

Os essênios — a mais proeminente das primeiras seitas sírias — eram uma ordem de homens e mulheres piedosos que viviam vidas de ascetismo, passando seus dias em trabalho simples e suas noites em oração. Josefo, o grande historiador judeu, fala deles nos termos mais elevados. "Eles ensinam a imortalidade da alma", ele diz, "e estimam que as recompensas da retidão devem ser buscadas com afinco". Em outro lugar, ele acrescenta: "No entanto, seu curso de vida é melhor do que o de outros homens e eles se dedicam inteiramente à agricultura". O nome essênios supostamente deriva de uma antiga palavra síria que significa "médico", e acredita-se que essas pessoas gentis tenham mantido como propósito de existência a cura dos doentes na mente, alma e corpo. De acordo com Edouard Schuré, eles tinham duas comunidades principais, ou centros, um no Egito, nas margens do Lago Maoris, o outro na Palestina, em Engaddi, perto do Mar Morto. Algumas autoridades remontam os essênios às escolas de Samuel, o Profeta, mas a maioria concorda com uma origem egípcia ou oriental. Seus métodos de oração, meditação e jejum não eram diferentes daqueles dos homens santos do Extremo Oriente. A filiação à Ordem dos Essênios era possível somente após um ano de provação. Esta escola de Mistérios, como tantas outras, tinha três graus, e apenas alguns candidatos passavam com sucesso por todos. Os essênios eram divididos em duas comunidades distintas, uma consistindo de celibatários e a outra de membros que eram casados.

Os essênios nunca se tornaram comerciantes ou entraram na vida comercial das cidades, mas se mantinham pela agricultura e pela criação de ovelhas para lã; também por ofícios como cerâmica e carpintaria. Nos Evangelhos e Apócrifos, José, o pai de Jesus, é referido como carpinteiro e oleiro. No Evangelho Apócrifo de Tomé e também no de Pseudo-Mateus, o menino Jesus é descrito como fazendo pardais de barro que ganhavam vida e voavam quando ele batia palmas. Os essênios eram considerados entre a classe mais bem-educada de judeus e há relatos de que eles foram escolhidos como tutores para os filhos de oficiais romanos estacionados na Síria. O fato de tantos artífices estarem listados entre eles é responsável por a ordem ser considerada uma progenitora da Maçonaria moderna. Os símbolos dos essênios incluem uma série de ferramentas de construção, e eles estavam secretamente envolvidos

O GRANDE JORGE E O COLAR DA LIGA.

Da Ordem da Jarreteira de Ashmole .

A Ordem da Jarreteira foi provavelmente formada por Eduardo III em imitação dos Cavaleiros da Távola Redonda do Rei Arthur, cuja instituição foi irremediavelmente dispersa após a batalha de Kamblan. A história popular de que a liga da Condessa de Salisbury foi a inspiração original para a fundação da ordem é insustentável. O lema da Ordem do Carter é "Honi soit qui mal y pense" (Envergonhado seja aquele que pensa mal dela). São Jorge é visto como o Patrono da ordem, pois ele tipifica a natureza superior do homem superando o dragão de sua própria natureza inferior. Embora se suponha que São Jorge tenha vivido durante o terceiro século, é provável que ele fosse um personagem mitológico emprestado da mitologia pagã.

na construção de um templo espiritual e filosófico para servir como morada do Deus vivo.

Como os gnósticos, os essênios eram emanacionistas. Um de seus principais objetivos era a reinterpretação da Lei Mosaica de acordo com certas chaves espirituais secretas preservadas por eles desde a época da fundação de sua ordem. Portanto, os essênios eram cabalistas e, como várias outras seitas contemporâneas florescendo na Síria, estavam aguardando o advento do Messias prometido nos primeiros escritos bíblicos. Acredita-se que José e Maria, os pais de Jesus, tenham sido membros da Ordem Essênia. José era muitos anos mais velho que Maria. De acordo com o Proto-Evangelho , ele era viúvo com filhos adultos, e no Evangelho de Pseudo-Mateus ele se refere a Maria como uma criança menor em idade do que

seus próprios netos. Em sua infância, Maria foi dedicada ao Senhor, e os escritos apócrifos contêm muitos relatos de milagres associados à sua primeira infância. Quando ela tinha doze anos, os sacerdotes se aconselharam sobre o futuro desta criança que se dedicara ao Senhor, e o sumo sacerdote judeu, portando o peitoral, entrou no Santo dos Santos, onde um anjo lhe apareceu, dizendo: "Zacarias, vá e convoque os viúvos do povo e que eles tomem uma vara cada um e ela será a esposa daquele a quem o Senhor mostrar um sinal." Saindo para encontrar os sacerdotes à frente dos viúvos, José coletou as varas de todos os outros homens e as entregou aos sacerdotes. Agora, a vara de José tinha apenas metade do comprimento das outras, e os sacerdotes, ao devolverem as varas aos viúvos, não prestaram atenção à de José, mas a deixaram para trás no Santo dos Santos. Quando todos os outros viúvos receberam de volta suas varinhas, os sacerdotes esperaram um sinal do céu, mas nenhum veio. José, por causa de sua idade avançada, não pediu a devolução de sua vara, pois para ele era inconcebível que ele fosse escolhido. Mas um anjo apareceu ao sumo sacerdote, ordenando-lhe que devolvesse a vara curta que estava despercebida no Santo dos Santos. Quando o sumo sacerdote entregou a vara a José, uma pomba branca voou da ponta dela e pousou sobre a cabeça do velho carpinteiro, e a ele foi dada a criança.

O editor de The Sacred Books and Early Literature of the East chama a atenção para o espírito peculiar com o qual a infância de Jesus é tratada na maioria dos livros apócrifos do Novo Testamento, particularmente em uma obra atribuída ao cético Tomé, cuja versão grega mais antiga conhecida data de cerca de 200 d.C.: "O menino Cristo é representado quase como um diabinho, amaldiçoando e destruindo aqueles que o incomodam." Esta obra apócrifa, calculada para inspirar seus leitores com medo e tremor, foi popular durante a Idade Média porque estava em total acordo com o espírito cruel e perseguidor do cristianismo medieval. Como muitos outros livros sagrados antigos, o livro de Tomé foi fabricado para dois propósitos intimamente aliados: primeiro, ofuscar os pagãos na realização de milagres; segundo, inspirar todos os descrentes com o "temor do Senhor". Escritos apócrifos desse tipo não têm base possível em fatos. Em um momento um trunfo, os "milagres" do cristianismo se tornaram sua maior desvantagem. Fenômenos sobrenaturais, interpolados em uma era crédula para impressionar os ignorantes, neste século só conseguiram a alienação dos inteligentes.

No Evangelho Grego de Nicodemos é declarado que quando Jesus foi trazido à presença de Pilatos os estandartes carregados pelos guardas romanos curvaram seus topos em homenagem a ele, apesar de todos os esforços feitos pelos soldados para impedi-lo. Em The Letters of Pilate a declaração também aparece que César, estando irado com Pilatos por executar um homem justo, ordenou que ele fosse decapitado. Orando por perdão, Pilatos foi visitado por um anjo do Senhor, que tranquilizou o governador romano prometendo-lhe que toda a cristandade se lembraria de seu nome e que quando Cristo viesse pela segunda vez para julgar Seu povo, ele (Pilatos) deveria comparecer diante Dele como Sua testemunha.

Histórias como as anteriores representam as incrustações que se ligaram ao corpo do cristianismo ao longo dos séculos. A própria mente popular tem sido a autoproclamada guardiã e perpetuadora dessas lendas, opondo-se amargamente a todos os esforços para despojar a fé dessas acumulações questionáveis. Embora a

tradição popular frequentemente contenha certos elementos básicos da verdade, esses elementos são geralmente distorcidos fora de todas as proporções. Assim, embora as generalidades da história possam ser fundamentalmente verdadeiras, os detalhes são irremediavelmente errôneos. Da verdade como da beleza, pode-se dizer que ela é mais adornada quando sem adornos. Através da névoa de relatos fantásticos que obscurecem o verdadeiro fundamento da fé cristã, é vagamente visível para os poucos perspicazes uma grande e nobre doutrina comunicada ao mundo por uma grande e nobre alma. José e Maria, duas almas devotas e de mente santa, consagradas ao serviço de Deus e sonhando com a vinda de um Messias para servir Israel, obedeceram às injunções do sumo sacerdote dos essênios para preparar um corpo para a vinda de uma grande alma. Assim, de uma concepção imaculada, Jesus nasceu. Por imaculado entende-se limpo, e não sobrenatural.

Jesus foi criado e educado pelos essênios e mais tarde iniciado no mais profundo dos seus Mistérios. Como todos os grandes iniciados, Ele deve viajar em direção ao leste, e os anos silenciosos de Sua vida sem dúvida foram gastos em familiarizar-se com aquele ensinamento secreto que mais tarde seria comunicado por Ele ao mundo. Tendo consumado as práticas ascéticas de Sua ordem, Ele alcançou o Batismo . Tendo assim se reunido com Sua própria fonte espiritual, Ele então saiu em nome daquele que foi crucificado desde antes que os mundos existissem e, reunindo ao Seu redor discípulos e apóstolos, Ele os instruiu naquele ensinamento secreto que havia sido perdido — em parte, pelo menos — das doutrinas de Israel. Seu destino é desconhecido, mas com toda a probabilidade Ele sofreu aquela perseguição que é o destino daqueles que buscam reconstruir os sistemas éticos, filosóficos ou religiosos de seus dias.

Às multidões, Jesus falou em parábolas; aos Seus discípulos, Ele também falou em parábolas, embora de natureza mais exaltada e filosófica. Voltaire disse que Platão deveria ter sido canonizado pela Igreja Cristã, pois, sendo o primeiro proponente do mistério de Cristo , ele contribuiu mais para suas doutrinas fundamentais do que qualquer outro indivíduo. Jesus revelou aos Seus discípulos que o mundo inferior está sob o controle de um grande ser espiritual que o moldou de acordo com a vontade do Pai Eterno. A mente deste grande anjo era tanto a mente do mundo quanto a mente mundana. Para que os homens não morressem de mundanismo, o Pai Eterno enviou à criação o mais antigo e exaltado de Seus poderes - a Mente Divina. Esta Mente Divina ofereceu-se como um sacrifício vivo e foi quebrada e comida pelo mundo. Tendo dado Seu espírito e Seu corpo em uma ceia secreta e sagrada às doze maneiras de criaturas racionais, esta Mente Divina tornou-se parte de cada ser vivo. O homem foi, assim, habilitado a usar esse poder como uma ponte pela qual ele poderia passar e atingir a imortalidade. Aquele que elevou sua alma a essa Mente Divina e a serviu era justo e, tendo atingido a retidão, libertou essa Mente Divina, que então retornou novamente em glória à Sua própria fonte divina. E porque Ele havia trazido a eles esse conhecimento, os discípulos disseram uns aos outros: "Eis que Ele mesmo é essa Mente personificada!"

O CICLO ARTURIANO E A LENDA DO SANTO GRAAL

Segundo a lenda, o corpo do Christos (a Lei Espiritual) foi entregue à guarda de dois homens, dos quais os Evangelhos fazem referência.

JAKOB BÖHME, O TEÓSOFO TEUTÔNICO.

Da tradução de William Law das obras de Jakob Böhme .

Jakob Böhme nasceu no ano de 1575 em uma vila perto de Gorlitz, e morreu na Silésia em 1624. Ele teve pouca escolaridade e foi aprendiz de sapateiro ainda jovem. Mais tarde, ele se tornou um sapateiro profissional, casou-se e teve quatro filhos. Um dia, enquanto cuidava da sapataria de seu mestre, um estranho misterioso entrou, que, embora parecesse possuir pouco dos bens deste mundo, parecia ser muito sábio e nobre em realização espiritual. O estranho perguntou o preço de um par de sapatos, mas o jovem Böhme não ousou dizer um valor, com medo de desagradar seu mestre. O estranho insistiu e Böhme finalmente fez uma avaliação que era tudo o que seu mestre possivelmente poderia esperar garantir pelos sapatos. O estranho imediatamente os comprou e partiu. A uma curta distância da rua, o estranho misterioso parou e gritou em voz alta: "Jakob, Jakob, venha para fora." Espantado e assustado, Böhme saiu correndo de casa. O estranho homem fixou seu sim no jovem — grandes olhos que brilhavam e pareciam cheios de luz divina. Ele pegou a mão direita do garoto e se dirigiu a ele da seguinte forma: "Jakob, tu és pequeno, mas serás grande e se tornará outro Homem, um que o Mundo admirará. Portanto, seja piedoso, tema a Deus e reverencie Sua Palavra. Leia diligentemente as Sagradas Escrituras, nas quais você tem Conforto e Instrução. Pois você deve suportar muita Miséria e Pobreza e sofrer Perseguição, mas seja corajoso e persevere, pois Deus te ama e é gracioso para contigo."

Profundamente impressionado pela predição, Böhme tornou-se cada vez mais intenso em sua busca pela verdade. Finalmente, seus trabalhos foram reformulados. Por sete dias, ele permaneceu em uma condição misteriosa, durante a qual os mistérios do mundo invisível foram revelados a ele. Foi dito de Jakob Böhme que ele revelou a toda a humanidade os segredos mais profundos da alquimia. Ele morreu cercado por sua família, e suas últimas palavras foram: "Agora vou para o Paraíso".

mas breve menção. Estes eram Nicodemos e José de Arimatéia, ambos homens devotos que, embora não listados entre os discípulos ou apóstolos do Cristo, foram de todos os homens escolhidos para serem guardiões de Seus restos sagrados. José de Arimatéia foi um dos irmãos iniciados e é chamado por AE Waite, em sua A New Encyclopædia of Freemasonry , "o primeiro bispo da cristandade". assim como o poder temporal (ou visível) da Santa Sé foi estabelecido por São Pedro (?), assim o corpo espiritual (ou invisível) da fé foi confiado à "Igreja Secreta do Santo Graal" por meio da sucessão apostólica de José de Arimatéia, em cuja guarda foram dados os símbolos perpétuos da aliança - o cálice sempre fluindo e a lança sangrando.

Presumivelmente obedecendo às instruções de São Filipe, José de Arimatéia, carregando as relíquias sagradas, chegou à Grã-Bretanha depois de passar por muitas e variadas dificuldades. Aqui, um local foi atribuído a ele para a construção de uma igreja, e dessa maneira a Abadia de Glastonbury foi fundada. José plantou seu cajado na terra e ele criou raízes, tornando-se um arbusto espinhoso milagroso que floresceu duas vezes por ano e que agora é chamado de espinho de Glastonbury. O fim da vida de José de Arimatéia é desconhecido. Alguns acreditam que, como Enoque, ele foi transladado; outros, que ele foi enterrado na Abadia de Glastonbury. Tentativas repetidas foram feitas para encontrar o Santo Graal, que muitos acreditam ter sido escondido em uma cripta sob a antiga abadia. O cálice de Glastonbury recentemente descoberto e pelos devotos supostamente o Sangreal original dificilmente pode ser aceito como genuíno pelo investigador crítico. Além de seu interesse inerente como relíquia, assim como o famoso cálice de Antioquia, ele na verdade não prova nada quando se percebe que praticamente pouco mais se sabia sobre os Mistérios Cristãos dezoito séculos atrás do que pode ser descoberto hoje.

A origem do mito do Graal, assim como de quase todos os outros elementos do grande drama, é curiosamente elusiva. Fundamento suficiente para isso pode ser encontrado no folclore das Ilhas Britânicas, que contém muitos relatos de caldeirões mágicos, chaleiras, xícaras e chifres para beber. As primeiras lendas do Graal descrevem a taça como um verdadeiro chifre da abundância. Seu conteúdo era inesgotável e aqueles que a serviam nunca passavam fome ou sede. Um relato afirma que não importa o quão desesperadamente doente uma pessoa pudesse estar, ela não poderia morrer dentro de oito dias após contemplar a taça. Algumas autoridades acreditam que o Santo Graal seja a perpetuação da taça sagrada usada nos ritos de Adônis e Átis. Uma taça ou cálice de comunhão era usado em vários dos antigos Mistérios, e o deus Baco é frequentemente simbolizado na forma de um vaso, taça ou urna. Na adoração à Natureza, o Graal sempre fluindo significa a generosidade da colheita pela qual a vida do homem é sustentada; como o jarro sem fundo de Mercúrio, é a fonte inesgotável de recursos naturais. Pelas evidências

disponíveis, seria realmente errôneo atribuir uma origem puramente cristã ao simbolismo do Graal.

No Ciclo Arturiano aparece uma figura estranha e misteriosa - Merlin, o mágico. Em uma das lendas a respeito dele, é declarado que quando Jesus foi enviado para libertar o mundo da escravidão do mal, o Adversário determinou enviar um Anticristo para desfazer Seus trabalhos. O Diabo, portanto, na forma de um dragão horrível ofuscou uma jovem que havia se refugiado no santuário para escapar do mal que havia destruído sua família. Quando Merlin, seu filho, nasceu, ele compartilhou das características de sua mãe humana e pai demônio. Merlin, no entanto, não serviu aos poderes das trevas, mas, sendo convertido à verdadeira luz, reteve apenas dois dos poderes sobrenaturais herdados de seu pai: profecia e milagres. A história do pai infernal de Merlin deve realmente ser considerada como uma alusão alegórica ao fato de que ele era um "filho filosófico" da serpente ou dragão, um título aplicado a todos os iniciados dos Mistérios, que assim reconhecem a Natureza como sua mãe mortal e a sabedoria na forma da serpente ou dragão como seu Pai imortal. A confusão do dragão e da serpente com os poderes do mal resultou como uma consequência inevitável da má interpretação dos primeiros capítulos do Gênesis.

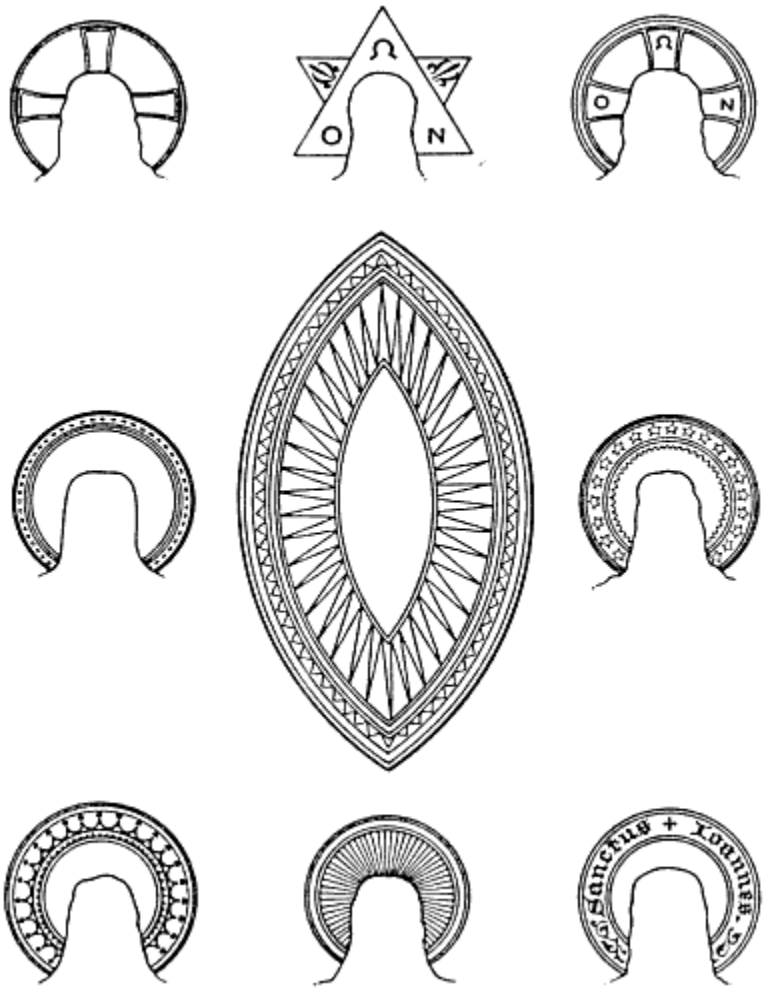
Arthur, quando criança, foi entregue aos cuidados de Merlin, o Mago, e em sua juventude foi instruído por ele na doutrina secreta e provavelmente iniciado nos segredos mais profundos da magia natural. Com a ajuda de Merlin, Arthur se tornou o principal general da Grã-Bretanha, um grau de dignidade que foi confundido com realeza. Depois que Arthur sacou a espada de Branstock da bigorna e assim estabeleceu seu direito divino à liderança, Merlin o ajudou ainda mais a garantir da Dama do Lago a espada sagrada Excalibur. Após o estabelecimento da Távola Redonda, tendo cumprido seu dever, Merlin desapareceu, de acordo com um relato desaparecendo no ar, onde ele ainda existe como uma sombra se comunicando à vontade com os mortais; de acordo com outro, retirando-se por conta própria para um grande cofre de pedra que ele selou de dentro.

É razoavelmente certo que muitas lendas sobre Carlos Magno foram mais tarde associadas a Arthur, que é mais famoso por estabelecer a Ordem da Távola Redonda em Winchester. Não há informações confiáveis sobre as cerimônias e rituais iniciáticos da "Távola Redonda". Em uma história, a Mesa foi dotada de poderes de expansão e contração para que mil e quinhentos ou mil e quinhentos pudessem sentar-se ao redor dela, de acordo com qualquer necessidade que surgisse. Os relatos mais comuns fixam o número de cavaleiros que poderiam sentar-se ao mesmo tempo na Távola Redonda em doze ou vinte e quatro. Os doze significavam os signos do zodíaco e também os apóstolos de Jesus. Os nomes dos cavaleiros e também seus brasões heráldicos eram estampados em suas cadeiras. Quando vinte e quatro são mostrados sentados à Mesa, cada um dos doze signos do zodíaco é dividido em duas partes - uma metade clara e uma metade escura - para significar as fases noturna e diurna de cada signo. Como cada signo do zodíaco está ascendendo por duas horas todos os dias, os vinte e quatro cavaleiros representam as horas, os vinte e quatro anciãos diante do trono no Apocalipse e as vinte e quatro divindades persas que representam os espíritos das divisões do dia. No centro da Mesa estava a rosa simbólica da Paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo,

o símbolo da ressurreição em que Ele "ressuscitou" dos mortos. Havia também um misterioso assento vazio chamado de Cerco Perigoso, no qual ninguém poderia sentar-se, exceto aquele que fosse bem-sucedido em sua busca pelo Santo Grad.

Na personalidade de Arthur deve ser encontrada uma nova forma do mito cósmico sempre recorrente. O príncipe da Grã-Bretanha é o sol, seus cavaleiros são o zodíaco, e sua espada brilhante pode ser o raio de sol com o qual ele luta e vence os dragões da escuridão ou pode representar o eixo da Terra. A Távola Redonda de Arthur é o universo; o Cerco Perigoso, o trono do homem perfeito. Em seu sentido terrestre, Arthur era o Grão-Mestre de uma irmandade secreta maçônica-cristã de místicos filosóficos que se autodenominavam Cavaleiros . Arthur recebeu a posição exaltada de Grão-Mestre desses Cavaleiros porque ele havia fielmente realizado a retirada da espada (espírito) da bigorna dos metais básicos (sua natureza inferior). Como invariavelmente acontece, o Arthur histórico logo foi confundido com as alegorias e mitos de sua ordem até que agora os dois são inseparáveis. Após a morte de Arthur no campo de Kamblan, seus Mistérios cessaram, e esotericamente ele foi levado em uma barcaça negra, como é tão lindamente descrito por Tennyson em sua Morte d'Arthur . A grande espada Excalibur também foi lançada de volta às águas da eternidade - tudo isso é um retrato vívido da descida da noite cósmica no final do Dia da Manifestação Universal. O corpo do Arthur histórico foi provavelmente enterrado na Abadia de Glastonbury, um edifício intimamente identificado com os ritos místicos do Graal e do Ciclo Arturiano.

Os rosacruzes medievais estavam, sem dúvida, de posse do verdadeiro segredo do Ciclo Arturiano e da lenda do Graal, muito de seu simbolismo tendo sido incorporado a essa ordem. Embora seja a mais óbvia de todas as chaves para o mistério de Christos, a lenda do Graal recebeu a menor consideração.



O NIMBUS E A AUREOLA NO SIMBOLISMO.

Do Manual de Simbolismo Cristão de Audsley .

Os halos dourados ao redor das cabeças dos deuses pagãos e santos cristãos referem-se tanto ao fato de serem banhados pela glória do sol quanto ao fato de que um sol espiritual dentro de suas próprias naturezas está irradiando seu raio brilhante e os cercando com esplendor celestial. Sempre que o nimbo é composto de linhas radiantes retas, ele é solar em significado; sempre que linhas curvas são usadas para raios, ele participa da natureza lunar; sempre que eles são unidos, ele simboliza uma mistura harmoniosa de ambos os princípios. O nimbo circular é solar e masculino, enquanto o nimbo em forma de losango, ou vesica piscis , é lunar e feminino. O mesmo simbolismo é preservado nas janelas circulares e em forma de losango das catedrais. Há uma ciência completa contida na forma, cor e adornos dos halos de santos e mártires. Um simples anel dourado geralmente envolve a cabeça de um santo canonizado, enquanto Deus Pai e Deus Filho têm uma auréola muito mais ornamentada, geralmente adornada com uma cruz de São Jorge, uma cruz florida ou uma cruz de lírios, com apenas três braços visíveis.

A Cruz e a Crucificação

Uma das lendas mais interessantes sobre a cruz é a preservada em Aurea Legenda , de Jacobus de Vorgaine. A história é sobre o efeito de que Adão, sentindo que o fim de sua vida estava próximo, implorou a seu filho Seth para fazer uma peregrinação ao Jardim do Éden e garantir do anjo que guardava na entrada o Óleo da Misericórdia que Deus havia prometido à humanidade. Seth não sabia o caminho; mas seu pai lhe disse que era na direção leste, e o caminho seria fácil de seguir, pois quando Adão e Eva foram banidos do Jardim do Senhor, no caminho que seus pés pisaram a grama nunca havia crescido.

Seth, seguindo as instruções de seu pai, descobriu o Jardim do Éden sem dificuldade. O anjo que guardava o portão permitiu que ele entrasse, e no meio do jardim Seth viu uma grande árvore, cujos galhos alcançavam o céu. A árvore tinha a forma de uma cruz e ficava à beira de um precipício que descia para as profundezas do inferno. Entre as raízes da árvore, ele viu o corpo de seu irmão Caim, mantido prisioneiro pelos galhos entrelaçados. O anjo se recusou a dar a Seth o Óleo da Misericórdia , mas presenteou-o com três sementes da Árvore da Vida (alguns dizem que a Árvore do Conhecimento). Com elas, Seth retornou ao pai, que ficou tão feliz que não desejou viver mais. Três dias depois, ele morreu, e as três sementes foram enterradas em sua boca, como o anjo havia instruído. As sementes se tornaram uma muda com três troncos em um, que absorveu em si o sangue de Adão, de modo que a vida de Adão estava na árvore. Noé desenterrou esta árvore pela raiz e levou-a consigo para a Arca. Depois que as águas baixaram, ele enterrou o crânio de Adão sob o Monte Calvário e plantou a árvore no topo do Monte Líbano.

Moisés viu um ser visionário no meio desta árvore (a sarça ardente) e dela cortou a vara mágica com a qual ele era capaz de tirar água de uma pedra. Mas porque ele falhou em invocar o Senhor na segunda vez que ele atingiu a rocha, ele não foi autorizado a levar o cajado sagrado para a Terra Prometida; então ele o plantou nas colinas de Moabe. Depois de muita busca, o Rei Davi descobriu a árvore; e seu filho, Salomão, tentou usá-la como um pilar em seu Templo, mas seus carpinteiros não conseguiam cortá-la para que coubesse; ela sempre era muito longa ou muito curta. Por fim, desgostosos, eles a jogaram de lado e a usaram como uma ponte para conectar Jerusalém com as colinas ao redor. Quando a Rainha de Sabá veio visitar o Rei Salomão, esperava-se que ela atravessasse esta ponte. Em vez disso, quando ela viu a árvore, ela se recusou a colocar o pé sobre ela, mas, depois de se ajoelhar e orar, tirou suas sandálias e vadeou o riacho. Isso impressionou tanto o Rei Salomão que ele ordenou que o tronco fosse coberto com manchas douradas e colocado acima da porta de seu Templo. Lá permaneceu até que seu neto cobiçoso roubou o ouro e enterrou a árvore para que o crime não fosse descoberto.

Do chão onde a árvore foi enterrada imediatamente borbulhou uma fonte de água, que ficou conhecida como Betesda. Para ela os doentes de toda a Síria vinham para serem curados. O anjo da piscina se tornou o guardião da árvore, e ela permaneceu

intocada por muitos anos. Eventualmente, o tronco flutuou para a superfície e foi usado como uma ponte novamente, desta vez entre o Calvário e Jerusalém; e sobre ele Jesus passou para ser crucificado. Não havia madeira no Calvário; então a árvore foi cortada em duas partes para servir como a cruz sobre a qual o Filho do Homem foi crucificado. A cruz foi colocada no mesmo local onde o crânio de Adão havia sido enterrado. Mais tarde, quando a cruz foi descoberta pela Imperatriz Helena, descobriu-se que a madeira era de quatro variedades diferentes contidas em uma árvore (representando os elementos), e depois disso a cruz continuou a curar todos os doentes que tinham permissão para tocá-la.

A ideia predominante de que a reverência pela cruz é limitada ao mundo cristão é refutada até mesmo pela investigação mais superficial de seu lugar no simbolismo religioso. Os primeiros cristãos usaram todos os meios possíveis para esconder a origem pagã de seus símbolos, doutrinas e rituais. Eles destruíram os livros sagrados de outros povos entre os quais se estabeleceram ou os tornaram inacessíveis aos estudantes de filosofia comparada, aparentemente acreditando que dessa forma poderiam apagar todos os registros da origem pré-cristã de suas doutrinas. Em alguns casos, os escritos de vários autores antigos foram adulterados, passagens de natureza comprometedora foram removidas ou material estrangeiro interpolado. A passagem supostamente espúria em Josefo sobre Jesus é um exemplo aduzido para ilustrar essa propensão.

AS BIBLIOTECAS PERDIDAS DE ALEXANDRIA

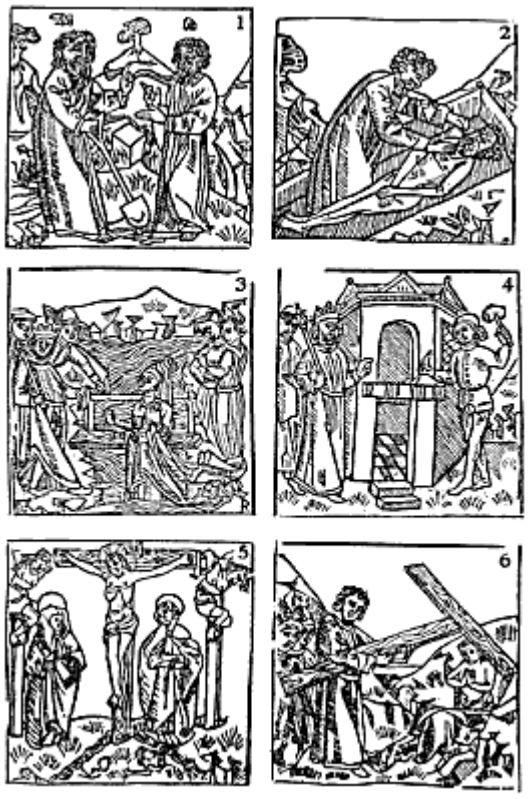
Antes da Era Cristã, setecentos mil dos livros mais valiosos, escritos em pergaminho, papiro, velino e cera, e também tábuas de pedra, terracota e madeira, foram reunidos de todas as partes do mundo antigo e alojados em Alexandria, em edifícios especialmente preparados para esse propósito. Este magnífico repositório de conhecimento foi destruído por uma série de três incêndios. As partes que escaparam da conflagração acesa por César para destruir a frota no porto foram destruídas por volta de 389 d.C. pelos cristãos em obediência ao edito de Teodósio, que havia ordenado a destruição do Serapeum, um edifício sagrado para Serápis no qual os volumes eram mantidos. Supõe-se que esta conflagração destruiu a biblioteca que Marco Antônio havia presenteado Cleópatra para compensar em parte aquela queimada no incêndio do ano 51.

Sobre isso, HP Blavatsky, em Ísis Sem Véu , escreveu: "Eles [os rabinos da Palestina e os sábios] dizem que nem todos os rolos e manuscritos, relatados na história como tendo sido queimados por César, pela multidão cristã, em 389, e pelo general árabe Amru, pereceram como é comumente acreditado; e a história que eles contam é a seguinte: Na época da disputa pelo trono, em 51 a.C., entre Cleópatra e seu irmão Dionísio Ptolomeu, o Bruckion, que continha mais de setecentos mil rolos, todos encadernados em madeira e pergaminho à prova de fogo, estava passando por reparos e uma grande parte dos manuscritos originais, considerados entre os mais preciosos, e que não eram duplicados, estavam

armazenados na casa de um dos bibliotecários. * * *Várias horas se passaram entre a queima da frota, incendiada por ordem de César, e o momento em que os primeiros edifícios situados perto do porto pegaram fogo por sua vez; e * * * os bibliotecários, auxiliados por várias centenas de escravos ligados ao museu, conseguiram salvar o mais precioso dos rolos." Com toda a probabilidade, os livros que foram salvos estão enterrados no Egito ou na Índia, e até que sejam descobertos o mundo moderno deve permanecer na ignorância sobre muitas grandes verdades filosóficas e místicas. O mundo antigo entendeu mais claramente esses elos perdidos--a continuidade dos Mistérios pagãos no Cristianismo.

A CRUZ NO SIMBOLISMO PAGÃO

Em seu artigo sobre a Cruz e a Crucificação na Encyclopædia Britannica , Thomas Macall Fallow lança muita luz sobre a antiguidade deste ideograma. "O uso da cruz como um símbolo religioso em tempos pré-cristãos, e entre povos não cristãos, pode



HISTÓRIA DA SANTA CRUZ.

Da História da Santa Cruz de Berjeau .

(1) Adão orientando Sete sobre como chegar ao Jardim do Éden. (2) Sete colocando as três sementes da Árvore da Vida sob a língua do morto Adão. (3) A Rainha de Sabá, recusando-se a colocar os pés sobre a árvore sagrada, atravessou

o riacho. (4) Colocando a árvore sagrada sobre a porta do Templo de Salomão. (5) A crucificação de Cristo sobre uma cruz feita da madeira da árvore sagrada. (6) Distinguindo a verdadeira cruz das outras duas, testando seu poder de ressuscitar um cadáver.

provavelmente seria considerada quase universal e, em muitos casos, estava ligada a alguma forma de adoração à natureza."

Não só a cruz em si é um objeto familiar na arte de todas as nações, mas a veneração por ela é uma parte essencial da vida religiosa da maior parte da humanidade. É um símbolo comum entre os índios americanos - Norte, Centro e Sul. William W. Seymour afirma: "A deusa asteca da chuva carregava uma cruz em sua mão, e os toltecas alegavam que sua divindade, Quetzalcoatl, lhes ensinou o sinal e o ritual da cruz, portanto seu cajado, ou cetro de poder, parecia um báculo, e seu manto era coberto com cruzes vermelhas." (The Cross in Tradition, History and Art .)

A cruz também é altamente reverenciada pelos japoneses e chineses. Para os pitagóricos, o mais sagrado de todos os números era o 10, cujo símbolo é um X, ou cruz. Tanto na língua japonesa quanto na chinesa, o caráter do número 10 é uma cruz. A roda budista da vida é composta de duas cruzes sobrepostas, e seus oito pontos ainda são preservados para a cristandade na cruz peculiarmente formada dos Cavaleiros Templários, que é essencialmente budista. A Índia preservou a cruz, não apenas em suas esculturas e pinturas, mas também em sua arquitetura; um grande número de seus templos - como as igrejas e catedrais da cristandade - são erguidos de fundações cruciformes.

Nas mandalas dos tibetanos, o céu é disposto na forma de uma cruz, com um rei demônio em cada um dos quatro portões. Uma cruz notável de grande antiguidade foi descoberta nas cavernas da ilha de Elefanta, no porto de Bombaim. Cruzes de vários tipos eram motivos favoritos na arte da Caldéia, Fenícia, Egito e Assíria. Os iniciados dos Mistérios Eleusinos da Grécia recebiam uma cruz que eles penduravam em volta do pescoço em uma corrente, ou cordão, no momento da iniciação. Para os Rosacruzes, Alquimistas e Illuminati, a cruz era o símbolo da luz, porque cada uma das três letras LVX é derivada de alguma parte da cruz.

A CRUZ TAU

Existem três formas distintas da cruz. A primeira é chamada de TAU (mais corretamente, TAV). Ela se assemelha muito à letra T moderna, consistindo de uma barra horizontal apoiada em uma coluna vertical, sendo os dois braços de comprimento igual. Um carvalho cortado alguns pés acima do solo e sua parte superior colocada sobre a inferior nesta forma era o símbolo do deus druida Hu . Suspeita-se que este símbolo se originou entre os egípcios a partir da propagação dos chifres de um touro ou carneiro (Touro ou Áries) e da linha vertical de seu rosto. Às vezes, é designada como a cruz do martelo , porque, se segurada por sua base vertical, não é diferente de um martelo ou martelo. Em uma das lendas maçônicas cabalísticas, CHiram Abiff recebe um martelo na forma de um TAU de

seu ancestral, Tubal-cain. A cruz TAU é preservada na Maçonaria moderna sob o símbolo do quadrado T. Esta parece ser a forma mais antiga da cruz existente.

A cruz TAU era inscrita na testa de cada pessoa admitida nos Mistérios de Mitra. Quando um rei era iniciado nos Mistérios Egípcios, o TAU era colocado contra seus lábios. Era tatuado nos corpos dos candidatos em alguns dos Mistérios Indígenas Americanos. Para o cabalista, o TAU representava o céu e a tetractys pitagórica . O Caduceu de Hermes era um resultado da cruz TAU. (Veja Albert Pike.)

A CRUZ ANSATA

O segundo tipo era o de uma cruz em T, ou TAU, encimada por um círculo, frequentemente encurtada para a forma de um oval vertical. Isso era chamado pelos antigos de Crux Ansata, ou a cruz da vida. Era a chave para os Mistérios da antiguidade e provavelmente deu origem à história mais moderna da chave de ouro de São Pedro para o céu. Nos Mistérios do Egito, o candidato passava por todas as formas de perigos reais e imaginários, segurando acima de sua cabeça a Crux Ansata, diante da qual os poderes das trevas recuavam envergonhados. O aluno é lembrado das palavras In hoc signo vinces . A forma TAU da cruz não é diferente do selo de Vênus, como Richard Payne Knight observou. Ele afirma: "A cruz nesta forma às vezes é observável em moedas, e várias delas foram encontradas em um templo de Serápis [o Serapeum], demolido na destruição geral daqueles edifícios pelo Imperador Teodósio, e foram ditas pelos antiquários cristãos da época como significando a vida futura."

Augustus Le Plongeon, em seus Sacred Mysteries Among the Mayas and Quiches, observa que a Crux Ansata, que ele chama de A Chave do Nilo e o Símbolo dos Símbolos, seja em sua forma completa ou como um simples TAU, era vista adornando os peitos de estátuas e baixos-relevos em Palenque, Copan e por toda a América Central. Ele observa que ela sempre foi associada à água; que entre os babilônios era o emblema dos deuses da água; entre os escandinavos, do céu e da imortalidade; e entre os maias, do rejuvenescimento e da liberdade do sofrimento físico.

Sobre a associação deste símbolo com as águas da vida , o Conde Goblet d'Alviella, em sua Migração de Símbolos , chama a atenção para o fato de que um instrumento semelhante ao Crux Ansata e chamado de Nilômetro era usado pelos antigos egípcios para medir e regular as inundações do rio Nilo. É provável que essa relação com o Nilo tenha feito com que fosse considerado o símbolo da vida, pois o Egito dependia inteiramente das inundações deste rio para a irrigação necessária para garantir colheitas suficientes. Nos rolos de papiro, o Crux Ansata é mostrado saindo da boca dos reis egípcios quando eles perdoavam os inimigos, e era enterrado com eles para significar a imortalidade da alma. Era carregado por muitos deuses e deusas e aparentemente significava sua benevolência divina e poder de dar vida. O Museu do Cairo contém uma coleção magnífica de cruzes de muitas formas, tamanhos e designs, provando que eram um símbolo comum entre os egípcios.

AS CRUZES CATÓLICAS ROMANA E GREGA

A terceira forma da cruz é o tipo romano ou grego familiar, que está intimamente associado à crucificação de Jesus Cristo, embora seja improvável que a cruz usada se assemelhasse à sua forma moderna mais familiar. Existem subvariedades ilimitadas de cruzes, diferindo nas proporções relativas de suas seções verticais e horizontais. Entre as ordens secretas de diferentes gerações, encontramos cruzes compostas, como a tripla TAU no Arco Real da Maçonaria e as cruzes duplas e triplas do simbolismo maçônico e católico romano.

Para o cristão, a cruz tem um significado duplo. Primeiro, é o símbolo da morte de seu Redentor, por cujo martírio ele sente que participa da glória de Deus; segundo, é o símbolo da humildade, paciência e do fardo da vida. É interessante que a cruz seja um símbolo da vida e um símbolo da morte. Muitas nações consideraram profundamente o aspecto astronômico da religião, e é provável que os persas, gregos e hindus olhassem para a cruz como um símbolo dos equinócios e solstícios, na crença de que em certas estações do ano o sol era simbolicamente crucificado sobre esses ângulos celestes imaginários.

O fato de tantas nações terem considerado seu Salvador como uma personificação do globo solar é uma evidência convincente de que a cruz deve existir como um elemento astronômico na alegoria pagã. Augustus Le Plongeon acreditava que a veneração pela cruz era em parte devido ao surgimento de uma constelação chamada Cruzeiro do Sul, que imediatamente precedia as chuvas anuais, e como os nativos dessas latitudes dependiam totalmente dessas chuvas para cultivar suas plantações, eles viam a cruz como uma promessa anual das tempestades que se aproximavam, o que para eles significava vida.

Existem quatro elementos básicos (de acordo com a filosofia antiga e a ciência moderna), e os antigos os representavam pelos quatro braços da cruz, colocando no final de cada braço uma misteriosa criatura cabalística para simbolizar o poder de um desses elementos. Assim, eles simbolizavam o elemento terra por um touro; água por um escorpião, uma serpente ou uma águia; fogo por um leão; e ar por uma cabeça humana cercada por asas. É significativo que as quatro letras inscritas no pergaminho (alguns dizem madeira) e presas ao topo da cruz no momento da crucificação sejam as primeiras letras de quatro palavras hebraicas que representam os quatro elementos: " Iammin , o mar ou água; Nour , fogo; Rouach , o ar; e Iebeschah , a terra seca." (Veja Morals and Dogma , de Albeit Pike.)

Que uma cruz pode ser formada abrindo ou desdobrando as superfícies de um cubo fez com que esse símbolo fosse associado à Terra. Embora uma cruz dentro de um círculo tenha sido considerada um sinal do planeta Terra por muito tempo, ela deveria ser considerada o símbolo do elemento composto Terra, uma vez que é composta dos quatro triângulos dos elementos. Por milhares de anos, a cruz foi identificada com o plano de salvação para a humanidade. Os elementos — sal, enxofre, mercúrio e Azoth — usados para fazer o Scone do Filósofo na Alquimia, eram frequentemente simbolizados por uma cruz. A cruz dos quatro ângulos cardeais também tinha seu significado secreto, e grupos maçônicos de três ainda vão aos quatro pontos cardeais da bússola em busca da Palavra Perdida.

O material do qual a cruz era formada era visto como um elemento essencial em seu simbolismo. Assim, uma cruz dourada simbolizava iluminação; uma cruz de prata, purificação; uma cruz de metais básicos, humilhação; uma cruz de madeira, aspiração. O fato de que

A FIGURA DA ILHA DE PÁSCOA MOSTRANDO CRUX ANSATA NO REVERSO

Que a Crux Ansata migrou para muitas partes da Terra é provado pelo fato de que ela foi esculpida nas costas de pelo menos uma das misteriosas figuras de pedra encontradas na Ilha de Páscoa, no Pacífico Sul. A estátua em questão — uma das menores do grupo — foi trazida para Londres por um navio à vela e agora está no Museu Britânico; a Crux Ansata no verso é claramente visível.

entre muitas nações era costume abrir os braços em oração influenciou o simbolismo da cruz, que, por causa de seu formato, passou a ser considerada emblemática do corpo humano. As quatro principais divisões da estrutura humana — ossos, músculos, nervos e artérias — são consideradas como tendo contribuído para o simbolismo da cruz. Isso se deve especialmente ao fato de que os nervos espinhais cruzam na base da espinha, e é um lembrete de que "Nosso Senhor foi crucificado também no Egito".

O homem tem quatro veículos (ou meios) de expressão por meio dos quais o Ego espiritual contata o universo externo: a natureza física, a natureza vital, a natureza emocional e a natureza mental. Cada um deles participa em princípio de um dos elementos primários, e as quatro criaturas atribuídas a eles pelos cabalistas fizeram com que a cruz fosse simbólica da natureza composta do homem.

A CRUCIFICAÇÃO--UMA ALEGORIA CÓSMICA

Salvadores inumeráveis morreram pelos pecados do homem e pelas mãos do homem, e através de suas mortes intercederam no céu pelas almas de seus algozes. O martírio do Deus-Homem e a redenção do mundo através de Seu sangue

tem sido um princípio essencial de muitas grandes religiões. Quase todas essas histórias podem ser rastreadas até a adoração ao sol, pois o glorioso orbe do dia é o Salvador que morre anualmente por cada criatura dentro de seu universo, mas ano após ano ressuscita vitorioso do túmulo do inverno. Sem dúvida, a doutrina da crucificação é baseada nas tradições secretas da Sabedoria Antiga; é um lembrete constante de que a natureza divina do homem é perpetuamente crucificada sobre o organismo animal. Certos Mistérios pagãos incluíam na cerimônia de iniciação a crucificação do candidato sobre uma cruz, ou a colocação de seu corpo sobre um altar cruciforme. Foi alegado que Apolônio de Tiana (o Anticristo) foi iniciado no Arcano do Egito na Grande Pirâmide, onde ele ficou pendurado em uma cruz até ficar inconsciente e então foi colocado no túmulo (o cofre) por três dias. Enquanto seu corpo estava inconsciente, sua alma foi pensada para passar para os reinos dos imortais (o lugar da morte). Depois de ter vencido a morte (ao reconhecer que a vida é eterna), ela retornou novamente ao corpo, que então se levantou do cofre, após o que ele foi saudado como um irmão pelos sacerdotes, que acreditavam que ele havia retornado da terra dos mortos. Este conceito era, em substância, o ensinamento dos Mistérios.

OS SALVADORES CRUCIFICADOS

A lista dos mortais imortais que sofreram pelo homem para que ele pudesse receber a dádiva da vida eterna é imponente. Entre aqueles conectados histórica ou alegoricamente com uma crucificação estão Prometeu, Adônis, Apolo, Áries, Baco, Buda, Christna, Hórus, Indra, Íxion, Mitras, Osíris, Pitágoras, Quetzalcoatl, Semíramis e Júpiter. De acordo com os relatos fragmentários existentes, todos esses heróis deram suas vidas a serviço da humanidade e, com uma ou duas exceções, morreram como mártires pela causa do progresso humano. De muitas maneiras misteriosas, a maneira de sua morte foi intencionalmente ocultada, mas é possível que a maioria deles tenha sido crucificada em uma cruz ou árvore. O primeiro amigo do homem, o imortal Prometeu, foi crucificado no pináculo do Monte Cáucaso, e um abutre foi colocado sobre seu fígado para atormentá-lo por toda a eternidade, arranhando e rasgando sua carne com suas garras. Prometeu desobedeceu ao decreto de Zeus ao trazer fogo e imortalidade ao homem, então ele sofreu pelo homem até a chegada de Hércules, que o libertou de suas eras de tormento.

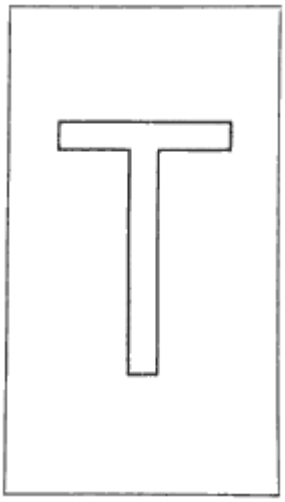
Sobre a crucificação do Mitra persa, JP Lundy escreveu: "Dupuis nos conta que Mitra foi morto por crucificação e ressuscitou no dia 25 de março. Nos Mistérios Persas, o corpo de um jovem, aparentemente morto, era exibido, fingindo ter sido restaurado à vida. Por seus sofrimentos, acreditava-se que ele havia operado a salvação deles, e por isso foi chamado de Salvador deles. Seus sacerdotes vigiaram seu túmulo até a meia-noite da vigília do dia 25 de março, com altos gritos e na escuridão; quando de repente a luz irrompeu de todas as partes, o sacerdote gritou: Alegrem-se, ó sagrado iniciado, seu Deus ressuscitou. Sua morte, suas dores e sofrimentos operaram sua salvação." (Veja Cristianismo Monumental .)

Em alguns casos, como no do Buda, o mito da crucificação deve ser tomado em um sentido alegórico e não literal, pois a maneira de sua morte foi registrada por seus próprios discípulos no Livro da Grande Morte . No entanto, o mero fato de que a referência simbólica à morte em uma árvore foi associada a esses heróis é suficiente para provar a universalidade da história da crucificação.

O equivalente indiano oriental de Cristo é o imortal Christna, que, sentado na floresta tocando sua flauta, encantou os pássaros e os animais com sua música. Supõe-se que este Salvador da humanidade divinamente inspirado foi crucificado em uma árvore por seus inimigos, mas grande cuidado foi tomado para destruir qualquer evidência apontando nessa direção. Louis Jacolliot, em seu livro The Bible in India , descreve assim a morte de Christna: "Christna entendeu que havia chegado a hora de ele deixar a terra e retornar ao seio daquele que o havia enviado. Proibindo seus discípulos de segui-lo, ele foi, um dia, fazer suas abluções nas margens do Ganges * * *. Chegando ao rio sagrado, ele mergulhou três vezes nele, então, ajoelhando-se e olhando para o céu, ele orou, esperando a morte. Nesta posição, ele foi perfurado por flechas por um daqueles cujos crimes ele havia desvendado e que, ao ouvir sobre sua jornada ao Ganges, tinha, com geração. uma tropa forte, seguido com o desígnio de assassiná-lo * * *. O corpo do Deus-homem foi suspenso nos galhos de uma árvore por seu assassino, para que pudesse se tornar presa de abutres. Notícias da morte se espalhando, as pessoas vieram em uma multidão conduzida por Ardjouna, a mais querida dos discípulos de Christna, para recuperar seus restos sagrados. Mas o corpo mortal do redentor havia desaparecido — sem dúvida, ele havia recuperado as moradas celestiais * * * e a árvore à qual ele estava preso havia se coberto de repente com grandes flores vermelhas e espalhado ao seu redor o mais doce perfume." Outros relatos da morte de Christna declaram que ele foi amarrado a uma árvore em forma de cruz antes que as flechas fossem apontadas para ele.

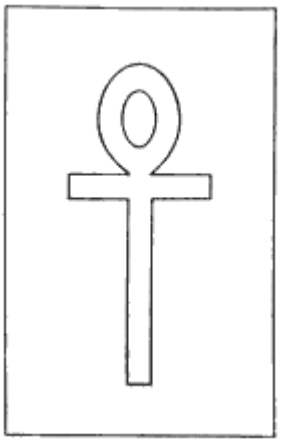
A existência no Panteão Hindu de Moor de uma placa de Christna com ferimentos de pregos nas mãos e nos pés, e uma placa nas Fés Antigas de Inman mostrando uma divindade oriental com o que poderia muito bem ser um furo de prego em um dos pés, deve ser motivo suficiente para uma investigação mais aprofundada deste assunto por aqueles de mentes imparciais. Sobre as descobertas surpreendentes que podem ser feitas ao longo dessas linhas, JP Lundy em seu Cristianismo Monumental apresenta as seguintes informações: "De onde os persas tiraram sua noção dessa profecia como assim interpretada a respeito de Cristo, e Sua misericórdia salvadora e amor demonstrados na cruz? Tanto pelo símbolo quanto pelo crucifixo real, vemos isso em todos os seus monumentos. Se veio da Índia, como chegou lá, exceto do único centro comum e original de toda religião primitiva e pura? Há uma placa mais extraordinária, ilustrativa de todo o assunto, cuja representação acredito ser anterior ao cristianismo. É copiada do Panteão Hindu de Moor, não como uma curiosidade, mas como um monumento mais singular da crucificação. Não me atrevo a dar-lhe um nome, além do de uma crucificação no espaço . * * * Pode ser o Homem-Vítima, ou o Sacerdote e a Vítima, ambos em um, da mitologia hindu, que se ofereceu em sacrifício antes que os mundos existissem? Pode ser o segundo Deus de Platão que se imprimiu no universo na forma da cruz? Ou seria seu homem divino que seria açoitado, atormentado,

acorrentado, teria seus olhos queimados; e por último, tendo sofrido todos os tipos de males, seria crucificado ? Platão aprendeu sua teologia no Egito e no Oriente, e deve ter conhecido a crucificação de Krishna, Buda, Mitra [et al]. De qualquer forma, a religião da Índia teve sua mítica vítima crucificada muito antes do cristianismo,



A CRUZ TAU.

A Cruz TAU era o sinal que o Senhor disse ao povo de Jerusalém para marcar em suas testas, conforme relatado pelo Profeta Ezequiel. Também foi colocada como um símbolo de libertação sobre aqueles acusados de crimes, mas absolvidos.



A CRUX ANSATA.

Tanto a cruz quanto o círculo eram símbolos fálicos, pois o mundo antigo venerava os poderes generativos da Natureza como sendo expressivos dos atributos criativos da Divindade. A Crux Ansata, ao combinar o masculino TAU com o feminino oval, exemplificava os princípios da geração.

APOLÔNIO DE TIANA.

Da Historia Deorum Fatidicorum .

Sobre Apolônio e seus poderes extraordinários, Francis Barrett, em sua Biographia Antiqua , depois de descrever como Apolônio reprimiu um tumulto sem falar uma palavra, continua: "Ele viajou muito, professou ser um legislador; entendia todas as línguas, sem tê-las aprendido; ele tinha a surpreendente faculdade de saber o que era transacionado a uma distância imensa, e na época em que o Imperador Domiciano foi esfaqueado, Apolônio estando a uma grande distância e de pé no mercado da cidade, exclamou: 'Greve! Greve! — chegou a hora, o tirano não existe mais.' Ele entendia a linguagem dos pássaros; ele condenava a dança e outras diversões desse tipo. Ele recomendava caridade e piedade; ele viajou por quase todos os países do mundo; e ele morreu em uma idade muito avançada."

como um tipo do real [Pro Deo et Ecclesia !], e estou inclinado a pensar que o temos neste prato notável."

O mundo moderno foi enganado em sua atitude em relação às chamadas divindades pagãs, e passou a vê-las sob uma luz inteiramente diferente de seus verdadeiros personagens e significados. O ridículo e a calúnia acumulados pela cristandade sobre Christna e Baco são excelentes exemplos da perseguição de princípios imortais por aqueles que falharam completamente em perceber o significado secreto das alegorias. Quem foi o homem crucificado da Grécia, sobre quem rumores vagos têm circulado? Higgins acha que foi Pitágoras, cuja verdadeira história de morte foi suprimida pelos primeiros autores cristãos porque entrava em

conflito com seus ensinamentos. Era verdade também que os legionários romanos carregavam no campo de batalha estandartes sobre os quais havia cruzes com o Homem-Sol crucificado?

A CRUCIFICAÇÃO DE QUETZALCOATL

Um dos mais notáveis Salvadores do Mundo crucificados é o deus centro-americano dos ventos, ou o Sol, Quetzalcoatl, sobre cujas atividades grande segredo foi mantido pelos sacerdotes indígenas do México e da América Central. Este estranho imortal, cujo nome significa cobra emplumada , parece ter saído do mar, trazendo consigo uma cruz misteriosa. Em suas vestes havia nuvens enfeitadas e cruzes vermelhas. Em sua homenagem, grandes serpentes esculpidas em pedra foram colocadas em diferentes partes do México.

A cruz de Quetzalcoatl se tornou um símbolo sagrado entre os maias, e de acordo com os registros disponíveis, os anjos indígenas maias tinham cruzes de vários pigmentos pintadas em suas testas. Cruzes semelhantes eram colocadas sobre os olhos daqueles iniciados em seus Mistérios. Quando Cortez chegou ao México, ele trouxe consigo a cruz. Reconhecendo isso, os nativos acreditaram que ele era Quetzalcoatl retornado, pois este havia prometido voltar no futuro infinito e redimir seu povo.

Em Anacalypsis , Godfrey Higgins lança alguma luz sobre a cruz e seu simbolismo na América: "Os incas tinham uma cruz de mármore muito fino, ou belo jaspe, altamente polido, de uma só peça, três quartos de um ell de comprimento e três dedos de largura e espessura. Era mantida em uma câmara sagrada de um palácio e tida em grande veneração. Os espanhóis enriqueceram esta cruz com ouro e joias e a colocaram na catedral de Cusco. Os templos mexicanos têm a forma de uma cruz e estão voltados para os quatro pontos cardeais. Quexalcoatl é representado nas pinturas do Codex Borgianus pregado na cruz. Às vezes, até os dois ladrões estão lá crucificados com ele. No Vol. II. placa 75, o Deus é crucificado nos céus, em um círculo de dezenove figuras, o número do ciclo metônico. Uma serpente o está privando dos órgãos de geração. No Codex Borgianus, (pp. 4, 72, 73, 75,) o Deus mexicano é representado crucificado e pregado na cruz, e em outro lugar pendurado nela, com uma cruz nas mãos. E em um caso, onde a figura não é meramente delineada, a cruz é vermelha, as roupas são coloridas, e o rosto e as mãos são bem pretos. Se esse era o cristianismo do alemão Nestório, como ele veio a ensinar que o Salvador crucificado era negro? O nome do Deus que foi crucificado era Quexalcoatl.

A crucificação da Palavra no espaço, a crucificação da pomba frequentemente vista no simbolismo religioso — ambas são lembretes de ofuscamento pagão. O fato de uma cruz ser formada pelas asas abertas de um pássaro em relação ao seu corpo é, sem dúvida, uma das razões pelas quais os egípcios usavam um pássaro para simbolizar a natureza imortal do homem, e frequentemente o mostram pairando sobre o corpo mumificado do morto e carregando em uma de suas garras o sinal da vida e na outra o sinal da respiração.

OS PREGOS DA PAIXÃO

Os três pregos da Paixão encontraram seu caminho no simbolismo de muitas raças e crenças. Existem muitas lendas sobre esses pregos. Uma delas é sobre o efeito de que originalmente havia quatro pregos, mas um foi desmaterializado por um cabalista hebreu e mágico no momento em que eles estavam prestes a enfiá-lo no pé do Mestre. Por isso, foi necessário cruzar os pés. Outra lenda relata que um dos pregos foi martelado em uma coroa e que ainda existe como o diadema imperial de uma casa europeia. Ainda outra história diz que o freio no cavalo de Constantino era um prego da Paixão. É improvável, no entanto, que os pregos fossem feitos de ferro, pois naquela época era costume usar pinos de madeira afiados. Hargrave Jennings, em seu livro Rosicrucians, Their Rites and Mysteries , chama a atenção para o fato de que a marca ou sinal usado na Inglaterra para designar propriedade real e chamado de flecha larga nada mais é do que os três pregos da crucificação agrupados, e que ao colocá-los ponto a ponto, forma-se o antigo símbolo da cruz egípcia TAU.

Em sua Maçonaria Antiga , Frank C. Higgins reproduz o avental maçônico de uma figura de pedra colossal em Quirigua, Guatemala. O ornamento central do avental são os três pregos da Paixão, dispostos exatamente como a flecha larga britânica. Que três pregos devem ser usados para crucificar o Cristo, três assassinos para matar CHiram Abiff e três feridas para matar o príncipe Coh, o índio mexicano Osíris, é significativo.

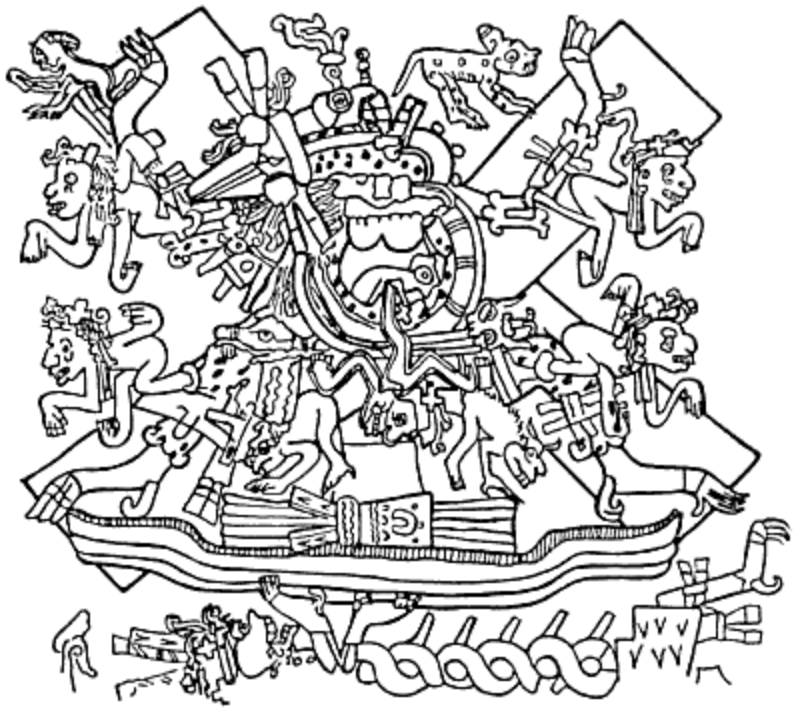
CW King, em seu Gnostics and Their Remains , descreve assim uma joia gnóstica: "O Pleroma gnóstico, ou combinação de todos os Æons [é] expresso pelo contorno de um homem segurando um pergaminho * * *. A mão esquerda é formada como três pontas ou pregos dobrados ; inconfundivelmente o mesmo símbolo que Belus frequentemente segura em sua mão estendida nos cilindros babilônicos, posteriormente descoberto pelos cabalistas judeus nas pontas da letra Shin, e pelos místicos medievais nos Três Pregos da Cruz." Deste ponto, Hargrave Jennings continua as especulações de King, notando a semelhança do prego com um obelisco, ou pilar, e que o valor cabalístico da letra hebraica Shin, ou Sin, é 300, ou seja, 100 para cada ponta.

Os pregos da Paixão são símbolos de grande importância, principalmente quando se percebe que, de acordo com os sistemas esotéricos de cultura, existem certos centros secretos de força nas palmas das mãos e nas solas dos pés.

A cravação dos pregos e o fluxo de sangue e água das feridas eram simbólicos de certas práticas filosóficas secretas do Templo. Muitas das divindades orientais têm símbolos misteriosos nas mãos e nos pés. As chamadas pegadas de Buda são geralmente embelezadas com um magnífico raio de sol no ponto onde o prego perfurou o pé de Cristo.

Em suas notas sobre a teologia de Jakob Böhme, o Dr. Franz Hartmann resume assim o simbolismo místico da crucificação: "A cruz representa a vida terrestre, e a coroa de espinhos os sofrimentos da alma dentro do corpo elementar, mas também a vitória do espírito sobre os elementos das trevas. O corpo está nu, para indicar que o candidato à imortalidade deve se desfazer de todos os desejos por coisas terrestres. A figura é pregada na cruz, que simboliza a morte e a rendição da

vontade própria, e que ela não deve tentar realizar nada por seu próprio poder, mas apenas servir como um instrumento no qual a vontade Divina é executada. Acima da cabeça estão inscritas as letras: INRJ cujo significado mais importante é: In Nobis Regnat Jesus (Dentro de nós reina Jesus). Mas esta significação desta inscrição pode ser praticamente conhecida apenas por aqueles que realmente morreram relativamente ao mundo dos desejos, e se elevaram acima da tentação da existência pessoal; ou, para expressá-lo em outras palavras, aqueles que se tornaram vivos em Cristo, e em quem assim o reino de Jesus (o santo amor-vontade que emana do coração de Deus) foi estabelecido." Uma das interpretações mais interessantes da alegoria da crucificação é aquela que identifica o homem Jesus com a consciência pessoal do indivíduo. É essa consciência pessoal que concebe e habita no sentido de separação, e antes que a alma aspirante possa se reunir com o Pai sempre presente e onipresente, essa personalidade deve ser sacrificada para que a Consciência Universal possa ser liberada.



A CRUCIFICAÇÃO DE QUETZALCOATL.

(Do Codex Borgianus.)

De Antiguidades do México , de Kingsborough .

Lord Kingsborough escreve: "Não podemos nos referir à septuagésima terceira página do manuscrito Borgiano, que representa Quexalcoatl crucificado e, por assim dizer, cortado em pedaços para o caldeirão, e com igual razão perguntar se alguém pode deixar de pensar que os judeus do Novo Mundo (Lord Kingsborough procurou provar que os mexicanos eram descendentes dos judeus) aplicaram ao seu Messias

não apenas todas as profecias contidas no Antigo Testamento relacionadas a Cristo, mas também muitos dos incidentes registrados sobre ele nos Evangelhos."

A CRUCIFICAÇÃO NO ESPAÇO.

De Anacalypsis, de Higgins .

Sobre este notável desenho oriental, JP Lundy escreveu:----Parece um crucifixo cristão em muitos aspectos, e em alguns outros não. O desenho, a atitude e as marcas de pregos nas mãos e nos pés indicam uma origem cristã; enquanto a coroa parta de sete pontas, a ausência da madeira e da inscrição usual, e os raios de glória acima parecem apontar para alguma origem cristã. Pode ser a Vítima, o Homem, ou o Sacerdote e a Vítima, ambos em um, da mitologia hindu, que se ofereceu em sacrifício antes que os mundos existissem?"

O Mistério do Apocalipse

A presença do Templo de Diana em Éfeso marcou aquela cidade como sagrada para a religião dos Mistérios, pois as Sete Maravilhas do mundo antigo foram erguidas para indicar os repositórios de conhecimento recôndito. Sobre Éfeso, HP Blavatsky escreve:

"Era um foco das doutrinas 'secretas' universais; o laboratório estranho de onde, moldado em elegante fraseologia grega, surgiu a quintessência da filosofia budista, zoroastriana e caldeia. Ártemis, o gigantesco símbolo concreto das abstrações teosófico-panteístas, a grande mãe Multimamma, andrógina e padroeira dos 'escritos efésios', foi conquistada por Paulo; mas embora os zelosos convertidos dos apóstolos fingissem queimar todos os seus livros sobre 'artes curiosas, τα περιεργα, o suficiente deles permaneceu para eles estudarem quando seu primeiro zelo esfriou." (Veja Ísis sem Véu .)

Sendo um grande centro de aprendizado pagão, Éfeso tem sido o local de muitos mitos cristãos primitivos. A afirmação foi feita de que era o último domicílio da Virgem Maria; também que o túmulo de São João, o Divino, estava localizado lá. De acordo com a lenda, São João não partiu desta vida da maneira usual, mas, selecionando seu cofre, entrou nele enquanto ainda estava vivo e, fechando a entrada atrás de si, desapareceu para sempre da vista mortal. Um rumor era corrente na antiga Éfeso de que São João dormiria em seu túmulo até o retorno do Salvador, e que quando o apóstolo se virava em seu leito sepulcral, a terra acima se movia como as cobertas de uma cama.

Sujeito a mais críticas do que qualquer outro livro agora incorporado ao Novo Testamento, o Apocalipse — popularmente creditado a São João, o Divino — é de longe o mais importante, mas menos compreendido dos escritos cristãos gnósticos. Embora Justino Mártir tenha declarado que o Livro do Apocalipse foi escrito por "João, um dos apóstolos de Cristo", sua autoria foi contestada já no segundo século depois de Cristo. No terceiro século, essas contendas se tornaram agudas e até mesmo Dionísio de Alexandria e Eusébio atacaram a teoria joanina, declarando que tanto o Livro do Apocalipse quanto o Evangelho segundo São João foram escritos por um Cerinto, que tomou emprestado o nome do grande apóstolo para melhor impor suas próprias doutrinas aos cristãos. Mais tarde, Jerônimo questionou a autoria do Apocalipse e, durante a Reforma, suas objeções foram revividas por Lutero e Erasmo. A noção outrora geralmente aceita de que o Livro do Apocalipse era o registro real de uma "experiência mística" que ocorreu com São João enquanto o vidente estava exilado na Ilha de Parmos é agora vista com desfavor por estudiosos mais críticos. Outras explicações foram, portanto, apresentadas para dar conta do simbolismo que permeia o volume e do motivo original para sua escrita. A mais razoável dessas teorias pode ser resumida da seguinte forma:

Primeiro, sobre o peso da evidência fornecida por seu próprio conteúdo, o Livro do Apocalipse pode muito bem ser pronunciado como uma escrita pagã — um dos livros sagrados dos Mistérios de Elêusis ou Frígios. Como corolário, o verdadeiro autor de uma obra que expõe as profundezas do misticismo egípcio e grego deve ter sido ele próprio um iniciado e, consequentemente, obrigado a escrever apenas na linguagem simbólica dos Mistérios.

Segundo, é possível que o Livro do Apocalipse tenha sido escrito para reconciliar as aparentes discrepâncias entre as filosofias religiosas cristãs e pagãs primitivas. Quando os fanáticos da Igreja Cristã primitiva buscaram cristianizar o paganismo, os iniciados pagãos responderam com um esforço poderoso para paganizar o cristianismo. Os cristãos falharam, mas os pagãos tiveram sucesso. Com o declínio do paganismo, os hierofantes pagãos iniciados transferiram sua base de operações para o novo veículo do cristianismo primitivo, adotando os símbolos do novo culto para ocultar aquelas verdades eternas que são sempre a posse inestimável dos sábios. O Apocalipse mostra claramente a fusão resultante do simbolismo pagão e cristão e, portanto, traz evidências irrefutáveis das atividades dessas mentes iniciadas operando por meio do cristianismo primitivo.

Terceiro, a teoria foi avançada de que o Livro do Apocalipse representa a tentativa feita por membros inescrupulosos de uma certa ordem religiosa de minar os

Mistérios Cristãos satirizando sua filosofia. Eles esperavam atingir esse fim nefasto mostrando que a nova fé era meramente uma reafirmação das antigas doutrinas pagãs, ridicularizando o cristianismo e usando seus próprios símbolos para menosprezá-lo. Por exemplo, a estrela que caiu na Terra (Ap. viii. 10-11) poderia ser interpretada como a Estrela de Belém, e a amargura daquela estrela (chamada Absinto e que envenenou a humanidade) poderia significar os "falsos" ensinamentos da Igreja Cristã. Embora a última teoria tenha ganhado certa popularidade, a profundidade do Apocalipse leva o leitor perspicaz à conclusão inevitável de que esta é a menos plausível das três hipóteses. Para aqueles capazes de perfurar o véu de seu simbolismo, a fonte inspirada do documento não requer nenhuma evidência corroborativa adicional.

Em última análise, a verdadeira filosofia não pode ser limitada nem por credo nem por facção; na verdade, é incompatível com toda limitação artificial do pensamento humano. A questão da origem pagã ou cristã do Livro do Apocalipse é, consequentemente, de pouca importância. O valor intrínseco do livro está em seu magnífico epítome do Mistério Universal — uma observação que levou São Jerônimo a declarar que ele é suscetível a sete interpretações inteiramente diferentes. Não treinado nos limites do pensamento antigo, o teólogo moderno não pode lidar com as complexidades do Apocalipse, pois para ele esta escrita mística é apenas uma fantasmagoria cuja inspiração divina ele é dolorosamente tentado a questionar. No espaço limitado aqui disponível, é possível esboçar apenas brevemente algumas das características salientes da visão do vidente de Patmos. Uma consideração cuidadosa dos vários Mistérios pagãos ajudará materialmente também a preencher as lacunas inevitáveis neste resumo.

No capítulo de abertura do Apocalipse, São João descreve o Alfa e o Ômega que estavam no meio dos sete castiçais de ouro. Cercado por seus regentes planetários flamejantes, este Sublime, portanto, sintetiza em uma figura impressionante e misteriosa toda a varredura do crescimento evolutivo da humanidade — passado, presente e futuro.

"Os primeiros estágios do desenvolvimento terrestre do homem", escreve o Dr. Rudolph Steiner, "correram em um período em que a Terra ainda era 'ígnea'; e as primeiras encarnações humanas foram formadas a partir do elemento fogo; no final de sua carreira terrestre, o próprio homem irradiará seu ser interior para fora criativamente pela força do elemento fogo. Este desenvolvimento contínuo do começo ao fim da Terra se revela ao 'vidente', quando ele vê no plano astral o arquétipo do homem em evolução. * * * O começo da evolução terrestre se destaca nos pés de fogo, seu fim no semblante de fogo, e o poder completo da 'palavra criativa', a ser finalmente conquistada, é visto na fonte de fogo saindo da boca." (Veja Selos e Colunas Ocultas .)

Em seu Novo Testamento Restaurado, James Morgan Pryse traça o

O TRONO DE DEUS E DO CORDEIRO.

Das obras de Jacob Behmen.

Diante do trono de Deus estava o mar de cristal representando os Schamayim, ou as águas vivas que estão acima dos céus. Diante do trono também estavam quatro criaturas — um touro, um leão, uma águia e um homem. Estes representavam os quatro cantos da criação e a multidão de olhos com os quais estavam cobertos são as estrelas do firmamento. Os vinte e quatro anciãos têm o mesmo significado que os sacerdotes reunidos em torno da estátua de Ceres no Rito Eleusino Maior e também os Gênios Persas, ou deuses das horas do dia, que, jogando fora suas coroas, glorificam o Santo. Como símbolo das divisões do tempo, os anciãos adoram o Espírito atemporal e duradouro no meio deles.

relação das várias partes do Alfa e Ômega com os sete planetas sagrados dos antigos. Para citar:

"A figura do Logos descrita é uma imagem composta dos sete planetas sagrados: ele tem o cabelo branco como a neve de Cronos ('Pai Tempo'), os olhos brilhantes de Zeus 'de visão ampla', a espada de Arcs, o rosto brilhante de Hélios e o quíton e o cinto de Afrodite; seus pés são de mercúrio, o metal sagrado para Hermes, e sua voz é como o murmúrio das ondas do oceano (as 'muitas águas'), aludindo a Selene, a Deusa-Lua das quatro estações e das águas."

As sete estrelas carregadas por este imenso Ser em sua mão direita são os Governadores do mundo; a espada flamejante que sai de sua boca é o Fiat Criativo, ou Palavra de Poder, pela qual a ilusão de permanência material é morta. Aqui também é representado, em todo seu esplendor simbólico, o hierofante dos

Mistérios Frígios, suas várias insígnias emblemáticas de seus atributos divinos. Sete sacerdotes portando lâmpadas são seus atendentes e as estrelas carregadas em sua mão são as sete escolas dos Mistérios cujo poder ele administra. Como alguém nascido de novo da escuridão espiritual, para a sabedoria perfeita, este arquimago é feito para dizer: "Eu sou aquele que vive, e estava morto; e, eis que estou vivo para sempre, Amém; e tenho as chaves do inferno e da morte."

No segundo e terceiro capítulos, São João entrega às "sete igrejas que estão na Ásia" as injunções recebidas por ele do Alfa e do Ômega. As igrejas são aqui análogas aos degraus de uma escada mitraica , e João, estando "no espírito", ascendeu através das órbitas dos sete planetas sagrados até que alcançou a superfície interna do Empíreo.

"Depois que a alma do profeta", escreve o autor anônimo de A Humanidade: Sua Origem e Destino , "em seu estado de êxtase, passou em seu rápido voo pelas sete esferas, da esfera da lua para a de Saturno, ou do planeta que corresponde a Câncer, o portão dos homens, para o de Capricórnio, que é o portão dos deuses, um novo portão se abre para ele no céu mais alto e no zodíaco, sob o qual os sete planetas giram; em uma palavra, no firmamento, ou aquilo que os antigos chamavam de crystallinum primum, ou o céu de cristal."

Quando relacionadas ao sistema oriental de metafísica, essas igrejas representam os chakras, ou gânglios nervosos, ao longo da espinha humana, a "porta no céu" sendo o brahmarandra , ou ponto na coroa do crânio (Gólgota), através do qual o fogo do espírito espinhal passa para a libertação. A igreja de Éfeso corresponde ao muladhara , ou gânglio sacral, e as outras igrejas aos gânglios superiores de acordo com a ordem dada no Apocalipse. O Dr. Steiner descobre uma relação entre as sete igrejas e as divisões da raça ariana. Assim, a igreja de Éfeso representa o ramo arqui-indiano; a igreja de Esmirna, os arqui-persas; a igreja de Pérgamo, o caldeu-egípcio-semita; a igreja de Tiatira, o grego-latino-romano; a igreja de Sardes, o teutão-anglo-saxão; a igreja de Filadélfia, o eslavo; e a igreja de Laodicéia, o maniqueísta. As sete igrejas também significam as vogais gregas, das quais Alfa e Ômega são a primeira e a última. Existe uma diferença de opinião quanto à ordem em que os sete planadores devem ser relacionados às igrejas. Alguns partem da hipótese de que Saturno representa a igreja de Éfeso; mas do fato de que esta cidade era sagrada para a deusa da lua e também que a esfera da lua é a primeira acima daquela da terra, os planetas obviamente deveriam ascender em sua antiga ordem da lua para Saturno. De Saturno, a alma naturalmente ascenderia pela porta no Empíreo.

No quarto e quinto capítulos, São João descreve o trono de Deus sobre o qual estava sentado o Santo "que era, é e há de vir". Ao redor do trono havia vinte e quatro assentos menores sobre os quais estavam sentados vinte e quatro anciãos vestidos com vestes brancas e usando coroas de ouro. "E do trono saíam relâmpagos, trovões e vozes; e diante do trono ardiam sete lâmpadas de fogo, que são os sete Espíritos de Deus". Aquele que estava sentado no trono segurava em Sua mão direita um livro selado com sete selos, que nenhum homem no céu ou na terra fora considerado digno de abrir. Então apareceu um Cordeiro (Áries, o primeiro e principal dos signos zodiacais) que havia sido morto, tendo sete chifres

(raios) e sete olhos (luzes). O Cordeiro tomou o livro da mão direita Daquele que estava sentado no trono e dos quatro animais e todos os anciãos se prostraram e adoraram a Deus e ao Cordeiro. Durante os primeiros séculos da Igreja Cristã, o cordeiro era universalmente reconhecido como o símbolo de Cristo, e somente depois do quinto sínodo de Constantinopla (o "Sínodo Quinisexto", 692 d.C.) a figura do homem crucificado foi substituída pela de Agnus Dei. Como astutamente observado por um escritor sobre o assunto, o uso de um cordeiro é indicativo da origem persa do cristianismo, pois os persas eram o único povo a simbolizar o primeiro signo do zodíaco por um cordeiro.

Como um cordeiro era a oferta pelo pecado dos antigos pagãos, os primeiros cristãos místicos consideravam esse animal como um emblema apropriado de Cristo, a quem consideravam a oferta pelo pecado do mundo. Os gregos e os egípcios veneravam muito o cordeiro ou carneiro, muitas vezes colocando seus chifres nas testas de seus deuses. O deus escandinavo Thor carregava um martelo feito de um par de chifres de carneiro. O cordeiro é usado em preferência ao carneiro aparentemente por causa de sua pureza e gentileza; também, uma vez que o próprio Criador foi simbolizado por Áries, Seu Filho seria consequentemente o pequeno Carneiro ou Cordeiro. O avental de pele de cordeiro usado pelos maçons sobre aquela parte do corpo simbolizada por Tifão ou Judas representa essa purificação

EPISÓDIOS DOS MISTÉRIOS DO APOCALIPSE.

Da Historiae Biblicae Veteris et Novi Testamenti de Klauber .

No primeiro plano central, São João, o Divino, está ajoelhado diante da aparição do Alfa e do Ômega, em pé no meio das sete luzes e cercado por uma auréola de chamas e fumaça. Nos céus acima, os vinte e quatro anciãos com suas harpas e incensários se curvam diante do trono do Ancião, de cuja mão o Cordeiro está tirando o livro selado com sete selos. Os sete espíritos de Deus, na forma de taças das quais saem línguas de fogo, cercam a cabeça do Ancião, e as quatro bestas (os querubins) se ajoelham nos cantos de Seu trono. No canto superior esquerdo são mostrados os sete anjos carregando as trombetas e também o altar de Deus e o anjo com o incensário. No canto superior direito estão os espíritos dos ventos; abaixo deles está a virgem vestida com o sol, a quem foram dadas asas para que

ela pudesse voar para o deserto. À sua direita está uma cena representando os espíritos de Deus lançando a serpente maligna no poço sem fundo. No canto inferior esquerdo, São João é mostrado recebendo da figura angelical, cujas pernas são colunas de fogo e cujo rosto é um sol brilhante, o pequeno livro que lhe é dito para comer se quisesse entender os mistérios da vida espiritual.

A placa também contém uma série de outros símbolos, incluindo episódios da destruição do mundo e o mar de cristal jorrando do trono de Deus. Pela apresentação de tais concepções simbólicas na forma de rituais e episódios dramáticos, os segredos dos Mistérios Frígios foram perpetuados. Quando essas pompas sagradas foram assim reveladas a toda a humanidade indiscriminadamente e cada alma humana foi nomeada sua própria iniciadora no rito sagrado, da vida filosófica, uma dádiva foi conferida à humanidade que não pode ser totalmente apreciada até que homens e mulheres tenham se tornado mais responsivos àqueles mistérios que são do espírito.

dos processos generativos que são um pré-requisito para a verdadeira espiritualidade. Nesta alegoria, o Cordeiro significa o candidato purificado, seus sete chifres representando as divisões da razão iluminada e seus sete olhos os chakras, ou percepções sensoriais aperfeiçoadas.

Do sexto ao décimo primeiro capítulos, inclusive, são dedicados a um relato da abertura dos sete selos no livro segurado pelo Cordeiro. Quando o primeiro selo foi quebrado, saiu um homem em um cavalo branco usando uma coroa e segurando um arco na mão. Quando o segundo selo foi quebrado, saiu um homem em um cavalo vermelho e em sua mão estava uma grande espada. Quando o terceiro selo foi quebrado, saiu um homem em um cavalo preto e com um par de balanças na mão. E quando o quarto selo foi quebrado, saiu a Morte em um cavalo amarelo e o inferno o seguiu. Os quatro cavaleiros do Apocalipse podem ser interpretados para significar as quatro principais divisões da vida humana. O nascimento é representado pelo cavaleiro no cavalo branco que sai conquistando e para conquistar; a impetuosidade da juventude pelo cavaleiro no cavalo vermelho que tirou a paz da terra; a maturidade pelo cavaleiro no cavalo preto que pesa todas as coisas na balança da razão; e a morte pelo cavaleiro no cavalo amarelo que recebeu poder sobre uma quarta parte da terra. Na filosofia oriental, esses cavaleiros representam as quatro yugas , ou eras, do mundo que, avançando em seus tempos determinados, tornam-se, por um certo período, os governantes da criação.

Comentando sobre a vigésima quarta alocução de Crisóstomo, em A Origem de todo Culto Religioso , Dupuis observa que cada um dos quatro elementos era representado por um cavalo com o nome do deus "que está sobre o elemento". O primeiro cavalo, significando o éter de fogo, era chamado Júpiter e ocupava o lugar mais alto na ordem dos elementos. Este cavalo era alado, muito veloz e, descrevendo o maior círculo, englobava todos os outros. Ele brilhava com a luz mais pura, e em seu corpo estavam as imagens do sol, da lua, das estrelas e de todos os corpos nas regiões etéreas. O segundo cavalo, significando o elemento ar, era Juno. Era inferior ao cavalo de Júpiter e descrevia um círculo menor; sua cor era preta, mas a parte exposta ao sol se tornava luminosa, significando assim as condições

diurnas e noturnas do ar. O terceiro cavalo, simbolizando o elemento água, era sagrado para Netuno. Ele tinha um andar pesado e descrevia um círculo muito pequeno. O quarto cavalo, significando o elemento estático da terra, descrito como imóvel e mordendo seu freio, era o corcel de Vesta. Apesar de suas diferenças de temperatura, esses quatro cavalos viviam harmoniosamente juntos, o que está de acordo com os princípios dos filósofos, que declararam que o mundo seria preservado pela concórdia e harmonia de seus elementos. Com o tempo, no entanto, o cavalo de corrida de Júpiter queimou a crina do cavalo da terra; o corcel trovejante de Netuno também ficou coberto de suor, que transbordou o cavalo imóvel de Vesta e resultou no dilúvio de Deucalião. Por fim, o cavalo de fogo de Júpiter consumirá o resto, quando os três elementos inferiores — purificados pela reabsorção no éter de fogo — surgirão renovados, constituindo "um novo céu e uma nova terra".

Quando o quinto selo foi aberto, São João viu aqueles que tinham morrido pela palavra de Deus. Quando o sexto selo foi quebrado, houve um grande terremoto, o sol escurecendo e a lua se tornando como sangue. Os anjos dos ventos saíram e também outro anjo, que selou em suas testas 144.000 dos filhos de Israel para que fossem preservados contra o terrível dia da tribulação. Ao somar os dígitos de acordo com o sistema pitagórico de filosofia numérica, o número 144.000 é reduzido para 9, o símbolo místico do homem e também o número da iniciação, pois aquele que passa pelos nove graus dos Mistérios recebe o sinal da cruz como emblemático de sua regeneração e libertação da escravidão de sua própria natureza infernal ou inferior. A adição das três cifras ao número sagrado original 1,44 indica a elevação do mistério à terceira esfera.

Quando o sétimo selo foi quebrado, houve silêncio pelo espaço de meia hora. Então saíram sete anjos e a cada um foi dada uma trombeta. Quando os sete anjos soaram suas trombetas — entoaram o Nome de sete letras do Logos — grandes catástrofes aconteceram. Uma estrela, que era chamada Absinto, caiu do céu, significando assim que a doutrina secreta dos antigos havia sido dada a homens que a profanaram e fizeram com que a sabedoria de Deus se tornasse uma agência destrutiva. E outra estrela — simbolizando a falsa luz da razão humana como distinta da razão divina do iniciado — caiu do céu e a ela (razão materialista) foi dada a chave para o poço sem fundo (Natureza), que ela abriu, fazendo com que todo tipo de criaturas malignas saíssem. E veio também um anjo poderoso que estava vestido em uma nuvem, cujo rosto era como o sol e seus pés e pernas como pilares de fogo, e um pé estava sobre as águas e o outro sobre a terra (o Anthropos Hermético). Este ser celestial deu a São João um pequeno livro, ordenando-lhe que o comesse, o que o vidente fez. O livro é representativo da doutrina secreta - aquele alimento espiritual que é a nutrição do espírito. E São João, estando "no espírito", comeu até se fartar da sabedoria de Deus e a fome de sua alma foi saciada.

O décimo segundo capítulo trata de uma grande maravilha que aparece nos céus: uma mulher vestida com o sol, a lua sob seus pés e sobre sua cabeça uma coroa de doze estrelas. Esta mulher representa a constelação de Virgem e também a egípcia Ísis, que, prestes a dar à luz seu filho Hórus, é atacada por Tífon, este último tentando destruir a criança predestinada pelos deuses para matar o

A VISÃO DE JOÃO SOBRE A NOVA JERUSALÉM.

Da Historiae Biblicae Veteris et Novi Testamenti de Klauber .

No canto superior esquerdo é mostrada a destruição da Babilônia, também o anjo que lançou a grande pedra de moinho no mar, dizendo: "Assim com violência será lançada a grande cidade Babilônia e não será mais encontrada." Abaixo está o cavaleiro, chamado Fiel e Verdadeiro, lançando a besta no poço sem fundo. No canto inferior direito está o anjo com a chave do poço sem fundo, que com uma grande corrente prende Satanás por mil anos. Nos céus acima é representado alguém semelhante ao Filho do Homem, que carrega uma grande foice com a qual ele colhe a colheita do mundo. No centro está a Cidade Santa, a Nova Jerusalém, com seus doze portões e a montanha do Cordeiro erguendo-se no meio dela. Do trono do Cordeiro jorra o grande rio de cristal, ou água viva, significando a doutrina espiritual: a todos que descobrem e bebem de suas águas é conferida a imortalidade. Ajoelhado sobre um penhasco alto, São João olha para baixo sobre a cidade mística, o arquétipo da civilização perfeita ainda por vir. Acima da Nova Jerusalém, em um grande raio de sol de glória, está o trono do Antigo, que é a luz daqueles que habitam o império incomparável do espírito. Além do reconhecimento do mundo não iniciado, há uma agregação cada vez maior composta de eleitos espirituais. Embora andem na Terra como mortais comuns, eles são de um mundo à parte e, por meio de seus esforços incessantes, o reino de Deus está sendo lentamente, mas seguramente, estabelecido na Terra. Essas almas iluminadas são os construtores da Nova Jerusalém, e seus corpos são as pedras vivas em suas paredes. Iluminados pela tocha da verdade, eles continuam seu trabalho; por meio de suas atividades, a era de ouro retornará à Terra e o poder do pecado e da morte será destruído. Por essa razão, eles declaram que homens virtuosos e iluminados, em vez de ascender ao céu, trarão o céu para baixo e o estabelecerão no meio da própria Terra.

Espírito do Mal. A guerra no céu se relaciona com a destruição do planeta Ragnarok e com a queda dos anjos. A virgem pode ser interpretada como significando a doutrina secreta em si e seu filho, o iniciado, nascido do "ventre dos Mistérios". O Espírito do Mal, assim personificado no grande dragão, tentou controlar a humanidade destruindo a mãe daquelas almas iluminadas que trabalharam incessantemente pela salvação do mundo. Asas foram dadas aos Mistérios (a

virgem) e eles voaram para o deserto; e o dragão maligno tentou destruí-los com uma inundação (de falsa doutrina), mas a terra (esquecimento) engoliu as falsas doutrinas e os Mistérios resistiram.

O décimo terceiro capítulo descreve uma grande besta que surgiu do mar, tendo sete cabeças e dez chifres. Faber vê neste monstro anfíbio o Demiurgo, ou Criador do mundo, surgindo do Oceano do Caos. Enquanto a maioria dos intérpretes do Apocalipse considera as várias bestas descritas ali como típicas de agências malignas, este ponto de vista é o resultado inevitável da falta de familiaridade com as doutrinas antigas das quais o simbolismo do livro é derivado. Astronomicamente, o grande monstro surgindo do mar é a constelação de Cetus (a baleia). Como os ascetas religiosos viam o próprio universo como uma fabricação maligna e enredadora, eles também passaram a considerar seu próprio Criador como um tecelão de ilusões. Assim, o grande monstro marinho (o mundo) e seu Criador (o Demiurgo), cuja força é derivada do Dragão do Poder Cósmico, passaram a ser personificados como uma besta de horror e destruição, buscando engolir a parte imortal: da natureza humana. As sete cabeças do monstro representam as sete estrelas (espíritos) que compõem a constelação da Ursa Maior, chamada pelos hindus de Rishis , ou Espíritos Criativos Cósmicos. Os dez chifres que Faber relaciona aos dez patriarcas primordiais. Eles também podem denotar o antigo zodíaco de dez signos.

O número da besta (666) é um exemplo interessante do uso do Qabbalismo no Novo Testamento e entre os primeiros místicos cristãos. Na tabela a seguir, Kircher mostra que os nomes do Anticristo, conforme dados por Iranæus, têm todos 666 como seu equivalente numérico.

T 300	A 30	A 1	A 30
e 5	um 1	v 50	um 1
eu 10	um 40	t 300	t 300
um 1	e 5	um 40	eu 10
v 50	t 300	o 70	v 50
eu 10	c 200	0 70	
c 200		c 200	
666	666	666	666

James Morgan Pryse também observa que, de acordo com esse método de cálculo, o termo grego ἡ φρην, que significa a mente inferior, tem 666 como seu equivalente numérico. Também é bem conhecido pelos cabalistas que Ἰησους, Jesus, tem como valor numérico outro número sagrado e secreto — 888. Adicionar os dígitos do número 666 e novamente adicionar os dígitos da soma dá o número sagrado — 9, o símbolo do homem em seu estado não regenerado e também o caminho de sua ressurreição.

O décimo quarto capítulo abre com o Cordeiro em pé no Monte Sião (o horizonte oriental), ao redor Dele reunidos os 144.000 com o nome de Deus escrito em suas testas. Um anjo então anuncia a queda da Babilônia — a cidade da confusão ou mundanismo. Perecem aqueles que não superam o mundanismo e entram na compreensão de que o espírito — e não a matéria — é duradouro; pois, não tendo interesses além daqueles que são materiais, eles são varridos para a destruição com o mundo material. E São João viu Alguém semelhante ao Filho do Homem (Perseu) cavalgando sobre uma nuvem (as substâncias do mundo invisível) e carregando em sua mão uma foice afiada, e com a foice o Brilhante ceifou a terra. Este é um símbolo do Iniciador liberando na esfera da realidade as naturezas superiores daqueles que, simbolizados pelo grão amadurecido, atingiram o ponto de libertação. E veio outro anjo (Boötes) — a Morte — também com uma foice (Karma), que ceifou as vinhas da terra (aqueles que viveram pela falsa luz) e os lançou no lagar da ira de Deus (as esferas do purgatório).

Os capítulos quinze a dezoito inclusive contêm um relato de sete anjos (as Plêiades) que derramam seus frascos sobre a terra. O conteúdo de seus frascos (a energia solta do Touro Cósmico) é chamado de as sete últimas pragas. Aqui também é introduzida uma figura simbólica, denominada "a prostituta da Babilônia", que é descrita como uma mulher sentada sobre uma besta de cor escarlate com sete cabeças e dez chifres. A mulher estava vestida de púrpura e escarlate e enfeitada com ouro, pedras preciosas e pérolas, tendo em sua mão uma taça de ouro cheia de abominações. Esta figura pode ser um esforço (provavelmente interpolado) para difamar Cibele, ou Ártemis, a Grande Deusa Mãe da antiguidade. Como os pagãos veneravam a Mater Deorum por meio de símbolos apropriados ao princípio generativo feminino, eles foram acusados pelos primeiros cristãos de adorar uma cortesã. Como quase todos os Mistérios antigos incluíam um teste do caráter moral do neófito, a tentadora (a alma animal) é aqui retratada como uma deusa pagã.

Nos capítulos dezenove e vinte é apresentada a preparação daquele sacramento místico chamado o casamento do Cordeiro. A noiva é a alma do neófito, que atinge a imortalidade consciente unindo-se à sua própria fonte espiritual. Os céus se abriram mais uma vez e São João viu um cavalo branco, e o cavaleiro (a mente iluminada) que estava sentado nele era chamado Fiel e Verdadeiro . De sua boca saiu uma espada afiada e os exércitos do céu o seguiram. Nas planícies do céu foi travado o Armagedom místico - a última grande guerra entre a luz e a escuridão. As forças do mal sob o persa Ahriman lutaram contra as forças do bem sob Ahura-Mazda. O mal foi vencido e a besta e o falso profeta lançados em um lago de enxofre ardente. Satanás foi amarrado por mil anos. Então seguiu-se o último julgamento; os livros foram abertos, incluindo o livro da vida. Os mortos foram julgados de acordo com suas obras e aqueles cujos nomes não estavam no livro da vida foram lançados em um mar de fogo. Para o neófito, o Armagedom representa a última luta entre a carne e o espírito quando, finalmente superando o mundo, a alma iluminada se eleva à união com seu Eu espiritual. O julgamento significa a pesagem da alma e foi emprestado dos Mistérios de Osíris. A ressurreição dos mortos de seus túmulos e do mar da ilusão representa a consumação do processo de regeneração humana. O mar de fogo no qual são lançados aqueles que falham na provação da iniciação significa a esfera ígnea do mundo animal.

Nos capítulos vigésimo primeiro e vigésimo segundo são retratados o novo céu e a nova terra a serem estabelecidos no final do reinado de Ahriman. São João, levado em espírito a uma grande e alta montanha (o cérebro), contemplou a Nova Jerusalém descendo como uma noiva adornada para seu marido. A Cidade Santa representa o mundo regenerado e aperfeiçoado, o verdadeiro silhar do maçom, pois a cidade era um cubo perfeito, sendo escrito, "o comprimento, a largura e a altura dela são iguais." A fundação da Cidade Santa consistia em cento e quarenta e quatro pedras em doze fileiras, das quais é evidente que a Nova Jerusalém representa o microcosmo, modelado segundo o universo maior em que ela: se encontra. Os doze portões deste dodecaedro simbólico são os signos do zodíaco através dos quais os impulsos celestes descem para o mundo inferior; as joias são as pedras preciosas dos signos zodiacais; e as ruas douradas transparentes são os fluxos de luz espiritual ao longo dos quais o iniciado passa em seu caminho em direção ao sol. Não há templo material naquela cidade, pois Deus e o Cordeiro são o templo; e não há sol nem lua, pois Deus e o Cordeiro são a luz. O iniciado glorificado e espiritualizado é aqui retratado como uma cidade. Esta cidade será finalmente unida ao espírito de Deus e absorvida na Efulgência Divina.

E São João contemplou um rio, a Água da Vida, que procedia do trono do Cordeiro. O rio representa o fluxo que jorra do Primeiro Logos, que é a vida de todas as coisas e a causa ativa de toda a criação. Havia também a Árvore da Vida (o espírito) produzindo doze tipos de frutos, cujas folhas eram para a cura das nações. Pela árvore também é representado o ano, que a cada mês produz algum bem para a manutenção das criaturas existentes. Jesus então diz a São João que Ele é a raiz e a descendência de Davi e da brilhante estrela da manhã (Vênus). São João conclui com as palavras: "A graça de nosso Senhor Jesus Cristo esteja com todos vocês. Amém."

OS QUATRO CAVALEIROS DO APOCALIPSE.

Da Bíblia de Solis .

Na alegoria dos quatro cavaleiros--de acordo com os mistérios da filosofia--é apresentada a condição do homem durante os estágios de sua existência. Em seu primeiro e espiritual estado ele é coroado. Conforme ele desce para o reino da experiência ele carrega a espada. Alcançando a expressão física--que é seu estado menos espiritual--ele carrega a balança, e pela "morte filosófica" é liberado novamente para as esferas mais altas. Nos antigos jogos romanos a carruagem do sol era puxada por quatro cavalos de cores diferentes e os cavaleiros do Apocalipse podem ser interpretados para representar a energia solar cavalgando sobre os quatro elementos que servem como mídia para sua expressão.

A fé do islamismo

REPRESENTANTE da atitude da cristandade em relação ao islamismo, pelo menos até os últimos anos, é o posfácio de Alexander Ross à versão anglicizada, publicada em 1649, da tradução francesa do Alcorão por Sieur Du Ryer . O autor do posfácio dirige a seguinte invectiva contra Maomé e o Alcorão:

"Bom Leitor, o grande Impostor Árabe, agora finalmente depois de mil anos, chegou à Inglaterra por meio da França, e seu Alcorão, ou galimaufria de erros (um pirralho tão deformado quanto o pai, e tão cheio de heresias quanto sua cabeça escaldada estava de escorbuto) aprendeu a falar inglês. * * * Se você der uma breve olhada no Alcorão, verá que ele é uma miscelânea composta destes quatro ingredientes: 1. De Contradições. 2. De Blasfêmia. 3. De Fábulas ridículas. 4. De Mentiras."

A acusação de blasfêmia é enfatizada contra Maomé porque ele afirmou que Deus, sendo solteiro, era incapaz de ter um Filho! O argumento falacioso, no entanto, é aparente a partir das próprias visões do Profeta sobre a natureza de Deus, conforme contidas na segunda sura do Alcorão:

"A Allah [Deus] pertence o oriente e o ocidente; portanto, para onde quer que vos volteis para orar, ali está a face de Allah; pois Allah é onipresente e onisciente. Eles dizem: Allah gerou filhos: Allah nos livre! A ele pertence tudo o que está no céu e na terra; tudo é possuído por ele, o Criador do céu e da terra; e quando ele decreta uma coisa, ele apenas diz: Seja, e ela é." Em outras palavras, o Deus do Islã tem apenas que desejar e o objeto desse desejo imediatamente vem a ser, enquanto o Deus de Alexander Ross deve proceder de acordo com as leis da geração humana!

Maomé, Profeta do Islã, "o desejado de todas as nações", nasceu em Meca, em 570 d.C. (?) e morreu em Medina, em 632 d.C., ou no décimo primeiro ano após a Hégira . Washington Irving descreve assim os sinais e maravilhas que acompanharam o nascimento do Profeta:

"Sua mãe não sofreu nenhuma das dores do parto. No momento de sua vinda ao mundo, uma luz celestial iluminou o país ao redor, e a criança recém-nascida, erguendo os olhos para o céu, exclamou: 'Deus é grande! Não há Deus senão Deus, e eu sou seu profeta!' Céu e terra, temos certeza, ficaram agitados com sua chegada. O Lago Sawa encolheu de volta para suas fontes secretas, deixando suas fronteiras secas; enquanto o Tigre, rompendo seus limites, inundou as terras vizinhas. O palácio de Khosru, o rei da Pérsia, tremeu em suas fundações, e várias

de suas torres foram derrubadas. * * * Na mesma noite agitada, o fogo sagrado de Zoroastro, que, guardado pelos Magos, havia queimado sem interrupção por mais de mil anos, foi subitamente extinto, e todos os ídolos do mundo caíram." (Veja Maomé e Seus Sucessores .)

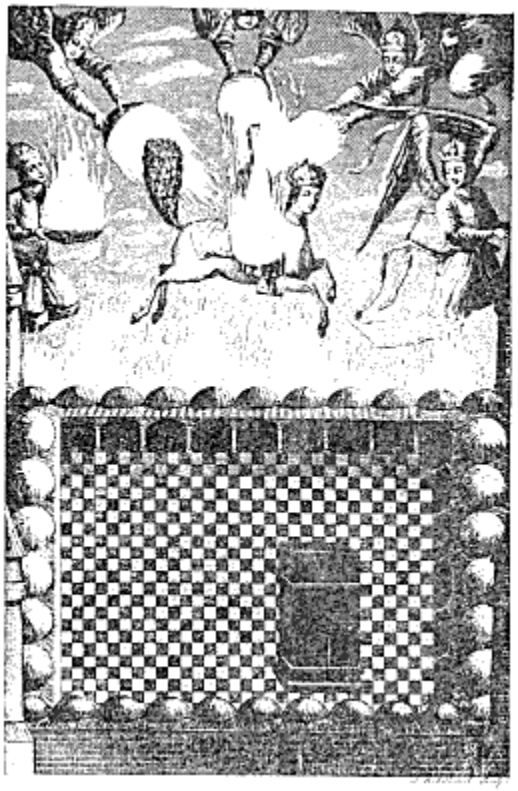
Enquanto o Profeta ainda era apenas um bebê, o Anjo Gabriel com setenta asas veio até ele, e cortando a criança, retirou o coração. Este Gabriel limpou da gota negra do pecado original que está em todo coração humano por causa da perfídia de Adão e então devolveu o órgão ao seu devido lugar no corpo do Profeta. (Veja nota de rodapé na tradução do Alcorão de EH Palmer .)

Em sua juventude, Maomé viajou com as caravanas de Meca, em uma ocasião atuou como escudeiro de seu tio e passou um tempo considerável entre os beduínos, de quem aprendeu muitas das tradições religiosas e filosóficas da antiga Arábia. Enquanto viajava com seu tio, Abu Taleb, Maomé contatou os cristãos nestorianos, tendo acampado em uma certa noite perto de um de seus monastérios. Aqui, o jovem futuro profeta garantiu muitas de suas informações sobre a origem e as doutrinas da fé cristã.

Com o passar dos anos, Mohammed alcançou sucesso marcante nos negócios e, quando tinha cerca de vinte e seis anos, casou-se com uma de suas empregadoras, uma viúva rica quase quinze anos mais velha. A viúva, chamada Khadijah, era aparentemente um tanto mercenária, pois, achando seu jovem gerente de negócios muito eficiente, ela resolveu mantê-lo nessa função pelo resto da vida! Khadijah era uma mulher de mentalidade excepcional e à sua integridade e devoção deve ser atribuído o sucesso inicial da causa islâmica. Com seu casamento, Mohammed foi elevado de uma posição de pobreza comparativa para uma de grande riqueza e poder, e sua conduta foi tão exemplar que ele se tornou conhecido em toda Meca como "o fiel e verdadeiro".

Maomé teria vivido e morrido como um mecano honrado e respeitado se não tivesse sacrificado sem hesitação tanto sua riqueza quanto sua posição social a serviço do Deus cuja voz ele ouviu enquanto meditava na caverna do Monte Hira no mês do Ramadã. Ano após ano, Maomé escalou as encostas rochosas e desoladas do Monte Hira (desde então chamado Jebel Nur, "a Montanha da Luz") e aqui em sua solidão clamou a Deus para revelar novamente a religião pura de Adão, aquela doutrina espiritual perdida para a humanidade através das dissensões de facções religiosas. Khadijah, solícita sobre as práticas ascéticas de seu marido que estavam prejudicando sua saúde física, às vezes o acompanhava em sua vigília cansativa, e com intuição feminina sentia o trabalho de sua alma. Finalmente, uma noite em seu quadragésimo ano, enquanto ele estava deitado no chão da caverna, envolto em seu manto, uma grande luz irrompeu sobre ele. Dominado por uma sensação de perfeita paz e compreensão na bem-aventurança da presença celestial, ele perdeu a consciência. Quando ele voltou a si, o anjo Gabriel estava diante dele, exibindo um xale de seda com caracteres misteriosos traçados nele. Destes caracteres, Maomé ganhou as doutrinas básicas mais tarde incorporadas no Alcorão. Então Gabriel falou com uma voz clara e maravilhosa, declarando que Maomé era o Profeta do Deus vivo.

Com admiração e tremor, Maomé correu até Khadijah, temendo que a visão tivesse sido inspirada pelos mesmos espíritos malignos que serviam aos mágicos pagãos tão desprezados por ele, Khadijah.



A VIAGEM NOTURNA DE MAOMÉ AO CÉU.

Do Tableau Général de l'Empire Othoman de D'Ohsson .

Na décima sétima sura do Alcorão está escrito que em certa noite Maomé foi transportado do templo de Meca para o de Jerusalém, mas nenhum detalhe é dado sobre a estranha jornada. No Mishkāteu 'l-Masabih , Maomé é feito para descrever sua ascensão através dos sete céus para a presença gelada do Deus velado e seu subsequente retorno para sua própria cama, tudo em uma única noite. Maomé foi acordado durante a noite pelo anjo Gabriel, que, após remover o coração do Profeta, lavou a cavidade com água Zamzam e encheu o próprio coração com fé e ciência. Uma criatura estranha, chamada Alborak , ou o relâmpago , foi trazida para o transporte do Profeta. Alborak é descrito como um animal branco do formato e tamanho de uma mula, com cabeça de mulher e cauda de pavão. De acordo com algumas versões, Maomé apenas cavalgou Alborak até Jerusalém, onde, desmontando no Monte Moriá, ele agarrou o degrau mais baixo de uma escada dourada baixada do céu e, acompanhado por Gabriel, ascendeu através das sete esferas que separavam a terra da superfície interna do empíreo. No portão de cada esfera estava um dos Patriarcas, a quem Maomé saudou ao entrar nos vários planos. No portão do primeiro céu estava Adão; no portão do segundo, João e Jesus (filhos das irmãs); no terceiro, José; no quarto, Enoque; no quinto, Arão; no sexto, Moisés; e no sétimo, Abraão. Outra ordem dos Patriarcas e profetas é dada, que

coloca Jesus no portão do sétimo céu, e ao chegar a este Ponto, Maomé teria pedido a Jesus que intercedesse por ele diante do trono de Deus.

assegurou-lhe que sua própria vida virtuosa seria sua proteção e que ele não precisaria temer nenhum mal. Assim tranquilizado, o Profeta aguardou novas visitas de Gabriel. Quando estas não vieram, no entanto, tal desespero encheu sua alma que ele tentou a autodestruição, apenas para ser parado no próprio ato de se lançar de um penhasco pelo súbito reaparecimento de Gabriel, que novamente assegurou ao Profeta que as revelações necessárias para seu povo seriam dadas a ele conforme a necessidade surgisse.

Possivelmente como resultado de seus períodos solitários de meditação, Maomé aparentemente estava sujeito a desmaios extáticos. Nas ocasiões em que as várias suras do Alcorão foram ditadas, ele teria caído inconsciente e, independentemente do frio do ar ao redor, teria ficado coberto de gotas de suor. Muitas vezes, esses ataques vinham sem aviso; em outras ocasiões, ele se sentava enrolado em um cobertor para evitar um calafrio devido à transpiração abundante e, embora aparentemente inconsciente, ditava as várias passagens que um pequeno círculo de amigos de confiança memorizaria ou reduziria a escrito. Em uma ocasião, mais tarde na vida, quando Abu Bekr se referiu aos cabelos grisalhos em sua barba, Maomé, levantando a ponta de sua barba e olhando para ela, declarou que sua brancura era devido à agonia física que acompanhava seus períodos de inspiração.

Se os escritos atribuídos a Maomé forem considerados meramente alucinações de um epiléptico — e por essa razão desconsiderados — seus detratores cristãos devem tomar cuidado para que, com as doutrinas do Profeta, eles também não minem os próprios ensinamentos que eles mesmos afirmam, pois muitos dos discípulos, apóstolos e santos da igreja primitiva são conhecidos por terem sido sujeitos a distúrbios nervosos. A primeira convertida de Maomé foi sua própria esposa, Khadijah, que foi seguida por outros membros de sua família imediata, uma circunstância que levou Sir William Muir a observar:

"É fortemente corroborativo da sinceridade de Maomé que os primeiros convertidos ao islamismo não eram apenas de caráter honesto, mas também seus próprios amigos íntimos e pessoas de sua casa; que, intimamente familiarizados com sua vida privada, não poderiam deixar de detectar aquelas discrepâncias que sempre existem mais ou menos entre as profissões do enganador hipócrita no exterior e suas ações em casa." (Veja A Vida de Maomé .)

Entre os primeiros a aceitar a fé do islamismo estava Abu Bekr, que se tornou o amigo mais próximo e fiel de Maomé, na verdade seu alter ego. Abu Bekr, um homem de realizações brilhantes, contribuiu materialmente para o sucesso do empreendimento do Profeta e, de acordo com o desejo expresso do Profeta, tornou-se o líder dos fiéis após a morte de Maomé. A'isha, a filha de Abu Bekr, mais tarde se tornou a esposa de Maomé, cimentando ainda mais o vínculo de fraternidade entre os dois homens. Silenciosamente, mas laboriosamente, Maomé promulgou suas doutrinas entre um pequeno círculo de amigos poderosos. Quando o entusiasmo de seus seguidores finalmente o forçou a agir e ele anunciou publicamente sua missão, ele já era o líder de uma facção forte e bem organizada.

Temendo o crescente prestígio de Maomé, o povo de Meca, renunciando à tradição consagrada de que sangue não poderia ser derramado dentro da cidade sagrada, decidiu exterminar o islamismo assassinando o Profeta. Todos os diferentes grupos se uniram nesse empreendimento para que a culpa pelo crime pudesse ser distribuída de forma mais uniforme. Descobrindo o perigo a tempo, Maomé deixou seu amigo Ali em sua cama e fugiu com Abu Bekr da cidade, e depois de habilmente iludir os mecanos, juntou-se ao corpo principal de seus seguidores que o precederam em Yathrib (depois chamada Medina). Sobre esse incidente — chamado de Hégira ou "fuga" — é baseado o sistema cronológico islâmico.

Datando da Hégira, o poder do Profeta cresceu firmemente até que no oitavo ano Maomé entrou em Meca após uma vitória praticamente sem derramamento de sangue e a estabeleceu como o centro espiritual de sua fé. Plantando seu estandarte ao norte de Meca, ele entrou na cidade e, após circundar sete vezes a sagrada Caaba , ordenou que as 360 imagens dentro de seus arredores fossem cortadas. Ele então entrou na própria Caaba, limpou-a de suas associações idólatras e rededicou a estrutura a Alá, o Deus monoteísta do Islã. Maomé então concedeu anistia a todos os seus inimigos por suas tentativas de destruí-lo. Sob sua proteção, Meca aumentou em poder e glória, tornando-se o ponto focal de uma grande peregrinação anual, que até hoje serpenteia pelo deserto nos meses de peregrinação e conta com mais de sessenta mil em seu séquito.

No décimo ano após a Hégira, Maomé liderou a peregrinação de despedida e, pela última vez, cavalgou à frente dos fiéis ao longo do caminho sagrado que levava a Meca e à Pedra Negra. Como a premonição da morte era forte sobre ele, ele desejou que esta peregrinação fosse o modelo perfeito para todos os milhares que se seguiriam.

"Consciente de que a vida estava se esvaindo dentro dele", escreve Washington Irving, "Maomé, durante sua última estada na cidade sagrada de sua fé, procurou gravar suas doutrinas profundamente nas mentes e corações de seus seguidores. Para esse propósito, ele pregou frequentemente na Caaba do púlpito, ou ao ar livre na parte de trás de seu camelo. 'Ouçam minhas palavras', ele diria, 'pois não sei se, depois deste ano, nos encontraremos aqui novamente. Oh, meus ouvintes, sou apenas um homem como vocês; o anjo da morte pode aparecer a qualquer momento, e devo obedecer a sua convocação.' Enquanto pregava, os próprios céus teriam se aberto e a voz de Deus falou, dizendo: "Hoje eu aperfeiçoei sua religião e realizei em vocês minha graça." Quando essas palavras foram proferidas, a multidão caiu em adoração e até mesmo o camelo de Maomé se ajoelhou. (Veja Maomé e seus sucessores .) Tendo completado a peregrinação de despedida, Maomé retornou a Medina.

No sétimo ano após a Hégira (AH 7), uma tentativa foi feita em Kheibar para envenenar o Profeta. Quando Maomé deu o primeiro gole da comida envenenada, o desígnio maligno foi revelado a ele pelo gosto da carne ou, como os fiéis acreditam, pela intercessão divina. Ele já havia engolido uma pequena porção da comida, no entanto, e pelo resto de sua vida sofreu quase constantemente com os efeitos do veneno. Em AH 11, quando sua doença final o atingiu, Maomé insistiu que os efeitos sutis do veneno eram a causa indireta de seu fim que se aproximava. É

relatado que durante sua última doença ele se levantou uma noite e visitou um cemitério nos arredores de Medina, evidentemente acreditando que ele também logo seria contado com os mortos. Neste momento, ele disse a um atendente que a escolha lhe fora oferecida de continuar sua vida física ou ir ao seu Senhor, e que ele havia escolhido encontrar seu Criador.

Mohammed sofreu muito com sua cabeça e lado e também de febre, mas em 8 de junho parecia convalescente. Ele se juntou a seus seguidores em oração e, sentando-se no pátio, deu uma palestra aos fiéis em uma voz clara e poderosa. Aparentemente, ele sobrecarregou suas forças, pois era necessário ajudá-lo a entrar na casa de A'isha, que dava para o pátio da mesquita. Aqui, sobre um catre resistente colocado no chão nu, o profeta do Islã passou suas últimas duas horas na terra. Quando viu que seu velho marido estava sofrendo intensa dor, A'isha - então apenas uma menina de vinte anos - levantando a cabeça grisalha do homem que ela conhecia desde a infância e que deve ter parecido mais um pai do que um marido, o apoiou em seus braços até o fim. Sentindo que a morte estava sobre ele, Mohammed orou: "Ó Senhor, eu imploro a Ti, ajude-me nas agonias da morte." Então, quase em um sussurro, ele repetiu três vezes: "Gabriel, chegue perto de mim." (Para mais detalhes, consulte A Vida de Maomé , de Sir William Muir.) Em O Herói como Profeta , Thomas Carlyle escreve assim sobre a morte de Maomé: "Suas últimas palavras foram uma prece, exclamações entrecortadas de um coração lutando com esperança trêmula em direção ao seu Criador."

Mohammed foi enterrado sob o piso do apartamento em que morreu. A condição atual do túmulo é assim descrita:

"Acima da Hujrah há uma cúpula verde, encimada por um grande crescente dourado, surgindo de uma série de globos. Dentro do edifício estão os túmulos de Muhammad, Abū Bakr e 'Umar, com um espaço reservado para o túmulo de nosso Senhor Jesus Cristo, que os muçulmanos dizem que visitará novamente a Terra, morrerá e será enterrado em al-Madīnah. O túmulo de Fātimah, a filha do Profeta, supostamente fica em uma parte separada do edifício, embora alguns digam que ela foi enterrada em Baqī'. Diz-se que o corpo do Profeta está esticado em todo o seu comprimento no lado direito, com a palma direita apoiando a bochecha direita, o rosto voltado para Meca. Logo atrás dele está colocado Abū Bakr, cujo rosto está voltado para o ombro de Muhammad, e então 'Umar, que ocupa a mesma posição em relação ao seu predecessor. Entre os historiadores cristãos, há uma história popular no sentido de que os muçulmanos acreditavam que o caixão de seu Profeta estava suspenso no ar, o que não tem fundamento algum na religião muçulmana. literatura, e Niebuhr acha que a história deve ter surgido das imagens rudes vendidas a estranhos. (Veja Um Dicionário do Islã .)

Em relação ao caráter de Maomé, houve os mais grosseiros equívocos. Não há evidências que sustentem as acusações de extrema crueldade e licenciosidade imputadas a ele. Por outro lado, quanto mais de perto a vida de Maomé é examinada por investigadores imparciais, mais aparentes se tornam as qualidades mais refinadas de sua natureza. Nas palavras de Carlyle:

"O próprio Maomé, depois de tudo o que pode ser dito sobre ele, não era um homem sensual. Erramos muito se considerarmos esse homem como um voluptuoso comum, concentrado principalmente em prazeres básicos — não, em prazeres de qualquer tipo. Sua casa era das mais frugal, sua dieta comum era pão de cevada e água. Às vezes, durante meses, não havia um único fogo aceso em sua lareira. * * * Um homem pobre, trabalhador e mal provido; descuidado do que o homem vulgar trabalhava. * * * Eles o chamavam de Profeta, você diz? Ora, ele estava ali, cara a cara com eles; ali, não consagrado em nenhum mistério, visivelmente remendando sua própria capa, remendando seus próprios sapatos, lutando, aconselhando, ordenando no meio deles, eles devem ter visto que tipo de homem ele era, deixe-o ser chamado do que você quiser! Nenhum imperador com suas tiaras foi obedecido como esse homem em uma capa de sua própria capa."

Confuso com a tarefa aparentemente impossível de reconciliar a vida do Profeta com as declarações absurdas há muito aceitas como autênticas, Washington Irving o avalia na balança da justiça.

"Seus triunfos militares não despertaram orgulho nem vanglória, como teriam feito se tivessem sido efetuados para propósitos egoístas. No tempo de seu maior poder, ele manteve a mesma simplicidade de maneiras e aparências como nos dias de sua adversidade. * * * É essa abnegação perfeita de si mesmo, conectada com essa aparente piedade sincera, que percorre as várias fases de sua fortuna, que deixa alguém perplexo ao formar uma estimativa justa do caráter de Maomé. * * * Quando ele pairava sobre o leito de morte de seu filho pequeno Ibrahim, a resignação à vontade de Deus foi exibida em sua conduta sob essa mais aguda das aflições; e a esperança de logo se juntar a seu filho no Paraíso era seu consolo." (Veja Maomé e Seus Sucessores .)

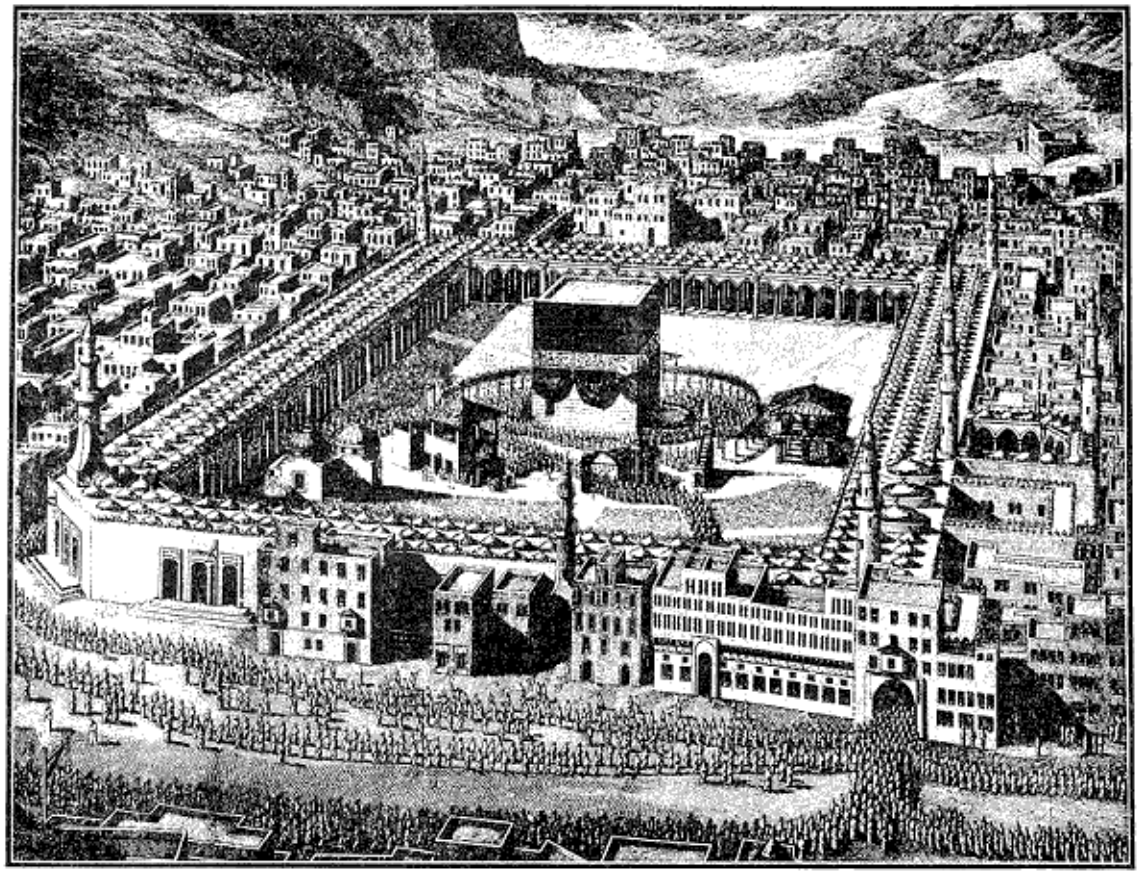
A'isha, questionada após a morte do Profeta sobre seus hábitos, respondeu que ele consertava suas próprias roupas, remendava seus próprios sapatos e a ajudava nas tarefas domésticas. Quão distante dos conceitos ocidentais do caráter sanguinário de Maomé está a simples admissão de A'isha de que ele amava costurar acima de tudo! Ele também aceitou os convites de escravos e sentou-se às refeições com servos, declarando-se um servo. De todos os vícios, ele odiava mais a mentira. Antes de sua morte, ele libertou todos os seus escravos. Ele nunca permitiu que sua família usasse para fins pessoais nenhuma das esmolas ou dízimos dados por seu povo. Ele gostava de doces e usava água da chuva para beber. Seu tempo ele dividiu em três partes, a saber: a primeira ele deu a Deus, a segunda para sua família e a terceira para si mesmo. A última parte, no entanto, ele mais tarde sacrificou ao serviço de seu povo. Ele se vestia principalmente de branco, mas também usava vermelho, amarelo e verde. Maomé entrou em Meca usando um turbante preto e

carregando um estandarte preto. Ele usava apenas as vestes mais simples, declarando que vestes ricas e chamativas não ficavam bem em piedosos, e não tirava os sapatos durante a oração. Ele se preocupava particularmente com a limpeza dos dentes e, na hora de sua morte, quando estava fraco demais para falar, indicou seu desejo por um palito de dente. Quando temia esquecer algo, o Profeta amarrou um fio em seu anel. Ele já teve um anel de ouro muito fino, mas, notando

que seus seguidores passaram a usar anéis semelhantes em imitação a ele, ele removeu o seu e o jogou fora para que seus seguidores não formassem um mau hábito. (Veja A Vida de Maomé .)

A acusação mais frequente, e aparentemente a mais prejudicial, feita contra Maomé é a de poligamia. Aqueles que sinceramente acreditam que o harém é irreconciliável com a espiritualidade devem, com consistência, mover-se para a expurgação dos Salmos de Davi e dos Provérbios de Salomão da lista de escritos inspirados, pois o harém do Profeta do Islã era insignificante comparado ao mantido pelo rei mais sábio de Israel e o favorito reputado do Altíssimo! A concepção popular de que Maomé ensinou que a mulher não tinha alma e poderia atingir o céu somente através do casamento não é substanciada pelas palavras e atitudes do Profeta durante sua vida. Em um artigo intitulado The Influence of Islam on Social Conditions , lido no Parlamento Mundial das Religiões realizado em Chicago, em 1893, Mohammed Webb declara a acusação e responde assim:

"foi dito que Maomé e o Alcorão negaram uma alma à mulher e a classificaram com os animais. O Alcorão a coloca



A CAABA, O LUGAR SAGRADO DO ISLÃ.

Seção do panorama de Meca no Tableau Général de l'Empire Othman de D'Ohsson .

A Caaba, ou edifício em forma de cubo no meio do grande pátio da mesquita em Meca, é o local mais sagrado do mundo islâmico. Em direção a ela, os seguidores do Profeta devem se voltar cinco vezes ao dia nas horas designadas de oração. Como os devotos de quase todas as outras religiões, o muçulmano originalmente se voltava para o leste durante a oração, mas por um decreto posterior ele foi ordenado a virar o rosto em direção a Meca.

Pouco se sabe sobre a história da Caaba antes de sua rededicação como uma mesquita muçulmana, além de que o edifício era um templo pagão. Na época em que o Profeta capturou Meca, a Caaba e o pátio ao redor continham 360 ídolos, que foram destruídos por Maomé antes que ele realmente ganhasse acesso ao santuário em si. A "Casa Antiga", como a Caaba é chamada, é um cubo irregular medindo cerca de 38 pés de comprimento, 35 pés de altura e 30 pés de largura. O comprimento de cada parede lateral varia ligeiramente e o das paredes finais mais de um pé. No canto sudeste da parede a uma distância conveniente acima do solo (cerca de cinco pés) está embutida a sagrada e misteriosa pedra negra ou aerólito de Abraão. Quando dada pela primeira vez a esse patriarca pelo anjo Gabriel, esta pedra era de uma brancura tão forte que era visível de todas as partes da terra, mas tarde, tornou-se preta por causa dos pecados do homem. Esta pedra negra, de formato oval e cerca de sete polegadas de diâmetro, foi quebrada no século VII e agora é mantida unida por uma montagem de prata.

De acordo com a tradição, 2.000 anos antes da criação do mundo, a Caaba foi construída pela primeira vez no céu, onde um modelo dela ainda permanece. Adão ergueu a Caaba na terra exatamente abaixo do local no céu ocupado pelo original, e selecionou as pedras das cinco montanhas sagradas Sinai, al-Judī, Hirā, Olivet e Líbano. Dez mil anjos foram nomeados para guardar a estrutura. Na época do Dilúvio, a casa sagrada foi destruída, mas depois foi reconstruída por Abraão e seu filho Ismael. (Para detalhes, veja Um Dicionário do Islã). É provável que o local da Caaba tenha sido originalmente ocupado por um altar de pedra pré-histórico ou anel de monólitos não cortados semelhantes aos de Stonehenge. Como o templo em Jerusalém, a Caaba passou por muitas vicissitudes, e a estrutura atual não é anterior ao século XVII da Era Cristã. Quando Meca foi saqueada em 930 d.C., a famosa pedra negra foi capturada pelos carmatas, em cuja posse permaneceu por mais de vinte anos, e é uma questão discutível se a pedra finalmente devolvida por eles em troca de um resgate principesco era na verdade o bloco original ou um substituto.

O lado da Caaba são os supostos túmulos de Hagar e Ismael, e perto da porta (que está a cerca de sete pés acima do solo) está a pedra sobre a qual Abraão ficou enquanto reconstruía a Caaba. Várias coberturas sempre foram jogadas sobre a estrutura em forma de cubo; a cortina atual, que é substituída anualmente, é um brocado preto bordado em ouro. Pequenos pedaços da cortina antiga são estimados pelos peregrinos como relíquias sagradas.

A entrada para a Caaba é efetuada por um lance de degraus móveis. O interior é revestido com mármore multicolorido, prata e dourado. Embora o edifício seja geralmente concebido para ser sem janelas, este ponto é contestado. O acesso ao telhado é feito através de uma porta prateada. Além dos livros sagrados, a Caaba

contém treze lâmpadas. O grande pátio ao redor do edifício contém uma série de objetos sagrados e é delimitado por uma colunata que originalmente consistia em 360 pilares. Abrindo-se para o pátio estão dezenove portões, o número sagrado e significativo do Ciclo Metônico e também o número de pedras no anel interno de Stonehenge. Sete grandes minaretes elevam-se acima da Caaba, e uma das cerimônias sagradas em conexão com o edifício inclui sete circumambulações sobre a Caaba central em um esforço aparente para retratar o movimento dos corpos celestes.

em uma igualdade perfeita e completa com o homem, e os ensinamentos do Profeta frequentemente a colocam em uma posição superior ao homem em alguns aspectos." O Sr. Webb justifica sua posição citando o trigésimo quinto versículo da trigésima terceira sura do Alcorão:

"Em verdade, os muçulmanos de ambos os sexos, e os verdadeiros crentes de ambos os sexos, e os homens devotos, e as mulheres devotas, e os homens verazes, e as mulheres verazes, e os homens pacientes, e as mulheres pacientes, e os homens humildes, e as mulheres humildes, e os doadores de esmolas de ambos os sexos, e os homens que jejuam, e as mulheres que jejuam, e os homens castos, e as mulheres castas, e aqueles de ambos os sexos que se lembram de Deus frequentemente: para eles, Deus preparou o perdão e uma grande recompensa." Aqui, a obtenção do céu é claramente apresentada como um problema cuja única solução é o mérito individual.

No dia de sua morte, Maomé disse a Fátima, sua amada filha, e Safiya, sua tia: "Trabalhem para que vocês sejam aceitos pelo Senhor, pois eu realmente não tenho poder com Ele para salvá-las de forma alguma." O Profeta não aconselhou nenhuma das mulheres a confiar nas virtudes de seu marido, nem de forma alguma indicou que a salvação da mulher dependesse da fragilidade humana de seu esposo.

Apesar de tudo o contrário, Maomé não é responsável pelas contradições e inconsistências no Alcorão, pois o volume não foi compilado e não assumiu sua forma atual até mais de vinte anos após sua morte. Em seu estado atual, o Alcorão é, em grande parte, uma confusão de boatos através dos quais ocasionalmente brilha um exemplo de inspiração verdadeira. Pelo que se sabe do homem Maomé, é razoável supor que essas porções mais nobres e refinadas representam as doutrinas reais do Profeta; o restante são interpolações óbvias, algumas surgindo de mal-entendidos e outras falsificações diretas calculadas para satisfazer as ambições temporais de conquistar o Islã. Sobre esse assunto, Godfrey Higgins fala com sua perspicácia usual:

"Aqui temos o Alcorão de Maomé e os quatro primeiros patriarcas sinceros e zelosos, e o Alcorão dos conquistadores e magníficos sarracenos — inchados de orgulho e vaidade. O Alcorão do filósofo eclético provavelmente não se adequaria aos conquistadores da Ásia. Um novo deve ser enxertado no antigo, para encontrar uma justificativa para suas enormidades." (Veja Anacalypsis .)

Para os poucos perspicazes, é evidente que Maomé tinha conhecimento daquela doutrina secreta que deve constituir o cerne de toda grande instituição filosófica, religiosa ou ética. Por meio de uma das quatro vias possíveis, Maomé pode ter entrado em contato com os antigos ensinamentos do Mistério: (1) por meio do contato direto com a Grande Escola no mundo invisível; (2) por meio dos monges cristãos nestorianos; (3) por meio do misterioso homem santo que apareceu e desapareceu em intervalos frequentes durante o período em que as suras do Alcorão foram reveladas; (4) por meio de uma escola decadente já existente na Arábia, escola essa que, apesar de seu lapso na idolatria, ainda retinha os segredos do culto da Sabedoria Antiga. Os arcanos do Islã ainda podem ser demonstrados como tendo sido diretamente fundados nos antigos Mistérios pagãos realizados na Caaba séculos antes do nascimento do Profeta; na verdade, é geralmente admitido que muitas das cerimônias agora incorporadas nos Mistérios Islâmicos são sobrevivências da Arábia pagã.

O princípio feminino é repetidamente enfatizado no simbolismo islâmico. Por exemplo, sexta-feira, que é sagrada para a planária Vênus, é o dia sagrado dos muçulmanos; verde é a cor do Profeta e, sendo símbolo de verdura, é inevitavelmente associado à Mãe do Mundo; e tanto o crescente islâmico quanto a cimitarra podem ser interpretados para significar a forma crescente da lua ou de Vênus.

"A famosa 'Pedra de Cabar', Kaaba, Cabir ou Kebir, em Meca", diz Jennings, "que é tão devotamente beijada pelos Fiéis, é um Talismã. Dizem que a figura de Vênus é vista até hoje gravada nela com um crescente. Esta própria Caaba foi a princípio um templo idólatra, onde os árabes adoravam Al-Uzza (Deus e Issa), que é Vênus." (Veja Enoch, The Second Messenger of God , de Kenealy .)

"Os muçulmanos", escreve Sir William Jones, "já são uma espécie de cristãos heterodoxos: são cristãos, se Locke raciocina corretamente, porque acreditam firmemente na concepção imaculada, no caráter divino e nos milagres do MESSIAS; mas são heterodoxos ao negarem veementemente seu caráter de Filho e sua igualdade, como Deus, com o Pai, de cuja unidade e atributos eles nutrem e expressam as ideias mais terríveis; enquanto consideram nossa doutrina como uma blasfêmia perfeita e insistem que nossas cópias das Escrituras foram corrompidas tanto por judeus quanto por cristãos."

As linhas seguintes são declaradas pelos seguidores do Profeta como tendo sido apagadas dos Evangelhos Cristãos: "E quando Jesus, o Filho de Maria, disse, ó filhos de Israel, em verdade eu sou o apóstolo de Deus enviado a vocês, confirmando a lei que foi entregue antes de mim, e trazendo boas novas de um apóstolo que virá depois de mim, e cujo nome será AHMED." No texto atual contendo a profecia de Jesus sobre um consolador que viria depois Dele, é ainda alegado que a palavra consolador deveria ser traduzida como ilustre e que tinha uma referência direta a Maomé; também que as línguas de fogo que desceram sobre os apóstolos no dia de Pentecostes de forma alguma poderiam ser interpretadas como significando o consolador prometido. Quando questionados, no entanto, sobre prova definitiva de que os Evangelhos originais continham essas chamadas referências expurgadas a Maomé, os muçulmanos fazem uma contra-

demanda pela produção dos documentos originais sobre os quais o cristianismo é fundado. Até que tais escritos sejam descobertos, o ponto em disputa deve permanecer uma fonte de controvérsia.

Ignorar a herança da cultura recebida do Islã seria um descuido imperdoável, pois quando o crescente triunfou sobre a cruz no sul da Europa, foi o prenúncio de uma civilização que não teve igual em seus dias. Em Studies in a Mosque , Stanley Lane-Poole escreve:

"Por quase oito séculos sob seus governantes maometanos, a Espanha deu a toda a Europa um exemplo brilhante de um estado civilizado e esclarecido. * * * Arte, literatura e ciência prosperaram como não prosperaram em nenhum outro lugar da Europa. Estudantes afluíram da França, Alemanha e Inglaterra para beber das fontes de aprendizado que fluíam apenas nas cidades dos mouros. Os cirurgiões e médicos da Andaluzia estavam na vanguarda da ciência; as mulheres eram encorajadas a se dedicarem a estudos sérios, e uma médica não era desconhecida entre o povo de Córdoba. Matemática, astronomia e botânica, história, filosofia e jurisprudência, deveriam ser dominadas na Espanha e somente na Espanha."

A Biblioteca de Fontes Originais resume assim os efeitos do Islã:

"Os resultados do Maomé foram grandemente subestimados. No século após a morte de Maomé, ele arrancou a Ásia Menor, a África e a Espanha do cristianismo, mais da metade do mundo civilizado, e estabeleceu uma civilização, a mais alta do mundo durante a Idade das Trevas. Ele levou a raça árabe ao seu mais alto desenvolvimento, elevou a posição das mulheres no Oriente, embora tenha mantido a poligamia, foi intensamente monoteísta e, até que os turcos ganharam o controle, na maior parte encorajou o progresso."

Na mesma obra, entre os grandes cientistas e filósofos islâmicos que fizeram contribuições substanciais ao conhecimento humano estão listados Gerber, ou Djafer, que no século IX lançou as bases da química moderna; Ben Musa, que no século X introduziu a teoria da álgebra; Alhaze, que no século XI fez um estudo profundo da óptica e descobriu o poder de ampliação das lentes convexas; e também no século XI, Avicena, ou Ibn Sina, cuja enciclopédia médica era o padrão de sua época, e o grande cabalista Avicebron, ou Ibn Gebirol.

"Olhando para trás, para a ciência dos maometanos", retoma a autoridade recém-citada, "será visto que eles lançaram as primeiras fundações da química e fizeram avanços importantes na matemática e na óptica. Suas descobertas nunca tiveram a influência que deveriam ter tido no curso da civilização europeia, mas isso ocorreu porque a própria Europa não era esclarecida o suficiente para compreendê-las e utilizá-las. A observação de Gerber de que o ferro oxidado pesa mais do que antes da oxidação teve que ser refeita. Assim como parte de seu trabalho em óptica e muitas de suas descobertas geográficas. Eles contornaram a África muito antes de Vasco da Gama. A composição da pólvora chegou ao norte da Europa por meio deles. Nunca devemos esquecer que as eras das trevas na Europa cristã foram as brilhantes do mundo maometano. No campo da filosofia, os árabes começaram

adotando o neoplatonismo que encontraram na Europa e gradualmente trabalharam de volta a Aristóteles."

O que significa o sutil mistério da fênix renascer a cada seiscentos anos? Fracamente de dentro do santuário dos Mistérios do Mundo é sussurrada a resposta. Seiscentos anos antes de Cristo, a fênix da sabedoria (Pitágoras?) abriu suas asas e morreu no altar da humanidade, consumida pelo fogo sacrificial. Em Nazaré, o pássaro renasceu novamente de suas próprias cinzas, apenas para morrer na árvore que tinha suas raízes no crânio de Adão. Em 600 d.C. apareceu Ahmed (Maomé). Novamente a fênix sofreu, desta vez com o veneno de Kheibar, e de suas cinzas carbonizadas se ergueu para abrir suas asas pela face da Mongólia, onde no século XII Genghis Khan estabeleceu o governo da sabedoria. Circulando o poderoso deserto de Gobi, a fênix novamente desistiu de sua forma, que agora jaz enterrada em um sarcófago de vidro sob uma pirâmide que ostenta sobre si as figuras inefáveis dos Mistérios. Após o lapso de seiscentos anos da morte de Genghis Khan, Napoleão Bonaparte — que acreditava ser o homem do destino — contatou em suas andanças essa estranha lenda do renascimento periódico contínuo da sabedoria? Ele sentiu as asas da fênix se abrindo dentro de si e acreditou que a esperança do mundo havia se encarnado nele? A águia em seu estandarte pode muito bem ter sido a fênix. Isso explicaria por que ele foi movido a acreditar que estava predestinado a estabelecer o reino de Cristo na Terra e é, talvez, a pista para sua amizade pouco compreendida para com os muçulmanos.

Simbolismo indígena americano

O índio norte-americano é por natureza um simbolista, um místico e um filósofo. Como a maioria dos povos aborígenes, sua alma estava em harmonia com as agências cósmicas que se manifestavam ao seu redor. Seus Manidos não apenas controlavam a criação de seus assentos exaltados acima das nuvens, mas também desciam ao mundo dos homens e se misturavam com seus filhos vermelhos. As nuvens cinzentas pairando sobre o horizonte eram a fumaça dos calumets dos deuses, que podiam construir fogueiras de madeira petrificada e usar um cometa como chama. O índio americano povoou as florestas, rios e céus com miríades de seres superfísicos e invisíveis. Existem lendas de tribos inteiras de índios que viviam no fundo dos lagos; de raças que nunca eram vistas durante o dia, mas que, saindo de suas cavernas ocultas, vagavam pela terra à noite e atacavam viajantes incautos; também de índios morcegos, com corpos humanos e asas de morcego, que viviam em florestas sombrias e penhascos inacessíveis e que dormiam pendurados de cabeça para baixo em grandes galhos e afloramentos de rocha. A filosofia do homem vermelho sobre criaturas elementais é aparentemente o resultado de seu contato íntimo com a Natureza, cujas maravilhas inexplicáveis se tornam a causa geradora de tais especulações metafísicas.

Em comum com os primeiros escandinavos, os índios da América do Norte consideravam a Terra (a Grande Mãe) um plano intermediário, delimitado acima por uma esfera celestial (a morada do Grande Espírito) e abaixo por um mundo subterrâneo escuro e aterrorizante (a morada das sombras e dos poderes submundanos). Como os caldeus, eles dividiam o intervalo entre a superfície da

Terra e o céu em vários estratos, um consistindo de nuvens, outro dos caminhos dos corpos celestes e assim por diante. O submundo era similarmente dividido e, como o sistema grego, representava para os iniciados a Casa dos Mistérios Menores. Essas criaturas capazes de funcionar em dois ou mais elementos eram consideradas mensageiras entre os espíritos desses vários planos. A morada dos mortos era presumida como sendo em um lugar distante: nos céus acima, na terra abaixo, nos cantos distantes do mundo ou através de mares amplos. Às vezes, um rio flui entre o mundo dos mortos e o dos vivos, nesse aspecto em paralelo com a teologia egípcia, grega e cristã. Para o índio, o número quatro tem uma santidade peculiar, presumivelmente porque o Grande Espírito criou Seu universo em uma moldura quadrada. Isso sugere a veneração concedida à tétrade pelos pitagóricos, que a consideravam um símbolo adequado do Criador. As narrativas lendárias das estranhas aventuras de heróis intrépidos que, enquanto no corpo físico, penetravam nos reinos dos mortos provam, sem sombra de dúvida, a presença de cultos de Mistério entre os homens vermelhos norte-americanos. Onde quer que os Mistérios fossem estabelecidos, eles eram reconhecidos como os equivalentes filosóficos da morte, pois aqueles que passavam pelos rituais experimentavam todas as condições pós-morte enquanto ainda estavam no corpo físico. Na consumação do ritual, o iniciado realmente ganhava a habilidade de entrar e sair de seu corpo físico à vontade. Esta é a base filosófica para as alegorias de aventuras na Terra das Sombras Indiana, ou Mundo dos Fantasmas.

"De costa a costa", escreve Hartley Burr Alexander, "o sagrado Calumet é o altar do índio, e sua fumaça é a oferenda adequada ao Céu". (Veja Mitologia de Todos os Lugares .) Nas Notas sobre a mesma obra, é dada a seguinte descrição da cerimônia do cachimbo:

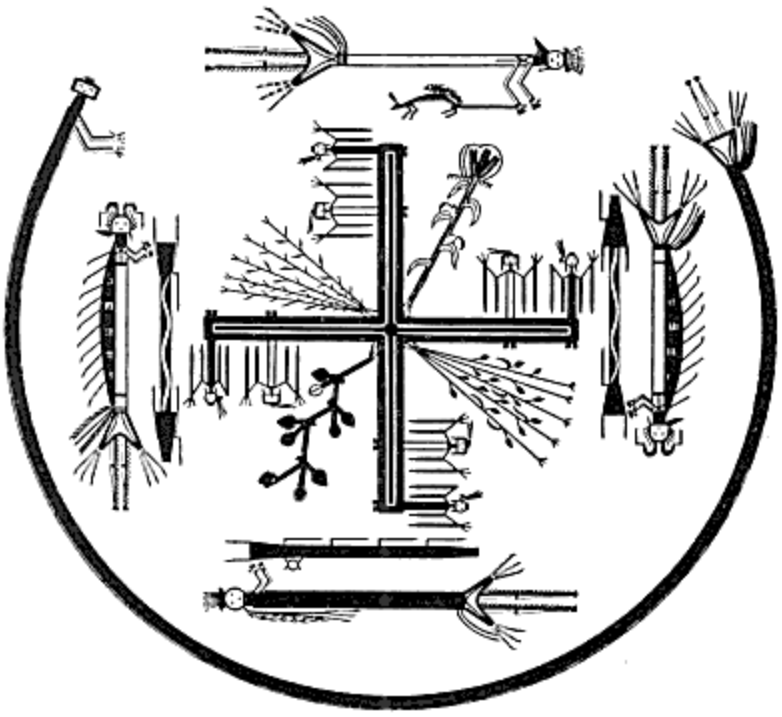
"O mestre de cerimônias, levantando-se novamente, encheu e acendeu o cachimbo da paz com seu próprio fogo. Dando três baforadas, uma após a outra, ele soprou a primeira em direção ao zênite, a segunda em direção ao chão e a terceira em direção ao Sol. No primeiro ato, ele agradeceu ao Grande Espírito pela preservação de sua vida durante o ano passado e por ter sido autorizado a estar presente neste conselho. No segundo, ele agradeceu à sua Mãe, a Terra, por suas várias produções que haviam ministrado ao seu sustento. E no terceiro, ele agradeceu ao Sol por sua luz infalível, sempre brilhando sobre todos."

Era necessário que o índio garantisse a pedra vermelha para seu calumet da pedreira de pipestone onde, em algum passado remoto, o Grande Espírito tinha vindo e, depois de moldar com Suas próprias mãos um grande cachimbo, tinha fumado em direção aos quatro cantos da criação e, assim, instituído esta cerimônia mais sagrada. Dezenas de tribos indígenas — algumas delas viajando milhares de milhas — garantiam a pedra sagrada desta única pedreira, onde o mandato do Grande Espírito havia decretado que a paz eterna deveria reinar.

O índio não adora o sol; ele considera esse orbe brilhante como um símbolo apropriado do Grande e Bom Espírito que irradia vida para sempre para seus filhos vermelhos. No simbolismo indiano, a serpente — especialmente a Grande Serpente — corrobora outras evidências que apontam para a presença dos Mistérios no Continente Norte-Americano. A serpente voadora é o símbolo atlante do iniciado; a

cobra de sete cabeças representa as sete grandes ilhas atlantes (as cidades de Chibola?) e também as sete grandes escolas pré-históricas de filosofia esotérica. Além disso, quem pode duvidar da presença da doutrina secreta nas Américas quando olha para o grande monte de serpentes no Condado de Adams, Ohio, onde o enorme réptil é representado como vomitando o Ovo da Existência? Muitas tribos indígenas americanas são reencarnacionistas, algumas são transmigracionistas. Eles até chamavam seus filhos pelos nomes que supostamente foram carregados por eles em uma vida anterior. Há um relato de uma ocasião em que um pai, por inadvertência, deu ao seu filho o nome errado, e então o bebê chorou incessantemente até que o erro fosse corrigido! A crença na reencarnação também é prevalente entre os esquimós. Esquimós idosos não raramente se matam para reencarnar na família de algum ente querido recém-casado.

Os índios americanos reconhecem a diferença entre o fantasma e a alma real de uma pessoa morta, um conhecimento restrito aos iniciados dos Mistérios. Em comum com os platônicos, eles também entenderam os princípios de uma esfera arquetípica onde existem os



PINTURA DE AREIA NAVAHO.

De um desenho original de Hasteen Klah.

As pinturas secas ou de areia dos Navajos são feitas borrifando pigmentos moídos multicoloridos sobre uma base de areia lisa. A aqui reproduzida é cercada pela deusa do arco-íris e retrata um episódio do mito da cosmogonia Navajo. De acordo com Hasteen Klah, o sacerdote da areia Navajo que projetou esta pintura, os

Navajos não acreditam em idolatria, portanto não fazem imagens de seus deuses, mas perpetuam apenas o conceito mental deles. Assim como os deuses desenham imagens sobre as nuvens em movimento, os sacerdotes fazem pinturas na areia e, quando o propósito do desenho é cumprido, ele é apagado por um movimento da mão. De acordo com este informante, as nações Zuni, Hopi e Navajo tiveram uma gênese comum; todas saíram da terra e então se separaram em três nações.

Os navajos surgiram pela primeira vez há cerca de 3.000 anos em um ponto agora chamado de Montanha La Platte no Colorado. As quatro montanhas sagradas para os navajos são a Montanha La Platte, o Monte Taylor, a Montanha Navaho e a Montanha San Francisco. Enquanto essas três nações estavam sob a terra, quatro cadeias de montanhas estavam abaixo com elas. As montanhas do leste eram brancas, as do sul azuis, as do oeste amarelas e as do norte pretas. A ascensão e queda dessas montanhas causavam a alternância do dia e da noite. Quando as montanhas brancas subiam, era dia sob a terra; quando as amarelas subiam, crepúsculo; as montanhas pretas traziam a noite, e as azuis, o amanhecer. Sete divindades principais foram reconhecidas pelos navajos, mas Hasteen Klah não conseguiu dizer se os índios relacionavam essas divindades aos planetas. Bakochiddy, um desses sete deuses principais, era branco com cabelos ruivos claros e olhos cinzentos. Seu pai era o raio de sol e sua mãe a luz do dia. Ele ascendeu ao céu e em alguns aspectos sua vida é paralela à de Cristo. Para vingar o sequestro de seu filho, Kahothsode, um deus-peixe, fez surgir uma grande inundação. Para escapar da destruição, os Zunis, Hopis e Navahos ascenderam à superfície da Terra.

A pintura de areia aqui reproduzida faz parte da série de medicina preparada para a cura de doenças. Na cerimônia de cura, o paciente é colocado sobre o desenho, que é feito em um hogan consagrado, e todos os estranhos são excluídos. A suástica sagrada no centro do desenho é talvez o mais universal dos emblemas religiosos e representa os quatro cantos do mundo. Os dois deuses corcundas, à direita e à esquerda, assumem sua aparência em razão das grandes nuvens carregadas em suas costas. Na arte religiosa Navajo, as divindades masculinas são sempre mostradas com cabeças circulares e as divindades femininas com cabeças quadradas.

padrões de todas as formas que se manifestam no plano terrestre, A teoria de Almas de Grupo, ou Anciãs, tendo supervisão sobre as espécies animais também é compartilhada por eles. A crença do homem vermelho em espíritos guardiões teria aquecido o coração de Paracelso. Quando eles alcançam a importância de serem protetores de clãs ou tribos inteiras, esses guardiões são chamados de totens . Em algumas tribos, cerimônias impressionantes marcam a ocasião em que os jovens são enviados para a floresta para jejuar e orar e lá permanecem até que seu espírito guardião se manifeste a eles. Qualquer criatura que apareça então se torna seu gênio peculiar, a quem eles apelam em tempos de dificuldade.

O herói notável do folclore indígena norte-americano é Hiawatha, um nome que, de acordo com Lewis Spence, significa "aquele que busca o wampum-belt". Hiawatha desfruta da distinção de antecipar em vários séculos o sonho acalentado do falecido Woodrow Wilson de uma Liga das Nações. Seguindo os passos de Schoolcraft, Longfellow confundiu o histórico Hiawatha dos iroqueses com Manabozho, um herói

mitológico dos algonquinos e ojibwas. Hiawatha, um chefe dos iroqueses, após muitos reveses e decepções, conseguiu unir as cinco grandes nações dos iroqueses na "Liga das Cinco Nações". O propósito original da liga - abolir a guerra substituindo conselhos de arbitragem - não foi totalmente bem-sucedido, mas o poder da "Corrente de Prata" conferiu aos iroqueses uma solidariedade alcançada por nenhuma outra confederação de índios norte-americanos. Hiawatha, no entanto, encontrou a mesma oposição que confrontou todo grande idealista, independentemente de tempo ou raça. Os xamãs voltaram sua magia contra ele e, de acordo com uma lenda, criaram um pássaro maligno que, descendo do céu, rasgou sua única filha em pedaços diante de seus olhos. Quando Hiawatha, após cumprir sua missão, navegou em sua canoa autopropulsada ao longo do caminho do pôr do sol, seu povo percebeu a verdadeira grandeza de seu benfeitor e o elevou à dignidade de um semideus. Em Song of Hiawatha, de Longfellow , o poeta lançou o grande estadista indiano em um cenário encantador de magia e encantamento; ainda assim, através do labirinto de símbolos e alegorias, é sempre vagamente visível a figura de Hiawatha, o iniciado — a própria personificação do homem vermelho e sua filosofia.

O POPOL VUH

Nenhum outro livro sagrado expõe tão completamente quanto o Popol Vuh os rituais iniciáticos de uma grande escola de filosofia mística. Este volume sozinho é suficiente para estabelecer incontestavelmente a excelência filosófica da raça vermelha.

"Os 'Filhos do Sol' Vermelhos", escreve James Morgan Pryse, "não adoram o Deus Único. Para eles, esse Deus Único é absolutamente impessoal, e todas as Forças emanadas desse Deus Único são pessoais. Isso é exatamente o oposto da concepção ocidental popular de um Deus pessoal e forças de trabalho impessoais na natureza. Decida por si mesmo qual dessas crenças é a mais filosófica. Esses Filhos do Sol adoram a Serpente Emplumada, que é a mensageira do Sol. Ele era o Deus Quetzalcoatl no México, Gucumatz em Quiché; e no Peru ele era chamado de Amaru. Deste último nome vem nossa palavra América. Amaruca é, literalmente traduzido, 'Terra da Serpente Emplumada'. Os sacerdotes deste Deus da Paz, de seu principal centro nas Cordilheiras, governaram as duas Américas. Todos os homens vermelhos que permaneceram fiéis à antiga religião ainda estão sob seu domínio. Um de seus centros fortes estava na Guatemala, e de sua Ordem era o autor do livro chamado Popol Vuh . Na língua quiché, Gucumatz é o equivalente exato de Quetzalcoatl na língua náuatle; quetzal , o pássaro do paraíso; coatl , serpente — 'a serpente velada em plumas do pássaro do paraíso'!"

O Popol Vuh foi descoberto pelo Padre Ximinez no século XVII. Foi traduzido para o francês por Brasseur de Bourbourg e publicado em 1861. A única tradução completa para o inglês é a de Kenneth Sylvan Guthrie, que percorreu os primeiros arquivos da revista The Word e que é usada como base para este artigo. Uma parte do Popol Vuh foi traduzida para o inglês, com comentários extremamente valiosos, por James Morgan Pryse, mas infelizmente sua tradução nunca foi concluída. O segundo livro do Popol Vuh é amplamente dedicado aos rituais iniciáticos da nação Quiché. Esses cerimoniais são de primeira importância para os estudantes do

simbolismo maçônico e da filosofia mística, uma vez que estabelecem sem sombra de dúvida a existência de antigas e divinamente instituídas escolas de Mistério no Continente Americano.

Lewis Spence, ao descrever o Popol Vuh , dá uma série de traduções do título do próprio manuscrito. Passando por cima das versões, "The Book of the Mat" e "The Record of the Community", ele considera provável que o título correto seja "The Collection of Written Leaves", Popol significando a "casca preparada" e Vuh, "papel" ou "livro" do verbo uoch , escrever. O Dr. Guthrie interpreta as palavras Popol Vuh como significando "The Senate Book" ou "The Book of the Holy Assembly"; Brasseur de Bourbourg o chama de "The Sacred Book"; e o Padre Ximinez designa o volume como "The National Book". Em seus artigos sobre o Popol Vuh que aparecem no décimo quinto volume de Lucifer , James Morgan Pryse, abordando o assunto do ponto de vista do místico, chama esta obra de "The Book of the Azure Veil". No próprio Popol Vuh, os registros antigos dos quais o indiano cristianizado que o compilou derivou seu material são chamados de "O Conto da Existência Humana na Terra das Sombras e Como o Homem Viu a Luz e a Vida".

Os escassos registros nativos disponíveis contêm evidências abundantes de que as civilizações posteriores da América Central e do Sul foram irremediavelmente dominadas pelas artes negras de seus sacerdócios. Nas convexidades de seus espelhos magnetizados, os feiticeiros indígenas capturaram as inteligências de seres elementais e, olhando para as profundezas desses dispositivos abomináveis, eventualmente tornaram o cetro subserviente à varinha. Vestidos com vestes de tonalidade sable, os neófitos em sua busca pela verdade foram conduzidos por seus guias sinistros através das passagens confusas da necromancia. Pelo caminho da esquerda, eles desceram para as profundezas sombrias do mundo infernal, onde aprenderam a dotar pedras com o poder da fala e a sutilmente enredar as mentes dos homens com seus cantos e fetiches. Como típico da perversão que prevaleceu, ninguém poderia alcançar os Mistérios maiores até que um ser humano tivesse sofrido imolação em suas mãos e o coração sangrento da vítima tivesse sido elevado diante do rosto lascivo do ídolo de pedra fabricado por um sacerdócio cujos membros perceberam mais completamente do que ousavam admitir a verdadeira natureza do demônio feito pelo homem. Os ritos sanguinários e indescritíveis praticados por muitos dos índios da América Central podem representar resquícios da perversão atlante posterior dos antigos Mistérios do Sol. De acordo com a tradição secreta, foi durante a época atlante posterior que a magia negra e a feitiçaria dominaram as escolas esotéricas, resultando nos ritos de sacrifício sangrentos e na idolatria horrível que finalmente derrubaram o império atlante e até penetraram no mundo religioso ariano.

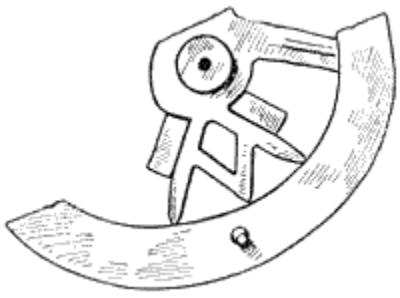
OS MISTÉRIOS DE XIBALBA

Os príncipes de Xibalba (assim relata o Popol Vuh) enviaram seus quatro mensageiros corujas para Hunhun-ahpu e Vukub-hunhun-ahpu, ordenando que viessem imediatamente ao local de iniciação nas fortalezas das montanhas guatemaltecas. Fracassando nos testes impostos pelos príncipes de Xibalba, os dois irmãos — de acordo com o antigo costume — pagaram com suas vidas por suas deficiências. Hunhun-ahpu e Vukub-hunhun-ahpu foram enterrados juntos, mas a

cabeça de Hunhun-ahpu foi colocada entre os galhos da árvore sagrada de cabaça que crescia no meio da estrada que levava aos terríveis Mistérios de Xibalba. Imediatamente a árvore de cabaça se cobriu de frutas e a cabeça de Hunhun-ahpu "não se mostrou mais; pois se reuniu com os outros frutos da árvore de cabaça". Agora Xquiq era a filha virgem do príncipe Cuchumaquiq. De seu pai, ela aprendera sobre a maravilhosa árvore de cabaça, e desejando possuir um pouco de seu fruto, ela viajou sozinha para o lugar sombrio onde ele crescia. Quando Xquiq estendeu sua mão para colher o fruto da árvore, um pouco de saliva da boca de Hunhun-ahpu caiu nela e a cabeça falou para Xquiq, dizendo: "Esta saliva e espuma são minha posteridade que acabei de lhe dar. Agora minha cabeça deixará de falar, pois é apenas a cabeça de um cadáver, que não tem mais carne."

Seguindo as advertências de Hunhun-ahpu, a jovem voltou para casa. Seu pai, Cuchumaquiq, mais tarde descobrindo que ela estava prestes a se tornar mãe, questionou-a sobre o pai de seu filho. Xquiq respondeu que a criança foi gerada enquanto ela olhava para a cabeça de Hunhun-ahpu na árvore de cabaça e que ela não conhecia nenhum homem. Cuchumaquiq, recusando-se a acreditar em sua história, por instigação dos príncipes de Xibalba, exigiu seu coração em uma urna. Levada por seus algozes, Xquiq implorou a eles que poupassem sua vida, o que eles concordaram em fazer, substituindo seu coração pelo fruto de uma certa árvore (borracha) cuja seiva era vermelha e da consistência de sangue. Quando os príncipes de Xibalba colocaram o suposto coração sobre as brasas do altar para ser consumido, todos ficaram surpresos com o perfume que subia dali, pois não sabiam que estavam queimando o fruto de uma planta perfumada.

Xquiq deu à luz filhos gêmeos, que foram chamados Hunahpu e Xbalanque e cujas vidas foram dedicadas a vingar as mortes de Hunhun-ahpu e Vukub-hunhun-ahpu. Os anos passaram, e os dois meninos cresceram até a idade adulta e grandes foram seus feitos. Especialmente eles se destacaram em um certo jogo chamado tênis, mas que lembrava um pouco o hóquei. Ouvindo sobre a proeza dos jovens, os príncipes de Xibalba perguntaram: "Quem, então, são aqueles que agora começam a jogar novamente sobre nossas cabeças, e que não hesitam em sacudir (a terra)? Não estão Hunhun-ahpu e Vukub-hunhun-ahpu mortos, que desejavam



FRAGMENTO DE CERÂMICA INDIANA.

Cortesia de Alice Palmer Henderson

Este curioso fragmento foi encontrado quatro pés abaixo do solo, sob uma pilha de lixo de cerâmica indiana antiga quebrada, não muito longe das ruínas de Casa

Grande, no Arizona. É significativo por causa de sua impressionante escala e compasso maçônicos. Cestas, cerâmica e cobertores indígenas frequentemente apresentam desenhos ornamentais de especial interesse maçônico e filosófico.

para se exaltarem diante de nossa face?" Então os príncipes de Xibalba mandaram buscar os dois jovens, Hunahpu e Xbalanque, para que pudessem destruí-los também nos sete dias dos Mistérios. Antes de partir, os dois irmãos se despediram de sua avó, cada um plantando no meio da casa uma planta de cana, dizendo que enquanto a cana vivesse ela saberia que eles estavam vivos. "Ó, nossa avó, ó, nossa mãe, não chore; eis o sinal de nossa palavra que permanece com você." Hunahpu e Xbalanque então partiram, cada um com seu sabarcan (zarabatana), e por muitos dias eles viajaram pela trilha perigosa, descendo por ravinas tortuosas e ao longo de penhascos íngremes, passando por pássaros estranhos e fontes ferventes, covardes o santuário de Xibalba.

As provações reais dos Mistérios Xibalbianos eram sete em número. Como preliminar, os dois aventureiros cruzaram um rio de lama e depois um riacho de sangue, realizando esses feitos difíceis usando seus sabarcans como pontes. Continuando seu caminho, eles chegaram a um ponto onde quatro estradas convergiam - uma estrada preta, uma estrada branca, uma estrada vermelha e uma estrada verde. Agora Hunahpu e Xbalanque sabiam que seu primeiro teste consistiria em ser capaz de discriminar entre os príncipes de Xibalba e as efígies de madeira vestidas para se assemelharem a eles; também que eles deveriam chamar cada um dos príncipes pelo seu nome correto sem ter recebido a informação. Para garantir essa informação, Hunahpu puxou um pelo de sua perna, que então se tornou um inseto estranho chamado Xan ; zumbindo ao longo da estrada preta, o Xan entrou na câmara do conselho dos príncipes de Xibalba e picou a perna da figura mais próxima da porta, que descobriu ser um manequim. Pelo mesmo artifício, a segunda figura provou ser de madeira, mas ao picar a terceira, houve uma resposta imediata. Ao picar cada um dos doze príncipes reunidos, o inseto descobriu o nome de cada um, pois os príncipes chamavam uns aos outros pelo nome ao discutir a causa das misteriosas picadas. Tendo garantido a informação desejada dessa maneira nova, o inseto então voou de volta para Hunahpu e Xbalanque, que assim fortificados, destemidamente se aproximaram do limiar de Xibalba e se apresentaram aos doze príncipes reunidos.

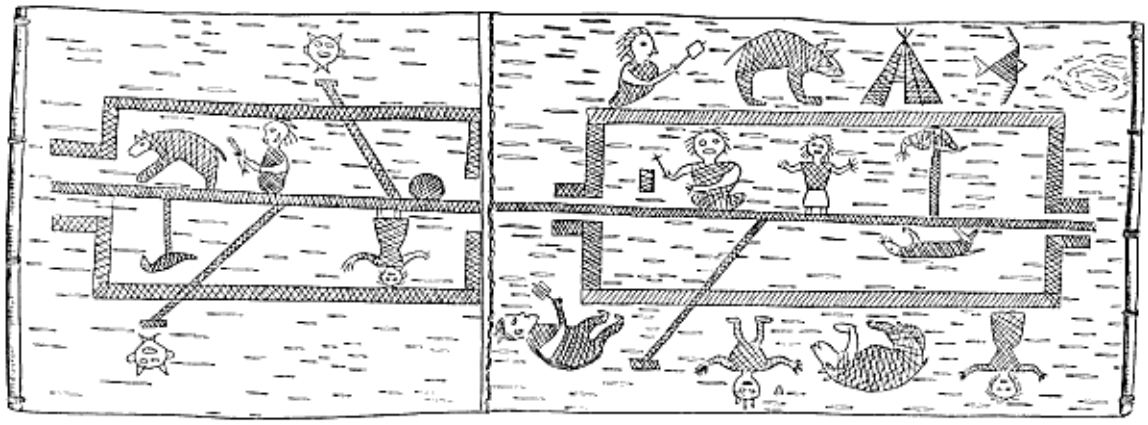
Quando lhe foi dito para adorar o rei, Hunahpu e Xbalanque riram, pois sabiam que a figura apontada para eles era o manequim sem vida. Os jovens aventureiros então se dirigiram aos doze príncipes pelo nome assim: "Salve, Hun-veio; salve, Vukub-veio; salve, Xiquiripat; salve, Cuchumaquiq; salve, Ahalpuh; salve, Ahalcana; salve, Chamiabak; salve, Chamiaholona; salve, Quiqxic; salve, Patan; salve, Quiqre; salve, Quiqrixqaq." Quando convidados pelos Xibalbianos para se sentarem em um grande banco de pedra, Hunahpu e Xbalanque se recusaram a fazê-lo, declarando que sabiam muito bem que a pedra era aquecida, de modo que seriam queimados até a morte se sentassem nela. Os príncipes de Xibalba então ordenaram que Hunahpu e Xbalanque descansassem durante a noite na Casa das Sombras. Isso completou o primeiro grau dos Mistérios Xibalbianos.

O segundo teste foi dado na Casa das Sombras, onde a cada um dos candidatos foi trazida uma tocha de pinho e um charuto, com a injunção de que ambos deveriam ser mantidos acesos durante toda a noite e ainda assim cada um deveria ser devolvido na manhã seguinte sem ser consumido. Sabendo que a morte era a alternativa ao fracasso no teste, os jovens queimaram penas de aras no lugar das lascas de pinho (com as quais eles se assemelham muito) e também colocaram vaga-lumes nas pontas dos charutos. Vendo as luzes, aqueles que assistiam sentiram-se certos de que Hunahpu e Xbalanque tinham caído na armadilha, mas quando amanheceu as tochas e os charutos foram devolvidos aos guardas sem serem consumidos e ainda queimando. Com espanto e admiração, os príncipes de Xibalba contemplaram as lascas e os charutos sem serem consumidos, pois nunca antes eles haviam sido devolvidos intactos.

A terceira provação ocorreu presumivelmente em uma caverna chamada Casa das Lanças. Aqui, hora após hora, os jovens foram forçados a se defender contra os guerreiros mais fortes e habilidosos armados com lanças. Hunahpu e Xbalanque pacificaram os lanceiros, que então pararam de atacá-los. Eles então voltaram sua atenção para a segunda e mais difícil parte do teste: a produção de quatro vasos das flores mais raras, mas que não lhes foi permitido sair do templo para coletar. Incapazes de passar pelos guardas, os dois jovens garantiram a assistência das formigas. Essas pequenas criaturas, rastejando para os jardins do templo, trouxeram de volta as flores para que pela manhã os vasos estivessem cheios. Quando Hunahpu e Xbalanque apresentaram as flores aos doze príncipes, estes últimos, com espanto, reconheceram que as flores tinham sido roubadas de seus próprios jardins particulares. Consternados, os príncipes de Xibalba então se aconselharam sobre como poderiam destruir os intrépidos neófitos e imediatamente prepararam para eles a próxima provação.

Para seu quarto teste, os dois irmãos foram obrigados a entrar na Casa do Frio, onde permaneceram por uma noite inteira. Os príncipes de Xibalba consideraram o frio da caverna gelada insuportável e ela é descrita como "a morada dos ventos congelados do Norte". Hunahpu e Xbalanque, no entanto, se protegeram da influência mortal do ar congelado construindo fogueiras de pinhas, cujo calor fez com que o espírito do frio deixasse a caverna para que os jovens não estivessem mortos, mas cheios de vida quando o dia amanheceu. Ainda maior do que antes foi o espanto dos príncipes de Xibalba quando Hunahpu e Xbalanque entraram novamente no Salão da Assembleia sob a custódia de seus guardiões.

A quinta provação também foi de natureza noturna. Hunahpu e Xbalanque foram conduzidos a uma grande câmara que foi imediatamente preenchida com tigres ferozes. Ali eles foram forçados a permanecer durante toda a noite. Os jovens homens jogaram ossos para os tigres, que eles moeram em pedaços com suas mandíbulas fortes. Olhando para a Casa dos Tigres, os príncipes de Xibalba viram os animais mastigando os ossos e disseram um ao outro: "Eles finalmente aprenderam (a conhecer o poder de Xibalba), e se entregaram às feras." Mas quando ao amanhecer Hunahpu e Xbalanque emergiram da Casa dos Tigres ilesos, os Xibalbianos



REGISTRO DE MIDEWIWIN EM CASCA DE BÉTULA.

Cortesia de Alice Palmer Henderson.

O rolo de casca de bétula é uma das posses mais sagradas de um iniciado da Midewiwin, ou Grande Sociedade de Medicina, dos Ojibwas. Sobre esses rolos, o Coronel Carrick Mallery escreve: "Para pessoas familiarizadas com sociedades secretas, uma boa comparação para os gráficos de Midewiwin seria o que é chamado de cavalete de uma ordem maçônica, que é impresso, publicado e exposto publicamente sem exibir nenhum segredo da ordem; ainda assim, é apenas significativo, mas útil para o esotérico em assistência à sua memória quanto aos detalhes da cerimônia." Um relato mais completo e confiável do Midewiwin é aquele dado por WJ Hoffman no Sétimo Relatório Anual do Bureau of Ethnology. Ele escreve:

A Midewiwin — Sociedade do Mide ou Xamã — consiste em um número indefinido de Mide de ambos os sexos. A sociedade é graduada em quatro graus separados e distintos, embora haja uma impressão geral prevalecendo até mesmo entre certos membros de que qualquer grau além do primeiro é praticamente uma mera repetição. O maior poder alcançado por alguém em fazer avanço depende do fato de ter se submetido a "ser alvejado com os sacos de remédios" nas mãos dos sacerdotes oficiantes. * * * Sempre foi costumeiro para os sacerdotes Mide preservar registros de casca de bétula, com delicadas linhas incisas para representar pictoricamente a planta baixa do número de graus aos quais o proprietário tem direito. Tais registros ou gráficos são sagrados e nunca são expostos à vista do público."

Os dois diagramas retangulares representam dois graus da loja Mide e a linha reta através do centro o caminho espiritual, ou "caminho reto e estreito", correndo através dos graus. As linhas que correm tangentes ao Caminho central significam tentações, e os rostos nos terminais das linhas são manidos , ou espíritos poderosos. Escrevendo sobre o Midewiwin, Schoolcraft, a grande autoridade sobre o índio americano, diz: "Na sociedade do Midewiwin o objetivo é ensinar as doutrinas mais elevadas da existência espiritual, sua natureza e modo de existência, e a influência que exerce entre os homens. É uma associação de homens que professam o mais alto conhecimento conhecido pelas tribos."

De acordo com a lenda, Manabozho , o grande Coelho, que era um servo de Dzhe Manido , o Bom Espírito, olhando para os progenitores dos Ojibwas e percebendo que eles não tinham conhecimento espiritual, instruiu uma lontra nos mistérios de Midewiwin. Manabozho construiu um Midewigan e iniciou a lontra, atirando o sagrado Migis (uma pequena concha, o símbolo sagrado do Mide) no corpo da lontra. Ele então conferiu a imortalidade ao animal e confiou a ele os segredos da Grand Medicine Society. A cerimônia de iniciação é precedida por banhos de suor e consiste principalmente em superar as influências dos manidos malignos. O iniciado também é instruído na arte da cura e (a julgar pela Placa III do artigo do Sr. Hoffman) um conhecimento de direcionamento das forças que se movem através dos centros vitais do corpo humano. Embora a cruz seja um símbolo importante nos ritos Midewiwin, é digno de nota que os sacerdotes Mide se recusaram firmemente a abandonar sua religião e se converter ao cristianismo.

gritou: "De que raça são esses?" pois não conseguiam entender como qualquer homem poderia escapar da fúria dos tigres. Então os príncipes de Xibalba prepararam para os dois irmãos uma nova provação.

O sexto teste consistiu em permanecer do pôr do sol ao nascer do sol na Casa do Fogo. Hunahpu e Xbalanque entraram em um grande apartamento disposto como uma fornalha. De todos os lados as chamas se erguiam e o ar era sufocante; tão grande era o calor que aqueles que entravam nesta câmara só conseguiam sobreviver alguns momentos. Mas ao nascer do sol, quando as portas da fornalha foram abertas, Hunahpu e Xbalanque saíram ilesos da fúria das chamas. Os príncipes de Xibalba, percebendo como os dois jovens intrépidos haviam sobrevivido a cada provação preparada para sua destruição, ficaram cheios de medo de que todos os segredos de Xibalba caíssem nas mãos de Hunahpu e Xbalanque. Então eles prepararam a última provação, uma provação ainda mais terrível do que qualquer outra que já havia acontecido, certos de que os jovens não poderiam resistir a este teste crucial.

A sétima provação ocorreu na Casa dos Morcegos. Aqui, em um labirinto subterrâneo escuro, espreitavam muitas criaturas estranhas e odiosas de destruição. Barras enormes flutuavam tristemente pelos corredores e pendiam com asas dobradas nas esculturas nas paredes e tetos. Aqui também morava Camazotz, o Deus dos Morcegos, um monstro hediondo com corpo de homem e asas e cabeça de morcego. Camazotz carregava uma grande espada e, voando pela escuridão, decapitava com um único golpe de sua lâmina qualquer andarilho incauto que tentasse encontrar seu caminho através das câmaras cheias de terror. Xbalanque passou com sucesso por este teste horrível, mas Hunahpu, pego de surpresa, foi decapitado por Camazotz.

Mais tarde, Hunahpu foi restaurado à vida por magia, e os dois irmãos, tendo assim frustrado todas as tentativas contra suas vidas pelos Xibalbianos, a fim de melhor vingar o assassinato de Hunhun-ahpu e Vukub-hunhun-ahpu, permitiram que fossem queimados em uma pira funerária. Seus ossos em pó foram então lançados em um rio e imediatamente se tornaram dois grandes homens-peixes. Mais tarde, assumindo as formas de velhos andarilhos, eles dançaram para os Xibalbianos e fizeram estranhos milagres. Assim, um cortaria o outro em pedaços e com uma

única palavra o ressuscitaria, ou eles queimariam casas por magia e então as reconstruiriam instantaneamente. A fama dos dois dançarinos - que eram na realidade Hunahpu e Xbalanque - finalmente chegou ao conhecimento dos doze príncipes de Xibalba, que então desejaram que esses dois milagreiros realizassem seus estranhos medos diante deles. Depois que Hunahpu e Xbalanque mataram o cão dos príncipes e o restauraram à vida, queimaram o palácio real e o reconstruíram instantaneamente, e deram outras demonstrações de seus poderes mágicos, o monarca dos Xibalbianos pediu aos mágicos que o destruíssem e o restaurassem também à vida. Então Hunahpu e Xbalanque mataram os príncipes de Xibalba, mas não os devolveram à vida, vingando assim o assassinato de Hunhun-ahpu e Vukub-hunhun-ahpu. Esses heróis mais tarde ascenderam ao céu, onde se tornaram as luzes celestiais.

CHAVES PARA OS MISTÉRIOS DE XIBALBA

"Essas iniciações", escreve Le Plongeon, "não lembram vividamente o que Henoch disse ter visto em suas visões? Aquela casa de cristal em chamas, queimando quente e gelado - aquele lugar onde estavam o arco de fogo, a aljava de flechas, a espada de fogo - aquele outro onde ele teve que cruzar o riacho balbuciante e o rio de fogo - e aquelas extremidades da Terra cheias de todos os tipos de enormes animais e pássaros - ou a habitação onde apareceu alguém de grande glória sentado no orbe do sol - e, por último, a árvore de tamarindo no meio da terra, que era fria como a Árvore do Conhecimento, não encontra sua comparação na árvore de cabaça, no meio da estrada onde aqueles de Xibalba colocaram a cabeça de Hunhun Ahpu, depois de sacrificá-lo por ter falhado em suportar o primeiro teste da iniciação? * * * Essas eram as terríveis provações pelas quais os candidatos à iniciação nos mistérios sagrados tinham que passar em Xibalba. Eles não parece uma contrapartida exata do que aconteceu de forma mais branda na iniciação nos mistérios de Elêusis? e também os maiores mistérios do Egito, dos quais estes foram copiados? O recital do que os candidatos aos mistérios em Xibalba eram obrigados a saber, antes de serem admitidos, * * * não lembra os maravilhosos feitos semelhantes que se diz terem sido realizados pelos Mahatmas, os Irmãos na Índia, e de várias das passagens do livro de Daniel, que tinham sido iniciados nos mistérios dos Caldeus ou Magos que, de acordo com Eubulus, eram divididos em três classes ou gêneros, sendo o mais alto o mais erudito?" (Veja Mistérios Sagrados entre os Maias e os Quiches .)

Em suas notas introdutórias ao Popol Vuh , o Dr. Guthrie apresenta uma série de paralelismos importantes entre este livro sagrado dos Quichés e os escritos sagrados de outras grandes civilizações. Nos testes pelos quais Hunahpu e Xbalanque são forçados a passar, ele encontra a seguinte analogia com os signos do zodíaco conforme empregados nos Mistérios dos Egípcios, Caldeus e Gregos:

"Áries, cruzando o rio de lama. Touro, cruzando o rio de sangue. Gêmeos, detectando os dois reis fictícios. Câncer, a Casa das Trevas. Leão, a Casa das Lanças. Virgem, a Casa do Frio (a viagem usual ao Inferno). Libra, a Casa dos Tigres (postura felina). Escorpião, a Casa do Fogo. Sagitário, a Casa dos Morcegos, onde o Deus Camazotz decapita um dos heróis. Capricórnio, a queima no cadafalso (a Fênix dupla). Aquário, suas cinzas sendo espalhadas em um rio. Peixes, suas

cinzas se transformando em homens-peixes , e mais tarde de volta à forma humana."

Pareceria mais apropriado atribuir o rio de sangue a Áries e o de lama a Touro, e não é de todo improvável que na forma antiga da lenda a ordem dos rios fosse invertida. A conclusão mais surpreendente do Dr. Guthrie é seu esforço para identificar Xibalba com o antigo continente de Atlântida. Ele vê nos doze príncipes de Xibalba os governantes do império atlante, e na destruição desses príncipes pela magia de Hunahpu e Xbalanque uma representação alegórica do fim trágico de Atlântida. Para os iniciados, no entanto, é evidente que Atlântida é simplesmente uma figura simbólica na qual é exposto o mistério das origens.

Preocupado principalmente com os problemas da anatomia mística, o Sr. Pryse relaciona os vários símbolos descritos no Popol Vuh aos centros ocultos da consciência no corpo humano. Consequentemente, ele vê na bola elástica a glândula pineal e em Hunahpu e Xbalanque a corrente elétrica dupla direcionada ao longo da coluna vertebral. Infelizmente, o Sr. Pryse não traduziu aquela parte do Popol Vuh que lida diretamente com o cerimonial iniciático. Xibalba ele considera ser a esfera sombria ou etérica que, de acordo com os ensinamentos do Mistério, estava localizada dentro do corpo do próprio planeta. O quarto livro do Popol Vuh conclui com um relato da construção de um templo majestoso, todo branco, onde foi preservada uma pedra divina secreta preta, de formato cúbico. Gucumatz (ou Quetzalcoatl) participa de muitos dos atributos do Rei Salomão: o relato da construção do templo no Popol Vuh é um lembrete da história do Templo de Salomão e, sem dúvida, tem um significado semelhante. Brasseur de Bourbourg foi atraído pela primeira vez para o estudo de paralelismos religiosos no Popol Vuh pelo fato de que o templo, juntamente com a pedra negra que ele continha, foi chamado de Caabaha , um nome surpreendentemente semelhante ao do Templo, ou Caaba , que contém a pedra negra sagrada do Islã.

As façanhas de Hunahpu e Xbalanque acontecem antes da criação real da raça humana e, portanto, devem ser consideradas essencialmente como mistérios espirituais. Xibalba sem dúvida significa o universo inferior da filosofia caldeia e pitagórica; os príncipes de Xibalba são os doze governadores do universo inferior; e os dois manequins ou bonecos em seu meio podem ser interpretados como os dois falsos signos do antigo zodíaco inseridos nos céus para tornar os Mistérios astronômicos incompreensíveis para os profanos. A descida de Hunahpu e Xbalanque para o reino subterrâneo de Xibalba cruzando os rios em pontes feitas de suas zarabatanas tem uma analogia sutil com a descida da natureza espiritual do homem para o corpo físico através de certos canais superfísicos que podem ser comparados às zarabatanas ou tubos. O sabarcan também é um emblema apropriado da medula espinhal e do poder residente em sua pequena abertura central. Os dois jovens são convidados a jogar o "Jogo da Vida" com os Deuses da Morte, e somente com a ajuda do poder sobrenatural transmitido a eles pelos "Sábios" eles podem triunfar sobre esses senhores sombrios. Os testes representam a alma vagando pelos reinos subzodiacais do universo criado; sua vitória final sobre os Senhores da Morte representa a ascensão da consciência espiritual e iluminada da natureza da torre que foi totalmente consumida pelo fogo da purificação espiritual.

Que os quichés possuíam as chaves para o mistério da regeneração é evidente a partir de uma análise dos símbolos que aparecem nas imagens de seus sacerdotes e deuses. No Vol. II dos Anales del Museo Nacional de México é reproduzida a cabeça de uma imagem geralmente considerada como representando Quetzalcoatl. A escultura é distintamente oriental em caráter e na coroa da cabeça aparecem tanto o sol de mil pétalas da iluminação espiritual quanto a serpente do fogo espinhal liberado. O chakra hindu é inconfundível e frequentemente aparece na arte religiosa das três Américas. Um dos monólitos esculpidos da América Central é adornado com as cabeças de dois elefantes com seus condutores. Nenhum animal desse tipo existiu no Hemisfério Ocidental desde os tempos pré-históricos e é evidente que as esculturas são o resultado do contato com o distante continente da Ásia. Entre os Mistérios dos Índios Centro-Americanos está uma doutrina notável sobre os mantos consagrados ou, como eram chamados na Europa, capas mágicas. Porque sua glória era fatal para a visão mortal, os deuses, quando apareciam aos sacerdotes iniciados, vestiam-se com esses mantos. Alegoria e fábula são igualmente os mantos com os quais a doutrina secreta é sempre envolvida. Tal capa mágica de ocultação é o Popol Vuh , e bem no fundo de suas dobras está o deus da filosofia Quiché. As enormes pirâmides, templos e monólitos da América Central podem ser comparados também aos pés dos deuses, cujas partes superiores são envoltas em mantos mágicos de invisibilidade.

Os Mistérios e Seus Emissários

SERÁ que esse conhecimento divino que constituía a suprema posse dos sacerdócios pagãos sobreviveu à destruição de seus templos? Ele ainda é acessível à humanidade, ou jaz enterrado sob o lixo das eras, sepultado dentro dos próprios santuários que antes eram iluminados por seu esplendor? "No Egito", escreve Orígenes, "os filósofos têm um conhecimento sublime e secreto a respeito da natureza de Deus. O que Juliano quis dizer quando falou das iniciações secretas nos sagrados Mistérios do Deus de Sete Raios que elevou as almas à salvação por meio de Sua própria natureza? Quem eram os teurgos abençoados que entendiam essas profundezas sobre as quais Juliano não ousava falar? Se essa doutrina interna sempre foi escondida das massas, para quem um código mais simples foi criado, não é altamente provável que os expoentes de todos os aspectos da civilização moderna - filosófica, ética, religiosa e científica - sejam ignorantes do verdadeiro significado das próprias teorias e princípios nos quais suas crenças são fundadas? As artes e ciências que a raça herdou de nações mais antigas escondem sob seu belo exterior um mistério tão grande que apenas o intelecto mais iluminado pode compreender sua importância? Esse é, sem dúvida, o caso .

Albert Pike, que reuniu ampla evidência da excelência das doutrinas promulgadas pelos Mistérios, apoia suas afirmações citando os escritos de Clemente de Alexandria, Platão, Epicteto, Proclo, Aristófanes e Cícero, todos os quais se unem para elogiar os altos ideais dessas instituições. Do testemunho incondicional de tais autoridades respeitáveis, nenhuma dúvida razoável pode existir de que os iniciados da Grécia, Egito e outros países antigos possuíam a solução correta para aqueles

grandes problemas culturais, intelectuais, morais e sociais que, em um estado não resolvido, confrontam a humanidade do século XX. O leitor não deve interpretar esta declaração como significando que a antiguidade havia previsto e analisado cada complexidade desta geração, mas sim que os Mistérios haviam desenvolvido um método pelo qual a mente era tão treinada nas verdades fundamentais da vida que era capaz de lidar inteligentemente com qualquer emergência que pudesse surgir. Assim, as faculdades de raciocínio foram organizadas por um processo simples de cultura mental, pois foi afirmado que onde a razão reina suprema, a inconsistência não pode existir. A sabedoria, foi mantida, eleva o homem à condição de Divindade, um fato que explica a declaração enigmática de que os Mistérios transformaram "bestas rugidoras em divindades".

A preeminência de qualquer sistema filosófico pode ser determinada apenas pela excelência de seus produtos. Os Mistérios demonstraram a superioridade de sua cultura ao dar ao mundo mentes de tamanha grandeza avassaladora, almas de tamanha visão beatífica e vidas de tamanha impecabilidade que, mesmo após o lapso de eras, os ensinamentos desses indivíduos constituem os atuais padrões espirituais, intelectuais e éticos da raça. Os iniciados das várias escolas de Mistérios de eras passadas formam uma verdadeira corrente dourada de super-homens e super-mulheres conectando o céu e a terra. Eles são os elos daquela "corrente dourada" homérica com a qual Zeus se gabava de poder ligar as várias partes do universo ao pináculo do Olimpo. Os filhos e filhas de Ísis são de fato uma linhagem ilustre — fundadores de ciências e filosofias, patronos de artes e ofícios, apoiando pela transcendência de seu poder divinamente dado as estruturas das religiões mundiais erguidas para homenageá-los. Fundadores de doutrinas que moldaram as vidas de incontáveis gerações, esses Professores Iniciados testemunham aquela cultura espiritual que sempre existiu — e sempre existirá — como uma instituição divina no mundo dos homens.

Aqueles que representam um ideal além da compreensão das massas devem enfrentar a perseguição da multidão irrefletida que está sem aquele idealismo divino que inspira o progresso e aquelas faculdades racionais que infalivelmente peneiram a verdade da falsidade. O destino do Iniciado-Professor é, portanto, quase invariavelmente infeliz. Pitágoras, crucificado e sua universidade queimada; Hipácia, arrancada de sua carruagem e dilacerada membro por membro; Jacques de Molay, cuja memória sobrevive à chama consumidora; Savonarola, queimado na praça de Florença; Galileu, forçado a se retratar de joelhos; Giordano Bruno, queimado pela Inquisição; Roger Bacon, compelido a continuar seus experimentos no segredo de sua cela e deixar seu conhecimento escondido sob cifra; Dante Alighieri, morrendo no exílio de sua amada cidade; Francis Bacon, paciente sob o fardo da perseguição; Cagliostro, o homem mais vilipendiado dos tempos modernos — toda essa linha ilustre carrega um testemunho interminável da desumanidade do homem para com o homem. O mundo sempre foi propenso a acumular aplausos sobre seus tolos e calúnias sobre seus pensadores. Aqui e ali, exceções notáveis ocorrem, como no caso do Conde de St.-Germain, um filósofo que sobreviveu a seus inquisidores e, pela pura transcendência de seu gênio, conquistou uma posição de imunidade comparativa. Mas mesmo o ilustre Conde — cujo intelecto iluminado mereceu a homenagem do mundo — não pôde escapar de ser rotulado de impostor,

charlatão e aventureiro. Deste longo punho de homens e mulheres imortais que representaram a Sabedoria Antiga diante do mundo, três foram escolhidos como exemplos notáveis para consideração mais detalhada: a primeira, a mais eminente filósofa de todas as eras; a segunda, o homem mais difamado e perseguido desde o início da Era Cristã; o terceiro, o mais brilhante e bem-sucedido expoente moderno desta Sabedoria Antiga.

HIPÁCIA

Sentada na cadeira de filosofia anteriormente ocupada por seu pai, o matemático Theon, a imortal Hipácia foi por muitos anos a figura central na Escola Alexandrina do Neoplatonismo. Famosa tanto pela profundidade de seu aprendizado quanto pelo charme de sua pessoa, amada pelos cidadãos de Alexandria e frequentemente consultada pelos magistrados daquela cidade, esta nobre mulher se destaca da

A MESA DE CEBES.

Do Theatro Moral de la Vida Humana de Vænius .

Há uma lenda que diz que a Tábua de Cebes, um diálogo entre Cebes e Gerúndio, foi baseada em uma mesa antiga montada no Templo de Cronos em Atenas ou Tebas, que retratava todo o progresso da vida humana. O autor da Tábua de Cebes foi discípulo de Sócrates e viveu por volta de 390 a.C. O mundo é representado como uma grande montanha. Da terra, na base dela, saem miríades de criaturas humanas que sobem em busca da verdade e da imortalidade. Acima das nuvens

que escondem o cume da montanha está o objetivo da realização humana - a verdadeira felicidade. As figuras e grupos são organizados da seguinte forma: (1) a porta do muro da vida; (2) o Gênio ou Inteligência; (3) engano; (4) opiniões, desejos e prazeres; (5) fortuna; (6) o forte; (7) venery, insaciabilidade, bajulação; (8) tristeza; (9) tristeza; (10) miséria; (11) pesar, (12) raiva ou desespero; (13) a casa do infortúnio; (14) penitência; (15) opinião verdadeira; (16) opinião falsa; (17) doutrina falsa; (18) poetas, oradores, geômetras, et. al.; (19) incontinência, indulgência sexual e opinião; (20) o caminho da verdadeira doutrina; (21) continência e paciência; (22) a verdadeira doutrina; (23) verdade e persuasão; (24) ciência e virtudes; (25) felicidade, (26) o maior (primeiro) prazer do homem sábio; (27) os preguiçosos e os desviados.

páginas da história como a maior dos mártires pagãos. Discípula pessoal do mágico Plutarco e versada nas profundezas da Escola Platônica, Hipátia eclipsou em argumento e estima pública todos os proponentes das doutrinas cristãs no norte do Egito. Embora seus escritos tenham perecido na época do incêndio da biblioteca de Alexandria pelos maometanos, alguma sugestão de sua natureza pode ser obtida das declarações de autores contemporâneos. Hipátia evidentemente escreveu um comentário sobre a Aritmética de Diofanto, outro sobre o Cânone Astronômico de Ptolomeu e um terceiro sobre as Cônicas de Apolônio de Perga. Sinésio, bispo de Ptolemais, seu amigo devotado, escreveu a Hipátia pedindo ajuda na construção de um astrolábio e um hidroscópio. Reconhecendo a transcendência de seu intelecto, os eruditos de muitas nações se aglomeraram na academia onde ela lecionava.

Vários escritores creditaram os ensinamentos de Hipátia como sendo cristãos em espírito; de fato, ela removeu o véu de mistério no qual o novo culto havia se envolvido, discursando com tanta clareza sobre seus princípios mais envolvidos que muitos recém-convertidos à fé cristã a desertaram para se tornarem seus discípulos. Hipátia não apenas provou conclusivamente a origem pagã da fé cristã, mas também expôs os supostos milagres então avançados pelos cristãos como símbolos de preferência divina, demonstrando as leis naturais que controlavam os fenômenos.

Nessa época, Cirilo — mais tarde renomado como o fundador da doutrina da Trindade Cristã e canonizado por seu zelo — era bispo de Alexandria. Vendo em Hipácia uma ameaça contínua à promulgação da fé cristã, Cirilo — indiretamente pelo menos — foi a causa de seu trágico fim. Apesar de todos os esforços posteriores para exonerá-lo do estigma de seu assassinato, o fato incontestável permanece que ele não fez nenhum esforço para evitar o crime imundo e brutal. O único resquício de desculpa que pode ser oferecido em sua defesa é que, cego pelo feitiço do fanatismo, Cirilo considerou Hipácia uma feiticeira em conluio com o Diabo. Em contraste com a excelência geral das obras literárias de Charles Kingsley, talvez tenha notado sua delineação pueril do caráter de Hipácia em seu livro com esse nome. Sem exceção, as escassas referências históricas a essa filósofa virgem atestam sua virtude, integridade e devoção absoluta aos princípios da Verdade e do Direito.

Embora seja verdade que as melhores mentes do cristianismo daquele período podem ser prontamente absolvidas da acusação de participas criminis , o ódio

implacável de Cirilo sem dúvida se comunicou aos membros mais fanáticos de sua fé, particularmente a um grupo de monges do deserto de Nitrian. Liderados por Pedro, o Leitor, um homem selvagem e analfabeto, eles atacaram Hipácia na rua aberta enquanto ela passava da academia para sua casa. Arrastando a mulher indefesa de sua carruagem, eles a levaram para a Igreja de Cesaréia. Rasgando suas vestes, eles a espancaram até a morte com porretes, depois do que rasparam a carne de seus ossos com conchas de ostra e levaram os restos mutilados para um lugar chamado Cindron, onde os queimaram até as cinzas.

Assim pereceu em 415 d.C. a maior mulher iniciada do mundo antigo, e com ela caiu também a Escola Neoplatônica de Alexandria. A memória de Hipácia provavelmente foi perpetuada na hagiolatria da Igreja Católica Romana na pessoa de Santa Catarina de Alexandria.

O CONDE DE CAGLIOSTRO

O "divino" Cagliostro, um momento o ídolo de Paris, no outro um prisioneiro solitário em uma masmorra da Inquisição, passou como um meteoro pela face da França. De acordo com suas memórias escritas por ele durante seu confinamento na Bastilha, Alessandro Cagliostro nasceu em Malta de uma família nobre, mas desconhecida. Ele foi criado e educado na Arábia sob a tutela de Altotas, um homem bem versado em vários ramos da filosofia e da ciência e também um mestre das artes transcendentais. Enquanto os biógrafos de Cagliostro geralmente ridicularizam esse relato, eles falham completamente em avançar em seu lugar qualquer solução lógica para a fonte de seu magnífico estoque de conhecimento arcano.

Marcado como um impostor e um charlatão, seus milagres declarados como prestidigitação, e sua própria generosidade suspeita de um motivo oculto, o Conde di Cagliostro é, sem dúvida, o homem mais caluniado da história moderna. "A desconfiança", escreve WHK Trowbridge, "que o mistério e a magia sempre inspiram fez de Cagliostro, com sua personalidade fantástica, um alvo fácil para calúnia. Depois de ter sido crivado de abusos até ficar irreconhecível, o preconceito, o filho adotivo da calúnia, procedeu a linchá-lo, por assim dizer. Por mais de cem anos, seu caráter pendeu na forca da infâmia, sobre a qual os sbirri da tradição inscreveram uma maldição sobre qualquer um que tentasse derrubá-lo. Seu destino tem sido sua fama. Ele é lembrado na história, não tanto por qualquer coisa que tenha feito, mas pelo que foi feito a ele." (Veja Cagliostro, o Esplendor e a Miséria de um Mestre da Magia .)

De acordo com a crença popular, o nome verdadeiro de Cagliostro era Giuseppe Balsamo, e ele era siciliano de nascimento. Nos últimos anos, no entanto, surgiram dúvidas sobre se essa crença está de acordo com os fatos. Ainda pode ser provado que, em parte, pelo menos, as tiradas de abuso acumuladas sobre o infeliz conde foram direcionadas contra o homem errado. Giuseppe Balsamo nasceu em 1743 de pais honestos, mas humildes. Desde a infância, ele exibiu tendências egoístas, inúteis e até criminosas, e depois de uma série de escapadas desapareceu. Trowbridge (loc. cit.) apresenta ampla prova de que Cagliostro não era Giuseppe Balsamo, descartando assim a pior acusação contra ele. Após seis meses de prisão

na Bastilha, em seu julgamento Cagliostro foi exonerado de qualquer implicação no roubo do famoso "Colar da Rainha", e mais tarde foi estabelecido o fato de que ele realmente havia alertado o Cardeal de Rohan sobre o crime pretendido. Apesar do fato, no entanto, de que ele foi absolvido como inocente pelo tribunal francês, um esforço deliberado para difamar Cagliostro foi feito por um artista — mais talentoso do que inteligente — que pintou um quadro mostrando-o segurando o colar fatal em sua mão. O julgamento de Cagliostro foi chamado de prólogo da Revolução Francesa. A animosidade latente contra Maria Antonieta e Luís XVI engendrada por este julgamento mais tarde explodiu como o holocausto do Reino do Terror. Em seu folheto, Cagliostro e seu Rito Egípcio da Maçonaria , Henry R. Evans também defende habilmente este homem muito perseguido contra as infâmias tão injustamente ligadas ao seu nome.

Investigadores sinceros dos fatos que cercam a vida e a misteriosa "morte" de Cagliostro são da opinião de que as histórias que circularam contra ele podem ser rastreadas até as maquinações da Inquisição, que dessa maneira buscava justificar sua perseguição. A acusação básica contra Cagliostro era que ele havia tentado fundar uma loja maçônica em Roma — nada mais. Todas as outras acusações são de data posterior. Por algum motivo não revelado, o Papa comutou a sentença de morte de Cagliostro para prisão perpétua. Este ato em si mostrou a consideração em que Cagliostro era tido até mesmo por seus inimigos. Embora se acredite que sua morte tenha ocorrido vários anos depois em uma masmorra inquisitorial no castelo de San Leo, é altamente improvável que tenha sido esse o caso. Há rumores de que ele escapou e, de acordo com uma história muito significativa, Cagliostro fugiu para a Índia, onde seus talentos receberam a apreciação negada a eles na Europa dominada pela política.

Após criar seu Rito Egípcio, Cagliostro declarou que, uma vez que as mulheres tinham sido admitidas nos Mistérios antigos, não havia razão para que fossem excluídas das ordens modernas. A Princesa de Lamballe graciosamente aceitou a dignidade de Senhora de Honra em sua sociedade secreta, e na noite de sua iniciação os membros mais importantes da corte francesa estavam presentes. O brilhantismo do caso atraiu a atenção das lojas maçônicas em Paris. Seus representantes, em um desejo sincero de entender os Mistérios Maçônicos, escolheram o orientalista erudito Court de Gébelin como seu porta-voz, e convidaram o Conde di Cagliostro para participar de uma conferência para ajudar a esclarecer uma série de questões importantes sobre a filosofia maçônica. O Conde aceitou o convite.

Em 10 de maio de 1785, Cagliostro compareceu à conferência convocada para esse propósito, e seu poder e simplicidade imediatamente conquistaram para ele a opinião favorável de toda a assembleia. Levou apenas algumas palavras para que a Corte de Gébelin descobrisse que ele estava falando não apenas com um colega acadêmico, mas com um homem infinitamente superior a ele. Cagliostro imediatamente apresentou um discurso, que foi tão inesperado, tão totalmente diferente de qualquer coisa já ouvida antes pelos reunidos, que todos ficaram sem palavras de espanto. Cagliostro declarou que a Rosa-Cruz era o antigo e verdadeiro símbolo dos Mistérios e, após uma breve descrição de seu simbolismo original, ramificou-se em uma consideração do significado simbólico das letras, prevendo à

assembleia o futuro da França de uma maneira gráfica que não deixou margem para dúvidas de que o orador era um homem de percepção e poder sobrenatural. Com um curioso arranjo das letras do alfabeto, Cagliostro previu em detalhes os horrores da revolução que se aproximava e da queda da monarquia, descrevendo minuciosamente o destino dos vários membros da família real. Ele também profetizou o advento de Napoleão e a ascensão do Primeiro Império. Tudo isso ele fez para demonstrar o que pode ser alcançado pelo conhecimento superior.

Mais tarde, quando preso e enviado para a Bastilha, Cagliostro escreveu na parede de sua cela a seguinte mensagem enigmática que, quando interpretada, diz: "Em 1789, a Bastilha sitiada será derrubada por vocês de cima a baixo em 14 de julho." Cagliostro era o misterioso agente dos Cavaleiros Templários, o iniciado Rosacruz cujo magnífico estoque de aprendizado é atestado pela profundidade do Rito Egípcio da Maçonaria. Assim, o Conde di Cagliostro continua sendo um dos personagens mais estranhos da história - acreditado por seus amigos como tendo vivido para sempre e participado da festa de casamento de Caná, e acusado por seus inimigos de ser o Diabo encarnado! Seus poderes de profecia são habilmente descritos por Alexandre Dumas em O Colar da Rainha . O mundo que ele procurou servir em seu próprio

caminho estranho não o recebeu, mas tem seguido com perseguição implacável ao longo dos séculos até mesmo a própria memória deste ilustre adepto que, incapaz de realizar o grande trabalho em mãos, se afastou em favor de seu compatriota mais bem-sucedido, o Conde de St-Germain.

O CONDE DE ST.-GERMAIN

Durante a primeira parte do século XVIII, surgiu nos círculos diplomáticos da Europa a personalidade mais desconcertante da história — um homem cuja vida era tão próxima de um sinônimo de mistério que o enigma de sua verdadeira identidade era tão insolúvel para seus contemporâneos quanto para investigadores posteriores. O conde de St.-Germain foi reconhecido como o estudioso e linguista de destaque de sua época. Suas realizações versáteis se estendiam da química e história à poesia e música. Ele tocava vários instrumentos musicais com grande habilidade e entre suas numerosas composições estava uma curta ópera. Ele também era um artista de rara habilidade e acredita-se que os efeitos notavelmente luminosos que ele criou na tela tenham sido o resultado de sua mistura de madrepérola em pó com seus pigmentos. Ele ganhou distinção mundial por sua capacidade de reproduzir em suas pinturas o brilho original das pedras preciosas que apareciam nos trajes de seus súditos. Sua proficiência linguística beirava o sobrenatural. Ele falava alemão, inglês, italiano, português, espanhol, francês com sotaque piemontês, grego, latim, sânscrito, árabe e chinês com tamanha fluência que em todas as terras que visitava era aceito como nativo. Ele era ambidestro a tal ponto que: conseguia escrever o mesmo artigo com as duas mãos simultaneamente. Quando os dois pedaços de papel foram colocados juntos com uma luz atrás deles, a escrita em uma folha cobria exatamente, letra por letra, a escrita na outra.

Como historiador, o Conde de St.-Germain possuía um conhecimento sobrenatural de cada ocorrência dos dois mil anos anteriores, e em suas reminiscências ele descreveu em detalhes íntimos eventos de séculos anteriores nos quais ele havia desempenhado papéis importantes. Ele auxiliou Mesmer no desenvolvimento da teoria do mesmerismo, e com toda a probabilidade foi o verdadeiro descobridor dessa ciência. Seu conhecimento de química era tão profundo que ele podia remover falhas de diamantes e outras pedras preciosas — um feito que ele realmente realizou a pedido de Luís XV em 1757. Ele também era reconhecido como um crítico de arte sem igual e era frequentemente consultado sobre pinturas creditadas aos grandes mestres. Sua reivindicação à posse do lendário elixir da vida foi testemunhada por Madame de Pompadour, que descobriu, ela declarou, que ele havia presenteado uma dama da corte com um certo líquido inestimável que teve o efeito de preservar sua vivacidade e beleza juvenil por mais de vinte e cinco anos além do prazo normal.

A precisão surpreendente de suas declarações proféticas lhe rendeu um grau nada pequeno de fama. Para Maria Antonieta, ele previu a queda da monarquia francesa, e também estava ciente do destino infeliz da família real anos antes da Revolução realmente acontecer. A evidência máxima, no entanto, do gênio do conde foi sua compreensão penetrante da situação política da Europa e a habilidade consumada com a qual ele aparou as investidas de seus adversários diplomáticos. Ele foi empregado por vários governos europeus, incluindo o francês, como um agente secreto, e em todos os momentos carregou credenciais que lhe deram entrada nos círculos mais exclusivos.

Em sua excelente monografia, O Conde de St.-Germain, o Segredo dos Reis , a Sra. Cooper-Oakley lista os nomes mais importantes sob os quais essa pessoa incrível se disfarçou entre os anos de 1710 e 1822. "Durante esse tempo", ela escreve, "temos M. de St.-Germain como o Marquês de Montferrat, Conde Bellamarre ou Aymar em Veneza, Chevalier Schoening em Pisa, Chevalier Weldon em Milão e Leipzig, Conde Soltikoff em Gênova e Livorno, Graf Tzarogy em Schwalbach e Triesdorf, Prinz Ragoczy em Dresden e Conde de St.-Germain em Paris, Haia, Londres e São Petersburgo." É evidente que M. de St.-Germain adotou esses vários nomes no interesse do trabalho do serviço secreto político que os historiadores presumiram ser a principal missão de sua vida.

O conde de St.-Germain foi descrito como de estatura mediana, corpo bem proporcionado e de feições regulares e agradáveis. Sua pele era um tanto morena e seu cabelo escuro, embora frequentemente mostrado empoado. Ele se vestia de forma simples, geralmente de preto, mas suas roupas eram bem ajustadas e da melhor qualidade. Ele tinha aparentemente uma mania por diamantes, que ele usava não apenas em anéis, mas também em seu relógio e corrente, sua caixa de rapé e em suas fivelas. Um joalheiro certa vez estimou o valor de suas fivelas de sapato em 200.000 francos. O conde é geralmente descrito como um homem de meia-idade, totalmente desprovido de rugas e livre de qualquer enfermidade física. Ele não comia carne e não bebia vinho, na verdade raramente jantava na presença de qualquer segunda pessoa. Embora ele fosse visto como um charlatão e impostor por alguns nobres na corte francesa, Luís XV repreendeu severamente um cortesão que fez um comentário depreciativo a respeito dele. A graça e a dignidade que

caracterizavam sua conduta, juntamente com seu controle perfeito de todas as situações, atestavam o refinamento inato e a cultura de alguém "à maneira nascida". Essa pessoa notável também tinha a surpreendente e impressionante habilidade de adivinhar, até mesmo nos mínimos detalhes, as perguntas de seus inquisidores antes que fossem feitas. Por algo semelhante à telepatia, ele também era capaz de sentir quando sua presença era necessária em alguma cidade ou estado distante, e até mesmo foi registrado dele que ele tinha o hábito surpreendente não apenas de aparecer em seu próprio apartamento e naqueles de amigos sem recorrer à convencionalidade da porta, mas também de sair de lá de maneira semelhante.

As viagens de M. de St.-Germain cobriram muitos países. Durante o reinado de Pedro III, ele esteve na Rússia e entre os anos de 1737 e 1742 na corte do Xá da Pérsia como um convidado de honra. Sobre o assunto: de suas andanças Una Birch escreve: "As viagens do Conde de Saint-Germain cobriram um longo período de anos e uma grande variedade de países. Da Pérsia à França e de Calcutá a Roma, ele era conhecido e respeitado. Horace Walpole falou com ele em Londres em 1745; Clive o conheceu na Índia em 1756; Madame d'Adhémar alega que o conheceu em Paris em 1789, cinco anos após sua suposta morte; enquanto outras pessoas fingem ter mantido conversas com ele no início do século XIX. Ele tinha relações familiares e íntimas com as cabeças coroadas da Europa e era amigo honrado de muitas pessoas ilustres de todas as nacionalidades. Ele é até mencionado nas memórias e cartas da época, e sempre como um homem misterioso. Frederico, o Grande, Voltaire, Madame de Pompadour, Rousseau, Chatham e Walpole, todos os quais o conheceram pessoalmente, rivalizavam entre si em curiosidade quanto à sua origem. Durante as muitas décadas em que esteve diante do mundo, no entanto, ninguém conseguiu descobrir por que ele apareceu como um agente jacobita em Londres, como um conspirador em Petersburgo, como um alquimista e conhecedor de pinturas em Paris, ou como um general russo em Nápoles. * * * De vez em quando, a cortina que encobre suas ações é aberta, e nos é permitido vê-lo tocando violino na sala de música em Versalhes, fofocando com Horace Walpole em Londres, sentado na biblioteca de Frederico, o Grande, em Berlim, ou conduzindo reuniões iluministas em cavernas perto do Reno." (Veja The Nineteenth Century , janeiro de 1908.)

O Conde de St.-Germain tem sido geralmente considerado uma figura importante nas primeiras atividades dos maçons. Esforços repetidos, no entanto, provavelmente com um motivo oculto, foram feitos para desacreditar suas afiliações maçônicas. Um exemplo disso é o relato que aparece em The Secret Tradition in Freemasonry , de Arthur Edward

O ''DIVINO'' CAGLIOSTRO.

Do Busto de Cagliostro de Houdon.

O Conde di Cagliostro é descrito como um homem não muito alto, mas de ombros quadrados e peito profundo. Sua cabeça, que era grande, era abundantemente coberta de cabelos pretos penteados para trás de sua testa larga e nobre. Seus olhos eram pretos e muito brilhantes, e quando ele falava com grande sentimento sobre algum assunto profundo, as pupilas dilatavam, suas sobrancelhas erguiam-se e ele balançava a cabeça como um leão jubado. Suas mãos e pés eram pequenos — uma indicação de nascimento nobre — e todo o seu porte era de dignidade e estudo. Ele estava cheio de energia e conseguia realizar uma quantidade prodigiosa de trabalho. Ele se vestia de forma um tanto fantástica, dava tão livremente de uma bolsa inesgotável que recebeu o título de "Pai dos Pobres", não aceitava nada de ninguém e se mantinha magnificamente em um templo e palácio combinados na Rue d, la Sourdière. De acordo com sua própria declaração, ele foi iniciado nos Mistérios por ninguém menos que o Conde de St.-Germain. Ele viajou por todas as partes do mundo e, nas ruínas da antiga Babilônia e Nínive, descobriu homens sábios que entendiam todos os segredos da vida humana.

[parágrafo continua] Waite. Este autor, após fazer várias observações bastante depreciativas sobre o assunto, amplia seu artigo reproduzindo uma gravura do Conde de St.-Germain errado, aparentemente sendo incapaz de distinguir entre o grande iluminista e o general francês. Ainda será estabelecido além de qualquer dúvida que o Conde de St.-Germain era um maçom e um templário; de fato, as memórias de Cagliostro contêm uma declaração direta de sua iniciação na ordem dos Cavaleiros Templários nas mãos de St.-Germain. Muitas das ilustres personagens com as quais o Conde de St.-Germain se associou eram altos maçons, e memorandos suficientes foram preservados sobre as discussões que eles mantiveram para provar que ele era um mestre da tradição maçônica. Também é

razoavelmente certo que ele estava conectado com os rosacruzes - possivelmente tendo sido o verdadeiro chefe dessa ordem.

O Conde de St.-Germain era completamente familiarizado com os princípios do esoterismo oriental. Ele praticava o sistema oriental de meditação e concentração, tendo sido visto várias vezes sentado com os pés cruzados e as mãos dobradas na postura de um Buda hindu. Ele tinha um retiro no coração do Himalaia, para o qual se retirava periodicamente do mundo. Em uma ocasião, ele declarou que permaneceria na Índia por oitenta e cinco anos e então retornaria ao cenário de seus trabalhos europeus. Em várias ocasiões, ele admitiu que estava obedecendo às ordens de um poder maior e mais elevado do que ele. O que ele não disse foi que esse poder superior era a escola de Mistérios que o havia enviado ao mundo para cumprir uma missão definida. O Conde de St.-Germain e Sir Francis Bacon são os dois maiores emissários enviados ao mundo pela Irmandade Secreta nos últimos mil anos.

E. Francis Udny, um escritor teosófico, acredita que o Conde de St.-Germain não era filho do Príncipe Rákóczy da Transilvânia, mas por causa de sua idade não poderia ter sido outro senão o próprio príncipe, que era conhecido por ser de uma profunda natureza filosófica e mística. O mesmo escritor acredita que o Conde de St.-Germain passou pela "morte filosófica" como Francis Bacon em 1626, como François Rákóczy em 1735 e como Conde de St.-Germain em 1784. Ele também sente que o Conde de St.-Germain foi o famoso Conde de Gabalis e, como Conde Hompesch, foi o último Grão-Mestre dos Cavaleiros de Malta. É bem sabido que muitos membros das sociedades secretas europeias fingiram a morte para vários propósitos. O marechal Ney, um membro da Sociedade dos Filósofos Desconhecidos, escapou do pelotão de fuzilamento e, sob o nome de Peter Stuart Ney, viveu e lecionou por mais de trinta anos na Carolina do Norte. Em seu leito de morte, PS Ney disse ao Doutor Locke, o médico assistente, que ele era o marechal Ney da França.

Ao concluir um artigo sobre a identidade do inescrutável Conde de St.-Germain, Andrew Lang escreve: "Saint-Germain realmente morreu no palácio do Príncipe Charles de Hesse por volta de 1780-85? Ele, por outro lado, escapou da prisão francesa onde Grosley pensou tê-lo visto, durante a Revolução Francesa? Ele era conhecido de Lord Lytton por volta de 1860? * * * Ele é o misterioso conselheiro moscovita do Dalai Lama? Quem sabe? Ele é um fogo-fátuo dos escritores de memórias do século XVIII." (Veja Mistérios Históricos .)

EPISÓDIOS DA HISTÓRIA AMERICANA

Muitas vezes a pergunta foi feita: A visão de Francis Bacon da "Nova Atlântida" foi um sonho profético da grande civilização que tão cedo surgiria no solo do Novo Mundo? Não há dúvidas de que as sociedades secretas da Europa conspiraram para estabelecer no continente americano "uma nova nação, concebida em liberdade e dedicada à proposição de que todos os homens são criados iguais". Dois incidentes no início da história dos Estados Unidos evidenciam a influência daquele corpo silencioso que por tanto tempo guiou os destinos dos povos e religiões. Por eles, nações são criadas como veículos para a promulgação de ideais, e enquanto as

nações são fiéis a esses ideais, elas sobrevivem; quando variam deles, desaparecem como a antiga Atlântida que havia deixado de "conhecer os deuses".

Em seu admirável pequeno tratado, Our Flag , Robert Allen Campbell revive os detalhes de um episódio obscuro, mas mais importante, da história americana--o desenho da bandeira colonial de 1775. O relato envolve um homem misterioso sobre o qual não há informações disponíveis, exceto que ele tinha relações familiares com o general George Washington e o Dr. Benjamin Franklin. A seguinte descrição dele foi retirada do tratado de Campbell:

"Parece que pouco se sabe sobre esse velho cavalheiro; e nos materiais dos quais este relato foi compilado seu nome não é sequer mencionado, pois ele é uniformemente mencionado ou referido como 'o Professor'. Ele estava evidentemente muito além de seus setenta anos; e ele frequentemente se referia a eventos históricos de mais de um século antes, como se tivesse sido uma testemunha viva de sua ocorrência; ainda assim ele era ereto, vigoroso e ativo — saudável, saudável e lúcido — tão forte e enérgico em todos os sentidos quanto no auge de sua vida. Ele era alto, de bela figura, perfeitamente tranquilo e muito digno em suas maneiras; sendo ao mesmo tempo cortês, gracioso e autoritário. Ele era, para aqueles tempos e considerando os costumes dos colonos, muito peculiar em seu método de vida; pois ele não comia carne, ave ou peixe; ele nunca usava como alimento nenhuma "coisa verde", nenhuma raiz ou qualquer coisa verde; ele não bebia bebidas alcoólicas, vinho ou cerveja; mas limitava sua dieta a cereais e seus produtos, frutas que amadureciam no caule ao sol, nozes, chá suave e os doces de mel, açúcar ou melaço.

"Ele era bem-educado, altamente culto, de informações extensas e variadas, e muito estudioso. Ele passava uma parte considerável de seu tempo na paciente e persistente manipulação de uma série de livros antigos muito raros e manuscritos antigos que ele parecia estar decifrando, traduzindo ou reescrevendo. Esses livros e manuscritos, junto com seus próprios escritos, ele nunca mostrava a ninguém; e ele nem mesmo os mencionava em suas conversas com a família, exceto da maneira mais casual; e ele sempre os trancava cuidadosamente em um grande, antigo, cúbico, com forro de ferro, pesado, baú de carvalho, sempre que saía de seu quarto, mesmo para suas refeições. Ele fazia longas e frequentes caminhadas sozinho, sentava-se nas sobrancelhas das colinas vizinhas ou meditava no meio dos prados verdes e floridos. Ele era bastante liberal - mas de forma alguma pródigo - em gastar seu dinheiro, com o qual estava bem abastecido. Ele era um membro quieto, embora muito genial e muito interessante da família; e ele estava aparentemente em casa em qualquer e cada tópico surgindo na conversa. Ele era, em suma, alguém que todos notariam e respeitariam, com quem poucos se sentiriam bem familiarizados, e a quem ninguém presumiria questionar sobre si mesmo--de onde ele veio, por que ele ficou, ou para onde ele viajou.

Por algo mais do que uma mera coincidência, o comitê nomeado pelo Congresso Colonial para projetar uma bandeira aceitou um convite para ser hóspede, enquanto estava em Cambridge, da mesma família com a qual o Professor estava hospedado. Foi aqui que o General Washington se juntou a eles com o propósito de decidir sobre um emblema adequado. Pelos sinais que passaram entre eles, ficou

evidente que tanto o General Washington quanto o Doutor Franklin reconheceram o Professor, e por aprovação unânime ele foi convidado a se tornar um membro ativo do comitê. Durante os procedimentos que se seguiram, o Professor foi tratado com o mais profundo respeito e todas as suas sugestões imediatamente colocadas em prática. Ele apresentou um padrão que considerou simbolicamente apropriado para a nova bandeira, e isso foi aceito sem hesitação pelos outros seis membros do comitê, que votaram que o arranjo sugerido pelo Professor fosse imediatamente adotado. Após o episódio da bandeira, o Professor desapareceu silenciosamente, e nada mais se sabe sobre ele.

O General Washington e o Doutor Franklin reconheceram o Professor como um emissário da escola de Mistérios que por tanto tempo controlou os destinos políticos deste planeta? Benjamin Franklin foi um filósofo e um maçom — possivelmente um iniciado Rosacruz. Ele e o Marquês de Lafayette — também um homem misterioso — constituem dois dos elos mais importantes na cadeia de circunstâncias que culminou no estabelecimento das treze colônias americanas originais como uma nação livre e independente. As realizações filosóficas do Doutor Franklin são bem atestadas no Poor Richard's Almanac , publicado por ele por muitos anos sob o nome de Richard Saunders. Seu interesse pela causa da Maçonaria também é demonstrado por sua republicação das Constitutions of Freemasonry de Anderson , uma obra rara e muito disputada sobre o assunto.

Foi durante a noite de 4 de julho de 1776 que ocorreu o segundo desses episódios misteriosos. Na antiga State House, na Filadélfia, um grupo de homens se reuniu para a tarefa importante de cortar o último laço entre o velho país e o novo. Foi um momento grave e muitos dos presentes temeram que suas vidas fossem perdidas por sua audácia. No meio do debate, uma voz feroz soou. Os debatedores pararam e se viraram para olhar para o estranho. Quem era esse homem que de repente apareceu no meio deles e os paralisou com sua oratória? Eles nunca o tinham visto antes, ninguém sabia quando ele havia entrado, mas sua forma alta e rosto pálido os encheram de admiração. Sua voz soando com um zelo sagrado, o estranho os emocionou até suas almas. Suas palavras finais ecoaram pelo prédio: " Deus deu a América para ser livre !" Enquanto o estranho afundava em uma cadeira exausto, um entusiasmo selvagem explodiu. Nome após nome foi colocado no pergaminho: a Declaração de Independência foi assinada. Mas onde estava o homem que havia precipitado a realização dessa tarefa imortal — que havia levantado por um momento o véu dos olhos da assembleia e revelado a eles uma parte, pelo menos, do grande propósito para o qual a nova nação foi concebida? Ele havia desaparecido, nem foi visto novamente ou sua identidade estabelecida. Este episódio é paralelo a outros de um tipo semelhante registrados por historiadores antigos presentes na fundação de cada nova nação. Eles são coincidências ou demonstram que a sabedoria divina dos antigos Mistérios ainda está presente no mundo, servindo à humanidade como antigamente?

Conclusão

PHILIP, Rei da Macedônia, ambicioso para obter o professor que seria mais capaz de transmitir os ramos mais elevados do aprendizado para seu filho de quatorze anos, Alexandre, e desejando que o príncipe tivesse como mentor o mais famoso e erudito dos grandes filósofos, decidiu se comunicar com Aristóteles. Ele despachou a seguinte carta para o sábio grego: "PHILIP PARA ARISTÓTELES, SAÚDE: Saiba que tenho um filho. Rendo aos deuses muitos agradecimentos; não tanto por seu nascimento, mas por ele ter nascido em seu tempo , pois espero que sendo educado e instruído por você, ele se torne digno de nós dois e do reino que ele herdará." Aceitando o convite de Filipe, Aristóteles viajou para a Macedônia no quarto ano da 108ª Olimpíada, e permaneceu por oito anos como tutor de Alexandre. A afeição do jovem príncipe por seu instrutor tornou-se tão grande quanto a que ele sentia por seu pai. Ele disse que seu pai lhe dera ser , mas que Aristóteles lhe dera bem-estar .

Os princípios básicos da Sabedoria Antiga foram transmitidos a Alexandre, o Grande, por Aristóteles, e aos pés do filósofo o jovem macedônio veio a perceber a transcendência do aprendizado grego como ele foi personificado no discípulo imortal de Platão. Elevado por seu iluminado professor ao limiar da esfera filosófica, ele contemplou o mundo dos sábios — o mundo que o destino e as limitações de sua própria alma decretaram que ele não deveria conquistar.

Aristóteles em suas horas de lazer editou e anotou a Ilíada de Horner e apresentou o volume finalizado a Alexandre. Este livro o jovem conquistador tanto prezava que o carregava consigo em todas as suas campanhas. Na época de seu triunfo sobre Dario, descobrindo entre os despojos um magnífico caixão cravejado de pedras preciosas de unguentos, ele despejou seu conteúdo no chão, declarando que finalmente havia encontrado um estojo digno da edição de Aristóteles da Ilíada !

Enquanto em sua campanha asiática, Alexandre soube que Aristóteles havia publicado um de seus discursos mais valorizados, uma ocorrência que entristeceu profundamente o jovem rei. Então, para Aristóteles, Conquistador do Desconhecido, Alexandre, Conquistador do Conhecido, enviou esta reprovação e patética admissão da insuficiência da pompa e do poder mundanos: "ALEXANDER PARA ARISTÓTELES, SAÚDE: Você estava errado em publicar aqueles ramos da ciência até então não adquiridos exceto por instrução oral. Em que eu superaria os outros se o conhecimento mais profundo que ganhei de você fosse comunicado a todos? De minha parte, eu preferiria superar a maioria da humanidade nos ramos mais sublimes do aprendizado, do que na extensão do poder e domínio . Adeus." O recebimento desta carta surpreendente não causou nenhuma ondulação na vida plácida de Aristóteles, que respondeu que, embora o discurso tivesse sido comunicado às multidões, ninguém que não o tivesse ouvido dar a palestra (que carecia de compreensão espiritual) poderia entender sua verdadeira importância.

Poucos anos depois, Alexandre, o Grande, seguiu o caminho de toda a carne, e com seu corpo desmoronou a estrutura do império erguido sobre sua personalidade. Um ano depois, Aristóteles também passou para aquele mundo maior sobre cujos mistérios ele tantas vezes discursou com seus discípulos no Liceu. Mas, assim como Aristóteles superou Alexandre em vida, ele o superou na morte; pois embora seu corpo se mofasse em uma tumba obscura, o grande filósofo continuou a viver em

suas realizações intelectuais. Era após era lhe pagou tributo grato, geração após geração ponderou sobre seus teoremas até que pela pura transcendência de suas faculdades racionais Aristóteles — "o mestre daqueles que sabem", como Dante o chamou — se tornou o verdadeiro conquistador do próprio mundo que Alexandre havia procurado subjugar com a espada.

Assim, é demonstrado que para capturar um homem não é suficiente escravizar seu corpo--é necessário alistar sua razão; que para libertar um homem não é suficiente arrancar os grilhões de seus membros--sua mente deve ser libertada da escravidão de sua própria ignorância. A conquista física deve sempre falhar, pois, gerando ódio e dissensão, ela estimula a mente à vingança de um corpo ultrajado; mas todos os homens são obrigados, voluntariamente ou não, a obedecer àquele intelecto no qual reconhecem qualidades e virtudes superiores às suas.

Que a cultura filosófica da Grécia antiga, Egito e Índia superou a do mundo moderno, deve ser admitido por todos, até mesmo pelos mais convictos modernistas. A era de ouro da estética, intelectualismo e ética gregos nunca foi igualada desde então. O verdadeiro filósofo pertence à mais nobre ordem de homens: a nação ou raça que é abençoada pela posse de pensadores iluminados é realmente afortunada, e seu nome será lembrado por eles. Na famosa escola pitagórica em Crotona, a filosofia era considerada indispensável à vida do homem. Aquele que não compreendia a dignidade do poder de raciocínio não poderia ser propriamente dito como vivo. Portanto, quando por perversidade inata um membro se retirava voluntariamente ou era expulso à força da fraternidade filosófica, uma lápide era erguida para ele no cemitério da comunidade; pois aquele que havia abandonado as buscas intelectuais e éticas para reentrar na esfera material com suas ilusões de sentido e falsa ambição era considerado morto para a esfera da Realidade. A vida representada pela escravidão dos sentidos era concebida pelos pitagóricos como morte espiritual, enquanto eles consideravam a morte do mundo dos sentidos como vida espiritual.

A filosofia concede vida na medida em que revela a dignidade e o propósito de viver. A materialidade concede a morte na medida em que entorpece ou obscurece aquelas faculdades da alma humana que deveriam ser responsivas aos impulsos vivificantes do pensamento criativo e da virtude enobrecedora. Quão inferiores a esses padrões de dias remotos são as leis pelas quais os homens vivem no século XX! Hoje o homem, uma criatura sublime com capacidade infinita de autoaperfeiçoamento, em um esforço para ser fiel a padrões falsos, se afasta de seu direito de nascença de compreensão - sem perceber as consequências - e mergulha no turbilhão da ilusão material. O precioso período de seus anos terrestres ele dedica ao esforço pateticamente fútil de se estabelecer como um poder duradouro em um reino de coisas duradouras. Gradualmente, a memória de sua vida como um ser espiritual desaparece de sua mente objetiva e ele concentra todas as suas faculdades parcialmente despertas em

JOÃO E A VISÃO DO APOCALIPSE.

De uma gravura de Jean Duvet.

Jean Duvet de Langres (que nasceu em 1485 e provavelmente morreu algum tempo depois de 1561, o ano em que suas ilustrações do Apocalipse foram impressas em forma de livro) foi o mais antigo e maior dos gravadores renascentistas franceses. Pouco se sabe sobre Duvet além do fato de que ele era o ourives do Rei da França. Suas gravuras para o Livro do Apocalipse, executadas depois que ele passou de seu septuagésimo ano, foram sua obra-prima. (Para mais informações sobre este obscuro mestre, consulte o artigo de William M. Ivins, Jr., em The Arts , maio de 1926.) O rosto de John é um retrato real de Duvet. Este prato, como muitos outros cortados por Duvet, é rico em simbolismo filosófico.

a colmeia fervente da indústria que ele passou a considerar a única realidade. Das alturas elevadas de sua individualidade, ele lentamente afunda nas profundezas sombrias da efemeridade. Ele cai ao nível da besta e, de forma brutal, murmura os problemas decorrentes de seu conhecimento insuficiente do Plano Divino. Aqui, na turbulência lúgubre de um grande inferno industrial, político e comercial, os

homens se contorcem em agonia autoinfligida e, alcançando as névoas rodopiantes, se esforçam para agarrar e segurar os fantasmas grotescos do sucesso e do poder.

Ignorante da causa da vida, ignorante do propósito da vida, ignorante do que está além do mistério da morte, mas possuindo dentro de si a resposta para tudo, o homem está disposto a sacrificar o belo, o verdadeiro e o bom dentro e fora sobre o altar manchado de sangue da ambição mundana. O mundo da filosofia — aquele lindo jardim do pensamento onde os sábios habitam no vínculo da fraternidade — desaparece de vista. Em seu lugar, ergue-se um império de pedra, aço, fumaça e ódio — um mundo no qual milhões de criaturas potencialmente humanas correm de um lado para o outro no esforço desesperado de existir e, ao mesmo tempo, manter a vasta instituição que ergueram e que, como um poderoso rolo compressor, está inevitavelmente avançando em direção a um fim desconhecido. Neste império físico, que o homem ergue na vã crença de que pode ofuscar o reino dos celestiais, tudo se transforma em pedra. Fascinado pelo brilho do ganho, o homem olha para o rosto de Medusa da ganância e fica petrificado.

Nesta era comercial, a ciência se preocupa somente com a classificação do conhecimento físico e investigação das partes temporais e ilusórias da Natureza. Suas chamadas descobertas práticas prendem o homem, mas mais firmemente com os laços da limitação física. A religião também se tornou materialista: a beleza e a dignidade da fé são medidas por enormes pilhas de alvenaria, por extensões de imóveis ou pelo balanço patrimonial. A filosofia que conecta o céu e a terra como uma escada poderosa, cujos degraus os iluminados de todas as eras subiram para a presença viva da Realidade - até mesmo a filosofia se tornou uma massa prosaica e heterogênea de noções conflitantes. Sua beleza, sua dignidade, sua transcendência não existem mais. Como outros ramos do pensamento humano, ele se tornou materialista - "prático" - e suas atividades tão direcionadas que também podem contribuir com sua parte para a construção deste mundo moderno de pedra e aço.

Nas fileiras dos chamados eruditos, está surgindo uma nova ordem de pensadores, que pode ser melhor denominada Escola dos Sábios Mundanos . Depois de chegar à conclusão surpreendente de que eles são o sal intelectual da terra, esses cavalheiros das letras se autodenominaram os juízes finais de todo o conhecimento, tanto humano quanto divino. Este grupo afirma que todos os místicos devem ter sido epilépticos e a maioria dos santos neuróticos! Ele declara que Deus é uma fabricação de superstição primitiva; o universo não foi destinado a nenhum propósito específico; a imortalidade é uma invenção da imaginação; e uma individualidade notável é apenas uma combinação fortuita de células! Pitágoras é afirmado ter sofrido de um "complexo de feijão"; Sócrates era um bêbado notório; São Paulo estava sujeito a ataques; Paracelso era um charlatão infame, o Conde di Cagliostro um charlatão, e o Conde de St.-Germain o vigarista notável da história!

O que os conceitos elevados dos salvadores e sábios iluminados do mundo têm em comum com esses produtos atrofiados e distorcidos do "realismo" deste século? Em todo o mundo, homens e mulheres oprimidos pelos sistemas culturais sem alma de hoje estão clamando pelo retorno da era banida da beleza e da iluminação - por algo prático no sentido mais elevado da palavra. Alguns estão começando a perceber que a chamada civilização em sua forma atual está no ponto de

desaparecimento; que a frieza, a falta de coração, o comercialismo e a eficiência material são impraticáveis , e somente aquilo que oferece oportunidade para a expressão do amor e da idealidade realmente vale a pena. O mundo inteiro está buscando a felicidade, mas não sabe em que direção procurar. Os homens devem aprender que a felicidade coroa a busca da alma por compreensão. Somente através da realização da bondade infinita e da realização infinita a paz do Eu interior pode ser assegurada. Apesar do geocentrismo do homem, há algo na mente humana que está se voltando para a filosofia — não para este ou aquele código filosófico, mas simplesmente para a filosofia no sentido mais amplo e completo.

As grandes instituições filosóficas do passado devem se erguer novamente, pois somente elas podem cuidar do véu que divide o mundo das causas daquele dos efeitos. Somente os Mistérios — aquelas sagradas Faculdades de Sabedoria — podem revelar à humanidade em luta aquele universo maior e mais glorioso que é o verdadeiro lar do ser espiritual chamado homem. A filosofia moderna falhou ao considerar o pensamento como um simples processo intelectual . O pensamento materialista é um código de vida tão sem esperança quanto o próprio comercialismo. O poder de pensar verdadeiro é o salvador da humanidade. Os Redentores mitológicos e históricos de todas as épocas foram todos personificações desse poder. Aquele que tem um pouco mais de racionalidade do que seu vizinho é um pouco melhor do que seu vizinho. Aquele que funciona em um plano mais alto de racionalidade do que o resto do mundo é denominado o maior pensador. Aquele que funciona em um plano inferior é considerado um bárbaro. Assim, o desenvolvimento racional comparativo é o verdadeiro indicador do status evolutivo do indivíduo.

Resumidamente, o verdadeiro propósito da filosofia antiga era descobrir um método pelo qual o desenvolvimento da natureza racional pudesse ser acelerado em vez de esperar os processos mais lentos da Natureza. Esta fonte suprema de poder, esta obtenção de conhecimento, este desdobramento do deus interior, está oculto sob a declaração epigramática da vida filosófica . Esta era a chave para a Grande Obra, o mistério da Pedra Filosofal, pois significava que a transmutação alquímica havia sido realizada. Assim, a filosofia antiga era principalmente a vivência de uma vida; secundariamente, um método intelectual. Somente aquele que vive a vida filosófica pode se tornar um filósofo no sentido mais elevado . O que o homem vive, ele passa a conhecer . Consequentemente, um grande filósofo é aquele cuja vida tripla — física, mental e espiritual — é totalmente devotada e completamente permeada por sua racionalidade.

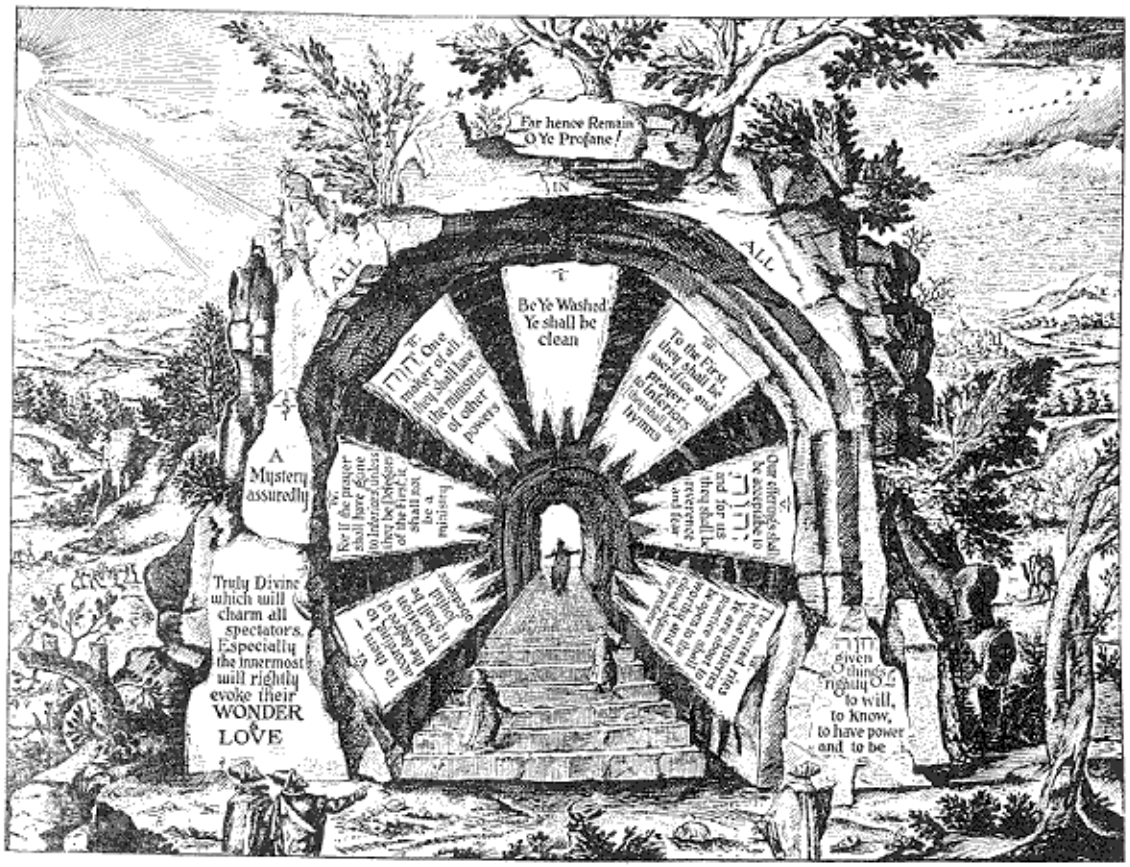
As naturezas física, emocional e mental do homem fornecem ambientes de benefício ou prejuízo recíproco um ao outro. Uma vez que a natureza física é o ambiente imediato do mental, somente aquela mente é capaz de pensamento racional que está entronizada em uma constituição material harmoniosa e altamente refinada. Portanto, ação correta , sentimento correto e pensamento correto são pré-requisitos do conhecimento correto , e a obtenção do poder filosófico é possível somente para aqueles que harmonizaram seu pensamento com sua vida. Os sábios, portanto, declararam que ninguém pode atingir o mais alto na ciência do conhecimento até que primeiro tenha atingido o mais alto na ciência da vida. O poder filosófico é o resultado natural da vida filosófica . Assim como uma

existência física intensa enfatiza a importância das coisas físicas, ou assim como o ascetismo metafísico monástico estabelece a desejabilidade do estado extático, a absorção filosófica completa conduz a consciência do pensador à mais elevada e nobre de todas as esferas — o mundo filosófico puro ou racional.

Em uma civilização primariamente preocupada com a realização dos extremos da atividade temporal, o filósofo representa um intelecto equilibrador capaz de estimar e guiar o crescimento cultural. O estabelecimento do ritmo filosófico na natureza de um indivíduo normalmente requer de quinze a vinte anos. Durante todo esse período, os discípulos antigos eram constantemente submetidos à mais severa disciplina. Toda atividade da vida era gradualmente desvinculada de outros interesses e focalizada na parte do raciocínio. No mundo antigo, havia outro fator vital que entrava na produção de intelectos racionais e que está inteiramente além da compreensão dos pensadores modernos: a saber, a iniciação nos Mistérios filosóficos. Um homem que demonstrasse sua aptidão mental e espiritual peculiar era aceito no corpo dos eruditos e a ele era revelada aquela herança inestimável de conhecimento arcano preservada de geração em geração. Essa herança de verdade filosófica é o tesouro inigualável de todas as eras, e cada discípulo admitido nessas irmandades dos sábios fazia, por sua vez, sua contribuição individual para esse estoque de conhecimento classificado.

A única esperança do mundo é a filosofia, pois todas as tristezas da vida moderna resultam da falta de um código filosófico adequado. Aqueles que sentem, mesmo em parte, a dignidade da vida não podem deixar de perceber a superficialidade aparente nas atividades desta era. Bem foi dito que nenhum indivíduo pode ter sucesso até que tenha desenvolvido sua filosofia de vida. Nem uma raça ou nação pode atingir a verdadeira grandeza até que tenha formulado uma filosofia adequada e dedicado sua existência a uma política consistente com essa filosofia. Durante a Guerra Mundial, quando a chamada civilização lançou uma metade de si mesma contra a outra em um frenesi de ódio, os homens destruíram implacavelmente algo mais precioso até do que a vida humana: eles obliteraram aqueles registros do pensamento humano pelos quais a vida pode ser inteligentemente direcionada. Realmente Maomé declarou que a tinta dos filósofos é mais preciosa do que o sangue dos mártires. Documentos inestimáveis, registros inestimáveis de conquistas, conhecimento fundado em eras de observação paciente e experimentação pelos eleitos da terra - todos foram destruídos com quase nenhum escrúpulo de arrependimento. O que era conhecimento, o que era verdade, beleza, amor, idealismo, filosofia ou religião quando comparado ao desejo do homem de controlar um ponto infinitesimal nos campos do Cosmos por um fragmento de tempo inestimavelmente minúsculo? Apenas para satisfazer algum capricho ou desejo de ambição, o homem arrancaria o universo, embora saiba muito bem que em poucos anos ele deve partir, deixando tudo o que ele apreendeu para a posteridade como uma causa antiga para uma nova contenda.

A guerra — a evidência irrefutável da irracionalidade — ainda arde nos corações dos homens; ela não pode morrer até que o egoísmo humano seja superado. Armada com invenções multifacetadas e agências destrutivas, a civilização continuará sua luta fratricida por eras futuras. Mas na mente do homem está surgindo um grande medo — o medo de que



A ENTRADA PARA A CASA DOS MISTÉRIOS.

Do Amphitheatrum Sapientiae de Khunrath , etc.

Esta figura simbólica, representando o caminho para a vida eterna , é descrita por Khunrath em substância como segue: "Este é o Portal do anfiteatro da única Sabedoria verdadeira e eterna - estreita, de fato, mas suficientemente augusta e consagrada a Jeová. A ascensão a este portal é feita por um lance de degraus místico, indiscutivelmente prologético, colocado diante dele como mostrado na imagem. Consiste em sete degraus teosóficos, ou melhor, filosóficos da Doutrina dos Filhos Fiéis. Depois de subir os degraus, o caminho é ao longo do caminho de Deus Pai, seja diretamente por inspiração ou por vários meios mediatos. De acordo com as sete leis oraculares que brilham no portal, aqueles que são inspirados divinamente têm o poder de entrar e com os olhos do corpo e da mente, de ver, contemplar e investigar de uma maneira cristão-cabalística, divino-mágica, físico-química, a natureza da Sabedoria: Bondade e Poder do Criador; até o fim que eles não morram sofisticamente, mas vivam teosoficamente, e que os filósofos ortodoxos assim criados possam, com filosofia sincera, expor as obras do Senhor e louvar dignamente a Deus que assim abençoou esses amigos de Deus." A figura e a descrição acima constituem uma das exposições mais notáveis já feitas sobre a aparência da Casa do Homem Sábio e o caminho pelo qual se deve entrar nela.

eventualmente a civilização se destruirá em uma grande luta cataclísmica. Então deve ser reencenado o drama eterno da reconstrução. Das ruínas da civilização que morreu quando seu idealismo morreu, algumas pessoas primitivas ainda no ventre do destino devem construir um novo mundo. Prevendo as necessidades daquele dia, os filósofos das eras desejaram que na estrutura deste novo mundo fosse incorporado o mais verdadeiro e o melhor de tudo o que aconteceu antes. É uma lei divina que a soma das realizações anteriores seja a fundação de cada nova ordem de coisas. Os grandes tesouros filosóficos da humanidade devem ser preservados. O que é superficial pode ser deixado perecer; o que é fundamental e essencial deve permanecer, independentemente do custo.

Duas formas fundamentais de ignorância foram reconhecidas pelos platônicos: ignorância simples e ignorância complexa . A ignorância simples é meramente falta de conhecimento e é comum a todas as criaturas existentes posteriormente à Primeira Causa, a única que tem perfeição de conhecimento. A ignorância simples é um agente sempre ativo, incitando a alma para a aquisição de conhecimento. Deste estado virginal de inconsciência cresce o desejo de se tornar consciente com sua resultante melhoria na condição mental. O intelecto humano está sempre cercado por formas de existência além da estimativa de suas faculdades parcialmente desenvolvidas. Neste reino de objetos não compreendidos está uma fonte infalível de estímulos mentais. Assim, a sabedoria eventualmente resulta do esforço de lidar racionalmente com o problema do desconhecido.

Em última análise, somente a Causa Última pode ser denominada sábia; em palavras mais simples, somente Deus é bom. Sócrates declarou que conhecimento, virtude e utilidade são um com a natureza inata do bem. Conhecimento é uma condição de saber ; virtude, uma condição de ser ; utilidade, uma condição de fazer . Considerando sabedoria como sinônimo de completude mental, é evidente que tal estado pode existir somente no Todo, pois aquilo que é menor que o Todo não pode possuir a plenitude do Todo. Nenhuma parte da criação é completa; portanto, cada parte é imperfeita na medida em que fica aquém da totalidade. Onde há incompletude, também se segue que a ignorância deve ser coexistente; pois cada parte, embora capaz de conhecer seu próprio Eu, não pode se tornar consciente do Eu nas outras partes. Filosoficamente considerado, o crescimento do ponto de vista da evolução humana é um processo que procede da heterogeneidade para a homogeneidade. Com o tempo, portanto, a consciência isolada dos fragmentos individuais é reunida para se tornar a consciência completa do Todo. Então, e somente então, a condição de onisciência é uma realidade absoluta.

Assim, todas as criaturas são relativamente ignorantes, mas relativamente sábias; comparativamente nada, mas comparativamente tudo. O microscópio revela ao homem sua significância; o telescópio, sua insignificância. Através das eternidades da existência, o homem está gradualmente aumentando tanto em sabedoria quanto em entendimento; sua consciência em constante expansão está incluindo mais do externo dentro da área de si mesmo. Mesmo no atual estado de imperfeição do homem, está surgindo em sua percepção de que ele nunca pode ser verdadeiramente feliz até que seja perfeito, e que de todas as faculdades que contribuem para sua autoperfeição, nenhuma é igual em importância ao intelecto

racional. Através do labirinto da diversidade, apenas a mente iluminada pode, e deve, conduzir a alma à luz perfeita da unidade.

Além da ignorância simples, que é o fator mais potente no crescimento mental, existe outra, que é de um tipo muito mais perigoso e sutil. Esta segunda forma, chamada ignorância dupla ou complexa , pode ser brevemente definida como ignorância da ignorância . Adorando o sol, a lua e as estrelas, e oferecendo sacrifícios aos ventos, o selvagem primitivo buscava com fetiches grosseiros propiciar seus deuses desconhecidos. Ele habitava um mundo cheio de maravilhas que ele não entendia. Agora, grandes cidades se erguem onde antes vagavam os homens de ossos tortos. A humanidade não se considera mais primitiva ou aborígene. O espírito de admiração e admiração foi sucedido por um de sofisticação. Hoje, o homem adora suas próprias realizações e relega as imensidões de tempo e espaço ao fundo de sua consciência ou as desconsidera completamente.

O século XX faz da civilização um fetiche e é dominado por suas próprias invenções; seus deuses são de sua própria criação. A humanidade esqueceu quão infinitesimal, quão impermanente e quão ignorante ela realmente é. Ptolomeu foi ridicularizado por conceber a Terra como o centro do universo, mas a civilização moderna é aparentemente fundada na hipótese de que o planeta Terra é a mais permanente e importante de todas as esferas celestiais,

e que os deuses, de seus tronos estrelados, estão fascinados pelos eventos monumentais e memoráveis que acontecem neste formigueiro esférico no Caos.

De era em era, os homens trabalham incessantemente para construir cidades que possam governar com pompa e poder — como se um filete de ouro ou dez milhões de vassalos pudessem elevar o homem acima da dignidade de seus próprios pensamentos e tornar o brilho de seu cetro visível para as estrelas distantes. À medida que este pequeno planeta rola ao longo de sua órbita no espaço, ele carrega consigo cerca de dois bilhões de seres humanos que vivem e morrem alheios àquela existência incomensurável que jaz além do caroço em que habitam. Medidos pelas infinidades de tempo e espaço, o que são os capitães da indústria ou os senhores das finanças? Se um desses plutocratas se levantasse até governar a própria Terra, o que ele seria senão um pequeno déspota sentado em um grão de poeira cósmica?

A filosofia revela ao homem seu parentesco com o Todo. Ela lhe mostra que ele é um irmão dos sóis que pontilham o firmamento; ela o eleva de um contribuinte em um átomo giratório a um cidadão do Cosmos. Ela lhe ensina que, embora fisicamente ligado à terra (da qual seu sangue e ossos são parte), há, no entanto, dentro dele um poder espiritual, um Eu divino, através do qual ele é um com a sinfonia do Todo. Ignorância da ignorância, então, é aquele estado autossatisfeito de inconsciência no qual o homem, não sabendo nada fora da área limitada de seus sentidos físicos, declara presunçosamente que não há mais nada a saber! Aquele que não conhece vida exceto a física é meramente ignorante; mas aquele que declara que a vida física é toda importante e a eleva à posição de realidade suprema — tal pessoa é ignorante de sua própria ignorância.

Se o Infinito não tivesse desejado que o homem se tornasse sábio, Ele não teria concedido a ele a faculdade de conhecer. Se Ele não tivesse pretendido que o homem se tornasse virtuoso, Ele não teria semeado dentro do coração humano as sementes da virtude. Se Ele tivesse predestinado o homem a ser limitado à sua estreita vida física, Ele não o teria equipado com percepções e sensibilidades capazes de compreender, em parte pelo menos, a imensidão do universo exterior. Os pregoeiros da filosofia chamam todos os homens para uma camaradagem do espírito: para uma fraternidade de pensamento: para uma convocação de Eus. A filosofia convida o homem para fora da vaidade do egoísmo; para fora da tristeza da ignorância e do desespero da mundanidade; para fora da farsa da ambição e das garras cruéis da ganância; para fora do inferno vermelho do ódio e do túmulo frio do idealismo morto.

A filosofia levaria todos os homens às amplas e calmas vistas da verdade, pois o mundo da filosofia é uma terra de paz onde essas qualidades mais finas reprimidas dentro de cada alma humana têm oportunidade de expressão. Aqui, os homens aprendem as maravilhas das folhas de grama; cada pedaço de pau e pedra é dotado de fala e conta o segredo de seu ser. Toda a vida, banhada no esplendor do entendimento, torna-se uma realidade maravilhosa e bela. Dos quatro cantos da criação, surge um poderoso hino de regozijo, pois aqui, à luz da filosofia, é revelado o propósito da existência; a sabedoria e a bondade que permeiam o Todo tornam-se evidentes até mesmo para o intelecto imperfeito do homem. Aqui, o coração ansioso da humanidade encontra aquela companhia que extrai dos recessos mais íntimos da alma aquele grande estoque de bem que jaz ali como metal precioso em alguma veia profundamente escondida.

Seguindo o caminho apontado pelos sábios, o buscador da verdade finalmente alcança o cume do monte da sabedoria e, olhando para baixo, contempla o panorama da vida espalhado diante dele. As cidades das planícies são apenas pequenas manchas e o horizonte em todos os lados é obscurecido pela névoa cinzenta do Desconhecido. Então a alma percebe que a sabedoria está na amplitude da visão; que ela aumenta em comparação com a vista. Então, à medida que os pensamentos do homem o elevam para o céu, as ruas se perdem nas cidades, as cidades nas nações, as nações nos continentes, os continentes na terra, a terra no espaço e o espaço em uma eternidade infinita, até que, por fim, restam apenas duas coisas: o Eu e a bondade de Deus.

Enquanto o corpo físico do homem reside com ele e se mistura com a multidão descuidada, é difícil conceber o homem como realmente habitando um mundo próprio - um mundo que ele descobriu ao se elevar em comunhão com as profundezas de sua própria natureza interna. O homem pode viver duas vidas. Uma é uma luta do útero ao túmulo. Seu período é medido pela própria criação do homem - o tempo. Bem pode ser chamada de vida descuidada. A outra vida é da realização ao infinito. Começa com a compreensão, sua duração é para sempre, e no plano da eternidade é consumada. Isso é chamado de vida filosófica. Os filósofos não nascem nem morrem; pois uma vez tendo alcançado a realização da imortalidade, eles são imortais. Tendo uma vez comungado com o Eu, eles percebem que dentro há uma fundação imortal que não passará. Sobre esta base viva e vibrante--Self--eles erguem uma civilização que perdurará depois que o sol,

a lua e as estrelas deixarem de existir. O tolo vive apenas para o hoje; o filósofo vive para sempre.

Quando uma vez a consciência racional do homem rola a pedra e sai de seu sepulcro, ela não morre mais; pois para este segundo nascimento ou nascimento filosófico não há dissolução. Por isso não deve ser inferida a imortalidade física, mas sim que o filósofo aprendeu que seu corpo físico não é mais seu verdadeiro Eu do que a terra física é seu verdadeiro mundo. Na percepção de que ele e seu corpo são diferentes - que embora a forma deva perecer a vida não falhará - ele alcança a imortalidade consciente. Esta foi a imortalidade à qual Sócrates se referiu quando disse: "Anytus e Melitus podem de fato me matar, mas não podem me ferir." Para o sábio, a existência física é apenas a sala externa do salão da vida. Abrindo as portas desta antecâmara, os iluminados passam para a existência maior e mais perfeita. Os ignorantes habitam um mundo limitado pelo tempo e espaço. Para aqueles, no entanto, que compreendem a importância e a dignidade do Ser, estas são apenas formas fantasmagóricas, ilusões dos sentidos — limites arbitrários impostos pela ignorância do homem sobre a duração da Divindade. O filósofo vive e se emociona com a realização desta duração, pois para ele este período infinito foi projetado pela Causa Todo-Sábia como o tempo de toda realização.

O homem não é a criatura insignificante que parece ser; seu corpo físico não é a verdadeira medida de seu eu real. A natureza invisível do homem é tão vasta quanto sua compreensão e tão imensurável quanto seus pensamentos. Os dedos de sua mente alcançam e agarram as estrelas; seu espírito se mistura com a vida pulsante do próprio Cosmos. Aquele que atingiu o estado de compreensão, portanto, aumentou tanto sua capacidade de saber que gradualmente incorpora dentro de si os vários elementos do universo. O desconhecido é meramente aquilo que ainda está para ser incluído na consciência do buscador. A filosofia auxilia o homem a desenvolver o senso de apreciação; pois, ao revelar a glória e a suficiência do conhecimento, também revela aqueles poderes e faculdades latentes pelos quais o homem é habilitado a dominar os segredos das sete esferas.

Do mundo das buscas físicas, os iniciados de antigamente chamavam seus discípulos para a vida da mente e do espírito. Ao longo das eras, os Mistérios estiveram no limiar da Realidade — aquele ponto hipotético entre o númeno e o fenômeno , a Substância e a sombra. Os portões dos Mistérios estão sempre entreabertos e aqueles que quiserem podem passar para o espaçoso domicílio do espírito. O mundo da filosofia não está nem à direita nem à esquerda, nem acima nem abaixo. Como uma essência sutil que permeia todo o espaço e toda a substância, ele está em toda parte; ele penetra as partes mais internas e externas de todo ser. Em cada homem e mulher, essas duas esferas são conectadas por um portão que leva do não-eu e suas preocupações ao Eu e suas realizações. No místico, esse portão é o coração e, por meio da espiritualização de suas emoções, ele contata aquele plano mais elevado que, uma vez sentido e conhecido, torna-se a soma do que vale a pena. No filósofo, a razão é o portão entre os mundos externo e interno, a mente iluminada que faz a ponte entre o abismo entre o corpóreo e o incorpóreo. Assim, a divindade nasce dentro daquele que vê, e das preocupações dos homens ele se eleva às preocupações dos deuses.

Nesta era de coisas "práticas", os homens ridicularizam até mesmo a existência de Deus. Eles zombam da bondade enquanto ponderam com mentes confusas a fantasmagoria da materialidade. Eles se esqueceram do caminho que leva além das estrelas. As grandes instituições místicas da antiguidade que convidavam o homem a entrar em sua herança divina ruíram, e instituições de maquinações humanas agora estão onde antes as antigas casas de aprendizado se erguiam um mistério de colunas caneladas e mármore polido. Os sábios de túnica branca que deram ao mundo seus ideais de cultura e beleza juntaram suas túnicas sobre si e partiram da vista dos homens. No entanto, esta pequena terra é banhada como antigamente pela luz do sol de seu Gerador Providencial. Bebês de olhos arregalados ainda enfrentam os mistérios da existência física. Os homens continuam a rir e chorar, a amar e odiar; Alguns ainda sonham com um mundo mais nobre, uma vida mais plena, uma realização mais perfeita. Tanto no coração quanto na mente do homem, os portões que levam da mortalidade à imortalidade ainda estão entreabertos. Virtude, amor e idealismo ainda são os regeneradores da humanidade. Deus continua a amar e guiar os destinos de Sua criação. O caminho ainda serpenteia para cima, para a realização. A alma do homem não foi privada de suas asas; elas estão meramente dobradas sob sua vestimenta de carne. A filosofia é sempre aquele poder mágico que, separando o vaso de barro, liberta a alma de sua escravidão ao hábito e à perversão. Ainda como antigamente, a alma libertada pode abrir suas asas e voar até a própria fonte de si mesma.

Os pregoeiros dos Mistérios falam novamente, dando boas-vindas a todos os homens na Casa da Luz. A grande instituição da materialidade falhou. A falsa civilização construída pelo homem se voltou e, como o monstro de Frankenstein, está destruindo seu criador. A religião vagueia sem rumo no labirinto da especulação teológica. A ciência se bate impotentemente contra as barreiras do desconhecido. Somente a filosofia transcendental conhece o caminho. Somente a razão iluminada pode levar a parte compreensiva do homem para cima, para a luz. Somente a filosofia pode ensinar o homem a nascer bem, a viver bem, a morrer bem e, em perfeita medida, a nascer de novo. Para esta banda dos eleitos — aqueles que escolheram a vida do conhecimento, da virtude e da utilidade — os filósofos das eras convidam VOCÊ.